

UNIVERSIDAD DE SALAMANCA
FACULTAD DE GEOGRAFÍA E HISTORIA
DEPARTAMENTO DE HISTORIA MEDIEVAL, MODERNA Y
CONTEMPORÁNEA



TESIS DOCTORAL

PEDRO DE FREITAS: A VIDA E A OBRA
DE UM ESCRITOR E MUSICÓGRAFO NACIONALISTA

SUSANA DE BRITO BARROTE

Salamanca, 2010

UNIVERSIDAD DE SALAMANCA
FACULTAD DE GEOGRAFÍA E HISTORIA
DEPARTAMENTO DE HISTORIA MEDIEVAL, MODERNA Y
CONTEMPORÁNEA



TESIS DOCTORAL

PEDRO DE FREITAS: A VIDA E A OBRA
DE UM ESCRITOR E MUSICÓGRAFO NACIONALISTA

EL DIRECTOR DE LA TESIS

Dr. Mariano Esteban de Vega

LA DIRECTORA DE LA TESIS

Dra. María Dolores de la Calle Velasco

LA DOCTORANDA

Susana de Brito Barrote

Salamanca, 2010

Dedicatória

Ao meu Querido Peter e à minha Família

Agradecimentos

Em primeiro lugar manifesto o meu agradecimento perante todos os docentes do *Departamento de Historia Medieval, Moderna y Contemporánea* da *Facultad de Geografía e Historia* da *Universidad de Salamanca* que tive a oportunidade de conhecer através do Período de Docência. Neste contexto, agradeço a amabilidade, os vários ensinamentos e conselhos reflectidos nas várias experiências em se levar a cabo um trabalho académico deste âmbito através da cadeira intitulada Estudo de Casos. Saliento, porém, a amizade e a tutoria de director da tese Professor Doutor Mariano Esteban de Vega, o qual aceitou de bom grado coordenar esta biografia sobre o escritor e musicógrafo Pedro de Freitas, protagonizando vários incentivos, críticas construtivas e múltiplas sugestões cuidadosamente detalhadas, exigentes e pertinentes ao longo de todo o processo deste trabalho de investigação; agradeço, igualmente, à directora da tese Professora Doutora María Dolores de la Calle Velasco pela sua amizade e pelas suas sugestões complementares no âmbito musical, na parte das metodologias biográficas, e na questão da nacionalização das massas.

Às pessoas que inevitavelmente tive de importunar através de contactos, conversas e entrevistas o muito obrigada pela disponibilidade e acessibilidade nas questões colocadas, nomeadamente a colegas e a conhecedores de Pedro de Freitas na FNAT/INATEL, tais como o Cónego José Augusto Alegria, Manuel Oliveira, Homero Apolinário, Tristão da Silva, Margarida Lucas e Isabel Abreu; aos amigos e/ou conhecedores de Pedro de Freitas no contexto louletano, tais como José Maria da Piedade Barros, José Cavaco Vieira, António dos Santos Simões (pai) e Luís Simões

(filho), Luísa Fernanda Guerreiro Martins, Vitor Manuel Guerreiro Mascarenhas, Padre João Coelho Cabanita e Joaquim da Franca Leal.

No contexto do Barreiro, agradeço aos funcionários da *Biblioteca Municipal do Barreiro* e muito especialmente à conversa informal e entrevista com João Liberal. Agradeço também ao interesse e colaboração prestada pelo neto de Pedro de Freitas, Vitor Manuel Mendes de Freitas que também se disponibilizou no envio de uma gravação de uma peça musical da autoria de Pedro de Freitas.

No contexto de Espanha, agradeço à amabilidade dos funcionários do *Arquivo de Ayamonte* e do arquivo da *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya* que tive a oportunidade de investigar. Destaco especialmente Rafael Méndez Andreu, responsável pelo arquivo da *Biblioteca Pública de Cartaya* e director dos periódicos *Cartaya Revista de Feria*, pela sua disponibilidade e empenho na prossecução deste trabalho de investigação. Agradeço também a Celestino Rodríguez pelo seu entusiasmo no estudo da marcha *Cartaya em Festa* da autoria de Pedro de Freitas. Em Isla Cristina agradeço por me facultarem a investigação num arquivo provisório bem como a motivação de José Sarez Gonzalez (Piquito), especialmente pela temática da *Banda Artistas de Minerva* na época do Mestre Joaquim António Pires.

Agradeço também ao apoio prestado pela *Banda Municipal do Barreiro*, pela *Banda de Música da Polícia* de Lisboa e à cooperação de João Sado, oboista da *Sociedade Filarmónica Democrática Timbre Seixalense* do Seixal.

Os meus agradecimentos aos funcionários do departamento de folclore, da cultura e arquivo documental do *Instituto Nacional para Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores* (INATEL); à *Sociedade Democrática União Barreirense – Os Franceses*; e ao regente da filarmónica *Artistas de Minerva*, José Branco, pelas

prestabilidades relativamente a algumas informações e peças musicais da autoria de Pedro de Freitas.

Aos funcionários da *Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio* (FPCCR), em especial ao apoio dispensado pelo presidente da direcção em 2001-2002 Alfredo Flores.

A todos os funcionários do *Centro de Documentação e Arquivo Municipal de Loulé* pela sua simpatia e competência na prossecução dos serviços solicitados. Neste contexto, é de nomear especialmente a Doutora Luísa Fernanda Guerreiro Martins pelo seu incentivo e pela sua prestação de informação neste trabalho de investigação; ao Doutor Luis Manuel M. Guerreiro pelo seu interesse na temática biográfica de Pedro de Freitas; à Maria Margarida Pereira pelo seu empenho na prossecução deste trabalho e pela sua competência nos serviços (e que por estar em contacto com o público foi a mais solicitada aquando das pesquisas no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*); e à Susana Patrícia Brás pelo seu contributo na digitalização das imagens e fotografias de Pedro de Freitas.

Agradeço ainda à excelente amabilidade dos funcionários de outros arquivos e bibliotecas que tive a oportunidade de investigar ou de solicitar material mediante correio ordinário, nomeadamente na *New York Public Library*; na *New York Public Library for Performing Arts*; na *Biblioteca da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa*; na *Biblioteca Nacional de Lisboa*; na *Biblioteca Municipal de Tavira*; no *Arquivo Distrital de Faro* e na *Biblioteca da Facultad de Geografía e Historia da Universidad de Salamanca* e *Biblioteca Nacional de Madrid*. Neste contexto agradeço ainda à amizade da Professora Doutora Matilde María Olarte Martínez (do *Departamento de Didáctica de la Expresión Musical, Plástica y Corporal da Facultad de Geografía e Historia da Universidad de*

Salamanca), pela sua amizade e incentivo na prossecução deste trabalho de investigação.

Finalmente, agradeço o imprescindível apoio familiar dos meus pais, da minha irmã e da minha tia, acentuando o suporte incondicional do meu querido marido por me ter apoiado constantemente desde o início deste trabalho de doutoramento, implicado em vários anos de muitas motivações, lutas, alegrias e sacrifícios.

Siglas

A - Associativismo

Act. - Acta

AM - Associativismo Musical

AME - Associativismo Musical Componente Educacional

AMC - Associativismo Musical Crítica

AMI - Associativismo Musical Investigação

AMPS - Associativismo Musical Problemas e Soluções

AS - Associativismo Sindical

B - Bairrismo

BA - Bairrismo Algarve

B*Al - Bairrismo Algarve

BB - Bairrismo Barreiro

BF - Bairrismo Faro

B*F - Bairrismo Faro

BE - Bairrismo Enaltecimento

BL - Bairrismo Luta

B*L - Bairrismo Loulé

BSCF - Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro

CEP - Corpo Expedicionário Português

CUF - Companhia União Fabril

E - Entrevistas

Eng. - Engenheiro

ed. - Editor

FNAT - Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho

FPCCR - Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio

FDSPER - Federação Distrital das Sociedades Populares de Educação e Recreio

Fol. - Folha

Fl. - Fólio

G - Guerra

GC - Guerra e Camaradagem

GH - Guerra e Homenagem

GS - Guerra e Sociedade

H - Homenagens

INATEL - Instituto Nacional para Aproveitamento dos Tempos Livres dos
Trabalhadores

Lou/Act. - Loulé/Acta

n.d. - não disponível

O - Outros assuntos

PF - Pedro de Freitas

R - Respostas

RO - Recensões das Obras

S - Sociedade

S.I.E.R. Barreirense – Sociedade de Instrução Educativa e Recreio Barreirense

s.l. - sem local

SNI - Secretariado Nacional de Informação

Sr. - Senhor

s.t. – sem título

tip. - tipografia

TSF - Telefonia sem fios

V - Viagens

VRSA - Vila Real de Santo António

X - Biografias

XO - Biografias de Outros

XPF - Biografia de Pedro de Freitas

Índice

1. INTRODUÇÃO.....	15
1.1. O OBJECTIVO E A RELEVÂNCIA DA BIOGRAFIA	15
1.1.1. <i>O género biográfico no âmbito das Ciências Sociais.....</i>	23
1.2. A PROBLEMÁTICA DA INVESTIGAÇÃO	48
1.3. O ESTADO DA QUESTÃO.....	54
1.3.1. <i>Tratamento das fontes bibliográficas</i>	75
1.3.2. <i>Proposta metodológica.....</i>	77
2. PERCURSOS DE UMA VIDA	93
2.1. O MEIO LOULETANO E A VIDA DE PEDRO DE FREITAS	93
2.2. POR TERRAS DE ANDALUZIA.....	146
2.2.1. <i>Ligação cordial aos Irmãos Cartayeros.....</i>	156
2.2.2. <i>Obras Literárias ofertadas</i>	173
2.2.3. <i>Trocacis de Correspondência</i>	180
2.3. A VIDA SOCIAL BARREIRENSE	204
2.4. MEMÓRIAS DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL	229
2.4.1. <i>O quotidiano da Grande Guerra.....</i>	254
2.4.2. <i>O tempo de lazer no Teatro da Guerra.....</i>	300
2.4.3. <i>Desfecho e reflexão sobre a Guerra</i>	322
2.5. AS ACTIVIDADES DE PEDRO DE FREITAS NO ÂMBITO CULTURAL.....	346
3. PEDRO DE FREITAS E A SUA OBRA.....	379
3.1. APRESENTAÇÃO DAS OBRAS LITERÁRIAS DE PEDRO DE FREITAS	379
3.1.1. <i>Caracterização de Pedro de Freitas como escritor.....</i>	389
3.1.2. <i>Comentário crítico das obras literárias segundo as principais temáticas:.....</i>	407
3.1.2.a) Guerra	409
3.1.2.b) Música	422
3.1.2.c) Viagens.....	452
3.1.2.d) Autobiografia e Biografia	465
3.1.2.e) Monografia.....	480
3.1.2.f) História e Historiografia Política	489
3.1.3. <i>Fases na obra literária de Pedro de Freitas</i>	502
3.2. UMA ANÁLISE BASEADA EM ARTIGOS DE PERIÓDICOS.....	507
3.3. PARTICULARIDADES DAS COMPOSIÇÕES MUSICAIS DE PEDRO DE FREITAS	549
4. LUTAS DE VIDA	565
4.1. A MÚSICA NA FILOSOFIA DE VIDA DE PEDRO DE FREITAS	565
4.1.1. <i>Dar ao povo música da sua feição.....</i>	583
4.1.2. <i>A revitalização da música do povo.....</i>	602
4.1.3. <i>Campanhas Musicais.....</i>	615
4.2. UM PERFIL POLÍTICO OU APOLÍTICO?	651
4.2.1. <i>Pedro de Freitas e a política do Estado Novo: uma sintonia ambivalente.....</i>	667
4.2.2. <i>Reivindicações e sugestões em prol de uma sociedade mais justa.....</i>	703
4.2.3. <i>Aprendizagens com o passado histórico</i>	727
4.3. A PROBLEMÁTICA DO NACIONALISMO NA MÚSICA	744
4.3.1. <i>O nacionalismo musical cultural.....</i>	777
5. CONCLUSÃO.....	806
6. FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	855
6.1. FONTES MANUSCRITAS DE PEDRO DE FREITAS	855
6.2. FONTES HEMEROGRÁFICAS DE PEDRO DE FREITAS.....	857
6.3. FONTES BIBLIOGRÁFICAS DE PEDRO DE FREITAS	879
6.4. PARTITURAS DE PEDRO DE FREITAS	881

6.5. DISCOGRAFIA DE PEDRO DE FREITAS	882
6.6. FONTES DE ARQUIVO	883
6.6.1. <i>Fontes do Arquivo Histórico Municipal de Loulé</i>	883
6.6.2. <i>Fontes do Arquivo Distrital de Faro</i>	901
6.6.3. <i>Fontes de Arquivo da Biblioteca Municipal de Tavira</i>	903
6.6.4. <i>Fontes de Arquivo da Biblioteca Municipal do Barreiro</i>	905
6.6.5. <i>Fontes de Arquivo da Biblioteca Nacional de Lisboa</i>	908
6.6.6. <i>Fontes de Arquivo da Hemeroteca Municipal de Lisboa</i>	911
6.6.7. <i>Fontes de Arquivo da Biblioteca Pública Municipal de Cartaya</i>	912
6.6.8. <i>Fontes do Arquivo Municipal de Ayamonte</i>	915
6.6.9. <i>Fontes do Arquivo Municipal de Ilha Cristina</i>	916
6.7. BIBLIOGRAFIA GERAL	917
6.8. ENTREVISTAS E CONTACTOS EFECTUADOS	967
7. ANEXOS.....	969
7.1. REFERÊNCIAS À I GUERRA MUNDIAL	971
7.1.a. <i>Uma carta de José de Freitas</i>	971
7.1.b. <i>Uma carta de Pedro de Freitas à sua mulher</i>	973
7.1.c. <i>O 9 de Abril de 1918 segundo Pedro de Freitas</i>	976
7.1.d. <i>Pedro de Freitas integrado na Banda do Batalhão</i>	978
7.2. RECENSÕES SOBRE AS OBRAS LITERÁRIAS DE PEDRO DE FREITAS	980
7.2.a. <i>As minhas Recordações da Grande Guerra</i>	980
7.2.b. <i>Em França: trinta anos depois</i>	981
7.2.c. <i>História da Música Popular em Portugal</i>	986
7.2.d. <i>É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição</i>	994
7.2.e. <i>Eu fui à Índia</i>	995
7.2.f. <i>Brisas de Espanha: crónicas</i>	997
7.2.g. <i>Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958</i>	1002
7.2.h. <i>O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)</i>	1003
7.2.i. <i>A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)</i>	1006
7.2.j. <i>Quadros de Loulé Antigo</i>	1007
7.2.l. <i>Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro</i>	1010
7.2.m. <i>Páginas históricas do Passado</i>	1011
7.3. QUADRO DE TEMAS E ASSUNTOS	1013
7.4. OPINIÕES SOBRE AS COMPOSIÇÕES MUSICAIS DE PEDRO DE FREITAS.....	1037
7.4.a. <i>Marcha Algarve Florido</i>	1037
7.4.b. <i>Marchas O Concurso e Cartaya em Festa</i>	1040
7.4.c. <i>Fantasia Os Clarins-Bailado</i>	1041
7.4.d. <i>Pedro de Freitas como compositor</i>	1043
7.5. CONFERÊNCIAS E EVENTOS CONCEDIDOS POR PEDRO DE FREITAS	1044
7.6. HOMENAGENS REALIZADAS A PEDRO DE FREITAS	1057
7.6.a. <i>Homenagem prestada por Cartaya</i>	1057
7.6.b. <i>Homenagem prestada pela FNAT</i>	1061
7.6.c. <i>Homenagem prestada por Faro</i>	1064
7.6.d. <i>Homenagem prestada por Loulé</i>	1065
7.6.e. <i>Homenagem prestada pela Casa do Algarve de Lisboa</i>	1078
7.6.f. <i>Homenagem prestada pelo Barreiro</i>	1082
7.6.g. <i>Homenagens prestadas por colegas e amigos</i>	1084
7.7. COMPLEMENTO SOBRE A POSTURA POLÍTICA DE PEDRO DE FREITAS	1093
7.7.a. <i>Uma Carta de Manuel José de Arriaga</i>	1093
7.7.b. <i>Uma carta de Henrique Mitchell de Paiva Couceiro</i>	1095
7.7.c. <i>A interpretação de Pedro de Freitas às máximas da avó</i>	1096
7.7.d. <i>O significado da FNAT para Pedro de Freitas</i>	1099
7.8. UMA FOTOBIOGRAFIA DE PEDRO DE FREITAS	1102
7.9. OUTRAS FONTES DOCUMENTAIS	1138
7.10. MAPAS GEOGRÁFICOS	1159

1. Introdução

1.1. O objectivo e a relevância da biografia

Este trabalho de investigação pretende estudar as múltiplas intervenções históricas, culturais e político-sociais associadas à intervenção biográfica de um homem (Pedro de Freitas), que pretendia representar as massas populares da sociedade portuguesa e que lutava por lhes conferir melhores recursos culturais¹.

Neste âmbito, a ênfase do tema escolhido inscreve-se num estudo que problematiza a vida e a obra de Pedro de Freitas, a qual, como qualquer história de vida, valida-se por uma constante revelação interpretativa da época vivida: *«esta fecundidade, em grande medida, [resulta] do facto de cada (história de) vida se achar inscrita e se desenvolver na intercepção de dois tempos, o biográfico, propriamente dito e o histórico, uma*

¹ Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1955; Freitas, Pedro de, *O I Concurso Nacional de Bandas Civas – Madeira e Açores Belezas de Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1965; Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991; Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954; Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946.

intercepção que é sempre mediada por factores do contexto social»². Pedro de Freitas nasceu em 1894 numa vila designada por Loulé, situada a sul de Portugal – Algarve. No entanto, ainda jovem partiu para o Barreiro (zona industrial localizada na cercania de Lisboa), falecendo nesta localidade em 1987³. Além do mais, através da sua vida mediada por influências transnacionais passa-se a reconstruir uma análise argumentada num referente contextual a partir do Portugal do século XX. Neste sentido, a vida de Pedro de Freitas aparece entretecida em vários contextos de âmbito historiográfico e multidisciplinar, tais como nos condicionalismos que originaram a dissolução da Monarquia e a consequente Instauração da República, a 5 de Outubro de 1910; nos ideais do Liberalismo e do Republicanismo; no crescente interesse nacional pelo Folclore divulgado como a ciência do povo, cujas motivações também vigoravam além fronteiras; num dever nacionalista engendrado oficiosamente pelo partido democrático português para que Portugal participasse no conflito europeu da *Primeira Guerra Mundial* (1914-1918), enclave num processo de exarcebação e de materialização do fenómeno do nacionalismo; nas reivindicações a favor dos direitos dos operários e contra as situações de miséria e de anarquia nacional do pós-guerra; na emergência de renovados discursos nacionalistas enfatizados durante o período da *Ditadura Militar* (ocorrida com a Revolução do 28 de Maio de 1926), os quais foram sequenciados através de estratégicos conceitos de “conotação simbólica” protagonizados pela política cultural do *Estado Novo* (1933-1974); e, finalmente, nos ideais de liberdade de carácter

² Ribeiro, Manuela: “As histórias de vida enquanto procedimento de pesquisa sociológica: reflexões a partir de um processo de pesquisa de terreno”, Em Santos, Boaventura de Sousa (dir.), *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 44, Coimbra, Dezembro de 1995, p. 138. Ver ainda Téllez Alarcia, Diego: “D. Ricardo Wall: de la biografía, la narrativa, la prosopografía, el hipertexto y otras especies”, Em projecto de investigación *El ensenadismo: el grupo del marqués de la Ensenada y la oposición antiensenadista*, financiado por la Universidad de La Rioja (API-00/B16) y el Gobierno de La Rioja (ANGI2000/28), 2000 [On-line], <<http://www.tiemposmodernos.org/floridablanca/textotellez.htm>>, p. 3, [consulta: 19 de Agosto de 2007].

³ Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, pp. 96, 222; Adão, Luís Cabral, “Pedro de Freitas Morreu”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 27-08-1987; Liberal, João, “Morreu Pedro de Freitas”, Em *Jornal do Barreiro*, Barreiro, 14-08-1987.

populista proclamados aquando da *Revolução dos Cravos* (a 25 de Abril de 1974)⁴. Neste contexto espaço-temporal de uma vida, determinado pela intercepção de vários acontecimentos históricos (de âmbito nacional e transnacional), a análise de uma biografia faz emergir algumas questões de interesse historiográfico e interdisciplinar, as quais estão relacionadas com a presença de uma problemática social dominante⁵. No caso específico da análise da vida e obra de Pedro de Freitas houve uma confluência de factos que apontaram sobretudo para a problemática do fenómeno do nacionalismo. Aliás, a temática do nacionalismo tem despertado um interesse historiográfico no âmbito das Ciências Sociais que tem suscitado diferentes prismas na sua reinterpretação, justificando-se o facto da sua definição estar todavia longe de um consenso definitivo⁶. Neste sentido, os nacionalistas ou primordialistas, os perenialistas, os etno-simbolistas, os modernistas e os pós-modernistas têm desenvolvido estudos fundamentados em diferentes perspectivas de análise sobre o fenómeno do nacionalismo. No entanto, ao estabelecerem diferentes posturas críticas uns face aos

⁴ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976; Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946; Ó, Jorge Ramos do, *O Dispositivo Cultural nos anos da Política do Espírito (1933-1949): Ideologia, instituições, agentes e práticas*, Lisboa, Estampa, 1993; Melo, Daniel, *Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)*, Viseu, Imprensa de Ciências Sociais, 2001.

⁵ Leite, Carolina: “Conto e Histórias de Vida nas Ciências Sociais”, Em Martins, Manuela (dir.), *Comunicação e Sociedade 1*, Vol. 12, n.º 1, 2, Braga, Edição Cadernos dos Noroeste, 1987, p. 220; Albert Gómez, José: “La Biografía y Autobiografía como modalidades metodológicas de investigación cualitativa”, Em López-Barajas, Emilio (ed.), *Las Historias de vida y la investigación biográfica*, Madrid, Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1996, p. 192; Pekacz, Jolante T.: “Memory, History and Meaning: Musical Biography and its Discontents”, *Journal of Musicological Research*, n.º 23, London, Routledge, Taylor & Francis Group, 2004, p. 46.

⁶ Cottam, Martha L. e Cottam, Richard W., *National and Politics The Political Behavior of Nation States*, Boulder, London, Lynne Rienner Publishers, 2000, p. 5.

outros também têm contribuído para que se encontre alguns motivos de interconexão entre si⁷.

Porém, em Portugal o fenómeno do nacionalismo tem sido mais interpretado numa visão pós-modernista, articulando sobretudo as estratégias manipuladoras das entidades oficiais do poder (incluindo o seu aparato institucional), face às massas (isto é, a sociedade civil), que neste caso são manipuladas⁸. No entanto, o incremento deste trabalho de investigação pretende investir no sentido de que a própria política estadonovista ao impor um nacionalismo oficial cujo objectivo concretizava-se na eficácia de uma meta-narrativa abrangente de princípios nacionais e universais acabaria por suscitar o aparecimento de outras ideologias nacionalistas da parte das massas, as quais seriam responsáveis por limitar e progressivamente destituir o poder de actuação

⁷ De grosso modo, os nacionalistas ou primordialistas defendem que a nação sempre existiu, ainda que a mesma estivesse submersa através de um programa genético, biológico ou psicológico no comportamento humano dos pré-históricos; os perenialistas, embora aceitem que as nações possam mudar ou dissolver-se ao longo do tempo, defendem que a identidade nacional é natural, fundando-se sobre um passado étnico imemorial; os etno-simbolistas preocupam-se em explicar como a etnicidade transmitida pela cultura é essencial na definição da nação e do nacionalismo; para os modernistas o nacionalismo é um fenómeno moderno produto de uma elite política que impõe os seus intentos na construção e invenção de artefactos culturais segundo os seus propósitos; por sua vez, para os pós-modernistas, embora as nações sejam o produto de condições culturais modernas, as instâncias do poder têm um papel importante na reinterpretação e na redescoberta de um passado que, de forma selectiva, pretende impor a ordem e a regeneração da comunidade. Neste sentido, as facções políticas do presente apropriam-se do passado segundo a sua própria necessidade, o que implica também a sua obliteração e invenção. Smith, Anthony D.: “Gastronomy or geology? The role of the reconstruction of nations”, Em *Journal Nations and Nationalism 1*, n.º 1, Cambridge University Press, 1994, pp. 3-23; Smith, Anthony D., *Nationalism and Modernism: A critical survey of recent theories of nations and nationalism*, London and New York, Routledge, 1998, pp. 221-228; Smith, Anthony D., *The Nation in History: Historiographical Debates about Ethnicity and Nationalism*, Hanover, University Press of New England, 2000, 52-77; Nikolas, Mary Margareta: “False Opposites in Nationalism: An Examination of the Dichotomy of Civic Nationalism and Ethnic Nationalism in Modern Europe”, Em *The Nationalism Project: False Opposites in Nationalism*, Madison, Centre for European Studies Monash University, 2000, pp. 1-95.

⁸ Ó, Jorge Ramos do, *O Dispositivo Cultural nos anos da Política do Espírito (1933-1949): Ideologia, instituições, agentes e práticas*, Lisboa, Estampa, 1993; Melo, Daniel, *Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)*, Viseu, Imprensa de Ciências Sociais, 2001.

da política vigente. Deste modo, pretende-se demonstrar que as massas não só eram manipuladas como também exerciam manipulação face ao poder político instituído⁹.

Além do mais, as fontes bibliográficas sobre o período do *Estado Novo* em Portugal que introduziram a temática do nacionalismo relacionaram-se mais com o âmbito da macro-história. Neste prisma, esses trabalhos de investigação têm-se baseado mais em tratamentos seriais que remetem os homens às instituições sociais¹⁰. Assim sendo, o trabalho de investigação proposto tem a pretensão de dar voz ao comportamento humano reconhecido no âmbito da micro-história, contrapondo deste modo a necessidade de uma dialéctica entre a macro e a micro-história¹¹. Com efeito, estudar-se-ão as iniciativas, as actividades e as reivindicações expressas através da personalidade de Pedro de Freitas, um homem oriundo das massas populares da sociedade portuguesa que, como tal, ao pretender representar as necessidades desse mesmo estrato social foi não só influenciado como simultaneamente agiu no contexto específico do seu espaço social, deixando uma obra ampla, diversificada e totalmente inédita para ser estudada. Deste modo, evidencia-se que o manejar as fontes autobiográficas, a literatura e os documentos relacionados com a vida de uma pessoa actuante no seu contexto envolvente constitui diversas possibilidades de se poder

⁹ Smith, Anthony D., *The Nation in History: Historiographical Debates about Ethnicity and Nationalism*, Hanover, University Press of New England, 2000, p. 61; Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal "O Distrito de Setúbal", 1976, pp. 72-81; Correia, Mário, *Música Popular Portuguesa: um ponto de Partida*, Coimbra, Edição Centelha - Mundo da Canção, 1984, p. 178; Ó, Jorge Ramos do, *Os anos de Ferro: O dispositivo cultural durante a "Política do Espírito" 1933-1949*, Lisboa, Editorial Estampa, 1999, p. 34; Ó, Jorge Ramos do, *O Dispositivo Cultural nos anos da Política do Espírito (1933-1949): Ideologia, instituições, agentes e práticas*, Lisboa, Estampa, 1993, pp. 15-16; Melo, Daniel, *Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)*, Viseu, Imprensa de Ciências Sociais, 2001, pp. 17-18.

¹⁰ Ó, Jorge Ramos do, *Os anos de Ferro: O dispositivo cultural durante a "Política do Espírito" 1933-1949*, Lisboa, Editorial Estampa, 1999; Melo, Daniel, *Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)*, Viseu, Imprensa de Ciências Sociais, 2001; Valente, José Carlos, *Estado Novo e Alegria no Trabalho Uma História Política da FNAT (1953-1958)*, Lisboa, Edições Colibri, 1999; Rosas, Fernando (coord.), *Nova História de Portugal: Portugal e o Estado Novo (1930-1960)*, Vol. XII, Lisboa, Editorial Presença, 1990; Mattoso, José (dir.), *História de Portugal, O Estado Novo*, Vol. 7, Lisboa, Editorial Estampa, 1994.

¹¹ Cottam, Martha L. e Cottam, Richard W., *National and Politics The Political Behavior of Nation States*, Boulder, London, Lynne Rienner Publishers, 2000, p. 5.

apreender e descodificar parcialmente uma realidade subjectivista, de carácter intimista e reconfidencial, que actualmente tem vindo a ser revalorizada¹².

Com o objectivo que se fundasse um museo em sua homenagem, Pedro de Freitas legou à *Câmara Municipal de Loulé* a maior parte do seu acervo literário, musical, documental e fotográfico, o qual encontrava-se no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*¹³. Com efeito, foi através do contacto com esse acervo de Pedro de Freitas que foi possível reconhecer o interesse que suscitava o seu perfil biográfico e bibliográfico. Deste modo, firma-se a intenção que este trabalho de investigação invista numa temática que suscite reflexões e questões a nível local e nacional (neste caso desde Portugal), interpostas pontualmente face às múltiplas macro-interferências internacionais no âmbito histórico, político-social e cultural. Assim, Pedro de Freitas revelou-se numa figura muito ligada aos aspectos sentimentais e culturais locais da sua terra natal (Loulé); aos interesses sociais, políticos e também culturais da sua nação portuguesa; à manutenção de uma relação de irmandade peninsular (entre Portugal e Espanha), e, em sentido mais geral, ele (Pedro de Freitas) ainda protagonizou mensagens que visavam a consolidação da paz a nível mundial¹⁴. Não obstante, num contexto de influências nacionalistas e patrióticas, Pedro de Freitas foi combatente na *Primeira Grande Guerra Mundial* na zona da Flandres, cuja experiência no quotidiano

¹² Poirier, Jean; Clapier-Valladon, Simone e Raybaut, Paul, *Histórias de Vida Teoria e Prática*, Oeiras, Celta Editora, 1995, p. 85; López Galán, Juan Salvador: “El método en las obras del sociólogo Juan F. Marsal”, Em *Gazeta de Antropología*, n.º 12, 1996, p. 7; Ferraroti, Franco, *Histoire et histoires de vie. La méthode biographique dans les sciences sociales*, tradução francesa por Marianne Modak, Paris, Méridiens Klincksieck, 1983.

¹³ Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, pp. 16-17; Freitas, Pedro de, “... E o Museo de Loulé”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 28-08-1980.

¹⁴ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.ª (ed.) 1991; Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979; Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976; Freitas, Pedro de, *Em França: trinta anos depois*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1950; Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961.

da guerra iria influenciar profundamente não só a sua pessoa como também a sua obra¹⁵. Além disso, Pedro de Freitas foi um homem com muitas iniciativas e idealizações resultantes da sua forma peculiar de ser nacionalista, as quais foram expressas através da sua obra¹⁶. Neste prisma, enfatiza-se que as temáticas desenvolvidas por Pedro de Freitas revelaram um sólido interesse no âmbito da história local e regional (a nível nacional como também além fronteiras). Por isso, Pedro de Freitas revelou-se não só na defesa, na luta e no engrandecimento em prol da sua terra natal, sendo reconhecido como o “embaixador de Loulé”, como também nunca se olvidou de expressar as qualidades sentimentais em relação aos aspectos rurais e culturais nutridos por Cartaya, este facto condicionou que ele fosse uma figura distinguida como *Cidadão Cartayero Honorário* e como membro da *Congregação da Nossa Senhora do Rosário* por figuras ilustres de Cartaya¹⁷. Ainda em relação à Espanha aponta-se, por exemplo, as várias comparações que Pedro de Freitas argumentava no sentido de que alguns aspectos nacionais da música popular espanhola (que ele considerava como referências paradigmáticas), fossem adaptados na música popular portuguesa no sentido de lhe conferir uma função mais populista e nacionalista¹⁸.

A nível nacional, Pedro de Freitas também foi um importante dinamizador de actividades musicais recreativas e culturais¹⁹. Neste âmbito, Pedro de Freitas manifestou-se em benefício do movimento filarmónico português e defendia os

¹⁵ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954.

¹⁶ Freitas, Pedro de, Fonte Manuscrita (Barreiro, 19 de Março de 1982), em 2.^a Série do 3.^o Livro “Os meus artigos e alguns extras 1965 a 1982”, Pedro de Freitas, n.º 113 A, p. 415, [82-9 FRE/MEU, *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

¹⁷ Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979; Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957; Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961.

¹⁸ Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955, pp. [89-92; 79-83; 99-106].

¹⁹ Freitas, Pedro de, *O I Concurso Nacional de Bandas Cívicas – Madeira e Açores Belezas de Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1965.

interesses espirituais, éticos e nacionais do povo e da “música popular”, tendo sido homenageado pela *Fundação Nacional da Alegria no Trabalho* (FNAT) e pela comissão cultural da *Casa do Algarve* em Lisboa²⁰. Além disso, Pedro de Freitas ainda foi reconhecido na qualidade de escritor de dezasseis livros publicados, mais de seiscentos artigos de imprensa periódica, e como compositor de sete marchas e uma fantasia. Foi, aliás, pelo interesse incontestável da sua obra que Pedro de Freitas recebeu no Barreiro a medalha intitulada “O Barreiro Agradecido”²¹.

Neste prisma, o estudo do acervo literário, musical, documental e fotográfico de Pedro de Freitas permitirá reintegrá-lo e problematizá-lo numa constante dialéctica entre o sujeito da acção e o panorama sociopolítico e cultural da sua época. Como tal, credibiliza-se a relevância de um estudo sobre as fontes primárias que constituem as obras e o acervo documental de Pedro de Freitas porque as mesmas são totalmente inéditas e, por isso, clamam por uma análise e reflexão metodológica através de um trabalho de investigação que lhes atribua uma das muitas interpretações possíveis.

²⁰ Franco, Mário Lyster, “Pedro de Freitas muito merecidamente homenageado pela F.N.A.T.”, Em *Correio do Sul*, Faro, 04-11-1971; Nunes, Joaquim António (ed.), *Boletim Informativo da sua casa Regional em Lisboa*, n.º 6, Março 1978.

²¹ Vaz, Manuel Joaquim, “Homenagem a Pedro de Freitas cidadão algarvio-louletano-barreirense”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 29-11-1984; Vaz, Manuel Joaquim, “Da Vida que passa Faleceu Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 27-08-1987; Adão, Luis Cabral, “Pedro de Freitas Morreu”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 27-08-1987.

1.1.1. O género biográfico no âmbito das Ciências Sociais

É possível distinguir várias etapas na utilização e desenvolvimento das histórias de vida alicerçadas à história das Ciências Sociais. Nos finais do século XIX emergiu um crescente interesse no registo e publicação das histórias biográficas, por isso encontraram-se algumas publicações que valorizaram o interesse das histórias biográficas de pessoas cujos feitos justificaram a sua compilação, como por exemplo no caso da Alemanha em 1875²²; de Portugal em 1876²³; de Inglaterra em 1882²⁴; de Espanha em 1889²⁵; dos Estados Unidos da América em 1928²⁶; da Itália em 1949²⁷; e da França em 1978²⁸.

De facto, a partir do início do século XIX houve uma progressiva profissionalização dos estudos de história através da implementação da História como disciplina académica em muitas universidades da Europa e da América do Norte. Deste modo, houve um crescente interesse pelos debates historiográficos que redefiniram quais as técnicas de investigação e as metodologias a serem incrementadas na sua credibilidade científica²⁹. Neste âmbito destacou-se Leopold Ranke, nomeado para trabalhar na Universidade de Berlim em 1825, que no decurso do seu trabalho de investigação relacionado com a

²² Allgemeine Dutsche (ed.), *Allgemeine Dutsche Biographie*, Berlim, Duncker & Humblot, 1875.

²³ Chagas, Manoel Pinheiro, *Diccionario Popular histórico, Geográfico, Mythológico, Biográfico, Artístico, Bibliográfico e Literário*, Lisboa, Lallement Freres, 1876-1886.

²⁴ Smith, George, *The Dictionary of National Biography Founded in 1882 (Concise Dictionary from the Beginnings to 1921)*, United Kindom, Oxford University Press, 1921.

²⁵ Añibarro, Martínez e Rives, Manuel, *Intento de un Diccionario biográfico y bibliográfico de Autores de la Provincia de Burgos*, Madrid, Imprenta y Fundación de Manuel Tello, 1889.

²⁶ Johnson, Allen (ed.), *Dictionary of American biography under the auspices of the American Council of Learned Societies*, New York, Scribner, 1928; Garraty, John A. e Carnes, Mark C., *American National Biography*, New York, Oxford University Press, 1999.

²⁷ Bompiani, Valentino, *Dizionario Letterario Bompiani delle opere e dei personaggi di tutti i tempi e di tutte le letterature*, Milan, Bompiani, 1947.

²⁸ Bergeron, Louis e Chaussinand-Nogaret, Guy, *Grands Notables du Premier Empire, Notices de biographie Sociale Publiées*, Paris, Editions du CNRS, 1978.

²⁹ Fuchs, Eckhardt: "Conceptions of Scientific History in the Nineteenth-Century", Em Wong, Q. Edward e Iggers, Georg G., *Turning Points in Historiography: A Cross-Cultural Perspective*, Rochester, University of Rochester Press, 2002, pp. 147-162.

teoria e a prática da História apresentava a necessidade de se fazer o uso exclusivo de fontes primárias, chamando à atenção para que a História fosse efectivada no seio das ciências exactas e que fosse praticada por historiadores profissionalmente treinados³⁰. A concepção rankiana encarava a História como uma ciência rigorosa, coerente, objectiva e imparcial, regida por métodos filológicos críticos e por propósitos gerais e colectivos, rejeitando os valores de julgamento particulares, os critérios interpretativos, as especulações metafísicas, as assunções filosóficas, e as políticas implícitas que derivassem de saberes individuais (considerados de interesses egoístas), porque o indivíduo só tinha sentido no seio da dimensão histórica universal³¹. Além do mais, a concepção rankiana concebia a ideia que a História superava a Filosofia como uma ciência coerente que promovia não só significados e valores ao mundo como também a verdade e a ordem necessárias à evolução humana³². Deste modo, na Alemanha (depois de 1848), e sobretudo em muitos outros países da Europa, Estados Unidos da América e Japão (depois de 1870), através da profissionalização da História como disciplina académica, a conceptualização historiográfica proposta por Leopold Ranke e seguida

³⁰ Ranke, Leopoldo von, *Theory and Practice of History*, Em Iggers, Georg G. e Molke, Konrad von (ed.), [Iggers, Wilma A. e Molke, Konrad von tradutores], Indianapolis, Bobs-Merril, 1973, pp. 33-46; 100; Bentley, Michael: “Introduction: Approaches to Modernity: Western Historiography Since The Enlightenment”, Em Bentley, Michael (ed.), *Companion to Historiography*, London, New York, Routledge, 2007, pp. 419-423.

³¹ Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, p. 23; Pekacz, Jolante T.: “Memory, History and Meaning: Musical Biography and its Discontents”, *Journal of Musicological Research*, n.º 23, London, Routledge, Taylor & Francis Group, 2004, p. 47.

³² Higham, John, *History, Professional Scholarship in America*, Baltimore, Johns Hopkins University Press, 1983; Woolf, D. R.: “The Writing of Early Modern European Intellectual History, 1945-1995”, Em Bentley, Michael (ed.), *Companion to Historiography*, London, New York, Routledge, 2007, pp. 308-309; Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, pp. 23, 41.

por Wilhelm Dilthey tornou-se num modelo que directa ou indirectamente influenciou muitas universidades e formas de pensamento³³.

Neste contexto destacou-se Thomas Carlyle por biografar a vida de heróis com um sentido da inevitabilidade de cada acontecimento que contrariava a tendência positivista da época³⁴. Porém, Henry Thomas Buckle e Herbert Spencer tiveram muita influência por enfatizarem num tipo de História intelectual leis mentais de moralidade e de ética onde a humanidade como um todo podia progredir³⁵. Seguindo os mesmos ideais, William Stubbs e John Richard Green destacaram-se por serem rigorosos nas suas indagações histórico-sociais, não admitindo a falta de fontes primárias na prossecução de trabalhos de investigação³⁶. Porém, John Richard Green considerou que na História da Inglaterra, bem como na História de outras nacionalidades, era necessário ter-se em conta o papel das massas anónimas no seio das instâncias políticas representativas da nação³⁷. Não obstante, nesta altura o acesso às massas de cidadãos ficou condicionado à capacidade dos autores serem capazes de reflectir sobre leis universais impessoais, “estruturalmente fabricadas”, as quais estavam profundamente relacionadas com o

³³ Iggers, Georg G., *Historiography in the Twentieth Century From Scientific Objectivity to the Postmodern Challenge*, Middletown, Connecticut, Wesleyan University Press, 2005, pp. 27-28; Iggers, Georg G. e Wang, Q. Edward, *A Global History of Modern Historiography*, Harlow, Pearson Longman, 2008, pp. 117-150; Breisach, Ernst, *Historiography Ancient, Medieval, and Modern*, Chicago, London, The University of Chicago Press, 2007, p. 325; Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, p. 23.

³⁴ Carlyle, Thomas, *The Life of John Sterling*, London, Chapman and Hall, 1851; Ransome, Cyril (ed.), *The Battles of Frederick the Great: Abstracted from Thomas Carlyle's biography of Frederick the Great*, New York, Scribner, 1892; Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, p. 32.

³⁵ Buckle, Henry Thomas, *History of Civilization in England*, New York, D. Appleton, 1858; Spencer, Herbert, *On Social Evolution*, Chicago, University of Chicago Press, 1972; Wiltshire, David, *The Social and Political Thought of Herbert Spencer*, Oxford, New York, Oxford University Press, 1978; Breisach, Ernst, *Historiography Ancient, Medieval, and Modern*, Chicago, London, The University of Chicago Press, 2007, p. 336.

³⁶ Stubbs, William, *Germany in the Later Middle Ages, 1200-1500*, London, New York, Longmans, Green, 1908; Stubbs, William, *The historical works of Gervase of Canterbury*, London, Krauss Reprint, 1965; Green, John Richard, *A Short History of the English People*, New York, Harper & Brothers, 1875.

³⁷ Iggers, Georg G. e Wang, Q. Edward, *A Global History of Modern Historiography*, Harlow, Pearson Longman, 2008, p. 131.

contexto da época dominado por doutrinas escolásticas e por um dogmatismo teológico, artificialmente interconectados entre si e alheios a qualquer relato pessoal de vontade própria ou de contradições contextuais³⁸.

Porém, com o avanço da institucionalização do ensino da História como disciplina, com os rumos da investigação histórica e com a pressão no sentido das especializações presenciou-se gradualmente à dissolução daquela ideia da História ser concebida como uma ciência e uma doutrina explicativa que caracterizava a historiografia política no século XIX³⁹.

Na mudança do século, e sobretudo depois da Primeira Guerra Mundial, passou-se a discutir sobre a relatividade dos valores e sobre o pouco significado da existência humana⁴⁰. Enquanto Leopold Ranke desejava obter uma História do mundo essencialmente virada para a supermacia do Ocidente, depois de Leopold Ranke os historiadores focaram-se mais no papel do estado e na vida política das nações⁴¹. Além do mais, as narrativas dos grandes acontecimentos históricos e as biografias dos personagens célebres passaram a ter uma validação mais diversificada no seio das Ciências Sociais. Deste modo, os historiadores passaram a exigir uma História mais intelectual, por isso tratavam de ir aos Arquivos Históricos não só para consultar os

³⁸ Bentley, Michael, *Modern Historiography*, London, New York, Routledge, 1999, p. 70; Pumfrey, Stephen: “The Scientific Revolution”, Em Bentley, Michael (ed.), *Companion to Historiography*, London, New York, Routledge, 2007, p. 294; Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, p. 34, 36, 43.

³⁹ Iggers, Georg G. e Wang, Q. Edward, *A Global History of Modern Historiography*, Harlow, Pearson Longman, 2008, pp. 157-188.

⁴⁰ Iggers, Georg G., *Historiography in the Twentieth Century From Scientific Objectivity to the Postmodern Challenge*, Middletown, Connecticut, Wesleyan University Press, 2005, p. 30; Breisach, Ernst, *Historiography Ancient, Medieval, and Modern*, Chicago, London, The University of Chicago Press, 2007, p. 327.

⁴¹ Pekacz, Jolante T.: “Memory, History and Meaning: Musical Biography and its Discontents”, *Journal of Musicological Research*, n.º 23; London, Routledge, Taylor & Francis Group, pp. 51-53; Iggers, Georg G. e Wang, Q. Edward, *A Global History of Modern Historiography*, Harlow, Pearson Longman, 2008, pp. 12; 151; 194-242; Hobsbawm, E. J., *Nations and Nationalism since 1780 Programme, Myth, Reality*, Cambridge, University of Cambridge Press, 1990; Anderson, Benedict, *Imagined Communities*, London, Verso, 1983.

documentos oficiais como também para obterem mais informação de natureza administrativa, económica, cultural e social, a qual era anteriormente ignorada⁴². Nos anos vinte do século XX, Otto Hintze e Max Weber rejeitavam a apoteose conferida ao Estado e conceberam-no empiricamente como uma entidade entre muitas instituições, sem ser dotado de uma dignidade especial⁴³.

Porém, na historiografia do século XX também foi relevante o papel ocupado pela escola dos *Annales* em França. Ainda que conscientes de alguns limites, os historiadores continuavam a partilhar a possibilidade da aproximação científica da História. Sem embargo, os historiadores da escola dos *Annales* conferiram às biografias uma visão inserida no respectivo contexto; ofereceram uma concepção de tempo histórico diferente daquela que tinha sido empreendida de Leopold Ranke para Max Weber. Assim, enquanto estes últimos (de Leopold Ranke para Max Weber), viam a unidade da narrativa histórica através de uma sequência de eventos numa dimensão temporal unilinear (do passado em direcção ao futuro), nos anos trinta e quarenta do século XX os historiadores dos *Annales* modificaram radicalmente aquela concepção através da relatividade e da multidimensão temporal, a qual era relatada não só por períodos de transição como também pela coexistência conflituosa de vários processos de mudança

⁴² Iggers, Georg G., *Historiography in the Twentieth Century From Scientific Objectivity to the Postmodern Challenge*, Middletown, Connecticut, Wesleyan University Press, 2005, pp. 30-33; Woolf, D. R.: “The Writing of Early Modern European Intellectual History, 1945-1995”, Em Bentley, Michael (ed.), *Companion to Historiography*, London, New York, Routledge, 2007, p. 309.

⁴³ Hintze, Otto, *The historical essays of Otto Hintze* (Abhandlungen, Gesammelte tradutor), New York, Oxford University Press, 1975; Dronberger, Ilse, *The political Thought of Max Weber, in quest of Statesmanship*, New York, Appleton-Century-Crofts, 1971; Iggers, Georg G., *Historiography in the Twentieth Century From Scientific Objectivity to the Postmodern Challenge*, Middletown, Connecticut, Wesleyan University Press, 2005, p. 39.

temporal no seio da época em causa⁴⁴. Os historiadores dos *Annales* definiram-se abertos a uma *História Total* através de novos métodos e de outras formas de suporte da investigação histórica para além do documento escrito⁴⁵. Como tal, as suas publicações têm apresentado diferentes temáticas de interesse sem se deixarem iludir pelas concepções anteriores sustentadas pela confiança de um constante progresso sem quebras; pela ideia da superioridade da cultura do Ocidente; ou pela ideia de identidade nacional, concentrando-se mais no regional e no supranacional. Não obstante, muitos desses trabalhos de investigação têm enfatizado mais a cultura e a mentalidade que tem persistido ao longo dos tempos do que os aspectos de mudança, de incoerência, de contradição, de lacunas ou de silêncios, o que converteu as biografias em algo considerado como “cientificamente suspeito”⁴⁶. Neste sentido, os trabalhos promovidos por Lucien Febvre, Marc Bloch, Emmanuel Le Roy Ladurie e Fernand Braudel contribuíram para a compreensão dos sentimentos e experiências embebidos

⁴⁴ Iggers, Georg G., *Historiography in the Twentieth Century From Scientific Objectivity to the Postmodern Challenge*, Middletown, Connecticut, Wesleyan University Press, 2005, pp. 7; 56; Le Goff, Jacques, *Time, Work and Culture in the Middle Ages* (Goldhammer, Arthur tradutor), Chicago, University of Chicago Press, 1980; Sharpe, James: “Popular Culture in The Early Modern West”, Em Bentley, Michael (ed.), *Companion to Historiography*, London, New York, Routledge, 2007, p. 363; Pekacz, Jolante T.: “Memory, History and Meaning: Musical Biography and its Discontents”, *Journal of Musicological Research*, n.º 23, London, Routledge, Taylor & Francis Group, 2004, p. 48.

⁴⁵ Bentley, Michael: “Introduction: Approaches to Modernity: Western Historiography Since The Enlightenment”, Em Bentley, Michael (ed.), *Companion to Historiography*, London, New York, Routledge, 2007, pp. 464-472; Breisach, Ernst, *Historiography Ancient, Medieval, and Modern*, Chicago, London, The University of Chicago Press, 2007, p. 345.

⁴⁶ Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, p. 21; Green, Anna e Troup, Kathleen, *The houses of history A critical reader in twentieth-century history and theory*, New York, New York University Press, 1999, p. 87; Iggers, Georg G., *Historiography in the Twentieth Century From Scientific Objectivity to the Postmodern Challenge*, Middletown, Connecticut, Wesleyan University Press, 2005, p. 57; Braudel, Fernand, *The Identity of France* (Reynolds, Siân tradutor), London, Collins, 1988.

por uma mentalidade colectiva, sendo fundamental para a sua melhor interpretação o recurso interdisciplinar⁴⁷.

No período entre guerras houve um incremento rápido e variado das histórias de vida⁴⁸. Neste contexto, é de mencionar que a Escola de Chicago passou a ser pioneira no desenvolvimento de uma Sociologia, cuja base científica inspirava-se nos trabalhos de campo utilizados no âmbito da Antropologia, onde a teoria fundamentava-se na realidade e era objecto de debate. Esta característica estava relacionada com o carácter humanista e crítico das Ciências Sociais que contemplava os sujeitos individuais e colectivos a partir da sua natureza humana⁴⁹. Neste sentido, salientou-se a obra de William Isaac Thomas e Florian Znaniecki através da biografia de um emigrante polaco nos Estados Unidos⁵⁰. Por outro lado, na área da Antropologia, as histórias de vida sobre os índios norteamericanos foram ganhando mais rigor científico⁵¹. É ainda de referir as contribuições de Robert Ezra Park como um dos fundadores da Sociologia na Escola de Chicago, e que por sua influência produziu-se um conjunto de estudos como o

⁴⁷ Green, Anna e Troup, Kathleen, *The houses of history A critical reader in twentieth-century history and theory*, New York, New York University Press, 1999, p. 87; Iggers, Georg G., *Historiography in the Twentieth Century From Scientific Objectivity to the Postmodern Challenge*, Middletown, Connecticut, Wesleyan University Press, 2005, p. 53; Febvre, Lucien, *Martin Luther: A Destiny* (Tapley, Roberts tradutor), New York, E. P. Dutton & Co, 1929; Bloch, Marc Leópold Benjamin, *Feudal Society* (Manyon, L. A. tradutor), London, Routledge & K. Paul, 1961; Le Roy Ladurie, Emmanuel, *The Peasants of Languedoc* (John, Day tradutor) Urbana, University of Illinois Press, 1974; Braudel, Fernand, *A History of Civilizations* (Mayne, Richard tradutor), London, The Penguin Press, 1994; Braudel, Fernand, *Civilizations and Capitalism, 15th - 19th Century*, 2 Vols (Reynolds, Siân tradutor), London, Collins, 1981.

⁴⁸ López Galán, Juan Salvador: “El método en las obras del sociólogo Juan F. Marsal”, Em *Gazeta de Antropología*, n.º 12, 1996, p. 5.

⁴⁹ Ochoa Angel, Jaime: “Las historias de vida: un balcón para leer lo social”, Em *Razón y Palabra*, n.º 5, Año 1, diciembre-enero, 1996-97, p. 1; Balandier, Georges: “Préface”, Em Ferraroti, Franco, *Histoire et histoires de vie. La méthode biographique dans les sciences sociales*, tradução francesa por Marianne Modak, Paris, Méridiens Klincksieck, 1990, pp.7-8.

⁵⁰ Thomas, William Isaac e Znaniecki, Florian, *The Polish peasant in Europe and America*, 2 Vols., New York, Dover Pub., 1958. [ed. original 1918-1920, 5 Vols.].

⁵¹ Radin, P.: “The Autobiography of a Winnebago Indian”, Em *University of California Publications in American Archaeology and Ethnology*, n.º 16, California, University of California, 1920, pp. 381-473; Steward, J.: “Two Paiute Autobiographies”, Em *University of California Publications in American Archaeology*, n.º 33, 1934, pp. 423-438; Dyk, Walker, *Son of Old Man Hat a Navaho Autobiography Recorded*, New York, Harcourt Brace and Co., 1938; Ford, Ch., *Smokes from Their Fires*, New Haven, Yale University Press, 1941; Harrington, M. R.: “The Life of a Lenape Boy”, Em *Pennsylvania Archaeologist*, n.º 3, Pennsylvania, 1933, pp. 3-8.

“interaccionismo simbólico” de George Herbert Mead⁵². Neste sentido, defendia-se o indivíduo como um ser complexo com várias dimensões, construído a partir das suas relações com “outros significantes”, cujo comportamento tinha implicações sociais. Assim sendo, reconhecia-se que as ações humanas estavam inseridas no interior de um processo sociocomunicativo cuja representação do indivíduo significava as representações do grupo social onde o mesmo se movimentava⁵³.

Depois da Segunda Guerra Mundial o holocausto implicou um grande impacto social, o que contribuiu que a historiografia desse mais consistência à análise de períodos num sentido relativo de ritmos e de velocidades, em vez de um progresso positivista total, coerente e uno da civilização humana movido por uma narrativa sequencial de eventos⁵⁴. Neste sentido, as Ciências Sociais focaram-se no estruturalismo amplamente representado por Claude Lévi Strauss, Michel de Foucault e por Roland Barthes, cujo objectivo era ir ao encontro de teorias objectivas e verificáveis, estudando-se para tal várias práticas, fenómenos e actividades como sistemas de significação dentro de uma cultura⁵⁵. Como tal, Michel de Foucault interessou-se em compreender como as relações de poder operavam num âmbito interpessoal⁵⁶. Porém, ao dominarem as grandes teorias

⁵² Park, Robert Ezra, *The Immigrant Press and Its Control*, New York, Harper & Brothers, 1922; Park, Robert Ezra, *Human Migration and the Marginal Man*, Em *American Journal of Sociology*, n.º 33, 1928, pp. 881-893; Mead, Georg Herbert, *Mind, Self, and Society*, Chicago, University of Chicago Press, 1934; Mead, Georg Herbert, *The individual and the Social Self: Unpublished Essays by G. H. Mead*, Chicago, University of Chicago Press, 1982.

⁵³ Mead, Georg Herbert, *Mind, Self, and Society*, Chicago, University of Chicago Press, 1934; Mead, Georg Herbert, *The individual and the Social Self: Unpublished Essays by G. H. Mead*, Chicago, University of Chicago Press, 1982.

⁵⁴ Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, p. 41; Iggers, Georg G., *Historiography in the Twenty Century from scientific objectivity to the Postmodern Challenge*, Middletown, Connecticut, Wesleyan University Press, 2005, pp. 6-7; Burke, Peter: “Overture. The New History: its Past and its Future”, Em Burke, Peter (ed.), *New Perspectives on Historical Writing*, London, Polity Press, 2001, p. 7.

⁵⁵ Lévi Strauss, Claude, *The Savage Mind (Nature of Human Society)*, Chicago, The University Chicago Press, 1966; Foucault, Michel de, *Madness and Civilization: A History of Insanity in the Age of Reason*, New York, Toronto, Random House, 1965; Barthes, Roland, *Elements of Semiology*, New York, Hill and Wang, 1973; Stanford, Michael, *A Companion to the Study of History*, Oxford, Cambridge, Blackwell, 1994, pp. 131; 283.

⁵⁶ Iggers, Georg G., *Historiography in the Twenty Century from scientific objectivity to the Postmodern Challenge*, Middletown, Connecticut, Wesleyan University Press, 2005, p. 152.

despersonalizadas, as histórias de vida foram postas em causa devido à sua aplicação ser limitada; pela dificuldade na sua obtenção; pela sua complexidade; e pela problematização duvidosa posta no seu manejo⁵⁷. Apesar do avanço do método quantitavista as histórias de vida não desapareceram completamente, ficando mais condicionadas ao campo da Antropologia, da Sociologia e da História⁵⁸. Porém, nesta altura salientou-se um conjunto de historiadores, os quais começaram a criticar a objectividade da História ao mesmo tempo que evidenciavam as limitações de âmbito intelectual⁵⁹. Neste contexto, salientou-se Edward Hallett Carr que escreveu algumas biografias, tais como sobre a biografia do escritor Fyodor Mikhailovich Dostoevsky, do teórico Karl Marx, e do revolucionário Mikhael Alexandrovich Bakunin⁶⁰. Além do mais, vários historiadores interessaram-se pela sociedade e pela cultura num contexto de mudança, sendo também responsáveis por darem uma face mais humana à História ao defenderem o empiricismo como teoria de conhecimento⁶¹. Como tal, salietaram-se Georges Lefebvre, Lawrence Stone, Thomas Southcliffe Ashton, John Elliott e Geoffrey

⁵⁷ Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, p. 22; López Galán, Juan Salvador: “El método en las obras del sociólogo Juan F. Marsal”, Em *Gazeta de Antropología*, n.º 12, 1996, p. 5; J. Pujadas, Juan: “El método biográfico y los géneros de la memoria”, Universidad Rovira i Virgili, Em *Revista de Antropología Social*, n.º 9, 2000, pp. 127-158, [On-line], <<http://www.ucm.es/BUCM/revistas/cps/1131558x/articulos/RASO0000110127A.PDF>>, [consulta: 19 de Agosto de 2007].

⁵⁸ López Galán, Juan Salvador: “El método en las obras del sociólogo Juan F. Marsal”, Em *Gazeta de Antropología*, n.º 12, 1996, p. 5; Boia, Lucian (ed.), *Great Historians of the Modern Age*, London, New York, Greenwood Press, 1991.

⁵⁹ Carr, Edward Hallett, *What is History*, Davies, R. W. (ed.), London, Macmillan, 1986; LaCapra, Dominick, *History and Criticism*, Ithac, 1985; Iggers, Georg G., *Historiography in the Twentieth Century From Scientific Objectivity to the Postmodern Challenge*, Middletown, Connecticut, Wesleyan University Press, 2005, p. 43; Breisach, Ernst, *Historiography Ancient, Medieval, and Modern*, Chicago, London, The University of Chicago Press, 2007, p. 388.

⁶⁰ Carr, Edward Hallett, *Dostovsky (1821-1881): A New Biography*, New York, Houghton Mifflin, 1931; Carr, Edward Hallett, *Karl Marx: a Study in Fanaticism*, London, Dent, 1934; Carr, Edward Hallett, *Michael Bakunin*, London, Macmillan, 1937.

⁶¹ Bentley, Michael: “Introduction: Approaches to Modernity: Western Historiography Since The Enlightenment”, Em Bentley, Michael (ed.), *Companion to Historiography*, London, New York, Routledge, 2007, pp. 465-487; Solé, Jacques: “The Historiography of the French Revolution”, Em Bentley, Michael (ed.), *Companion to Historiography*, London, New York, Routledge, 2007, pp. 509-510.

Elton⁶². Neste sentido, evidenciou-se também o papel de Edward Paul Thompson, o qual interessou-se pelas “histórias vindas desde baixo”, examinando a cultura popular num sentido qualitativo (onde a classe era vista não só num prisma social e económico mas também através do envolvimento de padrões de pensamento e de aspectos culturais), e rejeitou progressivamente a primazia das forças económicas, a objectividade do método científico e a ideia de progresso que constituíam conceitos básicos do pensamento Marxista⁶³. Edward Paul Thompson pretendeu revelar uma nova aproximação conceptual e metodológica onde a História já não era vista como um processo unificado, uma grande narrativa onde os indivíduos submergiam mas antes de tudo era reconhecida como um movimento multifacetado com muitos centros de indivíduos. Passava-se então de uma para muitas Histórias, cujas vidas apresentavam-se moldadas pela cultura e por epistemologias orientadas para as experiências do concreto⁶⁴. Neste prisma, tanto Edward Paul Thompson como Christopher Hill revelaram a sua preocupação no seio da existência social a partir das classes mais baixas

⁶² Lefebvre, Georges, *The Great Fear of 1789: Rural Panic in Revolutionary France* (White, Joan tradução), London, NLB, 1973; Lawrence Stone, *Causes of the English Revolution 1529-1642*, London, Routledge, 1972; Ashton, Thomas Southcliffe, *The Industrial Revolution, 1760-1830*, London, New York, Oxford University Press, 1957; Elliot, John, *Imperial Spain*, London, Penguin Books, 1963; Elton, Geoffrey R., *England under the Tudors*, London, Cornwall, 1955; Iggers, Georg G., *Historiography in the Twentieth Century From Scientific Objectivity to the Postmodern Challenge*, Middletown, Connecticut, Wesleyan University Press, 2005, p. 87; Collinson, Patrick: “The English Reformation, 1545-1995”, Em Bentley, Michael (ed.), *Companion to Historiography*, London, New York, Routledge, 2007, p. 339; Hutton, Ronald: “Revisionism in Britain”, Em Bentley, Michael (ed.), *Companion to Historiography*, London, New York, Routledge, 2007, p. 388.

⁶³ Thompson, Edward Paul, *The Making of the English Working Class*, New York, Vintage Books, 1966; Iggers, Georg G., *Historiography in the Twentieth Century From Scientific Objectivity to the Postmodern Challenge*, Middletown, Connecticut, Wesleyan University Press, 2005, pp. 87, 92; 151.

⁶⁴ Thompson, Edward Paul, *The Making of the English Working Class*, New York, Vintage Books, 1966; Iggers, Georg G., *Historiography in the Twentieth Century From Scientific Objectivity to the Postmodern Challenge*, Middletown, Connecticut, Wesleyan University Press, 2005, p. 103; Bentley, Michael: “Introduction: Approaches to Modernity: Western Historiography Since The Enlightenment”, Em Bentley, Michael (ed.), *Companion to Historiography*, London, New York, Routledge, 2007, pp. 487-488.

da sociedade e da consciência humana⁶⁵. Sem embargo, estes historiadores também redigiram histórias de vida, Edward Paul Thompson escreveu a biografia do escritor e artista William Morris e a biografia do poeta e pintor William Blake, enquanto Christopher Hill publicou trabalhos que incluíram as interpretações biográficas sobre o escritor e servidor do *Commonwealth* da Inglaterra, John Milton, e do político e militar primeiro Lorde protector da república do *Commonwealth*, Oliver Cromwell⁶⁶.

Deste modo, mediante a crescente industrialização, a democratização e as exigências sociais e científicas do mundo moderno, a tradição da ciência histórica que proclamava a racionalidade científica e o progresso indivisível da civilização deixava de corresponder às necessidades do mundo actual. De facto, outras elites, outros segmentos do social, e outras culturas no seio da civilização humana começavam a impor trabalhos comparativos que de alguma forma substituíam a ideia da História como uma grande narrativa unidireccional, e revelavam a sua personalidade e o seu lugar numa História onde a incerteza e a efemeridade da vida começavam a despontar como verdades ressaltantes⁶⁷. Como tal, a História passava gradualmente a contemplar outros segmentos da sociedade que também clamavam por identidade⁶⁸. Neste prisma, a História interagiu com tendências assentes em modelos usados no âmbito das Ciências

⁶⁵ Thompson, Edward Paul, *The Poverty of Theory, or, An orrey of errors*, London, Merlin Press, 1995; Thompson, Edward Paul, *Persons & Polemics*, London, Merlin Press, 1994; Hill, Christopher, *The World Turned Upside Down*, London, Penguin Books, 1972; Green, Anna e Troup, Kathleen, *The houses of history A critical reader in twentieth-century history and theory*, New York, New York University Press, 1999, p. 40-41.

⁶⁶ Thompson, Edward Paul, *William Morris: Romantic to Revolutionary*, New York, Pantheon, 1976; Thompson, Edward Paul, *Witness Against the Beast: William Blake and the Moral Law*, New York, New Press, 1994; Hill, Christopher, *The English Revolution 1640: An Essay*, London, 1955; Hill, Christopher, *The World Turned Upside Down*, London, Penguin Books, 1972.

⁶⁷ Iggers, Georg G., *Historiography in the Twentieth Century From Scientific Objectivity to the Postmodern Challenge*, Middletown, Connecticut, Wesleyan University Press, 2005, pp. 41-42; 141-143; Breisach, Ernst, *Historiography Ancient, Medieval, and Modern*, Chicago, London, The University of Chicago Press, 2007, p. 380.

⁶⁸ Iggers, Georg G., *Historiography in the Twentieth Century From Scientific Objectivity to the Postmodern Challenge*, Middletown, Connecticut, Wesleyan University Press, 2005, p. 98; Sharpe, Jim: "History from Below", Em Burke, Peter (ed.), *New Perspectives on Historical Writing*, London, Polity Press, 2001, pp. 25-42.

Sociais⁶⁹. Deste modo, a Antropologia e a História influenciaram-se mutuamente, ambas utilizavam abordagens de trabalhos com aproximações de metodologias empiricistas e as histórias de vida eram interpretadas no contexto moral, religioso e social, de acordo com o ambiente peculiar e singular de cada cultura⁷⁰.

Com a influência da Psicoanálise na compreensão das personalidades históricas, a Psicohistória passou a fazer parte da historiografia, o que estimulou estudos biográficos de cariz psicológico da parte de Erik Erikson, cujo objectivo incidia na compreensão do ego, no valor e no comportamento humano⁷¹.

Nos anos sessenta do século XX, debatia-se a veracidade e a representatividade dos feitos nas histórias de vida, uma vez que as mesmas tinham como propósito dar sentido e compreensão à personalidade dos sujeitos da acção e às expectativas que os leitores pretendiam encontrar nelas⁷². Neste contexto salientaram-se, por exemplo, Oscar Lewis, Juan F. Marsal e Sidney Wilfred Mintz. Os trabalhos dos dois primeiros (Oscar Lewis e Juan F. Marsal), seguindo a influência de William Isaac Thomas e de Florian Znaniecki, estudaram a vida de imigrantes hispânicos nos Estados Unidos ou de retorno à América Latina, e o último (Sidney Wilfred Mintz), interessou-se pelo modo de vida em Porto

⁶⁹ Pumphrey, Stephen: "The Scientific Revolution", Em Bentley, Michael (ed.), *Companion to Historiography*, London, New York, Routledge, 2007, p. 294.

⁷⁰ Harding, Vicent, *We Changed the World: African Americans, 1945-1970*, New York, Oxford University Press, 1997; Harding, Vicent, *Martin Luther King, the inconvenient hero*, New York, Orbis Books, 1996; Geertz, Clifford, *The Interpretation of Cultures*, London, Basic Books, 1977; Ginzburg, Carlo, *The Cheese and the Worms: The Cosmos of a Sixteenth-century Miller* (Tedeschi, John tradutor), Baltimore, The Johns Hopkin Press, 1992; Woolf, D. R.: "The Writing of Early Modern European Intellectual History, 1945-1995", Em Bentley, Michael (ed.), *Companion to Historiography*, London, New York, Routledge, 2007, pp. 325-326.

⁷¹ Erikson, Erik H., *Childhood and Society*, London, 1950; Erikson, Erik H., *Young Man Luther: A Study in Psychoanalysis and History*, New York, 1958; Breisach, Ernst, *Historiography Ancient, Medieval, and Modern*, Chicago, London, The University of Chicago Press, 2007, pp. 382-386.

⁷² López Galán, Juan Salvador: "El método en las obras del sociólogo Juan F. Marsal", Em *Gazeta de Antropología*, n.º 12, 1996, p. 6; Pekacz, Jolante T.: "Memory, History and Meaning: Musical Biography and its Discontents", *Journal of Musicological Research*, n.º 23, London, Routledge, Taylor & Francis Group, p. 66.

Rico, descrevendo a vida de um cortador de cana de açúcar⁷³. Nesta época admitia-se a superioridade científica do método estatístico, embora se considerasse a pouca representatividade da sua eleição ao não estar baseada na probabilidade⁷⁴. Deste modo, Oscar Lewis defendeu a “cultura da pobreza”, oferecendo aos seres humanos um modelo de vida, um conjunto de soluções preestabelecidas para se enfrentar os problemas sociais⁷⁵. Este conceito fora fortemente criticado por Charles A. Valentine em 1968 e por Anthony Leeds em 1971⁷⁶.

Porém, foi sobretudo a partir dos anos setenta do século XX que o avanço da ciência computurizada suscitou que os métodos quantitativos, que davam altivez aos dados estatísticos, fossem os mais fiáveis na cientificidade dos processos sociais⁷⁷. Neste prisma, Emmanuel Le Roy Ladurie e Richard Wall constituíram exemplos aprovativos desses critérios de cientificidade, cujos estudos estiveram mais relacionados com a história da mentalidade associada às estruturas e aos processos dos sistemas sociais da

⁷³ Lewis, Oscar, *Five Families: Mexican Case Studies in the Culture of Poverty*, Canada, Harpercollins Canada – Basic Books, 1975; Lewis, Oscar, *The Children of Sánchez: autobiography of a Mexican family*, Canada, Random House, 1961; F. Marsal, Juan: “El reciente retorno de los inmigrantes españoles en el litoral argentino (1946/1960)”, 1961, Buenos Aires, Consejo Nacional de Investigaciones Científicas, «Integración y coacción en sociología», Em *Revista de Occidente* (Madrid), 22, 1965; Mintz, Sidney Wilfred, *Worker in the Cane: A Puerto Rican Life History*, New York, Norton Company, 1974, [ed. original 1960 Yale University Press]. Ver também López Galán, Juan Salvador: “El método en las obras del sociólogo Juan F. Marsal”, Em *Gazeta de Antropología*, n.º 12, 1996, p. 7; J. Pujadas, Juan: “El método biográfico y los géneros de la memoria”, Universidad Rovira i Virgili, Em *Revista de Antropología Social*, n.º 9, 2000, p. 135, [Online], <<http://www.ucm.es/BUCM/revistas/cps/1131558x/articulos/RASO0000110127A.PDF>>, [consulta: 19 de Agosto de 2007].

⁷⁴ López Galán, Juan Salvador: “El método en las obras del sociólogo Juan F. Marsal”, Em *Gazeta de Antropología*, n.º 12, 1996, p. 7.

⁷⁵ Lewis, Oscar, “The culture of Poverty”, *The Scientific American*, n.º 4, 1966. Ou ver também Em Ferraroti, Franco: “Las biografías como instrumento analítico e interpretativo”, Em Marinas, José Miguel [et al.], *La Historia Oral: Métodos y Experiencias*, Madrid, Editorial Debate, 1993, pp. 136 e 144; Balandier, Georges: “Préface”, Em Ferraroti, Franco, *Histoire et histoires de vie. La méthode biographique dans les sciences sociales*, tradução francesa por Marianne Modak, Paris, Méridiens Klincksieck, 1990, p. 8.

⁷⁶ A. Valentine, Charles, *Culture and poverty: critique and counter – proposals*, Chicago, University of Chicago Press, 1968; Leeds, Anthony, *Cities, Classes, and the Social Order*, Sanjek, Roger (ed.), Ithaca, Cornell University Press, 1994.

⁷⁷ Iggers, Georg G., *Historiography in the Twentieth Century From Scientific Objectivity to the Postmodern Challenge*, Middletown, Connecticut, Wesleyan University Press, 2005, pp. 43-44.

vida quotidiana de pessoas comuns⁷⁸. Do mesmo modo, Robert Fogel e Stanley Engerman basearam-se em fontes quantificáveis que promoviam informações acerca da qualidade material da vida dos escravos da América do Sul e dos seus familiares⁷⁹. Não obstante, estes trabalhos de valor quantitativo continuavam a sublinhar a imparcialidade e a objectividade do historiador, o que afinal acordava com o método promovido por Leopold Ranke⁸⁰. No entanto, foi também anos setenta do século XX que Georges Duby e Jacques Le Goff demonstravam a importância da narração, da consciência histórica e do contexto cultural, onde os indivíduos jogavam um papel central⁸¹. Neste âmbito, destacou-se a biografia de Louis IX de França (séc. XIII), onde o autor Jacques Le Goff pretendeu revelar em primeiro lugar o ambiente de entorno, isto é, a corte, a política e a religião; em segundo lugar focou os aspectos que condicionaram a mitologia em torno de Louis IX; e, finalmente, em terceiro lugar, desvendou os paradoxos cheios de incongruências que desvendaram a biografia de Louis IX, as quais sintonizaram mais com a imagem de um santo do que propriamente com a personagem de um rei⁸². Outros estudos viraram-se para a valorização da cultura popular⁸³. Porém, os historiadores trabalhavam consciente e criticamente com as fontes de investigação e adoptavam

⁷⁸ Le Roy Ladurie, Emmanuel, *The Territory of the Historian*, Chicago, Chicago University Press, 1979, p. 15; Le Roy Ladurie, Emmanuel, *Les Paysans de Languedoc*, Paris, Mouton, 1966; Wall, Richard e Winter, Jay (ed.), *The Upheaval of War Family, Work and Welfare in Europe, 1914-1918*, Cambridge, Cambridge University Press, 1988.

⁷⁹ Fogel, Robert e Engerman, Stanley L., *Time on the Cross*, 2 Vols., New York, W. W. Norton, 1974.

⁸⁰ Iggers, Georg G., *Historiography in the Twentieth Century From Scientific Objectivity to the Postmodern Challenge*, Middletown, Connecticut, Wesleyan University Press, 2005, p. 47.

⁸¹ Duby, Georges, *The Legend of Bouvines*, Cambridge, Polity Press, 1990; Duby, Georges, *The Age of the Cathedrals: Art and Society 980-1420* (Levieux, Eleanor e Thompson, Barbara tradutoras), Chicago, University of Chicago Press, 1981; Le Goff, Jacques, *Saint Louis* (Gollrad, Gareth Evan tradutor), Notre Dame, University of Notre Dame Press, 2008.

⁸² Le Goff, Jacques, *Saint Louis* (Gollrad, Gareth Evan tradutor), Notre Dame, University of Notre Dame Press, 2008; Burdiel, Isabel: "La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica", Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, pp. 29, 41-42.

⁸³ Burke, Peter, *Popular Culture in Early Modern Europe*, London, Ashgate Publishing, 1978; Davis, Natalie Zemon, *Society and Culture in Early Modern France*, New York, Stanford University Press, 1975.

métodos e significados no seio das Ciências Sociais⁸⁴. Contudo, iniciou-se uma reacção à investigação histórica relacionada com a medição de macro-processos e, neste sentido, a aproximação da História às Ciências Sociais resultou numa falta de confiança relativamente aos benefícios sociais e culturais do progresso tecnológico⁸⁵. Deste modo, relegaram-se para segundo plano as técnicas quantitativas, cuja simplificação dos indicadores, para garantir uma optimização mais homogeneizada, deixava de fora o singular e o accidental. Perante a crise do marxismo, da razão e da concepção positivista, a pós-modernidade punha em causa a ineficácia dos paradigmas tradicionalmente usados na explicação da realidade histórica, surgindo então um “que fazer” no âmbito historiográfico. Neste prisma, muitos historiadores encontravam na micro-história uma resposta que pretendia construir uma conceptualização mais fluida, um trabalho de análise que rejeitava as simplificações e as tipologias rígidas em prol de uma classificação mais real do que constituía o social e o cultural⁸⁶. O objectivo era aprofundar os actores históricos de tipo singular e local procurando complexizar a experiência social e lograr de uma História que involucrasse, a partir da reconstrução do vivido, o individual inserido nos respectivos contextos sociais, cujos sistemas normativos não deixavam de evidenciar a presença intersticial das contradições⁸⁷. Neste sentido, apareceram na Itália dois importantes representantes da micro-história, foram eles Carlo Ginzburg e Carlo Poni, os quais valorizaram o contexto social e cultural que

⁸⁴ Iggers, Georg G., *Historiography in the Twentieth Century From Scientific Objectivity to the Postmodern Challenge*, Middletown, Connecticut, Wesleyan University Press, 2005, p. 100.

⁸⁵ Muir, Edward e Ruggiero, Guido, *Microhistory and the Lost Peoples of Europe*, Baltimore, The Johns Hopkins Press, 1991.

⁸⁶ Levi, Giovanni, *Sobre microhistoria*, Biblos, Buenos Aires, 1993, p. 52; Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, p. 43.

⁸⁷ Revel, Jacques: “Microanálisis y construcción de lo social”, Em *Anuario del IEHS*, n.º 10, Tandil, Argentina, 1995, p. 130; Ibarra C., Hernán: “Acerca del Localismo Ecuatoriano”, Em *Ecuador Debate*, n.º 65, Fredy Rivera Velez (ed.), Quito-Ecuador, Agosto, 2005, [On-line], <<http://www.dlh.lahora.com.ec/paginas/debate/paginas/debate1407.htm>>, [consulta: 19 de Agosto de 2007]; Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, p. 43.

incluía discontinuidades e conflitos; a redescoberta da individualidade e dos pequenos grupos como agentes de mudança; a análise empírica e a participação do investigador na investigação⁸⁸. Deste modo, a importância das reconstruções micro-históricas (a pequena escala), na aproximação ao vivido representavam uma alternativa inacessível a outros tipos de investigação⁸⁹. Esta mudança trouxe modificações substanciais na transição de uma análise macro-histórica para outra de natureza micro-histórica: «*la «macrohistoria» privilegiada por las tendencias sociológicas y económicas ha devenido en «microhistoria» para los historiadores-antropólogos retrospectivos e historiadores-literarios; el estudio de estructuras y procesos globales y mensurables ha dejado paso a una perspectiva centrada en lo actor individual y en lo estudio de sus acciones y concepciones culturales; la búsqueda analítica de causas del cambio histórico en contextos sociales y políticos materiales y supraindividuales ha cedido el terreno a la narración de la vida cotidiana y de las experiencias privadas de los protagonistas históricos»*⁹⁰. Associada a esta concepção houve uma recuperação das histórias de vida relacionadas com uma visão mais ampla do que deviam de ser as Ciências Sociais, os seus métodos e âmbitos⁹¹. Além do mais, com o desenvolvimento das correntes humanísticas em História e em Sociologia, a abordagem biográfica utilizada no âmbito

⁸⁸ Levi, Giovanni: “On Microhistory”, Em Burke, Peter (ed.), *New Perspectives on Historical Writing*, London, Polity Press, 2001, pp. 97-119; Geertz, Clifford, *The Interpretation of Cultures*, London, Basic Books, 1977; Ginzburg, Carlo, *The Cheese and the Worms: The Cosmos of a Sixteenth-century Miller* (Tedeschi, John tradutor), Baltimore, The Johns Hopkin Press, 1992; Davis, Natalie Zemon, *The Return of Martin Guerre*, Cambridge, Harvart University Press, 1984; Iggers, Georg G., *Historiography in the Twentieth Century From Scientific Objectivity to the Postmodern Challenge*, Middletown, Connecticut, Wesleyan University Press, 2005, pp. 102; 108; 110; 112; Pumfrey, Stephen: “The Scientific Revolution”, Em Bentley, Michael (ed.), *Companion to Historiography*, London, New York, Routledge, 2007, p. 304.

⁸⁹ Ginzburg, Carlo, y Poni, Carlo, “La Micro-Histoire”, *Le Debat*, Decembre 1981, pp. 133-136. Ver também Morales Moya, Antonio: “Biografía y narración en la Historiografía actual”, Em Sánchez Nistal, José M.^a [et. al.], *Problemas Actuales de la Historia*, Salamanca, Ediciones Universidad, 1993, p. 243. Ver também Fontana, Josep, *La Historia después del fin de la Historia*, Barcelona, Crítica, 1992, p. 20.

⁹⁰ Moradiellos, Enrique, *El oficio de historiador*, Madrid, Siglo Veintiuno de España Editores, S. A., 2003, pp. 64-65.

⁹¹ López Galán, Juan Salvador: “El método en las obras del sociólogo Juan F. Marsal”, Em *Gazeta de Antropología*, n.º 12, 1996, p. 5.

da Antropologia americana e europeia passava para segundo plano: «*No se trata tanto de que no se utilicen técnicas de campo que incluyen las entrevistas en profundidad orientadas a la recopilación de información biográfica como que el uso de esos materiales no está orientado casi nunca a la edición de historias de vida y los relatos recopilados quedan reducidos a meros dados que, a lo sumo, sirven a la hora de buscar ilustraciones o ejemplos dentro del texto interpretativo del antropólogo*»⁹². No entanto, em parte, graças à visão anti-discriminatória privilegiada no âmbito da Antropologia acentuaram-se as histórias de vida a nível das Ciências Sociais com o intuito de se romper a hegemonia das narrativas de história monumentalista dedicadas à narração das vidas heróicas e exemplares de Reis, Chefes de Estado e de outras entidades de relevante importância, por vezes até mesmo de personagens brancas de classe média, para se apresentarem outras alternativas ‘a partir dos outros’ no pensamento historiográfico⁹³. Além do mais, perante a crise do historicismo clássico Franco Ferraroti propunha um novo historicismo político onde as vivências do quotidiano podiam converter-se na chave desmistificadora para aceder à globalidade do significado humano da pessoa⁹⁴. Assim sendo, o banal e o opaco do quotidiano começavam a exigir o seu direito à existência histórica. Progressivamente, a História dava maior relevância aos grupos humanos não considerados ou insuficientemente conhecidos pelos narradores oficialistas da História das nossas sociedades. Neste sentido, os novos sujeitos sociais de interesse histórico seriam, a partir de então, os grupos e as classes

⁹² J. Pujadas, Juan: “El método biográfico y los géneros de la memoria”, Universidad Rovira i Virgili, Em *Revista de Antropología Social*, n.º 9, 2000, p. 135, [On-line], <<http://www.ucm.es/BUCM/revistas/cps/1131558x/articulos/RASO0000110127A.PDF>>, [consulta: 19 de Agosto de 2007].

⁹³ Marratzu, Priamo: “Nacionalismo e homogenidade cultural: a importância dos media”, Mestre em Relações Internacionais pela Universidade Fernando Pessoa, Novembro de 2006, p. 6, [On-line], <<http://bocc.ubi.pt/pag/marratzu-priamo-nacionalismo-homogenidade-cultural.pdf>>, [consulta: 14 Novembro 2006].

⁹⁴ Tognonato, Claudio: “Prólogo”, Em Ferraroti, Franco, *La historia y lo cotidiano*, Barcelona, Ediciones Península, 1991, pp. 5-9.

subalternas que geralmente estavam ausentes da crónica oficial⁹⁵. Por isso, as histórias de vidas, ao projectarem uma iluminação particular sobre o social, ao tirarem a palavra dos lugares do silêncio, e ao rejeitarem a exclusividade de informações enquadradas nos sistemas de pensamento exclusivos, reductores e totalitários, permitiam não só a emergência de outras informações mais densas e abundantes como também a discussão face aos novos problemas a elas relacionados⁹⁶. Deste modo, por um lado, a perspectiva biográfica passava a implicar da parte do investigador uma atitude analítica diferente, e, por outro lado, na sua riqueza peculiar, o material biográfico interpelava o investigador na formulação de outras hipóteses, incluso na invenção de princípios teóricos novos⁹⁷. Porém, a micro-história foi criticada pelos episódios anedóticos e românticos; pelo excesso de descrições; pelo jogo entre a objectividade e a subjectividade; e por trabalharem com culturas estáveis e sem abordagem política⁹⁸.

Além do mais, muitos historiadores questionavam-se sobre a assunção da História no âmbito dos modelos das Ciências Sociais⁹⁹. Neste sentido, Francis Fukuyama em 1992

⁹⁵ Tognonato, Claudio: “Prólogo”, Em Ferraroti, Franco, *La historia y lo cotidiano*, Barcelona, Ediciones península, 1991, pp. 5-9.

⁹⁶ Elegöet, F., *L' homme et le mer*, Tud Ha Bro, Sociétés Bretonnes, n.º 1, 1979, p. 2; Morin, Françoise: “Prácticas Antropológicas e Histórias de vida”, Em Marinas, José Miguel [et al.], *La Historia Oral: Métodos y Experiencias*, Madrid, Editorial Debate, 1993, p. 84; Aceves Lozano, Jorge Eduardo, *História oral e histórias de vida: teoria, métodos y técnicas. Una biografía comentada*. México, Ediciones de la casa Chata, 1996, p. 16.

⁹⁷ Morin, Françoise: “Prácticas Antropológicas e Histórias de vida”, Em Marinas, José Miguel [et al.], *La Historia Oral: Métodos y Experiencias*, Madrid, Editorial Debate, 1993, p. 84; Aceves Lozano, Jorge Eduardo, *História oral e histórias de vida: teoria, métodos y técnicas. Una biografía comentada*, México, Ediciones de la casa Chata, 1996, p. 15; Fischer, Beatriz Daudt: “Foucault e Histórias de Vida: Aproximações e Que Tais”, Em *Revista História da Educação Asphe*, Pelotas, Vol. 1, n.º 1, 1997, p. 10, [On-line], <http://www.educacaoonline.pro.br/foucault_e_historias.asp>, [consulta: 20 de Agosto de 2007]; Goodson, Ivor F. , *Studying Teacher's lives. An emergent field of Inquiry*, New York, Teachers College Press, 1992; Pekacz, Jolante T.: “Memory, History and Meaning: Musical Biography and its Discontents”, *Journal of Musicological Research*, n.º 23, London, Routledge, Taylor & Francis Group, pp. 50-51.

⁹⁸ Iggers, Georg G., *Historiography in the Twentieth Century From Scientific Objectivity to the Postmodern Challenge*, Middletown, Connecticut, Wesleyan University Press, 2005, pp. 102; 108; 110; 113.

⁹⁹ Iggers, Georg G., *Historiography in the Twentieth Century From Scientific Objectivity to the Postmodern Challenge*, Middletown, Connecticut, Wesleyan University Press, 2005, p. 66.

publicou um estudo sobre o fim da História¹⁰⁰. Com efeito, o colapso do Nazismo e dos sistemas Marxistas-Leninistas da Europa de Leste e da União Soviética confirmavam este facto¹⁰¹. Deste modo, vários historiadores como Lawrence Stone, Roland Barthes, Paul De Man, Haydn White, Jacques Derrida e Jean-François Lyotard, numa interpretação do método de Ferdinand Saussure, viram que a História não tinha realidade fora do texto. Como tal, também consideraram que a História não era coerente como um todo e criticaram a concepção unilateral de progresso e de utopia¹⁰². A concepção pós-estruturalista da História concebia a linguagem mais além do que uma mera função de comunicação, a qual passava a reconstruir a realidade como uma linguagem complexa de sistemas de significação e de carácter irreduzível¹⁰³. Neste sentido, a historiografia admitia uma forma de subjectividade e de incredibilidade na reconstrução e na interpretação crítica da complexidade do indivíduo, incluindo os

¹⁰⁰ Fukuyama, Francis, *The End of History and the Last Man*, New York, Free Press, 1992; Breisach, Ernst, *Historiography Ancient, Medieval, and Modern*, Chicago, London, The University of Chicago Press, 2007, pp. 421-423.

¹⁰¹ Iggers, Georg G., *Historiography in the Twentieth Century From Scientific Objectivity to the Postmodern Challenge*, Middletown, Connecticut, Wesleyan University Press, 2005, p. 101.

¹⁰² Saussure, Ferdinand de, *Course in General Linguistics* (Harris, Roy tradutor e editor), London, Open Court, 1998; Iggers, Georg G., *Historiography in the Twentieth Century From Scientific Objectivity to the Postmodern Challenge*, Middletown, Connecticut, Wesleyan University Press, 2005, pp. 100-147; Stone, Lawrence, *The family, sex and marriage in England, 1500-1800*, New York, Harper & Row, 1977; Barthes, Roland, *Elements of Semiology* (Lavers, Annette e Smith, Colin tradutores), Paris, Editions du Seuil, 1999; Man, Paul de, *Critical Writings 1953-1978*, Minnesota, University of Minnesota Press, 1989; White, Haydn V., *The Content of the form: narrative discourse and historical representation*, Baltimore, John Hopkins University Press, 1987; Derrida, Jacques, *Acts of Literature*, New York, Routledge, 1992; Lyotard, Jean-François, *The Postmodern Condition: A Report on Knowledge* (Bennington, Geoff e Massumi, Brian tradutores), Theory and History of Literature, Vol. 10, Minnesota, University of Minnesota Press, 1999.

¹⁰³ Woolf, D. R.: "The Writing of Early Modern European Intellectual History, 1945-1995", Em Bentley, Michael (ed.), *Companion to Historiography*, London, New York, Routledge, 2007, pp. 328-330; Burdiel, Isabel: "La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica", Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, pp. 30, 36.

detalhes das suas ilusões individuais e contextuais¹⁰⁴. Como tal, passava a ser fundamental a análise interna do texto, onde as estruturas e os processos sociais eram vistos como determinantes sociocomunicativos e a cultura passava a ser entendida como um sistema simbólico num contexto de mudança económico-social e político¹⁰⁵. Deste modo, a cultura passou a dar sentido à vida, mas, na impossibilidade de ser descrita na sua complexidade, a linguagem servia de ferramenta semiótica a essa realidade¹⁰⁶. Neste prisma, Natalia Zemon Davis produziu um estudo onde descreveu três mulheres do século XVII, cada uma das quais representava diferentes culturas, espaços, religiões e profissões e contribuíam para a construção da sua própria história¹⁰⁷.

Actualmente tem-se acentuado a ideia de que a linguagem não reflecte a realidade nem reconstrói o passado¹⁰⁸. Deste modo, ao recuar-se ao passado é necessário escolher-se as questões, as direcções, as ferramentas linguísticas e conceptuais na reconstrução da análise histórica, onde a linguagem e o discurso são reconhecidos como uma forma de compreensão¹⁰⁹.

¹⁰⁴ Green, Anna e Troup, Kathleen, *The houses of history A critical reader in twentieth-century history and theory*, New York, New York University Press, 1999, pp. 208-209; 299; White, Haydn, *Metahistory: The Historical Imagination in Nineteenth-Century Europe*, Baltimore, John Hopkins University Press, 1973; Iggers, Georg G., *Historiography in the Twentieth Century From Scientific Objectivity to the Postmodern Challenge*, Middletown, Connecticut, Wesleyan University Press, 2005, pp. 117-118; 126, 132; 147; Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, p. 30.

¹⁰⁵ Iggers, Georg G., *Historiography in the Twentieth Century From Scientific Objectivity to the Postmodern Challenge*, Middletown, Connecticut, Wesleyan University Press, 2005, p. 123.

¹⁰⁶ Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, p. 28; Iggers, Georg G., *Historiography in the Twentieth Century From Scientific Objectivity to the Postmodern Challenge*, Middletown, Connecticut, Wesleyan University Press, 2005, p. 126.

¹⁰⁷ Davis, Natalie Zemon, *Women on the Margins: Three Seventeenth-century Lives*, Cambridge, Belknap Press, 1995; Burke, Peter: “Overture, *The New History: Its Past and its Future*”, Em Burke, Peter (ed.), *New Perspectives on Historical Writing*, London, Polity Press, 2001, p. 20.

¹⁰⁸ Iggers, Georg G., *Historiography in the Twentieth Century From Scientific Objectivity to the Postmodern Challenge*, Middletown, Connecticut, Wesleyan University Press, 2005, p. 149.

¹⁰⁹ Iggers, Georg G., *Historiography in the Twentieth Century From Scientific Objectivity to the Postmodern Challenge*, Middletown, Connecticut, Wesleyan University Press, 2005, pp. 150-151.

Deste modo, passa a ser importante compreender as relações de poder que comprometem os aspectos da vida quotidiana, bem como o contexto social que envolve o individual. Neste sentido, a partir dos anos noventa do século XX, acentuou-se o interesse pelas histórias de género e pela problemática da cultura na identificação das identidades nacionais¹¹⁰. Como tal, a História passou a ser vista através de vários caminhos teóricos, evidenciados, seleccionados e filtrados pela habilidade dos historiadores construir e reflectirem conscientemente sobre a História sem a existência de modelos pre-concebidos¹¹¹.

Actualmente, a escolha da temática das histórias de vida parece seguir critérios de modas intelectuais com carácter ideológico, focando um crescente interesse pela componente educativa relacionada com a história dos professores, como têm sido exemplo os procedimentos “histórias de vida e formação” que (através de seminários universitários na Suíça e noutros países da Europa), têm pretendido colocar as histórias de vida ao serviço de muitos projectos de âmbito pedagógico¹¹². Por outro lado, paralelamente ao papel das mulheres, outros grupos sociais têm progressivamente despertado um crescente interesse na temática das histórias de vida: «*obreros, campesinos, indígenas, marginados, homosexuales, víctimas de guerra y holocaustos,*

¹¹⁰ Scott, Joan W.: “Women’s History”, Em Burke, Peter (ed.), *New Perspectives on Historical Writing*, London, Polity Press, 2001, pp. 43-70; Iggers, Georg G., *Historiography in the Twenty Century from scientific objectivity to the Postmodern Challenge*, Middletown, Connecticut, Wesleyan University Press, 2005, pp. 152-153.

¹¹¹ Breisach, Ernst, *Historiography Ancient, Medieval, and Modern*, Chicago, London, The University of Chicago Press, 2007, p. 429; Iggers, Georg G., *Historiography in the Twenty Century from scientific objectivity to the Postmodern Challenge*, Middletown, Connecticut, Wesleyan University Press, 2005, pp. 156-157; Green, Anna e Troup, Kathleen, *The houses of history A critical reader in twentieth-century history and theory*, New York, New York University Press, 1999, p. VII; Bentley, Michael: “Introduction: Approaches to Modernity: Western Historiography Since The Enlightenment”, Em Bentley, Michael (ed.), *Companion to Historiography*, London, New York, Routledge, 2007, p. 495.

¹¹² Josso, Marie-Christine: “História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos”, Universidade de Genève, Em *Educação e Pesquisa*, São Paulo, Vol. 25, n.º 2, Julho-Dezembro de 1999, pp. 11-23, [On-line], <<http://www.doaj.org/>>, [consulta: 19 de Agosto de 2007]; Goodson, Ivor F.: “The story so far: personal knowledge and the political”, University of Western Ontario, Em Hatch, J. Amos e Wisniewski, Richard, *Life History and Narrative*, London and New York, RoutledgeFalmer, 1995, pp. 89-98.

jóvenes, ancianos y niños y grupos o movimientos sociales alternativos»¹¹³. Deste modo, o “povo” deixa de ser entendido como uma “massa anónima” sem interesse literário para ter um significado fundamental na revelação do contexto social em causa: «*Resulta fructífero a veces para nuestro estatuto como «científicos sociales» darnos cuenta de lo amplio y sutil que es el conocimiento popular. ¿Qué más tenemos que decir que ellos no hayan ya dicho y comprendido?*»¹¹⁴. Neste prisma, as histórias de vida têm sido matéria prima essencial para a reconstrução das histórias “vindas de baixo” que, ao pretenderem fazer falar os “povos do silêncio” através dos seus representantes, revelam uma crescente preocupação na aproximação ao real concreto¹¹⁵. Como tal, servirá de referência o caso de Pedro de Freitas que ao ser um homem do estrato popular teve a pretensão de se apresentar como um porta-voz das necessidades deste mesmo estrato social¹¹⁶.

Porém, as metodologias qualitativas trouxeram uma contribuição significativa para as Ciências Sociais, sobretudo em áreas exploratórias e campos temáticos onde não existiam fontes de informação acessíveis e organizadas, estendendo as suas fronteiras até ao «método biográfico» relacionado com os empreendimentos sondados pela

¹¹³ J. Pujadas, Juan: “El método biográfico y los géneros de la memoria”, Universidad Rovira i Virgili, Em *Revista de Antropología Social*, n.º 9, 2000, p. 127, [On-line], <<http://www.ucm.es/BUCM/revistas/cps/1131558x/articulos/RASO0000110127A.PDF>>, [consulta: 19 de Agosto de 2007]. Ver também Teis, Denise Teresinha e Teis, Mirtes Aparecida: “A Abordagem qualitativa: a leitura no campo de pesquisa”, 2006, p. 1, [On-line], <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/teis-denise-abordagem-qualitativa.pdf>>, [consulta: 14 Novembro 2006]; Rebecca Bloom, Leslie, e Munro, Petra: “Conflicts of selves: nonunitary subjectivity in women administrators’ life history narratives”, Iowa State University, Louisiana State University, Em Hatch, J. Amos e Wisniewski, Richard, *Life History and Narrative*, London and New York, RoutledgeFalmer, 1995, pp. 99-112.

¹¹⁴ Bertaux, Daniel: “De la perspectiva de la historia de vida a la transformación de la práctica sociológica”, Em Marinas, José Miguel [et al.], *La Historia Oral: Métodos y Experiencias*, Madrid, Editorial Debate, 1993, p. 30.

¹¹⁵ Poirier, Jean; Clapier-Valladon, Simone e Raybaut, Paul, *Histórias de Vida Teoria e Prática*, Oeiras, Celta Editora, 1995, p. 12; Ferraroti, Franco: “Las biografías como instrumento analítico e interpretativo”, Em Marinas, José Miguel [et al.], *La Historia Oral: Métodos y Experiencias*, Madrid, Editorial Debate, 1993, p. 130; Hatch, J. Amos e Wisniewski, Richard: “Life history and narrative: questions, issues, and exemplary works”, Em Hatch, J. Amos e Wisniewski, Richard, *Life History and Narrative*, London and New York, RoutledgeFalmer, 1995, pp. 113-135.

¹¹⁶ Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955; Freitas, Pedro de, “As sete notas de música”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 09-08-1953.

História Oral¹¹⁷. Deste modo, a temática da História Oral também foi valorizada, revelando-se benéfica em estudos relacionados com o peso da memória na construção da identidade; nas experiências simbólicas e psicológicas incorporadas na memória; na relação das memórias individuais e colectivas; enfim, no debate sobre a validade das memórias autobiográficas na descrição das histórias de vida¹¹⁸.

A quantidade e a qualidade de investigações orientadas para os temas biográficos e a sua importância nas Ciências Sociais, em sentido amplo, têm possibilitado a colaboração progressiva de estudos com o propósito de se intercambiar pontos de vista e de se publicar obras e artigos nesta temática. Na impossibilidade de se mencionarem todas as obras publicadas neste domínio, destacar-se-ão algumas publicações e/ou versões que foram consultadas no percurso deste tema de investigação como Pierre Bourdieu, Jean Paul Sartre, Louis Morin, Françoise Morin, Daniel Bertaux, Jean Poirier, Simone Clapier-Valladon e Paul Raybaut, Camille Lacoste e Philippe Lejeune,

¹¹⁷ Gonçalves, Rita de Cássia e Lisboa, Teresa Kleba: “Trajectórias de Vida: Visibilizando e Reconstruindo a História das Mulheres”, Em *Simpósio Temático História, gênero e trajetórias biográficas*. ST 42, Scheibe Wolff, Cristina [et al.] (org.), *Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: Gênero e Preconceitos*, Florianópolis, Brasil, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 28-30 de Agosto 2006.

¹¹⁸ Thompson, Paul, *The voice of the Past: Oral History*, New York, Oxford University Press, 1988; Thompson, Paul, *The Edwardians: The Remaking of the British Society*, New York, Routledge, 1992; Prins, Gwyn: Oral History”, Em Burke, Peter (ed.), *New Perspectives on Historical Writing*, London, Polity Press, 2001, pp. 120-156.

publicadas em França e em Espanha¹¹⁹; Marie-Christine Josso publicada na Suíça e no Brasil¹²⁰; José Miguel Marinas, Pilar Aznar Minguet, José Albert Gómez, Antonio Morales Moya e Emilio López-Barajas Zayas, Ignacio Sánchez Valle e Isabel Burdiel, publicadas em Espanha¹²¹; Martin Kohli, publicada na Alemanha e em Espanha¹²²;

¹¹⁹ Por exemplo: Lacoste, Camille: “Biographies”, em *Critiques et politiques de l’anthropologie*, Paris, Maspero, 1974, p. 47, Em Creswell, R. e Godelier, M. (eds.), *Outils d’enquête et d’analyse anthropologiques*, Paris, Maspero, 1976, pp. 102-104; Dumont, L., *Homo Aequalis: genèse et épanouissement de l’idéologie moderne*, Paris, Gallimard, 1976. [Tradução Castelhana, *Homo Aequalis*, Taurus, 1982, Madrid]; Bourdieu, Pierre, “L’illusion biographique”, *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 62/63, 1986, pp. 69-73; Sartre, Jean-Paul, *Questions de méthode*, Paris, Gallimard 1986; Coninck, F. e Godard, F.: “L’approche biographique à l’épreuve de l’interprétation. Les formes temporelles de la causalité”, Em *Revue française de sociologie*, 31 (1), Janeiro-Março, 1989, pp. 23-53; Bertaux, Daniel: “De la perspectiva de la historia de vida a la transformación de la práctica sociológica”, Em Marinas, José Miguel [et al.], *La Historia Oral: Métodos y Experiencias*, Madrid, Editorial Debate, 1993, pp. 19-34; Morin, Louis, *La méthodologie de l’histoire de vie II*, Quebec, Institut Supérieur des Sciences Humaines, Université Laval, 1975, p. 55, Em Gagnon, Nicole: “Sobre el análisis de los relatos de vida”, Em Marinas, José Miguel [et al.], *La Historia Oral: Métodos y Experiencias*, Madrid, Editorial Debate, 1993, pp. 35-46; Morin, Françoise: “Prácticas Antropológicas e Histórias de vida”, Em Marinas, José Miguel [et al.], *La Historia Oral: Métodos y Experiencias*, Madrid, Editorial Debate, 1993, pp. 81-107; Bertaux, Daniel: “La perspectiva biográfica: Validez metodológica y potencialidades”, Em Marinas, José Miguel [et al.], *La Historia Oral: Métodos y Experiencias*, Madrid, Editorial Debate, 1993, pp. 149-171; Poirier, Jean; Clapier-Valladon, Simone e Raybaut, Paul, *Histórias de Vida Teoria e Prática*, Oeiras, Celta Editora, 1995.

¹²⁰ Josso, Marie-Christine: “História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos”, Universidade de Genève, Em *Educação e Pesquisa*, São Paulo, Vol. 25, n.º 2, Julho-Dezembro de 1999, pp. 11-23, [On-line], <<http://www.doaj.org/>>, [consulta: 19 de Agosto de 2007].

¹²¹ Marinas, José Miguel [et al.], *La Historia Oral: Métodos y Experiencias*, Madrid, Editorial Debate, 1993; Morales Moya, Antonio: “Biografía y narración en la Historiografía actual”, Em Sánchez Nistal, José María [et al.], *Problemas Actuales de la Historia*, Salamanca, Ediciones Universidad, 1993, pp. 229-257; López-Barajas Zayas, Emilio: “Las Historias de la vida fundamentos y metodología”, Em López-Barajas Zayas, Emilio (ed.), *Las Historias de vida y la investigación biográfica*, Madrid, Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1996, pp. 9-27; Sánchez Valle, Ignacio: “O Método Biográfico: El Educador”, Em López-Barajas Zayas, Emilio (ed.), *Las Historias de vida y la investigación biográfica*, Madrid, Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1996, pp. 199-213; Aznar Minguet, Pilar: “La autobiografía guiada como técnica facilitadora de la comunicación intergeneracional en la familia”, Em López-Barajas Zayas, Emilio (ed.), *Las Historias de vida y la investigación biográfica*, Madrid, Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1996, pp. 171-185; Albert Gómez, José: “La Biografía y Autobiografía como modalidades metodológicas de investigación cualitativa”, Em López-Barajas Zayas, Emilio (ed.), *Las Historias de vida y la investigación biográfica*, Madrid, Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1996, pp. 192-193; Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, pp. 19-47; Burdiel, Isabel, *Isabel II No se puede Reinar Inocentemente*, Madrid, Editorial Espasa Calpe, S. A., 2004.

¹²² Kohli, Martin: “Biografía: Relato, texto, método”, Em Marinas, José Miguel [et al.], *La Historia Oral: Métodos y Experiencias*, Madrid, Editorial Debate, 1993, pp. 171-183.

Franco Ferraroti, publicada na Itália e em França¹²³; Paul Thompson, publicada no Reino Unido e em Espanha¹²⁴; e Carolina Leite, José Machado Pais; A. H. de Oliveira Marques e João Pedro Ferro e Manuela Ribeiro, publicadas em Portugal¹²⁵; Krzysztof T. Konecki, Anna M. Kacperczyk e Lukasz T. Marciniak, publicadas na Polónia¹²⁶; Maria Ester Fernandes, publicadas no Brasil¹²⁷; Lewis Leroy Langness e Gelva Frank, Charles Taylor, e H. William Epstein, publicadas nos Estados Unidos da América¹²⁸; e, J. Amos Hatch e Richard Wisniewski, Louis Dumont, e Jolante T. Pekacz, publicadas no Reino Unido e/ou nos Estados Unidos da América¹²⁹.

¹²³ Ferraroti, Franco, *Histoire et histoires de vie. La méthode biographique dans les sciences sociales*, tradução francesa por Marianne Modak, Paris, Méridiens Klincksieck, 1983; Ferraroti, Franco: “Sobre la autonomía del método biográfico”, Em Marinas, José Miguel [et al.], *La Historia Oral: Métodos y Experiencias*, Madrid, Editorial Debate, 1993, pp. 121-128; Ferraroti, Franco: “Las biografías como instrumento analítico e interpretativo”, Em Marinas, José Miguel [et al.], *La Historia Oral: Métodos y Experiencias*, Madrid, Editorial Debate, 1993, pp. 129-148.

¹²⁴ Thompson, Paul: “Histórias de vida en el análisis de cambio social”, Em Marinas, José Miguel [et al.], *La Historia Oral: Métodos y Experiencias*, Madrid, Editorial Debate, 1993, pp. 65-79.

¹²⁵ Leite, Carolina: “Conto e Histórias de Vida nas Ciências Sociais”, Em Martins, Manuela (dir.), *Comunicação e Sociedade 1*, Vol. 12, n.º 1, 2, Braga, Edição Cadernos dos Noroeste, 1987, pp. 219-229; Machado Pais, José, e De Oliveira Marques, A. H., *Sousa Martins e as suas memórias sociais sociologia de uma crença popular*, Lisboa, Gradiva, 1994; Ferro, João Pedro, *A. H. de Oliveira Marques o Homem e o Historiador balanço de seis décadas*, Lisboa, Editorial Presença, 1994; Ribeiro, Manuela, “As histórias de vida enquanto procedimento de pesquisa sociológica: reflexões a partir de um processo de pesquisa de terreno”, Em Santos, Boaventura de Sousa (dir.), *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 44, Coimbra, Dezembro de 1995, pp. 125-141.

¹²⁶ Konecki, Krzysztof T. e Kacperczyk, Anna M. [et al.]: “Polish Qualitative Sociology: The General Features and Development”, Em *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research*, Vol. 6, n.º 3, Art. 27, Setembro, 2005, pp. 1-21, [On-line Journal], <<http://www.qualitative-research.net/fqs-texte/3-05/05-3-27-e.htm>>, [consulta: 30 de Janeiro 2007].

¹²⁷ Fernandes, Maria Ester: “A História de vida” como instrumento de captação da realidade social”, Em Neto, José Castilho Marques (dir.), *História*, Vol. 12, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, Editora Unesp, 1993, pp. 217-223.

¹²⁸ Langness, Lewis L., *The Life History in Anthropological Science*, New York, Holt, Rinehart&Winston, 1965; Langness, Lewis L. e Frank, Gelva, *Lives An Anthropological approach to biography*, Novato, California, Chandler & Sharp Publishers, 1988; Epstein, William H. (ed.), *Contesting the Subject: Essays in the Postmodern Theory and Practice of Biographical Criticism*, Indiana, Purdue University Press, 1991; Taylor, Charles, *Sources of the Self. The Making of the Modern Identity*, Massachusetts, Harvard University Press, 1992.

¹²⁹ Hatch, J. Amos e Wisniewski, Richard, *Life History and Narrative*, London and New York, RoutledgeFalmer, 1995; Dumont, Louis, *Essays on Individualism. Modern Ideology in Antropological Perspective*, Chicago, London, University of Chicago Press, 1992; Pekacz, Jolante T.: “Memory, History and Meaning: Musical Biography and its Discontents”, *Journal of Musicological Research*, n.º 23, London, Routledge, Taylor & Francis Group, 2004, pp. 39-80.

1.2. A problemática da investigação

O principal problema irrompe ao pretender-se reconstruir e questionar o perfil biográfico de Pedro de Freitas, uma vez que o sujeito da história (Pedro de Freitas), ao se identificar como um representante do estrato popular e ao lutar em prol dos seus ideais (relacionados com o incremento de bases culturais a esse mesmo estrato), foi não só influenciado como em simultâneo condicionou a acção da política cultural nacional, interagindo com os condicionalismos histórico-culturais e sociais peculiares da época em que viveu. Neste contexto, numa aproximação multidisciplinar, e através de uma dialéctica entre a micro e a macro-história, enquadra-se a temática do nacionalismo, a qual aparecerá revigorada e/ou questionada através das implicações dos ideais do Liberalismo e do Republicanismo; da participação estratégica de Portugal na *Primeira Grande Guerra Mundial* e do seu discernimento reinterpretaivo da parte do biografado da história; da problematização do conceito de música no seio de uma função política ou apolítica; dos jogos de sentidos usados nos discursos de “neutralização política” - mediatizados pelo sistema político vigente, e de como os mesmos também eram estrategicamente reinterpretados pelo biografado em estudo; dos significados ambivalentes (manipulador/manipulado), entre a política cultural estadonovista e as massas num múltiplo sentido de estratégias contextuais (a imposição estatal - as idealizações das massas - e a identidade/intencionalidade individual do biografado); da dupla visão (imposição e/ou benefícios), implicada na implementação de um associativismo musical de bases oficiais; das obras de Pedro de Freitas comprometidas num diálogo ininteligível (harmonioso e/ou reivindicativo), e mediante fronteiras nem sempre precisas entre o nacionalismo étnico-biológico e o nacionalismo oficial-cívico, e

entre o que ele idealizava e o que ele reivindicava; dos critérios de irracionalidade e dos interstícios silenciosos contidos na dinâmica do próprio nacionalismo; das implicações do conceito do nacionalismo musical cultural; e do factor do imprevisível, do incontrolável e do inevitável que faz parte do rumo da História na sua essência. Embora estes conceitos sejam fundamentados a partir das problemáticas suscitadas no decurso da vida e da obra de Pedro de Freitas, os mesmos também deixarão sugerir reflexões sobre algumas especificidades do fenómeno do nacionalismo num âmbito interdisciplinar.

Assim, primeiramente procura-se dedicar um capítulo que visa sondar sobre quem foi Pedro de Freitas, o qual aparece interceptado através dos auto-retratos de si mesmo e dos depoimentos dos que conviveram temporalmente enquadrados nos percursos da sua vida. Deste modo, contextualizar-se-á a sublime influência da música na vida de Pedro de Freitas. Em contrapartida, apontam-se as vicissitudes da época em causa que condicionaram que Pedro de Freitas ainda em criança tivesse de começar a trabalhar arduamente para se auto-sustentar. Neste âmbito, reflecte-se sobre a interacção entre os condicionalismos e conflitos locais e nacionais que implicaram a transição da Monarquia para a Implantação da República (a 5 de Outubro de 1910), os quais impulsionaram que Pedro de Freitas partisse de Loulé (terra natal situada no sul de Portugal - Algarve), para o Barreiro (zona industrial localizada na cercania de Lisboa). Com efeito, acentuam-se as conjunturas que esta mudança para o Barreiro revelaram na vida e na personalidade de Pedro de Freitas.

Analisar-se-á segundo uma visão crítica as manobras nacionalistas que o partido democrático português implicou na participação de Portugal na Primeira Guerra Mundial, bem como os discursos nacionalistas em voga no campo de batalha. Neste percurso procura-se sobrepôr, sempre que possível, as diferentes interpretações de

Pedro de Freitas face às imposições da autoridade oficial no quotidiano da guerra, e, num sentido diacrónico assente em contextos de intencionalidade sincrónicos, como a maturação dessas interpretações implicaram que Pedro de Freitas se manifestasse progressivamente mais céptico no pós-guerra.

Por outro lado, uma vez que Pedro de Freitas exprimia a consolidação de um profundo vínculo sentimental e cultural com Andaluzia, estudar-se-á em que circunstâncias ele viajava para o sul de Espanha e a influência que essas vivências impregnaram na sua vida e na sua obra. Neste contexto, analisar-se-ão as implicações mútuas das trocas de correspondências principalmente com alguns Alcaides e outras figuras representativas de Cartaya.

Dedicar-se-á um capítulo ao estudo da obra literária, de imprensa periódica e musical de Pedro de Freitas, a qual será confrontada com o que os outros autores escreveram sobre ele. Os procedimentos de análise e estudo das suas obras serão expostos no subcapítulo 1.3.1. intitulado: «*tratamento das fontes bibliográficas*».

Procurar-se-á estudar qual a repercussão das iniciativas músico-culturais e das lutas sociais lideradas por Pedro de Freitas na defesa de melhores alicerces culturais na vida do povo português. Neste sentido, perscrutar-se-á de que modo é que as suas actividades de escritor, músico, compositor e organizador de eventos musicais interagiram com os movimentos político-culturais do *Estado Novo* em Portugal¹³⁰. Estudar-se-á também a função de Pedro de Freitas como orientador e colaborador na *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT), uma instituição instrumentalizada pelo poder político na afirmação de uma cultura nacional e nacionalista. Deste modo, perscrutar-se-ão os

¹³⁰ Mattoso, José (dir.), *História de Portugal, O Estado Novo*, Vol. 7, Lisboa, Editorial Estampa, 1994; Saraiva, José Hermano, *História Concisa de Portugal*, 3.ª edição, Sintra, Publicações Europa-América, pp. 350-359.

discursos nacionalistas expressos na obra de Pedro de Freitas, as similitudes e as discrepâncias em relação às estratégias impostas pelo regime político vigente.

Analisar-se-á também o perfil crítico de Pedro de Freitas em relação à política nacional, desde a *Implantação da República* (5 de Outubro de 1910), até à *Revolução dos Cravos* (25 de Abril de 1974). Problematizar-se-á, neste sentido, as intenções ambíguas que levaram que Pedro de Freitas optasse pelos ideais politicamente apolíticos de “imparcialidade” e de “neutralidade” política em vigor na época como uma forma de exprimir as suas desilusões político-sociais e de reafirmar os seus objectivos. Além disso, analisar-se-á de que modo Pedro de Freitas liderava uma linguagem político-discursiva favorável a que as entidades governamentais exercessem alguns critérios de regulamentação pedagógica na música popular em virtude de um incremento do movimento filarmónico.

Com efeito, pretende-se investir numa indagação sobre a função que Pedro de Freitas desempenhou na *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT); sobre o seu protagonismo na agremiação cultural da *Casa do Algarve* em Lisboa, ou, sobre a sua colaboração na *Federação das Sociedades de Educação e Recreio* (estas duas últimas entidades eram consideradas de intervenção independente e, como tal, não manipuladas pelos intentos da política oficial). Porém, mais do que isso, pretende-se problematizar como é que, face a um regime político repressivo, Pedro de Freitas pode criticar e denunciar os problemas sociais; pode assumir uma postura tanto ‘política’ como ‘apolítica’; pode interagir em benefício dos seus interesses e, em simultâneo, pode ser homenageado tanto por instituições representativas da política do estado como por instituições privadas, sendo ainda aplaudido e reconhecido por algumas massas populares que ele procurava representar.

Por outro lado, sendo a música um elemento preponderante na vida e obra de Pedro de Freitas problematizar-se-á sobre o seu conceito de música, o qual aparecerá integrado num âmbito multidisciplinar. Neste sentido, contrapõe-se e argumenta-se a acção de Pedro de Freitas na defesa de uma música divina (e como tal, incorruptível pelas ideologias políticas vigentes), com a ideia da mesma poder ser instrumentalizada numa eficácia simbólica de um projecto político-cultural nacionalista, intenção que também não deixava de ser argumentada por Pedro de Freitas.

Relativamente aos critérios de recepção da música (entendida como um processo fundamental em direcção à evolução mais consciente da humanidade sobre a vida, a nação e o mundo), confrontar-se-ão dois sistemas sociocomunicativos entre o povo e a música, os quais foram defendidos de uma forma antagónica pelo compositor e musicógrafo popular Pedro de Freitas e pelo compositor e musicólogo erudito Fernando Lopes-Graça, seu contemporâneo. Além disso, a compreensão destes dois sistemas sociocomunicativos revelar-se-á num elemento basilar sobre a forma como cada um destes compositores concebia a sua noção de nacionalismo musical.

Sem embargo, num contexto de influências do nacionalismo na música, reconhecer-se-ão algumas tendências musicais cuja pretensão visava uma aproximação dos ditâmes de erudição musical sobretudo a nível europeu. Deste modo, ao compartilhar de um nacionalismo musical cultural, as composições musicais nacionais podiam basear-se em especificidades nacionais e, em simultâneo, podiam ser compreendidas na cultura musical do mundo. Neste sentido, estudar-se-á uma relação similar entre os discursos de corte nacionalista usados tanto em Portugal como em Espanha aproximadamente na mesma época. Com efeito, num panorama musical de compositores ibéricos, problematizar-se-á quais as razões que levaram que Pedro de Freitas pretendesse que a

música popular portuguesa adaptasse e efectivasse de alguns aspectos nacionalistas da música popular espanhola.

Finalmente, também se reflectirá como é que o factor que envolve a imprevisibilidade, a incontrolabilidade e a inevitabilidade se pode exprimir desde a unicidade de uma vida, no seu contacto com o social, até à incontrolabilidade do rumo da História na sua totalidade.

1.3. O estado da questão

No percurso deste trabalho de investigação foi necessário proceder a várias leituras e reflexões relacionadas com a temática e a problemática em causa. Deste modo, alguns trabalhos de investigação têm reflectido a partir de uma visão macro-histórica sobre a identidade nacional e a especificidade do nacionalismo em Portugal¹³¹. Outros estudos apresentaram aspectos histórico-culturais comparativos entre as nações ibéricas, isto é, entre Portugal e Espanha¹³². Neste percurso, encontraram-se também estudos que validaram uma análise onde emerge um nacionalismo musical de carácter cultural, sobretudo de feição europeia¹³³. Porém, nos estudos sobre a problemática do fenómeno do nacionalismo no contexto da nação portuguesa, têm-se focado, sobretudo, as estratégias nacionalistas da política oficial face à neutralização das massas anónimas

¹³¹ Albuquerque, *Martim de, A Consciência Nacional Ensaio de História das Ideias Políticas*, Lisboa, [s.n.], 1974; Arração, Rui, *Portugal o desafio Nacionalista Psicologia e Identidade Nacionais*, Editorial Teorema, 1985; Leal, Ernesto Castro, *Nação e Nacionalismos: A Cruzada Nacional D. Nuno Álvares Pereira e as origens do Estado Novo (1918-1938)*, Lisboa, Edições Cosmos, 1999; Medeiros, Paula Cristina Pacheco, *Os Percursos da Ideologia Nacionalista*, Coimbra, [s.n.], 1999; Andrade, Luís Oliveira, *História e Memória A Restauração de 1640: do Liberalismo às Comemorações Centenárias de 1940*, Coimbra, Edição Minerva, 2001; Carvalho, João Soeiro de: “A Nação Folclórica: projecção nacional, política e etnicidade em Portugal”, Em *Revista de Música Transcultural Music Review*, 2, 1996, pp. 1-11, [On-line], <<http://www.sibetrans.com/trans/trans2/soeiro.htm>>, [consulta: 19 de Agosto de 2007].

¹³² Rocamora, José Antonio, *El Nacionalismo Ibérico 1792-1936*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 1994; Esteban de Vega, Mariano y Morales Moya, Antonio (eds.), *Los fines de siglo en España y Portugal: II Encuentro de Historia Comparada*, Encuentro de Historia Comparada (2.º, 1995, Salamanca, España), Jaén, Universidad de Jaén, 1999.

¹³³ Ferreira de Castro, Paulo: “Nacionalismo Musical ou equívocos da Portugalidade”, Em Castelo Branco, Salwa El-Shawan (ed.), *Portugal e o Mundo o Encontro de Culturas na Música*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1997, pp. 155-170; Cascudo, Teresa: “Que fazer sem um Camões músico? – Fernando Lopes-Graça e o problema da tradição da música portuguesa”, Em *Revista Portuguesa de Musicologia n.º 6*, Lisboa, 1996, pp. 127-139; Cascudo, Teresa: “Wagnerismo y Nacionalismo Musical En Portugal: La influencia del Musicografo de Origen Español Antonio Arroyo”, Em Lambea, Mariano, *Revista de Musicología*, Actas del Congreso de la Sociedad Española de Musicología, Oviedo, 17-20 de Noviembre de 2004, pp. 959-960; Comellas, José Luis, *Nueva historia de la música*, Madrid, Ediciones Internacionales Universitarias, 2000, pp. 435-445; Mila, Massimo, *Breve historia de la música*, traducción de Manuel Valls Gorina, Barcelona, Ediciones Península, 2003, pp. 466-474.

dos cidadãos portugueses¹³⁴. Sem embargo, outras fontes bibliográficas, além de terem reforçado a ideia de um nacionalismo cultivado e imposto pelas entidades oficiais afim de seduzirem o povo, também apresentaram, ainda que sucintamente, a noção de falhas no próprio sistema político nacional. Como tal, essas falhas, de algum modo, também foram responsáveis pelo aparecimento de interstícios silenciosos que davam guarida ao aparecimento de projectos concorrenciais alternativos e que possibilitavam que a sociedade civil começasse a desafiar um regime político muito bem apetrechado¹³⁵. Não obstante, alguns estudos, numa visão intercambiada entre a micro e a macro-história, apresentaram algumas figuras eruditas que reagiram face à meta-narrativa construída pela política do *Estado Novo* em Portugal¹³⁶.

¹³⁴ Valente, José Carlos, *Estado Novo e Alegria no Trabalho Uma História Política da FNAT (1953-1958)*, Lisboa, Edições Colibri, 1999; Rosas, Fernando (coord.), *Nova História de Portugal: Portugal e o Estado Novo (1930-1960)*, Vol. XII, Lisboa, Editorial Presença, 1990; Mattoso, José (dir.), *História de Portugal, O Estado Novo*, Vol. 7, Lisboa, Editorial Estampa, 1994; Ramos, Rui: “A Ciência do Povo e as Origens do Estado Cultural”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, pp. 25-35; Melo, Daniel: “A FNAT entre Conciliação e Fragmentação”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, pp. 37-57; Alves, Vera Marques: “O SNI e os Ranchos Folclóricos”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, pp. 191-205; Félix, Pedro: “O concurso “A Aldeia Mais Portuguesa de Portugal” 1938”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, pp. 207-232; Vasconcelos, João: “O Povo enquanto líbido no Folclorismo Poético de Pedro Homem de Melo”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, pp. 461-481.

¹³⁵ Correia, Mário, *Música Popular Portuguesa: um ponto de Partida*, Coimbra, Edição Centelha - Mundo da Canção, 1984; Ó, Jorge Ramos do, *Os anos de Ferro O dispositivo cultural durante a “Política do Espírito” 1933-1949*, Lisboa, Editorial Estampa, 1999; Melo, Daniel, *Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)*, Viseu, Imprensa de Ciências Sociais, 2001.

¹³⁶ Morodo, Raúl, *Fernando Pessoa e as «Revoluções Nacionais» Europeias*, Lisboa, Caminho, 1997; Carvalho, Mário Vieira de, *Estes Sons, Esta linguagem*, Lisboa, Editorial Estampa, 1978; Carvalho, Mário Vieira de, *O essencial sobre Fernando Lopes-Graça*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1989; Carvalho, Mário Vieira de, *Pensar é Morrer ou o Teatro de S. Carlos na Mudança de Sistemas Sociocomunicativos desde fins do séc. XVIII aos nossos dias*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993; Carvalho, Mário Vieira de, *Razão e Sentimento na Comunicação Musical, Estudos Sobre a Dialéctica do Iluminismo*, Lisboa, Antropos, 1999, 174, 190; Vasconcelos, João: “O Povo enquanto líbido no Folclorismo Poético de Pedro Homem de Melo”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, pp. 461-481.

Obviamente que o trabalho de investigação proposto beneficiou destes contributos diversificados de carácter científico, os quais apresentaram-se construtivamente interconectados entre si. Com efeito, neste contexto, impõe-se o carácter de inovação deste trabalho de investigação, o qual implicará a validade deste projecto de doutoramento. Deste modo, ao inserir-se as duas faces peculiares do fenómeno do nacionalismo (isto é, a versão oficial e a das massas), pretende-se desenvolver um outro modelo de observação que acentue não só a perspectiva das massas populares da sociedade portuguesa como também introduza uma perspectiva de identidade/intencionalidade moldada pela singularidade/sociabilidade do biografado em estudo. Para tal, insere-se uma análise contextual sobre a vida e a obra do escritor e musicógrafo nacionalista Pedro de Freitas. Neste contexto, este trabalho de investigação também procurará investir numa articulação mais profunda a partir da interacção entre a micro e a macro-história. Assim sendo, a formação de Pedro de Freitas foi alicerçada no convívio quotidiano com o estrato popular da sociedade portuguesa, por isso, ele pretendeu assumir-se na qualidade de porta-voz dessa camada social. Além do mais, na luta pelas necessidades deste estrato social, Pedro de Freitas afirmava a sua auto-perspectiva de ter agido em conformidade com os seus ideais morais não manipuláveis pelas ideologias políticas vigentes. No entanto, o comportamento expressivo de Pedro de Freitas, a partir do seu “universo” vivencial, revelará uma contextura dinâmica num múltiplo sentido de observação, isto é, numa visão de manipulador/manipulado quer da parte do sistema político vigente quer da parte das massas, incluindo as estratégias do biografado da História, Pedro de Freitas (através da sua pretensão em assumir-se num defensor das massas afectadas). Porém, a partir da constante interacção entre a especificidade do nacionalismo a nível nacional com o fenómeno do nacionalismo na sua totalidade, admite-se que o estudo sobre a faceta nacionalista de Pedro de Freitas,

ainda que num microprisma interdisciplinar, possa iluminar uma perspectiva pensante e reflexiva sobre algumas das problemáticas do nacionalismo.

Além do mais, salienta-se que Pedro de Freitas escreveu uma extensa bibliografia, da qual fazem parte as suas obras literárias, os seus artigos de imprensa periódica e as suas composições musicais. Neste prisma, convém referir que a restante documentação, inclusive fotográfica, ao fazer parte do seu legado constitui um apoio complementar indispensável. Além disso, salienta-se que embora exista material disperso que revele apreciações críticas acerca de Pedro de Freitas e da sua obra, não existe nenhum trabalho metodológico de fundo que o integre segundo uma perspectiva contextual.

Relativamente à obra literária de Pedro de Freitas constam dezasseis livros publicados, uma comunicação inserida num Colóquio sobre a Música Popular Portuguesa, e um livro manuscrito de versos. Como tal, a obra de Pedro de Freitas é apresentada a seguir por ordem cronológica: *As minhas Recordações da Grande Guerra; História da Música Popular em Portugal; Em França: trinta anos depois; Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc; É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição; Brisas de Espanha: crónicas; José de Freitas no centenário do seu nascimento; Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958; Eu fui à Índia; O I Concurso Nacional de Bandas Cívicas – Madeira e Açores Belezas de Portugal; Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro; Páginas históricas do Passado; Na primeira grande guerra, 1914-1918: um poeta setubalense Vicente José da Silva Penim; O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos); A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978); Versos de Pedro de Freitas (Espontâneos e sem regras académicas) 1965/1982; uma comunicação intitulada “O*

*aprendiz de música é o primeiro escalão do filarmónico”, Em Colóquio sobre Música Popular Portuguesa - comunicações e conclusões; e Quadros de Loulé Antigo*¹³⁷.

Quanto às fontes impressas foram apurados seiscentos e quarenta e oito artigos da autoria de Pedro de Freitas, os quais foram apresentados em vários periódicos maioritariamente nacionais, tais como: *A Avezinha; A Época; A Federação Recreativa (Número especial); A Incrível; A Nossa Terra; A Providência; A Província; A Voz de Loulé; A Voz de Palmela; A Voz do Barreiro; A Voz dos Combatentes; A Voz Portalegrense; Alma Algarvia; Arte Musical; Boletim Asproca; Boletim da C.P.; Cartaya; Caravento; Cidadela; Combatente; Comércio do Funchal; Correio do Sul; Diário do Alentejo; Diário de Notícias; Diário Popular; Feria y Fiestas Cartaya; Folha de Alte; Gazeta do Sul; A Gazeta dos Caminhos de Ferro; Gente da Guerra; Herald;*

¹³⁷ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946; Freitas, Pedro de, *Em França: trinta anos depois*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1950; Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954; Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955; Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957; Freitas, Pedro de, *José de Freitas no centenário do seu nascimento*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Fausto Sebastião de Freitas (ed.), 1958; Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961; Freitas, Pedro de, *Eu fui à Índia*, Barreiro, Pedro de Freitas, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1962; Freitas, Pedro de, *O I Concurso Nacional de Bandas Cívicas – Madeira e Açores Belezas de Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1965; Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973; Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976; Freitas, Pedro de, *Na primeira grande guerra, 1914-1918: um poeta setubalense Vicente José da Silva Penim*, Setúbal, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1977; Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978; Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979; Freitas, Pedro de, *Versos de Pedro de Freitas (Espontâneos e sem regras académicas) 1965/1982*, Barreiro, Livro Manuscrito, 1982, pp. 1-2. [n.º 114, 82-9 FRE/VER, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; Freitas, Pedro de, “O aprendiz de música é o primeiro escalão do filarmónico”, Em *Colóquio sobre Música Popular Portuguesa - comunicações e conclusões*, Lisboa, Instituto Nacional para Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores, Tipografia Freitas Brito, 1984, pp. 89-91; Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.ª (ed.), 1991.

Humanitária; Jornal do Algarve; Jornal de Almada; Jornal do Barreiro; Jornal de Cambra; Jornal de Coimbra; Jornal de Estarreja; Jornal do Exército; Jornal de Felgueiras; Jornal de Moura; Jornal de Sintra; Jornal de Viseu; La Higueirita; Notícias de Pombal; Notícias de Vouzela; O Algarve; O Almanaque do Algarve; O Barreiro; O Comércio de Guimarães; O Distrito de Setúbal; O Eco de Estremoz; O Francês; O Louletano; O Penicheiro; O Primeiro de Maio; O Progresso; O Século; O Sul e Sueste; Povo Algarvio; O Setubalense; Viagem Revista de Turismo; Vida Ferroviária; Vida Ribatejana; Vítimas da Guerra e a Voz do Tejo.

Por sua vez, as composições musicais de Pedro de Freitas serão essencialmente analisadas no contexto em que as mesmas foram compostas e tocadas. Neste percurso, apresentam-se, sempre que possível, as críticas da parte de alguns ouvintes da sua obra musical. Das composições musicais de Pedro de Freitas constam principalmente sete marchas e uma fantasia, as quais são apresentadas respectivamente: *A Minha Primeira Marcha* (1911); *O Patrão* (1918); *Loulé em Festa* (1940); *Viva Loulé* (1940); *Algarve Florido* (1941); *Cartaya em Festa* (1965); *O Concurso* (1970); e a fantasia *Os Clarins – Bailado* (1977).

Em termos de fontes primárias o *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, o *Arquivo Municipal de Cartaya*, a *Biblioteca Nacional de Lisboa*, o *Arquivo Distrital de Faro*, a *Biblioteca Municipal de Tavira* (actualmente designada por *Álvaro de Campos*), constituíram locais primordiais para a leitura e para a recolha da informação bibliográfica. Porém, na altura da pesquisa e da recolha das fontes primárias, o legado documental e musical de Pedro de Freitas encontrava-se no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*. Como tal, o principal problema foi a ausência de catalogação de grande parte dos fundos legados por Pedro de Freitas, os quais apenas constavam de

uma inventariação manual feita pelo próprio autor¹³⁸. Por isso, em alguns casos, para um melhor acesso de algumas fontes utilizadas, optou-se por caracterizar o material de suporte onde essas fontes se encontravam inseridas, aparecendo, deste modo, algumas referências ao *Envelope Castanho* da Câmara Municipal de Loulé, ou ao *Album Cinzento* do Arquivo Histórico Municipal de Loulé. Do mesmo modo, os *Saludos* de Alcaides de Cartaya destinados a Pedro de Freitas; os *Programas Oficiais de Festejos*; ou algumas Cartas dirigidas a Pedro de Freitas por figuras amigas do contexto de Cartaya, foram inseridos dentro das revistas *Feria y Fiestas de Cartaya* do mesmo ano para uma melhor identificação dessas fontes. Por isso, quando aparece a denominação «dentro da revista» significa que aquelas fontes, ao não terem a respectiva cota, encontraram-se dentro das revistas de Cartaya, as quais apresentam o mesmo ano do que aquelas fontes que lhes foram inseridas.

Com efeito, foi a partir do ano de 2001 que se deu início à localização e à leitura das fontes primárias concernentes a Pedro de Freitas. Foi um trabalho moroso e complexo, dada a necessidade da recolha das fontes e do excesso de informação sem logo à partida a existência de critérios de classificação.

Todos os livros escritos por Pedro de Freitas constituem pontos de referência fundamentais na análise da personalidade e das lutas de vida preconizadas pelo autor. Porém, devido à heterogeneidade de algumas obras houve algumas dificuldades em classificá-las segundo temáticas, o que será devidamente justificado ao longo do ponto 3.1.2. (intitulado *Comentário crítico das obras literárias segundo as principais temáticas*).

Além do mais, inclui-se ainda uma apresentação geral das fontes manejadas tanto de arquivo como bibliográficas. Assim, dado o carácter intimista e confidencial da obra

¹³⁸ Martins, Luísa Fernanda Guerreiro, [On-line], <luisa.martins@iol.pt>, [11 de Outubro de 2008].

manuscrita intitulada *Versos de Pedro de Freitas (Espontâneos e sem regras académicas) 1965/1982*, constituída apenas por 26 páginas, a mesma revelou-se importante na compreensão dos seus sentimentos religiosos, regionalistas e populares; dos seus ideais políticos e do seu discernimento sobre a vida, incluindo o seu rigor pelos aspectos espaço-temporais da informação¹³⁹.

A obra *O I Concurso Nacional de Bandas Cívicas – Madeira e Açores Belezas de Portugal* dotou-se cuidadosa na sua apresentação geral e útil na recolha e revelação de várias informações relacionadas com os procedimentos, intenções, colaborações, fotografias, participações e prémios conferidos pelo dito concurso¹⁴⁰.

A obra *Páginas históricas do Passado* teve um papel fundamental no estudo da personalidade política de Pedro de Freitas¹⁴¹.

A obra *José de Freitas no centenário do seu nascimento* revelou-se importante não só na descrição contextual e biográfica do pai de Pedro de Freitas como também nas filiações familiares posteriores¹⁴².

As obras *As minhas Recordações da Grande Guerra* e *Em França: trinta anos depois* foram fundamentais no estudo e problematização dos sentimentos dicotómicos de Pedro de Freitas, os quais umas vezes clamavam pela heroicidade nacional enquanto outras

¹³⁹ Freitas, Pedro de, *Versos de Pedro de Freitas (Espontâneos e sem regras académicas) 1965/1982*, Barreiro, Livro Manuscrito, 1982, [n.º 114, 82-9 FRE/VER, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

¹⁴⁰ Freitas, Pedro de, *O I Concurso Nacional de Bandas Cívicas – Madeira e Açores Belezas de Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1965.

¹⁴¹ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976.

¹⁴² Freitas, Pedro de, *José de Freitas no centenário do seu nascimento*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Fausto Sebastião de Freitas (ed.), 1958.

vezes engendraram a revolta pelos horrores que constituiu a conflagração europeia¹⁴³. No entanto, dado o rigor na indicação das horas, das datas, dos acontecimentos presenciados e dos sentimentos do autor face aos factos vividos, a obra *As minhas Recordações da Grande Guerra* revelou-se num diário comentado com um peso qualitativo na concretização do capítulo relativo à guerra.

As obras *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)* e *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958* manifestaram-se relevantes no contexto dos reconhecimentos conferidos a Pedro de Freitas¹⁴⁴. Sem embargo, esta última obra (*Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*) e a obra *Brisas de Espanha: crónicas* contribuíram para uma percepção valorativa da manutenção de laços culturais peninsulares entre Pedro de Freitas e, principalmente, algumas figuras representativas de Cartaya¹⁴⁵.

A obra *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, embora tenha sido previamente publicada em artigos de imprensa periódica, evidenciou-se relevante porque esta compilação demonstrou a faceta reivindicativa do autor, a partir da qual Pedro de Freitas procurou conferir à música popular portuguesa características mais patrióticas e nacionalistas, enfim, uma música adequada à identidade do povo português, ainda que a mesma incluisse algumas adaptações do cariz nacionalista da música popular espanhola¹⁴⁶.

¹⁴³ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935; Freitas, Pedro de, *Em França: trinta anos depois*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1950.

¹⁴⁴ Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979.

¹⁴⁵ Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961; Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957.

¹⁴⁶ Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955.

A obra *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes* apresentou algumas características biográficas relativas à sua personalidade, qualidades de trabalho, princípios morais, lições de vida, e poder de descrição, tão peculiares do espírito de observação de Pedro de Freitas, bem como algumas informações sobre a evolução da sua carreira profissional, existindo ainda outras partes adicionais que foram revelantes para a caracterização do seu perfil biográfico (de Pedro de Freitas)¹⁴⁷.

A obra *Eu fui à Índia* apresentou algum interesse no perscrutar a razão pela qual Pedro de Freitas foi à Índia, incluindo a sua forma minuciosa e nacionalista de descrever sobre as tradições culturais da então designada *Índia Portuguesa*. Contudo, a atenção que esta obra despertou no prosseguimento da tese relacionou-se muito mais com a explanação que Pedro de Freitas conferiu sobre o seu conceito de música¹⁴⁸.

A obra *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro* não contribuiu muito na feitura deste trabalho de investigação por ser uma obra de carácter heterogéneo e sem grande relevância temática, além de basear-se parcialmente numa selecção de artigos previamente publicados por Pedro de Freitas. Porém, esta obra teve algum contributo de carácter biográfico nas partes acrescentadas pelo autor¹⁴⁹.

A comunicação intitulada “*O aprendiz de música é o primeiro escalão do filarmónico*”, Em *Colóquio sobre Música Popular Portuguesa - comunicações e conclusões*, revelou a persistência e a dedicação de Pedro de Freitas na pedagogia musical. Não obstante, esta comunicação também não constituiu uma mensagem substancial uma vez que enfatizou idealizações que Pedro de Freitas já tinha mencionado noutras ocasiões¹⁵⁰.

¹⁴⁷ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954.

¹⁴⁸ Freitas, Pedro de, *Eu fui à Índia*, Barreiro, Pedro de Freitas, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1962.

¹⁴⁹ Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973.

¹⁵⁰ Freitas, Pedro de: “O aprendiz de música é o primeiro escalão do filarmónico”, Em *Colóquio sobre Música Popular Portuguesa - comunicações e conclusões*, Lisboa, Instituto Nacional para Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores, Tipografia Freitas Brito, 1984, pp. 89-91.

A obra *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)* revelou o sentido ético e moral do autor, contudo, não se manifestou numa obra fundamental porque os contos basearam-se numa componente parcialmente fictícia¹⁵¹.

Sem embargo, a obra *Na primeira grande guerra, 1914-1918: um poeta setubalense Vicente José da Silva Penim* foi a que menos contribuiu para a feitura deste trabalho de investigação por ser parcialmente baseada na obra anterior que Pedro de Freitas escreveu sobre as suas recordações da Primeira Guerra Mundial e por ser uma biografia sem grande relevância para o contexto em causa¹⁵².

Em contrapartida, as obras consideradas fundamentais neste trabalho de investigação foram *História da Música Popular em Portugal* e *Quadros de Loulé Antigo*¹⁵³. Através da obra *História da Música Popular em Portugal* reconheceu-se o esforço do autor em apresentar um trabalho com seriedade e cientificidade. No entanto, esta obra foi criticada por se basear excessivamente em fontes orais. Não obstante, evidenciou-se a extrema dedicação de Pedro de Freitas à música, especialmente às bandas filarmónicas, e a sua tentativa para que estes agrupamentos de carácter popular fossem contemplados e protegidos pelo apoio estatal. Além do mais, esta obra chegou a apresentar alguma amplitude nacional no âmbito oficial, tendo, actualmente, algum interesse no contexto das bandas filarmónicas e da música popular, sendo ainda uma obra conhecida no departamento de Ciências Musicais da *Universidade Nova de Lisboa*. Sem embargo, a obra *Quadros de Loulé Antigo* representou o afínco de Pedro de Freitas à sua terra natal.

¹⁵¹ Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978.

¹⁵² Freitas, Pedro de, *Na primeira grande guerra, 1914-1918: um poeta setubalense Vicente José da Silva Penim*, Setúbal, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1977.

¹⁵³ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946; Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991.

Embora esta obra também tenha sido baseada em fontes orais e na experiência biográfica do autor (tal como foi característica da maioria da sua obra literária), a mesma não deixou de ser apreciada por ser caracterizada por uma forte componente sentimental testemunhada pelo autor, e por ele ter partilhado de muitos dos eventos que descreveu, o que acabou por constituir uma referência valorativa a nível regional. Com efeito, esta obra também tem sido referida em algumas obras que têm sido publicadas no âmbito da cultura popular.

Quanto à obra de imprensa periódica relativa a Pedro de Freitas, houve um intenso trabalho de recolha e de leitura dos diversos artigos encontrados para que posteriormente os mesmos fossem classificados por temáticas. Neste sentido destacaram-se alguns periódicos tais como o *Povo Algarvio* (de Tavira); *O Distrito de Setúbal* (de Setúbal); *A Voz de Loulé* (de Loulé); *O Algarve* (de Faro); e o *Correio do Sul* (de Faro). Como tal, nos periódicos o *Povo Algarvio*, *A Voz de Loulé*, *O Algarve* e o *Correio do Sul*, Pedro de Freitas escreveu muitos artigos sobre o seu apego e sentimentalismo pelos recursos regionais do Algarve e da sua terra natal. No periódico *O Distrito de Setúbal*, Pedro de Freitas escreveu mais sobre a componente educacional e as bandas filarmónicas. Porém, neste periódico (*O Distrito de Setúbal*) e no *Correio do Sul*, Pedro de Freitas também escreveu sobre a temática da guerra.

Outro tema que Pedro de Freitas gostava muito de escrever era sobre as biografias, as quais foram escritas significativamente nos artigos que o autor escreveu para os periódicos *A Voz de Loulé* e o *Correio do Sul*.

Neste contexto ainda foram encontrados muitos artigos escritos por outros autores, os quais directa ou indirectamente se relacionavam com Pedro de Freitas. Estes artigos também foram classificados segundo as intenções que os caracterizaram, podendo-se, de grosso modo, destacar alguns dos autores contemplados, como, por exemplo, José

Maria da Piedade Marques, Manuel Sequeira Afonso, João Corpas Viegas, Luis Cabral Adão, Manuel Joaquim Vaz, Manuel Guerreiro Pereira e Francisco Fernandes Lopes¹⁵⁴.

À exceção destes dois últimos autores (cujos temas se desenvolveram em desacordo e querelas com os ideais protagonizados por Pedro de Freitas), os restantes autores apresentaram opiniões muito favoráveis acerca do autor (Pedro de Freitas).

Contudo, apesar dos testemunhos encontrados existe sempre a noção do carácter irreduzível e ininteligível ocupado pelo indivíduo no seio do seu espaço existencial, e da limitação das fontes, as quais apresentaram apenas informações sobre alguns conflitos e enimizades, ou sobre as lutas e os interesses pessoais do autor. Além do mais, muitas das fontes revelaram informações gerais, outras expressaram referências ainda mais vagas ou reiteradas, exercendo simplesmente funções de honra e de apreço a Pedro de Freitas, subsistindo, deste modo, espaços ocultos que não foram mencionados, tais como a evolução de Pedro de Freitas como escritor; o discernimento de algumas fases distintas no seio da sua obra literária; a sua religiosidade ou a problematização acerca dos seus discursos populistas politicamente apolíticos de antipatia para com as ideologias políticas.

Relativamente à bibliografia usada no primeiro capítulo, intitulado *Percursos de uma vida*, as fontes fundamentais para a contextualização da época em causa foram as obras de Isilda Maria Renda Martins e de Artur Ângelo Barracosa Mendonça¹⁵⁵. Porém, também foram usadas outras fontes de interesse local como a de Raúl Pinto e alguns dos

¹⁵⁴ Ver o ponto 7.3 *Quadro de Temas e Assuntos*, em Anexos.

¹⁵⁵ Martins, Isilda Maria Renda, *Loulé no século XX, Da Decadência da Monarquia à implantação da República*, Vol. 1, Loulé, Edições Colibri, 2001; Mendonça, Artur Ângelo Barracosa, “Publicidade, política e cultura na Imprensa Louletana (1907/1912)”, Em *Arquivo Histórico Municipal de Loulé* (ed.), *Al’-ulã Revista no Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, Loulé, n.º 8, 2001-2002, pp. 445-446.

fundos encontrados no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*¹⁵⁶. Foram igualmente consultadas inúmeras fontes periódicas da autoria de Pedro de Freitas e de outros autores, as quais encontraram-se principalmente no *Arquivo Distrital de Faro* e no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*. Incluíram-se, ainda, inúmeras entrevistas a pessoas amigas de Pedro de Freitas bem como a figuras que o conheceram no contexto louletano¹⁵⁷. Em relação aos subcapítulos dedicados a Pedro de Freitas em terras de Andaluzia, foram usadas essencialmente fontes primárias da sua autoria (de Pedro de Freitas), e fontes de imprensa periódica, quer da autoria de Pedro de Freitas quer de outros autores. Porém, também foram importantes os dois volumes monográficos da autoria de Isilda Maria Renda Martins e as consultas aos fundos da *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*; do *Arquivo Municipal de Ayamonte*; e do *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*. Além do mais, ainda foram relevantes alguns trabalhos periódicos da autoria de Rafael Méndez Andreu¹⁵⁸. As obras de João Liberal foram importantes na caracterização do Barreiro no século XX e no retrato biográfico de Pedro de Freitas.

¹⁵⁶ Pinto, Raul R., *Loulé Roteiro Guia Histórico turístico Comercial e Industrial do Concelho*, Loulé, Gráfica Ideal Águeda, 1951; *Fundo da Sociedade Filarmónica Artista de Minerva Livros de Actas SFAMLLE/B/A/001/LV001 1927-77*; SFUMPLLE/E/002/Mç002 1969, Em Auxílio Pró-Fardamento da *Banda Filarmónica União Marçal Pacheco*, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*; SFUMPLLE/E/001/Lv001 1947-1955, Livro de Receitas da *Banda Filarmónica União Marçal Pacheco* (Funções Financeiras), fôlio n.º 3, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*.

¹⁵⁷ Barros, José Maria da Piedade, na Redacção do Jornal *A Voz de Loulé*, Loulé, 29-08-2001; Vieira, José Cavaco, em *Largo José Cavaco Vieira*, Alte, 29-07-2001; Simões, António dos Santos (pai), e Simões, Luís (Filho), proprietários da *Sapataria Zorro*, Loulé, 08-10-2003; Mascarenhas, Vitor Manuel Guerreiro, *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, em Loulé, Setembro de 2007; Martins, Luísa Fernanda Guerreiro, *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, Loulé, Ano Lectivo de 2004-2005; Cabanita, João Coelho (Padre), Loulé, 30-01-2002.

¹⁵⁸ Martins, Isilda Maria Renda, *Loulé no século XX, Da Decadência da Monarquia à implantação da República*, Vol. I, Loulé, Edições Colibri, 2001; Martins, Isilda Maria Renda, *Loulé no século XX, A Primeira República 1910 a 1926*, Vol. II, Lisboa, Colecção Millennium, 2004; Legado 19, na *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*; *Programas de Fiestas del Rosario 1957-63*, Legajo 759 (1957-1968), na *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*; Legajo 765, na *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*; Legajo 768, na *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*; Legajo 760, *Festejos de Ntra. Sra. De las Angustias (1956-1958)*, no *Arquivo Municipal de Ayamonte*; Revista *Cartaya 1957*, Cartaya, Talleres Tipográficos “La Comercial” de Cartaya, 7 a 10 de Setembro de 1957, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*; Méndez Andreu, Rafael (dir.), *Feria y Fiestas Cartaya 2000*, Cartaya, Ayuntamiento de Cartaya, Septiembre-October 2000.

Ainda neste subcapítulo, dedicado à vida social do Barreiro, foram utilizadas muitas fontes primárias de Pedro de Freitas e outras fontes de imprensa periódica da autoria de outros autores, muitas das quais foram consultadas na *Biblioteca Municipal do Barreiro*¹⁵⁹. Além disso, procedeu-se a alguns contactos e entrevistas a pessoas e a instituições relacionadas com a actividade musical de Pedro de Freitas no Barreiro e em Lisboa, incluindo também o contacto com o seu neto Vitor Manuel Mendes de Freitas¹⁶⁰. Relativamente à temática contextual da *Primeira Grande Guerra Mundial* (para além das fontes primárias de Pedro de Freitas), foram consultadas várias obras de referência como a de José Rodrigues dos Santos; Marc Ferro; Isabel Pestana Marques; Augusto Casimiro; Nuno Severiano Teixeira; Luís Manuel Alves de Fraga; Paulo Pereira; Joaquim Vieira; e Bazilio Teles, encontradas especialmente na *Biblioteca*

¹⁵⁹ Liberal, João, *Histórias Breves de Antigamente*, Barreiro, Edição João Liberal, 1999; Liberal, João, *Da Minha Terra*, Vol. II, Barreiro, Câmara Municipal do Barreiro, 1996; Viegas, Augusto Pereira (ed.) *Um Olhar sobre o Barreiro*, n.º 1, III Série – Nov. 1992, Setúbal, Artes Gráficas, Lda., 1992, p. 34; Costa, Carlos, “Recordando as nossas Bandas de Música”, Em *Jornal do Barreiro*, Barreiro, 26-06-1987; Carvalho, Moraes de, “A visita dos jornalistas de Lisboa e Porto à nossa vila, em 1 de Dezembro corrente”, Em *Éco do Barreiro*, Barreiro, 15-12-1928; Monforte, Ivo de, “Barreiro – Terra de Trabalho!”, Em *Éco do Barreiro*, Barreiro, 15-12-1928; Barreto, Cruz, “Recordações duma viagem ao Barreiro”, Em *Éco do Barreiro*, Barreiro, 15-12-1928; Adão, Luís Cabral, “Pedro de Freitas”, *O Jornal do Barreiro*, Barreiro, 18-11-1983.

¹⁶⁰ *Sociedade Democrática União Barreirense – Os Franceses*, no Barreiro, 03-10-2001; *Banda Municipal do Barreiro*, Barreiro, 03-10-2001; Liberal, João, no Barreiro, 11-11-2002; Freitas, Vitor Manuel Mendes de, Barreiro, 29-03-2003; 29-06-2003.

*Nacional de Lisboa*¹⁶¹. Finalmente, em relação às actividades de Pedro de Freitas na FNAT utilizaram-se muitas fontes de imprensa periódica consultadas no *Arquivo Distrital de Faro*, outras fontes provenientes do fundo documental do *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, além das entrevistas efectuadas aos funcionários do *Instituto Nacional para Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores* (INATEL), anteriormente designado por FNAT, que tinham trabalhado e convivido com Pedro de Freitas¹⁶².

¹⁶¹ Santos, José Rodrigues dos, *Crónicas de Guerra da Crimeia a Dachau*, Lisboa, Gradiva, 2002; Santos, José Rodrigues dos: “Notícias da Frente – História dos Correspondentes de Guerra Portugueses nos Grandes Conflitos Internacionais”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, pp. 268-351; Ferro, Marc, *A Guerra 1914-1918*, Lisboa, edições 70, 2002; Marques, Isabel Pestana: “O Algarve e a Grande Guerra”, Em Maia Marques, Maria da Graça, *O Algarve da Antiguidade aos nossos dias (elementos para a sua história)*, Lisboa, Edições Colibri, 1999, pp. 483-489; Marques, Isabel Pestana: “1914-1918. Comportamentos de Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, pp. 99-135; Casimiro, Augusto, *Nas Trincheiras da Flandres*, Porto, Edição da Renascença Portuguesa, 1918; Teixeira, Nuno Severiano, *O Poder e a Guerra 1914-1918 Objectivos Nacionais e Estratégias Políticas na Entrada de Portugal na Grande Guerra*, Lisboa, Editorial Estampa, 1996; Teixeira, Nuno Severiano: “Portugal e a Grande Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, pp. 14-34; Fraga, Luís Manuel Alves de, *La Lys – A última Batalha do Exército Português*, Actas do IV Colóquio A Historia Militar de Portugal no século XIX, 1993; Fraga, Luís Manuel Alves de, *Portugal na Grande Guerra. O Recrutamento, a Mobilização e o Roulement nas fileiras de Combate. Factores e números*, Actas do VII Colóquio «O Recrutamento Militar em Portugal», 1996; Fraga, Luís Manuel Alves de, *Guerra & Marginalidade O Comportamento das Tropas Portuguesas em França 1917-1918*, Lisboa, Prefácio, 2003; Pereira, Paulo: “A Guerra e a Arte no Contexto Português”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, pp. 352-414; Vieira, Joaquim: “Um Século de Fotografia Marcial”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, pp. 415-439; Telles, Bazilio: “As Lições do Revés do 9 de Abril”, Em Medina, João (dir.), *História Contemporânea de Portugal, da Constituição Republicana ao fim do Regime Parlamentar*, Tomo II, Lisboa, Edição Multilar, 1990, pp. 119-121.

¹⁶² Anónimo, “O I Concurso Nacional de Filarmónicas e bandas Civas está sendo organizado pela F.N.A.T.”, Em *Correio do Sul*, Faro, 10-09-1959; Anónimo “II Grande Concurso Nacional de Bandas de Música Civas promovido pela F.N.A.T.”, *Correio do Sul*, Faro, 27-08-1970; *Comunicação de serviço n.º 26/75* (Lisboa, 12 de Fevereiro de 1975), Em 2.ª Série do 3.º Livro, *Os meus artigos e alguns extras 1965 a 1982*, Pedro de Freitas, n.º 113 A, p. 221, [82-9 FRE/MEU, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; *Comunicação de Serviço n.º 380/71*, Deliberação da *Acta n.º 1251*, 30 de Dezembro de 1971, Circular n.º 76, Album cinzento, Em *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*; *Comunicação de Serviço n.º 42/73*, Deliberação da *Acta n.º 1293*, 12 de Fevereiro de 1973, Circular n.º 75, Album cinzento, Em *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*; Entrevista a Alegria, José Augusto (Cónego), na Casa Sacerdotal – Quinta de Santo António (Évora), 06-06-2002; Entrevista a Oliveira, Manuel de, em Lisboa, 01-02-2002; Entrevista a Oliveira, Manuel de, em Lisboa, 01-02-2002; Entrevista a Silva, Tristão da, INATEL, Lisboa, 17-06-2003; Entrevista a Lucas, Margarida, INATEL, Lisboa, 17-06-2003; Entrevista a Abreu, Isabel, INATEL, Lisboa, 25-06-2003.

O segundo capítulo da tese, intitulado *Pedro de Freitas e a sua obra*, analisa as fontes primárias que já foram referidas anteriormente. Não obstante, em termos de apreciações críticas efectuadas à obra literária de Pedro de Freitas contaram-se, por exemplo, com Alberto Iria, João Faria Lapa, Julião Quintinha, Luís de Freitas Branco; José Bento da Silva, José Malheiro e alguns autores anónimos. Curiosamente, muitas destas apreciações apareceram transcritas pelo próprio autor (Pedro de Freitas), nos seus livros¹⁶³. Nas apreciações críticas em relação às composições musicais de autoria de Pedro de Freitas destacaram-se os comentários feitos por F. Clara Neves; Celestino Rodríguez e Rafael Méndez; e Mário Lyster Franco¹⁶⁴. Houve também opiniões de autores anónimos, e algumas das apreciações às suas composições musicais também foram transcritas por Pedro de Freitas na imprensa periódica¹⁶⁵. Além do mais, com o objectivo de se conhecer mais particularidades sobre cada peça musical da autoria de

¹⁶³ Iria, Alberto: “Obras, Críticas e Impressões”, Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 247; Lapa, João Faria: “Obras, Críticas e Impressões”, Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, pp. 247-248; Quintinha, Julião: “Obras, Críticas e Impressões”, Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, pp. 243-245; Branco, Luís de Freitas: “Prefácio”, Em Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, 1946, p. IX; Silva, José Bento da, *Bandas de Música do Concelho da Póvoa de Lanhoso, Subsídios para a sua História*, Póvoa do Lanhoso, Cadernos Culturais Associação Cultural da Juventude Povoense, Dezembro 1992, pp. 15-24; Malheiro, José, *Associativismo Popular originalidade do Povo Português*, Almada, Câmara Municipal de Almada, 1996, p. 15; Anónimo, “História da música Popular em Portugal por Pedro de Freitas”, Em *O Jornal de Estarreja*, Estarreja, 25-09-1967; Anónimo, “Um livro de investigação Musical História da Música Popular em Portugal”, Em *O Algarve*, Faro, 12-01-1947.

¹⁶⁴ Neves, F. Clara, “Pedro de Freitas incansável trabalhador de oitenta anos”, Em *Correio do Sul*, Faro, 25-07-1974; Rodríguez, Celestino e Méndez, Rafael: “Cartaya en Fiesta. El hallazgo de una partitura”, Em *Cartaya Revista de FERIA 2008*, Cartaya, Ayuntamiento de Cartaya, 2008, p. 177; Franco, Mário Lyster, “Pedro de Freitas muito merecidamente homenageado pela F.N.A.T.”, Em *Correio do Sul*, Faro, 04-11-1971.

¹⁶⁵ Anónimo, “Loulé tributa festa de homenagem de reconhecimento a Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 09-11-1978; Anónimo, “«Os Clarins» última obra musical de Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 21-12-1978; Freitas, Pedro de, “Música e Músicos (Variação em Mi-menor)”, Em *Jornal do Barreiro*, Barreiro, 16-07-1982; Freitas, Pedro de, “Pelo Sector da Música - Uma Carta que não mereceu resposta”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 06-10-1981.

Pedro de Freitas, recorreu-se a informações provenientes dos fundos do *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*¹⁶⁶.

Em relação ao último capítulo, intitulado *Lutas de vida*, ao estudar-se o significado da música segundo a visão do musicógrafo popular Pedro de Freitas, procura-se demonstrar os seus pontos de vista (de Pedro de Freitas), em relação a outros estudos acerca da música, os quais foram inseridos numa perspectiva interdisciplinar. Para tal, consultaram-se trabalhos de investigação não só na área da música como também em outras áreas das Ciências Sociais que revelaram interesse pelo estudo da música. Deste modo, para além das contribuições de alguns estudos no âmbito da Etnomusicologia (John Blacking; Simon Frith, Alan P. Merriam, Kadazi Wa Mukuna, Martin Stokes, Anthony Seeger, Tia Denora), também se consultaram outros estudos de críticos musicais (Eduard Hanslick, Fidelino de Figueiredo); estudos de investigações na área da Neurociência relacionada com a música (Isabelle Peretz e Robert J. Zatorre, Anthony Storr); estudos de psicologia relacionados com a música (David J. Hargreaves e Adrian C. North); e ainda estudos na área da história relacionada com a música (contribuições

¹⁶⁶ Fundos SFUMPLLE/H/B/003/MÇ 001 1973, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*; «F.N.A.T. II Grande Concurso Nacional de Bandas de Música Cívica – Final, Lisboa, 13 a 17 de Outubro de 1971», Em Album Cinzento, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*; *Programa das celebrações de Homenagem e reconhecimento a Pedro de Freitas*, n.º 78, Em Album Cinzento, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*.

musicais no *Bulletin d' Histoire Contemporaine de l' Espagne*)¹⁶⁷. Estes estudos foram consultados sobretudo na *Biblioteca da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas* da

¹⁶⁷ Blacking, John, “Can Musical Universals be heard?”, Em *The World of Music*, Vol. 19, n.º 1 e 2, [s.l.], International Music Council, 1977, pp. 14-22; Blacking, John, *How Musical is man?*, Seattle, University of Washington Press, 1974; Frith, Simon: “Hacia una Estética de la Música Popular”, Em Cruces, Francisco [et al.] (ed.), *Las Culturas Musicales*, Madrid, Editorial Trotta, S.A., 2001, pp. 413-435; Merriam, Alan P.: “Definitions of “Comparative Musicology” and “Ethnomusicology”: an Historian-Theoretical Perspective”, Em *Ethnomusicology*, XXI, 1977, pp.189-204; Mukuna, Kazadi Wa: “Abordagem Interdisciplinar em Etnomusicologia”, Em *Novas Perspectivas em Etnomusicologia* (Seminário), Lisboa, Ministério da Educação, 1989, pp. 23-24; Stokes, Martin (ed.), *Ethnicity, Identity and Music*, Oxford, Berg Publishers, 1994; Seeger, Anthony, *Why Suyá Sing: A Musical Anthropology of an Amazonian People*, Cambridge University Press, 1987; Denora, Tia, *Music in Everyday Life*, Cambridge, Cambridge University Press, 2000; Hanslick, Eduard, *Do Belo Musical Um Contributo para a Revisão da Estética da Arte dos Sons*, Lisboa, Edições 70, 1994; Figueiredo, Fidelino de, *Música e Pensamento (Quatro ensaios marginais e um prólogo)*, Lisboa, Guimarães editores, 1958; Peretz, Isabelle y Zatorre, Robert J., *The Cognitive Neuroscience of Music*, New York, Oxford University Press, 2003; Storr, Anthony, *Music and the Mind*, New York, Random house, 1993; Hargreaves, David J. e North, Adrian C. (ed.), *The Social Psychology of Music*, New York, Oxford University Press, 1997; Aubert, Paul (dir.), *Bulletin d' Histoire Contemporaine de l' Espagne*, Sociétés musicales et chantantes en Espagne (XIX-XX siècles), n.º 20, Centre National de la Recherche Scientifique, Maison des Pays Ibériques, décembre 1994.

Universidade Nova de Lisboa; na New York Public Library; na New York Public Library for Performing Arts e na Biblioteca da Facultad de Geografía e Historia da Universidad de Salamanca. Em relação às campanhas musicais protagonizadas por Pedro de Freitas, consultaram-se inúmeras fontes periódicas de sua autoria e da autoria das figuras que mais se opuseram às suas idealizações (de Pedro de Freitas), nomeadamente os autores Manuel Guerreiro Pereira e Francisco Fernandes Lopes, cujas fontes foram essencialmente consultadas na Biblioteca Municipal de Tavira e no Arquivo Histórico Municipal de Loulé¹⁶⁸.

Ao se problematizar sobre a complexidade ambígua peculiar do perfil político de Pedro de Freitas, as sintonias ambivalentes e nem sempre inteligíveis entre as suas pretensões (de Pedro de Freitas), e as preconizadas pelo *Estado Novo*; (incluindo as suas aprendizagens interpretativas sobre o passado histórico-político nacional relacionadas com alguns ditos usados na sabedoria popular, ou o discernir sobre a sua peculiar visão nacionalista), foram importantes as contribuições das obras escritas e/ou editadas por Salwa El-Shawan Castelo-Branco e Jorge Freitas Branco; Daniel Melo; José Carlos Valente; Fernando Rosas; José Mattoso; Mário Vieira de Carvalho; João Soeiro de Carvalho; Mário Correia; Martha L. Cottam e Richard W. Cottam; Anthony D. Smith; Michael Billing; Montserrat Guibernau e John Hutchinson; Gerard Delanty e Krishan Kumar; George L. Mosse; Isabel Burdiel; Charles Taylor; Louis Dumont; e H. William Epstein, a maioria destas obras foram consultadas na *Biblioteca Nacional de Lisboa* e

¹⁶⁸ Ignotus, [ou Pereira, Manuel Guerreiro], “Pinceladas”, Em *O Louletano*, Loulé, 01-09-1938; Lopes, Francisco Fernandes, “Uma Aventura musicologica I”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 17-05-1953.

em *New York Public Library*¹⁶⁹. Finalmente, para a compreensão das similitudes e das discrepâncias entre o nacionalismo defendido por Fernando Lopes-Graça e por Pedro de Freitas; ou para a noção de nacionalismo musical cultural, foram relevantes as obras de Fernando Lopes-Graça, Teresa Cascudo, Mário Vieira de Carvalho, Gonzalo de Martín Tenllado, Jaime Pahissa; Macario Santiago de Kastner e de Paulo Ferreira de Castro, muitas destas obras foram encontradas na *Biblioteca Nacional de Lisboa*, *Biblioteca da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de*

¹⁶⁹ Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003; Melo, Daniel, *Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)*, Viseu, Imprensa de Ciências Sociais, 2001; Valente, José Carlos, *Estado Novo e Alegria no Trabalho Uma História Política da FNAT (1953-1958)*, Lisboa, Edições Colibri, 1999; Rosas, Fernando (coord.), *Nova História de Portugal: Portugal e o Estado Novo (1930-1960)*, Vol. XII, Lisboa, Editorial Presença, 1990; Mattoso, José (dir.), *História de Portugal, O Estado Novo*, Vol. 7, Lisboa, Editorial Estampa, 1994; Carvalho, Mário Vieira de, *Razão e Sentimento na Comunicação Musical, Estudos Sobre a Dialéctica do Iluminismo*, Lisboa, Antropos, 1999; Carvalho, Mário Vieira de, *Pensar é Morrer ou o Teatro de S. Carlos na Mudança de Sistemas Sociocomunicativos desde fins do séc. XVIII aos nossos dias*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993; Correia, Mário, *Música Popular Portuguesa: um ponto de Partida*, Coimbra, Edição Centelha - Mundo da Canção, 1984; Carvalho, João Soeiro de: “A Nação Folclórica: projecção nacional, política e etnicidade em Portugal”, Em *Revista de Música Transcultural Music Review*, 2, 1996, pp. 1-11, [On-line], <<http://www.sibetrans.com/trans/trans2/soeiro.htm>>, [consulta: 19 de Agosto de 2007]; Cottam, Martha L. e Cottam, Richard W., *National and Politics The Political Behavior of Nation States*, Boulder, London, Lynne Rienner Publishers, 2000; Smith, Anthony D.: “Nations and History”, Em Guibernau, Montserrat e Hutchinson, John (ed.), *Understanding Nationalism*, Cambridge, Polity Press, 2001, pp. 9-31; Smith, Anthony D., *National Identity*, Reno, Las Vegas, London, University of Nevada Press, 1991; Billing, Michael, *Banal Nationalism*, London, Sage Publications, 2002; Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006; Mosse, George L., *La Nacionalización de las Masas: Simbolismo Político y Movimientos de Masas en Alemania desde las Guerras Napoleónicas al Tercer Reich*, Argentina, Siglo XXI Editores, 2007; Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, pp. 19-47; Taylor, Charles, *Sources of the Self. The Making of the Modern Identity*, Crambridge, Massachusetts, Harvart University Press, 1992; Dumont, Louis, *Essays on Individualism. Modern Ideology in Antropological Perspective*, Chicago, London, University of Chicago Press, 1992; Epstein, William H. (ed.), *Contesting the Subject: Essays in the Postmodern Theory and Practice of Biographical Criticism*, Indiana, Purdue University Press, 1991.

Lisboa, na *New York Public Library*, e na *New York Public Library for Performing Arts*¹⁷⁰.

1.3.1. Tratamento das fontes bibliográficas

As obras literárias de Pedro de Freitas serão seleccionadas de acordo com o principal assunto temático incidente. Além do mais, as suas obras literárias ainda serão analisadas a partir de alguma opinião testemunhada no que os outros autores escreveram acerca das mesmas.

Quanto às fontes periódicas será feito um estudo sobre a localidade dos respectivos jornais escritos por Pedro de Freitas; um gráfico acerca da sua actividade produtiva ao longo dos anos; um estudo relacionado com os principais temas que o autor mais contemplou na sua escrita jornalística (o Bairrismo, o Associativismo, a Guerra, as Biografias, as Viagens, a Sociedade e Outros), e os periódicos que mais reportaram a

¹⁷⁰ Lopes-Graça, Fernando, *Introdução à música moderna*, Lisboa, Edição Cosmos, 1942; Lopes-Graça, Fernando, *A Música Portuguesa e os seus Problemas*, Vol. 1, Porto, Edições Lopes da Silva, 1944; Lopes-Graça, Fernando, *A Música Portuguesa e os seus Problemas II*, Lisboa, Caminho, 1989; Lopes-Graça, Fernando, *Nossa Companheira Música*, Lisboa, Editorial Caminho, 1992; Cascudo, Teresa: “Que fazer sem um Camões músico? – Fernando Lopes-Graça e o problema da tradição da música portuguesa”, Em *Revista Portuguesa de Musicologia n.º 6*, Lisboa, 1996, pp. 127-139; Cascudo, Teresa: “A década da Invenção de Portugal na música erudita (1890-1899)”, Em *Revista Portuguesa de Musicologia n.º 10*, Lisboa, 2000, pp. 181-226; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946; Carvalho, Mário Vieira de, *O essencial sobre Fernando Lopes-Graça*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1989; De Martín Tenllado, Gonzalo, *Eduardo Ocón El Nacionalismo Musical Español*, Málaga, Editiones Seyer, 1991; Pahissa, Jaime, *Sendas y Cumbres de la música española*, Buenos Aires, Hachette, 1955; Kastner, Macario Santiago de, *Música hispânica: o estilo do Padre Manuel Rodrigues Coelho e a interpretação da música para tecla desde 1450 até 1650*, Lisboa, Ática, 1936, pp. 14-16; Ferreira de Castro, Paulo: “O que fazer com o século XIX? Um olhar sobre a historiografia musical portuguesa”, Em *Revista de Musicologia n.º 2*, Lisboa, 1992, pp. 171-183; Ferreira de Castro, Paulo: “Nacionalismo Musical ou equívocos da Portugalidade”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan (ed.), *Portugal e o Mundo o Encontro de Culturas na Música*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1997, pp. 155-170.

essas temáticas. Por sua vez, algumas das principais temáticas serão subdivididas em subtemáticas (Bairrismo Luta [BL], Bairrismo Enaltecimento [BE]; Associativismo Sindical [AS]; Associativismo Musical Problemas e Soluções [AMPS], Associativismo Musical Investigação [AMI], Associativismo Musical Componente Educacional [AME]; Associativismo Musical Crítica [AMC]; Biografias de outras personagens [XO], Biografia de Pedro de Freitas [XPF]; Guerra e Camaradagem [GC], Guerra e Sociedade [GS], Guerra e Homenagem [GH]). Além do mais, sempre que possível, analisa-se uma relação entre as subtemáticas e as respectivas zonas geográficas de incidência a nível nacional e, em sentido mais restrito, a nível internacional.

Por outro lado, também serão contemplados os periódicos escritos por outros autores, os quais directa ou indirectamente apareceram relacionados a Pedro de Freitas. Deste modo, esses periódicos, escritos por outros autores, serão divididos em temas de interesse suscitados pelos seus conteúdos relacionados com Homenagens [H]; Recensões de Obras [RO]; Respostas [R] e Entrevistas [E]. Por sua vez, estes temas ainda serão interceptados de acordo com os principais temas e subtemas estudados na obra de imprensa periódica de Pedro de Freitas.

Sem embargo, a obra musical de Pedro de Freitas também será confrontada e analisada de acordo com algumas opiniões críticas, e segundo os vários contextos de performance.

Assim, o conjunto global destes estudos possibilitarão um conhecimento não só quantitativo como também qualitativo do interesse temático mais contemplado por Pedro de Freitas. Além do mais, estes estudos também pretendem atestar a receptibilidade de alguma opinião crítica face à sua obra literária, de imprensa periódica e musical.

1.3.2. Proposta metodológica

No seguimento da metodologia proposta por Isabel Burdiel pretende-se dispôr de um “método biográfico” onde a História de Vida, ao transcender um papel complementar da História geral, possa assumir um estatuto preponderante no fazer da própria História¹⁷¹. Não obstante, uma vez que a interpretação da biografia seja capaz (ainda que microscopicamente), de trazer reflexões acerca do mundo e de nós mesmos, então passamos a evidenciar novas ideias que podem mudar a nossa compreensão acerca da verdade histórica¹⁷².

De facto, com a emergência da metodologia qualitativa o “método biográfico” deixou de pôr a exclusividade no salvaguardar de um património cultural porque, neste sentido, a história de vida seria registada somente para mumificar os últimos testemunhos e através deles uma sociedade passada¹⁷³. É pois pelo acesso ao conhecimento ininteligível de um sistema social que a “unicidade” de uma história de vida atinge outras dimensões¹⁷⁴. Neste contexto, o processo biográfico ao estar ligado a dinâmicas de mudança, fenómenos de ruptura, de anomia e de crises acaba por ter um interesse que ultrapassa a intenção primária de um mero registo de saberes: «*se convierte en*

¹⁷¹ Burdiel, Isabel, *Isabel II No se puede Reinar Inocentemente*, Madrid, Editorial Espasa Calpe, S. A., 2004, 21-25; Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, pp. 19-47.

¹⁷² Pekacz, Jolante T.: “Memory, History and Meaning: Musical Biography and its Discontents”, *Journal of Musicological Research*, n.º 23, London, Routledge, Taylor & Francis Group, 2004, p. 45.

¹⁷³ Morin, Françoise: “Prácticas Antropológicas e Histórias de vida”, Em Marinas, José Miguel [*et al.*], *La Historia Oral: Métodos y Experiencias*, Madrid, Editorial Debate, 1993, p. 100; Leite, Carolina: “Conto e Histórias de Vida nas Ciências Sociais”, Em Martins, Manuela (dir.), *Comunicação e Sociedade I*, Vol. 12, n.º 1,2, Braga, Edição Cadernos dos Noroeste, 1987, p. 220.

¹⁷⁴ Digneffe, Françoise e Beckers, Myriam: “Do individual ao social: a abordagem biográfica”, Em Albarello, Luc [*et al.*], *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva, 1997, p. 207; Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, pp. 19-47.

revelador de interacciones, de conflictos y de retos sociales y políticos»¹⁷⁵. Assim, o investigador ao estudar uma biografia tem de investir na restituição dos laços entre o indivíduo e a sociedade. Desta forma, através da biografia é possível reinterpretar antigos problemas, trazer diferentes abordagens, problematizar questões novas ou diferentes face às que já se sabia, permitindo que ela se revele como um lugar de observação e de reflexão de mecanismos sociais que anteriormente não eram tão evidentes. Neste prisma, a metodologia das histórias de vida permite uma orientação descritiva, interpretativa, reflexiva, sistemática e crítica dos documentos sobre a vida que descrevem momentos pontuais da existência e que também contêm uma série de feitos, riqueza, significação e intencionalidade¹⁷⁶. Destes documentos fazem parte por exemplo as autobiografias, as biografias, os diários, as narrações de vida, as histórias de vida, as narrações de experiências pessoais, as histórias pessoais e as histórias orais¹⁷⁷. Contudo, se todo o conhecimento é sempre parcial, se a realidade é uma construção e se a identidade é um “estado” em processo, os relatos de alguém sobre si mesmo expressam mais a “fidelidade” dessa pessoa para consigo mesma¹⁷⁸. Deste modo, o sujeito, no processo de comunicar pela escrita, revela a sua identidade pelo modo como

¹⁷⁵ Morin, Françoise: “Prácticas Antropológicas e Histórias de vida”, Em Marinas, José Miguel [*et al.*], *La Historia Oral: Métodos y Experiencias*, Madrid, Editorial Debate, 1993, p. 100.

¹⁷⁶ López-Barajas Zayas, Emilio: “Prólogo”, Em López-Barajas Zayas, Emilio (ed.), *Las Historias de vida y la investigación biográfica*, Madrid, Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1996, pp. 7-8.

¹⁷⁷ López-Barajas Zayas, Emilio: “Las Historias de la vida fundamentos y metodología”, Em López-Barajas Zayas, Emilio (ed.), *Las Historias de vida y la investigación biográfica*, Madrid, Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1996, p. 12.

¹⁷⁸ A “fidelidade” é entendida por “moral em carácter”. A fidelidade caracteriza-se por uma construção intersubjectiva entre o dizer e o receber, tendo em conta a ressonância do contexto social e cultural envolvente. Blumenfeld-Jones, Donald: “Fidelity as a criterion for practicing and evaluating narrative inquiry”, Em Hatch, J. Amos e Wisniewski, Richard, *Life History and Narrative*, London and New York, RoutledgeFalmer, 1995, pp. 26-35; Fischer, Beatriz Daudt: “Foucault e Histórias de Vida: Aproximações e Que Tais”, Em *Revista História da Educação Asphe*, Pelotas, Vol. 1, n.º 1, 1997, p. 11, [On-line], <http://www.educacaonline.pro.br/foucault_e_historias.asp>, [consulta: 20 de Agosto de 2007].

vê o mundo e a si próprio: «Ao dizer o mundo o homem diz-se a si mesmo»¹⁷⁹. Ao ser leitor e escritor da sua própria vida, o indivíduo não cessa de refigurar todas as histórias “verídicas e fictícias” que reconta sobre si. Porém, essas refigurações constituem a “identidade da narrativa” que é a trama da própria vida repleta de intrigas diferentes e mesmo opostas¹⁸⁰. Neste sentido, a “identidade da narrativa” supõe a “ipseidade”, compreendida como a abertura de um ser afectado pelo mundo em contraste com a “mesmidade”, ou seja, as características permanentes que identificam um indivíduo a si mesmo¹⁸¹. Deste modo, a narrativa constitui um lugar privilegiado para a “hermenêutica do si”, estabelecendo as bases para a constituição de um ser em projecto que se procura através da interpretação das suas acções, dos símbolos, dos textos e dos dados referenciais de uma cultura¹⁸². Assim, os relatos autobiográficos apresentam um laço indissociável entre a experiência e a sua reelaboração enquanto abertura para revivificar e recriar o vivido¹⁸³. Por isso, a condição da narrativa, ao autonomizar-se do seu contexto sociopsicológico de produção, apreende o sujeito na mutabilidade de uma vida, e, ao revivificar e recriar o vivido pelas experiências e expectativas de uma dada

¹⁷⁹ Silva, Miguel Franquet dos Santos: “O contributo da comunicação para a constituição de “si mesmo”, *Seminário de Licenciatura em Comunicação Social e Cultural*, Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Ciências Humanas, Setembro 2001, p. 40, [On-line],

<<http://bocc.ubi.pt/pag/franquet-miguel-comunicacao-si-mesmo.html>>, [consulta: 19 de Agosto de 2007].

¹⁸⁰ Ricoeur, Paul, *Tempo e narrativa (tomo III)*, São Paulo, Papyrus, 1997, pp. 425-427.

¹⁸¹ Carvalho, Isabel Cristina Moura: “Biografia, Identidade e Narrativa: Elementos para uma Análise Hermeneutica”, Em *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 9, n.º 19, Julho 2003, p. 291; Silva, Miguel Franquet dos Santos: “O contributo da comunicação para a constituição de “si mesmo”, *Seminário de Licenciatura em Comunicação Social e Cultural*, Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Ciências Humanas, Setembro 2001, pp. 11, 35, 40, [On-line],

<<http://bocc.ubi.pt/pag/franquet-miguel-comunicacao-si-mesmo.html>>, [consulta: 19 de Agosto de 2007].

¹⁸² Silva, Miguel Franquet dos Santos: “O contributo da comunicação para a constituição de “si mesmo”, *Seminário de Licenciatura em Comunicação Social e Cultural*, Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Ciências Humanas, Setembro 2001, p. 45, [On-line], <<http://bocc.ubi.pt/pag/franquet-miguel-comunicacao-si-mesmo.html>>, [consulta: 19 de Agosto de 2007].

¹⁸³ Carvalho, Isabel Cristina Moura: “Biografia, Identidade e Narrativa: Elementos para uma Análise Hermeneutica”, Em *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 9, n.º 19, Julho 2003, p. 287.

actualidade, inscreve a acção humana numa temporalidade de cariz atemporal¹⁸⁴. Por sua vez, os relatos sobre a vida ou as autobiografias visam sobretudo possibilitar a emergência da narrativa do discurso e determinar as condições em que o indivíduo pode ocupar na mesma para ser sujeito: «a utilização de depoimentos ou relatos de alguém sobre si mesmo tem como objectivo menos a busca da verdade e muito mais a identificação das condições de possibilidades para que determinada narrativa emerja enquanto discurso»¹⁸⁵.

Deste modo, em traços gerais e interdependentes, procura-se apontar de forma sistemática as especificidades do “método biográfico” proposto. Em primeiro lugar, pretende-se ultrapassar a resistência associada à dicotomia entre o indivíduo e a sociedade: «A sociedade engendra as ideologias, os valores e as técnicas, mas são os homens que as fazem, transportam e vivem e isto ao longo do desenrolar diário de cada existência»¹⁸⁶.

Neste sentido, o “método biográfico” propõe descobrir a relação do social no individual: «Se nós somos, se cada indivíduo representa a repropriação singular do universal social e histórico que o rodeia, podemos conhecer o social partindo da especificidade irreduzível de uma praxis individual»¹⁸⁷. Por outro lado, um indivíduo que conte a sua história não só fornece informações sobre as condições de vida, os valores, os hábitos do seu grupo e da sua classe, mas também sobre a sua relação singular com esses

¹⁸⁴ Carvalho, Isabel Cristina Moura: “Biografia, Identidade e Narrativa: Elementos para uma Análise Hermeneutica”, Em *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 9, n.º 19, Julho 2003, pp. 287; 291; Carmelo, Luís: “À luz do deslize da “ipséité” De Ricoeur às demandas reflexivas de Deleuze e Damásio”, Universidade Autónoma de Lisboa, Outubro de 2001, p. 2, [On-line], <<http://bocc.ubi.pt/pag/carmelo-luis-deslize-ipseite.pdf>>, [consulta: 19 de Agosto de 2007].

¹⁸⁵ Fischer, Beatriz Daudt: “Foucault e Histórias de Vida: Aproximações e Que Tais”, Em *Revista História da Educação Asphe*, Pelotas, Vol. 1, n.º 1, 1997, p. 12, [On-line], <http://www.educacaoonline.pro.br/foucault_e_historias.asp>, [consulta: 20 de Agosto de 2007].

¹⁸⁶ Poirier, Jean; Clapier-Valladon, Simone e Raybaut, Paul, *Histórias de Vida Teoria e Prática*, Oeiras, Celta Editora, 1995, p. 145.

¹⁸⁷ Ferraroti, F., *Histoire et histoires de vie. La méthode biographique dans les sciences sociales*, trad. Fr., Paris, Méridiens Klincksieck, 1983, p. 51. Ver também Albarello, Luc, [et al.], *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva, 1997, p. 207.

valores e regras de comportamento: «é possível através do método biográfico, captar a relação entre o ponto de vista subjectivo do homem e a sua inscrição na objectividade de uma história. De facto as histórias de vida dão-nos uma dimensão da negociação que o indivíduo constantemente promove face aos constrangimentos sociais de que é alvo. Podemos assim avaliar o peso das determinações sociais nos percursos individuais»¹⁸⁸.

Ao ultrapassar esta ambiguidade, o “método biográfico” situa-se na encruzilhada entre a pessoa e a sociedade que é a própria história de vida. Por isso, considera-se que as bases epistemológicas do “método biográfico” implicam uma forma de razão dialéctica capaz de compreender a praxis recíproca que governa a interacção entre um indivíduo e um sistema social¹⁸⁹. Deste modo, a história individual será entendida como um processo de mediação entre os grupos primários, as instituições e o próprio indivíduo: «A abordagem biográfica evidencia estes mecanismos transaccionais e intermediários da relação entre o individual e o social»¹⁹⁰. Nesta perspectiva, a abordagem biográfica pretenderá prospectar alguns dos processos semióticos e semânticos das “redes sociais” mediadas entre o funcionamento do individual e do social¹⁹¹. Com efeito, são estas linguagens e metalinguagens, resultantes dos paradigmas mediados pelo jogo da

¹⁸⁸ Leite, Carolina: “Conto e Histórias de Vida nas Ciências Sociais”, Em Martins, Manuela (dir.), *Comunicação e Sociedade 1*, Vol. 12, n.º 1,2, Braga, Edição Cadernos dos Noroeste, 1987, p. 224.

¹⁸⁹ Ferraroti, Franco: “Sobre la autonomía del método biográfico”, Em Marinas, José Miguel [et al.], *La Historia Oral: Métodos y Experiencias*, Madrid, Editorial Debate, 1993, p. 122.

¹⁹⁰ Digneffe, Françoise e Beckers, Myriam: “Do individual ao social: a abordagem biográfica”, Em Albarello, Luc [et al.], *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva, 1997, p. 209.

¹⁹¹ Sartre, Jean-Paul, *Questions de méthode*, Paris, Gallimard, 1986; Elder, Glen: “Historia y Traectoria Vital”, Em Marinas, José Miguel [et al.], *La Historia Oral: Métodos y Experiencias*, Madrid, Editorial Debate, 1993, p. 199-200; Téllez Alarcia, Diego: “D. Ricardo Wall: de la biografía, la narratividad, la prosopografía, el hipertexto y otras especies”, Em proyecto de investigación *El enseñadismo: el grupo del marqués de la Ensenada y la oposición antiensenedista*, financiado por la Universidad de La Rioja (API-00/B16) y el Gobierno de La Rioja (ANGI2000/28), 2000, p. 7, [On-line], <<http://www.tiemposmodernos.org/floridablanca/textotellez.htm>>, [consulta: 19 de Agosto de 2007]; Carmelo, Luís: “A música dos signos: Da lógica de John Deely à semiose de António Damásio”, Universidade Autónoma de Lisboa, 2000, pp. 4, 11-12, [On-line], <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/carmelo-luis-musica-signos.pdf>>, [consulta: 19 de Agosto de 2007].

intersubjectividade indivíduo-sociedade, que constituem um dos objectos mais intrigantes da pesquisa da actualidade¹⁹².

Segundo Pierre Bourdieu, existe uma mediação entre as estruturas e as práticas que torna possível (através do relato e jogos de linguagem), o investigador reconhecer a classe social, a atribuição de identidade e os “efeitos de verdade” que identificavam o indivíduo em estudo¹⁹³. A estes processos, Pierre Bourdieu chamou os “habitus de classe”¹⁹⁴, os quais são espécies de ‘programas historicamente montados’ que indicam ao indivíduo maneiras de ser e de se comportar nas situações sociais: *«é o resultado de um conjunto de práticas que se foram constituindo ao longo do tempo, que foram sendo capitalizadas em função da sua pertinência, quer dizer, da sua capacidade de fornecer respostas às condições concretas de existência num dado momento, e que se transmitem de geração em geração»*¹⁹⁵.

Contudo, perante as problemáticas relacionadas com a imprevisibilidade da acção comportamental, a constante construção de identidade do sujeito da acção, e o carácter irreduzível e lacunar da própria história, o “método biográfico” interessa-se mais em contemplar o que escapa às estatísticas, às regularidades dominantes e aos determinismos macro-sociológicos. Neste prisma, torna-se acessível o particular, as rupturas, os intertícios e os equívocos, que são os elementos fundamentais da realidade social, os quais permitem captar a espessura do social na sua diversidade e múltiplas

¹⁹² Carmelo, Luís: “A música dos signos: Da lógica de John Deely à semiose de António Damásio”, Universidade Autónoma de Lisboa, 2000, p. 13, [On-line], <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/carmelo-luis-musica-signos.pdf>>, [consulta: 19 de Agosto de 2007]; Pekacz, Jolante T.: “Memory, History and Meaning: Musical Biography and its Discontents”, *Journal of Musicological Research*, n.º 23, London, Routledge, Taylor & Francis Group, pp. 50-51.

¹⁹³ Bourdieu, Pierre, “L’ illusion biographique”, *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 62/63, 1986, pp. 69-73; Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, p. 37.

¹⁹⁴ Bourdieu, Pierre, “L’ illusion biographique”, *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 62/63, 1986, pp. 69-73.

¹⁹⁵ Digneffe, Françoise e Beckers, Myriam: “Do individual ao social: a abordagem biográfica”, Em Albarello, Luc [et al.], *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva, 1997, p. 209.

contradições¹⁹⁶. Por isso, esta abordagem biográfica insurge-se numa visão alternativa aos métodos que contemplam os comportamentos humanos como reflexos passivos de um condicionamento geral, isto é, como seres humanos sem iniciativa imprevisível, sem consciência crítica e sem vontade de acção sobre o socioestrutural. Do mesmo modo, esta abordagem biográfica evidencia-se numa linha oposta aos métodos que esvaziam a ordem social de qualquer contradição profunda¹⁹⁷. Neste contexto, propõe-se um projecto de análise que repense a História a partir de um plano contextualizado de vários prismas de baixo para cima e de cima para baixo, isto é, do ponto de vista das massas populares - das estratégias da política vigente - e do sujeito da acção, e vice-verso. Deste modo, estudar-se-ão as revoltas populares, as contestações políticas e sociais que estiveram subjacentes na transição da *Monarquia* para a *Implantação da República* (5 de Outubro de 1910); as reacções da sociedade civil portuguesa face à *Primeira Grande Guerra Mundial* e o seu significado político a nível nacional e internacional; as respostas e reivindicações da parte das massas populares (com especial relevância no procedimento comportamental de Pedro de Freitas), e os objectivos engendrados pela política cultural, especialmente durante o período do *Estado Novo* (1933-1974). Estas análises serão perscrutadas através das fontes literárias e da imprensa periódica da época em causa, as quais, por sua vez, serão confrontadas com obras posteriores. Por outro lado, como está em causa o reconstruir uma biografia de uma pessoa que pretendeu afirmar-se representante do estrato popular, torna-se

¹⁹⁶ Gaulejac, V. de, “Approche sociopsychologique des histoires de vie”, Em *Éducation permanente*, 72-73, Março, 1984, p.36.

¹⁹⁷ Bertaux, Daniel: “L’ approche biographique, sa validité méthodologique, ses potentialités”, Em *Cahiers internationaux de sociologie*, Vol. 69, 1980, p. 218; Digneffe, Françoise e Beckers, Myriam: “Do individual ao social: a abordagem biográfica”, Em Albarello, Luc [et al.], *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva, 1997, p. 210; Antonio Nogueira, José: “¿Quien teme al individualismo metodológico? Un análisis de sus implicaciones para la teoría social”, Em *Papers Revista de Sociología*, n.º 69, Barcelona, Universidade Autònoma de Barcelona, 2003, p. 103; Ferraroti, Franco, *Histoire et histoires de vie. La méthode biographique dans les sciences sociales*, tradução francesa por Marianne Modak, Paris, Méridiens Klincksieck, 1990, p. 55.

importante o acesso às fontes orais que partilharam com o biografado desse passado vivido. Deste modo, validar-se-ão as entrevistas a pessoas que possam contribuir na descodificação da linguagem da cultura popular e na reinterpretação dos contextos político-sociais em causa¹⁹⁸.

No entanto, a análise da história de vida deve evidenciar não só as interpretações como também as iniciativas do indivíduo (neste caso, de Pedro de Freitas face às determinações sociais): «*O relato de vida produz um material que exprime simultaneamente o peso das determinações sociais nas trajectórias individuais, mas também a relação dos actores com essas determinações e, por conseguinte, a sua criatividade própria*»¹⁹⁹. Por isso, procurar-se-á sobretudo valorizar uma análise historiográfica que evidencie os significados das acções humanas (e das suas reinterpretações), numa perspectiva “a partir de dentro”, isto é, contada segundo o ponto de vista do biografado, oportunizando, num “processo emancipatório”, que o mesmo tenha voz na sua própria história através do seu testemunho plasmado nas várias citações das suas obras bibliográficas²⁰⁰. Neste sentido, este projecto teórico visa reflectir sobre a vida do biografado nos vários ambientes sociopolíticos peculiares do espaço temporal da sua vida com o peso dos condicionalismos que influenciaram a sua profissão, que manipularam e implicaram as suas decisões, as suas iniciativas e as suas manobras político-sociais. Além do mais, este projecto de investigação visa também problematizar sobre a diversidade de actuações, de colaborações, de iniciativas, de respostas e de justificações (em muitos sentidos de índoles ambíguas), processadas pelo

¹⁹⁸ Burke, Peter: “Obertura: La nueva Historia, su pasado y su futuro”, Em Burke, Peter (ed.), *Formas de Hacer Historia*, Madrid, Alianza Editorial, 1993, p. 16.

¹⁹⁹ Digneffe, Françoise, e Beckers, Myriam: “Do individual ao social: a abordagem biográfica”, Em Albarello, Luc [*et al.*], *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva, 1997, pp. 207-208.

²⁰⁰ Fischer, Beatriz Daudt: “Foucault e Histórias de Vida: Aproximações e Que Tais”, Em *Revista História da Educação Asphe*, Pelotas, Vol. 1, n.º 1, 1997, p. 12, [On-line], <http://www.educacaonline.pro.br/foucault_e_historias.asp>, [consulta: 20 de Agosto de 2007].

indivíduo em estudo para dar sentido, significado e coerência à qualidade incoerente, falaciosa e ilusória da própria vida²⁰¹. Assim, a pessoa em estudo acaba por ser uma testemunha privilegiada e reveladora da sua época, expressando as estruturas e as ideologias latentes ou ocultas no contexto em que viveu²⁰². Por isso, a abordagem metodológica proposta procura validar o saber individual, conferindo-lhe uma posição relevante no testemunho crítico da análise social²⁰³. Deste modo, torna-se necessário optar por uma estratégia interpretativa que a partir das fontes orais e escritas tente captar o pormenor e o carácter inefável que envolve a complexidade do ser em estudo, suscitando uma renovada dimensão e problematização face aos problemas sociais de uma época vivida²⁰⁴. Neste sentido, o método biográfico permitirá numa perspectiva interaccionista captar diferentes intersubjectividades²⁰⁵. No caso específico da análise da vida e da obra de Pedro de Freitas perscruta-se como as condutas individuais foram condicionadas segundo o intercâmbio de determinados factores político-nacionais e internacionais; analisam-se como foram aceites alguns mecanismos ideológico-políticos numa situação imediata (sincrónica), e como os mesmos critérios que eram aceites

²⁰¹ Pekacz, Jolante T.: “Memory, History and Meaning: Musical Biography and its Discontents”, *Journal of Musicological Research*, n.º 23, London, Routledge, Taylor & Francis Group, 2004, pp. 39 e 45-46; 61; López-Barajas Zayas, Emilio: “Las Historias de la vida fundamentos y metodología”, Em López-Barajas Zayas, Emilio (ed.), *Las Historias de vida y la investigación biográfica*, Madrid, Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1996, p. 13.

²⁰² Morales Moya, Antonio: “Biografía y narración en la Historiografía actual”, Em Sánchez Nistal, José María [et al.], *Problemas Actuales de la Historia*, Salamanca, Ediciones Universidad, 1993, p. 240.

²⁰³ Leite, Carolina: “Conto e Histórias de Vida nas Ciências Sociais”, Em Martins, Manuela (dir.), *Comunicação e Sociedade 1*, Vol. 12, n.º 1,2, Braga, Edição Cadernos dos Noroeste, 1987, p. 224; Albert Gómez, José: “La Biografía y Autobiografía como modalidades metodológicas de investigación cualitativa”, Em López-Barajas, Emilio (ed.), *Las Historias de vida y la investigación biográfica*, Madrid, Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1996, p. 191.

²⁰⁴ Silva, Miguel Franquet dos Santos: “O contributo da comunicação para a constituição de “si mesmo”, *Seminário de Licenciatura em Comunicação Social e Cultural*, Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Ciências Humanas, Setembro 2001, p. 9, [On-line], <<http://bocc.ubi.pt/pag/franquet-miguel-comunicacao-si-mesmo.html>>, [consulta: 19 de Agosto de 2007]; Teis, Denise Teresinha e Teis, Mirtes Aparecida: “A Abordagem qualitativa: a leitura no campo de pesquisa”, 2006, p. 1, [On-line], <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/teis-denize-abordagem-qualitativa.pdf>>, [consulta: 14 Novembro 2006].

²⁰⁵ López-Barajas Zayas, Emilio: “Las Historias de la vida fundamentos y metodología”, Em López-Barajas Zayas, Emilio (ed.), *Las Historias de vida y la investigación biográfica*, Madrid, Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1996, p. 293; Carvalho, Isabel Cristina Moura: “Biografia, Identidade e Narrativa: Elementos para uma Análise Hermeneutica”, Em *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 9, n.º 19, Julho 2003, p. 293.

previamente foram pejurativamente criticados numa outra fase de reflexão posterior (diacrónica). Além do mais, investe-se na compreensão de certas reacções, estratégias ou mesmo contradições discursivo-narrativas da parte do autor perante a realidade histórica, cultural e político-nacional, as quais eram confrontadas com as suas idealizações utópicas. Como tal, a interposição da metodologia proposta servirá como procedimento de intervenção (através do reconhecimento de alguns ideais utópicos e, em alguns sentidos, ambivalentes e/ou antagónicos entre si, a partir da interpretação suscitada pelo investigador acerca do biografado, de acordo com as diferentes práticas discursivo-contextuais em estudo), que permitirá iluminar a capacidade de se reconhecer o potencial inerente à própria vida²⁰⁶.

Porém, através do estudo de uma vida procura-se ir mais além do que a reconstrução do universo social que a rodeia porque, tal como disse Franco Ferraroti, a prática humana apropria-se do social transformando-o: «*Chaque narration autobiographique raconte, selon une coupe horizontale ou verticale, une pratique humaine. [...] toute pratique individuelle humaine est une activité synthétique, une totalisation active de tout le contexte social. Une vie est une pratique qui s'approprie des rapports sociaux (les structures sociales) les intériorise et les retransforme en structures psychologiques par son activité de destructuration-restructuration*»²⁰⁷.

Contudo, o esforço em captar o sentido, a função e a reinterpretação de algumas especificidades nacionalistas, expressas na experiência de uma vida, através do seu

²⁰⁶ López-Barajas Zayas, Emilio: “Las Historias de la vida fundamentos y metodología”, Em López-Barajas Zayas, Emilio (ed.), *Las Historias de vida y la investigación biográfica*, Madrid, Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1996, p. 13; Pekacz, Jolante T.: “Memory, History and Meaning: Musical Biography and its Discontents”, *Journal of Musicological Research*, n.º 23, London, Routledge, Taylor & Francis Group, 2004, p. 45.

²⁰⁷ Ferraroti, Franco, *Histoire et histoires de vie. La méthode biographique dans les sciences sociales*, tradução francesa por Marianne Modak, Paris, Méridiens Klincksieck, 1990, p. 50. Ver também Albarello, Luc, [et al.], *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva, 1997, p. 207; Leite, Carolina: “Conto e Histórias de Vida nas Ciências Sociais”, Em Martins, Manuela (dir.), *Comunicação e Sociedade 1*, Vol. 12, n.º 1, 2, Braga, Edição Cadernos dos Noroeste, 1987, p. 223.

discurso narrativo, levará à transformação das relações entre o investigador e o sujeito da acção: «*Não só se invertem as relações entre o investigador e o objecto [...], como acedemos a um território de experiência e da singularidade dessa experiência, da consciência que o actor tem dela e do discurso que sobre ela é capaz de formular, face a um determinado facto social*»²⁰⁸. Neste prisma, o ‘objecto de estudo’ não é alguém a observar, a medir, mas um informador mais bem informado do que o investigador que o interroga²⁰⁹. Por isso, por um lado, acentua-se a ideia que o investigador, numa intenção de reverência, dê ‘voz’ ao biografado com o objectivo que ele comunique ao máximo através da riqueza e da qualidade afectiva da sua narrativa discursiva. Por outro lado, para que seja recuperado o interesse na compreensão dos percursos de uma vida, nos motivos e nas crenças que estão por detrás das acções humanas, é necessário que o investigador esteja envolvido no processo dessa vida através da sua intencionalidade interpretativa²¹⁰. Neste prisma, o investigador precisa de penetrar no universo conceptual do sujeito para poder problematizar o sentido que ele deu aos acontecimentos e às interacções simbólicas suscitadas no decorrer da sua vida²¹¹. Assim sendo, ao narrar uma história de vida, o investigador deve de ser capaz de ultrapassar os seus valores e admitir outras lógicas de entender, de conceber e de recriar o mundo, cuja pretensão empreende uma tentativa de “triangular” as fontes de informação numa diversidade de “sujeitos” que suscitem diferentes perspectivas de interpretação,

²⁰⁸ Leite, Carolina: “Conto e Histórias de Vida nas Ciências Sociais”, Em Martins, Manuela (dir.), *Comunicação e Sociedade 1*, Vol. 12, n.º 1,2, Braga, Edição Cadernos dos Noroeste, 1987, p. 224.

²⁰⁹ Digneffe, Françoise e Beckers, Myriam: “Do individual ao social: a abordagem biográfica”, Em Albarello, Luc [et al.], *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva, 1997, p. 210; Bertaux, Daniel: “L’ approche biographique, sa validité méthodologique, ses potentialités”, Em *Cahiers internationaux de sociologie*, Vol. 69, 1980, p. 219.

²¹⁰ Requejo Osorio, Agustín e Cortizas Rodríguez, Carmen; “Las Historias de vida en Educación” Em López-Barajas Zayas, Emilio (ed.), *Las Historias de vida y la investigación biográfica*, Madrid, Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1996, pp. 29-30; Pekacz, Jolante T.: “Memory, History and Meaning: Musical Biography and its Discontents”, *Journal of Musicological Research*, n.º 23, London, Routledge, Taylor & Francis Group, 2004, p. 73.

²¹¹ André, M. E., *Etnografia da prática escolar*, Campinas, Papirus, 1995.

respeitando e ao mesmo tempo questionando intencionalmente a visão émica que o protagonista da vida em estudo desenvolveu de si próprio e desse universo envolvente²¹². Porém, o papel do investigador não se deve limitar à função passiva de um mero receptor e transmissor das narrativas das fontes primárias e secundárias, mas, uma vez comprometido nas mesmas, ele deve também de colaborar na produção interpretativa da sua própria narrativa, sem refutar a inserção de algumas problemáticas, hipóteses e reflexões, mesmo que, todavia, para as quais ainda não hajam provas, respostas ou consensos que as sustentem credivelmente²¹³. Como tal, as fontes e a documentação pessoal, que testemunham uma vida vivida, implicam o descortinar não só sobre a vida do biografado, incluindo a sua envolvência social, mas também sobre a participação do investigador, o qual trabalha a partir do seu respectivo meio sociocultural. Neste âmbito situa-se a «*dimensão interpretativa*» dos factos humanos, a qual é evidenciada no entendimento da realidade social a partir da forma como as outras pessoas a perceberam, isto é, no seio de uma comunicação interpessoal complexa e recíproca entre o investigador e o(s) sujeito(s) da acção²¹⁴. Sem embargo, num

²¹² Pekacz, Jolante T.: “Memory, History and Meaning: Musical Biography and its Discontents”, *Journal of Musicological Research*, n.º 23, London, Routledge, Taylor & Francis Group, p. 63; Ericsson, F.: “Métodos cualitativos de investigación”, Em C. Wittrock, M, *La investigación de la enseñanza*, II, Barcelona, Buenos Aires, México, Paidós, pp. 195-299. Teis, Denise Teresinha e Teis, Mirtes Aparecida: “A Abordagem qualitativa: a leitura no campo de pesquisa”, 2006, pp. 6-7, [On-line], <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/teis-denize-abordagem-qualitativa.pdf>>, [consulta: 14 Novembro 2006].

²¹³ Poirier, Jean; Clapier-Valladon, Simone e Raybaut, Paul, *Histórias de Vida Teoria e Prática*, Oeiras, Celta Editora, 1995, p. 24; Pekacz, Jolante T.: “Memory, History and Meaning: Musical Biography and its Discontents”, *Journal of Musicological Research*, n.º 23, London, Routledge, Taylor & Francis Group, 2004, p. 43; Pekacz, Jolante T.: “Memory, History and Meaning: Musical Biography and its Discontents”, *Journal of Musicological Research*, n.º 23, London, Routledge, Taylor & Francis Group, 2004, pp. 44; 50.

²¹⁴ Requejo Osorio, Agustín e Cortizas Rodríguez, Carmen; “Las Historias de vida en Educación de Adultos” Em López-Barajas Zayas, Emilio (ed.), *Las Historias de vida y la investigación biográfica*, Madrid, Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1996, p. 29; Ferraroti, Franco, *Histoire et histoires de vie. La méthode biographique dans les sciences sociales*, tradução francesa por Marianne Modak, Paris, Méridiens Klincksieck, 1990, p. 50; Pekacz, Jolante T.: “Memory, History and Meaning: Musical Biography and its Discontents”, *Journal of Musicological Research*, n.º 23, London, Routledge, Taylor & Francis Group, 2004, p. 43.

determinado contexto, até se pode dizer que o investigador ao trabalhar a partir dos materiais brutos, ao dar-lhes uma interpretação e ao ser responsável pela forma definitiva do trabalho elaborado, dispõe de uma perspectiva que pode apresentar uma visão “privilegiada” à do biografado: «*Porque é certo que, para aquele que vive a sua própria vida, “as árvores escondem a floresta”. O efeito de distanciamento, permitindo ganhar campo, autoriza uma visão mais “desinteressada” do que a do “interessado”*»²¹⁵. Como tal, é admissível que o investigador, em algumas partes, possa reflectir a “favor do biografado”, e, do mesmo modo, noutras partes, possa também levantar questões que suscitem “contradições” relativamente às interpretações do mesmo, submetendo-o (ao biografado), a uma meta-reflexão²¹⁶.

Num outro contexto, tendo em conta a ideia da «Globalização», sustentada por alguns historiadores, defende-se que a investigação histórica em segmentos leva à falta de uma visão de conjunto²¹⁷. Neste sentido, acentua-se a discussão entre o ponto de vista estruturalista e o individualista, ambos enfatizados no âmbito das Ciências Sociais²¹⁸. A teoria estruturalista defende a sociedade como uma totalidade que supera os indivíduos que a compõem. Além do mais, a interacção social gera propriedades e fenómenos que são irredutíveis aos fenómenos individuais. Por sua vez, a teoria individualista, na qual se funda o *Individualismo Metodológico*, tem intercedido que as entidades reais e

²¹⁵ Poirier, Jean; Clapier-Valladon, Simone e Raybaut, Paul, *Histórias de Vida Teoria e Prática*, Oeiras, Celta Editora, 1995, p. 25.

²¹⁶ Pekacz, Jolante T.: “Memory, History and Meaning: Musical Biography and its Discontents”, *Journal of Musicological Research*, n.º 23, London, Routledge, Taylor & Francis Group, 2004, pp. 40-41; 63.

²¹⁷ Fontana, Josep, *La Historia después del fin de la Historia*, Barcelona, Crítica, 1992, p. 123.

²¹⁸ Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, p. 41; Antonio Nogueira, José: “¿Quién teme al individualismo metodológico? Un análisis de sus implicaciones para la teoría social”, Em *Papers Revista de Sociología*, n.º 69, Barcelona, Universidade Autònoma de Barcelona, 2003, p. 101.

eficazes na vida social são os indivíduos²¹⁹. O seu princípio básico enfatiza que as componentes essenciais do mundo são os indivíduos, isto é, as pessoas individuais que actuam segundo as suas inclinações e entendimento sobre a sua condição de vida. Neste sentido, se toda a situação social, instituição ou acontecimento é produto de uma determinada configuração de indivíduos, das suas crenças, valores e recursos, então, a partir destes elementos individuais pode-se chegar à compreensão dos fenómenos sociais²²⁰. Face a este debate estruturalismo-individualismo metodológico privilegiar-se-á a nova forma de integrar o social e o individual. Deste modo, evita-se a queda no excessivo objectivismo de reduzir os indivíduos a meros programas pré-comportamentais através de números estatístico-institucionais, ou a exclusividade imposta a partir do subjectivismo de explicar as acções colectivas e individuais somente a partir das eleições e propósitos particulares²²¹. De facto, neste contexto, incluem-se os vários factores de incerteza e de impossibilidade de comando expressos, por exemplo, nos condicionalismos históricos e nas variáveis económico-político e sociais num âmbito nacional e internacional, factores estes que ultrapassam os planos do sujeito individual ou mesmo as estratégias das entidades políticas detentoras do poder²²²:

²¹⁹ Antonio Nogueira, José: “¿Quien teme al individualismo metodológico? Un análisis de sus implicaciones para la teoría social”, Em *Papers Revista de Sociología*, n.º 69, Barcelona, Universidade Autònoma de Barcelona, 2003, pp. 101-102; Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, p. 41.

²²⁰ Sole, Carlota: “El Estado Actual de la Investigación teórica sociológica sobre la Mujer”, Universidade Autònoma de Barcelona, Em *Actas de las VIII Jornadas de Investigación Interdisciplinaria, Los Estudios Sobre La Mujer de la investigación a la Docencia*, Madrid, Instituto Universitario de Estudios de la Mujer – (Universidade Autònoma de Madrid, ed.), 1991, pp. 197-209; Martínez R., Rusbel: “El puesto de la racionalidad en las ciencias sociales desde la perspectiva de Jon Elster”, Em *Revista Cuadrante PHI*, n.º 6, Pontificia Universidade Javeriana Bogotá D.C., Colombia, Julho 2002 – Abril 2004, p. 1.

²²¹ Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, pp. 40-41.

²²² Pablo Minville, Juan, “Holismo e individualismo metodológico en la sociología clásica y contemporánea”, Março 2006, p. 5, [On-line], <<http://www.monografias.com/trabajos30/holismo-individualismo-metodologico-sociologia-clasica/holismo-individualismo-metodologico-sociologia-clasica.shtml>>, [consulta: 30 de Janeiro de 2007]; Fontana, Josep, *La Historia después del fin de la Historia*, Barcelona, Crítica, 1992, p. 123. Ver também Marinas, José Miguel [et al.]: “Introducción”, Em Marinas, José Miguel [et al.], *La Historia Oral: Métodos y Experiencias*, Madrid, Editorial Debate, 1993, pp. 11-12.

Como tal, a acção do sujeito é condicionada através da interacção de práticas discursivas mediadas por redes político-institucionais de âmbito nacional e internacional, envolvendo interconexões na dupla visão do estruturalismo-individualismo metodológico. Deste modo, qualquer metodologia que procure lograr de uma adequada visão do ser humano encontra dificuldades devido à complexidade que encerra a dimensão humana²²³. Além disso, salienta-se que cada indivíduo não é um epifenómeno do social mas um polo activo que se impõe como uma práxis sintética²²⁴. Assim sendo, o indivíduo apropria-se do social, mediatiza-o, filtra-o e retradu-lo numa dimensão que pertence ao âmbito da sua intersubjectividade reiventada em cada instante²²⁵. Por isso, a problemática desta perspectiva biográfica enriquece-se ainda mais com a participação de uma perspectiva multidisciplinar, isto é, através de uma

²²³ Fischer, Beatriz Daudt: “Foucault e Histórias de Vida: Aproximações e Que Tais”, Em *Revista História da Educação Asphe*, Pelotas, Vol. 1, n.º 1, 1997, p. 12, [On-line], <http://www.educacaoonline.pro.br/foucault_e_historias.asp>, [consulta: 20 de Agosto de 2007]; Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, pp. 19-47; Epstein, William H. (ed.), *Contesting the Subject: Essays in the Postmodern Theory and Practice of Biographical Criticism*, Indiana, Purdue University Press, 1991.

²²⁴ Taylor, Charles, *Sources of the Self. The Making of the Modern Identity*, Crambridge, Massachussets, Harvart University Press, 1992; Ferraroti, Franco, *Histoire et histoires de vie. La méthode biographique dans les sciences sociales*, tradução francesa por Marianne Modak, Paris, Méridiens Klincksieck, 1990; Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, pp. 19-47; Dumont, Louis, *Essays on Individualism. Modern Ideology in Antropological Perspective*, Chicago, London, University of Chicago Press, 1992.

²²⁵ Ferraroti, Franco, *Histoire et histoires de vie. La méthode biographique dans les sciences sociales*, tradução francesa por Marianne Modak, Paris, Méridiens Klincksieck, 1990, p. 51. Ferraroti, Franco, “Sur l’ autonomie de la méthode biographique”, Em Duvignaud, J. (dir.), *Sociologie de la connaissance*, Paris, Seuil, 1979, p. 151. Ver também Digneffe, Françoise e Beckers, Myriam: “Do individual ao social: a abordagem biográfica”, Em Albarello, Luc [et al.], *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva, 1997, p. 208.

evolução rica e flexível dos métodos de investigação que possibilitem a emergência envolvente da idiossincrasia do indivíduo em causa²²⁶.

²²⁶ Morales Moya, Antonio: “Biografía y narración en la Historiografía actual”, Em Sánchez Nistal, José María [et. al.], *Problemas Actuales de la Historia*, Salamanca, Ediciones Universidad, 1993, p. 257; Bertaux, Daniel: “La perspectiva Biográfica: Validez Metodológica y Potencialidades”, Em Marianas, José Miguel y Santamarina, Cristina, *Historia Oral: Métodos y Experiencias*, Madrid, Editorial Debates, 1993, pp. 149-158; Burke, Peter: “Obertura: La nueva Historia, su pasado y su futuro”, Em Burke, Peter (ed.), *Formas de Hacer Historia*, Madrid, Alianza Editorial, 1993, p. 20; Pekacz, Jolante T.: “Memory, History and Meaning: Musical Biography and its Discontents”, *Journal of Musicological Research*, n.º 23, London, Routledge, Taylor & Francis Group, 2004, p. 46.

2. Percursos de uma vida

2.1. O meio Louletano e a vida de Pedro de Freitas

*«Minha terra, Loulé amigo,
Tens crescido, és belo e prazenteiro.
No Algarve tens valor e és obedecido,
No meu coração és terno e muito querido»²²⁷.*

O director do jornal *A Voz de Loulé*, José Maria da Piedade Barros, afirmou ter partilhado com Pedro de Freitas uma verdadeira amizade²²⁸. Neste contexto, uma das características que José Maria da Piedade Barros apreciava em Pedro de Freitas era a lealdade, o laço biológico de amor que ele sempre soubera nutrir pela sua terra natal, Loulé²²⁹. Este sentimentalismo regionalista e mesmo nacionalista, tão evidenciado por Pedro de Freitas, contribuiu de alguma forma para a compreensão que o nacionalismo pode integrar variedades e tensões profundas que ultrapassam o âmbito de uma ideologia puramente política²³⁰. Deste modo, José Maria da Piedade Barros descreveu sobre a qualidade desse sentimentalismo tão acalentado por Pedro de Freitas: «*Pedro de*

²²⁷ Freitas, Pedro de, “Será a última vez?...”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 17-11-1983.

²²⁸ Entrevista a Barros, José Maria da Piedade, Redacção do Jornal *A Voz de Loulé*, Loulé, 29-08-2001.

²²⁹ Ver 7.10. Mapas Geográficos, Mapas n.º 1 e n.º 2, em Anexos. Entrevista a Barros, José Maria da Piedade, Redacção do Jornal *A Voz de Loulé*, Loulé, 29-08-2001.

²³⁰ Cottam, Martha L. e Cottam, Richard W.: “Introduction”, Em Cottam, Martha L. e Cottam, Richard W., *National and Politics The Political Behavior of Nation States*, Boulder, London, Lynne Rienner Publishers, 2000, p. 1; Smith, Anthony D.: “Nations and History”, Em Guibernau, Montserrat, Hutchinson, John (ed.), *Understanding Nationalism*, Cambridge, Polity Press, 2001, pp. 10, 22; Smith, Anthony D., *National Identity*, Reno, Las Vegas, London, University of Nevada Press, 1991, p. VIII, p. 60.

Freitas foi uma das pessoas que mais lutou por Loulé a todos os níveis... Não houve quem fizesse tanto por Loulé como Pedro de Freitas e duvido que no futuro haja alguém que faça tanto como ele fez pela sua terra natal - pois o bairrismo e o brio estão a perder-se!»²³¹.

Uma outra característica que ajudou a definir a personalidade de Pedro de Freitas era o seu gesto meticuloso na indicação das datas e na anotação de pormenores que lhe suscitavam interesse²³². Sempre que lhe era possível Pedro de Freitas escrevia os dias, os meses e as horas referentes aos acontecimentos sociais por ele vividos, sendo também frequente apresentar estas indicações relativamente à sua idade²³³. O interesse e o rigor da parte de Pedro de Freitas na informação de dados sobre o seu nascimento levaram-no a pesquisar o livro de baptismos e a transcrever essa parte no capítulo “Retratos duma vida”, pertencente ao livro *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*. Neste sentido, Pedro de Freitas constatou as horas e o dia do seu nascimento: «*A folha sessenta e cinco do Livro de baptismos da freguesia de S. Clemente, e relativo ao ano de 1894, sob o número 170, está o de Pedro que nasceu às seis horas de tarde do dia dezanove do mês de Maio*»²³⁴. Foi também através do próprio autor (Pedro de Freitas), que se soube mais informação acerca do local onde nasceu: «*Nasci em Loulé, no Largo do Carmo, onde hoje é o mercado público, e no sítio do portão central que deita para o dito Largo*»²³⁵. Este sítio pertencia à freguesia de S. Clemente,

²³¹ Entrevista a Barros, José Maria da Piedade, Redacção do Jornal *A Voz de Loulé*, Loulé, 29-08-2001.

²³² Freitas, Pedro de, “Indignação no Barreiro A morte ingloriosa de uma Banda de Música”, *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 05-09-1972; Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935; Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957.

²³³ Freitas, Pedro de, Fontes Manuscritas (Barreiro, 30 de Outubro de 1983) (Barreiro, 23 de Janeiro de 1984) (Barreiro, 15 de Janeiro de 1984), Em 2.ª Série do 3.º Livro, *Os meus artigos e alguns extras (1965 a 1982)*, Pedro de Freitas, 113 A, pp. [I-II, V], [82-9 FRE/MEU no Arquivo Histórico Municipal de Loulé].

²³⁴ Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 222.

²³⁵ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 222.

popularmente designada por “freguesia de cima”, uma das freguesias que divide a vila e constitui o concelho de Loulé²³⁶.

Excluindo algumas excepções, Pedro de Freitas viveu em Loulé até à idade dos dezassete anos. Porém, este tempo fora suficiente para que ele desenvolvesse fortes vínculos de afecto para com a sua terra natal, sendo frequente publicitá-la pelos seus interesses turísticos: «*Nasci e criei-me numa terra do centro da província do Algarve, de nome Loulé. Grande centro populacional, histórico, comercial e agrícola, formoso e atraente pela luz e pelas seduções de que é detentor*»²³⁷.

A música também era uma das seduções desta vila algarvia, por isso, Pedro de Freitas considerou que Loulé se podia comparar a uma «*caixa de Música*»²³⁸. Quase sempre em cada habitação encontrava-se um rapaz ou uma rapariga com habilidades artísticas porque o louletano, segundo Pedro de Freitas, era naturalmente dotado para a música: «*O louletano pela sua natureza não só é propenso à cultura da música, como no geral é um regular e até mesmo um excelente executante*»²³⁹.

²³⁶ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, pp. 85; 502. A Vila de Loulé ainda hoje continua dividida nessas duas freguesias, a de S. Clemente e a de S. Sebastião. Pelo despacho de 13 de Agosto de 1890 a freguesia de S. Clemente de Loulé foi desdobrada em duas, datando de então a criação da freguesia de S. Sebastião. Por carta de 1 de Julho de 1891 do Prelado da Diocese (D. António Mendes Belo), foi completada a divisão religiosa correspondente à civil já decretada. Deste modo, data dessa época a designação popular de «Freguesia de Baixo e Freguesia de Cima». Ver em Pinto, Raul R., *Loulé Roteiro Guia Histórico turístico Comercial e Industrial do Concelho*, Loulé, Gráfica Ideal Águeda, 1951, p. 16; ver também Diário do Governo n.º 286, de 18 de Dezembro de 1891). Para além destas freguesias, o Concelho de Loulé possuía mais 6 freguesias, eram elas Almancil, Alte, Ameixial ou Maxial, Boliqeime, Querença, Salir ou Selir, ver em Oliveira, Ataíde, *Monografia do Concelho de Loulé*, Loulé, Algarve em Foco Editora, 1998, p. 358. Visto num prisma mais actual, este concelho em 2001 compreendia uma área de 765,0 km² (INE, Base Geográfica de Referenciação de Informação). A sua população residente era aproximadamente 59.162 habitantes. Além do mais, o concelho de Loulé apresenta onze freguesias: São Clemente e São Sebastião (ambas abrangendo a cidade de Loulé), Almancil, Alte, Ameixial, Boliqieme, Quarteira, Querença, Salir, Benafim e Tôr (INE, Censos 2001 – Resultados Definitivos).

²³⁷ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 89.

²³⁸ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 121.

²³⁹ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 121.

Além do mais, as bandas filarmónicas eram instituições musicais comuns no Portugal monárquico, deste modo, constituíam escolas acessíveis à educação musical dos jovens²⁴⁰. Como tal, a partir de meados do século XIX, as bandas filarmónicas assumiam uma função imprescindível na sociedade louletana. O Governo da época defendia uma política cultural que apoiava a sua actuação nos intervalos dos espectáculos de arte dramática. Esta intervenção teve uma expressão popular em Loulé²⁴¹. Para além disso, as bandas filarmónicas eram indispensáveis no acompanhamento das procissões e aquando da realização dos fogos-de-artifício em festas de conteúdo religioso ou profano. Nos dias festivos, de carácter nacional e patriótico, também era frequente o desfile das bandas locais pelas ruas, saudando os respectivos sócios²⁴². Enfim, as bandas filarmónicas tinham tanta influência nas actividades sociais de Loulé que chegaram a ser designadas como a «*alma da Vila*»²⁴³.

Nos finais do século XIX, existiam em Loulé duas bandas filarmónicas que rivalizavam constantemente entre si, eram elas a *União Marçal Pacheco* e a *Sociedade Filarmónica*

²⁴⁰ Martins, Isilda Maria Renda, *Loulé no século XX, Da Decadência da Monarquia à implantação da República*, Vol. 1, Loulé, Edições Colibri, 2001, p. 201; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 522.

²⁴¹ *O Pregoeiro* de 11-01-1900 e de 08-02-1900, Em Martins, Isilda Maria Renda, *Loulé no século XX, Da Decadência da Monarquia à implantação da República*, Vol. 1, Loulé, Edições Colibri, 2001, p. 201.

²⁴² Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 21, 111-113.

²⁴³ Martins, Isilda Maria Renda, *Loulé no século XX, Da Decadência da Monarquia à implantação da República*, Vol. 1, Loulé, Edições Colibri, 2001, p. 202.

*Artistas de Minerva*²⁴⁴. O pai de Pedro de Freitas, José de Freitas²⁴⁵, era instrumentista da banda *União Marçal Pacheco* e influenciou Pedro de Freitas no gosto pela música: «meu falecido pai foi um dos músicos da velha guarda pertencente à *União Marçal Pacheco* e seu acérrimo defensor; e porque ainda hoje tenho bem vivida na minha memória a meninice que passei nas dependências da Misericórdia onde, no seu primeiro andar, eu habitava e me deixava suavemente adormecer ao som dos acordes dos seus instrumentos em noites de ensaio; estas recordações que ainda hoje pesam fundo no meu Ser»²⁴⁶.

No entanto, por estas duas bandas filarmónicas constituírem elementos culturais marcantes, e dada a sua aderência popular, elas facilmente eram iludidas nas sendas das intrigas políticas da época²⁴⁷. Neste contexto, nos finais do século XIX, Portugal era uma *Monarquia Constitucional* que oscilava entre duas grandes forças no poder: o *Partido Regenerador* e o *Partido Progressista*. Deste modo, ao serem conotadas com um partido político, a *Sociedade Filarmónica União Marchal Pacheco* era reconhecida

²⁴⁴ A Banda *União Marçal Pacheco*, popularmente designada por ‘Música Velha’, foi fundada em Loulé a 1 de Maio de 1856. Por sua vez, a *Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva* foi fundada posteriormente, a 21 de Maio de 1876, a qual nasceu da divisão da *Sociedade Filarmónica de Loulé*, devido a conflitos entre os dois partidos políticos, o “Regenerador” e o “Progressista”, numa festa em homenagem ao Dr. Marçal Pacheco, no Palacete da Fonte da Pipa. Por derivar da *Sociedade Filarmónica de Loulé*, a *Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva* passou a ser popularmente conhecida por ‘Música Nova’. Anónimo: “Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva”, Em *Agenda Cultural e Desportiva*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, Outubro, 1993, p. 12; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 100.

²⁴⁵ O pai de Pedro de Freitas era natural de Albufeira (Algarve). Em homenagem póstuma ao pai, Pedro de Freitas dedicou o livro *José de Freitas no Centenário do seu nascimento*. Neste livro, Pedro de Freitas argumentou que José de Freitas era um excelente cornetista, com uma execução e embocadura de respeito, chegando a ser, várias vezes, o regente de substituição da banda *União Marçal Pacheco*. José de Freitas também compunha, adaptava e punha em execução serenatas, estudantinas e valsas, tendo, segundo Pedro de Freitas, um apurado gosto melódico. Em Freitas, Pedro de, *José de Freitas no centenário do seu nascimento*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Fausto Sebastião de Freitas (ed.), 1958, p. 32. Neste livro Pedro de Freitas também apontou o nome dos seus irmãos (filhos de José de Freitas) e a evolução familiar dos netos e bisnetos de José de Freitas em 1958. Em Freitas, Pedro de, *José de Freitas no centenário do seu nascimento*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Fausto Sebastião de Freitas (ed.), 1958, pp. 73-89.

²⁴⁶ Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 22-09-1938.

²⁴⁷ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 87-89; 99-100.

popularmente por ser Regeneradora enquanto que a *Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva* era vista como adepta do Partido Progressista²⁴⁸.

Porém, Pedro de Freitas herdou do seu pai não só a vocação pela música, mas, tal como o seu pai José de Freitas, ele também nutria o gosto pelo cornetim: «*desde o berço que as suas vibrações metálicas me seduziam*»²⁴⁹. Relativamente à sua mãe, Maria Margarida Angelino de Freitas²⁵⁰, Pedro de Freitas escreveu poucas referências porque ela morreu a 6 de Junho de 1896 quando ele ainda era criança de colo, deixando além de Pedro de Freitas mais dois filhos, Luciano Nascimento de Freitas e João de Deus de Freitas²⁵¹. Devido a esta fatalidade, José de Freitas voltou a casar, desta vez com Maria da Conceição de Freitas, e deste casamento resultaram mais oito filhos²⁵².

Porém, o viver sem mãe foi um acontecimento sentido e sofrível que Pedro de Freitas não deixou de expressar: «*tão cedo partistes para a Eternidade deixando-me no mundo aos dezanove meses de idade sem te conhecer os afagos, carícias, meiguices, que só*

²⁴⁸ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 87-89; 99-100.

²⁴⁹ Freitas, Pedro de, “O meu Cornetim”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 25-10-1953. Ver também Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978, p. 37.

²⁵⁰ Era natural de Santana de Caimbas, Mértola. Em Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973, p. 108.

²⁵¹ Do casamento de José de Freitas com Maria Margarida Angelino nasceram três filhos: Luciano Nascimento de Freitas (25-12-1888), João de Deus de Freitas (08-03-1891), e Pedro de Freitas (19-05-1894). Em Freitas, Pedro de, *José de Freitas no centenário do seu nascimento*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Fausto Sebastião de Freitas (ed.), 1958, pp. 73-74; ver nota de rodapé, Certidão de Nascimento de Pedro de Freitas, [n.º 68 PF, no Album Cinzento, Em *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

²⁵² Do segundo casamento de José de Freitas com Maria da Conceição de Freitas nasceram oito filhos: Margarida José de Freitas (18-11-1898), Manuel José de Freitas (19-10-1900), David Afélio de Freitas (27-11-1902), Liberta de Freitas (nasceu em 1904 e morreu após alguns dias do nascimento), Francisco Tolentino de Freitas (10-09-1906), Maria Liberta de Freitas (25-05-1909), Fausto Sebastião de Freitas (19-01-1911), e Raquel de Freitas (22-01-1913). Em Freitas, Pedro de, *José de Freitas no centenário do seu nascimento*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Fausto Sebastião de Freitas (ed.), 1958, p. 75. Porém, no ano de 1958 já muitos dos irmãos de Pedro de Freitas tinham morrido. Assim sendo, na sua totalidade, e incluindo Pedro de Freitas, eram oito irmãos: Luciano, Pedro, Margarida, David, Francisco, Maria Liberta, Fausto e Raquel. Em Freitas, Pedro de, *José de Freitas no centenário do seu nascimento*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Fausto Sebastião de Freitas (ed.), 1958, p. 86. Ver 7.8. Uma fotobiografia de Pedro de Freitas, fotografia n.º 31, Em Anexos.

*uma mãe sabe fazer aos filhos que adora, que saudades eu confesso possuir!»²⁵³. Foi, portanto, a avó materna, Luciana Antónia Colaço Angelino²⁵⁴, que se responsabilizou pela educação de Pedro de Freitas até à idade dos dezasseis anos, por isso, ele dedicou-lhe afecto, reconhecendo-a como a sua segunda mãe: «*como também aquela que minha mãe também foi na criação e sentida saudade pelo muito amor que sempre lhe dediquei até à idade de dezasseis anos em que a vi partir para sempre do meu convívio. A ambas, pois, como prémio de duas boas mães paz tranquila na Eternidade, para descanso e sossêgo de suas almas*»²⁵⁵.*

Na primeira década do século XX, a instrução primária era o único grau existente no concelho de Loulé, sendo ministrada em escolas públicas e privadas. Em 1900 existiam em Loulé duas escolas oficiais para o sexo feminino e outras duas para o sexo masculino. As escolas privadas, por serem pagas, destinavam-se às famílias abastadas que pretendessem dar aos seus filhos uma aprendizagem com mais qualidade²⁵⁶.

Sem embargo, se por um lado o frequentar a escola era um privilégio que não estava ao alcance de todos, por outro lado eram poucas as motivações para a aprendizagem. No concelho de Loulé, de acordo o censo de 1900, a percentagem de analfabetos era muito elevada, cerca de 86%²⁵⁷.

²⁵³ Freitas, Pedro de, “À memória sagrada de minha Mãe”, p. XIV, [no Envelope Castanho da Câmara Municipal de Loulé, Em *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

²⁵⁴ A qual morava em Loulé, próximo da oficina da Rua Serpa Pinto: «*extremo poente, aos «Olivais», e junto às fábricas de tecelagem do espanhol Ricardo Vila e da colossal adega, que era pertença do mesmo indivíduo*». Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, pp. 212-213. A avó materna era natural de Boisões, freguesia de Mértola. Para dados sobre os nomes e naturalidade dos restantes avós ver: Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, pp. 222-223; Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, pp. 212 e 218.

²⁵⁵ Freitas, Pedro de, “À Memória sagrada de minha Mãe”, p. 15, [no Envelope Castanho da Câmara Municipal de Loulé, Em *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

²⁵⁶ Martins, Isilda Maria Renda, *Loulé no século XX, Da Decadência da Monarquia à implantação da República*, Vol. 1, Loulé, Edições Colibri, 2001, pp. 222-223.

²⁵⁷ Censo da População de Portugal, Vol. I, pp. 10-11. Lisboa, Imprensa Nacional, 1901, Em Martins, Isilda Maria Renda, *Loulé no século XX, Da Decadência da Monarquia à implantação da República*, Vol. 1, Loulé, Edições Colibri, 2001, p. 222.

Pedro de Freitas começou a frequentar a escola oficial aos oito anos de idade, altura em que também aprendia música com o pai. Posteriormente, prosseguiu a aprendizagem musical com José Cifuentes Bento de Orieta Aguilar, regente da Banda «*União Marçal Pacheco*»²⁵⁸. De facto, a verdadeira motivação de Pedro de Freitas não era a aprendizagem escolar mas o desejo de ser um bom instrumentista: «*no meu íntimo, germinava a tentação da música; pois quando via um músico, quer militar ou amador, via ou ouvia alguma Banda, sentia a alma dilacerar-se-me com pena de não ser também músico*»²⁵⁹.

Em 1903, Pedro de Freitas foi viver para Faro²⁶⁰, onde passou a ter lições de música com um hábil amador de cornetim chamado António Augusto Guerreiro, o qual era apelidado de “Rabeca”²⁶¹. Nesta altura, esse mestre regia uma banda filarmónica sem recursos para lhe poder distribuir um instrumento musical, por isso, Pedro de Freitas teve de aprender apenas a técnica do solfejo²⁶². Contudo, o desejo de Pedro de Freitas continuava a evidenciar-se na aprendizagem do cornetim: «*Quando contemplava um cornetim – instrumento da minha paixão – sentia em mim uma sensação de inveja e*

²⁵⁸ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 20.

²⁵⁹ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 21.

²⁶⁰ Faro, capital do Algarve que faz parte do concelho de Faro, pertencente ao distrito de Faro, região do Algarve, Em *Wikipédia*, [On-line], <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Faro>>, [consulta: 10 de Julho de 2008].

²⁶¹ Na cidade de Faro Pedro de Freitas viveu com o pai e a primeira madrastra, especificando onde morava: «*Era então a rua de Faro, a meio da artéria, uma casa térrea que hoje tem na cantaria superior da porta o número 14... era aí a minha habitação*». Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, p. 280; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 20; Anónimo: “Quem foi PEDRO DE FREITAS?”, Em *Agenda Cultural*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, Setembro, 1995; p. 18.

²⁶² Pela data em causa, e segundo as descrições do próprio Pedro de Freitas, supõe-se ser a banda “8 de Dezembro”. Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 135.

*infinito contentamento; meus olhos ficavam pregados no arrebatamento da minha maior admiração!»*²⁶³.

No ano seguinte (1904), Pedro de Freitas fez o exame do primeiro grau escolar em Olhão²⁶⁴. Dois anos mais tarde, Pedro de Freitas manifestava uma vontade indómita de voltar a residir na sua terra natal Loulé. Apercebendo-se desse desejo, o seu pai José de Freitas tinha-lhe feito a promessa de voltarem para Loulé se ele concluísse o exame de instrução primária. Uma vez que nesse ano (1906) Pedro de Freitas completou o exame de instrução primária (em Faro), José de Freitas cumpriu o que lhe tinha prometido, sendo a melhor oferta que ele podia oferecer ao seu filho (Pedro de Freitas): *«volto para Loulé – era o meu sonho dourado!»*²⁶⁵.

O concelho de Loulé era o mais populoso da província do Algarve: *«De forma que entre todos os concelhos desta província era o concelho de Loulé que ocupava o primeiro lugar em crescimento de população. E este argumento é ainda hoje extraordinário. Ainda em 1890 a estatística afirmava que no concelho de Loulé acusavam uma população de 38:512 almas, e já em 1900 existiam 44:063 habitantes, sendo 22:388 do sexo masculino e 21:675 do sexo feminino (...) distribuídos pelas freguesias do concelho»*²⁶⁶. O seu desenvolvimento económico era favorecido pela diversidade geográfica, dividindo-se em zonas distintas classificadas de barrocal, serra e litoral, as quais proporcionavam diferentes recursos naturais que eram investidos nas áreas da agricultura, da indústria e do comércio²⁶⁷. Além do mais, o concelho de Loulé usufrui

²⁶³ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 21.

²⁶⁴ Olhão, localidade pertencente ao concelho com o mesmo nome do distrito de Faro, região do Algarve, Em *Wikipédia*, [On-line], <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Olh%C3%A3o>>, [consulta: 10 de Julho de 2008].

²⁶⁵ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 21.

²⁶⁶ Oliveira, Ataíde, *Monografia do Concelho de Loulé*, Loulé, Algarve em Foco Editora, 1998, p. 22.

²⁶⁷ Oliveira, Ataíde, *Monografia do Concelho de Loulé*, Loulé, Algarve em Foco Editora, 1998, pp. 16-17 e 91-98. Ver também Martins, Isilda Maria Renda, *Loulé no século XX, Da Decadência da Monarquia à implantação da República*, Vol. 1, Loulé, Edições Colibri, 2001, pp. 89-98.

de uma boa localização geográfica, situando-se no centro do Algarve e próximo do Alentejo. A sua acessibilidade era realizada mediante uma rede viária com algumas estradas e um caminho de ferro que por pena de muitos louletanos era periférico, distanciando-se da vila cerca de 5 km²⁶⁸.

No concelho de Loulé a actividade comercial constituía uma forma de se escoarem os produtos agrícolas. Embora esta actividade profissional fosse considerada desprestigiante entre a classe dos grandes lavradores, a mesma permitiu que alguns proprietários se transformassem em comerciantes de sucesso: «*alcançaram fortunas consideráveis e despertaram o interesse da alta finança nacional*»²⁶⁹.

Como reflexo do que se operava em todo o Portugal, em termos industriais o concelho de Loulé permanecia longe da revolução industrial tal como era concebida nos países mais evoluídos da Europa: «*O Reino de Portugal não conseguia acompanhar a evolução tecnológica da Europa Ocidental. Quando, nos finais do século XIX, as fábricas foram apetrechadas com novas máquinas, agora movidas a motores de explosão, no nosso país ainda não se fazia sentir os efeitos positivos da aplicação da máquina a vapor*»²⁷⁰. No entanto, em Loulé as indústrias manufactureiras exerciam produtividade a nível regional: «*Persistiam as indústrias tradicionais, superando em quantidade, diversidade e dinamismo todo o algarvio*»²⁷¹. Este impacto que Loulé exercia na economia algarvia era traduzido a partir do *Jornal de Anúncios*, publicado

²⁶⁸ Martins, Isilda Maria Renda, *Loulé no século XX, Da Decadência da Monarquia à implantação da República*, Vol. 1, Loulé, Edições Colibri, 2001, p. 90; Oliveira, Ataíde, *Monografia do Concelho de Loulé*, Loulé, Algarve em Foco Editora, 1998, p. 31.

²⁶⁹ Martins, Isilda Maria Renda, *Loulé no século XX, Da Decadência da Monarquia à implantação da República*, Vol. 1, Loulé, Edições Colibri, 2001, p. 107.

²⁷⁰ Martins, Isilda Maria Renda, *Loulé no século XX, Da Decadência da Monarquia à implantação da República*, Vol. 1, Loulé, Edições Colibri, 2001, p. 99.

²⁷¹ Martins, Isilda Maria Renda, *Loulé no século XX, Da Decadência da Monarquia à implantação da República*, Vol. 1, Loulé, Edições Colibri, 2001, p. 99.

em Loulé²⁷². Este jornal, considerado um meio de comunicação de massas, era sobretudo utilizado pelos comerciantes locais, por pessoas cujas profissões o exigiam, e para publicitar produtos de grande procura. O seu aparecimento não só justificava uma intenção comercial propícia como também o impacto que a solicitação pública exercia na sua manutenção: «auxiliava à divulgação... [de] produtos e serviços, e era de distribuição gratuita conseguindo sobreviver simplesmente com a venda dos espaços publicitários»²⁷³. A partir da diversidade de publicidade efectuada no *Jornal de Anúncios* foi possível focar os principais aspectos de interesse que pesavam na economia local: «o comércio, as profissões, as seguradoras, os anúncios imobiliários, a hotelaria e os anúncios judiciais»²⁷⁴. Estes factores confirmavam não só o impacto desta vila na economia algarvia como também deixavam transparecer o crescimento populacional²⁷⁵.

No concelho de Loulé havia representação de quase todas as indústrias tradicionalmente conhecidas²⁷⁶. Tendo em conta este panorama onde abundavam os ofícios era frequente

²⁷² O *Jornal de Anúncios* surgiu em Março de 1907 e sobreviveu até 22 de Dezembro de 1910. A causa do seu desaparecimento talvez se devesse à má situação económica que o mesmo teve de suportar indissociavelmente condicionada pela situação de instabilidade política que o país vivia. Mendonça, Artur Ângelo Barracosa, “Publicidade, política e cultura na Imprensa Louletana (1907/1912)”, Em Arquivo Histórico Municipal de Loulé (ed.), *Al'-ulã, Revista no Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, n.º 8, Loulé, Arquivo Histórico Municipal de Loulé, 2001-2002, p. 396.

²⁷³ Mendonça, Artur Ângelo Barracosa: “Publicidade, Política e Cultura na Imprensa Louletana (1907/1912)”, Em Arquivo Histórico Municipal de Loulé (ed.), *Al'-ulyã, Revista no Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, n.º 8, Loulé, Arquivo Histórico Municipal de Loulé, 2001/2002, p. 395.

²⁷⁴ Mendonça, Artur Ângelo Barracosa: “Publicidade, Política e Cultura na Imprensa Louletana (1907/1912)”, Em Arquivo Histórico Municipal de Loulé (ed.), *Al'-ulyã, Revista no Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, n.º 8, Loulé, Arquivo Histórico Municipal de Loulé, 2001/2002, p. 396.

²⁷⁵ «Loulé era em 1911 o concelho mais populoso da região, segundo dados fornecidos por Tomás Cabreira, que calcula a população em 19 688 habitantes. Assim, dos 15 concelhos que existiam no Algarve este era o mais importante». Mendonça, Artur Ângelo Barracosa: “Publicidade, Política e Cultura na Imprensa Louletana (1907/1912)”, Em Arquivo Histórico Municipal de Loulé (ed.), *Al'-ulyã, Revista no Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, n.º 8, Loulé, Arquivo Histórico Municipal de Loulé, 2001/2002, p. 407. Ver também Cabreira, Tomás, *O Algarve Económico*, Lisboa, Imprensa Libânio da Silva, 1918, p. 31.

²⁷⁶ Como a indústria de calçado; a têxtil; a de confecção de vestuário; a de curtumes (que alimentava as indústrias a jusante como a de encadernação, calçado, confecção de cintos e chapéus, entre outros artefactos); a tipográfica; a metalúrgica; a de construção civil e outras complementares como a de carpintaria; a de cerâmica; a de transportes; a de cortiça; a de sabão; a de cera; a de pirotecnia; a alimentar e a de hotelaria. Martins, Isilda Maria Renda, *Loulé no século XX, Da Decadência da Monarquia à implantação da República*, Vol. 1, Loulé, Edições Colibri, 2001, pp. 99-106.

que as crianças, sobretudo as mais necessitadas, ao completarem a escolaridade obrigatória tivessem de ingressar no “mundo do trabalho”. Este era um percurso usual para apoiarem a família ou, quanto mais não fosse, para se sustentarem a si mesmas. Como tal, Pedro de Freitas constituiu um destes exemplos, uma vez que ao terminar a instrução primária aos doze anos teve de começar a trabalhar para sobreviver: «*Bem dura foi a universidade onde estudei a realidade da vida [...] é o estudo prático do trabalho, na luta para a conquista do pão para a minha existência*»²⁷⁷. Assim, Pedro de Freitas obteve trabalho como caixeiro numa mercearia de um dos tios chamado David Angelino, ofício que exerceu durante dois anos, isto é de 1906 a 1908²⁷⁸. No entanto, Pedro de Freitas apercebeu-se que embora com este ofício tivesse a vantagem de praticar a leitura, as contas e a escrita que aprendera na escola, ele não simpatizava com o comércio²⁷⁹. Porém, foi-lhe possível conciliar esta profissão de caixeiro com a aprendizagem da música através da participação na *Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva*, popularmente designada por “música nova”²⁸⁰. Deste modo, Pedro de Freitas participou nesta banda filarmónica durante o período de 1906 a 1910, numa altura em que o mestre Joaquim António Pires era o regente e o professor de música. Neste percurso de aprendizagem, Pedro de Freitas começou como instrumentista de trompa, só depois aprendeu a tocar cornetim²⁸¹.

²⁷⁷ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 223.

²⁷⁸ Viegas, João Corpas, “Pedro de Freitas fala do Autor das «Mouras Encantadas»”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 03-08-1978.

²⁷⁹ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 223.

²⁸⁰ A *Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva* foi uma outra banda louletana fundada a 21 de Maio de 1876, a qual, por ser mais recente que a *Sociedade Filarmónica União Marçal Pacheco*, foi popularmente designada por “Música Nova”. Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 100-102.

²⁸¹ Freitas, Pedro de, “O meu Cornetim”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 25-10-1953; Anónimo, “A Música Nova fez anos”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 23-06-1983.

Além do mais, ainda se salienta que o *Jornal de Anúncios* também constava de publicidade a produtos culturais, nomeadamente ao ensino da música, uma das actividades com alguma implantação na sociedade louletana durante o período de 1907 a 1910²⁸². De facto, em 1907, a *Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva* exercia algum protagonismo não só em Loulé como em outras partes do Algarve, no Baixo Alentejo e também na província de Huelva²⁸³. Neste ano de 1907, Pedro de Freitas era um aluno com algum mérito na aprendizagem musical, sendo reconhecido através de um exame teórico e prático realizado nos dias 23 e 25 de Maio de 1907. Porém, a particularidade deste exame devia-se ao facto de ser realizado na presença do doutor Belchior Frutuoso da Silva, o qual, além de ser delegado de saúde, era um apreciador da música popular e um partidário da filarmónica *Artistas de Minerva*²⁸⁴. Segundo Pedro de Freitas, este exame foi dotado de um certo grau de dificuldade técnica que evidenciava a sua excelente preparação na altura em causa: «*Solfejo umas difíceis semicolcheias intercaladas com pausas a tempo e a contratempo, com compasso composto de doze por oito. Depois no cornetim, uma linda lição no tom de ré menor, compasso quaternário, com escalas cromáticas ascendentes e descendentes, em colcheias, seguidas de semicolcheias intercaladas de bemóis, sustentidos, apogiaturas e intervalos de oitava, sétima, sexta, quinta, quarta e terceira. Toda uma lição de muito*

²⁸² Mendonça, Artur Ângelo Barracosa: “Publicidade, Política e Cultura na Imprensa Louletana (1907/1912)”, Em Arquivo Histórico Municipal de Loulé (ed.), *Al'ulyã, Revista no Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, n.º 8, Loulé, Arquivo Histórico Municipal de Loulé, 2001/2002, p. 409.

²⁸³ Algarve, localidades do distrito de Faro, região do Algarve, Em *Wikipédia*, [On-line], <http://pt.wikipedia.org/wiki/Algarve>, [consulta: 10 de Julho de 2008]; Baixo Alentejo, localidades do distrito de Beja, região do Alentejo; Em *Wikipédia*, [On-line], <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Baixo_Alentejo_\(prov%C3%ADncia\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Baixo_Alentejo_(prov%C3%ADncia))>, [consulta: 10 de Julho de 2008]; Huelva, Região de Andaluzia, sul de Espanha, Em *Wikipédia*, [On-line], <http://pt.wikipedia.org/wiki/Huelva>, [consulta: 10 de Julho de 2008]; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 110.

²⁸⁴ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.ª (ed.), 1991, pp. 125-129; e Entrevista a Mascarenhas, Vitor Manuel Guerreiro, em Loulé, Setembro de 2007.

efeito e difícil. «Mestre Pires» sorri da sua obra»²⁸⁵. No final da execução, o doutor Belchior Frutuoso da Silva conferiu-lhe uma apreciação positiva, pela qual Pedro de Freitas obteve satisfação: «E no silêncio produzido após a minha perfeita exibição, o respeitável doutor, com a autoridade que lhe era reconhecida, muito pausadamente e em atitude grave sentenciava da sua cadeira: - «Muito bem!... Muito bem!...»²⁸⁶. Os dois cadernos de método usados neste exame, da autoria do mestre Joaquim António Pires, foram guardados por Pedro de Freitas por serem considerados de elevado valor pedagógico e, tendo em conta o seu espírito de arquivista, para que os mesmos pudessem constar como referências nas suas recordações biográficas: «Assim o têm considerado os artistas a quem tenho mostrado esses dois cadernos, relíquias da minha mocidade musical, religiosamente conservadas e guardadas»²⁸⁷.

Mais tarde, isto é, na fase final do regime monárquico, as bandas filarmónicas continuavam a ser muito populares, sendo, para alguns estratos sociais, autênticas escolas acessíveis à juventude, através das quais era possível desenvolver aptidões musicais, conviver, conhecer outras regiões de Portugal, ou mesmo viajar até à Espanha. A popularidade das bandas filarmónicas e o seu “poder simbólico” chamavam a atenção dos políticos. Por isso, a nível local, as bandas filarmónicas continuavam a ser os emblemas dos partidos políticos, o que lhes era fatal²⁸⁸. No início do século XX, os directores dos semanários *O Pregoeiro*, *a Folha do Sul* e *a Folha de Loulé* eram

²⁸⁵ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, p. 128.

²⁸⁶ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, p. 128.

²⁸⁷ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, p. 129.

²⁸⁸ Martins, Isilda Maria Renda, *Loulé no século XX, Da Decadência da Monarquia à implantação da República*, Vol. 1, Loulé, Edições Colibri, 2001, p. 201.

admiradores do Partido Regenerador-Liberal de João Franco²⁸⁹, os quais aproveitavam todas as circunstâncias para enaltecerem a *Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva*. Neste sentido, conclui-se que na fase final do regime monárquico a banda filarmónica *Artistas de Minerva* era simpatizante do partido de João Franco²⁹⁰.

Neste prisma, ao actuarem nos dias historicamente importantes, as bandas filarmónicas exerciam uma função patriótica e nacionalista, integrando-se na dignificação da nação. No dia 1 de Dezembro de 1907, na celebração da «*Festa da Restauração*» promovida por estudantes, Pedro de Freitas fez a sua primeira saída a Faro como instrumentista da *Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva*. Apesar deste dia ter sido cansativo, Pedro de Freitas vivenciou-o intensamente porque para ele a música justificava tudo: «*Choveu todo o dia! Mas a alegria que sentia em mim por me ver fardado de músico e com um cornetim à boca era tanta, que nem a chuva nem o cansaço da estopada de um dia inteiro a tocar o tradicional, vibrante e bem patriótico hino da Restauração, faziam diminuir o meu entusiasmo. [...] A Música, para mim, era então e ainda hoje o é, os meus maiores enlêvos. Nunca a esqueço! Nas várias fases da minha vida, não obstante os meus deveres oficiais, como sei e posso sempre a tenho discutido, fazendo por ela o que os meus recursos permitem*»²⁹¹.

²⁸⁹ João Ferreira Franco (1855-1929) foi um dos políticos dominantes da fase final da monarquia constitucional portuguesa. Natural de Alcaide (Fundão), era formado em direito pela Universidade de Coimbra. Ocupou vários cargos na magistratura judicial (delegado do procurador régio), nas alfândegas e no Tribunal Fiscal e Aduaneiro. Ao ser eleito deputado às Cortes, em 1884 (pelo círculo eleitoral de Guimarães), João Ferreira Franco rapidamente subiu na vida política ocupando vários postos ministeriais e a presidência do conselho de ministros. Porém, ao entrar em dissidência com Hintze Ribeiro, João Ferreira Franco abandonou o *Partido Regenerador* e formou o *Partido Regenerador Liberal*. Foi o autor, enquanto Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Reino no gabinete regenerador "Hintze-Franco", do Decreto de 2 de Março de 1895 que concedeu autonomia administrativa aos ex-distritos dos Açores. Ver em João Franco, Em fonte wordpress.com [On-line], <<http://en.wordpress.com/tag/joao-franco/feed/>>, [consulta: 6 de Julho de 2009].

²⁹⁰ Martins, Isilda Maria Renda, *Loulé no século XX, Da Decadência da Monarquia à implantação da República*, Vol. 1, Loulé, Edições Colibri, 2001, p. 202.

²⁹¹ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 21.

No ano seguinte, a 22 de Junho de 1908, introduzia-se nas festas da cidade de Faro um certame musical que constituía um evento novo e atraente para o público espectador. A primeira peça musical obrigatória era a «*Ouverture da Ópera Barbeiro de Sevilha*» de Gioachino Antonio Rossini, a qual correspondia ao primeiro prémio atribuído pelo certame. A segunda peça musical, que permitia que as bandas filarmónicas concorressem ao segundo prémio, dependia da escolha de cada banda filarmónica concorrente. Devido às inúmeras dificuldades, muitas das bandas filarmónicas concorrentes acabavam por desistir. Por isso, só a Sociedade Filarmónica *Artistas de Minerva* de Loulé e a *I.º de Janeiro* os «*Limpinhos*» de Tavira conseguiram chegar ao fim. Os executantes da banda filarmónica de Tavira eram em número mais ou menos igual aos da banda filarmónica de Loulé, e o seu regente chamava-se João Guerreiro, o qual era músico militar²⁹².

Pedro de Freitas, como um dos cornetins da banda *Artistas de Minerva*, recordou a sua experiência aquando da execução da peça musical obrigatória: «*A entrada do «Barbeiro de Sevilha» é muito melindrosa; é atacada com energia e precisão. Os espíritos rejubilam. Eu, sentado no sexto lugar dos cornetins; catorze anos de vida inexperientes, – bem me recordo ainda! tremia... tremia... Uma sensação estranha se apoderou de mim, que me fez multiplicar as atenções, ver com mais nitidez as notas da música no papel e desejar a rápida execução da peça*»²⁹³.

O resultado final fora satisfatório para ambas as bandas filarmónicas. Contudo, o júri conferiu à banda filarmónica de Loulé o primeiro prémio de 60.000 reis. Assim, nesse mesmo concurso, ambas as bandas filarmónicas propuseram-se a concorrer ao segundo

²⁹² Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 111.

²⁹³ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 112.

prémio²⁹⁴. O mestre Joaquim António Pires tinha escolhido a *Ligeira Overture* de Ferreira da Silva como peça musical que acederia ao segundo prémio. Por sua vez, a banda filarmónica de Tavira apresentava a Fantasia da Zarzuela - *O Caramelo* de Federico Chueca. Terminada a audição das bandas filarmónicas o júri acabou por conceder novamente o segundo prémio à banda filarmónica de Loulé: «Comparadamente com a impecável execução técnica e valor artístico da «Ligeira Overture», o júri, movido perante as responsabilidades da sua recta consciência, confere a Loulé mais o 2.º prémio: 40.000 reis»²⁹⁵. Deste modo, esta banda filarmónica *Artistas de Minerva* orgulhava-se de ter ganho o primeiro e o segundo prémios nas festas da cidade de Faro²⁹⁶. Diga-se, ainda, que por deliberação do mestre Joaquim António Pires, e de acordo com o consentimento dos músicos, fez-se a proposta que a banda filarmónica de Tavira *I.º de Janeiro* os «*Limpinhos*» ficasse com o segundo prémio, o qual foi aceite de bom grado pelo seu mestre e filarmónicos²⁹⁷.

Neste ano (1908), inserido na mesma banda filarmónica *Artistas de Minerva*, Pedro de Freitas foi tocar a Cartaya, uma vila rural localizada no sul de Espanha, isto é, na província de Huelva, região de Andaluzia²⁹⁸. Nesta vila realizava-se por tradição uma importante festa religiosa e uma feira anuais em honra da *Padroeira Santíssima Virgem*

²⁹⁴ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 112.

²⁹⁵ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 113.

²⁹⁶ Anónimo: “Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva”, Em *Agenda Cultural e Desportiva*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, Outubro, 1993, p. 12; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 110-113.

²⁹⁷ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 113.

²⁹⁸ Ver 7.10. Mapas Geográficos, Mapa n.º 1, em Anexos. Ainda hoje existe um bom contacto entre Loulé e Cartaya, ambas estão geminadas desde 5 de Outubro de 1996. Cf. “Assunto: Geminção de Loulé e Cartaya”, Em Acta n.º 35, Reunião Ordinária da Câmara Municipal de Loulé, 10 de Setembro de 1996, [Fl. 455 cota 352 Lou/Act, Em *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

do Rosário²⁹⁹. A partir desta altura Pedro de Freitas iria viver em Cartaya experiências de vida profundas consubstanciadas em aventuras juvenis relacionadas com os seus primeiros amores. Por isso, mais tarde, quando publicou o livro *Brisas de Espanha* era-lhe imprescindível a descrição das recordações vividas naquele tempo: «E em 1958 eu dou a publico o livro «Brisas de Espanha». Nele, como não poderia deixar de ser, Cartaya merece-me um capítulo especial»³⁰⁰.

Foi também no ano de 1908 que Pedro de Freitas decidiu experimentar o ofício de carpintaria, no qual permaneceu durante quatro anos³⁰¹. Mais tarde, Pedro de Freitas confessou a crueldade imposta na prossecução daquele ofício: «Pesado para as minhas fracas forças físicas, ele agrava-se pela incompaixão do horário da época, que era o de «sol a sol», e outrossim, pela exploração que durante dois anos os mestres me fazem, exigindo o máximo do meu esforço de débil rapaz sem remuneração alguma»³⁰². Além do mais, Pedro de Freitas acrescentou que a continuidade desse ofício fê-lo ficar quase analfabeto: «A prática do ofício faz-me esquecer o que aprendera na escola, e assim chego a um ponto de perder o treino da leitura, do escrever e de fazer contas, como até o não me lembrar de desenhar na escrita a letra p, quando um dia tenho necessidade de escrever uma carta»³⁰³. Embora Loulé fosse uma terra com uma grande diversidade de ofícios, Pedro de Freitas mostrava-se decepcionado pela sua incompatibilidade face a uns ofícios ou pela sua debilidade perante a dureza física de outros trabalhos.

²⁹⁹ Como consta nas *Actas Capitulares de Ayuntamiento de Cartaya* «...se acordó autorizar a la Alcaldía para que haciendo uso de la cantidad presupuestada para el caso contrate los festejos de costumbre y banda de música de Loulé (Portugal) en solemnidad de la función religiosa y feria en honor de la Patrona Nuestra Sra. del Rosario en el presente año... En Sesión ordinaria del día 26 de Septiembre de 1908, Legajo 19, *Archivo Municipal de Cartaya*, p.73.

³⁰⁰ Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, p. 28.

³⁰¹ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 223.

³⁰² Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, pp. 223-224.

³⁰³ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, pp. 223-224.

Um dado curioso que Pedro de Freitas assinalou, em 1909, foi o facto do seu mestre de carpintaria, Sebastião Silvestre, ser também o primeiro clarinete na banda filarmónica *Artistas de Minerva*. Segundo Pedro de Freitas, esta coincidência era paradoxal, uma vez que no ofício o mestre Sebastião Silvestre era uma autoridade máxima, no entanto, nos ensaios da banda filarmónica este mestre era apenas um dos seus colegas, cuja diferença mais notável era a nível etário³⁰⁴. Este pormenor, além de reflectir o avanço musical de Pedro de Freitas, também deixava transparecer a sua dedicação à aprendizagem da música durante as poucas horas que ele tinha disponíveis: «*Tive sempre o gosto por esta divina arte. Praticamente tenho-a cultivado com entranhado amor*»³⁰⁵.

Neste ano de 1909, Pedro de Freitas foi auxiliar a banda filarmónica de Paderne como instrumentista de cornetim. Esta tarefa foi complementada pela oportunidade de poder visitar aquela aldeia³⁰⁶: «*E foi assim que, na quietude quotidiana em que a vida entrou, em boa companhia eu entrei, pela primeira vez, no convívio do excelente Povo da laboriosa como histórica aldeia de Paderne*»³⁰⁷.

No âmbito musical, Pedro de Freitas considerava que a música constituía um elemento vital de aprendizagem e convívio, o que fora reforçado pelo papel desempenhado pelo seu professor de música: «*Joaquim António Pires foi em Loulé um elemento de grandeza e fama musical*»³⁰⁸. Na qualidade de regente e cantor, Joaquim António Pires era convidado a participar em inúmeros serviços de igreja. Deste modo, Joaquim

³⁰⁴ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, p. 215.

³⁰⁵ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 224.

³⁰⁶ Paderna, freguesia de Albufeira pertencente ao distrito de Faro, região do Algarve.

³⁰⁷ Freitas, Pedro de, “Paderne e a sua Avezinha”, Em *A Avezinha*, Paderne, Agosto, 1981.

³⁰⁸ Freitas, Pedro de, “O meu violino e o Sr. Dr. Lopes”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 01-10-1953; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 110-117; Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, p. 32.

António Pires decidiu introduzir algumas cordas na sua banda filarmónica e ensinar os seus alunos a técnica do violino. Por isso, foi graças ao mestre Joaquim António Pires que Pedro de Freitas também aprendeu a tocar este instrumento, integrando-se mais tarde na “*Tuna Louletana 1.º de Janeiro*”: «e com uma indómita vontade de também aprender as seduções do violino, tomo meus brios e vou por diante. E assim cheguei, mais tarde, a atingir a fila dos primeiros violinos na “*Tuna Louletana 1.º de Janeiro*” agrupamento que só foi possível com a genial e sincera dedicação do saudoso e lembrado Joaquim António Pires»³⁰⁹.

No ano de 1910, manifestavam-se situações de descontentamento a nível local, as quais reflectiam o que se passava num âmbito nacional. Porém, estas reivindicações populares já eram frequentes desde 1900, sendo agravadas pelas más condições climáticas³¹⁰. Uma vez que a maioria da população, a nível nacional, dedicava-se à agricultura, qualquer crise neste sector exercia um efeito negativo na base económica do país³¹¹. As maiores produções deste tempo que permitiam exportações de vulto eram essencialmente o vinho, a cortiça e as frutas. Sem embargo, a ambição do país era ser auto-suficiente na produção de trigo, mas esta intenção não foi concretizada por os solos serem pouco

³⁰⁹ Freitas, Pedro de, “O meu violino e o Sr. Dr. Lopes”, *Povo Algarvio*, Tavira, 01-10-1953. A *Tuna Louletana 1.º de Janeiro* era uma corporação musical, o seu regente era Joaquim António Pires e o presidente era o Padre Manuel Basílio Correia. A *Tuna Louletana 1.º de Janeiro* foi fundada a 1 de Janeiro de 1912 e manteve-se até 1917, ano em que se deu a mobilização geral no País, levando para a *Primeira Grande Guerra Mundial* a juventude portuguesa. Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.ª (ed.), 1991, pp. 113-122.

³¹⁰ A continuidade de invernos rigorosos condicionava sobremaneira a fraca produção agrícola. (Jornal *O Pregoeiro*, de 04-01-1900; 22-02-1900, 22-03-1900; jornal *Folha de Loulé*, de 28-05-1905). Martins, Isilda Maria Renda, *Loulé no século XX, Da Decadência da Monarquia à implantação da República*, Vol. 1, Loulé, Edições Colibri, 2001, p. 262.

³¹¹ Calcula-se que a população nacional de 1907 a 1912 era aproximadamente cerca de seis milhões de habitantes. Mendonça, Artur Ângelo Barracosa: “Publicidade, Política e Cultura na Imprensa Louletana (1907/1912)”, Em *Al’ulyã*, N.º 8, Revista no Arquivo Histórico Municipal de Loulé, Loulé, Arquivo Histórico Municipal de Loulé, 2001/2002, p. 392. Além do mais no princípio do século XX aproximadamente 80 % da população portuguesa vivia nos agregados rurais, sendo a agricultura o principal sector da actividade económica do País. Carneiro, Roberto (dir. e coord.), *Memória de Portugal o Milénio Português*, Lisboa, Círculo de Leitores SA, 2001, p. 478.

apropriados para tal cultivo³¹². Desta indefinição política resultou o confronto com a grave “questão do pão”, arrastando consigo outros problemas e crises políticas e sociais³¹³. Por outro lado, haviam grandes clivagens entre o litoral mais desenvolvido e o interior muito mais pobre³¹⁴. Este factor traduzia-se nas grandes diferenças sociais entre o viver nas cidades (sobretudo em Lisboa e no Porto), com maior desenvolvimento cultural e efectividade política, e o nível de vida do campo³¹⁵. Todas estas discrepâncias e problemas económicos suscitavam razões de dissabores e revoltas relativamente ao regime político monárquico português. Num estudo feito sobre a política local (de 1907 a 1912) registou-se que a *Câmara Municipal de Loulé* era regeneradora. No entanto, a par dessa política outra tendência se estava a manifestar: «mas sentia-se a ascensão de uma nova política, o republicanismo»³¹⁶. Além do mais, o republicanismo já existia em Loulé desde 1891, altura em que o movimento ainda estava em formação³¹⁷. À data em causa existia o *Centro Republicano de Loulé* que acabou por se desintegrar, surgindo em 1909 o *Centro Republicano Azevedo e Silva*³¹⁸. Neste contexto, salienta-se que *O Jornal de Loulé*, cujo director era o Padre Manuel Basílio Correia, enquadrava-se na corrente política monárquica. Enquanto isso, *O Povo*

³¹² Mendonça, Artur Ângelo Barracosa: “Publicidade, Política e Cultura na Imprensa Louletana (1907/1912)”, Em Arquivo Histórico Municipal de Loulé (ed.), *Al’-ulyã, Revista no Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, n.º 8, Loulé, Arquivo Histórico Municipal de Loulé, 2001/2002, pp. 392-393.

³¹³ Mendonça, Artur Ângelo Barracosa: “Publicidade, Política e Cultura na Imprensa Louletana (1907/1912)”, Em Arquivo Histórico Municipal de Loulé (ed.), *Al’-ulyã, Revista no Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, n.º 8, Loulé, Arquivo Histórico Municipal de Loulé, 2001/2002, pp. 392-393.

³¹⁴ Mendonça, Artur Ângelo Barracosa: “Publicidade, Política e Cultura na Imprensa Louletana (1907/1912)”, Em Arquivo Histórico Municipal de Loulé (ed.), *Al’-ulyã, Revista no Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, n.º 8, Loulé, Arquivo Histórico Municipal de Loulé, 2001/2002, p. 392.

³¹⁵ Um exemplo desse desnível era já visível desde 1900, época em que na cidade do Porto existiam 170 mil habitantes enquanto na cidade de Lisboa já se ultrapassava os 350 mil indivíduos. Carneiro, Roberto (dir. e coord.), *Memória de Portugal o Milénio Português*, Lisboa, Círculo de Leitores SA, 2001, p. 478.

³¹⁶ Mendonça, Artur Ângelo Barracosa, “Publicidade, política e cultura na Imprensa Louletana (1907/1912)”, Em Arquivo Histórico Municipal de Loulé (ed.), *Al’-ulã Revista no Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, Loulé, n.º 8, 2001-2002, p. 420.

³¹⁷ Mendonça, Artur Ângelo Barracosa, “Publicidade, política e cultura na Imprensa Louletana (1907/1912)”, Em Arquivo Histórico Municipal de Loulé (ed.), *Al’-ulã Revista no Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, Loulé, n.º 8, 2001-2002, p. 422.

³¹⁸ Catroga, Fernando, *O Republicanismo em Portugal: da Formação ao cinco de Outubro de 1910*, Vol. II, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1991.

Algarvio, com Paulo Madeira como director defendia a corrente política rival: «foi um dos jornais locais de propaganda da ideologia republicana, defendendo sempre a liberdade nos mais amplos parâmetros»³¹⁹. Estes jornais manifestavam uma necessidade de defender os seus ideais políticos, de criticar os seus adversários e, conseqüentemente, de adquirir mais adeptos: «o surgimento do jornal republicano tem como resposta imediata o aparecimento de um jornal monárquico. Os republicanos ganhavam terreno de forma significativa. Os monárquicos, vendo os seus interesses ameaçados tentavam por todas as formas manter os republicanos longe do poder político, para isso recorriam a todos os meios disponíveis»³²⁰.

Os republicanos atribuíam as culpas aos monárquicos relativamente aos problemas que Portugal estava a enfrentar na altura. O motivo que suscitava mais críticas da parte dos republicanos era o crescente endividamento da monarquia constitucional: «em 57 anos multiplicou por nove a dívida do nosso país (1852-1909), mas isto não trouxe benefícios visíveis à vida das pessoas»³²¹. Outra crítica contundente era em relação à falta de defesa face a um ataque externo: «não tínhamos um exército de campanha para nos defender, nem sequer para impedir uma invasão caso ela fosse tentada»³²². A igreja também não era bem vista pelos republicanos, uma vez que estava ao lado da monarquia e exercia muitas influências no povo³²³. Outros motivos de descontentamento a nível

³¹⁹ Mendonça, Artur Ângelo Barracosa, “Publicidade, política e cultura na Imprensa Louletana (1907/1912)”, Em Arquivo Histórico Municipal de Loulé (ed.), *Al'-ulã Revista no Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, Loulé, n.º 8, 2001-2002, p. 392.

³²⁰ Mendonça, Artur Ângelo Barracosa, “Publicidade, política e cultura na Imprensa Louletana (1907/1912)”, Em Arquivo Histórico Municipal de Loulé (ed.), *Al'-ulã Revista no Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, Loulé, n.º 8, 2001-2002, p. 419.

³²¹ Mendonça, Artur Ângelo Barracosa, “Publicidade, política e cultura na Imprensa Louletana (1907/1912)”, Em Arquivo Histórico Municipal de Loulé (ed.), *Al'-ulã Revista no Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, Loulé, n.º 8, 2001-2002, p. 426.

³²² Mendonça, Artur Ângelo Barracosa, “Publicidade, política e cultura na Imprensa Louletana (1907/1912)”, Em Arquivo Histórico Municipal de Loulé (ed.), *Al'-ulã Revista no Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, Loulé, n.º 8, 2001-2002, p. 426.

³²³ Mendonça, Artur Ângelo Barracosa, “Publicidade, política e cultura na Imprensa Louletana (1907/1912)”, Em Arquivo Histórico Municipal de Loulé (ed.), *Al'-ulã Revista no Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, Loulé, n.º 8, 2001-2002, p. 426.

local face ao regime monárquico relacionavam-se com as situações de instabilidade política: *«desencadeada pela mudança constante de protagonistas, que se repercutia em cadeia, até aos Regedores de freguesia, gerava na população um sentimento de insegurança»*³²⁴. As próprias leis do sistema político revelavam-se frágeis e corruptíveis: *«a última reforma eleitoral conhecida por “ignóbil porcaria”, facultava um ambiente propício ao abuso, ao caciquismo e ao favoritismo»*³²⁵. Além do mais, a nível da política local, haviam poucas alternativas porque os partidos tinham poucos políticos, os quais estavam ligados por interesses comuns que rivalizavam na tomada do poder: *«Em Loulé, os pequenos grupos da oligarquia urbana revezavam-se no controlo do poder municipal. Eram todos monárquicos, ricos e de um modo geral arrogantes»*³²⁶. A este factor também se podia associar a falta de preparação dos indivíduos que iam votar, uma vez que o analfabetismo constituía um grande problema no Portugal do início do século XX: *«cerca de 75% da população não sabia pura e simplesmente ler e assinar o seu nome»*³²⁷. Deste modo, o povo deixava-se influenciar pela decisão dos caciques locais com o objectivo que fossem cumpridas algumas promessas propostas a favor do voto: *«a troca de um emprego seguro, de uma refeição mais suculenta, de umas garrafas de vinho bem servido ajudavam a fazer mudar de opinião»*³²⁸. Afinal, estas promessas não passavam de estratégias para a obtenção do

³²⁴ Martins, Isilda Maria Renda, *Loulé no século XX, Da Decadência da Monarquia à implantação da República*, Vol. 1, Loulé, Edições Colibri, 2001, p. 259.

³²⁵ Martins, Isilda Maria Renda, *Loulé no século XX, Da Decadência da Monarquia à implantação da República*, Vol. 1, Loulé, Edições Colibri, 2001, p. 259.

³²⁶ Martins, Isilda Maria Renda, *Loulé no século XX, Da Decadência da Monarquia à implantação da República*, Vol. 1, Loulé, Edições Colibri, 2001, p. 264.

³²⁷ Mendonça, Artur Ângelo Barracosa: “Publicidade, Política e Cultura na Imprensa Louletana (1907/1912)”, Em Arquivo Histórico Municipal de Loulé (ed.), *Al’-ulyã, Revista no Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, n.º 8, Loulé, Arquivo Histórico Municipal de Loulé, 2001/2002, p. 394.

³²⁸ Mendonça, Artur Ângelo Barracosa: “Publicidade, Política e Cultura na Imprensa Louletana (1907/1912)”, Em Arquivo Histórico Municipal de Loulé (ed.), *Al’-ulyã, Revista no Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, n.º 8, Loulé, Arquivo Histórico Municipal de Loulé, 2001/2002, p. 394.

lugar político pretendido, e uma vez concretizado esse objectivo o povo tinha de continuar a viver na miséria, enfrentando as crescentes lutas pela sobrevivência³²⁹.

A subida dos impostos constituía uma forma de se explorar o povo. Neste sentido, o imposto municipal sobre as bebidas alcoólicas tinha aumentado 100%. Deste modo, os produtores das aguardentes de figo do barrocal, do medronho na serra, e dos vinhos do litoral ficaram numa situação económica bastante penosa. Durante o ano de 1910 assistiu-se a um agravamento desse problema em Loulé, sobretudo quando a *Câmara Municipal de Loulé* viu-se obrigada a cobrar mais 30% de imposto, aumentando os preços dos bens de consumo³³⁰. Muitos produtos de primeira necessidade sofreram um aumento crescente por passarem a ser incluídos no *Real-de-Água*³³¹. Com efeito, as falências sucediam-se e a «*crise a todos atingiu*»³³².

Os industriais e alguns lavradores que no período áureo das exportações tinham passado também a dedicar-se ao comércio estavam a passar dificuldades. Ao não conseguirem escoar os seus produtos os pequenos negociantes ficavam sem dinheiro para pagar as contribuições, as custas nos tribunais, o imposto sucessório, ou até os inventários orfanológicos. Consequentemente, devido às acções movidas pelos proprietários dos contratos de arrendamento, por dívidas ao banco ou a outros credores a quem os

³²⁹ Carneiro, Roberto (dir. e coord.), *Memória de Portugal o Milénio Português*, Lisboa, Círculo de Leitores SA, 2001, p. 478; Martins, Isilda Maria Renda, *Loulé no século XX, Da Decadência da Monarquia à implantação da República*, Vol. 1, Loulé, Edições Colibri, 2001, p. 262.

³³⁰ Mendonça, Artur Ângelo Barracosa: “Publicidade, Política e Cultura na Imprensa Louletana (1907/1912)”, Em Arquivo Histórico Municipal de Loulé (ed.), *Al’-ulyã, Revista no Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, n.º 8, Loulé, Arquivo Histórico Municipal de Loulé, 2001/2002, pp. 420-421.

³³¹ Real-de-Água era um imposto que correspondia de grosso modo” ao nosso actual imposto sobre valor acrescentado. Martins, Isilda Maria Renda, *Loulé no século XX, Da Decadência da Monarquia à implantação da República*, Vol. 1, Loulé, Edições Colibri, 2001, p. 261. A introdução deste imposto conduziu ao aparecimento de grandes protestos desde 1871, ao registar-se a sua generalização a todos os produtos de consumo. O problema agravava-se com o aumento progressivo da taxa sobre esses produtos, causando problemas aos comerciantes. Mendonça, Artur Ângelo Barracosa: “Publicidade, Política e Cultura na Imprensa Louletana (1907/1912)”, Em Arquivo Histórico Municipal de Loulé (ed.), *Al’-ulyã, Revista no Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, n.º 8, Loulé, Arquivo Histórico Municipal de Loulé, 2001/2002, p. 420.

³³² *O Folha de Loulé*, de 01-06-1905, descreve sobre o problema da tuberculose que estava a invadir os lares. Martins, Isilda Maria Renda, *Loulé no século XX, Da Decadência da Monarquia à implantação da República*, Vol. 1, Loulé, Edições Colibri, 2001, p. 264.

comerciantes tinham recorrido anteriormente, o resultado era trágico porque muitos desses pequenos negociantes viam as suas propriedades vendidas em hasta pública à porta do Tribunal de Loulé³³³. Deste modo, as soluções tomadas eram por vezes drásticas: «*Muitos fugiam para o estrangeiro, alguns puseram termo à vida*»³³⁴.

O descontentamento económico e social espelhava-se em todo o território português e o ambiente conturbado em que se vivia suscitava um desejo de mudança face ao regime político monárquico. Em simultâneo, evidenciava-se um crescente apoio popular obtido da parte dos republicanos³³⁵.

O partido político republicano prometia terminar com aquela estrutura política manipulada pelos chamados caciques: «*emancipar o povo daquela espécie de tutores, quebrando as grilhetas da escravatura, já que os caciques tinham manietado a vida política de Portugal*»³³⁶. Além do mais, o partido político republicano também manifestava a sua preocupação em melhorar os direitos e a educação do povo: «*se empenhou na tentativa de regenerar o sistema político existente, preocupando-se com a educação política da população, defendendo o sufrágio universal e o ensino gratuito e obrigatório para todos os que tinham condições para aprender*»³³⁷.

As campanhas levadas a cabo pela imprensa periódica expandiam os interesses do partido. Deste modo, a nível regional, *O Povo Algarvio* também defendia de forma

³³³ A Arrematação em hasta pública é uma das modalidades de venda judicial dos bens executados, estes são postos em praça por preço mínimo (em 2.ª praça baixarão para metade do preço), e serão vendidos a quem mais der em sucessivos lanços, na presença do juiz, do escrivão do processo e do oficial de diligências, que os apregoa. Martins, Isilda Maria Renda, *Loulé no século XX, Da Decadência da Monarquia à implantação da República*, Vol. 1, Loulé, Edições Colibri, 2001, p. 265.

³³⁴ Martins, Isilda Maria Renda, *Loulé no século XX, Da Decadência da Monarquia à implantação da República*, Vol. 1, Loulé, Edições Colibri, 2001, p. 265.

³³⁵ Mendonça, Artur Ângelo Barracosa: “Publicidade, Política e Cultura na Imprensa Louletana (1907/1912)”, Em Arquivo Histórico Municipal de Loulé (ed.), *Al’-ulyã, Revista no Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, n.º 8, Loulé, Arquivo Histórico Municipal de Loulé, 2001/2002, p. 398.

³³⁶ Mendonça, Artur Ângelo Barracosa, “Publicidade, política e cultura na Imprensa Louletana (1907/1912)”, Em Arquivo Histórico Municipal de Loulé (ed.), *Al’-ulã Revista no Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, Loulé, n.º 8, 2001-2002, p. 431.

³³⁷ Mendonça, Artur Ângelo Barracosa, “Publicidade, política e cultura na Imprensa Louletana (1907/1912)”, Em Arquivo Histórico Municipal de Loulé (ed.), *Al’-ulã Revista no Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, Loulé, n.º 8, 2001-2002, p. 432.

explícita a sua simpatia pelo republicanismo: «foi um dos órgãos locais de propaganda da ideologia republicana, defendendo a liberdade nos seus mais amplos parâmetros»³³⁸. Na altura em que o jornal *Notícias de Loulé* era monárquico e o *Povo Algarvio* era republicano, concluía-se, também, qual era a conotação política que se procurava atribuir a cada uma das bandas filarmónicas locais: «o primeiro dedica muito a sua atenção à União Marçal Pacheco, o segundo dedica-se um pouco mais à Filarmónica Artistas de Minerva»³³⁹.

Embora Loulé fosse uma terra defensora da monarquia, no sentido de conservar as tradições e os sentimentos peculiares de uma população maioritariamente adepta de uma religiosidade católica, as próprias forças políticas conservadoras tendiam para uma situação de dissolução: «Aqui dominavam os regeneradores, progressistas, franquistas e outras forças conservadoras, em que cada sector defendia ardentemente os respectivos programas, mas todos eles acabavam por conduzir ao fim do regime vigente»³⁴⁰.

Deste modo, a carga messiânica que fora posta na instituição republicana acabou por suscitar uma adesão de antigos monárquicos ao novo regime: «Este fenómeno do “adesivismo” terá sido iniciado com a adesão de José de Alpoim ao novo regime político, isto provocou a debandada de quase toda a monarquia partidária que se apressou a aderir à República»³⁴¹.

³³⁸ Mendonça, Artur Ângelo Barracosa: “Publicidade, Política e Cultura na Imprensa Louletana (1907/1912)”, Em Arquivo Histórico Municipal de Loulé (ed.), *Al’-ulyã, Revista no Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, n.º 8, Loulé, Arquivo Histórico Municipal de Loulé, 2001/2002, p. 392.

³³⁹ Mendonça, Artur Ângelo Barracosa, “Publicidade, política e cultura na Imprensa Louletana (1907/1912)”, Em *Arquivo Histórico Municipal de Loulé* (ed.), *Al’-ulã Revista no Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, Loulé, n.º 8, 2001-2002, pp. 445-446.

³⁴⁰ Mendonça, Artur Ângelo Barracosa: “Publicidade, Política e Cultura na Imprensa Louletana (1907/1912)”, Em Arquivo Histórico Municipal de Loulé (ed.), *Al’-ulyã, Revista no Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, n.º 8, Loulé, Arquivo Histórico Municipal de Loulé, 2001/2002, p. 421.

³⁴¹ Mendonça, Artur Ângelo Barracosa, “Publicidade, política e cultura na Imprensa Louletana (1907/1912)”, Em Arquivo Histórico Municipal de Loulé (ed.), *Al’-ulã Revista no Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, Loulé, n.º 8, 2001-2002, p. 431.

Foi neste contexto que ocorreu o regicídio a 1 de Fevereiro de 1908³⁴². Com efeito, dois anos mais tarde proclamava-se a República, isto é, a 5 de Outubro de 1910³⁴³.

Não obstante, a transição do regime monárquico para o republicano implicava uma maior participação da população na política. Assim, ao ampliar-se o sufrágio, os grupos políticos da época passavam a incrementar o seu interesse no estabelecimento de mecanismos para a vinculação das massas às estruturas partidárias. Neste sentido, as bandas filarmónicas passavam a ser mais manipuladas pelos interesses políticos da época. Como tal, as bandas filarmónicas locais tiveram problemas com a nova adaptação política, tal como referiu Pedro de Freitas: «*Pegar na Música Nova*», *que sempre fora acérrima franquista, e mudar o rótulo à «Música Velha» e, pespegar-lhes nas suas bandeiras rápida transição de ultra-conservadoras para posições*

³⁴² Ao regressar de Vila Viçosa a Lisboa, no dia 1 de Fevereiro de 1908, a família Real é alvejada dentro da carruagem onde seguia, no Terreiro do Paço. Foram assassinados o Rei D. Carlos e o seu filho príncipe herdeiro D. Luís Filipe. A morte de D. Carlos teve consequências políticas decisivas. O papel de Rei, o seu prestígio no exército e a sua popularidade no seio da população constituíam o único sustentáculo da monarquia. Porém, o atentado veio deixar os meios políticos paralisados de assombro e de medo. Consequentemente, sobe ao trono D. Manuel com apenas 18 anos de idade e sujeito a uma eclosão de protestos que deu origem à ruptura definitiva do regime monárquico. Saraiva, José Hermano, *História Concisa de Portugal*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1979, p. 344.

³⁴³ A 4 de Outubro os cruzadores *S. Rafael* e *Adamastor*, estacionados no rio Tejo, bombardeavam o *Palácio das Necessidades* e o *Rossio* em Lisboa. A escolha do dia 4 de Outubro para a realização da Revolução dependeu da presença de algumas unidades navais no rio Tejo, as quais eram consideradas indispensáveis para o êxito das operações. O sinal para o início dessas operações deveria partir dessas unidades navais, ao qual responderia a Artilharia I. Mediante desarticulações entre os intervenientes do processo o sinal não chegou a ser activado e devido a informações desmoralizadoras, Cândido dos Reis (figura importante no processo do desencadeamento do movimento republicano), suicidou-se na manhã do dia 4 de Outubro. Perante incertezas, as forças revoltosas concentravam-se na *Rotunda*, local onde foram chegando inúmeros efectivos civis armados pertencentes à *Carbonária* e comandados por Machado Santos, bem como militares rebeldes que iam engrossando e moralizando o acampamento. Para além dos bombardeamentos dos navios, o receio de um desembarque em massa acentuou o desequilíbrio de forças a favor dos revoltosos. Durante o resto da noite de 4 para 5 de Outubro, as forças monárquicas esmoreceram, e perante o desenrolar dos acontecimentos o rei D. Manuel fuge para Mafra, embarcando depois na Ericeira em direcção a Gibraltar e a Inglaterra. A 5 de Outubro, cerca das 10 horas da manhã, a República é proclamada nos Paços do Concelho de Lisboa. Foi constituído um governo provisório presidido por Teófilo Braga, professor da Universidade de Lisboa. Rodrigues, António Simões (coord.), *História de Portugal em Datas*, Lisboa, Temas e Debates, 2000, pp. 260-261. Em Loulé, a 11 de Outubro de 1910, tomou posse a *Comissão Municipal Republicana* e no dia seguinte foram alterados alguns arruamentos da vila. Pinto, Raul R. *Loulé Roteiro Guia Histórico turístico Comercial e Industrial do Concelho*, Loulé, Gráfica Ideal Águeda, 1951, p. 18.

revolucionariamente avançadas consoante as exigências e as agitações do tempo, só conveniências dos novos partidos poderiam tal fazer»³⁴⁴.

Porém, as crises de instabilidade e de transição política estavam longe de implicarem uma imediata recuperação económica a nível local e mesmo a nível nacional, o que continuava a suscitar os movimentos emigratórios. Uns optavam por emigrar para o estrangeiro enquanto outros não eram tão radicais e escolhiam migrar para uma zona de Portugal com um maior desenvolvimento industrial. Foi esta última opção que coincidiu com a escolha de Pedro de Freitas, o qual partiu a 2 de Março de 1911 para a casa de uns tios que residiam na vila do Barreiro³⁴⁵: *«Assim, no dia de quarta-feira de cinzas do ano de 1911, deixo com saudade infinita todo o meio amigo e acarinhador do meu Loulé. Meto-me numa carruagem de panos, suportando toda a noite escura e fria de um rigoroso inverno. Contudo, os fervores da mocidade e de viajar no combóio, tanto mais à procura do meu futuro, um tanto amortecem as intempéries da noite»³⁴⁶.*

De facto, o Barreiro era uma vila pertencente à cintura industrial de Lisboa. Talvez por isso, Pedro de Freitas tivesse acreditado ter mais hipóteses na obtenção de um emprego mais ajustado às suas necessidades pessoais. Embora Pedro de Freitas estivesse a viver no Barreiro, ele iria continuar a manifestar o forte sentimentalismo que desde cedo nutria pela sua terra natal, direccionando parte da sua atenção em prol dos interesses de Loulé. Aliás, este comportamento da parte de Pedro de Freitas, que sempre caracterizou a sua personalidade, foi reconhecido por muitos conterrâneos que a título de gratidão deixaram as suas opiniões expressas na imprensa periódica local. Neste sentido,

³⁴⁴ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, p. 364-365.

³⁴⁵ Barreiro, localidade pertencente ao concelho com o mesmo nome do distrito de Setúbal. Freitas, Pedro de, “História da origem da actual Banda de Música do Barreiro”, Em *Jornal do Barreiro*, Barreiro, 09-11-1984.

³⁴⁶ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 96.

António Marum escreveu o seguinte: «Tendo saído muito novo de Loulé, para o Barreiro, Pedro de Freitas nunca esqueceu o torrão natal e em todas as circunstâncias deu provas do mais acentuado bairrismo»³⁴⁷. A mesma ideia também foi partilhada por José Maria da Piedade Barros quando afirmou: «Pedro de Freitas, o louletano dedicado e amigo de sua terra, o bairrista intransigente quando está em causa o enaltecimento do torrão natal»³⁴⁸. E até mesmo postumamente, Pedro de Freitas tem sido agraciado por essa ligação cordial que sempre nutriu por Loulé: «Pedro de Freitas que fixou a sua residência no Barreiro, continuou sempre ligado a Loulé que ao longo de toda a sua vida sempre prestigiou e enalteceu como provam as múltiplas iniciativas em que participou, quer no campo musical, literário ou nas inúmeras e justas causas que defendeu em prol do desenvolvimento da sua terra natal»³⁴⁹. A partir do conteúdo destes excertos levanta-se a questão como é que Pedro de Freitas ao ser morador no Barreiro podia estar atento ou interferir nos interesses locais de Loulé? Era sobretudo através da imprensa periódica local que Pedro de Freitas tomava não só conhecimento do que se passava em Loulé como também comunicava os seus pareceres sobre o panorama local louletano. Contudo, Pedro de Freitas visitava Loulé sempre que lhe era possível³⁵⁰. Apesar dos condicionalismos da sua vida profissional de ferroviário, nos primeiros anos de residência no Barreiro, Pedro de Freitas viajava frequentemente a Loulé porque participava como violinista na “Tuna 1º de Janeiro de 1912”: «era com grande sacrifício físico que nela eu actuava na fila dos primeiros violinos»³⁵¹. Além do

³⁴⁷ Marum, A. B., “Pedro de Freitas símbolo de Louletanismo”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 06-11-1973.

³⁴⁸ Barros, José Maria da Piedade: “Pedro de Freitas Homenageado pela F.N.A.T.”, Em Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973, pp. 8-9.

³⁴⁹ Anónimo: “Quem foi PEDRO DE FREITAS?”, Em *Agenda Cultural*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, Setembro, 1995; p. 18.

³⁵⁰ Freitas, Pedro de, “Será a última vez?...”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 17-11-1983.

³⁵¹ Freitas, Pedro de, “As minhas Bodas de Ouro”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 19-06-1966.

mais, sobretudo desde 1916, a dedicação de Pedro de Freitas pela sua terra natal era não só reconhecida pelos louletanos como também pelos seus amigos que residiam fora de Loulé: «já nesse tempo eu era, cá fora, um grande e incansável propagandista de Loulé»³⁵².

Como prova de lealdade para com a sua terra natal, Pedro de Freitas pretendeu casar-se em Loulé. Deste modo, Pedro de Freitas contraiu matrimónio com Maria das Dores Vairinhos na Igreja Matriz da freguesia de São Clemente a 10 de Junho de 1916 (e deste casamento iriam nascer quatro filhos)³⁵³. Nesta altura a *Tuna Louletana 1.º de Janeiro* tinha uma importância considerável em Loulé: «Na maior evidência de toda a vida espiritual de Loulé, era a «Tuna Louletana 1º de Janeiro», em excelente forma orgânica e artística, que empolgava os louletano da época»³⁵⁴. O sacerdote Manuel Basílio Correia (chamado popularmente de «Padre Basílio»)³⁵⁵, era o presidente da *Tuna Louletana 1.º de Janeiro*, o qual reconhecia não só os feitos de Pedro de Freitas em relação a Loulé como os seus sacrifícios ao participar como músico na *Tuna Louletana 1.º de Janeiro*: «Empreendeu o «padre Basílio» no meu sacrificio de vir e voltar a pé da estação do caminho de ferro – cinco quilómetros e meio – para assistir aos ensaios da Tuna. A par do muito que eu já proclamava em bairrismo louletano, associou o saudoso «padre Basílio» essa minha actividade ao sacrificio pela Tuna e...»³⁵⁶. Deste modo, o sacerdote Manuel Basílio Correia decidiu prestar uma

³⁵² Freitas, Pedro de, “As minhas Bodas de Ouro”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 19-06-1966.

³⁵³ Freitas, Pedro de, “As minhas Bodas de Ouro”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 19-06-1966. Deste casamento de Pedro de Freitas com Maria das Dores Vairinhos nasceram quatro filhos: Margarida Vairinhos de Freitas, nascida em Loulé, a 20 de Março de 1917; Elisabeth Vairinhos de Freitas, nascida em Loulé, a 22 de Janeiro de 1920; Fernanda Vairinhos de Freitas, nascida no Barreiro, a 10 de Setembro de 1922; e, Pedro Vairinhos de Freitas, nascido no Barreiro, a 28 de Janeiro de 1924. Freitas, Pedro de, *José de Freitas no centenário do seu nascimento*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Fausto Sebastião de Freitas (ed.), 1958, pp. 86-87. Para mais pormenores acerca do casamento ver Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, p. 22.

³⁵⁴ Freitas, Pedro de, “As minhas Bodas de Ouro”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 19-06-1966.

³⁵⁵ Freitas, Pedro de “As minhas Bodas de Ouro”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 19-06-1966.

³⁵⁶ Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, p. 22.

homenagem a Pedro de Freitas: «*realiza-me um casamento fora dos hábitos normais*»³⁵⁷. Após a entrada dos noivos, na Igreja Matriz, a *Tuna 1º de Janeiro* surpreendeu-os com uma sinfonia. Para Pedro de Freitas este acontecimento foi uma grande emoção, confessando, mais tarde, as seguintes palavras: «*A cena é, para mim, comovedora. As lágrimas deslizam-me sem eu querer, pelas faces*»³⁵⁸. Esta intervenção da tuna foi tão especial para Pedro de Freitas que ele registou-a como um reconhecimento: «*a primeira homenagem que me foi prestada!*»³⁵⁹. Terminada a cerimónia, Pedro de Freitas dirigiu-se ao padre Manuel Basílio Correia para proceder ao pagamento dessa celebração. Contudo, o padre Manuel Basílio Correia não quis nenhum pagamento e respondeu-lhe: «*Não me deves nada! Tu mereces muito mais!!*»³⁶⁰.

Haviam razões que justificavam o dealbar de alguma apreciação generalizada que acreditava na afeição que Pedro de Freitas nutria em relação à sua terra natal. Era um sentimento tão profundo que o levava a criticar dos louletanos que uma vez distantes da sua terra natal deixavam de lhe prestar atenção: «*muitos outros que alguma coisa de grande e útil poderiam ter feito em prol da nossa risonha província, e que, afinal, entregues ao indiferentismo, não teem querido saber da terra que lhes foi berço, uma vez ausentes d'ela. Loulé, infelizmente, conta alguns filhos ilustres nessas condições*»³⁶¹. Porém, a intensidade desta emoção acalentada por Pedro de Freitas a favor de Loulé foi acentuada durante o tempo em que ele foi soldado na *Primeira Grande Guerra Mundial*. Assim, no quotidiano desta guerra ele confessou a qualidade

³⁵⁷ Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, p. 22.

³⁵⁸ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, p. 33.

³⁵⁹ Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, p. 22.

³⁶⁰ Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, p. 23.

³⁶¹ Freitas, Pedro de, “Terras do Algarve-Loulé”, Em *Folha de Alte*, Alte, 15-06-1924.

dos seus sentimentos pela sua terra natal: «Loulé é um nome que sempre me baila nos lábios, que nunca me sai do pensamento, e, quando na guerra, em França, quantas vezes o meu farrapo-lenço de campanha não limpou meus olhos, ao lembrar-me de Loulé, da minha terra, do meu berço natal»³⁶². Muitos anos depois, uma vez mais, a perseverança deste sentimento de profundo amor pela terra natal levou que Pedro de Freitas manifestasse que nem mesmo o tempo em que permanecia longe de Loulé o tinha desmotivado do seu interesse pelo progresso da vila: «Sou um dos seus filhos que a não olvida, que não a abandona. Desviado dela há cerca de vinte e cinco anos, constitui a minha maior aspiração, como seu extremoso filho, vê-la caminhar, engrandecer»³⁶³. Por isso, José Maria da Piedade Barros expressou as seguintes palavras acerca de Pedro de Freitas: «Provou, não só com palavras mas com acções de mérito, amar Loulé entranhada e intransigentemente desde os tempos da sua juventude»³⁶⁴.

De facto, a ideia de pertença a uma localidade que, por sua vez, está inserida numa região exerce um forte impacto psicológico e cultural. Porém, a noção de que os grupos de regiões contribuem na especificidade da nação produz uma espécie de “identidade familiar”. Este critério justifica que o comportamento nacionalista apresenta características de natureza endémica associadas também a uma influência instintiva³⁶⁵. Como tal, esta dedicação que Pedro de Freitas sempre consagrou a Loulé também se relacionou com características peculiares do povo louletano, as quais foram descritas

³⁶² Freitas, Pedro de, “Impressões de Loulé”, Em *O Louletano*, 14-12-1933.

³⁶³ Freitas, Pedro de, “Impressões de Loulé”, Em *O Louletano*, 14-12-1933.

³⁶⁴ Barros, José Maria da Piedade, “Reconhecimento que se impôs a Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 05-05-1977.

³⁶⁵ S. Gorski, Philip: “Pre-modern Nationalism: An Oxymoron? The Evidence from England”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, p. 155; Kellas, James G., *The Politics of Nationalism and Ethnicity*, New York, ST. Martin’s Press, 1998, pp. 16-27.

pelo conterrâneo Raul Pinto: «*O bairrismo e voluntariedade dos louletanos, que em muitos concelhos se ridiculariza e simultaneamente se exalta e aponta como exemplo, consubstancia-se afinal num sentimento de orgulho cultivado por todos, que não permite que se deprecie a sua terra, mas que tem fundamento e justificação nas invulgares qualidades de caracter e índole dos seus naturais. Essas qualidades largamente reconhecidas e constantemente verificadas são: iniciativa, arrojo, espírito de aventura, amor ao trabalho, resignação no sofrimento e predisposição à hospitalidade. Deste amálgama de sentimentos generosos é feita a alma dos louletanos e por isso são unidos, solidários, entusiastas e empreendedores, sempre que a sua colaboração é chamada a organizações de que resulte prestígio ou renome para o concelho*»³⁶⁶. Além disso, numa consulta aos jornais de *A Voz de Loulé* também foi possível visualizar o testemunho desse “sentimentalismo” que os louletanos nutriam pela sua terra natal, o qual apareceu expresso através das seguintes expressões: “Um Concurso Bairrista”³⁶⁷; “Bairrismo”³⁶⁸; “A Felicidade de ser Louletano”³⁶⁹. Sem embargo, Pedro de Freitas constituiu um caso paradigmático deste entranhado amor pelo seu berço natal. A sua postura dinâmica manifestou sempre uma profunda afeição pela sua terra natal, a qual expressava-se através das suas actividades e através dos seus escritos de carácter apelativo, reivindicativo e publicista³⁷⁰.

Pedro de Freitas jamais ficava indiferente ao que se passava em Loulé. Era com um orgulho peculiar de ser louletano que ele contribuía para melhorar a qualidade de vida

³⁶⁶ Pinto, Raul R., *Loulé Roteiro Guia Histórico turístico Comercial e Industrial do Concelho*, Loulé, Gráfica Ideal Águeda, 1951, p. 33-34.

³⁶⁷ Repórter X, “Concurso Bairrista”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 01-05-1956.

³⁶⁸ Brasino, Hilário, “Bairrismo”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 14-04-1957.

³⁶⁹ Farrajota, Manuel Guerreiro, “A Felicidade de ser Louletano”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 02-08-1978.

³⁷⁰ Barros, José Maria da Piedade, “Reconhecimento que se impôs a Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 05-05-1977.

dos louletanos. Sempre que se impunha a necessidade de progredir e de modernizar as estruturas sociais da vila, Pedro de Freitas salientava-se na luta para a concretização desses intentos. Evidencia-se, neste contexto, a polémica desenvolvida relativamente à passagem do caminho de ferro dentro da vila de Loulé. Este assunto tinha sido defendido por Marçal Pacheco na qualidade de representante da região junto do poder central: «o Dr. Marçal Pacheco era um político de grande valor do partido Regenerador. E como louletano de grande estilo bairrista ele lutou contra o facto do caminho de ferro ter ficado distante da Vila cinco quilómetros e meio, obra do partido Político Progressista»³⁷¹. Neste sentido, desde 1910 haviam interesses para que se procedesse a um estudo que permitisse a construção de um troço de linha que ligasse Loulé à sua Estação³⁷². No entanto, este traçado transformar-se-ia num problema devido à divergência de interesses entre as povoações de Loulé e de S. Brás de Alportel, sendo agravado pela instabilidade política da época³⁷³. Embora as várias tentativas para que a passagem do caminho de ferro dentro da vila de Loulé não tivessem sido levadas à

³⁷¹ Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, p. 24; ver também Mendonça, Artur Ângelo Barracosa: “Publicidade, Política e Cultura na Imprensa Louletana (1907/1912)”, Em Arquivo Histórico Municipal de Loulé (ed.), *Al'ulyã, Revista no Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, n.º 8, Loulé, Arquivo Histórico Municipal de Loulé, 2001/2002, p. 420.

³⁷² O interesse pela construção de um caminho de ferro em Loulé foi confirmado através da sessão de Novembro de 1910, neste sentido, foi deliberado oficial ao *Conselho de Administração dos Caminhos de Ferro do Estado* para este ordenar que um engenheiro procedesse com a maior urgência possível ao estudo do traçado de um troço de linha que ligasse Loulé à sua Estação. Na sessão de Janeiro de 1911, foi resolvido pedir a construção de um ramal da estação de Loulé à estação de Tavira, passando por S. Brás de Alportel. Pinto, Raul R., *Loulé Roteiro Guia Histórico turístico Comercial e Industrial do Concelho*, Loulé, Gráfica Ideal Águeda, 1951, p. 19.

³⁷³ A construção de um troço extra na linha do caminho de ferro trouxe bastantes discórdias entre as vilas de Loulé e de São Brás de Alportel. Loulé tinha o caminho de ferro a cinco quilómetros e meio de distância da Vila, por isso pretendia uma variante da linha de caminho de ferro que lhe permitisse a passagem de todos os comboios, para tal bastava um aumento de três quilómetros na linha geral do sul. Por outro lado, São Brás de Alportel apoiava a existência de um ramal de caminho de ferro, criado pela Lei 262, que saindo de Loulé-Gare passasse pela Vila de Loulé e terminasse em São Brás de Alportel. Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, pp. 24-25.

vante, a deliberação deste problema apresentava-se bastante vantajosa: «segundo parece a resolução deste problema solucionaria a crise que se vivia em Loulé e por todo o Algarve»³⁷⁴. Deste modo, de 1926 a 1946 as lutas tomaram um novo ânimo com a intervenção de Pedro de Freitas, o qual fez parte da luta pró-variante do caminho de ferro³⁷⁵. O principal objectivo da intervenção de Pedro de Freitas era dar continuidade aos projectos anteriores que defendiam a construção de um caminho de ferro que passasse dentro da vila e que, deste modo, facilitasse o progresso e a dignificação de Loulé. Foi, neste sentido, que a 28 de Fevereiro de 1945 Pedro de Freitas escreveu uma carta ao Presidente da *Câmara Municipal de Loulé*, José Guerreiro, na qual manifestava que o assunto do caminho de ferro era mais importante do que a sua obra musical³⁷⁶. Ao mesmo tempo, Pedro de Freitas solicitava veementemente que o dito Presidente da *Câmara Municipal de Loulé* resolvesse a concretização deste evento: «Não deixe a Presidência do nosso Município sem que tenha realizado a mais importante obra de progresso e fomento – a variante do c. Ferro – é o que do coração lhe agradeço»³⁷⁷. Porém, as divergências e os problemas políticos subsistiram e a intenção de Pedro de Freitas ficou sem efeito³⁷⁸.

Na década dos anos trinta do século XX, Pedro de Freitas tomou parte activa na campanha da junção das duas bandas filarmónicas de Loulé, cujo objectivo principal era

³⁷⁴ Mendonça, Artur Ângelo Barracosa: “Publicidade, Política e Cultura na Imprensa Louletana (1907/1912)”, Em *Arquivo Histórico Municipal de Loulé* (ed.), *Al'ulyã, Revista no Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, n.º 8, Loulé, *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, 2001/2002, p. 420.

³⁷⁵ Anónimo: “Quem foi PEDRO DE FREITAS?”, Em *Agenda Cultural*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, Setembro, 1995; p. 18; Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, pp. 24-25.

³⁷⁶ Ver 7.9. Outras Fontes Documentais, Documento n.º 3, em Anexos.

³⁷⁷ Ver 7.9. Outras Fontes Documentais, Documento n.º 3, em Anexos.

³⁷⁸ Sobre esta polémica Pedro de Freitas escreveu vários artigos: Freitas, Pedro de, “Quadros de Loulé Antigo 18”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 03-01-1960; Freitas, Pedro de, “Quadros de Loulé Antigo 19”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 21-02-1960; Freitas, Pedro de, “Quadros de Loulé Antigo 20”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 20-03-1960; Freitas, Pedro de, “Quadros de Loulé Antigo 21”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 15-05-1960; Freitas, Pedro de, “Quadros de Loulé Antigo 22”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 29-05-1960; Freitas, Pedro de, “Quadros de Loulé Antigo 23”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 19-06-1960; Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, pp. 24-25.

evitar a perda das bandas locais. Para tal, Pedro de Freitas contou com a ajuda do presidente da *Câmara Municipal de Loulé*: «*O saudoso e muito querido amigo José da Costa Guerreiro, Presidente desta Câmara, abre-me todas as suas portas para melhor evidenciar o meu bairrismo*»³⁷⁹.

No entanto, uma das iniciativas que Pedro de Freitas mais se orgulhou foi a de ter trazido a Loulé, na altura das festas da *Nossa Senhora da Piedade* (Mãe Soberana de Loulé), o seu batalhão de guerra, tal como ele mencionou: «*A minha maior proeza bairrista, porém, foi no dia 1.º de MAIO de 1938! No meu livro “Quadros de Loulé Antigo” tudo discrimino como foi a minha grande luta para trazer a Loulé o meu Batalhão de guerra – o Batalhão de Sapadores de Caminho de Ferro, comandado pelo General Raúl Esteves*»³⁸⁰. O acontecimento foi tão cerimonial e histórico que alterou a toponímia de Loulé para o nome de *Batalhão Sapadores Caminhos de Ferro*: «*No Largo da Matriz está a lápide*»³⁸¹ *que dá a esse local o nome do Batalhão. [...] E assim deu-se a Loulé e ao Algarve um festival de alto valor histórico*»³⁸².

³⁷⁹ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, p. 34.

³⁸⁰ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, pp. 34-35. Ver também Pinto, Raul R., *Loulé Roteiro Guia Histórico turístico Comercial e Industrial do Concelho*, Loulé, Gráfica Ideal Águeda, 1951, p. 29.

³⁸¹ A Placa toponímica diz: «*Batalhão Sapadores Caminhos de Ferro. Distinguiu-se na Grande Guerra em França, prestigiando o Paiz. Condecorado com a Torre e Espada e citado honrosamente pelas autoridades Inglesas e Francesas. Visitou esta vila em 1-5-1938*». Ver 7.9. Outras Fontes Documentais, Documento n.º 19 e n.º 20, em Anexos. Estas Romagens constituíam uma festa anual de confraternização entre os ex-combatentes do Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro. No dia 29 de Março de 1938 reuniu-se na redacção da «*Gazeta dos Caminhos de Ferro*» a Comissão Executiva, sob a direcção do presidente Sr. General Raul Esteves e com os componentes Engenheiro Leal Faria, Carlos d' Ornelos, Pedro de Freitas, Vaz Bandeira e Major Rosa Bastos. Na dita reunião tomou-se conhecimento dos trabalhos em curso, leram-se numerosas cartas de adesão à festa que nesse ano era realizada em Loulé. Anónimo: “*Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro Festa anual de confraternização*”, Em *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, n.º 1208, Revista quinzenal, Lisboa, Tip. Gazeta dos Caminhos de Ferro, 16-04-1938, p. 183; Ver 7.8. Uma Fotobiografia de Pedro de Freitas, Fotografias n.º 6; n.º 7; e n.º 8, em Anexos; e 7.9. Outras Fontes Documentais, Documentos n.º 19 e 20, em Anexos. Segundo Pedro de Freitas esta foi uma Romagem ao patriotismo e ao bairrismo louletano, tendo a participação de 50 músicos da banda filarmónica da Polícia. As Romagens continuaram a concretizar-se, como era habitual, em diferentes locais. Freitas, Pedro de, “*Há vinte e cinco anos! O Batalhão de Sapadores de Caminho de Ferro visitou Loulé*”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 21-04-1963.

³⁸² Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, p. 35.

José Maria da Piedade Barros foi um dos apreciadores desta iniciativa protagonizada por Pedro de Freitas, considerando-a não só revestida de um acontecimento importante a nível local e nacional como também representativa de enaltecimento à sua imagem (de Pedro de Freitas). Foi, aliás, através deste evento político de nacionalização das massas locais que Pedro de Freitas mereceu da parte do General Raul Esteves a designação honrosa de: «*embaixador de Loulé*»³⁸³.

Além do mais, Pedro de Freitas também contribuiu para o engrandecimento das Festas do Carnaval de Loulé³⁸⁴. Nas palavras de Raul Pinto estas festas constituíam um acontecimento impar no panorama nacional: «*Poderá supor-se que há exagero nesta afirmação, mas Loulé não tem rival digno nestas Festas, quer no número, quer na qualidade dos carros ornamentados, no nosso País. [...] O Carnaval de Loulé, está pois definitivamente consagrado e é bem, um forte e escolhido motivo de turismo regional*»³⁸⁵. Neste sentido, Pedro de Freitas escreveu sobre o percurso histórico do Carnaval louletano, procedendo, para tal, a investigações sobre a sua origem. Porém, Pedro de Freitas também tinha brio em presenciar as festas do Carnaval, descrevendo sobre as novidades que as caracterizavam anualmente³⁸⁶. Com o mesmo intuito, Pedro de Freitas incitava para que os louletanos não desistissem de fazerem as festas do

³⁸³ Barros, José Maria da Piedade, “Reconhecimento que se impôs a Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 05-05-1977; Mosse, George L., *La Nacionalización de las Masas: Simbolismo Político y Movimientos de Masas en Alemania desde las Guerras Napoleónicas al Tercer Reich*, Argentina, Siglo XXI Editores, 2007.

³⁸⁴ Ver 7.8. Uma fotobiografia de Pedro de Freitas, fotografias n.º 11; n.º 13; e n.º 35, em Anexos. Freitas, Pedro de, “A Propósito do Carnaval Algarvio”, Em *O Algarve*, Faro, 21-10-1951. As primeiras Batalhas de Flores realizaram-se em Loulé em 1906, as quais tinham como complemento uma farsa que se realizava no Sábado de Aleluia e tinha o nome de «*enterro do bacalhau*». Esta festa consistia num cortejo com alas, em que cada figurante era portador de um bacalhau. Quando a festa terminava, os bacalhaus eram recolhidos para um mesmo monte, os quais, no Domingo de Páscoa, pela manhã, eram distribuídos pelos pobres da vila. Pinto, Raul R., *Loulé Roteiro Guia Histórico turístico Comercial e Industrial do Concelho*, Loulé, Gráfica Ideal Águeda, 1951, p. 18.

³⁸⁵ Pinto, Raul R., *Loulé Roteiro Guia Histórico turístico Comercial e Industrial do Concelho*, Loulé, Gráfica Ideal Águeda, 1951, p. 129.

³⁸⁶ Freitas, Pedro de, “A Propósito do Carnaval Algarvio”, Em *O Algarve*, Faro, 21-10-1951; Freitas, Pedro de, “Há 46 anos - 1906-1952 Loulé e o Carnaval no Algarve”, Em *O Algarve*, Faro, 24-02-1952; Freitas, Pedro de, “O Carnaval de Loulé é o cartaz Turístico do Algarve”, Em *O Algarve*, Faro, 15-02-1953.

Carnaval porque para além do seu valor histórico-local este evento também constituía uma importante fonte de receitas³⁸⁷. Foi sobretudo a partir do final da década de quarenta do século XX, através da imprensa periódica regional, que Pedro de Freitas mais dignificou e enalteceu o “Carnaval Civilizado de Loulé”³⁸⁸. Sem embargo, nos anos cinquenta do século XX esta festa passou a ter o patrocínio de uma instituição oficial competente na matéria, designada por *Secretariado Nacional de Informação* (SNI): «*Os festejos do Carnaval de Loulé, atingido tal protecção no País, que, no corrente ano, o próprio Secretariado da Propaganda as considerou de importância turística e prometeu o seu patrocínio e possível orientação em anos futuros*»³⁸⁹. Deste modo, em 1951 e 1952 Pedro de Freitas decidiu tomar parte activa na organização do Carnaval de Loulé através da ajuda de entidades oficiais: «*Com uma credencial que a Câmara Municipal me conferiu, abri, em Lisboa, as portas do S.N.I. e o quartel general da Mocidade Portuguesa. Do Secretariado Nacional de Informação consegui 200 vistosos fardamentos à D. João V e, da Mocidade Portuguesa, os clarins e altos tambores para com eles formar uma Banda. Dois técnicos de Lisboa foram para Loulé para caracterizarem e vestirem os figurantes*»³⁹⁰. Em 1956, o Carnaval de Loulé completou as Bodas de Ouro e novamente Pedro de Freitas teve um papel preponderante neste contexto³⁹¹.

Com efeito, Raúl Pinto observou que o jornal *A Voz de Loulé*, ao dedicar um artigo a este evento, esqueceu-se de mencionar a colaboração de algumas figuras fundamentais

³⁸⁷ Freitas, Pedro de, “Da reacção surgirá o indispensável remédio?”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 02-02-1964.

³⁸⁸ Freitas, Pedro de, “Ecos de um Carnaval, Terra Bairrista”, Em *O Algarve*, Faro, 02-03-1947; Freitas, Pedro de, “Ecos de uma Conferência”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 07-05-1981.

³⁸⁹ Pinto, Raul R., *Loulé Roteiro Guia Histórico turístico Comercial e Industrial do Concelho*, Loulé, Gráfica Ideal Águada, 1951, p. 129.

³⁹⁰ Ver 7.8. Uma fotobiografia de Pedro de Freitas, fotografia n.º 11, em Anexos. Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.ª (ed.), 1991, p. 177.

³⁹¹ Ver 7.8. Uma fotobiografia de Pedro de Freitas, fotografia n.º 13, em Anexos. Varão, Zé, “Falando das Festas com Zé do Carnaval Louletano”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 16-02-1956.

na dignificação dos cinquenta anos do Carnaval de Loulé, bem como de expor a respectiva fotografia³⁹². Depois de referenciar alguns nomes de figuras importantes neste contexto³⁹³, Raul Pinto sublinhou que também tinha sido esquecida a intervenção de Pedro de Freitas: «*E, que dizer, do embaixador de Loulé, em qualquer parte do País, o genial Pedro de Freitas, que, como organizador do Cortejo Histórico foi incansável?*»³⁹⁴. Finalmente, na altura do septuagésimo quinto aniversário do Carnaval de Loulé, uma vez mais, Pedro de Freitas exaltou a dignificação desta festa local através de uma conferência subordinada à história do Carnaval de Loulé no salão nobre da *Câmara Municipal de Loulé*³⁹⁵.

Um outro tema de interesse manifestado por Pedro de Freitas relacionava-se com os melhoramentos e saneamentos da vila de Loulé. Dada a sua concepção de respeito para com a tradição histórica, Pedro de Freitas preocupava-se em fazer renascer os costumes antigos e dar-lhes mais realidade e actualidade: «*Desenterraria a tradição, não a deixando perder de todo como infelizmente se vai perdendo, e, desobstruía, alindava e olharia a sério para a fisionomia geral e para tudo o que é característico louletano; daria mais luz onde a escuridão impera, e mandaria pôr em acção em maior escala a vassoura municipal de modo a actuar onde se nota a sua quase que permanente falta. Tudo faria, enfim, para o turista não falar ambiguamente desta terra*»³⁹⁶.

³⁹² Pinto, Raul, “O nosso número consagrado ao Carnaval de Loulé”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 01-02-1956; Pinto, Raul, “O Carnaval de Loulé Uma história com barbas brancas Reportagem retrospectiva...”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 15-01-1956.

³⁹³ As figuras que Raúl Pinto salientou foram: Ventura Barbosa, considerado o criador do Carnaval de Loulé; Dr. Aires de Lemos Tavares, que durante quatro anos como presidente da Câmara Municipal foi presidente da *Comissão Executiva das Festas*; João Farrajota Alves e José João Ascensão Pablos que foram elementos importantes na organização de carros e no concurso; José Ribeiro Ramos, um colaborador indispensável; Sebastião Rodrigues Marques, o tesoureiro; Dr. Quirino Mealha, ao qual sempre se recorre quando há necessidade de arranjar coisas difíceis, e, finalmente, fez referência a Pedro de Freitas como organizador do cortejo histórico do Carnaval. Pinto, Raul, “O nosso número consagrado ao Carnaval de Loulé”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 01-02-1956.

³⁹⁴ Pinto, Raul, “O nosso número consagrado ao Carnaval de Loulé”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 01-02-1956.

³⁹⁵ Ver 7.8. Uma fotobiografia de Pedro de Freitas, fotografia n.º 35, em Anexos. Freitas, Pedro de, “Ecos de uma Conferência”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 07-05-1981.

³⁹⁶ Freitas, Pedro de, “Se Eu fosse...”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 04-11-1962.

A nível musical, Pedro de Freitas teve ideias inovadoras para a época em que viveu. Por acreditar que o ser humano evoluía espiritual e materialmente através da música, Pedro de Freitas defendeu desde 1927 o seu ensino nas escolas³⁹⁷. Neste âmbito, consciente das carências musicais existentes no Algarve, Pedro de Freitas propôs, a partir de 1957, a criação de uma Academia de Música Regional³⁹⁸. Sem embargo, esta ideia só começou a aparecer na imprensa periódica regional a partir de 1969-1970³⁹⁹. No contexto da música louletana, Pedro de Freitas ainda apelou para mais espaço nas colunas do jornal *Alma Algarvia* para que se pudesse desenvolver o assunto da música⁴⁰⁰. No entanto, foi sobretudo a partir dos anos quarenta do século XX que Pedro de Freitas, progressivamente, mais se evidenciou através de conferências e de outras iniciativas e actividades, muitas das quais estavam relacionadas directa ou indirectamente com a música popular louletana⁴⁰¹. Neste contexto foi fundamental a colaboração de Pedro de Freitas em várias instituições, fossem elas privadas ou oficiais, e tivessem elas conotações favoráveis ou divergentes relativamente com a política oficial⁴⁰². Deste modo, integrado na *Federação das Sociedades de Educação e Recreio*; nas comemorações de várias Colectividades Musicais; na *Comissão da Casa do Algarve* em Lisboa; e na *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT), Pedro de Freitas evidenciou-se através de conferências sobre a música popular, focando um

³⁹⁷ Freitas, Pedro de, “Pelo progresso da música louletana (II)”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 16-01-1927.

³⁹⁸ Freitas, Pedro de, “Elementos Históricos sobre a Música Popular no Algarve IV”, Em *Jornal do Algarve*, Vila Real de Santo António, 22-06-1957.

³⁹⁹ Anónimo, “Conservatório Regional do Algarve”, Em *Correio do Sul*, Faro, 29-05-1969; Anónimo, “Conservatório Regional de Música foi finalmente pedida a sua criação”, Em *Correio do Sul*, Faro, 19-05-1970.

⁴⁰⁰ Freitas, Pedro de, “Pelo Progresso da Música Louletana (I)”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 26-12-1926.

⁴⁰¹ Ver o ponto 7.5. Conferências e eventos concedidos por Pedro de Freitas, em Anexos.

⁴⁰² Freitas, Pedro de, “Tempos passados, recordações sentidas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 23-07-1981.

interesse especial pelas bandas filarmónicas⁴⁰³. Neste âmbito, Pedro de Freitas também chegou a propor a apresentação de concertos na *Emissora Regional de Faro*: «Iguamente as bandas, em intercâmbio percorreriam aos domingos as sedes dos concelhos e uma vez por outra dariam concertos na emissora regional. Isto contribuiria para despertar o interesse pelas decadentes filarmónicas, revigorá-las, nivelando até, se tanto fosse possível, o nosso panorama musical com o do activo distrito de Setúbal»⁴⁰⁴.

Sempre que se justificava, Pedro de Freitas também homenageava as figuras de mérito no domínio musical⁴⁰⁵. Contudo, a sua preocupação com o declínio das bandas filarmónicas locais era premente. Por considerá-las relíquias do passado histórico, representativas do povo e da nação portuguesa, Pedro de Freitas escreveu ao *Presidente da Câmara de Loulé* Maurício Serafim Monteiro a solicitar que lhes prestasse um generoso auxílio camarário, cujo objectivo era que ambas as bandas filarmónicas locais pudessem desempenhar adequadamente a sua função⁴⁰⁶. Embora Pedro de Freitas tivesse sido músico da sociedade filarmónica *Artistas de Minerva*, ele afirmava não ter partidarismos políticos quando se tratava de defender as duas bandas filarmónicas locais. De facto, os seus escritos assim o confirmaram ao revelarem as suas preocupações com a banda filarmónica que na altura se encontrava mais necessitada,

⁴⁰³ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 524-529; Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 225; Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, pp. 463-477.

⁴⁰⁴ Freitas, Pedro de, “Elementos Históricos sobre a Música Popular no Algarve VIII”, Em *Jornal do Algarve*, Vila Real de Santo António, 28-03-1959.

⁴⁰⁵ Monteiro, Maurício, “O Louletano Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 21-07-1976; Freitas, Pedro de, “E’ preciso dar ao Povo Música da sua feição (II)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 07-01-1953; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 117.

⁴⁰⁶ Freitas, Pedro de, “Loulé e as suas Bandas de Música”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 26-02-1956.

independentemente de ser a sociedade filarmónica *Artistas de Minerva* ou a *União Marçal Pacheco*. Deste modo, aquando do centenário da *Sociedade Filarmónica União Marçal Pacheco* Pedro de Freitas solicitou um contributo monetário para que esta continuasse a prosseguir a sua função⁴⁰⁷. Num outro artigo, escrito em Janeiro de 1969 e intitulado sugestivamente: “Louletanos! A Música Velha precisa do vosso auxílio”, Pedro de Freitas fez um apelo para a necessidade de se comprar um fardamento novo aos instrumentistas da *União Marçal Pacheco*, sendo necessário, para este fim, a quantia de 30.000 escudos⁴⁰⁸. Neste prisma, no mês seguinte, isto é, em Fevereiro do mesmo ano (1969), e na qualidade de louletano, Pedro de Freitas manifestou a sua intenção em contribuir monetariamente para a comissão que tratava dos fardamentos da *Sociedade Filarmónica União Marçal Pacheco*, designada popularmente de “Música Velha”⁴⁰⁹. De facto, este nobre gesto da parte de Pedro de Freitas não se ficou somente na sua intenção. No livro de donativos conferidos à *Sociedade Filarmónica União Marçal Pacheco* encontrou-se a referência comprovativa de que, no dia 26 de Fevereiro desse mesmo ano de 1969, Pedro de Freitas tinha enviado por vale correio a quantia de 500 escudos, cuja intenção era contribuir para um fardamento novo aos músicos da dita banda filarmónica⁴¹⁰. Porém, já no ano anterior, isto é, a 6 de Dezembro de 1968, Pedro de Freitas tinha feito uma subscrição para o fardamento dos instrumentistas da *Sociedade Filarmónica União Marçal Pacheco*, na qual ele tinha participado através da quantia de 150 escudos⁴¹¹. Além do mais, a título de surpresa, num outro livro de receitas da *Sociedade Filarmónica União Marçal Pacheco* registou-se que, em Agosto

⁴⁰⁷ Freitas, Pedro de, “O Centenário da Música Velha”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 16-03-1956; Freitas, Pedro de, “Cem anos de vida e uma agonia crónica”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 16-04-1956.

⁴⁰⁸ Freitas, Pedro de, “Louletanos! A Música Velha Precisa do vosso auxílio”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 07-01-1969.

⁴⁰⁹ Freitas, Pedro de, “Morreu o Zé do Cuco”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 04-02-1969.

⁴¹⁰ Vale Correio n.º 078992, Em Auxílio Pró-Fardamento da Banda União Marçal Pacheco, SFUMPLLE/E/002/Mç002 1969, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*.

⁴¹¹ SFUMPLLE/E/002/Mç002 1969, Em Auxílio Pró-Fardamento da *Banda Filarmónica União Marçal Pacheco*, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*.

de 1947, Pedro de Freitas tinha enviado a esta banda filarmónica três livros de música sob o valor de 150 escudos⁴¹². Estas evidências vieram comprovar que embora Pedro de Freitas tivesse sido filarmónico da *Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva* ele era imparcial na defesa dos interesses da música local louletana. Enfim, sempre que qualquer uma das duas bandas filarmónicas da sua terra carecia de ajuda Pedro de Freitas manifestava o seu apoio⁴¹³.

Por outro lado, como uma figura dedicada ao meio filarmónico português, Pedro de Freitas apoiava os intercâmbios musicais entre diferentes países, incentivando sempre que possível que as bandas filarmónicas portuguesas fossem tocar à Espanha⁴¹⁴. Neste sentido, a opinião da Luísa Fernanda Guerreiro Martins, Assessora da Câmara Municipal de Loulé (*Divisão de Cultura e História Local*), anuiu que Pedro de Freitas exerceu um pilar de interligação musical entre Loulé, Cartaya e Ayamonte: «*Pedro de Freitas é uma peça silenciosa mas pertinente na história contemporânea de Loulé, assim como de Cartaya e provavelmente, Ayamonte. Digo isto porque foi com a acção deste homem que se iniciou uma aliança entre as Bandas Filarmónicas destas três cidades, de tal modo que ainda hoje se realiza, o encontro e o intercâmbio anual das Bandas Filarmónicas destas cidades, sem que, infelizmente, a maioria dos participantes e/ou organizadores saibam o porquê e quem está na origem destes Encontros das Bandas Filarmónicas*»⁴¹⁵.

Ainda relativamente às bandas filarmónicas locais, Pedro de Freitas descreveu histórias inéditas por ele vividas, anotou elementos históricos que pesquisou, mencionando

⁴¹² SFUMPPLE/E/001/Lv001 1947-1955, Livro de Receitas da *Banda Filarmónica União Marçal Pacheco* (Funções Financeiras), fólio n.º 3, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*.

⁴¹³ Freitas, Pedro de, “As Filarmónicas”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 04-02-1969.

⁴¹⁴ Freitas, Pedro de, “Montijo em Espanha”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 22-09-1959; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946.

⁴¹⁵ A Luísa Fernanda Guerreiro Martins é Assessora na Câmara Municipal de Loulé – *Divisão de Cultura e História Local* (Centro de Documentação, Investigação e Museus - Loulé). Martins, Luísa Fernanda Guerreiro, [On-line], <luisa.martins@iol.pt>, [11 de Outubro de 2008].

nomes de muitos instrumentistas pertencentes a cada uma destas filarmónicas. Neste âmbito, os seus escritos constituem uma fonte de pesquisa para futuros trabalhos de investigação sobre este assunto⁴¹⁶. Aliás, quando Pedro de Freitas reportava ao historial das filarmónicas portuguesas era frequente que ele chamasse à atenção para o rigor no apuramento da verdade histórica⁴¹⁷. Por isso, Pedro de Freitas procedeu a entrevistas para saber quando é que foram fundadas as duas sociedades filarmónicas de Loulé⁴¹⁸.

Devido ao protagonismo e à compreensão da orgânica das bandas filarmónicas, incluindo também os seus conhecimentos sobre os critérios de crítica musical aquando da execução das mesmas, Pedro de Freitas ocupou o lugar de presidente na direcção da *Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva* a 3 de Junho de 1967⁴¹⁹.

Por ter sido considerado «um autêntico paradigma das melhores virtudes locais»⁴²⁰, Pedro de Freitas foi homenageado a 2 de Dezembro de 1978 pelos conterrâneos da sua

⁴¹⁶ Freitas, Pedro de, “As Filarmónicas”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 04-02-1969; Freitas, Pedro de, “A Banda Artistas de Minerva festeja o seu 105º aniversário”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 28-05-1981.

⁴¹⁷ Freitas, Pedro de, “Pedro de Freitas: gralhas não tocam”, Em *A Avezinha*, Paderne, Julho de 1981; Freitas, Pedro de, “A Sociedade Filarmónica Agrícola Lavradiense não é a mais antiga do Distrito de Setúbal”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 04-03-1969, ou Freitas, Pedro de, “Ainda a antiguidade das Filarmónicas”, Em *Jornal de Cambra*, Cambra, 15-02-1970.

⁴¹⁸ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 65-103; Freitas, Pedro de, “A União Marçal Pacheco (Música Velha) faz cem anos de existência”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 01-03-1956; Freitas, Pedro de, “Há cento e doze anos 1-5-1856 – 1-5-1968”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 16-04-1968; Freitas, Pedro de, “Há Noventa e Dois Anos 21-5-1876 – 21-05-1968”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 07-05-1968; Freitas, Pedro de, “Os 105 Anos da Sociedade Filarmónica “Artistas de Minerva”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 11-06-1981.

⁴¹⁹ Anónimo, “A Nova Direcção da Sociedade Filarmónica dos Artistas de Minerva”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 23-06-1977; Acta 3 de Junho de 1977, «eleição de corpos Gerentes para 1977-1978». Em *Fundo da Sociedade Filarmónica Artista de Minerva Livros de Actas SFAMLE/B/A/001/LV001 1927-77*.

⁴²⁰ Correio do Sul, “Pedro de Freitas merecidamente homenageado em Loulé”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 09-11-1978.

terra natal⁴²¹. Este evento foi constituído por duas partes, uma oficial e outra privada⁴²². Mediante esta celebração, o nome *Pedro de Freitas* passou a constar na toponímia local, substituindo a antiga designação de *Largo do Carmo*⁴²³. À parte da deliberação camarária um grupo de amigos ofereceu a Pedro de Freitas um jantar de confraternização no *Hotel Quarteirasol*, em Quarteira⁴²⁴. Contudo, anos mais tarde, isto é, a 22 de Setembro de 1982, Pedro de Freitas solicitou uma modificação na inscrição da sua toponímia. Deste modo, em vez de figurar: «*Pedro de Freitas*» ele propunha que

⁴²¹ Ver 7.6.d Homenagem prestada por Loulé, em Anexos.

⁴²² Através da *Sessão da Câmara Municipal de Loulé*, de 29-9-1978, Em *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, foi aprovada, por unanimidade, a proposta do presidente Andrade de Sousa, a qual objectivava que o *Largo do Carmo* fosse substituído pelo nome *Pedro de Freitas*. Com efeito, a homenagem consagrada a Pedro de Freitas constou de uma parte oficial às 10 horas com o descerramento da placa toponímica *Rua Pedro de Freitas* em substituição do antigo *Largo do Carmo*. (Esta rua localiza-se contígua ao *Mercado Municipal* da vila de Loulé). Às 11 horas foi a sessão solene, no *salão nobre dos Paços do Concelho de Loulé*, na qual homenagearam Pedro de Freitas na qualidade de escritor louletano. A parte não oficial iniciou-se às 16 horas, também no *salão nobre dos Paços do Concelho de Loulé*, com a transmissão de músicas gravadas por bandas civis do país. Nesta gravação ouviu-se o discurso de Mário Lyster Franco, em 1973, aquando do *Festival de bandas de Música Cívica* realizado em Faro, no Largo da Sé, e a execução da *Marcha Algarve Florido* por dez bandas de música cívica sob a regência de Pedro de Freitas. Ouviu-se também o discurso do Capitão e Maestro da banda filarmónica da *Guarda Nacional Republicana*, Manuel da Silva Dionísio, realizado no Porto, *Pavilhão do Palácio de Cristal*, o qual foi alusivo às vicissitudes das filarmónicas e às provas de concursos que as filarmónicas estavam a prosseguir. Neste contexto, foi tocada a marcha *O Concurso* de Pedro de Freitas pela banda da *Polícia de Lisboa*. Houve, depois, sátira declamação e canto de quatro óperas – *Palhaços*, *Carmen*, *Tosca* e *Rigoleto*, por David de Freitas. Numa gravação feita no *Teatro de S. Carlos*, em Lisboa, a *banda de música da Polícia* executou mais duas marchas de Pedro de Freitas: *A Minha Primeira Marcha* e os *Clarins Bailado*. Depois do intervalo, e também em gravação, a banda *União Marçal Pacheco*, com 24 instrumentistas tocou a *Marcha Viva Loulé* de autoria de Pedro de Freitas, gravada no *Teatro Garcia Resende*, de Évora; e a *banda de música de Trofa*, de Santo Tirso, com 42 instrumentistas executou a *Marcha Loulé em festa* de Pedro de Freitas, a qual foi gravada no *Pavilhão do Palácio de Cristal do Porto*. Às 19:30 foi o jantar no *Hotel Quarteirasol*, em Quarteira. Anónimo, “Loulé tributa festa de homenagem de reconhecimento a Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 09-11-1978.

⁴²³ Ver 7.9. Outras Fontes Documentais, Documento n.º 17, em Anexos. Esta Homenagem que Loulé prestou a Pedro de Freitas foi fotografada, ver Album de Fotografias, Inventário n.º 216, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*. Pedro de Freitas ainda escreveu um livro relacionado com esta homenagem: Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979. Neste dia, Pedro de Freitas fez doação de parte do seu espólio à *Câmara Municipal de Loulé*. Mais tarde, Pedro de Freitas acabou por ofertar todo o seu espólio cultural à *Câmara Municipal de Loulé* por esta ter decidido criar a “Casa Museu Pedro de Freitas”, na qual se apresentaria toda a obra de Pedro de Freitas devidamente catalogada. Liberal, João “Pedro de Freitas natural de Loulé mas com 70 anos de Resistência no Barreiro”, Em *Jornal do Barreiro*, Barreiro, 05-02-1982. Ver 7.6.d. Homenagem prestada por Loulé, em Anexos.

⁴²⁴ Quarteira, freguesia portuguesa do concelho de Loulé, Algarve, Em *Wikipédia*, [On-line], <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Quarteira>>, [consulta: 07 de Agosto de 2008]. Anónimo, “Loulé tributa festa de homenagem de reconhecimento a Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 09-11-1978.

se colocasse: «*Rua Pedro de Freitas Escritor e Musicógrafo Popular / Antigo Largo do Carmo*»⁴²⁵. A justificação que Pedro de Freitas conferiu a esta solicitação relacionava-se com a ideia que através da exclusiva menção do seu nome as gerações vindouras não o reconheceriam segundo os méritos que o tinham distinguido. Por outro lado, respeitando a tradição histórica, Pedro de Freitas considerava que também deveria de figurar o antigo nome do *Largo do Carmo*⁴²⁶.

A 29 de Junho do mesmo ano (1978), Pedro de Freitas contactou com a direcção dos «*Amigos de Loulé*» e ofertou a esta agremiação diversas composições musicais e números de folclore algarvio do seu arquivo pessoal. Como prova de consideração, o rancho infantil de Loulé⁴²⁷ prestou-lhe uma homenagem: «*Numa demonstração especial de muito apreço e como preito de homenagem, o Rancho Infantil de Loulé, com a vivacidade costumeira, dedicou-lhe algumas exibições pertencentes ao seu repertório coreográfico*»⁴²⁸. Aliás, reconhecia-se que a criação deste rancho devia-se de algum modo ao espírito de iniciativa de Pedro de Freitas: «*a materialização de um rancho folclórico, representativo da sua terra natal, [constituiu uma] antiga aspiração desde à muito perfilhada e acalentada por Pedro de Freitas*»⁴²⁹.

No Verão do ano seguinte (1979), era realizado o *III Festival Nacional de Folclore do Algarve* através da iniciativa da *Comissão Regional de Turismo, Câmaras Municipais do Distrito* e da *Federação Nacional do Folclore*. Ao apoiar esta iniciativa, Pedro de Freitas não deixou de criticar o facto de neste festival, assim como no que fora realizado

⁴²⁵ Freitas, Pedro de, Carta Manuscrita dirigida ao Ex.mo. Senhor da *Câmara Municipal de Loulé*, 22-09-1982, Em 2.^a Série do 3.^o Livro, *Os meus Artigos e alguns extras de 1965 a 1982*, Pedro de Freitas, n.º 113-A, p. [I], [82-9 FRE/MEU, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

⁴²⁶ Freitas, Pedro de, Carta Manuscrita dirigida ao Ex.mo. Senhor da *Câmara Municipal de Loulé*, 22-09-1982, Em 2.^a Série do 3.^o Livro, *Os meus Artigos e alguns extras de 1965 a 1982*, Pedro de Freitas, n.º 113-A, p. [I], [82-9 FRE/MEU, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

⁴²⁷ Segundo o jornal *A Voz de Loulé* o *Rancho Infantil* de Loulé foi fundado a 13 de Agosto de 1977. Viegas, João Corpas, “Rancho Infantil de Loulé completa um ano de existência e de merecidos êxitos”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 10-08-1978.

⁴²⁸ Redacção do Jornal *A Voz de Loulé*, “Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 20-07-1978.

⁴²⁹ Redacção do Jornal *A Voz de Loulé*, “Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 20-07-1978.

anteriormente, terem-se esquecido de inserir as bandas de música civis: «*O terceiro Festival acaba de ser realizado, mas as bandas civis ficaram, como dantes, no esquecimento imperdoável!!! Será assim nos futuros Festivais?*»⁴³⁰.

Como prática habitual, na altura do centésimo quinto aniversário da *Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva* houve festejos de 16 a 21 de Maio de 1981. A sessão solene foi presidida pelo Presidente da *Câmara Municipal de Loulé* engenheiro Júlio Cristóvão Mealha e secretariada por Pedro de Freitas. Neste contexto, Pedro de Freitas apresentou uma palestra sobre o historial da *Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva*, a qual foi muito apreciada e revelou a estima que o povo louletano e a autarquia de Loulé lhe devotavam: «*Por motivos imprevistos... foi o nosso velho amigo, Pedro de Freitas, que teve de exercer a função de falar acerca da história da Sociedade. Mereceu a pena ouvi-lo, porque apresentou um trabalho digno de ser conhecido pelos louletanos... depois de largas considerações a respeito da vida antiga da banda dos velhos e saudosos músicos já desaparecidos e do regente sempre lembrado, Joaquim António Pires [...], que fazia nesse dia (19 de Maio) 87 anos. A assistência irrompe com uma calorosa salva de palmas, as senhoras, todas elas levantam-se e beijam o velhinho em idade mas sempre jovem e moço vibrante em actividade, as crianças igualmente beijam Pedro de Freitas, que é muito abraçado por todos os adultos*»⁴³¹. Neste sentido, através do *Boletim da Associação pró-Casa da*

⁴³⁰ Freitas, Pedro de, “Comentário ao III Festival Nacional do Folclore do Algarve”, Em *Correio do Sul*, Faro, 20-09-1979.

⁴³¹ Anónimo “A Banda Artistas de Minerva Festejou o seu 105.º aniversário”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 28-05-1981.

Cultura, de Loulé, Pedro de Freitas ainda teve a oportunidade de escrever uma resenha histórica sobre a banda filarmónica *Artistas de Minerva*⁴³².

Quando a banda filarmónica *Artistas de Minerva* completou cento e sete anos, a 21 de Maio de 1983, mais uma vez Pedro de Freitas esteve presente: «*NUNCA somos poucos quando somos bons. E os bons são os que teimam em remar contra ventos e mares... Disso temos um exemplo flagrante nesse louletano de rija tempera que se chama Pedro de Freitas e para quem a proximidade dos 90 anos não faz perder a vontade de, com a sua presença amiga, continuar a ser um estímulo para os jovens que se lançam nos apaixonantes caminhos da arte musical e para os menos novos que à música têm dedicado grande parte da sua vida*»⁴³³. Desta vez, o orador foi o jornalista Manuel Joaquim Vaz que não se esqueceu de salientar o bairrismo impar expresso pela figura de Pedro de Freitas: «*Lembrou o meu velho amigo Pedro de Freitas, de um louletanismo sem par, o que portanto o leva a olhar para tudo quanto respeite a Loulé por um prisma elevado, querendo sempre o melhor para a sua terra*»⁴³⁴.

Depois de alguns dias de apatia pela doença, Pedro de Freitas morria no Barreiro a 6 de Agosto de 1987⁴³⁵. No cumprimento do seu desejo, o seu corpo foi levado no dia seguinte para Loulé, sendo sepultado no cemitério local: «*muito simplesmente e anonimamente e sem que os seus amigos tivessem oportunidade de o acompanhar à sua última morada*»⁴³⁶. Porém, os restos mortais de Pedro de Freitas foram transladados e actualmente encontram-se no mesmo Ossário do seu pai, isto é, na campa n.º 121 B no mesmo cemitério de Loulé⁴³⁷.

⁴³² Freitas, Pedro de, “Os 105 Anos da Sociedade Filarmónica “Artistas de Minerva”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 11-06-1981.

⁴³³ Anónimo, “A Música Nova fez anos”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 09-06-1983.

⁴³⁴ Anónimo, “A Música Nova fez anos”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 09-06-1983.

⁴³⁵ Adão, Luís Cabral, “*Pedro de Freitas Morreu*”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 27-08-1987.

⁴³⁶ Anónimo, “*Com a morte de Pedro de Freitas Loulé perdeu o seu mais devotado amigo*”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 27-08-1987.

⁴³⁷ Ver 7.9. Outras Fontes Documentais, Documento n.º 18, em Anexos.

Loulé ficou muito mais “*pobre*” com o desaparecimento de uma figura como Pedro de Freitas. Aliás, esta foi a constatação dos sentimentos expressos no epitáfio de *A Voz de Loulé*: “Com a morte de Pedro de Freitas Loulé perdeu o seu mais devotado amigo”⁴³⁸. Porém, ainda hoje Loulé continua a ser a cidade onde Pedro de Freitas é lembrado, talvez por ele ter legado uma parte importante do seu espólio (isto é, uma colecção completa da sua bio-bibliografia) à *Câmara Municipal de Loulé*⁴³⁹. Além do mais, esta entidade camarária tem tido o cuidado de revelar algumas partes desse espólio como “peça museológica” do mês, incentivando a prossecução de trabalhos de investigação sobre quem foi Pedro de Freitas⁴⁴⁰.

No entanto, alega-se que Pedro de Freitas pretendesse ter um lugar preponderante no *Museu Municipal de Loulé*. Por isso, ele inventariou todo o seu espólio manualmente, o que justificou, uma vez mais, o seu peculiar espírito de arquivista, tal como mencionou Luísa Fernanda Guerreiro Martins, Assessora da *Câmara Municipal de Loulé*: «*Pedro de Freitas teve o cuidado de, no espólio (fotografias, objectos pessoais, objectos da I Guerra Mundial, pautas, instrumentos musicais, vestuário, etc.), que doou à Câmara Municipal de Loulé, deixar um inventário manuscrito completo, com identificação de cada peça e respectiva numeração, o que facilita muito a classificação e inventariação museológica*»⁴⁴¹.

⁴³⁸ Barros, José Maria da Piedade, “Com a morte de Pedro de Freitas Loulé perdeu o seu mais devotado amigo”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 27-08-1987.

⁴³⁹ Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, pp. 16-17; Freitas, Pedro de, “... E o Museu de Loulé”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 28-08-1980.

⁴⁴⁰ Martins, Luísa Fernanda Guerreiro, [On-line], <luisa.martins@iol.pt>, [11 de Outubro de 2008]; Martins, Luísa Fernanda Guerreiro, [On-line], <luisa.martins@iol.pt>, [Ano Lectivo de 2004-2005]; Anónimo: “Quem foi PEDRO DE FREITAS?”, Em *Agenda Cultural*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, Setembro, 1995; pp. 17-18.

⁴⁴¹ A Luísa Fernanda Guerreiro Martins é Assessora na Câmara Municipal de Loulé – *Divisão de Cultura e História Local* (Centro de Documentação, Investigação e Museus - Loulé). Martins, Luísa Fernanda Guerreiro, [On-line], <luisa.martins@iol.pt>, [11 de Outubro de 2008].

Além do mais, a Luísa Fernanda Guerreiro Martins ainda revelou algumas das suas lembranças sobre Pedro de Freitas, incluindo algumas opiniões da população local e regional que ela pode apreender: *«Especificamente para Loulé, sabemos que Pedro de Freitas participava em colóquios e conferências, apresentava comunicações onde referia a sua experiência na I Guerra Mundial. Aliás, desta sua entrada na I Guerra Mundial, Pedro de Freitas deixou um espólio significativo e elucidativo que consta no Depósito do Museu Municipal de Loulé. Todo o espólio de Pedro de Freitas tem uma importância que infelizmente a população louletana e algarvia não valoriza. No entanto, quando por acaso se coloca uma peça desse espólio como "peça museológica" do mês, todos acham enorme curiosidade!»*⁴⁴².

Sem embargo, Pedro de Freitas tem sido reconsiderado por alguns louletanos que comentaram sobre o valor inédito das suas obras (algumas das quais revelaram várias facetas da vida louletana)⁴⁴³, o seu espírito de participação em iniciativas no campo musical, literário, cultural, e em prol do bem estar dos louletanos⁴⁴⁴. Neste sentido, a importância de Pedro de Freitas em Loulé foi valorizada pelos conterrâneos António dos Santos Simões e Luís Simões, pai e filho respectivamente, que o consideraram um benfeitor de Loulé e dos louletanos, e sugeriram a edificação de uma estátua em sua homenagem⁴⁴⁵.

Porém, em Loulé os aspectos negativos encontrados acerca de Pedro de Freitas foram a associação das suas actuações histórico-culturais com a política Salazarista⁴⁴⁶; o

⁴⁴² A Luísa Fernanda Guerreiro Martins é Assessora na Câmara Municipal de Loulé – *Divisão de Cultura e História Local* (Centro de Documentação, Investigação e Museus - Loulé). Martins, Luísa Fernanda Guerreiro, [On-line], <luisa.martins@iol.pt>, [11 de Outubro de 2008].

⁴⁴³ Martins, Luísa Fernanda Guerreiro, [On-line], <luisa.martins@iol.pt>, [Ano Lectivo de 2004- 2005].

⁴⁴⁴ Entrevista a Barros, José Maria da Piedade, na *Redacção do Jornal A Voz de Loulé*, 29-08-2001; Entrevista a Simões, António dos Santos (pai), e Simões, Luís (Filho), proprietários da *Sapataria Zorro*, Loulé, 08-10-2003; Anónimo: “Quem foi PEDRO DE FREITAS?”, Em *Agenda Cultural*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, Setembro, 1995; pp. 17-18.

⁴⁴⁵ Entrevista a Simões, António dos Santos (pai), e, Simões, Luís (Filho), proprietários da *Sapataria Zorro*, Loulé, 08-10-2003.

⁴⁴⁶ Leal, Joaquim, *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, Ano Lectivo de 2004-2005.

excessivo tempo das suas conferências, que segundo uma "moda" na época tornariam-no mais sábio e credível se ele se alongasse e cansasse os ouvintes⁴⁴⁷; e o facto de Pedro de Freitas não ter uma formação académica⁴⁴⁸.

⁴⁴⁷ Martins, Luísa Fernanda Guerreiro, [On-line], <luisa.martins@iol.pt>, [11 de Outubro de 2008].

⁴⁴⁸ Cabanita, João Coelho (Padre), Loulé, 30-01-2002.

Pretendeu-se compreender as influências fulcrais que estiveram na base do desenvolvimento psíquico-social de Pedro de Freitas através de um estudo multidimensional, no qual colaboraram sobretudo as interacções entre a micro-história local, a personalidade do biografado (identificada na sua obra), e a macro-história de âmbito essencialmente nacional, para além de alguns depoimentos de pessoas com conhecimento sobre algumas facetas do biografado. Neste sentido, Pedro de Freitas apresentou-se como uma figura que desenvolveu uma perspectiva de cariz nacionalista a partir de fortes vínculos de amor pela sua terra natal e pelas especificidades culturais e nacionais das bandas filarmónicas locais. Com efeito, Pedro de Freitas desenvolveu a sua inata aptidão musical, a qual foi confirmada pela sua participação em inúmeros eventos através da *Banda filarmónica Artistas de Minerva*. Em contrapartida, a sua vida fora entrecidada pelas vicissitudes da época, que, de certa forma, condicionaram que Pedro de Freitas ainda em criança tivesse que enfrentar trabalhos árduos para se auto-sustentar. Neste prisma, ainda foram marcantes os factores de crise geral e de corrupção política, os quais determinaram a crescente afirmação do movimento republicano e a consequente dissolução do regime político monárquico. Embora o partido republicano implicasse melhorias na educação e o direito ao sufrágio universal, a crise existente a nível local estava longe de se concluir. Foi neste impasse que Pedro de Freitas aos 17 anos de idade decidiu partir para o Barreiro. Neste prisma, reflectiu-se sobre a especificidade do bairrismo de Pedro de Freitas, que, mesmo a residir no Barreiro, imprimiu nele um sentimento de lealdade e de dever no empreendimento de uma série de lutas em prol do progresso de Loulé. Por isso, não foi de admirar que desde cedo Pedro de Freitas fosse reconhecido não só pelos louletanos como por outros testemunhos que viviam noutras localidades, e mesmo postumamente esse reconhecimento tem sido confirmado. A consagração de Pedro de Freitas pelo seu torrão natal pode ser expressa a partir de algumas motivações, tais como pelo seu empenho para que os caminhos de ferro passassem dentro da vila, cujo objectivo era incrementar o comércio e o turismo; pelo seu empreendimento histórico e nacionalizador das massas ao efectivar a vinda do *Batalhão de Sapadores de Caminhos*

de Ferro a Loulé na altura das festas da Mãe Soberana dos louletanos; pelas suas iniciativas de dignificação do Carnaval de Loulé através de publicidade e investigação (expressas na imprensa periódica local), incluindo também a sua interferência em apoios da parte das entidades oficiais para que estes festejos tradicionais dos louletanos fossem ainda mais honrados e embelezados; pelas suas iniciativas de se introduzir o ensino da música nas escolas e de se criar uma Academia Regional, as quais eram inéditas para a época; pelas suas campanhas musicais em prol das bandas filarmónicas locais; pelas suas inúmeras investigações históricas; pelas suas conferências sobre a música popular; pelo seu apoio monetário despendido em benefício da banda filarmónica local que na altura estava mais necessitada; pelo seu interesse pelos intercâmbios musicais; e pelo seu brio em conservar a tradição histórica e o asseio em Loulé. Enfim, estas iniciativas foram aliadas a um espírito impar de bairrismo, de lealdade, e de profundo sentimentalismo por tudo o que respeitasse os interesses de Loulé, sendo-lhe, deste modo, concedido reconhecimento a nível público e oficial, expresso não só pela exposição do nome *Pedro de Freitas* na toponímia local como pela impar designação que lhe foi atribuída de “*embaixador de Loulé*”. Por tudo isto, e por ter legado o seu espólio documental à *Câmara Municipal de Loulé*, Pedro de Freitas ainda hoje é lembrado por algumas figuras do panorama louletano actual. Contudo, também subsistem informações pejurativas acerca de Pedro de Freitas, tais como, por exemplo, as afirmações de que as suas actividades culturais serviam os interesses da política Salazarista; o excessivo tempo que demoravam as suas conferências; ou, ainda, pelo facto de Pedro de Freitas não ter uma formação académica.

2.2. Por terras de Andaluzia

A citação que se segue, um artigo de imprensa periódica da autoria de Pedro de Freitas, justificou a ênfase conferida a este subcapítulo, o qual procura analisar a influência que Andaluzia exerceu na sua vida: *«Parece-nos até, que, uma Espanha sem a Andaluzia, não poderia ser a Espanha de que tanto se fala. Faltar-lhe-ia a vivacidade, o solero, as bailarinas, os sapateados, os toureiros, a vida gitana, e, o que é mais, não possuiria uma Sevilha – a chama mais viva da nobre Nação vizinha. A Andaluzia está para nós, portugueses, como a água está para o sedento. Bebê-la é o primeiro cuidado de quem se dispõe a sair de casa a cumprir o dever de curiosidade e de cortesia de visitar o irmão amigo. [...] Por vezes disponho-me a reviver os meus verdes anos percorrendo esse quadro de tão pitorescos coloridos. Ayamonte – a porta de entrada de Portugal - Isla Cristina, Lepe, Cartaya, foram os meus primeiros passos. Nessas localidades encetei o gosto de conhecer o mundo exterior. E dos seus mais substanciosos enlevos d’ alma que se podem conferir [...] Verdadeiros amigos obrigam-me a respirar ares Andaluzes. A gratidão domina-me!»⁴⁴⁹.*

Já no início do século XX, a *Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva* era solicitada para participar nas festas de Ayamonte, o jornal *O Pregoeiro* atestou esta participação: *«Regressou ante-ontem de Ayamonte onde foi assistir à Festa das Angústias a Filarmónica Artistas de Minerva que foi aqui recebida com bastante entusiasmo,*

⁴⁴⁹ Freitas, Pedro de, “Por terras de Andaluzia”, Em *O Correio do Sul*, Faro, 22-10-1959.

*subindo ao ar muitos foguetes»*⁴⁵⁰. O sucesso destas festas foi um ponto de partida para que esta banda filarmónica também passasse a ser contratada para as festas que se realizavam em Cartaya⁴⁵¹, no mês de Outubro, em homenagem à *Padroeira Santíssima Virgem do Rosário*: «*Parte amanhã, pela madrugada, para Cartaya (Hespanha) a esplêndida philharmonica d' esta vila Artistas de Minerva, que vae abrilhantar uma grande festividade que anualmente costuma celebrar-se n' aquella povoação. Dissemos aqui, ha tempo, que se esta philharmonica chegasse a apanhar um raio de sol andaria n' uma roda viva a respeito de festas, e não nos enganámos, porque quando vai assistir a uma fica logo convidada para outra, como aconteceu em Ayamonte, pela festa das Angustias, que ficou logo convidada para Cartaya. Estes repetidos convites são o merecido de tão excelente philharmonica que, tanto em Lisboa como em Hespanha, onde se tem feito ouvir, tem sido lisonjeiramente aclamada por peritos*⁴⁵². Por sua vez, Rafael Redondo Fernández revelou o seu testemunho em relação ao evento que constituiu a estreia da banda filarmónica *Artistas de Minerva* em Cartaya: «*Primer domingo de Octubre. Día en que, por tradición, se celebra en Cartaya la procesión de la Santísima Virgen del Rosario. El más importante de las fiestas en su honor, de mayor solemnidad religiosa; de máxima animación y brillantez. [...] Era el año de su estreno en mi pueblo interpretado por la banda de Loulé. Gran éxito, como en toda España. En nuestra imaginación de chiquillo habianse quedado grabadas con relieve y nítida brillantez las*

⁴⁵⁰ Anónimo, [s.t.], Em *O Pregoeiro*, Loulé, 13-09-1900 ou ver em Martins, Isilda Maria Renda, *Loulé no século XX, Da Decadência da Monarquia à implantação da República*, Vol. I, Loulé, Edições Colibri, 2001, p. 204.

⁴⁵¹ Cartaya é uma cidade e municipalidade localizada na província de Huelva, região de Andaluzia, Espanha, Em *Wikipédia*, [On-line], <<http://en.wikipedia.org/wiki/Cartaya>>, [consulta: 23 de Julho de 2008].

⁴⁵² Anónimo, Em *O Pregoeiro*, Loulé, 04-10-1900. Ou ver em Martins, Isilda Maria Renda, *Loulé no século XX, Da Decadência da Monarquia à implantação da República*, Vol. I, Loulé, Edições Colibri, 2001, p. 205. Ainda hoje existe um bom contacto entre Loulé e Cartaya, ambas estão geminadas desde 05 de Out. de 1996. Cf. “Assunto: Geminação de Loulé e Cartaya”, Em Acta n.º 35 resultante da Reunião Ordinária da *Câmara Municipal de Loulé*, realizada a 10 de Setembro de 1996. [Fl. 455 cota 352 Lou/Act - existente no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

*imágenes de vivo colorido y el ambiente luminoso y alegre de aquellos días inolvidables»*⁴⁵³.

Em 1906, tal como já foi mencionado, Pedro de Freitas estudava música com o mestre Joaquim António Pires, o qual era o regente da *Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva*. Porém, no ano seguinte, Pedro de Freitas já participava nos concertos anunciados por essa banda filarmónica: «*Em 1907, com treze anos, estreou-se como filarmónico na Sociedade Artistas de Minerva*»⁴⁵⁴. Assim, em Julho de 1908 repetiam-se as festas tradicionais de *N.ª S.ª del Carmen*, a padroeira dos marinheiros em Ilha Cristina, e na sequência de um costume habitual a *Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva* era convidada para abrilhantar essas festas⁴⁵⁵. Foi nesta ocasião que Pedro de Freitas teve acesso pela primeira vez às terras de Espanha⁴⁵⁶. Partiam de Loulé até Vila Real de Santo António⁴⁵⁷ através dos meios de transporte mais utilizados na época, que eram os de tracção animal, diligências, carroças ou carruagens, depois atravessavam o rio Guadiana através de um pequeno barco à vela e chegavam até à Ilha Cristina⁴⁵⁸. Nesta época, a população de Ilha Cristina já nutria de uma grande afeição pela banda filarmónica *Artistas de Minerva* e pelo Mestre Joaquim António Pires. Dada esta qualidade sentimental, o público de Ilha Cristina apelidava afavelmente o mestre

⁴⁵³ Redondo Fernández, Rafael: “Ausencia”, Em Garcia Gallegos, F. (ed.), Revista *Cartaya 1953*, Cartaya, Imprensa La Comercial, Outubro de 1953, [n.º 124, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

⁴⁵⁴ Adão, Cabral, “Loulé, Barreiro, Évora”, Em *Notícias d’ Évora*, Évora, 25-10-1983.

⁴⁵⁵ Ilha Cristina, é um município de Espanha na província de Huelva, comunidade autónoma da Andaluzia, Em *Wikipédia*, [On-line], <http://pt.wikipedia.org/wiki/Isla_Cristina>, [consulta: 23 de Julho de 2008]. Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, p. 137; Anónimo, “Festejos”, Em *La Higuera*, Isla Cristina, 17-07-1915.

⁴⁵⁶ Freitas, Pedro de, “Coisas que acontecem IV”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 15-09-1981; e Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, p. 135.

⁴⁵⁷ Vila Real de Santo António é uma cidade portuguesa do distrito de Faro, região e subregião do Algarve, é sede de um pequeno município, subdividido em três freguesias, Em *Wikipédia*, [On-line], <http://pt.wikipedia.org/wiki/Vila_Real_de_Santo_Ant%C3%B3nio>, [consulta: 07 de Agosto de 2008].

⁴⁵⁸ Diligências eram uma espécie de transporte público de tracção animal que se deslocava entre duas ou mais povoações em dias e horas certas. Martins, Isilda Maria Renda, *Loulé no século XX, Da Decadência da Monarquia à implantação da República*, Vol. I, Loulé, Edições Colibri, 2001, p. 174.

Joaquim António Pires por «*Maestro Pires*»⁴⁵⁹. Com efeito, mesmo postumamente esta afeição pelo maestro Joaquim António Pires tem continuado a ser lembrada⁴⁶⁰. De facto, a morte do mestre Joaquim António Pires, ocorrida no dia 11 de Outubro de 1931, apareceu associada à história da música popular de Ilha Cristina. Tragicamente, o mestre Joaquim António Pires faleceu devido a um incidente no desabamento do palco durante o último concerto de despedida (em Ilha Cristina), no dia 6 de Outubro de 1931, o qual tinha sido realizado como prova do reconhecimento nutrido pelos seus amigos desta localidade⁴⁶¹.

Voltando à experiência inicial de Pedro de Freitas em terras de Andaluzia, ele recordou os riscos do percurso de Vila Real de Santo António até à Ilha Cristina: «*Enquadrado na banda de música da minha terra, de Vila Real de Santo António para a cobiçada Isla Cristina, via marítima, é-me dado o prazer de conhecer o sinuoso trajecto de um estreito ramal do caudaloso Rio Guadiana. Num barco pequeno, à vela, eu e os meus camaradas lá vamos como estátuas sentados nos bancos de traves e nos bordos do barco, pois qualquer movimento pessoal poderia descontrolar o equilíbrio do pequeno veleiro. As ordens do timoneiro são rigorosas. E para melhor testemunho do perigo que corremos, um dos bordos segue quase sempre a rasar a água. Mas o barquito corta contente e alegre as um tanto picadas águas do mar, faz as voltas e contra-voltas com a rapidez costumada, e lá vai todo prazenteiro percorrendo o caminho para a Ilha com o seu carregamento humano, que vai abrilhantar as festas a «N. S.^a del Carmen». [...]* Mas as viragens fazem com que um dos lados, ora de um ora do outro, siga quase

⁴⁵⁹ Sares Gonzalez, José (Piquito), Isla Cristina, Agosto de 2006; Redacción de *La Higuierita*, “Pires, há muerto”, Em *La Higuierita*, Isla Cristina, 19-10-1931.

⁴⁶⁰ Redacción de *La Higuierita*, “Pires, há muerto”, Em *La Higuierita*, Isla Cristina, 19-10-1931; Registo de Enterramentos, Termo n.º 5468, Câmara Municipal de Loulé, [CMLLE/N/G/002/LV008 (1930-1934), no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

⁴⁶¹ Anónimo, “Abate de um Coreto ficando gravemente feridos 12 executantes de uma filarmónica de Loulé que havia de tocar a Espanha”, Em *Diário de Notícias*, Lisboa, 09-10-1931; Redacción de *La Higuierita*, “Se hunde el tablado de la música”, Em *La Higuierita*, Isla Cristina, 12-10-1931; Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, p. 360.

*sempre a «beber» um tanto de água. Os sustos são contínuos; e a minha inquietude de espírito, desconhecedor absoluto das lides do mar, abrevia o desejo de chegar depressa a terra firme»*⁴⁶².

A Ilha Cristina foi a primeira localidade que Pedro de Freitas conheceu além fronteiras, por isso, mais tarde, ele sentiu-se motivado em lembrá-la: *«À Isla Cristina, porque é a primeira terra de Espanha que me foi dado conhecer, presto nestas páginas a minha justa e sincera homenagem, arquivando umas ligeiras referências à sua origem e à vida actual»*⁴⁶³. Foi também neste local que Pedro de Freitas viu pela primeira vez a iluminação pública: *«A electricidade era então para mim um fluido completamente ignorado. Na minha terra e por todo o Algarve ela ainda não exercia a sua revolucionária e benéfica acção»*⁴⁶⁴. Por isso, a oportunidade que Pedro de Freitas teve em poder visitar esta ilha através da banda filarmónica *Artistas de Minerva* detinha em si momentos de grande expectativa. Foi neste sentido que Pedro de Freitas descreveu os seus sentimentos perante o confronto do misterioso fenómeno da electricidade: *«Antes do anoitecer a minha expectativa e a minha ansiedade eram grandes. Alguns dos meus companheiros já conheciam, dos anos anteriores, a electricidade. E porque sentiram o que eu iria sentir, vá de arregimentar os «caloiros» para a cerimónia da grande novidade. Uns quatro gaiulos como eu somos levados a espreitar, numa das ruas, a enfiada dos postes com as lâmpadas»*⁴⁶⁵. De facto, já nesta altura Pedro de Freitas constatava de diferenças entre a iluminação a petróleo e a iluminação eléctrica peculiares respectivamente da vida quotidiana portuguesa em relação ao estilo de vida

⁴⁶² Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, pp. 135-136.

⁴⁶³ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, p. 137.

⁴⁶⁴ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, p. 136.

⁴⁶⁵ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, p. 137.

em Espanha: «A iluminação pública minha conhecida era a de petróleo. E para a aceder, era preciso uma legião de homens de escadas às costas e nas mãos um pavio aceso em recipiente adaptado, de lata e com muitos buraquinhos, e, correndo as suas áreas, demoravam horas a dar lume às torcidas dos candeeiros, que por sua vez residiam dentro de grandes lanternas de vidro encaixilhado em tirinhas de lata com uma peanha, ao cimo, por respirador. Era esta a «electricidade liquida» que eu conhecia; a outra, a dos mistérios, essa iria, pela primeira vez, nessa Ilha Cristina, ver o deslumbramento dos seus efeitos rápidos, cómodos e asseados. [...] Seria possível elas todas acenderem ao mesmo tempo sem auxílio dos homens com as escadas e com os pavios acessos? Espera-se, olha-se atento para todas as lâmpadas, e, sem ninguém as acender – eis o mistério que afligia a minha sensibilidade de criança e de ignorante –, todas, ao mesmo tempo, aparecem com os seus fios de fogo – era a luz eléctrica que eu desconhecia! Uns gritos de alegria saem do meu peito em festa pela extraordinária novidade; e, quando um pouco mais tarde, todo o arraial eléctrico com desenhos vários e com lâmpadas de diversas cores, acende e ilumina feericamente todo o recinto, o meu contentamento não tem limites. Ante o poder incomensurável da electricidade, o meu espírito de rapazito começa a abrir-se ao caminho do progresso»⁴⁶⁶. Estas lembranças foram tão marcantes que permaneceram como recordações indeléveis na memória de Pedro de Freitas: «sou idoso, à porta dos setenta anos de idade, e sei quanto sinto e choro de saudades ao lembrar-me dos tempos da minha mocidade, quando ia à Isla Cristina tocar às suas afamadas festas com a minha Banda de Loulé»⁴⁶⁷.

Por outro lado, tal como constou nas *Actas Capitulares del Ayuntamiento de Cartaya*, no mês de Setembro de 1908 a banda filarmónica estava novamente autorizada para a

⁴⁶⁶ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, pp. 136-137.

⁴⁶⁷ Freitas, Pedro de, “Festa na Alma do Director de “La Higuera”, Em *La Higuera*, Isla Cristina, 24-02-1964.

celebração dos festejos na vila rural designada por Cartaya: *«Asi mismo se acordou autorizar a la Alcaldia para que haciendo uso de la cantidad presupuestada para el caso contrate los festejos de costumbre y banda de música de Loulé (Portugal) en solemnidad de la funcion religiosa y feria en honor de la Patrona Nuestra Srã del Rosario en el presente año»*⁴⁶⁸. Era a primeira vez que Pedro de Freitas visitava esta vila rural: *«Em mil novecentos e oito eu fui tocar à Espanha com a «Música Nova». Tinha catorze anos de idade. Cartaya, essa importante vila rural da Andaluzia, foi a terra dos meus ternos amores»*⁴⁶⁹. De facto, parte do sentimentalismo de Pedro de Freitas em relação a Cartaya deveu-se à qualidade do convívio que ele exercia entre as jovens adolescentes dessa vila rural: *«Era eu, então, um «niño» - catorze anos de idade apenas – disputado pelas niñas já espigotadas e com ares galanteadores. Brincavam comigo à «pelota», riam e achavam graça de, eu, «tan pequeño – diziam – tocar já cornetim. Era um divertimento para elas a «coisa curiosa» de um «muchacho tan pequeño» tocar música como gente grande. E eu gostando da folia e apreciando as liberalidades dessa gente, liberalidades muito diferentes dos hábitos portugueses, com elas, de braço dado ia ver, na «calle», em frente ao cortejo, - rua lateral à esquina do Ayuntamiento – as sessões de cinema mudo, que eram uma das ambicionadas novidades da época»*⁴⁷⁰. Na concepção de Pedro de Freitas, entre todas aquelas jovens que ele tinha a oportunidade de conviver em Cartaya, destacava-se a Carmen Zamorano: *«E a brincar com a graça de tudo ser engraçado, o caso degenera num namorico de crianças, precisamente com a mais loquaz e a que mais se sorri para mim e me dava o braço para os desejados*

⁴⁶⁸ Acuerdos Capitulares 1906-1915: *Sesion ordinária del dia 26 de Septiembre de 1908*, p.73, [Legado 19, na *Biblioteca Publica Municipal de Cartaya*].

⁴⁶⁹ Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, p. 28.

⁴⁷⁰ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, p. 32.

passeios. Carmen de nome tão espanhol e de tanto do meu agrado»⁴⁷¹. Contudo, anos depois, a Carmen que Pedro de Freitas tanto apreciava morria tragicamente: «*E, porque essa Carmen dos meus tenros amores teve morte aflitiva e anormal, queimada num forno, o acontecimento ficou registado na memória das pessoas desse tempo, e assim se pode chegar, nessa conversa de recordação, à finalidade de se saber do verdadeiro acontecimento e de que famílias a desditosa fazia parte*»⁴⁷².

Em Setembro de 1910, mais uma vez Pedro de Freitas foi à Espanha como músico da banda filarmónica *Artistas de Minerva*. Tal como era prática habitual, em Ayamonte e em Cartaya a dita banda filarmónica tocou o Hino Nacional português perante as autoridades locais: «*Adentro das minhas constantes viagens, aconteceu que, indo eu à Espanha na banda de música da minha terra, no dia 30 de Setembro de 1910 a tocar aos espanhóis o Hino Nacional de então, que era o «Hino da Carta*»⁴⁷³. No entanto, no dia 4 de Outubro de desse ano (1910), o Alcaide de Cartaya Jose Romero Zamorano preveniu o regente Joaquim António Pires que tinha havido uma revolução em Portugal⁴⁷⁴. Foi no dia da partida para Portugal que souberam que a implantação da República tinha ocorrido a 5 de Outubro de 1910: «*quando no dia seis desse mês, entro de volta em Ayamonte, é aí que todos os espanhóis me dão a notícia de que em Portugal a República havia sido implantada. – Mira, república en Portugal! Era este o estribilho alegre e entusiasta com que o povo ayamontino, por todas as ruas por onde passava,*

⁴⁷¹ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, p. 33; Carmen era filha de Francisco Zamorano Cárdenas e Maria Bendála Pérez. Ela tinha mais três irmãos: Conceição, Rafael e Maria. Em Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, pp. 40-41.

⁴⁷² Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, p. 40.

⁴⁷³ Freitas, Pedro de de, “Coisas que acontecem VIII”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 09-02-1982.

⁴⁷⁴ Simões Rodrigues, António (coord.), *História de Portugal em Datas*, Lisboa, Temas e Debates, 2000, pp. 260-261; Méndez, Rafael: “Diccionario del Siglo XX”, Em Méndez Andreu, Rafael (dir.), *Feria y Fiestas Cartaya 2000*, Cartaya, Ayuntamiento de Cartaya, Septiembre-October 2000, p. 30.

me alvejava os ouvidos»⁴⁷⁵. A partir desta revolução o *Hino da Carta* deixava de ser ouvido oficialmente tanto em Portugal como em Espanha, sendo substituído pela *Portuguesa* de Alfredo Keil⁴⁷⁶. Assim, de regresso a Portugal a banda *Artistas de Minerva* deveria de cumprir com as novas imposições estipuladas pela República: «ao voltar no dia 6 de Outubro já teria que tocar a «**Portuguesa**», se a soubesse. É que, no dia cinco, fora implantada a República em Portugal!!!»⁴⁷⁷. Contudo, como os instrumentistas da banda *Artistas de Minerva* não tiveram tempo para aprender o novo Hino oficial optaram por tocar o Hino «*Primeiro de Dezembro*», o qual foi bem aceite: «satisfez revolucionariamente os desejos de todos os manifestantes dessa ocasião»⁴⁷⁸. Sem embargo, Pedro de Freitas confessou a sua preocupação com a eclosão daqueles conflitos políticos ocorridos em Portugal: «*Alvorço intimo no meu espírito. A minha posição ainda em terras de Espanha era uma interrogação*»⁴⁷⁹. Contudo, as situações de tensão que Pedro de Freitas ouvia terem-se sucedido em Portugal foram amenizadas pela música e pelo ambiente festivo vivido no país vizinho: «*E assim, a Espanha ficou na minha biografia política como a casa onde a emergência festiva me fez transitar da monarquia para o regime republicano do meu País*»⁴⁸⁰.

⁴⁷⁵ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, pp. 143-144.

⁴⁷⁶ Em 1890 como resposta ao *Ultimatum Inglês*, Henrique Lopes de Mendonça expressou a sua revolta num poema épico, de exaltação à Pátria, intitulado de *A Portuguesa*. Este poema foi posto em música pelo compositor Alfredo Keil e rapidamente se tornou num sucesso. Em Martins, Isilda Maria Renda, *Loulé no século XX, A Primeira República 1910 a 1926*, Vol. II, Lisboa, Coleção Millennium, 2004, p. 77. Com o triunfo da República, *A Portuguesa* foi adoptada como Hino Nacional em 1911 pela Assembleia Nacional Constituinte. Na verdade, tal como o que tinha sucedido com a evocação da *Marselhesa*, esta peça musical cristalizava a vivência da consciência republicana. Em Serrão, Joel, *Dicionário de História de Portugal*, Vol. III, p. 595. Em Martins, Isilda Maria Renda, *Loulé no século XX, A Primeira República 1910 a 1926*, Vol. II, Lisboa, Coleção Millennium, 2004, p. 77.

⁴⁷⁷ Freitas, Pedro de, “Coisas que acontecem VIII”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 09-02-1982.

⁴⁷⁸ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, p. 144.

⁴⁷⁹ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, p. 144.

⁴⁸⁰ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, p. 144.

~ x ~

Apresentou-se uma introdução que evidenciou que a contiguidade geográfica e a afinidade cultural entre ambos os países (Portugal e Espanha) constituíram razões que justificaram não só o impacto que a Espanha exercia na vida de Pedro de Freitas como o interesse e o acesso permanente que os espanhóis tinham relativamente ao panorama histórico-político que ocorria em Portugal. Além do mais, os contratos que neste caso a banda filarmónica *Artistas de Minerva* mantinha com algumas localidades da província de Huelva, incluindo as expectativas festivas e o bom convívio entre os músicos portugueses e os espectadores espanhóis, atestaram a existência de um constante intercâmbio transnacional, sobretudo de interesse sociocultural entre os povos de ambos os países.

2.2.1. Ligação cordial aos *Irmãos Cartayeros*

O trecho que se segue, da autoria da Assessora da *Câmara Municipal de Loulé (Divisão de Cultura e História Local)*, Luísa Fernanda Guerreiro Martins, suscitou a questão de se saber algumas razões pelas quais Pedro de Freitas fosse actualmente lembrado em Cartaya: «*Em Cartaya, há anos atrás falei com o pároco e com o arquivista do Arquivo local e ambos conheciam melhor Pedro de Freitas do que qualquer louletano e afirmaram que em Cartaya a população sabe quem ele foi... (não tive tempo de certificar esta afirmação)*»⁴⁸¹.

Reforçando o que a título de introdução foi mencionado no capítulo anterior, a vila rural designada por Cartaya ficaria gravada na memória de Pedro de Freitas⁴⁸². Entre tantas características aprazíveis destacaram-se sobretudo as recordações sentimentais que Pedro de Freitas nutria para com o povo cartayero, incluindo também algumas especificidades desta vila que o impressionavam: «*Entre tantas outras que por terras da Andaluzia contactei, nenhuma, porém, calou tão fundo no meu espírito como as de essa vila de excepcional brancura e de um povo de excepcional afabilidade para com «a sua música*»⁴⁸³.

Pedro de Freitas tinha bem nítido nas suas memórias que desde 1905 a *Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva* participava nas festas da *N.ª S.ª do Rosário* em

⁴⁸¹ Luísa Fernanda Guerreiro Martins é Assessora na Câmara Municipal de Loulé – *Divisão de Cultura e História Local* (Centro de Documentação, Investigação e Museus - Loulé). Martins, Luísa Fernanda Guerreiro, [On-line], <luisa.martins@iol.pt>, [11 de Outubro de 2008].

⁴⁸² Ver 7.10. Mapas Geográficos, Mapas n.º 3 e n.º 4, em Anexos

⁴⁸³ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, p. 32.

Cartaya⁴⁸⁴. Esta banda filarmónica *Artistas de Minerva*, bem uniformizada e dotada de excelente qualidade artística, chegou a ser tão apreciada pelos cartayeros que a designavam como sendo sua: «*O povo aglomera-se à entrada da vila e saída-a alegremente, entusiasticamente. A «sua música», como já a designa, vem de longe – Loulé. A fama das qualidades artísticas da banda chegara a Cartaya*»⁴⁸⁵. Neste contexto, quando a banda filarmónica se dirigia a Cartaya, depois de atravessar o rio Guadiana, primeiro cumprimentava as autoridades locais em Ayamonte com a execução dos dois respectivos hinos nacionais, percorrendo seguidamente as largas ruas de Ayamonte a tocar *passo-dobles*, só depois tomava os *coches* da época para percorrer a distância até Cartaya⁴⁸⁶. Finalmente, ao entardecer, os elementos da banda filarmónica *Artistas de Minerva* chegavam à rua de San Pedro⁴⁸⁷. Os guizos dos animais ecoavam às portas de Cartaya e os seus habitantes apareciam rapidamente a aclamar a banda filarmónica *Artistas de Minerva*: «*A banda forma, o povo faz alas, e rompendo pela vila com os estridentes sons de marchas vibrantes, estrugem as palmas, sobem ao ar os foguetes, e, alegrando as «calles» e cumprimentando o Ayuntamiento, fica, desde esse dia de véspera, iniciada a grande festa de Cartaya à sua excelsa padroeira, a «Santíssima Virgen del Rosário»*»⁴⁸⁸. Os instrumentistas da banda *Artistas de Minerva* ficavam alojados no velho casarão escola no largo em frente ao Município, por sua vez, o regente da banda *Artistas de Minerva*, mestre Joaquim António Pires, ficava alojado

⁴⁸⁴ Freitas, Pedro de, “Carta de Pedro de Freitas ao estimado amigo Don Luis Pastor, de 15-10-1976”, Em Espólio Documental de Pedro de Freitas, *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*.

⁴⁸⁵ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, p. 29.

⁴⁸⁶ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, p. 29.

⁴⁸⁷ Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, p. 47.

⁴⁸⁸ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, p. 30.

em «*Fonda Lavad*»⁴⁸⁹. O mestre Joaquim António Pires era muito apreciado na província de Huelva pelas suas qualidades morais e artísticas, neste sentido, Pedro de Freitas acentuou a disciplina que o seu mestre impunha aos instrumentistas da banda *Artistas de Minerva* ao exigir que os mesmos se regulassem rigorosamente pelo relógio da torre: «*Na última badalada das seis manhã, a banda já formada à porta do Ayuntamiento, rompe com uma marcha para a muito apreciada «diana»; às nove da noite [...] à última badalada, a banda, a postos no coreto existente a meio do largo, dá início ao concerto e «velada musical»*»⁴⁹⁰.

Em 1916, Pedro de Freitas sabia que iria ser mobilizado para a *Primeira Guerra Mundial* (1914-1918). No entanto, surgiu a oportunidade de poder rever novamente os cartayeros: «*Conhecedor do seu meio festivo e da psicologia dos seus habitantes, disponho-me ao melhor desfrute*»⁴⁹¹. Depois dos concertos, que terminavam à meia noite, era tradição que a banda filarmónica se dividisse em pequenos grupos com o objectivo de tocarem serenatas: «*Acabara a nossa obrigação dos serviços com a Banda e passámos ao serviço particular da serenata*»⁴⁹². A pedido de alguns rapazes formava-se um grupo de instrumentistas para tocarem uns números de música à janela da rapariga pretendida, e para a obtenção desse serviço cada rapaz pagava ao grupo de instrumentistas duas pesetas. Perante esta situação, Pedro de Freitas confessava que o único prejuízo era a falta de descanso, uma vez que tocavam até ao alvorecer. Em contrapartida, as pesetas multiplicavam-se ao longo da noite e o sacrifício revelava-se compensador: «*Não se dava mãos a medir, como soe dizer-se! As pesetas*

⁴⁸⁹ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, p. 39.

⁴⁹⁰ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, p. 30.

⁴⁹¹ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, p. 33.

⁴⁹² Freitas, Pedro de de, “Foi meu companheiro numa serenata em Espanha”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 18-09-1974.

*multiplicavam-se nos nossos bolsos, e, à troca do nosso sacrifício sabia bem, ao fim de cada jornada, dividirem-se os duros apurados, aqueles chapões de boa prata espanhola que se desdobravam em metal sonante: «pesetas», «reales», «gordas», e «perrachicas». E naqueles anos da nossa iniciação nestas coisas da vida espanhola, cada peseta custava cento e sessenta reis portugueses (oito vintens) e um duro, oito tostões. Bons tempos! Bons tempos!»⁴⁹³. Porém, neste ano de 1916 Pedro de Freitas fez uma surpresa aos cartayeros, ele teve a iniciativa de formar um pequeno grupo com instrumentos de cordas e sopros afim de tocarem as serenatas⁴⁹⁴. Este grupo musical era formado por um violino, duas violas, uma flauta e um clarinete, e tinha um repertório de músicas adaptadas segundo as características dos instrumentos, por isso o mesmo constituía uma novidade para Cartaya. Após uma exibição musical, o grupo de música formado por Pedro de Freitas suscitou o interesse da parte do público jovem que queria dedicar às respectivas noivas esta novidade musical. Deste modo, Pedro de Freitas começou a chamar à atenção dos espectadores devido ao seu protagonismo neste agrupamento musical. Assim sendo, o público interessado nas exibições do agrupamento musical dirigia-se a Pedro de Freitas e chamavam-no de maestro: «*Já pela minha indumentária, já pela acção que eu exercia no grupo e, pela evidência do instrumento que tocava – violino – sinto-me a dado momento, elevado à categoria de «maestro». E maestro pra' qui, maestro pra' colá...*»⁴⁹⁵. No repertório deste grupo musical estava incluída uma peça musical designada por *Valsa do jerico*, na qual, através do violino Pedro de Freitas procurava imitar o zurrar do burro - este número musical foi bastante solicitado: «*Na primeira noite faço uma boa colheita de «duros»,**

⁴⁹³ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, p. 33.

⁴⁹⁴ Freitas, Pedro de de, “Foi meu companheiro numa serenata em Espanha”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 18-09-1974.

⁴⁹⁵ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, p. 34.

de aplausos e de vários oferecimentos. Os componentes do grupo estão radiantes»⁴⁹⁶.

Na tarde do dia seguinte, o Alcaide José González Tejada mostrou-se interessado no grupo que Pedro de Freitas tinha formado, solicitando os seus serviços: *«Maestro! Ouvi o seu grupo musical. Gostei. Sei que tem muitos pedidos para serenatas. Não tome compromissos para as duas últimas noites de festa. D. Pedro e seu grupo ficam nessas noites por minha conta. O sargento da guarda civil procurá-lo-á para o guiar. Vá usted con Diós»⁴⁹⁷.* Desde modo, depois do concerto da primeira noite, e ao dispor do dito Alcaide, o grupo musical foi convidado para participar na ceia: *«Eram oficiais do exército, da marinha, lavradores, e o Alcaide D. José González Tejada, a autoridade máxima da Vila. Um sargento e dois guardas civis davam à selecta confraternização, como regozijo da Festividade a viverem a nota de um acontecimento popular ao nível de autoridade administrativa. Junto ao já desaparecido Mercado Público, umas mesas com várias iguarias davam o fino tom social à tertúlia. A moda era o uso de finos chapéus de palha na cabeça»⁴⁹⁸.* Além de terem sido tratados como os restantes convidados, a *Valsa do jerico* e o *Fado Português* foram apreciados pela selecta assistência, vivendo-se momentos de confraternização: *«Come-se bem e bebe-se melhor. Às tantas o barómetro da alegria estava bem aquecido e os espíritos aumentavam de progressão. E a tais pontos chegaram que à ordem do Alcalde os chapéus de palha são enfiados pelos pescoços de todos os comensais. Risos, palmas, e a euforia não pára no belo convívio da selecta assistência. O meu grupo musical, do qual*

⁴⁹⁶ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, p. 34.

⁴⁹⁷ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, p. 34. Mais tarde Pedro de Freitas lamentou o lapso de ter trocado o nome do Alcaide de 1926 pelo de 1916. Deste modo, quando fez referência ao Alcaide D. Juan Pérez Pastor ele estava a querer mencionar o Alcaide Don José González Tejada. Este equívoco foi rectificado em Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, pp. 39-40.

⁴⁹⁸ Freitas, Pedro de de, "Foi meu companheiro numa serenata em Espanha", Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 18-09-1974.

*eu era designado pelo «maestro», recebe todo o melhor acolhimento»⁴⁹⁹. Terminada a ceia percorreram várias ruas e largos, tocaram em muitas janelas de edifícios de gente importante, incluindo a residência do Alcaide José González Tejada. No fim da noite, o dito Alcaide pediu para que Pedro de Freitas tocasse o *Hino da Carta*, contudo, na qualidade de cidadão português respeitador das imposições estatais Pedro de Freitas contestou que não podia desrespeitar as leis do seu país uma vez que esse hino tinha sido proibido a partir da proclamação da República. Porém, como o Alcaide José González Tejada insistiu, Pedro de Freitas acedeu, procurando responder da maneira que considerou mais adequada: «*Sinto-me profundamente honrado, senhor Alcaide, com a consideração que me dispensa e agradecido à maneira gentil com que distingue os meus compatriotas. Quero e devo ser-vos agradável. Assim faço-vos também um pedido: tocarei o «Hino da Carta» se me prometerdes que toque «A Portuguesa» e a «Marcha Real» Espanhola»⁵⁰⁰. Ao ouvirem-se os três Hinos nacionais Pedro de Freitas idealizou a manutenção de sentimentos de fraternidade entre Portugal e Espanha, tal como expressavam os seus desejos mais profundos: «*Os guardas civis perfilam-se; e todos os circunstantes respeitosamente ouvem os TRÊS Hinos nacionais, símbolos de duas Pátrias vizinhas e amigas. Uma salva de palmas fecha o ciclo de toda uma noite memorável. – Vinha nascendo o sol!...»⁵⁰¹.***

Na última noite da festa, ainda em serviço ao Alcaide José González Tejada, o grupo musical fora incumbido de abrilhantar a parte do baile no casino. À hora da despedida, depois das saudações, o Alcaide José González Tejada pagou com quarenta *duros* todo

⁴⁹⁹ Freitas, Pedro de de, “Foi meu companheiro numa serenata em Espanha”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 18-09-1974. Ver também Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, p. 36-37.

⁵⁰⁰ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, p. 38.

⁵⁰¹ Freitas, Pedro de de, “Foi meu companheiro numa serenata em Espanha”, *A Voz de Loulé*, Loulé, 18-09-1974. Ou ver Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, p. 38.

o serviço que o grupo musical lhe tinha prestado, e num gesto de agradecimento o Alcaide disse a Pedro de Freitas as seguintes palavras: «*Pedrito como usted nin con una linterna acesa se encuentra*»⁵⁰². No ano seguinte (1917), embora Pedro de Freitas fosse novamente solicitado para as celebres festas de Cartaya ele não pode comparecer porque tinha sido chamado para combater na conflagração europeia, a qual, anos mais tarde, as suas palavras a exprimiriam como a «*maldita Grande Guerra*»⁵⁰³. No entanto, o protagonismo de Pedro de Freitas fora reconhecido por Luis Pastor López, o qual além de ter destacado os seus méritos musicais descreveu o interesse que tinha tido aquele grupo musical formado por Pedro de Freitas em Cartaya: «*Forma un grupo filarmónico de instrumentos de viento y de cuerdas, para orquesta, con el que obtiene lisonjeros éxitos en cuentas localidades se desplazaba la renombrada Banda de Loulé. – Muchos de los que me preceden y siguen en años, recordarán las típicas verbenas que, amenizadas por aquel grupo, se celebraban en nuestra Plaza durante las fiestas del Rosario*»⁵⁰⁴.

Era devido ao contacto que Pedro de Freitas persistia em manter com o país vizinho e pelo seu interesse em conhecer sobre o seu passado histórico, anotando o que via e ouvia, que iria resultar o livro *Brisas de Espanha Crónicas* publicado em 1957⁵⁰⁵. Para poder escrever sobre as várias cidades de Espanha, Pedro de Freitas teve de empreender de 1948 até 1952 a muitas visitas ao país vizinho: «*Visitei vinte e oito das suas*

⁵⁰² Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, p. 38.

⁵⁰³ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, p. 39.

⁵⁰⁴ Pastor López, Luis: “En Justa correspondencia”, Em *Revista Cartaya 1958*, Ayamonte, Imprenta Vda. J. Hidalgo, [há dois exemplares n.º 127, e n.º 233, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; ou Pastor López, Luis, Em 1.ª Série do 2.º Livro, *Os Meus Artigos e alguns Extras 1917 a 1964*, Pedro de Freitas, n.º 113, pp. 555-556, [82-9 Fre/Meu no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; ou ainda incluído nos *Programas de Fiestas del Rosario 1957-63*, [Legajo 759 (1957-1968) na *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*].

⁵⁰⁵ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, pp. 140-141.

melhores cidades, e, dos seus principais monumentos religiosos - Catedrais, dezanove. Museus, mosteiros, belas-artes, palácios e alcázares, alguns contemplei com os meus melhores sentidos»⁵⁰⁶. Neste contexto, Pedro de Freitas salientou que essas viagens eram feitas por sua conta e risco: «Foram espontâneas, isoladas, e à custa do meu próprio sacrifício»⁵⁰⁷. Além do mais, Pedro de Freitas ainda considerou que as suas viagens efectivadas à Espanha implicaram altos custos monetários para a sua modesta situação financeira: «E, como para corresponder a todo esse movimento de análise e estudo necessário é a esportula de muitas pesetas, já agora, aqui mesmo em particular e para que ninguém fique sabendo das minhas misérias, direi aos ouvidos dos curiosos: cifra total despendida – catorze mil e setecentas pesetas; cerca de nove mil escudos. Irrisória cifra para quem tem milhões; muito para quem tem de fazer alta ginástica económica, por só viver dos créditos de uma reforma de modesto ferroviário»⁵⁰⁸. Desta forma, após muitos anos desde a última vez em que Pedro de Freitas tinha estado em Cartaya, ele regressava novamente àquela vila rural que tinha sido marcante nos seus tempos de juventude: «Qual peregrino em romagem de saudades à terra santa da sua devoção, trinta e cinco anos depois eu torno a Cartaya. O calendário marca o dia cinco de Outubro de mil novecentos e cinquenta e um e a vila está na antevéspera da sua

⁵⁰⁶ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, p. 161.

⁵⁰⁷ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, p. 161.

⁵⁰⁸ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, pp. 161-162.

maior e tradicional festividade»⁵⁰⁹. Sem embargo, Pedro de Freitas continuava a nutrir um profundo sentimento por Cartaya, por isso, ele dedicou-lhe (a Cartaya) o segundo capítulo do livro *Brisas de Espanha*, o qual foi intitulado de “Cartaya Em Festa”: «*En el Cartaya, como nota especial arrancada de lo íntimo de mi puro sentimiento, figura minuciosamente descrito, un capítulo dedicado a esa mi “Dona Blanca”. El es el mas orgulloso de mi juventud*»⁵¹⁰. Neste capítulo ainda aparecia a expressão “Dona Blanca”, a qual fora criada por Pedro de Freitas com o propósito de retratar a especificidade daquela vila rural: «*Neste rápido retrato, eis Cartaya no oitavo ano do presente século! Chegado o ambiente festivo, logo seus filhos tomam o fervor de si mesmos, e, é vê-los de pincel na mão e de balde de cal, escova, panos e celha pequena ou alguidares com água, a lavarem, esfregarem, e a caiarem as casas, os passeios, os degraus das ruas, deixando tudo num esmero asseio qual autêntico lençol branco. Cartaya é positivamente a vila DONA BRANCA!*»⁵¹¹. Além do mais, este capítulo iria despertar o interesse de alguns cartayeros: «*O livro circula e vai ao conhecimento das autoridades dessa atraente e rica Vila*»⁵¹². Deste modo, ainda que num âmbito da micro-história, a iniciativa e o sentimentalismo que Pedro de Freitas imprimiu neste capítulo (“Cartaya Em Festa”) representaria não só a rememoração de um elo de ligação para com um passado histórico-cultural vivido e partilhado entre os cidadãos dos dois países peninsulares, como, também, implicaria a prossecução de um compromisso

⁵⁰⁹ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, p. 39.

⁵¹⁰ Freitas, Pedro de: “Doña Blanca”, *Cartaya 1958*, Ayamonte, Imprenta Vda. J. Hidalgo, Julho de 1958, [n.º 127, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]. Ver também Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, p. 28; ou Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.ª (ed.), 1991, p. 37.

⁵¹¹ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, p. 28.

⁵¹² Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, p. 28; ou Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.ª (ed.), 1991, p. 37.

transnacional para com os tempos vindouros, o qual era concretizado através de um convite da parte de figuras representativas de Cartaya para que Pedro de Freitas colaborasse (no ano de 1958) na Revista das festas da vila: «“BRISAS DE ESPAÑA” son ya conocidas en Cartaya. Por ello soy invitado a colaborar en la afamada “Revista Oficial de Festejos”⁵¹³. Esta iniciativa foi recebida por Pedro de Freitas com muito agrado: «Distinción que me satisface, por comprender que mi modesta obra ha tenido una favorable acogida que conforta mi sensibilidad. Soy deudor de mi agradecimiento a la gentileza del Ilustre Alcalde Don Manuel López González, de Don Manuel Morales Bernal, Director de la Revista y de Don Luis Pastor López, respetable Inspector del Cuerpo General de Policía en Sevilla, que como sobrino de Don Juan Pérez Pastor rápidamente se interesó por saber quien era el autor de esas “BRISAS DE ESPAÑA”»⁵¹⁴. Por isso, num gesto de reconhecimento e de gratificação, peculiar da personalidade de Pedro de Freitas, mais uma vez, ele evocava os seus ideais de união fraternal entre os dois países ibéricos: «votos que son de un Portugués cien por cien y dirigidos a legítimos defensores de un pueblo hermano y amigo que es cien por cien español. Viva Cartaya! Viva la fraternidad peninsular!»⁵¹⁵. Como se não bastasse, em Outubro de 1958, Pedro de Freitas voltava a pisar as terras de Andaluzia, desta vez, ele era surpreendido por uma homenagem que algumas figuras de Cartaya lhe pretendiam conceder: «Um convite me é endereçado para ali ir comemorar o cinquentenário da minha primeira visita à localidade. E no ambiente dessa simpática gente, ilustres cartayeros promovem-me uma distinta homenagem»⁵¹⁶. Na qualidade de convidado de

⁵¹³ Freitas, Pedro de: “Doña Blanca”, *Cartaya 1958*, Ayamonte, Imprenta Vda. J. Hidalgo, Julho de 1958, [n.º 127, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

⁵¹⁴ Freitas, Pedro de: “Doña Blanca”, *Cartaya 1958*, Ayamonte, Imprenta Vda. J. Hidalgo, Julho de 1958, [n.º 127, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

⁵¹⁵ Freitas, Pedro de: “Doña Blanca”, *Cartaya 1958*, Ayamonte, Imprenta Vda. J. Hidalgo, Julho de 1958, [n.º 127, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

⁵¹⁶ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.ª (ed.), 1991, p. 37; ou Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, p. 28.

honra daquela vila rural, Pedro de Freitas descreveu a sua emoção por fazer cinquenta anos desde a primeira vez que tinha começado a frequentar Cartaya: «*As suas famosas Festas do Rosário decorrem sempre com aquele fervor religioso que bem caracteriza o catolicismo espanhol. Senti-las, vivê-las, sonhar com elas a minha mocidade, avivar a lembrança de todo o passado que já era um caudal de mortes de amigos, companheiros, colegas, desse longínquo tempo; solemnizar as minhas «bodas de ouro» de músico português de que longe ali ia abrilhantar essa atraente e festiva galeria que Cartaya anualmente apresenta; e, ir agora, em velho reviver todo o passado e mais aqueles moços rebentos de um amor efêmero de criança, de que sofreguidão não ia eu possuído! Choque positivamente mais forte do que a minha resistência física. As emoções haviam, de certo, de me apoquentarem grandemente. E como convidado de honra dou entrada nesta rural vila de fibra cavalheira*»⁵¹⁷. Para além de Pedro de Freitas ter sido instalado no mais importante hotel da vila, designado por *Fonda Lavad*, o Alcaide Manuel López González facultou cartões de entrada livre na *Caseta de Fiestas*, determinando que ele também não tinha de pagar o alojamento⁵¹⁸. Além do mais, Juan Alberto López Perez, que era farmacêutico, químico, presidente da *Confraria de Nossa Senhora do Rosário* e sobrinho do falecido Alcaide Juan Pérez Pastor, convidou para que Pedro de Freitas fosse à sua adega tomar um *vinho de honra* no dia 7 de Outubro de 1958⁵¹⁹. Neste contexto, fizeram a Pedro de Freitas uma distinta homenagem, onde o escritor e poeta Jose Pepe Blanco del Castillo dedicou-lhe dois poemas. Num desses poemas, intitulado *Canto a Portugal*, o poeta Jose Pepe Blanco del

⁵¹⁷ Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, p. 22.

⁵¹⁸ «*Fonda Lavad*» – na altura era gerido por Don Silverio Noval Herrera. Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, pp. 23 e 26.

⁵¹⁹ Ver 7.8. Uma fotobiografia de Pedro de Freitas, fotografias n.º 15; 16; 17, em Anexos. Juan Pérez Pastor era o antigo médico e Alcaide de Cartaya no ano de 1925. Em Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, pp. 38-40; Méndez Andreu, Rafael, “Diccionario del Siglo XX”, Em Méndez Andreu, Rafael (dir.), *Feria y Fiestas Cartaya 2000*, Huelva, Ayuntamiento de Cartaya, Septiembre-Octubre 2000, p. 30.

Castillo exaltava a irmandade entre as duas nações ibéricas, as quais, embora com as suas especificidades, tinham sido unidas por um passado histórico-cultural comum; no outro poema, intitulado *Para ti, Don Pedro de Freitas*, o mesmo autor (Jose Pepe Blanco del Castillo) descreveu a profunda ligação biográfica de Pedro de Freitas a Cartaya⁵²⁰.

Segundo Pedro de Freitas, as festas em honra da *Nossa Senhora do Rosário* eram muito reputadas em Cartaya: «*As festas à «Santíssima Virgen del Rosário, excelsa Padrona de Cartaya», têm alto relevo profano e religioso»*⁵²¹. No entanto, o ser-se homenageado como irmão desta confraria seria para Pedro de Freitas um acontecimento único: «*Ser-se «irmão» da confraria da Virgem do Rosário, é a maior distinção que se pode conferir a quem quer que seja. E poucos são os indivíduos que ostentam esse galardão!*»⁵²². Sem embargo, esta distinção foi-lhe concedida, desta forma, o *Irmão Maior da Confraria de Nossa Senhora do Rosário*, Juan Alberto López Perez, nomeou a Pedro de Freitas como *Irmão Efectivo* da mesma: «*tira do bolso um lindo cordão*

⁵²⁰ Ver 7.6.a. Homenagem prestada por Cartaya, em Anexos. (Blanco, Pepe, *Canto a Portugal*, 7 de Outubro de 1958). Em Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, p. 34; Freitas, Pedro de, “Cartaya fidalga vila de Espanha”, *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 04-11-1958; Freitas, Pedro de, “Cartaya fidalga vila de Espanha”, *Povo Algarvio*, Tavira, 02-11-1958. No *vinho de honra* compareceram Manuel López González, Alcalde Presidente do Ayuntamiento; Juan Alberto López Perez, *Hermano Mayor de la Hermandad de Nuestra Sra. Del Rosario*; Juan Redondo García, Segundo Teniente Alcalde y Jefe Comisión de Festejos; José Oliver Sagrera, Teniente Coronel de Ingenieros de Sevilla; Eduardo López Fernández, Teniente de la Guardia Civil, Jefe de Línea; Antonio Neto Maestre, Jefe de la Brigada Social de Sevilla; Rafael Redondo Fernández, Jefe de Administración Civil de Telecomunicación, Huelva; Juan Redondo Merced, Exportador de Frutos; Manuel Castro, Jefe de Sanidad Local; Rogelio Rodrigues Contreras, Jefe de los Servicios de Veterinaria; Pedro García Ferriol, Presidente del Fútbol-Club; Pedro Morales Muñoz, Teniente-Director de la banda filarmónica del Regimiento Granada 34 de Huelva; Francisco Reinero Seita, Teniente de la Guarda Civil retirado; Ramos Suárez Ruiz, Brigada Comandante del Puesto de la Guarda Civil; Francisco Ruiz Fernández, Empleado Municipal; José Perez Gomes, Empleado Municipal; Gaspar maestre de la Sociedad de Autores, Pedro Jiménez Flores, Jefe de la Policía de Lepe; Carmelo Ramos Perez, Agricultor; Manuel Morales Bernal, Director de la Revista de Feira; José Blanco del Castillo, Escritor y Poeta. Em Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, pp. 31-32.

⁵²¹ Freitas, Pedro de, “Cartaya fidalga vila de Espanha”, *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 04-11-1958; ou ver Freitas, Pedro de, “Cartaya fidalga vila de Espanha”, *Povo Algarvio*, Tavira, 02-11-1958.

⁵²² Freitas, Pedro de, “Cartaya fidalga vila de Espanha”, *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 04-11-1958; ou ver Freitas, Pedro de, “Cartaya fidalga vila de Espanha”, *Povo Algarvio*, Tavira, 02-11-1958.

entrelaçado, de seda, azul, branco e cor de rosa, com uma linda medalha da referida Nossa Senhora, e coloca-me ao pescoço. Acto sério e solene. Toda a assistência se levanta e a banda toca os hinos português e espanhol»⁵²³. Seguidamente Pedro de Freitas foi homenageado pelo Alcaide Manuel López González: «Depois do acto da entrega do cordão religioso, o Alcaide, no uso da palavra a encerrar o repasto, abraça-me e proclama-me cidadão honorário de Cartaya»⁵²⁴. Existem várias fotografias que reportam a esta homenagem⁵²⁵. Algumas dessas fotografias foram expostas em duas das obras literárias de Pedro de Freitas, eternalizando esses momentos de confraternização⁵²⁶. Neste sentido, numa fotografia Juan Alberto López Perez conferiu a Pedro de Freitas o colar de *Irmão efectivo da Confraria de N.ª Sr.ª do Rosário*⁵²⁷. Noutra fotografia o Alcaide Don Manuel López González ao terminar o seu discurso no *Vinho de Honra* abraçou Pedro de Freitas e distinguiu-o com o galardão de *Cartayero Honorário*⁵²⁸. Finalmente, numa última fotografia o Alcaide Manuel López González juntamente com Juan Alberto López Perez abraçaram e cumprimentaram Pedro de Freitas num gesto de camaradagem⁵²⁹. Nesta homenagem, Pedro de Freitas ainda

⁵²³ Ver 7.8. Uma fotobiografia de Pedro de Freitas, fotografia n.º 16, e n.º 22, em Anexos. Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, p. 35. A banda filarmónica referida no texto era a do *regimento de infantaria Granada n.º 34*, pertencente à Guarnição Militar de Huelva. Em Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, p. 29. E o tenente director da citada banda era Pedro Morales Muñoz (amigo de Pedro de Freitas conhecido em Ayamonte). Ver em Freitas, Pedro de, “Cartaya fidalga vila de Espanha”, *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 04-11-1958; ou ver Freitas, Pedro de, “Cartaya fidalga vila de Espanha”, *Povo Algarvio*, Tavira, 02-11-1958.

⁵²⁴ Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, p. 28.

⁵²⁵ Ver 7.8. Uma fotobiografia de Pedro de Freitas, fotografia n.º 15; n.º 16; e n.º 17, em Anexos.

⁵²⁶ Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, p. 35; Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, [pp. XXIX-XXXI].

⁵²⁷ Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, p. 35; Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, [p. XXIX].

⁵²⁸ Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, [p. XXXI].

⁵²⁹ Ver 7.8. Uma fotobiografia de Pedro de Freitas, fotografia n.º 15, em Anexos. Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, p. 36.

relembrou os tempos em que vinha abrilhantar as festas de Cartaya, e, ao exemplificar aquelas memórias, ele exerceu algumas funções musicais que o honraram: «*Eu faço os meus agradecimentos, refiro-me aos cinquenta anos passados de filarmónico português que frequentou Cartaya e, pegando num fliscorne da banda, evoco musicalmente esse tempo, tocando a canção de então, a imortal «alma de Dios». E no meio de um geral entusiasmo, é-me concedida a batuta de regente para dirigir a banda no passo-doble denominado «Ayamonte»*⁵³⁰. Depois deste acontecimento, Pedro de Freitas foi convidado por Juan Alberto López para participar num jantar familiar em sua casa, localizada na rua de San Pedro⁵³¹. No final do jantar, o anfitrião ofereceu-lhe uma lembrança: «*Obsequiado com todas as atenções, do seu museu o doutor tira um artístico cinzeiro feito de conchas, que o seu engenho compôs, e, com todo o gosto me oferece*»⁵³².

Na *Caseta de Fiestas* deu-se o último concerto pela banda do *Regimento de Infantaria Granada n.º 34*. Neste contexto, o maestro daquela banda, Pedro Morales Muñoz, deu a honra que Pedro de Freitas escolhesse o programa musical, no qual, o último número extra-programa, as *Czardas de Monte* do saxofonista Mazarrota, fora dirigido por Pedro de Freitas⁵³³.

Terminadas as jornadas, Pedro de Freitas acompanhado de Jose Pepe Blanco del Castillo foram transportados por Juan Alberto López Perez para Ayamonte. Nesta

⁵³⁰ Freitas, Pedro de, “Cartaya fidalga vila de Espanha”, *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 04-11-1958 ou ver Freitas, Pedro de, “Cartaya fidalga vila de Espanha”, *Povo Algarvio*, Tavira, 02-11-1958

⁵³¹ Pedro de Freitas juntou com Juan Alberto López, sua mulher Antónia Orta Garcia, os quatro filhos de pouca idade e o sobrinho dos donos da casa. Em Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, pp. 47-48.

⁵³² Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, p. 48.

⁵³³ O programa escolhido por Pedro de Freitas foi: *Cartaya – Passo-doble* de Manuel Morales; *La Grand Via* de Cuenca e Valverde; *La Revoltosa* de Chapi; *La Torre del Oro* de Gerónimo Giménez; *La Viúva Alegre* – Fantasia de Franz Lehan; *El Sítio de Zaragoza* – Fantasia Militar de Oudrid; *Caballeria Ligeira* de Suppé; *El Barbeiro de Lavapies* de Barbieri; *Ayamonte – Passo Doble* de Amador. Em Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, p. 48.

cidade almoçaram no restaurante *Barberi* onde Pepe Blanco del Castillo dedicou mais um poema da sua autoria a Pedro de Freitas, o qual foi intitulado de *Dialogo con Nuestra Virgen del Rosario*. Neste poema, Pepe Blanco del Castillo expressava o profundo significado de Pedro de Freitas ter sido nomeado de *Irmão Efectivo da Confraria de Nossa Senhora do Rosário*⁵³⁴.

Para finalizar este reencontro festivo Pedro de Freitas fora incumbido de entregar uma saudação do Alcaide de Cartaya ao Presidente da *Câmara Municipal do Barreiro*, incluindo um album-revista das Festas de Cartaya com a seguinte nota: «*EL ALCALDE – PRESIDENTE DEL AYUNTAMIENTO DE CARTAYA – SALUDA AL EXCELENTISSIMO SR. PRESIDENTE DE LA CÁMARA MUNICIPAL DE BARREIRO Y SE COMPLACE EN ENVIAR-LE UN ALBUN-REVISTA DE LAS FIESTAS DE ESTA VILA, POR MEDIACIÓN DE NUESTRE HUESPED DE HONOR, DON PEDRO DE FREITAS, PORTUGUÉS ILUSTRE Y CARTAYERO HONORARIO. MANUEL LÓPEZ GONZÁLEZ*»⁵³⁵. Desde modo, ainda que partindo de um prisma micro-histórico, esta distinção conferida a Pedro de Freitas estabelecia contornos de fraternidade entre os dois países ibéricos, os quais podem ser analisados como uma concretização dos ideais de irmandade peninsulares tão proclamados por Pedro de Freitas⁵³⁶.

Em 1961 Pedro de Freitas escrevia o livro *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, enfatizando aquela união ibérica por ele sempre tão sentida: «*A Cartaya, meu traço de união luso-espanhol, dedico e consagro esta modesta memória*»⁵³⁷. Nesta obra

⁵³⁴ Ver 7.6.a. Homenagem prestada por Cartaya, em Anexos. Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, p. 49.

⁵³⁵ Ofício do Alcaide de Cartaya Don Manuel López González ao Presidente da Câmara do Barreiro, Cartaya, 9 de Outubro de 1958. Ver em Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, pp. 28 e 30. Segundo o *Jornal do Barreiro* de 17-04-1958 o presidente do Barreiro em 1958 era o engenheiro José Alfredo Garcia.

⁵³⁶ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, [p. IX e CLXIV]..

⁵³⁷ Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, p. 4.

literária o autor descreveu as suas relações para com o povo de Cartaya e a celebre homenagem que lhe tinham prestado. Deste modo, defende-se a ideia que este livro tenha ultrapassado uma mera intenção de descrição e de registo de recordações entre Pedro de Freitas e algumas figuras representativas de Cartaya. Mais do que isso, o livro constituiu uma intenção de reconhecimento dos sentimentos que os cartayeros simbolizavam para Pedro de Freitas: «*SINCERIDADE! GRATIDÃO! São estas duas «Flores» mimosas que perfumam, com justificado orgulho, o fidalgo JARDIM dessa vila de Espanha que dá pelo nome de CARTAYA!!*»⁵³⁸. No âmbito da homenagem a esta vila rural, Pedro de Freitas ainda compôs uma peça musical dedicada a Cartaya: «*Cartaya em Festa – Feita em 1965 e dedicada à importante vila rural do Sul de Espanha, CARTAYA, Andaluzia, em reconhecimento por me ter distinguido com o honroso galardão de seu cidadão honorário*»⁵³⁹. Esta peça musical foi tocada em Cartaya pela banda filarmónica de Palmela⁵⁴⁰: «*Nuestro Pueblo tiene ya dos pasodobles, el primero del inolvidable Morales (padre) y, el segundo, será estrenado por la notable Banda de Palmela, al hacer su entrada la víspera de los festejos; su autor, el ilustre escritor, músico y poeta, Sr. Freitas, un verdadero enamorado de este rincón*»⁵⁴¹.

⁵³⁸ Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, p. 54.

⁵³⁹ Ver 7.9. Outras Fontes Documentais, Documento n.º 7, em Anexos. Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978, p. 38.

⁵⁴⁰ Palmela, é um município que pertence ao distrito de Setúbal, Em *Wikipédia*, [On-line], <http://pt.wikipedia.org/wiki/Distrito_de_Set%C3%BAbal>, [consulta: 1 de Janeiro de 2007].

⁵⁴¹ Del Castillo, El Duende: “Cartaya en Fiesta”, Em Vásquez, Miguel (ed.), *Feria y Fiestas Cartaya* Isla Cristina, Artes Gráficas, 1965.

Ainda que a Espanha tivesse exercido uma forte influência no espírito de Pedro de Freitas, a vila rural designada de Cartaya constituiu um caso paradigmático porque representou as mais belas recordações da sua juventude. Sem embargo, a profunda ligação cordial que Pedro de Freitas desde cedo nutriu para com Cartaya fora plenamente reconhecida através das inúmeras homenagens que algumas figuras representativas de Cartaya lhe dedicaram, como foram exemplo o *Vinho de Honra*; a distinção de *Irmão da Confraria de Nossa Senhora do Rosário* e de *Cidadão Honorário de Cartaya*; a dedicação dos poemas *Canto a Portugal*; *Para ti, Don Pedro de Freitas* e dos versos *Dialogo con Nuestra Virgen del Rosario* da autoria do escritor e poeta Jose Pepe Blanco del Castillo (incluindo a saudação oficial do Alcaide de Cartaya para com o *Presidente da Câmara Municipal do Barreiro*). Do mesmo modo, Pedro de Freitas consagrou a Cartaya, com gratidão, o segundo capítulo “Cartaya Em Festa” do seu livro *Brisas de Espanha: crónicas*; o livro *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*; o artigo “Doña Blanca”; e a *Marcha Cartaya em Festa*. Porém, estes laços de afecto entre Pedro de Freitas e algumas figuras representativas de Cartaya ultrapassavam a expressão de um reconhecimento mútuo entre cidadãos pertencentes a dois países vizinhos. Mais do que isso, estes laços de afecto recíproco acalentavam o desejo de manutenção de um convívio expresso por um vínculo de irmandade entre os dois países ibéricos, o qual era revivificado por um passado histórico-cultural comum.

2.2.2. Obras Literárias ofertadas

Num gesto continuado de reconhecimento às inúmeras memórias e às homenagens que os cartayeros simbolizavam, Pedro de Freitas persistiu em retribuir o seu apreço, oferecendo muitos dos livros que escrevia ao mesmo tempo que promovia a sua obra literária. A primeira referência encontrada foi a partir do ano de 1953, na qual Rafael Redondo Fernández através da revista *Cartaya 1953* escreveu um artigo intitulado de “Ausencia”. Em autógrafo, Rafael Redondo Fernández apresentava alguns agradecimentos a Pedro de Freitas, principalmente por ele (Pedro de Freitas) lhe ter oferecido um dos seus livros: «*A mi ilustre amigo, el notable escritor Don Pedro de Freitas, con mi gratitud por su meritoria obra “Historia da Música Popular em Portugal” que ha tenido la gentileza de dedicarme y por sus elogios y simpatía para Cartaya, mi pueblo, con un abrazo. Rafael Redondo*»⁵⁴². No ano de 1958, a mesma revista publicava um outro artigo intitulado “En Justa correspondencia”, o qual era da autoria de Luis Pastor López e destacava o dia 19 de Maio de 1958 como a data em que Pedro de Freitas lhe tinha oferecido um exemplar do livro *Brisas de Espanha: crónicas*⁵⁴³. No ano de 1961, na Revista *Feria y Fiestas Cartaya 1961*, fora escrito mais um artigo para Pedro de Freitas com o título sugestivo de “*Acuse de Recibo*”, da autoria

⁵⁴² Ver 7.9. Outras Fontes Documentais, Documento n.º 12, em Anexos. Redondo Fernández, Rafael: “Ausencia”, Em Gallegos, F. García (ed.), Revista *Cartaya 1953*, Cartaya, Imprenta La Comercial, Outubro de 1953, [n.º 124, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; ou *Feria Fotocopias*, [n.º 1, AÑO 1926-1959, na *Biblioteca Publica Municipal de Cartaya*].

⁵⁴³ Pastor López, Luis: “En Justa correspondencia”, Em *Revista Cartaya 1958*, Ayamonte, Imprenta Vda. J. Hidalgo, [há dois exemplares n.º 127, e n.º 233 no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; ou *Programas de Fiestas del Rosario 1957-63*, [Legajo 759 (1957-1968), na *Biblioteca Publica Municipal de Cartaya*].

de Rafael Redondo Fernández⁵⁴⁴. Este artigo vinha confirmar que Pedro de Freitas, mais uma vez, tinha oferecido previamente a Rafael Redondo Fernández um outro exemplar das suas obras literárias, tratava-se do livro *Cinquenta anos depois em Cartaya*: «un bueno día el cartero me trajo un rico presente, muy apreciado por mí: su nuevo libro, continuación de «Brisas de España»⁵⁴⁵. No ano de 1978, a redacção do jornal *La Higuera*, de Ilha Cristina, também agradecia por Pedro de Freitas lhe ter entregue o livro *Eu fui à Índia* com uma dedicatória⁵⁴⁶.

Porém, foi através da pesquisa realizada na *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*, na parte do Arquivo, que se encontraram quase todos os livros da autoria de Pedro de Freitas - o que atestou que o autor continuou a manter relações de apreço com os cartayeros. Deste modo, sequencialmente, pretende-se transcrever o autógrafo de cada livro para analisar qual a entidade ou a personalidade que o autor se dirigia e qual a intencionalidade da sua dedicatória. Alguns dos livros encontrados aparecem em número duplicado, como é o caso de: *História da Música Popular em Portugal*. Um desses livros tem na folha de rosto o seguinte: «Ao querido Don Manuel López González – Ilustre Alcaide – recordando a minha visita a Cartaya. Com estima e gratidão. Pedro de Freitas Barreiro – Portugal – 12 de Outubro de 1958»⁵⁴⁷; e o outro volume foi dedicado: «À Biblioteca do Ayuntamiento de Cartaya a oferta deste documento musical que simboliza a causa que fez o autor ser distinguido como

⁵⁴⁴ Redondo Fernández, Rafael: “Acuse de Recibo para Don Pedro de Freitas”, Em Revista *Feria y Fiestas Cartaya 1961*, Isla Cristina, Imprenta Bautista, Outubro de 1961, [n.º 128, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; ou *Programas de Fiestas del Rosario* (1957-1968) [Legajo 759, na *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*].

⁵⁴⁵ Redondo Fernández, Rafael: “Acuse de Recibo para Don Pedro de Freitas”, Em Revista *Feria y Fiestas Cartaya 1961*, Isla Cristina, Imprenta Bautista, Outubro de 1961, [n.º 128, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]. Esta revista também foi encontrada no [Legajo 759 (1957-1968), na *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*].

⁵⁴⁶ Redacção do Jornal *La Higuera*: “Saludos”, Em *La Higuera*, Isla Cristina, 10-06-1978.

⁵⁴⁷ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946. [Cota 78 FRE His na *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*].

*Cartayero honorário. Com simpatia e muito gosto. Pedro de Freitas. Barreiro – Portugal – 12-12-1958*⁵⁴⁸.

Também foram encontrados dois exemplares do livro *Em França: trinta anos depois*, um foi dedicado ao Alcaide com o seguinte autógrafo: «*É com profunda emoção que ofereço este exemplar ao distinto Amigo don Manuel López González, Alcaide que tão nobremente me retratou Cartaya no coração. Pedro de Freitas Barreiro – Portugal 12 Outubro de 1958*»⁵⁴⁹; e o outro foi dedicado à Biblioteca apresentando a seguinte dedicatória: «*À Biblioteca do Ayuntamiento de Cartaya, a oferta deste documento que reflecte um forte motivo emocional do autor. Com prazer e particular estima. Pedro de Freitas Barreiro – Portugal 12-12-1958*»⁵⁵⁰.

Relativamente ao livro *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes* encontrou-se um exemplar no qual Pedro de Freitas dedicou as seguintes palavras: «*À Biblioteca do Ayuntamiento de Cartaya a oferta deste vivo testemunho da vida profissional do autor. Com gosto e amizade Pedro de Freitas Barreiro – Portugal 12-12-1958*»⁵⁵¹. Outro livro encontrado foi *É preciso dar ao Povo música da sua feição* que menciona a seguinte dedicatória: «*À Biblioteca do Ayuntamiento de Cartaya a oferta deste livrinho raro, onde o autor exterioriza todo o seu sentimento pela nobre e divina Arte dos sons. É com muito gosto que nele regista a sua qualidade de cartayero honorário. Pedro de Freitas Barreiro – Portugal 12-12-1958*»⁵⁵².

⁵⁴⁸ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946. [Cota 78 FRE His na *Biblioteca Publica Municipal de Cartaya*].

⁵⁴⁹ Freitas, Pedro de, *Em França: trinta anos depois*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1950. [Cota B FRE emf na *Biblioteca Publica Municipal de Cartaya*].

⁵⁵⁰ Freitas, Pedro de, *Em França: trinta anos depois*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1950. [Cota B FRE emf na *Biblioteca Publica Municipal de Cartaya*].

⁵⁵¹ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954. [Cota B FRE mem na *Biblioteca Publica Municipal de Cartaya*].

⁵⁵² Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955. [Cota 781.5 FRE epr na *Biblioteca Publica Municipal de Cartaya*].

Obviamente que também figura o livro *Brisas de Espanha (Crónicas)*, o qual tem a seguinte menção: «À Biblioteca do Ayuntamiento de Cartaya a oferta deste arquivo onde a chama de uma Cartaya que muito estima e lhe fala a linguagem da sua já distinta mocidade. Pedro de Freitas Barreiro – Portugal – 12-12-1958»⁵⁵³.

Consta também um exemplar do livro que Pedro de Freitas escreveu em memória do seu pai: *José de Freitas – No Centenário do seu Nascimento (2-11-1858. 2-11-1958)*, o qual apresenta uma dedicatória a dizer o seguinte: «À Biblioteca do Ayuntamiento de Cartaya, com prazer e por alta deferência, ofereço este livro familiar e de carácter reservado. Pedro de Freitas Barreiro – Portugal – 12-12-1958»⁵⁵⁴.

Além do livro *O I Concurso Nacional de Bandas Civis* com a dedicação: «Ao Ayuntamiento de Cartaya com particular estima, a oferta deste livro. Pedro de Freitas Barreiro, 12/6/1965»⁵⁵⁵, foi ainda possível encontrar a resposta que Pedro de Freitas obteve da parte do Alcaide Presidente do Ayuntamiento de Cartaya: «por su distinción al obsequiarnos con uno de sus últimos volúmenes dedicado a “O I CONCURSO NACIONAL DE BANDAS CIVIS”, el referido volumen pasa a engrandecer nuestra Biblioteca Pública Municipal, en la que honrramos con repetido obsequio. Quedamos muy agradecidos de antemano con un fuerte abrazo, suyo affmo y cordial amigo, Juan Alberto López»⁵⁵⁶.

⁵⁵³ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957. [Cota 914.60 FRE bri na *Biblioteca Publica Municipal de Cartaya*].

⁵⁵⁴ Freitas, Pedro de, *José de Freitas no centenário do seu nascimento*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Fausto Sebastião de Freitas (ed.), 1958. [Cota 1.891 B FRE FRE no *Arquivo Municipal de Cartaya*].

⁵⁵⁵ Freitas, Pedro de, *O I Concurso Nacional de Bandas Civis – Madeira e Açores Belezas de Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1965. [Cota 785 FRE pri da *Biblioteca Publica Municipal de Cartaya*].

⁵⁵⁶ Alberto López, Juan, “El Alcalde-Presidente del Ayuntamiento de Cartaya Juan Alberto López Saluda a 10 de Agosto de 1965 al Don Pedro de Freitas”, Agosto de 1965, [n.º 79, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Outro livro oferecido por Pedro de Freitas foi *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, e como dedicatória o autor escreveu: «À Biblioteca do Ayuntamiento de Cartaya, oferta do Autor, cartayero honorário Barreiro – Portugal 28-12-1974 Pedro de Freitas»⁵⁵⁷.

O livro *Páginas Históricas do Passado* (1976) também foi ofertado à *Biblioteca do Arquivo Municipal de Cartaya*, o qual apresenta as seguintes palavras do autor: «À Biblioteca do Ayuntamiento de Cartaya com simpatia. O Cartayero honorário Pedro de Freitas Barreiro, 11 de Julho de 1976 Portugal»⁵⁵⁸.

No livro *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)* Pedro de Freitas escreveu o seguinte: «Ao Ayuntamiento de Cartaya, para a sua valiosa Biblioteca Municipal, a complementar toda a minha colecção, a oferta deste livrinho. O cartayero honorário Pedro de Freitas Barreiro – Portugal 6 de Marzo de 1978»⁵⁵⁹.

O livro *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)* também foi ofertado por Pedro de Freitas ao Município. Mais uma vez, o autógrafo que Pedro de Freitas dedicou serve como comprovativo: «Ao Ayuntamiento de Cartaya, para a sua Biblioteca, 1 de Junho de 1979 Pedro de Freitas»⁵⁶⁰.

Finalmente, a obra literária intitulada *Quadros de Loulé Antigo – a Alma de Loulé em Livro* (2.^a ed.) apresenta a seguinte dedicatória da parte de Pedro de Freitas: «À Biblioteca Municipal do Ayuntamiento de Cartaya. Com a simpatia do Cartayero

⁵⁵⁷ Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973. [Cota 869.0-4 FRE rec na *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*].

⁵⁵⁸ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976. [Cota 3164 946.9 FRE pag no *Arquivo Municipal de Cartaya*].

⁵⁵⁹ Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978. [Cota N FRE rap no *Arquivo Municipal de Cartaya*].

⁵⁶⁰ Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979. [Cota: 1.892 B FRE hom do *Arquivo Municipal de Cartaya*].

honorário Pedro de Freitas Barreiro 7/8/1980»⁵⁶¹. Relativamente a esta obra também foi encontrada a resposta de agradecimento da parte do Alcaide Presidente do Município de Cartaya, o qual escreveu um *Saluda*, a 15 de Agosto de 1980, onde agradecia em seu nome e de todo o Município de Cartaya a gentileza de Pedro de Freitas ter oferecido à *Biblioteca Municipal* o livro *Quadros de Loulé Antigo (A Alma de Loulé em Livro)*. As palavras de gratidão do Alcaide, além de atestarem a existência de outros livros da autoria de Pedro de Freitas, reflectiam a amizade que o Município de Cartaya lhe nutria: «*que en unión de los anteriores completa la obra literária del Autor, nuestro querido y sincero amigo Cartayero D. Pedro de Freitas*»⁵⁶².

Relativamente aos livros oferecidos por Pedro de Freitas pode-se concluir que a maioria das ofertas foram direccionadas ao *Município* ou à *Biblioteca do Ayuntamiento de Cartaya*. Embora o ano de 1953 tenha sido o primeiro a ser registado, foi no ano de 1958 que o número de livros oferecidos por Pedro de Freitas atingiu o total de nove exemplares. Com efeito, foi um número superior de ofertas em relação aos anos seguintes, o que pode ser justificado por ter sido o ano da homenagem que algumas figuras representativas de Cartaya prestaram a Pedro de Freitas⁵⁶³. Por outro lado, as dedicatórias autografadas pelo autor manifestaram a natureza das suas intenções, as quais foram expressas como agradecimento face à homenagem que lhe foi prestada; como uma forma de relembrar e de dar sentido à sua distinção de *Irmão da Confraria da Virgem do Rosário* e de *Cidadão Honorário de Cartaya*; como um símbolo de amizade; como uma alusão às recordações de mocidade vividas naquela vila; e, como

⁵⁶¹ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 2.^a (ed.), 1980. [Cota 946.9 FRE qua da *Biblioteca Publica Municipal de Cartaya*].

⁵⁶² Jurado Hachero, Pedro, “El Alcalde-Presidente del Ayuntamiento de Cartaya Pedro Jurado Hachero Saluda a 15 de Agosto de 1980 al Don Pedro de Freitas”, Agosto de 1980, [n.º 80, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

⁵⁶³ Foi uma homenagem feita por figuras representativas de Cartaya a Pedro de Freitas. Na dita homenagem realizada em Outubro de 1958, Pedro de Freitas foi nomeado *irmão efectivo da Confraria de Nossa Senhora do Rosário e como Cartayero Honorário*. Para melhor esclarecimento ver o capítulo anterior intitulado de *Ligação cordial aos Irmãos Cartayeros*.

uma forma de revelar a sua obra literária. Constatase, também, que alguns dos livros oferecidos por Pedro de Freitas apresentaram na dedicatória o ano coincidente com o da respectiva publicação, o que justifica o seu interesse em dar a conhecer aos leitores de um outro país a obra literária que ele acabava de publicar. Foi graças a este gesto de amabilidade, da parte de Pedro de Freitas, que ele obteve algumas críticas positivas da parte de alguns leitores espanhóis que simpatizaram não só com a obra literária oferecida mas também com a intencionalidade do autor.

~ × ~

Pedro de Freitas ofereceu e dedicou as suas obras literárias a alguns amigos, ao *Município de Cartaya* e, sobretudo, à *Biblioteca Pública de Cartaya*. Com este gesto de amabilidade, Pedro de Freitas dava a conhecer a sua obra literária a algumas figuras amigas do contexto de Andaluzia. Assim, Pedro de Freitas consolidava os seus laços de amizade, de recordações e de agradecimento para com os cartayeros, além de consubstanciar um alento mais pragmático à consagração de *Cidadão Cartayero Honorário* e de *Irmão da Confraria da Nossa Senhora do Rosário* que alguns amigos e figuras representativas de Cartaya lhe tinham consignado em Outubro de 1958. Com efeito, foi graças a todas estas intencionalidades da parte do autor que ele obteve algumas críticas positivas da parte de alguns amigos espanhóis que simpatizaram quer com a sua pessoa, quer com a sua obra.

2.2.3. Trocas de Correspondência

O artigo “Homenaje D. Pedro de Freitas”, além de expor algumas correspondências da autoria de Pedro de Freitas em relação a Cartaya, justificava a importância da revelação do conteúdo dessas cartas: «*para conocer mejor su personalidad y su gran amor a Cartaya*»⁵⁶⁴. Neste prisma, e no seguimento desta constatação, este subcapítulo pretende analisar algumas trocas de correspondência para compreender melhor as relações entre Pedro de Freitas e o sul de Espanha (Andaluzia).

A primeira referência escrita que foi possível encontrar, e que iria desencadear uma sucessiva troca de correspondência, verificou-se a partir do ano de 1953. Neste contexto, Rafael Redondo Fernández, através da revista *Cartaya 1953*, escreveu um artigo intitulado de “Ausencia”, no qual recordava o primeiro Domingo de Outubro como o dia em que por tradição era celebrada em Cartaya a procissão da *Santíssima Virgem Nossa Senhora do Rosário*. Na sequência deste importante acontecimento, Rafael Redondo Fernández lembrava que Pedro de Freitas actuava nas festas de Cartaya através da banda filarmónica local *Artistas de Minerva*. Eram tempos de juventude onde a alegria e o «*ambiente luminoso*» ressoavam como memórias inesquecíveis⁵⁶⁵. Contudo, como o próprio título do artigo deixava sugerir, Rafael

⁵⁶⁴ Ayuntamiento de Cartaya (ed.), “Homenaje D. Pedro de Freitas”, Em Revista de Festejos *Cartaya 1982 Fiestas en Honor de Ntra. Sra. del Rosario y XIX Feria Agraria Industrial y Ganadera*, Cartaya – 29 de Septiembre – 3 de Octubre de 1982, Huelva, Imprenta Jimenez, S. L., Setembro/Outubro de 1982, p. 54, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; ou [Legajo 767, na *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*].

⁵⁶⁵ Redondo Fernández, Rafael: “Ausencia”, Em Gallegos, F. Garcia (ed.), Revista *Cartaya 1953*, Cartaya, Imprensa La Comercial, Outubro de 1953, [n.º 124, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; ou Feria Fotocopias, [n.º 1, AÑO 1926-1959, na *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*].

Redondo Fernández estranhava a «ausência» de Pedro de Freitas em terras de Cartaya⁵⁶⁶.

Com efeito, como uma figura dedicada ao meio filarmónico português, Pedro de Freitas apoiava os intercâmbios musicais entre diferentes países, incentivando, sempre que possível, para que as bandas filarmónicas portuguesas fossem tocar à Espanha. Neste sentido, mediante um artigo de imprensa periódica, Pedro de Freitas reportava à tradição das filarmónicas portuguesas participarem nas festas de Ayamonte: «Primeiramente, Loulé, durante muitos anos, ali foi; [...] E alargando seus voos, chegou a contratar a nossa Banda da Guarda Nacional Republicana, e, [...] a Banda do Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro. Mas o que é certo, é estar assente que às Angústias, vá sempre, pelo menos, uma banda de música portuguesa a alternar com belíssimas bandas espanholas⁵⁶⁷. Em 1956, Pedro de Freitas assistia aos concertos da Sociedade Humanitária de Palmela, nas festas de Ayamonte, dedicando-lhe um artigo de interesse histórico: «Já lá vão decorridos vinte e seis anos (1930) que a Sociedade Filarmónica Humanitária deitou na terra espanhola a sua primeira semente. Serra e Moura, essa alma de artista que tanto tinha de apurado regente como de compositor de mérito, conhecedor dos «bastidores» do mercado musical de Andaluzia, consegue levar a Ayamonte a sua banda Humanitária⁵⁶⁸. Como prova de reconhecimento, a banda filarmónica de Palmela publicava uma carta a homenagear o facto de Pedro de Freitas historiar a sua participação nas festas de Ayamonte: «A Direcção da Sociedade Filarmónica Humanitária desta vila, extremamente sensibilizada pelas elogiosas referências que lhe são feitas pelo Sr. Pedro de Freitas,

⁵⁶⁶ Redondo Fernández, Rafael: “Ausencia”, Em Gallegos, F. Garcia (ed.), Revista *Cartaya* 1953, Cartaya, Imprensa La Comercial, Outubro de 1953, [n.º 124, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; ou Feria Fotocopias, [n.º 1, AÑO 1926-1959, na *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*].

⁵⁶⁷ Freitas, Pedro de, “Montijo em Espanha”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 22-09-1959.

⁵⁶⁸ Freitas, Pedro de, “Palmela em Ayamonte”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 26-09-1956. Ver também Freitas, Pedro de, “Montijo em Espanha”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 22-09-1959.

um verdadeiro apóstolo da Arte de Mozart e distinto publicista da «História da Música Popular» que à causa das bandas civis tem dado o melhor esforço, numa grande resenha publicada no Jornal «O Distrito de Setúbal» acerca da actuação, compostura e brilhante conduta da Banda desta Sociedade nas tradicionais festas de Nossa Senhora das Angústias, em Ayamonte (Espanha), cumpre gostosamente o grato dever de, por este meio, agradecer essa brilhante crónica avidamente lida e muito apreciada pelos nossos conterrâneos!...»⁵⁶⁹.

No ano seguinte, em 1957, Pedro de Freitas recebeu um *Programa Oficial dos festejos da Nossa Senhora das Angústias*, a padroeira de Ayamonte, e participou novamente nestas festas⁵⁷⁰. Sabe-se, através do referido programa, que, além da participação da banda filarmónica *La Legión*, voltou a ser convidada a *Sociedade Filarmónica Humanitária* de Palmela, a qual participou em todos os dias dos festejos, de 7 a 10 de Setembro de 1957. Além do mais, a banda filarmónica portuguesa não só participava nas festas de carácter popular mas também colaborava num âmbito litúrgico. Deste modo, no dia 8 de Setembro de 1957, pelas dez e meia da noite, a banda *Humanitária* de Palmela também participava na procissão da *Nossa Senhora das Angústias*: «*asisten a este acto religioso las Bandas de Música de LA LEGION, HUMANITARIA DE PALMELA y HOGAR PROVINCIAL, “JOSE ANTONIO”, así como la Banda de Cornetas y Tambores de FLECHAS NAVALES, de Huelva. Al paso de la Venerada Imagen por el Paseo Queipo de Llano, se quemará un artístico “BOUQUET”, de fuegos artificiales de la Región del Miño. (Portugal)*»⁵⁷¹. No mês seguinte, Pedro de Freitas escrevia um artigo elucidativo ao nonagésimo terceiro aniversário da dita banda

⁵⁶⁹ Freitas, Pedro de, “Uma Carta da Sociedade F. Humanitária de Palmela”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 31-10-1956.

⁵⁷⁰ Freitas, Pedro de, “Montijo em Espanha”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 22-09-1959.

⁵⁷¹ Ayuntamiento de Ayamonte (ed.), “Programa Oficial de los festejos Ntra. Señora de las Angustias”, Ayamonte, Imprenta Hogar Provincial, dentro da Revista *Cartaya 1957*, Cartaya, Talleres Tipográficos “La Comercial” de Cartaya, 7 a 10 de Setembro de 1957, [no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Humanitária de Palmela, no qual, além de referir a execução dessa banda filarmónica em terras de Espanha, também citava a opinião favorável de Luis González Salcedo: «por terras de Espanha tem vinculado o seu prestígio artístico. [...] De Madrid, pela pena de um senhor que dá pelo nome de Luis González Salcedo, em artigo a duas colunas e meia publicado no jornal de Isla Cristina – La Higuera, número 2334 de 26 de Agosto findo: *Las fiestas del Carmen. Ah, y la banda de los portugueses... Qué pulmones, señores, los de los portugueses.*

No sentido com que este período do grande artigo alusivo às belezas de Isla Cristina foi escrito, o seu autor nele imprimiu todo o seu sentimento de admiração e simpatia para com a banda portuguesa⁵⁷². No final deste artigo, aparece uma fotografia relativa à participação da *Sociedade Filarmónica Humanitária* nas *Festas de Nossa Senhora das Angústias*⁵⁷³.

Em 1958, Pedro de Freitas escrevia um artigo de índole autobiográfica intitulado “Doña Blanca” na revista *Cartaya de 1958*, através do qual o autor expunha as suas recordações e os seus sentimentos cordiais para com o povo cartayero. O título “Doña Blanca” significava o nome que Pedro de Freitas tinha apelidado a esta terra toda «vestida» de branco: «Celo por el aseo de todo lo que les es querido, esmerado aseo en las casas y en las calles, todo blanco, la cal por todas las partes, simulando una gran sábana de nieve que envolviera la seductora Cartaya»⁵⁷⁴. Na mesma revista aparecia um outro artigo intitulado “En Justa correspondencia” da autoria de Luis Pastor López, o qual, além de destacar o dia 19 de Maio de 1958 como a data em que Pedro de Freitas

⁵⁷² Freitas, Pedro de, “A Humanitária em Festa”, Em *Humanitária, Número especial*, Palmela, 08-10-1957.

⁵⁷³ Freitas, Pedro de, “A Humanitária em Festa”, Em *Humanitária, Número especial*, Palmela, 08-10-1957.

⁵⁷⁴ Freitas, Pedro de: “Doña Blanca”, *Cartaya 1958*, Ayamonte, Imprenta Vda. J. Hidalgo, Julho de 1958, [n.º 127, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; ou [Legajo 759 (1957-1968), na *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*].

lhe tinha oferecido um exemplar do livro *Brisas de Espanha*, descrevia acerca do autor (Pedro de Freitas) elementos de natureza biográfica: «*Todo el tiempo que dejaban libre sus ocupaciones profesionales, dedicándolo a la Música, llegando a ser un excelente ejecutante de cornetín y violín. [...] Pedro de Freitas es autor de varias composiciones, que han obtenido los más cálidos elogios de la crítica*»⁵⁷⁵.

No espólio documental de Pedro de Freitas aparece ainda um *Programa Oficial dos festejos da Nossa Senhora das Angústias* celebrado em Ayamonte no ano de 1958. A Sociedade Filarmónica *Humanitária* de Palmela era novamente convidada para participar nesses festejos de 7 a 10 de Setembro de 1958⁵⁷⁶. Neste ano, Pedro de Freitas também assistiu às festas de Ayamonte e escreveu mais um artigo a reportar sobre a actuação da dita banda filarmónica: «*Palmela, como sempre, já conquistou os corações de todos os ayamontinos – o que é para nós grande consolo. Preciso é, pois, que não perca esse valoroso mercado*»⁵⁷⁷. No final deste artigo, através de uma fotografia intitulada *Grupo Luso-Espanhol*, Pedro de Freitas aparecia inserido num grupo de

⁵⁷⁵ Pastor López, Luis: “En Justa correspondencia”, Setembro de 1958, Em *Revista Cartaya 1958*, Ayamonte, Imprenta Vda. J. Hidalgo, há dois exemplares [n.º 127, e n.º 233, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; Pastor López, Luis, Em 1.ª Série do 2.º Livro, *Os Meus Artigos e alguns Extras de 1917 a 1964*, Pedro de Freitas, n.º 113, pp. 555-556, [82-9 Fre/Meu, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; ou, *Programas de Fiestas del Rosario 1957-63*, [Legajo 759 (1957-1968), na *Biblioteca Publica Municipal de Cartaya*].

⁵⁷⁶ Ayuntamiento de Ayamonte (ed.), “Programa Oficial de los festejos Ntra. Señora de las Angustias”, Ayamonte, Imprenta Hogar Provincial, Em *Revista Cartaya 1958*, Ayamonte, Imprenta Vda. J. Hidalgo, 1958, [n.º 127, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; ou *Programas de Fiestas del Rosario 1957-63* [Legajo 759 (1957-1968), na *Biblioteca Publica Municipal de Cartaya*]. Foi igualmente feita uma investigação ao *Archivo Municipal de Ayamonte* em 16 de Novembro de 2005, e segundo as fontes encontradas foi possível confirmar que a Sociedade Filarmónica *Humanitária* de Palmela esteve nesta terra de 1956 a 1958. Ver em Ayuntamiento de Ayamonte (ed.), “Programa Oficial de los festejos de 1956 a 1958, en honor de Ntra. Señora de las Angustias Patrona de la Ciudad”, Ayamonte, Imprenta Hogar Provincial, Em Educación y Cultura, [Legajo 760 Festejos de Ntra. Sra. De las Angustias (1956-1958), no *Arquivo Municipal de Ayamonte*].

⁵⁷⁷ Freitas, Pedro de, “Ayamonte em festa A Humanitária de Palmela esteve mais uma vez presente”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 26-09-1958.

amigos de profissões relacionadas com a música e o jornalismo, o que justificava não só o seu protagonismo em Ayamonte como o seu interesse em reforçar e ampliar aquela tradição das Bandas Filarmónicas de Loulé irem tocar a algumas festas populares e religiosas no contexto de Andaluzia, através da inserção, nesse contexto festivo, de outras bandas filarmónicas do distrito de Setúbal⁵⁷⁸.

No ano de 1959, Pedro de Freitas voltava a participar nas festividades de Ayamonte, desta vez, cabia à banda filarmónica *1º de Dezembro* do Montijo⁵⁷⁹ o papel de abrilhantar essas festas⁵⁸⁰. Num outro programa dos festejos de Ayamonte confirmava-se que no ano seguinte a mesma banda filarmónica *1º de Dezembro* voltava a participar nas festas que seriam de 8 a 11 de Setembro de 1960⁵⁸¹.

Rafael Redondo Fernández, no ano de 1961, escreveu um artigo destinado a Pedro de Freitas, o qual, intitulado de “Acuse de Recibo”, deixava transparecer não só a recepção e a crítica ao livro *Cinquenta anos depois em Cartaya*, como, também, atestava a amizade e a troca de correspondência entre ambos: «*Mi att.º amigo: ¡Cómo pasa el tiempo!... Su carta quedó en mi cartera de trabajo con el propósito de contestarla; pero no sé si esperando su regreso del largo viaje a tierras lusitanas de Ultramar, el caso es que, sin haberle contestado, un buen día el cartero me trajo un rico presente, muy*

⁵⁷⁸ Ver 7.8. Uma fotobiografia de Pedro de Freitas, fotografia n.º 14, em Anexos: «No plano inferior e da esquerda para a direita: Pedro Morales Muñoz, Tenente director da Música do *Regimento de Infantaria de Granada n.º 34* de Huelva; Fernando de Matos Simões, Regente da banda filarmónica *Humanitária* de Palmela; Manuel Berna García, Capitão director da Música da *Legião* de Ceuta; Pedro de Freitas, publicista do Barreiro; Filipe López Castilha, director da banda do *Hospício Provincial*, de Ayamonte; Eusébio de Pedro Mediavilla, director da banda municipal *Riotinto* de Huelva. No plano superior e pela mesma ordem: Raul d’ Oliveira Machado, director dos contratos da banda *Humanitária* de Palmela; José Faus Rodríguez, director da banda *Municipal de Granada*; Francisco Cebrian Ruiz, director da *Banda Municipal e Orquestra Sinfónica* de Caceres; Manuel Faria Sousa, jornalista e crítico literário de Ayamonte». Freitas, Pedro de, “Ayamonte em festa A Humanitária de Palmela esteve mais uma vez presente”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 26-09-1958.

⁵⁷⁹ Localidade no concelho do mesmo nome pertencente ao distrito de Setúbal.

⁵⁸⁰ Freitas, Pedro de, “Montijo em Espanha”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 22-09-1959.

⁵⁸¹ Ayuntamiento de Ayamonte (ed.), “Programa Oficial de los festejos Ntra. Sra. de las Angustias”, Ayamonte, Imprenta Hogar Provincial, dentro da Revista *Feria y Fiestas de Cartaya 1960*, Ayamonte, Imprenta J. Hidalgo, 1960, [no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; ou *Programas de Fiestas del Rosario 1957-63*, [Legajo 759 (1957-1968), na *Biblioteca Publica Municipal de Cartaya*].

apreciado por mí: su nuevo libro, continuación de “Brisas de España” en el que, entre otras cosas, se reseña de mano maestra el vino de honor con que fue obsequiado por las Fiestas del Rosario y al que impensadamente tuve el gusto de asistir para conocer personalmente al autor de la información referente a Doña Blanca – Cartaya – y expresarle mi gratitud como cartayero por las lindas y lisonjeras frases dedicadas a mi pueblo. [...] La fotografía de imposición del cordón de la Santísima Virgen del Rosario, reproduce fielmente su estado emocional y la otra su alegría al recibir nuestras felicitaciones por su notable interpretación musical a pesar de los pesares... de los años»⁵⁸².

No ano de 1962, embora Pedro de Freitas não tivesse comparecido nas festas de Cartaya, ele recebia do Alcaide Presidente do Município de Cartaya Manuel López González uma Saudação com a respectiva *Revista Cartaya 1962* e o programa da festa mayor, de 6 a 10 de Outubro de 1962⁵⁸³.

No ano seguinte (1963), a Saudação repetia-se da parte de outro Alcaide de Cartaya chamado Manuel Castro Hernandez, e, Pedro de Freitas participava nessas festas⁵⁸⁴. Em 1964, outro *Programa Oficial de Actos e Festejos* atestava que a banda filarmónica portuguesa que participava nas festas de Cartaya, de 3 a 7 de Outubro de 1964, era a *Sociedade Filarmónica Palmelense “Loureiros”*, de Palmela, sob a direcção do

⁵⁸² Redondo Fernández, Rafael: “Acuse de Recibo para Don Pedro de Freitas”, Em *Revista Feria y Fiestas Cartaya 1961*, Isla Cristina, Imprenta Bautista, Outubro de 1961, [n.º 128, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; ou *Programas de Fiestas del Rosario (1957-1968)*, [Legajo 759, na *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*].

⁵⁸³ López González, Manuel, “El Alcalde-Presidente del Ayuntamiento de Cartaya Manuel López González Saluda a 29 de Septiembre de 1962 al Sr. Don Pedro de Freitas”, dentro da *Revista Ayuntamiento de Cartaya* (ed.), *Cartaya 1962*, Isla Cristina, Los Talleres, Setembro de 1962, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; Freitas, Pedro de, “A minha biografia de Cartayero Honorário”, Manuscrito original de Pedro de Freitas, Barreiro, Julho de 1983, Em Espólio Documental de Pedro de Freitas, *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*.

⁵⁸⁴ Castro Hernandez, Manuel: “Un convite del Alcalde-Presidente del Ayuntamiento de Cartaya, Manuel Castro Hernandez, de Septiembre de 1963, al Don Pedro de Freitas”, dentro da *Revista Feria Y Fiestas Cartaya 1963*, Outubro 1963, Isla Cristina, Artes Gráficas, Setembro de 1963, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; e Freitas, Pedro de, “A minha biografia de Cartayero Honorário” Manuscrito original de Pedro de Freitas, Barreiro, Julho de 1983, Em Espólio Documental de Pedro de Freitas, *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*.

Maestro Joaquim Pinto. Além do mais, no dia 6 de Outubro de 1964, pelas doze horas e trinta minutos, esta banda filarmónica tocou seis números musicais no *cine Jaldon*, entre os quais encontrava-se a marcha *Loulé en Fiestas* da autoria de Pedro de Freitas⁵⁸⁵. Este acontecimento foi confirmado por um outro programa onde o nome de Pedro de Freitas figurava entre outros compositores cujas peças musicais também foram tocadas naquele concerto: «*Hemos tenido el gusto de oír hermosas páginas musicales de Tschaiikowsky, Bizet, Weber, Suppé, Roseni, Silva Marques, Figueiredo, Freitas, y españoles, Chapí, Sorozábal, Giménez y otros cuyas interpretaciones fueron siempre subrayadas con calurosos aplausos de los oyentes*»⁵⁸⁶. Neste sentido, este programa também apresentava uma opinião crítica relativamente ao desempenho da banda filarmónica de Portugal: «*En primer lugar debo hacer constar la admiración del pueblo por la Banda de Música contratada este año. Reconozcamos el acierto de los componentes de la Comisión de Festejos al contratar la Banda Filarmónica Palmelense (Loureiros), de Portugal, que ha constituido un verdadero acontecimiento no presenciado hace ya muchos años en nuestros festejos de Otoño. Componían tan maravilloso conjunto musical 42 profesores bien disciplinados y constantemente atentos a la batuta de su sabio Director*»⁵⁸⁷. Neste ano (1964), Pedro de Freitas tinha participado mais uma vez nas festividades de Cartaya e, como prática habitual, tinha escrito um artigo sobre o respectivo desempenho da *Sociedade Filarmónica Palmelense*

⁵⁸⁵ Comisión de Festejos (ed.), “Programa Oficial de Actos y Festejos del día 3 (Sábado) al día 7 (Miércoles)”, *Cartaya 1964 Feria y Fiestas*, Isla Cristina, Artes Gráficas, Outubro de 1964, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; ou [Legajo 759 (1957-1968), na *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*].

⁵⁸⁶ Ayuntamiento de Cartaya (ed.), “Programa Oficial de Actos y Festejos”, Em *Cartaya Velada y Feria en honor de la Santísima Virgen del Rosario*, Isla Cristina, Imprenta Bautista, de 3 a 7 de Octubre de 1964, p. 3, [Em Legajo 759 (1957-1968), na *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*].

⁵⁸⁷ Ayuntamiento de Cartaya (ed.), “Programa Oficial de Actos y Festejos”, Em *Cartaya Velada y Feria en honor de la Santísima Virgen del Rosario*, Isla Cristina, Imprenta Bautista, de 3 a 7 de Octubre de 1964, p. 3; [Legajo 759 (1957-1968), na *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*].

“Loureiros”⁵⁸⁸. Porém, Pedro de Freitas também respondia a uma carta, de 9 de Outubro de 1964, da autoria de Mário Pestana (crítico de arte), o qual, tinha-lhe pedido um esclarecimento relacionado com os condicionalismos que estiveram na origem daquela banda filarmónica (os *Loureiros*) ter começado a tocar na província de Huelva, mais especificamente em Cartaya⁵⁸⁹. A resposta de Pedro de Freitas, publicada pelo *Distrito de Setúbal*, afirmava que tal como tinha procedido anteriormente com as outras duas bandas filarmónicas do distrito de Setúbal ele tinha sido o responsável pela ida dessa banda filarmónica *Sociedade Filarmónica Palmelense “Loureiros”* a Cartaya: *«Há muito que eu desejava levar a Cartaya, a essa Vila rural de muita categoria e de onde sou cidadão honorário, uma boa banda portuguesa, às suas afamadas Festas del Rosário que, eu, há 56 anos, como filarmónico da minha banda de Loulé, a «Artistas Minerva», comecei a conhecer. Coube essa honra aos «Loureiros» como poderia ter sucedido a outra que eu indicasse, como efectivamente cheguei a indicar mais outras duas do distrito de Setúbal. Cartaya recebe carinhosamente a artística embaixada de Palmela já precedida de fama, tal a inteligente propaganda por ela feita e que conquista posição de relevo. Assim, quer pelas Calles, quer no vistoso arraial, quer no Teatro, «Loureiros», Palmela, Portugal, Música, Arte, etc, em todas as bocas e em todos os corações de Espanha dos dois sexos, a Palmelense conquista um amigo, um admirador, tais são as nobres exclamações ouvidas! [...] Assim, pelo exposto, foi particularmente agradável ao meu coração de português, tanto mais responsável pela*

⁵⁸⁸ Freitas, Pedro de, “A actuação da banda dos "LOUREIROS" de Palmela em ESPANHA”, Em *O Distrito de Setúbal*, 16-10-1964; e Freitas, Pedro de, “A minha biografia de Cartayero Honorário” Manuscrito original de Pedro de Freitas, Barreiro, Julho de 1983, Em Espólio Documental de Pedro de Freitas, *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*.

⁵⁸⁹ Freitas, Pedro de, “A actuação da banda dos "LOUREIROS" de Palmela em ESPANHA”, Em *O Distrito de Setúbal*, 16-10-1964; e Freitas, Pedro de, “A minha biografia de Cartayero Honorário” Manuscrito original de Pedro de Freitas, Barreiro, Julho de 1983, Em Espólio Documental de Pedro de Freitas, *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*.

presença dos «Loureiros», em Cartaya, registar o grito uníssono de uma autêntica conquista que a Banda Palmelense fez por essas terras de Espanha»⁵⁹⁰.

No ano seguinte (1965), a mesma banda *Parmelense “Loureiros”* de Portugal esteve presente nos habituais festejos de 2 a 6 de Outubro em honra da Padroeira de Cartaya. Nessa festa, no dia 2 desse mês, a banda filarmónica *Parmelense “Loureiros”* desfilava enquanto tocava a *Marcha Cartaya en Fiesta* da autoria de Pedro de Freitas: «*Como de costume, hizo su entrada por la calle Santa Maria, acompañada de un nutrido cortejo de Gigantes y Cabezudos (este año con nuevas figuras) y rodeada de toda la grey infantil, la notabilísima banda de Música «Loureiros» de Palmela (Portugal). Desfilaron estrenando el Pasodoble «CARTAYA EN FIESTAS», original del compositor, poeta y escritor nuestro gran amigo Sr. FREITAS»⁵⁹¹. De acordo com a informação em *Cartaya Velada y Feria*, Pedro de Freitas participava nesses festejos e manifestava o seu contentamento por se reencontrar junto dos cartayeros: «*en cuyo rostro se notaba la gran satisfacción que le producía hallarse nuevamente entre nosotros»⁵⁹². Nesta fonte aparece ainda uma apreciação crítica da parte do Município de Cartaya em relação à composição musical *Cartaya en Fiestas* de Pedro de Freitas: «*El Paso-doble, dedicado al Pueblo, es una obra maestra musical de gran mérito en las varias partes de que se compone, con preciosos pasajes melódicos y de irreprochable factura en su conjunto, un acierto más del Sr. Freitas que Cartaya sabrá agradecerle. Dicha composición en papel pautado, orlado con los colores de las Banderas de***

⁵⁹⁰ Freitas, Pedro de, “A actuação da banda dos «LOUREIROS» de Palmela em ESPANHA”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 16-10-1964.

⁵⁹¹ Ayuntamiento de Cartaya (ed.): “Comienza la Velada”, Em *Cartaya Velada y Feria en honor de la Santísima Virgen del Rosario*, Isla Cristina, Imprenta Bautista, de 2 a 6 de Octubre de 1965, p. 3, [Legajo 759 (1957-1968), na *Biblioteca Publica Municipal de Cartaya*].

⁵⁹² Ayuntamiento de Cartaya (ed.): “Comienza la Velada”, Em *Cartaya Velada y Feria en honor de la Santísima Virgen del Rosario*, Isla Cristina, Imprenta Bautista, de 2 a 6 de Octubre de 1965, p. 3, [Legajo 759 (1957-1968), na *Biblioteca Publica Municipal de Cartaya*].

Portugal y España, fue entregado por su autor a nuestro Ayuntamiento»⁵⁹³. Além do mais, no dia 5 de Outubro de 1965, pelas 12 horas, a banda filarmónica portuguesa tocava novamente *Cartaya en Fiestas* no salão do *cine Jaldón*. Porém, desta vez a composição musical era dirigida pelo próprio autor (Pedro de Freitas): «*Destacó de todos los actos profanos el maravilloso concierto celebrado al medio día, en el bonito Salón Cine Jaldón, por la tan repetida Banda Palmelense. Fueron interpretadas las siguientes obras: «Floripe» Marcha de N. N. - «Rienzi», Obertura de Wagner - «Uvas de Douro», fantasia Portuguesa de D. Pestana - «La Isla de las Perlas», Zarzuela de Sarozabal - «1.812», gran Obertura Solemne, de Tchaykovsky, terminando con el Paso-Doble «Cartaya en Fiestas», dirigido por su Autor, Sr. Freitas*»⁵⁹⁴.

A 27 de Janeiro de 1966, Pedro de Freitas recebia uma carta de Jose Blanco del Castillo: «*Estimado Don Pedro: Hace ya algún tiempo que no se nada de usted y me alegrara mucho que, al recibo de esta, se halle en perfecto estado de salud en unión de toda su familia*»⁵⁹⁵. Nessa carta, reveladora da amizade entre ambos, Jose Blanco del Castillo solicitava a opinião de Pedro de Freitas relativamente a um trabalho jornalístico, enviava notícias de alguns amigos e, por fim, despedia-se: «*Le adjunto un reportaje de la visita de los Reyes Magos à Cartaya y ya me dirá si le gusta. Por aquí le recuerdan siempre sus buenos amigos y muy especialmente el amigo Reinerio. El Barbero, Sr.*

⁵⁹³ Ayuntamiento de Cartaya (ed.): “Comienza la Velada”, Em *Cartaya Velada y Feria en honor de la Santísima Virgen del Rosario*, Isla Cristina, Imprenta Bautista, de 2 a 6 de Octubre de 1965, pp. 3-4, [Legajo 759 (1957-1968), na *Biblioteca Publica Municipal de Cartaya*].

⁵⁹⁴ Ayuntamiento de Cartaya (ed.): “Comienza la Velada”, Em *Cartaya Velada y Feria en honor de la Santísima Virgen del Rosario*, Isla Cristina, Imprenta Bautista, de 2 a 6 de Octubre de 1965, p. 5, [Legajo 759 (1957-1968), na *Biblioteca Publica Municipal de Cartaya*].

⁵⁹⁵ Blanco del Castillo, José: “Carta de José Blanco del Castillo a Pedro de Freitas, 27-01-1966”, dentro da Revista Comisión de Festejos (ed.), *Cartaya 1966 Feria y Fiestas*, Isla Cristina, Artes Gráficas, Janeiro de 1966, [n.º 223, no *Archivo Histórico Municipal de Loulé*].

Alfredo continua en Barcelona y según noticias se encuentra bien. Recuerdos de todos y un fuerte abrazo de su amigo que le estima de veras»⁵⁹⁶.

Ainda neste ano (1966), o Alcaide Presidente do Município de Cartaya, Juan Alberto López, enviou as habituais saudações a Pedro de Freitas, incluindo o programa *Oficial dos Festejos e o III ano da Feira Agrícola e Industrial*. O seu propósito era convidar Pedro de Freitas a assistir às festas de 1 a 5 de Outubro de 1966⁵⁹⁷. Neste sentido, foram encontradas informações na *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya* de que a banda filarmónica *Os Loureiros* de Palmela participava novamente em Cartaya⁵⁹⁸.

De facto, dada a vinculação de Pedro de Freitas a Cartaya desde 1958, e sobretudo nos anos sessenta do século XX, que actualmente confirma-se que ele era o director da banda de música que todos anos participava nas festas dessa vila rural⁵⁹⁹. Deste modo justifica-se a veracidade da resposta de Pedro de Freitas à carta de Mário Pestana, na qual ele (Pedro de Freitas) esclareceu que fora o responsável pela ida das referidas bandas filarmónicas do distrito de Setúbal às festas de Cartaya⁶⁰⁰.

Neste sentido, anuncia-se a chegada da dita banda filarmónica portuguesa: «*A las 12 del mediodía una gran salva de cohetes anunciaba el inicio de los festejos, mientras la banda de Música Os Loureiros, de Palmela, Portugal, recorría las calles de la ciudad alegrando con sus acordes el paso de la cabalgata de Gigantes y Cabezudos, entre el natural alborozo de pequeños y mayores»⁶⁰¹.*

⁵⁹⁶ Blanco del Castillo, José: “Carta de José Blanco del Castillo a Pedro de Freitas, 27-01-1966”, dentro da Revista Comisión de Festejos (ed.), *Cartaya 1966 Feria y Fiestas*, Isla Cristina, Artes Gráficas, Janeiro de 1966, [n.º 223, no *Archivo Histórico Municipal de Loulé*].

⁵⁹⁷ López, Juan Alberto, “El Alcalde-Presidente del Ayuntamiento de Cartaya Juan Alberto López Saluda a 26 de Septiembre de 1966 al Don Pedro de Freitas”, dentro da Revista Comisión de Festejos (ed.), *Cartaya 1966 Feria y Fiestas*, Isla Cristina, Artes Gráficas, Septiembre de 1966, [n.º 223, no *Archivo Histórico Municipal de Loulé*].

⁵⁹⁸ Ver 7.9. Outras Fontes Documentais, Documento n.º 4 e n.º 5, em Anexos.

⁵⁹⁹ Rodríguez, Celestino e Méndez, Rafael: “Cartaya en Fiesta. El hallazgo de una partitura”, Em *Cartaya Revista de Feria 2008*, Cartaya, Ayuntamiento de Cartaya, 2008, p. 177.

⁶⁰⁰ Freitas, Pedro de, “A actuação da banda dos «LOUREIROS» de Palmela em ESPANHA”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 16-10-1964.

⁶⁰¹ Boletín Informativo, Información Provincial, DIA 1.º de Octubre de 1966, [Legajo 759 (1957-1968), na *Biblioteca Publica Municipal de Cartaya*].

Além do mais, o *Programa Oficial de Festejos* encontrado no acervo pessoal de Pedro de Freitas além de ter confirmado que nas festas de Cartaya, de 1 a 5 de Outubro de 1966, tinha participado a banda filarmónica portuguesa *Sociedade Filarmónica Palmelense* “Os Louleiros”, ainda dava a informação que a mesma tinha executado três peças musicais de sua autoria, foram elas *Cartaya em Festa; Algarve Florido*, e *Loulé em Festa*⁶⁰². Através de uma outra fonte evidenciava-se a qualidade e a apreciação que esta banda filarmónica do distrito de Setúbal tinha suscitado em Cartaya: «*Igualmente concurrido y brillante, ha resuelto el Concierto Benéfico celebrado a las 12.45 en el cine Jalón, en el que la Banda de Música de la Sociedad Filarmónica Palmelense, ha puesto de manifiesto la calidad de los profesores que la integran, siendo en todo momento muy aplaudidas sus interpretaciones*»⁶⁰³. Além do mais, como prova das boas relações entre os elementos da banda filarmónica e os cidadãos cartayeros, ainda se encontrou, nos acervos musicais de Pedro de Freitas, um programa ampliado com a fotografia dos elementos da banda filarmónica e uma mensagem que exprimia as relações de fraternidade entre Portugal e Espanha: «*Ao visitarmos de novo a ridente e acolhedora vila de Cartaya, onde nos sentimos como se a nossa terra fosse, com os corações vibrantes de saudade, trazemos um abraço de gratidão e amizade em que envolvemos o seu ilustre Alcaide D. Juan Alberto López e todo o seu povo, que a todos consideramos nossos consócios e irmãos!...*»⁶⁰⁴.

⁶⁰² Ver 7.9. Outras Fontes Documentais, Documento n.º 9, em Anexos. Documento emitido pela *Sociedade Filarmónica Palmelense (Loureiros)*, Palmela, Portugal, encontra-se dentro da Revista Comisión de Festejos (ed.), *Cartaya 1966 Feria y Fiestas*, Isla Cristina, Artes Gráficas, Janeiro de 1966, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

⁶⁰³ Radio Popular de Huelva, Servicios Informativos, Boletín Informativo, Información Provincial, DIA 4.º de Octubre de 1966, [Em Legajo 759 (1957-1968), na *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*].

⁶⁰⁴ *Sociedade Filarmónica Palmelense*, “Programa de um Concerto Musical tocado pela Sociedade Filarmónica Palmelense (Loureiros) em inícios de Outubro”, dentro da Revista Comisión de Festejos (ed.), *Cartaya 1966 Feria y Fiestas*, Isla Cristina, Artes Gráficas, Outubro de 1966, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Na sequência de um gesto habitual, no ano de 1967 Pedro de Freitas recebia do mesmo Alcaide Presidente do Município de Cartaya, Juan Alberto López, a habitual saudação com a entrega da *Revista Oficial dos Festejos*. Esta missiva implicava não só o dever de Pedro de Freitas apresentar-se na celebração desses festejos como também lhe devotava reconhecimento e amizade: «A D. Pedro de Freitas, Caballero Portugués y fervoroso amante de España y de esta tierra de Cartaya»⁶⁰⁵.

Sem embargo, a banda filarmónica que abrilhantou os ditos festejos em honra da *Padroeira Virgem do Rosário*, de 30 de Setembro a 4 de Outubro de 1967, foi a *Sociedade Filarmónica Democrática Timbre Seixalense* do Seixal⁶⁰⁶. Esta banda filarmónica foi igualmente bem recebida: «Gran salva de cohetes anunciado las Fiestas, con llegada de la magnífica Banda de Música «Sociedade Filarmónica Democrática Seixalense» de Seixal (Portugal), que recorrerá las principales calles de la Villa, precedida de una Gran Cabalgata de Gigantes y Cabezudos»⁶⁰⁷. No dia 3 de Outubro de 1967 a mesma banda filarmónica realizava um concerto pelas 6 horas da tarde e entre as peças musicais do programa constava *Cartaya en Fiestas* de Pedro de Freitas⁶⁰⁸. Esta informação ainda foi confirmada através da entrevista concedida por

⁶⁰⁵ Alberto López, Juan, “El Alcalde-Presidente del Ayuntamiento de Cartaya Juan Alberto López Saluda a 25 de Septiembre de 1967 al Don Pedro de Freitas”, dentro da *Revista Comisión de Festejos* (ed.), *Cartaya 1967 Feria y Fiestas*, Isla Cristina, Artes Gráficas, Septiembre de 1967, [n.º 223, no *Archivo Histórico Municipal de Loulé*].

⁶⁰⁶ Seixal é um município composto por seis freguesias, pertencente ao distrito de Setúbal, Em *Wikipédia*, [On-line], <<http://en.wikipedia.org/wiki/Seixal>>, [consulta: 20 de Agosto de 2008]. *Comisión de Festejos* (ed.), “Programa Oficial de Festejos de Ntra. Sra. Del Rosario del día 30 de Septiembre (Sábado) al día 4 de Octubre (Miércoles)”, Em *Cartaya 1967 Feria y Fiestas*, Isla Cristina, Artes Gráficas, Setembro/Outubro de 1967, [n.º 223, no *Archivo Histórico Municipal de Loulé*].

⁶⁰⁷ Este concerto foi no dia 30 de Setembro de 1967 pelas 12 horas. Em *Comisión de Festejos* (ed.) “Programa Oficial de Festejos de Ntra. Sra. Del Rosario del día 30 de Septiembre (Sábado) al día 4 de Octubre (Miércoles)”, Em *Revista Cartaya 1967 Feria y Fiestas*, Isla Cristina, Artes Gráficas, Setembro/Outubro de 1967, [n.º 223, no *Archivo Histórico Municipal de Loulé*]; ou [Legajo 759 (1957-1968), na *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*].

⁶⁰⁸ Ver 7.9. Outras Fontes Documentais, Documento n.º 10, em Anexos. Este concerto foi realizado no dia 3 de Outubro de 1967, pelas 18 horas, no *Cine Jaldón*, localizado na Plaza Governador Summers, e o director da banda filarmónica da *Sociedade Filarmónica Democrática Timbre Seixalense* era o senhor José Pinto Rodrigues. Ver *Comisión de Festejos* (ed.), “Programa Oficial de Festejos en honor de nuestra Patrona la Stma. Virgen del Rosario”, Em *Cartaya 1967*, Isla Cristina, Artes Gráficas, 30 de Septiembre a 4 de Octubre de 1967, [Legajo 759 (1957-1968), na *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*].

João Sado, actual instrumentista da *Sociedade Filarmónica Democrática Timbre Seixalense*⁶⁰⁹. Neste ano, mais uma vez, Pedro de Freitas assistia às festas de Cartaya, sendo a sua presença esperada e bem vinda, tal como deixou transparecer José Blanco del Castillo: «*La Banda de Música, que actuaba por sua vez primera, al mando de su Profesor Don José Pinto Rodríguez, nos deleitó todas las noches, tanto en público como en el maravilloso Concierto celebrado en el Cine Jaldón, con diversas composiciones clásicas que fueron muy aplaudidas por el auditorio. Tuvimos entre nosotros al gran enamorado de Cartaya el ilustre lusitano y fraternal amigo, señor FREITAS, que todos procuramos lo pasara lo mejor posible durante su agradable visita*»⁶¹⁰. Do mesmo modo, Pepe Blanco justificou o protagonismo de Pedro de Freitas em Cartaya: «*Dió comienzo el mentado Concierto con el Paso-doble dedicado a Cartaya por nuestro entrañable amigo Lusitano Señor Freitas, el cual, desde el escenario, dirigió unas breves y emocionadas palabras al auditorio, haciendo la presentación del soberbio conjunto musical que nos ocupa y reiterando, una vez más su cariño y adhesión inquebrantable a nuestro Pueblo y a su VIRGEN DEL ROSARIO*»⁶¹¹. A partir deste ano já não existem informações sobre a ida de Pedro de Freitas às festas de Cartaya⁶¹². Em 1968 apenas existe a informação de que a *Sociedade Filarmónica Palmelense* de

⁶⁰⁹ Entrevista a Sado, João, oboista da *Sociedade Filarmónica Democrática Timbre Seixalense*, Seixal, 19-11-2005. João Sado é actual membro da *Banda Timbre Seixalense*; é um elemento de reserva da *Banda Sinfónica da Guarda Nacional Republicana*; fez parte da ex. orquestra da *Emissora Nacional*; e, foi fundador da *Orquestra Sinfónica Juvenil*. Além do mais, João Sado tem o curso de regência da Secretaria de Estado e Cultura. Neste contexto, João Sado recordou que participou nos ditos festejos em honra da *Padroeira Virgem do Rosário*, de 30 de Setembro a 4 de Outubro de 1967. João Sado era o oboista da *Sociedade Filarmónica Democrática Timbre Seixalense*, e, nesses festejos tocaram a peça musical *Cartaya em Festa*, de Pedro de Freitas. João Sado acrescentou que essa marcha é bonita e que também foi tocada noutras localidades de Huelva.

⁶¹⁰ Blanco del Castillo, José: “Cartaya Velada y Feria en Honor y Gloria de Nuestra amada Patrona, la Santísima Virgen del Rosario”, Em La Comisión de Festejos (ed.), *Cartaya 1967 Feria y Fiestas*, Isla Cristina, Artes Gráficas, 1967, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

⁶¹¹ Blanco, Pepe: “Cartaya Velada y Honor y Gloria de la Virgen del Rosario Nuestra muy amada Patrona”, Em Comisión de Festejos (ed.), *Cartaya 1967 Feria y Fiestas*, Isla Cristina, Artes Gráficas, Outubro de 1967, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

⁶¹² Freitas, Pedro de, “A minha biografia de Cartayero Honorário”, Manuscrito original de Pedro de Freitas, Barreiro, Julho de 1983, Em Espólio Documental de Pedro de Freitas, *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*.

Palmela voltava a participar nos festejos da Padroeira de Cartaya de 5 a 9 de Outubro⁶¹³. No ano seguinte, Pedro de Freitas escrevia um artigo intitulado “Despedida a Cartaya”, e, tal como o título deixava sugerir, ele manifestava o seu adeus e gratidão para com o povo de Cartaya: «*tengo el ineludible deber de no olvidarme que soy de corazón un dedicado cartayero «honorario» y no pudiendo por tanto volver a frecuentar esa para mi encantadora Villa, cúmpleme públicamente hacer mi última despedida al bueno y cariñoso pueblo de Cartaya que no olvido, y esto sólo es posible por medio de la REVISTA DE LAS FIESTAS DEL ROSARIO, a la que desde éstas líneas envío mi más profundo agradecimiento [...] OBRIGADO AMIGOS... OBRIGADO CARTAYA... ADEUS...»*⁶¹⁴. Neste contexto, Pedro de Freitas salientou uma vez mais o contributo que várias figuras representativas de Cartaya tiveram na prossecução da homenagem que lhe tinham dedicado⁶¹⁵.

No ano de 1969, a banda filarmónica portuguesa que estava contratada para abrilhantar os festejos de Cartaya, de 4 a 8 de Outubro, era a *Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva* de Loulé⁶¹⁶. Dias mais tarde, a 14 de Outubro de 1969, Pedro de Freitas

⁶¹³ Comisión de Festejos (ed.) “Programa Oficial de Festejos de Ntra. Sra. Del Rosario del día 5 de Octubre (Sábado) al día 9 de Octubre (Miércoles)”, Em *Cartaya 1968 Feria y Fiestas*, Isla Cristina, Artes Gráficas, Outubro de 1968, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

⁶¹⁴ Ver 7.9. Outras Fontes Documentais, Documento n.º 13, em Anexos. Freitas, Pedro de: “Despedida a Cartaya”, Traducción Francisco Reiner Seita, Comisión de Festejos (ed.), Em *Cartaya 1969 Feria y Fiestas*, Octubre 1969 del 4 al 8, Isla Cristina, Artes Gráficas, 25 de Agosto de 1969, [n.º 133, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]. Esta revista também existe no [Legajo 760 (1969-1971), na *Biblioteca Publica Municipal de Cartaya*].

⁶¹⁵ Neste contexto, Pedro de Freitas salientou o Alcaide Juan Alberto López por lhe ter oferecido o *Vinho de Honra* e a Medalha de *Irmão efectivo da Irmandade de Ntra. Sra. Do Rosário de Cartaya*; Don Manuel López González, antigo Alcaide que possibilitou a reentrada de Pedro de Freitas em Cartaya com novas homenagens; Don Luís Pastor, o Cartayero que elevou o nome de Pedro de Freitas na Revista de Festas; Don José Oliver Sagrera, chefe dos engenheiros militares; Don Antonio Neto Maestre, Chefe Superior da Polícia de Sevilha; Don Rafael Redondo Fernández, como grande amigo de Pedro de Freitas; Don Francisco Reiner Seita, por lhe ter feito favores para que melhor servisse Cartaya e, por último, Pepe Blanco por lhe ter dedicado alguns dos seus versos. Em Freitas, Pedro de: “Despedida a Cartaya”, Traducción F. Reiner, Em Comisión de Festejos (ed.), *Cartaya 1969 Feria y Fiestas*, Octubre 1969 del 4 al 8, Isla Cristina, Artes Gráficas, 25 de Agosto de 1969, [n.º 133, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; ou [Legajo 760 (1969-1971), na *Biblioteca Publica Municipal de Cartaya*].

⁶¹⁶ Freitas, Pedro de: “Despedida a Cartaya”, Traducción F. Reiner, Em Comisión de Festejos (ed.), *Cartaya 1969 Feria y Fiestas*, Octubre 1969 del 4 al 8, Isla Cristina, Artes Gráficas, 25 de Agosto de 1969, [n.º 133, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; ou [Legajo 760 (1969-1971), na *Biblioteca Publica Municipal de Cartaya*].

recebia na sua casa, situada no Barreiro, uma carta do tenente da Guarda Civil Francisco Reinerio Seita, o qual retorquia à carta que Pedro de Freitas lhe tinha enviado, a 1 de Agosto do mesmo ano, sobre a morte de Pepe Blanco: «*Amigo Freitas, me hago cargo de la penosa impresión que le causó la noticia del fallecimiento de nuestro común amigo PEPE BLANCO [...] Como eran sus deseos manifestados en su carta, seguidamente me hice cargo de la carta al amigo PEPE y me encargué de la traducción y entrega a la REVISTA DE LAS FIESTAS DEL ROSARIO DE CARTAYA para su publicación; supongo que le habrá agradado su DESPEDIDA A CARTAYA [...] Sin otro particular por el momento y con afectos a su distinguida familia, reciba de la mía saludos y Vd. mi querido amigo mande como guste a este su s.s. y amigo que le recuerda siempre con cariño y le envía un afectuoso abrazo*»⁶¹⁷.

No ano de 1970, o Alcaide Presidente do Município de Cartaya, Juan Alberto López, enviava, como de costume, a dita revista com a menção dedicada a Pedro de Freitas⁶¹⁸. Neste ano (1970), para a celebração desta festa, de 3 a 7 de Outubro, estava novamente convidada a banda filarmónica *Sociedade Filarmónica Palmelense* “Loureiros”⁶¹⁹. Em 1971, a mesma deferência era feita a Pedro de Freitas da parte do Alcaide Juan Alberto López, enviando a revista com o programa dos festejos de 2 a 6 de Outubro⁶²⁰. Desta

⁶¹⁷ Reinerio Seita, Francisco, “Carta de Francisco Reinerio Seita a Pedro de Freitas, 14-10-1969”, dentro da Revista Comisión de Festejos (ed.), *Cartaya 1969 Feria y Fiestas*, Isla Cristina, Artes Gráficas, Outubro de 1969, [n.º 133, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

⁶¹⁸ Alberto López, Juan, “El Alcalde-Presidente del Ayuntamiento de Cartaya Juan Alberto López Saluda a 29 de Septiembre de 1970 al Don Pedro de Freitas”, Em Comisión de Festejos (ed.), *Cartaya 1970 Feria y Fiestas*, Isla Cristina, Artes Gráficas, Septiembre de 1970, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

⁶¹⁹ Comisión de Festejos (ed.), “Programa Oficial de los Festejos de Ntra. Sra. Del Rosario del día 3 (Sábado) al día 7 (Miércoles) de Octubre, y el Programa de la VII Feria Agrícola e industrial del 3 al 7 de Octubre”, Em *Cartaya 1970 Feria y Fiestas*, Isla Cristina, Artes Gráficas, Septiembre de 1970, [n.º 223 no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; ou [Legajo 760 (1969-1971), na *Biblioteca Publica Municipal de Cartaya*].

⁶²⁰ Alberto López, Juan, “El Alcalde-Presidente del Ayuntamiento de Cartaya Juan Alberto López Saluda a 25 de Septiembre de 1971 al Don Pedro de Freitas”, dentro da Revista Comisión de Festejos (ed.), *Fiestas en Honor de La Stma. Virgen del Rosário VIII Feria Agrícola Industrial*, Cartaya 1971, Imprensa Pichardo, Septiembre de 1971, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

vez reaparecia a banda filarmónica *Artistas de Minerva* a abrilhantar essas festas⁶²¹.

Esta banda filarmónica voltaria a actuar nas festas do ano seguinte, de 30 de Setembro a 4 de Outubro de 1972. O mesmo sucedera no ano de 1973, cujas festas foram de 6 a 10 de Outubro⁶²².

A 14 de Outubro de 1974, o Tenente de la Guarda Civil, Francisco Reinerio Seita, amigo e tradutor de Pedro de Freitas, enviou uma carta em resposta à que Pedro de Freitas lhe escrevera a 28 de Setembro desse ano, cuja temática relacionava-se com a celebração dos Festejos de Cartaya e o programa dos mesmos⁶²³.

A 23 de Outubro de 1975, o Município de Cartaya enviou para a morada de Pedro de Freitas, no Barreiro, um postal com a vista aérea de Cartaya, desejando-lhe umas festas felizes: «*Cartaya, Belén junto al mar, un canto blanco de paz y de bien para Vd. y los suyos Navidad – Año Nuevo 1974-75*»⁶²⁴.

Na sequência da leitura do artigo “Cartaya y el Arte” de autoria de Luis Pastor López, Pedro de Freitas interessou-se em saber sobre a veracidade das duas bandas filarmónicas de Cartaya, uma vez que comentava-se que as mesmas teriam existido

⁶²¹ Comisión de Festejos (ed.), “Programa Oficial de Feria y Fiestas de Cartaya en honor de la Virgen del Rosario del día 2 (Sábado) al día 6 (Miércoles) de Octubre”, Em *Fiestas en Honor de La Stma. Virgen del Rosario VIII Feria Agrícola Industrial Cartaya 1971*, Cartaya, Imprensa Pichardo, Outubro de 1971, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; ou Comisión de Festejos (ed.), “Programa de Fiestas”, Em *Feria y Fiestas de Cartaya*, Huelva, Pichardo, Outubro 1971, [Legajo 760 (1969-1971), na *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*].

⁶²² Comisión de Festejos (dir.), “Programa Oficial de Feria y Fiestas de Cartaya en honor de la Virgen del Rosario del día 30 de Septiembre al día 4 de Octubre”, Em *Fiestas en Honor de La Stma. Virgen del Rosario IX Feria Agraria e Industrial*, Cartaya 1972, Imprensa Pichardo, Setembro/Outubro de 1972, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; ou [Legajo 761 na *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*]; Comisión de Festejos (dir.), “Programa Oficial de Feria y Fiestas de Cartaya en honor de la Virgen del Rosario del día 6 al día 10 de Octubre” Em *Fiestas en Honor de La Stma. Virgen del Rosario X Feria Agrícola Industrial*, Cartaya, Imprensa Pichardo, Outubro de 1973, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; ou [Legajo 762 na *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*].

⁶²³ Reinerio Seita, Francisco, “Carta de Francisco Reinerio Seita a Pedro de Freitas, 14-10-1974”, dentro da Revista Sánchez Díaz, Francisco (dir.), *Cartaya 1974 Fiestas en Honor de Nuestra Señora del Rosario y XI Feria Agraria Industrial y Ganadera*, La Palma, Imprensa Pichardo, Outubro de 1974, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

⁶²⁴ Ayuntamiento de Cartaya (ed.), “Carta do Ayuntamiento de Cartaya (Huelva), para o Sr. Don Pedro de Freitas Publicista”, dentro da Revista *XII Feria E Industrial 4 al 8 de Octubre de 1975*, Cartaya, Ayuntamiento de Cartaya, 23-10-1974, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

entre a primeira e a segunda década do século XX⁶²⁵. Por isso, para melhor esclarecimento, Pedro de Freitas escreveu uma carta a Luis Pastor López, mencionando recordar-se que em 1905 a banda *Artistas de Minerva* participava nas *Festas do Rosário* em Cartaya devido à inexistência de outras bandas filarmónicas na vila. Porém, mais tarde, entre os anos de 1958 a 1968, várias pessoas lhe tinham informado sobre a existência das bandas filarmónicas locais, e como prova da sua existência sobreviveram duas *marchas* intituladas *Luis Maria* e *Cartaya*, sobre as quais Pedro de Freitas ainda revelou o seu interesse em ouvi-las⁶²⁶. Neste sentido, a 23 de Outubro de 1976, o *Comisário do Corpo General da Policía*, Luis Pastor López, escreveu uma carta a Pedro de Freitas onde o elucidava sobre a existência daquelas bandas locais. Porém, não sabia precisar sobre o seu tempo existencial: «*quizás desde 1.911 al 1.915*»⁶²⁷. Deste modo, Luis Pastor López expunha ainda a possibilidade da coexistência destas duas bandas filarmónicas locais com a banda *Artistas de Minerva*: «*las cuales no actuaban en las fiestas del pueblo porque, como habrá leído, sus componentes eran puros aficionados que ejercían en plan “amateurs”, sin percibir emolumento alguno, y en los días de las fiestas pasaban desapercibidos como tales músicos, disfrutando, como los demás, el placer de escuchar a la tan renombrada Banda del gran Maestro Pires, como allí se le llamaba*»⁶²⁸.

⁶²⁵ Pastor López, Luis: “Cartaya y el Arte”, Em Montenegro Pinzón (dir.), *XIII FERIA Agrícola e Industrial Cartaya 2-6 Octubre 1976*, Huelva, Imprenta Guillermo Martin, Outubro de 1976, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; ou [Legajo 764, na *Biblioteca Publica Municipal de Cartaya*].

⁶²⁶ Freitas, Pedro de, “Carta de Pedro de Freitas ao estimado amigo Don Luis Pastor, 15-10-1976”, Em Espólio Documental de Pedro de Freitas, *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*.

⁶²⁷ Pastor López, Luis, “Carta de Luis Pastor López (Monte Carmelo, 55 Sevilla), a Pedro de Freitas, 23-10-1976”, dentro da Revista Montenegro Pinzón, Enrique (dir.), *XIII FERIA Agrícola e Industrial Cartaya 2-6 Octubre 1976*, Huelva, Imprenta Guillermo Martin, Outubro de 1976, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

⁶²⁸ Pastor López, Luis, “Carta de Luis Pastor López (Monte Carmelo, 55 Sevilla), a Pedro de Freitas, 23-10-1976.”, dentro da Revista Montenegro Pinzón, Enrique (dir.), *XIII FERIA Agrícola e Industrial Cartaya 2-6 Octubre 1976*, Huelva, Imprenta Guillermo Martin, Outubro de 1976, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Em 1978, os festejos de Cartaya, de 30 de Setembro a 4 de Outubro, tiveram a participação da banda filarmónica *Artistas de Minerva*⁶²⁹.

Neste ano de 1978 a redacção *La Higuierita* de Isla Cristina agradeceu por Pedro de Freitas ter tido a lembrança de após a sua visita à França com uns velhos amigos, e antes de regressar ao Algarve, ter prolongado um pouco mais a sua viagem para conviver com o povo da Ilha Cristina. Além do mais, naquela trajectória Pedro de Freitas não se esqueceu de passar pela redacção do jornal *La Higuierita* para os abraçar e entregar-lhes o livro *Eu fui à Índia* com uma dedicatória⁶³⁰.

Em 1979, e no ano seguinte, o Alcaide Pedro Jurado Hachero enviava a Pedro de Freitas as habituais saudações com a respectiva revista das festas de Cartaya⁶³¹. Durante estes dois anos não foram encontradas informações acerca da(s) banda(s) filarmónica(s) portuguesa(s) convidada(s) para abrilhantar as ditas festas porque nesses programas apareceram apenas referências de carácter geral: «*Entrada en nuestra villa de la “Banda de Música”*», «*Concierto*»⁶³², ou «*Concierto por la Banda de Música*»⁶³³. No entanto, num *Saluda*, de 15 de Agosto de 1980, o Alcaide de Cartaya Pedro Jurado Hachero agradecia em nome do Município por Pedro de Freitas ter oferecido o livro

⁶²⁹ Ayuntamiento de Cartaya (ed.): “Programa de Fiestas”, *XV Feria Agrícola Industrial*, Huelva, Imprenta Jimenez, 1978, [Legajo 765, na *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*].

⁶³⁰ Redacção do Jornal *La Higuierita*: “Saludos”, Em *La Higuierita*, Isla Cristina, 10-06-1978.

⁶³¹ Don Pedro Jurado Hachero substituiu o anterior Alcaide de Cartaya, Ricardo de Orta, esta referência aparece em *La Higuierita*, Isla Cristina, 30-04-1979. Ver também Jurado Hachero, Pedro, “El Alcalde-Presidente del Ayuntamiento de Cartaya Pedro Jurado Hachero Saluda a 28 de Septiembre de 1979 al Don Pedro de Freitas”, dentro da Revista Ayuntamiento de Cartaya (ed.), *Fiestas en Honor de Ntra. Sra. del Rosario y XVI Feria Agrícola, Industrial y Ganadera, Cartaya 1979*, Huelva, Imprenta Guillermo Martín, Setembro de 1979, [n.º 223, no *Archivo Histórico Municipal de Loulé*]; Jurado Hachero, Pedro, “El Alcalde-Presidente del Ayuntamiento de Cartaya Pedro Jurado Hachero Saluda a 25 de Septiembre de 1980 al Don Pedro de Freitas”, dentro da Revista Ayuntamiento de Cartaya (ed.), *Fiestas en Honor de Ntra. Sra. del Rosario y XVI Feria Agrícola, Industrial y Ganadera, Cartaya 1980*, Lepe, Imprenta Real, Setembro de 1980, [n.º 223, no *Archivo Histórico Municipal de Loulé*].

⁶³² Ayuntamiento de Cartaya (ed.), “Programa de Festejos del día 1 (Miércoles) al día 5 (Domingo)”, dentro da Revista *Fiestas en Honor de Ntra. Sra. del Rosario y XVII Feria Agrícola, Industrial y Ganadera, Cartaya 1-5 de Octubre*, Lepe, Imprenta Real, Outubro de 1980, p. 35, [n.º 223, no *Archivo Histórico Municipal de Loulé*].

⁶³³ Ayuntamiento de Cartaya (ed.), “Programa de Festejos del día 30 de Setembro (Miércoles) al día 4 de Outubro (Domingo)”, dentro da Revista *Cartaya 1981*, Huelva, Imprenta Jimenez, S. L., Setembro/Outubro de 1981, [n.º 223, no *Archivo Histórico Municipal de Loulé*].

Quadros de Loulé Antigo (A Alma de Loulé em Livro) à Biblioteca Municipal de Cartaya. As palavras de gratidão do Alcaide Pedro Jurado Hachero reflectiam a amizade e o reconhecimento que o Município continuava a nutrir por Pedro de Freitas: «*nuestro querido y sincero amigo Cartayero D. Pedro de Freitas*»⁶³⁴.

No ano de 1981, através do programa dos Festejos dirigido a Pedro de Freitas atestou-se que nas festas de Cartaya, de 30 de Setembro a 4 de Outubro, participava novamente a banda filarmónica *Artistas de Minerva de Loulé*⁶³⁵. No ano seguinte (1982), Pedro de Freitas recebia outro convite para a inauguração da feira e para um convívio com as autoridades de Cartaya: «*El Alcalde-Presidente de Cartaya tiene el honor de invitarle a la inauguracion de la Feria, que tendra lugar el proximo 29 de Septiembre a la 1 de la tarde y a la copa de vino que ofrecera a las autoridades, expositores y ganaderos, en la caseta municipal del recinto ferial*»⁶³⁶. Nesta revista, apareceu também um artigo intitulado de “Homenaje D. Pedro de Freitas”, de carácter biográfico, que revelou uma certa pretensão em se restituir uma outra homenagem a Pedro de Freitas, na qualidade de músico e de escritor⁶³⁷. Este artigo apresentou algumas trocas de correspondência que atestaram a amizade nutrida entre Pedro de Freitas e algumas figuras

⁶³⁴ Jurado Hachero, Pedro, “El Alcalde-Presidente del Ayuntamiento de Cartaya Pedro Jurado Hachero Saluda a 15 de Agosto de 1980 al Don Pedro de Freitas”, Agosto de 1980, [n.º 80, no *Archivo Histórico Municipal de Loulé*].

⁶³⁵ Ayuntamiento de Cartaya (ed.), “Programa de Festejos”, *XVIII Feria Agraria, industrial y ganadera*, Cartaya, Imprenta Jimenez, 1981, [Legajo 766 na *Biblioteca Publica Municipal de Cartaya*].

⁶³⁶ Jurado Hachero, Pedro, “Un Convite del Alcalde-Presidente del Ayuntamiento de Cartaya, Pedro Jurado Hachero, de Septiembre de 1982, al Don Pedro de Freitas”, dentro da Revista de Festejos realizada pelo Ayuntamiento de Cartaya (ed.), *Fiestas en Honor de Ntra. Sra. del Rosario y XIX Feria Agraria Industrial y Ganadera*, Cartaya, de 29 de Septiembre a 3 de Octubre de 1982, Huelva, Imprenta Jiménez, S. L., Setembro de 1982, [n.º 223, no *Archivo Histórico Municipal de Loulé*].

⁶³⁷ Ver 7.9. Outras Fontes Documentais, Documento n.º 14, em Anexos.

representativas de Cartaya⁶³⁸. Além do mais, este artigo salientou a consideração que a figura de Pedro de Freitas simbolizava para os Cartayeros: «*persona tan distinguida y destacada en el amor a Cartaya*»⁶³⁹, terminando com as seguintes palavras amistosas: «*Sirvan estas líneas al querido amigo, como lenitivo para lo que él considera un gran desaire y reciba un afectuoso abrazo del último de los cartayeros que le están agradecidos por su labor en pró de CARTAYA, su Doña BLANCA, aliada de la CAL BLANCA, cuyos reflejos impresionan la retina del viajero*»⁶⁴⁰.

Nos acervos documentais de Pedro de Freitas encontraram-se ainda dois artigos manuscritos da sua autoria. No primeiro artigo, de Julho de 1983, intitulado “A Minha biografia de Cartayero Honorário”, Pedro de Freitas apresentou de forma sequencial as datas das festas de Cartaya que ele recordava ter assistido, e enfatizou os seus sentimentos para com o povo cartayero⁶⁴¹. No segundo artigo, intitulado de “Efusivas Saudações deste Cartayero Honorário”, inserido numa carta de 2 de Agosto de 1983 ao Alcaide de Cartaya Guillermo Pérez Gómez, Pedro de Freitas terminava com as seguintes palavras de adeus e de gratidão: «*Nesta data ofereço a Cartaya a minha biografia de Cartayero e despeço-me, sentidamente, desse tempo em que tanto amei a*

⁶³⁸ Uma carta escrita de Pastor López, Luis para Pedro de Freitas (13-12-1962); uma carta de Redondo Fernández, Rafael para Pedro de Freitas (25-08-1962); e, uma carta de Freitas, Pedro de para o Alcaide Presidente do Ayuntamiento de Cartaya (12-08-1982). Ayuntamiento de Cartaya (ed.): “Homenaje D. Pedro de Freitas”, Em *Cartaya 1982 Fiestas en Honor de Ntra. Sra. del Rosario y XIX Feria Agraria Industrial y Ganadera*, Cartaya – 29 de Septiembre – 3 de Octubre de 1982, Huelva, Imprenta Jiménez, S. L., Setembro/Outubro de 1982, p. 55, [n.º 223, no *Archivo Histórico Municipal de Loulé*].

⁶³⁹ Ayuntamiento de Cartaya (ed.): “Homenaje D. Pedro de Freitas”, Em *Cartaya 1982 Fiestas en Honor de Ntra. Sra. del Rosario y XIX Feria Agraria Industrial y Ganadera*, Cartaya – 29 de Septiembre – 3 de Octubre de 1982, Huelva, Imprenta Jiménez, S. L., Setembro/Outubro de 1982, p. 55, [n.º 223, no *Archivo Histórico Municipal de Loulé*].

⁶⁴⁰ Ver 7.9. Outras Fontes Documentais, Documento n.º 14, em Anexos. Ayuntamiento de Cartaya (ed.): “Homenaje D. Pedro de Freitas”, Em *Cartaya 1982 Fiestas en Honor de Ntra. Sra. del Rosario y XIX Feria Agraria Industrial y Ganadera*, Cartaya – 29 de Septiembre – 3 de Octubre de 1982, Huelva, Imprenta Jiménez, S. L., Setembro/Outubro de 1982, p. 55, [n.º 223, no *Archivo Histórico Municipal de Loulé*].

⁶⁴¹ Estas eram as datas que Pedro de Freitas referia ter participado nas festas de Cartaya: 1908-1910, 1916, 1958-1961, 1963-1966. Freitas, Pedro de: “A minha biografia de Cartayero Honorário” Manuscrito original de Pedro de Freitas, Barreiro, Julho de 1983, Em Espólio Documental de Pedro de Freitas, *Archivo Histórico Municipal de Loulé*.

sua Boa Compostura Social»⁶⁴². Pedro de Freitas teria certamente uma previa intenção que estes dois últimos artigos manuscritos fossem publicados. Apesar de terem sido feitas pesquisas nas revistas dos festejos de Cartaya com o objectivo que os referidos artigos tivessem sido publicados, os resultados foram infrutíferos⁶⁴³.

⁶⁴² Freitas, Pedro de: “Efusivas Saudações deste Cartayero Honorário”, Carta Manuscrita de Pedro de Freitas ao Senhor Alcaide de Cartaya, 02-08-1983, Em Espólio Documental de Pedro de Freitas, *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*.

⁶⁴³ Este artigo não chegou a ser publicado, não sendo, portanto, encontrado na Revista *Cartaya 1983* do Legajo 767 na *Biblioteca Publica Municipal de Cartaya*, nem nas Revistas de Cartaya dos anos posteriores, isto é, de 1984 e 1985 pertencentes ao [Legajo 768, na *Biblioteca Publica Municipal de Cartaya*], e das relativas ao ano de 1986 do [Legajo 769, na *Biblioteca Publica Municipal de Cartaya*].

Neste subcapítulo utilizaram-se algumas fontes primárias que justificaram a troca de correspondência efectivada entre Pedro de Freitas e vários amigos concernentes ao contexto de Andaluzia, as quais foram combinadas com outras fontes de imprensa periódica correlacionadas. Neste sentido, concluiu-se que o protagonismo de Pedro de Freitas na província de Andaluzia deveu-se ao seu sentimentalismo e espírito de sociabilidade para com algumas figuras, especialmente de Ayamonte, de Cartaya e de Ilha Cristina, efectivando-se, deste modo, mútua correspondência. Como tal, dado o vínculo de Pedro de Freitas em Cartaya e em Ayamonte, sobretudo nos anos sessenta do século XX, ele chegou a ser o responsável pela introdução da banda filarmónica portuguesa que ia tocar sobretudo nas festas de Cartaya, e, ao inserir algumas bandas filarmónicas do distrito de Setúbal no contexto dessas festas ele reforçou e amplificou a antiga aliança (Loulé – Andaluzia) através da intervenção de outras bandas filarmónicas portuguesas nesses eventos musicais. Deste modo, Pedro de Freitas dava um contributo à sua ideia dos intercâmbios musicais além fronteiras, sendo, neste contexto, algumas das suas composições musicais tocadas, as quais tiveram alguma ressonância apreciativa. Com efeito, Pedro de Freitas ainda evidenciou as suas visitas, revivificou as suas memórias, reconsolidou os seus sentimentos, e ofereceu muitas das suas obras literárias a amigos cartayeros, ao Município e à Biblioteca Pública Municipal de Cartaya. Porém, de igual modo, da parte dos seus amigos de Cartaya e de Ayamonte não cessaram os inúmeros convites a Pedro de Freitas, procurando dar prossecução a uma amizade recíproca, às consecutivas homenagens e aos desejos de renovadas confraternizações. Deste modo, este subcapítulo vem reforçar a ideia que tanto da parte de Pedro de Freitas como igualmente da parte dos seus amigos Andaluzes imprimia-se o desejo de se cultivar uma mútua fraternização consubstanciada na manutenção de um convívio músico-cultural que vinha sendo praticado no contexto peninsular por dois povos de nacionalidades diferentes.

2.3. A vida social barreirense

Em Dezembro de 1976, Pedro de Freitas era entrevistado pelo escritor barreirense João Liberal, e a última pergunta, relacionada com o que ele mais admirava no Barreiro⁶⁴⁴, teve o seguinte parecer: «*O seu progresso e a sua posição laboriosa no mundo do trabalho, como a honra e o brio colectivo*»⁶⁴⁵.

O Barreiro, situado nas proximidades de Lisboa, era uma zona com qualidade de desenvolvimento a nível industrial. Deste modo, justificava-se que desde os finais do século XIX esta vila tivesse um afluxo de pessoas de outras regiões de Portugal, cujo objectivo era incrementar o nível de vida⁶⁴⁶. Foi com esta intenção que Pedro de Freitas partiu a 2 de Março de 1911 para a casa de uns tios que residiam naquela vila: «*O Destino porém compadece-se de mim: uma tia minha casa com um ferroviário da vida dos comboios, e é ele que me vai tirar do meio isolado da minha terra*»⁶⁴⁷.

⁶⁴⁴ Ver 7.10. Mapas Geográficos, Mapas n.º 5 e n.º 6, em Anexos Barreiro, localidade pertencente ao concelho com o mesmo nome no distrito de Setúbal, região de Lisboa, Em *Wikipédia*, [On-line], <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Barreiro>>, [consulta: 10 de Julho de 2008].

⁶⁴⁵ Liberal, João, “Conversando com Pedro de Freitas”, Em *O Jornal do Barreiro*, Barreiro, 31-12-1976.

⁶⁴⁶ Actualmente o Barreiro é uma cidade situada no concelho com o mesmo nome pertencente ao distrito de Setúbal. O concelho do Barreiro compreende uma área total de 32,0 km² (INE, Base Geográfica de Referenciação de Informação). Com uma população residente de 79.012 habitantes e tem actualmente oito freguesias, sendo elas: Barreiro, Lavradio, Palhais, Santo André, Verderena, Alto do Seixalinho, Santo António da Charneca e Coina (INE, Censos 2001 – Resultados Definitivos); João Liberal, um barreirense de nascimento e de devoção. Liberal, João, *Histórias Breves de Antigamente*, Barreiro, Edição João Liberal, 1999, p. 14.

⁶⁴⁷ Esse tio ferroviário chamava-se Joaquim Inácio Drago e no serviço do caminho de ferro foi guarda-freio de 1.ª classe. Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 96; Freitas, Pedro de, “História da origem da actual Banda de Música do Barreiro”, Em *O Jornal do Barreiro*, Barreiro, 09-11-1984.

Nos finais do século XIX, o movimento associativo já estava implementado no Barreiro⁶⁴⁸. Segundo a opinião do escritor barreirense João Liberal este movimento influenciava positivamente o desenvolvimento sociocultural da vida local: «Diz-se, ainda hoje, que as Sociedades de Recreio e Cultura correspondiam, no passado, à segunda casa dos seus associados e que eram também as universidades do povo, tão forte sucedia a influência sobre os seus frequentadores habituais. Quantos até aprenderam a ler, a escrever, a contar, nas colectividades!»⁶⁴⁹. Neste contexto, também existiam as sociedades recreativas com filarmónicas, sendo a cultura musical valorizada pela população local: «O Barreiro é, de longa data, uma terra onde se faz música, por vocação e por diletantismo»⁶⁵⁰. A primeira sociedade musical do Barreiro, designada por *Sociedade Filarmónica Barreirense*, fora fundada em 1848 e dissolvida em 1870⁶⁵¹. A 4 de Agosto desse ano, sob a presidência de Miguel José António, era fundada a *Sociedade Marcial Capricho Barreirense*, conhecida pelo nome de sociedade dos *Franceses*. Três dias depois, sob a presidência de Raphael Idezio Sebastião Maria

⁶⁴⁸ Em 1893, J. António Rodrigues fazia referência às associações recreativas no Barreiro, tais como a de *socorros mútuos*, a *classe dos corticeiros* e a do grande *montepio dos caminhos de ferro do sul e sudoeste*. Porém, no que se refere às sociedades recreativas com filarmónicas, foram nomeadas a de *S. Marcial Capricho Barreirense* e a *Sociedade de Instrução e Recreio*. Rodrigues, J. António: “Melhoramentos Locais Associações e instrução”, Em Valegas, Augusto Pereira (ed.), *Um Olhar sobre o Barreiro*, n.º 1, Dezembro 1987, Barreiro, Tipografia Belgráfica, 1987, p. 47.

⁶⁴⁹ Liberal, João, *Histórias Breves de Antigamente*, Barreiro, Edição João Liberal, 1999, p. 85.

⁶⁵⁰ Teixeira, Jorge, “O Culto da música da nossa terra”, Em *Eco do Barreiro*, Barreiro, 16-05-1924. A importância da música na vila do Barreiro estendeu-se ao concelho, chegando a coexistir cinco bandas de música como o afirmou o conterrâneo João Liberal: «O concelho do Barreiro chegou a possuir, simultaneamente, cinco filarmónicas: a da *Sociedade Filarmónica Agrícola Lavradiense (SFAL)*, a da *Sociedade Democrática União Barreirense (“Os Franceses”)*, a da *Sociedade de Instrução e Recreio Barreirense (“Os Penicheiros”)*, a da *Sociedade Filarmónica União Agrícola – 1.º de Dezembro, de Santo António da Charneca*, e a da *Liga Recreativa da Companhia União Fabril*. Todas as filarmónicas não resistiram às dificuldades, tendo a da C.U.F. sido a última a morrer, cuja extinção se veio a verificar em princípios da década de 70». Em Liberal, João, *Histórias Breves de Antigamente*, Barreiro, Edição João Liberal, 1999, p. 82.

⁶⁵¹ F., P. A. “Música”, Em *Eco do Barreiro*, Barreiro, 25-08-1927. O presidente desta *Sociedade Filarmónica Barreirense* chamava-se António Maria Bandeira e o seu director Luís dos Santos Sénior. Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 296-297; Pereira, Sousa: “Associativismo – Uma presença na vida barreirense”, Em Valegas, Augusto Pereira (ed.) *Um Olhar sobre o Barreiro*, n.º 1, III Série – Nov. 1992, Setúbal, Artes Gráficas, Lda., 1992, p. 34.

Pimenta, formou-se a *Sociedade Filarmónica Barreirense*, a qual era conhecida pelo nome de *Penincheiros*⁶⁵².

No início do século XX também surgia uma agremiação recreativa e cultural de carácter empresarial criada e mantida pela antiga *Companhia União Fabril* (CUF), a qual era chamada de *Liga de Instrução e Recreio*⁶⁵³. Deste modo, nesta companhia foi constituída uma tuna onde Pedro de Freitas participou como um dos violinos⁶⁵⁴. Como este agrupamento não foi avante decidiu-se formar uma banda filarmónica na cooperativa da *Companhia União Fabril* (CUF), onde Pedro de Freitas era o segundo violino. Em meados de Abril de 1911, a banda filarmónica transformava-se em marcial, sendo intitulada de: «*Banda do Pessoal da C.U.F.*»⁶⁵⁵. Além disso, Pedro de Freitas também participou nesta banda filarmónica como primeiro cornetim, sob a regência do

⁶⁵² O nome de *Penicheiros* associou-se por Marquez de Andeja, um dos sócios, ter sido o conde de Peniche. Como estava em vigor a guerra franco-prussiana, e sendo a França vencida, foi “*os franceses*” o nome escolhido para os membros rivais da outra sociedade filarmónica. Em Pimenta, José Augusto, “*Sociedades Recreativas*”, Em Valegas, Augusto Pereira (ed.) *Um Olhar sobre o Barreiro Final do século XIX – Princípios do século XX*, n.º 1, 2.ª (ed.) Dezembro 1987, Barreiro, Tipografia Belgráfica, 1987, pp. 45-47. Para mais pormenores sobre o historial e contextualização das Sociedades Filarmónicas da Vila do Barreiro ver: Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 296-360. Nota: Pedro de Freitas considerou que as duas bandas designadas de “*Franceses*” e “*Penicheiros*” derivaram da anterior *Sociedade Filarmónica Barreirense*. Além destas duas, a terceira foi a *Banda do Grupo Desportivo e Recreativo da CUF*. Porém, aponta-se ainda para a existência de uma quarta banda filarmónica no Barreiro, a qual pertenceu à *Liga Portuguesa, Terço Independente n.º 12*, criada pelo seu comandante interino Brigídio Gonçalves. A primeira saída desta banda filarmónica foi a 26-04-1942, no entanto a sua vida foi efémera porque ela apenas fez meia dúzia de saídas à frente do *Terço da Legião*. Em Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 357-358.

⁶⁵³ A CUF foi inaugurada no Barreiro a 19 de Setembro de 1908, tendo sido construída em Setembro de 1907 sobre o impulso de Alfredo da Silva. Esta unidade fabril consistiu na extracção descontínua do óleo de bagaço de azeitona para sulforeto de carbono. (Entrevista a Freitas, Vítor Manuel Mendes, em 29-06-2003).

⁶⁵⁴ Freitas, Pedro de, “Pelo Barreiro Bola, Cooperativismo e Música registam suas «Bodas de Ouro»”, Em *O Setubalense*, Setúbal, 17-04-1961.

⁶⁵⁵ Augusto Pimenta, José: “*Sociedades Recreativas*”, Em Pereira Valegas, Augusto (ed.) *Um Olhar sobre o Barreiro Final do século XIX – Princípios do século XX*, n.º1, 2.ª (ed.) Dezembro 1987, Barreiro, Tipografia Belgráfica, 1987, p. 56; Freitas, Pedro de, “Pelo Barreiro Bola, Cooperativismo e Música registam suas «Bodas de Ouro»”, Em *O Setubalense*, Setúbal, 17-04-1961; Freitas, Pedro de, “Indignação no Barreiro A morte inglória de uma banda de Música”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 05-09-1972.

Maestro espanhol Alvarez Branco⁶⁵⁶. Esta banda filarmónica fez a primeira saída no dia 1 de Maio de 1911, passando a designar-se de: «*Banda do Grupo Desportivo e Recreativo da C.U.F.*»⁶⁵⁷. Porém, não era de estranhar a participação de Pedro de Freitas nesta banda filarmónica, uma vez que ele trabalhava na carpintaria da *Companhia União Fabril* (CUF): «*empregou-se na Companhia União Fabril, mas por pouco tempo, vindo posteriormente a ser admitido nos Caminhos de Ferro, onde permaneceu até à reforma*»⁶⁵⁸. Porém, anos mais tarde, foi com um profundo constrangimento que Pedro de Freitas através da imprensa periódica anunciou o fim desta banda filarmónica da *Companhia União Fabril* (CUF): «*Já sofri outro golpe: foi quando desapareceu a Banda do Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro, que eu fundei [...]. Agora cabe a vez à da C.U.F.. Tudo vai na voragem da vida, é certo. Esta durou SESSENTA E UM ANOS, TRÊS MESES E DEZ DIAS. Quantas gerações de músicos por ela não passaram! Quantas vicissitudes não suportou! Mas venceu! E, quando menos se esperava a impiedosa morte ceifou-a em plena pujança da vida. Paciência! São as contingências de quem depende da vontade ou interesse de alguém!!!*»⁶⁵⁹. No entanto, pouco tempo depois de Pedro de Freitas ter chegado ao Barreiro, isto é, a sete de Março de 1911, ele era admitido como instrumentista da banda

⁶⁵⁶ Costa, Carlos, “Recordando as nossas Bandas de Música”, Em *Jornal do Barreiro*, Barreiro, 26-06-1987; Freitas, Pedro de, “Indignação no Barreiro A morte inglória de uma banda de Música”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 05-09-1972; e Freitas, Pedro de, “Pelo Barreiro Bola, Cooperativismo, Música”, Em *O Setubalense*, Setúbal, 17-04-1961.

⁶⁵⁷ Freitas, Pedro de, “Pelo Barreiro Bola, Cooperativismo e Música registam suas «Bodas de Ouro»”, Em *O Setubalense*, Setúbal, 17-04-1961; Freitas, Pedro de, “Indignação no Barreiro A morte inglória de uma banda de Música”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 05-09-1972.

⁶⁵⁸ Liberal, João, *Da Minha Terra*, Vol. II, Barreiro, Câmara Municipal do Barreiro, 1996, p. 126.

⁶⁵⁹ Freitas, Pedro de, “Indignação no Barreiro A morte ingloriosa de uma Banda de Música”, *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 05-09-1972.

filarmónica da *Sociedade Democrática União Barreirense “Os Franceses”*⁶⁶⁰. Nesta banda filarmónica, Pedro de Freitas evidenciou proficiência musical através da sua aptidão em tocar vários instrumentos de música como o cornetim, a trompa, o feliscorne e a saxtrompa⁶⁶¹. Neste sentido, João Liberal recordou o contributo de Pedro de Freitas como filarmónico *Sociedade Democrática União Barreirense “Os Franceses”*: «*Executou aí vários instrumentos, consoante as exigências de ocasião. Sem dúvida, um excelente músico, que veio a actuar em quase todo o país*»⁶⁶².

Entre 1910 e 1920 a grave crise nacional reflectia-se também no Barreiro. A maioria da população sofria de várias carências, salientando-se a classe dos corticeiros: «*As condições de vida encontravam-se, então, fragilizadas, sobretudo devido ao fraco poder de compra muito inferior ao necessário a uma sobrevivência digna. A classe corticeira, mas não só, evidentemente, constituía a principal vítima, quer das crises sazonais quer das baixas férias praticadas*»⁶⁶³. Nesta altura, como solução para minorar a crise passou-se a expectar na criação de cooperativas de venda de géneros alimentícios, roupas, entre outros artefactos que a *Caixa dos Socorros dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste* tentava dar resposta. Esta ideia de cooperativas consolidou-se com a fundação da *Sociedade Cooperativa Operária Barreirense* (SCOB) em 1912 e da *Sociedade Cooperativa Popular Barreirense* (SCPB) em 1913. A primeira assentava

⁶⁶⁰ A antiga designação era *Sociedade Marcial Capricho Barreirense*. Em Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 300-302; Freitas, Pedro de, “Há vinte e sete anos Moura viveu um grande dia festivo!”, Em *Jornal de Moura*, Moura, 02-12-1950; Freitas, Pedro de, “História da origem da actual Banda de Música do Barreiro”, Em *Jornal do Barreiro*, Barreiro, 09-11-1984; Freitas, Pedro de, “Duas Bandas de Música Frente a Frente”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 19-09-1959; Programa do Feriado Municipal do Barreiro, de 7 de Outubro de 1984, [Envelope castanho da Câmara Municipal de Loulé, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; Freitas, Pedro de, “Coisas que acontecem”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 10-09-1981.

⁶⁶¹ Ver 7.8. Uma fotobiografia de Pedro de Freitas, fotografia n.º 5, em Anexos. *Programa do Feriado Municipal do Barreiro*, de 7 de Outubro de 1984, [Envelope castanho da Câmara Municipal de Loulé, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; Liberal, João, *Da Minha Terra*, Vol. II, Barreiro, Câmara Municipal do Barreiro, 1996, 127.

⁶⁶² Liberal, João, *Da Minha Terra*, Vol. II, Barreiro, Câmara Municipal do Barreiro, 1996, 127.

⁶⁶³ Liberal, João, *Histórias Breves de Antigamente*, Barreiro, Edição João Liberal, 1999, p. 47.

essencialmente na classe corticeira e a segunda na classe ferroviária⁶⁶⁴. Tratava-se de uma nova forma de associativismo com base num sistema de cooperativa que passava a desenvolver-se a nível nacional com resultados seguros⁶⁶⁵. A fundação dessas sociedades cooperativas incidia essencialmente na defesa de melhores condições existenciais à gente do povo: «*A fundação das cooperativas constituiu o resultado de um sincero apelo à solidariedade, em oposição aos comerciantes. [...] Homens idealistas e generosos fundaram a S.C.O.B. e a S.C.P.B., agindo de conformidade com o pensamento operário da época, sabido como era solidário e reivindicativo. [...] As cooperativas aconteceram na linha da consciência da gente de trabalho, à data sem regalias de qualquer espécie, sobrando-lhe dificuldades inimagináveis no confronto com a pobreza, que era real*»⁶⁶⁶. Nelas os respectivos sócios tinham poder administrativo através das direcções eleitas e de colaboradores agregados, servindo também ao balcão, o que possibilitava a comercialização de artigos a preços mais favoráveis do que o das lojas. Por isso, no balanço final era conseguido um lucro anual que em parte era distribuído pelos sócios⁶⁶⁷.

Com efeito, era na sequência do brioso ambiente do associativismo musical barreirense, do espírito reivindicativo do movimento operário e do conseqüente vigor das sociedades cooperativas que Pedro de Freitas foi desenvolvendo uma postura mais lutadora em prol das vantagens das filarmónicas no seio de um adequado ambiente de associativismo cultural-recreativo⁶⁶⁸. Entretanto, a 26 de Janeiro de 1912, Pedro de Freitas ingressava no cargo de carregador dos serviços ferroviários e mais tarde, a 5 de Junho de 1913,

⁶⁶⁴ Liberal, João, *Histórias Breves de Antigamente*, Barreiro, Edição João Liberal, 1999, pp. 47-50.

⁶⁶⁵ Liberal, João, *Histórias Breves de Antigamente*, Barreiro, Edição João Liberal, 1999, p. 47.

⁶⁶⁶ Liberal, João, *Histórias Breves de Antigamente*, Barreiro, Edição João Liberal, 1999, pp. 48-49.

⁶⁶⁷ Liberal, João, *Histórias Breves de Antigamente*, Barreiro, Edição João Liberal, 1999, pp. 47-48.

⁶⁶⁸ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 521-552.

Pedro de Freitas ascendia nessa profissão ao posto de praticante⁶⁶⁹. Inicialmente o trabalho era árduo, principalmente pela inexistência de regulamentação nas horas de trabalho: «*A estação, de muito serviço e dos mais pesados. As minhas posses físicas fraquitas. A labuta diária e nocturna constituía uma autêntica escravidão. Não haviam descansos semanais e as licenças só a largo tempo eram concedidas*»⁶⁷⁰. Por isso, em 1914, com o objectivo de progredir na hierarquia profissional dos serviços de ferroviário, Pedro de Freitas frequentou a escola oficial de «*Praticantes a Guarda-Freio*»: «*A minha entrada para empregado do caminho de ferro obriga-me a estudar e, aliando a necessidade à vontade, quando na estação de Casa Branca exerço essa nova profissão, frequento a escola oficial da localidade, onde rememoro o esquecido, e, continuando sempre a ler e a estudar, hoje permito-me escrever estas linhas singelas quão sentidas recordações*»⁶⁷¹. Deste modo, no ano seguinte, mais especificamente a 25 de Maio de 1915, Pedro de Freitas ascendia a guarda-freio de segunda classe⁶⁷². Neste ano de 1915, por razões de doença, Pedro de Freitas foi solicitado para substituir um músico cornetista da *Sociedade Filarmónica Lusitana* de Estremoz⁶⁷³. Com efeito, o episódio autobiográfico que Pedro de Freitas descreveu comprovou não só as suas habilidades musicais como a sua qualidade de entrega à música sem receber nada em troca: «*Toco como sei e posso, e desempenho-me o melhor possível de tão atrevida*

⁶⁶⁹ Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, Divisão de Repartição do Pessoal, Resumo de Matrícula de Pedro de Freitas, Cadastro Disciplinar, [n.º 81, Album cinzento, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

⁶⁷⁰ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 98.

⁶⁷¹ Ver 7.8. Uma fotobiografia de Pedro de Freitas, fotografia n.º 1, em Anexos; Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 224. Ver também Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973, p. 111.

⁶⁷² Ver 7.8. Uma fotobiografia de Pedro de Freitas, fotografia n.º 2, em Anexos; Companhia de Caminhos de Ferro Portugueses, Divisão de Repartição do Pessoal, Resumo de Matrícula de Pedro de Freitas, Cadastro Disciplinar, [n.º 81, Album cinzento, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

⁶⁷³ Estremoz, localidade pertencente ao concelho com o mesmo nome do distrito de Évora, região do Alentejo. Ver Estremoz Em *Wikipédia*, [On-line], <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Estremoz>>, [consulta: 10 de Julho de 2008].

responsabilidade. A multidão entusiasma-se, delira, e eu vejo-me cercado de aplausos, qual Eusébio futebolista dos tempos presentes. Na segunda noite, a pedido do regente, ainda toco sem qualquer ensaio, uma polca obrigada a cornetim. É a consagração, é a apoteose final ao meu arrojado serviço, sem aceitar qualquer remuneração, à Lusitana de Estremoz. Sou levado em triunfo, aos ombros dos mais exaltados ferroviários»⁶⁷⁴.

Foi também no ano de 1915 que Pedro de Freitas foi integrado na vida militar do *Regimento de Artilharia n.º 3* em Santarém⁶⁷⁵. Dois anos depois (1917), ao serviço do *Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro*, Pedro de Freitas partia para o norte de França como combatente da *Primeira Grande Guerra* de 1914-1918⁶⁷⁶. Além disso, Pedro de Freitas já era pai de uma criança recém-nascida em Loulé e chamada Margarida Vairinhos de Freitas⁶⁷⁷: «*Em 1917 parti para a guerra, em França. Casadinho e ainda entre os fumos de uma ‘lua de mel’, é de calcular como eu estaria partido, tanto mais com uma filha de um mês de nascida»⁶⁷⁸*. Porém, nos campos de batalha, no norte de França, Pedro de Freitas observou através do jornal *O Século* que estava aberto o concurso para revisores de bilhetes dos caminhos de ferro, direcção do *Sul e Sueste*, e tomou as medidas necessárias: «*Não deixo perder o momento de atingir o que mais ambicionava na minha profissão e, em requerimento feito em papel de campanha, pelas vias competentes do Corpo Expedicionário Português – C.E.P. –*

⁶⁷⁴ Freitas, Pedro de, “A Sociedade Filarmónica Lusitana em 1915”, Em *O Eco de Estremoz*, Estremoz, 03-12-1967.

⁶⁷⁵ Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973, 111.

⁶⁷⁶ Freitas, Pedro de, *José de Freitas no centenário do seu nascimento*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Fausto Sebastião de Freitas (ed.), 1958, p. 86.

⁶⁷⁷ Nesta altura Pedro de Freitas estava casado com Maria das Dores Vairinhos e era pai de Margarida Vairinhos de Freitas nascida em Loulé a 20 de Março de 1917. Freitas, Pedro de, *José de Freitas no centenário do seu nascimento*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Fausto Sebastião de Freitas (ed.), 1958, p. 86.

⁶⁷⁸ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.ª (ed.), 1991, p. 33.

*envio à Direcção dos caminhos de ferro esse documento»*⁶⁷⁹. Por intermédio do Ministério da Guerra, e com alguns pareceres e carimbos, esse documento que lhe custara meio franco entrara na repartição competente⁶⁸⁰. Terminado o conflito europeu Pedro de Freitas regressava ao Barreiro em 1919. No entanto, ele tinha interesse em saber qual era o resultado daquele requerimento que tinha enviado em tempo de guerra⁶⁸¹. Ainda que os lugares para o posto de revisores de bilhetes dos caminhos de ferro fossem concorridos, Pedro de Freitas tinha ficado apurado: «*As vagas eram largamente disputadas; os pretendentes são muitos e as «cunhas» apertadas. A minha qualidade de combatente parece servir de alguma consideração e, na devida altura, eu sou admitido ao concurso»*⁶⁸². Deste modo, Pedro de Freitas retomou a profissão de ferroviário no Barreiro, sendo admitido a 3 de Junho de 1920 nas aulas teóricas e práticas da escola ferroviária de revisores de bilhetes⁶⁸³. Após ter feito o exame Pedro de Freitas fora classificado como aspirante e a revisor a 30 de Outubro de 1923⁶⁸⁴. No dia 17 de Outubro de 1924 Pedro de Freitas tomou posse do lugar público para o grau de revisor de segunda classe; a 15 de Novembro de 1924 Pedro de Freitas ascendia ao cargo de revisor de primeira classe; a 1 de Janeiro de 1934 Pedro de Freitas passava a ser o revisor principal, e, finalmente, a 1 de Maio de 1946 Pedro de Freitas era

⁶⁷⁹ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 129.

⁶⁸⁰ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 130.

⁶⁸¹ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 130.

⁶⁸² Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 130.

⁶⁸³ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 130.

⁶⁸⁴ Companhia de Caminhos de Ferro Portugueses, Divisão de Repartição do Pessoal, Resumo de Matrícula de Pedro de Freitas, Cadastro Disciplinar, [n.º 81, Em Album cinzento, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

promovido a fiscal de revisores⁶⁸⁵. Foi, todavia, nesta profissão que Pedro de Freitas foi reformado a 1 de Setembro de 1949: «admitido nos caminhos de ferro, onde permaneceu até à reforma, concretizada na categoria de fiscal de revisores»⁶⁸⁶.

No Verão de 1923, Pedro de Freitas continuava a ser instrumentista na banda filarmónica da *Sociedade Democrática União Barreirense “Os Franceses”*, cujo regente era Viriato Lusitano d’ Oliveira. Nesta altura, inserido na dita banda Pedro de Freitas foi abrilhantar uma festividade em Alverca do Ribatejo⁶⁸⁷. Ao tocar na quermesse Pedro de Freitas rifou um coelhinho branco com uma mensagem que lhe serviu de profecia para a sua vida. Este pormenor autobiográfico constituiu um motivo de inspiração para um dos contos do livro *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*⁶⁸⁸. Ainda neste Verão de 1923, mediante uma confraternização de interesses, Moura recebia visitantes e artistas amadores barreirenses, os quais pretendiam consagrar a sua arte em prol do *Asilo D. Pedro V* do Barreiro e do *Hospital Civil* de Moura⁶⁸⁹. O dia 15 de Julho de 1923 fora elegido para este evento festivo que contou com a vinda de figuras importantes: «Para esse efeito, no comboio da tarde do dia 14 chegavam a esta vila dois seus delegados os ex. mos Srs. Eduardo Rodrigues da Silva, Inspector dos Serviços Eléctricos do Sul e Sueste e Balthazar Bolina também funcionário do Sul e Sueste e respectivamente Presidente e Vice-Presidente do Asilo D.

⁶⁸⁵ Ver 7.9. Outras Fontes Documentais, Documento n.º 2, em Anexos. Companhia de Caminhos de Ferro Portugueses, Divisão de Repartição do Pessoal, Resumo de Matrícula de Pedro de Freitas, Cadastro Disciplinar, [n.º 81, Em Album cinzento, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

⁶⁸⁶ Liberal, João, *Da Minha Terra*, Vol. II, Barreiro, Câmara Municipal do Barreiro, 1996, p. 126; ver também em Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973, p. 111. Ver também Companhia de Caminhos de Ferro Portugueses, Divisão de Repartição do Pessoal, Resumo de Matrícula de Pedro de Freitas, Cadastro Disciplinar, [n.º 81, Em Album Cinzento, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 132.

⁶⁸⁷ Alverca do Ribatejo, freguesia do concelho de Vila Franca de Xira, distrito de Lisboa. Ver Alverca do Ribatejo, Em *Wikipédia*, [On-line], <http://pt.wikipedia.org/wiki/Alverca_do_Ribatejo>, [consulta: 10 de Julho de 2008].

⁶⁸⁸ Freitas, Pedro de, “Coisas que acontecem I”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 10-09-1981.

⁶⁸⁹ Moura, concelho pertencente ao distrito de Beja, região do Alentejo. Ver mourense Em *Wikcionário*, [On-line], <<http://pt.wiktionary.org/wiki/mourense>>, [consulta: 10 de Julho de 2008].

*Pedro V que dedicadamente em muito contribuíram conjuntamente com a comissão local para que a iniciativa comum resultasse invulgar e brilhante e isentas de lacunas»⁶⁹⁰. A banda filarmónica da *Sociedade Democrática União Barreirense* era eleita para abrilhantar a festa sob a regência do Maestro Viriato Luzitano d' Oliveira: «*Pelas ruas do percurso a seguir, irrompe a Filarmónica Barreirense com um magistral ordinário de melódiosos efeitos musicais de impecável técnica de execução. A população vai incontestavelmente bem impressionada»⁶⁹¹. Com efeito, além de ter participado nesta festa como instrumentista Pedro de Freitas já evidenciava um certo protagonismo em discursar nos eventos locais: «*Falou ainda o filarmónico Sr. Freitas que foi muito aplaudido pelos assistentes, tendo sido ao terminar erguidos entusiásticos brindes de confraternização pelo sub chefe da União Barreirense e por muitos assistentes»⁶⁹². Além do concerto no passeio público a banda filarmónica ainda dera mais dois saraus no teatro *Caridade*⁶⁹³.***

Na tarde do dia 25 de Junho de 1925, a banda da *Sociedade Democrática União Barreirense* “*Os Franceses*” dava um outro concerto no salão do jornal *Diário de Notícias* em Lisboa sob a regência de Alfredo Reis de Carvalho. No dia seguinte, o compositor e crítico musical Rui Coelho destacava na imprensa periódica a qualidade musical daquele concerto, onde Pedro de Freitas constituía um dos primeiros cornetins: «*A União Barreirense merece a nossa atenção porque se compõe de elementos populares, operários de diversas profissões, que nas suas horas livres se dedicam ao estudo dos seus instrumentos com a maior dedicação, numa época em que muitos*

⁶⁹⁰ Anónimo, “Moura recebeu galhardamente os seus ilustres hospedes do Barreiro!”, Em *O Jornal de Moura*, Moura, 22-06-1923.

⁶⁹¹ Anónimo, “Moura recebeu galhardamente os seus ilustres hospedes do Barreiro!”, Em *O Jornal de Moura*, Moura, 22-06-1923.

⁶⁹² Anónimo, “A recepção na Sociedade Filarmónica União Mourense”, *O Jornal de Moura*, Moura, 22-06-1923.

⁶⁹³ Anónimo, “Uma honrosa visita”, Em *O Jornal de Moura*, Moura, 15-06-1923; Anónimo, “Grandioso Concerto Musical no Jardim - Dois atraentes e majestosos espectáculos no Teatro Caridade”, Em *O Jornal de Moura*, Évora, 22-06-1923.

operários não possuem qualquer espécie de paixão artística, contribuindo magnanimamente, na medida das suas possibilidades, para a divulgação da música, forma de arte que mais imediatamente as multidões admiram e indispensável em todas as festas, desde as de «ar livre», simples, primitivas, populares, às mais elevadas. [...] Confessamos que ficámos encantados com a execução [...] Destacamos os seguintes executantes: Os primeiros cornetins, Alexandre Estrela e Pedro de Freitas; o primeiro, caldeireiro, e o segundo, revisor de bilhetes»⁶⁹⁴.

A partir dos anos vinte até aos anos cinquenta do século XX dava-se a maior eclosão cultural da história do Barreiro⁶⁹⁵. Por um lado, uma parte substancial dos barreirenses aderiu ao ambiente social e solidário das instituições de cariz cooperativo, por outro lado, os respectivos directores procuravam também proporcionar aos sócios distrações ao longo do ano. Neste contexto, efectivavam-se inúmeros eventos e realizações pedagógicas: *«sucederam inúmeras realizações preparadas cuidadosamente, com bom gosto, desde o baile às variedades, o teatro ao canto, as mesas redondas às conferências, tudo cultural a ser complementado com o funcionamento de bibliotecas bem apetrechadas de livros, jornais e revistas, que os associados requisitavam para a leitura também dos próprios familiares, em suas casas. Atente-se: até davam cursos de educação de adultos»⁶⁹⁶. A nível político, através da imprensa periódica da época, floresciam no Barreiro os ideais republicanos, seguindo a divisa: *«Justiça, Pátria e República»⁶⁹⁷*. O Barreiro, maioritariamente constituído por operários, chegou a ser*

⁶⁹⁴ Coelho, Rui, *Diário de Notícias*, Lisboa, 28-06-1925. Em Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 309-310.

⁶⁹⁵ Liberal, João, *Da Minha Terra*, Vol. II, Barreiro, Câmara Municipal do Barreiro (pequeno resumo bibliográfico de Pedro de Freitas, pp. 125-130), 1996, 49.

⁶⁹⁶ Liberal, João, *Histórias Breves de Antigamente*, Barreiro, Edição João Liberal, 1999, p. 51.

⁶⁹⁷ Redacção do Eco, “Administrador do Concelho”, Em *Éco do Barreiro*, Barreiro, 15-12-1928. Atenção: este número foi visado pela Comissão de Censura de Évora; ver também Monforte, Ivo de, “Barreiro – Terra de Trabalho!”, Em *Éco do Barreiro*, Barreiro, 15-12-1928.

considerado um dos centros industriais mais importantes do país⁶⁹⁸. Progressivamente, justificava-se um maior reconhecimento face ao espírito de iniciativa da parte da sua população: «*Julgava conhecer o Barreiro e, afinal, cheguei à conclusão de que apenas sabia da sua existência, na outra banda. O Barreiro, não é aquilo que a maior parte da gente de Lisboa julga que é. A sua população pode contar-se no número das maiores ordeiras do país, apesar de ser quasi toda constituída por operários*»⁶⁹⁹. Neste sentido, também começou a identificar-se uma crescente necessidade que os direitos dos operários fossem reconhecidos e protegidos num âmbito oficial: «*É acolá o Barreiro. É ali que uma população enorme de operários labuta e sofre, injustamente desacompanhada de qualquer amparo oficial. É aquilo o Barreiro – humilde e resignado, laborioso e progressivo [...]. Pena é que, do ponto donde ele melhor pode ser visto, não haja ninguém que o lobrigue [...]. É realmente pena que não o vejam das janelas do Terreiro do Paço!*»⁷⁰⁰. No seio deste espírito de reivindicação, um outro artigo de imprensa periódica solicitava a protecção dos organismos oficiais e também das entidades particulares: «*o Barreiro, que tem uma população de Ordem e Trabalho, merece, por todos os títulos, os respetos das entidades, quer particulares, quer oficiais. Auxilia-la a progredir, a viver, é uma obrigação de todo o bom português, para quem a ociosidade não existe. Viva, pois, o povo trabalhador do Barreiro!*»⁷⁰¹.

Segundo Cruz Barreto, na década de vinte do século XX as sociedades de recreio do Barreiro encontravam-se num período aureo: «*A vida, observada no Barreiro, encantanos. Os barreirenses, que trabalham extenuamente, sabem divertir-se. E, por isso, as sociedades de recreio dali têm uma vida florescente, primando pelas suas excelentes*

⁶⁹⁸ Monforte, Ivo de, “Barreiro – Terra de Trabalho!”, Em *Éco do Barreiro*, Barreiro, 15-12-1928.

⁶⁹⁹ Carvalho, Moraes de, “A visita dos jornalistas de Lisboa e Porto à nossa vila, em 1 de Dezembro corrente”, Em *Éco do Barreiro*, Barreiro, 15-12-1928.

⁷⁰⁰ Silvestre, Francisco, “Olhos que não querem ver”, Em *Éco do Barreiro*, Barreiro, 15-12-1928.

⁷⁰¹ Monforte, Ivo de, “Barreiro – Terra de Trabalho!”, Em *Éco do Barreiro*, Barreiro, 15-12-1928.

instalações, que podem rivalizar com as das melhores colectividades de Lisboa»⁷⁰².

Contudo, na opinião de Pedro de Freitas, a política da década de trinta do século XX tinha sido fatal para a prossecução das duas bandas filarmónicas do Barreiro. A *Sociedade Democrática União Barreirense “Os Franceses”* era suspensa definitivamente em 1936 e a *Sociedade Filarmónica Barreirense* dos “Penincheiros” também já não existia em 1937⁷⁰³. Porém, ao ser um dos antigos instrumentistas, Pedro de Freitas revelou a pretensão de reviver o passado áureo daquelas duas bandas filarmónicas extintas. Neste sentido, Pedro de Freitas propunha a ideia de *Confraternização Musical* baseada em três concertos a serem executados no ano de 1941. Dois desses concertos seriam celebrados nos dias dos respectivos aniversários das duas sociedades filarmónicas e o terceiro concerto, designado de *Concerto Monstro*, teria um repertório baseado no arquivo das duas bandas filarmónicas, o qual seria financiado mediante o pagamento das entradas. A imprensa periódica apoiou esta iniciativa apresentada por Pedro de Freitas. Deste modo, para a concretização deste evento nomeou-se uma comissão organizativa. Não obstante, para grande desilusão de Pedro de Freitas, na altura das inscrições apenas treze dos antigos filarmónicos assinavam o compromisso: «*E nada se realizou porque o comodismo suplantou as saudades da maioria dos velhos filarmónicos. À data desta impressão, 1946, as duas Bandas - «Franceses» e «Penicheiros» - continuam na inactividade»⁷⁰⁴.*

Por outro lado, a 26 de Abril de 1942, mediante a intervenção de Brigidio Gonçalves, comandante interino da *Legião Portuguesa, Terço Independente n.º 12*, era fundada

⁷⁰² Barreto, Cruz, “Recordações duma viagem ao Barreiro”, Em *Éco do Barreiro*, Barreiro, 15-12-1928.

⁷⁰³ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 325, 353.

⁷⁰⁴ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 360-361. Ver também Freitas, Pedro de, “No campo musical uma ideia em marcha”, Em *O Barreiro*, Barreiro, 29-08-1940; Anónimo, “Confraternização Musical”, Em *O Barreiro*, Barreiro, 21-11-1940; Freitas, Pedro de, “No campo musical Uma ideia que não vingou”, Em *O Barreiro*, Barreiro, 28-11-1940.

uma quarta banda filarmónica no Barreiro. Contudo, esta banda filarmónica teve uma existência efémera, desaparecendo nesse mesmo ano⁷⁰⁵. Perante este panorama de decadência da “música popular” barreirense não era de estranhar que Pedro de Freitas se dedicasse a apreciar e a estimular outras bandas filarmónicas do distrito de Setúbal⁷⁰⁶: «Não me canso de afirmar que o nosso distrito é o detentor das melhores bandas civis do País. Quer esta ou aquela banda, em terras pátrias ou estrangeiras, o seu colorário amador-artista marca sempre posição distinta»⁷⁰⁷.

Apesar de tudo, Pedro de Freitas consciencializou-se que para despertar o interesse pela “música popular” era necessário escrever sobre a mesma. Por isso, ele dedicava artigos de imprensa periódica à *Sociedade Filarmónica Humanitária* de Palmela⁷⁰⁸, à *Sociedade Filarmónica Timbre Seixalense* do Seixal⁷⁰⁹, e à banda filarmónica *Incrível Almadense* de Almada⁷¹⁰. Aliás, a favor da “música popular” (no ano de 1941), Pedro de Freitas iniciava uma profunda investigação, percorrendo o país à procura de

⁷⁰⁵ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 357-358.

⁷⁰⁶ Em virtude do grande crescimento económico, o distrito de Setúbal foi autonomizado face ao distrito de Lisboa pelo governo da Ditadura Militar, em 1927. O distrito de Setúbal é um distrito português que, dividido entre as províncias tradicionais da Estremadura e do Baixo Alentejo, subdivide-se nos seguintes 13 municípios: Alcácer do Sal; Alcochete; Almada; Barreiro; Grândola; Moita; Montijo; Palmela; Santiago do Cacém; Seixal; Sesimbra; Setúbal; Sines. Ver o Distrito de Setúbal Em *Wikipédia*, [On-line], <http://pt.wikipedia.org/wiki/Distrito_de_Set%C3%BAbal>, [consulta: 1 de Janeiro de 2007].

⁷⁰⁷ Freitas, Pedro de, “Duas Bandas de Música Frente a Frente”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 19-09-1959. Ver também Freitas, Pedro de, “A Banda de Música da Incrível realiza o seu primeiro CONCERTO”, Em *Jornal de Almada*, Almada, 18-03-1956.

⁷⁰⁸ Palmela, localidade pertencente ao concelho com o mesmo nome do distrito de Setúbal, região de Lisboa. Ver Palmela, Em *Wikipédia*, [on-line], <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Palmela>>, [consulta: 10 de Julho de 2008].

⁷⁰⁹ Seixal, localidade pertencente ao concelho com o mesmo nome do distrito de Setúbal, região de Lisboa. Ver Seixal, Em *Wikipédia*, [on-line], <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Seixal>>, [consulta: 10 de Julho de 2008].

⁷¹⁰ Almada, localidade pertencente ao concelho com o mesmo nome do distrito de Setúbal, região de Lisboa. Ver Almada, Em *Wikipédia*, [on-line], <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Almada>>, [consulta: 10 de Julho de 2008]. Freitas, Pedro de, “Na Voz do Operário - Concurso de Bandas Civis”, Em *O Algarve*, Faro, 21-12-1947; Freitas, Pedro de, “Na Voz do Operário - Concurso de Bandas Civis”, Em *O Algarve*, Faro, 28-12-1947; Freitas, Pedro de, “Na Voz do Operário - Concurso de Bandas Civis”, Em *O Algarve*, Faro, 04-01-1948; Freitas, Pedro de, “Pelos Anais da “Incrível” no seu primeiro centenário”, Em *A Incrível*, Almada, 01-10-1948.

elementos sobre o historial das bandas filarmónicas⁷¹¹. Todo este trabalho e experiência no campo das filarmónicas permitiu que Pedro de Freitas escrevesse um livro dedicado ao movimento filarmónico em Portugal, o qual foi intitulado de *História da Música Popular em Portugal*⁷¹². Nesta obra salientava-se o quarto capítulo intitulado de “Evolução, Crise e Solução”, onde o autor, em consonância com o espírito da época, pretendia resolver o magno problema da recessão e da extinção do movimento filarmónico em Portugal. Neste sentido, Pedro de Freitas propunha, como solução mais viável, uma adequada efectivação do associativismo musical inscrito num âmbito oficial⁷¹³. Além do mais, Pedro de Freitas ainda era conhecido como um confencista relacionado com essas problemáticas no âmbito da música popular⁷¹⁴. Neste contexto, o director do Jornal *O Distrito de Setúbal*, Rogério Peres Claro, ao assistir a uma conferência de Pedro de Freitas reconheceu que ele era uma figura com conhecimento no domínio das bandas filarmónicas. Por isso, em 1952, Rogério Peres Claro solicitou-lhe (a Pedro de Freitas) que apresentasse uma exposição escrita sobre as bandas do distrito de Setúbal: «*Já lá vão mais de dois anos que, uma tarde, na Sociedade dos Loureiros, em Palmela, tive a oportunidade de conhecer pessoalmente o Sr. Pedro de Freitas. O seu nome já me era familiar, por o ver escrito no frontispício da «História da Música Popular em Portugal», dado à estampa em 1946. Mas ali, ouvindo a sua palavra entusiástica, eu tive a satisfação de verificar que não se tratava de um mero*

⁷¹¹ Freitas, Pedro de: “Apontamentos Históricos da vida das Filarmónicas A história principia assim...”, Em Silva, Manuel Lopes da (dir.), *Catavento n.º 50, Boletim da casa do pessoal da F.N.A.T.*, Lisboa, Dezembro 1973, pp. 28-29, [n.º 135, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

⁷¹² Freitas, Pedro de *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946.

⁷¹³ Freitas, Pedro de *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 521-552.

⁷¹⁴ No âmbito musical Pedro de Freitas procedeu a várias conferências a convite da *Federação das Sociedades de Educação e Recreio*, das Direcções de Sociedades Filarmónicas, e da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT). Segundo as pesquisas efectuadas estas conferências manifestaram-se sobretudo a partir de 2 de Maio de 1942 até 21 de Maio de 1982. Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 524-529; *Anúncio* no envelope da Santa Casa da Misericórdia, Em *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*.

investigador, mas de alguém que sentia e ouvia o problema agudo das Sociedades de recreio, no aspecto particular da arte musical. Finda a sessão solene, na qual Pedro de Freitas fora o mais comunicativo orador, convidei-o a escrever uma série de artigos para este jornal»⁷¹⁵. Pedro de Freitas aceitou o convite, dedicando a esta temática vinte e um artigos intitulados “É preciso dar ao povo Música da sua Feição”⁷¹⁶. Da compilação destes artigos resultou uma Separata com o mesmo título⁷¹⁷. Nesta obra, Pedro de Freitas justificava a sua constatação que o movimento filarmónico em Portugal estava a diminuir a um ritmo evidente: «O distrito de Aveiro é o mais fértil em quantidade de sociedades musicais. Já possuiu setenta e oito bandas; hoje tem menos onze – conta com 67. O distrito de Setúbal, o de melhor qualidade, já teve um efectivo de cinquenta e uma; hoje conta com 29. Faro, o distrito onde houve grande vibração e entusiasmo por essas bandas civis, já registou no seu mostruário, trinta e nove; hoje, apenas seis choram amargamente o desaparecimento das restantes. [...] reportando-me à área de Lisboa, poderei afirmar que, «das trinta e oito filarmónicas que há trinta anos existiam na capital», só duas existem, mas a darem quase o seu último suspiro [...] talvez eu não ande muito afastado da realidade se aqui registar a minha opinião pessoal: mais ou menos cinquenta por cento das bandas que o nosso povo criou e sustentou, já terão desaparecido»⁷¹⁸. Por isso, com o objectivo de reintegrar as bandas filarmónicas e, assim, restituir-lhes um papel fundamental na sociedade Pedro de Freitas, mais uma vez, insistia nas vantagens do associativismo musical de cunho

⁷¹⁵ Ver 7.8. Uma fotobiografia de Pedro de Freitas, fotografia n.º 12, em Anexos. Claro, Rogério Peres: “Prefácio”, Em Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1955, p. [I].

⁷¹⁶ O primeiro e último artigos datam respectivamente de 10-12-1952 até 12-01-1955.

⁷¹⁷ Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1955.

⁷¹⁸ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIV)”, Em “O Distrito de Setúbal”, Setúbal, 17-03-1954.

oficial⁷¹⁹. Não obstante, esta iniciativa persistentemente defendida por Pedro de Freitas enquadrava-se no seio do espírito sociocultural e político da época: «A 11 de Agosto de 1941, «O Século», em artigo de fundo [...] afirmava altissonante à Nação: «A Filarmónica é uma autêntica instituição nacional. [...] A filarmónica aldeã é um poderosíssimo instrumento de cultura social merecedor das mais vivas simpatias e o único de cultura e de vida espiritual das povoações [...] A sua projecção na existência local é tónica e construtiva. Dificultar-lhe a vida é um erro». [...] Mais recentemente, outra voz autorizada e idónea na vida política portuguesa, o então Sub-secretário de Estado das Corporações e Previdência Social, Dr. António Júlio de Castro Fernandes, no seu interessante trabalho - «Enfrentando o destino das Casas do Povo», referindo-se à sua orgânica, diz - «Deve, pois, estimular-se e acarinhar-se o aparecimento, nas aldeias onde existem casas do Povo, de grupos dramáticos, orfeões e grupos corais, ranchos folclóricos e tunas, fanfarras e filarmónicas». Consequentemente, há, em toda esta série de opiniões, a mesma finalidade: dar-se ao meio filarmónico do País o alto grau de classificação – parte integrante da vida da Nação»⁷²⁰.

Por outro lado, no procedimento das suas investigações, Pedro de Freitas também se interessava em evidenciar pormenores históricos peculiares das bandas filarmónicas, indagando os factores que condicionaram o movimento filarmónico em Portugal⁷²¹. Nos estudos que Pedro de Freitas inferiu sobre a origem das bandas nacionais militares e

⁷¹⁹ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIV)”, Em “O Distrito de Setúbal”, Setúbal, 17-03-1954; Freitas, Pedro de: “Apontamentos Históricos da vida das Filarmónicas A história principia assim...”, Em Silva, Manuel Lopes da (dir.), *Catavento n.º 50*, Boletim da casa do pessoal da F.N.A.T, Lisboa, Editor Ernesto Vitoria Júnior, Dez. 1973, pp. 28-29, [n.º 135, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

⁷²⁰ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XV)”, Em “O Distrito de Setúbal”, Setúbal, 05-05-1954.

⁷²¹ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (III)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 25-02-1953; Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (IV)”, Em “O Distrito de Setúbal”, Setúbal, 01-04-1953; Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (VI)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 20-05-1953; Freitas, Pedro de, “Devaneios musicais”, Em *Correio do Sul*, Faro, 16-03-1972.

civis, ele concluiu que as segundas (as bandas civis) derivavam das primeiras (das bandas militares)⁷²².

Porém, sempre que tinha oportunidade, Pedro de Freitas assistia aos concertos populares e, seguidamente, manifestava a sua apreciação através da imprensa periódica. Foi neste sentido que Pedro de Freitas se destacou como crítico musical dos eventos protagonizados pelas bandas filarmónicas⁷²³. Contudo, esta missão de crítico musical exercida por Pedro de Freitas era uma tarefa complexa: *«Apreciar artisticamente uma banda de música ou filarmónica tem os seus porquês muito importantes; e pode parecer, à primeira impressão, missão fácil a todo e qualquer indivíduo. Medir o equilíbrio dos naipes, aperceber-se da afinação, dicção, execução forçada ou natural, e, sobretudo, sentir o timbre suave ou agreste, considerá-lo e defini-lo, tais são as rigorosas disciplinas a terem-se em vista para no fim de qualquer exibição – quando a imparcialidade é manifesta – poder-se julgar com justiça. Além de todo este arsenal de coisas e coisinhas, há ainda as «nuances», a estridência, o exagero dos fortes, e, em muita conta, os ataques, os alçapões, e, os claros e os escuros que existem em todos os números a executarem-se»*⁷²⁴.

De facto, qualquer incumbência exercida por Pedro de Freitas no âmbito da música popular impunha, no seu entender, uma conduta de imparcialidade, de verdade, e de rigor, não obstante, estas qualidades foram-lhe reconhecidas: *«honesto historiador da*

⁷²² Freitas, Pedro de, “Coretos a mais e Música a menos”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 19-10-1955; Freitas, Pedro de, “Elementos Históricos sobre a Música Popular no Algarve (II)”, Em *Jornal do Algarve*, V.R.S.A., 27-04-1957.

⁷²³ Freitas, Pedro de, “A Banda de Música da Incrível realiza o seu primeiro CONCERTO”, Em *Jornal de Almada*, Almada, 18-03-1956.

⁷²⁴ Freitas, Pedro de, “Duas Bandas de Música Frente a Frente”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 19-09-1959.

vida simples dos organismos musicais, que o povo criou e mantém, e crítico musical, de voadoiros simples, mas de critério equilibrado e imparcial»⁷²⁵.

No desempenho da profissão de ferroviário, Pedro de Freitas lograva contacto com indivíduos de todos os estratos sociais. Foi no cumprimento do seu ofício que Pedro de Freitas conheceu como passageiro de primeira classe o Governador General da Índia Portuguesa, Manuel António Vassalo e Silva, o qual era amigo do seu Comandante do *Batalhão de Sapadores dos Caminhos de Ferro* (donde Pedro de Freitas tinha sido tropa durante a *Primeira Grande Guerra Mundial*). Deste modo, quando Pedro de Freitas lançou o livro sobre as suas recordações da Primeira Guerra Mundial, o General Manuel António Vassalo e Silva tornou-se seu cliente e apreciador da sua escrita literária⁷²⁶. Na sequência de uma amizade e admiração mútua, no ano de 1960, Pedro de Freitas recebia um convite da parte do General Manuel António Vassalo e Silva para visitar a Índia Portuguesa e escrever um livro nos moldes do seu estilo de escritor: «Ex.^{mo} *Senhor Pedro de Freitas – Barreiro*

Em nome de sua Excelência o Governador-Geral, tenho a honra de convidar V. Ex.^a a visitar este Estado, pelo que no caso de o desejar será posto à disposição de V. Ex.^a um bilhete de ida e volta no avião dos T.A.I.P., muito agradecendo apenas que me seja comunicada a data que mais lhe convenha. Repartição do Gabinete do Governo-Geral, em Goa, 21 de Dezembro de 1960.

A bem da Nação o Chefe do Gabinete José de Carvalho Figueira – Capitão»⁷²⁷.

⁷²⁵ Cruz, João Luís, “Pedro de Freitas – Historiador da Música em Portugal”, Em *A Incrível no seu centenário*, Almada, 01-11-1948.

⁷²⁶ Freitas, Pedro de, *Eu fui à Índia*, Barreiro, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1962, p. 13.

⁷²⁷ Freitas, Pedro de, *Eu fui à Índia*, Barreiro, Pedro de Freitas, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1962, pp. 16-17.

Foi com a concretização desta viagem às designadas províncias ultramarinas, nomeadamente a Goa, Damão e Diu, que Pedro de Freitas escreveu e publicou o livro que intitulou *Eu Fui à Índia*⁷²⁸.

Pedro de Freitas viveu no Barreiro durante setenta e seis anos, isto é, desde que partiu de Loulé para o Barreiro até à data da sua morte. Deste modo, Pedro de Freitas também desenvolveu com esta terra uma relação de cumplicidade e de reconhecimento: «*por nela me ter feito homem e melhor ter formado a minha personalidade: - na música, nas letras, e, na linha democrática, de que sempre tenho sido consciente paladino*»⁷²⁹. Por isso, ao referenciar algumas figuras do meio social barreirense que por acções de mérito ajudaram a imprimir ao Barreiro parte da sua identidade, o escritor João Liberal não deixou de mencionar o nome de Pedro de Freitas, destacando-o como “Ferroviário, Filarmónico, Escritor”⁷³⁰. Neste contexto, no ano de 1983, Luís Cabral Adão, médico estomatologista de Almada, num gesto de reconhecimento a Pedro de Freitas propôs que a *Câmara Municipal do Barreiro* incluísse a distinção “Autodidacta Pedro de Freitas” na toponímia Barreirense⁷³¹. As razões apontadas para que o Barreiro prestasse uma homenagem a Pedro de Freitas relacionavam-se com vários atributos que lhe foram reconhecidos, tais como o facto de Pedro de Freitas estar radicado há mais de cinquenta anos no Barreiro; pelos seus livros serem dotados de um interesse histórico incontestável; pela sua devoção às filarmónicas ter um mérito reconhecido pela

⁷²⁸ Ver 7.8. Uma fotobiografia de Pedro de Freitas, fotografias n.º 21 e n.º 22, em Anexos. Freitas, Pedro de, *Eu fui à Índia*, Barreiro, Pedro de Freitas, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1962, pp. 13-18.

⁷²⁹ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 92. Ver também Liberal, João, *Da Minha Terra*, Vol. II, Barreiro, Câmara Municipal do Barreiro, 1996, 126.

⁷³⁰ Liberal, João, *Da Minha Terra*, Vol. II, Barreiro, Câmara Municipal do Barreiro, 1996, pp. 125-130. Ver 7.6.g. Homenagens prestadas por colegas e amigos, em Anexos.

⁷³¹ Adão, Luís Cabral: “Do Distinto Médico Estomatologista Dr. Luís Cabral Adão”, Carta ao Presidente da Câmara de Loulé, 24 de Novembro de 1978, Almada, 24 de Novembro de 1978, Em Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, pp. 50-51; Adão, Luís Cabral, “Pedro de Freitas”, *O Jornal do Barreiro*, Barreiro, 18-11-1983.

UNESCO; pela sua colaboração na actividade cultural e artística da vida associativa barreirense; pela sua ficha informativa mencioná-lo como um trabalhador incansável; por ter exaltado com orgulho as duas pátrias cívicas; e pela sua vida estar recheada de exemplos de dignidade e de devoção às causas nobres da vida do povo⁷³². No entanto, no ano seguinte, por Decreto-lei n.º 123/84 de 13 de Abril de 1984, no *Diário da República*, foi criada a *Medalha de Mérito Cultural* com o objectivo de reconhecer o valor das personalidades e das colectividades que se dedicavam ao país. Deste modo, pensou-se prestar este tipo de reconhecimento a Pedro de Freitas⁷³³. Neste processo, o escritor João Liberal constituiu uma das figuras relevantes, o qual argumentou que a obra de Pedro de Freitas era importante no âmbito cultural e digna da maior admiração a nível popular⁷³⁴. Assim, a 7 de Outubro de 1984, o Barreiro prestou uma homenagem a Pedro de Freitas, considerado um cidadão algarvio-louletano-barreirense⁷³⁵. Esta homenagem foi realizada pela autarquia barreirense em sessão solene no salão de festas da *Sociedade de Instrução e Recreio Barreirense* (vulgo dos Penicheiros). Nesta celebração de mérito foi entregue a Pedro de Freitas um medalhão em bronze que no verso apresentava gravado o edifício-sede da autarquia e no anteverso a legenda “O Barreiro Agradecido”, cujo objectivo era reconhecer a sua qualidade como jornalista, escritor e músico⁷³⁶.

⁷³² Luís Cabral Adão transcreveu o projecto fundamentado por Artur Tavares (outro amigo de Pedro de Freitas). Adão, Luís Cabral, “Pedro de Freitas”, *O Jornal do Barreiro*, Barreiro, 18-11-1983.

⁷³³ Ver o ponto 7.5. Conferências e eventos concedidos por Pedro de Freitas, em Anexos.

⁷³⁴ Liberal, João, “Pedro de Freitas completa amanhã 90 anos”, Em *O Jornal do Barreiro*, Barreiro, 18-05-1984.

⁷³⁵ Ver 7.6.f. Homenagem prestada pelo Barreiro, em Anexos.

⁷³⁶ Ver 7.8. Uma fotobiografia de Pedro de Freitas, fotografia n.º 10, em Anexos. Vaz, Manuel Joaquim, “Homenagem a Pedro de Freitas cidadão algarvio-louletano-barreirense”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 29-11-1984; Vaz, Manuel Joaquim, “Da Vida que passa Faleceu Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 27-08-1987; Adão, Luis Cabral, “Pedro de Freitas Morreu”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 27-08-1987.

Com efeito, a 27 de Julho de 1984, Pedro de Freitas era elevado à categoria de sócio de mérito da *Sociedade Democrática União Barreirense* pelos altos e valiosos serviços que ele lhe tinha prestado⁷³⁷.

O neto de Pedro de Freitas, Vítor Manuel Mendes de Freitas, numa conversa informal a 29 de Março de 2003, considerou que João Liberal era o amigo de convívio mais directo do seu avô no Barreiro. Neste sentido, Vítor Manuel Mendes de Freitas acrescentou que João Liberal tinha apoiado especialmente os últimos anos de vida de Pedro de Freitas⁷³⁸. Por sua vez, ao relembrar esta época, João Liberal contou que ia habitualmente à casa de Pedro de Freitas e juntos recordavam muitos acontecimentos do passado. Num dia, Pedro de Freitas confidenciou-lhe que tinha trabalhado muito e que fora feliz. Porém, sentindo-se velho e doente, Pedro de Freitas previa que o seu fim se aproximava. De facto, Pedro de Freitas falecia uns dias depois⁷³⁹.

Pedro de Freitas morreu no Barreiro, na casa onde vivia situada na rua Miguel Bombarda, a 6 de Agosto de 1987⁷⁴⁰. Segundo João Liberal, a vontade que Pedro de Freitas sempre manifestou de ser sepultado na sua terra natal fora concretizada: «*O seu corpo foi levado, no dia 7, para Loulé, terra da sua naturalidade, cumprindo-se assim o seu desejo expresso ao longo da vida*»⁷⁴¹.

A finalizar este subcapítulo, o poeta e escritor barreirense João Liberal referiu umas sentidas palavras sobre Pedro de Freitas, as quais exprimiram os atributos de uma longa amizade travada entre ambos no Barreiro: «*Considero que fui umas das pessoas com convívio mais directo com Pedro de Freitas, eu ia à sua casa constantemente. Era uma*

⁷³⁷ Legado documental de Pedro de Freitas, [*Envelope Castanho da Câmara Municipal de Loulé*, Em *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

⁷³⁸ Entrevista a Freitas, Vítor Manuel Mendes de, 29-03-2003.

⁷³⁹ Entrevista Liberal, João, Barreiro, 11-11-2002; Liberal, João, *Da Minha Terra*, Vol. II, Barreiro, Câmara Municipal do Barreiro, 1996, p. 130.

⁷⁴⁰ Adão, Luís Cabral, “Pedro de Freitas Morreu”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 27-08-1987.

⁷⁴¹ Liberal, João, “Morreu Pedro de Freitas”, Em *Jornal do Barreiro*, Barreiro, 14-08-1987.

peessoa muito dinâmica e entusiasmada com as coisas que fazia. Escreveu artigos para jornais, livros, trabalhou na F.N.A.T. na preparação de Concursos de Bandas, compôs músicas... Foi um grande músico e uma pessoa com uma simplicidade e sensibilidade muito apuradas»⁷⁴².

⁷⁴² Entrevista a Liberal, João, no Barreiro, a 11-11-2002.

~ × ~

O Barreiro distinguiu-se por ser um centro populacional situado nas proximidades de Lisboa, o qual detinha qualidades favoráveis de desenvolvimento industrial. Como tal, no Barreiro evidenciavam-se os ideais do republicanismo, do espírito de sindicalismo em prol do movimento operário, da fundação das sociedades cooperativas e do desafio do associativismo musical. Com efeito, este contexto foi fulcral para que Pedro de Freitas encontrasse as circunstâncias adequadas para o desenvolvimento de um espírito mais reivindicativo e lutador em prol dos direitos do povo e do movimento filarmónico que lhe servia de reduto social. Porém, nos anos trinta do século XX as bandas filarmónicas encontravam-se num estado de decadência. Deste modo, o associativismo musical de cunho oficial constituía um foco de interesse adequado para que se pudesse reconferir às bandas filarmónicas os alicerces de redutos integrantes na vida da nação. Neste sentido, os ideais acalentados por Pedro de Freitas eram valorizados porque os mesmos se inscreviam nas exigências aclamadas pela consciência política, sociocultural e popular da época. Além do mais, foi o seu espírito empreendedor, dinâmico e sociável em prol da organização de conferências e de outros eventos de valor nacional, incluindo o seu estilo de escrita pormenorizadamente descritivo, que implicou que Pedro de Freitas fosse reconhecido por alguns amigos. Neste contexto, assinalou-se o Governador General da Índia Portuguesa, Manuel António Vassalo e Silva, que o convidou para escrever um livro sobre a Índia Portuguesa. Deste modo, o Município do Barreiro prestou uma homenagem a Pedro de Freitas, na qual ofereceu-lhe o medalhão intitulado “O Barreiro Agradecido”. Esta homenagem foi-lhe distinguida em virtude do incontestável valor nacional e cultural que a sua obra literária, jornalística e musical deixava evidenciar, sobretudo a favor dos interesses do estrato mais baixo da sociedade.

2.4. Memórias da Primeira Guerra Mundial

No contexto social europeu, a massa dos cidadãos do século XX quase não tomava parte dos assuntos públicos: *«o cidadão também nem sequer participa muito nos negócios do Estado, da província ou da comunidade; juntou-se ao camponês»*⁷⁴³. Sem embargo, continuava a ser na cidade onde se tomavam todas as decisões políticas. O funcionalismo estatal passara a agir em conformidade com as leis, detendo o poder de decisão no seio de cada nação. Com efeito, perante este crescente domínio, influência e autoridade da entidade estatal ninguém lhe ficava indiferente⁷⁴⁴. Quais seriam então as saídas diante do inconformismo entre as decisões políticas do estado e as necessidades do cidadão? Alguns procuravam apoio na fé religiosa, outros acreditavam no que lhes diziam, outros entregavam-se aos passatempos e a vícios diversos, enquanto outros optavam por saídas mais radicais: *«Ora, nem toda a gente é capaz de crer, de beber, de jogar às cartas ou de ler crónicas. Para além destas soluções só resta uma dupla saída: a fuga ou a revolta ou, se preferirmos, a revolução ou a emigração»*⁷⁴⁵.

Diga-se, também, que a interdependência geográfica das actividades industriais e o desenvolvimento do capitalismo tinham determinado fenómenos económicos gerais que a era pré-industrial não conhecera⁷⁴⁶. Na Europa cada nação detinha um sentimento de ser vítima de catástrofes e de estar rodeada de inimigos que lhe invejavam a prosperidade, o desenvolvimento, e até mesmo a própria existência. Deste modo, o sentimento patriótico tornava-se uma forma de reacção e de luta colectiva da parte da

⁷⁴³ Ferro, Marc, *A Guerra 1914-1918*, Lisboa, edições 70, 2002, p. 16.

⁷⁴⁴ Ferro, Marc, *A Guerra 1914-1918*, Lisboa, edições 70, 2002, pp. 16-17.

⁷⁴⁵ Ferro, Marc, *A Guerra 1914-1918*, Lisboa, edições 70, 2002, p. 17.

⁷⁴⁶ Ferro, Marc, *A Guerra 1914-1918*, Lisboa, edições 70, 2002, p. 24.

sociedade face aos condicionalismos originados pela unificação económica do mundo. O fenómeno do nacionalismo era uma variante desse sentimento profundo que ia para além da opressão ética e religiosa ou das manipulações políticas. De facto, essa exaltação sentimental exprimia mecanismos complexos que se compreendem melhor associando o patriotismo das nações à ressurreição do regionalismo⁷⁴⁷.

A persistente ideia de que o seu país podia ser vítima de uma eminente agressão suscitava inconformismos da parte dos cidadãos que em simultâneo se manifestavam impacientes pela espera que melhores situações existenciais lhes dessem uma boa condição de vida. Cada cidadão estava persuadido que ao responder ao apelo do seu país cumpriria um dever de patriota e de revolucionário. Deste modo, o ir para a guerra significaria o salvaguardar o interesse da nação, e, noutros casos, era uma forma de materializar certas idealizações revolucionárias⁷⁴⁸. Para alguns a guerra começava a ser a melhor solução: «*e a guerra, a guerra que eclodirá, libertá-las-á desta dificuldade...*»⁷⁴⁹. Muitos dos soldados-revolucionários e mesmo outros combatentes franceses, ingleses, alemães ou portugueses partiam para a guerra conformados com os ideais de que seriam os obreiros da paz eterna. Estes combatentes ao lutarem numa guerra de defesa patriótica estariam a aderir a uma guerra necessária porque a mesma implicava uma moralidade justa num âmbito universal⁷⁵⁰. Enfim, pairava um ideal utópico da «*última das guerras*», o qual sustentava o ânimo dos que partiam para o teatro do conflito europeu⁷⁵¹.

No entanto, na hora da despedida o cenário era comovedor. Os entes queridos receavam pela incerteza do regresso dos que partiam, e, por sua vez, os que abalavam

⁷⁴⁷ Ferro, Marc, *A Guerra 1914-1918*, Lisboa, edições 70, 2002, pp. 24-25.

⁷⁴⁸ Ferro, Marc, *A Guerra 1914-1918*, Lisboa, edições 70, 2002, p. 20.

⁷⁴⁹ Ferro, Marc, *A Guerra 1914-1918*, Lisboa, edições 70, 2002, p. 21.

⁷⁵⁰ Billing, Michael, *Banal Nationalism*, London, Sage Publications, 2002, p. 89.

⁷⁵¹ Ferro, Marc, *A Guerra 1914-1918*, Lisboa, edições 70, 2002, p. 21.

transportavam em si emoções indescritíveis que se misturavam com a nostalgia e a ansiedade de irem viver uma experiência nova e violenta numa terra desconhecida⁷⁵². Deste modo, a população decidia juntar-se no lugar da partida com o objectivo de se despedir e de dar algum alento aos jovens que partiam para a guerra: «*A multidão estruge em aclamações, choros, acenos... Lenços brancos sobre olhos marejados, braços com bandeiras... Pátria! Pátria!...*»⁷⁵³. Neste contexto, Pedro de Freitas, na qualidade de soldado, também não ficou indiferente ao cenário constrangedor da despedida. Por isso, Pedro de Freitas descreveu o que presenciou no dia 21 de Abril de 1917, quando se encontrava na estação para tomar o comboio de Cascais para Lisboa (até Alcantara-Mar)⁷⁵⁴: «*Na estação, o que é a despedida, não é para mim tarefa fácil descreve-la. No entanto... em todos os peitos dos que vão por esses mares fora, germinam a incerteza da volta, o receio dos contratempos da viagem e das vicissitudes da guerra. E naqueles que ficam: gritos, choros; mães chamando pelos filhos no desejo insaciável de lhes darem mais o último beijo; esposas agarradas freneticamente e desesperadamente ao pescoço dos maridos; filhos ao colo dos pais, abraçados, num choro berrante de despedida; amigos despedindo-se enternecidamente; madrinhas de guerra que, no momento da despedida dão cigarros, dinheiro, dizem palavras de resignação aos afillhados; enfim, tudo e mais coisas que imaginar se podem. Adeus! dizem os que partem, adeus! dizem os que ficam*»⁷⁵⁵.

Além de tudo isto, depois de ter passado pela experiência da guerra, e com algum tempo de reflexão sobre o ocorrido, Pedro de Freitas escrevia como epígrafe do pre-capítulo

⁷⁵² Marques, Isabel Pestana: “1914-1918. Comportamentos de Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 102.

⁷⁵³ Casimiro, Augusto, *Nas Trincheiras da Flandres*, Porto, Edição da Renascença Portuguesa, 1918, p. 32.

⁷⁵⁴ Cascais, vila portuguesa do distrito de Lisboa, Em *Wikipedia*, [on-line], <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cascais>>, [consulta: 13 de Janeiro de 2008].

⁷⁵⁵ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 23.

“Explicação aos leitores” do seu livro sobre a guerra as seguintes palavras: «*Ler, dos soldados da Guerra, as suas impressões, é sentir a necessidade de odiar a Guerra e amar profundamente a Paz*»⁷⁵⁶.

No início do século XX a situação política entre as grandes potências europeias era muito tensa. No entanto, foi o assassinato do arquiduque Francisco Fernando herdeiro do trono da Áustria-Hungria em Sarajevo (Bósnia), a 28 de Junho de 1914, por um estudante nacionalista da Sérvia que acabou por precipitar uma fatal cadeia de acontecimentos, os quais activaram uma complexa rede de alianças entre as nações europeias⁷⁵⁷. Estes eventos iriam eclodir na *Primeira Grande Guerra Mundial*⁷⁵⁸.

Desde o início dos conflitos europeus a maioria da população portuguesa sentia que essa guerra era um acontecimento estranho e distante. Os portugueses nas primeiras décadas do século XX eram maioritariamente analfabetos, rurais e desconhecadores do debate público sobre as responsabilidades do eclodir do conflito e das razões pelas quais o país iria intervir na guerra⁷⁵⁹.

⁷⁵⁶ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. [IX].

⁷⁵⁷ Santos, José Rodrigues dos, *Crónicas de Guerra da Crimeia a Dachau*, Lisboa, Gradiva, 2002, p. 40.

⁷⁵⁸ Ramos, Rui: “*As guerras da República (1911-1917)*”, Em Mattoso, José (dir.) *História de Portugal: A Segunda Fundação*, Vol. 6, Lisboa, Editorial Estampa, 1994, pp. 432-527. O Império Austro-Húngaro responsabilizou a Sérvia pela morte do arquiduque, tendo a garantia do apoio alemão caso a Rússia defendesse os Sérvios. A 28 de Julho o Império Austro-Húngaro declarou guerra à Sérvia. A 30 de Julho a Rússia decretou a mobilização geral. A Alemanha exigiu que a Rússia desmobilizasse, Moscovo recusou e Berlim declarou guerra à Rússia a 1 de Agosto. Como aliada dos russos no Ocidente, a França decretou nesse mesmo dia a mobilização geral. A 3 de Agosto a Alemanha declarou a guerra à França. O plano Schlieffen previa que o exército alemão entrasse em França através da Bélgica, deste modo, contornava as linhas defensivas francesas e facilitava uma rápida vitória na frente ocidental. Berlim pediu autorização a Bruxelas para deixar passar as suas tropas em direcção à França. Não obstante, Bruxelas recusou e na noite de 3 de Agosto as tropas alemãs romperem pela Bélgica. A Inglaterra por força da sua aliança com a Bélgica declarou guerra à Alemanha. Houve depois problemas relativamente aos navios alemães refugiados em portos portugueses. A Grã-Bretanha propôs a apreensão da frota alemã e a Alemanha foi obrigada a declarar guerra a Portugal no dia 9 de Março de 1916. Ver em Santos, José Rodrigues dos, *Crónicas de Guerra da Crimeia a Dachau*, Lisboa, Gradiva, 2002, pp. 40-66.

⁷⁵⁹ Marques, Isabel Pestana: “O Algarve e a Grande Guerra”, Em Marques, Maria da Graça Maia, *O Algarve da Antiguidade aos nossos dias (elementos para a sua história)*, Lisboa, Edições Colibri, 1999, p. 485.

Porém, Portugal encontrava-se numa segunda fase do percurso político da Primeira República e a decisão do Governo português em envolver o país na que seria a primeira guerra da era industrial suscitou situações controversas: «*Poucos entendiam as razões que levavam o Governo da República a enviar soldados para uma guerra que não era nossa, em vez de nos empenharmos na defesa das nossas possessões africanas*»⁷⁶⁰. Todo este panorama suscitava perguntas e consequentemente respostas sobre as causas que justificavam o intervencionismo militar de Portugal no conflito europeu. Até mesmo Pedro de Freitas considerou relevante introduzir no seu livro sobre as memórias da guerra um capítulo relacionado com esta problemática do porquê da participação de Portugal na guerra⁷⁶¹. Contudo, ao considerar este assunto complexo Pedro de Freitas optou por expor integralmente as ideias de um documento oficial: «*para maior realce no assunto melindroso do caso, vai falar por mim, na íntegra, um documento oficial, ou seja o relatório publicado no “Diário do Governo, n.º 9, 1.ª série, de 17 de Janeiro de 1917*»⁷⁶². Este documento apontava como principais causas justificativas do intervencionismo militar a velha aliança entre Portugal e a Inglaterra e as lutas travadas com a Alemanha para a manutenção das colónias portuguesas em África⁷⁶³. No entanto, além de se apresentar perante os portugueses uma justificação nacional para a intervenção militar na conflagração europeia, também se evidenciava uma retórica de

⁷⁶⁰ Martins, Isilda Maria Renda, *Loulé no século XX, A Primeira República 1910 a 1926*, Vol. II, Lisboa, Coleção Millennium, 2004, p. 103. Ver também Saraiva, José Hermano, *História de Portugal*, Lisboa, Publicações Alfa, 1993, p. 500.

⁷⁶¹ Freitas, Pedro de de: “Razões da entrada de Portugal na Guerra Europeia” no Capítulo I da II Parte, em Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 209-231.

⁷⁶² Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 209-210.

⁷⁶³ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 212-213; 221.

heroísmo necessária à moral das tropas e ao consenso nacional, o qual nunca fora totalmente conseguido⁷⁶⁴.

Na historiografia portuguesa também têm existido várias teorias que procuram justificar as razões da entrada de Portugal no conflito europeu. Neste contexto, e de acordo com um ponto de vista tradicional, os condicionalismos mais relevantes têm sido os internacionais relacionados com a política externa. Destes condicionalismos destaca-se a tese colonial e a tese europeia-peninsular. No primeiro caso existia a convicção que só através da participação de Portugal na guerra era possível preservar as suas possessões em África, ameaçadas pela cobiça das grandes potências (em especial da Alemanha, cujas tropas já tinham atacado as fronteiras de Angola e de Moçambique)⁷⁶⁵. Por sua vez, o segundo caso justificava-se pelo receio relativamente à perseverança das fronteiras terrestres entre Portugal e Espanha, uma vez que o perigo espanhol continuava a existir: «*As relações bilaterais entre Portugal e Espanha foram sempre difíceis e o equilíbrio instável*»⁷⁶⁶. A neutralidade espanhola e a intervenção portuguesa na guerra ao lado dos aliados, pela mão da Inglaterra, constituíam uma dupla garantia: «*era antes de mais, uma forma de enfraquecer a aproximação hispano-britânica e, simultaneamente, de reforçar a aliança anglo-lusa. Era, depois, uma forma de diversificar estrategicamente o território português e afirmar a sua preponderância na Península Ibérica. Era, por fim garantir o lugar de interlocutor privilegiado e a primazia no quadro peninsular. Era, em suma, afastar definitivamente o perigo*

⁷⁶⁴ Teixeira, Nuno Severiano: “Portugal e a Grande Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 32.

⁷⁶⁵ Serrão, Joaquim Veríssimo, “*A Participação de Portugal na I Guerra Mundial*”, Em *História de Portugal: A Primeira República (1910-1926)*, Vol. XI, Lisboa, Editorial Verbo, 1995, pp. 204-206.

⁷⁶⁶ Teixeira, Nuno Severiano: “Portugal e a Grande Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 19.

Espanhol»⁷⁶⁷. Na sequência desta estratégia o país alinhava no quadro europeu: «*entrando na guerra ao lado dos Aliados, Portugal esperava no pós-guerra um lugar no concerto das nações e o reconhecimento internacional que desde a implantação da República tinha de jure, mas lhe faltava de facto*»⁷⁶⁸.

Porém, o objecto político do intervencionismo português não se ficava somente nas razões de ordem externa: «*E é por isso mesmo que ambas as teses se revelam incompletas. Porque a explicação não reside, exclusivamente, em razões de natureza internacional*»⁷⁶⁹. Para a compreensão global do problema era ainda imprescindível ter em conta uma terceira teoria que além de adicionar a questão da política interna aos factores de ordem externa também estudava a interacção complexa e continuada entre essas duas políticas (interna e externa)⁷⁷⁰. Esta teoria fundamentava-se no seio da estratégia política do partido democrático a partir do momento em que este decidiu fazer da sua campanha política uma causa nacional⁷⁷¹.

Era sabido que desde a proclamação da República Portuguesa era frequente o debate com o mesmo problema político-estrutural: «*a consolidação e a legitimação nacional do regime*»⁷⁷². Por outro lado, através de mecanismos jurídicos e políticos o regime republicano tinha impedido o acesso à participação política de alguns sectores da

⁷⁶⁷ Teixeira, Nuno Severiano: “Portugal e a Grande Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 19.

⁷⁶⁸ Teixeira, Nuno Severiano: “Portugal e a Grande Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 19.

⁷⁶⁹ Teixeira, Nuno Severiano, *O Poder e a Guerra 1914-1918 Objectivos Nacionais e Estratégias Políticas na Entrada de Portugal na Grande Guerra*, Lisboa, Editorial Estampa, 1996, p. 377.

⁷⁷⁰ Teixeira, Nuno Severiano: “Portugal e a Grande Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 17; Teixeira, Nuno Severiano, *O Poder e a Guerra 1914-1918 Objectivos Nacionais e Estratégias Políticas na Entrada de Portugal na Grande Guerra*, Lisboa, Editorial Estampa, 1996, p. 379.

⁷⁷¹ Santos, José Rodrigues dos, *Crónicas de Guerra da Crimeia a Dachau*, Lisboa, Gradiva, 2002, p. 64; Telles, Bazilio: “As Lições do Revés do 9 de Abril”, Em Medina, João (dir.), *História Contemporânea de Portugal, da Constituição Republicana ao fim do Regime Parlamentar*, Tomo II, Lisboa, Edição Multilar, 1990, p. 120.

⁷⁷² Teixeira, Nuno Severiano, *O Poder e a Guerra 1914-1918 Objectivos Nacionais e Estratégias Políticas na Entrada de Portugal na Grande Guerra*, Lisboa, Editorial Estampa, 1996, p. 378.

sociedade portuguesa, fossem eles da esquerda ou da direita do espectro partidário. Estes sectores, uma vez excluídos do quadro político legal dedicavam-se com frequência a formas de intervenção social através da política ilegal, aumentando os níveis de violência política. Por sua vez, no interior do próprio sistema político existiam rivalidades entre radicais e moderados, pondo em causa a estabilidade política do regime⁷⁷³. Porém, se do ponto de vista estrutural a República em Portugal estava a atravessar clivagens profundas, então, a questão da participação do país no conflito europeu suscitava o agravamento dessa situação. Os conflitos internos entre os que eram contra e a favor da guerra evidenciavam-se: *«Houve mesmo alterações da ordem pública, tendo o Capitão-de-Mar-e-Guerra, Machado Santos, no final do ano de 1916, chefiado uma revolta, logo abafada. Pelo contrário, o Partido Democrático, pela voz do seu líder, entendia que devíamos intervir na frente europeia do conflito»*⁷⁷⁴. As forças políticas portuguesas em vez de chegarem a um consenso dividiam-se e, por vezes, estas linhas divisórias nem sempre eram muito claras: *«No plano interno, o país estava totalmente dividido, com sucessivas fracturas entre republicanos e monárquicos, intervencionistas e não intervencionistas, anglófilos e germanófilos, pacifistas e patriotas. Os republicanos tendiam a ser intervencionistas e anglófilos, enquanto os monárquicos eram maioritariamente não intervencionistas e germanófilos, mas essas não eram linhas divisórias muito claras porque o próprio rei no exílio, D. Manuel, era*

⁷⁷³ Teixeira, Nuno Severiano, *O Poder e a Guerra 1914-1918 Objectivos Nacionais e Estratégias Políticas na Entrada de Portugal na Grande Guerra*, Lisboa, Editorial Estampa, 1996, p. 378.

⁷⁷⁴ Martins, Isilda Maria Renda, *Loulé no século XX, A Primeira República 1910 a 1926*, Vol. II, Lisboa, Coleção Millennium, 2004, p. 103. O líder do partido Democrático era Afonso Costa que com a doença do presidente do Ministério, António José de Almeida chefe do partido Republicano evolucionista, acabou por assumir interinamente essas funções. Ver em Martins, Isilda Maria Renda, *Loulé no século XX, A Primeira República 1910 a 1926*, Vol. II, Lisboa, Coleção Millennium, 2004, p. 104.

*um intervencionista anglófilo»*⁷⁷⁵. Perante este quadro de uma sociedade profundamente dividida e com o regime republicano em crise de afirmação, salientou-se o partido democrático entre os partidos republicanos que dirigiam o país, uma vez que este partido começou por optar uma outra estratégia. Para além dos benefícios que constituía a conjuntura internacional da participação de Portugal na guerra, este partido democrático ainda pretendia conquistar os objectivos da política interna⁷⁷⁶. A entrada de Portugal na guerra era então vista como a oportunidade adequada de se transformar a demanda partidária numa causa nacional: «*capaz de unir Portugal em torno do governo republicano e pôr fim à ameaça monárquica ao novo regime»*⁷⁷⁷.

O único condicionalismo era que Londres não tinha planeado a entrada de Portugal na guerra⁷⁷⁸. Deste modo, não se admitia que Portugal invocasse a aliança inglesa como motivo para a sua participação neste conflito Europeu⁷⁷⁹. Estrategicamente, o Governo Republicano decidiu provocar Berlim, optando por medidas hostis em relação aos alemães com o objectivo de intervir na guerra a favor dos aliados⁷⁸⁰: «*forçar Berlim a declarar guerra a Lisboa, de modo que Portugal pudesse depois invocar a aliança*

⁷⁷⁵ Santos, José Rodrigues dos, *Crónicas de Guerra da Crimeia a Dachau*, Lisboa, Gradiva, 2002, p. 63.

⁷⁷⁶ Teixeira, Nuno Severiano, *O Poder e a Guerra 1914-1918 Objectivos Nacionais e Estratégias Políticas na Entrada de Portugal na Grande Guerra*, Lisboa, Editorial Estampa, 1996, p. 380.

⁷⁷⁷ Santos, José Rodrigues dos, *Crónicas de Guerra da Crimeia a Dachau*, Lisboa, Gradiva, 2002, p. 64.

⁷⁷⁸ A diplomacia inglesa não tinha nenhum interesse na participação de Portugal na Guerra. Além de temer complicações com a Espanha e a Itália, a diplomacia inglesa receava ter de suportar as despesas da intervenção portuguesa, dadas as dificuldades financeiras da pequena República. De facto, desagradava-lhe ainda ficar limitada por compromissos com Portugal em eventuais negociações de paz. Churchill até achava que se deveria preferir a aliança da Espanha e facilitar a anexação de Portugal caso fosse essa a condição para ter os espanhóis do lado inglês. Além disso, um Portugal intervencionista podia ser uma ameaça para a Inglaterra. Os portugueses não tinham meios para se defenderem, e a sua entrada na guerra daria aos Alemães pretexto para se apossarem de territórios portugueses e fazerem deles bases contra a Inglaterra. Em Mattoso, José (dir.), *História de Portugal, A segunda Fundação*, Vol. 6, Lisboa, Editorial Estampa, 1994, pp. 498-499; Santos, José Rodrigues dos, *Crónicas de Guerra da Crimeia a Dachau*, Lisboa, Gradiva, 2002, p. 64; Marques, Isabel Pestana: “1914-1918. Comportamentos de Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova História Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 100.

⁷⁷⁹ Saraiva, José Hermano, *História de Portugal*, Lisboa, Publicações Alfa, 1993, p. 501.

⁷⁸⁰ Em Agosto de 1914, os portugueses e os alemães começaram a combater em África. As forças germânicas estavam a atacar o Sul de Angola (a partir da Namíbia) e o Norte de Moçambique (a partir da Tanzânia). Porém, estes combates em África não foram suficientes para provocarem uma declaração de guerra entre os dois países. Santos, José Rodrigues dos, *Crónicas de Guerra da Crimeia a Dachau*, Lisboa, Gradiva, 2002, pp. 64-65.

britânica para aderir à causa dos aliados»⁷⁸¹. Os acontecimentos acabaram por se precipitar quando a guerra submarina levada a cabo pela marinha alemã começou a devastar a frota aliada: «A Grã-Bretanha e a França ficaram alarmadas com o ritmo que os seus navios estavam a ser destruídos e aperceberam-se de que precisavam de reforçar a frota»⁷⁸². Perante este cenário constrangedor, os franceses chamaram à atenção para trinta e seis navios alemães refugiados nos portos portugueses e sugeriram a sua apreensão. Portugal apercebeu-se do potencial estratégico daquela situação e aproveitou a oportunidade: «Quando a Grã-Bretanha propôs a apreensão da frota alemã, Lisboa indicou que só o faria se Londres invocasse a aliança. Contrariados, e após algumas hesitações, os britânicos acabaram por se verem forçados a formular o pedido nos termos requeridos pelos portugueses»⁷⁸³. Na tarde de 23 de Fevereiro de 1916 a armada portuguesa assaltou os navios alemães e hasteou nos seus mastros a bandeira da República. Os alemães protestaram e, embora alguns conciliadores apresentassem alternativas para não serem entregues aos aliados, o Governo português mostrava-se renitente: «Nada interessadas em apaziguar os alemães, as autoridades portuguesas mantiveram-se inflexíveis. Sem alternativas, e desgastadas pelas sucessivas provocações portuguesas, a Alemanha foi obrigada a declarar guerra a Portugal no dia 9 de Março de 1916»⁷⁸⁴. A participação de Portugal na guerra foi conseguida e considerada uma vitória para o Governo português: «a Grã-Bretanha viu-se forçada a apoiar o seu aliado no esforço militar que iria empreender, colocando Portugal numa parceria que lhe garantiria um lugar nas negociações do pós-guerra. Foi uma vitória para o governo republicano. Apesar de forte oposição popular, o país

⁷⁸¹ Santos, José Rodrigues dos, *Crónicas de Guerra da Crimeia a Dachau*, Lisboa, Gradiva, 2002, p. 66.

⁷⁸² Santos, José Rodrigues dos, *Crónicas de Guerra da Crimeia a Dachau*, Lisboa, Gradiva, 2002, p. 66.

⁷⁸³ Santos, José Rodrigues dos, *Crónicas de Guerra da Crimeia a Dachau*, Lisboa, Gradiva, 2002, p. 66.

⁷⁸⁴ Santos, José Rodrigues dos, *Crónicas de Guerra da Crimeia a Dachau*, Lisboa, Gradiva, 2002, p. 66.

começou a preparar-se para o conflito, intensificando a formação e treino das tropas e adaptando uma economia e uma política de guerra»⁷⁸⁵.

O significado político da guerra tinha sido fomentado. Da parte dos intervencionistas, na base da propaganda de guerra, faziam-se discursos apologéticos e narrativas nacionalistas reproduzidas diariamente na imprensa periódica nacional, cujos objectivos implicavam processos de argumentação e condutas de âmbito internacional e moral sobre a entrada do país na que seria a *Primeira Grande Guerra Mundial*⁷⁸⁶. Entendia-se, deste modo, que a mobilização da sociedade portuguesa num esforço comum, isto é, direccionada nos campos de batalha em França e em África, iria atenuar ou adiar os conflitos políticos e sociais da política interna e, em simultâneo, criava-se uma identidade própria no seio do jovem regime⁷⁸⁷. Sobretudo a partir da altura em que a participação do país no conflito europeu começava a ser um facto consumado passava a existir todo um conjunto de medidas como a mobilização geral, a partida das tropas, a questão das subsistências e a instauração da censura, as quais contribuíam para desviar a sociedade portuguesa para os problemas concretos do quotidiano da guerra ao mesmo tempo que afastavam a opinião pública nacional do debate político sobre a guerra: «*Só na Primavera de 1919, o pós-guerra virá marcar a ruptura deste silêncio e abrir de novo o debate sobre a guerra*»⁷⁸⁸. Todos estes factores justificavam que a concepção patriótica da Grande Guerra tivesse nascido ainda antes da intervenção portuguesa no

⁷⁸⁵ Santos, José Rodrigues dos, *Crónicas de Guerra da Crimeia a Dachau*, Lisboa, Gradiva, 2002, p. 67.

⁷⁸⁶ Teixeira, Nuno Severiano, *O Poder e a Guerra 1914-1918 Objectivos Nacionais e Estratégias Políticas na Entrada de Portugal na Grande Guerra*, Lisboa, Editorial Estampa, 1996, p. 20; Billing, Michael, *Banal Nationalism*, London, Sage Publications, 2002, pp. 92-126.

⁷⁸⁷ Marques, Isabel Pestana: “O Algarve e a Grande Guerra”, Em Marques, Maria da Graça Maia, *O Algarve da Antiguidade aos nossos dias (elementos para a sua história)*, Lisboa, Edições Colibri, 1999, p. 484.

⁷⁸⁸ Teixeira, Nuno Severiano, *O Poder e a Guerra 1914-1918 Objectivos Nacionais e Estratégias Políticas na Entrada de Portugal na Grande Guerra*, Lisboa, Editorial Estampa, 1996, p. 20.

conflito europeu: «cada um dos campos em luta conseguiu projectar o seu discurso na memória da guerra e influenciar a construção do mito»⁷⁸⁹.

No imaginário político português os soldados participariam no conflito europeu evidenciando a bandeira da república entre os aliados. As batalhas da *Primeira Grande Guerra* passariam a fazer parte dos feitos guerreiros dos portugueses, constituindo o último capítulo da sua memória heróica. Neste sentido, a República passaria desde então a enquadrar-se nesse imaginário nacional e conferiria ao partido democrático a consolidação política e a legitimidade nacional que lhe faltava⁷⁹⁰.

Em Agosto de 1916 foi organizado o *Corpo Expedicionário Português* (CEP), sendo o seu comandante o General Fernando Tamagnini de Abreu e Silva⁷⁹¹. Entre Agosto e Dezembro de 1916 decorriam as negociações diplomático-militares entre Portugal, a França e a Inglaterra relativamente à cooperação e harmonização técnica do *Corpo Expedicionário Português* (CEP) no quadro do Exército inglês. O resultado desse processo negocial concluiu-se através da assinatura da *Convenção de Janeiro de 1917*, a qual aprovava o emprego das forças portuguesas na zona britânica de operações. Esta resolução constituía uma vitória político-diplomática para Portugal devido à integração do *Corpo Expedicionário Português* (CEP) no exército inglês (*British Expeditionary*

⁷⁸⁹ Teixeira, Nuno Severiano, *O Poder e a Guerra 1914-1918 Objectivos Nacionais e Estratégias Políticas na Entrada de Portugal na Grande Guerra*, Lisboa, Editorial Estampa, 1996, p. 21.

⁷⁹⁰ Teixeira, Nuno Severiano: “Portugal e a Grande Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, pp. 21-22.

⁷⁹¹ Marques, Isabel Pestana: “1914-1918. Comportamentos de Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, pp. 101.

Force) em vez de ser no francês⁷⁹². Mais tarde, depois da convenção de Fevereiro de 1917, e sob a proposta do comandante do *Corpo Expedicionário Português* (CEP), a força expedicionária portuguesa que previamente tinha sido programada para ser uma divisão de trinta e cinco mil homens passaria a ser composta por duas divisões de cinquenta e cinco mil homens⁷⁹³. Nela incluía-se o *Corpo de Artilharia Pesada* e um *Batalhão de Sapadores de Caminho-de-Ferro*⁷⁹⁴. Muitos desses homens manter-se-iam no norte de França até ao Armistício, em Novembro do ano seguinte. Outras forças foram dirigidas para Angola e Moçambique porque estas tinham fronteiras com colónias alemãs que entretanto tinham sido invadidas⁷⁹⁵.

Passou também a reforçar-se todo um conjunto de propaganda volante, de causa guerrista e de carácter apologético, produzida pelos democráticos republicanos lisboetas e difundida pelo resto do país⁷⁹⁶. Apesar destas medidas, e dos jornais da época reflectirem as tendências políticas dos intervencionistas portugueses na polémica decisória da beligerância portuguesa pró-aliada, estes meios só por si não formavam

⁷⁹² Teixeira, Nuno Severiano, *O Poder e a Guerra 1914-1918 Objectivos Nacionais e Estratégias Políticas na Entrada de Portugal na Grande Guerra*, Lisboa, Editorial Estampa, 1996, p. 36.

⁷⁹³ Teixeira, Nuno Severiano: “Portugal e a Grande Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 27.

⁷⁹⁴ Marques, Isabel Pestana: “1914-1918. Comportamentos de Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 102.

⁷⁹⁵ Saraiva, José Hermano, *História de Portugal*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1998, p. 501.

⁷⁹⁶ Marques, Isabel Pestana: “O Algarve e a Grande Guerra”, Em Marques, Maria da Graça Maia, *O Algarve da Antiguidade aos nossos dias (elementos para a sua história)*, Lisboa, Edições Colibri, 1999, pp. 485-486.

uma verdadeira opinião pública nacional⁷⁹⁷. Além disso, no decurso do ano de 1917, os condicionalismos que a censura política e militar exercia na imprensa periódica nacional dificultavam a obtenção de uma ideia clara sobre a guerra na Europa: «*A distribuição de notícias era controlada pelos beligerantes. A imprensa em França e na Inglaterra aparecia cheia de espaços em branco – e o mesmo começou a acontecer em Portugal, ao abrigo da lei de censura prévia em tempo de guerra, de 28 de março de 1916. Até a publicação dos discursos parlamentares era censurada*»⁷⁹⁸.

Entretanto, a notícia que Portugal ia participar na guerra passava a ecoar no país inteiro: «*Por todo o Portugal, de norte a sul, por todas as cidades, vilas e aldeias, as mais recônditas das serras, por lares ricos e pobres, se diz a plenos pulmões que Portugal vai para a guerra. – E' verdade! Portugal vai para a guerra. Por este acto honroso, dos maiores feitos da nossa história, tudo e todos se curvam apreensivos no dia de amanhã, pela sorte de melhores dias no futuro. Naqueles que o destino sorteou para serem os representantes da Pátria nas linhas de fogo, germina uma atmosfera de incertezas pela sorte que lhes está reservada, uma vez envolvidos na acção directa da Conflagração Europeia. A mobilização é palavra terrível para todos. Por todas as esquinas e por todos os lugares públicos se vêem editais do Governo, com grandes letras e uma faixa*

⁷⁹⁷ Marques, Isabel Pestana: “O Algarve e a Grande Guerra”, Em Marques, Maria da Graça Maia, *O Algarve da Antiguidade aos nossos dias (elementos para a sua história)*, Lisboa, Edições Colibri, 1999, p. 485.

⁷⁹⁸ Mattoso, José (dir.), *História de Portugal, A segunda Fundação*, Vol. 6, Lisboa, Editorial Estampa, 1994, p. 517.

transversal encarnada e verde, cores da nossa bandeira, chamando às fileiras a alma nova da Pátria, o sangue revoltado da sua independência»⁷⁹⁹.

Uns soldados exercitavam-se para participarem na guerra e outros, como o caso de Pedro de Freitas que nesta altura era trabalhador ferroviário, preparavam-se para serem chamados⁸⁰⁰: *«Já se ouvem os sons de guerra dos clarins militares. Já nos campos de Tancos milhares se preparam para uma guerra cheia de novíssimos inventos, terríveis, de chacina. E os que ainda não andam nestes trabalhos preparatórios, prestes serão incomodados. A “rede de arrasto” toca por minha banda. E, assim, não podendo ser indiferente ao ambiente geral, desde o início de todas estas confusões, eu ando verdadeiramente apreensivo»⁸⁰¹.*

Nesta altura Pedro de Freitas era casado e pai de uma criança recém-nascida e a notícia de que tinha de partir para a guerra desacatou totalmente o seu ambiente familiar: *«Um belo dia a indiscreta e arrepiante senhora Mobilização bate-me à porta. Bateu, intimidou, e desandando furibunda sem me ouvir as tristes súplicas que lhe fazia por me arrastar de um ninho amoroso constituído ainda pouco tempo, toda orgulhosa do seu poder, batendo aqui, batendo acolá, a todas as portas onde farejava mocidade entregue ao aconchego dos seus lares, obriga esta a levantar-se, a uniformizar-se, a partir»⁸⁰².*

⁷⁹⁹ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 13.

⁸⁰⁰ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 21-22.

⁸⁰¹ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 13.

⁸⁰² Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 14.

Do total das tropas mobilizadas⁸⁰³, cerca de 28 % eram voluntários e com algumas excepções os restantes 72 % eram maioritariamente a massa dos recrutados⁸⁰⁴. Este predomínio do recrutamento significava a eficácia dos serviços de alistamento de homens para a guerra devido, em grande parte, às demandas da autoridade da entidade estatal. Outras razões, profundamente associadas entre si, que justificaram a cifra dos voluntários para combaterem na guerra relacionaram-se, entre outros factores, com as estratégias da propaganda política utilizadas pelo partido democrático; com o dever nacional; com os sentimentos de patriotismo; com vontades de afirmação individual, e, com motivações de ordem social⁸⁰⁵. Apesar do total de mobilizados efectivos, acrescenta-se que existiram causas que contribuíram para que esse total nunca estivesse completamente operacional, estes factores justificaram-se devido às baixas, às doenças,

⁸⁰³ A maioria pertencia à arma de infantaria, isto é, cerca de 65 % das tropas; em segundo lugar, isto é, 17,5 % pertencia à artilharia; em terceiro lugar correspondia à engenharia com 7,5 %, e finalmente era concernente à cavalaria com 4 % dos efectivos. Os restantes pertenciam aos serviços de saúde e à administração militar. Teixeira, Nuno Severiano: “Portugal e a Grande Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 27.

⁸⁰⁴ Teixeira, Nuno Severiano: “Portugal e a Grande Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 28.

⁸⁰⁵ Marques, Isabel Pestana: “1914-1918. Comportamentos de Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 105; Teixeira, Nuno Severiano: “Portugal e a Grande Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 28.

e, sobretudo a partir do final de 1917, devido às dificuldades de rendição das tropas portuguesas⁸⁰⁶.

O ter de enfrentar o palco de uma luta de âmbito europeu era uma situação que se deparava com múltiplos constrangimentos. No início de 1917, alguns oficiais manifestaram resistência face à participação neste conflito europeu. Na hora da partida para a guerra os sentimentos de exaltação eram substituídos pelas incertezas, porém, muitos dos soldados mantiveram-se conformados perante o dever da sua missão de defesa pela pátria⁸⁰⁷. Havia a presença de um espírito de resignação da parte de muitos dos combatentes que participaram na guerra: *«A consciência do dever que manda, o orgulho do sacrifício maior que exalta e embeleza, esta excedência de alma heróica que faz calar o egoísmo do amor erguendo-o a não imaginadas alturas, - tudo é silencioso, cala e se entrega, rendido, perante a brutalidade pungente»*⁸⁰⁸. Eram estes sentimentos que tinham imperado na consciência de Pedro de Freitas e de outras tropas da sua terra natal que também tinham partido para a guerra: *«Os soldados louletanos participaram nesta Guerra integrados no Batalhão de Infantaria n.º 4, de Faro. O seu efectivo era constituído por 19 oficiais e 600 praças»*⁸⁰⁹. Neste contexto, Pedro de Freitas deixou expresso o seu respeito perante a imposição estatal na altura da mobilização: *« - Isso sim!... não podes ficar. A Pátria reclama-te e portanto a Ordem é marchar e não hesitar – responde-me, seca e autoritariamente, a senhora Mobilização. E sem outro*

⁸⁰⁶ Teixeira, Nuno Severiano: “Portugal e a Grande Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 28.

⁸⁰⁷ Mattoso, José (dir.), *História de Portugal, A segunda Fundação*, Vol. 6, Lisboa, Editorial Estampa, 1994, p. 516.

⁸⁰⁸ Casimiro, Augusto, *Nas Trincheiras da Flandres*, Porto, Edição da Renascença Portuguesa, 1918, p. 35.

⁸⁰⁹ Martins, Isilda Maria Renda, *Loulé no século XX, A Primeira República 1910 a 1926*, Vol. II, Lisboa, Coleção Millennium, 2004, p. 105.

remédio que não seja a obediência, arranjo as coisas, ponho ponto final no meu modo de vida, e parto a caminho de novo destino»⁸¹⁰.

Segundo o comandante do *Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro*, General Raul Augusto Esteves, a mobilização fora feita rapidamente. Todos os homens das classes licenciadas da antiga *Companhia de Sapadores* foram chamados, sendo uma percentagem empregados ferroviários⁸¹¹. Este *Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro*, constituído por quatro companhias, era técnico em matéria ferroviária. O Batalhão era integrado nas operações dos campos de batalha no norte da França, mais especificamente na região de Somme⁸¹², o que confirmava que em situações de guerra esta zona era a mais exigente em problemas militares na área do ferroviarismo⁸¹³.

Foi neste contexto que Pedro de Freitas, entre muitos outros praças, deu entrada pela primeira vez no quartel do *Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro*⁸¹⁴: «*E depois de uma cena de lágrimas à despedida dos entes queridos e dos amigos que me acompanham, em manifestação sincera e leal, até ao embarque na diligência a caminho da estação de caminhos de ferro, eis que, no dia 2 de Março de 1917, dou entrada, pela primeira vez, no quartel do Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro, aquartelado em Cascais, sob o comando do capitão Sr. Raul Augusto Esteves, e onde passo, por mais uma vez, pela sensaboria de me trocarem o nome por um*

⁸¹⁰ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 14.

⁸¹¹ Esteves, Raul, “O Batalhão de Sapadores de Caminho de Ferro na Grande Guerra”, Em *Boletim da C.P.*, Lisboa, Abril de 1931.

⁸¹² Região do Somme, Departamento da França localizado na região Picardia, a sua capital é a cidade de Amiens, Em *Wikipédia*, [on-line], <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Somme_\(departamento\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Somme_(departamento))>, [consulta: 10 de Julho de 2008].

⁸¹³ Freitas, Pedro de: “Há 56 anos da Cidadela de Cascais o “Sempre Fixe” parte para a guerra”, Em *Cidadela*, Centro de Instrução de Artilharia Antiaérea e de Costa, Aristides Pinheiro Dir., Maio. – Jun. 1973, pp. 11-13, cota 134.

⁸¹⁴ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, p. 33, ou ver em Esteves, Raul: “Prefacio”, Em Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, [p. III].

número»⁸¹⁵. Por intermédio de uma festa em Cascais, a 16 de Fevereiro de 1917, um grupo de senhoras entregava um guião à unidade. Foi nesta altura que o *Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro* adoptou pela divisa de o "*Sempre Fixe*"⁸¹⁶.

Aquando da mobilização, e no contexto da despedida, Pedro de Freitas já tinha consciência das diferenças sociais entre os recrutas com boas condições económicas e o seu caso específico: «*Alguns, os mais endinheirados, solteiros ou casados, alugam quartos particulares na vila, e passam os dias junto dos que mais queridos lhes são. Eu, sou um zero à esquerda: não posso alugar quartos. Consequentemente vou, dia a dia, satisfazendo-me com as noticias familiares. Deste modo, meu velho pai, que reside em Vendas Novas, ao ter conhecimento que vou partir para a guerra, dá largas ao seu sentimento, escrevendo-me uma extensa carta*»⁸¹⁷. Neste contexto, José de Freitas (pai de Pedro de Freitas), escreveu-lhe uma carta encorajadora transcrita no Jornal de Loulé *O Primeiro de Maio* de 26 de Abril de 1917, na qual, deixando transparecer o espírito nacionalista da época e as suas convicções de republicano, incitava o filho a lutar ao lado dos aliados e contra os alemães: «*Pelo que me dizes no teu postal, vejo que partes brevemente para França, onde vais combater como soldado ao lado dos heróicos aliados. Muito bem. Tu sabes tão bem ou melhor do que eu a história do nosso velho Portugal, que em todas as épocas assinalou os seus feitos de armas com a coragem indomável de uma raça de valentes como é a nossa, portugueses. Tu, que és novo e forte, filho deste nobre torrão que foi leão velho de batalhadores, saberás cumprir*

⁸¹⁵ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 14.

⁸¹⁶ Em Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 24.

⁸¹⁷ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 16.

decerto esse grandiosíssimo dever, e, como tu, os teus camaradas, igualmente filhos da nobre raça lusitana.

Não é incitar-te a matar, meu filho! Compreendo que ninguém tem o direito de matar o seu semelhante. Sou dos que mais reprovam o assassinato. [...] A causa que tu e os teus camaradas ides defender, é, a meu ver uma das mais justas, porque representa o bem estar de todos os países, quando forem vencidos esses ferozes e desvairados alemães que, creio, serão vítimas das suas próprias maldades. Mas quem faz mal só para si é. E para eles deve voltar-se o mal que aos outros desejam»⁸¹⁸.

No contexto da partida para a guerra Pedro de Freitas começava desde logo a sentir os excessos das imposições dos representantes do poder estatal relativamente às suas necessidades familiares: *«Eu, como clarim que tem uma missão especial, todavia emprego os meios ao meu alcance para, por meios legais, ir a casa despedir-me dos meus. Tal não consigo. E por mal dos meus pecados obrigam-me a trabalhar a ir para uma arrecadação trabalhar como um negro. Resigno-me e limito-me a enviar para a mulher uma extensa carta anunciando-lhe a minha partida»⁸¹⁹.*

Por isso, na carta intitulada de “Mulher Querida”, escrita em Cascais a 17 de Abril de 1917, Pedro de Freitas manifestava sentimentos nostálgicos pela partida e anunciava o dia do desembarque para a França. Contudo, fazendo uso de uma linguagem nacionalista, Pedro de Freitas acreditava que a sua missão era honrada porque na qualidade de soldado lutava pela defesa da sua Pátria: *«Pois bem: Se bem que me pese, se bem que se me arrasem os olhos de lágrimas, impossibilitando-me de ver o que te escrevo; se bem que tudo e mais o que este cérebro já desnortado não assimila, sou a*

⁸¹⁸ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 16-17; ou Freitas, José de, “Nobre Gesto”, *O Primeiro de Maio*, Loulé, 26-04-1917. Ver 7.1.a. Uma carta de José de Freitas, em Anexo.

⁸¹⁹ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 18.

dizer-te que, hoje, veio a indesejável ordem de partirmos no próximo dia 21, para França.

Custa-te?.. Choras? .. eu sei! [...] Terminando, eu peço-te: Que em nome do nosso amor, pelo nosso sangue hoje transmitido às veias da nossa filha, pelo respeito que me deves e à minha condição de soldado na guerra em defesa do bom nome do nosso querido Portugal, te orgulhes de possuíres o máximo sentimento, sinceridade e lealdade na obrigação dos teus deveres a cumprir, tornando-te uma esposa digna de todos os encómios e, portanto, de toda a minha estima»⁸²⁰.

Antes dos soldados partirem para Lisboa o comandante do *Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro* procedeu a um discurso de teor marcadamente nacionalista, de modo a impor aos combatentes a missão de lutarem pela nação portuguesa: «*Antes, porém, tudo em sentido, o Sr. Raul Augusto Esteves faz uma prelecção patriótica às tropas que partem, incitando-as a cumprirem com o seu dever militar que a pátria ofendida lhes impôs*»⁸²¹. No dia 21 de Abril de 1917, incluído num manancial de tropas, Pedro de Freitas partia de Cascais para Lisboa (até Alcantara-Mar), num comboio especial de expedicionários⁸²². Em Alcântara-Mar desceram do comboio de mochila às costas, puseram-se em marcha em direcção a um enorme navio inglês «*Glosgon*» na Rocha do Conde de Óbidos (Lisboa)⁸²³. As tropas continuavam a chegar e na assistência destacavam-se algumas figuras politicamente importantes: «*Na assistência que permanece no cais vêem-se muitos oficiais com os seus largos galões dourados, pessoas de destaque no meio social, oficiais de missões ingleses e franceses; e, destacando-se*

⁸²⁰ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 19-21. Ver 7.1.b. Uma carta de Pedro de Freitas à sua mulher, em Anexos.

⁸²¹ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 22.

⁸²² Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 22-23.

⁸²³ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 23-29.

por serem os elementos de maior renome na época, os Srs. Afonso Costa – Presidente do Governo e ministro das Finanças, e Norton de Matos – Ministro da Guerra»⁸²⁴. No dia 22 de Abril de 1917 o navio largava o cais para fundear em frente de Cacilhas⁸²⁵, e às 17 horas partia em direcção a Belém (Lisboa). No entanto, foi só no dia seguinte (23 de Abril), pela madrugada, que Pedro de Freitas, na qualidade de soldado e contramestre de clarins, partia no navio inglês «Glogson» da Rocha do Conde de Óbitos para França⁸²⁶.

Pedro de Freitas fez toda a campanha em França como membro do CEP (*Corpo Expedicionário Português*), ele era o n.º 169 da 4.ª companhia, a qual estava sob o comando do tenente Francisco Pinto Teixeira⁸²⁷. Por sua vez, o comandante do *Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro* era o Major Raul Augusto Esteves⁸²⁸.

Do porto onde os tropas portuguesas desembarcavam até à zona de concentração Aire-sur-la-Lys⁸²⁹ o transporte fazia-se por via-férrea, e o sector que estava responsabilizado pelo *Corpo Expedicionário Português* *Corpo Expedicionário Português* (CEP) situava-se no Sul da Flandres, no vale do rio Lys, entre Armentières a La Bassée e Merville a Béthune: «Estendia-se por uma longa frente, que oscilou entre uma dimensão máxima de 11 Km e mínima de 4 Km de acordo com a evolução da campanha militar»⁸³⁰. A

⁸²⁴ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 28-29.

⁸²⁵ Cacilhas, freguesia portuguesa localizada no concelho de Almada, distrito de Setúbal, região de Lisboa, Em *Wikipedia*, [on-line], <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cacilhas>>, [consulta: 13 de Janeiro de 2008].

⁸²⁶ Adão, Luís Cabral, “No Cinquentenário Duma Estreia Literária”, Em *O Setubalense*, Setúbal, 19-04-1967; e Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 29.

⁸²⁷ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 14; Ver 7.9. Outras Fontes Documentais, Documento n.º 1, em Anexos.

⁸²⁸ Freitas, Pedro de, “Pequena História duma Banda Militar”, Em *Diário Popular*, Lisboa, 12-04-1964.

⁸²⁹ Ver 7.10. Mapas Geográficos, Mapas n.º 7 e n.º 8, em Anexos. Aire-sur-la-Lys, departamento Pas-de-Calais na região Nord-Pas-de-Calais, Em *Wikipedia*, [on-line], <<http://fr.wikipedia.org/wiki/Aire-sur-la-Lys>>, [consulta: 13 de Janeiro de 2008].

⁸³⁰ Teixeira, Nuno Severiano: “Portugal e a Grande Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova História Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 28.

companhia onde Pedro de Freitas estava integrado conservou-se na Região de Arras-Saint Pol⁸³¹.

Segundo a convenção de 3 de Janeiro de 1917 as tropas do *Corpo Expedicionário Português* (CEP) estariam primeiramente numa fase de instrução junto do Exército inglês, depois, progressivamente, passariam por fracções à sua primeira experiência no quotidiano das trincheiras. A fase seguinte corresponderia ao assumir a responsabilidade da defesa, sob o controlo e dentro de um subsector da brigada inglesa. Só quando as tropas passassem por todas estas fases é que estariam em condições de assumir a defesa de 12 km da frente europeia no sector inglês, perto de Armentière, na Flandres. Isto só viria a acontecer a partir de Julho de 1917, quando as três brigadas da 1.^a Divisão assumiram a responsabilidade de um sector sob o comando do XI Corpo do Exército inglês. No entanto, foi só a 5 de Novembro de 1917 que o comandante do *Corpo Expedicionário Português* (CEP), general Fernando Tamagnini de Abreu e Silva, assumia inteiramente a responsabilidade do sector português⁸³².

Todos os acontecimentos que seriam vividos a partir do desembarque iriam ser rigorosamente apontados por Pedro de Freitas, o que confirma a sua reverência pela História: «É evidente que, como soldado do Batalhão e curioso em pormenores históricos, eu havia de, tanto quanto me fosse possível, fazer o meu diário. E dele saiu,

⁸³¹ Esteves, Raul, “O Batalhão de Sapadores de Caminho de Ferro na Grande Guerra”, Em *Boletim da C.P.*, Lisboa, Abril de 1931; Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 238.

⁸³² Teixeira, Nuno Severiano: “Portugal e a Grande Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova História Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 28; e Fraga, Luís Manuel Alves de, *La Lys – A última Batalha do Exército Português*, Actas do IV Colóquio A História Militar de Portugal no século XIX, 1993, p. 4. No mês de Julho de 1918, o Governo português resolvia substituir, no comando do *Corpo Expedicionário Português* (CEP), o general Tamagnini pelo general Tomaz António García Rozado. Este último tinha sido considerado como o mais adequado para a missão diplomática de comandante das tropas portuguesas em França e como o representante de Portugal naquele teatro de operações. Em Martins, Ferreira, *História do Exército Português*, Lisboa, Editorial Inquerito Limitada, 1945, pp. 533-534.

mais tarde, o meu primeiro livro – ‘As Minhas Recordações da Grande Guerra’, que pela opinião pública, teve muita aceitação»⁸³³. Assim, o livro resultante, que constitui um manancial de descrições, informações, e sentimentos de carácter pessoal, foi baseado nas experiências concretas vividas por Pedro de Freitas durante a *Primeira Grande Guerra Mundial*: «Deste modo, coordenando e registando os factos de maior relevo, agradáveis e desagradáveis, tanto à minha pessoa como a outras, mas tudo à roda do factor guerra, eu tive a paciência de registar nas respectivas datas as circunstâncias que se me deparavam, e agora amoldadas à condição de livro... O meu sistema caprichoso levou-me, desde 1925 a 1932, utilizando os momentos disponíveis, sem pressas, a amontoar os meus registos de campanha de modo a deixar aos meus filhos toda a minha história de soldado em guerra. Não uma história para dar à publicidade, mas tão somente para subordinar-se à curiosidade caseira»⁸³⁴. Este livro apresentou detalhe histórico e coerência relativamente às datas dos eventos presenciados por Pedro de Freitas. Neste sentido, o autor (Pedro de Freitas) conferiu alguma ênfase na evolução das batalhas do dia 21 de Março e do 9 de Abril de 1918. Pelo realismo e sentimentalismo expresso no mesmo foi possível reajustar uma interpenetração entre a visão particular do interlocutor da história com uma análise histórica mais distanciada e, por isso mesmo, mais crítica dos acontecimentos.

⁸³³ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, p. 36.

⁸³⁴ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 10.

~ × ~

Apresentou-se uma introdução que reflectiu sobre as consequências extremas que podem resultar da exacerbação do fenómeno do nacionalismo. Neste contexto, e num âmbito da macro-história, analisaram-se algumas conjunturas europeias responsáveis pela eclosão da *Primeira Grande Guerra Mundial* e as estratégias sobretudo do partido democrático português para que Portugal participasse nesta guerra de âmbito mundial. Além disso, também se focou uma componente importante do fenómeno do nacionalismo, isto é, uma análise entre as respostas de certa forma inocentes da parte das massas populares relativamente às estratégias tacticamente estudadas da parte da política republicana, especialmente no seio do partido democrático. Por sua vez, numa escala de observação mais pequena, isto é, no domínio da micro-história, interpuseram-se as atitudes e as respostas da parte de Pedro de Freitas, na qualidade de um elemento pertencente às massas populares. Deste modo, reflectiu-se que Pedro de Freitas começava a manifestar um comportamento bipolar. Por um lado, na qualidade de republicano, ao absorver as propagandas políticas dos intervencionistas que diária e rotineiramente procuravam persuadir nas massas, Pedro de Freitas assimilava quase dogmaticamente o seu dever patriótico de lutar pela sua nação, obedecendo aos imperativos do poder estatal que apelava convictamente para a mobilização. Por outro lado, além de Pedro de Freitas reflectir sobre algumas injustiças sociais no contexto da partida para a guerra, ele também começava a evidenciar sentimentos de tristeza, nostalgia e de medo, incluindo a consciência de alguns excessos de obrigações e ordens da parte dos representantes do poder político vigente. No entanto, estas imposições ainda não implicavam da parte de Pedro de Freitas uma atitude crítica completamente consciente acerca das manipulações da política do estado sobre as massas.

2.4.1. O quotidiano da Grande Guerra

A experiência do quotidiano da *Primeira Grande Guerra Mundial* foi um facto marcante na vida de Pedro de Freitas⁸³⁵. Por isso, ele não só descreveu os acontecimentos históricos vividos como também deixou transparecer marcas indeléveis que a guerra trespassou na sua pessoa. Além do mais, o facto de pertencer ao posto de soldado impunha que Pedro de Freitas ainda tivesse de suportar mais dificuldades no quotidiano da guerra: «*O soldado, sempre o soldado para tudo e todas as coisas; o soldado de estômago de elástico para melhor aguentar o enorme e pesado fardo da fome, sua eterna companheira, dada a sua humilde situação, é bem, na escala do militarismo, o que na vida familiar é o enteado*»⁸³⁶.

Ao registar meticulosamente o que via e sentia, Pedro de Freitas anotava 3 horas da madrugada do dia 23 de Abril de 1917 quando o navio inglês «*Glosgon*» deixava a pátria portuguesa. De facto, por querer assistir ao desembarque para terras desconhecidas, e devido à amplitude dos sentimentos de angústia resultantes do dia da partida, Pedro de Freitas mantinha-se desperto. Não era fácil o ter de enfrentar uma nova situação de vida dominada pelo desconhecido e pelo incerto⁸³⁷. As palavras que se seguem exprimem a ansiedade que Pedro de Freitas passara naquele momento: «*sentindo o barulhar de ferros, constato ser a âncora do navio que deixa as profundezas do mar para dar liberdade ao barco, que imediatamente se move e inicia a*

⁸³⁵ Ver 7.8. Uma fotobiografia de Pedro de Freitas, fotografia n.º 3, em Anexos.

⁸³⁶ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 79; Ver também Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. [IX]; Mattoso, José (dir.), *História de Portugal, A segunda Fundação*, Vol. 6, Lisboa, Editorial Estampa, 1994, p. 517.

⁸³⁷ Marques, Isabel Pestana: “1914-1918. Comportamentos de Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova História Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, pp. 102-104.

sua rota, rota de incertezas e de perigos dos submarinos que coalham as águas do Oceano. E num deslize suave pelas águas serenas do mar, a cidade flutuante vai deixando perder de vista a grande Lisboa; a obra prima da torre histórica de Belém – guarda-avançada da cidade; Cascais com a sua “Boca do Inferno” – de saudosas recordações; farol da Guia, serra de Sintra, Ericeira, rochas, vilas, aldeias, montes e vales, enfim tudo o mais que faz parte do meu querido torrão continental. O que eu sinto como comoção estranha que se reproduz em calafrios de arrepiar os cabelos, durante as primeiras horas de navegação, é alguma coisa de tão grande sentimento, que eu mesmo não sei descrever. Todavia não será difícil compreender-se»⁸³⁸.

Neste texto Pedro de Freitas não deixou de revelar o seu receio em relação ao perigo que constituíam os submarinos que submergiam nas águas do oceano. De facto, os alemães tinham empreendido nestas operações de ataque aos navios dos aliados, principalmente quando estes (os aliados) deixavam os seus portos de abrigo: «As autoridades germânicas decidiram investir em 1917 nos ataques aos alvos económicos dos seus inimigos, lançando alcateias de submergíveis no oceano Atlântico para atingirem a estrutura logística dos aliados. A estratégia foi de tal modo eficaz que, a certa altura, os alemães conseguiram afundar uma média de um em quatro navios que deixavam os portos britânicos»⁸³⁹. Por isso, na mente dos elementos da 3.^a e da 4.^a companhias portuguesas que seguiam a bordo no mesmo navio pairava o receio destas ameaças que constituíam os submarinos alemães. Contudo, a preocupação ficava mais apaziguada sempre que se observava a presença dos destroyers que zelavam contra as forças inimigas: «Todos, porém, são acompanhados de perto pelos respectivos destroyers que, em missão árdua e melindrosa para guardarem nossas vidas e haveres,

⁸³⁸ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 30.

⁸³⁹ Santos, José Rodrigues dos, *Crónicas de Guerra da Crimeia a Dachau*, Lisboa, Gradiva, 2002, p. 70.

andam numa perfeita roda viva, num desassossegado vai-vem em exploração de minas flutuantes, submarinos e outras tantas coisas que a guerra, nos seus novíssimos inventos de mortífera carnificina humana, poderia ter espalhado pelas águas que servem de caminho aos barcos, que transportam gente para ser lançada na fornalha guerreira»⁸⁴⁰. Porém, no dia 24 de Abril de 1917 o destroyer G 53 manifestava uma presença mais movimentada: «Neste segundo dia de viagem, a acção do destroyer que nos patrulha afigura-se-nos mais activa. Os soldados, enquanto podem, nunca o perdem de vista»⁸⁴¹. Na madrugada do dia seguinte (25 de Abril de 1917) uma manobra abrupta do navio punha novamente todos em sobressalto: «Estremunhado, no meu acordar, eu oiço: “o que é? O que foi?” Os cabelos põem-se-me mais espetados que nem sovelas e o coração repentinamente estabelece um matraquear impetuoso como a querer saltar do seu lugar. Fico assustadíssimo»⁸⁴². Souberam, depois, qual a razão do navio onde se encontravam ter feito uma manobra perigosa: «Fora o caso que, o navio, vendo-se apertado por aproximação de submarino inimigo, e enquanto o destroyer se coloca em sua defesa, fizera a manobra de voltar tão repentinamente quanto possível a proa no sentido da ré, ocasionando esta inesperada manobra a aflicção nos espíritos e a resolução dos infantes. E deste golpe traiçoeiro do inimigo à abnegação do destroyer todos ficam devendo-lhe justificadas homenagens. [...] É pois a este G 53 que eu jamais esquecerei seu zelo pelo salvamento da minha e todas as demais vidas que dentro do navio em perigo seguiam viagem»⁸⁴³.

⁸⁴⁰ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 31.

⁸⁴¹ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 32-33.

⁸⁴² Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 32.

⁸⁴³ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 33-34.

Porém, o transporte das tropas portuguesas de Portugal para França nem sempre era efectuado em boas condições. Os navios tinham uma lotação demasiado pequena para o número de soldados que transportavam e as instalações sanitárias revelavam-se desadequadas⁸⁴⁴. Este ambiente evidenciou-se sobretudo quando os navios ingleses ficaram indisponíveis para o transporte das tropas portuguesas⁸⁴⁵. No entanto, Pedro de Freitas ainda embarcou na altura em que se dispunham dos navios ingleses, por isso ele não demonstrou críticas evidentes relativamente à viagem de bordo. Antes pelo contrário, Pedro de Freitas descreveu em nome dos seus companheiros uma certa satisfação com alguns dos aspectos dessa viagem marítima: *«eu durmo muito razoavelmente metido na prateleira do terceiro andar do “galinheiro”, revestida de rede de arame. [...] O soldado em campanha tem diariamente: tanto de pão, queijo, vinho, carne, marmelada, sabão e mais coisas que nos dispõem bem e que nos fazem interrogar como é possível, em fase de guerra, o soldado ser tão bem tratado. E' certo que a bordo temos a confirmação de todas estas coisas. Pão, vinho, boas latas de atum de conserva, idem de couves com chouriço, toucinho, carne e batatas – autêntica sopa à portuguesa; toda esta variação nos é fornecida. Portanto o pano de amostra é satisfatório. Por este facto a Malta sente-se satisfeita; e dada a abundância, até chega a juntar reservas de latas de conserva de atum, de sopa, chegando mesmo a*

⁸⁴⁴ Santos, José Rodrigues dos, *Crónicas de Guerra da Crimeia a Dachau*, Lisboa, Gradiva, 2002, p. 69.

⁸⁴⁵ Segundo a convenção de 3 de Janeiro, o transporte das tropas era feito por via marítima e ficava a cargo da Inglaterra. Contudo, esse acordo nunca fora cumprido. Entre Fevereiro e Setembro de 1917, o transporte dos contingentes militares do *Corpo Expedicionário Português* (CEP) era partilhado por 38 navios britânicos e oito navios portugueses, e a partir dessa data esse transporte deixou de ter a participação dos navios ingleses. Entre Outubro de 1917 e Fevereiro de 1918 esse transporte era feito apenas por dois navios portugueses em quatro viagens diferentes. Teixeira, Nuno Severiano: “Portugal e a Grande Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 28; Marques, Isabel Pestana: “1914-1918. Comportamentos de Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 104.

desperdiçar pão e algum vinho, nem só motivado pela quantidade como pelo enjoo que lhe tira o apetite»⁸⁴⁶.

No dia 25 de Abril de 1917 o navio chegava ao porto de Brest cerca das 12 horas⁸⁴⁷: *«E tudo seria razoável se, acto contínuo à nossa chegada ao porto de destino, imediatamente fosse feito o desembarque das tropas sôfregas por pisarem terra firme, barbarem-se e limpem-se convenientemente depois de uma viagem atribulada de cinquenta e sete horas. Debalde é o nosso desejo»⁸⁴⁸.* Por motivos que nunca chegaram a saber tiveram de estar mais dois dias encerrados no navio. Na altura do desembarque das tropas portuguesas enfrentavam-se problemas de coordenação. Havia dificuldades na informação da chegada dos navios, o que provocava uma afluência excessiva de embarcações, condicionando e impedindo o desembarque rápido e organizado⁸⁴⁹. Nestas situações era frequente que as tropas ficassem desesperadas: *«As consequências foram imediatas: a impaciência das tropas embarcadas expressa por algumas cenas de indisciplina (fogos a bordo, o atirar dos cintos de salvação ao mar e tentativa de desembarque) e o desembarque tumultuoso e confuso de homens, material e solípedes»⁸⁵⁰.* Foi neste contexto que Pedro de Freitas revelou o incómodo de estar a suportar as péssimas condições de insanidade a bordo do navio: *«Por motivos desconhecidos, esgotada a paciência, o princípio de insubordinação a contagiar o meio, até por cerca das dezasseis horas do dia 27 a Malta tem de se manter firme na*

⁸⁴⁶ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 31-32.

⁸⁴⁷ Brest, localizado no departamento Finistère da região de Bretagne, Em *Wikipédia*, [on-line], <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Brest_\(Fran%C3%A7a\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Brest_(Fran%C3%A7a))>, [consulta: 12 de Julho de 2008].

⁸⁴⁸ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 37.

⁸⁴⁹ Marques, Isabel Pestana: “1914-1918. Comportamentos de Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 105.

⁸⁵⁰ Marques, Isabel Pestana: “1914-1918. Comportamentos de Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 105.

*prisão de bordo. Estes dois dias de permanência no navio, a suportar-se o cheiro nauseabundo do barco é, sem dúvida, o tempo de maior sofrimento moral do que a viagem. Assim torna-se insuportável – quem espera desespera – a impaciência que germina por todos os expedicionários em querer conhecer terra, em desejarem distrair o espírito entorpecido pelas agruras da prisão de bordo»⁸⁵¹. Finalmente, saíram do navio no dia 27 de Abril de 1917⁸⁵². A partir desse momento iniciava-se para os elementos da 3.^a e da 4.^a companhias do *Corpo Expedicionário Português* (CEP) uma vida totalmente imprevisível. Eles iriam passar cerca de dois anos em França, um país desconhecido, e suportariam carências alimentares e situações de desconforto inimagináveis.*

Flandres caracterizava-se por uma extensa planície onde as elevações eram raras. O clima era áspero, húmido, nevoento e os invernos eram longos⁸⁵³. Havia uma grande diferença entre o inverno ameno de Portugal e o inverno agreste do norte de França. As temperaturas negativas eram habituais de Fevereiro até Março na zona de concentração e o frio era terrível de suportar: *«feito de agulhas de aço penetrando a carne, insensibilizando, numa invasão lenta»⁸⁵⁴*. Pedro de Freitas também descreveu as péssimas condições climáticas que passara no norte de França: *«Com a chuva dos farrapinhos de neve, frio e companhia, a tinta de escrever, por vezes, gelava; os cabelos, quando se lavava a cabeça com água fria, ficavam espetados como se fossem sovelas. E neste estado de coisas, quando os franceses nos viam beber um copo de água fria, faziam uma tal cara de confrangimento e espanto, que ainda nos faziam mais*

⁸⁵¹ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 38.

⁸⁵² Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 32-37.

⁸⁵³ Fraga, Luís Manuel Alves de: “A Participação de Portugal na Guerra”, Em Medina, João (dir.), *História Contemporânea de Portugal – da Constituição Republicana ao fim do Regime Parlamentar*, Tomo II, Lisboa, Edição Multilar, 1990, p. 34.

⁸⁵⁴ Casimiro, Augusto, *Nas Trincheiras da Flandres*, Porto, Edição da Renascença Portuguesa, 1918, p. 117.

frio»⁸⁵⁵. Contudo, não era do frio que Pedro de Freitas mais se lamentava mas da chuva e da lama que aquela condicionava. Deste modo, aponta-se como exemplo o episódio passado no dia 30 de Outubro de 1917, altura em que, pelas 8 horas da manhã, a companhia saía de Gouves⁸⁵⁶ em direcção a Liencourt, isto é, a sede do novo acampamento⁸⁵⁷: *«a companhia marcha para um percurso de treze quilómetros com o pesado equipamento, debaixo de uma impertinente chuva que nos ensopa o corpo enfraquecido pelas vicissitudes da guerra»*⁸⁵⁸. Nesta aldeia de Liencourt Pedro de Freitas ainda descreveu um caso mais intolerante relacionado com o terem de trabalhar em condições extremas de falta de conforto, sendo frequentes as comparações entre os oficiais e os soldados: *«Contudo, a Malta é mal sucedida, devido aos múltiplos trabalhos referentes à montagem da linha que exige nos seus 1.500 metros, em terreno acidentado e lodoso, todas as atenções dos famintos soldados, que, constantemente e assiduamente, de mistura com os oficiais e sargentos especializados nas construções de linhas, andam sob uma chuva permanente. E para se avaliar dos martírios que tais trabalhos sob a chuva originam, basta dizer-se que os oficiais mudam durante o dia duas e três vezes de roupa, enquanto que os pobres soldados trabalham debaixo de chuva e atascados em lama, sempre com a roupa molhada, e com ela tomam as refeições, deitam-se, levantam-se, tudo numa amálgama de lama, porcaria e piolhos, que nem mesmo o repouso durante a noite, [...] nos retempera as energias, despendidas*

⁸⁵⁵ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 270.

⁸⁵⁶ Gouves, localizada no norte de França, departamento de Pas-de-Calais da região Nord-Pas-de-Calais, Em *Wikipédia*, [on-line], <<http://fr.wikipedia.org/wiki/Gouves>>, [consulta: 13 de Janeiro de 2008].

⁸⁵⁷ Liencourt, localizada no norte de França, departamento de Pas-de-Calais da região Nord-Pas-de-Calais, Em *Wikipédia*, [on-line], <<http://fr.wikipedia.org/wiki/Liencourt>>, [consulta: 13 de Janeiro de 2008].

⁸⁵⁸ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 82-83.

*durante o árduo e atribulado trabalho diurno»*⁸⁵⁹. Outra cena foi descrita por Augusto Casimiro, acentuando o agravamento daquela situação, quando ao efeito da chuva se juntava a acção dos morteiros: «*Um morteiro que rebentou numa cratera cheia de água, cobriu-nos de lama primeiro... Depois um minuto passado, - foi uma chuva torrencial, [...] As roupas vão maculadas de argila. As botas pesam arrobas de lama. E a argila seca, nas mãos, incomoda, irrita [...] as trincheiras de comunicação que a chuva e os morteiros obstruíram, enchem de água. [...] Enterramo-nos até aos joelhos... e, lentamente, penosamente, descemos*⁸⁶⁰.

A alimentação constituía um outro problema. Os soldados portugueses não se adaptavam à ração inglesa, uma comida cientificamente preparada que era fornecida pela intendência britânica⁸⁶¹. Eles sentiam a falta dos ingredientes essenciais da alimentação portuguesa: «*do bacalhau, das batatas, das couves, do aceite, do vinho, e deitavam fora parte da comida inglesa que lhes era destinada*⁸⁶². As tropas portuguesas queixavam-se que a comida dos ingleses era estranha aos seus hábitos alimentares, não lhes enchia o estômago, até porque lhes era distribuído muito pouco pão⁸⁶³. Com efeito, Pedro de Freitas descreveu a relutância que passava a ser normal nas horas das refeições, sobretudo a partir do dia 27 de Abril de 1917⁸⁶⁴. Neste dia, os elementos da 3.^a e da 4.^a companhias do *Corpo Expedicionário Português* (CEP) acamparam num dos sítios da cidade de Brest, chamado "Plaine de Keringôu", e Pedro

⁸⁵⁹ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 83. Ver também Marques, Isabel Pestana: "1914-1918. Comportamentos de Guerra", Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 117.

⁸⁶⁰ Casimiro, Augusto, *Nas Trincheiras da Flandres*, Porto, Edição da Renascença Portuguesa, 1918, p. 108.

⁸⁶¹ Mattoso, José (dir.), *História de Portugal, A segunda Fundação*, Vol. 6, Lisboa, Editorial Estampa, 1994, p. 518.

⁸⁶² Santos, José Rodrigues dos, *Crónicas de Guerra da Crimeia a Dachau*, Lisboa, Gradiva, 2002, p. 112.

⁸⁶³ Marques, Isabel Pestana: "1914-1918. Comportamentos de Guerra", Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 115.

⁸⁶⁴ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 38-40.

de Freitas descreveu a precariedade e a imundice que passava a ser habitual do quotidiano da guerra: «*A alimentação, ao contrário da de bordo, é tudo quanto há de mais antagónico aos nossos hábitos e costumes. Assim, a falta aos prometimentos provoca-nos a desilusão. Discriminadamente, as refeições são: A' alvorada um liquido desenhado composto de leite desnatado com café e uma bolacha tão dura como dura é a situação de nossas pessoas e a incoerência dos homens nos seus prometimentos. Ao almoço uma pequena talhada de conserva chamada corned-beef (carne de cavalo com bastante gordura) intragável pela qualidade e assiduidade, e umas cinquenta gramas de toucinho inglês de péssima qualidade, e a sexta ou oitava parte de um pão de quilo que, muitas vezes, na sua falta, é substituído pelas quatro ou seis bolachas da ordem. Ao jantar temos, a boiar num caldo de migalhas de bolacha à mistura com ervas secas a que lhe dão o pomposo nome de Sopa Juliana, umas cem gramas de carne de vaca com bichos; tudo um salsifré, que, repugnante, só serve para lavar-se a lata do rancho*»⁸⁶⁵. Assim se explica que para além da nostalgia peculiar da guerra, causada pela distância do país natal e da família, se juntava uma «*fome*» *saudosisticamente endémica*»⁸⁶⁶.

O transporte ferroviário era o único meio utilizado para deslocar as tropas de Brest para o Norte da França, mais especificamente para a zona da Flandres onde estava instalado o *Corpo Expedicionário Português* (CEP)⁸⁶⁷. Em Brest, no dia 3 de Maio de 1917, as tropas tomaram o comboio pelas 21 horas para um destino desconhecido. Esta viagem

⁸⁶⁵ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 39-40.

⁸⁶⁶ Fraga, Luís Manuel Alves de, *Guerra & Marginalidade O Comportamento das Tropas Portuguesas em França 1917-1918*, Lisboa, Prefácio, 2003, p. 85.

⁸⁶⁷ Marques, Isabel Pestana: "1914-1918. Comportamentos de Guerra", Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 105.

iria durar três noites e dois dias⁸⁶⁸. Só chegariam a Méaulte no dia 6 de Maio pelas 8 horas da manhã⁸⁶⁹. Porém, nos locais de destino os soldados portugueses também não estavam preparados para assistirem à violência dos cenários de destruição que iriam ter de enfrentar desde os primeiros tempos nas zonas de guerra. A partir do dia 6 de Maio de 1917 Pedro de Freitas presenciava vários cenários de total destruição. Nesta ocasião, através de marcha pedestre os elementos da companhia partiam de Méaulte em direcção a Morlancourt com o objectivo de acamparem em Baillair⁸⁷⁰. Neste contexto, uma situação constrangedora foi descrita pelo repórter de guerra Almada Negreiros quando entrou na zona dos campos de batalha no Vale de Ancre⁸⁷¹. Os fragmentos de cadáveres misturavam-se com o lixo de toda a espécie, resultando um cenário de desolação: «*Já notaram que a trincheira tem a forma de túmulo, e que o conjunto das trincheiras é a vala-comum em zig-zag? O campo da batalha é um grande cemitério, como os outros preparados de antemão. Melhor do que nos outros, a morte aí se ceva [...] Os montões de cadáveres dos soldados são facilmente ocultos à luz do sol que os apodrece. Basta fazer esboroar os rebordos da trincheira*»⁸⁷². Deste modo, Pedro de Freitas salientou que não estavam preparados para a agressividade dos trabalhos que lhes eram impostos

⁸⁶⁸ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 46-48.

⁸⁶⁹ Méaulte, localidade situada no departamento de Somme na região Picardie, Em *Wikipédia*, [on-line], <<http://fr.wikipedia.org/wiki/M%C3%A9aulte>>, [consulta: 13 de Janeiro de 2008]; Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 46-48.

⁸⁷⁰ Morlancourt, localidade situada no departamento de Somme na região Picardie, Em *Wikipédia*, [on-line], <<http://fr.wikipedia.org/wiki/Morlancourt>>, [consulta: 13 de Janeiro de 2008]; Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 46-48.

⁸⁷¹ Vale de Ancre, rio da Picardie que corre ao longo de Albert, e no sudoeste junta-se ao rio Somme, marcando o final da batalha do Somme, Em *Wikipédia*, [on-line], <http://fr.wikipedia.org/wiki/Ancre_%28rivi%C3%A8re%29>, [consulta: 13 de Janeiro de 2008]. António Almada Negreiros esperou pelo fim do Inverno para se aventurar a visitar os cenários das trincheiras. Ele foi para a zona de guerra, aos 48 anos, como repórter ao serviço de *O Século*, quando este se associou à agência Americana. Em Santos, José Rodrigues dos, *Crónicas de Guerra da Crimeia a Dachau*, Lisboa, Gradiva, 2002, p. 103.

⁸⁷² Negreiros, António Almada, *Portugal na Grande Guerra (Crónicas dos Campos de Batalha)*, Paris, Livraria Garnier Frères, 1917, p. 29. Ver também Negreiros, Almada, “A caminho do sector português”, Em *O Século*, Lisboa, 21-05-1917. Ou ver em Santos, José Rodrigues dos, *Crónicas de Guerra da Crimeia a Dachau*, Lisboa, Gradiva, 2002, p. 105.

porque os mesmos não correspondiam ao que estavam acostumados a executar na área do ferroviário. Quando a 4.^a companhia, inexperiente, procedia aos trabalhos de levantamento das vias de linha férrea ficava facilmente extenuada e martirizada com aquelas condições de trabalho. Os campos eram lamacentos e ainda cheios de cadáveres que infestavam por toda a parte e traduziam a gravidade dos combates feitos naquele local. Neste sentido, o dia 8 de Maio de 1917 constituiu para Pedro de Freitas um desses exemplos. Os elementos da companhia que tinham estado alojados desde 6 de Maio em Baillair eram nesse dia transportados por comboio às 8 horas da manhã com destino à vila de Longueval⁸⁷³. Este fora o primeiro dia de trabalhos no quotidiano da guerra, o qual fora descrito por Pedro de Freitas da seguinte maneira: *«A companhia é disposta a encetar seus trabalhos. Levanta, desmanchando bocados de linha férrea que bem traduzem da gravidade dos combates de que foram vítimas. Torcidos uns, separados outros, todos eles estão em relação ao zig-zaguear das trincheiras desmoronadas que circundam toda a região; aos restos mortais do que se nos afigura terem sido, outrora, grandes e cerrados bosques; aos cemitérios sem método e ordem, a infestarem por toda a parte; à terra revolvida de mistura com o entulho das habitações desaparecidas; e finalmente aos cadáveres que por todos os lados surgem. Cadáveres são também estes bocados de linha férrea torcidos, amolgados, estilhaçados, reduzidos à condição mais simples de sucata. Os soldados, inexperientes no trabalho que desenvolvem, extenuam-se, martirizam-se. O terreno, lamacento, de difícil piso, mais agrava a situação. Por vezes é preciso pôr-se passadeiras de madeira para poder-se trabalhar melhor. O calvário de todos os soldados da companhia está bem à vista; é o espelho do nosso*

⁸⁷³ Longueval, localidade situada no departamento de Somme na região Picardie, Em *Wikipédia*, [online], <<http://fr.wikipedia.org/wiki/Longueval>>, [consulta: 13 de Janeiro de 2008]. Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 46-50.

sofrimento material e moral»⁸⁷⁴. Neste dia o clarim de serviço era Pedro de Freitas, o qual anunciava a meia hora para almoçar. Contudo, por mais que se procurasse um sítio aprazível para comer a devastação era generalizada: «*Por toda a parte onde se pretenda arranjar sítio para melhor poder-se comer, a desolação, o horror, surge-nos sempre à vista. Os cadáveres de soldados, mulas, cavalos, e mais fragmentos macabros, são em abundância e em verdadeiro estado de putrefacção. Espalhados à superfície da terra, incomodavam-nos. A falta de preparação para enfrentar-se de modo súbito tal situação, é a causa do nosso aniquilamento moral. A atmosfera, bastante carregada, e duma cor de chumbo que as nuvens ainda mais realçam, torna este ambiente, desgraçado. O apetite desaparece. Não há ninguém que tenha estômago para ingerir a dura refeição em presença de cenário tão bárbaro. Volta-se, pois, ao trabalho*»⁸⁷⁵.

O transporte ferroviário era bastante solicitado para deslocar as tropas portuguesas, mesmo quando estas já estavam instaladas na zona da Flandres. As companhias não permaneciam muito tempo no mesmo local, esta razão talvez fosse justificada pelas estratégias políticas da guerra. Deste modo, a mudança era frequentemente efectuada por comboio e por vezes complementada por longas marchas a pé quase sempre sob as más condições climáticas⁸⁷⁶. Nestas marchas em direcção ao respectivo lugar do acantonamento de distâncias variáveis de 10 a 30 Km as tropas tinham de carregar mochilas cheias de equipamento militar, constituindo um esforço excessivo para as suas debilidades físicas. Por isso, as consequências eram inevitáveis, muitos baixavam ao hospital completamente extenuados⁸⁷⁷.

⁸⁷⁴ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 50.

⁸⁷⁵ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 50-51.

⁸⁷⁶ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 73-75.

⁸⁷⁷ Marques, Isabel Pestana: “1914-1918. Comportamentos de Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 106.

Pedro de Freitas também confessou o suplício que constituíam as longas viagens efectuadas num comboio desconjurado⁸⁷⁸. Nalguns dos trajectos chegava-se a demorar cerca de três dias de viagem e as condições eram lamentáveis. Além das temperaturas serem negativas, as rações de comida eram frias, a higiene era nula e, como descreveu Pedro de Freitas, o espaço das carruagens era exíguo: *«Os vagons já de si pequenos, são ocupados numa parte por mochilas e vários utensílios, de forma que o espaço destinado para os quarenta soldados se deitarem é tão escasso [...] decorridas algumas horas, quando acordo para satisfazer uma imperiosa necessidade, é que noto que a minha posição é mui crítica pelo facto de o meu peito servir de travesseiro a camaradas e as minhas pernas estarem apoiadas sobre o corpo de um outro mártir, apresentando a minha posição uma semelhança com um S. Todos se contorcem mas ninguém se queixa. Levantando-me, pisando uns e magoando outros, lá consigo satisfazer os meus desejos. Neste empilhamento, assim passa a noite a pobre e desprotegida Malta da 4.^a companhia do “Sempre Fixe”, que mais parece uma caravana de ciganos em desordenada retirada, do que soldados de um exército que, pelo seu mister, deviam estar pelo menos bem apetrechados com o indispensável para a árdua vida de campanha»⁸⁷⁹.*

Segundo a convenção de 3 de Janeiro de 1917, o Governo inglês estava encarregado do transporte por via marítima das tropas portuguesas entre Lisboa e Brest. No entanto, desde Setembro de 1917 que o Governo inglês deixava de pôr, à distribuição do Ministério da Guerra, os navios para o transporte das ditas tropas, as quais ficaram a

⁸⁷⁸ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 45-46.

⁸⁷⁹ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 72-73. Ver também Marques, Isabel Pestana: “1914-1918. Comportamentos de Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 105.

partir de então reduzidas à exígua capacidade da marinha nacional⁸⁸⁰. A principal razão desta atitude deveu-se à necessidade que a Grã-Bretanha teve de efectuar carregamentos de víveres e de forças americanas, uma vez que estas também se deslocavam para a guerra. Deste modo, justificava-se a retirada dos navios que tinham sido escolhidos para movimentar os reforços de Portugal⁸⁸¹. Por outro lado, devido à baixa capacidade da marinha portuguesa, incluindo as fracas possibilidades de escolta dos navios da Armada, o embarque de reforços com destino ao *Corpo Expedicionário Português* (CEP) decaiu verticalmente, impossibilitando também o sistema de rotação das tropas⁸⁸². Acrescenta-se a esta situação as medidas tomadas por Sidónio Bernardino Cardoso da Silva Pais que desde a sua subida ao poder, em Dezembro de 1917, reteve em suas mãos as pastas da Guerra e dos Negócios Estrangeiros⁸⁸³. Sem alterar o estatuto diplomático do país Sidónio da Silva Pais iniciava um novo rumo na política de guerra⁸⁸⁴. Subitamente, Sidónio da Silva Pais pretendeu acabar com o envio das tropas para a França: «em vez de enviar tropas frescas para substituir as fatigadas forças que combatiam quase ininterruptamente em França»⁸⁸⁵. Por sua vez, o corte no envio dos

⁸⁸⁰ Teixeira, Nuno Severiano: “Portugal e a Grande Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 30; Marques, Isabel Pestana: “1914-1918. Comportamentos de Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 104; Fraga, Luís Manuel Alves de: “A Participação de Portugal na Guerra”, Em Medina, João (dir.), *História Contemporânea de Portugal – da Constituição Republicana ao fim do Regime Parlamentar*, Tomo II, Lisboa, Edição Multilar, 1990, p. 39.

⁸⁸¹ Santos, José Rodrigues dos, *Crónicas de Guerra da Crimeia a Dachau*, Lisboa, Gradiva, 2002, pp. 112-113.

⁸⁸² Fraga, Luís Manuel Alves de: “A Participação de Portugal na Guerra”, Em Medina, João (dir.), *História Contemporânea de Portugal – da Constituição Republicana ao fim do Regime Parlamentar*, Tomo II, Lisboa, Edição Multilar, 1990, p. 39.

⁸⁸³ Em 5 de Dezembro de 1917 o Major do Exército Sidónio Bernardino Cardoso da Silva Pais (Professor Catedrático da Universidade de Coimbra, ministro plenipotenciário do Governo português de 1912 a 1916, e, em Berlim, antigo membro dos primeiros governos da República), encabeça o golpe militar de 5 de Dezembro, derruba o governo do Partido Democrático, maioritário, e demite o presidente da República. Fraga, Luís Manuel Alves de: “A Participação de Portugal na Guerra”, Em Medina, João (dir.), *História Contemporânea de Portugal – da Constituição Republicana ao fim do Regime Parlamentar*, Tomo II, Lisboa, Edição Multilar, 1990, p. 39.

⁸⁸⁴ Teixeira, Nuno Severiano: “Portugal e a Grande Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 30.

⁸⁸⁵ Santos, José Rodrigues dos, *Crónicas de Guerra da Crimeia a Dachau*, Lisboa, Gradiva, 2002, p. 146.

reforços correspondeu ao aumento da actividade do inimigo. Deste modo, em meados de Março de 1918 as forças do *Corpo Expedicionário Português* (CEP) estavam exaustas. Além do mais, a 16 de Janeiro de 1918 o Ministro da Guerra, Sidónio da Silva Pais, tinha autorizado as praças que tivessem posses financeiras a fugirem do *Corpo Expedicionário Português* (CEP). Assim, as praças atravessariam a Espanha de comboio e uma vez que conseguissem chegar a Portugal qualquer junta médica as livraria do regresso ao inferno da guerra. Por isso, era numa situação de abandono premeditado que o exausto *Corpo Expedicionário Português* (CEP), corroído pela política partidária, entrava numa situação de extrema decadência em Abril de 1918⁸⁸⁶. No entanto, já antes do início de 1918 os sentimentos de falta de protecção das tropas portuguesas se haviam generalizado, cujo estado moral assumia comportamentos deprimentes⁸⁸⁷. Às situações descritas acrescentava-se também uma deficiente coordenação e previsão das necessidades de aboletamento das tropas resultando, por vezes, graves problemas materiais⁸⁸⁸. Devido a algumas destas situações, já desde 8 de Julho de 1917 que Pedro de Freitas se esforçava por explicar quais as razões que condicionavam a extrema carência sofrida, principalmente nos primeiros dias em que

⁸⁸⁶ Fraga, Luís Manuel Alves de: “A Participação de Portugal na Guerra”, Em Medina, João (dir.), *História Contemporânea de Portugal – da Constituição Republicana ao fim do Regime Parlamentar*, Tomo II, Lisboa, Edição Multilar, 1990, p. 42.

⁸⁸⁷ Santos, José Rodrigues dos, *Crónicas de Guerra da Crimeia a Dachau*, Lisboa, Gradiva, 2002, pp. 112-113.

⁸⁸⁸ Marques, Isabel Pestana: “1914-1918. Comportamentos de Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova História Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 117.

estiveram acampados em Péronne⁸⁸⁹: *«Parece que pela pobreza da nossa mobilização, falta de interesse ou o que quer que fosse, os nossos confortos e tudo o mais de que se necessita, depende dos ingleses. [...] nenhuma barracas ou quaisquer outros abrigos há que nos protejam das intempéries. Este desapiedado acolhimento obriga os nossos enfraquecidos e já quase esqueléticos corpos a dormirem duas noites no chão, à chuva, à espera que cheguem as tão almejadas barracas de lona, fornecidas, naturalmente por caridade, pelos “Kamones”, nossos ilustres... aliados»*⁸⁹⁰. No dia seguinte (9 de Julho de 1917), e sem trocarem de roupa, o trabalho que os esperava era árduo: *«Ao outro dia, nove, sem mais conforto, sem se enxaguar a roupa do corpo completamente ensopada da chuva de toda uma noite, e sem mais preparativos, a companhia armada de pás e picaretas, uns a pé, outros em ‘zorras’ ou comboio, conforme a distância a que se destinam, inicia os árdios trabalhos de conservação ou levantamento de linhas férreas»*⁸⁹¹. Foi também durante os trinta e sete dias que estiveram acampados em Péronne que Pedro de Freitas descreveu a fome que tinham passado: *«o acampamento é situado em região onde não há que comprar qualquer coisa que nos alimente e nem mesmo nada que se possa “surripiar” – uma perfeita e completa desgraça até não há mulheres!... única e simplesmente a Malta da companhia está obrigada à comida da “Ordem” – água quente e sopa “Juliana” com algum bocado de carne cheia de bichos»*⁸⁹². Perante estas precárias condições de existência muitos soldados da companhia tentavam arranjar algumas ideias para obterem uma refeição razoavelmente decente. Alguns, com dificuldades, lá arranjavam uns anzóis para poderem pescar no rio

⁸⁸⁹ Péronne, localidade situada no departamento de Somme na região Picardie, Em *Wikipédia*, [on-line], <http://fr.wikipedia.org/wiki/P%C3%A9ronne_%28Somme%29>, [consulta: 13 de Janeiro de 2008].

⁸⁹⁰ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 63.

⁸⁹¹ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 63.

⁸⁹² Freitas, Pedro de de, “Carta de Expedicionário”, Em *O Primeiro de Maio*, Loulé, 13-09-1917. ou ver em Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 66.

Somme⁸⁹³. Deste modo, apanhado algum peixe, e dada a circunstância da fome passada naquela altura, eram quase inevitáveis os desacatos entre os amigos: «*Por várias formas e feitios, todavia, alguns rapazes arranjavam umas espécies de anzóis para no rio 'Somme' pescarem. Uma vez apanhado algum peixe, embora pouco, dada a necessidade e a precisão em que todos estão, por vezes esse mesmo pouco peixe, provoca discussão, é distribuído com toda a equidade, e não raras vezes os pobres peixes são o motivo do seu sopapo ou 'bolacha' na cara do parceiro e amigo*»⁸⁹⁴.

Sem embargo, Pedro de Freitas também observou as constantes alterações no sistema da concessão das licenças no tempo de campanha. Neste sentido, haviam não só os condicionalismos internos ao sistema da concessão como também as dificuldades na obtenção dos transportes marítimos e terrestres, e uma falta de reforços que substituíssem as baixas e os licenciados. A soma destes condicionalismos impedia de forma generalizada a concessão das licenças de campanha aos militares do *Corpo Expedicionário Português* (CEP)⁸⁹⁵. Nesta conjuntura, os interesses privados eram mais privilegiados do que os militares e estratégicos do *Corpo Expedicionário Português* (CEP). Quem tinha dinheiro e quem tinha conhecimentos nos quartéis-generais do *Corpo Expedicionário Português* (CEP) e na Secretaria de Guerra conseguia o transporte marítimo para Lisboa, sobrepondo-se aos praças que já estavam escalonados para partir⁸⁹⁶. Neste sentido, Pedro de Freitas consciencializava-se que a substituição

⁸⁹³ Rio Somme, localizado no departamento de Somme na região Picardie, Em *Wikipédia*, [on-line], <http://fr.wikipedia.org/wiki/D%C3%A9partement_de_la_Somme>, [consulta: 13 de Janeiro de 2008].

⁸⁹⁴ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 66.

⁸⁹⁵ Marques, Isabel Pestana: “1914-1918. Comportamentos de Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 115.

⁸⁹⁶ Marques, Isabel Pestana: “1914-1918. Comportamentos de Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 115.

das tropas nunca fora feita e que as licenças a Portugal eram destinadas essencialmente aos oficiais. No entanto, com o agravamento destas situações a concessão das licenças acabou mesmo por se extinguir: *«Pela inviabilidade do repatriamento generalizaram-se as tão celebres licenças de campanha, licenças que só uma diminuta percentagem apanhou, cabendo a maioria aos senhores oficiais, dado que os obstáculos a todo o momento surgiam. A princípio, eram estas as licenças para se vir a Portugal ver a família e retemperar-mos as forças; no resto, elas diluíram-se em licenças de 10 dias para serem gozadas em França»*⁸⁹⁷.

De dia para dia assistia-se à continuidade insustentável das situações de escasso alimento, da prossecução de trabalhos violentos condicionados por um clima frio e húmido, e da falta de condições básicas de saneamento e de conforto. Deste modo, as situações de doentes graves entre os elementos do exército português passavam a ser normais: *«Neste estado de debilidade, as doenças começaram a propagar-se e em breve os hospitais tinham mais doentes do que feridos»*⁸⁹⁸.

Começou também a ter maior expressão o número de expedicionários que com o objectivo de serem internados apresentavam-se voluntária e individualmente aos médicos das unidades, às ambulâncias e aos hospitais de serviço da campanha. Nuns casos as situações que levavam as tropas ao hospital eram reais, no entanto, noutros casos a doença era simulada. O hospital constituía um local de subterfúgio para os militares poderem sair dos horrores da guerra⁸⁹⁹. Deste modo, ao longo da campanha o estado de desmoralização dos doentes crescia progressivamente, por isso, entre Setembro de 1917 e Fevereiro do ano seguinte o *«toque a doentes»* multiplicava-se.

⁸⁹⁷ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 286.

⁸⁹⁸ Santos, José Rodrigues dos, *Crónicas de Guerra da Crimeia a Dachau*, Lisboa, Gradiva, 2002, p. 112.

⁸⁹⁹ Marques, Isabel Pestana: “1914-1918. Comportamentos de Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 129.

Porém, a partir de Março de 1918 esta situação atingia um grande número de elementos em quase todas as unidades do *Corpo Expedicionário Português (CEP)*⁹⁰⁰. Neste sentido, Pedro de Freitas manifestou que todos os dias haviam doentes, denunciando as situações de falta de respeito perante os que se encontravam com graves problemas de saúde: «*Os bem doentes até são obrigados pelo comandante da companhia, a levarem a mochila em ordem de marcha. Depois de lhes observar o pulso, como se fosse o médico a inspeccioná-los, lá os mandava embora, quase desamparados, a caminho do hospital inglês mais próximo que, todavia, ainda ficava a alguns quilómetros de distância do acampamento*»⁹⁰¹. Porém, quando as tropas eram obrigadas a enfrentar diariamente as condições de vida insuportáveis das trincheiras facilmente ficavam susceptíveis às múltiplas doenças, acabando por morrer sem assistência⁹⁰².

Todas estas situações suscitavam, segundo Pedro de Freitas, uma revolta generalizada da parte dos doentes que consideravam a assistência médica desumana: «*os concorrentes ao toque de doentes, eram sempre em número razoável. O médico, porém, é que não estava pelos ajustes de tal numerário. Em raros aprovava doença. E só*

⁹⁰⁰ Marques, Isabel Pestana: “1914-1918. Comportamentos de Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova História Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 129.

⁹⁰¹ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 66.

⁹⁰² Martins, Isilda Maria Renda, *Loulé no século XX, A Primeira República 1910 a 1926*, Vol. II, Lisboa, Colecção Millennium, 2004, p. 104.

quando o padecente, de todo já não podia mais, é que os medicamentava e os mandava para o hospital. Esta relutância da parte do médico excitava os doentes»⁹⁰³.

As doenças infecciosas além de se propagarem com facilidade começavam a sobrepor-se relativamente aos outros tipos de enfermidades. Neste sentido, Pedro de Freitas apontou algumas das razões que motivavam o aparecimento da tuberculose: *«O trabalho violento e fora das várias especialidades ferroviárias que os soldados na sua maioria exerciam na vida civil; a deficiência de cómodos e alimentação; as atribuições enfim de toda uma guerra bem sentida, eram razões fortes de decadência da Malta: As baixas ao hospital, a tuberculização»⁹⁰⁴*. Assim sendo, no seio das tropas portuguesas as baixas passavam a ser frequentes, as quais eram motivadas não só por tuberculose mas também por outras doenças infecciosas do aparelho respiratório: *«Sabemos que foram abatidos ao efectivo do Exército, por incapacidade, 588 militares, padecendo de doenças pulmonares, de entre os quais 328 por tuberculose e 190 por bronquite; sabemos, também, que morreram com influenza (gripe) 32 indivíduos com tuberculose pulmonar e da pleura 134 e com outras doenças do aparelho respiratório mais de 50 militares (22 com broncopneumonia e 12 com pneumonia). Em resumo, as baixas por doenças do foro pulmonar foram de 804 militares, todas elas relacionáveis com as más condições de vida das tropas»⁹⁰⁵*. Acrescenta-se que face a este estado de debilidade continuada era normal que a moral dos soldados estivesse em baixo⁹⁰⁶. No entanto, depois de uma certa altura as barreiras psicológicas, morais, ou mesmo sociais iam desaparecendo. Os homens ao desprezarem a própria vida caíam numa total

⁹⁰³ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 94-95.

⁹⁰⁴ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 94-95.

⁹⁰⁵ Fraga, Luís Manuel Alves de, *Guerra & Marginalidade O Comportamento das Tropas Portuguesas em França 1917-1918*, Lisboa, Prefácio, 2003, p. 84. Ver também Fraga, Luís Manuel Alves de: "A Participação de Portugal na Guerra", Em Medina, João (dir.), *História Contemporânea de Portugal – da Constituição Republicana ao fim do Regime Parlamentar*, Tomo II, Lisboa, Edição Multilar, 1990, p. 36.

⁹⁰⁶ Santos, José Rodrigues dos, *Crónicas de Guerra da Crimeia a Dachau*, Lisboa, Gradiva, 2002, p. 112.

indiferença⁹⁰⁷. Neste contexto, Pedro de Freitas acabou por constituir um desses casos: «Esta exigência de serviços que excede as nossas forças depauperadas pela miséria e deplorável comida da Ordem, e aliando estes factos à situação melindrosa em que me encontro: acampamento péssimo, comodidades nenhuma, saudades múltiplas e de toda a ordem, a neurastenia tomando conta do meu espirito, torna-me deveras preocupado, aborrecido, indiferente a tudo a pontos de chegar a desprezar a vida, as saudades da família e da Pátria para só ter em vista o estado de desespero, em que desejaria a morte até, por me tirar os difíceis sofrimentos morais e materiais»⁹⁰⁸. Deste modo, foi num estado de completo desânimo que Pedro de Freitas escreveu uma carta à família, a qual foi censurada: «Neste estado de espírito anormalíssimo, o alferes senhor Carlos Alves, censurando-me uma carta que escrevo para a família, e por ela apercebendo-se do meu estado d' alma desesperado, chama-me, admoesta-me, diz-me coisas, e com toda a sua naturalidade pretende despertar o meu espírito, que, reanimado, amolda-se às suas boas palavras, tão revestidas de excelentes incitamentos»⁹⁰⁹. Neste sentido, salienta-se que a recepção e o envio de missivas durante a campanha não era privada. Tudo o que se escrevia estava sujeito à acção da censura dos oficiais superiores e dos funcionários do correio militar. Sem embargo, este era o único meio de comunicação autorizado para contactar com os familiares no quotidiano da guerra⁹¹⁰. Por isso, quando as missivas não respeitavam as normas estipuladas no regulamento da censura postal

⁹⁰⁷ Fraga, Luís Manuel Alves de, *Guerra & Marginalidade O Comportamento das Tropas Portuguesas em França 1917-1918*, Lisboa, Prefácio, 2003, p. 30; Marques, Isabel Pestana: “1914-1918. Comportamentos de Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 118.

⁹⁰⁸ Freitas, Pedro de, “Carta de Expedicionário”, Em *O Primeiro de Maio*, Loulé, 13-09-1917; ou, Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 67.

⁹⁰⁹ Freitas, Pedro de, “Carta de Expedicionário”, Em *O Primeiro de Maio*, Loulé, 13-09-1917; ou, Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 67.

⁹¹⁰ Marques, Isabel Pestana: “1914-1918. Comportamentos de Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 124; Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 307.

vigente, tanto os escrevedores como os receptores tinham de se sujeitar à acção punitiva disciplinar. Assim sendo, os sistemas de punição podiam ir da retenção da missiva até à prisão disciplinar⁹¹¹.

Porém, após aquela situação de desalento, Pedro de Freitas continuou a sustentar comportamentos depressivos provocados pela anormal condição psicológica em que se encontrava: «*afim de aliviar-me, isolo-me dentro dos escombros de um prédio e ahi desafogo, por vezes, o pesadelo que me oprime o coração. Terrível doença é a neurastenia!*»⁹¹².

Uma maneira muito frequente das tropas poderem aliviar a cruel realidade do quotidiano da guerra era recorrerem a um vocabulário específico de carácter irónico, o qual ajudava-as a interiorizarem uma realidade comportamental violenta e de difícil compreensão. Ao mesmo tempo, o carácter humorístico do discurso usado afirmava-se como um escape de fuga das situações do quotidiano da guerra⁹¹³. O uso desta linguagem peculiar entre as tropas durante o quotidiano da guerra foi bastante enfatizado no livro *As minhas Recordações da Grande Guerra* da autoria de Pedro de Freitas⁹¹⁴.

⁹¹¹ Marques, Isabel Pestana: “1914-1918. Comportamentos de Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 124.

⁹¹² Freitas, Pedro de, “Carta de Expedicionário”, Em *O Primeiro de Maio*, Loulé, 13-09-1917; Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 67.

⁹¹³ Marques, Isabel Pestana: “1914-1918. Comportamentos de Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 132.

⁹¹⁴ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935.

A desordem disciplinar também era um problema que se alastrava no exército, designadamente entre o corpo de oficiais⁹¹⁵. As autoridades britânicas e francesas estavam sobretudo incomodadas com os crescentes casos de desobediência a oficiais e, por sua vez, com a postura desleixada destes. As ditas autoridades protestavam igualmente pela falta de cumprimento das normas básicas de higiene colectiva e individual, incluindo a inexistência de latrinas adequadas, a fuga aos trabalhos de limpeza e de manutenção do lixo, e o abandono de acantonamentos, permanecendo os mesmos em condições impróprias para receberem outros camaradas⁹¹⁶. O desrespeito pelas normas impostas e a indiferença no cumprimento das necessidades básicas de sobrevivência eram sintomáticas da baixa moral das tropas⁹¹⁷. Como consequência da deserção, durante os anos de 1917 e 1918 foram condenados nos tribunais do *Corpo Expedicionário Português* (CEP) um total de 372 militares de tropas⁹¹⁸. O espírito de indisciplina também se manifestou em Pedro de Freitas, por isso foi-lhe administrado um castigo que ele afirmou ter sido o único a ser-lhe aplicado durante o tempo de serviço militar⁹¹⁹. No duríssimo trabalho no quotidiano da Grande Guerra era exigido que Pedro de Freitas e que o seu colega José Joaquim Paninho executassem o que lhes era quase impossível: «é ordenado que, eu, independentemente da minha missão de clarim, tenha de acumular mais as funções de serrador e varredor, funções que devo

⁹¹⁵ Santos, José Rodrigues dos, *Crónicas de Guerra da Crimeia a Dachau*, Lisboa, Gradiva, 2002, p. 112.

⁹¹⁶ Santos, José Rodrigues dos, *Crónicas de Guerra da Crimeia a Dachau*, Lisboa, Gradiva, 2002, p. 112; Marques, Isabel Pestana: “1914-1918. Comportamentos de Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 129.

⁹¹⁷ Marques, Isabel Pestana: “1914-1918. Comportamentos de Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 129.

⁹¹⁸ Teixeira, Nuno Severiano: “Portugal e a Grande Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 30.

⁹¹⁹ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 68.

desempenhar com o meu colega José Paninho»⁹²⁰. A função destes serviços manifestava-se incompatível com as qualidades físicas e morais dos dois soldados em causa: «Este serviço, feito com enjoo pelo que tinha de humilhante, tem de ser feito com uma certa rapidez para depois me entregar com o meu colega Paninho ao mister de serrador, serviço violento e difícil, afim de se serrarem barrotes para a montagem de barracas que apenas têm de realizáveis o facto de serem feitas na mente do senhor Serrano»⁹²¹. Deste modo, Pedro de Freitas mostrou-se insatisfeito com o excesso de trabalho que lhe era administrado. Além do mais, ele encontrava-se débil e, como acima fora descrito, psicologicamente abalado: «Esta exigência de serviços que excede as nossas forças depauperadas pela mísera e deplorável comida da “Ordem”, e aliando estes factos à situação melindrosa em que me encontro»⁹²². Foi nesta altura que o Tenente Serrano pô-los de castigo. A razão apresentada fora a má vontade no desempenho do serviço que lhes tinha sido incumbido. Por sua vez, a punição consistia em por os dois soldados a trabalhar ainda mais arduamente: «E não satisfeito com o dito castigo, mais determina que eu e Paninho ingressemos no trabalho de pá e picareta, com recomendação especial ao encarregado do grupo para nos fazer trabalhar bem... e o mais possível»⁹²³.

⁹²⁰ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 67.

⁹²¹ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 67.

⁹²² Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 67.

⁹²³ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 68.

No dia 22 de Dezembro de 1917 a 4.^a companhia partia de camião de Saint-Pol-Sur-Ternoise para a sua sede em Acq, onde eram realizados serviços de execução arriscada⁹²⁴.

Durante o mês de Março de 1918 os ataques dos alemães iriam intensificar-se⁹²⁵. No Domingo dia 17 de Março de 1918, às 13 horas, dava-se início ao primeiro ensaio que constituiria a fundação da Banda do *Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro*, pertencente à 4.^a companhia⁹²⁶. Apesar de tudo, Pedro de Freitas anunciava que alguns elementos do exército português previam que algo de anormal estava para antever: «*Há tempos que os nossos vizinhos ingleses desenvolviam uma maior actividade nas defesas a seu cargo. [...] pois víamos que dia a dia iam revestindo os seus boletos, tanto exterior como interiormente, com os indispensáveis sacos de terra; abrindo trincheiras e fazendo outros preparativos de defesa. Certamente o dia de amanhã – segundo a opinião da Malta da companhia – seria de grandes novidades porque bem sintomaticamente se nos afigurava tal confusão*»⁹²⁷. De facto, este presságio corresponderia a um dos acontecimentos trágicos desta guerra, o 21 de Março de 1918. Com o objectivo de lançar a ofensiva principal na Primavera, o Alto Comando alemão escolheu o sector compreendido entre Arras e La Fere, dado que nesta região o terreno

⁹²⁴ Ternoise, localizada no departamento Pas-de-Calais da região Nord-Pas-de-Calais, Em *Wikipédia*, [on-line], <<http://fr.wikipedia.org/wiki/Saint-Pol-sur-Ternoise>>, [consulta: 13 de Janeiro de 2008]; Acq, localidade situada no departamento de Pas-de-Calais da região Nord-Pas-de-Calais - a 8 quilómetros de Arras, Em *Wikipédia*, [on-line], <[http://fr.wikipedia.org/wiki/Acq_\(France\)](http://fr.wikipedia.org/wiki/Acq_(France))>, [consulta: 13 de Janeiro de 2008]; Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 89-90.

⁹²⁵ Teixeira, Nuno Severiano: “Portugal e a Grande Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 30.

⁹²⁶ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 251. Ver 7.1.d. Pedro de Freitas integrado na Banda do Batalhão, em Anexos; ver também 7.8. Uma fotobiografia de Pedro de Freitas, fotografia n.º 4, em Anexos

⁹²⁷ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 103.

oferecia boas condições e estava na zona de junção dos exércitos inglês e francês⁹²⁸. Para despistar foram executadas pelo Alto Comando aliado manobras de diversão noutros sectores da frente⁹²⁹. Porém, os aviões inimigos pairavam sobre o ar e passava a ser recomendado o uso de alguma protecção: «*Todas as noites, estes nossos amigos “boches”, com as suas constantes visitas, faziam-nos andar apreensivos, espalhando, com a sua metralhada, o terror e a confusão pela localidade, até então acostumada a uma relativa tranquilidade. A aplicação de máscaras contra os gases asfixiantes era muito recomendada*»⁹³⁰. Enfim, os exercícios de táctica militar faziam-se mais regularmente e passaram a distribuir às populações locais máscaras de protecção contra o gaz. O dia 20 de Março de 1918 tinha sido calmo: «*por isso, não nos deixava antever o que horas depois sucederia*»⁹³¹. Contudo, no dia seguinte, a 21 de Março de 1918, o exército alemão desencadeou o ataque no sector referido anteriormente, conhecido por Somme, massacrando as forças inglesas com um bombardeamento inicial de grandiosas dimensões, ao que se seguiu o avanço da infantaria. Foi graças à não prossecução total da táctica enunciada pelos Alemães que foi possível que os Ingleses sustivessem o ataque⁹³².

Pedro de Freitas recordou os acontecimentos desse dia que apanhou a todos desprevenidos. Como tal, pelas quatro e trinta minutos da madrugada de quinta-feira, dia de 21 de Março de 1918, começavam os bombardeamentos dos aviões alemães. Esta

⁹²⁸ Arras, localidade situada no departamento de Pas-de-Calais da região Nord-Pas-de-Calais, Em *Wikipédia*, [on-line], <<http://fr.wikipedia.org/wiki/Arras>>, [consulta: 13 de Janeiro de 2008]; La Fere, localidade situada no departamento de Aisne da região Picardie, Em *Wikipédia*, [on-line], <http://fr.wikipedia.org/wiki/La_F%C3%A8re>, [consulta: 13 de Janeiro de 2008].

⁹²⁹ Fraga, Luís Manuel Alves de: “A Participação de Portugal na Guerra”, Em Medina, João (dir.), *História Contemporânea de Portugal – da Constituição Republicana ao fim do Regime Parlamentar*, Tomo II, Lisboa, Edição Multilar, 1990, p. 42.

⁹³⁰ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 103.

⁹³¹ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 104.

⁹³² Fraga, Luís Manuel Alves de: “A Participação de Portugal na Guerra”, Em Medina, João (dir.), *História Contemporânea de Portugal – da Constituição Republicana ao fim do Regime Parlamentar*, Tomo II, Lisboa, Edição Multilar, 1990, p. 42.

data era significativa para Pedro de Freitas uma vez que a 3.^a e a 4.^a companhias do Batalhão perfaziam onze meses desde o dia do embarque de Portugal até à França⁹³³. Nesta noite, ou seja, na passagem do dia 20 para 21 de Março de 1918, Pedro de Freitas não dormia com uma fortíssima dor de dentes, sendo surpreendido com as primeiras granadas da guerra, tal como ele pormenorizadamente descreveu: *«Sugestionado pela acção do bombardeamento, a dor de dentes desaparece; e no acampamento estabelece-se uma indiscriminável confusão. Granadas que explodem danificando o que apanham; outras que não chegam a explodir e que são as dos terríveis gases; granadas que vão longe, outras perto, e ainda passando por cima de nós em seguimento a destinos vários; soldados correndo em procura de máscaras; outros atrapalhados na sua colocação; civis meio vestidos uns, outros em trajes menores, correm à arrecadação dos portugueses a pedir-lhes máscaras; ingleses correndo de um lado para o outro, e assim principia, neste dia inicial de primavera, uma nova modalidade da guerra que bastante nos sobressalta, que nos inquieta sobremodo»*⁹³⁴.

Neste contexto, Pedro de Freitas estava ciente das estratégias pretendidas com os ataques aéreos dos alemães: *«E com esta nova fase da guerra começam-se a suportar os efeitos das ofensivas ‘boches’, que desta feita o são na frente de Árras com ramificações pelo Somme, objectivando o sector inglês, onde pertencemos»*⁹³⁵.

⁹³³ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 107.

⁹³⁴ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 105.

⁹³⁵ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 105.

Os alemães avançavam pelo Somme e em pouco tempo atingiam a cidade de Amiens: «*A grande cidade de Amiens, centro acentuadamente estratégico*»⁹³⁶. Por isso, comentava-se que em breve as forças aéreas alemãs atingiam Calais: «*Este avanço dos alemães que segundo a voz corrente acusava cerca de oitenta quilómetros em pouco mais de três dias, dera azo aos mais terrificantes boatos: Separação do exército inglês do francês, e a conquista do caminho directo de Calais a-fim-de atingirem as costas de Inglaterra*»⁹³⁷. Tinha-se consciência que dependia-se, cada vez mais, do percurso que os alemães tomavam em cada momento: «*E a nossa sorte começa a depender, mais directamente, da acção dos nossos inimigos!*»⁹³⁸. Contudo, o avanço destes fazia-se a um ritmo assustador: «*A «tempestade» produzida pelo avanço alemão é alguma coisa de fazer sucumbir quase os mais optimistas*»⁹³⁹. Havia ainda uma sensação de impotência. Neste contexto, o factor sorte constituía sempre um elemento importante, tal como sucedera com a 2.^a companhia: «*na noite da sua retirada, em boa ordem, vê-se atacada por um avião “boche” que a pretende alvejar em plena estrada de Doullens. Sai ileso [...] dada a forma rápida como a tempo se refugia na trincheira da própria estrada*»⁹⁴⁰.

Segundo Pedro de Freitas já perfazia quatro meses e vinte e seis dias que a 4.^a companhia permanecia na pequena vila de Acq, isto é desde 22 de Dezembro de

⁹³⁶ Cidade de Amiens, capital do departamento de Somme da região Picardie, Em *Wikipédia*, [on-line], <<http://en.wikipedia.org/wiki/Amiens>>, [consulta: 13 de Janeiro de 2008]; Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 107.

⁹³⁷ Calais, localizada no departamento Pas-de-Calais da região Nord-Pas-de-Calais, Em *Wikipédia*, [on-line], <<http://fr.wikipedia.org/wiki/Calais>>ou<http://fr.wikipedia.org/wiki/Image:Carte_nord_pas_de_calais.svg> [consulta: 13 de Janeiro de 2008]; Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 107.

⁹³⁸ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 107.

⁹³⁹ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 107.

⁹⁴⁰ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 108.

1917⁹⁴¹. Contudo, dada a situação de perigo que se tinha manifestado à 2.^a companhia, os elementos da 4.^a companhia também teriam de partir para outro lugar: «*Nesta emergência a minha companhia recebe ordem para retirar de Acq, onde permanecia nas estreitas relações de amizade com a população civil*»⁹⁴². O local destinado era Aubigny-en-Artois⁹⁴³. Além do mais, uma vez que a mudança era súbita, a companhia procurou fazer a transferência dividida em secções. Chegou a vez de se retirar a última secção, na qual estava integrado Pedro de Freitas e outros elementos que faziam parte da banda filarmónica do *Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro*. Como era noite e o ambiente estava calmo os músicos da banda filarmónica decidiram conceder um evento como reconhecimento da amizade que tinham pela população local: «*E como tudo está entregue à retirada, os componentes da banda de música combinam clandestinamente, entre si, darem uma volta à povoação para se despedirem da população*»⁹⁴⁴. Deste modo, os elementos da banda filarmónica tocavam uma marcha, sendo acompanhados por camaradas portugueses, ingleses e franceses. Foi um evento que afinal agradou a todos, até ao oficial: «*Esta cosmopolita manifestação que provoca em toda a povoação a mais hilariante risota, é assaltada por uma ordenança a cavalo que intimida, em nome do alferes Macedo, a recolher ao acampamento, o que se faz à formiga, justificando-se cada componente da música como melhor pode e entende. O pagode que compõe a manifestação intercede junto do bondoso oficial e tudo fica liquidado em bem. Para mal já bastavam as atribuições produzidas pela nova fase da*

⁹⁴¹ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 89-90.

⁹⁴² Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 108.

⁹⁴³ Aubigny-en-Artois, localidade situada no departamento de Pas-de-Calais da região Nord-Pas-de-Calais, Em *Wikipédia*, [on-line], <<http://fr.wikipedia.org/wiki/Aubigny-en-Artois>>, [consulta: 13 de Janeiro de 2008].

⁹⁴⁴ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 108.

guerra»⁹⁴⁵. Pouco tempo depois as últimas praças da secção eram ordenadas a retirarem-se em marcha para prosseguirem para Aubigny-en-Artois, sendo visível a devastação humana que até aquele momento a guerra tinha exercido: *«Os onze músicos que constituem a banda, marcham à frente do reduzido número de soldados da secção. Estes fragmentos, durante o trajecto, deixam, às pessoas que tal vêem, a impressão de serem restos de regimentos ou companhias que no “front” teriam sofrido grandes baixas»*⁹⁴⁶. Eram vinte e uma horas do dia 25 de Março de 1918 quando os elementos da 4.^a companhia entraram em Aubigny-en-Artois. A noite tinha luar e tiveram uma recepção agradável da parte da população local: *«E toda a Malta, em marcha a pé, chega a Aubigny, sede do Batalhão, com a banda de música à frente, tocando o ordinário Marcha do vapor, muito em voga em Portugal, e que todos os soldados cantam. Esta ruidosa entrada provoca na população civil desta bela vila, ávida de curiosidades, o apetite de nos receber em sua terra com toda a deferência»*⁹⁴⁷.

Contudo, na noite de 26 para 27 de Março de 1918 apareceram novamente os aviões boches: *«Por cerca das 24 horas todos dormem tranquilamente. O luar é esplêndido. Como enviados pelo demónio que nos persegue, alguns aviões alemães surgem no espaço»*⁹⁴⁸. Estas cenas eram tão perigosas como receosas, por isso Pedro de Freitas deixou registado o seu parecer: *«Os ataques aérios, para mim, considero-os mais terríveis do que os produzidos pelos canhões. Durante o seu poder forte de acção directa, eu sou sempre preso de grande comoção. E assim é sempre desejo meu não falar, não ouvir ninguém, mas, contudo, no refúgio das caves, estar rodeado de*

⁹⁴⁵ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 109.

⁹⁴⁶ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 109.

⁹⁴⁷ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 109.

⁹⁴⁸ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 110.

*camaradas no mais absoluto sossego – o que é impossível – afim de distinguir praticamente pelo “rong-rong” dos aparelhos as direcções que seguem. Enfim, uma sensação tão impressionante como desagradável»⁹⁴⁹. Com o avanço dos alemães a tornar-se de dia para dia mais assustador, a sede do Batalhão, por precaução, dividiu-se em dois escalões. O primeiro escalão, onde estava incorporado Pedro de Freitas, ficava em Aubigny-en-Artois enquanto o segundo escalão, que primeiramente tinha ido para Anvin, seguia para Pernes-Lès-Boulogne⁹⁵⁰: «*Atualmente o primeiro escalão fica, no mesmo local, dia a dia mais apertado pelo fogo dos canhões e aviões inimigos. Dir-se-ia estar fadado para maiores percalços da nova fase da guerra*»⁹⁵¹.*

Porém, o mês de Abril de 1918 começava a decorrer. No dia 7 desse mês, no seguimento de várias incumbências oficiais, Pedro de Freitas e José Joaquim Paninho partiam para a cidade de Calais. Como neste trajecto ficava Boulogne-Sur-Mer, eles decidiram visitá-la e só depois iriam a Calais⁹⁵². Neste percurso, Pedro de Freitas e o

⁹⁴⁹ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 110.

⁹⁵⁰ Anvin, localidade situada no departamento de Pas-de-Calais da região Nord-Pas-de-Calais, Em *Wikipédia*, [on-line], <<http://fr.wikipedia.org/wiki/Anvin>>, [consulta: 13 de Janeiro de 2008]; Pernes-Lès-Boulogne, localidade situada no departamento de Pas-de-Calais da região Nord-Pas-de-Calais, Em *Wikipédia*, [on-line], <<http://fr.wikipedia.org/wiki/Pernes-l%C3%A8s-Boulogne>>, [consulta: 13 de Janeiro de 2008].

⁹⁵¹ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 112.

⁹⁵² Boulogne-Sur-Mer, Localizada no departamento Pas-de-Calais da região Nord-Pas-de-Calais, Em *Wikipédia*, [on-line], <<http://fr.wikipedia.org/wiki/Boulogne-sur-Mer>>, [consulta: 13 de Janeiro de 2008]; Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 112-113.

companheiro só iriam regressar a Aubigny-en-Artois no dia 9 de Abril de 1918⁹⁵³. Contudo, ao chegarem a Aubigny-en-Artois ficaram surpreendidos por saberem que a companhia recebera ordens urgentes e, conseqüentemente, tinha partido para os lados do sector português⁹⁵⁴. Perante este percalço, pela manhã do dia 10 de Abril de 1918 Pedro de Freitas e José Joaquim Paninho decidiram avançar de camiã na procura do segundo escalão da 4.^a companhia, aquartelado em Pernes⁹⁵⁵. Porém, neste percurso pressentia-se que algo de anómalo tinha acontecido⁹⁵⁶. Chegados a Pernes-Les-Boulogne, onde estava aquartelado o segundo escalão do Batalhão, comunicaram-lhes que a companhia onde eles pertenciam encontrava-se em Lillers desde o dia 8 de Abril de 1918⁹⁵⁷. Uma vez que o camiã onde seguiam tinha de ficar naquela sede, Pedro de Freitas e José Joaquim Paninho tiveram de caminhar o restante percurso que faltava até à sua companhia. Neste trajecto, além de se perderem foram hostilizados e até insultados por todos: *«Como assim, aqui ou acolá, por este ou aquele caminho, ao fazermos um cumprimento e por toda a parte enfim, apenas nos vemos alvos do indiferentismo de uns, dos olhares ameaçadores de outros, e até de insultos em linguagem por nós incompreendida mas facilmente percebida. Quer civis franceses, quer militares ingleses, todos, sem distinção, nos mostram rostos em que transparece o rancor. Dos civis não é difícil recebermos os seus olhares de ódio; e até faces lívidas de*

⁹⁵³ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 113.

⁹⁵⁴ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 113.

⁹⁵⁵ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 113.

⁹⁵⁶ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 114.

⁹⁵⁷ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 113.

sofrimento a suportarem o deslize de repassadas lágrimas nos apostrofam a seu talante.

E é assim que todos nos acolhem! Surpresas e mais surpresas!...»⁹⁵⁸.

Deste modo, por mais que se esforçasse, Pedro de Freitas não conseguia entender a razão daqueles ataques: *«que motivos haveria para que fôssemos assim vítimas de impropérios daquela ordem, demais indefesos, seguindo nosso caminho sabe Deus como e sem provocarmos ninguém»⁹⁵⁹.*

Depois de tanto marcharem, cerca de 25 quilómetros, chegaram a Lillers já era noite. Porém, só no dia seguinte souberam do trágico ataque sofrido pela 4.^a companhia estacionada em Lillers⁹⁶⁰: *«Por infelicidade nossa, o sector português, na madrugada do dia nove, sofrera, por forças inimigas muitas vezes superiores à que possuía no momento da sua rendição (e que desafortunada coincidência!) um golpe de morte, que redundou no facto de milhares dos elementos que o guarneciam serem barbaramente massacrados»⁹⁶¹.*

Este ataque sucedido no 9 de Abril pode ser explicado a partir da indisciplina que era comum a todos os exércitos. No caso português a contestação eclodiu devido ao abandono que o *Corpo Expedicionário Português* (CEP) sofreu a partir do Governo inglês e do regime de Sidónio Bernardino Cardoso da Silva Pais⁹⁶². Alguns soldados responsabilizavam os políticos por esta triste situação, passando a ser frequente um sentimento de revolta e de insubordinação. Acrescenta-se que a *Convenção de 21 de*

⁹⁵⁸ Lillers, localidade situada no departamento de Pas-de-Calais da região Nord-Pas-de-Calais, Em *Wikipédia*, [on-line], <<http://fr.wikipedia.org/wiki/Lillers>>, [consulta: 13 de Janeiro de 2008]; Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 114.

⁹⁵⁹ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 114.

⁹⁶⁰ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 121.

⁹⁶¹ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 115.

⁹⁶² Santos, José Rodrigues dos, *Crónicas de Guerra da Crimeia a Dachau*, Lisboa, Gradiva, 2002, p. 146.

Janeiro de 1918 reduziu a presença portuguesa da frente a uma só Divisão, à 2.^a, que integrava quatro brigadas. Porém, esta frente que até 6 de Abril de 1918 estava dividida em quatro sectores passou, para a mesma extensão, a estar reduzida a três. Assim sendo, o dispositivo de defesa ficou com a 5.^a brigada para Ferme du Bois; a 6.^a brigada para Neuve Chapelle e a 4.^a brigada para Fauquissart⁹⁶³. Apesar da 2.^a Divisão estar reforçada com uma brigada integrante da 1.^a Divisão, os efectivos ficaram muito reduzidos⁹⁶⁴. Deste modo, a acção corrosiva dos bombardeamentos dos alemães foi sentida não só pelas baixas como também pela impossibilidade de se repousar ou de se comer uma refeição quente, o que provocou a quebra da moral dos combatentes, confirmada no relatório que lhes foi pedido no final do mês de Março⁹⁶⁵.

No dia 6 de Abril de 1918, o comandante do XI corpo britânico, General Richard Cyril Byrne Haking, reuniu-se com o General Gomes da Costa no quartel-general da 2.^a Divisão e estipulou que as tropas portuguesas deviam de ocupar defensivamente a linha B. No dia seguinte, esse mesmo comandante do XI corpo britânico conferenciou com o General Gomes da Costa, com os comandantes das brigadas e com os oficiais do estado-maior, e, num pequeno discurso improvisado no final, o comandante do XI corpo britânico enfatizou que a 2.^a Divisão tinha de morrer na linha B⁹⁶⁶.

A situação era trágica e a indisciplina do exército português era geral. Os oficiais que vinham a Portugal de licença já não voltavam, deixando as tropas abandonadas na

⁹⁶³ Fauquissart fica localizada no departamento Pas-de-Calais da região Nord-Pas-de-Calais, ver em Fauquissart Military cemetery, [on-line], <<http://www1cemetery.com/www1frenchcemeteries/fauquissart.htm>>, [consulta: 13 de Janeiro de 2008].

Fraga, Luís Manuel Alves de, *La Lys – A última Batalha do Exército Português*, Actas do IV Colóquio A História Militar de Portugal no século XIX, 1993, p. 12.

⁹⁶⁴ Fraga, Luís Manuel Alves de, *La Lys – A última Batalha do Exército Português*, Actas do IV Colóquio A História Militar de Portugal no século XIX, 1993, p. 12.

⁹⁶⁵ Fraga, Luís Manuel Alves de, *La Lys – A última Batalha do Exército Português*, Actas do IV Colóquio A História Militar de Portugal no século XIX, 1993, p. 12.

⁹⁶⁶ Martins, Luís Augusto Ferreira, *História do Exército Português*, Lisboa, Editorial Inquérito Limitada, 1945, p. 531; Fraga, Luís Manuel Alves de: “A Participação de Portugal na Guerra”, Em Medina, João (dir.), *História Contemporânea de Portugal – da Constituição Republicana ao fim do Regime Parlamentar*, Tomo II, Lisboa, Edição Multilar, 1990, p. 43.

frente⁹⁶⁷. A primeira rebelião grave que tinha ocorrido fora a 4 de Abril de 1918 e depressa se estendeu aos quatro batalhões⁹⁶⁸. A 2.^a Divisão nas vésperas da batalha do 9 de Abril de 1918 estava com os efectivos desfalcados e o pessoal encontrava-se moralmente deprimido e revoltado. Aquela divisão não tinha hipóteses de resistir a mais que um raid de médias proporções. Só perante estas evidências, tão nítidas, é que o Comando inglês decidiu retirar os portugueses das primeiras linhas e colocar a divisão como reserva do XI corpo do exército. Deste modo, a 8 de Abril de 1918 fora dada a ordem de rendição que se deveria aplicar no dia 9 de Abril de 1918. Sem embargo, era demasiado tarde, a 2.^a Divisão do *Corpo Expedicionário Português* (CEP) estava entregue à invasiva alemã⁹⁶⁹.

Como os alemães fracassaram no Somme a 21 de Março de 1918, na tentativa de separarem os exércitos britânico e francês decidiram voltar-se para o dispositivo anglo-luso La Bassée-Armentières, que consideravam enfraquecido⁹⁷⁰. A *Operação Georgette* começou às 4 e meia da manhã do dia 9 de Abril. Os alemães começaram por fazer um

⁹⁶⁷ Mattoso, José (dir.), *História de Portugal, A segunda Fundação*, Vol. 6, Lisboa, Editorial Estampa, 1994, p. 526.

⁹⁶⁸ Santos, José Rodrigues dos, *Crónicas de Guerra da Crimeia a Dachau*, Lisboa, Gradiva, 2002, p. 146; Marques, Isabel Pestana: “1914-1918. Comportamentos de Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova História Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 133.

⁹⁶⁹ Fraga, Luís Manuel Alves de: “A Participação de Portugal na Guerra”, Em Medina, João (dir.), *História Contemporânea de Portugal – da Constituição Republicana ao fim do Regime Parlamentar*, Tomo II, Lisboa, Edição Multilar, 1990, p. 43.

⁹⁷⁰ La Bassée-Armentières, localidade situada no departamento Nord da região Nord-Pas-de-Calais, Em Armentières, [on-line], <<http://mosleyfamilies.net/showmedia.php?mediaID=42>>, [consulta: 13 de Janeiro de 2008]; Martins, Luís Augusto Ferreira, *História do Exército Português*, Lisboa, Editorial Inquérito Limitada, 1945, p. 532.

bombardeamento intenso, principalmente durante as primeiras duas horas⁹⁷¹. Era também lançado gás mostarda sobre as trincheiras portuguesas: «*Toda a zona estava debaixo de nevoeiro. [...] Às 7 e meia da manhã as tropas de choque alemãs começaram a avançar e uma hora depois o 6.º Exército lançou nove divisões sobre as três divisões aliadas que defendiam Neuve Chapelle, incluindo a 2.ª Divisão portuguesa, rapidamente desbaratada*»⁹⁷². Este bombardeamento de artilharia tinha inutilizado, desde o início, a maior parte das ligações telefónicas aéreas, desaparecendo também as da TSF⁹⁷³. O denso nevoeiro contribuía para o êxito do atacante porque impossibilitava qualquer tentativa de observação e de ligação óptica⁹⁷⁴. O recurso aos estafetas foi precário. Muitos perdiam a vida nesse percurso, outros retrocediam ao verificarem a impotência para transpor as barragens da artilharia⁹⁷⁵. Era uma nova ofensiva do exército alemão contra o sector português. A linha portuguesa sofria um dos maiores bombardeamentos de sempre⁹⁷⁶. As opiniões não ficaram indiferentes a estes cenários trágicos: «*Os historiadores e os comandantes aliados de então viam uma fuga desordenada, o repórter [Almada Negreiros] observava uma retirada estratégica,*

⁹⁷¹ Martins, Luís Augusto Ferreira, *História do Exército Português*, Lisboa, Editorial Inquérito Limitada, 1945, p. 529.

⁹⁷² Santos, José Rodrigues dos, *Crónicas de Guerra da Crimeia a Dachau*, Lisboa, Gradiva, 2002, pp. 147.

⁹⁷³ Telefonia Sem Fios.

⁹⁷⁴ *Portugal na Grande Guerra O 9 de Abril de 1918 e o Marechal Hindemburgo*, Lisboa, J. Rodrigues Editores, 1924, p. 46.

⁹⁷⁵ Martins, Luís Augusto Ferreira, *História do Exército Português*, Lisboa, Editorial Inquérito Limitada, 1945, p. 529.

⁹⁷⁶ Mattoso, José (dir.), *História de Portugal, A segunda Fundação*, Vol. 6, Lisboa, Editorial Estampa, 1994, p. 527.

*operada em boa ordem e infligindo grandes perdas ao inimigo*⁹⁷⁷. A esta catástrofe chamou-se a *Batalha de La Lys*, a qual produziria as situações que a seguir foram descritas: «*Os alemães foram entrando às catadupas pela brecha aberta pelos portugueses e progrediram quinze quilómetros em três dias. Ao quarto dia, e perante uma situação desesperada, o Alto Comando Aliado emitiu uma nota alarmante e que ficaria célebre por ordenar às tropas para morrerem nas suas posições. As populações dos países aliados aperceberam-se nessa altura de que o momento era grave*»⁹⁷⁸. No total, os alemães dispunham de 19 Divisões mobilizadas contra o sector português⁹⁷⁹. Como era impossível resistir o resultado militar consequente fora a desestabilização da frente e o recuo das forças aliadas⁹⁸⁰. Só os reforços dos franceses, provenientes do sul, ajudaram a estancar esta situação a 31 de Abril de 1918⁹⁸¹. Na *Batalha do La Lys* morreram 423 militares, tendo ficado aprisionados mais de 6 milhares⁹⁸². Neste contexto, tem-se apontado o desastre do 9 de Abril de 1918 como uma falta numérica dos efectivos. No entanto, houve uma deficiência no comando, no material, na organização, na proporção das unidades, nas comunicações, na previsão e na vigilância⁹⁸³.

⁹⁷⁷ Santos, José Rodrigues dos, *Crónicas de Guerra da Crimeia a Dachau*, Lisboa, Gradiva, 2002, p. 148.

⁹⁷⁸ Santos, José Rodrigues dos, *Crónicas de Guerra da Crimeia a Dachau*, Lisboa, Gradiva, 2002, p. 149.

⁹⁷⁹ Fraga, Luís Manuel Alves de, *La Lys – A última Batalha do Exército Português*, Actas do IV Colóquio A História Militar de Portugal no século XIX, 1993, p. 16.

⁹⁸⁰ Teixeira, Nuno Severiano: “PortBellingual e a Grande Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova História Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 30.

⁹⁸¹ Santos, José Rodrigues dos, *Crónicas de Guerra da Crimeia a Dachau*, Lisboa, Gradiva, 2002, p. 149.

⁹⁸² Fraga, Luís Manuel Alves de, *La Lys – A última Batalha do Exército Português*, Actas do IV Colóquio A História Militar de Portugal no século XIX, 1993, p. 17.

⁹⁸³ Telles, Bazilio, *Na Flandres (O Episódio Militar de 9 de Abril)*, Porto, Eduardo Tavares Martins Editor, 1918, p. 85.

Para Portugal esta batalha fora uma grande derrota. A partir desta fase nada seria igual a nível militar e político⁹⁸⁴. Desde o desastre de *La Lys* o sector português deixava de permanecer na frente da batalha. As tropas sobreviventes estavam desmoralizadas e os esforços na reorganização do *Corpo Expedicionário* enfrentavam a oposição dos britânicos, do Governo português, e principalmente dos soldados. Pelo menos cinco batalhões recusavam obedecer às ordens que lhes eram emitidas. Neste contexto, alguns deles expulsavam os oficiais a tiro. A insubordinação persistia e a desorganização era generalizada: «*Os meses de Setembro e Outubro de 1918 foram de verdadeiro caos nas fileiras portuguesas, e os aliados passaram a alimentar uma permanente desconfiança em relação à sua capacidade de combate*»⁹⁸⁵. O *Corpo Expedicionário Português* (CEP), bastante destroçado, foi removido para a retaguarda dos exércitos aliados⁹⁸⁶. Contudo, no plano militar, a partir das forças que restavam do *Corpo Expedicionário Português* (CEP), ainda se formaram três batalhões de infantaria que foram integrados no Exército inglês. Estes batalhões iriam combater na guerra ou seriam utilizados como mão-de-obra para abrir trincheiras até à assinatura do *Armistício*⁹⁸⁷. No plano político as

⁹⁸⁴ Teixeira, Nuno Severiano: “Portugal e a Grande Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova História Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 30.

⁹⁸⁵ Santos, José Rodrigues dos, *Crónicas de Guerra da Crimeia a Dachau*, Lisboa, Gradiva, 2002, p. 151.

⁹⁸⁶ Mattoso, José (dir.), *História de Portugal, A segunda Fundação*, Vol. 6, Lisboa, Editorial Estampa, 1994, p. 527.

⁹⁸⁷ Mattoso, José (dir.), *História de Portugal, A segunda Fundação*, Vol. 6, Lisboa, Editorial Estampa, 1994, p. 527; Fraga, Luís Manuel Alves de, *Guerra & Marginalidade O Comportamento das Tropas Portuguesas em França 1917-1918*, Lisboa, Prefácio, 2003, p. 40.

consequências iriam ser pesadas, as quais sentir-se-iam principalmente através das resoluções da *Conferência da Paz*, em Maio de 1919⁹⁸⁸.

Após ter tomado conhecimento dos factos ocorridos Pedro de Freitas reflectiu e criticou as hostilidades que tinha sofrido após o 9 de Abril de 1918 da parte dos franceses. Neste contexto, Pedro de Freitas censurou que os franceses só eram amigos dos portugueses por interesse monetário. Os franceses ganhavam muito dinheiro à custa da permanência dos portugueses em França, sobretudo no negócio da renda das casas. Porém, depois daquela Batalha do 9 de Abril de 1918 os franceses ficaram revoltosos por terem perdido os seus haveres e os seus familiares: «*Nesta emergência esqueceram-se repentinamente dos seus amigos, dos seus melhores fregueses: os portugueses que lhes enchiam o “pé de meia”*»⁹⁸⁹. Outro aspecto que Pedro de Freitas procurava esclarecer aquando da Batalha do 9 de Abril de 1918 era que os portugueses não tinham fugido mas enfrentado o inimigo: «*envolvidos num desastre no qual a sua segunda divisão, numa frente de doze quilómetros, é assaltada por oito divisões prussianas, assalto a que contrapõe toda a sua heroicidade, todos os seus recursos de ocasião, não fugindo cobardemente mas, com nobreza, cedendo à força esmagadora do inimigo, esforço que lhe custa o melhor de trezentos oficiais e sete mil homens, entre mortos, feridos,*

⁹⁸⁸ Teixeira, Nuno Severiano: “Portugal e a Grande Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, pp. 30-31.

⁹⁸⁹ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 115.

*prisioneiros e desaparecidos»*⁹⁹⁰. Por isso, Pedro de Freitas encarou as baixas sofridas como um motivo de orgulho e honra para os militares. Deste modo, Pedro de Freitas condoía-se por, apesar de tudo, os portugueses terem sido tão mal interpretados e marginalizados pelos franceses: *«nesta altura perdendo já os portugueses a classificação de bons amigos e fregueses, e mais: não sendo levado em linha de conta o sacrifício em defenderem até à última»*⁹⁹¹. Finalmente, perante um sentimento nacionalista, Pedro de Freitas concluía que os portugueses tinham sido falsa e injustamente condenados pela tragédia da Batalha do 9 de Abril de 1918: *«Só uma grande má fé, ingratidão ou perversidade, ou ainda uma grande dose de má índole, podia fazer odiar os portugueses, tornando-os responsáveis pelo desastre, quando afinal foram eles os que mais sofreram as adversidades da guerra nesse dia tão funesto e para sempre memorável – 9 de Abril!»*⁹⁹².

Sem embargo, esta data simbolizou uma derrota portuguesa face a um adversário poderoso cujas conjunturas políticas sucederam-se de uma forma incontrolável⁹⁹³.

Mesmo depois do 9 de Abril de 1918 os soldados continuaram a sofrer baixas face aos aviões inimigos. Muitos morreram, outros ficaram flagelados pelas violências dos bombardeamentos dos aviões *boches* usados pelos alemães durante o tempo de guerra, os quais eram guarnecidos das mais modernas equiparações para a época em causa. De facto, os ataques dos alemães eram de uma enorme brutalidade, fazendo uso de poderosas granadas explosivas, de gaz venenoso, fogsénio e gaz mostarda⁹⁹⁴.

⁹⁹⁰ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 116. Ver 7.1.c. O 9 de Abril de 1918 segundo Pedro de Freitas, em Anexo.

⁹⁹¹ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 116.

⁹⁹² Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 116.

⁹⁹³ Fraga, Luís Manuel Alves de, *La Lys – A última Batalha do Exército Português*, Actas do IV Colóquio A Historia Militar de Portugal no século XIX, 1993, p. 17.

⁹⁹⁴ Martins, Isilda Maria Renda, *Loulé no século XX, A Primeira República 1910 a 1926*, Vol. II, Lisboa: Coleção Millennium, 2004, p. 104.

Pedro de Freitas tinha chegado a Lillers na noite de 10 de Abril de 1918⁹⁹⁵. Esta fora a única noite em que ele dormira tranquilo⁹⁹⁶. No entanto, a todo o momento as granadas inimigas causavam avarias nas linhas férreas, as quais tinham de ser reparadas urgentemente: *«é esta uma preocupação constante da Malta pela rapidez e prontidão com que, debaixo de perigo, tem de repará-las. – “Maldita a sorte” – dizem todos»*⁹⁹⁷. Sempre que Pedro de Freitas presenciava os estrondos das granadas dos canhões inimigos, as explosões, ou os sete grandes torpedos dos aviões boches, o medo invadia-lhe o corpo. Então, como subterfúgio, Pedro de Freitas pensava na sua terra natal, na sua pátria e na sua família, o que expremia bem o seu sentimentalismo regionalista e nacionalista: *«E é nestes bocadinhos que à nossa imaginação aflui a visão de tudo quanto mais estremecido temos dentro da alma! Mães, pais, esposas, filhos, terras, amigos, vizinhos; uma série imensa de efervescentes pensamentos onde não falta até os anos da meninice ao tempo da plenitude amorosa; sim! É neste momentos mais*

⁹⁹⁵ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 113-114.

⁹⁹⁶ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 135.

⁹⁹⁷ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 135.

“apertados” que pela mente nos perpassam todas as fases de nossa vida, como a alentar-nos, a-fim-de levarmos termo a Cruz do Nosso Calvário»⁹⁹⁸.

O mês de Julho de 1918 também fora terrível. Os alemães preparavam-se para atirar uma nova ofensiva. O general Erich Friedrich Wilhelm Ludendorff pretendia lançar uma acção contra as forças britânicas enfraquecidas. Neste sentido, o Alto Comando Alemão marcou para 15 de Julho a *Operação Marne*, destinada a desferir um golpe decisivo nos aliados. No entanto, este segredo depressa foi desvendado. Um depoimento de prisioneiros e fotografias aéreas permitiram que os aliados percebessem as intenções do inimigo, preparando um contra-ataque. Neste prisma, até o oficial André Brun fora informado do plano alemão. O bombardeamento alemão estava marcado para a uma e dez da madrugada do dia 15 de Julho de 1918, no sector de Champagne⁹⁹⁹. Os franceses tinham esta informação e decidiram abrir fogo de artilharia dez minutos antes da hora marcada para dificultarem o avanço da artilharia inimiga. Apanhados de surpresa, os alemães conseguiram mesmo assim conquistar terreno à custa de meio milhão de baixas. Deste modo, os aliados permaneceram dois dias na defensiva, limitando-se a acções de contra-ataque. Porém, no dia 18 de Julho de 1918 as forças francesas lançaram uma contra-ofensiva na zona de Tardenois¹⁰⁰⁰. Por isso, nos dias seguintes (19 e 20 de Julho), os alemães não avançavam para Lillers. Além disso, a 20 de Julho de

⁹⁹⁸ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de, 1935, p. 136.

⁹⁹⁹ Champagne, localizado na região de Champagne-Ardenne, Em *Wikipédia*, [on-line], <<http://en.wikipedia.org/wiki/Champagne-Ardenne>>, [consulta: 13 de Janeiro de 2008].

¹⁰⁰⁰ Tardenois, localizada no departamento de Marne da região de Champagne-Ardenne, Em *Wikipédia*, [on-line], <<http://fr.wikipedia.org/wiki/Ville-en-Tardenois>>, [consulta: 13 de Janeiro de 2008].

1918 o General Erich Friedrich Wilhelm Ludendorff cancelava a ofensiva na Flandres e a Alemanha passava para a defensiva¹⁰⁰¹.

Segundo Pedro de Freitas, um dos piores momentos que enfrentou em tempo de guerra foi passado nesse mês de Julho, em Aubigny-en-Artois. Entre os dias mais paradigmáticos destacava-se o dia 25 de Julho de 1918. Os bombardeamentos começaram pelas onze e meia da noite e só terminaram às quatro da manhã do dia seguinte¹⁰⁰². No início deste combate todos se abrigavam como podiam. Pedro de Freitas encontrava-se só e percorria os melhores sítios de abrigo fora da vila. Neste contexto de terror Pedro de Freitas penetrou num buraco-abrigo perto da estrada de Arras, no qual também estava escondido um soldado inglês. Não obstante, um outro obstáculo que os soldados portugueses tinham de enfrentar era o idioma. Longe do seu país os soldados portugueses tinham dificuldades em comunicar principalmente com os soldados ingleses. No caso específico de Pedro de Freitas a inexequibilidade da comunicação conduziu que ele decidisse arriscar a vida ao procurar um outro lugar: *«Como era difícil continuarmos conversando num português-inglês-afrancesado, caindo ambos no mais absoluto mutismo, e algumas horas passo desta forma junto do “camone”. Aborrecido, porém, pelo silêncio em que permanência, saio em procura de quem me perceba e onde mais tranquilo esteja pela companhia»*¹⁰⁰³. Depois de terem passado umas horas, Pedro de Freitas acabou por se juntar a outros camaradas e todos corriam à procura de esconderijo nos arredores da vila Aubigny-en-Artois. Sem embargo, por mais que procurassem um lugar para se esconderem não se sentiam seguros, por fim, já eram cerca das quatro horas da manhã e todos estavam

¹⁰⁰¹ Santos, José Rodrigues dos, *Crónicas de Guerra da Crimeia a Dachau*, Lisboa, Gradiva, 2002, p. 158-159.

¹⁰⁰² Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 185.

¹⁰⁰³ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 186.

extremamente exaustos. Porém, perante o sentido de um repentino perigo eminente, lançaram-se imediatamente para dentro de um buraco feito à beira de um ramal de estrada, numa trincheira com uns cinco metros de altura. Por cima deles um avião *boche* ameaçava bombardeá-los. Pedro de Freitas ficou quase de fora do buraco porque os seus três companheiros praticamente o preenchiam. Com efeito, Pedro de Freitas podia ver perfeitamente os manejos do aparelho inimigo e, por isso, deixou registado o que sentiu naqueles momentos terríficos: *«Meu coração, pulsando fortíssimo, parece um cavalo aos pinotes. Os cabelos, como se fossem sovelas, quase que levantam o boné. Indefeso, situação apertadíssima, ataque de nervos, medo ou o diabo que o seja, todo eu tremo como varas verdes, o mesmo sucedendo aos meus camaradas. Já visionando o último momento da minha vida, uma das mãos apertando o coração, a língua a dificultar-se-me na articulação, eu reparo na circunferência feita pelo aparelho e verifico que ele toma a nossa direcção [...]». Ao ver as manobras do avião e pressentindo o silibar do torpedo, jogo as mãos à cabeça, prendo-a, e doida e aflitivamente, grito apressadamente, como se quisesse dizer tudo num instante: - Tonicher, Artur, Campos, é o último momento de nossas vidas! Morremos aqui agora, todos os quatro... Adeus meus... Não tendo tempo de acabar o que pretendia dizer. O estampido é enorme. Bocados de terra, estilhaços, fumo, tudo pelos ares voa após a explosão, por cima das nossas cabeças»¹⁰⁰⁴.*

A explosão foi muito forte, e por pouco não foram todos atingidos: *«Caindo a uma distância de dez metros do sítio onde nos refugiamos, a sua explosão, se não fosse o desnivelamento do terreno produzido pela trincheira que nos abrigava, certamente ter-nos-ia atingido em cheio»¹⁰⁰⁵*. Quando os três se consciencializaram que estavam vivos

¹⁰⁰⁴ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 186.

¹⁰⁰⁵ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 187.

confraternizaram o momento: «*Salvos milagrosamente deste mau bocado, abraçamos uns aos outros loucos de alegria*»¹⁰⁰⁶.

Segundo as fontes oficiais, na transição do dia 25 de Julho para o dia seguinte caíram muitos torpedos na vila Aubigny-en-Artois e em arredores: «*desde as onze e meia até às quatro horas, foram de quarenta e quatro os torpedos lançados na vila e arredores, entre eles algumas bombas incendiárias que fizeram arder alguns montes de palha*»¹⁰⁰⁷.

Depois desta conjuntura de ataques aéreos e sobretudo depois do desastre ocorrido no dia 9 de Abril de 1918 o *Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro* ficara desmantelado. Em virtude de uma reorganização do *Corpo Expedicionário Português* (CEP) passava-se para uma nova fase destinada aos trabalhos da especialidade ferroviária que, afinal, correspondia ao carácter com que o mesmo fora mobilizado para a França¹⁰⁰⁸.

~ × ~

Partiu-se de um panorama contextualizado que visou focar a intervenção e as várias dificuldades do exército português na zona da Flandres do conflito europeu. Neste sentido, e no âmbito da micro-história, apresentaram-se as várias dificuldades que Pedro de Freitas, inserido na 4.^a companhia do *Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro*, tinha de enfrentar no quotidiano da *Primeira Grande Guerra Mundial*. Deste modo, os combatentes portugueses tiveram que defrontar vários problemas para os quais não estavam minimamente preparados nem física nem psicologicamente. Estes problemas

¹⁰⁰⁶ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 187.

¹⁰⁰⁷ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 187.

¹⁰⁰⁸ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 187.

estavam relacionados com vários factores agrestes à natureza humana das tropas, tais como um clima extremamente frio com chuvas abundantes; uma alimentação incompatível com a gastronomia tipicamente portuguesa (e a partir de dada altura deteriorada); as extremas condições de trabalho árduo e continuado; o péssimo estado de infestação e de destruição causado pelas batalhas anteriores no terreno; o alastramento de várias doenças infecciosas; a especificidade técnica e estratégica dos bombardeamentos submarinos e aéreos; a falta de provimento nos meios adequados à subsistência; a indisponibilidade de navios ingleses para o transporte das tropas portuguesas; a não concessão das licenças; as censuras nas vias postais; as diferenças estatuais impostas pelos militares de estatuto hierarquicamente mais elevado para com os combatentes de posição militar inferior; as dificuldades de comunicação, principalmente entre os soldados portugueses e os britânicos; e as consequências da política de Sidónio Pais. Por fim, a acumulação destes condicionalismos foi responsável por situações de intolerância, de depressão e de insubordinação. Neste contexto, a depressão também se apoderou de Pedro de Freitas, sendo-lhe também infligido um castigo, o único no seu tempo de campanha. Além do mais, estas situações de rebelião revelavam que maioritariamente o exército português tinha partido para uma guerra que desconhecia. Deste modo, em série, todos reagiam face às extremas condições desumanas que lhes eram impostas perante as autoridades políticas que representavam e dirigiam o país.

Por outro lado, no seio do panorama da política internacional evidenciaram-se as estratégias dos alemães e dos aliados. Deste modo, apresentou-se principalmente o efeito das grandes batalhas da guerra, como a do 21 de Março e a do 9 de Abril de 1918. Neste prisma, procurou-se fundamentalmente dar voz às respostas do biografado da história, as quais reagiram face às decisões das políticas da época. Ainda que Pedro de Freitas revelasse a sua incompreensão e revolta face aos condicionalismos impostos pela autoridade da entidade estatal, ele assumiu uma postura nacionalista numa via sentimental em virtude dos feitos heróicos dos portugueses aquando da *Batalha do La Lys*.

2.4.2. O tempo de lazer no Teatro da Guerra

Pedro de Freitas passaria mais de dois anos como soldado enquadrado na *Primeira Grande Guerra Mundial*: «Vinte e cinco meses de combatente e em terras de França, o sudário é grande»¹⁰⁰⁹. Neste tempo de permanência em França, longe do país e dos entes queridos, haviam, pois, algumas actividades que as tropas se dedicavam fora do seu tempo de serviço. A escrita constituía, de facto, uma das formas de se passar os «*tempos livres*» e de se poder exprimir os sentimentos em tempo de campanha¹⁰¹⁰. Tal como foi mencionado, Pedro de Freitas constituiu um desses casos, dado o seu espírito de arquivista e a sua aptidão por tudo o que se relacionava com a história e as memórias de interesse biográfico¹⁰¹¹. Deste modo, a partir do momento da mobilização para a guerra, Pedro de Freitas decidiu anotar e arquivar o que via e sentia para que, caso sobrevivesse, pudesse escrever um livro: «*Assim, dando satisfação ao meu feitio talvez censurável de tudo apurar e registar para deixar aos meus; e muito amante de tudo que se prende com a história, impus a mim próprio, desde a minha primeira hora de mobilização, o dever de arquivar, para o fim em vista, todas as modalidades da minha vida de combatente, de mistura com alguns pormenores mais que à roda da guerra despertassem interesse*»¹⁰¹². Deste modo, no dia 12 de Julho de 1917, sentado nas ruínas de um edifício na aldeia de Misery, situada a uns 10 quilómetros da arruinada cidade de Péronne, Pedro de Freitas sensibilizado com o cenário de destruição que

¹⁰⁰⁹ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 10.

¹⁰¹⁰ Marques, Isabel Pestana: “1914-1918. Comportamentos de Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova História Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 124.

¹⁰¹¹ Martins, Luísa Fernanda Guerreiro, [On-line], <luisa.martins@iol.pt>, [11 de Outubro de 2008]; Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991.

¹⁰¹² Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 10.

presenciava descrevia as suas emoções perante aquele episódio bélico: «*um sério bombardeamento aéreo ao meu acampamento, nas margens do caudaloso Rio Somme e nas imediações da cidade de Peronne, totalmente em ruínas*»¹⁰¹³. Ao querer partilhar estes sentimentos, com os seus amigos e conterrâneos, Pedro de Freitas decidiu escrevê-los numa carta e enviá-la para Loulé, ao seu amigo Anastácio Guerreiro Dourado que era o director e proprietário do Jornal *O Primeiro de Maio*¹⁰¹⁴. Contudo, como já foi referido, não era possível enviar uma carta sem que esta fosse previamente lida por uma autoridade militar¹⁰¹⁵. Neste caso específico foi o alferes engenheiro João Carlos Alves que leu a carta que Pedro de Freitas tinha escrito. Deste modo, o dito alferes João Carlos Alves ordenou que Pedro de Freitas se dirigisse à sua presença, pronunciando o seu parecer: «*Tens jeito... faltam-te umas coisinhas. Podes retirar-te*»¹⁰¹⁶. Dois meses depois, Pedro de Freitas recebia no seu acampamento o Jornal *O Primeiro de Maio*, de 13 de Setembro de 1917, com a publicação da carta que tinha escrito¹⁰¹⁷. Estas duas situações tornar-se-iam encorajadoras e serviriam de prenúncio a uma ansiada carreira de escritor acalentada por Pedro de Freitas: «*uma profecia na abertura do meu escalão de escritor popular!*»¹⁰¹⁸.

Por outro lado, a música também era muito usada em tempo de guerra. Como tal, era habitual que alguns dos combatentes portugueses tivessem o gosto em desenvolver as suas aptidões musicais, dedicando-se a cantar o fado, canções regionais, ou até mesmo

¹⁰¹³ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, p. 33. Ver também Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 238.

¹⁰¹⁴ Anónimo: “Quem foi PEDRO DE FREITAS?”, Em *Agenda Cultural*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, Setembro, 1995; pp. 17-18; Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 238.

¹⁰¹⁵ Marques, Isabel Pestana: “1914-1918. Comportamentos de Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova História Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 124.

¹⁰¹⁶ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, p. 34.

¹⁰¹⁷ Anónimo: “Quem foi PEDRO DE FREITAS?”, Em *Agenda Cultural*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, Setembro, 1995; p. 18; Freitas, Pedro de, “Quarenta anos de Jornalismo”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 04-08-1957.

¹⁰¹⁸ Freitas, Pedro de, “Quarenta anos de Jornalismo”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 04-08-1957.

algumas canções francesas. Neste contexto, haviam sempre comemorações nos dias das festas populares portuguesas, sobretudo nas vésperas de Santo António e de São João¹⁰¹⁹. Por isso, desde a altura em que o *Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro* estava mobilizado em Cascais, o alferes Vasco Martins, comandante de uma secção em exercícios de instrução, ao recomendar o que deviam de levar para a guerra solicitou que todo o soldado deveria levar consigo um instrumento de música: «*E não só observa que se pode levar, como chega até ao ponto de pedir aos soldados que levem os instrumentos que possivelmente possuam*»¹⁰²⁰.

A música era, de facto, necessária para que as tropas exteriorizassem os seus sentimentos e para que revivessem as tradições nacionais, dissipando as agruras do quotidiano da guerra¹⁰²¹. No entanto, nenhum dos soldados da 4.^a companhia levou para a guerra qualquer dos instrumentos recomendados. Neste prisma, Pedro de Freitas confessou que ainda pensou no assunto: «*Por minha parte, com o receio de nunca mais voltar, deixo em casa o meu cornetim, violino e ocarina. Pelo menos, se morresse na guerra, eram as recordações a deixar à família, como obrigação, em primeiro lugar, e não aos camaradas, por devoção, em segundo*»¹⁰²². Sem embargo, perante o ambiente hostil da guerra os soldados da 4.^a companhia começavam a sentir falta de um instrumento musical, surgindo o arrependimento por não terem levado pelo menos uma guitarra. Este sentimento acentuava-se ao verem o que se passava nos outros acampamentos: «*Ao lado dos nossos acampamentos passam à frente dos regimentos*

¹⁰¹⁹ Marques, Isabel Pestana: “1914-1918. Comportamentos de Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 122; Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 265.

¹⁰²⁰ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 233.

¹⁰²¹ Marques, Isabel Pestana: “1914-1918. Comportamentos de Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 122.

¹⁰²² Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 233.

bandas de música, das mais variadas organizações e sistemas. Ao ouvi-las, a soldadesca estremece. Ao som delas renascem as saudades. A alguns desliza-lhes pelas faces uma ou outra atrevida lágrima pela emoção sentida. Outros, pela sensação estranha, num rompante mais forte que a banda produz, eriçam-se-lhes os cabelos, entusiasmam-se. O momento passa, e logo um relembra sentidamente: “ – Se houvesse uma guitarra!... Um outro instrumento qualquer com que pudesse cantar o fado!...” As saudades, e a neurastenia, - consequência deprimentes da guerra, assaltam os espíritos de todos os soldados porque isolados estão de tudo quanto é pertença do mundo civilizado; e a braços com os duros trabalhos a desenvolver nos campos martirizados do Somme, só teem em sua frente fragmentos macabros, o solo revolvido, as cidades, vilas e aldeias, tudo reduzido à mais desoladora das ruínas que confrange o coração. No entanto, indiferentes a tão compungidora cena, os ingleses continuam passando com as suas músicas que são dignas de registo pelos seus costumes, pelas suas organizações»¹⁰²³. Neste contexto, alguns elementos da 4.^a companhia começavam a pensar na possibilidade de se fundar uma pequena banda filarmónica ou, pelo menos, na maneira de arranjarem uma guitarra para poderem cantar o fado. Ao longo do rio Somme e no interior das trincheiras haviam vários materiais: «Pelo desolador Somme é enorme o variadíssimo material, despojo de crudelíssimas lutas, que se encontra fora e dentro das suas inúmeras trincheiras. Abunda a bela madeira de casquinha, metalada, folhas de lata, fios telefónicos, e o mais para fazer a felicidade de muitas e muitas famílias»¹⁰²⁴. O objectivo seria manufacturar de forma rudimentar e manualmente uma guitarra, a qual fora construída com a ajuda de Francisco Parreira, alcunhado de “o cinco”: «O “Cinco” tudo remedeia. Um bocado de madeira, uns pedaços de folha de

¹⁰²³ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 234.

¹⁰²⁴ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 237.

lata e uns fios telefónicos, eis pronta uma guitarra. Assim é. A guitarra aparece. [...] o que constitui uma autêntica guitarra de guerra, pois é feita com material restritamente de guerra»¹⁰²⁵. Assim sendo, os soldados ficaram entusiasmados com o primeiro instrumento de música na 4.ª companhia: «A guitarra é um novo elemento; é uma alma que contamina, que agita toda a companhia a despertá-la da “sonolência”, em que vive no isolado e pungidor Somme. É, por consequência, o primeiro instrumento de música que ingressa no seio dos soldados desejosos do seu aparecimento, como a profetizar-nos a viabilidade dos nossos desejos»¹⁰²⁶. Deste modo, depois de um dia de trabalho martirizante a música constituía um evento imprescindível: «das cantigas ao fado é como uma obrigação, é como se fossem um serviço escalado a cumprir-se pela soldadesca. Cada um engendra segundo a sua vocação, as melhores quadras para cantar; e é vê-los, depois, ao despique uns com os outros. Formam-se partidos. Cada um dos cantores tem os seus adeptos»¹⁰²⁷.

Num determinado dia foi encontrada uma ocarina nas trincheiras, a qual foi oferecida a Pedro de Freitas: «E como não a sabe tocar e entre toda a soldadesca da companhia só eu me ajeito a ela, é-me oferecida»¹⁰²⁸. Com este instrumento Pedro de Freitas já podia fazer parte das diversões dos oficiais: «Com a ocarina, eu começo a tomar parte, na “mess” dos oficiais, nas diversões que ali se efectuam. Dedilho nela trechos de música: como valsas, mazurcas, polkas e marchas; como elemento de acompanhamento é José

¹⁰²⁵ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 238.

¹⁰²⁶ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 238.

¹⁰²⁷ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 239.

¹⁰²⁸ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 241.

Paninho quem, com a sua caixa de rufo, ornamentava o desempenho das minhas peças de música, nos concertos ocarinais»¹⁰²⁹.

O alferes médico Gaspar dos Santos, que pertencia à 4.^a companhia há pouco tempo, tinha trazido consigo um violino e uma viola. Com estes instrumentos passava-se a consolidar a ideia de se construir, dentro da 4.^a companhia, uma pequena banda filarmónica custeada por subscrição de todos os elementos¹⁰³⁰. O dito alferes médico Gaspar dos Santos emprestou os seus instrumentos a quem melhor os conseguisse tocar. Neste sentido, Pedro de Freitas ficou com o violino e José Joaquim Paninho com a viola¹⁰³¹. Ambos, por saberem tocar começavam a exercer um crescente protagonismo entre os camaradas e os oficiais: *«ensaiamos alguns números de música que depois são desempenhados no seio dos camaradas e na “mess” dos oficiais, que desta maneira, aproveitam das distrações que os soldados vão organizando»¹⁰³²*. Deste modo, Pedro de Freitas passava a ter a oportunidade de evidenciar o gosto que desde sempre tinha nutrido pela música através da sua continuada participação nos saraus e da sua habilidade para tocar vários instrumentos. A dada altura, Pedro de Freitas sentiu que o comandante da companhia, tenente Francisco Pinto Teixeira, manifestava-lhe uma certa simpatia. Um dia Pedro de Freitas disse-lhe que tocava quase todos os instrumentos de metal, em especial o cornetim. O tenente Francisco Pinto Teixeira deu uma gargalhada, piscou-lhe o olho e respondeu-lhe: *«por isso tu vieste para clarim!...»¹⁰³³*. Pedro de Freitas pressentia que sempre que falava com o comandante da companhia acerca da

¹⁰²⁹ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 241.

¹⁰³⁰ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 241-242.

¹⁰³¹ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 242.

¹⁰³² Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 242.

¹⁰³³ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 242.

música este tinha algo conjecturado em sua mente que, todavia, ainda não lhe queria revelar¹⁰³⁴.

Mais tarde, Pedro de Freitas estava a proceder a trabalhos de limpeza na 4.^a companhia quando fora surpreendido pelo seu comandante, o tenente Francisco Pinto Teixeira. Aproveitando a presença do tenente Pedro de Freitas decidiu fazer-lhe um pedido relacionado com o que mais desejava concretizar naquele momento: «*começo por pedir-lhe o seu concurso na organização de um grupo musical, que pretendo levar a efeito com alguns soldados amadores da sublime arte dos sons, que a companhia tem*»¹⁰³⁵.

Após o comandante da companhia tenente Francisco Pinto Teixeira ter compreendido o profundo entusiasmo de Pedro de Freitas na organização de uma banda filarmónica perguntou-lhe: «*E tu és capaz de te encarregares da técnica da música? Assumes essa responsabilidade?*»¹⁰³⁶. Perante uma proposta desta natureza, Pedro de Freitas só podia responder afirmativamente: «*Respiro fundo. O nó que me atravessava a garganta desaparece-me, e, num supremo alívio, sorrindo então de satisfeito, respondo, com firmeza, que sim*»¹⁰³⁷. De facto, a organização de uma banda filarmónica constituía um desejo profundamente idealizado por Pedro de Freitas: «*Respondendo, assim, ao comandante de companhia, ao meu tenente, dada a alma nova que senti com as suas interrogações a acalentarem uma esperança que assoberbava a maior parte dos meus sonhos*»¹⁰³⁸. Por isso, Pedro de Freitas não deixou de registar a enorme alegria que

¹⁰³⁴ De Loulé chegariam as peças musicais: dois ordinários, o *Bolas* e o *Retirada*; e quatro valsas. Do Barreiro, um ordinário, o *Caixeiro*, de Serra e Moura; uma pequena sinfonia; uma mazurca e uma valsa. Em Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 242.

¹⁰³⁵ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 243-244.

¹⁰³⁶ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 244.

¹⁰³⁷ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 244.

¹⁰³⁸ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 244.

sentira naquele momento: «se não fora as barreiras dos regulamentos militares que se antepunham entre um clarim – simples clarim cuja missão é a mais ínfima no meio militar, segundo a tradição da caserna – e o posto do tenente e de comandante, ter-lo-ia abraçado, como prova do meu grande contentamento, do meu leal e sincero agradecimento»¹⁰³⁹.

Por sua vez, tanto o 1.º cabo Alfredo de Almeida como o 2.º sargento Jaime Augusto da Silva, ao tomarem conhecimento do dinamismo e vontade de Pedro de Freitas na organização de um grupo musical, animaram e apoiaram-no na concretização dessa ideia¹⁰⁴⁰. Neste sentido, Pedro de Freitas solicitou ao seu antigo professor de música, o mestre Joaquim António Pires, residente em Loulé, algumas composições musicais¹⁰⁴¹. Da mesma forma, a pedido de Pedro de Freitas, o 1.º cabo Alfredo de Almeida solicitava outros números de música à *Sociedade Filarmónica os “Penicheiros”* do Barreiro¹⁰⁴².

Numa tarde, Pedro de Freitas ficou a saber que o comandante do *Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro*, General Raul Augusto Esteves, apoiava a ideia da formação de uma banda filarmónica no seu Batalhão. Não obstante, para a sua concretização ser efectivada bastava ainda a autorização do comandante do *Corpo Expedicionário Português* (CEP), o General Fernando Tamagnini de Abreu e Silva, só depois deste procedimento é que o comandante do Batalhão General Raul Esteves poderia dar a licença necessária para a formação da banda filarmónica¹⁰⁴³.

¹⁰³⁹ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 244.

¹⁰⁴⁰ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 245.

¹⁰⁴¹ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 245.

¹⁰⁴² Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 245.

¹⁰⁴³ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 245.

No dia 28 de Janeiro de 1918, Pedro de Freitas e o sargento Jaime Augusto da Silva partiram de comboio para Amiens. O sargento Jaime Augusto da Silva estava incumbido da parte financeira e Pedro de Freitas da escolha instrumental. Assim, chegados no dia seguinte à casa de música *Feret-Marcotte* escolheram 3 clarinetes, 2 cornetins, 1 trompa, 1 barítono, 1 contrabaixo, 1 par de pratos e 1 bombo¹⁰⁴⁴.

No dia 15 de Março de 1918, Pedro de Freitas escolhia alguns soldados para irem consigo a Amiens buscar os ditos instrumentos. Deste modo, após os instrumentos serem distribuídos pelos respectivos tocadores, o sargento Jaime Augusto da Silva ficava encarregue da responsabilidade disciplinar da banda filarmónica enquanto Pedro de Freitas coordenava a parte da técnica musical. Finalmente, no Domingo dia 17 de Março de 1918, pelas 13 horas, na pequena vila de Acq, deu-se início através do primeiro ensaio à fundação da *Banda de Música do Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro*¹⁰⁴⁵. A concretização deste evento de carácter patriótico revelou-se num feito relevante da autobiografia de Pedro de Freitas. Era com muito orgulho que Pedro de Freitas assumia-se como um dos responsáveis pela sua formação: «*com os soldados do Batalhão fundei e regi uma Banda de Música, que mais tarde foi, no País, uma das melhores Bandas do Exército Português*»¹⁰⁴⁶. Esta banda filarmónica representava uma forma de se ocupar o “tempo livre”, mesmo que esse tempo fosse

¹⁰⁴⁴ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 247.

¹⁰⁴⁵ Ver 7.8. Uma fotobiografia de Pedro de Freitas, fotografia n.º 4, em Anexos. A formação desta banda filarmónica foi possível, em parte, graças à boa vontade do comandante da 4.ª companhia, o capitão Francisco Pinto Teixeira. A banda filarmónica teve como fundadores: (primeiro clarinete) o 1.º cabo Francisco d’ Almeida Sereno; (segundos clarinetes) o 2.º sargento Jaime Augusto da Silva e o 1.º cabo n.º 215, Alfredo d’ Almeida; (cornetins) Pedro de Freitas, clarim n.º 169; (trompa) o clarim n.º 111, Machado; (Barítono) o soldado da 1.ª companhia n.º 404, Fernando Pedro de Albuquerque; (contrabaixo) o soldado n.º 353, António dos Santos; (primeira caixa de rufo) o clarim n.º 156, José Paninho; (segunda caixa de rufo) o soldado n.º 134, Manuel da Silva Marques; (prateleiro) o soldado n.º 50, Luís Novo; (bombeiro) o soldado n.º 356, Francisco Parreira. Em Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 251.

¹⁰⁴⁶ Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, p. 23.

condicionado por actividades organizadas e regulamentadas pelas entidades institucionais militares¹⁰⁴⁷. Além do mais, os concertos musicais não só possibilitavam ânimo ao levantamento moral das tropas como também constituíam momentos de competição entre as nacionalidades das unidades militares. Enfim, os concertos musicais protagonizados pelas bandas filarmónicas representavam uma exacerbação do fenómeno do nacionalismo: «onde o brio e o orgulho corporativo e patriótico eram exaltados pelos comandos de cada exército»¹⁰⁴⁸.

Entretanto, por ordem do comandante do *Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro*, General Raul Augusto Esteves, pretendia-se a compra de novos instrumentos, os quais seriam distribuídos por mais músicos. Neste sentido, Pedro de Freitas era novamente encarregue de saber qual a relação dos instrumentos necessários. Por esta mesma causa, no dia 7 de Abril de 1918 Pedro de Freitas partia de camião com José Joaquim Paninho em direcção a Calais¹⁰⁴⁹. Afinal, era esta a razão justificativa da visita de Pedro de Freitas a Calais, a qual fora descrita no subcapítulo anterior. Como tal, a música constituiu o motivo que condicionou que estes camaradas se tivessem perdido dos restantes elementos da 4.^a companhia e, deste modo, evitassem os confrontos resultantes da célebre Batalha do 9 de Abril de 1918¹⁰⁵⁰.

¹⁰⁴⁷ Marques, Isabel Pestana: “1914-1918. Comportamentos de Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 123.

¹⁰⁴⁸ Marques, Isabel Pestana: “1914-1918. Comportamentos de Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 124.

¹⁰⁴⁹ A distribuição dos instrumentos pelos músicos fez-se da seguinte maneira: o saxofone contralto ao 1.º cabo Alfredo d’ Almeida, da 4.^a companhia; o clarinete ao 1.º cabo n.º 217, Francisco Maria Carapinha; o primeiro cornetim ao clarim da 1.^a companhia n.º 38, António Barreto; o segundo cornetim ao soldado da 3.^a companhia, n.º 109, Domingos Rodrigues Loureiro; o primeiro trombone ao soldado da 4.^a companhia, n.º 346, Américo; o segundo trombone ao soldado da terceira companhia, n.º 134, José Maria Figueiredo. Em Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 112-113; 252-254.

¹⁰⁵⁰ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 112-113; 121.

Além do mais, Pedro de Freitas transmitia sempre uma enorme devoção pela música, por isso, ele era uma figura muito solicitada para tudo o que era necessário fazer relativamente aos interesses da recém fundada banda filarmónica. Assim sendo, não foram de estranhar as boas referências que o General Raul Esteves descreveu no prefácio do livro que Pedro de Freitas escreveu sobre a guerra: «Foi o seu entusiasmo pela música que o levou a ser um dos mais activos propugnadores da organização da banda de música do Batalhão, que nos proporcionou belos momentos de distração e recreio, no meio das vicissitudes da guerra»¹⁰⁵¹.

Quando a banda filarmónica passou a incorporar dezasseis músicos resolveram tirar uma fotografia, a qual constituiu a única fonte visual registada para perpetuar o tempo da banda filarmónica durante a *Primeira Grande Guerra Mundial*¹⁰⁵². Mais tarde, a banda filarmónica passou a incorporar vinte e um músicos¹⁰⁵³. Deste modo, no dia 11 de Maio de 1918 a banda filarmónica era transferida para a sede do Batalhão em Aubigny-en-Artois. Neste sentido, depois do comandante do Batalhão tomar conhecimento do repertório musical determinou que a banda filarmónica se apresentasse em público. O Domingo dia 12 de Maio de 1918 era o dia em que a banda filarmónica realizava o seu primeiro concerto¹⁰⁵⁴. Os ensaios faziam-se diariamente enquanto os concertos eram sobretudo realizados aos domingos. Nestes concertos alguns espectadores ficavam confusos por Pedro de Freitas exercer duas funções em simultâneo: «*A's gentis meninas*

¹⁰⁵¹ Esteves, Raul: “Prefácio”, Em Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, 1946, p. X.

¹⁰⁵² A fotografia foi tirada perto de Aubigny-en-Artois e está inserida no livro *As minhas Recordações da Grande Guerra*, anexa à página 256. Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 254-256.

¹⁰⁵³ A banda de música possuía os seguintes instrumentos: 1 flautim; 4 clarinetes; 1 saxofone contralto; 4 cornetins; 2 trompas; 2 trombones; 1 barítono; 2 contrabaixos; 2 caixas de rufo; e 1 bombo. Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 255.

¹⁰⁵⁴ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 256.

*faz-lhes espécie como eu posso com a mão esquerda reger e com a direita tocar o cornetim»*¹⁰⁵⁵.

À medida que a banda filarmónica progredia era necessário que a mesma executasse peças musicais de maiores dificuldades técnicas. Porém, a dada altura Pedro de Freitas tomou consciência das suas limitações. Neste sentido, para que a banda filarmónica pudesse obter uma maior qualificação, Pedro de Freitas pretendeu abdicar da sua posição de dirigente técnico: *«apelo para a sua alta influência no sentido de arranjar um músico militar para ser o seu chefe e remediar as suas faltas»*¹⁰⁵⁶.

Entretanto, por não fazer sentido que Pedro de Freitas como 2.º cabo clarim estivesse à frente de um núcleo de militares composto por um sargento e por muitos primeiros cabos decidiram conceder-lhe uma categoria superior: *«Neste campo, pois, é atenuada, um pouco, a gravidade do caso, com a minha promoção, em 30 de Julho (1918), a contramestre de clarins»*¹⁰⁵⁷.

Para além de Pedro de Freitas manifestar um certo orgulho por ter sido o dinamizador, o fundador e o regente da banda do *Batalhão de Sapadores de Caminho de Ferro* nos primeiros tempos da sua formação, ele ainda expressou satisfação por ter composto uma peça musical para a dita banda filarmónica¹⁰⁵⁸: *«No dia 13 de Setembro, o general senhor Garcia Rosado visita a sede do Batalhão. Ao almoço, a banda toca várias peças do seu repertório, entre as quais é estriado um ordinário feito e instrumentado praticamente por mim, a que dou o nome de “Patrão”»*¹⁰⁵⁹. Enfim, Pedro de Freitas manter-se-ia sempre atento aos progressos desta banda filarmónica mesmo depois de ter

¹⁰⁵⁵ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 256.

¹⁰⁵⁶ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 257.

¹⁰⁵⁷ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 257.

¹⁰⁵⁸ Freitas, Pedro de, “O meu violino e o sr. dr. Lopes”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 01-11-1953.

¹⁰⁵⁹ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 261.

deixado de participar nela como instrumentista. Por isso, além de Pedro de Freitas ter escrito alguns artigos sobre concertos desempenhados pela *Banda do Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro*, foi com um sentimento de grande consternação que ele referiu que a “sua” banda filarmónica fora extinta a 25 de Março de 1938¹⁰⁶⁰.

Para além do gosto pela escrita e pela prática musical também havia a necessidade de se aproveitar os momentos de descanso para se conviver com outros elementos do Batalhão e com a população local. Neste sentido, uns gostavam de explorar a povoação vizinha, outros preferiam aprender o francês ou dedicar-se a entretenimentos diversos (como jogar às cartas ou fazer partidas a outrem), enquanto outros procediam às conquistas amorosas¹⁰⁶¹.

Neste contexto, as distrações constituíam um paliativo face às experiências descontroladas do medo peculiar no teatro da guerra¹⁰⁶². A insegurança resultante da incerteza de se estar vivo em cada momento e a angústia da hostilidade da guerra eram difíceis de tolerar. Com efeito, a generalização da ideia que cada dia podia ser o último dia a ser vivido tornava-se cada vez mais sólida. Muitos expedicionários passavam a

¹⁰⁶⁰ A Banda de Sapadores de Caminhos de Ferro foi «extinta a 25 de Março de 1938», Ver em Freitas, Pedro de, “Pequena História duma Banda Militar”, Em *Diário Popular*, Lisboa, 12-04-1964. Para saber mais pormenores sobre esta banda de música ver no II capítulo “Em plena guerra funda-se no Batalhão uma banda de Música”, Em Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 223-264. Outros artigos que podem ser lidos relativamente à banda são: Freitas, Pedro de, “Indignação no Barreiro A morte inglória de uma Banda de Música”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 05-09-1972; Anónimo [Major Rosa Bastos]: “Sapadores de Caminhos de Ferro - Os componentes do antigo Batalhão de Sapadores, acompanhados pelo seu comandante General Raul Esteves são recebidos triunfalmente no Algarve”, Em *Gazeta dos Caminhos de Ferro, Revista quinzenal*, Lisboa, Tip. Gazeta dos Caminhos de Ferro, 01-06-1938, pp. 257-259; Anónimo, “Pedro de Freitas”, Em *Jornal de Moura*, Moura, 09-12-1950.

¹⁰⁶¹ Marques, Isabel Pestana: “1914-1918. Comportamentos de Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova História Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 123; Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 265-367.

¹⁰⁶² Marques, Isabel Pestana: “1914-1918. Comportamentos de Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova História Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 122.

desenvolver uma consciência de que as suas vidas faziam parte de uma «*lotaria da guerra*»¹⁰⁶³. Por isso, Pedro de Freitas empenhava-se na escrita, na organização da banda do *Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro*, e, outras vezes, tentava persuadir e conquistar com o seu português afrancesado algumas das raparigas francesas que por circunstâncias do acaso encontrava. O objectivo seria rentabilizar de algum prazer que a vida do dia-a-dia lhe podia proporcionar. Entre a soldadesca, aquela insegurança generalizada pela precariedade do tempo de vida era compensada por um desejo infinito de se poder gozar o momento. Neste prisma, a palavra de ordem era a «*diversão*» e o objectivo era o «*esquecer*»¹⁰⁶⁴. Deste modo, Pedro de Freitas salientou que para compensarem as inúmeras carências emocionais era frequente que os militares se aproximassem da população local: «*outras necessidades imperiosas o soldado precisava bem satisfazer-las. Dir-se-ia elas serem tão imprescindíveis como quase a quotidiana alimentação. Para a consumação em parte do que constituía esta particularidade, indispensável era ao necessitado deslocar-se do convívio em que se achava para se entregar ao trabalho de procurar aquilo que constituía o seu desejo, e para isso quase nunca o fazia sozinho porque deste desejo todos andavam esfomeados*»¹⁰⁶⁵. Estas intenções destinavam-se à prossecução de trocas de afectividade com as mulheres francesas. Deste modo, a presença das mulheres durante o longo período que constituía o tempo da guerra era um factor importante de diversão, o qual também era motivo de transmissão de doenças venéreas infecciosas e do consequente

¹⁰⁶³ Marques, Isabel Pestana: “1914-1918. Comportamentos de Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova História Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 122.

¹⁰⁶⁴ Marques, Isabel Pestana: “1914-1918. Comportamentos de Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova História Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 123.

¹⁰⁶⁵ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 284.

enfraquecimento do sistema imunológico¹⁰⁶⁶. Ainda que no universo militar coexistissem diferentes arquétipos de mulher, o modelo da *mulher-objecto sexual* era bastante solicitado, sendo uma forma de confirmação da virilidade masculina¹⁰⁶⁷. Normalmente o estaminet era mais frequentado pelos praças de pré e os cafés das povoações pelos oficiais. Sem embargo, ambos eram pontos de encontro onde se juntavam os expedicionários portugueses com os militares aliados e a população civil¹⁰⁶⁸. Este convívio mútuo fazia transcender os condicionalismos culturais e nacionais: «*banindo as barreiras de nacionalidade e de idioma e permitindo a experiência de sensações dificilmente vividas na zona de combate, como a alegria espontânea, o esquecimento pelos efeitos do álcool, a amizade e a camaradagem entre militares de diferentes nacionalidades e o prazer sexual*»¹⁰⁶⁹. Neste sentido, os vários sentimentos experimentados pelos homens do *Corpo Expedicionário Português* (CEP) com a população civil feminina constituíam também uma forma de evasão das repressões do quotidiano da guerra: «*nos braços da mulher escolhida, o combatente esquecerá os perigos vividos nas trincheiras e a repressão inerente à vivência imposta por um espaço militarizado e masculinizado e afirmará de novo a sua identidade individual e os seus desejos pessoais (amorosos e sexuais) do conjunto anónimo e colectivo da grande massa humana do CEP*»¹⁰⁷⁰.

¹⁰⁶⁶ Carreiras, Helena: “As Mulheres e a Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 175.

¹⁰⁶⁷ Carreiras, Helena: “As Mulheres e a Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 180.

¹⁰⁶⁸ Marques, Isabel Pestana: “1914-1918. Comportamentos de Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, pp. 122-123; Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 268-269.

¹⁰⁶⁹ Marques, Isabel Pestana: “1914-1918. Comportamentos de Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 123.

¹⁰⁷⁰ Marques, Isabel Pestana: “1914-1918. Comportamentos de Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 125.

Na continuidade de vários convívios com a população local, Pedro de Freitas começava a aperceber-se da diferença das mulheres francesas em relação às portuguesas. De uma forma generalizada, a mulher portuguesa era mais recatada, tímida e com mais preconceitos inerentes à sociedade em que vivia. Por sua vez, a mulher francesa era mais atrevida e acessível às conquistas amorosas. Mesmo relativamente à actividade laboral, Pedro de Freitas concluía que a mulher francesa tinha conquistado uma maior emancipação na aquisição dos seus próprios rendimentos: *«A mulher francesa, então, era o barbeiro que nos fazia a barba; era a empregada de escritório, de fábricas onde se manufacturava o material de guerra, das lavanderias; era a condutora dos carros eléctricos, a carregadora dos caminhos de ferro. E num sem número de ocupações a francesa tinha uma actividade muito superior a qualquer outra mulher estrangeira; e tanto mais era o seu valor que ela primava pelo desassombro com que executava os seus cargos: - a modéstia, o alheamento dos preconceitos que a qualquer outra faria retrair-se, certamente, de executar serviços incompatíveis com o seu sexo, eram o seu orgulho em bem servir a Pátria»*¹⁰⁷¹. Neste contexto, muitos soldados apercebiam-se que no norte de França havia maior liberdade e igualdade entre a mulher e o homem, por isso, pretendiam aproveitar a complacência daquele ambiente onde era normal que as mulheres, mesmo que fossem casadas, beijassem os amigos na frente dos maridos. Nos bailes era do agrado de todos o hábito de se beijar as raparigas e convidá-las para dançar, independentemente de elas terem ou não noivo. Por vezes, as tropas eram surpreendidas pelas atitudes de algumas raparigas que, sem lhes pedirem licença, sentavam-se nos seus colos, independentemente da sua condição civil. Enfim, segundo Pedro de Freitas presenciavam-se cenas que eram impensáveis e em simultâneo

¹⁰⁷¹ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 272.

tentadoras para os hábitos e os sentimentos dos portugueses¹⁰⁷². Por isso, na continuidade de um ambiente hostil, que incluía a angústia e a insegurança provocadas pela guerra, as saudades das mulheres ou das noivas deixadas em Portugal, e um desejo crescente em aproveitar o tempo incerto que lhes restava, começava a manifestar-se em alguns dos elementos da 4.^a companhia uma vontade obsessiva e incontrolável de um relacionamento com a mulher francesa. Assim sendo, na opinião de Pedro de Freitas desejava-se gozar num país distante, longe dos familiares, das diversas censuras, dos condicionalismos e dos preconceitos, o que se pensava ser uma boa paixão ou um devaneio amoroso com a mulher francesa, sem que o mesmo tivesse graves responsabilidades nem consequências¹⁰⁷³. Neste sentido, também havia uma concepção da mulher como um trofeu de caça, por isso, muitas mulheres francesas foram violadas no tempo de guerra¹⁰⁷⁴.

Ao ter conhecimento de várias conquistas amorosas sucedidas com os seus amigos e colegas da companhia, em Dezembro de 1917, Pedro de Freitas também estava preparado para desfrutar de algum romance amoroso esporádico¹⁰⁷⁵. Deste modo, na vila de Saint-Pol-Sur-Ternoise permanecia um pequeno destacamento da 4.^a companhia, no qual Pedro de Freitas era o clarim. Foi nesta vila que Pedro de Freitas deu início ao seu envolvimento com uma mulher francesa. A vila de Saint-Pol-Sur-Ternoise era animada pela infiltração de soldados de várias nacionalidades tais como ingleses, escoceses e australianos. Por outro lado, um outro ponto de interesse era o facto de nesta vila existir um animatógrafo. Foi numa das noites passadas no animatógrafo que Pedro

¹⁰⁷² Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 331-332; 320.

¹⁰⁷³ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 284, 305, 332, 344-347.

¹⁰⁷⁴ Carreiras, Helena: “As Mulheres e a Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 180.

¹⁰⁷⁵ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 350-364.

de Freitas teve a oportunidade de conhecer uma francesa chamada de Marie Lecigne com vinte anos de idade, e do romance entre ambos nasceu a 13 de Setembro de 1918 uma criança que foi chamada de Pierre em homenagem ao nome do pai¹⁰⁷⁶. Mais tarde, no dia 5 de Março de 1919, era a véspera da partida para Portugal e Pedro de Freitas foi surpreendido no seu acampamento em Aubigny-en-Artois por um civil francês dizendo-lhe que alguém lhe queria falar. Fora do acampamento e dentro de uma carriola puxada por um cavalo estava Marie Lecigne com a criança, ela queria que Pedro de Freitas conhecesse o seu filho¹⁰⁷⁷. Marie Lecigne pedia a Pedro de Freitas que fosse com ela legalizar o nome do filho porque, caso contrário, a criança ficava com o registo de pai incógnito, uma situação que a incomodava. Pedro de Freitas resolveu de imediato atender ao pedido de Marie Lecigne, e depois de feitas as devidas autorizações ambos foram acompanhados para a dita Division com o 1.º cabo Francisco de Almeida Sereno. Porém, antes de partirem Pedro de Freitas decidiu fazer uma pequena oferta ao filho, comprando-lhe um vestido, um pequeno fio de ouro e uma medalha. Houve, depois, o encontro com os pais de Marie Lecigne e um jantar familiar. Contudo, após todas estas formalidades, quando chegaram ao registo já o estabelecimento estava fechado. Por isso, Pedro de Freitas teve de dizer que o assunto da legalização do nome do filho teria de ser resolvido para uma próxima vez¹⁰⁷⁸. No dia seguinte, a 6 de Março de 1919, pelas oito da manhã, o tempo estava de chuva. No entanto, Marie Lecigne decidiu acompanhá-los (a Pedro de Freitas e ao 1.º cabo Francisco de Almeida Sereno) até à

¹⁰⁷⁶ Freitas, Pedro de, *José de Freitas no centenário do seu nascimento*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Fausto Sebastião de Freitas (ed.), 1958, p. 86; Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 350-364.

¹⁰⁷⁷ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 364.

¹⁰⁷⁸ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 364-366.

estação dos caminhos de ferro de Houdin¹⁰⁷⁹. Porém, a forma como Marie Lecigne agarrava o braço de Pedro de Freitas, incluindo toda a emoção da despedida, quase que deixava antever que esta seria a última vez que ambos se encontravam¹⁰⁸⁰. Este relacionamento teve um desfecho diferente da intenção que Pedro de Freitas tinha especulado. Por isso, quando ele soube que era pai sentiu o peso da responsabilidade, sendo várias as situações que lhe causaram sentimentos de apreensão e de mal-estar¹⁰⁸¹. De qualquer modo, Pedro de Freitas sabia que as consequências daquela situação recairiam essencialmente sobre a Marie Lecigne que, como mãe, teria a complexa tarefa de educar o pequeno Pierre¹⁰⁸². Sem embargo, com a publicação da obra *Em França Trinta anos depois* foi possível constatar que Pedro de Freitas nunca se esqueceu daquele filho¹⁰⁸³. Na “*Abertura*” da dita obra o General Raul Augusto Esteves referenciou que vinte anos depois da *Primeira Grande Guerra* ter terminado, Pedro de Freitas rogou para que fosse feita uma intervenção de protecção a um soldado francês, fruto da sua aventura amorosa com uma mulher francesa chamada Marie Lecigne¹⁰⁸⁴. Porém, trinta anos depois desse filho ter nascido Pedro de Freitas encontrou as circunstâncias adequadas para ir ao norte de França reencontrar-se com Marie Lecigne e

¹⁰⁷⁹ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 364-366.

¹⁰⁸⁰ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 364-366.

¹⁰⁸¹ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 364; e Esteves, Raul: “*Abertura*”, Em Freitas, Pedro de, *Em França: trinta anos depois*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1950, p. [VIII].

¹⁰⁸² Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 366.

¹⁰⁸³ Esta obra literária relata o percurso exercido por Pedro de Freitas para encontrar Marie Lecigne e o seu filho Pierre. Porém, com uma intenção de ocultar a identidade, Pedro de Freitas assumiu o nome de Álvaro. Em Freitas, Pedro de, *Em França: trinta anos depois*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1950.

¹⁰⁸⁴ Esteves, Raul: “*Abertura*”, Em Freitas, Pedro de, *Em França: trinta anos depois*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1950, p. [VIII].

ver o seu filho Pierre já homem. Contudo, para descobrir o paradeiro de ambos Pedro de Freitas teve de proceder a várias investigações, passando por Béthune, Saint-Pol-Sur-Ternoise, Aubigny-en-Artois, Bruay-en-Artois, Divion e Auchel¹⁰⁸⁵. Em Saint-Pol-Sur-Ternoise, Pedro de Freitas procurava encontrar algumas similitudes com aquele panorama retido nas suas lembranças de trinta anos atrás. Neste contexto, Pedro de Freitas recordava com muita emoção os locais por onde tinha passado. Apesar das mudanças na arquitectura da vila Saint-Pol-Sur-Ternoise, Pedro de Freitas ainda conseguia reviver algumas cenas do passado¹⁰⁸⁶. Não obstante, nesta vila já há muito tempo que deixava de morar a família Lecigne que Pedro de Freitas pretendia encontrar. Em Aubigny-en-Artois, Pedro de Freitas soubera que Marie Lecigne tinha casado com um encarregado das minas, e desse casamento teve mais filhos. No entanto, ela nunca esquecera o amor que tivera por Pedro de Freitas¹⁰⁸⁷. Além do mais, Pedro de Freitas soube que, em anuência com a lei francesa daquele tempo, o casamento de Marie Lecigne tinha permitido que o Pierre (seu filho) passasse a ter a paternidade do pai adoptivo. Relativamente ao paradeiro de Marie Lecigne, Pedro de Freitas teve conhecimento que ela tinha vivido dez anos em Aubigny-en-Artois, depois, fora viver para Divion, e, com as vicissitudes da Segunda Guerra Mundial, ela tinha mudado para outro local, perdendo assim o seu contacto¹⁰⁸⁸. Pouco tempo depois, Pedro de Freitas soubera que Marie Lecigne tinha contraído uma doença fatal que lhe causaria a

¹⁰⁸⁵ Auchel, localidade situada no departamento de Pas-de-Calais da região Nord-Pas-de-Calais, Em *Wikipédia*, [online], <<http://fr.wikipedia.org/wiki/Auchel>>, <http://fr.wikipedia.org/wiki/Image:Carte_nord_pas_de_calais.svg> [consulta: 13 de Janeiro de 2008]. Freitas, Pedro de, *Em França: trinta anos depois*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1950, pp. 197-217; 251-275.

¹⁰⁸⁶ Freitas, Pedro de, *Em França: trinta anos depois*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1950, pp. 202-211.

¹⁰⁸⁷ Freitas, Pedro de, *Em França: trinta anos depois*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1950, pp. 212-215.

¹⁰⁸⁸ Freitas, Pedro de, *Em França: trinta anos depois*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1950, pp. 215-219.

morte¹⁰⁸⁹. Não completamente satisfeito com todas estas informações que lhe tinham sido prestadas, Pedro de Freitas foi ainda visitar o cemitério de Divion, no qual, perante um profundo sentimento, constatou a campa de Charles Lecigne (o avô do seu filho) e de Marie Lecigne: «fica sob uma forte emoção, e muito pausadamente exclama – Outro fim duma vida que eu conheci – a mãe de meu filho. Paz à tua alma! Apanha umas pequeninas flores silvestres, improvisa um pequenino ramalhete e coloca-o em cima da campa»¹⁰⁹⁰.

Finalmente, em Auchel Pedro de Freitas encontrava o seu filho Pierre, o qual vivia na região mineira e exercia essa profissão de mineiro¹⁰⁹¹. Foi um encontro inesquecível: «ambos beijando-se loucamente num amplexo que tanto pode ser de vida como de morte, apenas pronunciam três sentidíssimas palavras: - Papá! - Meu Filho!»¹⁰⁹². Por coincidência, neste dia o Pierre completava o seu trigésimo aniversário. Além do mais, o Pierre estava casado com Adeline e já tinha um filho chamado António. Este dia ficou perpetuado na memória de Pedro de Freitas, por isso, ele não pode deixar de o evidenciar através de uma fotografia encontrada no seu livro *Em França: trinta anos depois*¹⁰⁹³.

~ × ~

¹⁰⁸⁹ Freitas, Pedro de, *Em França: trinta anos depois*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1950, pp. 215-219.

¹⁰⁹⁰ Freitas, Pedro de, *Em França: trinta anos depois*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1950, pp. 266-267.

¹⁰⁹¹ Freitas, Pedro de, *Em França: trinta anos depois*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1950, pp. 215-217.

¹⁰⁹² Freitas, Pedro de, *Em França: trinta anos depois*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1950, p. 279.

¹⁰⁹³ Ver 7.8. Uma fotobiografia de Pedro de Freitas, fotografia n.º 9, em Anexos. Freitas, Pedro de, *Em França: trinta anos depois*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1950, p. [281].

Num panorama geral acerca das vicissitudes dos militares no tempo de lazer durante a *Primeira Grande Guerra Mundial* focou-se o dinamismo e o espírito de iniciativa de Pedro de Freitas na organização, na fundação e na regência da banda filarmónica do *Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro*, sobretudo nos seus primeiros tempos. Neste sentido, Pedro de Freitas foi ainda o autor de uma composição musical designada pelo nome de *O Patrão*, a qual foi tocada pelos instrumentistas dessa mesma banda filarmónica. Sem embargo, salientou-se também que a banda filarmónica do *Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro*, tão acalentada por Pedro de Freitas, exercia um papel fundamental na compensação dos excessivos sentimentos face à distância da pátria. Deste modo, a banda filarmónica representava uma expressão do nacionalismo pela forma como simbolizava oficialmente a nação portuguesa além fronteiras. Dada a sua função representativa da nação, os eventos performatizados por esta banda filarmónica eram regulamentados essencialmente pelas autoridades exercidas pelo comandante do *Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro* e pelo comandante da 4.^a companhia. Deste modo, reflecte-se igualmente o espírito nacionalista de Pedro de Freitas como zelador de uma banda filarmónica que simbolizasse oficialmente a fisionomia da nação portuguesa. Foi, aliás, graças ao dinamismo que Pedro de Freitas dedicou em virtude da reorganização desta banda filarmónica que lhe foi possível evitar os confrontos causados pela Batalha do 9 de Abril de 1918. Além do mais, ainda se destacou o seu espírito vocacional pela escrita, a sua reverência pela história, e a sua visão de oportunidade que o levou (a Pedro de Freitas) a saber impor-se em virtude da sua necessidade de escritor. Neste sentido, resultaram dois livros sobre as suas memórias da Grande Guerra e o seu primeiro artigo escrito na imprensa periódica local, o qual iria condicionar a escrita de muitos outros artigos sobre esta temática. Porém, havia um espírito generalizado de angústia condicionado pelas precárias condições de vida em tempo de guerra, pela ausência do ambiente nacional e familiar, e pela ideia de efemeridade que constituía a própria vida. Em contrapartida, surgia um crescente desejo de diversão, de camaradagem, e de se poder usufruir de uma relação amorosa casual com uma mulher francesa, ao que Pedro de Freitas acabou por constituir um destes exemplos, o que não contrariava o seu espírito nacionalista. Por isso, Pedro de Freitas lançou-se numa aventura amorosa com uma mulher francesa que lhe impôs raízes transnacionais pelo nascimento do seu filho Pierre.

2.4.3. Desfecho e reflexão sobre a Guerra

A 11 de Novembro de 1918, uma delegação alemã entrou na carruagem do marechal Ferdinand Foch, em Compiègne, e assinou o armistício¹⁰⁹⁴. A Primeira Guerra Mundial acabara oficialmente às 11 da manhã desse dia¹⁰⁹⁵. O Presidente Sidónio Bernardino Pais fez um discurso de homenagem ao soldado português, lendo o telegrama do Rei de Inglaterra, Jorge V, a agradecer a participação de Portugal na vitória. Deste modo, Sidónio Bernardino Pais pretendia comungar do orgulho nacional e em simultâneo do sentimento de alívio pelo fim da conflagração¹⁰⁹⁶. No entanto, foi depois de muitos meses após este acontecimento é que os elementos do *Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro* regressariam a Portugal¹⁰⁹⁷.

Em Cherbourg, a 27 de Abril de 1919, chovia torrencialmente, porém, era o dia do regresso a Portugal¹⁰⁹⁸. Deste modo, pelas oito horas da manhã todos os clarins do *Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro* tocavam para formar as companhias da unidade. Depois da formatura estar estabelecida e do comandante passar revista às mesmas, a banda filarmónica executava uma marcha e o Batalhão iniciava o seu desfile. Às 11 horas o Batalhão preparava-se para embarcar no navio que era da marinha mercante inglesa, chamado de "North Westem Miller", e às 13 horas esse navio

¹⁰⁹⁴ Compiègne, localizada no departamento de Oise da região Picardie, Em *Wikipédia*, [on-line], <<http://fr.wikipedia.org/wiki/Compi%C3%A8gne>> [consulta: 13 de Janeiro de 2008].

¹⁰⁹⁵ Santos, José Rodrigues dos, *Crónicas de Guerra da Crimeia a Dachau*, Lisboa, Gradiva, 2002, p. 162.

¹⁰⁹⁶ Serrão, Joaquim Veríssimo, *Historia de Portugal A Primeira República (1910-1926)*, Vol. X, Lisboa, Editorial Verbo, 1995, pp. 214-215; George Frederick Ernest Albert, o Rei Jorge V da Grã-Bretanha e da Irlanda (1865-1936), Em *Spartacus Educacional*, [on-line], <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/RBJorg05.htm> > [consulta: 20 de Fevereiro de 2008].

¹⁰⁹⁷ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 130

¹⁰⁹⁸ Cherbourg, Porto marítimo no departamento Manche da região Basse-Normandie, Em *Wikipédia*, [on-line], <<http://fr.wikipedia.org/wiki/Cherbourg>> [consulta: 13 de Janeiro de 2008].

começava a iniciar a sua rota a caminho de Lisboa¹⁰⁹⁹. No dia 30 de Abril de 1919, pelas 22 horas, o navio "North Western Miller" entrava na baía de Cascais e a banda filarmónica do *Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro* tocava e expressava essa emoção¹¹⁰⁰. Pelas 8 horas, do dia 1 de Maio de 1919, o navio atacava no mesmo local onde tinha embarcado, isto é, na Rocha do Conde de Óbitos. Como motivo de glória e de aclamação nacional, mais uma vez, houve a intervenção da banda filarmónica. Finalmente, às 13 horas as companhias começavam a sair e a banda filarmónica, à frente do Batalhão, fazia a entrada solene pelas ruas de Lisboa¹¹⁰¹.

O *Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro* durante o tempo em que permaneceu em França executou vários trabalhos de conservação e de levantamento de vias de caminhos de ferro¹¹⁰². Apesar do Batalhão não ter desempenhado um papel directo nas contra-ofensivas, o mesmo teve, segundo Pedro de Freitas, uma importante acção complementar: «*O Batalhão não habitou em trincheiras – todavia fê-las e bastantes; não fez raids, não teve prisioneiros, não fez contra-ofensivas; mas os ingleses, os franceses e os americanos bem o conheciam pela sua constante actividade nos lugares de perigo que exigiam a sua imediata acção*»¹¹⁰³. Pedro de Freitas também elogiou a acção efectuada pela 3.^a companhia na altura da *Batalha do La Lys*: «*a sua 3.^a companhia, no angustioso dia 9 de Abril, se sustentou sempre no pequeno sector português, invadido e bombardeado, onde salvara com grande risco, material inglês de*

¹⁰⁹⁹ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 387-388.

¹¹⁰⁰ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 398.

¹¹⁰¹ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 262; 399-400.

¹¹⁰² Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, p. 419.

¹¹⁰³ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 389.

enorme valia»¹¹⁰⁴. Além do mais, Pedro de Freitas ainda enalteceu o seu Batalhão noutras alturas difíceis do quotidiano da guerra e apontou o reconhecimento da parte dos ingleses: «*Na ofensiva de 1917, no Somme, e na região de Albert, as 3.^a e 4.^a companhias, em competência com outras inglesas de especialidade, produzem maior rendimento de trabalhos, pelo que alcançam, sem favor, da parte dos britânicos, elogiosas referências. No vale do Scarpe, a 2.^a companhia, no período mais crítico da grande guerra, quando o sono era um mito, o trabalho enorme, colossal, a sua actividade desenvolvida a tempo e com rapidez bem mereceu dos risonhos ingleses as mais reconhecidas e sinceras felicitações*»¹¹⁰⁵. Neste sentido, todo este trabalho foi considerado pelo comandante do Batalhão Raul Esteves, afirmando que em todas as circunstâncias ocorridas ficou devidamente comprovada a coragem, a dedicação e a competência técnica dos seus oficiais e dos praças. Por isso, na Ordem do Exército n.º 10, de 10 de Junho de 1920, o *Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro* foi condecorado com a *Comenda da Ordem da Torre e Espada*¹¹⁰⁶.

Porém, a história dos componentes do *Corpo Expedicionário Português* (CEP) também deverá ser reflectida de acordo com o significado político do conflito europeu. Neste prisma, a história dos elementos do *Corpo Expedicionário Português* (CEP) pode ser vista como um percurso de homens simples que sacrificaram tudo em troca de idealizações de carácter nacionalista, tais como a pátria, a independência da nação e a República¹¹⁰⁷. A maioria das tropas desconheciam as intenções políticas subjacentes, por isso, partiram para a guerra por obrigação face à imposição da entidade estatal e/ou

¹¹⁰⁴ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 389.

¹¹⁰⁵ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 389.

¹¹⁰⁶ Ver 7.8. Uma fotobiografia de Pedro de Freitas, fotografia n.º 22, em Anexos. Esteves, Raul, “O Batalhão de Sapadores de Caminho de Ferro na Grande Guerra”, Em *Boletim da C.P.*, Lisboa, Abril de 1931.

¹¹⁰⁷ Fraga, Luís Manuel Alves de, *Guerra & Marginalidade O Comportamento das Tropas Portuguesas em França 1917-1918*, Lisboa, Prefácio, 2003, p. 79.

iludidos com a estratégia política de alguns republicanos portugueses que nessa altura governavam o país¹¹⁰⁸. Neste sentido, através da imprensa periódica, José de Medeiros retratava com algum realismo as situações com que alguns dos combatentes se deparavam face à prossecução dos procedimentos que lhes eram impostos: «*Foi um dia alistado para a tropa e outro dia lhe coube a sorte de marchar com o seu batalhão para a Guerra. Embarcado a deshoras, por entre cordões da Guarda Republicana, la seguiu até aos campos de batalha e lá viu tremendas horas de incerteza*»¹¹⁰⁹. De facto, as estratégias impostas aos combatentes portugueses faziam parte de um plano prévio que fora estudado sobretudo pelos elementos que formavam o partido democrático, os quais tinham compreendido que para conquistarem a legitimidade do poder tinham que associar a República a uma grande causa nacional¹¹¹⁰. Os seus propósitos ficariam concretizados com a participação da nação portuguesa no conflito europeu, onde Portugal afirmaria a sua personalidade¹¹¹¹. Como a arte se encontrava sempre associada a todas as actividades humanas, o partido democrático também se tinha especializado na sua utilização como um veículo de promoção da guerra¹¹¹². Neste sentido, a arte fotográfica passava a ser durante a *Primeira Grande Guerra Mundial* um complemento importante da actividade jornalística: «*Será com a participação portuguesa na Primeira Guerra Mundial que se voltará a julgar necessário apostar na imagem fotográfica para*

¹¹⁰⁸ Fraga, Luís Manuel Alves de, *Guerra & Marginalidade O Comportamento das Tropas Portuguesas em França 1917-1918*, Lisboa, Prefácio, 2003, p. 84.

¹¹⁰⁹ Medeiros, José de, “O Soldado português na Grande Guerra”, Em *República*, Lisboa, 11-11-1931.

¹¹¹⁰ Telles, Bazílio: “As Lições do Revés do 9 de Abril”, Em Medina, João (dir.), *História Contemporânea de Portugal, da Constituição Republicana ao fim do Regime Parlamentar*, Tomo II, Lisboa, Edição Multilar, 1990, p. 120.

¹¹¹¹ Becker, Jean-Jacques, “Prefácio”, Em Teixeira, Nuno Severiano, *O Poder e a Guerra 1914-1918 Objectivos Nacionais e Estratégias Políticas na Entrada de Portugal na Grande Guerra*, Lisboa, Editorial Estampa, 1996, p. 17.

¹¹¹² Pereira, Paulo: “A Guerra e a Arte no Contexto Português”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova História Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 352.

a documentação visual da acção militar»¹¹¹³. Por isso, aquando da intervenção do *Corpo Expedicionário Português* (CEP) na Flandres, foi recolhida múltipla documentação fotográfica, abrangendo as acções de preparação em Tancos até à participação nos desfiles da vitória¹¹¹⁴. As intervenções dos fotógrafos também se manifestaram durante o tempo em que Pedro de Freitas exerceu a sua acção militar. Como tal, no dia 19 de Janeiro de 1919, quando Pedro de Freitas e alguns elementos da banda filarmónica regressavam de camião da vila de Acq para a sede do Batalhão, em Aubigny-en-Artois, depararam-se com um atelier fotográfico e cada um ficou com uma fotografia¹¹¹⁵. Do mesmo modo, Pedro de Freitas descreveu que a 18 de Março de 1919, enquanto o comandante da unidade formava o Batalhão num dos Largos de Aire-sur-la-Lys, um fotógrafo preparava-se para proceder à sua fotografia¹¹¹⁶. Porém, a intencionalidade destes fotógrafos ia para além dos objectivos de registo documental interno da missão bélica, muitos também utilizavam esse levantamento fotográfico com uma função de propaganda¹¹¹⁷.

Além do mais, no quotidiano da guerra reforçava-se a promoção da unidade moral da nação numa verdadeira política patriótica¹¹¹⁸. Neste sentido, fazia-se uso de todo um conjunto de lições patrióticas que incitavam os soldados a não duvidarem da

¹¹¹³ Vieira, Joaquim: “Um Século de Fotografia Marcial”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 425.

¹¹¹⁴ Vieira, Joaquim: “Um Século de Fotografia Marcial”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, pp. 428-429.

¹¹¹⁵ Nessa vila de Acq, dia 19 Janeiro de 1919, a banda filarmónica tinha ido prestar auxílio à 5.^a companhia do Batalhão que participava numas festas promovidas pelos ingleses. Em Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 376-378.

¹¹¹⁶ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 381.

¹¹¹⁷ Vieira, Joaquim: “Um Século de Fotografia Marcial”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 422.

¹¹¹⁸ Telles, Bazilio: “As Lições do Revés do 9 de Abril”, Em Medina, João (dir.), *História Contemporânea de Portugal, da Constituição Republicana ao fim do Regime Parlamentar*, Tomo II, Lisboa, Edição Multilar, 1990, p. 120.

legitimidade do seu sacrifício. Quando os soldados eram submetidos a trabalhos arriscados, para lhes levantar o ânimo o 1.º cabo de serviço gesticulava incitamentos patrióticos e corajosos, gritava e entusiasmava-os a fazerem esses mesmos trabalhos considerados heróicos¹¹¹⁹. Muitas foram as vezes em que Pedro de Freitas, enquadrado na 4.ª companhia do seu Batalhão, ouvira esses discursos de nacionalização das massas, os quais associavam todo o sofrimento e amarguras do quotidiano da guerra à nobre causa do amor pela pátria. Outras vezes, os elementos da 4.ª companhia tinham de pôr-se em sentido de marcha pedestre por caminhos íngremes, com as mochilas pesadas e a cantarem sem vontade as trovas nacionais¹¹²⁰. Neste contexto, também era usual que o comandante da companhia proferisse um discurso de carácter heróico: «*lembrando o cumprimento do dever, o brio, a gloriosa missão de combater, honrando a pátria e morrendo por ela*»¹¹²¹. Efectivamente que através da continuidade deste tipo de incitamentos, adequados à nacionalização das massas, muitos dos combatentes consideravam o seu sofrimento como «*feridas honrosas*» e as suas cicatrizes como o seu «*distintivo heróico*»¹¹²². Deste modo, salienta-se que Pedro de Freitas também tinha interiorizado os atributos de um soldado, descrevendo que, para tal, era necessário dedicação, coragem, desprezo pela vida, abnegação e heroísmo¹¹²³. Em contrapartida, a população portuguesa continuava a assistir de dia para dia à subida dos preços, aos

¹¹¹⁹ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 125.

¹¹²⁰ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 46; Mosse, George L., *La Nacionalización de las Masas: Simbolismo Político y Movimientos de Masas en Alemania desde las Guerras Napoleónicas al Tercer Reich*, Argentina, Siglo XXI Editores, 2007, pp. 31, 112, 102, 133.

¹¹²¹ Marques, Isabel Pestana: “1914-1918. Comportamentos de Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 109.

¹¹²² Almada Negreiros, António, *Portugal na Grande Guerra (Crónicas dos Campos de Batalha)*, Paris, Livraria Garnier Frères, 1917, p. 99; Mosse, George L., *La Nacionalización de las Masas: Simbolismo Político y Movimientos de Masas en Alemania desde las Guerras Napoleónicas al Tercer Reich*, Argentina, Siglo XXI Editores, 2007, pp. 31, 112, 102, 133.

¹¹²³ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 153.

açambarcamentos, às carestias, aos problemas de transportes, à mobilização militar, à partida dos expedicionários para terras distantes e desconhecidas, à censura postal e de imprensa periódica, e às desordens públicas. Obviamente que com a continuidade e o agravamento destas situações a ideia da guerra deixava de ter aquela conotação de algo distante e longínquo, e os seus efeitos passaram rapidamente a afectar a vida de todos os portugueses e de maneira imprevisível. Acrescenta-se, ainda, que as consequências da guerra geravam desigualdades, e a mesma tornava-se de um modo geral cada vez mais impopular¹¹²⁴. O desejo do fim da guerra era cada vez mais ansiado, e, neste contexto, de angústia e de sofrimento colectivo, um fenómeno de fé e de esperança começava a ser vivido intensamente em Portugal mediante as aparições da Nossa Senhora de Fátima: «Desde 13 de Maio de 1917 que se encheu o sentimento popular com a notícia de que Nossa Senhora, depois da festividade da Ascensão, aparecera a três jovens pastoras em cima de uma azinheira no lugar de Cova da Iria, perto de Fátima. Numa linguagem serena, ter-lhes-ia anunciado uma nova aparição para ajudar a remir os pecados do mundo»¹¹²⁵. Sem embargo, o descontentamento face à guerra também afectava de dia para dia as tropas no quotidiano da guerra. Ao viver-se num ambiente onde decorriam hostilidades inimagináveis, alguns dos combatentes começavam a questionar se fazia sentido a continuidade daquela guerra, ou se aquele massacre era necessário, ou ainda se os núcleos de dirigentes eram sinceros¹¹²⁶. Perante os cenários de destruição a todos os âmbitos, tanto a nível de estruturas materiais como de perdas humanas, Pedro de Freitas exprimia um progressivo sentimento de relutância face às

¹¹²⁴ Marques, Isabel Pestana: “O Algarve e a Grande Guerra”, Em Marques, Maria da Graça Maia, *O Algarve da Antiguidade aos nossos dias (elementos para a sua história)*, Lisboa, Edições Colibri, 1999, p. 485; Serrão, Joaquim Veríssimo, *Historia de Portugal A Primeira República (1910-1926)*, Vol. X, Lisboa, Editorial Verbo, 1995, pp. 189-191

¹¹²⁵ Serrão, Joaquim Veríssimo, *Historia de Portugal A Primeira República (1910-1926)*, Vol. X, Lisboa, Editorial Verbo, 1995, pp. 191-192.

¹¹²⁶ Ferro, Marc, *A Guerra 1914-1918*, Lisboa, edições 70, 2002, p. 13.

guerras¹¹²⁷. Como tal, o cenário de destruição que Pedro de Freitas tinha observado em Péronne constituía um dos casos paradigmáticos que tinha chocado a sua sensibilidade. Por isso, evidenciando o seu espírito regionalista e nacionalista, Pedro de Freitas imaginava os momentos ali passados e transpunha essas cenas reais para o seu torrão natal e também para o seu núcleo familiar: *«Por essas ruínas calculo qual seria a dor dessas famílias ao abandonarem as suas queridas terras, ao fugirem às felicidades dos seus lares! Como entristece e choca calcular das aflições de tantos infelizes! Que desgosto não seria o meu se visse o meu querido Loulé reduzido a pó, cinza e nada? Que dor não seria a minha se visse minha mulher no meio de uma aflição indiscriminável pegar no seu inocente filhinho para fugir sem amparo, à mercê da sorte?»*¹¹²⁸. Neste âmbito, Pedro de Freitas ainda descreveu que em Péronne os mortos eram tantos que tiveram de improvisar um cemitério para os enterrar: *«Em terreno alagado e em declive, à beira do citado rio, a companhia estabelece a sua nova sede, tendo por vizinhos, de um lado, muitíssimas e desajeitadas cruces de um cemitério, feito ao acaso, pela força das circunstâncias onde, consecutivamente, os ingleses enterram os seus mortos»*¹¹²⁹. Estas cenas que faziam parte do quotidiano da guerra perturbavam profundamente a sensibilidade de Pedro de Freitas e, em simultâneo, eram responsáveis pela sua crescente necessidade de problematizar o porquê daquela guerra. Havia, de facto, uma enorme dicotomia entre, por um lado, os estadistas e os profissionais de guerra que falavam de pátrias e ostentavam várias condecorações, e, por outro lado, o povo que

¹¹²⁷ Diga-se que embora esta guerra fosse preparada segundo as concepções do século XIX, diferenciava-se das guerras anteriores, tanto pela sua extensão ser a nível mundial, com um tempo de duração de quatro anos ininterruptos, como pelos meios e estratégias utilizados. As suas consequências seriam devastadoras para Portugal, que obteve cerca de cinco milhares de mortos. Em José Saraiva, Hermano, *História de Portugal*, Lisboa: Publicações Europa-América, 1998, p. 501; Ramos, Rui: *“As guerras da República (1911-1917)”*, Em Mattoso, José (dir.) *História de Portugal: A Segunda Fundação*, Vol. 6, Lisboa, Editorial Estampa, 1994, pp. 432-527.

¹¹²⁸ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 65.

¹¹²⁹ Tratava-se do rio Somme. Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 62.

entregava-se ao sacrifício do flagelo, que morria sem saber claramente por quem, ou que desconhecia as razões daquele terrível evento¹¹³⁰.

Por mais paradoxo que possa parecer, no contexto da guerra, Pedro de Freitas demonstrou compaixão pelos alemães quando os viu prisioneiros de guerra nos campos de concentração. Neste prisma, Pedro de Freitas expressou a sua reacção quando nas imediações de um dos campos de concentração um alemão pediu-lhe comida: «*Dou-lhe um pouco que tenho: duas bolachas e um pouco de corneed-beef. Fica satisfeito; agradece-me reconhecido*»¹¹³¹. Contudo, foi na manhã do dia 7 de Julho de 1918, quando os componentes da banda filarmónica dirigiam-se para a estação militar de Étapes, que Pedro de Freitas ficou extremamente impressionado com a cena dramática que vira num combóio de prisioneiros alemães: «*Abertos os vagons onde permaneciam enjaulados os prisioneiros para receberem da mão dos ingleses a trivial ração de bolacha com um pouco de “corned-beef”, aparecem às portas, em pilha, figuras de alemães de aspecto tão miserável que bastante impressionado me deixavam; e num relance de olhos, do conjunto apresentado pelos alemães, imediatamente constato a disparidade havida entre eles. Uns, autênticos imberbes, aparentando idades de quinze a dezoito anos, a contrastarem com os de aparência quarentona; mas macilentos, cadavéricos, cara de fome*»¹¹³². A partir deste episódio, Pedro de Freitas constatou que aqueles prisioneiros alemães eram seres humanos que lutavam pelos mesmos ideais do que os outros soldados, fossem eles portugueses ou ingleses. Por isso, depois de presenciar as crueldades de que eram vítimas os militares alemães, Pedro de Freitas

¹¹³⁰ Quintinha, Julião, *No Fim da Guerra (Um Sonho)*, Lisboa, Casa Ventura Abrantes Livraria Editora, 1917, p. 9.

¹¹³¹ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 275.

¹¹³² Étapes, localizada no departamento de Pas-de-Calais da região Nord-Pas-de-Calais, Em *Wikipédia*, [on-line], <<http://fr.wikipedia.org/wiki/%C3%89taples>> [consulta: 13 de Janeiro de 2008]; Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 177.

deixou de ser um soldado rival, revoltando-se totalmente contra as entidades políticas que tinham condicionado aquela guerra: *«E eu, que nesse momento, de tal forma impressionado, deixo de ser um soldado inimigo para ser um vivente cheio de humanidade e caritativo, uma série de íntima revolta contra a “barbárie” da guerra me assalta, e que a exteriorizo da seguinte forma: Infelizes viventes! Autênticos farrapos humanos que a despótica vontade dos Mandões lograram unir, [...] Pobres prisioneiros! Irmãos meus pela matéria! Como eu sinto no íntimo da alma a dor que vos acompanha! [...] E com a alma entristecida pela desumanidade e selvajaria que a guerra na sua hediondez provoca; com todos estes detestáveis sintomas flagrantemente representados pelas almas aprisionadas no comboio, mais se activa a minha íntima e profunda revolta contra os nefastos autores da tão horrível quão trágica Grande Guerra Mundial»*¹¹³³.

Neste contexto, reforça-se a ideia que passava a existir um abismo cada vez maior entre a propaganda de guerra e a verdadeira realidade que ela suscitava. Antes da entrada de Portugal no conflito europeu, durante a sua intervenção militar e, sobretudo, após a guerra ter terminado pintava-se uma aura em seu entorno que fugia à verdade: *«não correspondia minimamente à realidade»*¹¹³⁴.

O tema literário da guerra em Portugal escassamente relatava uma experiência bem informada dos seus mecanismos e processos, e raras vezes dava origem a um relato bem

¹¹³³ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 178.

¹¹³⁴ Becker, Jean-Jacques, “Prefácio”, Em Teixeira, Nuno Severiano, *O Poder e a Guerra 1914-1918 Objectivos Nacionais e Estratégias Políticas na Entrada de Portugal na Grande Guerra*, Lisboa, Editorial Estampa, 1996, p. 16.

coordenado do que se tinha passado ou do que se dizia ter decorrido¹¹³⁵. Muitos dos correspondentes da imprensa portuguesa que faziam o trabalho de repórteres de guerra não eram jornalistas profissionais. Por isso, esses repórteres de guerra não estavam talhados para os grandes feitos de reportagem¹¹³⁶. Porém, os restantes repórteres de guerra portugueses influenciados pela censura ou pelo patriotismo também não tinham sido capazes de dar o verdadeiro retrato da situação. Deste modo, no pós-guerra toda a nação fora levada a comungar da memória da guerra¹¹³⁷. A participação de Portugal no conflito europeu tornara-se objecto de exaltação a nível nacional e patriótico: «*o culto da memória da guerra e a comemoração do heroísmo dos soldados portugueses tornaram-se num facto não só dos manuais escolares como nos ex-votos nas igrejas*»¹¹³⁸. Progressivamente iam sendo exaltados mais cultos e símbolos relacionados com a memória da guerra, não só em Portugal como também noutros países que tinham participado no conflito europeu, cujas técnicas políticas convertiam-se em propagandas adequadas à nacionalização das massas¹¹³⁹. Com efeito, a dificuldade em lidar com o cadáver desconhecido ou com o morto sem sepultura tinha originado um novo tipo de

¹¹³⁵ Moura, Vasco Graça: “A Guerra na Literatura Portuguesa”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 249.

¹¹³⁶ Santos, José Rodrigues dos: “Notícias da Frente – História dos Correspondentes de Guerra Portugueses nos Grandes Conflitos Internacionais”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 272.

¹¹³⁷ Santos, José Rodrigues dos: “Notícias da Frente – História dos Correspondentes de Guerra Portugueses nos Grandes Conflitos Internacionais”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 282; Becker, Jean-Jacques, “Prefácio”, Em Teixeira, Nuno Severiano, *O Poder e a Guerra 1914-1918 Objectivos Nacionais e Estratégias Políticas na Entrada de Portugal na Grande Guerra*, Lisboa, Editorial Estampa, 1996, p. 17.

¹¹³⁸ Becker, Jean-Jacques, “Prefácio”, Em Teixeira, Nuno Severiano, *O Poder e a Guerra 1914-1918 Objectivos Nacionais e Estratégias Políticas na Entrada de Portugal na Grande Guerra*, Lisboa, Editorial Estampa, 1996, p. 16.

¹¹³⁹ Mosse, George L., *La Nacionalización de las Masas: Simbolismo Político y Movimientos de Masas en Alemania desde las Guerras Napoleónicas al Tercer Reich*, Argentina, Siglo XXI Editores, 2007, pp. 91, 94, 112.

culto que exaltava o morto desconhecido¹¹⁴⁰. Neste sentido, em Abril de 1921, e seguindo o exemplo das nações interaliadas da guerra, Portugal passava a comemorar o *Soldado Desconhecido*, o qual constituía o símbolo dos seus heróis anónimos¹¹⁴¹. Além do mais, usaram-se outros símbolos alusivos à guerra como o *Cristo das Trincheiras* e outros relacionados com a região da guerra em ruínas, como a igreja e o cemitério português da aldeia *La Couture* em França, os quais recordavam os antigos combatentes lusos. Neste contexto, também apareceu a *Liga dos Combatentes da Grande Guerra*¹¹⁴². Na qualidade de ex-combatente, Pedro de Freitas reconheceu o mérito dos que se disponibilizaram, tal como ele, a dedicar as suas vidas aos deveres exigidos em prol da nação portuguesa¹¹⁴³. Talvez tenha sido esta a principal razão que tenha justificado a colaboração de Pedro de Freitas na escrita de alguns artigos de imprensa periódica e em iniciativas relacionadas com o enaltecimento e a perpetuação das memórias e dos símbolos alusivos aos feitos guerreiros da *Primeira Grande Guerra Mundial*, o que, a seu modo, não deixava de contribuir na nacionalização das massas¹¹⁴⁴. Neste contexto,

¹¹⁴⁰ Marques, Isabel Pestana: “1914-1918. Comportamentos de Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova História Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 121.

¹¹⁴¹ Martins, Luís Augusto Ferreira, *História do Exército Português*, Lisboa, Editorial Inquérito Limitada, 1945, p. 560; Mosse, George L., *La Nacionalización de las Masas: Simbolismo Político y Movimientos de Masas en Alemania desde las Guerras Napoleónicas al Tercer Reich*, Argentina, Siglo XXI Editores, 2007, p. 95.

¹¹⁴² Freitas, Pedro de, “Evocações do “9 de Abril” - O Cristo das Trincheiras”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 08-04-1958. Freitas, Pedro de, “Evocações do “9 de Abril” - O Cristo das Trincheiras”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 08-04-1958; Freitas, Pedro de, “Evocando o 9 de Abril”, Em *Vida Ribatejana*, Vila Franca de Xira, 09-04-1955

¹¹⁴³ Freitas, Pedro de, “Há vinte anos...”, Em *O Barreiro*, Barreiro, 22-04-1937.

¹¹⁴⁴ Freitas, Pedro de, “O Cristo das Trincheiras faz reviver uma geração esquecida”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 13-04-1958; Freitas, Pedro de, “Evocando o 9 de Abril”, Em *Vida Ribatejana*, Vila Franca de Xira, 09-04-1955; Freitas, Pedro de, “Evocações do “9 de Abril” - O Cristo das Trincheiras”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 08-04-1958; Freitas, Pedro de, “Como nasceu a Banda de Sapadores de Caminhos de Ferro”, Em *Arte Musical*, Lisboa, 20-02-1936; Freitas, Pedro de de, “21-04-1917 - 21-04-1927 De Cascais parte p'ra a Guerra duas companhias de B. S. Caminhos de Ferro”, *Alma Algarvia*, Loulé, 12-06-1927; Freitas, Pedro de, “9 de Abril”, *O Louletano*, 06-04-1939; Freitas, Pedro de, “Na Guerra de 1914 a 18”, Em *O Algarve*, Faro, 28-08-1949; Freitas, Pedro de, “A Romagem dos Combatentes Portugueses a França”, Em *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, Lisboa, 16-09-1951; Mosse, George L., *La Nacionalización de las Masas: Simbolismo Político y Movimientos de Masas en Alemania desde las Guerras Napoleónicas al Tercer Reich*, Argentina, Siglo XXI Editores, 2007, pp. 91, 95, 112.

Pedro de Freitas ainda constituiu um pilar fundamental na concretização das festas realizadas entre os elementos do *Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro* (BSCF): «Em 1935 dei eu início às simpáticas festas de confraternização anual do B.S.C.F. realizadas indistintamente entre antigos oficiais, sargentos e soldados»¹¹⁴⁵. Estes encontros anuais eram organizados pela *Comissão Executiva de Festa Anual de Confraternização do B.S.C.F.*, sob a direcção do General Raul Esteves, nos quais Pedro de Freitas participava como ex-combatente do *Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro* (BSCF). Cada ano a festa era realizada numa terra de Portugal. Deste modo, em 1935, o banquete fora realizado a 3 de Maio em Cascais¹¹⁴⁶; em 1936, fez-se em Sintra e Colares, também no dia 3 de Maio¹¹⁴⁷; em 1937, essa jornada patriótica tinha sido concretizada em Guimarães, no dia 2 de Maio¹¹⁴⁸. Porém, no ano seguinte (1938), Pedro de Freitas integrou-se na *Comissão Executiva de Festa Anual de Confraternização do B.S.C.F.* com o objectivo do dito Batalhão ir visitar a sua terra natal, Loulé¹¹⁴⁹. Esta festa de confraternização foi realizada no dia 1 e 2 de Maio de 1938 e coincidiu com as tradicionais festas religiosas da *N.ª S.ª da Piedade*, a Mãe Soberana de Loulé¹¹⁵⁰. Dada a

¹¹⁴⁵ Freitas, Pedro de, “A Romagem dos Combatentes Portugueses a França Carta de um antigo Combatente”, Em *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, Lisboa, 16-09-1951.

¹¹⁴⁶ Ornellas, Fernando de Souza Carlos d’ (dir.): “Os Antigos Combatentes de Sapadores de Caminhos de Ferro realizam em Cascais no dia 3 de Maio um Banquete de Confraternização”, Em *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, Lisboa, 16-04-1935, pp. 169-171; Ornellas, Fernando de Souza Carlos d’ (dir.): “Os antigos combatentes de Sapadores de Caminhos de Ferro realizaram a sua anunciada festa em Cascais com uma Apoteose digna do maior Elogio da parte das autoridades e Entidades Particulares”, Em *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, Lisboa, 16-05-1935, pp. 217-222.

¹¹⁴⁷ Ornellas, Fernando de Souza Carlos d’ (dir.): “300 Homens de Sapadores de Caminhos de Ferro que fizeram a Grande Guerra reúnem-se em Sintra e Colares”, Em *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, Lisboa, 01-05-1936, pp. 251-255; Ornellas, Fernando de Souza Carlos d’ (dir.): “Os Combatentes do Antigo Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro reuniram-se numa Festa de Confraternização para solenizar o seu regresso à pátria após a Grande Guerra”, Em *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, Lisboa, 16-05-1936, pp. 277-279.

¹¹⁴⁸ Ornellas, Fernando de Souza Carlos d’ (dir.): “Os Antigos Combatentes na Flandres fizeram uma jornada patriótica a Guimarães, em cuja histórica cidade se efectuou o anual banquete de confraternização”, Em *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, Lisboa, 16-05-1937, pp. 254-259.

¹¹⁴⁹ Ver 7.8. Uma fotobiografia de Pedro de Freitas, fotografia n.º 6, em Anexos.

¹¹⁵⁰ Ver 7.8. Uma fotobiografia de Pedro de Freitas, fotografias n.º 7 e 8, em Anexos. Ornellas, Fernando de Souza Carlos d’ (dir.): “Os componentes do antigo Batalhão de Sapadores, acompanhados pelo seu comandante General Raul Esteves são recebidos triunfalmente no Algarve”, Em *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, Lisboa, 16-05-1938, pp. 231-237.

dupla intencionalidade imposta nesta homenagem, de carácter bairrista e nacionalista, o feito concretizado por Pedro de Freitas foi considerado como uma exaltação patriótica, tal como é possível verificar na toponímia de Loulé¹¹⁵¹ e neste comentário da *Gazeta dos Caminhos de Ferro*: «A Pedro de Freitas, que é um modelo das sublimes qualidades do Povo Louletano e que encarna bem de forma exemplar as virtudes desse honrado e notável Povo, que não se poupou a fadigas para ver coroado do melhor êxito esta festa de homenagem aos seus companheiros combatentes do “Sempre Fixe”»¹¹⁵². Além do mais, Pedro de Freitas ainda escreveu uma carta para a revista quinzenal *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, cujo propósito era a realização da *Romagem dos Combatentes Portugueses à França*¹¹⁵³. Nesta carta, Pedro de Freitas expressou que desde o ano de 1935 vinha insistindo na necessidade dos soldados portugueses fazerem uma viagem à França para relembrem o passado e homenagearem os que lá ficaram sepultados no cemitério de *La Couture*¹¹⁵⁴. Esta proposta de Pedro de Freitas ainda teve alguma repercussão na imprensa periódica, sendo registada no *Diário de Notícias* e no *Século* de 4 de Maio de 1935¹¹⁵⁵. Sem embargo, a sua sugestão não fora concretizada, por isso, a 29 de Novembro de 1948 Pedro de Freitas lançava novamente a ideia de se fazer a romagem à França. Para o devido efeito, Pedro de Freitas distribuiu umas circulares com o itinerário da excursão, conseguindo a adesão do Major Rosa Bastos e de Carlos d’Ornellas, os quais formaram a Comissão que subscreveu uma circular de

¹¹⁵¹ Ver 7.9. Outras Fontes Documentais, Documento n.º 19 e n.º 20, em Anexos.

¹¹⁵² Anónimo [Major Rosa Bastos]: “Sapadores de Caminhos de Ferro - Os componentes do antigo Batalhão de Sapadores, acompanhados pelo seu comandante General Raul Esteves são recebidos triunfalmente no Algarve”, Em *Gazeta dos Caminhos de Ferro, Revista quinzenal*, Lisboa, Tip. Gazeta dos Caminhos de Ferro, 01-06-1938, pp. 257-259.

¹¹⁵³ Freitas, Pedro de, “Na Guerra de 1914 a 18”, Em *O Algarve*, Faro, 28-08-1949; Freitas, Pedro de, “A Romagem dos Combatentes Portugueses a França Carta de um Antigo Combatente”, Em *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, Lisboa, 16-09-1951.

¹¹⁵⁴ Freitas, Pedro de, “Na Guerra de 1914 a 18”, Em *O Algarve*, Faro, 28-08-1949; Freitas, Pedro de, “A Romagem dos Combatentes Portugueses a França Carta de um Antigo Combatente”, Em *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, Lisboa, 16-09-1951.

¹¹⁵⁵ Freitas, Pedro de, “A Romagem dos Combatentes Portugueses a França Carta de um antigo Combatente”, Em *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, Lisboa, 16-09-1951.

inscrição. No entanto, apesar desta circular ter sido distribuída e de ter suscitado algumas respostas afirmativas, a ideia de Pedro de Freitas não fora levada à vante: «*Mas quanto à realização prática da romagem, tudo foi impossível por falta de coesão de certas entidades que eram indispensáveis em tão grande empresa*»¹¹⁵⁶. Em 1949, Pedro de Freitas continuava a insistir nesse projecto mediante a escrita de mais um artigo onde sublinhava a necessidade dessa concretização¹¹⁵⁷. Contudo, só em Maio de 1951 é que foi possível a realização dessa ideia através de uma Romagem à França empreendida pelos antigos combatentes portugueses¹¹⁵⁸. Neste sentido, Pedro de Freitas exprimiu a sua satisfação pela concretização dessa viagem, fruto da sua iniciativa e persistência. Assim, Pedro de Freitas, além de ter revelado o entusiasmo através da sua participação, ainda manifestou a ideia de que a mesma deveria de ser efectivada¹¹⁵⁹. Ainda neste prisma, sobre a temática da guerra, Pedro de Freitas protagonizou palestras e discursos de teor convictamente nacionalista, tal como o discurso protagonizado em Tomar aquando da confraternização do *Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro* (BSCF)¹¹⁶⁰.

Em inícios de 1980, dado o protagonismo de Pedro de Freitas através de conferências, iniciativas, e na escrita de várias temáticas associadas à *Primeira Grande Guerra Mundial*, ele fora escolhido para vogal efectivo do *Conselho Supremo da Liga dos Combatentes*¹¹⁶¹. Neste contexto, salienta-se que Pedro de Freitas estava filiado nesta

¹¹⁵⁶ Freitas, Pedro de, “A Romagem dos Combatentes Portugueses a França Carta de um antigo Combatente”, Em *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, Lisboa, 16-09-1951.

¹¹⁵⁷ Freitas, Pedro de, “Na Guerra de 1914 a 18”, Em *O Algarve*, Faro, 28-08-1949.

¹¹⁵⁸ Freitas, Pedro de, “A Romagem dos Combatentes Portugueses a França Carta de um antigo Combatente”, Em *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, Lisboa, 16-09-1951.

¹¹⁵⁹ Freitas, Pedro de, “A Liga dos Combatentes organiza a Romagem”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 22-06-1976.

¹¹⁶⁰ Freitas, Pedro de, [Sem título], *Vida Ferroviária*, Barreiro, 01-06-1939; Martins, Luísa Fernanda Guerreiro, [On-line], <luisa.martins@iol.pt>, [11 de Outubro de 2008].

¹¹⁶¹ Anónimo, “Loulé continua a ter dilectos filhos Pedro de Freitas é um bom Português”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 09-02-1984.

delegação da *Liga dos Combatentes* no Barreiro desde 1926¹¹⁶². Esta *Liga dos Combatentes* exercia na época algum protagonismo que lhe possibilitava ir mais longe do que uma associação de socorros mútuos: «*A sua acção tem sido muito mais vasta e fecunda. Além de ter distribuído para cima de um milhão de escudos, em pensões, subsídios, livros de estudo, etc., calçou e vestiu alguns combatentes dos mais necessitados e forneceu-lhes medicamentos e alimentação. Reparou a sua sede social, adquiriu o mobiliário necessário, tornou-a digna, embora modestamente, de poder receber, de forma decente, todos quantos nos têm dado a honra da sua visita. Custeou as despesas com o talhão do cemitério do Alto de S. João, onde repousam os restos mortais de muitos dos seus camaradas*»¹¹⁶³. Além do mais, a 9 de Abril de 1983, a *Liga dos Combatentes* anunciava as comemorações do sexagésimo quinto aniversário da *Batalha de La Lys* numa romagem ao *Mosteiro da Batalha*, na qual, Pedro de Freitas proferiu uma elocução sobre a temática da guerra e dos soldados sepultados¹¹⁶⁴.

Contudo, foi somente a partir de várias reflexões sobre os trágicos resultados da *Primeira Grande Guerra Mundial* que uma visão mais realística passou a ser reconhecida¹¹⁶⁵. Muitas foram as perguntas feitas relativamente ao facto da estratégia radical e intervencionista ter sido ou não a mais correcta na conquista dos objectivos de guerra da parte de Portugal. Neste sentido, constatou-se a existência de falhas tanto a nível interno como a nível externo. Ao não se ter conseguido um consenso e uma unidade nacional, as clivagens internas e as tentativas de mudança política para alterar os objectivos da guerra agravaram-se, tal como tinha sucedido através do exemplo do

¹¹⁶² Anónimo, “Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 13-03-1980.

¹¹⁶³ Antunes, António, “A acção beneficente da L.C.G.G.”, Em *República*, Lisboa, 11-11-1931.

¹¹⁶⁴ Freitas, Pedro de, “Romagem à Batalha, na sala do Capítulo”, Em *Combatente*, Lisboa, Abril de 1983; Freitas, Pedro de, “Combatentes comemoram La Lys”, Em *Diário de Lisboa*, Lisboa, 09-04-1983.

¹¹⁶⁵ Pereira, Paulo: “A Guerra e a Arte no Contexto Português”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova História Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 352.

Governo de Sidónio Bernardino Pais. Uma outra falha relacionava-se com os objectivos a atingir, uma vez que os mesmos eram mais ambiciosos do que os meios disponíveis, os quais eram: «*os recursos económico-financeiros, o potencial militar e o consenso político*»¹¹⁶⁶.

Depois da guerra, Portugal desfilara na festa da vitória, sob o Arco do Triunfo em Paris, ao lado dos aliados, e como uma das potências vitoriosas. Estes factos não deveriam de suscitar dúvidas sobre se Portugal tinha ganho ou não a guerra: «*E no entanto, a dívida instalara-se e a questão punha-se, nos meios políticos como na opinião pública*»¹¹⁶⁷. A situação do país, analisada no prisma económico, financeiro, e em termos de estabilidade política e social, era mais grave do que no início do conflito. Na qualidade de um país beligerante, que combatera ao lado dos aliados, Portugal obtinha compensações coloniais e parte dos seus objectivos económicos na *Conferência de Paz*. Contudo, os resultados relativamente a este tratado de Paz eram vividos com um sentimento de injustiça: «*Portugal não sentia compensado na paz o seu esforço de guerra*»¹¹⁶⁸. A compensação relativamente a Portugal limitou-se a sancionar a restituição de Quionga. Porém, este fora um preço considerado modesto comparativamente com a cooperação militar de Portugal na Primeira Guerra, onde empenhara milhares de homens, muitos dos quais sacrificaram a vida nos campos de

¹¹⁶⁶ Teixeira, Nuno Severiano, *O Poder e a Guerra 1914-1918 Objectivos Nacionais e Estratégias Políticas na Entrada de Portugal na Grande Guerra*, Lisboa, Editorial Estampa, 1996, p. 382.

¹¹⁶⁷ Teixeira, Nuno Severiano: “Portugal e a Grande Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 31.

¹¹⁶⁸ Teixeira, Nuno Severiano: “Portugal e a Grande Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 31.

batalha na Flandres e nas províncias portuguesas de África¹¹⁶⁹. Deste modo, através da *Conferência de Paz* não se obteria o objectivo da política externa, aquele que fora, em última análise, a causa principal da entrada de Portugal na *Primeira Grande Guerra*. A este objectivo internacional gorado juntaram-se outros de natureza interna que nunca chegaram a ser alcançados: «*A situação económica e financeira, a instabilidade social, a desagregação partidária e a crise das instituições não só bloquearam a concretização do projecto modernizador da República como, em última instância, impossibilitaram a consolidação política e a legislação nacional do regime. Mais, abriram a porta à deriva autoritária que, em boa parte, nasce dos escombros da Primeira Guerra*»¹¹⁷⁰.

Com efeito, mediante vários artigos de imprensa periódica, Pedro de Freitas também protagonizou reflexões sobre se valeu a pena o sacrifício de toda uma geração¹¹⁷¹; sobre os custos humanos e monetários da guerra¹¹⁷²; e sobre a ineficácia desta conflagração europeia¹¹⁷³.

Neste sentido, não deixa de ser relevante mencionar que durante o tempo de campanha no quotidiano da guerra, e logo a seguir ao pós-guerra, a *Batalha do 9 de Abril de 1918* era vista por Pedro de Freitas como um feito heróico do exército português. Porém, muitos anos depois desse acontecimento ter sucedido o significado do *9 de Abril* já tinha uma conotação bem mais realista, o qual passava a simbolizar morte, traição,

¹¹⁶⁹ Martins, Luís Augusto Ferreira, *História do Exército Português*, Lisboa, Editorial Inquérito Limitada, 1945, p. 560.

¹¹⁷⁰ Teixeira, Nuno Severiano: “Portugal e a Grande Guerra”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova História Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, p. 34.

¹¹⁷¹ Freitas, Pedro de, “O Armistício”, Em *O Barreiro*, Barreiro, 15-11-1936; Freitas, Pedro de, “Os Combatentes da Velha Grande Guerra”, Em *O Algarve*, Faro, 10-11-1946; Freitas, Pedro de, “Há Trinta e oito anos Um sacrifício inútil (O Armistício em 1956)”, Em *Jornal de Moura*, Moura, 10-11-1956.

¹¹⁷² Freitas, Pedro de, “Coisas que acontecem II”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 25-08-1981; Freitas, Pedro de, “Coisas que acontecem IX”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 16-02-1982.

¹¹⁷³ Freitas, Pedro de, “Onze de Novembro”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 16-11-1947; Freitas, Pedro de, “Evocações do "9 de Abril" - O Cristo das Trincheiras”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 08-04-1958; Freitas, Pedro de, “O Armistício”, Em *O Barreiro*, Barreiro, 15-11-1936; Freitas, Pedro de, “Os Combatentes da Velha Grande Guerra”, Em *O Algarve*, Faro, 10-11-1946; Freitas, Pedro de, “Há Trinta e oito anos Um sacrifício inútil (O Armistício em 1956)”, Em *Jornal de Moura*, Moura, 10-11-1956.

desprezo, sacrifícios e loucura¹¹⁷⁴. Deste modo, Pedro de Freitas passava a pôr em causa os ideais e os caprichos evocados aquando do evento da própria guerra. Neste contexto, Pedro de Freitas passou a reflectir que os jovens combatentes (incluindo-se a ele próprio) julgavam ir lutar pela liberdade dos povos aliados e partiam cheios de ilusões peculiares do espírito nacionalista. Além do mais, esses ideais ultrapassavam o âmbito de um interesse puramente nacional para implicarem a conquista da paz no mundo¹¹⁷⁵. Neste contexto, Pedro de Freitas também frisou que aquelas utopias relacionadas com “a última das guerras” tinham sido a principal causa que tinha levado a maioria dos combatentes portugueses a sacrificarem-se e a oferecerem a sua vida em obediência aos deveres que a pátria lhes tinha imposto¹¹⁷⁶.

Finalmente, Pedro de Freitas reflectia que com a prossecução do Armistício, a 11 de Novembro de 1918, julgou-se não só o fim de uma guerra (de quatro anos três meses e catorze dias) mas o fim das guerras a nível mundial. De facto, o *Armistício* tinha implicado tantas expectativas relacionadas com a consolidação da paz no mundo¹¹⁷⁷. No entanto, Pedro de Freitas reflectiu que o *Armistício* em vez de ser um suporte de paz, a nível mundial, fora um pilar de mais guerras¹¹⁷⁸. As especulações de Pedro de Freitas sobre a validade de tantos sacrifícios agravaram-se quando ele passou a assistir ao dealbar da *Segunda Guerra Mundial* (1939-1945)¹¹⁷⁹. Deste modo, Pedro de Freitas concluiu que aquele sacrifício sublime feito aquando da *Primeira Grande Guerra Mundial* tinha sido feito em vão porque os efeitos da guerra só tinham prejudicado a

¹¹⁷⁴ Freitas, Pedro de, “Evoações do "9 de Abril" - O Cristo das Trincheiras”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 08-04-1958.

¹¹⁷⁵ Freitas, Pedro de, “Há vinte anos...”, Em *O Barreiro*, Barreiro, 22-04-1937.

¹¹⁷⁶ Freitas, Pedro de, “A Romagem dos Combatentes Portugueses a França”, Em *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, Lisboa, 16-09-1951.

¹¹⁷⁷ Freitas, Pedro de, “Os Combatentes da Velha Grande Guerra”, Em *O Algarve*, Faro, 10-11-1946.

¹¹⁷⁸ Freitas, Pedro de, “Há Trinta e oito anos Um sacrificio inutil (O Armistício em 1956!)”, Em *Jornal de Moura*, Moura, 10-11-1956.

¹¹⁷⁹ Freitas, Pedro de, “O Armistício”, Em *O Barreiro*, Barreiro, 15-11-1936; e Freitas, Pedro de, “Os Combatentes da Velha Grande Guerra”, Em *O Algarve*, Faro, 10-11-1946.

humanidade a nível humano, material, moral e psíquico¹¹⁸⁰. Consequentemente, os ex-combatentes maldiziam a ineficácia do seu sacrifício¹¹⁸¹. Por sua vez, ao expressar a revolta das massas populares, Pedro de Freitas condenava a falsidade engendrada pela autoridade política que dirigia o país: «*Não vos saciaram os mortos e as destruições que fizestes na primeira grande guerra? Não vos bastou o nosso sacrifício? Para que lutámos então? Onde está o fruto da nossa mocidade que tão impiedosamente sacrificasteis? Onde está cumprida a promessa que nos fizestes de batalharmos para acabarmos de vez com as guerras e essa ser a última?*»¹¹⁸².

Pedro de Freitas consciencializou-se que as expectativas projectadas no início da intervenção de Portugal no conflito europeu e os objectivos pretendidos com o seu desfecho tinham sido ineficazes, os quais não tinham justificado a flagrância que constituía a guerra em si mesma¹¹⁸³.

Além disso, Pedro de Freitas também começou a insurgir-se contra as más condições dos ex-combatentes, aconselhando-os a fileiras associativas¹¹⁸⁴. Neste sentido, Pedro de Freitas censurou a existência de um excessivo zelo e homenagens dedicados aos mortos da guerra. Assim, o valor monetário despendido no enaltecimento dos mortos da guerra acabava por condicionar as situações de precariedade e de esquecimento dos ex-combatentes vivos, os quais estavam em más condições existenciais. Neste âmbito, a

¹¹⁸⁰ Freitas, Pedro de, “O Armistício”, Em *O Barreiro*, Barreiro, 15-11-1936; e Freitas, Pedro de, “Os Combatentes da Velha Grande Guerra”, Em *O Algarve*, Faro, 10-11-1946.

¹¹⁸¹ Freitas, Pedro de, “Onze de Novembro”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 16-11-1947; Freitas, Pedro de, “Os Combatentes da Velha Grande Guerra”, Em *O Algarve*, Faro, 10-11-1946.

¹¹⁸² Freitas, Pedro de, “Há Trinta e oito anos Um sacrifício inútil (O Armistício em 1956!)”, Em *Jornal de Moura*, Moura, 10-11-1956.

¹¹⁸³ Freitas, Pedro de, “Há Trinta e oito anos Um sacrifício inútil (O Armistício em 1956!)”, Em *Jornal de Moura*, Moura, 10-11-1956.

¹¹⁸⁴ Freitas, Pedro de, “Os Mortos Vivos e os Vivos Mortos da Grande Guerra”, Em *Gente da Guerra*, Coimbra, 20-08-1933; Freitas, Pedro de, “Onze de Novembro”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 16-11-1947; Freitas, Pedro de, “Coisas do Arco da Velha ou... A Campanha dos Mortos”, Em *Gente da Guerra*, Coimbra, 30-12-1933.

Cruzada da Liga fora a única entidade evidenciada por Pedro de Freitas que não esquecia os combatentes mortos e tratava de ajudar os ex-combatentes vivos. Afinal, eram estes os que estavam doentes e continuavam a sofrer os efeitos devastadores da guerra¹¹⁸⁵. As palavras que se seguem, exprimidas pelo tenente Eduardo Faria, oficial miliciano combatente da Grande Guerra, também confirmaram a dicotomia entre os mortos e os vivos da guerra: «*Hoje, recordam-se aqueles que já não incomodam ninguém, e esqueceram-se criminosamente os que escaparam à fogueira imensa, os homens que vestiram uma farda que honraram e andam hoje com a alma enegrecida como se vestissem um fato de asilados*»¹¹⁸⁶. Neste contexto, Pedro de Freitas observava uma outra injustiça relacionada com as pensões de sangue que eram concedidas às famílias dos combatentes que tinham falecido durante o tempo de companhia na guerra. Estas pensões, além de serem facultadas muitos anos após a guerra ter cessado, eram concedidas somente por um curto período de tempo. Deste modo, Pedro de Freitas reivindicava o porquê destas injustiças de, sem qualquer justificação, suspenderem as pensões de sangue a quem tinha o direito de as receber¹¹⁸⁷. Com estas reclamações Pedro de Freitas acentuava que até então tinha-se feito muito a favor dos mortos na guerra e muito pouco em prol dos ex-combatentes que constituíam a massa dos cidadãos que estavam vivos e que tinham lutado pela nação, os quais mereciam dignidade em vez de serem maioritariamente ignorados ou desprezados. No entanto, além de criticar a má situação dos vivos da guerra, Pedro de Freitas ainda aconselhava os ex-combatentes a unirem-se em fileiras associativas e a manifestarem-se através dos órgãos de imprensa periódica. O objectivo de Pedro de Freitas continuava a ser o mesmo, ou seja, ajudar os

¹¹⁸⁵ Freitas, Pedro de, “Os Mortos Vivos e os Vivos Mortos da Grande Guerra”, Em *Gente da Guerra*, Coimbra, 20-08-1933.

¹¹⁸⁶ Faria, Eduardo, “Os homens da guerra saíram vencedores e ocupam hoje uma situação de vencidos”, Em *República*, Lisboa, 11-11-1931.

¹¹⁸⁷ Freitas, Pedro de, “Pensões da Sangue”, Em *A Voz dos Combatentes*, Lisboa, 21-03-1936.

ex-combatentes vivos a terem mais voz perante os seus direitos sem, todavia, desprezitar os que tinham sido mortos durante a guerra¹¹⁸⁸.

Enfim, depois do Armistício, o país sofrera os reflexos da conjuntura internacional, relacionados com a inflação, a desvalorização da moeda e, conseqüentemente, os vários problemas de miséria e de desordem social, que Pedro de Freitas não deixou de mencionar¹¹⁸⁹. Por outro lado, os espectros do comunismo e do fascismo que começavam a surgir na Europa contribuíam para tornar a situação ainda mais conturbada, criando um clima de anarquia e de instabilidade política que daria origem à implantação da *Ditadura Militar* a 28 de Maio de 1926¹¹⁹⁰. Sem embargo, estas situações, profundamente relacionadas com a mediatização de militantes discursos nacionalistas, conduziriam à afirmação da política do *Estado Novo* a partir de 1933. Porém, segundo as palavras de Pedro de Freitas, esta política Salazarista fora responsável por dirigir a sociedade portuguesa para um período de extrema opressão política, social e cultural: «*As liberdades perdidas e tudo quanto... só quem as sofreu melhor poderá conceber das suas conseqüências...*»¹¹⁹¹.

¹¹⁸⁸ Freitas, Pedro de, “Coisas do Arco da Velha ou... A Campanha dos Mortos”, Em *Gente da Guerra*, Coimbra, 30-12-1933.

¹¹⁸⁹ Carneiro, Roberto (dir.), *Geografia e História de Portugal, Activa Multimedia enciclopédia de consulta*, Lisboa, Lexical, 1997, p. 227; Rosas, Fernando (coord.), *Nova História de Portugal: Portugal e o Estado Novo (1930-1960)*, Vol. XII, Lisboa, Editorial Presença, 1990, p. 9; Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, pp. 122-123; Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, pp. 71-73.

¹¹⁹⁰ Carneiro, Roberto (dir.), *Geografia e História de Portugal, Activa Multimedia enciclopédia de consulta*, Lisboa, Lexical, 1997, p. 227; Rosas, Fernando (coord.), *Nova História de Portugal: Portugal e o Estado Novo (1930-1960)*, Vol. XII, Lisboa, Editorial Presença, 1990, p. 9; Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, pp. 122-123; Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, pp. 71-73.

¹¹⁹¹ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 72.

~ × ~

Apontou-se uma constante dicotomia entre as pretensões das autoridades do poder e o sofrimento que estas impunham aos combatentes, os quais iludidos e coagidos serviam os intentos da política nacionalista. Neste sentido, apresentou-se um conjunto de propaganda volátil de heroicidade e de renúncia à vida, a qual era utilizada estrategicamente pela política da época (num período prévio, durante e no pós-guerra), cujas técnicas políticas convertiam-se em propagandas adequadas à nacionalização das massas. Porém, as massas populares começavam a confrontar os crescentes desfasamentos entre aqueles discursos heróicos com as tristes situações da realidade. Com efeito, ao conferir ao biografado da história o jus de evidenciar os seus sentimentos e a sua interpretação face ao panorama sociocultural e político da sua época, analisa-se que Pedro de Freitas tinha participado na guerra plenamente convencido da concretização dos ideais da “*última das guerras*” que o sistema político pretendia inculcar nos seus combatentes. No entanto, as situações do quotidiano da guerra revestiam-se de hostilidade e de crueldade para com todos os combatentes, fossem eles do partido dos aliados como do lado do alemães. Deste modo, Pedro de Freitas concluiu que afinal todos os combatentes eram vítimas das imposições das autoridades políticas que governavam as nações, as quais tinham sido responsáveis pela eclosão daquele flagelo mundial. Do mesmo modo, o 9 de Abril de 1918, numa análise sincrónica, tinha sido visto por Pedro de Freitas como um acto heróico e vitorioso do exército português. Porém, anos depois, e numa visão diacrónica, Pedro de Freitas passara a entender esse evento (do 9 de Abril de 1918) de uma forma bem mais realista, o qual passava a simbolizar morte, traição e loucura. Por isso, a partir de um panorama contextualizado, apresentou-se a perspectiva de Pedro de Freitas que, por um lado, não deixou de participar activamente e de tomar iniciativas aquando das homenagens do pós-guerra, contribuindo, a seu modo, para a nacionalização das massas. Como tal, Pedro de Freitas considerava que os combatentes mortos na guerra mereciam respeito e consideração pela sua abnegação. Neste contexto de homenagens salientaram-se as conferências protagonizadas por Pedro de Freitas sobre esta temática; a sua indispensável

colaboração na concretização das festas realizadas entre os elementos do *Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro* (BSCF), e, neste prisma, o seu empreendimento para que o *Batalhão de Sapadores dos Caminhos de Ferro* visitasse Loulé. Além disso, também foi relevante a iniciativa e a persistência de Pedro de Freitas para que se levasse a cabo a efectivação da *Romagem dos Combatentes* à França. Porém, por outro lado (com alguma oposição face aos excessivos discursos apologéticos de festejos e de simbolismos bélicos, nos quais ele não deixou de participar), Pedro de Freitas passava igualmente a ser consciente das vicissitudes da política da época. Por isso, ele dava mais protagonismo às massas civis que, tal como ele, tinham sido as vítimas dessa mesma política. Neste sentido, Pedro de Freitas lutava por conferir melhores condições aos ex-combatentes, incentivando-lhes um espírito mais reivindicativo na luta pelos seus direitos. Porém, ao presenciar o dealbar da Segunda Guerra Mundial, Pedro de Freitas deixava escrito o equívoco, a todas as dimensões, de se engendrar um flagelo mundial. Enfim, Pedro de Freitas não só revelou a sua insatisfação para com as resoluções tomadas após o Armistício como também observou as situações de miséria que o país permaneceu no pós-guerra. Estas situações foram responsáveis pela implantação da *Ditadura Militar*, a 28 de Maio de 1926, a que se seguiu a instituição da política do *Estado Novo* (1933-1974), fruto dos espectros de um renovado discurso nacionalista que passava a dominar estrategicamente na Europa.

2.5. As actividades de Pedro de Freitas no âmbito cultural

Foi, sobretudo, a partir dos anos quarenta até aos anos oitenta do século XX que Pedro de Freitas empreendeu as iniciativas no âmbito cultural que neste subcapítulo serão apresentadas, as quais foram influenciadas pela mediatização de ideais de soberania popular - onde as massas populares representavam e participavam activamente na mística nacional¹¹⁹².

Segundo Pedro de Freitas a música era um reduto de organização social que desempenhava um papel fundamental na sociedade¹¹⁹³. Porém, a sua área de interesse era o universo das bandas filarmónicas porque as mesmas eram um atributo do povo¹¹⁹⁴. Por isso, através de diversas estratégias e iniciativas, Pedro de Freitas preocupava-se em assegurar a sua sobrevivência¹¹⁹⁵. Aliás, era esta intenção de salvaguardar as bandas filarmónicas que tinha justificado o interesse de Pedro de Freitas na escrita de uma obra literária dedicada à “música popular”¹¹⁹⁶. Sem embargo, para levar avante tal iniciava, no ano de 1941, Pedro de Freitas procedia a uma profunda investigação, percorrendo o país com o objectivo de recolher elementos sobre a vida das bandas filarmónicas¹¹⁹⁷. Além do mais, Pedro de Freitas era conhecido através da sua participação e iniciativas em vários jornais regionalistas, através dos quais ele começava a participar e a interagir

¹¹⁹² Mosse, George L., *La Nacionalización de las Masas: Simbolismo Político y Movimientos de Masas en Alemania desde las Guerras Napoleónicas al Tercer Reich*, Argentina, Siglo XXI Editores, 2007, p. 16.

¹¹⁹³ Freitas, Pedro de, “Pelo Progresso da Música Louletana (II)”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 16-01-1927.

¹¹⁹⁴ Freitas, Pedro de, “A Banda de Tavira vai acabar!”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 01-02-1948.

¹¹⁹⁵ Freitas, Pedro de de, “Pelo Progresso da Música louletana (I)”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 26-12-1926.

¹¹⁹⁶ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. [19].

¹¹⁹⁷ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. [555]; Freitas, Pedro de: “Apontamentos Históricos da vida das Filarmónicas A história principia assim...”, Em Silva, Manuel Lopes da (dir.), *Catavento n.º 50, Boletim da casa do pessoal da F.N.A.T.*, Lisboa, Dezembro 1973, pp. 28-29, [n.º 135 no Arquivo Histórico Municipal de Loulé].

não só a nível do Algarve (Loulé e Faro) como também no centro de Portugal (Barreiro e Lisboa)¹¹⁹⁸. Neste prisma, Pedro de Freitas protagonizava um perfil sociável, dinâmico e experiente no campo musical¹¹⁹⁹. Como tal, Pedro de Freitas tornou-se popular e passou a ser solicitado pela *Federação das Sociedades de Educação e Recreio* para proferir conferências sobre a temática da música popular¹²⁰⁰.

A 10 de Dezembro de 1947, realizava-se no Palácio da Instituição *A Voz do Operário*, em Lisboa, um *Concurso de Bandas Civas* integrado nas festas do vigésimo terceiro aniversário da *Federação das Sociedades de Recreio*. Neste contexto, através da imprensa periódica, Pedro de Freitas evidenciou a importância de se dar continuidade a este evento¹²⁰¹. Contudo, com a intenção que o concurso fosse alargado a todo o território nacional, Pedro de Freitas criticou o facto do mesmo ter sido restringido a Lisboa, e por ter sido realizado somente com o propósito de se festejar o aniversário da

¹¹⁹⁸ Ver 7.3. Quadro de Temas e Assuntos, em Anexos.

¹¹⁹⁹ Conceição, Máximo Olegário da: “Pelo progresso da Música louletana”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 16-02-1927; Anónimo, “Confraternização Musical”, Em *O Barreiro*, Barreiro, 21-11-1940.

¹²⁰⁰ A partir de Março de 1942, Pedro de Freitas foi convidado pela *Federação das Sociedades de Educação e Recreio* para fazer conferências através da rádio-difusão portuguesa, *Clube Radiofónico de Portugal*, subordinado ao título “As Bandas Civas – Filarmónicas”. Por sua vez, no *Segundo Congresso Nacional das Colectividades de Educação e Recreio* que a Federação realizou, em Julho de 1949, Pedro de Freitas apresentava mais uma conferência, cujo tema intitulava-se: “*A Música Popular – Parte integrante da Vida da Nação*”. Em Freitas, Pedro de: “Apontamentos Históricos da vida das Filarmónicas A história principia assim...”, Em Silva, Manuel Lopes da (dir.), *Catavento n.º 50, Boletim da casa do pessoal da F.N.A.T.*, Lisboa, Dezembro 1973, pp. 28-29, [n.º 135 no Arquivo Histórico Municipal de Loulé]; Freitas, Pedro de, “As Filarmónicas”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 04-02-1969; Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 226. Ver o ponto 7.5. Conferências e eventos concedidos por Pedro de Freitas, em Anexos.

¹²⁰¹ Freitas, Pedro de, “O Concurso das Bandas de Música”, Em *O Século*, Lisboa, 11-12-1947; Freitas, Pedro de, “O 1.º prémio do concurso das Bandas de Música foi dividido”, Em *O Século*, Lisboa, 12-12-1947; Freitas, Pedro de, “Na Voz do Operário – Concurso de Bandas Civas”, Em *O Algarve*, Faro, 21-12-1947; Freitas, Pedro de, “Na Voz do Operário – Concurso de Bandas Civas”, Em *O Algarve*, Faro, 28-12-1947; Freitas, Pedro de, “Na Voz do Operário – Concurso de Bandas Civas”, Em *O Algarve*, Faro, 04-01-1948.

dita Federação¹²⁰². Além do mais, Pedro de Freitas ainda apresentou algumas propostas quanto à sua possível organização no futuro: «*E porque não torná-lo orgânico, efectivo, como indispensável ao intercâmbio musical português e com a intervenção das Bandas das províncias com eliminatórias distritais e finais na capital da Nação?*»¹²⁰³.

Dado o interesse de Pedro de Freitas pelo movimento filarmónico a nível nacional, o director do Jornal *O Distrito de Setúbal*, Rogério Peres Claro, propôs-lhe a incumbência de focar a vida musical das bandas filarmónicas do distrito de Setúbal. Da aceitação desta iniciativa resultou a publicação de vinte e um artigos no Jornal *O Distrito de Setúbal*, sob o título “*É preciso dar ao Povo Música da sua Feição*”¹²⁰⁴. Por sua vez, da compilação desses artigos resultou uma separata com o mesmo título¹²⁰⁵. Uma vez que este trabalho de investigação, escrito por Pedro de Freitas, teve muita aderência da parte do público leitor, o mesmo contribuiu para a prossecução de um outro concurso de bandas de música civis¹²⁰⁶. Assim, o dito concurso fora organizado em Setúbal, de 3 a 8 de Agosto de 1954, através da *Comissão Municipal de Turismo*. Além disso, este concurso estava integrado no programa festivo da feira de S. Tiago, sendo intitulado de *Certame de Bandas Civis*¹²⁰⁷. Neste âmbito, Pedro de Freitas desempenhou um papel fundamental na concretização do mesmo, sendo apoiado a nível oficial: «*Em 1954, com a boa compreensão das autoridades de Setúbal, organizei, nessa cidade, um concurso de bandas civis do distrito, a três categorias*»¹²⁰⁸. Além do mais, Pedro de Freitas ainda

¹²⁰² Freitas, Pedro de, “Na Voz do Operário – Concurso de Bandas Civis”, Em *O Algarve*, Faro, 04-01-1948.

¹²⁰³ Freitas, Pedro de, “Na Voz do Operário – Concurso de Bandas Civis”, Em *O Algarve*, Faro, 04-01-1948.

¹²⁰⁴ O primeiro e último artigos datam respectivamente de 10-12-1952 até 12-01-1955.

¹²⁰⁵ Freitas, Pedro de: “Apontamentos Históricos da vida das Filarmónicas A história principia assim...”, Em Silva, Manuel Lopes da (dir.), *Catavento N.º 50, Boletim da casa do pessoal da F.N.A.T.*, Lisboa, Editor Ernesto Vitória Júnior, Dez. 1973, pp. 28-29, [n.º 135 no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

¹²⁰⁶ Claro, Rogério Peres: “Prefácio”, Em Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955, p. [II].

¹²⁰⁷ Freitas, Pedro de, “Setúbal realiza um certame de bandas Civis”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 07-07-1954. E Freitas, Pedro de, “O Certame de Bandas Civis”, Em *O Setubalense*, Setúbal, 10-07-1954.

¹²⁰⁸ Freitas, Pedro de, “Almada prodigiosa Fonte da Música Popular”, Em *O Setubalense*, Setúbal, 25-04-1959.

apresentava novos projectos relacionados com a sua orgânica, nos quais enfatizava as ideias tão mediatizadas na época acerca da necessidade de que a “música do povo” representasse a especificidade da nação portuguesa: *«que para o ano se façam com basto tempo todos os preparativos do concurso; se incumbam compositores de escreverem peças para três categorias - todas obedecendo a temas vários do nosso folclore e do nosso sentimento -; se crie um hino do Distrito com letra, para, nos solenes actos futuros ser exibido triunfalmente com coros em apoteose a esta rainha do Sado»*¹²⁰⁹. Neste sentido, salienta-se que a participação de Pedro de Freitas nestes eventos, de cariz nacionalista, era aprazivelmente acompanhada pela imprensa periódica local. Como tal, desejava-se que ele continuasse a prosseguir com as suas iniciativas neste âmbito da música popular: *«Honra-nos hoje com a sua colaboração o distinto publicista e grande defensor dos interesses que se relacionam com o Movimento Filarmónica no País, Sr. Pedro de Freitas há muitos anos residente no laborioso concelho do Barreiro. Tem sido um valioso colaborador na organização do Concurso de Bandas [...]. Ao prestarmos-lhe as nossas homenagens, fazemos votos para que continue dando expansão às suas beneméritas e preciosas ideias, nas colunas deste jornal que estão à sua disposição»*¹²¹⁰. No entanto, neste contexto da música popular houve quem insinuasse que Pedro de Freitas tinha interesses políticos subjacentes às questões musicais, uma acusação que ele nunca aceitou, desmistificando essa denúncia na imprensa periódica por considerá-la profundamente injusta em relação à verdadeira natureza das suas intenções: *«Muito derrotismo andou de boca em boca e de ouvido em*

¹²⁰⁹ Freitas, Pedro de, “À Roda do concurso de Bandas Civis”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 21-07-1954. Ver também Freitas, Pedro de, “Setúbal realiza um certame de bandas civis”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 07-07-1954; Freitas, Pedro de, “O Certame de Bandas Civis”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 10-07-1954; Freitas, Pedro de, “Setúbal Honrada no Concurso Nacional de Bandas Civis”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 21-07-1959.

¹²¹⁰ Redacção do Jornal *O Setubalense*, “O Certame de Bandas Civis”, Em *O Setubalense*, Setúbal, 10-07-1954.

ouvido. E entre ele, algum até feriu as minhas susceptibilidades! Não foi a política, política – como alguém quis mascarar o feitio – a intenção que me levou a trabalhar em tão árdua empresa. O meu fito, quando fui chamado para organizar o certame, foi dar vida a quem muito dela já carecia, e considerar as boas intenções que animavam as autoridades setubalenses em realizar tal apartado musical»¹²¹¹.

Sem embargo, a banda filarmónica *1.º de Dezembro* do Montijo tinha sido a primeira premiada neste certame musical que ocorrera de 3 a 8 de Agosto de 1954. Com efeito, no ano de 1958, a dita banda concorria a um concurso de bandas civis de âmbito internacional na Holanda¹²¹². A concretização deste evento constituía uma idealização acalentada por Pedro de Freitas pelo menos desde 1946¹²¹³. Neste contexto, Pedro de Freitas motivou outras bandas de música civis a aderirem a este intercâmbio internacional em virtude da música do povo, o qual constituía um reduto exemplar de progresso do estrato popular. Além disso, Pedro de Freitas também solicitou a necessidade que as entidades político-institucionais conferissem um apoio monetário à banda *1.º de Dezembro* do Montijo, uma vez que a mesma simbolizava a representação da nação além fronteiras. Por fim, Pedro de Freitas agradecia o amparo patriótico e artístico que fora prestado à dita banda filarmónica do Montijo¹²¹⁴. Como resultado final, Pedro de Freitas constatou que, entre as cento e sete bandas concorrentes de vinte

¹²¹¹ Freitas, Pedro de, “Almada prodigiosa Fonte da Música Popular”, Em *O Setubalense*, Setúbal, 25-04-1959.

¹²¹² Freitas, Pedro de, “Setúbal Honrada no Concurso Nacional de Bandas Civis”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 21-07-1959.

¹²¹³ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946.

¹²¹⁴ Freitas, Pedro de, “A Banda 1.º de Dezembro do Montijo vai à Holanda?”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 28-02-1958; Freitas, Pedro de, “A Banda do Montijo prepara-se, mas...”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 28-03-1958; Freitas, Pedro de, “A Banda do Montijo carece de auxílio”, *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 08-07-1958; Freitas, Pedro de, “Vai partir para a Holanda a Banda de Montijo”, Em *O Distrito de Setúbal*, 12-08-1958.

e sete países, a banda *1.º de Dezembro* tinha obtido a segunda classificação¹²¹⁵. Estas intervenções no âmbito dos concursos das bandas filarmónicas revelavam, da parte de Pedro de Freitas, uma postura activa com capacidade de desenvolver várias iniciativas. Além disso, estas actividades recreativas desenvolvidas por Pedro de Freitas asseguravam às bandas de música civis um papel fundamental no garantir a continuidade da fisionomia nacional. Como tal, este perfil dinâmico e nacionalista que Pedro de Freitas procurava impor acabava por servir de mediador entre a defesa das necessidades das massas populares e os objectivos propugnados pelo sistema político da época, o qual não deixava de ser adequado à nacionalização das massas¹²¹⁶. Neste prisma, a postura de liderança que Pedro de Freitas ostentava proclamar a favor dos ideais da música popular começou a chamar a atenção de alguns elementos do sistema político da época. Por isso, a partir de 1959, os dirigentes da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) revelaram o seu interesse pela figura de Pedro de Freitas¹²¹⁷. Neste sentido, Pedro de Freitas foi solicitado para participar na organização do *I Grande Concurso Nacional de Filarmónicas e Bandas de Música Civis* promovido pela *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT). No desempenho desta função forneceram a Pedro de Freitas uma credencial, a 21 de Outubro de 1959, a qual conferia-lhe mais protagonismo na sua missão de organizador deste concurso de bandas filarmónicas: «*Para o portador desta Credencial, Sr. Pedro de Freitas, cuja missão se*

¹²¹⁵ Freitas, Pedro de, “Montijo em Espanha”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 22-09-1959. E Freitas, Pedro de: “Apontamentos Históricos da vida das Filarmónicas A história principia assim...”, Em Silva, Manuel Lopes da (dir.), *Catavento n.º 50*, Boletim da casa do pessoal da F.N.A.T., Lisboa, Editor Ernesto Vitória Júnior, Dez. 1973, pp. 28-29, [n.º 135 no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

¹²¹⁶ Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, p. 52. Ver também Melo, Daniel: “A FNAT entre Conciliação e Fragmentação”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 39; Mosse, George L., *La Nacionalización de las Masas: Simbolismo Político y Movimientos de Masas en Alemania desde las Guerras Napoleónicas al Tercer Reich*, Argentina, Siglo XXI Editores, 2007, pp. 15-16.

¹²¹⁷ Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, p. 52. Ver também Melo, Daniel: “A FNAT entre Conciliação e Fragmentação”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 39.

relaciona com o I Grande Concurso Nacional de Filarmónicas e Bandas Cívicas, se solicitam e agradecem as maiores facilidades e auxílio, para o bom desempenho da missão de que esta Fundação Nacional o incumbiu»¹²¹⁸. Por outro lado, como Pedro de Freitas era conhecedor dos regulamentos do concurso, os dirigentes da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) não deixaram de lhe impor o papel de incentivar e integrar as bandas filarmónicas na orgânica deste evento, o que revelava o papel estratégico da política da época: «Os vários expedientes das bandas inscritas requerem a presença de alguém conhecedor da orgânica e da técnica do Concurso. Sou eu o escolhido. Missão ingrata. Para a resolver, porém, desde fins de Outubro ao último dia de Novembro, faço uma autêntica peregrinação pelo País. [...] Levanto os espíritos retraídos ou indiferentes, dou pareceres sobre motivos financeiros ou disciplinares, esclareço pontos de vista e modifico frias atitudes em relação ao grande acontecimento filarmónico português»¹²¹⁹.

Numa fase posterior, integrado no júri do concurso como secretário, Pedro de Freitas partia no Pacote *Alfredo da Silva*, dia 5 de Dezembro de 1959, com destino aos arquipélagos da Madeira e dos Açores¹²²⁰. Os propósitos desta viagem de vinte dias consistiam em examinar as bandas filarmónicas participantes e seleccioná-las para a

¹²¹⁸ Em Freitas, Pedro de, *O I Concurso Nacional de Bandas Cívicas – Madeira e Açores Belezas de Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1965, p. 197. Para saber mais acerca da forma como o concurso foi organizado (os programas, os processos de selecção e as eliminatórias das bandas filarmónicas), Em Freitas, Pedro de, *O I Concurso Nacional de Bandas Cívicas – Madeira e Açores Belezas de Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1965; Anónimo, “O I Concurso Nacional de Filarmónicas e bandas Cívicas está sendo organizado pela F.N.A.T.”, Em *Correio do Sul*, Faro, 10-09-1959.

¹²¹⁹ Freitas, Pedro de, *O I Concurso Nacional de Bandas Cívicas – Madeira e Açores Belezas de Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1965, p. 197.

¹²²⁰ O júri do concurso era composto pelo Inspector musical da FNAT Maestro Silva Pereira, o Secretário do Concurso, Pedro de Freitas, um representante nomeado pela Emissora Nacional, Alferes, e o Maestro Dias. Fotografia n.º 85, Em Album Cinzento, Em *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*; Freitas, Pedro de, “Coisas que acontecem VII”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 18-02-1982; Freitas, Pedro de, *O I Concurso Nacional de Bandas Cívicas – Madeira e Açores Belezas de Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1965, p. 200.

final¹²²¹. Neste sentido, o *I Grande Concurso Nacional de Filarmónicas e Bandas de Música Cívica* constou de duas eliminatórias, a primeira iniciou-se no arquipélago da Madeira e terminou na Covilhã, e a segunda teve início no Porto e terminou em Lisboa¹²²².

Mediante uma consulta à imprensa periódica regional ainda foi possível verificar o enaltecimento relativamente às obras empreendidas pela *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT). Assim sendo, em 1958 constatava-se que a *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) servia os interesses do povo e era bem dirigida: «*Desta prestante organização, que, à causa da elevação cultural e recreativa dos operários e trabalhadores tanto tem evidenciado o seu progresso e desenvolvimento recebemos uma «plaquette» com o Relatório de 1957. Vale a pena folhear este magnífico repositório de realizações no domínio da actividade social dos nossos dias e verificar como foi bem orientada e dirigida a sua colaboração e administração. A presidência da Direcção tem o conterrâneo Sr. Dr. Quirino dos Santos Mealha que dá brilho da sua invulgar dedicação, carinho e competência*»¹²²³. Outro artigo aludia à amplitude que este primeiro concurso de âmbito nacional conferia às bandas filarmónicas do país: «*Reveste-se de autêntico alcance nacional o concurso de Filarmónicas e Bandas de Música cívica em boa hora instituído pela F.N.A.T., assim proporciona a estes simpáticos agrupamentos musicais do nosso País ocasião de*

¹²²¹ Freitas, Pedro de, “Em pleno mar dos Açores A bordo do navio fala-se do ALGARVE e do Carnaval de LOULÉ”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 06-01-1963; e Freitas, Pedro de, *O I Concurso Nacional de Bandas Cívicas – Madeira e Açores Belezas de Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1965, p. 200.

¹²²² Ver 7.8. Uma fotobiografia de Pedro de Freitas, fotografias n.º 18; 19; 20. Ver 7.9. Outras Fontes Documentais, Documento n.º 15, em Anexos. A primeira eliminatória iniciou-se na ilha da Madeira, Funchal, no jardim *D. Amélia* a 9 Dezembro de 1959 e terminou a 8 Março de 1960 no *Teatro-Cine* da Covilhã. A segunda eliminatória iniciou-se no salão do ginásio da escola de Artes Decorativas, *Soares dos Reis*, no Porto, a 22 de Abril de 1960, e terminou no *Pavilhão dos Desportos* em Lisboa no dia 23 de Setembro de 1960. Freitas, Pedro de, *O I Concurso Nacional de Bandas Cívicas – Madeira e Açores Belezas de Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1965, pp. 190-240.

¹²²³ Anónimo, “Relatório da F.N.A.T.”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 21-09-1958.

*patentearem os seus méritos artísticos, fruto de um trabalho honesto e a todos os títulos digno de apreço e de encorajamento»*¹²²⁴. Neste âmbito, outros comentários comprovavam o entusiasmo que o concurso estava a suscitar a nível nacional: «*Em boa hora promovido pela Fundação Nacional da Alegria no Trabalho que está despertando o mais vivo interesse em todo o País»*¹²²⁵. Afinal, segundo a imprensa periódica, este *I Grande Concurso Nacional de Filarmónicas e Bandas de Música Cívica* também tinha conseguido conquistar o interesse das gentes mais humildes que constituíam a massa dos cidadãos portugueses: «*Este concurso tem despertado um extraordinário interesse, tanto nas cidades como vilas e aldeias»*¹²²⁶. Além do mais, justificava-se a validade deste concurso através do estímulo proporcionado às bandas filarmónicas do país: «*O concurso insuflou novas energias às Bandas e Filarmónicas, muitas das quais se encontravam à beira da dissolução, por falta de incentivo. A par disto algumas tentativas de amparo às Bandas e Filarmónicas surgiram aqui e além»*¹²²⁷. Esta opinião foi complementada por um outro artigo que engrandecia os benefícios que o concurso concedia às aptidões musicais do povo, ou seja, do estrato mais baixo da sociedade: «*Constituiu um êxito extraordinário a iniciativa da F.N.A.T. ao promover e organizar o I Grande Concurso nacional de Filarmónicas e bandas de Música Cívica. O entusiasmo que se verificou em todo o País desde a primeira hora, veio provar, exuberantemente, as tendências musicais e o amor pela música do nosso Povo. Este concurso teve o privilegio de insuflar novas energias às nossas bandas Filarmónicas, muitas das quais*

¹²²⁴ Anónimo, “O papel das Filarmónicas e o Concurso da F.N.A.T.”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 18-10-1959.

¹²²⁵ Anónimo, “Realizou-se em Faro a 1.ª eliminatória do Grande Concurso nacional de Bandas”, Em *Correio do Sul*, Faro, 28-01-1960.

¹²²⁶ Anónimo, “I Grande Concurso de Filarmónicas e bandas Cívicas de Música”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 01-05-1960.

¹²²⁷ Anónimo, “I Grande Concurso Nacional de Filarmónicas e bandas de Música Cívica”, Em *Correio do Sul*, Faro, 24-03-1960.

*se encontravam à beira da dissolução, por falta de incentivo»¹²²⁸. Neste contexto, Pedro de Freitas também depositava confiança no empreendimento promovido pela *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) em prol das bandas filarmónicas. Sem embargo, não era de admirar que Pedro de Freitas apostasse nestes eventos levados avante pela *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT), uma vez que fora ele quem mais tinha contribuído nessas iniciativas e na sua expressão, as quais tinham sido bastante divulgadas no seu livro sobre a música popular e em alguns dos seus artigos de imprensa periódica¹²²⁹. Deste modo, na opinião de Pedro de Freitas, o empreendimento vergado pela *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) simbolizava uma valiosa obra de cunho nacional para minorar o magno problema das bandas filarmónicas a nível nacional: «*O que ouvi induz-me a opinar que dentro de breves semanas vai dar-se no País o primeiro grande concurso nacional de bandas civis, organização de alto nível promovida pela F.N.A.T., e que, não podendo o Algarve dar grande representação, só Tavira e talvez Loulé, possam dar a esse movimento a sua colaboração. Não poderá Tavira concorrer às primeiras categorias. Mas às segundas e terceiras poderá dar o seu concurso, se para tanto o entusiasmo dos seus executantes, associados e população, cerrarem fileiras e todos, se votarem a obter, nesse nacional concurso de estímulo e orgulho regional, o melhor prémio em troca das melhores boas vontades. Há que infalivelmente abraçar-se essa obra oficial que custará à entidade organizadora algumas centenas de milhares de escudos. Será o primeiro passo oficial**

¹²²⁸ Anónimo, “I Grande Concurso Nacional de Filarmónicas e bandas civis”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 03-04-1960.

¹²²⁹ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 551-552; Freitas, Pedro de, “Na Voz do Operário – Concurso de Bandas Civis”, Em *O Algarve*, Faro, 04-01-1948.

para melhorar a situação aflitiva do meio filarmónico em geral»¹²³⁰. Neste prisma, além da função que Pedro de Freitas fora incumbido pela *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT), os seus artigos, e mesmo o seu livro sobre o Primeiro Grande Concurso Nacional, ainda constituíam fontes complementares de propaganda dessa obra de cunho nacional, a qual promovia o evento envergado pelo próprio autor (Pedro de Freitas): «Nesta divisa vai toda uma sincera vontade de dar às bandas civis os revigoramentos de que necessitam. Apareceu a entidade que pode fazer para que elas se livrem da aflitiva situação em que se encontram»¹²³¹.

Sendo promissor o resultado do *I Grande Concurso Nacional* intencionava-se a realização de um outro concurso dentro da mesma modalidade. Para tal, em Janeiro de 1963, e na qualidade de orientador musical, Pedro de Freitas era convidado a ingressar nos quadros da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT)¹²³². Além do mais, em Abril desse ano (1963), Pedro de Freitas também escrevia sobre o valor nacional das bandas filarmónicas no *Boletim Catavento*, um periódico da propriedade da casa do pessoal da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT)¹²³³.

Para melhor esclarecimento da função de Pedro de Freitas na *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) foi-lhe entregue, em Julho de 1963, uma nova credencial, a qual não deixava de evidenciar as funções de pesquisa e de regulamentação da informação incumbidas a Pedro de Freitas em prol dos interesses

¹²³⁰ Freitas, Pedro de, “A Banda de Tavira dá concertos públicos”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 05-07-1959.

¹²³¹ Freitas, Pedro de, “Vai realizar-se o primeiro Grande Concurso Nacional de Bandas Civis PARABÉNS, SETÚBAL!”, Em *O Setubalense*, Setúbal, 20-07-1959. Ver também Freitas, Pedro de, *O I Concurso Nacional de Bandas Civis – Madeira e Açores Bezas de Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1965.

¹²³² Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978, pp. 41-42; ou Comunicação de Serviço N.º 26/75 (Lisboa, 12 de Fevereiro de 1975), Em 2.ª Série do 3.ª Livro, *Os meus artigos e alguns extras 1965 a 1982*, Pedro de Freitas, 113 A, p. 221, [cota 82-9 FRE/MEU, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

¹²³³ Freitas, Pedro de: “Este Boletim...”, Em Valle, António Fernando Lucerna e (dir.), *Catavento n.º 50*, Boletim da casa do pessoal da F.N.A.T., Lisboa, Ramos, Afonso &, Moita, Lda., Abril de 1963, pp. 5, 6, 31 e 32, [n.º 129, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

dessa entidade oficial: «*O Portador, Exm.º. Senhor Pedro de Freitas, orientador musical da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, está incumbido de proceder ao inventário da existência, em todo o País, de Grupos Folclóricos, recreativos e outros, bem como de museus, do trabalho, de núcleos de artesanato, etc., pelo que se solicita e agradece a todas as entidades oficiais e particulares a quem o mesmo tenha de recorrer para o cabal desempenho da sua função, lhe prestem a assistência e colaboração possíveis. Lisboa, 18 de Julho de 1963. O Vice-Presidente Guilherme de Menezes Fontes*»¹²³⁴.

Com o propósito de dar início a esta tarefa que lhe fora incumbida, Pedro de Freitas escolheu o Algarve, permanecendo alguns dias em Loulé. Porém, esta missão de Pedro de Freitas foi, mais uma vez, enaltecida na imprensa periódica regional. Neste sentido, a intenção de Pedro de Freitas conjugava-se convenientemente com a da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT), cuja pretensão consistia em favorecer monetariamente as entidades culturais através de um apoio oficial: «*Pedro de Freitas sente verdadeira paixão por tudo quanto se relaciona com a missão que acaba de ser incumbido. E essa é condição primária para que possa alcançar o seu objectivo conseguindo fazer um estudo minucioso da existência no país. Será mais uma meritória obra da F.N.A.T., a quem felicitamos pela feliz iniciativa e pela acertada escolha do colaborador preferido, que assim poderá provar mais uma vez o valor dos seus méritos nas actividades a que se tem dedicado*»¹²³⁵.

Em 1968, Pedro de Freitas era novamente o orientador musical e o secretário do *II Grande Concurso Nacional de Bandas de Música Cívica*, o qual era igualmente

¹²³⁴ Credencial, Julho de 1963, no Album Cinzento, n.º 73, Em *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*.

¹²³⁵ Anónimo, “Pedro de Freiras”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 04-08-1963.

promovido pela *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT)¹²³⁶. Este evento era considerado uma das maiores manifestações de cultura e de recreio de âmbito nacional. Neste sentido, pretendia-se, uma vez mais, estimular o nível artístico e musical das bandas de música civis em Portugal¹²³⁷. A habitual dedicação de Pedro de Freitas continuava a ser evidente através dos estímulos e da orientação que ele protagonizava na prossecução deste concurso: «É secretário do mesmo Pedro de Freitas que como de costume nele tem posto o melhor do seu entusiasmo, da sua dedicação e dos seus vastos conhecimentos da matéria»¹²³⁸. Além disso, a participação de Pedro de Freitas nos dois concursos patrocinados pela *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) também dera crédito a algumas das suas composições musicais. Neste sentido, desde finais dos anos cinquenta até aos anos setenta do século XX, algumas das composições musicais de Pedro de Freitas para bandas filarmónicas eram ouvidas através de eventos musicais em Portugal e Espanha, principalmente no contexto

¹²³⁶ O II Grande Concurso Nacional de Bandas de Música Cívica, promovido pela *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT), foi organizado em três séries: em 1968 decorreram os concursos regionais nos arquipélagos da Madeira e dos Açores; o ano de 1969 circunscreveu a zona sul do continente, compreendendo os distritos de Faro, Beja, Setúbal, Évora, Lisboa, Santarém, Portalegre, Leiria, e Castelo Branco; finalmente, o ano de 1970 correspondeu à zona norte do continente. A primeira eliminatória da zona sul foi de 2 a 4 de Agosto de 1969 no salão de festas da FNAT, em Setúbal. A primeira eliminatória da zona norte realizou-se nos dias 4 a 12 de Agosto de 1970 no *Teatro Avenida de Coimbra*. A segunda eliminatória da zona sul foi realizada de 29 de Outubro a 2 de Novembro de 1969 no *Teatro Garcia Resende em Évora*. A segunda eliminatória da zona norte foi de 07 a 11 de Outubro de 1970 no *Pavilhão dos Desportos do Porto*. Por fim, a grande final do concurso foi realizada nos dias 13 a 17 Outubro de 1971 no *Pavilhão dos Desportos em Lisboa*. Em Anónimo, “A Filarmónica União Marçal Pacheco presente no II Grande Concurso Nacional de Música”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 03-06-1969; Em Anónimo “II Grande Concurso Nacional de Bandas de Música Cívica promovido pela F.N.A.T.”, *Correio do Sul*, Faro, 27-08-1970; Em Anónimo, “O II Concurso Nacional de Bandas Cívicas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 21-10-1969; Em Anónimo “II Grande Concurso Nacional de Bandas de Música Cívica promovido pela F.N.A.T.”, *Correio do Sul*, Faro, 27-08-1970. Em Anónimo, “II Concurso Nacional de Bandas de Música Cívica”, *A Voz de Loulé*, Loulé, 04-06-1968.

¹²³⁷ Anónimo, “II Concurso Nacional de Bandas de Música Cívica”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 04-06-1968.

¹²³⁸ Ver 7.8. Uma fotobiografia de Pedro de Freitas, fotografias n.º 25; 26; 27; 28; 29, em Anexos. Mais uma vez Pedro de Freitas foi o secretário do concurso e teve de viajar aos Arquipélagos da Madeira e dos Açores. Neste sentido, no dia 6 de Agosto, Pedro de Freitas esteve integrado com os elementos do júri: Rev.º Cônego José Augusto Alegria; Presidente Capitão Maestro José Pinto Rodrigues (chefe da banda da *Infantaria n.º 1*); Tenente Maestro Manuel da Silva Dionísio (chefe da banda da *Guarda Nacional Republicana*); Tenente Maestro Homero Ribeiro Apolinário (professor de Teoria Geral e Instrumentação na FNAT) e o Maestro Duarte Pestana (Sargento ajudante de música da banda da *Guarda Nacional Republicana*). Em Anónimo, “II Grande Concerto de Bandas de Música cívica”, Em *Correio do Sul*, Faro, 18-07-1968.

de Andaluzia: «*Pedro de Freitas es autor de varias composiciones, que han obtenido los mas cálidos elogios de la crítica*»¹²³⁹. Neste prisma, no percurso do *II Grande Concurso Nacional de Bandas de Música Cívica* evidenciaram-se sobretudo duas das composições musicais da autoria de Pedro de Freitas, foram elas a marcha intitulada *O Concurso*, por ter sido a peça musical obrigatória para as bandas de música cívica de 3.^a categoria, e a marcha *Cartaya em Festa*, a qual fora a peça musical obrigatória para as bandas de música cívica de 2.^a categoria¹²⁴⁰. Além do mais, na fase final deste concurso, realizado no *Pavilhão dos Desportos* em Lisboa, de 13 a 17 de Outubro de 1971, mais uma vez estas peças musicais da autoria de Pedro de Freitas foram obrigatórias: «*as marchas «O Concurso» e «Cartaya em Festa», que fizeram parte do programa do Festival de Encerramento do concurso deste ano*»¹²⁴¹. A festa de encerramento do concurso terminou na *Colónia de Férias da Costa da Caparica* com a presença de catorze bandas de música cívica do continente e dos arquipélagos dos Açores e da Madeira. Nesta festa de encerramento incluiu-se a participação dos regentes, das direcções das ditas bandas de música cívica, da comitiva Ministerial, da direcção da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) e dos convidados, o que

¹²³⁹ Pastor López, Luis: “En Justa correspondencia”, Setembro de 1958, Em *Revista Cartaya 1958*, Ayamonte, Imprenta Vda. J. Hidalgo, há dois exemplares [n.º 127 e n.º 233, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; Pastor López, Luis, Em 1.^a Série do 2.º Livro, *Os Meus Artigos e alguns Extras de 1917 a 1964*, Pedro de Freitas, n.º 113, pp. 555-556, [82-9 Fre/Meu no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; ou *Programas de Fiestas del Rosario 1957-63*, [Legajo 759 (1957-1968), na *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*].

¹²⁴⁰ Ver 7.9. Outras Fontes Documentais, Documentos n.º 7 e n.º 8, em Anexos. Ambas de autoria de Pedro de Freitas. Ver Album Cinzento, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*; Franco, Mário Lyster, “Pedro de Freitas muito merecidamente homenageado pela F.N.A.T.”, Em *Correio do Sul*, Faro, 04-11-1971.

¹²⁴¹ Ver 7.9. Outras Fontes Documentais, Documentos n.º 11 e n.º 16, em Anexos. Franco, Mário Lyster, “Pedro de Freitas muito merecidamente homenageado pela F.N.A.T.”, Em *Correio do Sul*, Faro, 04-11-1971. Ver também Anónimo, “II Concurso Nacional de Bandas de Música Cívica”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 04-06-196

perfazia um total de seiscentos e sessenta convivas¹²⁴². Entre os vários discursos sobre a valorização que a *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) concedeu às bandas filarmónicas de Portugal prestou-se uma homenagem a Pedro de Freitas¹²⁴³. Neste contexto, o *Ministro das Corporações e Previdência Social e de Saúde e Assistência*, Baltazar Rebelo de Sousa, além de ter discursado sobre o trofeu oferecido pela *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) às bandas de música civis que estiveram em Lisboa, entregou a Pedro de Freitas um estojo de veludo azul que continha uma placa de prata com a seguinte inscrição: «*Homenagem a Pedro de Freitas. Pelo seu invulgar espírito de dedicação, entusiasmo e devotada entrega à causa do Movimento Filarmónico Português A Direcção Lisboa, 17 de Outubro de 1971*»¹²⁴⁴. Do mesmo modo, na qualidade de Vice-Presidente da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT), Serra Formigal também elogiou o trabalho

¹²⁴² Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978, p. 40; Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, p. 32.

¹²⁴³ Ver 7.6.b. Homenagem prestada pela FNAT, em Anexos.

¹²⁴⁴ Ver 7.8. Uma fotobiografia de Pedro de Freitas, fotografia n.º 30, em Anexos. Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978, p. 41. Ver também Anónimo, “As Filarmónicas são um exemplo de perseverança e de sacrifício”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 16-11-1971.

infatigável prestado por Pedro de Freitas em prol das bandas filarmónicas¹²⁴⁵. Neste sentido, ao referir-se ao trabalho protagonizado por Pedro de Freitas, o Vice-Presidente da FNAT, Serra Formigal, discursou sobre a obra envergada pela *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT), uma vez que ambos estavam comprometidos mutuamente no mesmo empreendimento em virtude da música popular, assinalando que Pedro de Freitas tinha sido o mentor de muitas das ideias levadas a cabo pela *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT). Deste modo, Serra Formigal proferiu sobre os prémios e as despesas custeadas pela *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) e sobre o interesse em dar-se prossecução aos *Cursos de Formação de Regentes* por professores habilitados, uma ideia também promovida por Pedro de Freitas, cujo objectivo era incrementar uma maior qualidade na execução musical em Portugal¹²⁴⁶. Finalmente, o Presidente da *Federação das Colectividades de Cultura e Recreio*, Saphera da Costa, como prova de reconhecimento também exaltou toda esta obra realizada em prol das bandas filarmónicas a nível nacional¹²⁴⁷.

Deste modo, as promoções destes dois concursos de âmbito nacional destinados às bandas filarmónicas do país validaram a atribuição dos melhores louvores à *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT), a qual fora reconhecida como uma instituição benemérita em virtude dos interesses do estrato popular: «*Constituiu assinalável êxito, o II Grande Concurso Nacional de Bandas de Música Cívica, recentemente realizado na capital. A benemérita Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, compreendendo o alto interesse que a manutenção das filarmónicas oferece ao desenvolvimento comunitário e à promoção sociocultural dos agregados*

¹²⁴⁵ Franco, Mário Lyster, “Pedro de Freitas muito merecidamente homenageado pela F.N.A.T.”, Em *Correio do Sul*, Faro, 04-11-1971.

¹²⁴⁶ Anónimo, “As Filarmónicas são um exemplo de perseverança e de sacrifício”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 16-11-1971; Entrevista a Apolinário, Homero Ribeiro, em *Linda-a-Velha*, 24-06-2003.

¹²⁴⁷ Anónimo, “As Filarmónicas são um exemplo de perseverança e de sacrifício”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 16-11-1971.

populacionais, tem na efectivação de tais concursos, uma das suas realizações mais válidas e mais louváveis»¹²⁴⁸.

Além do mais, em Fevereiro de 1970, a *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) conferiu uma receita na quantia de 5000 escudos à *Sociedade Filarmónica União Marçal Pacheco*¹²⁴⁹. Mais uma vez, a figura de Pedro de Freitas mereceu a maior exaltação. Assim, não foi de admirar que Manuel Sequeira Afonso tivesse considerado que o esforço que Pedro de Freitas devotava em prol da música popular também tivesse simbolizado um justo reconhecimento nutrido da parte da opinião pública da época¹²⁵⁰.

O Cónego José Augusto Alegria conheceu Pedro de Freitas na altura do *II Concurso Nacional de Bandas Cívicas*. Integrados no júri desse concurso ambos deslocaram-se aos arquipélagos da Madeira e dos Açores, no dia 6 de Agosto de 1968, afim de apreciarem as dezoito bandas de música cívicas inscritas¹²⁵¹. Neste sentido, o Cónego José Augusto Alegria acentuou algumas características que apreciava em Pedro de Freitas, as quais não deixaram de justificar o seu papel na *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) e o reconhecimento que lhe era concedido: «*Pessoa bem falante, com muita abertura e camaradagem a nível social. Músico teórico e prático do mais alto nível, tinha gosto no que fazia e estava sempre disponível. Relativamente ao trabalho*

¹²⁴⁸ Franco, Mário Lyster, “Pedro de Freitas muito merecidamente homenageado pela F.N.A.T.”, Em *Correio do Sul*, Faro, 04-11-1971.

¹²⁴⁹ SFUMPLLE/E/001/Lv005 1961-80, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*.

¹²⁵⁰ Afonso, Manuel Sequeira, “P.F. e a F.N.A.T.”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 15-05-1973.

¹²⁵¹ O Júri foi constituído pelo Rev.º Cónego José Augusto Alegria, Presidente, Capitão-Maestro José Pinto Rodrigues (chefe da banda da *Infantaria n.º 1*), Tenente-Maestro Manuel da Silva Dionísio (chefe da banda da *Guarda Nacional Republicana*), Tenente-Maestro Homero Ribeiro Apolinário (professor de Teoria Geral e Instrumentação na FNAT) e Maestro Duarte Pestana (Sargento ajudante de música da banda da *Guarda Nacional Republicana*), e como secretário do mesmo Pedro de Freitas, Em Anónimo, “II Grande Concerto de Bandas de Música cívica”, Em *Correio do Sul*, Faro, 18-07-1968, e entrevista a Homero Apolinário a 17-06-2003.

que fez na F.N.A.T. - obedecia com rigor ao que lhe mandavam fazer. Tinha a música dentro de si, e deixou anotado o que sentia!»¹²⁵².

Do mesmo modo, Homero Ribeiro Apolinário, professor de composição, instrumentação e harmonia na *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT), além de ter colaborado com Pedro de Freitas nos *Cursos de Formação para instrumentistas, regentes e canto*, também tinha participado no júri do *II Concurso Nacional de Bandas de Música Cívica*¹²⁵³. Neste contexto, Homero Ribeiro Apolinário enfatizou que Pedro de Freitas tinha sido muito rigoroso no cumprimento dos regulamentos impostos em ambos os concursos: *«Pedro de Freitas era rigoroso e imparcial na classificação das Bandas de Música que participavam nos Concursos, eliminou a Banda Democrática 2 de Janeiro, do Montijo, por ter alguns músicos militares, na altura dirigida por mim (Maestro Apolinário), uma vez que no regulamento do concurso só se admitiam músicos amadores»¹²⁵⁴*. Além disso, em confirmação com o que neste subcapítulo tem sido referido, Homero Ribeiro Apolinário considerou que, no período em que Pedro de Freitas trabalhou na *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT), ele fora o grande responsável pelas iniciativas relativas à música: *«Pedro de Freitas fez coisas na F.N.A.T. que mais ninguém conseguiu fazer: Criou os Concursos de Bandas Cívicas e depois os Cursos de Formação de músicos, com os respectivos mapas e diplomas de aproveitamento. Não foi de admirar que o Dr. Serra Formigal, vice-presidente da F.N.A.T., que também estava*

¹²⁵² Entrevista a Alegria, José Augusto (Cónego), na Casa Sacerdotal – Quinta de Santo António (Évora), 06-06-2002.

¹²⁵³ O Maestro Homero Ribeiro Apolinário encetou a sua carreira militar na Banda de Música de Infantaria n.º 1, passando depois pelas de Coimbra, Portalegre e Lagos. Foi chefe da banda de Tomar (Caçadores n.º 2); banda militar Lorenço Marques; banda de Évora (Infantaria n.º 16); e da banda Democrática n.º 2 do Montijo. Entrevista a Apolinário, Homero Ribeiro, em Linda-a-Velha, 17-06-2003.

¹²⁵⁴ Entrevista a Apolinário, Homero Ribeiro, em Linda-a-Velha, 17-06-2003. Ver também Anónimo, “O I Concurso Nacional de Filarmónicas e bandas Cívicas está sendo organizado pela F.N.A.T.”, Em *Correio do Sul*, Faro, 10-09-1959.

ligado à música como director do S. Carlos, tivesse gostado tanto de Pedro de Freitas»¹²⁵⁵.

Porém, na Sé de Faro, no dia 14 de Outubro de 1973, realizava-se um outro evento musical, o qual contava com a iniciativa e a organização de Pedro de Freitas e o patrocínio da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT). Tratava-se do *Festival de Bandas de Música Cívica*¹²⁵⁶. Este evento constituía a materialização de um antigo projecto conjecturado por Pedro de Freitas. Como tal, através do *Festival de Bandas de Música Cívica* Pedro de Freitas efectivava o seu desejo de melhorar o ambiente do associativismo musical no Algarve, uma vez que as bandas filarmónicas do sul de Portugal estavam a atravessar sérias dificuldades existenciais¹²⁵⁷. Neste sentido, mais uma vez, Pedro de Freitas fora reconhecido por ter dedicado grande parte da sua vida à causa do movimento filarmónico de âmbito nacional. Por isso, um dos momentos apotíóticos deste *Festival de Bandas de Música Cívica* coincidiu quando o público assistente implorou para que Pedro de Freitas pegasse na batuta e regesse a sua *Marcha Algarve Florido*, a qual era tocada por um total de dez bandas de música cívica em uníssono¹²⁵⁸. Este acontecimento demonstrou que a figura de Pedro de Freitas e a qualidade melódica da sua composição musical contribuíram para exaltar as

¹²⁵⁵ Entrevista a Apolinário, Homero Ribeiro, em Linda-a-Velha, 24-06-2003.

¹²⁵⁶ Ver 7.8. Uma fotobiografia de Pedro de Freitas, fotografias n.º 33; n.º 34, em Anexos. Anónimo, “Bandas de Música”, Em *Folha do Domingo*, Faro, 20-10-1973. Neste festival participaram 12 bandas, entre as quais a *Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva* ficou em 5.º lugar. A *banda Ateneu Artístico Vilafranquense*, regida por J. Dias Montesinho, ganhou o prémio de 3.000\$00. O júri foi constituído por Mário Lyster Franco que presidiu por convite expresso da FNAT; o capitão Silva Dionísio (Maestro titular da *Banda da GNR*) e Manuel de Oliveira (director dos serviços culturais da FNAT). Para saber melhor sobre a orgânica do Festival; as bandas concorrentes e diplomas ver Anónimo, “Festival de Bandas de Música Cívica em Faro”, Em *O Algarve*, Faro, 23-09-1973; Anónimo, “Bandas de Música”, Em *Folha do Domingo*, Faro, 20-10-1973; R., C. do, “Teve colorido e vibração o I Festival de bandas Cívicas do Algarve”, *Jornal do Algarve*, Faro, 20-10-1973. Sobre os elementos do júri ver em Anónimo, “Festival de bandas de música em Faro”, Em *Folha do Domingo*, Faro, 06-10-1973. Ver 7.6.c Homenagem prestada por Faro, em Anexos.

¹²⁵⁷ Afonso, Manuel Sequeira, “P.F. e a F.N.A.T.”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 15-05-1973; Marum, A. B., “Pedro de Freitas: símbolo de Louletanismo”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 06-11-1973.

¹²⁵⁸ Ver 7.9. Outras Fontes Documentais, Documento n.º 6, em Anexos. Marum, A. B., “Pedro de Freitas: símbolo de Louletanismo”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 06-11-1973; Anónimo, “Loulé tributa festa de homenagem de reconhecimento a Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 09-11-1978.

expectativas do público assistente: «*Pedro de Freitas teve um papel preponderante, de forma que o mesmo constituísse um espectáculo inédito e inesquecível... Todavia, a nota alta do referido grande Festival foi sem dúvida o momento emocionante daquela tarde inolvidável, em que se ouviu anunciar que as Bandas iam tocar uma marcha da autoria do louletano Pedro de Freitas, sob a sua própria regência!*»¹²⁵⁹. De facto, o sentimentalismo e a dedicação de Pedro de Freitas pelo torrão natal infundiram que ele como louletano merecesse ser louvado. Além do mais, Pedro de Freitas soube imprimir na sua composição musical os seus sentimentos de um louletano que pugnava intransigentemente pelos interesses da sua terra natal: «*Foi uma verdadeira apoteóse, pois os aplausos surgiram de todos os lados e, dir-se-ia que, naquela tarde cinzenta e outonal, o verdadeiro espírito louletano, imperava no Largo da Sé, tão elevado era o número de Louletanos que, assim quizeram homenagear um digno filho da terra que tanto tem pugnado ao longo dos anos pelo seu progresso e enobrecimento*»¹²⁶⁰. F. Clara Neves ainda descreveu a sua impressão sobre este momento apoteótico, salientando que, através da marcha de Pedro de Freitas, ele sentira a especificidade da província algarvia: «*Pedro de Freitas ficará perenemente no meu espírito. Não haverá colapso de memória, sobretudo do momento inesquecível em que dirigiu a banda por expressa aclamação do público, quando da interpretação do seu maravilhoso «Algarve Florido»! Partitura de sonho, sentimo-nos envolvidos na ondulação musical que flutuava no ambiente alacre da tarde. [...] «Algarve Florido» é um cântico desta província, escrito com a inspiração dos anjos, que invade timpanos e corações, suave e docemente Pedro de Freitas, segura na sua batuta, «arranca» da Filarmónica de Alcácer do Sal tudo que os seus executantes têm lá dentro: arte, melodia e hossanas à*

¹²⁵⁹ Marum, A. B., “Pedro de Freitas: símbolo de Louletanismo”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 06-11-1973; Ver também Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978, p. 41.

¹²⁶⁰ Marum, A. B., “Pedro de Freitas: símbolo de Louletanismo”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 06-11-1973.

*natureza!»*¹²⁶¹. Por sua vez, a comunhão em unísono destes sentimentos foi tão profunda que transcendeu as especificidades regionais, ou mesmo nacionais, para atingir uma dimensão transnacional¹²⁶². Com efeito, Pedro de Freitas não deixou de manifestar a sua emoção: «*Subjugado, abracei freneticamente Pedro de Freitas, que comovido chorava silenciosamente, como uma inocente criancinha brincando com os seus adorados brinquedos. A Assistência comunga neste transe de apoteose e, em unísono, os executantes desejam bisar. Mas, momentos de êxtase como este só atingem a pureza da eternidade se não houver sequência. E ficou deste modo aureolado da polidez virgem, como cântico divino e imperecível a ressoar no tempo e no espaço, nas abóbadas do imponente edifício*»¹²⁶³. Este evento, de âmbito regional, fora tão apreciado que João Leal, através da imprensa periódica, solicitava que a *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) conjuntamente com a participação de Pedro de Freitas repetissem esta iniciativa¹²⁶⁴.

No espólio documental de Pedro de Freitas foram encontrados vários louvores com a assinatura do Presidente da Direcção da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) Bento Parreira do Amaral. Uma dessas fontes documentais foi a *Comunicação de Serviço N.º 371/71*, de 27 de Dezembro de 1971, pela deliberação da *Acta n.º 1251*, a qual mencionava que Pedro de Freitas recebera um louvor pela sua eficiência e espírito de dedicação no cumprimento das missões que lhe foram confiadas

¹²⁶¹ Neves, F. Clara, “Pedro de Freitas incansável trabalhador de oitenta anos”, Em *Correio do Sul*, Faro, 25-07-1974.

¹²⁶² Neves, F. Clara, “Pedro de Freitas incansável trabalhador de oitenta anos”, Em *Correio do Sul*, Faro, 25-07-1974; Nikolas, Mary Margareta: “False Opposites in Nationalism: An Examination of the Dichotomy of Civic Nationalism and Ethnic Nationalism in Modern Europe”, Em *The Nationalism Project: False Opposites in Nationalism*, Madison, Centre for European Studies Monash University, 2000, p. 69.

¹²⁶³ Neves, F. Clara, “Pedro de Freitas incansável trabalhador de oitenta anos”, Em *Correio do Sul*, Faro, 25-07-1974.

¹²⁶⁴ Leal, João, “Crónica de Faro A ver a banda passar”, Em *Jornal do Algarve*, Faro, 20-10-1973.

na organização final do *II Grande Concurso Nacional de Bandas Civas*¹²⁶⁵. Porém, foi através de uma outra *Comunicação de Serviço n.º 42/73*, de 12 de Fevereiro de 1973, pela deliberação da *Acta n.º 1293*, que se soube que Pedro de Freitas e Duarte Pestana receberam louvores pela alta compreensão dos objectivos atingidos com a iniciativa do *I Ciclo de Aperfeiçoamento de Regentes Amadores de Bandas de Música Civas*¹²⁶⁶. Finalmente, foi através da *Comunicação de Serviço n.º 380/71*, de 30 de Dezembro de 1971, pela deliberação da *Acta n.º 1251*, que se pode comprovar que foram entregues gratificações em dinheiro aos que colaboraram na organização da grande final do *II Grande Concurso Nacional de Bandas de Música Civas*. Neste sentido, tendo em atenção o esforço despendido para além do período normal de serviço, coube a Pedro de Freitas receber a importância de 3000 escudos, a qual constituiu a maior quantia em dinheiro comparativamente com as restantes pessoas mencionadas na dita comunicação¹²⁶⁷.

Anos mais tarde, F. Clara Neves encontrou Pedro de Freitas em Albufeira a trabalhar ao serviço da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho (FNAT)*¹²⁶⁸. Neste sentido, F. Clara Neves considerou que nem mesmo os oitenta anos de idade faziam com que Pedro de Freitas abdicasse do seu amor incondicional à música. Por isso, F. Clara Neves elogiou-o como um incansável trabalhador de mérito insubstituível: «*Supervisor artístico na programação dos concertos estivais dedicados aos trabalhadores em férias,*

¹²⁶⁵ *Comunicação de Serviço N.º 371/71*, Deliberação da *Acta n.º 1251*, 27 de Dezembro de 1971, Circular n.º 74, Album Cinzento, Em *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*.

¹²⁶⁶ Ver 7.8. Uma fotobiografia de Pedro de Freitas, fotografia n.º 32, em Anexos. Duarte Pestana, regente de orquestra e ensaiador de canto coral, era professor enquanto Pedro de Freitas era o organizador do *I Ciclo de Aperfeiçoamento de Regentes Amadores de Bandas de Música Civas*. *Comunicação de Serviço n.º 42/73*, Deliberação da *Acta n.º 1293*, 12 de Fevereiro de 1973, Circular n.º 75, Album cinzento, Em *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*.

¹²⁶⁷ *Comunicação de Serviço n.º 380/71*, Deliberação da *Acta n.º 1251*, 30 de Dezembro de 1971, Circular n.º 76, Album cinzento, Em *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*.

¹²⁶⁸ Albufeira, freguesia do Conselho de Albufeira. Pertencente ao Distrito de Faro (Algarve), Em *Wikipédia*, [On-line], <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Albufeira>>, [consulta: 16 de Julho de 2008].

*Pedro de Freitas não tem ainda substituto à altura!»¹²⁶⁹. Contudo, devido à sua idade avançada, Pedro de Freitas decidiu sair da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) no dia 31 de Dezembro de 1974¹²⁷⁰. Neste prisma, Pedro de Freitas reconheceu que através daquela instituição social ele tinha estreitado os laços com o meio filarmónico do país e também tinha desenvolvido muitos benefícios em prol da causa das bandas filarmónicas: «*Na F.N.A.T. por elas lutei e alguns benefícios lhes pude conseguir: Concursos, festivais, concertos, auxílios, palestras, congressos, membro de júris, conselhos, análises, estímulos e, uma obra a todos os títulos deixada*»¹²⁷¹.*

Logo a 12 de Fevereiro de 1975, a Comissão Administrativa da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) atestou reconhecimento a Pedro de Freitas através da *comunicação de serviço n.º 26/75*¹²⁷². Por proposta do assistente chefe de música maestro e capitão Manuel da Silva Dionísio foi-lhe concedido um louvor público na categoria de orientador musical da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) com as seguintes menções:

«*a) Colaborou, sem qualquer restrição material, na estruturação e realização do «I Grande Concurso Nacional de Bandas de Música Cívica», tendo percorrido quase todo o País, de Abril de 1959 a Outubro de 1960.*

b) Convidado a ingressar, em Janeiro de 1963, nos quadros da F.N.A.T. – Sector Musical – para orientação técnica e artística de Bandas de Música, Festivais e

¹²⁶⁹ Neves, F. Clara, “Pedro de Freitas incansável trabalhador de oitenta anos”, Em *Correio do Sul*, Faro, 25-07-1974.

¹²⁷⁰ Entrevista a Oliveira, Manuel de, em Lisboa, 01-02-2002. Manuel de Oliveira era secretário geral adjunto da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT).

¹²⁷¹ Freitas, Pedro de, “A Velhice despede-se do Trabalho”, Em *Correio do Sul*, Faro, 29-05-1975. Ver também Freitas, Pedro de, “As filarmónicas (digam o que disserem...) são os conservatórios populares”, Em *A Avezinha*, Paderne, 01-01-1980.

¹²⁷² *Comunicação de serviço n.º 26/75* (Lisboa, 12 de Fevereiro de 1975), Em 2.ª Série do 3.º Livro, *Os meus artigos e alguns extras 1965 a 1982*, Pedro de Freitas, n.º 113 A, p. 221, [82-9 FRE/MEU, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Concursos das mesmas, desempenhou-se das funções com competência e dinamismo, entusiasmo e dedicação próprios da sua personalidade, tendo conseguido os mais relevantes resultados.

c) A sua figura simples e honesta, sobretudo, a humildade com que se devotou ao serviço do Organismo, podem e devem ser apontados como exemplo a seguir»¹²⁷³.

A 29 de Novembro de 1978, António Fernandes Vilhegas de Lucena e Vale, chefe de serviço na altura em que Pedro de Freitas prestou serviços na *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT), escreveu uma carta dirigida ao presidente da *Câmara Municipal de Loulé* onde atestou a sua postura dinâmica nessa instituição (FNAT)¹²⁷⁴.

Porém, como a *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) tinha sido renomeada de *Instituto Nacional para Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores* (INATEL), António Fernandes Vilhegas de Lucena e Vale escreveu a carta com o nome do actual organismo. Nesta carta, em conformidade com as outras opiniões atrás referidas, António Vilhegas de Lucena e Vale também reconhecia que Pedro de Freitas tinha sido o mentor responsável pelos grandes desígnios que a *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) facultara ao movimento filarmónico: «*dado os laços de amizade e consideração que me ligam a Pedro de Freitas, pelo companheirismo de vários anos passados no I.N.A.T.E.L., onde foi o arauto e principal organizador dos dois Concursos Nacionais de Bandas de Música e Filarmónicas levadas a efeito por aquele Organismo.*

¹²⁷³ Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978, pp. 41-42; ou *Comunicação de serviço n.º 26/75* (Lisboa, 12 de Fevereiro de 1975), Em 2.ª Série do 3.º Livro *Os meus artigos e alguns extras 1965 a 1982, Pedro de Freitas*, n.º 113 A, p. 221, [82-9 FRE/MEU, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

¹²⁷⁴ Lucena e Vale, António Vilhegas de, Carta ao presidente da *Câmara Municipal de Loulé*, 29 de Novembro de 1978, Em Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, p. 52.

Foi também o Senhor Pedro de Freitas o grande entusiasta e devoto Filarmónico que concorreu para que o I.N.A.T.E.L. passasse a conceder anualmente avultada quantia para auxílio às Bandas de Música.

Foi igualmente o senhor Pedro de Freitas o iniciador dos ciclos de formação e reciclagem que todos os anos o Instituto Nacional para Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores realiza para regentes amadores de Filarmónicas»¹²⁷⁵.

Do mesmo modo, Manuel de Oliveira, secretário geral adjunto da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT), também recordou Pedro de Freitas como uma pessoa dedicada e competente que manifestava um profundo interesse pelas bandas filarmónicas: *«Fez um trabalho de mérito dentro da singeleza e exemplo único que constituiu a sua pessoa. Pedro de Freitas nutria grande paixão pela música popular. Na F.N.A.T. era colaborador e técnico que contactava com as Bandas e dava pareceres sobre as suas necessidades. Foi bom trabalhador, com valor laboral, honesto, dedicado e profundamente interessado nessas matérias.*

Embora não cultivado academicamente era entendido na música popular e pessoa inteligente. Foi um homem bom, simples e amigo.

Pelo seu grande empenho e dedicação pela música popular e pela sua memória - Pedro de Freitas é digno de um trabalho de investigação deste âmbito»¹²⁷⁶.

Mesmo depois de ter saído da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT), Pedro de Freitas continuou a revelar a sua preocupação com a evolução do movimento filarmónico a nível nacional, tentando manifestar as suas pretensões. Por isso, em 1980, através de um artigo intitulado “As filarmónicas (digam o que disserem...) são os conservatórios populares”, Pedro de Freitas continuava a conjecturar estratégias

¹²⁷⁵ Lucena e Vale, António Vilhegas de, Carta ao presidente da *Câmara Municipal de Loulé*, 29 de Novembro de 1978, Em Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, p. 52.

¹²⁷⁶ Entrevista a Oliveira, Manuel de, em Lisboa, 01-02-2002.

pedagógicas relacionadas com a rentabilidade na aprendizagem musical¹²⁷⁷. Deste modo, Pedro de Freitas sugeria a elaboração de um mapa geral de trabalho com o respectivo aproveitamento dos alunos, onde, mais uma vez, o autor (Pedro de Freitas) manipulava um discurso em virtude dos seus objectivos, sendo importante uma acção de fiscalização das aulas e, ao mesmo tempo, a cedência de prémios da parte do *Instituto Nacional o para Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores* (INATEL)¹²⁷⁸.

No ano seguinte (1981), através desta instituição social (INATEL), Pedro de Freitas recebia um convite para ir ao Faial - Região Autónoma dos Açores, cujo objectivo era que Pedro de Freitas assistisse ao festival comemorativo do primeiro centenário da *Sociedade Filarmónica Unânime Praisense*, celebrado nos dias 3 a 5 de Outubro de 1981. Com efeito, Pedro de Freitas participou nesta festividade e, num gesto habitual, escreveu a sua apreciação sobre este evento, mencionando a sua gratidão por terem tocado a sua marcha *Cartaya em Festa*¹²⁷⁹.

Eventualmente, Pedro de Freitas ainda é lembrado por figuras que o conheceram nas suas actividades na *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT). Relativamente a Pedro de Freitas comentou-se sobre a sua sensibilidade e o seu espírito activo, humanitário, cuja moralidade implicava o ser partidário em fazer o bem e o ser amigo do seu amigo¹²⁸⁰.

Um outro tema de interesse cultural protagonizado por Pedro de Freitas foi relativo a uma tertúlia animada que começou a salientar-se nos inícios do ano de 1955 no café do

¹²⁷⁷ Freitas, Pedro de, “As filarmónicas (digam o que disserem...) são os conservatórios populares”, Em *A Avezinha*, Paderne, 01-01-1980.

¹²⁷⁸ Freitas, Pedro de, “As filarmónicas (digam o que disserem...) são os conservatórios populares”, Em *A Avezinha*, Paderne, 01-01-1980.

¹²⁷⁹ Ver 7.8. Uma fotobiografia de Pedro de Freitas, fotografia n.º 36, em Anexos. Freitas, Pedro de, “O Centenário da Filarmónica Unânime Praisense Faial – Açores”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-11-1981; Freitas, Pedro de, “A Minha Presença na Ilha do Faial-Açores”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 27-10-1981; Freitas, Pedro de, “O Barreiro ouviu uma categorizada banda de música”, Em *Jornal do Barreiro*, Barreiro, 26-03-1982.

¹²⁸⁰ Entrevista a Silva, Tristão da, *INATEL*, Lisboa, 17-06-2003; Entrevista a Lucas, Margarida, *INATEL*, Lisboa, 17-06-2003; Entrevista a Abreu, Isabel, *INATEL*, Lisboa, 25-06-2003.

Chiado *A Brasileira* em Lisboa¹²⁸¹. Neste contexto, por intermédio do jornal *Povo Algarvio* de Tavira, Pedro de Freitas descrevia o seu interesse e participação num grupo de bairristas. Este grupo reunia-se aos Sábados e através de uma tertúlia animada de trinta minutos visava a defesa dos aspectos económicos, políticos, industriais, urbanos e sociais do Algarve¹²⁸². Não se tratava de uma associação cotizada mas de uma reunião espontânea e resultante de um puro amadorismo em benefício da província algarvia¹²⁸³. Porém, no ano seguinte (1956), ocorriam rumores de que a tertúlia era um elemento desagregador da *Casa do Algarve*. Perante esta constatação, Pedro de Freitas insurgiu-se através da imprensa periódica, e no sentido de se justificar ele argumentou que aquela crítica feita à tertúlia era um paradoxo, uma vez que todos os elementos que faziam parte da mesma eram sócios da *Casa do Algarve* em Lisboa. Segundo Pedro de Freitas o objectivo dos elementos da tertúlia visava conjugar todos os esforços possíveis a favor dos interesses espirituais e morais da província do Algarve¹²⁸⁴. Dada a credibilidade desta justificação, empreendida por Pedro de Freitas, os elementos da tertúlia foram autorizados para dar continuidade àquelas reuniões no café *A Brasileira* em Lisboa. Além do mais, Pedro de Freitas, entre outros tertulianos, fora convidado por Mateus Moreno, o presidente desta associação regionalista, para fazer parte da comissão cultural da *Casa do Algarve*¹²⁸⁵. Deste modo, aquela tertúlia, no café *A Brasileira* em

¹²⁸¹ Freitas, Pedro de, “Em Lisboa uma Tertúlia Algarvia”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 06-03-1955.

¹²⁸² Freitas, Pedro de, “Em Lisboa uma Tertúlia Algarvia”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 06-03-1955. Neste encontro de amadores reuniam-se para debaterem os aspectos económicos, industriais e urbanos do Algarve. No entanto, por extensão passaram também a interessar-se por assuntos relacionados com as políticas partidárias, ideologias, educação, urbanização, transportes, turismo, pousadas, poesias, escritores do Algarve. Em Freitas, Pedro de, “Em Lisboa O convívio de alguns algarvios”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 29-04-1956.

¹²⁸³ Em Freitas, Pedro de, “Em Lisboa uma Tertúlia Algarvia”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 06-03-1955; Freitas, Pedro de, “Em Lisboa o convívio de alguns algarvios”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 29-04-1956.

¹²⁸⁴ Freitas, Pedro de, “Em Lisboa a Tertúlia Algarvia continua nos seus pontos de vista”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 15-07-1956.

¹²⁸⁵ Em Freitas, Pedro de, “O valor activo de uma casa Regional”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 26-05-1957.

Lisboa, duraria doze anos e o seu chefe, um republicano chamado José Barão, era uma figura que Pedro de Freitas admirava¹²⁸⁶.

A *Casa do Algarve*, fundada a 8 de Março de 1930, intitulava-se como uma agremiação regional de intervenção independente do poder político e partidário, zelando em benefício dos interesses do Algarve¹²⁸⁷. Não obstante, este interesse defendido pela *Casa do Algarve* comungava com as tendências nacionalistas pretendidas pelas autoridades oficiais, conciliando-se, deste modo, os vários objectivos a favor da província do sul de Portugal: «*Tornar o Algarve conhecido do resto do país e dos próprios Algarvios; tirar o partido possível das suas belezas naturais, para que a província possa constituir uma região de turismo, e velar pelos seus interesses espirituais e económicos*»¹²⁸⁸. De igual modo, para o jornalista Luís Sebastião Peres a *Casa do Algarve* fazia propaganda ao Algarve, cujo interesse era a divulgação de uma cultura adequada ao bem estar geral da sociedade, o que constituía uma causa de interesse nacional¹²⁸⁹. Neste contexto, um outro objectivo era ajudar os mais desfavorecidos, isto é, a massa popular que representava a voz mais humilde e submissa da nação portuguesa, sendo habitual um auxílio durante a época natalícia¹²⁹⁰. Deste modo, manifestavam-se as homenagens ao povo português, como por exemplo ao pescador algarvio¹²⁹¹.

¹²⁸⁶ Freitas, Pedro de, “Um Nome Que Se Não Esquece”, Em *Jornal do Algarve*, V.R.S.A., 31-08-1968; e Freitas, Pedro de, “Não se homenageou José Barão”, Em *Diário do Alentejo*, Beja, 04-09-1969.

¹²⁸⁷ Casa do Algarve (ed.), “Sessão Inaugural”, Em *Boletim da Casa do Algarve*, Lisboa, Agosto, 1930, p. 7.

¹²⁸⁸ Casa do Algarve (ed.), “Sessão Inaugural”, Em *Boletim da Casa do Algarve*, Lisboa, Agosto, 1930, p. 7.

¹²⁸⁹ Peres, Luis Sebastião, “O Regionalismo e a Casa do Algarve”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 15-05-1957.

¹²⁹⁰ Em Anónimo, “A Casa do Algarve vai distribuir o seu tradicional auxílio do Natal”, Em *Correio do Sul*, Faro, 30-11-1967.

¹²⁹¹ Em Anónimo “A Casa do Algarve em Lisboa prestou expressiva homenagem ao pescador Algarvio”, Em *Correio do Sul*, Faro, 22-06-1967.

Foi a partir de 1956 que Pedro de Freitas, como uma figura de porte nacionalista e como membro da comissão da cultura desta casa regional, passou a protagonizar uma adicional contribuição em prol do Algarve. Assim, em Fevereiro deste ano (1956), Pedro de Freitas era entrevistado na *Casa do Algarve*, em Lisboa, por Luís Sebastião Peres, e o propósito dessa entrevista relacionou-se com a exposição das vantagens da criação de uma *Delegação da Pro-Arte* em Loulé¹²⁹². Porém, na qualidade de vogal da comissão cultural da *Casa do Algarve*, Pedro de Freitas também apelou para a criação em Alvor de uma *Casa Museu*, a qual seria dedicada à história biográfica e aos feitos heróicos do rei D. João II¹²⁹³. Com efeito, a ideia de Pedro de Freitas vinha ao encontro do enaltecimento de uma faceta importante da história nacional, o que deixava antever a sua postura de corte nacionalista: « - Como membro da Comissão Cultural da «Casa do Algarve», em Lisboa, durante dez anos, fui à histórica aldeia de Alvor defender a ideia da criação da CASA – MUSEU DO REI D. JOÃO II, dada a sua morte ali ocorrida, que em reunião da dita Comissão eu havia proposto. Na via pública desenvolvi imagens da criação de um Museu e da vida desse Grande Rei, sendo acompanhado pelo Presidente da referida Comissão, o Historiador Nacional, o hoje vice-Secretário Geral da Academia das Ciências de Lisboa, Doutor Alberto Iria»¹²⁹⁴. Esta moção, que simbolizava a evocação de um episódio heróico da história nacional, foi apresentada por Pedro de Freitas a 12 de Fevereiro de 1957 na sala das sessões da comissão cultural da *Casa do Algarve* em Lisboa¹²⁹⁵. Neste sentido, a 25 de Outubro de 1961, na altura do

¹²⁹² Peres, Luís Sebastião, “Uma Delegação da Pró-Arte em Loulé”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 01-02-1956.

¹²⁹³ Alvor, freguesia portuguesa do concelho de Portimão (Algarve), Em *Wikipedia*, [on-line], <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Alvor>>, [consulta: 13 de Janeiro de 2008].

¹²⁹⁴ Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, p. 32.

¹²⁹⁵ Freitas, Pedro de, “Homenagem do Algarve à memória do escritor Coelho de Carvalho e do Rei D. João II”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 05-11-1961.

descerramento da lápide do Rei D. João II, em Alvor, Pedro de Freitas proferiu um discurso nacionalista em sua homenagem¹²⁹⁶.

Relativamente a outras actividades desempenhadas por Pedro de Freitas no âmbito da *Casa do Algarve* salientaram-se, principalmente, as suas funções de publicista. Assim, mediante vários artigos de imprensa periódica regional, Pedro de Freitas expunha o mérito, as actividades e as iniciativas que a *Casa do Algarve* facultava ao Algarve. Segundo Pedro de Freitas, esta agremiação regional desempenhava um papel exemplar, tal como o incentivo e o estímulo no encontro com figuras que visassem o engrandecimento do Algarve¹²⁹⁷; a homenagem às pessoas consideradas benfeitoras dos interesses regionais¹²⁹⁸; a promoção e divulgação de conferências¹²⁹⁹; a interferência em prol dos benefícios da província do Algarve, como, por exemplo, na possibilidade de se obterem descontos nos caminhos de ferro e dispensas especiais para se poder assistir a eventos de interesse nacional¹³⁰⁰. Com efeito, todas aquelas actividades deixavam antever que esta agremiação regional não deixava de exercer algum peso nas decisões políticas do país. Assim, ao se especificar a dispensa concedida pelo Governo para se poder assistir ao desfile dos académicos de Faro, deduz-se que esta agremiação *Casa do Algarve* desempenhava um papel cultural preponderante e que o seu protagonismo, afinal, cooperava com os interesses da política do estado¹³⁰¹. Porém, Pedro de Freitas

¹²⁹⁶ A Moção de Homenagem à Memória do Rei D. João II está transcrita. Em Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, p. 44-48. Ver também Freitas, Pedro de, “Homenagem do Algarve à memória do escritor Coelho de Carvalho e do Rei D. João II”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 14-11-1961.

¹²⁹⁷ Freitas, Pedro de, “O valor activo de uma Casa Regional”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 26-05-1957.

¹²⁹⁸ Como por exemplo a homenagem que a Câmara prestara a Cândido Guerreiro. Em Freitas, Pedro de, “Observatórios Algarvios (V)”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 17-12-1950.

¹²⁹⁹ Como a conferência proferida pelo artista cacelence de xilogravura nacional Manuel dos Santos Cabanas ou a conferência proferida por Aníbal Cruz Guerreiro. Em Freitas, Pedro de, “Manuel Cabanas”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 14-12-1952; e Guerreiro, Aníbal Cruz, “Crónicas Algarvias”, Em *O Algarve*, Faro, 18-01-1984.

¹³⁰⁰ Freitas, Pedro de, “Os académicos de Faro em festa Romagem de patriotismo e de saudade”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 04-02-1955.

¹³⁰¹ Freitas, Pedro de, “Os académicos de Faro em festa Romagem de patriotismo e de saudade”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 04-02-1955.

ainda reconheceu outros benefícios que resultaram da sua participação na *Casa do Algarve*, tal como a aprendizagem que beneficiou através do seu contacto com o escritor e jornalista Julião Quintinha: «Crítico construtivo, foi ele, para mim, um mestre que muito me ensinou com suas apreciações aos meus livros. Ensinando, reparando nesta ou naquela imagem, nunca maldizia da obra que comentava»¹³⁰². Finalmente, como prova de reconhecimento, Pedro de Freitas oferecia a que considerava ser a sua última obra literária, intitulada *O Rapazito e o velho Pedinte e a Sina do menino (Contos)*, à *Casa do Algarve*. O prefaciador deste livro foi Joaquim António Nunes, o presidente da direcção daquela colectividade regionalista, o qual apresentou uma crítica positiva sobre os dois contos e valorizou a figura de Pedro de Freitas: «Pedro de Freitas com os rudimentos de uma instrução primária, mas dotado de uma extraordinária inteligência, vivacidade, força de vontade e perseverança se tornaria um autodidacta que honra o Algarve mas de um modo particular a sua terra natal que se deve orgulhar de ter um filho de tão raras qualidades com jus a legitima consagração»¹³⁰³. Como tal, Pedro de Freitas foi o convidado homenageado no almoço realizado pelo aniversário da *Casa do Algarve* em Março de 1978¹³⁰⁴. Desta vez, Joaquim António Nunes distinguiu-o como uma figura exemplar a ter em conta tanto no domínio musical como no âmbito literário: «Pedro de Freitas é o convidado especial deste almoço. Trabalhador incansável da música e das letras portuguesas e uma figura admirável que merece a maior consideração e respeito pelo esforço de toda a sua vida por legar à posteridade as obras literárias que merecem a força de vontade de um homem dedicado a vencer na vida. [...] Assim com os recursos das suas excepcionais faculdades natas, soube

¹³⁰² Freitas, Pedro de, “Julião Quintinha – um mestre de Jornalismo”, Em *Diário do Alentejo*, Beja, 26-07-1968.

¹³⁰³ António Nunes, Joaquim, “Prefácio”, Em Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978, pp. [IX-XI].

¹³⁰⁴ Ver 7.6.e. Homenagem prestada pela Casa do Algarve de Lisboa, em Anexos.

*conquistar um lugar cimeiro entre os nossos maiores autodidactas algarvios»*¹³⁰⁵. Neste contexto, ainda se salientou reconhecimento pelo contributo que Pedro de Freitas dedicou à comissão cultural da *Casa do Algarve*: «fazendo parte da Comissão Cultural durante cerca de 10 anos prestando-lhe valiosa colaboração»¹³⁰⁶.

~ × ~

Pedro de Freitas representou uma figura que zelou em prol dos interesses nacionais associados, sobretudo, ao apoio das bandas filarmónicas (vistas como os redutos de organização educacional das massas populares) e na promoção das especificidades regionais do Algarve, não deixando de colaborar, a seu modo, no processo de nacionalização das massas.

Não obstante, ao pretender dar mais vida às decadentes bandas filarmónicas, Pedro de Freitas cooperava na dignificação da nação, uma vez que as mesmas representavam a música popular e simbolizavam a expressão da nação portuguesa além fronteiras. Do mesmo modo, ao considerar-se como um filho da província do Algarve, Pedro de Freitas procurou dedicar-se em seu benefício, o que era igualmente uma causa de interesse nacional. Com efeito, para dar mais amplitude aos seus intentos, Pedro de Freitas teria de ter o patrocínio das instâncias políticas detentoras do poder. Foi, aliás, através da sua colaboração com as entidades oficiais e privadas que Pedro de Freitas pode dar mais voz às suas iniciativas de âmbito nacional e cultural, tais como a concretização da ideia dos dois *Concursos Nacionais* e do *Festival Regional* de bandas filarmónicas; a criação dos *Cursos de Formação para Músicos* com os respectivos mapas de aproveitamento; o dar continuidade à Tertúlia, cujo objectivo beneficiava os interesses do Algarve; o ter mais protagonismo nas suas conferências sobre as temáticas relacionadas com a música popular e a história local e nacional; o viajar pelo país com o objectivo de dar mais amplitude à música popular portuguesa; o ter a oportunidade de compor composições musicais que foram tocadas e reconhecidas no âmbito dos eventos

¹³⁰⁵ Anónimo, “Pedro de Freitas distinguido no aniversário da Casa do Algarve”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 06-04-1978.

¹³⁰⁶ Anónimo, “Pedro de Freitas distinguido no aniversário da Casa do Algarve”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 06-04-1978.

da música popular; e o ser reconhecido como membro e vogal da comissão cultural da *Casa de Algarve*. Neste sentido, Pedro de Freitas enalteceu uma faceta importante da história nacional e teve a possibilidade de sociabilizar aprendizagens pelo seu contacto com figuras intelectuais de mérito nacional. Além do mais, foi por Pedro de Freitas ter sido uma figura com capacidade de conciliar os interesses das massas populares com os benefícios do apoio das entidades oficiais e privadas que ele obteve um duplo reconhecimento tanto popular como oficial. Assim, no contexto da música e das letras, Pedro de Freitas fora várias vezes acreditado, respeitado, e homenageado. Apesar de tudo, Pedro de Freitas fora criticado por usar a música popular como uma maneira de aderir a causas políticas, uma acusação que foi renegada pelo autor (Pedro de Freitas), argumentando que as causas políticas eram apenas um meio de se poder auxiliar a música e, como tal, não constituíam o seu objectivo final.

3. Pedro de Freitas e a sua Obra

3.1. Apresentação das Obras Literárias de Pedro de Freitas

A lista que se segue apresenta as obras literárias da autoria de Pedro de Freitas. No entanto, além das respectivas referências bibliográficas esta lista inclui ainda outras informações relativas à respectiva cota do *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, ou da *Biblioteca Nacional de Lisboa* (caso o livro não se encontre no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*), e ao número de tiragens, sempre que as mesmas foram mencionadas. Destas obras literárias de Pedro de Freitas existem algumas particularidades, tais como, por exemplo, a obra de 1955 (*É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*), a qual resultou de uma separata do jornal *O Distrito de Setúbal*, através da compilação de 21 artigos¹³⁰⁷; a obra de 1965 (*Quadros de Loulé Antigo*), que previamente também apareceu na imprensa periódica local, isto é, no jornal *Povo Algarvio* de Tavira, sendo depois adaptada em livro¹³⁰⁸; a obra de 1973 (*Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*), a qual foi dividida em duas partes, a primeira parte foi baseada em recortes de alguns artigos que Pedro de Freitas tinha escrito para o jornal *A Voz de Loulé*, e a segunda parte foi baseada em recortes de artigos que Pedro de Freitas escreveu no jornal *Correio do Sul*¹³⁰⁹; e, seguindo a mesma lógica, a obra de 1976

¹³⁰⁷ *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição* foi escrita previamente para o Jornal *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, de 10-12-1952 a 12-01-1953. Ver 7.3. Quadro de Temas e Assuntos, em Anexos.

¹³⁰⁸ Foram encontrados 38 artigos relativos à temática de *Quadros de Loulé Antigo*, no *Povo Algarvio*, Tavira, de 07-12-1958 a 22-01-1961. Ver 7.3. Quadro de Temas e Assuntos, em Anexos.

¹³⁰⁹ Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973, pp. 10-11.

(*Páginas históricas do Passado*) também foi baseada na separata do jornal *O Distrito de Setúbal*¹³¹⁰.

Porém, o capítulo intitulado “O aprendiz de música é o primeiro escalão do filarmónico”, inserido na obra de 1985 (*Colóquio sobre Música Popular Portuguesa*), constituiu uma comunicação no âmbito da música popular portuguesa¹³¹¹. Sem embargo, Pedro de Freitas ainda escreveu um manuscrito, que não foi publicado, com o título *Versos de Pedro de Freitas (Espontâneos e sem regras académicas) 1965/1982*¹³¹².

As minhas Recordações da Grande Guerra, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, [n.º de inventário 95, Cota: 940.3 FRE/MIM (tiragem de 1000 exemplares - esgotada)].

História da Música Popular em Portugal, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, [n.º de inventário 96, Cota: 78 FRE/HIS].

¹³¹⁰ Monteiro, Carlos: “Abertura”, Em Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, [p. VII].

¹³¹¹ Freitas, Pedro de: “O aprendiz de música é o primeiro escalão do filarmónico”, Em *Colóquio sobre Música Popular Portuguesa - comunicações e conclusões*, Lisboa, Instituto Nacional para Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores, Tipografia Freitas Brito, 1984, pp. 89-91, [cota: M. 239 V., da *Biblioteca Nacional de Lisboa*].

¹³¹² Freitas, Pedro de, *Versos de Pedro de Freitas (Espontâneos e sem regras académicas) 1965/1982*, Barreiro, Livro Manuscrito, 1982, [n.º 114, 82-9 FRE/VER, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Em França: trinta anos depois, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1950, [n.º de inventário 97, Cota: 82-9 FRE/FRA (tiragem de exemplares, 2.º milhar)].

Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, [n.º de inventário 98; Cota: 82-9 FRE/MEM (a tiragem de exemplares refere esgotado)].

É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955, [n.º de inventário 99, Cota: 78 FRE/PRE].

Brisas de Espanha: crónicas. Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, [n.º de inventário 101; Cota: 908 FRE/BRI (tiragem de 150 exemplares)].

José de Freitas no centenário do seu nascimento, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Fausto Sebastião de Freitas (ed.), 1958, [n.º de inventário 100, Cota: 929 FRE/JOS (tiragem de 50 exemplares)].

Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, [n.º de inventário 102; Cota 908 F.R.S.].

Eu fui à Índia, Barreiro, Pedro de Freitas, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1962, [n.º de inventário 103, Cota: 82-9 FR/EU (tiragem de 500 exemplares)].

O I Concurso Nacional de Bandas Civas – Madeira e Açores Belezas de Portugal, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1965, [n.º de inventário 105, Cota: 78 FRE/CON (tiragem de 1000 exemplares)].

Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973, [n.º de inventário 106, Cota: 82-9 FRE/REC (tiragem de 200 exemplares)].

Páginas históricas do Passado, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, [n.º de inventário 107, Cota: 908 (469.6) FRE/PAG (tiragem de 200 exemplares)].

Na primeira grande guerra, 1914-1918: um poeta setubalense Vicente José da Silva Penim, Setúbal, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1977, [n.º de inventário 108, Cota: 940.3 FRE/PRI (tiragem de 110 exemplares)].

O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos), Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978, [n.º de inventário 109, Cota: 82-9 FRE/RAP (tiragem de 200 exemplares)].

A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978), Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, [Cota: 929 FRE/HOM].

Versos de Pedro de Freitas (Espontâneos e sem regras académicas) 1965/1982, Barreiro, 1982, [n.º de inventário 114, Cota: 82-9 FRE/VER].

“O aprendiz de música é o primeiro escalão do filarmónico”, Em *Colóquio sobre Música Popular Portuguesa - comunicações e conclusões*, Lisboa, Instituto Nacional para Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores, Tipografia Freitas Brito, 1984, pp. 89-91, [cota: M. 239 V., da *Biblioteca Nacional de Lisboa*].

Quadros de Loulé Antigo, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, [n.º de inventário, Cota: 908 FRE/QUA. [1.^a (ed.) 1964, n.º de inventário 104, Cota: 908 (469.6) FRE/QUA (tiragem de 1000 exemplares); 2.^a (ed.) 1980 n.º de inventário 111, Cota: 908 (469.6) FRE/QUA (tiragem de 1000 exemplares)].

De acordo com o número de tiragens, que foi possível apurar, verificou-se que algumas das obras literárias da autoria de Pedro de Freitas tiveram mais amplitude do que outras. Com efeito, as obras cujo número de tiragens foi mais elevado foram, por exemplo, as duas obras dedicadas à temática da *Primeira Grande Guerra Mundial*; a obra destinada ao *Primeiro Grande Concurso* de âmbito nacional; a obra que constituiu a monografia do concelho de Loulé; e a obra que descreveu a viagem que Pedro de Freitas fez à Índia Portuguesa (a qual, constituiu uma das últimas referências vividas antes da Índia Portuguesa passar a ser independente de Portugal). Deste modo, as obras literárias da autoria de Pedro de Freitas que mais se salientaram constituíram uma maneira pessoal do autor zelar pela representação da identidade nacional a nível regional, nacional, como também além fronteiras.

De todas estas obras literárias apresentadas, as que têm sido mais utilizadas nos dias de hoje são *História da Música Popular em Portugal* e *Quadros de Loulé Antigo*. Como tal, estes dois livros têm sido citados em obras relacionadas com as tradições e a cultura

popular, cujo principal interesse tem sido sobretudo relacionado com a Província do Algarve¹³¹³.

Contudo, o livro que todavia continua a relembrar Pedro de Freitas a um âmbito que ultrapassa o contexto regional do Algarve tem sido a *História da Música Popular em Portugal*. Este livro incluiu uma temática bastante inovadora para a época em que foi publicado. Deste modo, ao dar crédito a essa iniciativa, actualmente, o *Instituto Nacional para Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores* (INATEL) procura prosseguir publicações que assentem num banco de dados a nível nacional sobre as Bandas Filarmónicas e os Grupos Corais Portugueses¹³¹⁴.

Pedro de Freitas também tem sido mencionado no *Departamento de Ciências Musicais* da *Faculdade de Ciências Sociais e Humanas* da *Universidade Nova de Lisboa* pela sua obra *História da Música Popular em Portugal*, existindo um exemplar deste livro na biblioteca deste departamento. Além do mais, este livro *História da Música Popular em Portugal* ainda aparece referenciado e citado no âmbito do associativismo clássico a nível nacional¹³¹⁵; na revelação e/ou problematização de pormenores sobre o contexto

¹³¹³ Cunha Duarte, José da, *Natal no Algarve. Raízes medievais*, Lisboa, Edições Colibri, 2002, p. 507; Cunha Duarte, Afonso da, *Memórias - São Brás de Alportel*, Vol. I, S. Brás de Alportel, Casa da Cultura António Bentes, 2005, p. 457; Cunha Duarte, Afonso da, *Terras de Alportel*, Vol.II, S. Brás de Alportel, Casa da Cultura António Bentes, 2008, pp. 147; 429; Martins, José Pedro de Jesus: “Raízes da Música Tradicional do Algarve”, Em *Algarve Tradições Musicais I*, Faro, Grupo Musical de Santa Maria Casa da Cultura António Bentes (ed.), 1995, p. 14; Jerónimo, Rui Moura: “A Música Popular Tradicional do Algarve – Contributos para o seu estudo”, Em *Algarve Tradições Musicais I*, Faro, Grupo Musical de Santa Maria Casa da Cultura António Bentes (ed.), 1995, p. 33.

¹³¹⁴ INATEL, *Bandas, Coros, Escolas de Música 1*, Lisboa, Instituto Nacional para Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores (INATEL), 1996; INATEL, *Bandas, Coros, Escolas de Música 2*, Lisboa, Instituto Nacional para Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores (INATEL), 1998.

¹³¹⁵ Malheiro, José, *Associativismo Popular originalidade do Povo Português*, Almada, Câmara Municipal de Almada, 1996, p. 15.

histórico das bandas filarmónicas locais ou regionais¹³¹⁶; e na polémica questão sobre se as bandas civis surgiram antes ou depois das bandas militares¹³¹⁷.

O livro *Quadros de Loulé Antigo* também revelou algum interesse relacionado com os estudos protagonizados por Isilda Pires Martins e José Luis de Matos sobre as Murallas de Loulé, sendo citado para confirmar aspectos da arquitectura tradicional de Loulé Antigo¹³¹⁸. Além do mais, *Quadros de Loulé Antigo* foi ainda citado no trabalho realizado por Luísa Fernanda Guerreiro Martins e o Padre João Coelho Cabanita no sentido de referenciarem pormenores sobre a festa da *Nossa Senhora da Piedade*, a *Mãe Soberana* padroeira dos louletanos¹³¹⁹.

Um outro aspecto de análise, na apresentação das obras de Pedro de Freitas, foi relativo aos anos da publicação das mesmas. Neste contexto, é de referir que nos anos trinta e quarenta do século XX, Pedro de Freitas apenas publicou uma obra respectivamente¹³²⁰. Porém, a partir dos anos cinquenta do século XX, Pedro de Freitas publicou um número significativamente maior de obras, isto é, cinco obras nos anos cinquenta¹³²¹; quatro

¹³¹⁶ Pereira, Luís Monteiro: “Boliqeime já teve Banda Filarmónica”, Em *Agenda Cultural*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, Novembro, 1998, p. 20; Martins, Isilda Maria Renda, *Loulé no século XX, Da Decadência da Monarquia à implantação da República*, Vol. 1, Loulé, Edições Colibri, 2001, p. 202.

¹³¹⁷ Silva, José Bento da, *Bandas de Música do Concelho da Póvoa de Lanhoso, Subsídios para a sua História*, Póvoa do Lanhoso, Cadernos Culturais Associação Cultural da Juventude Povoense, Dezembro 1992, pp. 15-24.

¹³¹⁸ Martins, Isilda Pires, e Matos, José Luís de, *Murallas de Loulé*, Loulé, reedição da Câmara Municipal de Loulé, 1990, pp. 6; 12; 14.

¹³¹⁹ Martins, Luísa Fernanda Guerreiro e Cabanita, João Coelho, “Mãe Soberana”, texto actualizado a 11 de Setembro de 2006, *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, Em *Loulé Concelho*, [on-line], <http://www.cm-loule.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=120&Itemid=102>, [consulta: 7 de Janeiro de 2009].

¹³²⁰ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946.

¹³²¹ Freitas, Pedro de, *Em França: trinta anos depois*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1950; Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954; Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1955; Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*. Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957; Freitas, Pedro de, *José de Freitas no centenário do seu nascimento*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Fausto Sebastião de Freitas (ed.), 1958.

obras nos anos sessenta¹³²²; e cinco obras nos anos setenta¹³²³. Sem embargo, a partir dos anos oitenta do século XX, o número de livros publicados voltou a decrescer, ou seja, apenas um exemplar de *Quadros de Loulé Antigo* e um artigo pertencente a uma comunicação no âmbito da música popular portuguesa (para além de um manuscrito de versos concluído, o qual não chegou a ser publicado)¹³²⁴. Finalmente, nos anos noventa do século XX, isto é, postumamente, verificou-se mais uma publicação de *Quadros de Loulé Antigo*¹³²⁵.

Como Pedro de Freitas reformou-se da profissão dos serviços ferroviários em Setembro de 1949, o grande incremento de tempo disponível constituiu o factor mais significativo na justificação do aumento do número de obras escritas e publicadas depois dessa altura¹³²⁶. Sem embargo, nos anos oitenta do século XX, Pedro de Freitas já contava

¹³²² Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961; Freitas, Pedro de, *Eu fui à Índia*, Barreiro, Pedro de Freitas, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1962; Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 1.^a (ed.) 1964, Freitas, Pedro de, *O I Concurso Nacional de Bandas Cívicas – Madeira e Açores Belezas de Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1965.

¹³²³ Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973; Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1976; Freitas, Pedro de, *Na primeira grande guerra, 1914-1918: um poeta setubalense Vicente José da Silva Penim*, Setúbal, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1977; Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978; Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979.

¹³²⁴ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 2.^a (ed.) 1980; Freitas, Pedro de, “O aprendiz de música é o primeiro escalão do filarmónico”, Em *Colóquio sobre Música Popular Portuguesa - comunicações e conclusões*, Lisboa, Instituto Nacional para Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores, Tipografia Freitas Brito, 1984, pp. 89-91.

¹³²⁵ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.) 1991.

¹³²⁶ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 132; Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973, p. 111. Ver também Companhia de Caminhos de Ferro Portugueses, Divisão de Repartição do Pessoal, Resumo de Matrícula de Pedro de Freitas, Cadastro Disciplinar, [n.º 81, Em Album Cinzento, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; Freitas, Pedro de, “Coisas que Acontecem VIII”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 09-02-1982.

com mais de oitenta anos de idade, o que justificou o decréscimo da complexa tarefa de escritor de livros¹³²⁷.

Relativamente à edição das suas obras, ele mesmo revelou que fora o responsável pela maioria das publicações das suas obras. Porém, a problematização desta temática será estudada no subcapítulo seguinte¹³²⁸.

~ × ~

Na exposição anterior foram apresentadas as obras literárias de Pedro de Freitas com algumas particularidades genéricas. Neste sentido, algumas das suas obras como *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*; *Quadros de Loulé Antigo*; *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*; e *Páginas históricas do Passado*, foram compiladas e adaptadas (com algumas adições) a partir de artigos de imprensa periódica que tinham sido previamente publicados em periódicos locais e regionais. O capítulo intitulado “O aprendiz de música é o primeiro escalão do filarmónico” fora escrito no âmbito do Colóquio sobre a Música Popular Portuguesa. Finalmente, a particularidade da obra intitulada *Versos de Pedro de Freitas (Espontâneos e sem regras académicas) 1965/1982* reside no facto de ser manuscrita. Além do mais, o número de tiragens que foi possível apurar em alguns exemplares deixa antever que algumas das suas obras tiveram mais amplitude do que outras. Com efeito, as obras que mencionaram um maior número de exemplares foram, por exemplo, as duas obras dedicadas à temática da *Primeira Grande Guerra Mundial*; a obra destinada ao Primeiro Grande Concurso de âmbito nacional; a obra que constituiu a monografia do concelho de Loulé; e a obra que descreveu a viagem que Pedro de Freitas fez à Índia Portuguesa (a qual constituiu uma das últimas referências vividas pouco tempo antes da Índia Portuguesa passar a ser independente de Portugal). De modo generalizado, as obras literárias da autoria de

¹³²⁷ Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973, p. 10.

¹³²⁸ Freitas, Pedro de, *Em França: trinta anos depois: Lisboa*, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1950, p. XI.

Pedro de Freitas que mais se salientaram foram as que constituíram uma maneira pessoal do autor zelar pela representação da identidade nacional, não só a nível regional como também num âmbito nacional e mesmo além fronteiras. Neste prisma, também foram apresentadas as obras *História da Música Popular em Portugal* e *Quadros de Loulé Antigo* como as obras que continuam a ser citadas nos trabalhos que têm sido publicados, especialmente no contexto da cultura musical popular e no âmbito da história local.

Finalmente, problematizou-se sobre a relação entre as obras de Pedro de Freitas e os anos das respectivas publicações, concluindo-se que foi depois do autor (Pedro de Freitas) ter sido reformado dos serviços de ferroviário que ele teve o tempo ideal para se dedicar maioritariamente à feitura das suas obras literárias.

3.1.1. Caracterização de Pedro de Freitas como escritor

Pedro de Freitas reflectiu várias vezes sobre algumas particularidades da sua obra literária. Desta forma, segundo o autor, a sua obra revelava a originalidade de não se basear em academismos literários mas na sua forma natural de expressão: «*Não escrevo com a ciência e as regras da língua estudada; escrevo com a alma e o ouvido e à maneira do meu estilo*»¹³²⁹.

Uma das particularidades que caracterizou a obra literária da autoria de Pedro de Freitas foi o uso de uma linguagem acessível à compreensão do povo. Neste prisma, é importante mencionar que na época do *Estado Novo* (1933-1974), o conceito de “povo” era abundantemente mediatizado nos meios de comunicação social, por isso, a sua definição apresenta-se complexa¹³³⁰. Na concepção de Pedro de Freitas, o “povo” de que tanto falava a política do *Estado Novo* era essencialmente a classe mais desfavorecida da sociedade, o que, afinal, não deixava de representar o grosso da comunidade portuguesa¹³³¹. Deste modo, no livro *Em França: trinta anos depois* o autor exprimiu o conteúdo que determinou a construção da sua escrita: «*A verdadeira*

¹³²⁹ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. [XV].

¹³³⁰ Nunes, Catarina Silva: “Documentarismo e Folclorização”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 302; Raposo, Paulo: “Teatro Popular”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, pp. 324-326; Silva, Manuel Deniz: “Usos e Abusos do Folclore Musical pela Mocidade Portuguesa”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, pp. 260-261; Félix, Pedro: “O concurso “A Aldeia Mais Portuguesa de Portugal” 1938”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 211.

¹³³¹ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 526, 552.

*voz do Povo reside na linguagem simples e despreziosa. – É com este puro material que esta obra é construída»*¹³³².

Como tal, a obra de Pedro de Freitas revelou-se por uma fidelidade do autor ao estrato social a que pertencera. Neste prisma, identificou-se na obra de Pedro de Freitas uma característica de simplicidade, expressa através da maneira como o próprio autor assumia a sua identidade: «*Não tem a minha pena o colorido literário para satisfazer os leitores mais exigentes; mas tem ela a natural simplicidade, o seu estilo próprio, a sinceridade e a voz popular»*¹³³³. Deste modo, Pedro de Freitas insistia que para se poder lograr de uma adequada percepção da sua linguagem era previamente necessário que ele fosse compreendido na sua categoria popular: «*que saibam ler e compreender uma voz humilde do povo»*¹³³⁴. Da mesma forma, da parte das apreciações críticas encontradas em alguns periódicos locais, o que outorgou à obra de Pedro de Freitas uma faceta de mérito foi o facto da mesma ser compreendida pela massa popular¹³³⁵. Neste sentido, a partir das justificações da aderência popular face à obra de Pedro de Freitas, apontou-se o facto de ele ser considerado um escritor do povo¹³³⁶; de ele escrever com um estilo que o povo sabia apreciar¹³³⁷; e de Pedro de Freitas saber comunicar através de uma linguagem simples e clara, acessível às pessoas menos letradas¹³³⁸. Desta forma, o escritor e poeta do Barreiro, João Liberal, também confirmou que foi sobretudo neste

¹³³² Freitas, Pedro de, *Em França: trinta anos depois*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1950, [p. XI].

¹³³³ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua Fação”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 12-12-1952.

¹³³⁴ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 250.

¹³³⁵ Neves, F. Clara, “Pedro de Freitas incansável trabalhador de oitenta anos”, Em *Correio do Sul*, Faro, 25-07-1974.

¹³³⁶ Anónimo, “Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro o novo livro de Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 19-06-1973.

¹³³⁷ A Redacção do jornal *A Voz de Loulé*, “Um Louletano dos Bons Velhos Tempos PEDRO DE FREITAS”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 19-06-1974; Viegas, João Corpas, “O rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do menino Contos” Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 16-03-1978.

¹³³⁸ Monteiro, Maurício, “O Louletano Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 21-07-1976.

contexto que o interesse da obra de Pedro de Freitas mais se evidenciou: «*Em todos os seus escritos perpassam temas que se ligam com o povo e de interesse incontestável*»¹³³⁹.

Além de Pedro de Freitas manifestar uma propensão natural para a escrita, ele ainda escrevia com uma necessidade de impôr um sentido pedagógico não só a si próprio como também aos leitores que a sua obra se destinava¹³⁴⁰. Ainda que de forma despretensiosa, Pedro de Freitas chegou a considerar que tinha um papel a representar através da sua obra: «*a minha missão de modesto escritor*»¹³⁴¹. Com efeito, Pedro de Freitas persistia na revelação que se enquadrava numa simples posição literária: «*Sou um autodidacta na categoria de escritor de terceira classe, e é sempre neste teor que me tenho apresentado*»¹³⁴². Deste modo, da parte de Pedro de Freitas subsistia uma interdependência entre a necessidade de querer ser um escritor compreendido e reconhecido pelo público leitor da sua obra e, ao mesmo tempo, a sua intenção em revelar e justificar a sua posição social. Como tal, Pedro de Freitas não deixava de manifestar uma certa susceptibilidade dos riscos de ser mal interpretado pelos literatos ou de não ter um público que o apreciasse. De facto, numa conversa com o Padre João Coelho Cabanita (coetâneo e conhecedor de Pedro de Freitas nos tempos em que o dito Padre estava em plena actividade na *Paróquia de S. Clemente* em Loulé), ele revelou uma postura não muito apreciativa sobre Pedro de Freitas como escritor, comentando que ele (Pedro de Freitas) tinha um baixo estatuto cultural¹³⁴³. Porém, o dito Padre não

¹³³⁹ Liberal, João, “Conversando com Pedro de Freitas”, Em *O Jornal do Barreiro*, Barreiro, 31-12-1976.

¹³⁴⁰ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 262.

¹³⁴¹ Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973, p. 10.

¹³⁴² Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 239.

¹³⁴³ Cabanita, João Coelho (Padre), Loulé, 30-01-2002.

deixou de consultar a monografia de Pedro de Freitas sobre o concelho de Loulé¹³⁴⁴. Não obstante, o próprio Pedro de Freitas também reflectiu várias vezes sobre as diferenças sociais que subsistiam em Portugal no início do século XX. Assim sendo, devido ao seu baixo estatuto social não lhe fora possível prosseguir uma formação académica¹³⁴⁵. Este condicionalismo gerava na sua pessoa alguns dissabores face às vicissitudes sociais da época, o que se evidenciava através de alguns receios de sucessivas acusações ao longo da sua vida relacionados com o facto de não ser um indivíduo literato academicamente¹³⁴⁶. Por isso, Pedro de Freitas considerou que a principal diferença entre ele e o escritor Francisco Xavier d' Ataíde Oliveira, um louletano erudito, tivesse sido o factor sócio-cultural: «*Os 15 livros que já publiquei de utilidade social e artística são filhos de um homem sem cultura académica. Os 19 livros do Dr. Ataíde são filhos de alta formatura oriunda do ensino de escolas superiores. Como é natural grande é a diferença havida: aqueles, porque «são filhos de um homem pobre»; estes, porque «são filhos de um homem rico»*¹³⁴⁷. De igual modo, este aspecto social foi reflectido por João Luís da Cruz, o qual, embora reconhecesse o mérito da obra da autoria de Pedro de Freitas, manifestou o seu pesar pelas estruturas da sociedade serem tão adversas às necessidades vocacionais do indivíduo: «*Se em vez de funcionário zeloso que é duma companhia, onde gasta monocordicamente uma grande parte das suas horas preciosas, Pedro de Freitas tivesse encontrado, não a via férrea, mas sim a*

¹³⁴⁴ Martins, Luísa Fernanda Guerreiro e Cabanita, João Coelho, “Mãe Soberana”, texto actualizado a 11 de Setembro de 2006, *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, Em *Loulé Concelho*, [on-line]; <http://www.cm-loule.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=120&Itemid=102>, [consulta: 7 de Janeiro de 2009].

¹³⁴⁵ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 223.

¹³⁴⁶ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 250; Liberal, João, *Da Minha Terra*, Vol. II, Barreiro, Câmara Municipal do Barreiro, 1996, pp. 128-129; Entrevista a Oliveira, Manuel de, em Lisboa, 01-02-2002.

¹³⁴⁷ Viegas, João Corpas, “Pedro de Freitas fala do Autor das «Mouras Encantadas»”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 03-08-1978.

via luminosa onde carrilhasse a sua vocação artística, isto é que, do amadorismo, embora brilhante, o tivesse metido dentro das responsabilidades do artista integral, - que extraordinário músico, que belo compositor, e ao mesmo tempo – porque nele há um complexo de atributos subsidiários de um grande artista – que excelente historiador e etnógrafo e que precioso crítico musical! Pois não obstante a estes desvios fatais, que afastam os homens, quase sempre, irremediavelmente, do trilho das próprias vocações – produto de uma organização económica ingrata a quem, em regra, pouco interessam estes, ou as condições psico-fisiológicas de cada indivíduo, porque, para certos, o sapateiro há-de ser filho de sapateiro, como o médico há-de ser filho de médico»¹³⁴⁸.

Dada a necessidade vocacional de comunicar pela escrita, Pedro de Freitas aproveitava as circunstâncias mais relevantes da sua vida para escrever livros, sendo característica a sua veia expressiva e sentimental, tal como foram exemplo as suas obras *As minhas Recordações da Grande Guerra*, ou, *Em França: trinta anos depois*, ambas resultantes da sua participação na *Primeira Grande Guerra*¹³⁴⁹. Por outro lado, Pedro de Freitas também era reconhecido pelo seu poder de observação e de descrição detalhada¹³⁵⁰. Esta faculdade era evidenciada sobretudo em algumas das suas obras literárias que derivaram das suas viagens, tais como à Espanha¹³⁵¹; às *Províncias Ultramarinas do Estado*

¹³⁴⁸ Cruz, João Luís da, “A Pedro de Freitas - Historiador da Música Popular em Portugal”, Em *A Incrível no seu centenário*, Almada, 01-11-1948.

¹³⁴⁹ Iria, Alberto: “Obras, Críticas e Impressões”, Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 247; Quintinha, Julião: “Obras, Críticas e Impressões”, Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, pp. 243-245.

¹³⁵⁰ Anónimo, “Saludos”, *La Higuera*, Isla Cristina, 10-06-1978; Franco, Mário Lyster: “Prefácio”, Em Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973, pp. 5-7; Gomes, José Perry de Sousa: “Obras, Críticas e Impressões”, Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 248.

¹³⁵¹ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957; Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961.

*Português da Índia*¹³⁵²; aos designados Arquipélagos dos Açores e da Madeira¹³⁵³; e ao norte de França¹³⁵⁴: «*Sempre com o meu espírito de aventura, percorrer, ver, para melhor poder contar, já depois da minha reforma de ferroviário, bafejou-me a sorte em me dar as disposições necessárias para enfrentar viagens de certo modo perigosas*»¹³⁵⁵.

Por onde passava, Pedro de Freitas anotava com detalhe as suas ideias e descrevia os pormenores daquilo que via e ouvia¹³⁵⁶. Neste prisma, um dos objectivos pretendidos por Pedro de Freitas era transmitir esses conhecimentos logrados pelas suas viagens à classe mais baixa da sociedade. Deste modo, Pedro de Freitas aspirava que este estrato social, na impossibilidade de efectivar aquelas viagens, pudesse ter um acesso quase visual à parte histórica e cultural de muitas das localidades nacionais e mesmo além fronteiras. No entanto, este interesse, da parte de Pedro de Freitas, ampliava-se a outros parâmetros relacionados com a sua autobiografia. Neste sentido, Pedro de Freitas pretendia revelar a sua própria experiência de vida, incluindo as suas aprendizagens, para que estas também pudessem servir de exemplo aos potenciais leitores: «*preocupado em recolher os preciosos ensinamentos da vida (como Máximo Gorki, que, na vida teve também a sua Universidade) para, mais tarde, os plasmar, exemplarmente, em numerosos (creio que 15) livros publicados*»¹³⁵⁷.

Com efeito, as constantes incursões autobiográficas evidenciadas em todas as obras literárias de Pedro de Freitas revelaram o carácter intimista da sua escrita. Neste sentido,

¹³⁵² Freitas, Pedro de, *Eu fui à Índia*, Barreiro, Pedro de Freitas, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1962.

¹³⁵³ Freitas, Pedro de, *O I Concurso Nacional de Bandas Cívicas – Madeira e Açores Belezas de Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1965.

¹³⁵⁴ Freitas, Pedro de, *Em França: trinta anos depois: Lisboa*, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1950.

¹³⁵⁵ Freitas, Pedro de, “Coisas que Acontecem VIII”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 09-02-1982.

¹³⁵⁶ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, pp. 140-141.

¹³⁵⁷ Afonso, Manuel Sequeira: “Um Engenheiro e um publicista que honram o Algarve”, Em *Jornal do Algarve*, Vila Real de Santo António, 29-12-1978; ou Afonso, Manuel Sequeira, Em Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, p. 86.

pode-se até dizer que há uma constante interpenetração entre a onnipresença do autor e a temática ilustrada no livro: «*Eles espelham fielmente esta proverbial insatisfação entre o autor e a obra, esta necessidade constante de que o primeiro tem de completar a segunda, num duelo que neste caso de letras, páginas e livros, fica assinalado para os vindouros com traços de comparação bem demarcados no tempo*»¹³⁵⁸. Segundo João Liberal, escritor barreirense e amigo pessoal de Pedro de Freitas, foi precisamente este distintivo pessoal da parte de Pedro de Freitas que conferiu à sua obra um valor cultural apreciável: «*Uma outra faceta do biografado, de mérito reconhecido, constituiu na escrita; ele pôs, em livro seus conhecimentos e memórias. Um verdadeiro escritor que editou, em vida, nada menos do que dezasseis obras, com um total de 3.365 páginas. Com os seus trabalhos literários, ainda que sem grandes voos, acabou de prestar, inequivocamente colaboração apreciável à cultura*»¹³⁵⁹. Por sua vez, F. Clara Neves valorizou a obra literária de Pedro de Freitas por ter reconhecido que o autor contribuiu com consciência e sinceridade em benefício do progresso da humanidade: «*As suas narrativas empolgam pelo esmalte difuso de pormenores, recheados de seriedade, propósitos e convicções construtivas*»¹³⁶⁰.

Ainda que cada uma das obras literárias de Pedro de Freitas incluísse assuntos diversificados, o autor afirmou que todos os seus livros eram reflexo de muito trabalho: «*Escrever livros não é escrever artigos, não é escrever palavras, muitas palavras, e com elas construir castelos sem valor. Um livro tem de possuir beleza, sugestão, princípio, meio e fim. Tem de ter engenho que empolgue o leitor. Escreverem-se livros*

¹³⁵⁸ Bota, José Mendes: “Prefácio da Segunda Edição”, Em Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, pp. 25-26.

¹³⁵⁹ Liberal, João, *Da Minha Terra*, Vol. II, Barreiro, Câmara Municipal do Barreiro, 1996, pp. 128-129.

¹³⁶⁰ Neves, F. Clara, “Pedro de Freitas incansável trabalhador de oitenta anos”, Em *Correio do Sul*, Faro, 25-07-1974.

envolve grandes responsabilidades: Arquitectar assuntos e dividi-los de modo que assentem com método e ordem; formular pormenores, despender mil cuidados para não se cair em repetições enfadonhas; pensar, sempre e muito, puxar pelo cérebro até ao esgotamento, levar períodos de noites ou mesmo noites inteiras sem dormir a congeminar e a resolver emperrados problemas de ordem literária e de descrição; compor, estender, encurtar, burilar frases, aformosear estilos, empreender numa ou noutra passagem mais doce ou mais contundente; dar vida a personagens, esmiuçar, rever, ter inspirações que a pena por vezes não traduz fielmente, e, depois de todo este atribulado inferno, editores, leitores, ambiente, críticas e dinheiro, tais são os tremendos cuidados que a feitura de livros dão a quem os escreva e queira publicar»¹³⁶¹.

Por outro lado, uma parte significativa da obra literária de Pedro de Freitas manifestou, através de diferentes prismas, o seu regionalismo. Neste sentido, Pedro de Freitas exprimiu a dignificação e a descrição das tradições e dos pormenores históricos e culturais peculiares da sua terra natal (Loulé). Por isso, na homenagem consagrada a Pedro de Freitas, pela *Câmara Municipal de Loulé* e alguns dos seus amigos, a 2 de Dezembro de 1978, foi-lhe dito que a sua obra era dotada de um cunho regional muito acentuado¹³⁶². Como tal, este regionalismo, evidenciado na obra de Pedro de Freitas, provinha de um profundo sentimentalismo, sobretudo pela sua terra natal, o qual foi reconhecido pelo seu conterrâneo e amigo José Maria da Piedade Barros, director do jornal *A Voz de Loulé*: «Noites sem dormir, repousando em lugares incómodos de terra em terra, aproveitando todas as horas livres, todos os minutos de lazer, para realizar o seu sonho: escrever. Escrever livros, artigos para jornais, músicas, cartas e mais cartas

¹³⁶¹ Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973, p. 66.

¹³⁶² Anónimo, “Homenagem a Pedro de Freitas em Loulé”, Em *O Algarve*, Faro, 13-12-1978.

para amigos, para desconhecidos. Falando de Loulé, pedindo coisas para Loulé, e para o seu querido Algarve, organizando coisas que prestigiassem Loulé. Que elevassem Loulé e fizessem progredir a sua querida terra»¹³⁶³.

Além disso, as dedicatórias que Pedro de Freitas escreveu, umas vezes na parte inicial, outras vezes no final de alguns dos seus livros, constituem exemplos desse profundo sentimentalismo manifestado principalmente por Loulé. No sentido de se evidenciar a qualidade deste sentimento nutrido por Pedro de Freitas analisaram-se algumas das dedicatórias que o autor consagrou à sua terra natal. Na obra literária *História da Música Popular em Portugal*, Pedro de Freitas elogiou o seu torrão natal através das seguintes palavras: «*A Loulé – berço do meu nascimento, jardim da minha infância, escola da minha mocidade – como preito de sincera gratidão e de muito afecto filial, dedico e consagro esta humilde Obra*»¹³⁶⁴. No livro *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Pedro de Freitas também não deixou de escrever o seu afecto filial: «*à minha progénie, a Loulé e aos amigos que me têm ajudado a singrar na vida das letras populares*»¹³⁶⁵. No livro *Páginas Históricas do Passado*, Pedro de Freitas escreveu uma dedicatória a cada uma das localidades que sentia mais afinidade. Deste modo, Pedro de Freitas iniciou a dedicatória ao Barreiro: «*Barreiro – DIA E NOITE – É a minha modesta homenagem à terra que me tem como seu habitante desde os meus dezassete anos de idade (1911) e, por nela me ter feito homem e melhor ter formado a minha personalidade: - na música, nas letras, e, na linha democrática, de que sempre tenho*

¹³⁶³ Barros, José Maria da Piedade, “Pedro de Freitas – Uma figura do passado a projectar-se no futuro”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 14-12-1978.

¹³⁶⁴ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. VII.

¹³⁶⁵ Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973, pp. 11-12.

sido consciente paladino»¹³⁶⁶. Contudo, como não podia deixar de ser, na segunda dedicatória deste livro (*Páginas Históricas do Passado*), Pedro de Freitas fez referência à província do Algarve e à sua terra natal (Loulé): «*EU CANTO O MEU ALGARVE*» - *Não esqueço que sou algarvio de origem! Por isso, a esse idolatrado berço eu desejo, na hora final da minha longa vida, prestar-lhe a minha também modesta homenagem de filho afectuoso*»¹³⁶⁷. Finalmente, no livro *Quadros de Loulé Antigo*, Pedro de Freitas também não se esqueceu de consagrar esta obra literária a Loulé: «*Incansável trabalho contém este livro que dedico à minha Terra*»¹³⁶⁸.

Neste sentido, muitas das apreciações críticas encontradas sobre Pedro de Freitas e a sua obra incorporam a qualificação de “bairrismo” ou de “bairrista”. A palavra “bairrista” é um atributo associado a uma pessoa que nutre um sentimento regionalista de profundo amor ao seu bairro ou à localidade de nascimento¹³⁶⁹. José Maria da Piedade Barros referiu-se a essa qualidade, omnipresente na obra e na pessoa de Pedro de Freitas: «*atendendo às obras por ele já publicadas, sempre insufladas de um bairrismo que não é vulgar, especialmente nos jovens*»¹³⁷⁰. Manuel Guerreiro Farrajota, provedor da *Santa Casa da Misericórdia*, também mencionou que Pedro de Freitas era bairrista: «*pelo seu amor e dedicação ao torrão natal durante toda a sua longa vida, bem expressos na valiosa obra literária que lhe tem consagrado, enaltecendo-o com bairrismo*

¹³⁶⁶ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 92.

¹³⁶⁷ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 92.

¹³⁶⁸ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, p. 17.

¹³⁶⁹ A palavra Bairrismo é designada para expressar amor ou apego ao bairro; regionalismo exclusivista. Ver em *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1985.

¹³⁷⁰ Barros, José Maria da Piedade, “Homenagem a Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 23-06-1977.

insuperável»¹³⁷¹. Do mesmo modo, este atributo de Pedro de Freitas foi expresso por Luís Cabral Adão, médico estomatologista de Almada: «Tenho seguido de perto a sua actividade literária, jornalística, musicográfica e, sobretudo, tenho admirado o seu bairrismo, o seu louletanismo, o seu algarvismo»¹³⁷². Por vezes, ainda que a palavra “bairrista” não apareça escrita literalmente, o seu significado mantém-se omnipresente, como é o caso deste excerto pertencente a um artigo escrito num periódico de Évora por Luís Cabral Adão: «Nos restantes dezasseis livros que até à data publicou, incluem-se temas de música popular e bandas civis, memórias dum ferroviário, crónicas de viagem à Índia, à Madeira e aos Açores, exaltação a Cartaya, na Andaluzia, cujo AYUNTAMIENTO o homenageou, contos e aspectos monográficos da sua Loulé, que estremece com profundo amor nativista»¹³⁷³.

Neste contexto, a obra literária *Quadros de Loulé Antigo* constituiu um exemplo paradigmático desse bairrismo. De facto, a temática sobre *Loulé Antigo* surgiu primeiramente na imprensa periódica local o *Povo Algarvio*, de Tavira, através de artigos escritos com o mesmo título¹³⁷⁴. Posteriormente, Pedro de Freitas procedeu a uma adaptação e acréscimo de imagens, cujo objectivo era converter aqueles artigos de imprensa periódica sobre Loulé em livro¹³⁷⁵. Finalmente, após a concretização de *Quadros de Loulé Antigo* em livro, esta monografia era oferecida em benefício da *Santa casa da Misericórdia* e do *Hospital de Nossa Senhora dos Pobres*, de Loulé. Com efeito, consciente da ajuda que a feitura de *Quadros de Loulé Antigo* prestara em

¹³⁷¹ Farrajota, Manuel Guerreiro, “Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 07-07-1977.

¹³⁷² Adão, Luís Cabral: “Carta enviada pelo médico estomatologista Dr. Luís Cabral Adão ao Sr. Presidente da Câmara Municipal de Loulé, Almada, 24-11-1978”, Em Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, pp. 50-51.

¹³⁷³ Adão, Luís Cabral, “Loulé, Barreiro, Évora”, Em *Notícias d’ Évora*, Évora, 25-10-1983.

¹³⁷⁴ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, p. 13.

¹³⁷⁵ Freitas, Pedro de, “Pedido de Fotografias”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 19-05-1963.

benefício dos louletanos, Pedro de Freitas comunicou à redacção do Jornal *A Voz de Loulé* a sua satisfação: «*Não foi inutilmente essa oferta ao Hospital. Esta instituição de caridade teve a sua compensação; eu tive o prémio moral de algo contribuir em proveito desse sector da colectividade louletana sempre carecida de auxílio*»¹³⁷⁶. Este gesto caritativo da parte de Pedro de Freitas também fora apreciado pelo provedor da *Santa Casa da Misericórdia*, Manuel Guerreiro Pereira, através das seguintes palavras: «*É significativa e simpática a atitude do apaixonado bairrista que é o louletano Sr. Pedro de Freitas ao oferecer à Santa Casa da Misericórdia e Hospital de Nossa Senhora dos Pobres desta mui e nobre e antiga vila de Loulé, o seu trabalho diligente, que representa a compilação e concatenação dos costumes e acontecimentos desta vetusta terra*»¹³⁷⁷.

Deste modo, salientam-se as três etapas referidas anteriormente, relacionadas com a concretização do livro *Quadros de Loulé Antigo*:

- 1.^a etapa) o esforço de Pedro de Freitas para que os vários artigos de imprensa periódica local fossem adaptados na obra literária *Quadros de Loulé Antigo*;
- 2.^a etapa) o conteúdo desta obra monográfica, orientada para os interesses históricos e culturais de Loulé;
- 3.^a etapa) a sua posterior oferta a instituições de caridade louletanas.

Neste prisma, reconhece-se que cada uma destas etapas deixou subentender uma múltipla intenção de esforço bairrista da parte do autor Pedro de Freitas.

Um outro aspecto, não menos importante, foi o facto de Pedro de Freitas ter reconhecido que para que os seus livros fossem lidos era previamente necessário que os mesmos fossem publicados. Por isso, o autor empreendeu por si próprio um árduo

¹³⁷⁶ Freitas, Pedro de, “Falando de um dos meus livros”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 19-06-1974.

¹³⁷⁷ Pereira, Manuel Guerreiro: “*Duas palavras de agradecimento*” a propósito da 1.^a Edição de *Quadros de Loulé Antigo*, Em Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, p. 8.

esforço na tarefa da publicação de grande parte da sua obra literária. No início do livro *Em França trinta anos depois*, e através de uma espécie de prefácio intitulado de “Algumas Palavras”, Pedro de Freitas comentou precisamente sobre as dificuldades que encontrou no processo da publicação da sua obra literária: «*A minha condição de escritor modestíssimo não permite dar-me lugar adequado em Casa de Editores; por isso, sozinho, tenho enfrentado os tremendos encargos de editar as minhas próprias obras*»¹³⁷⁸.

Com efeito, de acordo com algumas críticas encontradas na época, Pedro de Freitas constituiu um caso paradigmático pelo contra-senso de estar a residir no Barreiro e de ter dado a conhecer, através dos seus escritos, a sua terra natal Loulé. De facto, já desde 1916 que Pedro de Freitas tinha conhecimento que ele era uma figura reconhecida pelo seu sentimentalismo por Loulé. Neste âmbito, salienta-se que Pedro de Freitas afirmava que ele era reconhecido como benfeitor pelos interesses de Loulé, mesmo nas localidades que não pertenciam a Loulé: «*já nesse tempo eu era, cá fora, um grande e incansável propagadista de Loulé*»¹³⁷⁹. Por isso, não foi de admirar que, por exemplo, Manuel Sequeira Afonso ou que Raul Pinto o tivessem nomeado de «*publicista*», uma vez que Pedro de Freitas tinha o hábito de elogiar o seu torrão natal¹³⁸⁰. Deste modo, numa última análise, é possível apreender o nível mais elevado do bairrismo exercido por Pedro de Freitas se a partir das características regionalistas da sua obra lhe for adicionada a sua responsabilidade na publicação, o que afinal constituiu um esforço

¹³⁷⁸ Freitas, Pedro de, *Em França: trinta anos depois: Lisboa*, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1950, p. XI.

¹³⁷⁹ Freitas, Pedro de, “As minhas “Bodas de Ouro” (1916-1966)”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 19-06-1966.

¹³⁸⁰ Afonso, Manuel Sequeira: “Um Engenheiro e um publicista que honram o Algarve”, Em *Jornal do Algarve*, Vila Real de Santo António, 29-12-1978; ou Afonso, Manuel Sequeira, Em Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, pp. 85-86; Pinto, Raul: “*Duas Palavras sobre Pedro de Freitas (da 1.ª Edição)*”, Em Freitas, Pedro de *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.ª (ed.), 1991, p. 10.

sobre-humano da parte de Pedro de Freitas para dar a conhecer ao seu público o conteúdo da sua obra. Neste prisma, as palavras que se seguem, da autoria do seu amigo José Maria da Piedade Barros, deixaram transparecer que os sentimentos de Pedro de Freitas iam, todavia, mais além do que uma mera intencionalidade de publicação das suas obras: «Das suas obras foi ele próprio o editor, o distribuidor, o ofertante de alma generosa e coração puro a espalhar a sua mensagem de indefectível bairrismo!»¹³⁸¹.

Do mesmo modo, Manuel Sequeira Afonso considerou que o principal objectivo que germinava na mente de Pedro de Freitas, ao escrever e publicar grande parte da sua obra literária, consistia em exprimir os seus sentimentos de um puro nativista que procurava dignificar a imagem do Algarve: «Pedro de Freitas não procurou, com os milhares de páginas que escreveu, alcançar o Olimpo das letras; porque ele se considera «um escritor do povo»; porque nunca ganhou um tostão com as suas obras... por tudo isso e muito mais, é hoje, como Laginha Sarafim, um homem que honra o Algarve e que merece ficar registado na memória dos algarvios»¹³⁸².

Porém, coexistia no íntimo de Pedro de Freitas um ideal de fraternização que se expandia em âmbitos ainda mais abrangentes do que os seus sentimentos regionalistas. De facto, Pedro de Freitas não só descreveu o seu desejo de consolidar as relações de irmandade a nível peninsular como também transmitiu e persistiu na necessidade de se partilhar harmonia e paz num âmbito internacional¹³⁸³. Este sentimentalismo transnacional reflectiu-se no logótipo que Pedro de Freitas apresentou em quase todas as

¹³⁸¹ Barros, José Maria da Piedade, “Pedro de Freitas – Uma figura do passado a projectar-se no futuro”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 14-12-1978.

¹³⁸² Afonso, Manuel Sequeira: “Um Engenheiro e um publicista que honram o Algarve”, Em *Jornal do Algarve*, Vila Real de Santo António, 29-12-1978; ou, Afonso, Manuel Sequeira, Em Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, p. 86.

¹³⁸³ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957; Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961; Billing, Michael, *Banal Nationalism*, London, Sage Publications, 2002, pp. 83-89.

suas obras literárias, inclusive nos dois livros que ele dedicou à Espanha¹³⁸⁴. Assim, o logótipo consta de uma melodia lenta na tonalidade de Si bemol Maior, e apresenta um texto com as seguintes palavras: «*Harmonia nas almas E Paz nos corações. Ama, assim o mundo, Não tenhas ilusões!*»¹³⁸⁵. Tanto a melodia como o texto são da autoria de Pedro de Freitas. Em cima da música, e em posição central, está o desenho escolhido

¹³⁸⁴ Freitas, Pedro de, *Em França: trinta anos depois*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1950; Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954; Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1955; Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957; Freitas, Pedro de, *José de Freitas no centenário do seu nascimento*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Fausto Sebastião de Freitas (ed.), 1958; Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961; Freitas, Pedro de, *Eu fui à Índia*, Barreiro, Pedro de Freitas, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1962; Freitas, Pedro de, *O I Concurso Nacional de Bandas Civis – Madeira e Açores Belezas de Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1965; Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973; Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1976; Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978; Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979; Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 1.ª (ed.) 1964; 2.ª (ed.) 1980; e 3.ª (ed.) 1991.

¹³⁸⁵ Freitas, Pedro de, *Em França: trinta anos depois*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1950; Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954; Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1955; Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957; Freitas, Pedro de, *José de Freitas no centenário do seu nascimento*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Fausto Sebastião de Freitas (ed.), 1958; Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961; Freitas, Pedro de, *Eu fui à Índia*, Barreiro, Pedro de Freitas, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1962; Freitas, Pedro de, *O I Concurso Nacional de Bandas Civis – Madeira e Açores Belezas de Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1965; Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973; Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1976; Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978; Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979; Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 1.ª (ed.) 1964; 2.ª (ed.) 1980; e 3.ª (ed.) 1991.

para simbolizar a mensagem que o autor pretendia deixar transparecer¹³⁸⁶. Assim, o desenho configura um coração delineado através das palavras da primeira parte do texto: «*Harmonia nas almas e paz nos corações*». Dentro desse coração está uma pomba de asas abertas, a qual segura no bico um ramo de oliveira, e no tronco desse ramo uma fita ondulada contém a melodia escrita na pauta musical.

A decisão de Pedro de Freitas em colocar este logótipo em quase todas as suas obras literárias revelou a sua necessidade de transmitir ao leitor uma informação que ele considerava importante e adequada aos vários contextos temáticos da sua obra literária. Por isso, Pedro de Freitas colocou maioritariamente esta mensagem numa das páginas iniciais dos seus livros, cujo objectivo era que os leitores pudessem reflectir sobre a implicação da frase («*Harmonia nas almas e paz nos corações*») a nível mundial.

Se o conteúdo do logótipo simbolizava uma certa emergência em exteriorizar qualidades universais de confraternização, então, a intencionalidade de Pedro de Freitas em apresentá-lo na sua obra literária reflectia a natureza inerente dos seus princípios de que cada cidadão (num contexto regional e nacional) deveria de conferir o seu contributo para as boas relações a nível mundial.

¹³⁸⁶ O desenho do logótipo é de autoria de João Carlos Gomes.



Pedro de Freitas

Lento



 Har-mo-ni-a nas al-mas e Paz nos co-ra-ções



 A-ma a-ssim o Mun-do Não te-nhas i-lu-sões

Harmonia nas almas
 E Paz nos corações.
 — Ama, assim o mundo,
 Não tenhas ilusões!

Desenho de João Carlos C. Gomes || Música e letra de Pedro de Freitas

RESERVADOS OS DIREITOS DE REPRODUÇÃO

Logótipo

Título: Harmonia nas Almas e Paz nos Corações.

Data: s.d.

Local: s.l.

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Loulé

Apresentaram-se algumas características das obras literárias de Pedro de Freitas, as quais foram relacionadas com a sua forma peculiar de expressão sentimentalista e descritiva. Estas faculdades foram especialmente narradas nas suas viagens e experiências de vida, tal como aquando da sua participação na *Primeira Grande Guerra*. Deste modo, através das suas obras literárias, Pedro de Freitas divulgou abundantemente as suas experiências de vida, as suas viagens e as suas memórias autobiográficas, cujo interesse depositava-se na divulgação das suas aprendizagens pessoais, procurando elucidar as potenciais massas populares leitoras da sua obra. Além do mais, Pedro de Freitas apresentou-se como uma figura de estatuto popular, por isso, a sua escrita adequava-se a um estilo compreendido por este mesmo estrato social. Como tal, as obras literárias de Pedro de Freitas foram consideradas por apresentarem uma linguagem acessível ao povo e, neste sentido, foram dotadas de interesse. Não obstante, Pedro de Freitas ainda revelou algum receio de que a sua linguagem popular fosse mal interpretada pelos literatos. Com efeito, foi, precisamente, a sua não formação académica que constituiu uma crítica que subsistiu ao longo da sua vida e mesmo postumamente. Porém, uma outra característica relevante da obra literária de Pedro de Freitas foi o seu espírito de amor e de luta pelos aspectos nacionais e regionais, especialmente em prol dos benefícios da sua terra natal. Estas razões induziram que Pedro de Freitas enfrentasse as dificuldades de publicação de muitas das suas obras. Não obstante, através dos livros de Pedro de Freitas ainda foram encontradas outras características que ultrapassaram o âmbito de um sentimentalismo essencialmente regionalista a nível nacional. Neste sentido, Pedro de Freitas perspectivou idealizações na consolidação de uma amizade peninsular através dos seus dois livros dedicados à Espanha. Além do mais, a maioria dos livros de Pedro de Freitas revelaram o seu desejo de harmonia e paz mundial representada através da mensagem divulgada no seu logótipo “Harmonia nas Almas e Paz nos corações”. Este ideal permite aderir a outras dimensões relevantes da sua personalidade, as quais estavam associadas com o seu entendimento de que era importante a existência de harmonia em cada cidadão, a nível regional e nacional, para que cada nação pudesse colaborar na ansiada paz entre as nações do mundo.

3.1.2. Comentário crítico das obras literárias segundo as principais temáticas:

As obras literárias de Pedro de Freitas caracterizam-se por assuntos de interesse diversificados, tais como: «*Música, descrição, investigações etnográficas, curiosidades estatísticas, históricas ou de costumes do povo...*»¹³⁸⁷.

No entanto, as obras literárias de Pedro de Freitas foram classificadas e agrupadas segundo a principal temática:

- 1) As obras mais relacionadas com a temática da **Primeira Grande Guerra Mundial**: *As minhas Recordações da Grande Guerra*; e, *Em França: trinta anos depois*.
- 2) As obras mais relacionadas com o tema da **música**: *História da Música Popular em Portugal*; *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*; *O I Concurso Nacional de Bandas Cívicas – Madeira e Açores*; *Belezas de Portugal*; e, *O Aprendiz de música é o primeiro escalão do filarmónico*.
- 3) As obras mais associadas com a temática das **viagens**: *Brisas de Espanha: crónicas*; *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*; e, *Eu fui à Índia*.
- 4) As obras mais directamente relacionadas com os aspectos **autobiográficos ou biográficos**: *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*; *José de Freitas no centenário do seu nascimento*; *Na Primeira Grande Guerra, 1914-1918 um poeta setubalense: Vicente José da Silva Penim*; *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*; *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas*; e, *Versos de Pedro de Freitas (Espontâneos e sem regras académicas) 1965/1982*.

¹³⁸⁷ Pinto, Raul: “*Duas Palavras sobre Pedro de Freitas (da 1.ª Edição)*”, Em Freitas, Pedro de *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.ª (ed.), 1991, pp. 10-11.

- 5) A obra mais relacionada com a temática **monográfica**: *Quadros de Loulé Antigo*.
- 6) As obras mais relacionadas com as temáticas de **história geral e/ou historiografia política**: *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*; e, *Páginas históricas do Passado*.

3.1.2.a) Guerra

*As minhas Recordações da Grande Guerra*¹³⁸⁸:

Neste livro, Pedro de Freitas fez uso de uma linguagem de teor nacionalista, isto é, uma linguagem heróica peculiar das massas populares da época, a qual imprimia a necessidade de se combater na defesa da pátria, a favor dos aliados, e contra os agressores alemães. Neste contexto, o autor também revelou os vários discursos heróicos e bélicos emitidos pelas entidades oficiais no contexto da guerra. Porém, Pedro de Freitas não identificou de forma totalmente consciente que o objectivo estratégico era a massificação das massas às imposições da política do estado¹³⁸⁹.

Pedro de Freitas descreveu com rigor espaço-temporal as suas principais vivências face aos acontecimentos ocorridos durante a *Primeira Grande Guerra Mundial* (1914-1918). Como tal, os seus sentimentos assumiram um papel primordial, os quais, por vezes, revelaram dimensões extremas de um realismo de sensações depressivas resultantes do quotidiano da guerra¹³⁹⁰.

Porém, Pedro de Freitas manifestou que tinha participado naquela guerra porque as entidades oficiais impunham esse dever pela salvação da nação e, em sentido mais alargado, ainda divulgavam a ideia que a participação naquela guerra iria condicionar a redenção do mundo¹³⁹¹.

¹³⁸⁸ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935. Ver Recensões sobre as obras literárias de Pedro de Freitas, 7.2.a. *As minhas Recordações da Grande Guerra*, em Anexos.

¹³⁸⁹ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 16-17; 153.

¹³⁹⁰ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 39-40; 67.

¹³⁹¹ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 46; 16-17; 19-21; 125; 153.

Por outro lado, para conferir mais realismo e emoção às situações vividas no quotidiano da guerra, Pedro de Freitas transcreveu algumas cartas¹³⁹²; descreveu vários diálogos e versos (dotados de um vocabulário peculiar dos combatentes)¹³⁹³; e ainda expressou o contexto e o desenvolvimento do seu romance com uma mulher francesa na zona da Flandres¹³⁹⁴. Neste sentido, o Coronel Tirocinado de Engenharia Raul Esteves foi o prefaciador deste livro e manifestou a faceta emocional e nacionalista peculiar desta obra: «*Não se encontrarão nesta pequena história aqueles vôos grandiloquos de pensamento, nem aquelas imagens retumbantes de retórica, com que tantas vezes se apregoou, entre nós, a nossa ida para a guerra. Mas na singeleza da sua descrição e no colorido do seu sentimento, o autor serve-se de sentimentos mais poderosos para a alma nacional, pois que conta em palavras sinceras e comovidas o seu viver, o seu pensar, e o seu sentir no meio da vida de guerra que durante dois anos passou em França. Há nessa descrição todos os cambiantes de uma alma sincera, e toda a escala de um sentimentalismo bem português*»¹³⁹⁵.

Não obstante, esta obra literária implicou um árduo trabalho de rigor e de consistência nas datas e nas indicações dos locais estratégicos por onde o autor (na qualidade de tropa pertencente à 4.^a companhia do *Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro*) tinha de se deslocar no palco do conflito europeu. Neste contexto, num capítulo introdutório, intitulado de “Explicação aos leitores”, Pedro de Freitas revelou que demorou seis anos a escrever este livro¹³⁹⁶. Além do mais, esta obra também é

¹³⁹² Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 16-17; 19-21; 64-65.

¹³⁹³ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935 (como exemplo de diálogos: pp. 29; 110; 127; 138-140); (como exemplo de versos: 25; 28; 44; 93-94; 134-135; 142; 176).

¹³⁹⁴ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 265-367.

¹³⁹⁵ Esteves, Raul: “Prefácio”, Em Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. VI.

¹³⁹⁶ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 11.

fundamentada por algumas ilustrações e fotografias que elucidam sobre o quotidiano da guerra. Assim, o intenso trabalho de recolha e, posteriormente, de concatenação da informação, evidente ao longo desta obra literária, revelou não só um método de trabalho como também um grande espírito de sacrifício, de dedicação e, sobretudo, de amor pela história - uma vez que Pedro de Freitas era um homem casado, pai de cinco filhos, e empregado na profissão de revisor nos serviços ferroviários¹³⁹⁷: «*O meu sistema caprichoso levou-me, desde 1925 a 1932, utilizando os momentos disponíveis, sem pressas, a amontoar os meus registos de campanha de modo a deixar aos meus netos toda a minha história de soldado em guerra*»¹³⁹⁸.

Outra particularidade deste livro é a sua divisão em duas partes¹³⁹⁹. Na primeira parte o autor narrou os acontecimentos e as situações vividas a partir do momento da mobilização, incluindo o embarque para a França e a chegada a Brest. Nesta parte, Pedro de Freitas também descreveu os percursos efectuados nos campos de batalha; os episódios relativos às más condições de subsistência dos soldados face ao ambiente agreste da guerra; e, em contrapartida, acentuou as crescentes incertezas e perguntas da parte dos combatentes sobre o porquê daquela guerra. Neste contexto de hostilidades, o autor enfatizou (num discurso de heroicidade face aos sacrifícios sublimes dos combatentes portugueses) os bombardeamentos do 21 de Março e do 9 de Abril de

¹³⁹⁷ Do casamento de Pedro de Freitas com Maria das Dores Vairinhos nasceram quatro filhos: Margarida Vairinhos de Freitas, nascida em Loulé, a 20 de Março de 1917; Elisabeth Vairinhos de Freitas, nascida em Loulé, a 22 de Janeiro de 1920; Fernanda Vairinhos de Freitas, nascida no Barreiro, a 10 de Setembro de 1922; e, Pedro Vairinhos de Freitas, nascido no Barreiro, a 28 de Janeiro de 1924. Porém, Pedro de Freitas teve um outro filho com Marie Lecigne, aquando do seu tempo de combatente durante a Primeira Guerra Mundial, o qual foi chamado de Dechamps Pierre, nascido em Divion, Pas-de-Calais, França, a 13 de Setembro de 1918. Freitas, Pedro de, *José de Freitas no centenário do seu nascimento*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Fausto Sebastião de Freitas (ed.), 1958, pp. 86-87.

¹³⁹⁸ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 10.

¹³⁹⁹ A primeira parte do livro vai da página III à página 205. A segunda parte do livro vai da página 210 até à página 400. Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. III-205; pp. 209-400.

1918¹⁴⁰⁰. Por outro lado, perante a dura realidade da guerra e a crescente desilusão pela ausência de respostas justificativas daquela crueldade, Pedro de Freitas percebeu que afinal tanto o lado dos aliados como o lado dos alemães eram vítimas das vicissitudes políticas da época¹⁴⁰¹.

Por sua vez, a segunda parte do livro apresenta-se como uma continuidade e complemento da primeira parte, a qual inicia-se por uma prévia preocupação da parte do autor em apresentar quais as razões justificativas da entrada de Portugal na *Primeira Grande Guerra Mundial*¹⁴⁰².

Nesta segunda parte Pedro de Freitas ainda reservou uma parte significativa à fundação da banda filarmónica do *Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro*, na qual ele fora um dos fundadores, instrumentistas, compositores e regentes nos primeiros tempos da sua formação¹⁴⁰³. A título de exemplificação, Pedro de Freitas apresentou uma fotografia e respectiva legenda dos elementos fundadores daquela banda filarmónica¹⁴⁰⁴. Por outro lado, como subterfúgio da hostilidade causada no quotidiano da guerra, Pedro de Freitas apresentou a validade das aventuras amorosas entre os soldados portugueses e as mulheres francesas. Neste contexto, Pedro de Freitas descreveu não só como os soldados davam azo a relacionamentos com as mulheres francesas como ainda exemplificou o seu caso pessoal com Marie Lecigne¹⁴⁰⁵. Por fim, o autor narrou o Armistício e o regresso a Portugal¹⁴⁰⁶.

¹⁴⁰⁰ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 103-205.

¹⁴⁰¹ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 177-178.

¹⁴⁰² Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 209-232.

¹⁴⁰³ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 233-264.

¹⁴⁰⁴ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, anexo à página 256.

¹⁴⁰⁵ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 265-367.

¹⁴⁰⁶ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 369-409.

Relativamente às opiniões críticas encontrou-se a do jornalista e poeta Mário Lyster Franco, director do jornal *Correio do Sul de Faro*¹⁴⁰⁷, o qual revelou o seu entusiasmo pela leitura que esta obra lhe suscitou: «*Conheço literariamente Pedro de Freitas desde a publicação do seu primeiro livro, esse curiosíssimo AS MINHAS RECORDAÇÕES DA GRANDE GUERRA, mais de 400 páginas [...] que logo me deixaram excelentes impressões*»¹⁴⁰⁸.

Segundo a Redacção do Jornal *Vida Ferroviária* esta obra apresentou um carácter inédito pela qualidade da descrição autobiográfica: «*Com o sofrimento das trincheiras, amou, organizou uma Banda militar e escreveu um livro, único na literatura de soldados na guerra: As Minhas Recordações da Grande Guerra*»¹⁴⁰⁹.

Por sua vez, o escritor Julião Quintinha comentou que esta obra foi apreciada no âmbito militar: «*Ao regressar a Portugal, escreveu um volumoso e curioso livro: As Minhas Recordações da Grande Guerra, que foi recebido com o maior agrado pelos seus superiores e camaradas. Não se pode negar cooperação a um homem que trabalha tão devotadamente e com tal sinceridade*»¹⁴¹⁰.

Finalmente, a Redacção do Jornal *O Barreiro* também demonstrou uma opinião agradável face a esta obra literária: «*O nosso presado amigo e assinante Sr. Pedro de*

¹⁴⁰⁷ Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973, p. 11.

¹⁴⁰⁸ Franco, Mário Lyster, “A Modos de Prefácio”, Em Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973, pp. 5-6.

¹⁴⁰⁹ Redacção do Jornal *Vida Ferroviária*, [s.t.], Em *Vida Ferroviária*, Lisboa, 1945; ou ver Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 16.

¹⁴¹⁰ Quintinha, Julião: “A música e a sua expressão popular”, Em Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p.13.

Freitas, que em terras de França compilou elementos para a publicação do seu interessante livro As Minhas Recordações da Grande Guerra»¹⁴¹¹.

***Em França: trinta anos depois*¹⁴¹²:**

Este livro foi incluído na temática da guerra porque o principal assunto desenvolvido relacionou-se com os prejuízos e as consequências resultantes da *Primeira Grande Guerra Mundial*. Neste sentido, Pedro de Freitas fez a viagem à França com um propósito particular, o qual era mais relevante do que ir passear àquele país. De facto, a intenção de Pedro de Freitas era encontrar o seu filho Pierre, fruto de um relacionamento com Marie Lecigne durante a *Primeira Grande Guerra Mundial*¹⁴¹³. Dado o conteúdo desta história ser de carácter intimista, o autor optou por utilizar nomes fictícios para os principais protagonistas envolvidos. Porém, este sigilo imposto por Pedro de Freitas fora desmistificado pelo General Raul Esteves ao prefaciar esta obra literária: «*O entrecho romântico, que se pode facilmente descortinar através da fantasia da narração, é bem verdadeiro, e constitui a prova flagrante de que o romance mais inverosímil na aparência se encontra muitas vezes no decorrer da vida real. [...] nela a Verdade, tão levemente velada, foi de facto por ele vivida*»¹⁴¹⁴. Com efeito, ao expor uma fotografia no final do livro o próprio autor (Pedro de Freitas) colaborou no esclarecimento da verdadeira identidade dos personagens envolvidos nesta obra

¹⁴¹¹ Redacção do Jornal *O Barreiro*, [s.t.], Em *O Barreiro*, Barreiro, 08-03-1945; ou Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p.17.

¹⁴¹² Freitas, Pedro de, *Em França: trinta anos depois*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1950. Ver Recensões sobre as obras literárias de Pedro de Freitas, 7.2.b. *Em França: trinta anos depois*, em Anexos.

¹⁴¹³ Freitas, Pedro de, *Em França: trinta anos depois*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1950, pp. 215-217.

¹⁴¹⁴ Esteves, Raul: “Abertura”, Em Freitas, Pedro de, *Em França: trinta anos depois*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1950, pp. [VII-IX].

literária. Assim, na fotografia aparece o protagonista da história e a sua família, isto é, Pedro de Freitas ao lado do filho, da nora e do neto¹⁴¹⁵.

João Faria Lapa, professor e chefe da Divisão Comercial dos Caminhos de Ferro Portugueses (CP), apreciou principalmente o teor verídico contido na narrativa desta obra literária: «*O seu livro, Em França, trinta anos depois, é um agregado de materiais, cuja recolha denota critério, estudo e louvável poder de concisão. Mas o que a meu ver, mais o valoriza ainda é o ser entretido pelo fio sentimental de uma história, não architectada, mas viva e vivida – em suma real*»¹⁴¹⁶. Neste contexto, Julião Quintinha, escritor e jornalista, considerou ainda que o realismo e o sentimentalismo evidentes nesta obra literária supriam as outras falhas existentes na unidade da narrativa: «*Há de tudo um pouco neste livro. É um livro com impressões de viagem, memórias e recordações da primeira grande guerra, páginas de história, não lhe faltando o fio sentimental dum romance vivido, onde a realidade vai além da imaginação. O que no livro possa haver de falta de unidades na técnica literária, ou de excessivo em narrativas históricas, é suprimido por sentimento patriótico e poder de emoção que ressaltam, espontâneos, sinceros, em impressões e narrativas duma simplicidade muito simpática, onde o autor não deixa de revelar apreciáveis qualidades de sagaz observador. [...] Toda a descrição destes lugares históricos e os reencontros com pessoas conhecidas e queridas, como Lille, constituem excelentes páginas, cativantes*

¹⁴¹⁵ Ver 7.8. Uma fotobiografia de Pedro de Freitas, fotografia n.º 9, em Anexos. Freitas, Pedro de, *Em França: trinta anos depois*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1950, p. 281.

¹⁴¹⁶ Lapa, João Faria: “Obras, Críticas e Impressões”, Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, pp. 247-248.

pelo nobre sentimento que as inspirou e pela sinceridade com que foram escritas»¹⁴¹⁷.

No entanto, a crítica de Hipácio Dias Alves, jornalista, escritor do *Jornal do Barreiro*, fora completamente depreciativa, uma vez que só exibiu repreensões tanto na estrutura como na variedade temática: *«saiu um trabalho híbrido, falho de unidade, com uma acção sorna que muitas vezes desafia a sonolência do leitor, mesmo sem aquele interesse que poderia resultar da heterogeneidade de tão apetitoso programa... Faltou ao auto engenho suficiente para colher, de tão precioso enunciado, motivos empolgantes com que compor um trabalho decente, capaz de enfileirar ao lado de muitos outros, de vero valor, que se têm escrito sobre os feitos dos Portugueses na primeira grande guerra [...] Literariamente o livro é muito fraco e está longe de merecer o prémio da publicação. Mau grado a idade do autor, pessoa de ideias já sazoadas, o livro deveria ficar na gaveta, aguardando fase oportuna para uma séria revisão... Não foram poucos os atropelos que a gramática, nos seus vários capítulos, foi sofrendo no decorrer deste trabalho. Além disso, o sr. Pedro de Freitas tem pouca noção do que seja a estrutura de uma narrativa, dos elementos psicológicos que deverão entrar na sua elaboração. Como consequência, à medida que as páginas vão decorrendo, vamos topando com primarismos que nos tocam as cordas da hilaridade, penitenciando-nos assim – valha-nos isso – da leitura de algumas de poderoso efeito soporífero... Tal nos sucedeu quando penetrámos na floresta espessa daquela extemporânea dissertação sobre a Revolução Francesa...»¹⁴¹⁸. Neste sentido, além de Pedro de Freitas ter transcrito a crítica de Hipácio Dias Alves numa das suas obras literárias, ele considerou justo apresentar a sua resposta, a qual foi transcrita na mesma*

¹⁴¹⁷ Quintinha, Julião: “Obras, Críticas e Impressões”, Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, pp. 243-245.

¹⁴¹⁸ Alves, Hipácio Dias: “Obras, Críticas e Impressões”, Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, pp. 249-250.

obra literária, logo a seguir à crítica de Hipácio Dias Alves¹⁴¹⁹. Assim, de forma defensiva, por a crítica de Hipácio Dias Alves ter sido integralmente desconstrutiva, Pedro de Freitas reflectiu como houve intentos maliciosos na forma como Hipácio Dias Alves utilizou o seu discurso: «*A sua voz, sem inteligência e sem raciocínio à altura de criticar com justeza as camadas sociais (que lhe sirva de lição a maneira nobre como o mestre Julião Quintinha marca, neste julgamento, a sua posição); o seu pio agoirento e sinistro, é bem a nota assaz dissonante que destoa todo o idóneo e harmónico canto aqui ouvido [...]. O «cão ladra!... mas a minha modesta caravana vai passando. E seguindo indiferente aos seus «latidos», em vez de meter na gaveta esse original, lanço-o, como os anteriores, ao conceito das pessoas de bem, e daqueles que saibam ler e compreender uma voz humilde do povo»*¹⁴²⁰.

Uma vez que esta obra literária deu continuidade à história do relacionamento de Pedro de Freitas com Marie Lecigne (durante a Primeira Guerra Mundial), o General Raul Esteves considerou que este livro era uma sequência do anterior, o que acabou por justificar a inserção desta obra literária na temática da guerra: «*Pode considerar-se esta nova obra como a continuação e conclusão da sua narrativa, publicada há anos sob o título de As minhas Recordações da Grande Guerra»*¹⁴²¹.

Por sua vez, Gaudêncio José da Fonseca, de Évora, amigo e camarada de Pedro de Freitas aquando da Primeira Grande Guerra, apreciou o profundo realismo que Pedro de Freitas conseguiu expressar através desta obra literária: «*Confesso: devorei-o, ansioso de chegar ao fim e com pena ao mesmo tempo de se me acabar um prazer tão grande*

¹⁴¹⁹ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 250.

¹⁴²⁰ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 250.

¹⁴²¹ Esteves, Raul: “Abertura”, Em Freitas, Pedro de, *Em França: trinta anos depois*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1950, p. [VII].

de reviver e recordar alguns momentos da minha vida de combatente de infantaria e prisioneiro no nove de Abril. A leitura do seu livro encheu-me a alma de um doce e saudoso sentir que bem desejava saber definir-lhe em palavras. Houve alguns momentos em que algumas passagens li a minha mulher mas que tinha que interromper porque os olhos se enchiam de lágrimas. Desejo um exemplar para figurar na minha estante. Felicito-o, meu prezado camarada da Grande Guerra»¹⁴²². Por outro lado, José Calvo Balado, cidadão espanhol e comerciante de La Coruña, extraiu desta obra literária uma mensagem de fraternidade, valorizando as várias reflexões da parte do autor sobre a crueldade humana implicada no acto de se engendram as guerras: «en el se respira el deseo noble de llevar al animo del genero humano la necesidad de quererse, de sentirse hermano y de renunciar de una vez para siempre a la violencia como medio de solución de los problemas que la vida ofrece. Su libro lleva al ánimo del que lo lee la idea de la crudeza de una guerra que no ha servido para nada [...]. Su evocación al pasado no es para exaltar la fanfarronería, el belicismo en que tan frecuentemente caen muchos escritores para su desgracia y de las personas que los leen. No se hace alusión apenas a las glorias pasajeras que se consiguen al precio de miles de muertos, ruinas y rencores. Se fija preferentemente en el dolor, en el sufrimiento pasado y que aun perdura para que la experiencia por V. y otros millones de seres vivida sirva de freno a las nuevas generaciones y lleve a su conciencia el convencimiento de que el hombre no vino al mundo para matarse, para destruirse bajo la dirección y obedeciendo muchas veces a motivos que ni le afectan en lo mas mínimo y que son exaltados por personas interesadas que con tal de satisfacer su orgullo embarcan a la humanidad en verdaderas orgías de sangre, ruinas, desolación y muerte. Si todos los que se dedican a escribir lo hicieran obedeciendo a las directrices que V. se impuso, otra seria la

¹⁴²² Fonseca, Gaudêncio José da: “Obras, Críticas e Impressões”, Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 248.

*marcha del género humano y otra la forma de conducirse la política y las relaciones internacionales»*¹⁴²³.

Além do mais, no início deste livro, Pedro de Freitas ainda pretendeu justificar-se perante o público leitor, sublinhando a modéstia da sua escrita: *«linguagem simples e despreziosa. – É com este puro material que esta obra é construída»*¹⁴²⁴. No entanto, o engenheiro José Perry de Sousa Gomes valorizou a maneira pessoal resultante da forma como Pedro de Freitas se expressou através desta obra: *«Em França trinta anos depois, o autor revela um belo poder descritivo e concepção muito original na forma de transmitir as suas impressões e recordações pessoais»*¹⁴²⁵.

Finalmente, outras opiniões críticas, também transcritas nas próprias obras literárias do autor (Pedro de Freitas), além de mencionarem a originalidade peculiar da sua escrita, também comentaram sobre o seu sentimentalismo nacionalista. A opinião de Constâncio Carrusca, licenciado em Ciências Económicas e Financeiras, constituiu um destes exemplos: *«o que lhe posso augurar com grande convicção é que o valor intrínseco do seu livro e a utilidade que deriva do objectivo de construção profundamente nacional com que foi escrito [...]. A grande e pequena imprensa dispensaram-lhe fartas referências de mérito. Entre muitas a República diz: «O autor a quem não faltam qualidades literárias, descreve neste livro episódios impressionantes ou graciosos da vida das trincheiras da Flandres; relata aqui um lance romanceado, ali um feito patriótico ou uma heróica acção militar»*¹⁴²⁶. Por sua vez, Alberto Iria, historiógrafo e

¹⁴²³ Calvo Balado, José: “Obras, Críticas e Impressões”, Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, pp. 246-247.

¹⁴²⁴ Freitas, Pedro de, *Em França: trinta anos depois*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1950, p. [XI].

¹⁴²⁵ Gomes, José Perry de Sousa: “Obras, Críticas e Impressões”, Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 248.

¹⁴²⁶ Carrusca, Constâncio: “Obras, Críticas e Impressões”, Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 243.

director do *Arquivo Histórico Colonial*, enfatizou que o valor desta obra literária, de cunho nacional, era dirigido às massas populares, o que confirmou a pretensão de Pedro de Freitas em assumir-se num legítimo representante do povo: «*é sem favor o mais expressivo e sentimental romance luso, do post-guerra, de 1914-18, nascido do próprio seio do conflito e nele vivido. [...] a sua linguagem simples e espontânea, de um filho do povo e para o povo, torna [...] originalidade dos temas versados. [...] com sinceros votos para que realize mais e melhor, com esse seu acendrado amor pátrio e amor pela investigação histórica*»¹⁴²⁷.

¹⁴²⁷ Iria, Alberto: “Obras, Críticas e Impressões”, Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 247.

~ × ~

Estas duas obras literárias apresentaram um prisma biográfico, sentimental, nacionalista e popular que lhes conferiu uma dimensão inédita, a qual foi maioritariamente apreciada, tanto na imprensa periódica local como em cartas recebidas por Pedro de Freitas, as quais foram transcritas pelo próprio autor. Neste contexto, assinalou-se uma crítica em relação ao livro *Em França: trinta anos depois*, que, por ser completamente depreciativa, implicou da parte do autor a decisão de dar voz à sua voz e transcrever a sua justificação reflectida no teor mordaz contido na mesma. Além disso, a ênfase de ambas as obras literárias na revelação, descrição e reflexão de episódios bélicos e romanescos, vividos durante o conflito europeu e repercutidos no pós-guerra, revelou a decisão de que as mesmas deveriam de figurar nesta temática sobre a guerra. De facto, nestas duas obras literárias, Pedro de Freitas não deixou de salientar profundos sentimentos nacionalistas em prol da defesa da nação portuguesa. Porém, Pedro de Freitas também não deixou de revelar uma certa dicotomia entre a sua perspectiva subserviente e sofredora na qualidade de combatente (pertencente às massas populares) e a posição autoritária das instâncias políticas detentoras do poder. Neste sentido, no âmbito da primeira obra o autor manifestou alguns sentimentos nacionalistas que atestaram a sua credibilidade e heroicidade pela participação de Portugal na *Primeira Grande Guerra Mundial*. Porém, noutras partes desta obra o autor também revelou dúvidas e desilusões perante as hostilidades no teatro da guerra. Com efeito, na segunda obra, e sem deixar de apresentar o seu perfil nacionalista, o autor expôs uma retórica mais vincada de decepção e de negação perante o acto de se fazerem as guerras, o que revelou progressos na sua capacidade crítica perante as manipulações das instâncias políticas da época envolvidas na conflagração europeia, não só a nível nacional como também além fronteiras.

3.1.2.b) Música

*História da Música Popular em Portugal*¹⁴²⁸:

Com objectivos concretos, em benefício da arte musical que designava como a «*Música do Povo*», e mediante uma linguagem marcadamente nacionalista, Pedro de Freitas justificou as razões que o levaram a empreender, por si próprio, na publicação desta obra literária: «*Visa essa inédita obra a levantar um pilar da força viva da Nação – A Música do Povo. Propusemo-nos a esse ingente trabalho por acharmos que essa faceta da alma portuguesa dia a dia vai morrendo. E como entendemos que não há o direito de deixar morrer quem tantas alegrias proporciona, quem tanto prazer espiritual irradia, e quem tanta educação tem prestado à gente simples que constitui a mola rude sim, mas gloriosa da gente trabalhadora deste bendito Portugal, foi o motivo porque nos abalançamos, sem vendermos a nossa qualidade de português, a, sozinhos, publicarmos essa obra*»¹⁴²⁹.

Na apreciação desta obra, Jorge Teixeira, poeta e escritor do Barreiro, em conformidade com os propósitos justificados pelo autor, considerou que Pedro de Freitas devotou este trabalho literário ao amor que nutria pela arte musical e em prol da humanidade: «*Relendo esta obra, não podia afastar do meu apreço íntimo, a admiração pela sua vontade indomável de realizador de sonhos. [...] e agora com amor, escreveu esta*

¹⁴²⁸ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946. Ver Recensões sobre as obras literárias de Pedro de Freitas, 7.2.c. *História da Música Popular em Portugal*, em Anexos.

¹⁴²⁹ Freitas, Pedro de, “Problemas de Publicidade e Temas Populares”, Em *O Algarve*, Faro, 21-09-1947.

apaixonante História da Música Popular em Portugal. Feliz o homem que pode embelezar quanto as suas mãos tocam, seja calvário ou glória. Mas heróico será o que ergue monumentos sem alicerces pecuniários, pelo Bem Comum»¹⁴³⁰.

Esta obra literária, publicada no ano de 1946, descreveu as bandas filarmónicas, as tunas e os orfeões nos seus variados aspectos de interesse, salientando-se a sua história, organização, configuração instrumental, repertório, actividade musical, os seus instrumentistas e outras personalidades ligadas ao universo da música, constituindo uma obra inédita para a época em causa¹⁴³¹. Porém, Pedro de Freitas apresentou especial incidência no sul do Tejo, acentuando as bandas filarmónicas das localidades de Loulé e do Barreiro, o que esteve certamente associado com as suas vivências, afectos, experiências, conhecimentos e lutas relacionados com a sua actividade musical como aprendiz, instrumentista e musicógrafo nessas localidades e noutras circunscritas a sul do Tejo.

Além do mais, dado o carácter nacionalista peculiar desta obra, a favor das massas populares, a mesma acabava por representar um aspecto de interesse relativamente aos objectivos da cultura estadonovista. Desta forma, esta obra logrou a apreciação da parte das entidades oficiais, chegando a representar implicações nacionais e internacionais: *«Considerada de utilidade Militar pelo Estado Maior do nosso Exército, foi adquirida para figurar em todas as bibliotecas militares; e, pelos «Colloquium» Internacional de Estudos Luso-Brasileiros e Instituto para a Alta Cultura, mereceu a honrosa escolha de figurar na representação oficial de Portugal (Outubro de 1950) em **Washington**, na comemração do 150º aniversário da Grande Exposição Bibliográfica, levada a efeito,*

¹⁴³⁰ Teixeira, Jorge: “Obras, Críticas e Impressões”, Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, pp. 242-243.

¹⁴³¹ Quintinha, Julião: “*A Música e a sua expressão popular*”, Em Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, 1946, pp. 13-15.

nesta importante cidade da América do Norte, pela Biblioteca do seu Congresso»¹⁴³².

De facto, o escritor e poeta João Liberal, do Barreiro, confirmou a representação desta obra a nível internacional: «*Em Washington, no respectivo Livro de Exposição, as páginas 55 e 141*»¹⁴³³. Ainda hoje um exemplar desta obra continua assente no catálogo da *Biblioteca do Congresso*, em *Washington DC*¹⁴³⁴. Neste sentido, Artur Tavares, residente no Barreiro e amigo de Pedro de Freitas, também evidenciou os encómios que a mesma suscitou da parte da *United Nation's Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO): «*A HISTÓRIA DA MÚSICA POPULAR EM PORTUGAL*», *trabalho exaustivo e que mereceu da crítica especializada os maiores louvores, sendo reconhecido pela UNESCO um valioso subsídio para a historiografia da música popular portuguesa*»¹⁴³⁵.

Por sua vez, Luís de Freitas Branco, musicólogo e professor de música, foi o primeiro dos três prefaciadores desta obra literária. Luís de Freitas Branco tinha conhecido Pedro de Freitas numa das viagens ferroviárias que fizera ao distrito de Évora, onde tinha casa. Como tal, foram diversas as vezes que Luís de Freitas Branco reencontrou Pedro de Freitas durante este trajecto¹⁴³⁶. Sobre este livro, Luís de Freitas Branco confirmou a sua utilidade no âmbito da música popular e em benefício das massas populares da sociedade portuguesa: «*O sr. Pedro de Freitas é um entusiasta, e, neste campo especial das filarmónicas, um sabedor. Foi esta a impressão que me ficou da leitura do*

¹⁴³² Freitas, Pedro de, *Em França: trinta anos depois: Lisboa*, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1950, p. 283.

¹⁴³³ Liberal, João, “Pedro de Freitas completa amanhã 90 anos”, Em *O Jornal do Barreiro*, Barreiro, 18-05-1984.

¹⁴³⁴ Em Library of Congress online Catalog, 101 Independence Ave., Se Washington, DC 20540.

¹⁴³⁵ Tavares, Artur: “*Proposta – Projecto*” escrito no Barreiro e Paços do Concelho, 04-05-1978, Em Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, pp. 10-11.

¹⁴³⁶ Branco, Luís de Freitas: “*Prefácio*”, Em Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, 1946, p. IX.

manuscrito que me foi facultada pelo autor e que aqui muito gostosamente exaro, acrescentando que a História da Música Popular em Portugal deve figurar nas estantes de todas as filarmónicas e nas bibliotecas de todas as bandas civis e Sociedades de Recreio. Aproveito o ensejo de felicitar o sr. Pedro de Freitas pelo seu valioso trabalho. Fevereiro de 1945»¹⁴³⁷.

O General Raul Esteves, antigo comandante do Batalhão onde Pedro de Freitas pertencera durante a Primeira Guerra Mundial, foi uma outra figura que prefaciou o livro. Raul Esteves comentou que o autor fora sempre um entusiasta pela música e que este livro simbolizava esse ideal: *«Vai agora o meu antigo soldado, que também tem provado ser um sincero e leal amigo, publicar um trabalho sobre a sua predilecta paixão: a música popular. É justo prever que nele pós também o mesmo culto e entusiasmo com que sempre animou todas as manifestações musicais realizadas no seio do nosso Batalhão dos «Sempre Fixes»¹⁴³⁸.*

De facto, esta obra literária foi considerada uma prova do empenho e da dedicação de Pedro de Freitas pela componente da música popular. As duas opiniões que se seguem revelaram precisamente sobre a densidade de trabalho e de investigação contidos neste livro. Numa nota preambular acerca da música e da sua expressão popular, o republicano Julião Quintinha, escritor e jornalista, comentou: *«O presente livro, em que Pedro de Freitas tem consumido alguns anos de trabalho, com fatigantes investigações e estudos, intitula-se: História da Música Popular em Portugal. É um tema fascinante e um título ambicioso. [...] Mas do que conheço da obra, lida aqui e acolá com ligeireza, fiquei com a impressão de que muitos e valiosos subsídios este livro contém, alguns inéditos, que nos ajudam a conhecer a evolução musical do país, principalmente*

¹⁴³⁷ Branco, Luís de Freitas: “Prefácio”, Em Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, 1946, p. IX.

¹⁴³⁸ Esteves, Raul: “Prefácio”, Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. [X].

durante o último século e, sobretudo, no que respeita à sua expressão popular»¹⁴³⁹.

Com efeito, a opinião de Álvaro Valente, escritor e poeta do Montijo, serviu de complemento à apreciação anterior: *«O que há para apreciar, e mais que tudo admirar, é o seu extenuante trabalho de investigação e de concatenação. Foi estupendo, foi formidável, foi de esgotar. O Pedro de Freitas foi, - como dizem os franceses, - um autêntico, rat de bibliotéque, escavando, profundando, remexendo e trazendo à superfície casos e factos que a maioria da triste mentalidade portuguesa desconhecia por completo. Bem mereceu, pois da Pátria, e dos estudiosos de verdade, os maiores encómios!»¹⁴⁴⁰.*

De facto, o objectivo que Pedro de Freitas impôs na indagação sobre as bandas filarmónicas do país constituiu um projecto ambicioso e uma tarefa árdua, somente conseguida através de muita persistência e trabalho. Foi neste contexto que Pedro de Freitas comentou sobre a complexidade do seu trabalho de investigação: *«Velhos e novos a todos importunei, com o objectivo de fazer um trabalho imparcial, conceituoso e digno. Nesta minha peregrinação, que foi desde o Ex.^{mo} Sr. Coronel Henrique Ferreira Lima, Director do Arquivo Histórico Militar, a arquivos de freguesias, registos de conservatórias, Biblioteca Nacional, livros de história, dicionários, jornais, ilustrações, entrevistas, e uma grande dose de perguntas, nem sempre foi caminho fácil para o fim em vista»¹⁴⁴¹.* Neste prisma, o autor não deixou de expressar sobre as suas dificuldades na obtenção da informação: *«neste insano trabalho, também não é desdouro dizer que de alguns indivíduos que podiam esclarecer certos pormenores para*

¹⁴³⁹ Quintinha, Julião: “A Música e a sua expressão popular”, Em Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, 1946, pp. 13-15.

¹⁴⁴⁰ Valente, Álvaro: “Obras, Críticas e Impressões”, Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 242.

¹⁴⁴¹ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 554.

melhor elucidação, me responderam com silêncio»¹⁴⁴². Porém, no processo da pesquisa do material bibliográfico necessário para a prossecução desta obra, Pedro de Freitas também se debateu com falta de documentação, por isso, o autor queixou-se que os escassos elementos escritos eram insuficientes para uma adequada investigação: «*Os primitivos cometeram o «grave crime» de não nos deixarem apontamentos escritos. Os que se lhes seguiram de igual modo procederam. E hoje os indivíduos que queiram ter o cuidado de alguma coisa saber da história e da verdade de como e quando nasceu a música popular associativa, muito têm de perguntar e muito mais de investigar*»¹⁴⁴³.

Neste sentido, Pedro de Freitas manifestou ser consciente que para a realização de um bom trabalho de investigação era necessário ser-se rigoroso até ao ponto de pôr em causa a própria tradição: «*À sombra da tradição cometem-se verdadeiros atropelos à razão e à justiça*»¹⁴⁴⁴. Deste modo, Pedro de Freitas pretendeu saber quantos anos tinha a fundação da Sociedade Filarmónica *União Marçal Pacheco*, uma vez que muitos louletanos diziam que esta Sociedade teria presumivelmente duzentos anos¹⁴⁴⁵. Porém, ao debater os dogmas da tradição oral através de várias inquirições, as conclusões de Pedro de Freitas foram bem diferentes dos ditos populares, as quais foram apresentadas na primeira parte do segundo capítulo desta obra, intitulado de: “*Loulé e a sua Música Popular – Tradição e Vida*”¹⁴⁴⁶. Neste contexto, o autor esclareceu alguns dos interesses que podia suscitar a sua obra: «*mostram que ela foi e é aceite como guia de quem, no país, deseja saber da origem das nossas bandas civis e desfazer, tanto quanto possível, a velha lenda de tradições que se apresenta mais que duvidosa quando ela*

¹⁴⁴² Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 554.

¹⁴⁴³ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 26.

¹⁴⁴⁴ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 26.

¹⁴⁴⁵ O Século, [s.t.], Lisboa, 22-06-1932.

¹⁴⁴⁶ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 65-87.

teima em sobrepor-se à própria história geral da origem das filarmónicas de carácter associativo e recreio»¹⁴⁴⁷. De facto, é visível o cuidado de Pedro de Freitas em conferir à sua obra uma certa cientificidade, por isso o autor usou as notas de rodapé, onde incluiu algumas informações complementares e as fontes (referentes às entrevistas, às pessoas, ou às entidades públicas ou privadas) que colaboraram na cedência do material necessário para a prossecução desta obra. Neste âmbito, Pedro de Freitas salientou a colaboração do *Secretariado Nacional de Informação* (SNI) e do sector da *Cultura Popular e Turismo*, os quais constituíam a cultura oficial representante da política Salazarista. Porém, o autor não se revelou incomodado mas lisonjeado pelo apoio daquelas ajudas oficiais. Além do mais, Pedro de Freitas ainda apresentou várias fontes fotográficas relativas aos músicos mais relevantes, aos grupos musicais e aos edifícios de algumas das sedes das sociedades filarmónicas, as quais apareceram devidamente legendadas e enquadradas nos respectivos contextos: «O volume, muito ilustrado, especialmente com gravuras (188) de grupos musicais da maior parte do País e seus dirigentes, desde recuados tempos, tem 570 páginas»¹⁴⁴⁸.

Esta obra literária apresentou não só temas inéditos como também transcrições de documentos, diplomas, cartas, programas de concertos, versos e artigos de imprensa periódica escritos por outros autores sobre Pedro de Freitas e a sua obra literária, o que acaba por ter relevância sobre a construção do perfil biográfico do autor, tal como pode

¹⁴⁴⁷ Freitas, Pedro de, “Notas a uma Critica”, Em *O Jornal de Estarreja*, Estarreja, 25-10-1967.

¹⁴⁴⁸ Anónimo, “História da música Popular em Portugal por Pedro de Freitas”, Em *O Jornal de Estarreja*, Estarreja, 25-09-1967; ver também Anónimo, “Um livro de investigação Musical História da Música Popular em Portugal”, Em *O Algarve*, Faro, 12-01-1947.

servir de exemplo o subcapítulo intitulado de “Impressões várias”¹⁴⁴⁹. Além do mais, esta obra ultrapassou o âmbito de uma mera narrativa descritiva, uma vez que o autor debateu a questão sobre qual era a sociedade filarmónica mais antiga de Portugal, procurando chegar a respostas conclusivas a partir dos dados recolhidos¹⁴⁵⁰.

Por outro lado, houve ainda uma intenção do autor em contribuir a favor da recuperação da música povo: «*um trabalho de quem quer prestar um serviço à causa que sempre tem amado e defendido como pode e sabe – A Música*»¹⁴⁵¹. Este intento foi sobretudo concretizado no quarto capítulo intitulado de “*Evolução, Crise e Solução*”, no qual o autor procurou soluções para a revitalização das decadentes sociedades filarmónicas do país¹⁴⁵². No entanto, estas soluções, estudadas e apresentadas por Pedro de Freitas, relacionavam-se integralmente com o apoio das entidades oficiais competentes no âmbito da música popular. Porém, essas entidades oficiais constituíam os meios mais viáveis para se poder resolver o magno problema que estavam a enfrentar as bandas filarmónicas em Portugal: «*o epígráfico de «Evolução, crise e solução», e «Algumas palavras finais», naquele se discorrendo competentemente sobre a actual crise que atravessam as bandas civis e se preconizando inteligentes medidas para as debelar*»¹⁴⁵³. Neste contexto, acrescenta-se a opinião do economista Constâncio Carrusca, o qual constituiu a última figura que prefaciou este livro. Assim, Constâncio Carrusca encontrou nesta obra a resposta adequada para se resolver o magno problema existencial das bandas filarmónicas do país. Neste sentido, as estratégias apresentadas

¹⁴⁴⁹ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946 (por exemplo o subcapítulo: “Impressões várias, pp. 16-18), ou outros exemplos, pp. 13-15; 32-36; 108; 530.

¹⁴⁵⁰ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 518-520.

¹⁴⁵¹ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 554.

¹⁴⁵² Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 521-552.

¹⁴⁵³ Anónimo, “História da música Popular em Portugal por Pedro de Freitas”, Em *O Jornal de Estarreja*, Estarreja, 25-09-1967.

por Pedro de Freitas transformavam o problema das bandas filarmónicas numa causa de interesse nacional. Por isso, ao serem da pertença do povo, as mesmas tinham de ser incontestavelmente amparadas pelas instâncias políticas representativas da nação portuguesa: *«Um belo exemplo – eis o que é este livro. Tem de interessar nele, antes de mais nada, a entendidos ou a profanos, a pretendida solução dum problema: o da vida das filarmónicas. Para mim, todo o seu valor está nisto. Houvesse, para cada problema pendente no seio duma Nação, um cérebro que nele pendesse maduramente, uma vontade constante que atacasse, uma inteligência criadora que buscasse solucioná-lo. E cada Nação seria um exemplo, a conjugação feliz de muitos exemplos – como o que este livro simboliza»*¹⁴⁵⁴.

Além do mais, Mário Mota, escritor e publicista de Lisboa, apontou que para elaborar uma obra deste âmbito era necessário que o autor tivesse um profundo conhecimento sobre o meio musical filarmónico: *«O senhor Pedro de Freitas escreveu uma obra digna e muito aceitável. Li com muito interesse todas as páginas do original desse livro oportuno em que as filarmónicas são estudadas por alguém que viveu no seio da música, por alguém que sentindo a música escreveu um trabalho de divulgação que merece ser acarinhado por todos. Aceite com um grande abraço os votos de muito êxito»*¹⁴⁵⁵. Neste sentido, sem tirar o mérito a este trabalho de Pedro de Freitas, desenvolvido no domínio da revitalização da música popular, actualmente, o seu contributo é considerado *«clássico»* no âmbito dos ideais do associativismo musical em Portugal, ponto de partida para outros trabalhos mais inovadores nessa área¹⁴⁵⁶.

¹⁴⁵⁴ Carrusca, Constâncio: “Prefácio”, Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. [XI].

¹⁴⁵⁵ Mota, Mário: “Impressões várias”, Em Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, 1946, p. 18.

¹⁴⁵⁶ Malheiro, José, *Associativismo Popular originalidade do Povo Português*, Almada, Câmara Municipal de Almada, 1996, p. 15.

Por outro lado, João da Cruz, através do periódico *A Incrível* de Almada, sublinhou a particularidade deste livro constituir um trabalho de investigação numa área muito pouco explorada a nível nacional: «*Afora as tentativas de natureza etnográfica que nos têm posto em contacto com o folclore de algumas das regiões mais características do nosso País, ninguém se tinha preocupado até há poucos anos com a vida recreativa e artística das bandas de música marciais ou civis, às quais se deu, com toda a propriedade o apelativo de filarmónicas, e que foram os primitivos órgãos divulgadores de toda a música popular portuguesa. Essa lacuna foi, porém, há pouco preenchida. Meteu ombros à tarefa Pedro de Freitas*¹⁴⁵⁷. Esta opinião também foi reforçada por Manuel Joaquim Vaz, através do *Jornal do Barreiro*: «*Outro é o tratar-se de uma colectânea sobre música em que praticamente quase tudo senão tudo, estava por fazer em que o autor sistemática e perseverantemente, trabalhou com denoda vontade e também a paciência necessária, na reunião de tudo quanto lhe foi possível agrupar, para que o tema música, tanto da sua predilecção, pudesse sair tratado, como o foi, em profundidade [...] Pedro de Freitas tem, pois, neste seu livro um dos seus maiores e melhores trabalhos onde a pesquisa e o zelo andam a por no desejo de bem servir, na defesa da divina arte dos sons*»¹⁴⁵⁸. Por sua vez, Alberto Iria, historiógrafo e director do Arquivo Histórico Colonial, considerou que este livro além de ter interesse de consulta era adequado para suscitar novas investigações: «*constitui, indubitavelmente, obra de consulta permanente, ponto de partida essencial para novas análises e estudos. [...] a sua linguagem simples e espontânea, de um filho do povo e para o povo, torna [...] sugestivas e originais, além da própria originalidade dos temas versados. E isto é tanto mais para admirar, quanto é certo tratar-se de um autor que, como autodidacta, não*

¹⁴⁵⁷ Cruz, João Luís da, “A Pedro de Freitas – Historiador da Música Popular em Portugal”, Em *A Incrível no seu centenário*, Almada, 01-11-1948.

¹⁴⁵⁸ Vaz, Manuel Joaquim, “Apreciando o livro “A História da Música Popular em Portugal”, Em *Jornal do Barreiro*, Barreiro, 21-12-1984.

deixa de possuir já uma obra, um nome sério, na República das letras»¹⁴⁵⁹. De facto, a investigação e conclusão proposta por Pedro de Freitas (acerca das bandas filarmónicas militares serem responsáveis pelo aparecimento das bandas filarmónicas civis, e que estas só teriam aparecido a partir do início do século XIX) condicionou a pesquisa desenvolvida por José Bento da Silva, o qual, no seu livro intitulado de *Bandas de Música do Concelho da Póvoa de Lanhoso, Subsídios para a sua História*, fundamentou uma tese que contrariou a sugerida por Pedro de Freitas¹⁴⁶⁰. Neste sentido, José Bento da Silva procurou provar que já existiam bandas civis nos finais do século XVIII e que o seu aparecimento esteve mais relacionado com a necessidade dos actos religiosos serem acompanhados por um grupo de instrumentos musicais¹⁴⁶¹. A autora Isilda Maria Renda Martins também criticou a obra de Pedro de Freitas, a qual, através da sua obra *Loulé no século XX, Da Decadência da Monarquia à implantação da República*, afirmou que o seu uso requeria algum cuidado porque o autor (Pedro de Freitas) ao basear-se em muitas fontes orais apresentava algumas imprecisões¹⁴⁶².

Finalmente, salienta-se que as estratégias nacionalistas (a favor das massas populares) apresentadas por Pedro de Freitas para que as bandas filarmónicas constituíssem o símbolo da nação portuguesa, numa conjugação de interesses mútuos, não só alcançaram os objectivos do Estado como também exigiram desta entidade algo em troca, isto é, um apoio monetário à música popular, reconhecendo-se, assim, que este livro simbolizou uma obra de utilidade pública: «Podemos afirmar, na esteira de

¹⁴⁵⁹ Iria, Alberto: “Obras, Críticas e Impressões”, Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 247.

¹⁴⁶⁰ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 39; 43; 54-59; 61; Silva, José Bento da, *Bandas de Música do Concelho da Póvoa de Lanhoso, Subsídios para a sua História*, Póvoa do Lanhoso, Cadernos Culturais Associação Cultural da Juventude Povoense, Dezembro 1992, pp. 15-24.

¹⁴⁶¹ Silva, José Bento da, *Bandas de Música do Concelho da Póvoa de Lanhoso, Subsídios para a sua História*, Póvoa do Lanhoso, Cadernos Culturais Associação Cultural da Juventude Povoense, Dezembro 1992, pp. 15-24.

¹⁴⁶² Martins, Isilda Maria Renda, *Loulé no século XX, Da Decadência da Monarquia à implantação da República*, Vol. 1, Loulé, Edições Colibri, 2001, p. 202.

reconhecidas autoridades em tal matéria, que o Sr. Pedro de Freitas, ao coligir, paciente e laboriosamente, os numerosissimos elementos para este seu precioso livro e ao dá-lo à estampa, prestou um alto serviço ao País»¹⁴⁶³.

Sem embargo, este livro *História da Música Popular em Portugal* continua a ser uma das poucas referências que ainda hoje fazem lembrar o seu autor (Pedro de Freitas), através do seu manuseamento em algumas bibliotecas nacionais e mesmo além fronteiras¹⁴⁶⁴; ou como uma obra de referência citada em alguns livros publicados, cujos

¹⁴⁶³ Anónimo, “História da música Popular em Portugal por Pedro de Freitas”, Em *O Jornal de Estarreja*, Estarreja, 25-09-1967.

¹⁴⁶⁴ Como por exemplo na biblioteca do *Departamento de Ciências Musicais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa*; *Biblioteca Nacional de Lisboa*; no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*; *Biblioteca Pública de Cartaya*; e na *Biblioteca do Congresso*, em Washington.

temas são relacionados com a música local, tradições populares de âmbito regional, e o associativismo clássico¹⁴⁶⁵.

***É preciso dar ao Povo Música da sua Feição*¹⁴⁶⁶:**

O director do jornal *O Distrito de Setúbal*, Rogério Peres Claro, teve a iniciativa de propor a Pedro de Freitas um trabalho de investigação sobre a vida musical das bandas filarmónicas do distrito de Setúbal. Por sua vez, a aceitação desta iniciativa, por parte de Pedro de Freitas, deu origem à publicação de vinte e um artigos no jornal *O Distrito de Setúbal*, sob o título “*É preciso dar ao Povo Música da sua Feição*”¹⁴⁶⁷. Finalmente, da

¹⁴⁶⁵ Cunha Duarte, José da, *Natal no Algarve. Raízes medievais*, Lisboa, Edições Colibri, 2002, p. 507; Cunha Duarte, Afonso da, *Memórias - São Brás de Alportel*, Vol. I, S. Brás de Alportel, Casa da Cultura António Bentes, 2005, p. 457; Cunha Duarte, Afonso da, *Terras de Alportel*, Vol.II, S. Brás de Alportel, Casa da Cultura António Bentes, 2008, pp. 147; 429; Martins, José Pedro de Jesus: “Raízes da Música Tradicional do Algarve”, Em *Algarve Tradições Musicais I*, Faro, Grupo Musical de Santa Maria Casa da Cultura António Bentes (ed.), 1995, p. 14; Jerónimo, Rui Moura: “A Música Popular Tradicional do Algarve – Contributos para o seu estudo”, Em *Algarve Tradições Musicais I*, Faro, Grupo Musical de Santa Maria Casa da Cultura António Bentes (ed.), 1995, p. 33; Martins, Isilda Maria Renda, *Loulé no século XX, Da Decadência da Monarquia à implantação da República*, Vol. 1, Loulé, Edições Colibri, 2001, p. 202; Silva, José Bento da, *Bandas de Música do Concelho da Póvoa de Lanhoso, Subsídios para a sua História*, Póvoa do Lanhoso, Cadernos Culturais Associação Cultural da Juventude Povoense, Dezembro 1992, pp. 15-24; Malheiro, José, *Associativismo Popular originalidade do Povo Português*, Almada, Câmara Municipal de Almada, 1996, p. 15.

¹⁴⁶⁶ Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955. Ver Recensões sobre as obras literárias de Pedro de Freitas, 7.2.d. *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, em Anexos.

¹⁴⁶⁷ O primeiro e último artigos datam respectivamente de 10-12-1952 até 12-01-1955.

compilação desses artigos resultaria a publicação de uma obra literária com o mesmo título¹⁴⁶⁸.

Segundo Rogério Peres Claro este trabalho de investigação escrito por Pedro de Freitas teve muita aderência popular porque o mesmo lutava a favor das necessidades da música do povo: *«Foi colaboração para mais de dois anos e dela nasceu esta separata que se destina às bibliotecas de quantos – e tantos foram felizmente – seguiram atentos a publicação da prosa simples, mas de ardente entusiasmo, de um homem que, tendo um dia sido músico, consubstanciou em si os anseios dos que amam a música e se fez seu paladino destemido»*¹⁴⁶⁹.

De facto, uma das características evidentes nesta obra era o uso de uma linguagem popular, cujo objectivo era suprir muitas das carências educativas do povo. Por isso, Pedro de Freitas salientou a importância das sociedades filarmónicas na sua componente educativa, espiritual, recreativa, e na assistência social do povo. Contudo, mediante um discurso comovedor, Pedro de Freitas denunciava o estado decadente das bandas filarmónicas em Portugal: *«Nessas escolas do povo muitos indivíduos nasceram, se criaram e se fizeram artistas para se honrarem a si próprios e honrarem a terra onde nasceram. Sem esse amparo criado e sustentado pelo amor e dedicação populares, esses filhos da massa obscura nunca sairiam do lamaçal da vida. Essa escola deu-lhes*

¹⁴⁶⁸ Freitas, Pedro de: “Apontamentos Históricos da vida das Filarmónicas A história principia assim...”, Em Silva, Manuel Lopes da (dir.), *Catavento N.º 50*, Boletim da casa do pessoal da F.N.A.T., Lisboa, Editor Ernesto Vitória Júnior, Dez. 1973, pp. 28-29, [n.º 135 no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

¹⁴⁶⁹ Claro, Rogério Peres: “Prefácio”, Em Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955, p. [II].

tudo! Eis o caso de ontem. Hoje!... tudo vai, numa autentica marcha fúnebre, abastardando-se, morrendo...»¹⁴⁷⁰.

As inúmeras indagações levadas a cabo por Pedro de Freitas permitiram-lhe concluir que o decréscimo das sociedades musicais de Setúbal devia-se, sobretudo, à modificação estrutural da sociedade: «*Distraída por frutos da época que tudo tem absorvido, vai esquecendo aqueles velhos amores que tanta luz espiritual, recreativa e assistencial, lhe enriqueceu a posição de principal regente de um rico aglomerado de Bandas populares. [...] Este amor primitivo, de mãos dadas com o desmantelamento geral da música, parece ter morrido para dar mais vida aos entusiastas e aguerridos dos novos métodos e novas distrações de acorrentar o povo no pedestal da vozearia grosseira, insultuosa e odiosa*»¹⁴⁷¹.

A partir do propósito pelo qual tinha sido incumbido, no âmbito desta obra, Pedro de Freitas procedeu a uma contextualização histórica das bandas filarmónicas do distrito de Setúbal, e escreveu uma resenha histórica sobre a evolução das bandas filarmónicas a nível nacional, concluindo que as bandas militares, através da sua acção ancestral, tinham contribuído para a origem das bandas civis¹⁴⁷². Porém, José Bento da Silva, autor de um livro relacionado com as Bandas de Música do Concelho de Póvoa de Lanhoso, apresentou vários motivos que problematizavam a anterior conclusão de Pedro

¹⁴⁷⁰ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIII)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-02-1954; ou Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955, p. [64].

¹⁴⁷¹ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (I)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal 10-12-1952; ou Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955, p. [9].

¹⁴⁷² Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (II)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 07-01-1953; Freitas, Pedro de “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (III)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 25-02-1953; Freitas, Pedro de “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (IV)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 01-04-1953; Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 1955, pp. [11-14; 15-18; 19-22].

de Freitas¹⁴⁷³. Neste contexto, José Bento da Silva afirmou que embora existissem opiniões que favoreciam a ideia que as bandas militares eram responsáveis pelo surto das bandas civis (sendo aquelas as responsáveis pela adopção do uniforme e da disciplina), haviam, porém, opiniões que defendiam uma conclusão oposta à de Pedro de Freitas. Neste prisma, enquadrava-se a opinião do próprio autor José Bento da Silva, assim como o assentimento dos representantes e maestros de vinte e sete bandas civis representativas das regiões norte e centro de Portugal, os quais defenderam a ideia das bandas civis terem aparecido primeiro do que as bandas militares. Deste modo, foi graças ao trabalho local efectuado pelas bandas civis que se tinha justificado a existência de músicos com formação prévia aptos a concorrer e a continuar a sua formação musical nas bandas militares, nas orquestras sinfónicas, e nos conservatórios de música¹⁴⁷⁴.

Porém, uma outra característica que conferiu amplitude à obra *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição* resultou da experiência musical do autor, expressa através da sua faceta de “aprendiz” e de “assistente”. Como aprendiz, Pedro de Freitas revelou o seu desempenho de instrumentista em diversas bandas filarmónicas; e como assistente evidenciou os eventos que tinha protagonizado em benefício das bandas filarmónicas, os quais foram expressos pelas suas iniciativas na realização dos concursos de âmbito

¹⁴⁷³ Silva, José Bento da, *Bandas de Música do Concelho da Póvoa de Lanhoso, Subsídios para a sua História*, Póvoa do Lanhoso, Cadernos Culturais Associação Cultural da Juventude Povoense, Dezembro 1992, pp. 17-18.

¹⁴⁷⁴ Anónimo, [s.t.], Em *Jornal de Notícias*, Lisboa, 1-11-1990; ver também Silva, José Bento da, *Bandas de Música do Concelho da Póvoa de Lanhoso, Subsídios para a sua História*, Póvoa do Lanhoso, Cadernos Culturais Associação Cultural da Juventude Povoense, Dezembro 1992, pp. 17-18.

nacional, pela sua função de crítico, de organizador musical, e de compositor¹⁴⁷⁵. Sem embargo, Pedro de Freitas distinguia-se no âmbito da música popular por estar sempre atento ao estilo que as massas populares gostavam de ouvir. Neste sentido, o autor deixava transparecer a convicção de ser conhecedor do estilo musical do povo português porque ele próprio reconhecia-se num elemento desse mesmo povo. Na sequência destas ideias, Pedro de Freitas expunha uma preocupação basilar que consistia em dar ao povo uma música que fizesse parte da sua própria índole, isto é, uma música de “feição popular” adequada à nacionalização das massas¹⁴⁷⁶. Deste modo, Pedro de Freitas propunha melhorar o nível de exequibilidade das bandas filarmónicas em Portugal; defendia a prossecução do método das sete notas de música (dó, ré, mi, fá, sol, lá, si) como a maneira mais fácil do povo aprender a arte dos sons e, finalmente, apontava a necessidade de se organizarem programas musicais variados, que dessem a conhecer músicas de diferentes géneros compositivos de âmbito nacional: «*que se oiça a nossa música: as nossas óperas; as nossas sinfonias, as nossas rapsódias, as várias composições, enfim, o que o génio dos portugueses, mesmo acoimados de pequeninos, nos têm e possam dar*»¹⁴⁷⁷. Com efeito, Pedro de Freitas nomeou várias composições musicais nacionais de âmbito operático, sinfónico e popular (e respectivos compositores), cujo objectivo era que as mesmas fossem introduzidas nos programas

¹⁴⁷⁵ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIX)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 06-10-1954; ou Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955, pp. [89-92].

¹⁴⁷⁶ Mosse, George L., *La Nacionalización de las Masas: Symbolismo Político y Movimientos de Masas en Alemania desde las Guerras Napoleónicas al Tercer Reich*, Argentina, Siglo XXI Editores, 2007, pp. 15-16.

¹⁴⁷⁷ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIX)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 13-10-1954; ou Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955, p. [91].

das bandas filarmónicas¹⁴⁷⁸. A sua conclusão, neste âmbito, era que a parca exibição da música portuguesa nos programas dos concertos não se devia à falta de compositores a nível nacional: «*Andam em cena todas estas produções? Também não. Porquê? Depois deste rápido somatório de nomes poder-se-á afirmar que Portugal não tem compositores seus? Estes são o que a pena nestas sucintas linhas deixa exarados. E aqueles que existem por todo o País da velha guarda e, na presente geração, aqueles que as escolas da especialidade poderão albergar já com promessas de amanhã serem bons produtores de música portuguesa?!...*»¹⁴⁷⁹.

Afim de conferir uma maior aderência do povo aos programas de música popular portuguesa, Pedro de Freitas ainda aconselhava a introdução de uma marcha na abertura dos mesmos: «*Também deve fazer parte, sempre, destes programas, como abertura, uma boa marcha. Este número, como uma boa ementa, seria o aperitivo a despertar o apetite*»¹⁴⁸⁰.

¹⁴⁷⁸ Pedro de Freitas afirmou que os Portugueses não ficarão indiferentes se no **campo da ópera** ouvirem: «Frei Luís de Sousa» de Freitas Gazul; «Arco de Santana» de Sá Noronha; «Serrana» de Alfredo Keil; «Amor de Perdição» de João Arroio; «Eurico» de Miguel Ângelo; ou «Belkiss» de Rui Coelho. A nível de **composições sinfónicas** deveriam ouvir, por exemplo, José Maria Cordeiro; Manuel Ribeiro; Viana da Mota; David de Sousa; Joaquim Fernandes Fão; Armando Escoto; Filipe Duarte; Belo Marques; Tomás Lima; Padre Borba; Del Negro; Joly Braga Santos. E na **música popular** aconselhava Sousa Morais; Silva Marques; Neonel Ferreira; Raúl Portela; Duarte Ferreira; Oscar da Silva; Freitas Branco; Frederico de Freitas; Venceslau Pinto; Alfredo Mântua; Alfredo Rio de Carvalho; Gaspar Taborda; Costa Brás; Moura Stofel; Serra e Moura; Baltazar Manuel Valente; Alfredo Reis de Carvalho; Manuel Joaquim Canhão; Manuel Figueiredo, entre outros, Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIX)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 13-10-1954; ou Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955, pp. [91-92].

¹⁴⁷⁹ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIX)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 13-10-1954; ou Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955, p. [92].

¹⁴⁸⁰ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIX)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 13-10-1954; ou Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955, p. [91]. Ver também Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XVII)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 18-08-1954; Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XXI)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 05-01-1955; ou Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955, pp. [89-92; 79-83; 99-106].

No entanto, pelo facto de Pedro de Freitas valorizar a música nacional não significava ele tivesse uma atitude negativa face à música estrangeira. Neste sentido, Pedro de Freitas justificou que defendia, simplesmente, dar mais amplitude à música portuguesa, mediante uma maior percentagem de compositores portugueses nos programas dos concertos populares¹⁴⁸¹.

Porém, a expressão “*É preciso dar ao Povo Música da sua Feição*” implicava a necessidade do povo português ter uma atitude mais nacionalista face à sua música. Este objectivo era conseguido através do incremento da música nacional, através da qual o povo português se pudesse identificar. Para tal, a natureza desta música adequada à “feição do povo” teria de ser caracterizada por melodias de idiosincrasia nacional, isto é, por melodias impregnadas das especificidades nacionais que caracterizavam a alma do povo português: «*Todos os portugueses necessitam passar a conhecer, na música, os seus compositores, os seus génios criadores, o seu sentimento, os seus costumes, e a sua própria alma; e precisam sobretudo, que passe a sério a nacionalizar-se esta faceta da Nação, pois não forma sentido que se nacionalizem a indústria e o comércio e, bem assim outras artes, e não se nacionalize, tanto quanto possível, a nossa própria música*»¹⁴⁸².

Para a concretização deste objectivo, Pedro de Freitas apelou a colaboração de uma instituição oficial competente na matéria, a qual era designada por *Secretariado Nacional de Informação* (SNI). Neste sentido, Pedro de Freitas propunha que o *Secretariado Nacional de Informação* (SNI) interviesse na organização de concursos e de outros incentivos adequados ao aumento do número de compositores portugueses,

¹⁴⁸¹ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIX)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 06-10-1954; ou Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955, p. [90].

¹⁴⁸² Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIX)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 06-10-1954; ou Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955, pp. [89-90].

implementando, a seu modo, a eficácia da nacionalização das massas: «*E para tal, temos uma entidade oficial que tem por nobre missão a cultura popular sob a designação de S.N.I. Cabe-lhe a ela o principal papel! Anualmente fazer os seus concursos de composições em todos os géneros de música, e uma comissão técnica apreciar e escolher o que for capaz. Recompensas justas e estimulantes; e mandar, depois, instrumentar todas essas produções para orquestras e grandes e pequenas Bandas (civis e militares)*»¹⁴⁸³. Era a partir do estímulo aos novos compositores portugueses, nos vários géneros musicais, que Pedro de Freitas pretendia incrementar a produção e a qualidade da música portuguesa: «*Assim poderemos chegar de ano para ano a aumentar a produção dos nossos estudiosos, das nossas composições, e os portugueses poderem ouvir sempre música sua, nova e arejada, de mistura com a melhor que o estrangeiro produza, mas em escala que já não nos deprima nem nos envergonhe*»¹⁴⁸⁴.

Por outro lado, Pedro de Freitas ilustrava com alguma frequência alguns exemplos paradigmáticos além fronteiras. Neste sentido, Pedro de Freitas impunha uma acção pedagógica pelo uso da confrontação, apontando os apoios oficiais que eram concedidos às bandas filarmónicas de outros países: «*A França, [...] apresenta, a par do seu labor industrial, uma agradável modalidade na vida musical do seu povo. Lá fomos encontrar, analisar e apreciar algumas bandas populares. A sua orgânica é puramente civil. As comunas – municipalidades – sustentam o meio associativo. Belos edifícios onde esses núcleos musicais exercem o seu culto, ostentam nas suas fachadas em letras*

¹⁴⁸³ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIX)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 13-10-1954; ou Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955, p. [92].

¹⁴⁸⁴ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIX)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 13-10-1954; ou Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955, p. [92]. Ver Mosse, George L., *La Nacionalización de las Masas: Simbolismo Político y Movimientos de Masas en Alemania desde las Guerras Napoleónicas al Tercer Reich*, Argentina, Siglo XXI Editores, 2007, pp. 15-16.

bem destacadas e entrelaçadas com uma lira – símbolo da música, as legendas: «E'cole Municipale de Musique». Devidamente amparadas, essas bandas civis constituem o penhor de uma educação patriótica, heróica e guerreira. [...] Na Espanha a música popular tem as suas organizações no género sinfónico e são alimentadas pelas municipalidades. [...] A Banda Municipal de Madrid [...] faz parte dos quadros orgânicos do Município – os componentes são considerados funcionários municipais e só praticam a música e são administrados por concurso – custa aos cofres da edilidade cerca de três milhões de pesetas anuais saídas do orçamento ordinário»¹⁴⁸⁵.

Sem embargo, era em Espanha onde Pedro de Freitas mais apreciava a orgânica da música popular: *«Nas minhas viagens turísticas a alguns países da Europa e ao norte de África, é na vizinha Espanha onde tenho obtido melhores consolos de alma na apreciação da música popular, ali tão bem organizada e difundida»¹⁴⁸⁶*. Neste país, Pedro de Freitas admirava sobretudo a organização e a idiosincrasia peculiar dos concertos públicos desempenhados pelas bandas municipais espanholas: *«Por toda a parte se encontra dedicação aos concertos públicos levados a efeito pelas suas bandas municipais. E quer nos do meio dia como nos das vinte e três horas, o auditório é sempre numeroso e muito atento aos programas, que são constituídos na maioria,*

¹⁴⁸⁵ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XV)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 28-04-1954; ou Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955, pp. [71-72]; Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 24-11-1954; ou Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955, p. [94].

¹⁴⁸⁶ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 24-11-1954. Ou Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955, p. [93].

senão muitas vezes na totalidade, por música espanhola escolhida ao paladar dos ouvintes»¹⁴⁸⁷.

Com efeito, as viagens que Pedro de Freitas empreendia à Espanha constituíam pináculos fundamentais na aquisição de aprendizagens no âmbito musical: *«Vigo, La Coruña, Lugo, Orense, Barcelona, Madrid, Merida, Valência del Cid, Granada, Cordova, Sevilha, Cadiz, e Algeciras, têm sido as fontes que mais ensinamentos me têm proporcionado para um tanto, neste lugar, poder esclarecer do que em casa estranha se faz no capítulo concertos populares»¹⁴⁸⁸*. Neste sentido, Pedro de Freitas ainda constatava que apesar dos madrilenos gostarem muito da tauromaquia e do desporto, a música nunca ficava relegada para segundo plano: *«E não se pode dizer que esse povo deixa de satisfazer seus desejos quanto à bola e aos toiros. Atreito por temperamento e tradição a estes espectáculos, não deixa também, por educação, de se votar à arte da Música. A todas essas manifestações ela marca a sua presença! E assim, Madrid, dá o exemplo do desportivismo, da tauromaquia e da música»¹⁴⁸⁹*. Assim sendo, Pedro de Freitas ainda tomou como exemplo paradigmático um concerto realizado pela *Banda Municipal de Madrid* no Parque de Madrid, revelando que tinha apreciado não só o carácter nacional das músicas espanholas como também a organização, a disciplina, e o culto que os espanhóis devotavam à sua música: *«O programa todo espanhol, a dar à assistência a sua castiça música, é freneticamente saudado com a vibração de quem está metido dentro do seu próprio âmago. O ambiente é belo, o cómodo é excelente, o respeito é absoluto, e o povo já sabe de antemão que tem de respeitar um outro aviso*

¹⁴⁸⁷ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 24-11-1954. Ou Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955, p. [93].

¹⁴⁸⁸ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 24-11-1954. Ou Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955, p. [93].

¹⁴⁸⁹ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 24-11-1954; ou Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955, p. [93].

importante, que diz: «durante o concerto se roga absoluto silêncio». A polícia municipal está atenta, os retardatários ficam atrás das grandes secções de cadeiras colocadas em séries de quinhentas em toda a vasta rotunda; cadeiras que, as sete ou oito mil pessoas, num instante, preenchem. Esta multidão, disciplinada, acorrendo a ouvir a sua primeira banda, faz nascer em mim, - português acostumado às péssimas condições dos concertos da nossa melhor banda apenas assistida pelos crónicos duzentos ouvintes – certo pesar e mágoa, como se uma picada bem acerada me ferisse o meu fervor patriótico. Quanto eu desejaria que todos os portugueses (músicos e não músicos) assistissem a estes moldes de concertos – repertório e concorrência – para melhor conceberem como se deve, também, em nossa «Casa», organizar programas e ouvirem-se os nossos concertos de carácter popular!»¹⁴⁹⁰.

Porém, era através da sua experiência musical de âmbito internacional (isto é, face aos concertos musicais executados por bandas filarmónicas de França, Espanha, Inglaterra, Escócia, Canadá e Austrália) que Pedro de Freitas chegava às mesmas conclusões sobre a importância de se dar ao povo uma música adequada à sua feição: *«os programas dos seus concertos populares obedecem à sua própria índole»¹⁴⁹¹*. Por isso, Pedro de Freitas reivindicava por mais protagonismo da música popular nas organizações oficiais ou privadas, e nos meios de comunicação social, contribuindo mais, e a seu modo, para a nacionalização das massas: *«A música popular não tem organizações oficiais,*

¹⁴⁹⁰ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 24-11-1954; ou Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955, p. [95].

¹⁴⁹¹ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 24-11-1954; ou Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955, p. [97].

influências, imprensa, T.S.F.; relatos em qualquer tom que a faça repor no pedestal a que tem incontestável direito»¹⁴⁹².

Finalmente, Pedro de Freitas solicitava a colaboração conjunta da *Federação das Sociedades de Cultura e Recreio* e da *Emissora Nacional*, cada uma destas instituições teria uma missão a cumprir no sentido de dar mais amplitude à música popular portuguesa: «*À Federação competiria promover concertos bissemanais, conferindo, para estímulo, prémios anuais de consolação, por Distritos, às bandas que mais artística e associativamente correspondessem ao agrado público. [...] A Emissora Nacional, conjugada com a Federação deslocar-se-ia às sedes das bandas e faria as respectivas transmissões. [...] A Emissora Nacional prestava um óptimo serviço às sociedades musicais do país, e tornaria, até, a sua própria missão, mais acessível quão agradável aos radiófilos»¹⁴⁹³.*

Além do mais, encontrou-se uma apreciação crítica de um autor anónimo relativamente a esta obra de Pedro de Freitas, o qual revelava que as manifestações patrióticas do autor em benefício das bandas filarmónicas constituíam sentimentos de um puro espírito nacionalista. De facto, ao interceder sentimentalmente pelas bandas filarmónicas, Pedro de Freitas não deixava de evocar a interferência das entidades privadas e do apoio Estatal para que a “música do povo” representasse condignamente a nação portuguesa: «*A parte em que trata de noções gerais de música popular, constitui uma interessante crítica à actual direcção das sociedades recreativas e musicais e nele diz dos remédios que lhe parecem de aplicar para o rejuvenescimento da música popular. Pedro de*

¹⁴⁹² Freitas, Pedro de “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XXI)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 05-01-1955; ou Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955, p. [100]. Ver Mosse, George L., *La Nacionalización de las Masas: Simbolismo Político y Movimientos de Masas en Alemania desde las Guerras Napoleónicas al Tercer Reich*, Argentina, Siglo XXI Editores, 2007, pp. 15-16.

¹⁴⁹³ Freitas, Pedro de “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XXI)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 12-01-1955; ou Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955, pp. [101-102].

Freitas tem muita razão no que diz e o seu entusiasmo pelas bandas civis exprimem sentimentos do mais sã nacionalismo, do que não se edifica sobre técnica, mas sobre o verdadeiro sentido popular»¹⁴⁹⁴.

O I Concurso Nacional de Bandas Civis – Madeira e Açores Belezas de Portugal¹⁴⁹⁵:

Este *Primeiro Concurso Nacional de Bandas Civis* foi a concretização de uma ideia que Pedro de Freitas manifestava na imprensa periódica desde à algum tempo¹⁴⁹⁶. Como tal, o objectivo de Pedro de Freitas era ajudar as decadentes bandas filarmónicas, uma vez que as mesmas, segundo a concepção da época, eram a expressão da nação portuguesa e os conservatórios onde o povo aprendia a evoluir mais humanamente¹⁴⁹⁷. Deste modo, através desta obra literária, Pedro de Freitas descreveu a sua participação no *I Concurso Nacional de Bandas Civis*, o qual só foi concretizado graças ao apoio da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT). Foi, aliás, através da implicação deste concurso que Pedro de Freitas viajou pelo país, deslocando-se também aos designados Arquipélagos da Madeira e dos Açores, na qualidade de secretário do mesmo.

Segundo Pedro de Freitas, este concurso foi produto de uma fusão de intentos patrióticos ao serviço da música popular. O objectivo deste concurso procurava viabilizar melhores condições de civismo, de recreio e, sobretudo, visava incrementar a

¹⁴⁹⁴ Anónimo, “É Preciso dar ao Povo Música da sua feição”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 01-07-1955.

¹⁴⁹⁵ Freitas, Pedro de, *O I Concurso Nacional de Bandas Civis – Madeira e Açores Belezas de Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1965.

¹⁴⁹⁶ Freitas, Pedro de, “Na Voz do Operário – Concurso de Bandas Civis”, Em *O Algarve*, Faro, 21-12-1947; Freitas, Pedro de, “Na Voz do Operário – Concurso de Bandas Civis”, Em *O Algarve*, Faro, 04-01-1948.

¹⁴⁹⁷ Freitas, Pedro de, *O I Concurso Nacional de Bandas Civis – Madeira e Açores Belezas de Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1965, pp. 272, 294, 324-331.

cultura musical do povo. Deste modo, foi como secretário e orientador musical do concurso que Pedro de Freitas descreveu importantes pormenores, procedimentos, e, inclusive, a prossecução do mesmo. Neste prisma, graças a Pedro de Freitas foi possível saber a realização das duas eliminatórias do concurso. A primeira eliminatória iniciou-se na ilha da Madeira, Funchal, no jardim D. Amélia a 9 de Dezembro de 1959 e terminou a 8 de Março de 1960 no Teatro-Cine da Covilhã, e a segunda eliminatória iniciou-se no salão do ginásio da escola de Artes Decorativas, Soares dos Reis, no Porto, a 22 de Abril de 1960 e terminou no *Pavilhão dos Desportos* em Lisboa, no dia 24 de Setembro de 1960¹⁴⁹⁸.

Além do mais, mediante este livro, o autor reportou sobretudo a assuntos relacionados com os princípios de credibilidade do concurso; com a sua apreciação crítica acerca dos ditâmes de avaliação das bandas filarmónicas, e com os níveis de exigência musical requeridos pelo mesmo. Assim sendo, Pedro de Freitas não deixou de exaltar os esforços, as despesas e os prémios custeados pela *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) às bandas filarmónicas concorrentes. Neste sentido, Pedro de Freitas ainda acrescentou que foi graças à colaboração da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) que o seu livro obteve uma excelente qualidade em termos de apresentação das gravuras, dos gráficos, bem como em termos do seu aspecto geral¹⁴⁹⁹.

No entanto, dado o espírito de observação do autor, e a sua necessidade em dar a conhecer ao público leitor as belezas dos Arquipélagos da Madeira e dos Açores, pertencentes ao património nacional, Pedro de Freitas preocupou-se também em apresentar outros temas de interesse relacionados com a parte histórica e cultural da Madeira e dos Açores. Assim, Pedro de Freitas dedicou uma parte desta obra aos

¹⁴⁹⁸ Freitas, Pedro de, *O I Concurso Nacional de Bandas Cívicas – Madeira e Açores Belezas de Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1965, pp. 199-280.

¹⁴⁹⁹ Freitas, Pedro de, *O I Concurso Nacional de Bandas Cívicas – Madeira e Açores Belezas de Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1965, p. 368.

monumentos, museus, igrejas, mercado, gastronomia e à religião dos Arquipélagos da Madeira e dos Açores¹⁵⁰⁰.

Como complemento do livro, Pedro de Freitas apresentou ainda um capítulo intitulado de “Galeria de Honra”, no qual expõe as fotografias das bandas filarmónicas que sequencialmente (de acordo com as respectivas classificações) finalizaram este concurso com sucesso¹⁵⁰¹. Finalmente, através de uma parte suplementar, intitulada “À margem do texto”, Pedro de Freitas apresentou um conjunto de fontes onde apelava para a intervenção da *Radiotelevisão Portuguesa* e de outras entidades oficiais no domínio da cultura, para que as mesmas difundissem sonicamente a música do povo. Estrategicamente, Pedro de Freitas pretendia conceder mais amplitude ao movimento filarmónico nacional, contribuindo, a seu modo, para a nacionalização das massas¹⁵⁰². Sem embargo, estas iniciativas de Pedro de Freitas não foram levadas à vante, tal como ele deixou registado: «*O silêncio sepultou a ideia! A R.T.P. continua com a sua função e eu dela já nada espero. Ao menos que a ideia aqui fique registada. – Pobres Bandas Civis Portuguesas! É-lhes muito difícil arranjar padrinhos que as livrem da morte para onde caminham a passos apressados!!*»¹⁵⁰³.

¹⁵⁰⁰ Freitas, Pedro de, *O I Concurso Nacional de Bandas Civis – Madeira e Açores Belezas de Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1965, pp. 29-168.

¹⁵⁰¹ Freitas, Pedro de, *O I Concurso Nacional de Bandas Civis – Madeira e Açores Belezas de Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1965, pp. 305-324.

¹⁵⁰² Freitas, Pedro de, *O I Concurso Nacional de Bandas Civis – Madeira e Açores Belezas de Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1965, pp. 351-362; Mosse, George L., *La Nacionalización de las Masas: Simbolismo Político y Movimientos de Masas en Alemania desde las Guerras Napoleónicas al Tercer Reich*, Argentina, Siglo XXI Editores, 2007.

¹⁵⁰³ Freitas, Pedro de, *O I Concurso Nacional de Bandas Civis – Madeira e Açores Belezas de Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1965, p. 362.

***O Aprendiz de música é o primeiro escalão do filarmónico*¹⁵⁰⁴:**

Esta obra constou de uma comunicação integrada num colóquio sobre a música popular portuguesa, na qual Pedro de Freitas pretendeu, mais uma vez, prestar a sua ajuda às bandas filarmónicas do país. Neste sentido, Pedro de Freitas solicitou o apoio daquela entidade benemérita que antes era designada por *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT), e que nesta altura era designada por *Instituto Nacional para Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores* (INATEL). Deste modo, Pedro de Freitas começou por evidenciar a importância dos aprendizes de música, os quais eram os responsáveis pela continuidade dos conservatórios populares: «sem aprendizes não há músicos»¹⁵⁰⁵.

O autor revelou-se, sobretudo, preocupado com a crise existente na aprendizagem da música. Por isso, mediante a sua experiência de músico e de colaborador na *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT), desde 1963, Pedro de Freitas pretendeu manifestar o seu contributo¹⁵⁰⁶. Primeiramente, o autor reconheceu que o ambiente familiar constituía um caminho essencial para desplotar as motivações na aprendizagem da música. Sem embargo, Pedro de Freitas evidenciou um conjunto de estratégias a serem incrementadas pelo *Instituto Nacional para Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores* (INATEL). Neste sentido, Pedro de Freitas apresentou, por exemplo,

¹⁵⁰⁴ Freitas, Pedro de: “O aprendiz de música é o primeiro escalão do filarmónico”, Em *Colóquio sobre Música Popular Portuguesa - comunicações e conclusões*, Lisboa, Instituto Nacional para Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores, Tipografia Freitas Brito, 1984, pp. 89-91.

¹⁵⁰⁵ Freitas, Pedro de: “O aprendiz de música é o primeiro escalão do filarmónico”, Em *Colóquio sobre Música Popular Portuguesa - comunicações e conclusões*, Lisboa, Instituto Nacional para Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores, Tipografia Freitas Brito, 1984, p. 90.

¹⁵⁰⁶ Na altura em que Pedro de Freitas entrou para esta Instituição Social o seu nome era a *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT), mais tarde esta instituição passou a designar-se *Instituto Nacional Para Aproveitamento Dos Tempos Livres Dos Trabalhadores* (INATEL).

o acompanhamento dos alunos por monitores do *Instituto Nacional para Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores* (INATEL) através de aulas três vezes por semana. Por outro lado, era necessário a colaboração de funcionários do *Instituto Nacional para Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores* (INATEL) na fiscalização e na compensação desses alunos. Com efeito, Pedro de Freitas sugeriu a apresentação nas delegações do *Instituto Nacional para Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores* (INATEL) de um mapa de trabalho trimestral que incluiria o aproveitamento dos alunos, as classificações, os prémios e os respectivos diplomas. Finalmente, mediante estes procedimentos estratégicos, de nacionalização das massas, Pedro de Freitas intencionava que o *Instituto Nacional para Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores* (INATEL) se responsabilizasse na concessão de orçamentos às bandas filarmónicas, tal como tinha sido feito anteriormente pela *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT)¹⁵⁰⁷.

¹⁵⁰⁷ Mosse, George L., *La Nacionalización de las Masas: Simbolismo Político y Movimientos de Masas en Alemania desde las Guerras Napoleónicas al Tercer Reich*, Argentina, Siglo XXI Editores, 2007, pp. 15-19.

~ × ~

AS obras que Pedro de Freitas dedicou à temática da música revelaram que o autor consagrou grande parte da sua vida às iniciativas que conferiam mais amplitude à música popular, reconhecida como a expressão da nação portuguesa, contribuindo, a seu modo, para a nacionalização das massas. Neste sentido, Pedro de Freitas considerou que as bandas filarmónicas constituíam redutos nacionais essenciais para que o povo progredisse mais inteligente e humanamente. Por isso, mediante o uso de uma linguagem popular, de carácter nacionalista, fundada nos alicerces da sua própria experiência, Pedro de Freitas imprimiu a convicção de que sabia dar ao povo a música que este estrato social mais necessitava. Além do mais, os seus escritos, ao apresentarem estudos que implicavam algumas bases de associativismo musical, exemplos paradigmáticos além fronteiras, e uma estratégica solicitação de apoio às entidades oficiais e privadas competentes, pretendiam, através da nacionalização das massas, conferir mais dignidade e mais respeito à questão da “música popular” que o povo tanto carecia. Sem embargo, a amplitude que logrou a figura de Pedro de Freitas e a sua obra literária, dedicada à causa da música popular, deveu-se muito ao reconhecimento e ao apoio da parte das entidades oficiais regidas pela política Salazarista e dedicadas a esses eventos culturais, o que não deixou de conferir lisonjeio ao autor. Não obstante, apareceram ainda outras referências laudatórias relativamente às obras de Pedro de Freitas na imprensa periódica e através de cartas, muitas das quais foram seleccionadas, transcritas e incluídas pelo próprio autor em algumas das suas obras, o que também revelou uma forma de perpetuar cuidadosamente a sua imagem.

3.1.2.c) Viagens

*Eu fui à Índia*¹⁵⁰⁸:

Este livro descreve as impressões de Pedro de Freitas face à viagem que empreendeu às então designadas *Províncias Ultramarinas do Estado Português da Índia* (Goa, Damão e Dio).

Num contexto prévio, Pedro de Freitas referenciou o conhecimento e a amizade travada com o engenheiro Manuel António Vassalo e Silva e o interesse que este tinha manifestado pela leitura das suas obras literárias. Mais tarde, Manuel António Vassalo e Silva ascendeu à posição de General-Governador do Estado Português da Índia. Foi neste estatuto social que Manuel António Vassalo e Silva convidou o seu amigo Pedro de Freitas para visitar a designada Índia Portuguesa e escrever um livro nos moldes da sua escrita de carácter popular e instrutivo¹⁵⁰⁹. Na concretização desta incumbência, Pedro de Freitas escreveu o livro *Eu fui à Índia*, sendo visível, através da leitura, a sua preocupação em colmatar cuidadosamente a tarefa pela qual ele tinha sido encarregue. Deste modo, Pedro de Freitas revelou o perfil de um visitante atento, de um investigador interessado na história da Índia Portuguesa e de um etnógrafo cuidadoso em saber sobre a orografia, a vida social, a linguagem, os costumes e o comércio hindus¹⁵¹⁰. Neste contexto, Pedro de Freitas também se mostrou interessado em

¹⁵⁰⁸ Freitas, Pedro de, *Eu fui à Índia*, Barreiro, Pedro de Freitas, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1962. Ver Recensões sobre as obras literárias de Pedro de Freitas, 7.2.e. *Eu fui à Índia*, em Anexos.

¹⁵⁰⁹ Freitas, Pedro de, *Eu fui à Índia*, Barreiro, Pedro de Freitas, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1962, pp. 13-17.

¹⁵¹⁰ Freitas, Pedro de, *Eu fui à Índia*, Barreiro, Pedro de Freitas, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1962, pp. 98; 102-110; 115; 152; 223.

compreender as confluências religiosas existentes¹⁵¹¹. Porém, Pedro de Freitas direccionou a sua perspectiva crítica em relação à música popular, uma vez que era este o tema que ele se sentia mais à vontade. Assim sendo, Pedro de Freitas analisou e descreveu o eclectismo da música popular goesa, comparando os seus alicerces e organização pedagógica com a sua experiência pessoal¹⁵¹². Neste âmbito, Pedro de Freitas aconselhou a ajustarem-se segundo os moldes do associativismo musical europeu. Além do mais, Pedro de Freitas ainda sugeriu o interesse de uma banda filarmónica de Goa participar no próximo segundo concurso de filarmónicas, patrocinado pela *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT), o qual estava planeado ser alargado ao âmbito da Península Ibérica¹⁵¹³.

Sobre esta obra literária houve uma opinião crítica que descreveu as temáticas mais contempladas por Pedro de Freitas, salientando que o sentimentalismo nacionalista do autor estava impregnado através da sua escrita: «*O livro consta de impressões desta viagem, descreve contactos com populações locais, melhoramentos que atestam o progresso por que o Estado da Índia passou nos últimos anos, factos relacionados com melhoramentos oficiais e o folclore indio-português. E fica vincado no espírito do leitor o seu patriotismo*»¹⁵¹⁴.

Ao oferecer um exemplar deste livro à redacção do jornal *La Higuierita*, de Ilha Cristina, Pedro de Freitas recebeu do mesmo periódico um artigo, cuja apreciação constou das seguintes palavras: «*su libro “Eu fui à Índia” en el cual como en los anteriores escribió*

¹⁵¹¹ Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1962, pp. 13-17.

¹⁵¹¹ Freitas, Pedro de, *Eu fui à Índia*, Barreiro, Pedro de Freitas, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1962, pp. 117; 218.

¹⁵¹² Freitas, Pedro de, *Eu fui à Índia*, Barreiro, Pedro de Freitas, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1962, pp. 248-256.

¹⁵¹³ Freitas, Pedro de, *Eu fui à Índia*, Barreiro, Pedro de Freitas, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1962, p. 250.

¹⁵¹⁴ Diário de Notícias, “Livros Novos Eu fui à Índia por Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 04-11-1962.

*gentil dedicatoria. Se trata de un bello libro, muy bien editado, en el que el autor describe paisajes, costumbres e impresiones de un viaje realizado a la India»*¹⁵¹⁵.

Por fim, uma outra particularidade que captou o interesse desta obra residiu no facto da mesma constituir uma das últimas referências antes da Índia Portuguesa ter sido invadida pela União Indiana: «*permitindo àqueles que não tiveram a sua sorte avaliar o que era a Índia Portuguesa meses antes de ser arrebatada*»¹⁵¹⁶.

Brisas de Espanha: crónicas¹⁵¹⁷:

Como epítome desta obra literária Pedro de Freitas descreveu o que considerou ser o conteúdo deste livro: «*SÚMULA: Recordações às minhas viagens à Espanha: Apontamentos da minha mocidade, musicais e espirituais, impressões, história, vida social e fraternidade peninsular*»¹⁵¹⁸.

Este livro, *Brisas de Espanha: Crónicas*, foi construído a partir de várias viagens que Pedro de Freitas efectuou à Espanha, tais como foram, por exemplo, a Granada, Cartaya, Galiza, Alicante, Valência del Cid, Barcelona, Córdoba, Madrid, Toledo, Salamanca, Algeciras, Gibraltar e Tânger. Neste contexto, o autor não deixou de acentuar a sua admiração por Espanha: «*Recordar es bello! Y recordando como turista y amante de España, la he recorrido de Norte a Sur. De esos viajes algo he recogido que me han permitido escribir un libro de crónicas. “Brisas de España” es su*

¹⁵¹⁵ Anónimo, “Saludos”, *La Higuera*, Isla Cristina, 10-06-1978.

¹⁵¹⁶ Edição do autor «*O Século*», “Livros Novos Eu fui à Índia por Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 04-11-1962.

¹⁵¹⁷ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957; Ver Recensões sobre as obras literárias de Pedro de Freitas, 7.2.f. *Brisas de Espanha: crónicas*, em Anexos.

¹⁵¹⁸ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, [p. V].

título»¹⁵¹⁹. Com efeito, foi por reconhecer os sentimentos de afectividade descritos por Pedro de Freitas que Mario Rodriguez Correa Navarro, advogado de Madrid, salientou que o autor tinha vivido dias felizes em terras de Espanha: «*Recibí su obra y no pude resistir a la tentación de leerla de un tirón. Es tan amena y pinta Vd. con tal maestría los tipos, los caracteres y las maravillas de las tierras que va visitando y viviendo al mismo tiempo, que las horas se pasan veloces y lo que verdaderamente se siente es que sea la obra tan corta. Tiene Vd. una manera siempre alegre y simpática de verlo todo que da la sensación de que fue muy feliz por esas tierras*»¹⁵²⁰.

Esta obra, dotada de boas qualidades narrativas, não deixou de suscitar o interesse da parte do jornalista e crítico literário de Ayamonte, Manuel Féria Sousa, o qual salientou o apurado sentido de observação e de memorização do autor: «*Estas impresiones tuyas de un viaje por la geografía de España tienen un hondo sabor descriptivo, una fácil asimilación ambiental y un cautivador espíritu de observación y remembranza. Tales extremos, dilatados después de estudiar la conciencia del libro, son una base sólida para entretener una crítica que supongo ha de dejarle completamente satisfecho*»¹⁵²¹.

De facto, no último capítulo desta obra, intitulado: “Eu e a Espanha”¹⁵²², Pedro de Freitas salientou um certo orgulho por ter um conhecimento geral acerca do país vizinho, valorizando não só a parte histórica como também o sentimento nacionalista e a vida social do povo espanhol: «*as principais grandezas da sua vida cultural, histórica, monumental e patriótica, a par da modéstia da vida social da baixa esfera de*

¹⁵¹⁹ Freitas, Pedro de: “Doña Blanca”, *Cartaya* 1958, Ayamonte, Imprenta Vda. J. Hidalgo, Julho de 1958, [n.º 127, do *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

¹⁵²⁰ Correa Navarro, Mario Rodriguez: “Crítica ao livro *Brisas de Espanha* de Pedro de Freitas”, Em Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, p. 15.

¹⁵²¹ Féria Sousa, Manuel: “Crítica ao livro *Brisas de Espanha*”, Em *La Higuera*, Isla Cristina, 07-04-1958; ou Féria Sousa, Manuel: “Carta a Pedro de Freitas”, Em Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, p. 12.

¹⁵²² Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, pp. 135-149.

*algum do seu Povo, em traje de turista eu já tenho percorrido a Espanha de norte a sul e de oeste ao levante»*¹⁵²³. Por isso, mediante esta obra, Pedro de Freitas salientou a existência de um reconhecido património histórico-cultural: *«No campo monumental, a Espanha tem a sua maior escala no apurado gosto das Catedrais. Das quinze que conheço, e são as mais importantes, todas me merecem elogio e profunda admiração. [...] Na cultura e nas letras tem a Espanha valores de renome mundial. A sua história é cheia de feitos. Alguns dos seus navegadores assombraram o mundo»*¹⁵²⁴. Sem embargo, Pedro de Freitas também valorizou a assistência social prestada aos invisuais e o desenvolvimento da indústria farmacêutica: *«O cego, esse, obedece a medidas sociais que o protege, e por assim ser, trabalha. E na via pública e a quase todas as esquinas, ele lá está de bengalinha especial na mão e com várias enfiadas de números em pequenos rectângulos de papelinhos a fazer a propaganda da venda desse material. [...] O segundo diz respeito aos produtos farmacêuticos. [...] estes produtos ali giram, na sua generalidade, por metade dos preços com que são vendidos em Portugal»*¹⁵²⁵. Além do mais, Pedro de Freitas ainda reconheceu a expansão das publicações periódicas locais: *«Na província não é necessário esperar-se pelos jornais de Madrid ou Barcelona para os leitores se inteirarem das principais notícias. Estas são postas à publicidade pela imprensa mais longínqua»*¹⁵²⁶.

De facto, este livro não só suscitou interesse pela forma como Pedro de Freitas, na qualidade de turista, descrevia sobre as suas vivências em terras de Espanha, mas, também, como ele retratava as partes históricas e monumentais do país vizinho; como

¹⁵²³ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, p. 140.

¹⁵²⁴ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, pp. 147-148.

¹⁵²⁵ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, p. 147.

¹⁵²⁶ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, p. 148.

reagia face ao progresso das cidades que visitava; como afirmava, com convicção, ser conhecedor da cultura espanhola; e como retratava algumas figuras que conheceu através dessas viagens. Neste sentido, José Diz González, comerciante de Tuy (proprietário do estabelecimento *Don Pipo* que Pedro de Freitas referenciou no capítulo: «Galiza, país de sonho»)¹⁵²⁷, salientou a forma como Pedro de Freitas o descreveu (a José Diz González) no âmbito da sua profissão, e como o autor contextualizou consciente e criticamente alguns aspectos sociais da vida espanhola, considerando-o portador de muitos conhecimentos: «*Es mi sorpresa cuando a través de la lectura y con sus dotes de gran escritor hace destacar la labor de este humilde comerciante [...]. Encuentro en todo el, maravillosas ideas en todo cuánto describe de su viaje, pero hay algunos párrafos que merecen los mayores elogios por la forma en que los enfoca y esclarece, propio de un escritor de grandes conocimientos, los cuáles me agradaría llegasen a conocimiento de los interesados para que meditasen e hiciesen un pequeño examen de conciencia. No quiero esclarecer más estos extremos para no puntualizar directamente los párrafos a que me refiero*»¹⁵²⁸.

Jose Alandi Chabret, empregado administrativo numa Empresa de Fabricação de Bidões e redactor deportivo da *Emisora*, de Sagunto, também referiu, com gratidão, a forma como Pedro de Freitas não se esqueceu de o mencionar no seu livro *Brisas de Espanha: Crónicas*¹⁵²⁹, apesar de naquela altura ele (Jose Alandi Chabret) ser um miúdo: «*Cuando llegó a mi poder su gratísima carta, no puede Vd. imaginar la enorme satisfacción que me produjo saber que Vd. me recordaba.*

¹⁵²⁷ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, pp. 45-46; 63.

¹⁵²⁸ Diz González, José: “Crítica ao livro *Brisas de Espanha* de Pedro de Freitas”, Em Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, p. 15.

¹⁵²⁹ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, p. 74.

Siete son los años transcurridos desde que yo tuve el placer de conocerle, siendo como muy bien dice «un rapacito»; ahora con 18 años y sin haber desaparecido de mi mente su figura, escribo emocionado estas líneas de agradecimiento hacia quien tan caballero ha sido para conmigo. [...] Me ilusiona saber que mi modesto nombre va a ser Heraldito de un pueblo a través de su libro.

*Portugal país de Hidalgos caballeros ha tenido en su figura un continuador de sus bellas tradiciones»¹⁵³⁰. Porém, através de uma segunda carta, Jose Alandi Chabret também agradeceu por Pedro de Freitas ter descrito a sua vila Sagunto¹⁵³¹: «Su libro» *Brisas de Espanha, en el que tengo la inmensa satisfacción de figurar, es, a mi criterio, muy práctico a la vez que denso en juicio narrativo, por lo que me ha agradado en gran manera.**

La descripción suya de «mi querido Sagunto» es magnífica y mi agradecimientos por ella infinito.

Muy reconocido hacia quien no olvidó aquel «rapacito»...¹⁵³².

Na análise desta obra, também é relevante acentuar como o autor enfatizou insistentemente os seus ideais de confraternização entre Portugal e Espanha: «*Às relações de paz e amizade entre Espanha e Portugal, alicerçadas no abraço fraterno pela causa de uma união ibérica, dedico e ofereço a modéstia deste trabalho literário*»¹⁵³³. Deste modo, no final desta obra, mais uma vez, Pedro de Freitas manifestou a sua gratidão e reconhecimento pelos ensinamentos usufruídos em

¹⁵³⁰ Alandi Chabret, Jose: “Primeira Carta a Pedro de Freitas sobre o seu livro *Brisas de Espanha*”, Em Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, p. 14.

¹⁵³¹ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, pp. 73-75.

¹⁵³² Alandi Chabret, Jose: “Segunda Carta a Pedro de Freitas sobre o seu livro *Brisas de Espanha*”, Em Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, p. 14.

¹⁵³³ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, [p. IX].

Espanha: «É uma viva saudade do meu tempo de válido e uma grata homenagem à Espanha por tanto me haver fortalecido o espírito de belos e frutuosa conhecimentos»¹⁵³⁴. Neste sentido, José Calvo Balado, comerciante de La Coruña, valorizou sobretudo o terceiro capítulo do livro *Brisas de Espanha*, apontando que a forma como o autor retratou as terras de Espanha fê-lo reflectir que existem sentimentos transnacionais que ultrapassam as fronteiras alicerçadas pelos interesses humanos. Por fim, José Calvo Balado valorizou outros pontos de interesse desta obra relacionados com a sinceridade e a entrega pessoal do autor: «Lo he leído con curiosidad e interés (referencia ao terceiro capítulo «Galiza, País de Sonho») para llegar a la conclusión de lo bien documentada del texto, de lo poético de sus observaciones y de la sinceridad con que enjuicia esta tierra.

Trabajos como el de V. sirven para darnos a conocer mutuamente, recorriendo el velo que nubla nuestro juicio cuando no se refiere a lo que egoísticamente llamamos nuestro, apropiándonos por intereses bastandos y convencionales de lo que la Providencia puso al alcance de todos los humanos, aparte razas, lenguas, nacionalidades y costumbres.

La divulgación de lo que son y hacen otros pueblos, vistos a través del prisma de la sinceridad, dejando de lado los prejuicios y las comparaciones, siempre odiosas y lamentables, es el mejor acervo, la mejor ayuda que podemos prestar a la humanidad en ansias de su mejora y de su felicidad. Y esto lo cumple V. plenamente poniendo al

¹⁵³⁴ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, [p. CLXIV].

*alcance de los otros sus experiencias, sus satisfacciones, sus conocimientos y espíritu de observación e investigación»*¹⁵³⁵.

Um outro aspecto que suscitou o interesse da parte de algumas figuras no contexto de Andaluzia foi o facto de Pedro de Freitas ter dedicado o segundo capítulo deste livro (intitulado: “Cartaya em Festa”)¹⁵³⁶ às suas recordações de juventude passadas em Cartaya, entre 1908 a 1910¹⁵³⁷. Neste contexto, Luis Pastor López, inspéctor do Corpo Geral da Polícia, de Sevilha, revelou especialmente o interesse pela leitura deste capítulo dedicado a Cartaya: *«calurosa felicitación, por la buena acogida que han tenido sus «crónicas», entre cuantos nos cupo la suerte de leerlas, al par que le expreso mi eterno reconocimiento por las pruebas de afecto que dispensa a mi Cartaya.*

*Recibiría con mucho gusto un ejemplar de su obra, al precio que sea, y espero tener la oportunidad de saludarle algún día en la «Festa» de mi «Patroeira»*¹⁵³⁸. Além do mais, Luis Pastor López ainda reforçou o forte sentimento de afectividade que Pedro de Freitas impregnou neste capítulo dedicado a Cartaya: *«En ésta obra hace un canto a las distintas regiones españolas, y en su segundo capítulo, titulado “Cartaya en Fiesta”, describe los encantos de nuestro pueblo con la pasión de un enamorado. ¡No en vano el amor hizo nella en su corazón de adolescente!»*¹⁵³⁹.

¹⁵³⁵ Calvo Balado, José: “Crítica ao livro *Brisas de Espanha* de Pedro de Freitas”, Em Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, p. 15.

¹⁵³⁶ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, pp. 27-41.

¹⁵³⁷ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, p. 32.

¹⁵³⁸ Pastor López, Luis: “Crítica ao livro *Brisas de Espanha* de Pedro de Freitas”, Em Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, p. 13.

¹⁵³⁹ Pastor López, Luis: “En Justa correrpondencia”, Setembro de 1958, Em *Revista Cartaya 1958*, Ayamonte, Imprenta Vda. J. Hidalgo, há dois exemplares, [n.º 127 e n.º 233, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; Pastor López, Luis, Em 1.ª Série do 2.º Livro, *Os Meus Artigos e alguns Extras 1917 a 1964*, Pedro de Freitas, n.º 113, pp. 555-556, [82-9 Fre/Meu no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; ou *Programas de Fiestas del Rosario 1957-63*, [Legajo 759 (1957-1968), na *Biblioteca Publica Municipal de Cartaya*].

Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958¹⁵⁴⁰:

Esta obra descreve inúmeras experiências biográficas efectivadas mediante a prossecução de sentimentos de confraternização e amizade entre algumas figuras representativas de Cartaya e Pedro de Freitas. Neste sentido, esta obra constitui um memorial de recordações e de reconhecimentos mútuos, os quais foram expressos pelas trocas de correspondência e por várias homenagens¹⁵⁴¹. Porém, esta obra ainda inclui uma parte que faz referência ao interesse que o livro *Brisas de Espanha: crónicas* suscitou em algumas figuras de Andaluzia. Esta parte, mais uma vez, constituiu um arquivo de transcrições organizado segundo o filtro do próprio autor, o qual apresenta relevância para a construção do seu perfil biográfico¹⁵⁴².

No entanto, este livro também proporciona um interesse no âmbito da micro-história, através das descrições dos locais, das pessoas, da arquitectura urbana, e da caracterização da cultura peculiar das festas de Cartaya, as quais fazem parte da história local de Cartaya¹⁵⁴³. Deste modo, é possível fazer um confronto entre os anos de juventude de Pedro de Freitas em Cartaya (1908-20) e o ano de 1958, o qual correspondeu à altura em que lhe foi concedida uma celebre homenagem¹⁵⁴⁴. Assim, através desta obra, é possível identificar os nomes e os respectivos estatutos sociais de algumas das figuras responsáveis pela homenagem de Pedro de Freitas a *irmão efectivo*

¹⁵⁴⁰ Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961. Ver Recensões sobre as obras literárias de Pedro de Freitas, 7.2.g. *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, em Anexos.

¹⁵⁴¹ Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, pp. 16-21; 32-38; 40-41, 47, 51-53.

¹⁵⁴² Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, pp. 12-15.

¹⁵⁴³ Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, pp. 26-29; 39-49.

¹⁵⁴⁴ Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, pp. 22-23; 40-43; 47.

da *Confraria de N.ª S.ª do Rosário* e a *cidadão honorário*¹⁵⁴⁵. Com efeito, é quase possível visualizar a sequência destes eventos mediante os inúmeros pormenores descritos pelo autor.

Finalmente, Rafael Redondo Fernández, chefe de Administração Civil de Telecomunicação, de Huelva, fez referência a este livro como uma sequência do livro anterior intitulado de *Brisas de Espanha*¹⁵⁴⁶. Neste prisma, Rafael Redondo Fernández acentuou sobretudo o puro sentimentalismo do autor: «*su nuevo libro, continuación de «Brisas de España» en el que, entre otras cosas, se reseña de mano maestra el vino de honor con que fue obsequiado por las Fiestas del Rosario y al que impensadamente tuve el gusto de asistir para conocer personalmente al autor de la información referente a Doña Blanca – Cartaya – y expresarle mi gratitud como cartayero por las lindas y lisonjeras frases dedicadas a mi pueblo.*

Lo he leído con detenimiento comprobando cómo se nota su gran afición a las bellas letras. Bien se comprende con cuanto amor mimó Vd. no sólo la redacción sino también la buena presentación, la belleza externa de su librito: buen papel, tipos claros de letras en consonancia con su contenido; detalles que no escapan a su pluma y viveza de fino observador; minuciosidad de datos que reviven los momentos descritos con acusado relieve. Se aprecia fácilmente el amoroso regusto con que escribió poniendo en ello su alma de hombre romántico [...] Por la cita que hace de párrafos míos en «Cinquenta años después en Cartaya, 1908-1958», quedole muito obrigado»¹⁵⁴⁷.

¹⁵⁴⁵ Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, p. 31-35; 49.

¹⁵⁴⁶ Em Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, pp. 31-32.

¹⁵⁴⁷ Redondo Fernández, Rafael: “Acuse de Recibo para Don Pedro de Freitas”, Em Revista *Feria y Fiestas Cartaya 1961*, Isla Cristina, Imprenta Bautista, Outubro de 1961, [n.º 128, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; ou [Legajo 759 (1957-1968), na *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*].

Pedro de Freitas consagrou a Espanha duas das suas três obras dedicadas à temática das viagens. De facto, dados os seus contactos com Espanha desde a sua adolescência, Pedro de Freitas sentia por este país fortes vínculos de irmandade peninsular que ultrapassavam os modelos político-institucionais de nações confinadas pelas suas fronteiras. Aliás, estes sentimentos expressos por Pedro de Freitas eram evidenciados reciprocamente, sendo reconhecidos através das homenagens retribuídas por algumas figuras representativas de Cartaya e através das apreciações críticas que sobretudo o livro *Brisas de Espanha: crónicas* suscitou em algumas figuras no contexto de Andaluzia. Contudo, não pondo em causa o conteúdo da informação exposta nestas obras (a qual, em alguns casos, foi confirmada e autenticada pelas fontes originais encontradas nos arquivos aquando do processo da investigação), reconhece-se que em ambos os livros a recolha e a transcrição das fontes documentais obedeceram aos critérios elegidos pelo próprio autor, o que acaba também por ser uma fonte relevante na construção do perfil biográfico de Pedro de Freitas. Deste modo, fazendo uso das várias críticas que lhe eram dirigidas, relativamente à sua obra, Pedro de Freitas introduziu comentários de amigos como também de cidadãos espanhóis de diferentes profissões e estatutos sociais, os quais evidenciaram alguma ressonância positiva quanto à receptividade da sua obra.

Por outro lado, Pedro de Freitas dedicou uma outra obra às então designadas *Províncias Ultramarinas do Estado Português da Índia*. Este livro, intitulado *Eu fui à Índia*, foi produto não só da índole sociável de Pedro de Freitas como também do interesse que suscitava a sua obra em geral, caracterizada por uma maneira atenta e minuciosa de descrever sobre as suas vivências e os locais por onde passava. Porém, mais do que uma mera descrição, este livro ainda constitui uma das últimas referências culturais da Índia Portuguesa antes desta província ultramarina ter sido invadida pela União Indiana. Neste livro, Pedro de Freitas ainda sugeriu a necessidade de se dar à música goesa uma maior influência da música nacional portuguesa, ou, mesmo, de um influxo num circuito peninsular. Deste modo, Pedro de Freitas propôs a participação de uma banda filarmónica de Goa no âmbito de um segundo concurso de bandas filarmónicas de

amplitudes Ibéricas, o qual também seria patrocinado pela instituição oficial intitulada *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT). Por outro lado, revelando uma postura nacionalista, Pedro de Freitas evidenciou orgulho por Goa, Damão e Diu fazerem parte dos feitos guerreiros e heróicos dos portugueses. Por isso, Pedro de Freitas nunca se conformou com o facto da Índia Portuguesa ter sido invadida pela União Indiana.

3.1.2.d) Autobiografia e Biografia

*Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*¹⁵⁴⁸:

Este livro da autoria de Pedro de Freitas foi dividido em quatro partes. Por sua vez, cada uma destas partes foi composta por vários subcapítulos, sendo visível uma linha de evolução temporal não só nas suas experiências de vida, no seio desta profissão de ferroviário revisor de bilhetes, como também na hierarquia da sua carreira profissional¹⁵⁴⁹. Deste modo, o que conferiu uma dimensão fecunda a esta obra autobiográfica foi a intenção do autor em transmitir o que os seus quarenta anos ao serviço do ferroviário representaram em termos de aprendizagens e de reflexões sobre a vida: «*sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*»¹⁵⁵⁰.

Na primeira parte, intitulada “Cemitério Ferroviário”, Pedro de Freitas apresentou algumas investigações históricas acerca da evolução da locomotiva, da utilidade e valorização dos serviços ferroviários, incluindo alguns episódios inéditos que ele teve a possibilidade de assistir¹⁵⁵¹.

¹⁵⁴⁸ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954.

¹⁵⁴⁹ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, pp. 96-113; 129-134; 172-173; 254-260.

¹⁵⁵⁰ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. III.

¹⁵⁵¹ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, pp. 15-85.

Este livro apresentou como tema principal a actividade profissional de Pedro de Freitas na qualidade de ferroviário e as vicissitudes peculiares no quotidiano desta profissão, as quais foram especificamente salientadas na segunda parte do livro intitulada: “Vida Profissional e suas vicissitudes”¹⁵⁵². Neste sentido, Pedro de Freitas iniciou a sua carreira como carregador, em 1912, e progrediu até à posição de fiscal, sendo aposentado nesta categoria de fiscal, em 1949¹⁵⁵³.

Na terceira parte do livro, intitulada “Vida Ferroviária”, o autor revelou as várias experiências que teve ao longo da sua profissão, onde não lhe passaram despercebidas as máscaras sociais; as críticas entre a vaidade e a cultura; as ironias entre os estatutos profissionais e as injustiças sociais; as invejas no seio da profissão dos serviços de ferroviário; as diferenças entre a profissão de revisor de bilhetes e a de fiscal nos serviços de ferroviário, bem como o humor e a filosofia peculiar desta profissão¹⁵⁵⁴.

Finalmente, na última parte desta obra, intitulada “No campo da Reforma”¹⁵⁵⁵, Pedro de Freitas reflectiu sobre a sua carreira de ferroviário, os louvores e as cobranças relacionados com a sua profissão¹⁵⁵⁶. Além disso, no subcapítulo dezoito, intitulado «*Retalhos duma vida*», o autor também fez incursões a outros aspectos da sua vida pessoal¹⁵⁵⁷. Deste modo, Pedro de Freitas descreveu pormenores sobre o seu nascimento, adicionou algumas referências familiares, salientou o seu interesse pelas artes musicais e literárias e ainda incluiu vários comentários críticos sobre duas das suas

¹⁵⁵² Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, pp. 87-134.

¹⁵⁵³ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 132. Ver 7.9. Outras Fontes Documentais, Documento n.º 2, em Anexos.

¹⁵⁵⁴ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, pp. 135-213.

¹⁵⁵⁵ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, pp. 215-262.

¹⁵⁵⁶ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, pp. 230-238.

¹⁵⁵⁷ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, pp. 222-254.

obras literárias, foram elas *História da Música Popular em Portugal e Em França trinta anos depois*¹⁵⁵⁸. Num outro contexto, Pedro de Freitas esclareceu e acentuou o seu papel de «*modesto escritor popular*» ao serviço do estrato mais baixo da sociedade¹⁵⁵⁹. Certamente que através desta postura, Pedro de Freitas encontrava uma via de dar sentido à sua obra, cujo objectivo era que a mesma fosse reconhecida neste âmbito social. Na perspectiva de Pedro de Freitas esta obra literária implicava um propósito ético e educativo, destinado não só ao potencial público leitor como também ao seu próprio crescimento, como pessoa e escritor: «*Educar-me nos exemplos da vida e aprimorar o espírito para a função que me coube no género humano a que pertença*»¹⁵⁶⁰. No entanto, foi no último subcapítulo, intitulado “A vala dos «mortos» vivos”, que Pedro de Freitas penetrou, com um profundo realismo, no significado da reforma, que significava o último período da vida infiltrado nas recordações do passado e nas desilusões de uma vida a findar vertiginosamente, e repleta de sofrimento¹⁵⁶¹.

José de Freitas no centenário do seu nascimento¹⁵⁶²:

Este livro apresenta uma biografia contextualizada, a qual foi escrita postumamente em virtude do centenário do nascimento de José de Freitas, pai de Pedro de Freitas. A título de prefácio, alguns dos familiares do biografado (José de Freitas) devotaram-lhe umas palavras. Neste sentido, Fausto Sebastião de Freitas dedicou um texto intitulado de “À

¹⁵⁵⁸ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, pp. 222-254.

¹⁵⁵⁹ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 239.

¹⁵⁶⁰ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 262.

¹⁵⁶¹ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, pp. 254-260.

¹⁵⁶² Freitas, Pedro de, *José de Freitas no centenário do seu nascimento*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Fausto Sebastião de Freitas (ed.), 1958.

memória de meu pai”]; Rui Freitas Protásio escreveu outro texto intitulado “Recordando o meu avô” e, finalmente, Maria Helena Vairinhos de Freitas Magalhães escreveu o último texto intitulado “À memória do meu bisavô”. Todos estes prólogos acentuaram o sentimento familiar, de carácter intimista, peculiar desta obra¹⁵⁶³.

Ao contextualizar a época em causa, expressa especialmente nos capítulos: “Música e Teatro”, “Desportos e cultura” e “Amor e azar”, Pedro de Freitas descreveu o ambiente familiar e os vários períodos da vida de José de Freitas, salientando a sua vida amorosa e a sua dedicação às artes¹⁵⁶⁴. Neste sentido, Pedro de Freitas descreveu a aptidão natural que José de Freitas lograva para a música, para a poesia, para o teatro, incluindo a habilidade que ele exercia na sua vida profissional, sendo qualificado como um pintor distinto¹⁵⁶⁵. Num reforço complementar destas ideias, Pedro de Freitas caracterizou o seu pai como um indivíduo dotado de um bom nível cultural. De facto, José de Freitas foi uma figura de ideias progressistas para a época, ele foi membro da maçonaria portuguesa e revelou-se como um republicano convicto¹⁵⁶⁶. Por outro lado, houve uma intencionalidade, da parte de Pedro de Freitas, em apresentar fontes inéditas referentes a José de Freitas. Neste sentido, Pedro de Freitas incluiu a certidão de nascimento do seu pai, algumas fotografias, poemas, uma estudantina, peças teatrais, e composições musicais da autoria de José de Freitas, as quais contribuíram para uma maior fundamentação e riqueza complementar à descrição do biografado¹⁵⁶⁷.

¹⁵⁶³ Freitas, Pedro de, *José de Freitas no centenário do seu nascimento*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Fausto Sebastião de Freitas (ed.), 1958, pp. 1-14.

¹⁵⁶⁴ Os capítulos: “Música e Teatro”, pp. 29-34; “Desportos e cultura”, pp. 35-52; “Amor e azar”, pp. 65-69; Em Freitas, Pedro de, *José de Freitas no centenário do seu nascimento*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Fausto Sebastião de Freitas (ed.), 1958.

¹⁵⁶⁵ Freitas, Pedro de, *José de Freitas no centenário do seu nascimento*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Fausto Sebastião de Freitas (ed.), 1958, pp. 24-27; 32-34; 55.

¹⁵⁶⁶ Freitas, Pedro de, *José de Freitas no centenário do seu nascimento*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Fausto Sebastião de Freitas (ed.), 1958, p. 55.

¹⁵⁶⁷ Freitas, Pedro de, *José de Freitas no centenário do seu nascimento*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Fausto Sebastião de Freitas (ed.), 1958, pp. 18; 21; 31; 40-45; 47-51; 67; 77-78; 80.

Finalmente, através do capítulo «*Chefe de família*», Pedro de Freitas fez menção aos filhos de José de Freitas¹⁵⁶⁸. Em continuidade, no capítulo «*Morte e centenário*», Pedro de Freitas apresentou a estrutura familiar até à data da publicação do livro, o que constituiu um contributo de interesse genealógico¹⁵⁶⁹.

***Na Primeira Grande Guerra, 1914-1918 um poeta setubalense: Vicente José da Silva Penim*¹⁵⁷⁰:**

Este livro faz referência à biografia de Vicente José da Silva Penim, um tropa que foi camarada de Pedro de Freitas no contexto da *Primeira Grande Guerra Mundial* e, como tal, os aspectos peculiares da sua personalidade não passaram despercebidos durante o tempo de campanha, no palco do conflito europeu.

A elaboração deste livro surgiu na sequência de uma carta enviada a Pedro de Freitas da parte de Acácio José Carmelo Dias, o qual apresentou-se como o sogro de Vicente José da Silva Penim. Nesta carta, Acácio José Carmelo Dias fazia referência ao interesse em adquirir vários exemplares do livro *As minhas Recordações da Grande Guerra*, uma vez que nesta obra existiam muitas referências ao seu género. Perante esta solicitação, e dada a estima que Pedro de Freitas sentia por Vicente José da Silva Penim, o autor (Pedro de Freitas) considerou que deveria de fazer o possível no sentido de ajudar Acácio José Carmelo Dias: «*tenho a obrigação de render à sua memória o meu preito de leal companheiro de guerra e sincero amigo e admirador que dele sempre fui*»¹⁵⁷¹.

¹⁵⁶⁸ Freitas, Pedro de, *José de Freitas no centenário do seu nascimento*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Fausto Sebastião de Freitas (ed.), 1958, pp. 71-78.

¹⁵⁶⁹ Freitas, Pedro de, *José de Freitas no centenário do seu nascimento*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Fausto Sebastião de Freitas (ed.), 1958, pp. 79-91.

¹⁵⁷⁰ Freitas, Pedro de, *Na primeira grande guerra, 1914-1918: um poeta setubalense Vicente José da Silva Penim*, Setúbal, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1977.

¹⁵⁷¹ Freitas, Pedro de, *Na primeira grande guerra, 1914-1918: um poeta setubalense Vicente José da Silva Penim*, Setúbal, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1977, p. 7.

Como Pedro de Freitas não tinha mais exemplares do livro solicitado por Acácio José Carmelo Dias, ele decidiu escrever um memorial biográfico sobre Vicente José da Silva Penim. Desta forma, esta obra biográfica, além de conter informações do livro *As minhas Recordações da Grande Guerra* relativas a Vicente José da Silva Penim, ainda apresentou alguns detalhes que o autor considerou oportunos. Um aspecto de interesse residiu no facto de Vicente José da Silva Penim ter sido poeta e de Pedro de Freitas ter transcrito os seus poemas relacionados com o contexto da guerra.

***O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*¹⁵⁷²:**

Pedro de Freitas considerou que esta seria a sua última obra literária, por isso, justificou a sua intenção de dedicá-la à agremiação regional *Casa do Algarve*, de Lisboa: «à «Casa» onde durante dez anos fui modesto membro efectivo da sua Comissão Cultural, na altura de me retirar das lides jornalísticas (a idade já não me permite dar mais rendimento espiritual) acho que esta espontânea vontade tudo diz da minha dedicação à Grei Algarvia»¹⁵⁷³.

A particularidade deste livro residiu na apresentação de dois contos, cujas histórias foram parcialmente baseadas em elementos de natureza biográfica. No primeiro conto, intitulado *O Rapazito e o Velho Pedinte*, o autor assumiu-se num narrador que contou a história de um menino que teve compaixão de um velho pedinte, e ambos tornaram-se muito amigos. O menino ajudava o velho na sua luta diária pela subsistência e, por sua vez, o velho pedinte ensinava ao menino a sua sabedoria de vida, recheada de condutas

¹⁵⁷² Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978, pp. 13-21. Ver Recensões sobre as obras literárias de Pedro de Freitas, 7.2.h. *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, em Anexos.

¹⁵⁷³ Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978, p. [VII].

ético-morais¹⁵⁷⁴. Neste sentido, o autor reflectiu sobre as aprendizagens e as experiências de vida que o menino adquiriu com o velho pedinte, e sobre a ingratidão e as vicissitudes da sociedade face à velhice e à pobreza. Como tal, o presidente da direcção da *Casa do Algarve*, Joaquim António Nunes, ao escrever o prefácio deste livro afirmou que esta obra literária estava impregnada de um sentido ético profundo: «O autor põe na boca do pobre os mais salutareos conselhos cheios de conceitos morais e cristãos, repletos de doçura e humanidade para com os velhos e as crianças - as grandes vítimas da loucura dos tempos modernos e de sempre. E não esquece a flagrante injustiça a que são votados os que ao atingirem a velhice inútil precisam de esmolar até à morte»¹⁵⁷⁵.

No segundo conto, intitulado “A Sina do Menino”, Pedro de Freitas representou o contexto histórico-social peculiar da vila de Loulé no início do século XX, o qual correspondeu à época da sua infância¹⁵⁷⁶. No entanto, apesar do conteúdo deste conto constituir uma reflexão moral acerca das vicissitudes peculiares da vida, a sua história foi considerada mais fantasiosa relativamente à do primeiro conto, tal como apontou Joaquim António Nunes: «O segundo conto ainda tem um pouco da vida do autor mas muito a revelar uma forte imaginação e poder criativo, o que, aliás, foram as fontes criadoras de toda a sua obra»¹⁵⁷⁷. Sem embargo, no trama do segundo conto, Pedro de Freitas assumiu novamente o papel de um narrador moralista que contou a história de um menino que comprou um coelhinho com uma mensagem sobre o seu destino, cujo

¹⁵⁷⁴ Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978, pp. 13-21.

¹⁵⁷⁵ António Nunes, Joaquim: “Prefácio”, Em Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978, p. [IX].

¹⁵⁷⁶ Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978, pp. 23-34.

¹⁵⁷⁷ António Nunes, Joaquim: “Prefácio”, Em Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978, p. [IX].

interesse (do menino) era saber um pouco mais sobre o seu futuro. Contudo, naquele momento, o menino não conseguiu decifrar o significado enigmático daquela mensagem que lhe tinha saído através da compra daquele coelhinho, a qual dizia o seguinte: «*Terás uma mocidade agitada que te levará à prisão. Perigos te espreitam vida fora. Se deles escapáres casarás com uma mulher que te dará um lar feliz*»¹⁵⁷⁸. Por isso, o narrador vai prosseguindo com a história biográfica desse menino que se fez homem. Por fim, depois de descrever as várias tramas peculiares da vida desse personagem, o narrador concluiu que a previsão daquela sina tinha sido verdadeira¹⁵⁷⁹.

Além do mais, na parte final deste livro, Pedro de Freitas apresentou um apêndice com o título: «*A Minha Ficha Musical*»¹⁵⁸⁰. Neste anexo, Pedro de Freitas descreveu uma parte da sua autobiografia, onde especificou a sua aprendizagem musical, a sua produção composicional e literária, e várias homenagens que lhe foram prestadas a nível nacional e no estrangeiro¹⁵⁸¹. Porém, dada a sua longevidade (com oitenta e três anos e nove meses de idade), Pedro de Freitas atreveu-se a deixar pendente uma questão em relação a Loulé: «*- Não terá a minha terra uma palavra a dizer?*»¹⁵⁸².

Mário Mota constituiu uma das opiniões críticas acerca desta obra literária, o qual salientou especialmente a evolução de Pedro de Freitas como um escritor atento ao passado e consciente do presente: «*O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino*», obra a acrescentar à sua bibliografia que lemos com interesse... *É sempre com prazer que assistimos às caminhadas do seu espírito moço a perpetuar-se cada vez mais em*

¹⁵⁷⁸ Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978, p. 24.

¹⁵⁷⁹ Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978, pp. 28-29; 32-34.

¹⁵⁸⁰ Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978, pp. 37-42.

¹⁵⁸¹ Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978, pp. 37-42.

¹⁵⁸² Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978, p. 42.

altas definições de aprumo, a saber definir-se como um estudioso sempre atento aos seus ideais humanísticos, a saber emancipar-se face ao tempo, no respeito pelo passado e pelas suas tradições, e sem olvidar o presente»¹⁵⁸³.

João Corpas Viegas constituiu uma outra referência apreciativa desta obra literária, o qual considerou que ambos os contos foram baseados em experiências parcialmente biográficas e transportados para personagens pseudo-fictícias. Deste modo, João Corpas Viegas considerou que o primeiro conto apresentou uma mensagem de conteúdo moral e que o segundo conto revelou a sabedoria do autor expressa nas suas descrições reflexivas sobre as vicissitudes peculiares da própria vida: *«Fechado o parênteses aqui intercalado reportamo-nos agora ao tema fulcral que inspiram estes alinhavos, apressadamente gizados, ao livro em presença: «O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino», no qual PEDRO DE FREITAS consignou, através de metáforas imaginativas recordações antigas, extrapolando-as para personagens pseudo-hipotéticas. No primeiro conto ressalta o diálogo de cunho ético-moral, havido entre um menino e um velho pedinte sulcado de experiência. Na segunda narrativa, transparece o rasto de uma vida caldeada de episódios e peripécias que mantêm oculta correlação com uma singela sina, aparentemente inócua, mas que saiu certa. Qualquer um deles, qualquer um dos contos, possui conteúdo descritivo e enredo que basta para manter sempre cativa a atenção do leitor. De resto é algo de parecido (e nisso quanto a nós um predicado mais a creditar), em especial o último conto, é como uma «confissão» ou uma «confidência retrospectiva de adeus» entrelaçada por fragmentos residuais subjectivos de uma escalada vivencial que atingiu o seu vértice. No posfácio do citado livro, PEDRO DE FREITAS bem o sublinha: «E é com ela (a vida) a comandar os meus destinos, neste declinar vertiginoso da minha longa existência, que*

¹⁵⁸³ Mota, Mário, “O Escritor Pedro de Freitas esteve em Foco na Casa do Algarve, em Lisboa”, Em *Jornal do Barreiro*, Barreiro, 02-06-1978.

chego à meta do meu tributo». Pelo seu 15.º livro, pela forma como o escreveu, e pela cristalina fluência das narrativas de grande poder evocativo, endereçamos a PEDRO DE FREITAS as nossas efusivas saudações. Parabéns, PEDRO DE FREITAS!»¹⁵⁸⁴.

***A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas*¹⁵⁸⁵:**

Tal como o próprio título sugere, nesta obra de carácter autobiográfico, Pedro de Freitas descreveu a homenagem que o concelho de Loulé lhe concedeu, a 2 de Dezembro de 1978, em virtude do forte sentimentalismo e dedicação que ele devotou a favor do progresso da sua terra natal. Neste sentido, o tenente e engenheiro Alexandre Nobre dos Santos justificou as razões que levaram a população local e as entidades oficiais e privadas a reconhecerem publicamente o valor de Pedro de Freitas: *«Ao fim de tantos anos, pode dizer-se uma vida inteira de intensa, dedicada e útil actividade em favor do progresso material e cultural de Loulé, eis que a edilidade do município, a que se associaram a população e todas as agremiações da vila e concelho, em sessão solene presidida pelo governador civil de Faro [...] – quis consagrar publicamente essa sua tão meritória e prolongada actuação»¹⁵⁸⁶.*

Com um propósito de ilustrar e de complementar a dita homenagem, Pedro de Freitas acrescentou um apêndice intitulado de “Reportagem Fotográfica”, o qual foi constituído por dezassete fotografias devidamente legendadas¹⁵⁸⁷. Por outro lado, aproveitando o

¹⁵⁸⁴ Viegas, João Corpas, “O rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (contos) de Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 16-03-1978.

¹⁵⁸⁵ Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979. Ver Recensões sobre as obras literárias de Pedro de Freitas, 7.2.i. *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, em Anexos.

¹⁵⁸⁶ Santos, Alexandre Nobre dos, “Carta a Pedro de Freitas, 23-07-1979”, Em Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.ª (ed.), 1991, p. 497.

¹⁵⁸⁷ Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, pp. [63-76].

contexto em causa, Pedro de Freitas fez uma compilação de outras homenagens que lhe tinham sido concedidas, tais como aquando da vinda do *Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro* a Loulé, a 1 de Maio de 1935; a homenagem de *cidadão honorário* e de *Irmão da Confraria de Nossa Senhora do Rosário* que algumas figuras representativas do Município de Cartaya lhe tinham dedicado, a 9 de Outubro de 1958; a homenagem expressa no convite que Pedro de Freitas recebera da parte do General Governador Geral da Índia Portuguesa, Manuel António Vassalo e Silva, para visitar a Índia Portuguesa e para escrever um livro, em 1961; a homenagem da *Casa do Algarve* em Lisboa, realizada a 25 de Outubro de 1961, e a homenagem prestada pela *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT), a 17 de Outubro de 1971¹⁵⁸⁸.

Esta obra também apresenta uma parte intitulada «*Transcrições vários documentos*»¹⁵⁸⁹. Nesta parte, além de transcrever a Moção que dedicou em homenagem do Rei D. João II (na Comissão Cultural da «Casa do Algarve»), e um artigo que dedicou sobre a extinção do *Batalhão de Sapadores dos Caminhos de Ferro*, com algumas respostas relacionadas com estes temas da parte de outros autores, Pedro de Freitas expôs cartas de várias figuras amigas que, revelando o apreço pela obra e pela pessoa que constituía o homenageado em causa, justificaram a impossibilidade de poderem comparecer na dita homenagem que o concelho de Loulé lhe concedia (a Pedro de Freitas)¹⁵⁹⁰.

Com efeito, o livro termina com uma secção intitulada de: «*Jornalismo*»¹⁵⁹¹. Nesta secção o autor apresentou a transcrição de artigos de imprensa periódica escritos por diversos autores, os quais descreveram os aspectos biográficos e os méritos de Pedro de

¹⁵⁸⁸ Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, pp. 25-35.

¹⁵⁸⁹ Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, pp. 41-62.

¹⁵⁹⁰ Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, pp. 41-62.

¹⁵⁹¹ Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, pp. 79-89.

Freitas que justificaram a validade daquela homenagem efectivada pela Câmara Municipal de Loulé¹⁵⁹².

Finalmente, Alexandre Nobre dos Santos manifestou a sua apreciação geral face ao interesse desta obra literária: «*Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas – colectânea dos discursos, telegramas, cartas, artigos de jornais e outras mensagens e documentos, além de excelente reportagem fotográfica das cerimónias integradas naquela homenagem promovida pela nossa vila ao seu ilustre filho e prezado amigo*»¹⁵⁹³.

¹⁵⁹² Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, pp. 79-89.

¹⁵⁹³ Santos, Alexandre Nobre dos, “Carta a Pedro de Freitas, 23-07-1979”, Em Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, p. 497.

***Versos de Pedro de Freitas (Espontâneos e sem regras académicas) 1965/1982*¹⁵⁹⁴.**

Este livro manuscrito de autoria de Pedro de Freitas foi composto apenas por vinte e seis fólhos mas é valioso pelo seu carácter intimista. Esta obra autobiográfica apresenta versos que o autor escreveu de 1965 até 1982. Tal como Pedro de Freitas enfatizou, estes versos exprimem a sua forma de sentir, sem uma prévia preocupação no cumprimento de formulas rigorosas na arte de versificar. Nestes Versos, é possível recolher várias informações durante o período de dezassete anos que perfaz a obra, apresentando pormenores sobre a forma de ser e de pensar do autor. Deste modo, Pedro de Freitas revelou sentidamente o seu estado anímico perante a pequenez da vida, e a sua frustração sobre a inutilidade que encerra a velhice¹⁵⁹⁵. Porém, talvez com a intenção de superar aquela imagem de nulidade da velhice, o autor salientou a ideia que ao longo da sua vida activa fez tudo o que podia ter feito¹⁵⁹⁶. Outro aspecto que reflecte a forma de ser do autor é a sua homenagem a amigos que morreram, ou a sua interpretação de situações de sofrimento causado pela doença e pela morte¹⁵⁹⁷. Por outro lado, Pedro de Freitas também incluiu o seu reconhecimento e agradecimento perante algumas atitudes

¹⁵⁹⁴ Freitas, Pedro de, *Versos de Pedro de Freitas (Espontâneos e sem regras académicas) 1965/1982*, Barreiro, Livro Manuscrito, 1982, [n.º 114, 82-9 FRE/VER, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

¹⁵⁹⁵ Freitas, Pedro de, *Versos de Pedro de Freitas (Espontâneos e sem regras académicas) 1965/1982*, Barreiro, Livro Manuscrito, 1982, pp. 4; 24, [n.º de inventario 114, Cota: 82-9 FRE/VER do *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

¹⁵⁹⁶ Freitas, Pedro de, *Versos de Pedro de Freitas (Espontâneos e sem regras académicas) 1965/1982*, Barreiro, Livro Manuscrito, 1982, p. 14, [n.º de inventario 114, Cota: 82-9 FRE/VER do *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

¹⁵⁹⁷ Freitas, Pedro de, *Versos de Pedro de Freitas (Espontâneos e sem regras académicas) 1965/1982*, Barreiro, Livro Manuscrito, 1982, pp. 3; 8; 16, [n.º de inventario 114, Cota: 82-9 FRE/VER do *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

que lhe agradaram¹⁵⁹⁸, e a sua recordação do convívio familiar¹⁵⁹⁹. Outra temática que o autor não deixou de considerar foi a sua dedicação ao seu torrão natal. Como tal, Pedro de Freitas introduziu Loulé e a patroeira dos louletanos, a *Mãe Soberana N.ª S.ª da Piedade*, revelando o bairrismo dos puritanos, sem esquecer de elogiar a festa do Carnaval de Loulé, a qual simbolizava uma boa maneira de disfarçar as mascaras da realidade¹⁶⁰⁰. De facto, nesta obra, o autor também revelou o seu persistente discurso politicamente apolítico de descontentamento com as falsidades que compreendiam as políticas do pós 25 de Abril de 1974¹⁶⁰¹, e com a incapacidade de se encontrar uma democracia apropriada para que o país pudesse evoluir adequadamente¹⁶⁰². No âmbito da linguagem cultural da época o autor também salientou a valorização do conceito de povo e de natureza¹⁶⁰³.

Curiosamente, na «*Abertura*», Pedro de Freitas introduziu uma homenagem a Loulé, e no final desta obra o autor pretendeu terminar com um conjunto de versos especialmente dedicados em honra de Cartaya, a 5 de Outubro de 1982, o que revelou o seu continuado sentimentalismo pelas suas terras de eleição¹⁶⁰⁴.

¹⁵⁹⁸ Freitas, Pedro de, *Versos de Pedro de Freitas (Espontâneos e sem regras académicas) 1965/1982*, Barreiro, Livro Manuscrito, 1982, pp. 7; 23, [n.º de inventario 114, Cota: 82-9 FRE/VER do *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

¹⁵⁹⁹ Freitas, Pedro de, *Versos de Pedro de Freitas (Espontâneos e sem regras académicas) 1965/1982*, Barreiro, Livro Manuscrito, 1982, p. 21, [n.º de inventario 114, Cota: 82-9 FRE/VER do *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

¹⁶⁰⁰ Freitas, Pedro de, *Versos de Pedro de Freitas (Espontâneos e sem regras académicas) 1965/1982*, Barreiro, Livro Manuscrito, 1982, em *Abertura*; e, p. 16, [n.º de inventario 114, Cota: 82-9 FRE/VER do *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

¹⁶⁰¹ Freitas, Pedro de, *Versos de Pedro de Freitas (Espontâneos e sem regras académicas) 1965/1982*, Barreiro, Livro Manuscrito, 1982, pp. 12; 15, [n.º de inventario 114, Cota: 82-9 FRE/VER do *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

¹⁶⁰² Freitas, Pedro de, *Versos de Pedro de Freitas (Espontâneos e sem regras académicas) 1965/1982*, Barreiro, Livro Manuscrito, 1982, p. 13, [n.º de inventario 114, Cota: 82-9 FRE/VER do *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

¹⁶⁰³ Freitas, Pedro de, *Versos de Pedro de Freitas (Espontâneos e sem regras académicas) 1965/1982*, Barreiro, Livro Manuscrito, 1982, pp. 20; 25, [n.º de inventario 114, Cota: 82-9 FRE/VER do *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

¹⁶⁰⁴ Freitas, Pedro de, *Versos de Pedro de Freitas (Espontâneos e sem regras académicas) 1965/1982*, Barreiro, Livro Manuscrito, 1982, p. 26, [n.º de inventario 114, Cota: 82-9 FRE/VER do *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Além disso, Pedro de Freitas forneceu informações complementares que permitiram identificar o contexto em causa com a sua intenção ao escrever aqueles versos. Para tal, Pedro de Freitas indicou sucessivamente a data e o local onde escreveu os respectivos versos, o que também ajuda a compreender o seu espírito de detalhe e de reverência pelos pormenores histórico-biográficos. No entanto, esta obra ao não ser publicada não teve um público leitor que a apreciasse criticamente.

~ × ~

As obras que Pedro de Freitas dedicou à temática biográfica ou autobiográfica representaram uma forma do autor cativar um público leitor que ele considerava corresponder sobretudo ao estrato popular da sociedade portuguesa.

Além do mais, estas obras apresentaram um carácter moralesco, ético e retrospectivo, sendo baseadas numa autoreflexão sobre a vida do autor (Pedro de Freitas), ou sobre a sua forma peculiar de descrever sobre a vida de outras personagens, as quais, de alguma maneira, interconectaram com a vida de Pedro de Freitas. Sem embargo, estas obras, dotadas de críticas de índole social, de histórias de traições e de injustiças, de lições de vida, de condutas moralescas, de humor e de reflexões sobre o significado da vida, revelavam uma pretensão de constituírem redutos de aprendizagem para os potenciais leitores, especialmente para os do estrato popular mais baixo da sociedade - aos quais Pedro de Freitas enfatizou direccionar as suas lutas e aprendizagens de vida. Porém, de igual modo, o autor, ao escrever as suas obras, também pretendia a sua própria evolução como pessoa. Além do mais, estas obras ainda constituem fontes importantes na reconstrução do perfil biográfico de Pedro de Freitas. Com efeito, as inúmeras referências apreciativas da parte de outros autores (que maioritariamente Pedro de Freitas fez questão de transcrever e incluir na sua obra) acabaram por cooperar não só na relevância da sua pessoa (de Pedro de Freitas) e da sua obra como também na imagem cuidada que o próprio autor procurava propiciar através das mesmas.

3.1.2.e) Monografia

*Quadros de Loulé Antigo*¹⁶⁰⁵:

Primeiramente, Pedro de Freitas começou a escrever *Quadros de Loulé Antigo* na imprensa periódica local *Povo Algarvio*, de Tavira, cuja temática era dedicada a diversos aspectos de interesse concernentes à música, aos caminhos de ferro, à cultura, ao bairrismo, à religião, à política, enfim, à história que caracterizava o povo louletano¹⁶⁰⁶. A particularidade destes artigos residia em serem escritos por uma pessoa que amava intransigentemente a sua terra natal¹⁶⁰⁷.

Pedro de Freitas acreditava que aquela temática sobre Loulé Antigo, exposta e desenvolvida nos artigos de imprensa periódica local, ia ao encontro dos interesses dos louletanos. Por isso, ele considerou a utilidade transformar esses artigos em livro¹⁶⁰⁸. Antes de dar a público a primeira edição desta obra monográfica, Pedro de Freitas procedeu à sua descrição, e referiu que os principais aspectos de interesse do livro relacionavam-se com a sua tentativa em perpetuar determinadas fontes de informação, afim de evitar que as mesmas se perdessem. Em simultâneo, Pedro de Freitas pretendia conferir ênfase à especificidade da sua terra natal, o que deixava revelar a sua

¹⁶⁰⁵ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991. Ver Recensões sobre as obras literárias de Pedro de Freitas, 7.2.j. *Quadros de Loulé Antigo*, em Anexos.

¹⁶⁰⁶ Ver 7.3. Quadros de Temas e Assuntos, em Anexos. Freitas, Pedro de, “Quadros de Loulé Antigo 1”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 07-12-1958 até Freitas, Pedro de, “Quadros de Loulé Antigo 38”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 22-01-1961.

¹⁶⁰⁷ Barros, José Maria da Piedade, “Reconhecimento que se impôs a Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 05-05-1977.

¹⁶⁰⁸ Freitas, Pedro de, “Quadros de Loulé Antigo 38”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 22-01-1961.

personalidade acentuadamente bairrista: *«Trata-se de um volumoso livro excelentemente apresentado, com cerca de 400 páginas a falarem de todas as épocas da nossa vila, e 86 gravuras a enriquecerem o mostruário louletano, no qual há aspectos antigos, pessoas ou factos de saliência, pormenores simples e em contrastes, ilustrações de actos religiosos, reconstituições que se perderiam e poderão servir de estudo e legendas elucidativas, biográficas e históricas; todo um cuidado trabalho que decerto irá mesmo com a sua modéstia, ombrear os altos pergaminhos que engrinaldam Loulé»*¹⁶⁰⁹.

Segundo alguma apreciação crítica (encontrada sobretudo na imprensa periódica local), esta obra monográfica foi bem qualificada. Neste sentido, José Maria da Piedade Barros, director do Jornal *A Voz de Loulé* apresentou a seguinte apreciação: *«Ao todo, até à presente data, escreveu treze livros, entre os quais «Quadros de Loulé Antigo», que foi considerado pela crítica uma autêntica monografia de indesmentido valimento»*¹⁶¹⁰. Por sua vez, António Jorge Simões Lopes, advogado da Lousã, também confirmou o valor desta monografia: *«Quadros de Loulé Antigo», preciosa monografia da sua terra natal desvaneceu-me profundamente. A sua excelente obra está na minha mezinha de cabeceira, a cuja leitura procedo com crescente interesse e prazer pois constitui um género que aprecio»*¹⁶¹¹. Até mesmo o próprio autor (Pedro de Freitas) reconheceu o grande aval que esta sua obra literária suscitou da parte do público louletano: *«Quadros de Loulé Antigo» foi um livro que muito fez vibrar tantos louletanos. De muitos recebi nessa altura referências que me compensaram do intenso trabalho que nele tive de despende»*¹⁶¹².

¹⁶⁰⁹ Freitas, Pedro de, “Um Livro Legado Ao Hospital”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 01-12-1963.

¹⁶¹⁰ Barros, José Maria da Piedade, “Reconhecimento que se impõe a Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 05-05-1977.

¹⁶¹¹ Lopes, António Jorge Simões, Em Freitas, Pedro de, “Falando de um dos meus livros”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 19-06-1974.

¹⁶¹² Freitas, Pedro de, “Falando de um dos meus livros”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 19-06-1974.

Na sequência da primeira edição do livro *Quadros de Loulé Antigo* ter-se esgotado, Manuel Guerreiro Farrajota, provedor da *Santa Casa da Misericórdia*, continuou a apostar no interesse que esta monografia revelava para o conhecimento das vivências, da cultura e da história local do povo louletano. Assim sendo, Manuel Guerreiro Farrajota justificou à vereação de Loulé o interesse na aquisição de uma segunda edição desta obra: «*Com efeito, Pedro de Freitas faz tão vasta e pormenorizada descrição, profundamente realista, das tradições, costumes e folclore; foca tão notoriamente as grandes e modestas figuras, do passado e contemporâneas, nascidas em Loulé ou aqui se fixaram e de algum modo se celebrizaram, tornando-se inesquecíveis para a posteridade, e alude, enfim, a tantos eventos regionais que a sua obra constitui perfeita antologia em prol do seu amado concelho, e que eu ousaria sugerir à vereação louletana a iniciativa de a mandar editar, sendo possível um só volume, a promover a sua divulgação em condições de fácil aquisição para conhecimento de muitos, recordação de alguns (recordar é viver) e apreço de todos*»¹⁶¹³.

Efectivamente que *Quadros de Loulé Antigo* transcendeu os propósitos de uma descrição pormenorizada do concelho de Loulé, uma vez que esta obra revelou-se como uma expressão do forte sentimentalismo do autor pela sua terra natal. Neste prisma, dado o porte nacionalista que caracterizava a figura de Pedro de Freitas, a sua terra natal era sentida como uma entidade biológica viva¹⁶¹⁴. Aliás, o subtítulo que Pedro de Freitas decidiu acrescentar na segunda edição desta obra foi intitulado «*a alma de Loulé*

¹⁶¹³ Farrajota, Manuel Guerreiro, “Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 07-07-1977.

¹⁶¹⁴ Mosse, George L., *La Nacionalización de las Masas: Simbolismo Político y Movimientos de Masas en Alemania desde las Guerras Napoleónicas al Tercer Reich*, Argentina, Siglo XXI Editores, 2007, p. 173.

em livro», o qual exprimiu precisamente o seu sentimentalismo pelo torrão natal¹⁶¹⁵. Reforçando esta ideia, José Augusto Alegria, Cónego da Sé de Évora, reflectiu sobre o bairrismo do autor: «*Quadros de Loulé Antigo*», muito lhe agradeço. Voltei a apreciar o seu formoso talento ao serviço da terra. Não é muito vulgar que uma pessoa «tão desinteressada que nunca ganhou o pão da vida na sua terra», se tenha mantido tão ardorosa e apaixonadamente preso à terra que o viu nascer. Tem razão para o fazer, porque foi lá que recebeu da Providência através dos Pais os talentos que pela vida fora tem demonstrado possuir em grau tão elevado»¹⁶¹⁶. Além do mais, Luís Cabral Adão, médico estomatologista de Almada¹⁶¹⁷, ainda manifestou que a forma sentida e profunda com que o autor descreveu Loulé acabou por suscitar nele o desejo de também ser louletano: «*Quadros de Loulé Antigo*! Repositório de crónicas suculentas, de factos históricos, de descritivos paisagísticos, de tipos populares... E vendo tudo, e a maneira afectuosa como trata todos os assuntos, faz-me quase pena de eu não ter nascido em Loulé!!!»¹⁶¹⁸. Depois da morte de Pedro de Freitas, o mesmo autor (Luís Cabral Adão) voltou a expressar o valor desta obra. Neste sentido, Luís Cabral Adão referiu não só o sentimento nacionalista impregnado pelo autor a favor do seu torrão natal, como também o sentido moral que Pedro de Freitas deixava impresso a um âmbito universal: «E terei sempre à cabeceira os “*Quadros de Loulé Antigo*”, para o sentir, para lhe admirar o bairrismo e me dar a impressão de que andei sempre a seu

¹⁶¹⁵ Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, p. 32; Freitas, Pedro de, “Pedro de Freitas esclarece o «Comunicado» da Câmara Municipal”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 13-03-1980; ver também Vaz, Manuel Joaquim, “Quadros de Loulé Antigo”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 28-08-1980.

¹⁶¹⁶ Alegria, José Augusto, Em Freitas, Pedro de, “Falando de um dos meus livros”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 19-06-1974.

¹⁶¹⁷ Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, pp. 50 e 51.

¹⁶¹⁸ Adão, Luís Cabral, Em Freitas, Pedro de, “Falando de um dos meus livros”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 19-06-1974.

lado nas lides de bem fazer, proclamando HARMONIA NAS ALMAS E PAZ NOS CORAÇÕES»¹⁶¹⁹.

O interesse bairrista de Pedro de Freitas por todos os aspectos culturais e históricos referentes ao embelezamento e à restauração da tradição louletana levou-o a escrever o subcapítulo intitulado “Se eu fosse...”¹⁶²⁰. Neste prisma, Pedro de Freitas imbuído num espírito nacionalista de exaltação do belo e do culto nacional, manifestou tudo o que faria em honra desta nobre vila, para que a mesma pudesse servir de referência paradigmática aos turistas que visitassem o Algarve¹⁶²¹. Da mesma forma, Pedro de Freitas escreveu o subcapítulo intitulado “Bom Dia Loulé”¹⁶²², no qual reflectiu sobre o estado de evolução de Loulé, sem deixar de exercer exaltação: «*Vila Honrada e Notável!*»¹⁶²³.

Por outro lado, esta obra também reflectiu o interesse do autor em enfatizar a história da variante do caminho de ferro de Loulé e da música local¹⁶²⁴. Neste prisma, fazendo a sua interpretação relativamente aos discursos de “neutralização política” usados na época (os quais eram estrategicamente mediatizados pelo sistema político vigente para afastar as massas populares da política)¹⁶²⁵, Pedro de Freitas focou como os interesses e

¹⁶¹⁹ Adão, Luis Cabral, “Pedro de Freitas Morreu”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 27-08-1987.

¹⁶²⁰ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, pp. 347-351.

¹⁶²¹ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, pp. 347-351. Ver Mosse, George L., *La Nacionalización de las Masas: Simbolismo Político y Movimientos de Masas en Alemania desde las Guerras Napoleónicas al Tercer Reich*, Argentina, Siglo XXI Editores, 2007, pp. 91-262.

¹⁶²² Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, pp. 351-354.

¹⁶²³ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, pp. 353.

¹⁶²⁴ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, pp. 299-333 e 355-383

¹⁶²⁵ Melo, Daniel: “A FNAT entre Conciliação e Fragmentação”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 39; Mattoso, José (dir.), *História de Portugal, O Estado Novo*, Vol. 7, Lisboa, Editorial Estampa, 1994, pp. 292-293; Correia, Mário, *Música Popular Portuguesa: um ponto de Partida*, Coimbra, Edição Centelha - Mundo da Canção, 1984, p. 177; Melo, Daniel, *Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)*, Viséu, Imprensa de Ciências Sociais, 2001, pp. 59-62.

as vicissitudes políticas da época foram prejudiciais à concretização de muitos ideais concebidos para um bem comum. Além do mais, Pedro de Freitas descreveu pormenores relacionados com os ensaios, os concertos, as figuras relevantes e os instrumentistas no âmbito da música louletana. Neste contexto, Pedro de Freitas referiu especialmente a *Tuna Louletana 1º de Janeiro*¹⁶²⁶, e as sociedades filarmónicas *Marçal Pacheco* e *Artistas de Minerva*¹⁶²⁷. Ainda num prisma musical, Pedro de Freitas escreveu algumas referências históricas sobre a banda filarmónica dos *Sapadores de Caminhos de Ferro*, a qual apareceu inserida no movimento de nacionalização das massas implicado na visita dos antigos combatentes do *Batalhão de Sapadores do Caminho de Ferro* a Loulé¹⁶²⁸. Além disso, por motivos de devoção e bairrismo, Pedro de Freitas fez com que essa visita coincidissem com o dia 1 de Maio de 1938, o dia em que se celebrava a festa da Padroeira de Loulé, *A Virgem Nossa Senhora da Piedade*¹⁶²⁹. De facto, através do livro *Quadros de Loulé Antigo* é possível analisar-se a devoção religiosa de Pedro de Freitas, expressa no capítulo intitulado “Mãe Soberana – Lenda – Festas – Herança”¹⁶³⁰. Do mesmo modo, no subcapítulo intitulado “Bom Dia Loulé” Pedro de Freitas continuou a expressar a sua devoção religiosa pela *Mãe Soberana de Loulé*¹⁶³¹.

¹⁶²⁶ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.ª (ed.), 1991, pp. 113-123.

¹⁶²⁷ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.ª (ed.), 1991, pp. 70, 119, 121, 128, 197, 242, 355-383. Estas duas bandas filarmónicas eram popularmente designadas por Música Velha e por Música Nova, respectivamente.

¹⁶²⁸ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.ª (ed.), 1991, pp. 395, 398. Ver Mosse, George L., *La Nacionalización de las Masas: Simbolismo Político y Movimientos de Masas en Alemania desde las Guerras Napoleónicas al Tercer Reich*, Argentina, Siglo XXI Editores, 2007, pp. 15-19.

¹⁶²⁹ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.ª (ed.), 1991, pp. 395, 398.

¹⁶³⁰ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.ª (ed.) 1991, pp. 145-162.

¹⁶³¹ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.ª (ed.), 1991, pp. 351-354.

No capítulo vigésimo sexto, intitulado “*O Algarve através da Música Popular: Seus valores, Assistência e Educação*”, Pedro de Freitas expôs literalmente uma conferência que proferiu na *Casa do Algarve* em Lisboa, a 5 de Maio de 1962¹⁶³². Nesta conferência, Pedro de Freitas fez referência às origens das filarmónicas e à sua importância na vida popular, salientando a criação de estruturas adequadas para a realização de audições musicais nos coretos dos jardins e nas igrejas¹⁶³³. Neste sentido, Pedro de Freitas também apelou para a reposição de uma banda militar em Faro, para a criação de uma Academia de Música de âmbito regional e de outras congêneres em Portimão e em Tavira. Sem embargo, com a pretensão de conferir mais amplitude à música popular, Pedro de Freitas solicitou maior cooperação entre a igreja, os serviços de orquestras, os coros e as bandas filarmónicas¹⁶³⁴. Enfim, nesta conferência o autor reconheceu as boas estruturas da indústria turística do Algarve. No entanto, como não podia deixar de ser, Pedro de Freitas manifestou a sua preocupação pela falta de interesse nacional no incremento musical¹⁶³⁵.

Num prisma de análise geral, o livro *Quadros de Loulé Antigo* incluiu a transcrição de versos, de programas de concertos e o uso de material fotográfico, o que conferiu à obra um contributo complementar na fundamentação da informação. Contudo, um aspecto de interesse foi a descrição de pormenores culturais, psicológicos e sociais inéditos do povo louletano, incluindo a descrição de várias figuras populares e de outras personalidades ilustres, o que acabou por sintetizar a maneira de ser e de viver dos louletanos desde o início do século XX, tal como acentuou J. B.: «*Quadros de Loulé*

¹⁶³² Ver 7.8. Uma fotobiografia de Pedro de Freitas, fotografia n.º 23, em Anexos. Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.ª (ed.), 1991, pp. 463-477.

¹⁶³³ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.ª (ed.), 1991, p. 476.

¹⁶³⁴ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.ª (ed.), 1991, pp. 467-477.

¹⁶³⁵ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.ª (ed.), 1991, pp. 463-477.

Antigo é um magnífico repositório do que de mais importante aconteceu em Loulé nos últimos 50 anos»¹⁶³⁶. Sem embargo, João Faria Lapa, professor catedrático de Lisboa, considerou que um dos aspectos mais relevantes desta obra foi o facto do autor reportar constantemente a acontecimentos por ele vividos: «*Que prazer lermos descrições históricas, referências a factos passados, por quem os viveu e viveu intensamente*»¹⁶³⁷. Finalmente, é ainda relevante mencionar que *Quadros de Loulé Antigo* continua a ser (conjuntamente com a *História da Música Popular em Portugal*) das poucas obras que ainda hoje fazem lembrar Pedro de Freitas, quer através do seu acesso em algumas bibliotecas¹⁶³⁸, quer como uma obra de referência que aparece citada em livros relacionados com a música, tradições populares do Algarve e a arquitectura de Loulé, além de outros aspectos relacionados com a história local do concelho de Loulé¹⁶³⁹. Neste contexto, *Quadros de Loulé Antigo* foi citado no trabalho realizado por Luísa Fernanda Guerreiro Martins e o Padre João Coelho Cabanita no sentido de referenciar pormenores sobre a festa da *Nossa Senhora da Piedade*, popularmente designada de *Mãe Soberana*, Padroeira de Loulé¹⁶⁴⁰.

¹⁶³⁶ B., J., “Quadros de Loulé Antigo”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 01-03-1964.

¹⁶³⁷ Lapa, João Faria, Em Freitas, Pedro de, “Falando de um dos meus livros”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 19-06-1974.

¹⁶³⁸ Como por exemplo na *Biblioteca Nacional de Lisboa*; no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*; na *Biblioteca Municipal de Loulé*, *Sophia de Mello Breyner Anderson*; e na *Biblioteca Pública de Cartaya*.

¹⁶³⁹ Cunha Duarte, José da, *Natal no Algarve. Raízes medievais*, Lisboa, Edições Colibri, 2002, p. 507; Cunha Duarte, Afonso da, *Memórias - São Brás de Alportel*, Vol. I, S. Brás de Alportel, Casa da Cultura António Bentes, 2005, p. 457; Cunha Duarte, Afonso da, *Terras de Alportel*, Vol.II, S. Brás de Alportel, Casa da Cultura António Bentes, 2008, pp. 147; 429; Martins, José Pedro de Jesus: “Raízes da Música Tradicional do Algarve”, Em *Algarve Tradições Musicais I*, Faro, Grupo Musical de Santa Maria Casa da Cultura António Bentes (ed.), 1995, p. 14; Jerónimo, Rui Moura: “A Música Popular Tradicional do Algarve – Contributos para o seu estudo”, Em *Algarve Tradições Musicais I*, Faro, Grupo Musical de Santa Maria Casa da Cultura António Bentes (ed.), 1995, p. 33.

¹⁶⁴⁰ Martins, Luísa Fernanda Guerreiro e Cabanita, João Coelho, “Mãe Soberana”, texto actualizado a 11 de Setembro de 2006, *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, Em *Loulé Concelho*, [on-line], <http://www.cm-loule.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=120&Itemid=102>, [consulta: 7 de Janeiro de 2009].

~ x ~

Nesta obra, dedicada a Loulé, Pedro de Freitas não deixou de intercambiar as necessidades regionais com a sua forma de ser nacionalista (imbuído num espírito de exaltação do belo e do culto nacional), publicitando a sua terra natal como um cartão de visita destinado aos turistas da província algarvia.

Além disso, Pedro de Freitas não só registou a especificidade do povo louletano, sobretudo durante a primeira metade do século XX, como também imprimiu um profundo amor nativista, expresso pelos laços de afectividade que desde sempre nutriu pela sua terra natal. Este sentimentalismo e realismo na descrição dos pormenores culturais e histórico-políticos de Loulé antigo, profundamente submergidos na mentalidade da época, foram apreciados por alguma opinião crítica que se expressou sobretudo na imprensa periódica local. Além do mais, o que conferiu à obra de Pedro de Freitas um carácter inédito de grande valimento foi o facto de grande parte dos acontecimentos descritos terem sido vividos pelo autor. No entanto, e num sentido que não traiu a sua maneira de ser, o autor manifestou não só a sua preocupação com o enfoque da especificidade da sua terra natal, incluindo o que faria se pudesse tornar a sua nobre vila mais bela, como também expressou uma mensagem de fraternidade universal através do sentido do logótipo: HARMONIA NAS ALMAS E PAZ NOS CORAÇÕES...

3.1.2.f) História e Historiografia Política

*Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*¹⁶⁴¹:

Este livro foi baseado numa selecção de artigos de imprensa periódica da autoria de Pedro de Freitas: «*estante-arquivo*» das *minhas produções jornalísticas dos últimos tempos*»¹⁶⁴². As fontes utilizadas foram *A Voz de Loulé* e o *Correio do Sul*, pertencentes respectivamente às localidades de Loulé e de Faro, tal como o título desta obra deixa antever¹⁶⁴³.

Como nota explicativa o autor começou por justificar o seu gosto na prossecução da escrita de artigos de imprensa periódica: «*Escrever artigos para jornais é mais cómodo e mais fácil. E por assim ser, a espaços de tempo, sem preocupações de maior, nunca deixei de o fazer, dado que não me tem falecido, felizmente, o gosto, a actividade, e a relativa saúde mesmo já a atingir a escala em que me encontro - próximo dos oitenta anos de idade*»¹⁶⁴⁴. No entanto, um dos principais objectivos da publicação desta obra relacionou-se com um sentido de preservação de alguns dos seus artigos: «*Um artigo de jornal depois de lido, rasga-se, vai pró lixo ou joga-se fora. Para que das muitas centenas de artigos que tenho escrito alguns possa salvar desse flagelo, são os agora*

¹⁶⁴¹ Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973. Ver Recensões sobre as obras literárias de Pedro de Freitas, 7.2.1. *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, em Anexos.

¹⁶⁴² Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973, p. 11.

¹⁶⁴³ Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973, pp. 10-11.

¹⁶⁴⁴ Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973, p. 10.

apurados que formam este livro - extra, a acrescentar aos outros - os autênticos - que já publiquei»¹⁶⁴⁵.

Este livro *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro* está dividido em duas partes. A primeira parte desta obra foi baseada na temática: «*Páginas de Loulé Antigo*»¹⁶⁴⁶, cuja selecção de artigos visava o propósito do autor em dar continuidade ao trabalho monográfico que tinha publicado: «*Para os louletanos este trabalho será a continuação do livro «Quadros de Loulé Antigo». A primeira parte desta série de artigos compreende esse complemento, dado que a versão das imagens e dos acontecimentos se ligam perfeitamente àqueles*»¹⁶⁴⁷. Por isso, nesta primeira parte, Pedro de Freitas apresentou vários assuntos relacionados com histórias tradicionais de cariz religioso; com figuras populares do meio louletano; com as tradições gastronómicas; com a vida sociopolítica e a música local; com os louletanos que tiveram posições político-sociais relevantes a nível nacional; com as lutas para que o caminho de ferro passasse dentro da vila; e, sem deixar de considerar uma faceta da sua biografia, Pedro de Freitas ainda incluiu a história do convite do General-Governador do Estado Português da Índia para que ele fosse visitar a Índia Portuguesa¹⁶⁴⁸.

Porém, a segunda parte desta obra, constituída por artigos do Jornal *Correio do Sul*, apresentou um carácter mais heterogéneo: «*por se tratar de artigos soltos que abrangem sentidos e temas diversos*»¹⁶⁴⁹. Como tal, Pedro de Freitas comentou sobre a diversidade de assuntos compilados na segunda parte desta obra: «*versando*

¹⁶⁴⁵ Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973, p. 11.

¹⁶⁴⁶ Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973, p. 10.

¹⁶⁴⁷ Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973, p. 11.

¹⁶⁴⁸ Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973, pp. 13-59.

¹⁶⁴⁹ Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973, p. 11.

*popularidade, crónicas, movimentos sociais, viagens, história, reportagens, e, se tal se poder classificar, algo de uma sentimental quão rústica peça de teatro ao nível de motivos aldeões. É pois, com este material dos dois órgãos de imprensa algarvia, que este trabalho vai apresentar-se a público»*¹⁶⁵⁰.

Ainda que esta obra seja caracterizada por assuntos diversificados, foi sobretudo na segunda parte que Pedro de Freitas deu mais amplitude a essa heterogeneidade. Deste modo, mediante uma linguagem patriótica e nada imparcial em relação aos assuntos político-nacionais, o autor focou, por exemplo, os aspectos de interesse histórico relativamente à Ilha Terceira (uma das Ilhas dos Açores); descreveu também o seu descontentamento pela perda da Índia Portuguesa face à invasão Indiana; retratou os motivos de interesse biográfico do Presidente da República Manuel Teixeira Gomes; relatou sobre a grande Batalha do 9 de Abril de 1918, decorrida durante a *Primeira Grande Guerra Mundial*; apontou os prejuízos nacionais de se fazerem as greves¹⁶⁵¹. Finalmente, Pedro de Freitas escreveu, de forma sentimental, uma “Despedida”, onde anotou sinteticamente os aspectos mais significativos da sua autobiografia¹⁶⁵². Neste sentido, Pedro de Freitas fez menção à perda da sua mãe, ao apoio da sua avó materna, ao seu amor pela aprendizagem musical, às profissões que praticou, à sua mobilização no *Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro* durante a *Primeira Grande Guerra Mundial* em França, à fundação da banda militar, à sua vida familiar (dando relevância às suas bodas de ouro pelo 50.º aniversário do seu enlace matrimonial), às várias homenagens que lhe tinham sido devotadas e ao seu trabalho na benemérita instituição designada por *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT), terminando

¹⁶⁵⁰ Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973, pp. 10-11.

¹⁶⁵¹ Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973, pp. 61-112.

¹⁶⁵² Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973, pp. 108-112.

com uma gratidão por nunca ter sido preso e por ter tido a possibilidade de viajar. Restava-lhe, finalmente, aguardar pelo desfecho da sua viagem pela vida: «...*agora cá fico na estação da vida à espera do COMBOIO que me há-de transportar para a GRANDE VIAGEM!!*»¹⁶⁵³.

Sem embargo, coube ao poeta e jornalista Mário Lyster Franco (director do jornal *Correio do Sul de Faro*)¹⁶⁵⁴, a tarefa de escrever o prefácio desta obra, o qual salientou determinadas qualidades que tinham caracterizado a escrita do autor: «*Prosa expressiva, clara e atraente, desprovida de excepcionais exuberâncias de estilo ou de atavios de linguagem que poderiam talvez engrinaldar-lhe a forma, sem enriquecer-lhe o conteúdo, emprestar maior objectividade à descrição e aumentar-lhe o interesse. Um perfeito relatar dos factos, uma prodigiosa facilidade em fixar os diálogos, um admirável sentido de observação. Poderia não estar ali e não estava, de facto, um grande prosador, mas estava, ladinamente, na própria ingenuidade de algumas expressões e de alguns pormenores, um verdadeiro, um autêntico escritor...*»¹⁶⁵⁵.

Páginas históricas do Passado¹⁶⁵⁶:

É um livro que enfatiza, numa perspectiva política, os acontecimentos históricos desde o início da Primeira República (a 5 de Outubro de 1910) até ao ano de 1976, isto é, após a *Revolução dos Cravos* (de 25 de Abril de 1974). Neste sentido, Carlos Monteiro ao

¹⁶⁵³ Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973, p. 112.

¹⁶⁵⁴ Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973, p. 11.

¹⁶⁵⁵ Franco, Mário Lyster: “Prefácio”, Em Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973, pp. 5-7.

¹⁶⁵⁶ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976. Ver Recensões sobre as obras literárias de Pedro de Freitas, 7.2.m. *Páginas históricas do Passado*, em Anexos.

prefaciou esta obra atestou sobre a sua legitimidade: «*um documento valioso dos anos da Primeira República a intrometer-se, até, no labirinto dos acontecimentos dos nossos dias. É... uma pedra no lago dos tempos a descrever ondulações do antanho para o presente*»¹⁶⁵⁷. De facto, a atitude, a interpretação, e o constante reportar do autor face às datas dos acontecimentos histórico-políticos, incluindo a transcrição de cartas e de outras fontes complementares, corroboraram na validade desta obra literária. No entanto, um dos aspectos de interesse deste livro reside na retrospectiva diacrónica do autor a partir dos acontecimentos históricos por ele vividos, tal como o próprio afirmou: «*Neste modesto trabalho literário não pretendo desenvolver uma profunda crítica aos movimentos sociais da minha classe. Reportar-me-ei apenas a eles, muito singelamente, e nos moldes das minhas memórias, observados serenamente a mais de cinquenta anos de distância*»¹⁶⁵⁸. Carlos Monteiro também referiu e valorizou a presença da dimensão temporal na feitura desta obra, isto é, a leitura do passado através da óptica de um presente já muito distante: «*Páginas Históricas do Passado*» é um feixe de recordações de quem transpôs já o rubicão dos oitentas»¹⁶⁵⁹.

Com efeito, esta obra foi escrita através de um olhar crítico sobre o passado histórico-político, sendo visível como o autor, perante uma notável distância histórico-temporal, manifestou a sua compreensão face às várias manipulações que as sucessivas políticas nacionais iam adoptando. Deste modo, no “Preâmbulo”, Pedro de Freitas começou por descrever episódios da vida de Miguel Maria de Almeida Correia (um profissional ferroviário do *Sul e Sueste*, do Barreiro, que era militante sindicalista a favor das massas), para, no segundo capítulo, intitulado “Dois Comandantes Frente a Frente”,

¹⁶⁵⁷ Monteiro, Carlos: “Abertura”, Em Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. VII.

¹⁶⁵⁸ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 13.

¹⁶⁵⁹ Monteiro, Carlos: “Abertura”, Em Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. VII.

reflectir criticamente sobre as consequências dos movimentos grevistas da classe ferroviária, os quais tinham sido liderados por Maria de Almeida Correia¹⁶⁶⁰. Neste contexto, Pedro de Freitas manifestou o seu descontentamento pelos interesses políticos dos dirigentes assumirem uma postura oposta face aos objectivos das massas operárias: «São dois campos antagónicos que sempre se hão-de olhar com desconfiança. Nunca deverão conhecer-se bem, e cada um fará tudo por vencer a parte contrária. Será sempre um caminho tortuoso na curtíssima estrada da vida do homem – o que é de lamentar»¹⁶⁶¹. Por isso, o autor considerou que os movimentos revolucionários ocorridos a 30 de Setembro de 1920 e a de 28 de Maio de 1926 tinham sido lutas colectivas de reivindicação política, económica e social, da parte da classe ferroviária do Sul e Sueste face aos interesses políticos de alguns dirigentes ferroviários. No entanto, esses ideais de emancipação condicionaram inúmeras desditas político-sociais, cujas resoluções acabaram por prejudicar os operários envolvidos¹⁶⁶².

Porém, foi por Pedro de Freitas ter criticado veementemente o prejuízo do despotismo dos políticos na sociedade que Carlos Monteiro reconheceu que o autor era: «um sagaz apolítico»¹⁶⁶³. De facto, a posição de Pedro de Freitas impregnou-se de críticas contra as atitudes ambíguas que caracterizavam a realidade política na vida social: «A política – que paradoxo! – que condena as greves sociais dos ferroviários, muito deles precisa para os seus próprios interesses. Para qualquer revolução partidária logo lhes bate à porta a incitá-los a entrar na contenda. E promessas nunca faltam!»¹⁶⁶⁴. Neste sentido,

¹⁶⁶⁰ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1976, Capítulo I “Preâmbulo”, pp. 11-12; Capítulo II “Dois Comandantes Frente a Frente”, pp. 13-34.

¹⁶⁶¹ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1976, p. 13.

¹⁶⁶² Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1976, pp. 13-34.

¹⁶⁶³ Monteiro, Carlos: “Abertura”, Em Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1976, p. VII.

¹⁶⁶⁴ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1976, p. 15.

no terceiro capítulo: «*Três Cartas*», o autor transcreveu cartas reveladoras das incompatibilidades políticas entre Miguel Correia e o General Raul Esteves, salientando que até ele próprio (isto é, Pedro de Freitas) que sempre se tinha assumido como um indivíduo de «*neutralidade em políticas*», viu-se envolvido neste conflito político¹⁶⁶⁵. Deste modo, Miguel Correia contestou o facto de Pedro de Freitas ter escolhido o General Raúl Esteves (ou seja o antigo Comandante do *Batalhão de Sapadores dos Caminhos de Ferro*) como prefaciador do seu livro *As Minhas Recordações da Grande Guerra*. Porém, Pedro de Freitas agia estrategicamente de acordo com as suas conveniências, as quais superavam as disputas revolucionárias da época, e, ao não ser tão radicalista como Miguel Correia, o autor (Pedro de Freitas) respondeu que o seu livro teve vantagens pelo facto de Raul Esteves ter sido o prefaciador: «*Mas o que é verdade é que, o livro saiu, e foi bem aceite; e o nome do prefaciador serviu de fiador a ele poder sair sem ser incomodado*»¹⁶⁶⁶.

No quarto capítulo, intitulado “Dois Artigos de Idóneos Jornalistas”, Pedro de Freitas revelou a forma de pensar de Miguel Correia (a favor de um sindicato que possibilitasse a emancipação das massas, pela capacidade de pensar), através da transcrição de um excerto do jornal *Sul e Sueste* da autoria do próprio Miguel Correia¹⁶⁶⁷. Porém, outro propósito deste capítulo foi a transcrição de dois artigos de homenagens a Miguel Correia, um do jornal *A Voz do Operário* e o outro do *Jornal do Barreiro*¹⁶⁶⁸. Ambos os artigos descreveram uma aporção biográfica laudatória sobre a vida e a morte de

¹⁶⁶⁵ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 36.

¹⁶⁶⁶ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 40.

¹⁶⁶⁷ Correia, Miguel, “O Meu Objectivo”, Em *Sul e Sueste*, Barreiro, 26-11-1922, Em Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 48

¹⁶⁶⁸ Redacção do Jornal *A Voz do Operário*, “Miguel Correia”, Em *A Voz do Operário*, Barreiro, 04-08-1940; e, Vieira, Alexandre, “Recordando Uma Figura Moral de Releva”, Em *Jornal do Barreiro*, Barreiro, 20-07-1950, Em Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, pp. 50-51 e pp. 51-54 respectivamente.

Miguel Correia. Porém, o último artigo (da autoria de Alexandre Vieira) revelou-se contra as greves que Miguel Correia tinha desencadeado, uma vez que a mesmas (contrariamente às intenções de Miguel Correia) tinham contribuído a favor das estratégias dos grupos políticos. Paradoxalmente, Miguel Correia ainda ajudou muitos dos políticos que, tal como ele, foram deportados para a Colónia Portuguesa Cabo Verde¹⁶⁶⁹.

O quinto capítulo, intitulado de: «*Raul Esteves e a Política Salazarista*», constituiu uma contestação à política de António de Oliveira Salazar¹⁶⁷⁰. Neste prisma, Pedro de Freitas considerou que o crédito da política de António de Oliveira Salazar deveu-se à sua postura firme numa época de desordem da política partidária: «*foi o político privilegiado que mais governou a Nau do Estado. «Sei o que quero e para onde vou». Com esta curta frase no meio da desordem política dos partidos, ele singrou. Os homens responsáveis aplaudiram-no e deram-lhe «carta branca» para governar à-vontade»*¹⁶⁷¹. Contudo, mais tarde, houve incompatibilidades políticas entre António de Oliveira Salazar e outras figuras políticas, como foi exemplo o Major David Neto, o Capitão Henrique Galvão, o General Humberto Delgado e o General Raul Esteves: «*A sua política ultra-personalista muito desagradou estes, e outros valores, que o rodeavam»*¹⁶⁷². Neste contexto, Pedro de Freitas salientou que o General Raúl Esteves representou um dos casos excepcionais porque o dito General foi um dos comandantes militares da guarnição de Lisboa que não aderiu ao partido político único designado por

¹⁶⁶⁹ Vieira, Alexandre, “Recordando Uma Figura Moral de Relevo”, Em *Jornal do Barreiro*, Barreiro, 20-07-1950, Em Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, pp. 51-54.

¹⁶⁷⁰ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, pp. 55-62.

¹⁶⁷¹ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 55.

¹⁶⁷² Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 55.

«*União Nacional*»¹⁶⁷³. Na sequência deste episódio, mais uma vez, o autor explanou sobre as consequências nefastas da política, desta vez, Pedro de Freitas reflectiu sobre as desigualdades que existiam entre os que aderiam e os que contrariavam a política Salazarista: «*Enquanto Raúl Esteves Comandou o seu Batalhão e depois Regimento de Sapadores de Caminhos de Ferro, ele foi o «menino bonito» de Salazar, por o ter salvo de ser corrido da cadeira de Ministro da Finanças. Mas... Raúl Esteves deixa o Comando e Salazar ascende a Ministro Presidente do Conselho. Acabaram-se as amizades!*»¹⁶⁷⁴. Neste prisma, o comportamento do General Raúl Esteves motivou uma conspiração contra ele: «*contra sua pessoa e à sua Obra de Militar e de patriota*»¹⁶⁷⁵. Como consequência, a banda filarmónica, fundada por Pedro de Freitas em França, durante a *Primeira Grande Guerra Mundial*, foi a primeira a ser dissolvida; o *Regimento de Sapadores de Caminhos de Ferro* perdeu crédito e passou a ser reclassificado de *Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro*; e o lugar de Raúl Esteves como administrador dos *Caminhos de Ferro Portugueses* (CP) foi usurpado por outra personalidade que aderiu aos intentos da política Salazarista. Enfim, Pedro de Freitas concluiu sobre as vicissitudes da política da época: «*tudo fizeram para que Raúl Esteves pagasse bem caro o seu desprante de não aderir à politiquice da célebre UNIÃO NACIONAL!*»¹⁶⁷⁶.

Ainda que no percurso deste capítulo se verificasse uma postura crítica contra o autoritarismo da política de António de Oliveira Salazar, o autor fez questão de sublinhar previamente que a sua posição primava pela neutralidade política - estratégia

¹⁶⁷³ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 62.

¹⁶⁷⁴ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 61.

¹⁶⁷⁵ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 62.

¹⁶⁷⁶ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 62.

que o autor usou sempre ao longo da sua vida afim de evitar problemas: *«A minha imparcialidade em política impõe-me a obrigação de ser, nesta resenha histórica, o meio termo diante dos dois antagonistas em causa»*¹⁶⁷⁷. Neste sentido, Carlos Monteiro também salientou que houve um cuidado da parte do autor no tratamento das personagens em causa: *«Tem tonalidades suaves ao apresentar as personagens a contracenar com andamentos vigorosos e vibrantes verberando a injustiça, a malsinação e o ódio»*¹⁶⁷⁸.

O livro apresenta ainda um apêndice extra com o título de *«Suplemento»* que comporta vários artigos da autoria de Pedro de Freitas, os quais tinham sido escritos no periódico *O Distrito de Setúbal*¹⁶⁷⁹. Sem embargo, Pedro de Freitas seleccionou-os com um propósito específico: *«Contudo, das muitas centenas que tenho escrito e publicado, os escolhidos a ultimar este trabalho dizem respeito a manifestações sentimentais do seu autor»*¹⁶⁸⁰. Deste modo, mediante o título *«O Homem e a Política»*, Pedro de Freitas continuou a dar ênfase aos problemas que a política impunha na sociedade: *«Deixa de ser amigo do amigo, não conhece hierarquias, não obedece às leis dos outros, é dogmático: só o seu credo e mais nenhum. É filho contra o pai, é atrevido, e é, sem o menor rebuço, a arma mortífera com que liquida o antagonista. Sobrepõe-se às suas belas virtudes de homem de bem para odiar e para matar»*¹⁶⁸¹.

Além disso, neste apêndice, e numa expressão de sentimentalismo face às localidades que impregnaram no autor parte da sua personalidade, Pedro de Freitas também

¹⁶⁷⁷ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 55.

¹⁶⁷⁸ Monteiro, Carlos: “Abertura”, Em Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. VII.

¹⁶⁷⁹ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, pp. 63-92.

¹⁶⁸⁰ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 91.

¹⁶⁸¹ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 69.

apresentou o modo de vida no Barreiro: «*Barreiro – noite e dia*»¹⁶⁸²; e exaltou o Algarve: «*Eu canto o meu Algarve*»¹⁶⁸³. Foi, com efeito, esta forma pessoal do autor descrever as especificidades regionais e comentar os acontecimentos político-sociais que, nas palavras de Carlos Monteiro, veio confirmar a sua veia de «*etnógrafo curioso*» e de «*jornalista firmado*»¹⁶⁸⁴.

A título de conclusão, Pedro de Freitas reflectiu, num discurso politicamente apolítico, sobre as sérias dificuldades nacionais em se dispor de estruturas capazes de zelarem eficazmente em virtude dos interesses do povo e dos objectivos políticos do Estado. Neste prisma, Pedro de Freitas pretendeu que o passado assumisse um estatuto público de ensinamento sobre o presente. Deste modo, ao mostrar conhecimento sobre algumas dinâmicas estratégicas peculiares do fenómeno do nacionalismo, a partir do caso de Portugal, Pedro de Freitas pretendeu mostrar que a virtude estava em tomar os erros do passado como aprendizagens do presente. Assim, dever-se-ia evitar um regime político autoritário tal como o de António de Oliveira Salazar porque as instâncias políticas do poder exploravam o povo em virtude do enriquecimento dos cofres do Estado. Por outro lado, dever-se-ia também evitar um Estado sem critérios de ordem e de justiça sobre o povo, tal como tinha acontecido não só na altura da *Implantação da Primeira República*, a 5 de Outubro de 1910, como, igualmente, aquando da *Revolução do Cravos*, a 25 de Abril de 1974¹⁶⁸⁵.

Enfim, Pedro de Freitas ainda evidenciou uma chamada de atenção à falta de imparcialidade dos políticos e às várias injustiças sociais, incluindo a falta de respeito

¹⁶⁸² Monteiro, Carlos: “Abertura”, Em Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, pp. 65-68.

¹⁶⁸³ Monteiro, Carlos: “Abertura”, Em Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, pp. 87-92.

¹⁶⁸⁴ Monteiro, Carlos: “Abertura”, Em Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. VII.

¹⁶⁸⁵ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, pp. 79-82.

pelo povo trabalhador. Deste modo, e perante um discurso de índole moralista, Pedro de Freitas apontou alguns dos ideais pelos quais a política deveria de estar seriamente comprometida: *«Pacificar, educar, evoluir com educação e disciplina moral e cívica, é obra útil aos sectores da vida social, económica e humana. Se esta meritória política fosse, por todos os partidos, praticada, poder-se-ia atingir a verdadeira felicidade dos Povos. Só assim!»*¹⁶⁸⁶.

¹⁶⁸⁶ Freitas, Pedro de, Páginas históricas do Passado, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1976, p. 82.

~ x ~

A obra literária *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro* foi mais direccionada para uma temática de interesse histórico geral, devido ao carácter heterogéneo e pelo conteúdo de âmbito nacional que caracterizou sobretudo a sua segunda parte. De qualquer modo, quer na primeira parte (mais relacionada com a história local), quer na segunda parte (de contexto histórico geral), o autor frisou mediante uma linguagem de teor nacionalista, e nada imparcial politicamente, uma interacção de interesses entre as massas que constituíam os cidadãos portugueses e as entidades oficiais representativas da nação portuguesa. Aliás, era através desta conjugação de interesses em benefício das massas populares que Pedro de Freitas procurava defender os seus princípios de civismo a favor da unidade nacional. Porém, na segunda obra, intitulada de *Páginas Históricas do Passado*, Pedro de Freitas exprimiu a sua postura crítica face às vicissitudes políticas por ele presenciadas desde a *Implantação da República*, a 5 de Outubro de 1910, até à *Revolução dos Cravos*, a 25 de Abril de 1974. Neste sentido, constatou-se que esta obra estava mais relacionada com o âmbito da historiografia política. Com efeito, o autor revelou a sua tática vantajosa em primar pela imparcialidade política; denunciou os excessos, quer dos revolucionários sindicalistas a favor das massas populares, quer do despotismo da política Salazarista, e, ainda se manifestou incrédulo perante a eficácia do sistema político português. Por isso, Pedro de Freitas foi considerado um apolítico por convicção. Além do mais, através desta obra, Pedro de Freitas contestou criticamente os sistemas de repressão da política do *Estado Novo*, como, também, dos abusos que podem ocorrer face a um desequilíbrio estrutural entre as entidades oficiais do poder e as massas populares que constituem o grosso da população nacional. Por fim, e mediante uma linguagem de teor nacionalista assente em bases populistas, Pedro de Freitas não deixou de mencionar os seus princípios cívicos e éticos que, uma vez mais, conduziavam ao seu ideal de fraternização da nação portuguesa no seio das nações do mundo.

3.1.3. Fases na obra literária de Pedro de Freitas

Depois de se ter estudado a obra literária de Pedro de Freitas por temáticas, tornou-se mais fácil proceder a uma determinação de fases no seio da mesma. De facto, existe uma interligação entre a sua experiência de vida (incluindo a sua evolução como pessoa) e a sua obra literária.

Em primeiro lugar, dada uma certa incompatibilidade entre o intenso labor profissional exercido por Pedro de Freitas (na qualidade de revisor e mais tarde de fiscal dos serviços ferroviários) e a sua árdua tarefa de escritor autobiográfico, comentador crítico no contexto da *Primeira Grande Guerra*, e de historiar contextualmente as bandas filarmónicas a nível nacional (além do seu contributo para minorar o magno problema da decadência da música popular), verificou-se um longo espaço temporal entre a vivência dos acontecimentos e a escrita dos mesmos, incluindo a publicação das obras pretendidas. Como exemplo paradigmático, nomeia-se o caso do livro *As minhas Recordações da Grande Guerra*, o qual tardou seis anos a ser escrito, coincidindo com um período de 1925 a 1932¹⁶⁸⁷. Finalmente, Pedro de Freitas teve os encargos da edição desta obra, que consumiram-lhe mais uns anos, concluindo a edição da mesma no ano de 1935¹⁶⁸⁸.

Sem embargo, as suas experiências no quotidiano e no pós-guerra foram impressas naquela sua obra já referida¹⁶⁸⁹; o seu percurso profissional foi expresso noutra obra¹⁶⁹⁰;

¹⁶⁸⁷ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 11; 205; 409.

¹⁶⁸⁸ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 12.

¹⁶⁸⁹ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935; Freitas, Pedro de, *Em França: trinta anos depois*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1950.

¹⁶⁹⁰ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954.

o seu gosto pelo cultivo da música popular repercutiu-se noutras obras¹⁶⁹¹; as suas viagens deram origem a mais obras¹⁶⁹²; a sua actividade na *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) condicionou a escrita de outras obras¹⁶⁹³; o seu gosto pela história e tradições regionais e locais também colaborou no aparecimento de mais livros¹⁶⁹⁴. Com efeito, a obra *Páginas Históricas do Passado* revelou um progresso na personalidade de Pedro de Freitas, uma vez que ele usou diacronicamente a sua experiência de vida, e, a partir de uma perspectiva crítica, consciencializou-se dos erros do passado e da sua repercussão no presente.

Deste modo, partindo da análise das suas obras literárias, demarcou-se uma primeira fase na escrita de Pedro de Freitas, a qual abrangeu os anos trinta e quarenta do século XX. Esta fase correspondeu a um período de labor e de proficiência. Pedro de Freitas exercia a profissão de revisor, e, posteriormente, de fiscal nos serviços ferroviários. Em simultâneo, Pedro de Freitas dedicava-se à escrita das que seriam as suas primeiras duas obras literárias. Além do mais, este período revelou-se através da publicação de duas obras mestras - dado o excesso trabalho que ambas implicaram em termos de recolha, organização, sistematização da informação, incluindo a perspectiva crítica implicada nessa mesma informação. Por isso, se justifica que ambas as obras (isto é, *As minhas*

¹⁶⁹¹ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946; Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1955.

¹⁶⁹² Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957; Freitas, Pedro de, *Eu fui à Índia*, Barreiro, Pedro de Freitas, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1962; Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961.

¹⁶⁹³ Freitas, Pedro de, *O I Concurso Nacional de Bandas Cívicas – Madeira e Açores Belezas de Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1965; Freitas, Pedro de: “O aprendiz de música é o primeiro escalão do filarmónico”, Em *Colóquio sobre Música Popular Portuguesa - comunicações e conclusões*, Lisboa, Instituto Nacional para Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores, Tipografia Freitas Brito, 1984, pp. 89-91.

¹⁶⁹⁴ Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973; Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1976; Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo, Loulé*, Câmara Municipal de Loulé, 1.ª (ed.) 1964, 2.ª (ed.) 1980, 3.ª (ed.) 1991.

Recordações da Grande Guerra e História da Música Popular em Portugal) tenham sido publicadas a uma distância de mais de dez anos entre si¹⁶⁹⁵.

A segunda fase da obra literária de Pedro de Freitas coincidiu com a altura em que Pedro de Freitas passou a estar aposentado na profissão de ferroviário. Com efeito, este período não deixou de ser fecundo em termos de actividades e de experiências de vida¹⁶⁹⁶. Este período correspondeu dos anos cinquenta até finais dos anos sessenta do XX. Neste período, Pedro de Freitas teve a oportunidade de dispor do seu tempo livre e dedicar-se a participar em eventos musicais; a viajar; e a escrever sobre as suas memórias biográficas, sobre as suas aprendizagens de vida, as suas lutas, o seu bairrismo, e o seu papel no *I Grande Concurso Nacional de Bandas Filarmónicas*¹⁶⁹⁷.

O último período, analisado na obra literária de Pedro de Freitas, apresentou-se depois dos anos setenta até meados dos anos oitenta do século XX, no qual o autor manifestou várias atitudes relacionadas com uma relação diacrónica, reflexiva e meditativa para com o passado histórico, procurando que a sua sabedoria transcorresse numa interacção de um passado para um presente e vice-verso, em direcção a um conceito de utilidade

¹⁶⁹⁵ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946.

¹⁶⁹⁶ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 132.

¹⁶⁹⁷ Freitas, Pedro de, *Em França: trinta anos depois*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1950; Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954; Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal "O Distrito de Setúbal", 1955; Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957; Freitas, Pedro de, *José de Freitas no centenário do seu nascimento*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Fausto Sebastião de Freitas (ed.), 1958; Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961; Freitas, Pedro de, *Eu fui à Índia*, Barreiro, Pedro de Freitas, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1962; Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo, Loulé*, Câmara Municipal de Loulé, 1.^a (ed.) 1964, Freitas, Pedro de, *O I Concurso Nacional de Bandas Cívicas – Madeira e Açores Belezas de Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1965.

atemporal¹⁶⁹⁸. Porém, este período também envolveu um interesse na recuperação de artigos, de memórias e de propósitos¹⁶⁹⁹.

~ × ~

Depois de se estudar a obra literária de Pedro de Freitas por temáticas determinou-se fases no seio da mesma, e decidiu-se por uma divisão em três grandes períodos. O primeiro período correspondeu aos anos trinta e quarenta do século XX, o qual, ao corresponder aos seus tempos de maior vigor e energia, foi um período dotado de proficiência. Neste período, apresentou-se o trabalho que as suas duas obras mestras (*As minhas Recordações da Grande Guerra* e *História da Música Popular em Portugal*) implicaram, incluindo a conjugação da função de escritor com a sua profissão de revisor/fiscal dos serviços ferroviários.

A segunda fase da obra literária de Pedro de Freitas correspondeu aos anos cinquenta e sessenta do século XX. Desta fase resultaram nove livros escritos e publicados, o que correspondeu à fase em que Pedro de Freitas apresentou um maior número de publicações, uma vez que Pedro de Freitas estava aposentado da profissão dos caminhos de ferro e podia dedicar-se a viajar e a participar em eventos musicais. Neste período, Pedro de Freitas descreveu memórias biográficas, lutas e aprendizagens resultantes das suas experiências de vida, sendo de nomear os seguintes livros: *Em França: trinta anos*

¹⁶⁹⁸ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1976; Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978.

¹⁶⁹⁹ Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973; Freitas, Pedro de, *Na primeira grande guerra, 1914-1918: um poeta setubalense Vicente José da Silva Penim*, Setúbal, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1977; Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979; Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 2.^a (ed.) 1980; Freitas, Pedro de, *Versos de Pedro de Freitas (Espontâneos e sem regras académicas) 1965/1982*, Barreiro, Livro Manuscrito, 1982; Freitas, Pedro de, “O aprendiz de música é o primeiro escalão do filarmónico”, Em *Colóquio sobre Música Popular Portuguesa - comunicações e conclusões*, Lisboa, Instituto Nacional para Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores, Tipografia Freitas Brito, 1984, pp. 89-91.

depois; Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc; É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição; Brisas de Espanha: crónicas; José de Freitas no centenário do seu nascimento; Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958; Eu fui à Índia; Quadros de Loulé Antigo (1.ª ed.); O I Concurso Nacional de Bandas Cívicas – Madeira e Açores Belezas de Portugal.

A última fase da obra literária de Pedro de Freitas correspondeu dos anos setenta até meados dos anos oitenta do século XX, sendo a fase mais reflexiva e meditativa da sua vida, peculiar de quem já tinha passado por uma vida cheia de actividades e que, finalmente, encontrava-se numa fase de recuperação de algumas obras de imprensa periódica; de registo de memórias e homenagens; e, sobretudo, de reflexões e conclusões acerca da vida e da própria existência humana. Neste período podem-se nomear os seguintes livros: *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro; Páginas históricas do Passado; Na primeira grande guerra, 1914-1918: um poeta setubalense Vicente José da Silva Penim; O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos); A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978); Quadros de Loulé Antigo (2.ª ed.); Versos de Pedro de Freitas (Espontâneos e sem regras académicas) 1965/1982; e “O aprendiz de música é o primeiro escalão do filarmónico”, Em Colóquio sobre Música Popular Portuguesa - comunicações e conclusões.*

3.2. Uma análise baseada em artigos de periódicos

O escritor barreirense João Liberal escreveu sobre a diversidade de jornais regionais, a quantidade de artigos, e a variedade de assuntos que Pedro de Freitas abrangeu ao longo da sua escrita jornalística: «*Pedro de Freitas foi mais longe: entrou na área do jornalismo. No mais puro amadorismo, escreveu centenas e centenas de artigos para jornais regionalistas. Desde a crónica ao artigo passando pela reportagem, da sua caneta saiu um pouco de tudo. De entre os periódicos a que deu colaboração, e foram inúmeros, destaco o “Jornal do Barreiro”, que mantém um lugar respeitável no contexto da comunicação social regional*»¹⁷⁰⁰.

Com efeito, a necessidade de se atestar sobre esta diversidade e quantidade de artigos de imprensa periódica publicados por Pedro de Freitas exigiu um extenuado trabalho de recolha. Neste prisma, salienta-se que muitos dos artigos recolhidos que constaram desta análise foram encontrados no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*. No entanto, outros artigos recolhidos resultaram de outras pesquisas efectuadas noutros Arquivos e Bibliotecas, tais como: *Biblioteca Municipal de Tavira; Biblioteca Municipal do Barreiro; Arquivo Distrital de Faro; Biblioteca Pública de Évora; Biblioteca Nacional de Lisboa; Biblioteca Pública e Arquivo Municipal de Cartaya*.

Além do mais, o número de artigos encontrados (apresentados no ponto **7.3. Quadro de Temas e Assuntos**, em Anexos) resultou de várias pesquisas que, apesar das pretensões de se abranger todo o acervo jornalístico de Pedro de Freitas que fora publicado, essas

¹⁷⁰⁰ Liberal, João, *Da Minha Terra*, Vol. II, Barreiro, Câmara Municipal do Barreiro, 1996, p. 129.

pesquisas foram condicionadas pelas limitações temporais e físicas implicadas no processo da recolha. Assim, apresentaram-se os resultados consoante a recolha dos artigos de Pedro de Freitas, os quais foram publicados em diversos periódicos ao longo da sua vida. Deste modo, a listagem de periódicos representada no **Quadro 1 – Periódicos e respectivas Localidades** permite observar não só a diversidade de periódicos mas também a abrangência geográfica dos mesmos, referenciando as respectivas localidades.

Quadro 1 – Periódicos e respectivas Localidades

Periódicos	Localidades
A Avezinha	Paderne
A Época	Lisboa
A Federação Recreativa (N.º especial)	Lisboa
A Incrível	Montijo/Almada
A Nossa Terra	Cascais
A Previdência	Porto
A Província	Montijo
A Voz de Loulé	Loulé
A Voz de Palmela	Palmela
A Voz do Barreiro	Barreiro
A Voz dos Combatentes	Lisboa
A Voz Portalegrense	Portalegre
Alma Algarvia	Loulé
Arte Musical	Lisboa
Boletim Asproca	Loulé
Boletim da C.P.	Lisboa
Cartaya	Cartaya (Espanha)
Catavento	Lisboa
Cidadela	Lisboa
Combatente	Lisboa
Comércio do Funchal	Funchal
Correio do Sul	Faro
Diário de Notícias	Lisboa
Diário do Alentejo	Beja
Diário Popular	Lisboa
Feria Y Fiestas Cartaya	Isla Cristina (Espanha)
Folha de Alte	Alte
Gazeta do Sul	Montijo
Gazeta dos Caminhos de Ferro	Lisboa

continuação

Periódicos	Localidades
Gente da Guerra	Coimbra
Heraldo	Pangim
Humanitária	(Índia_Portuguesa)
Jornal de Almada	Palmela
Jornal de Cambra	Almada
Jornal de Coimbra	Vale de Cambra
Jornal de Estarreja	Coimbra
Jornal de Felgueiras	Estarreja
Jornal de Moura	Felgueiras
Jornal de Sintra	Moura
Jornal de Viseu	Sintra
	Viseu
Jornal do Algarve	Vila Real de Santo António
Jornal do Barreiro	Barreiro
Jornal do Exército	Lisboa
La Higuierita	Isla Cristina (Espanha)
Notícias de Pombal	Pombal
Notícias de Vouzela	Vouzela
O Algarve	Faro
O Almanaque do Algarve	Barreiro
O Barreiro	Barreiro
O Comércio de Guimarães	Guimarães
O Distrito de Setúbal	Setúbal
O Eco de Estremoz	Estremoz
O Francês	Barreiro
O Louletano	Loulé
O Penicheiro	Barreiro
O Primeiro de Maio	Loulé
O Progresso	Loulé
O Século	Lisboa
O Setubalense	Setúbal
O Sul e Sueste	Barreiro
Povo Algarvio	Tavira
Viajem Revista de Turismo	Lisboa
Vida Ferroviária	Barreiro
Vida Ribatejana	Vila Franca de Xira
Vítimas da Guerra	<i>Sem localidade</i>
Voz do Tejo	Almada

Fonte: A Própria

Por sua vez, a partir do **Gráfico 1 – Artigos de Pedro de Freitas ao longo dos anos** observou-se a amplitude da vida jornalística de Pedro de Freitas e os picos mais e menos activos dessa actividade. Deste modo, Pedro de Freitas iniciou a escrita na imprensa periódica em 1917 e terminou em 1986. Os anos consecutivos de maior produtividade na sua escrita jornalística concentraram-se sobretudo entre 1946 e 1960, totalizando 293 artigos publicados neste período. Neste sentido, o pico mais alto coincidiu com o ano de 1959 com o total de 30 artigos publicados, seguindo-se o ano de 1960 com 25 artigos publicados, ambos incluíram a temática de interesse monográfico escrita na imprensa periódica sob o título *Quadros de Loulé Antigo*¹⁷⁰¹. Porém, houve uma quebra na sua produção nos anos de 1951 e 1952. De facto, estes anos coincidiram com a decisão de Pedro de Freitas em tomar parte activa na organização do Carnaval de Loulé, através da ajuda de algumas entidades oficiais¹⁷⁰². Além disso, de 1948 a 1952, Pedro de Freitas também tinha empreendido efectivar um conjunto de viagens à Espanha, por sua conta e risco, cujo objectivo era não só redigir artigos sobre as suas viagens à Espanha como também escrever o livro *Brisas de Espanha: crónicas*¹⁷⁰³.

¹⁷⁰¹ Ver 7.3. Quadros de Temas e Assuntos, em Anexos. Freitas, Pedro de, “Quadros de Loulé Antigo 1”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 07-12-1958 até Freitas, Pedro de, “Quadros de Loulé Antigo 37”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 25-12-1960.

¹⁷⁰² Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, p. 177.

¹⁷⁰³ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, p. 161.

Outros picos visíveis ao longo da actividade jornalística de Pedro de Freitas foram:

- No ano de 1926, com 7 artigos publicados, os quais foram especialmente dedicados à necessidade que um desvio do caminho de ferro passasse por Loulé (dentro da vila) e à importância do Sindicato Ferroviário¹⁷⁰⁴.
- No ano de 1936, com 22 artigos publicados, os quais foram especialmente dedicados à história da *Banda do Batalhão dos Sapadores dos Caminhos de Ferro* e a algumas reivindicações relacionadas com o pós-guerra¹⁷⁰⁵.
- No ano de 1939, com 16 artigos publicados, e especialmente dedicados à importância dos caminhos de ferro e ao seu pesar em relação aos malefícios da *Primeira Grande Guerra*¹⁷⁰⁶.
- No ano de 1963 e de 1968 com 14 artigos publicados respectivamente. No ano de 1963, Pedro de Freitas escreveu temas diversificados dedicados às suas viagens e memórias biográficas¹⁷⁰⁷; enquanto no ano de 1968, Pedro de Freitas escreveu assuntos diversificados relacionados, por exemplo, com a história da banda filarmónica *União Marçal Pacheco* e com memórias funebres¹⁷⁰⁸.
- Em 1975 com 16 artigos publicados sobre diversos assuntos, salientando-se o artigo onde Pedro de Freitas revelou que tinha tido uma vida cheia de lutas e

¹⁷⁰⁴ Freitas, Pedro de, “O Ramal da Estação de Loulé a S. Braz de Alportel e o Pretenso Desvio”, Em *O Sul e Sueste*, Barreiro, 20-12-1926; Freitas, Pedro de, “Pelo Sindicato Ferroviário - Mais Um Ano”, Em *O Sul e Sueste*, Barreiro, 21-11-1926.

¹⁷⁰⁵ Freitas, Pedro de, “Como nasceu a Banda de Sapadores de Caminhos de Ferro”, Em *Arte Musical*, Lisboa, 20-02-1936; Freitas, Pedro de, “Pensões de Sangue”, Em *A Voz dos Combatentes*, Lisboa, 21-03-1936.

¹⁷⁰⁶ Freitas, Pedro de, “Portalegre insiste, Reclama, Loulé estaciona, cala-se”, Em *Vida Ferroviária*, Barreiro, 01-12-1939; Freitas, Pedro de, “O Armistício 1918-1939”, Em *O Louletano*, Loulé, 16-11-1939.

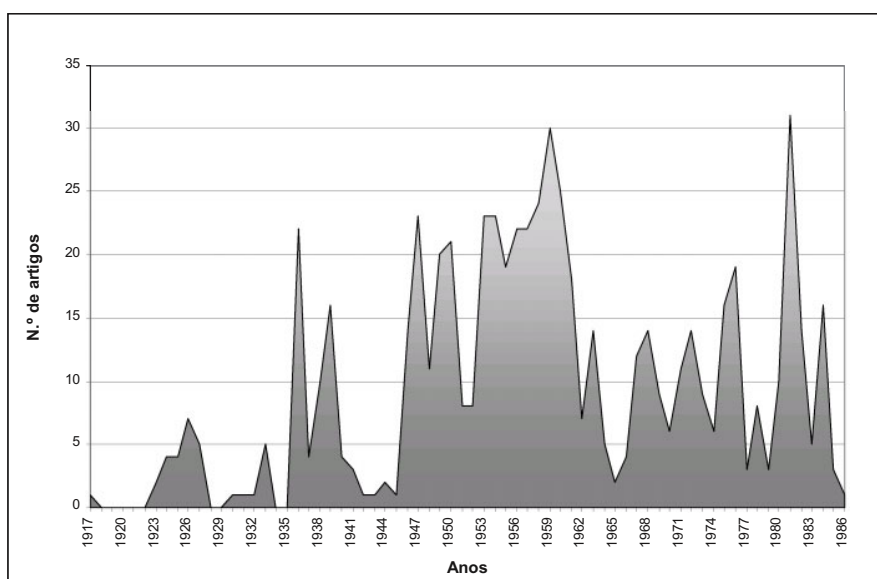
¹⁷⁰⁷ Freitas, Pedro de, “Em pleno mar dos Açores A bordo do navio fala-se do ALGARVE e do Carnaval de LOULÉ”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 06-01-1963; Freitas, Pedro de, “Há vinte e cinco anos! (1938-1963) O Batalhão de Sapadores de Caminho de Ferro visitou Loulé”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 21-04-1963.

¹⁷⁰⁸ Freitas, Pedro de, “Há cento e doze anos (1-5-1856 - 1-5-1968)”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 16-04-1968; Freitas, Pedro de, “Julião Quintinha - um mestre de jornalismo”, Em *Diário do Alentejo*, Beja, 26-07-1968.

de benefícios. Porém, sentindo-se idoso e cansado, justificava que estava na hora de parar com as suas actividades diárias¹⁷⁰⁹.

- Em 1976 com 19 artigos publicados, destacando-se as recordações biográficas e as homenagens a figuras ilustres¹⁷¹⁰.
- Em 1981 com 31 artigos publicados que corresponderiam ao pico máximo da produtividade jornalística de Pedro de Freitas, cuja temática principal se relacionava com as suas aprendizagens ao longo da vida, as quais seriam sequenciadas no ano posterior¹⁷¹¹.
- Finalmente, em 1982 com 14 artigos publicados e enfocados especialmente em reflexões e aprendizagens através das suas experiências biográficas¹⁷¹².

Gráfico 1 – Artigos de Pedro de Freitas ao longo dos anos



¹⁷⁰⁹ Freitas, Pedro de, “A Velhice despede-se do Trabalho”, Em *Correio do Sul*, Faro, 29-05-1975.

¹⁷¹⁰ Freitas, Pedro de, “Dos contos da minha avó Justiça branda Povo rebelde”, Em *Correio do Sul*, Faro, 01-04-1976; Freitas, Pedro de, “À Distinta Artista D. Maria Campina”, Em *Correio do Sul*, Faro, 15-01-1976.

¹⁷¹¹ Freitas, Pedro de, “Coisas que acontecem II”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 25-08-1981.

¹⁷¹² Freitas, Pedro de, “Coisas que acontecem VIII”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 09-02-1982.

A partir de um estudo aturado sobre o tema e o assunto de cada um dos 648 artigos da autoria de Pedro de Freitas, tal como é possível verificar no ponto **7.3. Quadro de Temas e Assuntos**, em Anexos, procedeu-se a uma classificação segundo as preocupações mais notórias da sua escrita jornalística.

O **Quadro 2 (Grandes Temas em números e em percentagens)** reflecte os principais temas que foram abordados na escrita periódica da autoria de Pedro de Freitas:

- O grande tema do **Bairrismo** – [B] sempre que Pedro de Freitas se assumiu na qualidade de publicista das especificidades regionais ou como defensor dos interesses do Algarve, mais especificamente da sua terra natal, Loulé.
- O grande tema do **Associativismo** – [A] enquanto luta da parte de Pedro de Freitas para que fossem garantidas boas condições existenciais às bandas filarmónicas ou aos trabalhadores ferroviários.
- O grande tema da **Guerra** – [G] sempre que Pedro de Freitas se referiu à *Primeira Grande Guerra Mundial* (1914-1918) ou a assuntos a ela alusivos.
- O grande tema das **Biografias** – [X] quando o autor descreveu retratos biográficos ou auto-biográficos.
- O grande tema das **Viagens** – [V] sempre que Pedro de Freitas relatou impressões e descrições sobre as suas viagens.
- O grande tema da **Sociedade** – [S] quando Pedro de Freitas assumiu o papel de crítico da sociedade ou dos costumes sociais.
- Finalmente, a parte menos relevante foi a concernente a **Outros assuntos** – [O] quando Pedro de Freitas fez referência a assuntos diversos não abrangidos pelas temáticas anteriores.

Quadro 2 – Grandes Temas em números e em percentagens

	Temas	N.º	%
B*	Bairrismo	113	17.4
A*	Associativismo	247	38.1
G*	Guerra	75	11.6
X*	Biografias	105	16.2
V	Viagens	49	7.6
S	Sociedade	49	7.6
O	Outros	10	1.5
	Total	648	100.0

Fonte: A Própria

O **Gráfico 2 (Grandes Temas em números)** apresenta visualmente os grandes temas por números de artigos, enquanto que o **Gráfico 3 (Grandes Temas em percentagens)** faz uma referência visual às suas respectivas percentagens, os quais apresentam os seguintes resultados:

- Salienta-se que do total dos 648 artigos recolhidos (da autoria de Pedro de Freitas), o tema mais dominante da sua escrita jornalística foi o **Associativismo** com o total de 247 artigos que correspondeu a 38,1%.
- Seguiu-se a temática do **Bairrismo** com um total de 113 artigos que representou 17,4%.
- A temática das **Biografias** com um total de 105 artigos que correspondeu a 16,2%.
- A temática da **Guerra** apresentou um total de 75 artigos, ou seja, 11,6%.
- Sobre a temática das **Viagens** e a temática da **Sociedade** Pedro de Freitas escreveu o mesmo número de artigos, 49 ou seja 7,6% respectivamente.
- Finalmente, para **Outros assuntos** Pedro de Freitas dedicou 10 artigos que corresponderam a 1,5%.

Gráfico 2 – Grandes Temas em números

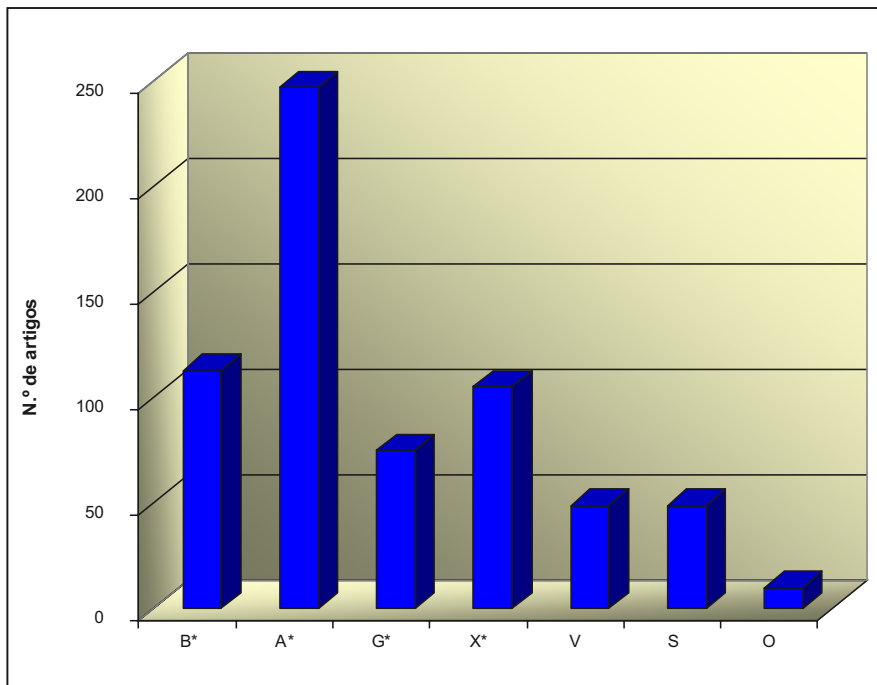
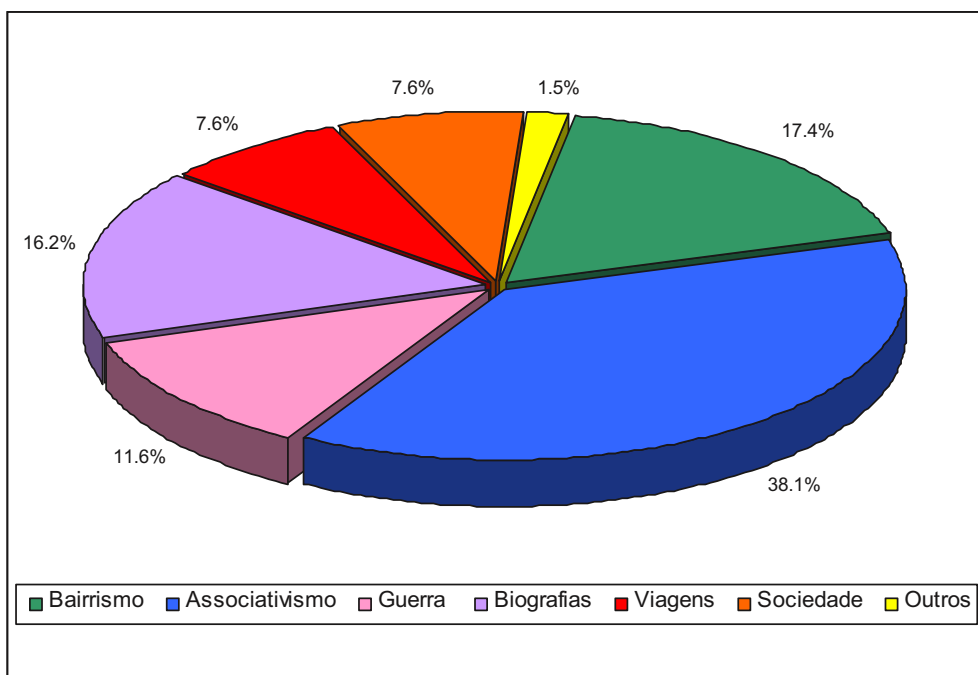


Gráfico 3 – Grandes Temas em percentagens



Os **Quadros 3 e 4**, intitulados **Os Top 5 Periódicos e os Grandes Temas**, apresentam os cinco periódicos com o maior número de artigos publicados pela escrita jornalística de Pedro de Freitas e a sua relação com as principais temáticas anteriormente referidas (quer em números, quer em percentagens).

Nestes cinco periódicos foram escritos 429 artigos, os quais, comparativamente com o total dos 648 artigos escritos por Pedro de Freitas, representaram 66,2%. Relativamente às temáticas mais utilizadas constatou-se que o **Associativismo** seguido do **Bairrismo** foram aquelas que Pedro de Freitas mais se dedicou nos seus escritos, isto é, com 140 e 97 artigos respectivamente; por sua vez, na temática das **Biografias** recolheram-se 71 artigos, e na temática da **Guerra** 51.

Na sequência da análise dos **Quadros 3 e 4 (Os Top 5 Periódicos e os Grandes Temas)** procedeu-se à ventilação por tipo de periódico, observando-se os seguintes resultados:

- Um predomínio de artigos publicados no *Povo Algarvio*, com um total de 128 artigos. Neste prisma, o tema mais numeroso foi o **Bairrismo** com 39 artigos (30,5%), seguindo-se, com um número muito aproximado, o tema do **Associativismo** com 38 artigos (29,7%), e em terceiro lugar a temática das **Viagens** apresentou 19 artigos publicados (14,8%). Aliás, estes números publicados no *Povo Algarvio* corresponderam ao maior montante de artigos escritos sobre as temáticas do Bairrismo e das Viagens, de acordo com os top cinco periódicos apurados.
- *O Distrito de Setúbal* foi o segundo periódico mais utilizado na escrita jornalística de Pedro de Freitas, o qual apresentou um número total de 116 artigos. Neste periódico a temática mais usada correspondeu à do

Associativismo. Com efeito, este periódico (*O Distrito de Setúbal*) contribuiu com o maior montante de artigos escritos sobre a temática do **Associativismo**, isto é, 71 artigos (61,2%); sobre a temática da **Guerra** apresentou 17 artigos (14,7%); e sobre a temática da **Sociedade** contaram-se 9 artigos (7,8%), de acordo com os top cinco periódicos apurados.

- O terceiro dos top cinco foi *A Voz de Loulé*, no qual Pedro de Freitas escreveu 97 artigos, dos quais dedicou 31 artigos (32,0%) à temática do **Bairrismo** e o mesmo número à temática das **Biografias**; seguindo-se 19 artigos (19,6%) dedicados à temática do **Associativismo**. Aliás, foi este periódico *A Voz de Loulé* que obteve o maior montante de artigos escritos sobre a temática das Biografias, de acordo com os top cinco periódicos apurados.
- O quarto periódico mais solicitado pela escrita jornalística de Pedro de Freitas foi *O Algarve* com um total de 49 artigos, destes, salientam-se 19 artigos (38,8%) dedicados à temática do **Bairrismo** e 8 artigos (16,3%) concernentes ao **Associativismo**.
- Por último, e em quinto lugar dos top cinco periódicos mais solicitados por Pedro de Freitas foi o *Correio do Sul*. Neste periódico Pedro de Freitas publicou 39 artigos, dos quais 11 artigos (28,2%) foram dedicados à temática da **Guerra** e 7 artigos (17,9%) foram dedicados tanto à temática do **Bairrismo** como à temática das **Biografias**.

Quadro 3 – Os Top 5 Periódicos e os Grandes Temas (em números)

Unid: N.º

Ordem	Jornais	N.º total de artigos	B*	A*	G*	X*	V	S	O
1	Povo Algarvio	128	39	38	11	14	19	5	2
2	O Distrito de Setúbal	116	1	71	17	12	3	9	3
3	A Voz de Loulé	97	31	19	6	31	5	5	0
4	O Algarve	49	19	8	6	7	1	8	0
5	Correio do Sul	39	7	4	11	7	5	3	2
Total		429	97	140	51	71	33	30	7

Fonte: A Própria

Quadro 4 – Os Top 5 Periódicos e os Grandes Temas (em percentagens)

Unid: %

Ordem	Jornais	N.º total de artigos	B*	A*	G*	X*	V	S	O
1	Povo Algarvio	128	30.5	29.7	8.6	10.9	14.8	3.9	1.6
2	O Distrito de Setúbal	116	0.9	61.2	14.7	10.3	2.6	7.8	2.6
3	A Voz de Loulé	97	32.0	19.6	6.2	32.0	5.2	5.2	0.0
4	O Algarve	49	38.8	16.3	12.2	14.3	2.0	16.3	0.0
5	Correio do Sul	39	17.9	10.3	28.2	17.9	12.8	7.7	5.1

Fonte: A Própria

Uma vez que, de acordo com o total dos periódicos escritos por Pedro de Freitas, o tema do **Associativismo** foi o mais representativo na sua escrita jornalística, este tema será estudado com maior detalhe. O **Quadro 5**, intitulado por **O Associativismo por Subtemas (em números e percentagens)**, apresenta a grande temática do Associativismo dividida em dois subtemas - o **Associativismo Sindicalista** e o **Associativismo Musical**.

O **Associativismo Sindicalista [AS]** deixa transparecer uma luta de Pedro de Freitas em prol dos interesses sindicais relacionados com a profissão ferroviária, tal como é exemplo o artigo “Pelo Sindicato Ferroviário - Mais Um Ano”, Em *O Sul e Sueste*, Barreiro, 21-11-1926. No entanto, Pedro de Freitas dedicou apenas 13 artigos ao **Associativismo Sindicalista**, os quais corresponderam a 5,3% do total no âmbito do Associativismo.

Por sua vez, o **Associativismo Musical [AM]** relaciona-se com o movimento filarmónico, o qual acentuou-se sobremaneira. Relativamente a este tema, Pedro de Freitas escreveu 234 artigos que corresponderam a 94,7% do total no âmbito da temática do Associativismo.

Dada a relevância numérica do **Associativismo Musical** foi possível apresentá-lo subdividido em quatro subtemas:

- Quando o Associativismo Musical apareceu relacionado com uma tipologia de problemas e/ou possíveis soluções foi designado de **Associativismo Musical Problemas e Soluções [AMPS]**. Assim, através deste subtema

Pedro de Freitas apresentou, por exemplo, os problemas e as possíveis soluções para a manutenção de uma moderna *Sociedade de Recreio e Arte* em Loulé; promoveu ideias para dar mais dignidade à *Sociedade Musical Tavirense*; ou sugeriu soluções para manter e solidificar a existência das bandas filarmónicas locais, tal como foi o caso, respectivamente, dos artigos que se seguem: “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 25-08-1938; “Ambiente Musical Tavirense”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 27-07-1947; e, “Temas Musicais”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 04-07-1948.

- Quando o Associativismo Musical apareceu associado a trabalhos de investigação relacionados com o âmbito musical, os artigos de Pedro de Freitas foram classificados segundo o **Associativismo Musical Investigação [AMI]**. Neste subtema, Pedro de Freitas fundamentou, por exemplo, que as bandas de música civis eram oriundas das bandas militares; ou investigou sobre a origem do *Batalhão de Sapadores de Caminho de Ferro*; ou ainda investigou sobre a fundação da *Sociedade Filarmónica União Marçal Pacheco* (popularmente designada de *Música Velha*), tal como corresponderam, respectivamente, os seguintes jornais de imprensa periódica: “Elementos Históricos sobre a Música Popular no Algarve (II)”, Em *Jornal do Algarve*, Vila Real de Santo António, 27-04-1957; “Pequena História duma Banda Militar”, *Diário Popular*, Lisboa, 12-04-1964; e, “Loulé e a sua banda de Música”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 11-05-1958.
- Quando o Associativismo Musical apareceu relacionado com a educação foi designado por **Associativismo Musical componente Educacional [AME]**. Neste subtema Pedro de Freitas expressou, por exemplo, sobre a importância da música popular para o progresso da sociedade ou manifestou-se contra uma

reforma imposta às sete notas de música, tal como corresponderam respectivamente os seguintes jornais de imprensa periódica: “Pelo Progresso da Música Louletana (II)”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 16-01-1927; ou “A Música popular, parte integrante da Nação (1.ª Parte)”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 21-08-1949; e, por último, “Em redor de uma pretensa reforma musical”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 27-09-1953.

- Quando o Associativismo Musical relacionou-se com uma intenção crítica foi denominado por **Associativismo Musical Crítica [AMC]**. Neste subtema Pedro de Freitas apreciou, por exemplo, a execução da filarmónica *Humanitária*; ou discordou da não aderência dos antigos filarmónicos numa festa musical. Estes dois exemplos apareceram respectivamente nos seguintes artigos de imprensa periódica: “Na Voz do Operário – Concurso de Bandas Cívicas”, Em *O Algarve*, Faro, 21-12-1947; e, “No Campo Musical Uma ideia que não vingou”, Em *O Barreiro*; Barreiro, 28-11-1940.

Quadro 5 – O Associativismo por Subtemas (em números e percentagens)

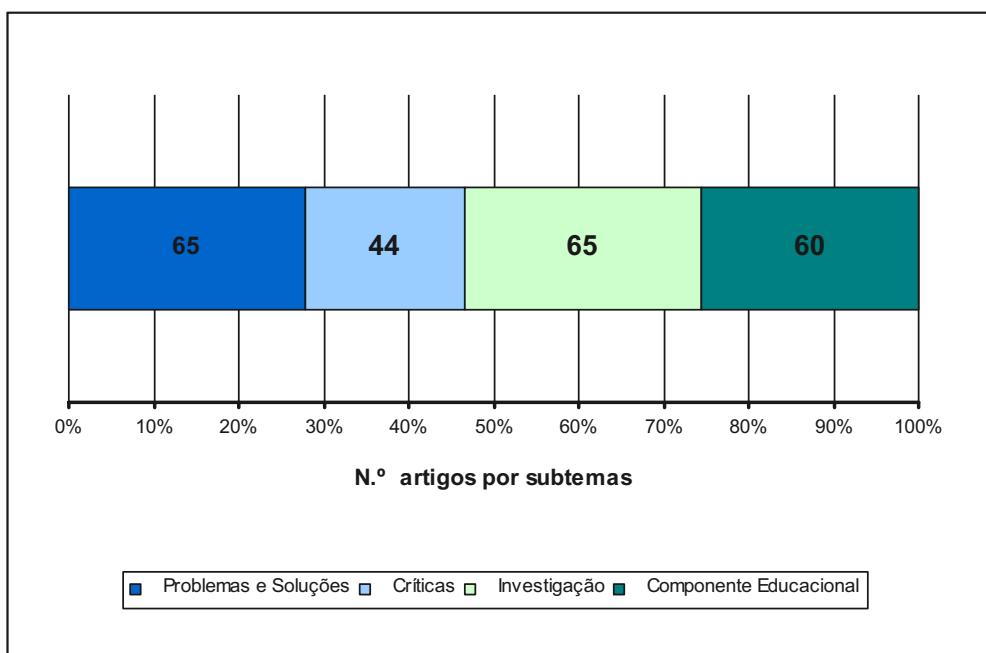
		N.º	%
AS	Associativismo Sindical	13	5.3
AM*	Associativismo Musical	234	94.7
AMPS	Problemas e Soluções	65	26.3
AMC	Críticas	44	17.8
AMI	Investigação	65	26.3
AME	Componente Educacional	60	24.3
A*	Associativismo	247	100.0

Fonte: A Própria

O **Quadro 5** e o **Gráfico 4**, designados por **O Associativismo Musical por Subtemas (em números e percentagens)**, demonstraram os seguintes resultados:

- Na componente do **Associativismo Musical** destacou-se em igual número e percentagem o **Associativismo Musical Investigação [AMI]** e o **Associativismo Musical Problemas e Soluções [AMPS]**, com 65 artigos, isto é, 26,3% respectivamente.
- Seguiu-se o **Associativismo Musical componente Educacional [AME]** com 60 artigos, ou seja 24,3%.
- Em número menor o **Associativismo Musical Crítica [AMC]** revelou que os 44 artigos corresponderam a 17,8% do âmbito relacionado com o Associativismo Musical.

Gráfico 4 – Associativismo Musical por Subtemas (em números e percentagens)



Os artigos de Pedro de Freitas relacionados com o âmbito do **Associativismo Musical** abrangeram inúmeras localidades portuguesas. Por isso, optou-se por um estudo de análise geográfica. Desta forma, procedeu-se a uma agregação geográfica do número destes escritos por NUTS II, isto é, tendo em conta a localização geográfica das localidades de acordo com essas unidades territoriais.

Com efeito, o **Quadro 6** intitulado **O Associativismo Musical por Subtemas e NUTS II** serviu de exemplo à associação das subtemáticas do Associativismo Musical com as zonas geográficas por NUTS nível II de Portugal. Deste modo, foi possível analisar os seguintes resultados:

- No âmbito do **Associativismo Musical Investigação [AMI]** 29 artigos incidiram sobre Lisboa enquanto 18 artigos relacionaram-se com a zona do Algarve.
- No âmbito do **Associativismo Musical Problemas e Soluções [AMPS]** o maior número de artigos, isto é, 30 artigos, foram referentes à zona do Algarve e os outros 10 a Lisboa.
- Relativamente ao **Associativismo Musical Componente Educacional [AME]** encontraram-se 12 artigos referentes a Lisboa e 11 dedicados à zona do Algarve.
- Finalmente, no âmbito do **Associativismo Musical Crítica [AMC]** encontraram-se 16 artigos que abrangeram Lisboa e 11 a região do Algarve.

Conclui-se, então, que as localidades do Algarve (com 70 artigos) e as de Lisboa (com 67 artigos) foram as mais contempladas no domínio do Associativismo Musical. Deste modo, salienta-se a região do Algarve com 30 artigos no âmbito do **Associativismo Musical Problemas e Soluções [AMPS]**, e a zona de Lisboa com 29 artigos contemplou essencialmente a subtemática do **Associativismo Musical Investigação [AMI]**.

Finalmente, ainda na sequência da análise do **Quadro 7 (O Associativismo Musical por Subtemas e NUTS II)**, compararam-se os artigos dedicados a Portugal (em número de 211) com os que fizeram referência ao estrangeiro (em número de 23):

- A nível nacional, Pedro de Freitas direccionou a sua preocupação no âmbito do **Associativismo Musical Problemas e Soluções [AMPS]** e no domínio do **Associativismo Musical Investigação [AMI]**, expressos respectivamente por 64 e 61 artigos publicados.
- Sem embargo, relativamente ao estrangeiro, a escrita jornalística de Pedro de Freitas também se debruçou sobre o **Associativismo Musical Investigação [AMI]** com um total de 4 artigos escritos. Porém, neste âmbito transnacional, Pedro de Freitas direccionou uma preocupação mais evidente na subtemática relacionada com o **Associativismo Musical componente Educacional [AME]**, com um total de 16 artigos.

Quadro 6 – O Associativismo Musical por Subtemas e NUTS II ¹⁷¹³ (em números)

Unid: N.º

Desagregação Geográfica	AMPS	AMC	AMI	AME	AM*
Norte	0	1	1	1	3
Centro	1	1	0	0	2
Lisboa	10	16	29	12	67
Alentejo	0	2	1	0	3
Algarve	30	11	18	11	70
Açores e Madeira	0	3	0	1	4
Portugal (Contextualização geral)	23	8	12	19	62
Portugal (Total)	64	42	61	44	211
Estrangeiro	1	2	4	16	23
Total	65	44	65	60	234

Fonte: A Própria

¹⁷¹³ As NUTS (Nomenclatura das Unidades Territoriais para fins Estatísticos) designam as regiões e subregiões estatísticas em que se divide o território dos países da União Europeia, incluindo Portugal. As NUTS estão subdivididas em 3 níveis: NUTS I, NUTS II e NUTS III. Em Portugal há 3 NUTS I, subdivididas em 7 NUTS II, as quais se subdividem em 28 NUTS III, de acordo com o Decreto-Lei n.º 244/2002, de 5 de Novembro, que altera o Decreto-Lei n.º 46/89, de 15 de Fevereiro.

O tema do **Bairrismo [B]** foi uma outra das temáticas relevantes na escrita jornalística de Pedro de Freitas, daí que os artigos conotados com esta temática tenham sido especificamente classificados por localidades.

Assim, o **Quadro 7 (O Bairrismo na Região do Algarve)** indicou os seguintes resultados:

- O maior número de artigos publicados foi dedicado à sua terra natal Loulé, incluindo um número de 79, ou seja, 69,9% dos artigos escritos sobre o bairrismo, por isso, os mesmos foram designados por **Bairrismo Loulé [B*L]**.
- Seguiram-se os artigos escritos por Pedro de Freitas em relação a outras localidades pertencentes à região do Algarve (exceptuando Loulé e Faro), com um total de 22 artigos, ou seja, 19,5% dos artigos sobre o âmbito do bairrismo, os quais foram classificados de **Bairrismo Algarve [B*AL]**.
- Finalmente, relativamente à cidade de Faro, onde Pedro de Freitas viveu alguns anos, foram dedicados 12 artigos, ou seja, 10,6% do total sobre o bairrismo, os quais foram designados de **Bairrismo Faro [B*F]**.

Quadro 7 – O Bairrismo na Região do Algarve (em números e percentagens)

		N.º	%
B*L	Loulé	79	69.9
B*F	Faro	12	10.6
B*AL	Algarve	22	19.5
B*	Bairrismo	113	100.0

Fonte: A Própria

A temática do **Bairrismo** foi dividida em dois subtemas de interesse:

- O subtema intitulado de **Bairrismo Luta [BL]**, ou seja, o bairrismo enquanto luta assumida por Pedro de Freitas para conseguir modificar algo que não concordava, como a luta que ele protagonizou para que a linha do caminho de ferro passasse dentro da vila de Loulé: “Velha aspiração o desvio da linha do caminho de Ferro”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 01-06-1939.
- O outro subtema foi intitulado de **Bairrismo Enaltecimento [BE]**, ou seja, quando Pedro de Freitas procurou enaltecer Loulé através das festas carnavalescas; ou quando Pedro de Freitas publicitou as festas populares dos Santos milagreiros em Olhão, respectivamente: “Ecos de um Carnaval Loulé, Terra Bairrista”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 02-03-1947; e, “Olhão, meu amigo!”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 28-06-1959.

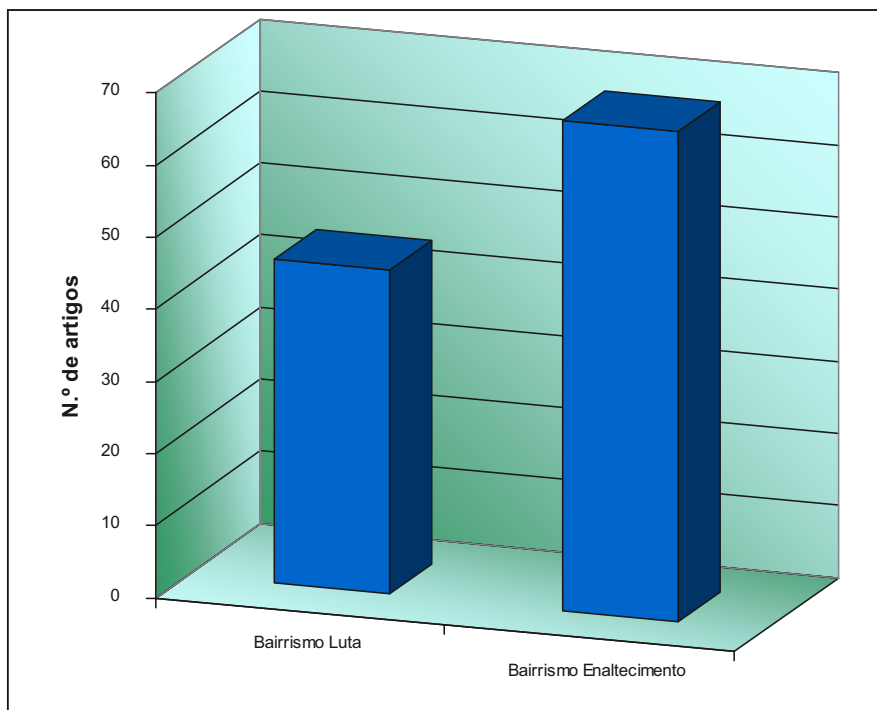
O **Quadro 8** e o **Gráfico 5**, intitulados **O Bairrismo por Subtemas**, evidenciaram que a maior incidência de artigos escritos por Pedro de Freitas contemplou o **Bairrismo Enaltecimento [BE]**, com um total de 68 artigos, ou seja, 60,2% da totalidade dos artigos dedicados ao Bairrismo. Seguiu-se o **Bairrismo Luta [BL]** com 45 artigos que corresponderam a 39,8% do total no âmbito do Bairrismo.

Quadro 8 – O Bairrismo por Subtemas (em números e percentagens)

		N.º	%
BL*	Bairrismo Luta	45	39.8
BE*	Bairrismo Enaltecimento	68	60.2
B*	Bairrismo	113	100.0

Fonte: A Própria

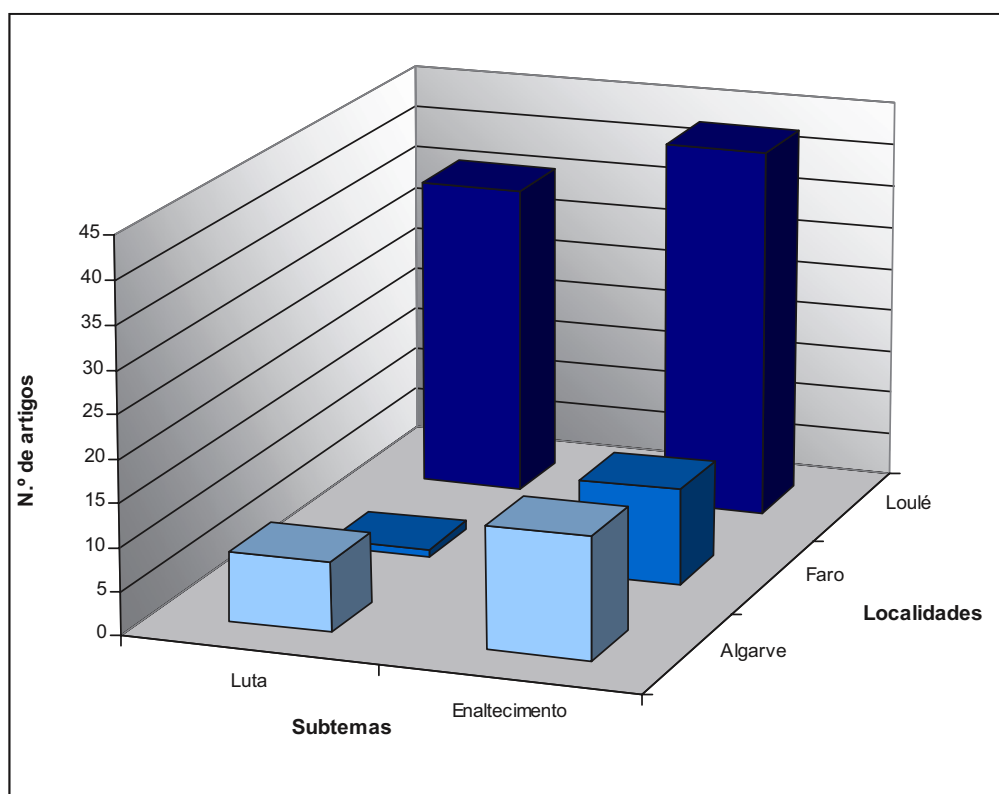
Gráfico 5 – O Bairrismo por Subtemas (em números de artigos)



O **Gráfico 6** e o **Quadro 9**, intitulados como **O Bairrismo por localidades e subtemas (em números de artigos)**, fizeram a combinação dos dois subtemas do Bairrismo (Lutas e Enaltecimento) com as localidades do Algarve (Loulé, Faro e Outras), obtendo-se os seguintes resultados:

- **Loulé** foi a localidade mais privilegiada, apresentando os índices mais altos na componente do bairrismo. Neste sentido, Pedro de Freitas direccionou a **Loulé** 43 artigos dedicados ao **Bairrismo Enaltecimento**, seguindo-se 36 artigos sobre o **Bairrismo Luta**.
- Em relação às localidades do **Algarve** (exceptuando Loulé e Faro), destacaram-se 14 artigos referentes ao **Bairrismo Enaltecimento** e 8 artigos ao **Bairrismo Luta**.
- Relativamente a **Faro**, Pedro de Freitas escreveu 11 artigos relacionados com o **Bairrismo Enaltecimento** e 1 artigo referente ao **Bairrismo Luta**.

Gráfico 6 – O Bairrismo por localidades e subtemas (em números de artigos)



Quadro 9 - O Bairrismo por localidades e subtemas (em números)

Unid: N.º

	Luta	Enaltecimento	Total
Loulé	36	43	79
Faro	1	11	12
Algarve	8	14	22
Total	45	68	113

Fonte: A Própria

Na temática das **Biografias [X]** Pedro de Freitas escreveu 105 artigos de imprensa periódica. Além do mais, esta temática também foi dividida em dois subtemas, tal como demonstra o **Quadro 10 – Biografias por Subtemas (em números e percentagens)**:

- Um dos subtemas foi designado por **Biografia de Pedro de Freitas [XPF]**, o qual foi evidente sempre que Pedro de Freitas descreveu as suas recordações biográficas, tal como expressa o artigo que se segue: “*As Minhas "Bodas de Ouro" (1916-1966)*”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 19-06-1966.
- O outro subtema foi designado por **Biografias de Outros [XO]**, o qual justificou-se por Pedro de Freitas ter escrito muitas biografias relativas à vida de outras pessoas, como foi o caso da biografia do provedor da Santa Casa da Misericórdia de Loulé; ou a biografia de um maestro português, respectivamente: “Manuel Guerreiro Pereira”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 05-09-1972; e, “Um nome que é de recordar – João de Sousa Morais”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 22-03-1963.

Deste modo, relacionado com o subtema da **Biografia de Pedro de Freitas [XPF]** o autor escreveu 39 artigos que corresponderam a 37,1% dos artigos escritos sobre a temática das Biografias. Sobre o subtema das **Biografias de Outros [XO]** Pedro de Freitas dedicou um número maior de artigos comparativamente ao subtema anterior, ou seja, escreveu 66 artigos que representaram 62,9% do total de artigos escritos no âmbito desta temática.

Quadro 10 – Biografias por Subtemas (em números e percentagens)

		N.º	%
XPF	Biografia de Pedro de Freitas	39	37.1
XO	Biografias de Outros	66	62.9
X*	Biografias	105	100.0

Fonte: A Própria

A **Guerra** foi um outro tema muito enfatizado na escrita jornalística de Pedro de Freitas, relativamente a esta temática da guerra o autor (Pedro de Freitas) escreveu 75 artigos. Deste modo, foi possível dividir esta temática em três subtemas:

- O primeiro subtema foi designado por **Guerra e Camaradagem [GC]**, sendo usado sempre que Pedro de Freitas referenciou um acontecimento histórico sobre a guerra como, por exemplo, quando ele relatou as cenas da partida para a guerra expressas no seguinte artigo: “21-04-1917 - 21-04-1927 De Cascais parte p'rá Guerra duas companhias do B.S. Caminhos de Ferro”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 12-06-1927.
- O segundo subtema foi intitulado de **Guerra e Sociedade [GS]**, o qual constituiu uma reflexão sobre o significado da guerra para a sociedade, incluindo as questões sobre se o Armistício veio trazer a paz à humanidade; ou sobre as más situações dos ex-combatentes da Primeira Grande Guerra, tal como os seguintes artigos indicaram respectivamente: “O Armistício!...”, Em *O Louletano*, Loulé, 10-11-1938; e, “Os Mortos Vivos e os Vivos Mortos da Grande Guerra”, Em *Gente da Guerra*, Coimbra, 20-08-1933.
- Finalmente, o terceiro subtema, também muito contemplado na escrita jornalística de Pedro de Freitas, foi intitulado de **Guerra e Homenagem [GH]**, o qual descreveu os símbolos alusivos à guerra; ou as comemorações entre os ex-combatentes, como, por exemplo: “Evocações do "9 de Abril" - O Cristo das Trincheiras”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 08-04-1958; e, “Lacouture - Bendito Padrão Português”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 15-06-1976.

Neste contexto, o **Quadro 11**, intitulado **A Guerra em Subtemas (em números e percentagens)**, revelou os seguintes resultados:

- Pedro de Freitas escreveu 30 artigos relacionados com o subtema da **Guerra e Sociedade [GS]**, os quais corresponderam a 40,0% dos artigos escritos sobre esta temática.
- Seguiu-se a subtemática da **Guerra e Homenagem [GH]** com 26 artigos que corresponderam a 34,7% dos artigos escritos sobre a temática da guerra.
- Finalmente, a subtemática da **Guerra e Camaradagem [GC]** com 19 artigos, isto é, 25,3% dos artigos escritos sobre a guerra.

Quadro 11 – A Guerra em Subtemas (em números e percentagens)

		N.º	%
GC	Guerra e Camaradagem	19	25.3
GS	Guerra e Sociedade	30	40.0
GH	Guerra e Homenagens	26	34.7
G*	Guerra	75	100.0

Fonte: A Própria

Uma outra temática evidente na escrita jornalística de Pedro de Freitas relacionou-se com a descrição de impressões sobre as suas viagens. Por isso, esta temática foi designada de **Viagens [V]**. Como tal, servem de exemplo as viagens que Pedro de Freitas fez a Viseu, a Espanha, ou à Índia Portuguesa, expressas respectivamente nos seguintes artigos de imprensa periódica: “Viseu, Cidade de Prazer!”, Em *Jornal de Viseu*, Viseu, 25-07-1959; “Impressões duma viagem Carta ao Leitor (XII)”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 29-01-1950; e, “Índia Portuguesa – Terra de Fé”, Em *A Província*, Montijo, 02-03-1961.

Neste sentido, o **Quadro 12**, intitulado por **Viagens por Subtemas (em números e percentagens)**, expressou que a maioria dos artigos escritos por Pedro de Freitas foram dedicados às suas viagens a Espanha:

- Pedro de Freitas dedicou a Espanha 31 artigos que representaram 63,3% do total sobre este tema.
- Seguiram-se 11 artigos relacionados com as suas viagens por terras de Portugal, os quais representaram 22,4%.
- Em número menor encontraram-se 6 artigos sobre a Índia Portuguesa, ou seja, 12,2 %.
- Finalmente, 1 artigo sobre a França, isto é, 2,0% do total escrito sobre esta temática das viagens.

Quadro 12 – Viagens por Subtemas (em números e percentagens)

		N.º	%
PT	Portugal	11	22.4
ES	Espanha	31	63.3
FR	França	1	2.0
IP	Índia Portuguesa	6	12.2
V*	Viagens	49	100.0

Fonte: A Própria

Uma outra das grandes temáticas contempladas na escrita periódica de Pedro de Freitas relacionou-se com alguns aspectos específicos da sociedade humana. Por isso, esta temática foi designada de **Sociedade [S]**. Neste âmbito, a postura expressa por Pedro de Freitas, através dos seus artigos, manifestou-se por uma crítica de carácter satírico sobre a vida social, tal como, por exemplo, a crítica que o autor fez às máscaras de cinismo na sociedade; a ironia que descreveu sobre o desfasamento entre a inteligência e a vaidade; a ridicularização social que retratou os novos ricos, ou ainda quando o autor simplesmente relatou sobre as tradições e os costumes populares, tal como respectivamente indicaram os seguintes artigos de imprensa periódica: “O Carnaval da Vida – Máscaras”, Em *O Algarve*, Faro, 04-08-1946; “Tou Sastfêto”, Em *O Barreiro*, Barreiro, 04-02-1937; “Os novos ricos e as lenhas do Vale do Sado”, Em *Correio do Sul*, Faro, 30-10-1969; e, “O Sapateiro no conceito popular”, Em *O Algarve*, Faro, 22-06-1947.

O **Quadro de Temas e Assuntos** que consta no ponto 7.3. (em Anexos) também apresenta um conjunto de **periódicos escritos por outros autores**, cujos temas estão directa ou indirectamente relacionados com Pedro de Freitas. Neste âmbito, mais uma vez admite-se que, dados os condicionalismos temporais e físicos peculiares no processo da recolha, os resultados obtidos possam não corresponder a critérios absolutos mas a dados aproximados.

Por sua vez, os artigos escritos por outros autores apresentaram diferentes intencionalidades. Deste modo, os mesmos foram subdivididos em diferentes subtemas:

- Um dos subtemas foi intitulado de **Homenagens [H]** porque várias vezes Pedro de Freitas foi homenageado pelo seu bairrismo e pelas suas qualidades de trabalho e de dedicação ao associativismo musical. Foi neste sentido que se exprimiu o artigo que se segue, escrito também em virtude de Pedro de Freitas ter completado os oitenta anos de idade: A redacção do Jornal *A Voz de Loulé*, “*Um Louletano dos Bons Velhos Tempos PEDRO DE FREITAS*”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 19-06-1974. Outros artigos fizeram comentários sobre algumas homenagens concedidas a Pedro de Freitas através de instituições oficiais, como foi exemplo o seguinte artigo: Franco, Mário Lyster “*Pedro de Freitas muito merecidamente homenageado pela F.N.A.T.*”, Em *Correio do Sul*, Faro, 04-11-1971.
- Outro subtema foi intitulado de **Recensão de Obras [RO]**. Este subtema incluiu artigos que apreciaram criticamente as obras literárias e/ou musicais de

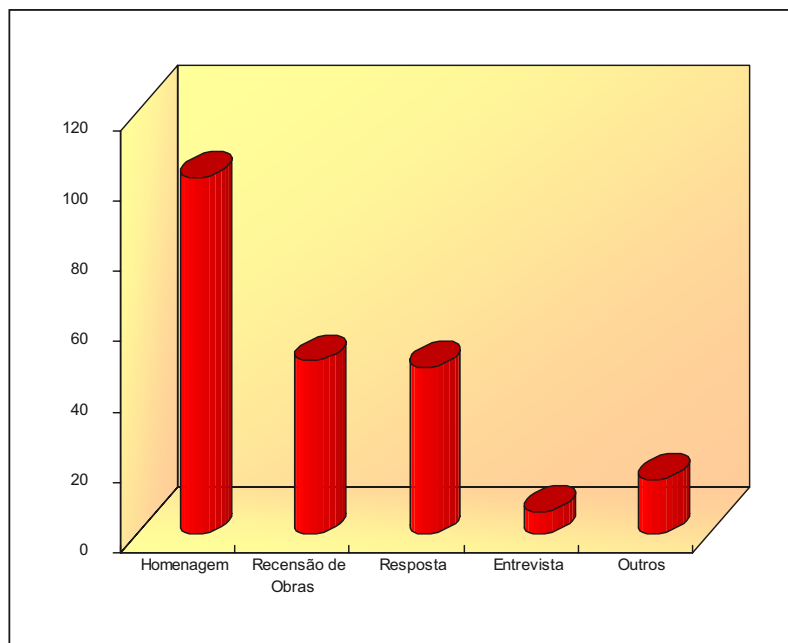
Pedro de Freitas. Neste prisma, serviu de exemplo o autor F. Clara Neves ao descrever a peculiaridade da obra literária e musical de Pedro de Freitas, onde fez uma especial referência à Marcha intitulada o *Algarve Florido*: Neves, F. Clara, “*Pedro de Freitas incansável trabalhador de oitenta anos*”, Em *Correio do Sul*, Faro, 25-07-1974.

- Outro subtema foi intitulado de **Entrevistas [E]**. Como tal, este subtema incluiu as entrevistas concedidas a Pedro de Freitas. Neste âmbito, salienta-se a entrevista a propósito da possibilidade de uma Delegação da *Pró-Arte* em Loulé, expressa através do seguinte artigo de imprensa periódica: Peres, Luís Sebastião, “Uma Degação Pro-Arte”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 01-02-1956.
- Outro subtema foi intitulado de **Respostas [R]**. Este subtema constou de artigos que outros autores escreveram em resposta aos artigos escritos por Pedro de Freitas. Neste contexto, destacaram-se os artigos escritos por Manuel Guerreiro Pereira (com o pseudónimo de *Ignotus*), o qual respondeu desfavoravelmente em relação à criação de uma banda municipal em Loulé, tal como tinha sido argumentado por Pedro de Freitas. Este assunto está expresso no seguinte artigo de imprensa periódica: Ignotus, “Pinceladas”, Em *O Louletano*, Loulé, 24-03-1938. Do mesmo modo, evidenciaram-se as respostas de Francisco Fernandes Lopes contra as perspectivas críticas apresentadas por Pedro de Freitas relativamente à sua proposta de uma reforma no sistema musical. Tal como foi expresso, nomeadamente, através do artigo: Lopes, Francisco Fernandes, “Ainda o Sr. Freitas e a minha Reforma”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 11-10-1953.

Deste modo, o **Gráfico 7** e o **Quadro 13**, intitulados **Artigos escritos por outros autores por Subtemas**, evidenciaram dados a partir dos 218 artigos escritos por outros autores:

- Assim, 101 artigos ou seja 46,3% referiram-se a **Homenagens [H]**.
- Ao subtema da **Recensão de Obras [RO]** foram dedicados 49 artigos, os quais corresponderam a 22,5% do total dos artigos escritos pelos outros autores.
- Ao subtema das **Respostas [R]** foi possível verificar 47 artigos que relativamente à totalidade dos 218 artigos escritos pelos outros autores representaram 21,6%.
- Em relação ao subtema das **Entrevistas [E]** constataram-se 6 artigos publicados na imprensa periódica, os quais corresponderam a 2,8%.
- Finalmente, os artigos relativos aos **Outros assuntos [O]** apareceram relacionados com diversos temas sociais (e constaram no ponto **7.3. Quadro de Temas e Assuntos** em Anexos por pertencerem ao acervo documental de Pedro de Freitas), os quais agregaram 15 artigos que representaram 6,9%.

Gráfico 7 – Artigos escritos por outros autores por Subtemas



Quadro 13: Artigos escritos por outros autores por Subtemas

		N.º	%
H	Homenagem	101	46.3
RO	Recensão de Obras	49	22.5
R	Resposta	47	21.6
E	Entrevista	6	2.8
O	Outros	15	6.9
Total		218	100.0

Fonte: A Própria

O **Quadro 14**, intitulado **Artigos de outros autores por Grandes Temas**, fazem um estudo que intercepta os grandes temas encontrados na escrita jornalística de Pedro de Freitas com os artigos escritos pelos outros autores:

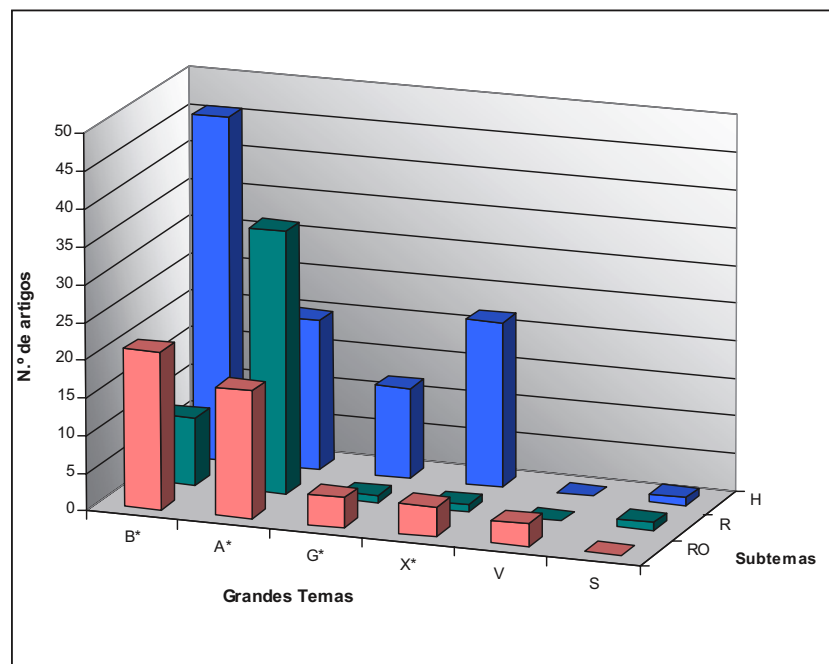
- Assim, dos 218 artigos escritos por outros autores, 84 ou 38,5% contemplaram a temática do **Bairrismo [B]**.
- Do total dos artigos escritos pelos outros autores, 79 ou 36,2% relacionaram-se com o tema do **Associativismo [A]**.
- Do total dos artigos escritos pelos outros autores, 28 ou 12,8% foram relacionados com a temática das **Biografias [X]**.
- Do total dos artigos escritos pelos outros autores, 20 ou 9,2% relacionaram-se com a temática da **Guerra [G]**.
- Do total dos artigos escritos pelos outros autores, 4 ou 1,8% relacionaram-se com a temática da **Sociedade [S]**.
- Finalmente, do total dos artigos escritos pelos outros autores, 3 ou 1,4% contemplaram o tema das **Viagens [V]**.

Quadro 14 - Artigos de outros autores por Grandes Temas

		N.º	%
B*	Bairrismo	84	38.5
A*	Associativismo	79	36.2
G	Guerra	20	9.2
X	Biografias	28	12.8
V	Viagens	3	1.4
S	Sociedade	4	1.8
	Total	218	100.0

Fonte: A Própria

Gráfico 8 – Artigos de outros autores por Grandes Temas e Subtemas



O Gráfico 8 e o Quadro 15, intitulados **Artigos de outros autores por Grandes Temas e Subtemas**, demonstram os seguintes resultados:

- O **Bairrismo** expresso por Pedro de Freitas foi apreciado pelos outros autores, os quais manifestaram-se em forma de **Homenagens** através de 46 artigos; por meio de **Recensões de Obras** através de 21 artigos; e como **Respostas** a Pedro de Freitas através de 9 artigos.
- Perante o tema do **Associativismo** os outros autores manifestaram-se em forma de **Respostas** a Pedro de Freitas através de 35 artigos; em forma de **Homenagens** através de 20 artigos; e como **Recensões de Obras** através de 17 artigos.

- Relativamente ao tema da **Guerra** os outros autores manifestaram-se em forma de **Homenagens** através de 12 artigos; e em forma de **Recensões de Obras** através de 4 artigos.
- Por sua vez, quando os outros autores se debruçaram sobre a **Biografia** de Pedro de Freitas manifestaram-se essencialmente em forma de **Homenagens** através de 22 artigos; e em forma de **Recensões de Obras** dedicaram-lhe 4 artigos.
- Em relação ao grande tema das **Viagens** os outros autores expressaram-se em forma de **Recensões de Obras** através de 3 artigos.
- Finalmente, sobre o tema da **Sociedade** os outros autores expressaram-se em forma de **Homenagem** e de **Resposta** através de 1 artigo respectivamente.

Quadro 15 - Artigos de outros autores por Grandes Temas e Subtemas

Unid: N.º

	Homenag em	Recensão de Obras	Resposta	Entrevista	Outros	Total
Bairrismo	46	21	9	3	5	84
Associativismo	20	17	35	2	5	79
Guerra	12	4	1	0	3	20
Biografias	22	4	1	1	0	28
Viagens	0	3	0	0	0	3
Sociedade	1	0	1	0	2	4
Total	101	49	47	6	15	218

Fonte: A Própria

A leitura do **Quadro 16 - Artigos de outros autores e o Bairrismo por Subtemas** permitiu averiguar que 84 dos artigos escritos por outros autores relacionaram-se com a grande temática do **Bairrismo [B]**:

- Destacou-se o subtema do **Bairrismo Enaltecimento [BE]** com um total de 51 artigos, ou seja, 60,7% do total sobre esta temática escrita pelos outros autores.
- Seguiu-se o **Bairrismo Luta [BL]** com 33 artigos, ou seja, 39,3% do tema do bairrismo escrito pelos outros autores.

Quadro 16 - Artigos de outros autores e o Bairrismo por Subtemas

		N.º	%
BL*	Luta	33	39.3
BE*	Enaltecimento	51	60.7
	Bairrismo	84	100.0

Fonte: A Própria

A partir do **Quadro 17 - Artigos de outros autores e o Associativismo Musical por Subtemas** é possível observar que 79 artigos escritos por outros autores relacionaram-se com o **Associativismo Musical [AM]**:

- Destacou-se o subtema do **Associativismo Musical componente Educacional [AME]** com 28 artigos que em relação ao total dos 79 artigos no âmbito do Associativismo Musical escritos por outros autores corresponderam a 35,4%.
- Seguiu-se o subtema do **Associativismo Musical Investigação [AMI]** com um número de 25 artigos que corresponderam a 31,6% do total sobre esta temática.
- Em número menor evidenciou-se o subtema do **Associativismo Musical Crítica [AMC]** com 15 artigos publicados, ou seja, 19,0% do total no âmbito do Associativismo escrito pelos outros autores.
- Por último, o subtema do **Associativismo Musical Problemas e Soluções [AMPS]** com 11 artigos que em relação ao total dos 78 artigos corresponderam a 13,9%.

Quadro 17 - Artigos de outros autores e o Associativismo Musical por Subtemas

		N.º	%
AMPS	Problemas e Soluções	11	13.9
AMI	Investigação	25	31.6
AMC	Críticas	15	19.0
AME	Componente Educacional	28	35.4
Associativismo Musical		79	100.0

Fonte: A Própria

Primeiramente apresentou-se um estudo exaustivo de análise sobre os artigos periódicos da autoria de Pedro de Freitas. Este estudo permitiu observar o dinamismo da sua actividade ao longo dos anos e a diversidade de periódicos que a sua escrita jornalística abrangeu. Depois, estudaram-se os artigos escritos por outros autores, os quais, de alguma maneira, estiveram relacionados com a figura de Pedro de Freitas.

Relativamente a Pedro de Freitas sobressaiu a sua postura nacionalista porque as várias temáticas resultantes da leitura dos seus artigos directa ou indirectamente acabaram por revelar uma intenção de dignificação e/ou integração nacional. Neste sentido, salientou-se a temática do Associativismo Musical [AM], expressa essencialmente pela subtemática do Associativismo Musical Problemas e Soluções [AMPS], mais associada ao Algarve, e a subtemática do Associativismo Musical Investigação [AMI], mais relacionada com a zona de Lisboa. Em relação à análise dos dados recolhidos entre Portugal e o Estrangeiro, a subtemática Associativismo Musical Problemas e Soluções [AMPS] foi mais dominante em Portugal e o Associativismo Musical Componente Educacional [AMCE] foi mais incidente no Estrangeiro, nomeadamente em Espanha. A partir destas subtemáticas, Pedro de Freitas zelou para que se colmatassem parte das necessidades do estrato popular através de um condigno ambiente de associativismo musical de cunho oficial (incluindo o caso paradigmático da Espanha como método pedagógico comparativo), cuja pretensão era dar mais amplitude à música popular. Seguidamente, a temática de maior interesse foi secundada pelo Bairrismo, o qual era peculiar da personalidade de Pedro de Freitas. Esta temática foi expressa num sentido de engrandecimento [BE] na qualidade de publicista do Algarve, especialmente de Loulé; ou como um lutador pelos interesses da sua terra natal [BL]. Sem embargo, Pedro de Freitas ainda pretendeu assumir-se num porta-voz das necessidades do povo ao evidenciar as suas aprendizagens de vida através da sua própria experiência biográfica [XPF] e ao escrever as biografias de outras figuras, as quais foram destacadas pelos seus méritos [XO]. Por sua vez, a figura de Pedro de Freitas também se revelou como um indivíduo que prestava culto aos que, tal como ele, tinham sido combatentes durante a

Primeira Grande Guerra Mundial [GH]. Neste contexto, Pedro de Freitas reflectiu sobretudo os malefícios de se fazerem os flagelos mundiais na sociedade [GS]. Porém, Pedro de Freitas também descreveu detalhadamente sobre as suas viagens [V] sobretudo por Espanha, uma vez que este país representava, na sua opinião, muitos exemplos paradigmáticos a ter em conta a nível nacional. Contudo, através da sua postura de querer restabelecer uma certa ordem e regulamentação das vicissitudes sociais, através de críticas à sociedade [S], Pedro de Freitas manifestava algum interesse em liderar e proteger o estrato popular a que pertencia.

Por outro lado, os outros autores aqui representados reconheceram muitas das lutas protagonizadas por Pedro de Freitas ao longo da sua vida. Deste modo, dedicaram-lhe muitas homenagens [H] e recensões de obras [RO], as quais foram maioritariamente apreciativas e construtivas em virtude das qualidades peculiares da sua pessoa e da sua obra. Neste sentido, ao interceptar o interesse das grandes temáticas e subtemáticas com os temas enfatizados pelos outros autores, concluiu-se que estes homenagearam [H] mais a figura de Pedro de Freitas no sentido de ter enaltecido [BE] e lutado [BL] em prol da sua terra natal; pela peculiaridade da sua biografia [X], incluindo a sua participação na Primeira Grande Guerra [G]; e pelo seu interesse na revitalização do movimento filarmónico [AME]. Por sua vez, os outros autores, através de recensões de obras [RO] revelaram interesse pelo bairrismo de Pedro de Freitas [B]; pela sua luta em prol de uma maior dignificação do movimento filarmónico viabilizada por várias investigações [AMI]; e pelos seus empreendimentos a nível pedagógico [AME]. Finalmente, os outros autores, através de respostas [R] também evidenciaram a faceta de Pedro de Freitas como um zelador da componente educacional do povo [AME]. Com efeito, a maioria das respostas [R] (tendo em conta as pedagogias de Pedro de Freitas relacionadas com o seu conceito de associativismo musical de bases oficiais [AMPS], e com algumas das suas posições críticas no âmbito musical [AMC]) obtiveram da parte de alguns autores contestações. Consequentemente, geraram-se algumas controvérsias entre a maneira de pensar de Pedro de Freitas e a dos seus adversários [AMC]. No entanto, o interesse desta parte será estudado no quarto capítulo através das campanhas e polémicas musicais.

Finalmente, resta acrescentar que apesar de se ter encontrado um número significativo de fontes escritas por outros autores acerca de Pedro de Freitas existe sempre a noção da impossibilidade de se atingir a totalidade de uma vida pela incompletude da própria investigação e pelos espaços vazios que as fontes disponíveis impossibilitaram

de se alçar. Desta forma, as informações aqui analisadas apresentaram alguns conflitos e enimizades, ou algumas lutas e interesses pessoais do autor. Porém, muitas das fontes revelaram informações gerais, outras expressaram referências vagas ou reiteradas, exercendo essencialmente funções de honra e de apreço à figura de Pedro de Freitas. Como tal, subsistem inúmeros espaços ocultos que não foram mencionados, tais como o discernimento de algumas fases no seio da sua obra literária; alguns comentários sobre a sua religiosidade; ou alguma análise crítica acerca dos seus discursos populistas, politicamente apolíticos, de antipatia perante as ideologias políticas da época.

3.3. Particularidades das Composições Musicais de Pedro de Freitas

A aptidão musical de Pedro de Freitas possibilitou-lhe compor algumas composições musicais para bandas filarmónicas: «*Na prática musical uma positiva veia melódica tem-me proporcionado, desde aprendiz, melodiar com facilidade e sentimento. Com esse natural atributo, além de outros números produzidos, uma vasta série de Marchas, que as tenho gravado, têm sido tocadas*»¹⁷¹⁴.

De facto, Pedro de Freitas compôs outros números musicais mais pequenos que foram legados juntamente com o seu acervo documental, literário e musical à *Câmara Municipal de Loulé*¹⁷¹⁵. Porém, a ênfase será dada às composições musicais de maiores dimensões, uma vez que estas peças musicais tiveram alguma amplitude nacional, sendo algumas das quais tocadas no contexto festivo de Andaluzia¹⁷¹⁶. Deste modo, o objectivo deste subcapítulo não se relaciona com uma recolha exaustiva das fontes relacionadas com a performance de cada peça musical, mas com a elaboração de uma apresentação contextual de cada composição, e, sobretudo, com um estudo interpretativo no âmbito do nacionalismo musical.

¹⁷¹⁴ Freitas, Pedro de, “Pelo Sector da Música - Uma Carta que não mereceu resposta”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 06-10-1981. Pedro de Freitas ainda fez referência que as Marchas **Loulé em Festa**, **Viva Loulé**, **Algarve Florido** e **Cartaya em Festa** foram gravadas. Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978, pp. 37-38. Ver o ponto 7.4.d. Pedro de Freitas como compositor, em Anexos.

¹⁷¹⁵ Freitas, Pedro de, **Pokeado Algarvio**, polca escrita no ano de 1911, e Freitas, Pedro de, **Estação da Casa Branca**, Polca que data do ano de 1912, [Em Ms. n.º 55, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; Freitas, Pedro de, **Saudades de Portugal**, valsa inspirada em 3 virtudes portuguesas: “Sentimento, Alegria e Corridinho”, Escrita em França 1918, [Em Ms. n.º 56, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; Freitas, Pedro de **Edite Maria**, fadinho escrito no Barreiro em 14-10-1980, e Freitas, Pedro de **Loulé a cantar**, marchinha, canto de 1950, [Em Ms. n.º 58, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; Freitas, Pedro de **Loulé a Marchar**, paso dobrado, peça de canto escrita em Junho de 1978, [Em Ms. n.º 59, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

¹⁷¹⁶ Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, p. 49; Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978, pp. 37-38.

A peça musical intitulada *A Minha Primeira Marcha* foi escrita em 1911. Tal como o título enfatiza, esta composição musical foi a primeira marcha composta por Pedro de Freitas. A harmonização e a instrumentação desta marcha ficou a cargo de Armando Mendonça Escoto, o qual era capitão e chefe da *banda de música Infantaria n.º 5* das Caldas da Rainha, sendo qualificado do mais alto nível de execução técnica¹⁷¹⁷. A *banda de música da Polícia* executou esta marcha no *Teatro de S. Carlos* em Lisboa, sendo feita uma gravação deste evento¹⁷¹⁸.

A peça musical intitulada *O Patrão* foi uma marcha composta por Pedro de Freitas em 1918, no contexto da *Primeira Grande Guerra Mundial*. Esta marcha também foi instrumentada por Armando Mendonça Escoto, capitão e chefe da *banda de música Infantaria n.º 5* das Caldas da Rainha¹⁷¹⁹.

Pedro de Freitas dedicou esta peça musical ao Comandante do *Batalhão dos Sapadores de Caminhos de Ferro*, General Raul Esteves. Por isso, esta marcha foi escrita para ser tocada pela banda filarmónica daquele *Batalhão*, tal como o próprio compositor (Pedro de Freitas) deixou subentender: «*Marcha que fiz na Grande*

¹⁷¹⁷ Segundo a entrevista prestada pelo Maestro Homero Apolinário a 17-06-2003 em sua casa em Linda-a-Velha; Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, p. 49; Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978, p. 37; Freitas, Pedro de, *A Minha Primeira Marcha*, Marcha, 1911, [Em Ms. BF n.º 145, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

¹⁷¹⁸ Freitas, Pedro de, *A Minha Primeira Marcha*, Marcha, 1911, [Em Ms. BF n.º 145, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; *Programa das celebrações de Homenagem e reconhecimento a Pedro de Freitas*, [Em Album, n.º 78 PF, *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; Anónimo, “Loulé tributa festa de homenagem de reconhecimento a Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 09-11-1978.

¹⁷¹⁹ Segundo a entrevista prestada pelo Maestro Homero Apolinário a 17-06-2003 em sua casa em Linda-a-Velha; Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, p. 49; Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978, p. 37; Freitas, Pedro de, *A Minha Primeira Marcha*, Marcha, 1911, [Em Ms. BF n.º 145, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

*Guerra, em França, quando fundei e regi a Banda do meu Batalhão»*¹⁷²⁰. Neste sentido, Pedro de Freitas ainda recordou o contexto onde a mesma foi tocada: «*No dia 13 de Setembro, o general senhor Garcia Rosado visita a sede do Batalhão. Ao almoço, a banda toca várias peças do seu repertório, entre as quais é estreado um ordinário feito e instrumentado praticamente por mim, a que dou o nome de “Patrão”*»¹⁷²¹.

A peça musical intitulada *Loulé em Festa* foi uma marcha composta por Pedro de Freitas no Barreiro, em Outubro de 1940. Esta marcha representou uma evocação às festas consagradas a Loulé no dia 1 de Maio de 1938. Nesta data, Pedro de Freitas representou um protagonismo e liderança fundamentais, uma vez que ele fora o responsável pela coincidência do evento de carácter nacionalista que constituiu a visita do *Batalhão de Sapadores de Caminho de Ferro* a Loulé com a tradicional festa religiosa da *Nossa Senhora da Piedade*, a Padroeira dos louletanos¹⁷²². Outras fontes indicaram que esta marcha também foi tocada num concerto em Odemira, dias 7 e 8 de Setembro de 1958, pela *Sociedade Filarmónica União Marçal Pacheco*¹⁷²³; num concerto no *Pavilhão do Palácio de Cristal do Porto*, pela *banda de música de Trofa* de Santo Tirso¹⁷²⁴; num concerto em Vila Real de Santo António, no dia 11 de Setembro de 1959, às 22 horas, realizado pela *banda de música 1.º de Dezembro* do

¹⁷²⁰ Anotação na folha de rosto da partitura para banda filarmónica ofertada por Pedro de Freitas ao Museu de Loulé a 20-05-1982, Freitas, Pedro de, *O Patrão*, Marcha, [Em Ms. BF n.º 146, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

¹⁷²¹ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, p. 261.

¹⁷²² Freitas, Pedro de, *Loulé em Festa*, Marcha, Outubro de 1940, [Em Ms. BF n.º 147, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

¹⁷²³ SFUMPLLE/H/R/002/LV001 1957-63, fólio n.º 34, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*.

¹⁷²⁴ Anónimo, “Loulé tributa festa de homenagem de reconhecimento a Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 09-11-1978.

Montijo¹⁷²⁵. Além do mais, esta marcha ainda foi tocada em Cartaya nos *Festejos de Ntra. Sra del Rosario*, nos anos de 1964 e 1966, pela *Sociedade Filarmónica Palmelense “Loureiros”* de Palmela¹⁷²⁶.

Desde modo, o maestro Francisco Cebrián, de Cáceres, professor e director de Bandas e Orquestras, dedicou a esta marcha de Pedro de Freitas o seguinte parecer: «*la Marcha de la cual es Vd autor obtuvo por parte del auditorio una gran acogida y siendo muy aplaudida. Una vez más le felicito por la elegancia y su inspiración y con mucho gusto la incorporo a mi habitual repertorio*»¹⁷²⁷.

A marcha musical intitulada *Viva Loulé* foi composta por Pedro de Freitas no Barreiro, em Outubro de 1940, sendo aperfeiçoada em Maio de 1951. Esta marcha foi dedicada a Loulé e à *Nossa Senhora da Piedade*, a Padroeira dos louletanos¹⁷²⁸. Encontrou-se uma referência que esta marcha foi tocada aquando da segunda eliminatória do *II Grande Concurso Nacional de Bandas de Música* (de 29 de Outubro a 2 de Novembro de 1969), no *Teatro Garcia Resende*, de Évora, pela banda *União Marçal Pacheco*¹⁷²⁹.

¹⁷²⁵ Freitas, Pedro de, “Vila Real de Santo António recebe carinhosamente a banda da 1.º de Dezembro”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 29-09-1959. Ver também [Ms. BF n.º 147, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

¹⁷²⁶ Comisión de Festejos (ed.), “Programa Oficial de Actos y Festejos del día 3 (Sábado) al día 7 (Miércoles)”, *Cartaya 1964 Feria y Fiestas*, Isla Cristina, Artes Gráficas, Outubro de 1964, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; Comisión de Festejos (ed.), *Cartaya 1966 Feria y Fiestas*, Isla Cristina, Artes Gráficas, Janeiro de 1966, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; ou [Legajo 759 (1957-1968), na *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*].

¹⁷²⁷ Freitas, Pedro de, *O I Concurso Nacional de Bandas Cívicas – Madeira e Açores Belezas de Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1965, p. 343.

¹⁷²⁸ Freitas, Pedro de, *Viva Loulé*, Marcha, Outubro de 1940, [Em Ms. BF n.º 149, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

¹⁷²⁹ Anónimo, “Loulé tributa festa de homenagem de reconhecimento a Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 09-11-1978; Em Anónimo, “A Filarmónica União Marçal Pacheco presente no II Grande Concurso Nacional de Música”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 03-06-1969; Em Anónimo, “O II Concurso Nacional de Bandas Cívicas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 21-10-1969; Em Anónimo, “II Concurso Nacional de Bandas de Música Cívica”, *A Voz de Loulé*, Loulé, 04-06-1968.

A marcha intitulada o *Algarve Florido* foi composta por Pedro de Freitas, em Maio de 1941, e foi dedicada ao Algarve. Esta marcha está escrita em duas versões, uma para banda filarmónica e a outra para piano e vozes¹⁷³⁰. O texto desta última versão (para piano e vozes) foi escrito pelo encenador Raúl Braga Santos, o qual era responsável pela direcção do sector do teatro na *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT)¹⁷³¹.

Existem referências que a versão para bandas filarmónicas foi tocada nas festas do Ameixial, a 6 de Setembro de 1959¹⁷³², e nas festas da *Nossa Senhora da Boa Hora* do Parragil, a 26 de Outubro de 1959, pela *Sociedade Filarmónica União Marçal Pacheco*¹⁷³³.

Esta marcha também foi executada no *Grande Festival de Bandas de Música Cívica* promovido pela *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT), no Largo da Sé em Faro, a 14 de Outubro de 1973¹⁷³⁴. No âmbito deste evento, F. Clara Neves comparou esta marcha *Algarve Florido* com a composição musical intitulada *Grandola Terra Morena*. Na opinião de F. Clara Neves, ambas as melodias harmonizavam as relações humanas numa dimensão que transcendia os parâmetros

¹⁷³⁰ Ver 7.9. Outras Fontes Documentais, Documento n.º 6, em Anexos. Freitas, Pedro de, *Algarve Florido*, Marcha, Maio de 1941, [Em Ms. BF n.º 148, do *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; e, Freitas, Pedro de, *Algarve Florido*, Marcha, versão para piano e voz, 1941, [Em Ms. n.º 148 A, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]. Ver Opiniões sobre as composições musicais de Pedro de Freitas, 7.4.a. *Marcha Algarve Florido*, em Anexos.

¹⁷³¹ Raúl Santos Braga dirigiu o sector de teatro na FNAT. Foi encenador, estimulou os grupos de Teatro Amador que pertenciam às empresas e também escreveu peças de Teatro. Segundo a entrevista prestada por Lucas, Maria, funcionária do departamento cultural do INATEL, Lisboa, 17-06-2003; Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973, p. 112.

¹⁷³² Ameixial, freguesia portuguesa pertencente ao concelho de Loulé, Em *Wikipedia*, [on-line], <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ameixial_\(Loul%C3%A9\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ameixial_(Loul%C3%A9))>, [consulta: 01 de Agosto de 2008].

¹⁷³³ SFUMPLLE/H/R/002/LV001 1957-63, fólio n.º 50 e 54, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*. Parragil é uma localidade pertencente à freguesia portuguesa de S. Sebastião, pertencente ao concelho de Loulé, Em *Wikipedia*, [on-line], <[http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Sebasti%C3%A3o_\(Loul%C3%A9\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Sebasti%C3%A3o_(Loul%C3%A9))> [consulta: 01 de Agosto de 2008].

¹⁷³⁴ Ver 7.8. Uma fotobiografia de Pedro de Freitas, fotografias n.º 33; 34, em Anexos. Anónimo, “Loulé tributa festa de homenagem de reconhecimento a Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 09-11-1978; Neves, F. Clara, “Pedro de Freitas incansável trabalhador de oitenta anos”, Em *Correio do Sul*, Faro, 25-07-1974.

regionais e nacionais, isto é, em direcção a uma plenitude transnacional: «*Algarve Florido*» mergulha as raízes sentimentais nos hinos da liberdade, ao nível de *Grandola Terra morena*!» São partituras que suavizam a violência das paixões dominando os idealismos, que tocam no coração humano como uma varinha mágica. *Matéria e espírito marcharão lado a lado arbitrados pela Arte nos momentos decisivos das convulsões sociais, travando sentimentos de barbarie!*»¹⁷³⁵.

No contexto de Andaluzia, esta marcha foi tocada nos *Festejos de Nossa Sra do Rosário* em Cartaya, no ano de 1966, pela *Sociedade Filarmónica Palmelense “Loureiros”*, de Palmela¹⁷³⁶.

Finalmente, ainda é de referir que a *Marcha Algarve Florido* foi gravada em disco, no ano de 1973, pela banda do *Ateneu Artístico Vila Franquense*, sob a direcção do maestro José Dias Montezinho¹⁷³⁷.

A marcha intitulada *Cartaya em Festa* foi composta por Pedro de Freitas em 1965¹⁷³⁸. Esta marcha representou o profundo conhecimento de Pedro de Freitas pelos aspectos étnicos e culturais desta vila¹⁷³⁹. Porém, *Cartaya em Festa* também implicou um agradecimento da parte do autor em virtude da homenagem que algumas figuras representativas de Cartaya lhe tinham dedicado através da distinção do galardão de

¹⁷³⁵ Neves, F. Clara, “Pedro de Freitas incansável trabalhador de oitenta anos”, Em *Correio do Sul*, Faro, 25-07-1974.

¹⁷³⁶ Comisión de Festejos (ed.), *Cartaya 1966 Feria y Fiestas*, Isla Cristina, Artes Gráficas, Janeiro de 1966, [n.º 223 no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; ou [Legajo 759 (1957-1968) na *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*].

¹⁷³⁷ Freitas, Pedro de, *Marcha Algarve Florido*, [3’(minutos) 45 rpm EP], Porto, Edição de Discos Rapsódia Lda., 1973.

¹⁷³⁸ Ver 7.9. Outras Fontes Documentais, Documento n.º 7, em Anexos. Freitas, Pedro de, *Cartaya em Festa (1965)*, Marcha, [Em Ms. BF n.º 150, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]. Ver Opiniões sobre as composições musicais de Pedro de Freitas, 7.4.b. *Marchas O Concurso e Cartaya em Festa*, em Anexos.

¹⁷³⁹ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, p. 33.

*Cidadão Honorário e de Irmão Maior da Confraria de Nossa Senhora do Rosário*¹⁷⁴⁰.

Deste modo, em 1965, Pedro de Freitas ofereceu esta marcha ao Município de Cartaya, na qual, como um símbolo de fraternidade peninsular, o autor não deixou de compatibilizar os dois estandartes nacionais através das cores impregnadas na partitura musical: «*El Paso-doble, dedicado al Pueblo, es una obra maestra musical de gran mérito en las varias partes de que se compone, con preciosos pasajes melódicos y de irreprochable factura en su conjunto, un acierto más del Sr. Freitas que Cartaya sabrá agradecerle. Dicha composición en papel pautado, orlado con los colores de las Banderas de Portugal y España, fue entregado por su autor a nuestro Ayuntamiento*»¹⁷⁴¹.

Segundo algumas fontes periódicas, nos anos de 1965 e 1966, esta marcha foi tocada em Cartaya nas festas em honra da *Padroeira Virgem do Rosário* pela *Sociedade Filarmónica Palmelense “Loureiros”*, de Palmela¹⁷⁴². Sem embargo, no ano seguinte (1967), esta peça musical foi novamente tocada nos festejos de Cartaya mas por outra banda de música designada por *Sociedade Filarmónica Democrática Timbre Seixalense*, do Seixal¹⁷⁴³.

¹⁷⁴⁰ Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, p. 35; Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978, p. 38.

¹⁷⁴¹ Ayuntamiento de Cartaya (ed.): “Comienza la Velada”, Em *Cartaya Velada y Feria en honor de la Santísima Virgen del Rosario*, Isla Cristina, Imprenta Bautista, de 2 a 6 de Octubre de 1965, pp. 3-4, [Em Legajo 759 (1957-1968), na *Biblioteca Publica Municipal de Cartaya*].

¹⁷⁴² Ayuntamiento de Cartaya (ed.): “Comienza la Velada”, Em *Cartaya Velada y Feria en honor de la Santísima Virgen del Rosario*, Isla Cristina, Imprenta Bautista, de 2 a 6 de Octubre de 1965, p. 3, [Em Legajo 759 (1957-1968), na *Biblioteca Publica Municipal de Cartaya*]; Comisión de Festejos (ed.), *Cartaya 1966 Feria y Fiestas*, Isla Cristina, Artes Gráficas, Janeiro de 1966, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; ou [Legajo 759 (1957-1968), na *Biblioteca Publica Municipal de Cartaya*].

¹⁷⁴³ Comisión de Festejos (ed.), “Programa Oficial de Festejos de Ntra. Sra. Del Rosario del día 30 de Septiembre (Sábado) al día 4 de Octubre (Miércoles)”, dentro da Revista *Cartaya 1967 Feria y Fiestas*, Isla Cristina, Artes Gráficas, Setembro/Outubro de 1967, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; Em *Programa Oficial de Festejos en honor de nuestra Patrona la Stma. Virgen del Rosario*, Cartaya 1967, Isla Cristina, M. Vázquez, 30 de Septiembre a 4 de Octubre de 1967, [Em Legajo 759 (1957-1968) na *Biblioteca Publica Municipal de Cartaya*].

Porém, aquando do *II Grande Concurso Nacional de Bandas de Música Cívica*, esta composição musical foi uma das músicas obrigatórias para as bandas de música cívica de 2.^a categoria¹⁷⁴⁴. Como tal, no âmbito do desfecho deste *II Concurso Nacional de Bandas Cívicas*, esta marcha continuou a ser uma peça musical obrigatória para as bandas de música cívica de 2.^a categoria que participaram no programa do *Festival de Encerramento*, realizado no *Pavilhão dos Desportos* em Lisboa, de 13 a 17 de Outubro de 1971¹⁷⁴⁵.

Esta marcha também foi tocada nos concertos realizados nas *colónias de Férias da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT), sendo, no dia 10 de Junho de 1973, executada pela *Sociedade Musical de Pevidém Guimarães* na Colónia de Férias de Entre-os-Rios de Penafiel, das 17 às 18 horas¹⁷⁴⁶. Na sequência deste evento, esta marcha ainda foi tocada, no dia 1 de Julho de 1973, pela *Sociedade Instrução Musical Quinta do Anjo*, de Palmela, na Colónia de Férias «Um Lugar ao Sol» na Costa da Caparica, das 17 às 18:30 horas¹⁷⁴⁷; pela *banda dos Bombeiros Voluntários* de Salvaterra de Magos, na Colónia de Férias «*Marechal Carmona*» da Foz do Arelho, das 17 às 18:30 horas¹⁷⁴⁸; e pela banda filarmónica de Felgueiras, na Colónia de Férias de Entre-os-Rios de Penafiel, das 17 às 18 horas¹⁷⁴⁹.

¹⁷⁴⁴ Franco, Mário Lyster, “Pedro de Freitas muito merecidamente homenageado pela F.N.A.T.”, Em *Correio do Sul*, Faro, 04-11-1971.

¹⁷⁴⁵ Ver 7.9. Outras Fontes Documentais, Documento n.º 16, em Anexos. Anónimo, “II Concurso Nacional de Bandas de Música Cívica”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 04-06-1968; «F.N.A.T. II Grande Concurso Nacional de Bandas de Música Cívica – Final, Lisboa, 13 a 17 de Outubro de 1971», [Album Cinzento, Em *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

¹⁷⁴⁶ Colónia de Férias de Entre-os-Rios de Penafiel das 17 às 18 horas, [Em SFUMPLLE/H/B/003/MÇ 001 1973, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

¹⁷⁴⁷ Colónia de Férias «Um Lugar ao Sol» na Costa da Caparica das 17 às 18:30 horas, [Em SFUMPLLE/H/B/003/MÇ 001 1973, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

¹⁷⁴⁸ Colónia de Férias «*Marechal Carmona*» da Foz do Arelho das 17 às 18:30 horas, [Em SFUMPLLE/H/B/003/MÇ 001 1973, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

¹⁷⁴⁹ Colónia de Férias de Entre-os-Rios de Penafiel das 17 às 18 horas, [Em SFUMPLLE/H/B/003/MÇ 001 1973, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Mais tarde, nos dias 3 a 5 de Outubro de 1981, esta marcha ainda era tocada no festival comemorativo do primeiro centenário da *Sociedade Filarmónica Unânime Praise* do Faial, na Região Autónoma dos Açores¹⁷⁵⁰.

Além do mais, em Outubro de 2007, houve transferências de vários documentos devido a remodelações do edifício consistorial de Cartaya, sendo a peça musical *Cartaya em Festa* encontrada no *Arquivo Municipal de Cartaya*. Este facto não foi de admirar, uma vez que Pedro de Freitas tinha oferecido esta marcha ao *Município de Cartaya* com a seguinte dedicatória: «*Cartaya en Fiesta, marcha de Pedro de Freitas dedicada a la Grande Festa Do Rosário, año 1965*»¹⁷⁵¹. Neste sentido, salientou-se que nos anos sessenta do século XX, Pedro de Freitas esteve vinculado a Cartaya como director da banda de música que todos os anos participava nas festas de Cartaya, e além disso a sua marcha *Cartaya em Festa* tinha interesse porque segundo alguma opinião generalizada esta marcha simbolizava a: «*parte de la más genuina historia musical cartayera*»¹⁷⁵². Deste modo, houve interesse da parte do director do *Arquivo Municipal de Cartaya*, Rafael Méndez, e do compositor Celestino Rodríguez em conhecerem esta marcha da autoria de Pedro de Freitas¹⁷⁵³. Como tal, Celestino Rodríguez estudou-a afincadamente, fez a sua reprodução para piano e sobre a qual apresentou a seguinte apreciação crítica: «*El resultado, una pieza que podríamos llamar Marcha de Pasacalle. De armonía elaborada, una pieza de algo más de tres*

¹⁷⁵⁰ Freitas, Pedro de, “O Centenário da Filarmónica Unânime Praise Faial – Açores”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-11-1981; Freitas, Pedro de, “A Minha Presença na Ilha do Faial-Açores”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 27-10-1981; Freitas, Pedro de, “O Barreiro ouviu uma categorizada banda de música”, Em *Jornal do Barreiro*, Barreiro, 26-03-1982.

¹⁷⁵¹ Rodríguez, Celestino e Méndez, Rafael: “Cartaya en Fiesta. El hallazgo de una partitura”, Em *Cartaya Revista de Feria 2008*, Cartaya, Ayuntamiento de Cartaya, 2008, p. 177.

¹⁷⁵² Rodríguez, Celestino e Méndez, Rafael: “Cartaya en Fiesta. El hallazgo de una partitura”, Em *Cartaya Revista de Feria 2008*, Cartaya, Ayuntamiento de Cartaya, 2008, p. 177.

¹⁷⁵³ Celestino Rodrigues foi percussionista e saxofonista da *Banda de Música Municipal de Cartaya*, pertencendo actualmente à *Banda Virgen de la Consolación* de Huelva. Estudou no *Conservatório Superior de Sevilla* e tem sido um compositor de várias marchas litúrgicas, de carácter solene, especialmente dedicadas à Semana Santa. Informações prestadas por Méndez, Rafael [On-line], <biblioteca@ayto-cartaya.es>, [14 de Outubro de 2008]; Rodríguez, Celestino, [On-line], <Tinocartaya@hotmail.com>, [10 de Outubro de 2008].

*minutos y medio, perfectamente trenzada en su instrumentación y de cierta dificultad, con mucho protagonismo en los saxos tenores y los bombardinos. Posee varios cambios de tonalidad, de Si bemol Mayor a Mi bemol Mayor y viceversa, lo que le da un colorido muy agradecido»*¹⁷⁵⁴.

A marcha intitulada **O Concurso** foi composta por Pedro de Freitas em 1970 e foi dedicada ao *II Concurso Nacional de Bandas Cívicas* promovido pela *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT). Inserida neste II concurso esta peça musical constituiu uma das músicas obrigatórias para as bandas de música cívica de 3.^a categoria¹⁷⁵⁵. Além do mais, no âmbito deste *II Concurso Nacional de Bandas Cívicas*, esta marcha continuou a ser a peça musical obrigatória para as bandas de música cívica de 3.^a categoria que participaram no programa do *Festival de Encerramento* realizado no *Pavilhão dos Desportos* em Lisboa, de 13 a 17 de Outubro de 1971¹⁷⁵⁶.

Outras fontes ainda informaram que esta marcha *O Concurso* foi tocada pela banda da *Polícia* de Lisboa, no *Pavilhão do Palácio de Cristal* do Porto, sendo feita uma gravação deste evento¹⁷⁵⁷. Além disso, esta marcha *O Concurso* também foi executada pela *Sociedade Recreativa de S. Tiago do Cacém*, no dia 1 de Julho de 1973, aquando dos concertos realizados pelas *Bandas de Música Cívica* na Colónia de

¹⁷⁵⁴ Rodríguez, Celestino e Méndez, Rafael: “Cartaya en Fiesta. El hallazgo de una partitura”, Em *Cartaya Revista de Feria 2008*, Cartaya, Ayuntamiento de Cartaya, 2008, p. 177.

¹⁷⁵⁵ Ver 7.9. Outras Fontes Documentais, Documento n.º 8, em Anexos. Freitas, Pedro de, *O Concurso*, Marcha, 1970, Em Ms. BF n.º 151, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*; Franco, Mário Lyster, “Pedro de Freitas muito merecidamente homenageado pela F.N.A.T.”, Em *Correio do Sul*, Faro, 04-11-1971. Ver Opiniões sobre as composições musicais de Pedro de Freitas, 7.4.b. *Marchas O Concurso e Cartaya em Festa*, em Anexos.

¹⁷⁵⁶ Franco, Mário Lyster, “Pedro de Freitas muito merecidamente homenageado pela F.N.A.T.”, Em *Correio do Sul*, Faro, 04-11-1971; e, «F.N.A.T. II Grande Concurso Nacional de Bandas de Música Cívica – Final, Lisboa, 13 a 17 de Outubro de 1971», Em Album Cinzento, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*.

¹⁷⁵⁷ Anónimo, “Loulé tributa festa de homenagem de reconhecimento a Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 09-11-1978.

Férias da FNAT «Dr. Pedro Theotónio Pereira» em Albufeira, das 17 às 18:30 horas¹⁷⁵⁸.

A peça musical intitulada *Os Clarins – Bailado* foi uma fantasia a duas partes composta por Pedro de Freitas: «em 1977 senti-me inspirado e avancei um pouco: - uma Fantasia, baseada numa modalidade não explorada pelos grandes e médios compositores – os Clarins»¹⁷⁵⁹.

Segundo Pedro de Freitas, esta peça musical teve algum mérito: «Observada por um distinto compositor português, achou-a capaz de ser englobada no repertório nacional. Instrumentou-a e deu-lhe o seu alto e insofismável testemunho»¹⁷⁶⁰. Deste modo, esta fantasia foi instrumentada para banda filarmónica, para orquestra, e para piano e orquestra por Armando Mendonça Escoto, capitão e chefe da *banda de música Infancia n.º 5 nas Caldas da Rainha*¹⁷⁶¹.

¹⁷⁵⁸ Colónia de Férias «Dr. Pedro Theotónio Pereira» Albufeira das 17 às 18:30 horas, [Em SFUMPLLE/H/B/003/MÇ 001 1973, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

¹⁷⁵⁹ Freitas, Pedro de, “Música e Músicos (Variação em Mi-menor)”, Em *Jornal do Barreiro*, Barreiro, 16-07-1982. Ver Opiniões sobre as composições musicais de Pedro de Freitas, 7.4.c. *Fantasia Os Clarins-Bailado*, em Anexos.

¹⁷⁶⁰ Freitas, Pedro de, “Música e Músicos (Variação em Mi-menor)”, Em *Jornal do Barreiro*, Barreiro, 16-07-1982.

¹⁷⁶¹ Freitas, Pedro de, *Os Clarins-Bailado*, Fantasia a duas partes, 1977, [Em Ms. BF n.º 155, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; Freitas, Pedro de, *Os Clarins-Bailado*, Fantasia a duas partes para orquestra, 1977, [Em Ms n.º 156, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*], e, Freitas, Pedro de, *Os Clarins-Bailado*, Fantasia a duas partes para piano e orquestra, 1977, [Em Ms. n.º 157, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]. As anteriores sete Marchas e esta Fantasia estão referidas no livro Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978, pp. 37-38; Entrevista ao Maestro Homero Apolinário, a 17-06-2003, em sua casa em Linda-a-Velha.

Existem fontes que informam que a *banda de música da Polícia* executou esta fantasia no *Teatro de S. Carlos*, em Lisboa, sendo feita uma gravação deste evento¹⁷⁶².

Pela ênfase dada aos clarins, Pedro de Freitas considerou *Os Clarins – Bailado* uma composição original: «*Neste intento architecturei um número inédito, mais destinado a teatro, e com argumento; e assim compus uma fantasia baseada num naipe de Clarins, um bailado comum original de Sons a mostrar que, com esses estridentes instrumentos, também se pode apreciar a arte em escala séria e superior*»¹⁷⁶³.

Opinião que um autor anónimo também acabou por confirmar: «*o ilustre conterrâneo acabou de escrever não há muito uma fantasia descritiva. Muito justamente considerada como inédita no seu género em Portugal. Foi composto com a finalidade fundamental de ser apresentado em teatro.*

Já foi executada pela banda da PSP de Lisboa, não foi contudo, até à data levada à cena pela parte da coreográfica, por falta de oportunidade favorável. DIA 2 de Dezembro foi ouvida oferecendo o ensejo de apreciar devidamente o seu talento de musicólogo»¹⁷⁶⁴.

Sobre esta fantasia, o compositor filarmónico Miguel de Oliveira também manifestou a sua apreciação: «*verifico tratar-se de obra séria e de qualidade. A conjugação dos*

¹⁷⁶² Anónimo, “Loulé tributa festa de homenagem de reconhecimento a Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 09-11-1978; e, *Programa das celebrações de Homenagem e reconhecimento a Pedro de Freitas*, [n.º 78, Em Album Cinzento, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]. Esta execução foi gravada e Pedro de Freitas confessou possuir uma cópia dessa gravação. Ainda que Pedro de Freitas tenha feito referência à existência de dois exemplares gravados em disco (um na *Santa Casa da Misericórdia*, Loulé, e o outro na *Sociedade dos Franceses*, Barreiro), foram feitas pesquisas nesse sentido, no entanto, nada foi encontrado. Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 224; Freitas, Pedro de, “Música e Músicos (Variação em Mi-menor)”, Em *Jornal do Barreiro*, Barreiro, 16-07-1982.

¹⁷⁶³ Freitas, Pedro de, “Pelo Sector da Música - Uma Carta que não mereceu resposta”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 06-10-1981.

¹⁷⁶⁴ Anónimo, “«Os Clarins» última obra musical de Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 21-12-1978.

Clarins – 2ª Parte -, está perfeita»¹⁷⁶⁵. Além disso, o capitão José Pinto Rodrigues comentou sobre a sua complexidade: «Não era eu que fizesse melhor. É um trabalho honesto e só a Banda de Música da G.N.R. a poderá tocar como exige a partitura para a Banda¹⁷⁶⁶.

Num prisma geral, houve reconhecimento da parte das entidades oficiais da época face às obras musicais de Pedro de Freitas. Com efeito, as suas composições musicais simbolizaram as suas lutas de vida a favor de uma ligação incontornável entre os interesses regionais, as necessidades do estrato popular e da nação portuguesa, incluindo, ainda, a omnipresença de intenções de conciliação e de harmonização além fronteiras¹⁷⁶⁷. Deste modo, as composições musicais da autoria de Pedro de Freitas viabilizaram a presença e a interpenetração de duas intenções subjacentes. Uma intenção foi especialmente focada em retratar os aspectos étnico-culturais da região e do seu povo, seja num contexto nacional (como no caso do Algarve) ou num âmbito peninsular (como no caso de Cartaya). Porém, a outra intenção deixou transparecer uma obrigatoriedade imposta no cumprimento de um dever oficial-cívico de lealdade para com a nação portuguesa, ou, por exemplo, para com as entidades oficiais de Cartaya, além fronteiras. Deste modo, mesmo que algumas das composições musicais de Pedro de Freitas pareçam aludir, numa imediatez espontânea, mais a uma componente do que a outra, coexiste, de maneira incontornável, uma interacção entre a componente étnico-biológica e a componente oficial-cívica. Neste sentido, *Loulé em*

¹⁷⁶⁵ Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978, p. 38.

¹⁷⁶⁶ Freitas, Pedro de, “Pelo Sector da Música - Uma Carta que não mereceu resposta”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 06-10-1981. Ver o ponto 7.4.d. Pedro de Freitas como compositor, em Anexos.

¹⁷⁶⁷ Neves, F. Clara, “Pedro de Freitas incansável trabalhador de oitenta anos”, Em *Correio do Sul*, Faro, 25-07-1974; Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957.

Festa, Viva Loulé ou o *Algarve Florido* foram peças musicais compostas para a celebração de eventos festivos com um enfoque muito direccionado para a especificidade local e regional de Loulé ou do Algarve, respectivamente. Seguindo os mesmos intentos, *Cartaya em Festa* retratou os encantos étnicos e populares da vila rural de Andaluzia, Espanha. Contudo, estas composições musicais foram tocadas em eventos musicais regulamentados pelas instâncias políticas detentoras do poder.

Em contrapartida, a marcha *O Patrão* pareceu evidenciar mais a componente oficial-cívica de imposição da parte das entidades políticas detentoras do poder, uma vez que a mesma fora composta para ser tocada em tempo de guerra, cuja implicação acarretava os deveres da parte das tropas no cumprimento das normas que constantemente lhes eram exigidas. No entanto, esta marcha foi composta para ser tocada pela banda filarmónica do *Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro*, a qual constituía uma maneira viável das tropas poderem evadir os seus sentimentos e as suas nostalgias iminentes aos vínculos étnico-biológicos da terra natal. Do mesmo modo, *O Concurso* simbolizou uma peça musical pensada segundo as regulamentações exigíveis do *II Grande Concurso Nacional de Bandas de Música Cívica*. Como tal, estas regulamentações entravam em consonância com as estratégias do sistema político da época. Porém, para Pedro de Freitas, mais importante do que as manipulações políticas da época eram os benefícios que o incremento e a amplitude da música popular podiam possibilitar ao estrato mais baixo da sociedade. Assim sendo, mediante as suas composições musicais, Pedro de Freitas representou, a seu modo, um sentimento nacionalista expresso por uma interacção entre a consciência étnico-biológica local e regional (num prisma nacional ou peninsular) e uma

consciência oficial-cívica (nacional ou transnacional), enclave do fenómeno do nacionalismo¹⁷⁶⁸.

~ × ~

Em primeiro lugar, evidenciaram-se algumas particularidades das peças musicais de Pedro de Freitas, tais como a data das respectivas composições; as especificidades que caracterizaram a sua produção musical; algumas referências aos lugares onde as mesmas foram tocadas; e comentários de alguma apreciação crítica encontrada principalmente na imprensa periódica. Terminadas estas referências, procedeu-se a uma análise segundo a especificidade nacionalista que a obra musical de Pedro de Freitas evidenciou. Neste sentido, concluiu-se que embora numa análise mais imediata umas composições musicais da autoria de Pedro de Freitas deixassem sugerir uma aproximação mais étnico-local e outras composições musicais acentuassem mais uma consciência do dever cívico (de acordo com as pretensões das autoridades oficiais), ambas as atitudes estavam integralmente comprometidas. Por isso, a título de exemplo, as marchas *Loulé em Festa* e *Cartaya em Festa*, que num prisma mais imediato pareceram direccionar-se no seio de uma atitude mais étnico-local, não deixaram igualmente de evocar a componente oficial-cívica - através da visita dos combatentes do *Batalhão de Sapadores dos Caminhos de Ferro* a Loulé, e do reconhecimento de Pedro de Freitas face à homenagem que as entidades municipais de Cartaya lhe tinham dedicado, respectivamente. Com efeito, as marchas *O Patrão* e o *Concurso*, que foram salientadas num contexto de imposição do poder estatal, através da regulamentação de ordens a cumprir, não deixaram de estar igualmente conectadas a uma profunda componente étnica e sentimental, favorável aos interesses das massas populares. Deste modo, se a primeira marcha *O Patrão* esteve relacionada com a criação da *Banda dos Sapadores de Caminhos de Ferro*, a qual simbolizou uma das melhores formas das tropas poderem expandir as suas necessidades de expressão pela música; a segunda marcha o *Concurso* representou a viabilização do *II Concurso*

¹⁷⁶⁸ Nikolas, Mary Margareta: “False Opposites in Nationalism: An Examination of the Dichotomy of Civic Nationalism and Ethnic Nationalism in Modern Europe”, Em *The Nationalism Project: False Opposites in Nationalism*, Madison, Centre for European Studies Monash University, 2000, p. 69.

Nacional de Bandas Civas, o qual também não deixou de implicar muito esforço e dinheiro em prol do progresso da música do povo. Aliás, neste âmbito, Pedro de Freitas (na sua pretensão de ser um porta-voz ao serviço das necessidades do povo) foi o responsável pela iniciativa, desenvolvimento e consolidação destas duas iniciativas, isto é, da criação da banda do *Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro* e da ideia dos concursos nacionais para bandas filarmónicas.

Finalmente, em última análise, se *Cartaya em Festa* implicou da parte de Pedro de Freitas uma necessidade de manutenção dos laços de fraternidade a um âmbito peninsular; a marcha *Algarve Florido* representou, segundo a opinião de F. Clara Neves, uma culminação de todas as dimensões implícitas no próprio fenómeno do nacionalismo. Deste modo, a marcha *Algarve Florido* simbolizou uma expressão étnico-local, oficial, nacional e transnacional, o que foi justificável por representar a especificidade do Algarve; por ser executada no *Grande Festival de Bandas de Música Civas* promovido pela *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT); e por ter sido tocada no contexto de Andaluzia. Além do mais, esta marcha foi ainda avaliada qualitativamente como um hino à liberdade e à fraternização mundial, o que não deixou de representar, em última instância, o espírito nacionalista do seu autor, uma vez que Pedro de Freitas proclamava pelos ideais democráticos e pela integração harmoniosa da nação portuguesa no contexto das nações do mundo.

4. Lutas de Vida

4.1. A música na filosofia de vida de Pedro de Freitas

No primeiro capítulo do livro *História da Música Popular em Portugal*, intitulado de “Considerações oportunas”, Pedro de Freitas escreveu a sua conceptualização sobre o que era a música, a qual associava-se ao enaltecimento da humanidade e das nações: «*A revolução que apresento é a da harmonia dos sons, a que gira à roda das sete notas de música, a que sensibiliza e arrebatava a alma humana na prática do bem; congrega vontades, irmana os espíritos, associa os indivíduos, entusiasma os indiferentes, desperta interesses amortecidos, cria ambientes moralizadores, dá vida à vida, frutifica o partidarismo da auditividade e estimula o bairrismo de cada terra do nosso velho Portugal; enobrece os Povos e engrandece as Pátrias. – Pois é esta a minha revolução – Música, Humanidade e Pacifismo!!*»¹⁷⁶⁹.

O conceito de música tem sido relacionado com a apetência musical de cada indivíduo no seio das suas experiências socioculturais. Por isso, Kazadi Wa Mukuna considerou especialmente importante a designação conferida pelo respectivo compositor: «*A nova definição é aquilo que é assim designada pelo seu produtor*»¹⁷⁷⁰. Como tal, na qualidade de melómano, de executante e de compositor, Pedro de Freitas

¹⁷⁶⁹ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 20.

¹⁷⁷⁰ Mukuna, Kazadi Wa: “Abordagem Interdisciplinar em Etnomusicologia”, Em *Novas Perspectivas em Etnomusicologia* (Seminário), Lisboa, Ministério da Educação, 1989, pp. 23-24.

teria de ter a sua própria definição de música, até porque esta assumiu sempre uma função fundamental em todos os capítulos da sua vida¹⁷⁷¹. Sublinha-se, neste sentido, que a música não só desempenhou um papel pedagógico e cultural preponderante como também constituiu um processo inerente às próprias lutas de vida de Pedro de Freitas¹⁷⁷². Desta forma, o descortinar sobre a sua definição de música ajudará a estabelecer uma relação interactiva entre Pedro de Freitas e o seu sistema social: «*Music is clearly very much a part of modern life and our understanding of it, articulating our knowledge of other peoples, places, times and things, and ourselves in relation to them*»¹⁷⁷³. Por sua vez, ao compreender-se o significado que Pedro de Freitas conferia à música perscrutar-se-á a sua relação com a mesma, validando-se, desta forma, a razão das suas lutas sociais¹⁷⁷⁴.

Ainda que Pedro de Freitas considerasse que a música exercia uma importante função pedagógica, social e cultural no seio da sociedade, o seu conceito de música ia mais além porque a mesma representava uma componente inerente ao próprio ser humano: «*a tradução viva da alma do homem*»¹⁷⁷⁵. Assim, através do canto o homem exprimia a sua personalidade, o seu vínculo à terra e o seu folclore, os quais eram considerados

¹⁷⁷¹ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 224.

¹⁷⁷² Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 22.

¹⁷⁷³ Stokes, Martin (ed.), *Ethnicity, Identity and Music*, Oxford, Berg Publishers, 1994, p. 3.

¹⁷⁷⁴ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991; Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1955; Freitas, Pedro de, “A Música popular, parte integrante da vida da Nação (1.^a Parte)”, *Povo Algarvio*, Tavira, 21-08-1949; Freitas, Pedro de, “A Música popular, parte integrante da vida da Nação (2.^a Parte)”, *Povo Algarvio*, Tavira, 28-08-1949; Freitas, Pedro de, “Temas Musicais”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 04-07-1948; Freitas, Pedro de, “Na voz do Operário - Concurso de Bandas Civis”, Em *O Algarve*, Faro, 21-12-1947; Ramos, Rui: “A Ciência do Povo e as Origens do Estado Cultural”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 25; Mosse, George L., *La Nacionalización de las Masas: Simbolismo Político y Movimientos de Masas en Alemania desde las Guerras Napoleónicas al Tercer Reich*, Argentina, Siglo XXI Editores, 2007, pp. 16, 102, 251, 257, 262.

¹⁷⁷⁵ Freitas, Pedro de, *Eu fui à Índia*, Barreiro, Pedro de Freitas, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1962, p. 267.

agentes sociais integradores e caracterizadores do espaço territorial: «*O canto, por excelência, é um dom com que a Natureza dotou o ser humano. Preciosíssimo, é através dele que o homem difunde as suas alegrias, as suas tristezas, vinca a sua personalidade, defende com toda a alma a liberdade e a independência da sua terra e divulga, com todo o entusiasmo bairrista, o seu folclore*»¹⁷⁷⁶.

Neste sentido, as várias explanações de Pedro de Freitas sobre o conceito de música pressupunham que através do canto o ser humano pudesse imprimir a sua essência cultural à música¹⁷⁷⁷. Da mesma forma, Martin Stokes considerou esta bipolaridade: «*But music is not just a thing which happens 'in' society. A society, [...] might also be usefully conceived as something which happens 'in music'*»¹⁷⁷⁸.

Admitido este intercâmbio entre homem-música-sociedade, Pedro de Freitas concluiu que a música continha em si o conceito de cultura: «*o germen da cultura, da civilização, do recreio, e do espírito sublimado no mais acendrado bairrismo*»¹⁷⁷⁹.

Ainda que esta dimensão holística da música fosse bastante enfatizada por Pedro de Freitas na década de quarenta do século XX, ele continuou a expandir o significado da música segundo a sua filosofia sobre a vida: «*A música é vida, é civilização, é vibração de alma, é prazer e recreio*»¹⁷⁸⁰. Neste sentido, ao trabalhar profundamente

¹⁷⁷⁶ Freitas, Pedro de, “Elementos Históricos sobre a Música Popular no Algarve V”, Em *Jornal do Algarve*, Vila Real de Santo António, 20-07-1957. Ver também Raposo, Paulo: “Teatro Popular”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 335.

¹⁷⁷⁷ Freitas, Pedro de, “Elementos Históricos sobre a Música Popular no Algarve IV”, Em *Jornal do Algarve*, Vila Real de Santo António, 22-06-1957.

¹⁷⁷⁸ Stokes, Martin (ed.), *Ethnicity, Identity and Music*, Oxford, Berg Publishers, 1994, p. 2. E Seeger, Anthony, *Why Suyá Sing: A Musical Anthropology of an Amazonian People*, Cambridge University Press, 1987, p. 140.

¹⁷⁷⁹ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, p. 358.

¹⁷⁸⁰ Em Freitas, Pedro de, “Goa e ao problema da sua música”, Em *Heraldo*, Pangim, Índia Portuguesa, 26-02-1961. Ver também Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946.

os aspectos sociais e culturais da música na sociedade, Alan Merriam constatou: «*la música es cultura y lo que los músicos hacen es sociedad*»¹⁷⁸¹.

Deste modo, Pedro de Freitas considerou que a música ao reflectir as estruturas mentais e materiais da sociedade sintonizava com o grau de civilização e de organização do meio influente¹⁷⁸². Neste prisma, Pedro de Freitas chegou a utilizar a expressão: «*música popular organizada*»¹⁷⁸³. Esta visão de Pedro de Freitas pressupunha uma lógica de pensamento similar à de Alan Merriam, o qual considerava que a música, ao ser concebida pelo comportamento humano e ao ser carregada pela tradição, reflectia a complexa estrutura da índole humana, sendo, por isso, o som organizado humanamente: «*Music is a product of man and has structure, but its structure can not have an existence of its own divorced from the behavior which produces it. In order to understand why a music structure exists as it does, we must also understand how and why the behavior which produces it is as it is, and how and why the concepts which underlie that behavior are ordered in such a way as to produce the particularly desired form of organized sound*»¹⁷⁸⁴.

Porém, mais do que uma função expressiva, a música constituía um reduto da organização social que possibilitava o progresso da humanidade, por isso, Tia Denora constatou: «*Music has organizational proprieties. It may serve as a resource in daily life, and it may be understood to have social 'powers' in relation to human social*

¹⁷⁸¹ Merriam, Alan P.: “Definitions of “Comparative Musicology” and “Ethnomusicology”: an Historian-Theoretical Perspective”, Em *Ethnomusicology*, XXI, 1977, p. 204. Ou Myers P., Helen: “Etnomusicología”, Em Cruces, Francisco, [et al.] (ed.), *Las Culturas Musicales*, Madrid, Editorial Trotta, S.A., 2001, p. 25. Ver também Herndon, M. y McLeod, N., *Music as Culture*, Norwood, PA, re(ed.), 1982.

¹⁷⁸² Ou seja, a música iria reflectir a organização de todos os sectores do progresso social, a nível da urbanização, do comércio, da indústria, e a nível do artesanato desse aglomerado populacional, fosse o mesmo uma aldeia, uma vila ou uma cidade. Freitas, Pedro de, “Goa e o problema da sua música”, Em *Heraldo*, Pangim, Índia Portuguesa, 26-02-1961.

¹⁷⁸³ Freitas, Pedro de, *Eu fui à Índia*, Barreiro, Pedro de Freitas, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1962, p. 249; Freitas, Pedro de, “Temas Musicais”, *Povo Algarvio*, Tavira, 04-07-1948.

¹⁷⁸⁴ Merriam, Alan P., *The Antropology of Music*, Evanstone (Illinois), Northwestern Univerity Press, 1964, p. 7.

being»¹⁷⁸⁵. Neste prisma, Pedro de Freitas também defendeu que numa sociedade pouco industrializada, como no caso de Goa, para que existisse uma adequada cooperação entre a música e a sociedade, no sentido do progresso social, a música teria de usufruir de determinadas condições estruturais, tal como existiam em Portugal: *«falta-lhe aquele elemento a dignificá-la: a música organizada, bem empreendida e melhor executada; falta-lhe, conseqüentemente, a motorização das vibrações sonoras que falem, nos coretos, nas ruas, nas festas do Povo e nas solenidades militares e civis, aquela linguagem educada, artística e, sobretudo, bem orquestrada, aquela música, enfim, constituída nos moldes das sérias bandas que por quase todas as vilas e cidades do nosso Portugal continental existem a marcar posição de relevo»*¹⁷⁸⁶.

Por outro lado, nas várias especulações sobre o seu conceito de música, era também frequente que Pedro de Freitas revelasse a sua devoção religiosa e lhe atribuisse uma dimensão sagrada, designando-a de: *«Divina Arte»*¹⁷⁸⁷, ou de: *«sons divinos»*¹⁷⁸⁸. Neste sentido, Pedro de Freitas evidenciava que o carácter de divindade da música emanava da natureza, a qual era fecundada pelo poder divino: *«A música é aquela Arte [...] Divina, por Obra e Graça da própria natureza»*¹⁷⁸⁹; por isso: *«fala a linguagem de Deus»*¹⁷⁹⁰. Neste sentido, Eduard Hanslick também expressou que a música continha em si uma conotação divina: *«Contrariamente à censura da falta de*

¹⁷⁸⁵ Denora, Tia, *Music in Everyday Life*, Cambridge, Cambridge University Press, 2000, p. 151.

¹⁷⁸⁶ Freitas, Pedro de, *Eu fui à Índia*, Barreiro, Pedro de Freitas, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1962, p. 249. Ou Freitas, Pedro de, “Goa e ao problema da sua música”, Em *Heraldo*, Pangim, Índia Portuguesa, 26-02-1961.

¹⁷⁸⁷ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 537, 552; Freitas, Pedro de, “Impõe-se, porventura, uma necessária reforma no presente sistema musical?”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 13-09-1953; Freitas, Pedro de, “Temas Musicais”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 04-07-1948; ou Freitas, Pedro de, “Na voz do Operário - Concurso de Bandas Civis”, Em *O Algarve*, Faro, 21-12-1947.

¹⁷⁸⁸ Freitas, Pedro de, “As sete notas de música”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 09-08-1953.

¹⁷⁸⁹ Freitas, Pedro de, “Goa e ao problema da sua música”, Em *Heraldo*, Pangim, Índia Portuguesa, 26-02-1961; Freitas, Pedro de, *Eu fui à Índia*, Barreiro, Pedro de Freitas, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1962, p. 249.

¹⁷⁹⁰ Freitas, Pedro de, “A Banda de Tavira vai acabar”, *Povo Algarvio*, Tavira, 01-02-1948.

conteúdo, a música tem, pois, conteúdo, mas um conteúdo musical, o qual é uma centelha do fogo divino em nada inferior ao belo de qualquer outra arte... Ora este teor espiritual conecta também, no ânimo do ouvinte, o belo da arte sonora com todas as outras grandes e belas ideias. A música não o produz apenas e absolutamente mediante a sua beleza mais peculiar, mas ao mesmo tempo como cópia ressonante dos grandes movimentos do universo. Visto que os elementos da música – ressonância, som, ritmo, força, fraqueza – se encontram em todo o universo, o homem, por seu turno, encontra assim todo o universo na música»¹⁷⁹¹. Do mesmo modo, Fidelino de Figueiredo considerou que a música estava interligada ao universo: «A música tem relações com o absoluto ou com a entranha do universo [...]. As sílabas da sua linguagem são as notas e os acordes com seus acidentes [...] não são mais que vibrações, as quais se inscrevem com seu campo próprio no movimento universal»¹⁷⁹².

Porém, ao considerar a música como uma arte sublime, Pedro de Freitas acentuava a sua dimensão holística: «MÚSICA! Nesta palavra de seis letras apenas, curta, aliciante, encerra-se todo um delicado Tratado de ciência e arte. Na vida do Homem e na das Sociedades – quer elas sejam ou não civilizadas - essa palavra de magia, em todas as línguas, e ideais, atesta a mesma idolatria: porque ela é o crisol do amor, do sentimento, e o da eternecida ou festiva popularidade. MÚSICA! Encontramo-la no ar que respiramos, no murmúrio das águas, no perfume das flores que inebria a alma, no mar [...], nos animais de todas as espécies, nas viagens, na literatura, na poesia, nas cores, na pintura, nos desportos, nas guerras, nas marchas dos heróis ou dos vencidos, nas dores, nas tempestades, nas mulheres que amamos, nos carinhos de

¹⁷⁹¹ Hanslick, Eduard, *Do Belo Musical Um Contributo para a Revisão da Estética da Arte dos Sons*, Lisboa, Edições 70, 1994, p. 107.

¹⁷⁹² Figueiredo, Fidelino de, *Música e Pensamento (Quatro ensaios marginais e um prólogo)*, Lisboa, Guimarães editores, 1958, pp. 142-143.

nossas mães, e, finalmente, em todos os cambiantes da vida [...]. *MÚSICA! Mãe de todas as Artes*»¹⁷⁹³. Da mesma forma, Fidelino de Figueiredo constatou que a música superava as outras artes: «*O melhor de todas as artes se contém nela*»¹⁷⁹⁴.

Além do mais, Pedro de Freitas considerou a música como uma linguagem universal: «*a 'Divina Arte' – a única língua universal até hoje existente*»¹⁷⁹⁵. De facto, a ideia de universalidade da música tem sido enfatizada no sentido da mesma subsistir na natureza biológica de cada ser humano: «*Like language, music exists in all human societies. Like language, music is complex, rule-governed activity, and appears to be associated with a specific brain architecture*»¹⁷⁹⁶. Apesar da música estar inserida em diferentes contextos socioculturais, a sua ideia de universalidade subsiste ao saber-se que nenhuma cultura desde os ancestrais períodos históricos existiu sem música: «*no society is without a musical tradition*»¹⁷⁹⁷.

Porém, ao representar uma componente intrínseca da vida humana, sublinha-se a importante função social que a música desempenha no seio da sociedade¹⁷⁹⁸. Neste sentido, Gérard Brey, no seu estudo sobre os Orfeões de Espanha, analisou que: «*La*

¹⁷⁹³ Freitas, Pedro de, *Eu fui à Índia*, Barreiro, Pedro de Freitas, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1962, p. 257.

¹⁷⁹⁴ Figueiredo, Fidelino de, *Música e Pensamento (Quatro ensaios marginais e um prólogo)*, Lisboa, Guimarães editores, 1958, p. 61.

¹⁷⁹⁵ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 537.

¹⁷⁹⁶ Peretz, Isabelle y Zatorre, Robert J., *The Cognitive Neuroscience of Music*, New York, Oxford University Press, 2003, p. [V]. Sobre a ideia da música como linguagem universal ver também Trehub, Sandra E.: “Musical Predispositions in infancy: an update”, Peretz, Isabelle y Zatorre, Robert J., *The Cognitive Neuroscience of Music*, New York, Oxford University Press, 2003, pp. 3-20; Drake, Carolin e Bertrand, Daisy: “The Quest for Universals in temporal processing in Music”, Em Peretz, Isabelle y Zatorre, Robert J., *The Cognitive Neuroscience of Music*, New York, Oxford University Press, 2003, pp. 21-41; Cross, Ian: “Music, Cognition, Culture, and Evolution”, Em Peretz, Isabelle y Zatorre, Robert J., *The Cognitive Neuroscience of Music*, New York, Oxford University Press, 2003, pp. 42-56.

¹⁷⁹⁷ Connell, John e Gibson, Chris, *Sound Tracks Popular music, identity and place*, London and New York, Routledge, 2003, p. 19.

¹⁷⁹⁸ Storr, Anthony, *Music and the Mind*, New York, Random house, 1993; Seeger, A.: “Music and Dance”, Em Ingold, T. (ed.), *Companion Encyclopedia of Anthropology*, London, Routledge, 1994, pp. 686-705; Connell, John e Gibson, Chris, *Sound Tracks Popular music, identity and place*, London and New York, Routledge, 2003; Blacking, John, *How Musical is man?*, Seattle, University of Washington Press, 1974.

musique servant de véhicule aux aspirations collectives»¹⁷⁹⁹; Manuel Morales Muñoz, na investigação sobre as sociedades musicais e cantantes em Andaluzia, enfatizou a ideia de: «*la utilización de la música como instrumento de cohesión o afirmación social*»¹⁸⁰⁰; Jean-Louis Guereña, na apresentação das sociedades musicais e cantantes em Espanha no século XIX e XX, afirmou que: «*Le chant et la musique deviennent ainsi des bases de la relation sociale*»¹⁸⁰¹; e, Marie-Claude Lécuyer, na contextualização da música e da sociabilidade burguesa em Espanha em meados do século XIX, descreveu a função da música como um: «*lieux de culture et de sociabilité*»¹⁸⁰². Porém, Pedro de Freitas enfatizava que a função social mais importante desempenhada pela música relacionava-se com a sua componente ética. Na qualidade de “divina” a música transmitia boas influências na alma humana, por isso, Pedro de Freitas considerou-a: «*a grande escola de bons princípios que a Humanidade tanto precisa e reclama*»¹⁸⁰³. Deste modo, Pedro de Freitas entendia que cabia ao compositor a faculdade de sintonizar com a “Divina Arte” para poder exercer essas boas qualidades na sociedade: «*na grande tribuna da sua regência [tem de] instituir uma artística batuta de génio bondoso que harmonize com a ‘Divina Arte’ –*

¹⁷⁹⁹ Brey, Gérard: “Sur les orphéons en Espagne en général et à Valladolid en particulier commentaires à propos du livre de Joaquina Labajo Valdés”, Em Aubert, Paul (dir.), *Bulletin d’Histoire Contemporaine de l’Espagne*, Sociétés musicales et chantantes en Espagne (XIX-XX siècles), n.º 20, Centre National de la Recherche Scientifique, Maison des Pays Ibériques, décembre 1994, p. 39.

¹⁸⁰⁰ Morales Muñoz, Manuel: “Sociedades Musicales y Cantantes en Andalucía”, Em Aubert, Paul (dir.), *Bulletin d’Histoire Contemporaine de l’Espagne*, Sociétés musicales et chantantes en Espagne (XIX-XX siècles), n.º 20, Centre National de la Recherche Scientifique, Maison des Pays Ibériques, décembre 1994, p. 58.

¹⁸⁰¹ Guereña, Jean-Louis: “Presentation”, Em Aubert, Paul (dir.), *Bulletin d’Histoire Contemporaine de l’Espagne*, Sociétés musicales et chantantes en Espagne (XIX-XX siècles), n.º 20, Centre National de la Recherche Scientifique, Maison des Pays Ibériques, décembre 1994, p. 35.

¹⁸⁰² Lécuyer, Marie-Claude: “Musique et sociabilité Bourgeoise en Espagne au milieu du XIX siècle”, Em Aubert, Paul (dir.), *Bulletin d’Histoire Contemporaine de l’Espagne*, Sociétés musicales et chantantes en Espagne (XIX-XX siècles), n.º 20, Centre National de la Recherche Scientifique, Maison des Pays Ibériques, décembre 1994, p. 51.

¹⁸⁰³ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 537.

a única língua universal até hoje existente»¹⁸⁰⁴. Neste âmbito, Pedro de Freitas considerava a música como um agente pacificador entre diferentes contextos sociais: «O português olha desconfiado para o seu vizinho espanhol; o francês não esquece os agravos dos alemães; estes não perdoam a arrogância dos ingleses; os italianos não toleram a expansão dos russos. Mas a maravilha da música fá-los afinar no mesmo diapasão!»¹⁸⁰⁵. Deste modo, era mediante o poder da música que os cidadãos de diferentes nacionalidades partilhavam de vários sentimentos de fraternidade: «A música é o grande elo dos indivíduos; é o grande e melhor agente de pacificação nas relações da Humanidade. Almas que não se conhecem, abraçam-se quando revelam conhecer a língua de todos»¹⁸⁰⁶. A partir destas conceptualizações de Pedro de Freitas está subjacente a ideia da música como um sistema sociocomunicativo, o que também foi defendido por Gérard Brey, no seu estudo sobre os orfeões em Espanha: «sur l'intérêt qu'elle peut offrir comme moyen de communication»¹⁸⁰⁷. Por outro lado, Pedro de Freitas expressou a noção de música como um veículo responsável pela partilha de emoções e de gostos, o que também foi acentuado por Simon Frith, no seu estudo sobre a música popular: «La experiencia de la música [...] es una experiencia de ubicación: en respuesta a una canción, nos sentimos atraídos fortuitamente hacia alianzas afectivas y emocionales con los intérpretes y con las interpretaciones de los otros fans. Lo mismo ocurre en otras áreas de la cultura popular: el deporte, [...] crea un ambiente en el cual la gente logra experimentar de forma muy directa la

¹⁸⁰⁴ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 537.

¹⁸⁰⁵ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 536-537.

¹⁸⁰⁶ Freitas, Pedro de, *O I Concurso Nacional de Bandas Cívicas – Madeira e Açores Belezas de Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1965, p. 346.

¹⁸⁰⁷ Brey, Gérard: “Sur les orphéons en Espagne en général et à Valladolid en particulier commentaires à propos du livre de Joaquina Labajo Valdés”, Em Aubert, Paul (dir.), *Bulletin d' Histoire Contemporaine de l' Espagne*, Sociétés musicales et chantantes en Espagne (XIX-XX siècles), n.º 20, Centre National de la Recherche Scientifique, Maison des Pays Ibériques, décembre 1994, p. 38.

*sensación de comunidad, logra establecer un vínculo con los demás y llega a articular un particular orgullo colectivo»*¹⁸⁰⁸. Por sua vez, Pedro de Freitas constatou que embora os seres humanos pertencessem a diferentes contextos culturais podiam partilhar de experiências emocionais através da música, o que também foi justificado por David Hargreaves e Adrian North no livro sobre a psicologia social da música: «*Music has many different functions in human life, nearly all of which are essentially social. We use music to communicate with one another: it is possible for people from widely differing cultural backgrounds to establish contact through the languages they speak may be quite incomprehensible to one another. Music can arouse deep and profound emotions within us, and these can be shared experiences between people from quite different backgrounds»*¹⁸⁰⁹. Finalmente, Pedro de Freitas expressou a ideia de que a música exercia uma componente pacificadora entre diferentes contextos nacionais. De facto, em muitas situações, tem-se constatado que a acção da música interage a nível hormonal, exercendo uma função pacificadora entre diferentes situações sociais: «*music modifies hormone production in groups of people. [...] Apart from arousing individuals, music can also pacify. [...] listening to music can reduce testosterone levels. [...] In human social groups, lower levels of testosterone are likely to result in less aggression, less conflict, less sexual confrontation or sexual competition, and consequently more group cohesiveness»*¹⁸¹⁰.

Porém, mesmo numa perspectiva de resistência e/ou de estratégia face às imposições do sistema político-ideológico vigente, a definição de música explanada por Pedro de Freitas continuava a interagir integralmente com a sua filosofia de vida. Dado, por um

¹⁸⁰⁸ Frith, Simon: “Hacia una Estética de la Música Popular”, Em Cruces, Francisco [et al.] (ed.), *Las Culturas Musicales*, Madrid, Editorial Trotta, S.A., 2001, pp. 420-421.

¹⁸⁰⁹ Hargreaves, David J. e North, Adrian C. (ed.), *The Social Psychology of Music*, New York, Oxford University Press, 1997, p. 1.

¹⁸¹⁰ Huron, David: “Is Music an Evolutionary Adaptation?”, Em Peretz, Isabelle y Zatorre, Robert J., *The Cognitive Neuroscience of Music*, New York, Oxford University Press, 2003, pp. 68 e 70.

lado, o carácter de divindade da música e, por outro lado, constatadas as várias problemáticas infrutíferas sempre que a “música do povo” se subordinava às flutuações políticas da época, Pedro de Freitas reforçou a sua concepção de música numa dimensão metafísica. Uma música que ao ser concebida pelo poder criador de Deus visava apenas cumprir os requisitos da bondade divina ao encontro do progresso harmonioso da humanidade, sendo incorruptível face aos intentos perversos das ideologias políticas¹⁸¹¹. Assim, era também uma forma de Pedro de Freitas se justificar e argumentar que a sua conduta cultural, ética e social interagia no mesmo plano metafísico da sua noção de música, sendo, em última instância, separada de todas as ideologias políticas da época - o que se adequava à sua idealização de “imparcialidade política”¹⁸¹². Porém, o caso específico de Pedro de Freitas não é tão linear quanto à partida parece ser. Umhas vezes, ele seduzia a política do Estado com a teoria da “imparcialidade política” enquanto, outras vezes, ele manifestava a sua parcialidade através das suas exigências a um governo intransigente, de acordo com as suas necessidades a favor da música popular¹⁸¹³. De facto, na sua lógica de pensamento nacionalista, a “música do povo” exprimia a essência do estrato popular,

¹⁸¹¹ Freitas, Pedro de, “Na voz do Operário - Concurso de Bandas Cívicas”, Em *O Algarve*, Faro, 21-12-1947; Freitas, Pedro de, “As sete notas de música”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 09-08-1953; Freitas, Pedro de, “Impõe-se, porventura, uma necessária reforma no presente sistema musical?”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 13-09-1953; Freitas, Pedro de, “Temas Musicais”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 04-07-1948; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 521-524.

¹⁸¹² Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 22, 537; Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 25-08-1938; Freitas, Pedro de, “Temas Musicais”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 04-07-1948; Freitas, Pedro de, “Na voz do Operário - Concurso de Bandas Cívicas”, Em *O Algarve*, Faro, 21-12-1947; Freitas, Pedro de, “As sete notas de música”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 09-08-1953; Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, pp. 70-80; Freitas, Pedro de, “Vai entrar-se na solução da crise das Bandas Cívicas?”, *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 02-05-1959; Freitas, Pedro de, *Eu fui à Índia*, Barreiro, Pedro de Freitas, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1962, p. 249.

¹⁸¹³ Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 25-08-1938; Freitas, Pedro de, “Temas Musicais”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 04-07-1948; Freitas, Pedro de, “A Música popular, parte integrante da vida da Nação (1.ª Parte)”, *Povo Algarvio*, Tavira, 21-08-1949; Freitas, Pedro de, *Eu fui à Índia*, Barreiro, Pedro de Freitas, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1962, p. 249.

o qual, por sua vez, representava a idiossincrasia da nação portuguesa (personificada como um organismo sociobiológico “vivo”)¹⁸¹⁴. Deste modo, directa ou indirectamente, Pedro de Freitas atribuía à “música do povo” uma função patriótica, étnica e nacionalista¹⁸¹⁵. Como tal, sempre que Pedro de Freitas associava o seu conceito de música a narrativas normativas e operativas peculiares do nacionalismo não teria ele a condicionar que a «*arte dos sons*» adicionasse elementos de integração social que determinavam e/ou eram manipulados pelas ideologias políticas que governavam a nação¹⁸¹⁶?

Segundo a apresentação escrita por Jean-Louis Guereña, sobre as sociedades musicais e cantantes em Espanha nos séculos XIX e XX, a música exerceu um papel fundamental na coesão da comunidade: «*comme un élément identitaire et structurant de la communauté*»¹⁸¹⁷. Por sua vez, Simon Frith, no seu estudo sobre a estética da música popular, considerou a existência de interligações entre a música e a “etnicidade”: «*Grupos distintos poseen distintos tipos de capital cultural, comparten*

¹⁸¹⁴ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1976, pp. 71-72; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946.

¹⁸¹⁵ A música apresentaria uma função patriótica por exprimir a cultura dos antepassados; uma função nacional por pressupor uma consciência colectiva subjacente onde o estado corresponde à nação portuguesa e, por isso, o hino representa um exemplo de lealdade nacional; e, finalmente, uma função nacionalista por instrumentalizar essa consciência nacional nos vários planos histórico-geográfico e cultural que a integram. Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 521-554; Freitas, Pedro de, “A Música popular, parte integrante da vida da Nação (1.ª Parte)”, *Povo Algarvio*, Tavira, 21-08-1949; Freitas, Pedro de, *Eu fui à Índia*, Barreiro, Pedro de Freitas, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1962, p. 249; Freitas, Pedro de, “Temas Musicais”, *Povo Algarvio*, Tavira, 04-07-1948; Cottam, Martha L. e Cottam, Richard W., *National and Politics The Political Behavior of Nation States*, Boulder, London, Lynne Rienner Publishers, 2000, p. 2; Smith, Anthony D.: “Nations and History”, Em Guibernau, Montserrat, Hutchinson, John (ed.), *Understanding Nationalism*, Cambridge, Polity Press, 2001, pp. 9-26; Hobsbawm, Eric J., *Nation and Nationalism since 1780: Programme, Myth, Reality*, New York, Cambridge University Press, 1999, p. 10.

¹⁸¹⁶ Malešević, Siniša: “Nationalism and the Power of Ideology”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 309-310.

¹⁸¹⁷ Guereña, Jean-Louis: “Presentation”, Em Aubert, Paul (dir.), *Bulletin d' Histoire Contemporaine de l' Espagne*, Sociétés musicales et chantantes en Espagne (XIX-XX siècles), n.º 20, Centre National de la Recherche Scientifique, Maison des Pays Ibériques, décembre 1994, p. 37.

*expectativas culturales distintas y hacen música de manera distinta [...] se dan por sentadas ciertas conexiones entre etnicidad y sonido»*¹⁸¹⁸. Neste sentido, Pedro de Freitas também considerava que mediante a “música do povo” era possível a identificação de critérios de identidade, os quais, de certa forma, estavam associados ao fenómeno da “etnicidade”: *«pelos cantares dos povos se definem os génios das raças»*¹⁸¹⁹. De facto, através da associação de um conceito, sem contornos precisos, entre o Estado, a Nação e o Povo apelava-se ao “patriotismo” consubstanciado num “nacionalismo étnico”, cujo objectivo era identificar e produzir um ideal de “etnicidade” que impunha, num certo sentido, uma ideia de comunidade nacional coesa através de uma auto-consciência de especificidade histórica, social e cultural¹⁸²⁰. Deste modo, a teorização discursiva que apelava a critérios selectivos do ponto de vista de pureza étnico-racial (corrente dos estados cujos regimes políticos eram de concepção autoritária), esteve muito em voga no século XX, especialmente a partir dos anos trinta¹⁸²¹. Por sua vez, a conotação da música a critérios territoriais,

¹⁸¹⁸ Frith, Simon: “Hacia una Estética de la Música Popular”, Em Cruces, Francisco, [et al.] (ed.), *Las Culturas Musicales*, Madrid, Editorial Trotta, S.A., 2001, p. 415.

¹⁸¹⁹ Freitas, Pedro de, “Elementos Históricos sobre a Música Popular no Algarve IV”, *Jornal do Algarve*, Vila Real de Santo António, 22-06-1957. Ver também Melo, Daniel, *Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)*, Viseu, Imprensa de Ciências Sociais, 2001, p. 39.

¹⁸²⁰ Etnicidade é a auto-consciência da especificidade cultural e social de um grupo ou de uma comunidade que se sente culturalmente coesa. O termo foi proposto pelo sociólogo norte-americano David Riesman que, em parceria com Reuel Denney e Nathan Glazer, publicou *The Lonely Crowd* (Yale, Yale University Press, 1961), considerando que as questões raciais eram um dos aspectos da etnicidade. No entanto, a genética moderna já não dá credibilidade à teoria das raças porque sempre houve cruzamentos entre as populações humanas e porque a distribuição das características físicas segundo a hereditariedade não se determina segundo fronteiras geográficas. Eriksen, Thomas Hylland, *Ethnicity and Nationalism Anthropological Perspectives*, London, Pluto Press, 1993, p. 8. Ver também Melo, Daniel, *Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)*, Viseu, Imprensa de Ciências Sociais, 2001, p. 39; Balibar, Etienne: “Racism and Nationalism”, Em Spencer, Philip and Wollman, Howard, *Nations and Nationalism A Reader*, New Brunswick, New Jersey, Rutgers University Press, 2005, pp 163-172.

¹⁸²¹ Heloisa, Paulo, *Estado Novo e Propaganda em Portugal e no Brasil. O SPN/SNI e o DIP*, Coimbra, Livraria Minerva, 1994, p. 66; Fenton, Steve: “Race and the Nation”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, p. 192; Gilroy, Paul: “Between Camps”, Em Spencer, Philip and Wollman, Howard, *Nations and Nationalism A Reader*, New Brunswick, New Jersey, Rutgers University Press, 2005, pp. 149-151; Freitas, Pedro de, “Elementos Históricos sobre a Música Popular no Algarve IV”, *Jornal do Algarve*, Vila Real de Santo António, 22-06-1957; Melo, Daniel, *Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)*, Viseu, Imprensa de Ciências Sociais, 2001, p. 39.

linguísticos e culturais (reconstruídos pelas políticas regionais e nacionais) restabelecia, de forma quotidiana e rotineira, as respectivas interações da música na reconfiguração dos Estados-Nação Europeus. Assim sendo, as nações “étnico-culturais” constituíam comunidades cuja política vigente procurava operacionalizar através do nacionalismo¹⁸²². Neste sentido, Simon Frith, através do estudo sobre a estética da música popular, reconheceu a ligação entre a música e o nacionalismo: «*la música popular haya tenido siempre una importante función en el nacionalismo*»¹⁸²³. As opiniões dos autores que se seguem também são exemplos desta complementaridade. Assim, Marie-Claude Lécuyer, no seu estudo sobre a música e a sociabilidade em Espanha em meados do século XIX, concluiu que a música servia de veículo à integração nacional: «*lieux de culture et de sociabilité susceptibles de contribuer à la régénération de l' Espagne et à la consolidation de l' unité*

¹⁸²² O conceito de etnicidade é relativamente novo uma vez que foi utilizado em meados do século XX, e tal como outros conceitos utilizados no âmbito das disciplinas sociais e humanas este conceito tem sido usado com diferentes significados. Assim, o sentido de etnicidade aqui expresso relaciona-se com a consciência de pertença a um determinado grupo humano através essencialmente dos seus atributos de ordem sociocultural. Esta consciência de etnicidade implica não só a partilha de um sentimento de colectividade como também uma percepção socialmente subjectiva desse grupo. Por sua vez, dessa consciência de etnicidade depreende-se não só uma dimensão cognitiva como também uma dimensão afectiva. Neste sentido, ao considerarmos o papel que a etnicidade desempenha na música podemos considerar o âmbito expressivo e o instrumental. O primeiro (isto é, o âmbito expressivo), ao ser autorreferencial permite a construção social do fenómeno, e ao criar a percepção social da diferença valida a etnicidade dentro de um universo simbólico actualizante. O segundo (isto é, o âmbito instrumental), permite que a consciência de pertença jogue um papel dinâmico nas forças que configuram a realidade social. Tem sido este âmbito instrumental que (indissociável do âmbito expressivo), a nível político tem configurado a dinâmica social dos nacionalismos ao ponto da criação dos estados etnocráticos. Partilhando ainda da opinião de Josep Martí i Pérez, a noção de etnicidade, expressa por uma forte componente subjectivista, relaciona-se com a música através de um nexo de identidade entre a produção sonora e o grupo étnico; através do processo de reconstrução dessa música étnica; e através do seu contraste ou diferenciação relativamente a outras músicas. I Pérez, Josep Martí: “Música y Etnicidad: una introducción a la problemática”, Em *Revista Transcultural de Música - Transcultural Music Review*, n.º 2, 1996, pp. 1-2. Ver também Carvalho, João Soeiro de: “A Nação Folclórica: projecção nacional, política e etnicidade em Portugal”, Em *Revista de Música Transcultural Music Review*, 2, 1996, p. 2, [On-line], <<http://www.sibetrans.com/trans/trans2/soeiro.htm>>, [consulta: 19 de Agosto de 2007]; Marratzu, Priamo: “Nacionalismo e homogenidade cultural: a importância dos media”, Mestre em Relações Internacionais pela Universidade Fernando Pessoa, Novembro de 2006, pp. 3-4, [On-line], <<http://bocc.ubi.pt/pag/marratzu-priamo-nacionalismo-homogenidade-cultural.pdf>>, [consulta: 14 Novembro 2006].

¹⁸²³ Frith, Simon: “Hacia una Estética de la Música Popular”, Em Cruces, Francisco, [et al.] (ed.), *Las Culturas Musicales*, Madrid, Editorial Trotta, S.A., 2001, p. 423.

nationale»¹⁸²⁴; Gérard Brey, no seu trabalho relacionado com os orfeões em Espanha, constatou que a inspiração coral fundava-se em elementos de carácter nacional: «*les choeurs qui s' en inspirent prennent une tonalité patriotique ou régionaliste*»¹⁸²⁵; e segundo Jean-Louis Guereña, através do seu estudo sobre os orfeões socialistas em Espanha no início do século XIX, as canções e os hinos associavam-se não só à identidade como também à cultura política: «*les chansons et les hymnes deviennent pleinement un instrument identitaire et una forme de la culture socialiste*»¹⁸²⁶.

Seguindo esta lógica de pensamento, será possível problematizar a dicotomia entre a música e a política forjada por Pedro de Freitas? De facto, a música ao desempenhar uma função cultural na afirmação, na mudança e na reconstrução das identidades tem sido instrumentalizada em função de adequações políticas na reconstrução do conceito de nacionalidade¹⁸²⁷. Como tal, muitas políticas do estado, mediante uma estratégia de controlo, têm-se apropriado da música: «*In many countries state music policies were developed to encourage greater local (national) music activity, usually by imposing quotas on radio stations for local content, requiring them to dedicate a percentage of time to recordings by local artists. Such policies were threefold: first, to censor sounds considered contrary to state interests. Second, state politicizes sought to*

¹⁸²⁴ Lécuyer, Marie-Claude: “Musique et sociabilité Bourgeoise en Espagne au milieu du XIX siècle”, Em Aubert, Paul (dir.), *Bulletin d' Histoire Contemporaine de l' Espagne*, Sociétés musicales et chantantes en Espagne (XIX-XX siècles), n.º 20, Centre National de la Recherche Scientifique, Maison des Pays Ibériques, décembre 1994, p. 51.

¹⁸²⁵ Brey, Gérard: “Sur les orphéons en Espagne en général et à Valladolid en particulier commentaires à propos du livre de Joaquina Labajo Valdés”, Em Aubert, Paul (dir.), *Bulletin d' Histoire Contemporaine de l' Espagne*, Sociétés musicales et chantantes en Espagne (XIX-XX siècles), n.º 20, Centre National de la Recherche Scientifique, Maison des Pays Ibériques, décembre 1994, p. 41.

¹⁸²⁶ Guereña, Jean-Louis: “Les orphéons socialistes et leur répertoire au début du XX siècle”, Em Aubert, Paul (dir.), *Bulletin d' Histoire Contemporaine de l' Espagne*, Sociétés musicales et chantantes en Espagne (XIX-XX siècles), n.º 20, Centre National de la Recherche Scientifique, Maison des Pays Ibériques, décembre 1994, p. 127.

¹⁸²⁷ Connell, John e Gibson, Chris, *Sound Tracks Popular music, identity and place*, London and New York, Routledge, 2003, pp. 117-118; I Pérez, Josep Martí: “Música y Etnicidad: una introducción a la problemática”, Em *Revista Transcultural de Música - Transcultural Music Review*, n.º 2, 1996, p. 1.

protected local music industries and artists, and provide some avenue for those artists to be recorded, broadcast and heard throughout their home country. Third, they sought the maintenance of “local cultures” in the face of increasingly Anglo-American popular music distributed by major record corporations»¹⁸²⁸.

Neste sentido, ainda é possível sugerir-se a questão se o próprio conceito de música poderá ser analisado como ontologicamente perpetrado segundo uma lógica política. Assim sendo, ao incorporar propriedades de organização social, a música poderia interagir “intencionalmente” na mediação entre os interesses da “nação” e da reconfiguração dos seus cidadãos¹⁸²⁹. Com efeito, reconhece-se que Pedro de Freitas não deixou de subentender esta lógica de pensamento através das suas especulações sobre a música popular, tal como expressou, por exemplo, o artigo de imprensa periódica intitulado “A Música popular, parte integrante da vida da Nação”: *«Herdámos dos nossos antepassados essa Obra Musical a que o vulgo domina de Sociedades Filarmónicas ou Bandas Civis. Trata-se de uma herança [...] aliciante, portuguesa, reformadora de alguns dos maus vícios do nosso povo, nacional, heróica e sobretudo, altamente patriótica»¹⁸³⁰.*

Neste prisma, poder-se-á questionar sobre a possibilidade da música ultrapassar os parâmetros de uma mera arte inócua e ser detentora e impulsionadora de complexas estruturas sociais de índole política: *«Music can be seen to get into or inform subjectivity and, then, the issue of aesthetic control and its relation to the constitution*

¹⁸²⁸ Connell, John e Gibson, Chris, *Sound Tracks Popular music, identity and place*, London and New York, Routledge, 2003, pp. 118-119.

¹⁸²⁹ Pekacz, Jolante T.: “Memory, History and Meaning: Musical Biography and its Discontents”, *Journal of Musicological Research*, n.º 23, London, Routledge, Taylor & Francis Group, 2004, p. 77.

¹⁸³⁰ Freitas, Pedro de, “A Música popular, parte integrante da vida da Nação (1.ª Parte)”, *Povo Algarvio*, Tavira, 21-08-1949. Ver também Freitas, Pedro de, *Eu fui à Índia*, Barreiro, Pedro de Freitas, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1962, p. 249; Freitas, Pedro de, “Temas Musicais”, *Povo Algarvio*, Tavira, 04-07-1948.

of agency is serious, particularly as organizations and marketers are becoming increasingly sophisticated in their deployment of music. Further explorations of music as it is used and developed in daily life in relation to agency's configuration will only serve to highlight what Adorno, and the Greek philosophers, regarded as a fundamental matter in relation to the polis, the citizen and the configuration of consciousness; namely, that music is much more than a decorative art; it is a powerful medium of social order. Conceived in this way, and documented through empirical research, music's presence is clearly political, in every sense that the political can be conceived»¹⁸³¹.

No entanto, é de sublinhar que Pedro de Freitas considerava que, em última análise, a sua noção de música ultrapassava o objectivo protagonizado por qualquer estratégia ideológico-política porque a mesma era sublime, cuja essência era divina, e, por isso, incorruptível¹⁸³². Como tal, na sua óptica, fundada na sua religiosidade, Pedro de Freitas encontrava um caminho de instrumentalizar as ideologias políticas vigentes face aos seus intentos de salvaguardar a reverência de uma música que era qualitativamente poderosa, sendo da pertença do povo e em usufruto desse mesmo povo¹⁸³³. Sem embargo, esta religiosidade peculiar da personalidade de Pedro de Freitas encaixava-se perfeitamente na mentalidade sociocultural da sua época contextual e, num certo sentido, por mais paradoxal que possa parecer, era adequada

¹⁸³¹ Denora, Tia, *Music in Everyday Life*, Cambridge, Cambridge University Press, 2000, p. 163.

¹⁸³² Freitas, Pedro de, “A Banda de Tavira vai acabar”, *Povo Algarvio*, Tavira, 01-02-1948; Freitas, Pedro de, *Eu fui à Índia*, Barreiro, Pedro de Freitas, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1962, p. 249.

¹⁸³³ Freitas, Pedro de, “Pelo Progresso da Música Louletana (I)”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 26-12-1926, Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 20-10-1938; Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 20-10-1938; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 22.

aos intentos da política estadonovista pelo estado de quietação que a mesma implicava nos seus súbditos¹⁸³⁴.

~ × ~

Pedro de Freitas sentia profundamente a música, por esta razão foi possível contextualizar a sua definição de música num diálogo interactivo de âmbito interdisciplinar. Neste sentido, o conceito de música expresso por Pedro de Freitas exerceu uma função holística, integradora, pacificadora e pedagógica na realidade humana, o que justificou a razão da componente musical ter sido a causa imanente em todas as suas lutas de vida. Porém, reconhecido o poder da música, muitas políticas do estado têm tido a pretensão de se apoderar da arte musical em virtude dos seus intentos de manipulação das massas. No entanto, no caso específico de Pedro de Freitas, o seu conceito de música abrangia uma dupla realidade. Por um lado, Pedro de Freitas pressupunha uma dialéctica entre música, sociedade e nação de acordo com o que na sua óptica era considerado de benéfico ao povo, comprometido no usufruto da nação-estado portuguesa. Porém, por outro lado, como uma forma de seduzir, de ultrapassar e de instrumentalizar os abusos que as ideologias políticas da época exerciam nas massas populares, Pedro de Freitas salvaguardava a “música do povo” através da sua concepção metafísica da música porque a mesma, ao provir da essência divina, era não só destinada à evolução harmoniosa da sociedade como também superava absolutamente as estratégias manipuladoras das ideologias políticas da época. Não obstante, esta visão de música defendida por Pedro de Freitas relacionava a sua devoção religiosa à sua conduta de “imparcialidade política”, a qual, não só se encaixava perfeitamente na mentalidade sociocultural da sua época contextual como era adequada aos intentos da política estadonovista pelo estado de quietação que estas perspectivas implicavam nos seus súbditos.

¹⁸³⁴ Félix, Pedro: “O concurso “A Aldeia Mais Portuguesa de Portugal” 1938”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, pp. 208-211; Haugaard, Mark: “Nationalism and Liberalism”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 345-356.

4.1.1. Dar ao povo música da sua feição

O “povo” e a “música do povo” constituíram preocupações prementes expressas através da bibliografia de Pedro de Freitas, as quais também foram verbalizadas através das suas conferências¹⁸³⁵. Porém, para compreender a razão destas inquietudes é previamente necessário clarificar que os discursos e narrativas, marcadamente nacionalistas, protagonizados por Pedro de Freitas eram caracterizados por conceitos de conotação simbólica, tais como: “povo”; “identidade”; “pureza”; “genuína”; “espontânea”; “autenticidade”; “raça”; “critérios de identidade”, “anónimo”; “pátria”; “patriotismo”; “nação”; “país”; “música popular” ou “música do povo”¹⁸³⁶. Estes conceitos, além de terem sido instrumentalizados pela política do *Estado Novo* (1933-1974), na construção de estratégias de identidade nacional, vigoravam, pelo menos, desde a segunda metade do século XIX, na construção da ideia de Portugal como um

¹⁸³⁵ A título de exemplo, no *Segundo Congresso Nacional das Colectividades de Educação e Recreio*, que a *Federação das Colectividades de Educação e Recreio* realizou a Julho de 1949, Pedro de Freitas apresentou uma conferência subordinada ao tema: “*A Música Popular – Parte integrante da Vida da Nação*”; por sua vez, a 5 de Maio de 1962, na *Sala da Regional Casa do Algarve*, em Lisboa, Pedro de Freitas proferiu outra conferência integrada no *Ciclo de Conferências* e subordinada à temática “O Algarve através da Música Popular: Seus valores, assistência e educação”. Ver respectivamente Freitas, Pedro de: “Apontamentos Históricos da vida das Filarmónicas A história principia assim...”, Em Silva, Manuel Lopes da (dir.), *Catavento n.º 50, Boletim da casa do pessoal da F.N.A.T.*, Lisboa, Dezembro 1973, pp. 28-29, [n.º 135 no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIV)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 17-03-1954; Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XV)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 28-04-1954; Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XV)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 05-05-1954; Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.ª (ed.), 1991, pp. 463-477. Ver o ponto 7.5. Conferências e eventos concedidos por Pedro de Freitas, em Anexos.

¹⁸³⁶ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946; Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955; Freitas, Pedro de, “Temas Musicais”, *Povo Algarvio*, Tavira, 04-07-1948; Freitas, Pedro de, “A Música popular, parte integrante da vida da Nação (1.ª Parte)”, *Povo Algarvio*, Tavira, 21-08-1949; Freitas, Pedro de, “A Música Popular, parte integrante da vida da Nação (2.ª Parte)”, *Povo Algarvio*, Tavira, 28-08-1949; Freitas, Pedro de, “Elementos Históricos sobre a Música Popular no Algarve IV”, *Jornal do Algarve*, Vila Real de Santo António, 22-06-1957; Freitas, Pedro de, “Devaneios musicais”, Em *Correio do Sul*, Faro, 16-03-1972.

“estado cívico” fundamentada pelos Liberais¹⁸³⁷. Neste prisma, Pedro de Freitas identificava-se com estes conceitos estruturantes porque os mesmos transmitiam um sentido de identidade nacional que vinha sendo reestruturado na continuidade dos movimentos e ideais liberais, republicanos e nacionalistas fundados na exaltação da soberania popular, os quais eram provenientes do passado histórico da nação e enclaves num contexto Europeu¹⁸³⁸.

Sem embargo, os movimentos liberais, nacionalistas, e mesmo republicanos que, aliás, se encontravam mutuamente implicados um no outro, alimentavam-se do culto da “tradição”¹⁸³⁹. Neste sentido, uma característica enfatizada era a ideia incontornável de um conceito de nação identificado mediante os valores de “pureza” e de “autenticidade” nacional. Para tal, era imprescindível a defesa da “cultura popular”, uma vez que esta impunha-se por uma relação diacrónica e genealógica com o passado histórico¹⁸⁴⁰. Por isso, a ênfase pela “ciência do povo” ou pelas “antiguidades populares”, ambas definições de folclore, teve muita expressão na

¹⁸³⁷ Ramos, Rui: “A Ciência do Povo e as Origens do Estado Cultural”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 26; Félix, Pedro: “O concurso “A Aldeia Mais Portuguesa de Portugal” 1938”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 209.

¹⁸³⁸ Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955; Alter, Peter, *Nationalism*, New York, Oxford University Press, 1985, pp. 39-65; Félix, Pedro: “O concurso “A Aldeia Mais Portuguesa de Portugal” 1938”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 211; Ó, Jorge Ramos do, *Os anos de Ferro O dispositivo cultural durante a “Política do Espírito” 1933-1949*, Lisboa, Editorial Estampa, 1999, p. 31; Haugaard, Mark: “Nationalism and Liberalism”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 345-356; Mosse, George L., *La Nacionalización de las Masas: Simbolismo Político y Movimientos de Masas en Alemania desde las Guerras Napoleónicas al Tercer Reich*, Argentina, Siglo XXI Editores, 2007, pp. 16-23, 94, 102, 251, 257, 262.

¹⁸³⁹ Haugaard, Mark: “Nationalism and Liberalism”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 345-356; Mosse, George L., *La Nacionalización de las Masas: Simbolismo Político y Movimientos de Masas en Alemania desde las Guerras Napoleónicas al Tercer Reich*, Argentina, Siglo XXI Editores, 2007, pp. 16-23, 91-133, 251, 257, 262.

¹⁸⁴⁰ Bendix, Regina, *In Search of Authenticity: The Formation of Folclore Studies*, Madison, University of Wisconsin Press, 1997; Gellner, Ernest, *Nations and Nationalism*, Oxford, Blackwell, 1983; Alves, Vera Marques: “O SNI e os Ranchos Folclóricos”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 194.

Europa desde o princípio do século XIX¹⁸⁴¹. Sendo de acrescentar que a folclorização constituiu uma das dimensões da emergência da legitimidade democrática na Europa e que, além do mais, esses ideais democráticos constituíram a base dos princípios promovidos pelos movimentos liberais-nacionalistas¹⁸⁴². Foi, de facto, esta ideia do folclore como a “ciência do povo” que suscitou o interesse da parte de Pedro de Freitas¹⁸⁴³. Por isso, partindo de conceitos de que a “ruralidade” e a “identidade” do povo eram elementos peculiares da “idiossincrasia da nação”, Pedro de Freitas considerou que o processo da folclorização constituía uma das componentes essenciais da legitimidade democrática desse mesmo povo¹⁸⁴⁴.

Porém, Simon Frith, no seu estudo sobre a estética da música popular, problematizou a ambiguidade que a noção de “autenticidade” associada à música podia suscitar: «*Si la música no se crea en realidad según un relato de «autenticidad», entonces debemos preguntarnos cómo somos capaces de juzgar algunos sonidos como más auténticos que otros: ¿qué es lo que escuchamos realmente para formular nuestros juicios?»*¹⁸⁴⁵. Deste modo, Simon Frith reconheceu que a preocupação não se deveria centrar no que reflectia a “música popular” mas como é que os conceitos de “verdade”

¹⁸⁴¹ Folclore - um ramo da arqueologia com interesse na recolha da literatura, das tradições e dos usos populares. Ramos, Rui: “A Ciência do Povo e as Origens do Estado Cultural”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 25.

¹⁸⁴² Ramos, Rui: “A Ciência do Povo e as Origens do Estado Cultural”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 25; Haugaard, Mark: “Nationalism and Liberalism”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 345-356; Anderson, Malcon, *States and Nationalism in Europe since 1945*, London and New York, Routledge, 2000, p. 96.

¹⁸⁴³ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946; Ramos, Rui: “A Ciência do Povo e as Origens do Estado Cultural”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 25.

¹⁸⁴⁴ Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1955; Blustein, Gene, *Folk and Pop in American Culture Poplore*, Amherst, University of Massachusetts Press, 1994, p. 9; Ramos, Rui: “A Ciência do Povo e as Origens do Estado Cultural”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 25.

¹⁸⁴⁵ Frith, Simon: “Hacia una Estética de la Música Popular”, Em Cruces, Francisco, [et al.] (ed.), *Las Culturas Musicales*, Madrid, Editorial Trotta, S.A., 2001, p. 418.

e de “autenticidade” eram previamente construídos nos indivíduos: «*la música popular no es popular porque refleje algo, o porque articule auténticamente algún tipo de gusto o experiencia popular, sino porque crea comprensión de lo que es la popularidad. El término más equívoco en la teoría cultural es, en efecto, el de «autenticidad». Lo que debemos examinar no es cuán verdadera es una pieza musical para alguien, sino cómo se establece a priori esa idea de «verdad»*¹⁸⁴⁶.

Neste prisma, o conceito de “autenticidade” divulgado por Pedro de Freitas comungava de influências de uma teoria etnográfica em voga na época, a qual fora acentuada pelo *Integralismo Lusitano*, e que implicava a instrumentalização e a sobrevalorização do conceito de “genuinidade”¹⁸⁴⁷. De facto, é de referir que as políticas *Renascentistas* e *Integralistas* tinham compreendido que a democracia requeria mais do que uma simples escolarização, sendo necessário o estabelecimento de uma cultura de massas gerida, vigiada e promovida pelo Estado¹⁸⁴⁸. Neste prisma, a política estava subordinada ao “facto científico e experimental” da nação, sendo, para tal, necessário a mobilização de uma erudição positivista no campo da história, da filologia e do folclore nacional. Tratava-se, portanto, de um interesse pela individualidade portuguesa encontrada através de uma verdade científica contida no território e na raça, na língua e na arte, e também na música e nos instrumentos, com o

¹⁸⁴⁶ Frith, Simon: “Hacia una Estética de la Música Popular”, Em Cruces, Francisco, [et al.] (ed.), *Las Culturas Musicales*, Madrid, Editorial Trotta, S.A., 2001, pp. 418-419.

¹⁸⁴⁷ Melo, Daniel: “A FNAT entre Conciliação e Fragmentação”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 56; Ramos, Rui: “A Ciência do Povo e as Origens do Estado Cultural”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 33; O Integralismo Lusitano foi um movimento político que advocava pelo tradicionalismo, em oposição ao conservatismo. O Integralismo Lusitano foi fundado em Coimbra, em 1914, sendo especialmente activado durante a Primeira Republica, Em *Wikipedia*, [online], <http://en.wikipedia.org/wiki/Integralismo_Lusitano>, [consulta: 6 de Setembro de 2007].

¹⁸⁴⁸ Ramos, Rui: “A Ciência do Povo e as Origens do Estado Cultural”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 34.

objectivo de se reformular o “mito da portugalidade”¹⁸⁴⁹. Com efeito, ao reconhecer-se que a arte tinha uma acção educativa nos meios populares, os Governos Republicanos manifestavam o seu interesse pelo património artístico-cultural. Avançava-se, deste modo, para um projecto de “estado cultural” baseado num sistema de “subsídios” às artes e às instituições que defendessem o património nacional¹⁸⁵⁰. A partir dos anos vinte do século XX, José António Sardinha (1888-1925), um dos mais destacados autores do *Integralismo Lusitano*, identificava o projecto integralista com o “reaportuguesamento de Portugal”, festejando-se o regionalismo, isto é, a ideia de um “patriotismo local”¹⁸⁵¹. Neste sentido, a pátria era considerada como uma entidade “positiva”, definida não por meio de utopias mas pelo contacto e pelo conhecimento do que nela existisse na realidade. Assim, exprimia-se o lema de que não era possível ter-se sentimento pela nação se não se sentisse primeiramente amor pela tradição¹⁸⁵². Era deste sentimentalismo moralista de lealdade e algo mais, ou seja, de um profundo amor nativista, que Pedro de Freitas nutria e partilhava intensamente a nível local, cujas especificidades regionais constituíam naturalmente critérios essenciais que contribuíam na unidade e na identidade da nação além fronteiras¹⁸⁵³.

No entanto, José António Sardinha compreendia que afinal o que pretendia era a transformação da civilização, e que o regionalismo levantava problemas devido aos

¹⁸⁴⁹ Ramos, Rui: “A Ciência do Povo e as Origens do Estado Cultural”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, pp. 25-34; Melo, Daniel, *Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)*, Viseu, Imprensa de Ciências Sociais, 2001, p. 34.

¹⁸⁵⁰ Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, pp. 25-34; Ramos, Rui, *História de Portugal VI. A Segunda Fundação*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, p. 552; Melo, Daniel, *Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)*, Viseu, Imprensa de Ciências Sociais, 2001, p. 34.

¹⁸⁵¹ Sardinha, António José, *De Vita et Moribus. Casos & Almas*, Lisboa, Ferin, 1931, p. 54; Ramos, Rui, *História de Portugal VI. A Segunda Fundação*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, p. 552.

¹⁸⁵² Ramos, Rui, *História de Portugal VI. A Segunda Fundação*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 550-593; Ramos, Rui: “A Ciência do Povo e as Origens do Estado Cultural”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 34.

¹⁸⁵³ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991.

contrastes das regiões de norte a sul do país¹⁸⁵⁴. Por sua vez, o nacionalismo iria reflectir uma problemática incontável pela heterogeneidade da adaptação da população às diferentes características regionais¹⁸⁵⁵. Deste modo, o funcionamento rotineiro da máquina burocrática, regida por critérios nacionalistas de bases populistas, implicava a habilidade de agentes sociais mudarem os horizontes interpretativos consoante os intentos da política do Estado¹⁸⁵⁶. Por isso, a partir de uma certa altura, a pretensão do exclusivo na atribuição da “autenticidade” passou a estar em permanente tensão com a prática oficial, uma vez que a política do Estado começou a estar mais centrada num processo de homogeneização das iniciativas culturais e na manipulação/invenção da “tradição” consoante os fins ideológicos¹⁸⁵⁷. Assim sendo, através da imposição de um nacionalismo oficial, que procurava colmatar as necessidades étnico-nacionais, pretendia-se que o país enfatizasse as suas especificidades culturais relativamente aos outros países, reflexo do que se estava a passar no panorama europeu: «*um mundo de nações étnicas, egoístas e seguras de si*»¹⁸⁵⁸.

¹⁸⁵⁴ Sardinha, António José, *À sombra dos Pórticos [1927]*, Lisboa, Restauração, 1961, p. 44; Sardinha, António José, *Ao Princípio era o Verbo*, Lisboa, Edições Gama, 1940; Ramos, Rui: “A Ciência do Povo e as Origens do Estado Cultural”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, pp. 34-35.

¹⁸⁵⁵ Sardinha, António José, *À sombra dos Pórticos [1927]*, Lisboa, Restauração, 1961, p. 44; Sardinha, António José, *Ao Princípio era o Verbo*, Lisboa, Edições Gama, 1940; Ramos, Rui: “A Ciência do Povo e as Origens do Estado Cultural”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, pp. 34-35.

¹⁸⁵⁶ Haugaard, Mark: “Nationalism and Liberalism”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, p. 352; Mosse, George L., *La Nacionalización de las Masas: Simbolismo Político y Movimientos de Masas en Alemania desde las Guerras Napoleónicas al Tercer Reich*, Argentina, Siglo XXI Editores, 2007, pp. 15-31.

¹⁸⁵⁷ Melo, Daniel: “A FNAT entre Conciliação e Fragmentação”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 56.

¹⁸⁵⁸ Marratzu, Priamo: “Nacionalismo e homogeneidade cultural: a importância dos media”, Mestre em Relações Internacionais pela Universidade Fernando Pessoa, Novembro de 2006, p. 4, [On-line], <<http://bocc.ubi.pt/pag/marratzu-priamo-nacionalismo-homogeneidade-cultural.pdf>>, [consulta: 14 Novembro 2006]. Ver também I Pérez, Josep Martí: “Música y Etnicidad: una intruducción a la problemática”, Em *Revista Transcultural de Música - Transcultural Music Review*, n.º 2, 1996, p. 13.

Neste contexto, a partir de várias influências político-culturais e da peculiaridade da sua experiência de vida, Pedro de Freitas considerava que o “povo” era o “sujeito-alvo” que implicava a razão das suas lutas de vida, daí que o seu conceito de “autenticidade” residisse no povo, na espontaneidade com que o mesmo cantava: «o povo canta mais por instinto que pela educação escolar»¹⁸⁵⁹. Deste modo, Pedro de Freitas sublinhava que era do povo que nascia a música popular com as características de “pureza” e de “genuinidade”: «É da labuta sacrossanta do Povo anónimo que nasce, singela e espontânea, a mais pura e sentimental música popular»¹⁸⁶⁰. A ênfase que Pedro de Freitas concedeu ao povo evidenciou-se, por exemplo, no estudo expresso na separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, através da epígrafe *É preciso dar ao Povo Música da sua feição*, e em vários artigos dedicados à música do povo, nos quais ele pretendia provar que o povo gostava de ouvir música desde que a mesma fizesse parte da sua índole¹⁸⁶¹. Esta conclusão, em parte, resultava da sua experiência de vida efectuada através de viagens não só por Portugal¹⁸⁶², mas também por Espanha¹⁸⁶³, e pelo norte de França¹⁸⁶⁴. Neste contexto, salienta-se que Pedro de Freitas usava o conceito de “povo anónimo” para exprimir e/ou reflectir o

¹⁸⁵⁹ Freitas, Pedro de, *Eu fui à Índia*, Barreiro, Pedro de Freitas, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1962, p. 270.

¹⁸⁶⁰ Freitas, Pedro de, “Devaneios musicais”, Em *Correio do Sul*, Faro, 16-03-1972; ou, Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. I.

¹⁸⁶¹ Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1955; Freitas, Pedro de, “A Música popular, parte integrante da vida da Nação (2.ª Parte)”, *Povo Algarvio*, Tavira, 28-08-1949; Freitas, Pedro de, “O Povo Gosta de Música”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-10-1972.

¹⁸⁶² Pedro de Freitas viajou do Algarve ao Minho, incluindo também os Arquipélagos dos Açores e da Madeira e a designada Índia Portuguesa.

¹⁸⁶³ Freitas, Pedro de, “Carta ao Leitor (I)”, *Povo Algarvio*, Tavira, 25-09-1949; Anónimo, “Pedro de Freitas”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 04-09-1949; Freitas, Pedro de, “A Música Popular, parte integrante da vida da Nação (1.ª Parte)”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 21-08-1949.

¹⁸⁶⁴ Anónimo, “Pedro de Freitas”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 04-09-1949; Freitas, Pedro de, “A Música Popular, parte integrante da vida da Nação (1.ª Parte)”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 21-08-1949.

que na sua concepção significava de “música do povo”¹⁸⁶⁵. Contudo, é de esclarecer que Pedro de Freitas não usava o conceito de “povo anónimo” com o intento de destituir o povo de personalidade. A noção de “colectividade anónima” estava muito em voga na época, a qual estava implícita na própria definição de folclore por o mesmo ter-se desenvolvido a partir de uma componente reminescente do processo de transmissão oral¹⁸⁶⁶. Além do mais, as expressões “povo anónimo” e “música do povo” eram evidenciadas na luta assumida por Pedro de Freitas para que o povo não fosse considerado como um mero aglomerado de indivíduos de vontade abstracta. Pelo contrário, as suas lutas de vida eram direccionadas para que a “psicologia das massas” fosse democraticamente reconhecida como uma comunidade unida por uma mesma origem e vontade própria, reclamando, desta forma, a sua identidade nacional através da sua música¹⁸⁶⁷. Evidencia-se, uma vez mais, que este ideal reivindicado por Pedro de Freitas não era inédito. Embora com diferentes semióticas, aquele ideal tinha reminiscências no folclorismo usado como instrumento do patriotismo cívico, o qual tinha sido evocado pelo Estado Liberal¹⁸⁶⁸. Neste contexto, também estavam

¹⁸⁶⁵ “**Povo Anónimo**”, ver Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua Feição (I)”, Em *Distrito de Setúbal*, Setúbal, 10-12-1952; Freitas, Pedro de, “Temas Musicais”, *Povo Algarvio*, Tavira, 04-07-1948; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. I, 552. “**Música do Povo**”, ver Freitas, Pedro de, “A Música popular, parte integrante da vida da Nação (1.ª Parte)”, *Povo Algarvio*, Tavira, 21-08-1949; Freitas, Pedro de, “Devaneios Musicais”, Em *Correio do Sul*, Faro, 16-03-1972.

¹⁸⁶⁶ Blustein, Gene, *Folk and Pop in American Culture Poplore*, Amherst, University of Massachusetts Press, 1994, pp. 12-14.

¹⁸⁶⁷ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.ª (ed.), 1991; Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1955; Freitas, Pedro de, “A Música popular, parte integrante da vida da Nação (1.ª Parte)”, *Povo Algarvio*, Tavira, 21-08-1949; Freitas, Pedro de, “A Música popular, parte integrante da vida da Nação (2.ª Parte)”, *Povo Algarvio*, Tavira, 28-08-1949; Ramos, Rui: “A Ciência do Povo e as Origens do Estado Cultural”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 25; Mosse, George L., *La Nacionalización de las Masas: Simbolismo Político y Movimientos de Masas en Alemania desde las Guerras Napoleónicas al Tercer Reich*, Argentina, Siglo XXI Editores, 2007, pp. 16, 102, 251, 257, 262.

¹⁸⁶⁸ O estado liberal considerava o povo detentor de um sentimento colectivo de pertença à comunidade cívica, o qual era traduzido pelo termo “patriotismo”. Ramos, Rui: “A Ciência do Povo e as Origens do Estado Cultural”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 26; Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1955.

implícitos alguns dos fundamentos democráticos e patrióticos recomendados por Jean-Jacques Rousseau, nos quais as características colectivas do povo caracterizavam a idiossincrasia da nação¹⁸⁶⁹. Assim, o povo, ao ser considerado um dos pilares essenciais da nação, representava um sentimento colectivo responsável pela caracterização idiossincrática do país, evidenciando-se, deste modo, o sentimento de amor pela pertença a uma pátria transhistórica: «*The love that one has for one's nation is designated by the term "patriotism"*»¹⁸⁷⁰. Este sentimento, expresso na tradição (isto é, na cultura do povo), e transportado através da sua música, resultava num consenso social que unia o povo, dava-lhe um carácter próprio, e, por sua vez, conferia à nação um estatuto de unicidade¹⁸⁷¹. Como tal, Pedro de Freitas procurava empreender na “música do povo” uma meta-narrativa de carácter nacional porque ao caracterizar a música através do gosto do povo reflectia naturalmente a fisionomia da nação portuguesa¹⁸⁷².

¹⁸⁶⁹ Kramer, Lloyd, *Nationalism Political Cultures in Europe and America 1775-1865*, London, Twayne Publishers, 1998, p. 20; Rousseau, Jean-Jacques, *On the Social Contract*, [A. Cress, Donalt trad.], Indiana, Hackett Publishing Company, 1987; Diamond, Larry e Plattner, Marc F. (ed.) *Nationalism Ethnic Conflict, and Democracy*, Baltimore, The Johns Hopkins University Press, 1994, p. XI; Ramos, Rui: “A Ciência do Povo e as Origens do Estado Cultural”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 27; Mosse, George L., *La Nacionalización de las Masas: Simbolismo Político y Movimientos de Masas en Alemania desde las Guerras Napoleónicas al Tercer Reich*, Argentina, Siglo XXI Editores, 2007, pp. 16, 102.

¹⁸⁷⁰ Grosby, Steven, *Nacionalism a very short introduction*, New York, Oxford University Press, 2005, p. 16; Ramos, Rui: “A Ciência do Povo e as Origens do Estado Cultural”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 26; Ó, Jorge Ramos do, *Os anos de Ferro O dispositivo cultural durante a “Política do Espírito” 1933-1949*, Lisboa, Editorial Estampa, 1999, p. 27.

¹⁸⁷¹ Freitas, Pedro de, “A Música popular, parte integrante da vida da Nação (2.^a Parte)”, *Povo Algarvio*, Tavira, 28-08-1949; Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991; Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1955; Ramos, Rui: “A Ciência do Povo e as Origens do Estado Cultural”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 27.

¹⁸⁷² Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1955; Freitas, Pedro de, “A Música popular, parte integrante da vida da Nação (2.^a Parte)”, *Povo Algarvio*, Tavira, 28-08-1949; Ramos, Rui: “A Ciência do Povo e as Origens do Estado Cultural”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 27.

Porém, segundo Pedro de Freitas, as bandas filarmónicas constituíam o ponto fulcral de ligação entre o povo e a sua identidade nacional. Uma vez que, por tradição, o povo tinha a vantagem de aceder às bandas filarmónicas, Pedro de Freitas considerava-as um património nacional com uma forte componente pedagógica: «*Herdámos dos nossos antepassados essa Obra Musical a que o vulgo denomina de Sociedades Filarmónicas ou Bandas Civis. Trata-se de uma herança assaz delicada [...] ela é, positivamente, aliciante, educadora, portuguesa, reformadora de alguns dos maus vícios do nosso povo, nacional, heróica e, sobretudo, altamente patriótica*»¹⁸⁷³. Deste modo, Pedro de Freitas considerou que as bandas filarmónicas eram a melhor forma do povo poder descobrir a sua música, a qual era imprescindível no cultivo das suas necessidades espirituais: «*Filarmónicas... Esta faceta da alma de Portugal tão útil à assistência necessitada do Povo e que representa instintivamente a grande escola onde se educam os que necessitam do pão do espírito e do recreio*»¹⁸⁷⁴. Sem embargo, Pedro de Freitas consciencializou-se que para solidificar a existência das bandas filarmónicas era primeiramente necessário torná-las aceites pelo povo que assistia aos concertos. Para tal, era necessário proceder-se à educação musical do povo, especialmente das crianças¹⁸⁷⁵. No entanto, a concretização de todos estes objectivos implicava o estabelecimento de estruturas adequadas, ou seja, era necessário partir-se do princípio de que as filarmónicas constituíam um dos elementos integradores da civilização humana: «*Deve ser realidade palpável, obra social colectiva*»¹⁸⁷⁶. Assim, as massas populares deveriam de ter um amplo acesso às

¹⁸⁷³ Freitas, Pedro de, “A Música Popular, parte integrante da vida da Nação (1.ª Parte)”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 21-08-1949.

¹⁸⁷⁴ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 131-132.

¹⁸⁷⁵ Freitas, Pedro de, “Pelo progresso da música louletana II”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 16-01-1927.

¹⁸⁷⁶ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 131-132.

audições das bandas filarmónicas nas vias públicas, nos coretos¹⁸⁷⁷, nas feiras¹⁸⁷⁸, e também através da radiotelevisão portuguesa¹⁸⁷⁹. Porém, Pedro de Freitas persistia na ideia de dar-se ao povo a música da sua feição, ou seja, uma música com a qual o povo se pudesse identificar¹⁸⁸⁰.

Deste modo (partindo da intenção de Pedro de Freitas), salienta-se a ideia de Simon Frith que, ao estudar a estética da música popular, considerava que através da música era possível a aquisição de: «*experiencias emocionales particularmente intensas*»¹⁸⁸¹. Neste prisma, reconhece-se a função aglutinadora da música associada à partilha de critérios de identidade¹⁸⁸². Por isso, a música tem sido vista como: «*to encompass something that takes as many forms as there are cultural or sub-cultural identities*»¹⁸⁸³. Como efeito, Simon Frith considerou que a “música popular” tem desempenhado um papel importante na atribuição de regras de comportamento e critérios de significação ao sujeito colectivo, o qual é similar ao que tem sido imposto através de outros meios de comunicação social: «*quiénes somos, cómo debemos relacionarnos con los demás y por qué debemos consumir tal y como lo hacemos. Cada medio de comunicación de masas tiene sus propias tácticas para dirigirse a su audiencia, para crear momentos de reconocimiento y de exclusión, para dotarnos de sentido a nosotros mismos. La música popular también lo hace, si bien parece jugar un papel especialmente importante debido a la manera en que opera la cultura*

¹⁸⁷⁷ Freitas, Pedro de, “Um Coreto que torna a “falar”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 09-07-1968.

¹⁸⁷⁸ Freitas, Pedro de, “As bandas de música do distrito de Setúbal já não merecem consideração?”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 20-08-1968.

¹⁸⁷⁹ Freitas, Pedro de, “O Povo Gosta de Música”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-10-1972.

¹⁸⁸⁰ Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1955.

¹⁸⁸¹ Frith, Simon: “Hacia una Estética de la Música Popular”, Em Cruces, Francisco, [et al.] (ed.), *Las Culturas Musicales*, Madrid, Editorial Trotta, S.A., 2001, p. 420.

¹⁸⁸² Frith, Simon: “Hacia una Estética de la Música Popular”, Em Cruces, Francisco, [et al.] (ed.), *Las Culturas Musicales*, Madrid, Editorial Trotta, S.A., 2001, p. 420.

¹⁸⁸³ Macdonald, Raymond A. R.; J. Hargreaves, David; e Miell, Dorothy (ed.), *Musical Identities*, New York, Oxford University Press, 2002, p. 1.

popular»¹⁸⁸⁴. Neste sentido, tem-se chegado à conclusão que uma relação de afinidade com determinada música imprime uma noção de «*sua música*», ou seja, contribui para a criação de um critério de pertença. Porém, estas conotações significam que além dessa música ter sido convertida numa identidade colectiva, existe também uma construção a partir da percepção de cada um no seio dessa colectividade, a qual colabora nos critérios de significação dessa música¹⁸⁸⁵. Por isso, tem-se estudado a música na identidade e a identidade na música¹⁸⁸⁶. Segundo Pedro de Freitas, para que pudesse existir essa bivalência entre a música e a identidade era necessário empreender na música do povo: «*cultivar e fortalecer o instinto popular da música*»¹⁸⁸⁷. Uma resposta adequada a este intento seria o uso sistemático de música de compositores portugueses nos concertos das bandas filarmónicas: «*Há longos anos que venho gritando nas colunas da vária imprensa que os programas dos concertos de carácter popular devem obedecer em primeiro lugar à nossa música*»¹⁸⁸⁸. Para tal, Pedro de Freitas propunha que se desse maior amplitude à música portuguesa nos programas dos concertos, justificando que este gesto não implicaria a discriminação da música estrangeira: «*Não tenho o intuito de defender o egoísmo da música portuguesa menosprezando a estrangeira. Nada disso! O que defendo é a conveniência de dar-se mais amplitude ao que é nosso, e condicionar os programas a exibirem-se em público de modo a que, a percentagem dos nossos compositores, seja*

¹⁸⁸⁴ Frith, Simon: “Hacia una Estética de la Música Popular”, Em Cruces, Francisco, [et al.] (ed.), *Las Culturas Musicales*, Madrid, Editorial Trotta, S.A., 2001, p. 420.

¹⁸⁸⁵ Frith, Simon: “Hacia una Estética de la Música Popular”, Em Cruces, Francisco, [et al.] (ed.), *Las Culturas Musicales*, Madrid, Editorial Trotta, S.A., 2001, p. 434.

¹⁸⁸⁶ Macdonald, Raymond A. R.; J. Hargreaves, David; e Miell, Dorothy (ed.), *Musical Identities*, New York, Oxford University Press, 2002, pp. 12-15.

¹⁸⁸⁷ Freitas, Pedro de, “Elementos Históricos sobre a Música Popular no Algarve (VII)”, Em *Jornal do Algarve*, Vila Real de Santo António, 08-02-1958.

¹⁸⁸⁸ Freitas, Pedro de, “Concertos Populares «O Século» e o «Distrito» trilhando o mesmo caminho”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 31-07-1957.

*em maior número do que é usual ouvir-se*¹⁸⁸⁹. Por isso, Pedro de Freitas sugeriu que se procedesse a uma reforma da música portuguesa segundo os critérios do gosto do povo português: *«Ainda alvitrei que se revissem as produções dos nossos compositores do século passado e, bem analisadas, se fizesse uma reforma do que há escrito com sentimento e do agrado do povo»*¹⁸⁹⁰. Por outro lado, Pedro de Freitas também considerava a necessidade de se activar a produção musical na mira de uma adequada nacionalização das massas, uma vez que o povo era o elemento fundamental na mística da nação¹⁸⁹¹. Para tal, era imprescindível a existência de compositores nacionais, de mérito reconhecido, que pusessem em música as especificidades regionais e nacionais: *«Tem o Algarve extraordinários estudos comparativos, mas não tem «eruditos especiais» que cantem musicalmente as belezas e os encantos da sua excelente posição geográfica e, muito especialmente, os mistérios do seu inconfundível e lindíssimo mar»*¹⁸⁹². Neste contexto, Pedro de Freitas insistia que fossem estimulados os compositores a nível do Algarve, os quais imprimiriam na música as peculiaridades regionais¹⁸⁹³. Na prossecução destes objectivos nacionais, e partindo do caso de Espanha como exemplo paradigmático, Pedro de Freitas apelava ao apoio do *Secretariado Nacional de Informação* (SNI) e das escolas de música do país: *«Alto! À música portuguesa não deve ser dada esmola! Ainda não há muito*

¹⁸⁸⁹ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIX)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 06-10-1954.

¹⁸⁹⁰ Freitas, Pedro de, “Concertos Populares «O Século» e o «Distrito» trilhando o mesmo caminho”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 31-07-1957.

¹⁸⁹¹ Freitas, Pedro de “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 24-11-1954; Pedro de, “O Povo Gosta de Música”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-10-1972; Mosse, George L., *La Nacionalización de las Masas: Simbolismo Político y Movimientos de Masas en Alemania desde las Guerras Napoleónicas al Tercer Reich*, Argentina, Siglo XXI Editores, 2007, pp. 16, 102, 251, 257, 262.

¹⁸⁹² Freitas, Pedro de, “Elementos Históricos sobre a Música Popular no Algarve V”, Em *Jornal do Algarve*, Vila Real de Santo António, 20-07-1957. Ver também Freitas, Pedro de, “O Povo Gosta de Música”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-10-1972.

¹⁸⁹³ Freitas, Pedro de, “Elementos Históricos sobre a Música Popular no Algarve V”, Em *Jornal do Algarve*, Vila Real de Santo António, 20-07-1957; Freitas, Pedro de, “O Povo Gosta de Música”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-10-1972.

tempo decorrido, abordei uma autoridade responsável sobre este magno problema. Falei-lhe dos exemplos de Espanha, dos nossos compositores, de como o S.N.I. poderia intervir na produção da música portuguesa, estimulando e criando vontades; de como as nossas escolas, especificamente o Conservatório Nacional, poderiam produzir mais e melhor a nossa música, e, enfim, como esses valores dispersos poderiam entrar no ciclo de dar ao País fonte mais substancial. [...] e que uma vez de longe em longe - à falta de matéria prima para não o ser mais a miúdo - a nossa primeira Banda de Música desse o exemplo de exhibir todo um concerto com música portuguesa. [...] E quanto aos exemplos de Espanha, a música, ali, obedece toda ao que é seu. É um país com mais vasto campo de acção, pois os compositores são muitos»¹⁸⁹⁴. De facto, a revalorização do que se passava em Espanha, sobretudo no âmbito da “música popular”, constituía uma prática habitual enfatizada ao longo da obra de Pedro de Freitas¹⁸⁹⁵. Por isso, num determinado sentido, Pedro de Freitas protagonizava um tributo na instituição de ideais músico-culturais espanhóis em Portugal, contribuindo, de algum modo, para a manutenção cultural de vínculos Ibéricos¹⁸⁹⁶. Espanha era o país que Pedro de Freitas mais visitava e exprimia sentimentos de gratidão, de satisfação, e de admiração sempre que assistia à organização dos seus eventos musicais: «Há meses, em Ayamonte foi-me dado o consolo espiritual de contactar com artistas da banda da Guarda Civil de Madrid. [...] De visita mais esta vez a Madrid, onde gosto de passar algum tempo, impõe-se-

¹⁸⁹⁴ Freitas, Pedro de, “Concertos Populares «O Século» e o «Distrito» trilhando o mesmo caminho”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 31-07-1957. Ver também Freitas, Pedro de “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 24-11-1954; ou Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955, p. [95].

¹⁸⁹⁵ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957; Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961; Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-11-1954.

¹⁸⁹⁶ Freitas, Pedro de, “Aqui, Madrid”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 17-07-1957.

*me o dever de cumprimentar os amáveis executantes dessa Banda espanhola que calára bem fundo na minha sensibilidade, quando a ouvi nas festas das Angústias»*¹⁸⁹⁷. Deste modo, no contexto das suas viagens, Pedro de Freitas comparava constantemente o panorama da “música popular” entre Portugal e Espanha. Por vezes, Pedro de Freitas deixava transparecer um certo descontentamento por reconhecer que no âmbito da música popular Portugal estava em desvantagem relativamente ao país vizinho: *«às voltas com os muitos pensamentos de inveja por não ver na nossa Lisboa o que vejo em Madrid»*¹⁸⁹⁸. Além do mais, Pedro de Freitas ainda constatava que, ao contrário dos portugueses, os espanhóis apreciavam tanto a bola como a música, e os madrilenos eram musicalmente mais educados e civilizados: *«Em resumo: o espanhol gosta da bola, gosta de toiros, mas, levanta-se cedo, porque gosta e sabe, melhor dizendo: tem educação para ouvir música. Sim! Ouvir música não é ir passear, falar e discutir ao som da música e perturbar os sentidos de quem tem educação para a ouvir. Ouvir música, Leitor amigo! É ser-se civilizado. É necessário ter-se o devido culto para a ouvir com os ouvidos e sentir com a alma. Pois o madrileno que vai à bola sabe ir à música! E vai mesmo»*¹⁸⁹⁹. Como tal, Pedro de Freitas recomendava que se seguissem os hábitos musicais de Madrid, cujos programas eram adequados ao gosto do povo: *«Não há nada melhor para uma banda fazer apaixonar o público do que lhe dar programas ao seu paladar. [...] Em Madrid compreende-se melhor os programas a dar-se ao povo»*¹⁹⁰⁰. Nestes espectáculos musicais, Pedro de Freitas sentia uma importante sintonização entre a vontade do compositor e a regência do maestro: *«Em Madrid há camaradagem e lealdade entre*

¹⁸⁹⁷ Freitas, Pedro de, “Aqui, Madrid”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 17-07-1957.

¹⁸⁹⁸ Freitas, Pedro de, “Aqui, Madrid”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 17-07-1957.

¹⁸⁹⁹ Freitas, Pedro de, “Impressões duma Viagem Carta ao Leitor (XII)”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 29-01-1950.

¹⁹⁰⁰ Freitas, Pedro de, “Aqui, Madrid”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 17-07-1957.

*os compositores e regentes»¹⁹⁰¹. Muitas vezes, dava-se a oportunidade do compositor dirigir a sua própria obra musical, um gesto muito apreciado por Pedro de Freitas: «As palmas, calorosas e fervorosas, dirigidas a ele, obrigam-no a subir ao coreto a agradecer à Banda, mas o seu maestro, num requinte de gentileza, ofereceu-lhe a batuta para dirigir novamente esse precioso «Toledo de Ohio». E Martín Gil, emocionado com a deferência, rege a sua própria produção. Os nervos, os arrebatamentos da alma com que arranca das várias fases da marcha o excelente partido, de facto imprimem à exibição uma melhor interpretação. Finda ela, toda a assistência delira. O momento é apoteótico. Banda e maestro merecem todos os elogios. E por mim, no final de mais este concerto em terras que não são as minhas, fica-me a consolação na imagem viva de ter observado o facto de uma deferência de batuta a um valor já na reforma para dirigir o que era seu, gesto, que me conste, nunca efectivado no nosso meio oficial»¹⁹⁰². Segundo Pedro de Freitas, um outro exemplo que incentivava o entusiasmo do povo espanhol era iniciar o evento musical com um *Passo doble* na abertura dos concertos: «o *Passo-doble*, a abrir os concertos de carácter popular são o melhor aperitivo das ementas musicais»¹⁹⁰³. Esta tradição também não era utilizada a nível nacional, uma vez que (segundo Pedro de Freitas) em Portugal impunha-se ao povo uma vontade artística dogmática e, como tal, o resultado não era animador: «O que se tem feito em concertos de carácter popular debaixo de uma divisa de que é preciso educar o povo na música sinfónica estrangeira, é, talvez, abastardar o nosso ouvido, o nosso sentimento; é abastardar, enfim, aquela música que é genuinamente nossa. Pobre? Como muitos lhe chamam, seja! Mas é muito nossa, eis tudo. [...] O sistema que as nossas grandes Bandas*

¹⁹⁰¹ Freitas, Pedro de, “Aqui, Madrid”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 17-07-1957.

¹⁹⁰² Freitas, Pedro de, “Aqui, Madrid”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 17-07-1957.

¹⁹⁰³ Freitas, Pedro de, “Aqui, Madrid”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 17-07-1957.

criaram na escolha de programas maçudos, incompreendidos, trechos de excessiva rigidez sinfónica própria só para cenáculos de cientistas e que pretendem à força aplicá-los nos concertos de carácter popular e em dose elevada, poderá satisfazer uma pequena minoria; quanto à maioria, ela enfada-se, porque não compreende os estilos arrevesados, os hábitos estranhos»¹⁹⁰⁴.

Deste modo, Pedro de Freitas constatava que o comportamento maioritário do povo português manifestava-se indiferente porque os programas dos concertos populares não estavam coadunados com a natureza da sua feição: *«em Lisboa, num absolutismo de obrigar-se o povo a obedecer a uma vontade que tanto pode ser artística como doentia, esse dogma envereda pelo indiferentismo e não convence e nem faz multiplicar o carinho do povo. Programas maçudos, incompreensíveis e fora da índole popular, são um cancro; programas atraentes e convincentes, são o fruto que se propaga»¹⁹⁰⁵.*

Por outro lado, uma vez que as bandas filarmónicas eram as tradições populares de Portugal, Pedro de Freitas apelava insistentemente para que as mesmas participassem mais activamente nas festividades populares de carácter religioso e profano¹⁹⁰⁶. Neste contexto, Pedro de Freitas frisou que a “música popular” não era um produto comercializável, destinado ao consumo, mas um evento “vibrante” para ser partilhado¹⁹⁰⁷. Deste modo, Pedro de Freitas assumia-se como um crítico da *«música*

¹⁹⁰⁴ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIX)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 06-10-1954.

¹⁹⁰⁵ Freitas, Pedro de, “Aqui, Madrid”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 17-07-1957.

¹⁹⁰⁶ Freitas, Pedro de, “Problemas de Publicidade e Temas Populares”, Em *O Algarve*, Faro, 21-09-1947.

¹⁹⁰⁷ Assim sendo, para Pedro de Freitas a “música popular” tinha o significado da “música folclórica” segundo Blustein, Gene, *Folk and Pop in American Culture*, Amherst, University of Massachusetts Press, 1994, p. 16. “Povo Anónimo”, ver Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua Feição (I)”, Em *Distrito de Setúbal*, Setúbal, 10-12-1952; Freitas, Pedro de, “Temas Musicais”, *Povo Algarvio*, Tavira, 04-07-1948; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. I, 552. “Música do Povo”, em Freitas, Pedro de, “A Música popular, parte integrante da vida da Nação (1.ª Parte)”, *Povo Algarvio*, Tavira, 21-08-1949; Freitas, Pedro de, “Devaneios Musicais”, Em *Correio do Sul*, Faro, 16-03-1972.

mecânica» por esta rivalizar com as bandas filarmónicas nas festas do povo: «*Mas, ao ler o actual programa dessas festas, que desolação! Alvoradas, procissão, arraial, missas, etc., tudo música mecânica, radiodifundida. Que atraso! Que pontapé na arte vibrante dos sons!*»¹⁹⁰⁸. Além disso, Pedro de Freitas ainda reclamava que a “música popular” era concorrida desvantajosamente por outros adversários como os jazes, a bola, o aumento dos custos de vida, o escasso apoio dispensado pelos sócios das sociedades filarmónicas, e a falta de protecção oficial concedida às bandas filarmónicas¹⁹⁰⁹. Estes factores eram apontados por Pedro de Freitas como as principais tendências disfuncionais que contribuíam para desnacionalizar e desvirtuar o gosto popular¹⁹¹⁰.

~ × ~

Segundo a concepção de Pedro de Freitas os conceitos de “povo anónimo” e “música do povo” exprimiam democraticamente uma intenção expressiva da parte do povo, a qual era fundamentada na ideia da idiossincrasia da nação portuguesa. Deste modo, era necessário dar ao povo uma música que correspondesse aos seus traços fisionómicos e psicológicos e que, desta forma, ao exprimir o gosto e a simpatia imanente do povo português pudesse representar a especificidade do país. Neste sentido, através dos seus discursos e narrativas, Pedro de Freitas fazia uso de expressões de conotação simbólica que eram reminiscentes de ideologias liberais, republicanas e nacionalistas (de âmbito nacional e transnacional), as quais eram fundadas na exaltação da soberania popular como um meio de cativar as massas, pelo menos desde os finais do século XIX. Por sua vez, essas ideologias eram

¹⁹⁰⁸ Freitas, Pedro de, “Cachopo já não gosta de música!”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 14-09-1952.

¹⁹⁰⁹ Freitas, Pedro de, “Elementos Históricos sobre a Música Popular no Algarve (III)”, Em *Jornal do Algarve*, V.R.S.A., 25-05-1957.

¹⁹¹⁰ Freitas, Pedro de, “Problemas de Publicidade e Temas Populares”, Em *O Algarve*, Faro, 21-09-1947.

instrumentalizadas pelo regime político vigente, o qual visava a manipulação das massas segundo a especificidade de um nacionalismo estrategicamente oficial-cívico. Sem embargo, Pedro de Freitas atribuía aos seus discursos e às suas lutas de vida um renovado estatuto social porque subjacente às suas interpretações imanava o seu critério de identidade, de fidelidade, e de sentimentalidade face aos aspectos regionais e populistas da música e da nação portuguesa, o que também significava que ele nem sempre interpretava a política do estado como sendo um agente manipulador, e, ao deixar-se absorver pelos intentos nacionais de salvaguardar a “música do povo”, ele colaborava nos mesmos. Deste modo, mediante várias experiências de vida, moldadas pelo seu sentimentalismo, Pedro de Freitas insistia em dar a Portugal um modelo de “música do povo” segundo a sua interpretação nacional, a qual era muito influenciada pelas suas vivências musicais em terras de Espanha. Assim, ao condicionar a instituição de vínculos músico-culturais espanhóis em Portugal, Pedro de Freitas pretendia contribuir na definição um modelo nacional. Contudo, através das insistentes comparações e modelos paradigmáticos encontrados na música popular espanhola, de algum modo, a intencionalidade de Pedro de Freitas também contribuía para reintegrar Portugal no contexto cultural da Península Ibérica.

Além do mais, Pedro de Freitas considerava a música popular portuguesa como uma expressão da identidade nacional, defendendo a nacionalização da música portuguesa através da sua maior participação nos programas dos concertos populares; a ideia de uma reforma na música portuguesa; o incremento de compositores nacionais; bem como um maior acesso e amplitude das bandas filarmónicas no quotidiano social, contribuindo para a nacionalização das massas - uma vez que na sua perspectiva o povo era o elemento fundamental na mística da nação. Como tal, justifica-se a imposição de Pedro de Freitas contra todas as vicissitudes da sociedade que, de alguma forma, pudessem competir com a música do povo afim de evitar desnacionalizar e desvirtuar o gosto popular.

4.1.2. A revitalização da música do povo

Num contexto espaço-temporal caracterizado pela política do *Estado Novo* (1933-1974), pretendia-se que a cultura popular constituísse a única identidade nacional na representação da personalidade do povo português. Por isso, não era de admirar que a música popular desempenhasse um papel decisivo a nível social¹⁹¹¹. A 18 de Janeiro de 1936, com a nomeação de António Faria Carneiro Pacheco para a pasta da Instrução Pública, entrava-se numa importante fase de mobilização da política educativa¹⁹¹². Neste sentido, fora criada uma reforma educativa através da qual alterava-se o nome de *Ministério da Instrução* para *Educação Nacional*, mais adequado aos intentos da política Salazarista¹⁹¹³. A intervenção desta política educativa argumentava esforços na criação de um repertório nacionalista, patriótico e mobilizador, salientando-se o princípio da educação pela música¹⁹¹⁴. Neste contexto, o folclore adquiria uma ampla dimensão relacionada com o mais profundo que se podia alcançar na busca da “verdadeira” nacionalidade¹⁹¹⁵. Todos os cenários simbólicos de festejos patrióticos apresentados por um ou por vários grupos musicais disciplinados pelo comando do(s) seu(s) maestro(s) e expressos pela visualização da

¹⁹¹¹ Silva, Manuel Deniz: “Usos e Abusos do Folclore Musical Pela Mocidade Portuguesa”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, pp. 255-263.

¹⁹¹² Artiaga, Maria José: “Canto Coral Como Representação Nacionalista”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 268; Mattoso, José (dir.), *História de Portugal, O Estado Novo*, Vol. 7, Lisboa, Editorial Estampa, 1994, pp. 292-293; Ó, Jorge Ramos do, *Os anos de Ferro O dispositivo cultural durante a “Política do Espírito” 1933-1949*, Lisboa, Editorial Estampa, 1999, p. 27.

¹⁹¹³ Silva, Manuel Deniz: “Usos e Abusos do Folclore Musical Pela Mocidade Portuguesa”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 256.

¹⁹¹⁴ Silva, Manuel Deniz: “Usos e Abusos do Folclore Musical Pela Mocidade Portuguesa”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, pp. 256-259.

¹⁹¹⁵ Silva, Manuel Deniz: “Usos e Abusos do Folclore Musical Pela Mocidade Portuguesa”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 261.

bandeira e pela performance do hino nacional resumiam uma mensagem de coesão, um sentido de sociedade organizada que, por sua vez, inscrevia-se num conceito superior de nação e de pátria¹⁹¹⁶. A viabilização destes ideais nacionalistas era exaustivamente divulgada por manifestar a especificidade do folclore nacional e pela implicação da tutela e da representação do governo central estadonovista¹⁹¹⁷. Além do mais, o carácter ideológico destas realizações objectivadas pelo poder tinha várias implicações interdependentes de ideais de âmbito internacional, como, por exemplo, a necessidade de um conhecimento prévio sobre a propaganda “conscientemente organizada” no panorama Europeu¹⁹¹⁸. Neste prisma, toma-se como referência a acção de propaganda liderada pela *Mocidade Portuguesa*, a qual tinha algumas influências do panorama de representação do canto coral que a *Juventude Hitleriana* na Alemanha ou que a organização da *Juventude do Fascismo* na Itália exibiam no estrangeiro¹⁹¹⁹. Porém, estes movimentos eram reminiscentes da ascensão de um nacionalismo Europeu baseado no *Volk*, desenvolvido a partir do movimento popular

¹⁹¹⁶ Este exemplo exprime a essência pretendida pela *Mocidade Portuguesa*, a qual investia na conciliação entre a expressão da nacionalidade imanente na cultura popular e a dimensão institucional e histórica da pátria e da nação. Silva, Manuel Deniz: “Usos e Abusos do Folclore Musical Pela Mocidade Portuguesa”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 261; Artiaga, Maria José: “Canto Coral Como Representação Nacionalista”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 269; Mosse, George L., *La Nacionalización de las Masas: Simbolismo Político y Movimientos de Masas en Alemania desde las Guerras Napoleónicas al Tercer Reich*, Argentina, Siglo XXI Editores, 2007, pp. 167, 172, 199.

¹⁹¹⁷ Ó, Jorge Ramos do, *Os anos de Ferro O dispositivo cultural durante a “Política do Espírito” 1933-1949*, Lisboa, Editorial Estampa, 1999, pp. 32, 40.

¹⁹¹⁸ Ferro, António, *Salazar. O Homem e a Obra*, Lisboa, Edições Fernando Pereira, 1982, p. 191; Melo, Daniel, *Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)*, Viseu, Imprensa de Ciências Sociais, 2001, pp. 249-254; Billing, Michael, *Banal Nationalism*, London, Sage Publications, 2002, pp. 9-10, 53, 61.

¹⁹¹⁹ O ministro Carneiro Pacheco e a *Mocidade Portuguesa* não disfarçaram a sua inspiração nessas organizações. Como tal, toda a campanha educativa lançada pelo *Estado Novo* visava precisamente o “cantar o amor da Pátria”. Artiaga, Maria José: “Canto Coral Como Representação Nacionalista”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 269; Silva, Manuel Deniz: “Usos e Abusos do Folclore Musical Pela Mocidade Portuguesa”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 256.

das massas, e pela influência dos ideais de Jean-Jacques Rousseau e das melodias patrióticas da *Revolução Francesa*¹⁹²⁰.

Neste contexto pedagógico, Pedro de Freitas defendia a importância de se cultivar um sentimento patriótico pela nação portuguesa e, sobretudo, que se concedesse ao povo uma maior acessibilidade no âmbito educacional. Estes dois pilares estariam interrelacionados através da “música popular”, uma vez que, segundo Pedro de Freitas, ela continha elementos nacionais e pedagógicos: «*A música do povo constitui uma força viva da Nação e uma escola de alto valor*»¹⁹²¹. Neste sentido, Pedro de Freitas frisava as virtudes que a “música popular” exercia em prol da sociedade e do engrandecimento da nação: «*consola os necessitados, presta assistência aos desvalidos da sorte, educa os espíritos, combate a taberna e glorifica a Nação*»¹⁹²².

De facto, várias constatações têm sido feitas sobre as funções educacionais da música na sociedade¹⁹²³. Como tal, a partir do estudo sobre o Republicanismo e o Canto Coral nos fins do século XIX em Espanha, Ángel Duarte descreveu que: «*La música convertida en síntesis de las grandes ideas que impulsan a la Humanidad por las vías del progreso*»¹⁹²⁴; segundo a explanação dos atributos da música em *La Iberia Musical* caberia à música o papel de: «*formar la educación de nuestras jóvenes, [...] recolocándolas a una altura elevada, donde se dejan admirar por su talento y*

¹⁹²⁰ Mosse, George L., *La Nacionalización de las Masas: Simbolismo Político y Movimientos de Masas en Alemania desde las Guerras Napoleónicas al Tercer Reich*, Argentina, Siglo XXI Editores, 2007, pp. 16, 19, 22, 26, 28, 29, 32, 91, 102, 114, 126, 135.

¹⁹²¹ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 526.

¹⁹²² Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 552.

¹⁹²³ Levitin, Daniel J., *The World in Six Songs How the Musical Brain Created Human Nature*, New York, Penguin, 2008; Small, Christopher e Walser, Robert, *Music, Society, Education*, Hanover, University Press of New England, 1996; Jorgensen, Stelle R., *Transforming Music Education*, Bloomington, Indiana University Press, 2003; Woodford, Paul G., *Democracy and Music Education Liberalism, Ethics, and the Politics of Practice*, Bloomington, Indiana University Press, 2005.

¹⁹²⁴ Duarte, Ángel: “Republicanismo y canto coral en el reus de finales de siglo XIX”, Em Aubert, Paul (dir.), *Bulletin d' Histoire Contemporaine de l' Espagne*, Sociétés musicales et chantantes en Espagne (XIX-XX siècles), n.º 20, Centre National de la Recherche Scientifique, Maison des Pays Ibériques, décembre 1994, p. 101.

bellísimas prendas físicas y morales»¹⁹²⁵; por sua vez, para Fidelino de Figueiredo, no seu estudo sobre a música e o pensamento: «*A música pode, como instrumento de educação, apressar e enriquecer o amadurecimento da juventude; e como companheira fiel retardar a derrocada espiritual da velhice e consolar-nos das humilhações obrigadas da existência, defendendo-nos do embrutecimento pela dor e da tirania da superstição*»¹⁹²⁶.

Porém, Pedro de Freitas direccionou-se especialmente para o âmbito da música que designava de “popular” porque, segundo ele enfatizava, era da pertença «*do povo e para o povo*»¹⁹²⁷. Teria Pedro de Freitas interesse em reforçar a implementação de uma música adequada às necessidades do “povo”, isto é, das massas populares? De facto, Pedro de Freitas identificava-se como um elemento deste estrato social. Como tal, Pedro de Freitas afirmava-se num legítimo conhecedor das necessidades do povo porque muitas das carências dessa faixa social eram efectivadas na sua própria experiência da vida, evidentes, por exemplo, na impossibilidade de ele ter prosseguido a sua formação escolar: «*Não possuo eu [...] conhecimentos doutorais [...] mas tenho a meu favor, e bem alicerçados, o conhecimento de cinquenta anos dedicados ao estudo da universidade prática da música do povo*»¹⁹²⁸. Deste modo, num profundo reconhecimento acerca das virtudes da música, Pedro de Freitas direccionava as suas lutas de vida para que o povo tivesse um amplo acesso à componente musical. Neste

¹⁹²⁵ *La Iberia Musical*, 3, juillet 1842, Em Lécuyer, Marie-Claude: “Musique et sociabilité Bourgeoise en Espagne au milieu du XIX siècle”, Em Aubert, Paul (dir.), *Bulletin d' Histoire Contemporaine de l' Espagne*, Sociétés musicales et chantantes en Espagne (XIX-XX siècles), n.º 20, Centre National de la Recherche Scientifique, Maison des Pays Ibériques, décembre 1994, p. 53.

¹⁹²⁶ Figueiredo, Fidelino de, *Música e Pensamento (Quatro ensaios marginais e um prólogo)*, Lisboa, Guimarães editores, 1958, pp. 104-105.

¹⁹²⁷ Freitas, Pedro de, “Impõe-se, porventura, uma necessária reforma no presente sistema musical?”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 13-09-1953; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 524; ou Freitas, Pedro de, “Vila Real de Santo António recebe carinhosamente a banda da 1.º de Dezembro”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 29-09-1959.

¹⁹²⁸ Freitas, Pedro de, “Impõe-se, porventura, uma necessária reforma no presente sistema musical?”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 13-09-1953.

sentido, Pedro de Freitas era consciente de que os baixos recursos económicos deste estrato social condicionavam o seu acesso aos Conservatórios de Música. Porém, Pedro de Freitas insistia que a música era fundamental na vida quotidiana do povo. Além do mais, o povo não só gostava como também necessitava de música: «*O povo adora a música e cultiva-a com embevecimento*»¹⁹²⁹. Neste prisma, Gérard Brey, através do seu estudo sobre os orfeões em Espanha, também salientou que o povo precisava do amparo da música¹⁹³⁰. Por sua vez, John Blacking, ao questionar os poderes universais da música, enfatizou as discriminações sociais associadas ao acesso da música, lamentando que certas estruturas socioculturais de diversas índoles reprimissem muitos seres humanos da sua musicalidade inata: «*The most important musical universal of all, the possibility that man is a musical animal, may be the one that is at present least in evidence, because of a variety of circumstances and taboos that have suppressed the innate talents of millions of people*»¹⁹³¹.

Ao constatar que quotidianamente o povo era confrontado por um panorama de desigualdade social, Pedro de Freitas revalorizava o ensino da música como um meio fundamental para que se conferissem os adequados valores pedagógicos, espirituais, éticos e culturais a este estrato social: «*O convívio, a escola prática, as relações de amizade, as saídas a terras estranhas, os passeios, enfim, todo um colorário de activa cultura popular que o povo criou para seu próprio governo espiritual e recreativo, são a tónica dessa civilidade e educação que aperfeiçoam o indivíduo. [...] Se não fosse a música popular, autêntico e bem compreensivo conservatório onde até os*

¹⁹²⁹ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 173.

¹⁹³⁰ Brey, Gérard: “Sur les orphéons en Espagne en général et à Valladolid en particulier commentaires à propos du livre de Joaquina Labajo Valdés”, Em Aubert, Paul (dir.), *Bulletin d' Histoire Contemporaine de l' Espagne*, Sociétés musicales et chantantes en Espagne (XIX-XX siècles), n.º 20, Centre National de la Recherche Scientifique, Maison des Pays Ibériques, décembre 1994, p. 39.

¹⁹³¹ Blacking, John, “Can Musical Universals be heard?”, Em *The World of Music*, Vol. 19, n.º 1 e 2, [s.l.], International Music Council, 1977, p. 22.

*analfabetos aprendem a ser alguém, este operário não passaria, decerto, dum assíduo frequentador da pernicioso taberna*¹⁹³². De facto, vários autores têm reflectido sobre os benefícios da música na sociedade. Neste sentido, Jaume Garbonell I Guberna, ao estudar os coros de Clavé, também considerou a importância da música para se poder elevar o estatuto cultural do povo: *«la naissance du mouvement orphéoniste est liée au mouvement d' éducation des masses populaires, à l' idéé d' une culture interclassiciste dont le fondement est l' élévation de la culture du peuple à un niveau comparable à celui de la bourgeoisie*¹⁹³³. Porém, Ángel Duarte, ao estudar o Republicanismo e o Canto Coral nos finais do século XIX em Espanha, constatou que a música interagia com a inteligência: *«Las clases de solfeo, así como aquellas otras destinadas a dar los primeros pasos en la interpretación de algún instrumento, convertían al individuo en un sujeto activo. Dejaba de ser el receptor pasivo de las sesiones musicales desarrolladas en los teatros de la ciudad [...], se les reconocía el mérito de haber contribuido decisivamente a la popularización del gusto por la música*¹⁹³⁴; apontando, também, as virtudes do canto coral como um: *«un instrumento de educación popular*¹⁹³⁵. Neste contexto, e no mesmo estudo sobre o Republicanismo e o Canto Coral nos finais do século XIX em Espanha, Ángel Duarte frisou ainda sobre os benefícios das viagens: *«En definitiva, los viajes constituían un estímulo para los componentes de la masa coral y satisfacían*

¹⁹³² Freitas, Pedro de, “Elementos Históricos sobre a música popular no Algarve III”, Em *Jornal do Algarve*, Vila Real de Santo António, 25-05-1957.

¹⁹³³ Carbonell I Guberna, Jaume: “Los Coros de Clavé un ejemplo de música en Sociedad”, Em Aubert, Paul (dir.), *Bulletin d' Histoire Contemporaine de l' Espagne*, Sociétés musicales et chantantes en Espagne (XIX-XX siècles), n.º 20, Centre National de la Recherche Scientifique, Maison des Pays Ibériques, décembre 1994, p. 80.

¹⁹³⁴ Duarte, Ángel: “Republicanismo y canto coral en el reus de finales de siglo XIX”, Em Aubert, Paul (dir.), *Bulletin d' Histoire Contemporaine de l' Espagne*, Sociétés musicales et chantantes en Espagne (XIX-XX siècles), n.º 20, Centre National de la Recherche Scientifique, Maison des Pays Ibériques, décembre 1994, p. 101.

¹⁹³⁵ Duarte, Ángel: “Republicanismo y canto coral en el reus de finales de siglo XIX”, Em Aubert, Paul (dir.), *Bulletin d' Histoire Contemporaine de l' Espagne*, Sociétés musicales et chantantes en Espagne (XIX-XX siècles), n.º 20, Centre National de la Recherche Scientifique, Maison des Pays Ibériques, décembre 1994, p. 102.

*los deseos de viajar y conocer mundo de unas clases sociales impedidas de hacer turismo o, en muchos casos, simplemente de veranear lejos de la ciudad de origen»*¹⁹³⁶.

Foi por Pedro de Freitas reconhecer os poderes e os benefícios que a música conferia ao estrato mais baixo da sociedade que ele defendeu, desde 1927, a necessidade de se instituir a aprendizagem musical obrigatória nas escolas primárias: *«Pena é, que à música, infelizmente, ainda incompreendida por grande percentagem de inconscientes, não seja dada aquele valôr a que de facto tem jus, como educação a ministrar-se nas escolas primárias aquando nos apetrechamos para balbuciar as primeiras letras do livro de primeira classe»*¹⁹³⁷. Contudo, como os projectos pedagógicos nem sempre eram de fácil implementação, Pedro de Freitas depositava as suas idealizações nas bandas filarmónicas que, pela sua tradição e acessibilidade popular, desempenhavam um importante papel nacional na mediação da cultura do povo: *«Autênticos conservatórios nacionais onde o anónimo e humilde povo português se tem instruído na emocionante Arte dos Sons. [...] São estes humildes obreiros os arautos do progresso e da educação do povo na ciência da Música popular»*¹⁹³⁸. Por isso, para Pedro de Freitas as bandas filarmónicas eram: *«legítimas representantes da Música Popular em Portugal»*¹⁹³⁹. No entanto, Pedro de Freitas

¹⁹³⁶ Duarte, Ángel: “Republicanismo y canto coral en el reus de finales de siglo XIX”, Em Aubert, Paul (dir.), *Bulletin d’ Histoire Contemporaine de l’ Espagne*, Sociétés musicales et chantantes en Espagne (XIX-XX siècles), n.º 20, Centre National de la Recherche Scientifique, Maison des Pays Ibériques, décembre 1994, p. 108.

¹⁹³⁷ Freitas, Pedro de, “Pelo Progresso da Música Louletana II”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 16-01-1927. Ver também Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 526.

¹⁹³⁸ Freitas, Pedro de, Palestra: “As Bandas Civis – Filarmónicas”, no posto emissor *Club Radiofónico de Portugal*, a convite da *Federação das Sociedades de Educação e Recreio*, 2 de Maio de 1942. Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 524. Ver também Freitas, Pedro de, “Temas Musicais”, *Povo Algarvio*, Tavira, 04-07-1948; Freitas, Pedro de, “A Música popular, parte integrante da vida da Nação (1.ª Parte)”, *Povo Algarvio*, Tavira, 21-08-1949; Freitas, Pedro de, “A Música Popular, parte integrante da vida da Nação (2.ª Parte)”, *Povo Algarvio*, Tavira, 28-08-1949.

¹⁹³⁹ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 131.

protagonizava que para que as bandas filarmónicas pudessem desempenhar essa função nacional eram necessárias estruturas sociais adequadas à sua melhor implementação na sociedade. Deste modo, era através de um condigno ambiente de associativismo musical que as bandas filarmónicas teriam os seus alicerces sociais mais abrangentes: «*Necessitam de um impulso civilizador e de uma população associativa que lhes dei vida. Para isso, pois, necessitam: de ter uma mesa de Assembleia Geral de facto; de uma Direcção zelosa, disciplinadora e que saiba mandar com autoridade; de um Conselho Fiscal que fiscalize; e de uma Biblioteca que instrua. Os sócios precisam de ser atraídos no convívio assíduo das Sociedades, e para tal carecem de distrações e interesses, tais como: A ministração musical aos seus filhos [...], leituras na Biblioteca, saráus artísticos e literários, danças, jogos de bilhar e outros e tudo o mais que os faça tomar [...] amor e carinho à sua Sociedade*»¹⁹⁴⁰.

Com o objectivo de resolver o magno problema da instabilidade existencial das bandas filarmónicas e retribuir-lhes uma digna revitalização, Pedro de Freitas procedia não só a estudos comparativos entre a orgânica da “música popular” noutros países e o caso de Portugal como também protagonizava campanhas musicais e conferências em prol da “música do povo”¹⁹⁴¹. Estas lutas impostas por Pedro de Freitas em virtude da música popular caracterizavam-se por discursos de teor nacionalista muito populares na época em causa, sendo, por isso, divulgados, acreditados e valorizados¹⁹⁴². Neste prisma, o engenheiro Carlos Manitto Torres

¹⁹⁴⁰ Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 20-10-1938.

¹⁹⁴¹ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946; Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955; Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991. Ver o ponto 7.5. Conferências e eventos concedidos por Pedro de Freitas, em Anexos.

¹⁹⁴² Clarke, Desmond M. e Jones, Charles: “Introduction: Liberalism, Nationalism and Self-Determination”, Em Clarke, Desmond M. e Jones, Charles, *The Rights of Nations: Nations and Nationalism in a Changing World*, Cork, Cork University Press, 1999, p. 21.

acentuou a liderança que Pedro de Freitas representava na defesa da música popular: «*Pedro de Freitas considerado ferroviário [...] vai à frente duma inteligente campanha, que é necessário não deixar esmorecer, de defesa e propaganda das Sociedades Musicais de carácter popular*»¹⁹⁴³.

Por sua vez, quando Pedro de Freitas reportava a estudos comparativos sobre a música de carácter popular dentro e fora de Portugal, os países mais contemplados nestas análises eram a Espanha e o norte da França, visto serem os países de eleição das suas viagens: «*A França [...] apresenta, a par do seu labor industrial, uma agradável modalidade na vida musical do seu povo. Lá fomos encontrar, analisar e apreciar algumas bandas populares. A sua orgânica é puramente civil. As [...] municipalidades sustentam o meio associativo [...] essas bandas civis constituem o penhor de uma boa educação patriótica, heróica e guerreira [...]. Na Espanha a música popular tem as suas organizações no género sinfónico e são alimentadas pelas municipalidades*»¹⁹⁴⁴. Porém, na palestra intitulada “As Bandas Civis – Filarmónicas”, protagonizada por Pedro de Freitas, no posto emissor do *Club Radiofónico de Portugal*, a convite da *Federação das Sociedades de Educação e Recreio*, a 2 de Maio de 1942, o seu discurso apresentou abrangências geográficas mais amplas. Neste contexto, Pedro de Freitas apontou a situação musical noutros países da Europa, tal como o caso da Itália e da Alemanha, sem esquecer de nomear o caso paradigmático da Espanha: «*Na Itália e na Espanha, a música popular merece as melhores atenções oficiais. Porque não seguir esses exemplos em Portugal, onde a música popular tão enraizada está no espírito nacional? [...] Na Alemanha e na Itália*

¹⁹⁴³ Torres, Carlos Manitto, Em Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 530.

¹⁹⁴⁴ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XV)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 28-04-1954.

– além de outras Nações – a música é protegida oficialmente e acarinhada pelos respectivos povos que não a dispensam»¹⁹⁴⁵.

Sem embargo, Pedro de Freitas também consultou uma publicação da “*Secretaria das Informações de Guerra dos E.U.A.*”, a qual fazia referência à música popular nos Estados Unidos da América, nomeadamente na cidade de Nova York. Neste sentido, Pedro de Freitas enfatizou sobre o interesse e o apoio devotado à prática musical naquela cidade: «*Há mais de cem anos foi estabelecida a primeira Sociedade orquestra em Nova York. 250 orquestras são mantidas pela receita da bilheteira e subsídio particular. Além das organizações profissionais há umas 30.000 orquestras de liceus e outras escolas. Nestas, todas as crianças aprendem a solfejar e a acompanhar uma canção antes de chegarem à escola secundária, onde então poderão aprender a tocar um instrumento, tocar na banda da escola ou cantar no orfeão. [...] Antes da guerra, 700 vilas americanas mantinham e financiavam as suas bandas e havia mais de 350 bandas militares, havendo hoje (1944) muitas mais. Doze milhões de pessoas ouvem semanalmente os concertos da Orquestra Filarmónica de Nova York*»¹⁹⁴⁶.

Estes enfoques comparativos possibilitavam que Pedro de Freitas constatasse que nos outros países a música popular era totalmente ou parcialmente oficializada, propondo o mesmo nível de evolução relativamente às bandas filarmónicas nacionais: «*Porque não seguir esses exemplos em Portugal, onde a música popular tão enraizada está no espírito nacional? São precisas novas organizações? - Sem dúvida. São precisos novos métodos? – É evidente. É preciso criar novos hábitos e obrigações? – Não há*

¹⁹⁴⁵ Freitas, Pedro de, Palestra: “As Bandas Cívicas – Filarmónicas”, no posto emissor do *Club Radiofónico de Portugal* a convite da *Federação das Sociedades de Educação e Recreio*, a 2 de Maio de 1942, Em Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 527-529.

¹⁹⁴⁶ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 529-530.

que hesitar. Precisa-se de uma reforma modelar e oficial nas velhas Colectividades Populares de Música? – É urgente a transformação»¹⁹⁴⁷.

Para tal, além de fazer propaganda sobre a importância das bandas filarmónicas a nível nacional, Pedro de Freitas também persuadia o Estado português, incluindo o seu aparato político-institucional, para que se conferisse uma atenção, ou melhor, uma nacionalização adequada à “música do povo”: *«Todos os portugueses necessitam passar a conhecer, na música, os seus compositores, os seus génios criadores, o seu sentimento, os seus costumes e a sua própria alma; e precisam, sobretudo, que passe a sério a nacionalizar-se esta faceta da Nação, pois não forma sentido que se nacionalizem a indústria e o comércio e, bem assim outras artes, e não se nacionalize, tanto quanto possível, a nossa própria música»¹⁹⁴⁸.* Com efeito, este protagonismo enfatizado nos escritos de Pedro de Freitas era igualmente partilhado pelos discursos oficiais da época, o que justificava que ele era um homem perfeitamente enquadrado no seu tempo contextual. Neste sentido, evidenciou-se, por exemplo, o discurso promovido pelo capitão do Estado Maior do Exército Português, José Elísio Gonçalves Louro: *«Há que promover uma intensa propaganda por todo o País, demonstrando as vantagens da cultura musical, imprimindo-lhe um carácter profundamente português, para que de todo não se perca tão bela herança que os nossos antepassados nos legaram. [...] Que uma lei regule a sua acção e lhes confira*

¹⁹⁴⁷ Freitas, Pedro de, Palestra: “As Bandas Cívicas – Filarmónicas”, no posto emissor do *Club Radiofónico de Portugal* a convite da *Federação das Sociedades de Educação e Recreio*, a 2 de Maio de 1942, Em Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 527-528.

¹⁹⁴⁸ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIX)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 06-10-1954. Ver também, por exemplo, Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1955; Freitas, Pedro de, “Pelo Progresso da música louletana II”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 16-01-1927; Freitas, Pedro de, “Pelo Progresso da música louletana III”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 06-02-1927; Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 10-11-1938; Greenfeld, Liah: “Modernity and Nationalism”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 163-164.

uma assistência oficial [...], as nossas colectividades não podem somente contar com o auxílio do Estado e também com o dos Municípios. Carecem sobretudo de boa vontade das massas associativas que nem sempre correspondem ao esforço titânico das direcções»¹⁹⁴⁹.

Desta forma, ao defender a implantação, de forma pedagógica e organizada, da “música popular” no seio da sociedade por meio do associativismo musical oficializado, Pedro de Freitas pretendia não só a nacionalização e a afirmação da música filarmónica, através da sua rede associativa, como também que se restituísse ao estrato popular uma parte fundamental das suas necessidades musicais: *«um meio salutar [de] vida recreativa e artística, séria e honrada»¹⁹⁵⁰.*

Neste contexto, salienta-se que foi este espírito de luta nacionalista para que a revitalização da “música popular” constituísse uma pedagogia integradora a nível nacional, educacional e na organização social que implicou que Pedro de Freitas fosse reconhecido como um: *«famoso entusiásta pela causa renovadora do movimento musical nas camadas populares do nosso país»¹⁹⁵¹.*

¹⁹⁴⁹ Louro, José Elísio Gonçalves: “Parecer”, Em Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição XVI”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 09-06-1954.

¹⁹⁵⁰ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 522. Ver também Beiner, Ronald: “Nationalism’s challenge to Political Philosophy”, Em Beiner, Ronald (ed.), *Theorizing Nationalism*, New York, State University of New York Press, 1999, p. 2.

¹⁹⁵¹ Louro, José Elísio Gonçalves: “Parecer”, Em Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição XVI”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 09-06-1954.

~ × ~

A política oficial do *Estado Novo* enfatizou a ideia que a cultura popular era um elemento exclusivo na caracterização da identidade nacional. Neste sentido, Pedro de Freitas, na pretensão de se qualificar num legítimo porta-voz do povo (porque diariamente ele enfrentava as vivências e as necessidades desse estrato social), considerou que as bandas filarmónicas constituíam o símbolo mais sublime da expressão popular, as quais representavam a nação portuguesa e o meio mais acessível e eficaz de se poder suprir as necessidades do estrato mais baixo da sociedade portuguesa. Por isso, havia a necessidade de as nacionalizar através de uma protecção no âmbito do associativismo musical oficial, tal como era prática em tantos outros países a nível mundial. Deste modo, a música do povo podia funcionar como um reduto de nacionalização das massas, cujo objectivo era servir as necessidades desse mesmo estrato social em termos de organização nacional e de uma adequada aprendizagem e progresso da sociedade portuguesa. Com efeito, esta luta da parte de Pedro de Freitas, sobre as vantagens do estrato popular aceder aos benefícios da arte musical, fora, igualmente, acreditada num diálogo multidisciplinar. Além do mais, as lutas de Pedro de Freitas para que as bandas filarmónicas constituíssem elementos integradores responsáveis pelo bem estar geral da camada popular da sociedade portuguesa obtiveram alguma aderência favorável, ecoada através de algum reconhecimento da parte da imprensa periódica local, porque esses discursos de interesse democrático comungavam de um nacionalismo virado para o culto popular das massas, o qual era cultivado não só no quotidiano social português como imanava fervorosamente na Europa.

4.1.3. Campanhas Musicais

Pedro de Freitas sublinhou, mais do que uma vez, que as suas intervenções em prol da “música do povo” simbolizavam o seu amor incondicional que desde sempre tinha nutrido em benefício do movimento filarmónico: *«Tive sempre o gosto por essa divina arte. Praticamente tenho-a cultivado com entranhado amor. Filarmónico cem por cento, a este género popular de música tenho dedicado todo o meu tempo disponível e por tal até profundas contrariedades tenho sofrido. Nunca explorei o mercantilismo musical; bem ao contrário: pela música tenho dado – dinheiro e sacrifício»*¹⁹⁵².

Como defensor da soberania do povo, Pedro de Freitas considerava a necessidade que se concedesse a este estrato popular um maior reconhecimento através da “música popular”, a qual simbolizava oficialmente a fisionomia da nação portuguesa¹⁹⁵³. Assim, Pedro de Freitas envolveu-se em várias campanhas musicais (através da imprensa periódica local), cujos discursos eram politicamente favoráveis às massas populares, os quais destinavam-se a angariar do município local, do estado, e da nação portuguesa, um maior apoio monetário e educacional a favor da música popular. Neste prisma, era ainda importante um reconhecimento além fronteiras, mediante a sua nacionalização, uma vez que a música popular era considerada um pilar

¹⁹⁵² Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 224.

¹⁹⁵³ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, p. 358.

fundamental da evolução deste estrato popular¹⁹⁵⁴. Apesar destas campanhas não terem um desfecho como Pedro de Freitas desejaria, as mesmas exprimiram o seu empenho para que a “música popular” assumisse uma função de: *«escolas do povo»*¹⁹⁵⁵.

Neste sentido, foi com o objectivo de atribuir à música um papel imprescindível no seio da sociedade que Pedro de Freitas direccionou um interesse especial à “música popular” da sua terra natal (Loulé). Além disso, era em virtude dos vínculos sagrados de lealdade e de afecto nutridos pelo torrão natal que Pedro de Freitas se consciencializara da missão que tinha a cumprir: *«por herança e por sentimento competia-me, pois, tanto quanto me fosse possível, não deixar desaparecer essa modalidade que em si tinha o germen da cultura, da civilização, do recreio, e do espírito sublimado no mais agendrado bairrismo. Foi o que fiz, batalhar pela música da minha terra!»*¹⁹⁵⁶.

Neste contexto, Pedro de Freitas constatava que enquanto muitas bandas filarmónicas manifestavam progresso as duas bandas de Loulé encontravam-se numa situação deplorável: *«em estado decadente e na eminência de desaparecerem, visto o abandono a que têm sido votadas por todos e em especial pelos seus dirigentes»*¹⁹⁵⁷.

¹⁹⁵⁴ Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 25-8-1938; Freitas, Pedro de, “Questão Musical - Será Impossível?”, Em *O Louletano*, Loulé, 01-07-1937; Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 26-01-1939; Freitas, Pedro de, “As sete notas de música”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 09-08-1953; Freitas, Pedro de, “Impõe-se, porventura, uma necessária reforma no presente sistema musical?”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 13-09-1953; Freitas, Pedro de, “Palmela em Ayamonte”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 26-09-1956; Freitas, Pedro de, “Montijo em Espanha”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 22-09-1959; Freitas, Pedro de, “Coisas que acontecem III”, *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 08-09-1981; Freitas, Pedro de, “Reparos”, Em *O Setubalense*, Setúbal, 21-10-1959; Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 224.

¹⁹⁵⁵ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIII)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-02-1954.

¹⁹⁵⁶ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, p. 358.

¹⁹⁵⁷ Freitas, Francisco Anjinho de: “Sr. Redactor”, Em Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 31.

Por isso, Pedro de Freitas iniciou uma campanha musical através da imprensa periódica local, a qual teve início em Dezembro de 1926 e terminou em Abril de 1927. Esta campanha destinava-se a revitalizar a música local, ou seja, a *Sociedade Filarmónica União Marçal Pacheco* e a *Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva*. Deste modo, sob a epígrafe: «*Pelo progresso da Música louletana*» (constituída por cinco partes), Pedro de Freitas resumiu as suas principais intenções: «*defendi eu a necessidade das correntes duas Sociedades se estimularem, progredirem, e fazerem levantar do abismo em que se encontravam as duas tradicionais Bandas louletanas*»¹⁹⁵⁸. Na primeira parte, Pedro de Freitas felicitou o periódico *Alma Algarvia* por ser independente das influências políticas e pela sua utilidade face aos interesses dos louletanos. Era mediante o efeito mediático deste periódico regional que Pedro de Freitas podia comunicar à distância, incitando os seus conterrâneos no levantamento das bandas filarmónicas locais¹⁹⁵⁹. Na segunda parte, Pedro de Freitas reconhecia a função educativa da música praticada em Loulé, e apelava para a necessidade de se manter o bom nome que as bandas filarmónicas locais tiveram no seu passado histórico¹⁹⁶⁰. Para tal, Pedro de Freitas acentuava alguns ideais populares associados com os benefícios em seguir-se a via da imparcialidade política ou da “neutralização política”. Porém, os mesmos ideais eram rotineiramente mediatizados na conversão da “psicologia das massas” face à imposição da política estatal¹⁹⁶¹.

¹⁹⁵⁸ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 30.

¹⁹⁵⁹ Freitas, Pedro de de, “Pelo Progresso da Música louletana (I)”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 26-12-1926.

¹⁹⁶⁰ Freitas, Pedro de de, “Pelo Progresso da Música louletana (II)”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 16-01-1927.

¹⁹⁶¹ Melo, Daniel: “A FNAT entre Conciliação e Fragmentação”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 39; Mattoso, José (dir.), *História de Portugal, O Estado Novo*, Vol. 7, Lisboa, Editorial Estampa, 1994, pp. 292-293; Correia, Mário, *Música Popular Portuguesa: um ponto de Partida*, Coimbra, Edição Centelha - Mundo da Canção, 1984, p. 177; Melo, Daniel, *Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)*, Viseu, Imprensa de Ciências Sociais, 2001, pp. 59-62.

Neste sentido, da parte da política vigente, através destes ideais estava explícita a noção de autoritarismo (afim de se aumentar a eficácia de controlo das massas populares), através da ideia de que as mesmas não obtinham vantagens em envolverem-se nos assuntos políticos. No entanto, partindo da óptica popular, Pedro de Freitas usava precisamente essas ideias na mira de um duplo sentido, isto é, ao não se envolver nos assuntos políticos o povo, que animava o conceito de “música popular”, beneficiaria de uma melhor protecção estatal: *«este dever cívico além de consequências sem proveito a quem tem de trabalhar para se manter na vida, apenas mais deve dizer respeito aos seus profissionais»*¹⁹⁶². Por fim, Pedro de Freitas comparava o progresso da “música popular” no Alto Alentejo e na Estremadura com o retrocesso das bandas filarmónicas louletanas, propondo, como estímulo regional, a competição das bandas filarmónicas de Loulé com as suas congéneres de outras localidades¹⁹⁶³. Na terceira parte, Pedro de Freitas orgulhava-se de ser louletano, apresentando Loulé como um dos mais importantes concelhos do país. Contudo, a nível musical considerava que havia muito por fazer. Neste contexto, Pedro de Freitas insistia na importância de serem estabelecidos contactos com outras bandas filarmónicas de melhor reputação porque, além de se evitar o isolamento, possibilitava o progresso musical no sentido de: *«igualar a sua “obra” aquela que os outros possuem»*¹⁹⁶⁴. Pedro de Freitas também reconhecia a falta de iniciativas e de meios de organização que, adaptados às exigências do quotidiano, tivessem a capacidade de estimular os sócios. Finalmente, nas duas últimas partes, Pedro de Freitas referenciava o caso dos aficionados de Vila Viçosa, especificando o valor

¹⁹⁶² Freitas, Pedro de de, “Pelo Progresso da Música louletana (II)”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 16-01-1927.

¹⁹⁶³ Freitas, Pedro de de, “Pelo Progresso da Música louletana (II)”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 16-01-1927.

¹⁹⁶⁴ Freitas, Pedro de de, “Pelo Progresso da Música louletana (III)”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 06-02-1927.

monetário das suas cotas mensais¹⁹⁶⁵. Além do mais, Pedro de Freitas ainda apontava as qualidades indispensáveis para o progresso e a civilização da “música do povo”¹⁹⁶⁶. Neste prisma, Máximo Olegário da Conceição reconheceu o esforço, a liderança e a credibilidade que Pedro de Freitas manifestava em prol da música local: «*Com esta epígrafe tem publicado o nosso jornal Alma Algarvia, uns artigos da autoria de um louletano amigo da sua terra e em especial amigo da sua música, incitando os seus conterrâneos a não deixarem perder uma relíquia que tanto tem contribuído para o bom nome de Loulé. Essa relíquia é a música!... são as Filarmónicas decadentes que aqui existem, são enfim, todas as agremiações que cultivam a sublime arte de Mozart. [...] Prestando homenagem ao esforço do nosso amigo e conterrâneo Sr. Pedro de Freitas, certos estamos que auxiliados por quem de direito, alguma coisa de importante se deverá conseguir*»¹⁹⁶⁷. Francisco Anjinho de Freitas foi outra figura que valorizou a dita companhia musical: «*Dou, apesar de nada valer, o meu apoio incondicional a qualquer coisa que, em prol da música louletana se venha a realizar, pois tudo quanto ao seu engrandecimento se ligue, nós, os louletanos, devemos auxiliar [...] ajudemos a refundir essas velhas sociedades de maneira a pô-las ao nível das suas congéneres lá de fora*»¹⁹⁶⁸.

No final desta campanha musical, por deliberação camarária, passou-se a conceder um pequeno apoio às duas bandas filarmónicas de Loulé: «*Em sessão de Câmara de 8*

¹⁹⁶⁵ Vila Viçosa é uma vila portuguesa do Distrito de Évora, região do Alentejo e subregião do Alentejo Central, Em *Wikipédia*, [On-line], <http://es.wikipedia.org/wiki/Vila_Vi%C3%A7osa>, [consulta: 19 de Março de 2008].

¹⁹⁶⁶ Freitas, Pedro de, “Pelo Progresso da Música louletana (IV)”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 03-04-1927; Freitas, Pedro de, “Pelo Progresso da Música louletana (V)”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 10-04-1927.

¹⁹⁶⁷ Conceição, Máximo Olegário da: “Pelo progresso da Música louletana”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 16-02-1927; ou Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 30.

¹⁹⁶⁸ Freitas, Francisco Anjinho de: “Sr. Redactor”, Em Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp 32-33.

de Janeiro de 1927 foi criada a verba mensal de 300\$00 para cada Sociedade. Contudo os resultados do progresso musical caminhavam a passos de caranguejo; por isso, em sessão de Câmara de 18 de Outubro de 1933 foram as referidas mensalidades aumentadas para 500\$00, para ver se assim vida se dava a quem quase nenhuma tinha»¹⁹⁶⁹.

Contudo, no ano de 1937, as bandas filarmónicas de Loulé encontravam-se novamente numa situação decadente. Dada a constatação deste panorama, mais uma vez Pedro de Freitas procurou encontrar alternativas capazes de solucionar esta situação. Como Pedro de Freitas residia no Barreiro, a imprensa periódica local que desta vez lhe iria servir de mediação era o periódico *O Louletano*. Deste modo, sob a epígrafe de “Filarmónicas”, Pedro de Freitas iniciava uma outra campanha musical, a 1 de Julho de 1937¹⁹⁷⁰. Nesta campanha, Pedro de Freitas propunha a existência de uma única banda filarmónica com bases oficiais, resultante da fusão das duas bandas locais, a qual seria designada por: «*Banda Municipal Louletana União Artistas*»¹⁹⁷¹. Uma vez que as duas bandas filarmónicas locais encontravam-se num estado deplorável, no intento de resolver esse magno problema, Pedro de Freitas considerou que a ideia da sua fusão era uma alternativa bastante viável: «*As nossas actuais filarmónicas não satisfazem ninguém nem a si próprias*»¹⁹⁷². Sem embargo, Pedro de Freitas considerou que algumas das razões que justificavam a lamentável situação das bandas locais relacionavam-se com a falta de um ambiente de associativismo musical: «*Quando uma não tem Mestre a outra não tem músicos; quando uma está um pouco melhor a outra não toca; e por qualquer futilidade os músicos andam «debaixo» para*

¹⁹⁶⁹ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 33.

¹⁹⁷⁰ Freitas, Pedro de, “Questão Musical - Será Impossível?”, Em *O Louletano*, Loulé, 01-07-1937.

¹⁹⁷¹ Freitas, Pedro de, “Questão Musical - Será Impossível?”, Em *O Louletano*, Loulé, 01-07-1937; Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 26-01-1939.

¹⁹⁷² Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 28-07-1938.

«cima» e de «cima» para «baixo» numa manifesta prova de indisciplina e falta de amor à sua unidade musical que bem traduzem da pobreza de espírito que avassala o estado carcumido das antigas organizações das bandas. População associativa que as sustente, nunca houve, não há, e cremos mesmo que nunca há-de haver»¹⁹⁷³. Por isso, Pedro de Freitas insistia veementemente que a nova banda filarmónica teria de usufruir de boas condições de assistência e de segurança material, o que implicava não só a contribuição da parte da sociedade civil como também o apoio oficial da entidade estatal: «Como ia dizendo, com uma Moderna Sociedade de Recreio e Arte de variadas atracções para os sócios contribuintes – com a indispensável disciplina dos executantes e a assistência do Município»¹⁹⁷⁴. Porém, o protagonismo exercido por Pedro de Freitas a favor da música louletana passou a ser contestado por Manuel Guerreiro Pereira, o qual era uma figura eminente no contexto louletano. Manuel Guerreiro Pereira tinha sido o presidente da *Câmara Municipal de Loulé* em 1931-1932¹⁹⁷⁵. Porém, a sua posição na vereação revelava que ele continuava a ter um papel importante nas decisões camarárias¹⁹⁷⁶. Deste modo, Manuel Guerreiro Pereira expressou a sua opinião na imprensa periódica local sob o título de “*Pinceladas*”, e, através do pseudónimo de Ignotus, opôs-se quanto à criação de uma banda municipal¹⁹⁷⁷. Manuel Guerreiro Pereira considerava que a manutenção de uma banda municipal no concelho de Loulé seria um luxo, e justificava que a persistência de Pedro de Freitas neste âmbito devia-se ao facto de ele, ao não estar a residir na vila,

¹⁹⁷³ Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 28-07-1938.

¹⁹⁷⁴ Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 25-8-1938.

¹⁹⁷⁵ Sabe-se que Manuel Guerreiro Pereira foi o presidente da Câmara Municipal de Loulé em 1931-1932 e provedor da Santa Casa da Misericórdia em 1961-1964, Em *Livro de Actas de Vereações 1931-1933*, fólio 33 e 93, cota: CMLLE/B/A/001/LV 146 1929-1939, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 33.

¹⁹⁷⁶ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 33.

¹⁹⁷⁷ Ignotus, [ou Pereira, Manuel Guerreiro], “Pinceladas”, Em *O Louletano*, Loulé, 01-09-1938.

desconhecer as necessidades primárias dos louletanos. Porém, quem vivesse em Loulé reconhecia que eram mais importantes e indispensáveis os «*serviços de interesse público imediato*»¹⁹⁷⁸. Neste sentido, Manuel Guerreiro Pereira apontava que as necessidades básicas, imprescindíveis na vida dos louletanos, estavam directamente relacionadas com a construção de estradas, de caminhos vicinais, de fontes, de poços públicos, e com a pavimentação das ruas e dos largos da vila e das outras freguesias do concelho de Loulé. Por fim, Manuel Guerreiro Pereira acrescentou que, felizmente, os funcionários da *Câmara Municipal de Loulé* anuiam com a sua posição: «*e isso dá-nos certeza de que se não enveredará por esse caminho que, em nosso entender, seria a maior calamidade que nos poderia suceder...*»¹⁹⁷⁹.

Como resposta, Pedro de Freitas salientou que Manuel Guerreiro Pereira era inconstante nas suas opiniões porque num outro artigo de imprensa periódica ele tinha sugerido que a *Câmara Municipal de Loulé* deveria de despende uma cifra superior a vinte e cinco contos anuais para o levantamento da actual banda filarmónica: «*só agora se revolta contra uma cifra que pouco mais do que isso custaria a Banda que defendo alegando as necessidades instantes do Concelho? Estou longe, é facto, mas dou-me ao luxo de registar esta contradição. Decididamente o meu amigo e sr. Ignotus ao escrever desta vez as suas pinceladas... deu expansão demasiada aos seus nervos*»¹⁹⁸⁰. Por outro lado, Pedro de Freitas salientava a importância espiritual da música na sociedade: «*uma bela Banda de Música Municipal que sintetize bem na alma do Povo a Divindade que nos faz vibrar de emoção, confortando-nos o espírito com tanta necessidade como a do pão para o estômago*»¹⁹⁸¹. Deste modo, Pedro de

¹⁹⁷⁸ Ignotus, [ou Pereira, Manuel Guerreiro], “Pinceladas”, Em *O Louletano*, Loulé, 01-09-1938.

¹⁹⁷⁹ Ignotus, [ou Pereira, Manuel Guerreiro], “Pinceladas”, Em *O Louletano*, Loulé, 01-09-1938.

¹⁹⁸⁰ Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 08-09-1938; Ignotus, [ou Pereira, Manuel Guerreiro], “Pinceladas”, Em *O Louletano*, Loulé, 07-04-1938.

¹⁹⁸¹ Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 08-09-1938.

Freitas reivindicava, persistentemente, que não eram unicamente as necessidades primárias que justificavam o bem estar da sociedade: «*Necessidades quem não as tem? Se há quem necessite de um poço, do concerto de um caminho, de um bocado de pão para a boca, porque é que se gasta dinheiro com a manutenção de jardins, com festas, com luxos excessivos de retretes, de um sem fim de coisas, que no fundo, depois, todos bendizem?*»¹⁹⁸². Perante estes comentários críticos, Manuel Guerreiro Pereira respondeu que Pedro de Freitas não tinha compreendido adequadamente as suas intenções porque o que se tinha discordado era da ideia da fusão das duas bandas filarmónicas. Deste modo, o que se tinha recusado, da parte da *Câmara Municipal de Loulé*, relacionava-se com os orçamentos a pagar às duas sociedades filarmónicas de Loulé. Neste prisma, Manuel Guerreiro Pereira salientava que o desejo da maioria dos conterrâneos era a manutenção das duas bandas filarmónicas: «*a existência das duas filarmónicas locais, por considerarmos corresponder isso á tradição, bom gosto e desejo da quase totalidade dos louletanos*»¹⁹⁸³. Aceitava-se, porém, a ideia que a *Câmara Municipal de Loulé* ajudasse as bandas locais dentro das suas possibilidades e por um período de tempo limitado: «*temporariamente e a título precário, enquanto elas não possam dispensar esse auxílio*»¹⁹⁸⁴. No entanto, Manuel Guerreiro Pereira continuava a discordar da existência de uma Banda Municipal em Loulé: «*não é somente com o subsídio individual ou familiar de água e luz que uma banda municipal se mantem. Teríamos mais tarde de estabelecer um ordenado aos executantes, comprar-lhes fardas e instrumentos, e atingido esse ponto a banda municipal passaria a ser um fardo enorme no orçamento. Quando se pretendesse eliminá-lo, apareceria a extensa rede de interesses feridos a reclamar e a barafustar,*

¹⁹⁸² Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 08-09-1938.

¹⁹⁸³ Ignotus, [ou Pereira, Manuel Guerreiro], “Pinceladas”, Em *O Louletano*, Loulé, 15-09-1938.

¹⁹⁸⁴ Ignotus, [ou Pereira, Manuel Guerreiro], “Pinceladas”, Em *O Louletano*, Loulé, 15-09-1938.

seria a mulher do músico, a filha, o genro, a sogra, o primo, o vizinho, o cão e o gato, tudo a clamar contra essa medida camarária. Recuar não seria possível, e aí teríamos todos os anos uma verba aproximada de uma centena de contos que, no orçamento da nossa Câmara é alguma coisa de peso»¹⁹⁸⁵. Perante esta constatação, Pedro de Freitas retorquiu que lamentavelmente o progresso e a civilização fossem feitos em todos os sectores excepto no âmbito da música. Por outro lado, assumindo-se como um antigo filarmónico «ferveoso defensor» da *Sociedade Artistas de Minerva* e filho de um outro filarmónico que «fez brilhar a secular *Sociedade União Marçal Pacheco*», Pedro de Freitas justificou que as suas ideias em relação à criação de uma Banda Municipal não pretendiam trair a causa das duas filarmónicas locais¹⁹⁸⁶. Dando amplitude a este argumento, Pedro de Freitas reportava que a campanha musical que ele tinha protagonizado anteriormente pretendia, precisamente, conferir meios de subsistência às duas bandas filarmónicas locais. No entanto, Pedro de Freitas considerou que todo aquele esforço que ele tinha protagonizado tinha sido praticamente inútil: «quasi foi pregar no deserto»¹⁹⁸⁷. Segundo a opinião de Pedro de Freitas, o Município de Loulé tinha atribuído uma mesada insuficiente para a manutenção das duas bandas filarmónicas locais e, por isso, elas continuavam a viver «ficticiamente»¹⁹⁸⁸. Ainda que Pedro de Freitas considerasse que as festas e os entusiasmos políticos proporcionassem às bandas locais algum apoio monetário, ele salientava que a principal razão que justificava a sobrevivência da *Sociedade Artistas de Minerva* durante 36 anos tinha sido o espírito de dedicação empreendido pelo seu regente Joaquim António Pires, o qual tinha sido: «administrador, presidente,

¹⁹⁸⁵ Ignotus, [ou Pereira, Manuel Guerreiro], “Pinceladas”, Em *O Louletano*, Loulé, 15-09-1938.

¹⁹⁸⁶ Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 22-09-1938.

¹⁹⁸⁷ Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 22-09-1938.

¹⁹⁸⁸ Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 22-09-1938.

secretario, tesoureiro, professor»¹⁹⁸⁹. Neste sentido, Pedro de Freitas expôs um projecto relacionado com algumas noções de associativismo musical, no qual revelava as necessidades que considerava serem indispensáveis para que uma sociedade filarmónica se pudesse manter em condições condignas: «Para que cada Sociedade viva com decência e apresente dentro dos moldes progressivos da nossa terra a sua Banda de Música de categoria mediana, é necessário ter apenas 500 sócios, à cota mensal e mínima de 2\$50. É uma receita de 1.250\$00 que, para pagamento do regente, casa, luz e água, expediente, contínuo, fardamentos, papel de música, cópias, palhetas, compra de instrumentos e concertos dos mesmos, etc., é todavia pouco, mas para uma Sociedade e Banda de via reduzida, com algumas ajudas indispensáveis, poderá remediar.

*Ora Loulé que nunca arranjou 500 sócios firmes no pagamento de cotas para as duas Sociedades, dará agora 1.000 para as poder manter embora mal? Se alguém me provar com factos positivos que tal pode ser, então eu continuo a defender, como há 12 anos o fiz, a existência das duas actuais Bandas, que é esta a minha maior satisfação»¹⁹⁹⁰. Efectivamente que estas alternativas, apresentadas por Pedro de Freitas, estavam relacionadas com a sua pretensão de incrementar os meios adequados à implementação de um ambiente de associativismo musical de cariz oficial, o qual seria responsável pelo restabelecimento das duas bandas filarmónicas. Com efeito, estas iniciativas, da autoria de Pedro de Freitas, tiveram o partidarismo da parte de Maurício Monteiro, director do periódico *O Louletano*, o qual acrescentou: «Tenho acompanhado com interesse a sua campanha. Acho-a com lógica e adaptada às exigências da evolução da nossa terra, bem digna de ter a sua Música actualizada. E pode dizer-me como encára a possibilidade de uma Sociedade que sustente uma*

¹⁹⁸⁹ Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 22-09-1938.

¹⁹⁹⁰ Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 22-09-1938.

*Banda de Música de organização modelar, disciplinada e artisticamente constituída de modo a dar-nos o prazer de ouvirmos música que nos satisfaça?»*¹⁹⁹¹. Além do mais, estas questões colocadas por Maurício Monteiro suscitavam da parte de Pedro de Freitas um crescente interesse em dar continuidade e em aperfeiçoar aqueles estudos que ele tinha proposto no âmbito do associativismo musical de cariz oficial: «*Com todo o prazer e com a aquiescência do sr. Director do nosso «O Louletano», que tão gentil tem sido nesta campanha para a conversão musical da nossa terra, responderei...»*¹⁹⁹². Em primeiro lugar, Pedro de Freitas considerava que as sociedades filarmónicas de Loulé teriam de ter uma população associativa que lhes desse vida. Para tal, era necessário uma Assembleia Geral, uma Direcção que soubesse mandar com autoridade, e um Concelho Fiscal. Neste prisma, além de serem conferidos benefícios aos filhos dos sócios, através de aulas de piano, de violino e de sopro, também eram atribuídos alguns privilégios aos sócios das sociedades filarmónicas, os quais teriam acesso às leituras na biblioteca, aos sarás artísticos e literários, às danças e aos jogos de bilhar. Contudo, Pedro de Freitas era influenciado pelas estratégias de “neutralidade política”, abundantemente massificadas no quotidiano social para que o cidadão comum se remetesse ao seu lar familiar e ao seu ofício, isto é, longe das ideologias políticas. Aliás, por sua própria experiência de vida, efectuada em desilusões pelo malogrado desfecho de algumas campanhas musicais que tinha protagonizado devido às corrupções das políticas da época, Pedro de Freitas acabava por continuar a defender e a justificar as mesmas idealizações de “imparcialidade política”, cuja intenção era a obtenção de uma maior rentabilidade

¹⁹⁹¹ Maurício Monteiro, director do Jornal *O Louletano*. Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 20-10-1938.

¹⁹⁹² Em Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 20-10-1938.

face aos objectivos da música popular¹⁹⁹³. Neste sentido, Pedro de Freitas recomendava que os sócios das sociedades filarmónicas locais se mantivessem fora das vicissitudes políticas da época: «*e tudo o mais que os faça tomar – à margem de toda a politica, bem entendido – amor e carinho à sua Sociedade...*»¹⁹⁹⁴.

Na continuidade destas explicações, Pedro de Freitas concebia a organização e a constituição de uma *Sociedade de Recreio e Arte* através de quatro etapas. A primeira etapa intitulava-se de “*Estímulo artístico*”, na qual a banda filarmónica teria um quadro efectivo de quarenta e cinco figuras com três escalões de classes e respectivos distintivos nas fardas. Como tal, a primeira classe teria dez elementos, a segunda classe teria dezanove elementos, e a terceira classe teria dezasseis elementos, o que possibilitava a execução de partituras com um bom nível de exequibilidade. Porém, a passagem de uma classe mais baixa para outra classe superior seria condicionada por um exame, mediante o qual o examinando receberia respectivamente a quantia de 100\$00, 75\$00 e 50\$00, consoante o grau de aprendizagem¹⁹⁹⁵. A segunda etapa era intitulada de “*Assistência financeira*”, na qual Pedro de Freitas considerava a possibilidade dos filarmónicos, de acordo com as respectivas classes, receberem um subsídio mensal de 50\$00, 45\$00 e 42\$50. Deste modo, o filarmónico teria dinheiro para poder estar bem apresentado em público através da compra de: «*botas e sapatos*» e «*remendar os rasgões que se fizessem nos fardamentos*»¹⁹⁹⁶. Neste contexto, mais uma vez, Pedro de Freitas criticava o contrasenso do raciocínio do seu adversário Manuel Guerreiro Pereira, ou *Ignotus*, demonstrando que os músicos só poderiam usufruir de uma boa apresentação em público se previamente lhes fosse concedida

¹⁹⁹³ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 22.

¹⁹⁹⁴ Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 20-10-1938.

¹⁹⁹⁵ Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 20-10-1938.

¹⁹⁹⁶ Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 20-10-1938.

uma razoável remuneração de base: «um indivíduo que não tem para comer e a quem não se lhe dá remuneração alguma se exija que se apresente a nossos olhos devidamente calçado? Francamente: Há que sermos compadecidos por aqueles que demonstram, com o absurdo da sua argumentação, tão fraco... raciocínio!...»¹⁹⁹⁷.

A terceira etapa, intitulada por “*A disciplina*”, visava que a banda filarmónica cumprisse uma adequada organização associativa e artística através da aplicação de sanções disciplinares¹⁹⁹⁸. Finalmente, a quarta e a última etapa, intitulada de “*Regalias*”, estipulava que a assistência médica e os medicamentos fossem gratuitos para a esposa e os filhos dos filarmónicos que vivessem às expensas dos sócios. Além do mais, previa ainda a criação de um cofre de assistência na sociedade filarmónica, o qual seria usado em situações dramáticas, como no caso de invalidez musical¹⁹⁹⁹. Contudo, o principal propósito subjacente a todas estas etapas visava a existência de uma *Sociedade de Recreio e Arte* mantida pelas cotas dos seus associados e de carácter oficial permanente, de modo a possibilitar o pagamento de um ordenado condigno ao regente e aos seus executantes: «*Apenas 32 contos anuais*». Ora se ele já gasta sem resultados benéficos 7.200\$00 e se alguém já propôs que gastasse com a Música «a prestações» e sem disciplina nem organização associativa uma cifra para mais de 24 contos – não acha que melhor seria para tudo e para todos a aplicação bem merecida dos 32 contos que monta este modesto mas modelar sistema associativo e orgânico?»²⁰⁰⁰. Porém, Pedro de Freitas acentuou que se aqueles valores por ele propostos fossem duplicados haveria a possibilidade de um pagamento

¹⁹⁹⁷ Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 20-10-1938.

¹⁹⁹⁸ Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 20-10-1938; Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 27-10-1938.

¹⁹⁹⁹ Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 27-10-1938.

²⁰⁰⁰ Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 27-10-1938.

individualizado às duas bandas filarmónicas locais: *«poder-se-ia manter as duas filarmónicas... Assim, paciência!... Antes «uma boa» do que duas ruins»*²⁰⁰¹.

No contexto de uma visita a Loulé, Pedro de Freitas testou a opinião de algumas figuras louletanas e concluiu que muitos dos seus conterrâneos anuíam com as suas ideias: *«Tive a satisfação de receber de viva voz a adesão aos meus pontos de vista: da figura inconfundível do Sr. Presidente da Câmara; de alguns funcionários do Município, da imprensa local, doutores, comerciantes, artistas, membros das direcções das filarmónicas, músicos, gente do Povo, e... daqueles que mais calaram no meu intimo: velhos aficionados das duas Sociedades Musicais que, se há anos eu tivesse tal ideia, me fulminariam imediatamente. Pois ainda bem!...»*²⁰⁰². Neste sentido, além de mencionar os nomes de algumas figuras conhecidas no meio louletano que tinham apoiado a sua campanha musical, num gesto de cortesia popular, peculiar da sua personalidade, Pedro de Freitas exprimiu um agradecimento geral: *«Á gentileza de todos os amigos que me obsequiaram com a sua estima e particular consideração – Muito e muito obrigado!»*²⁰⁰³. Finalmente, numa insistente luta pela revitalização da música local, a favor dos interesses do povo, Pedro de Freitas ainda retorquiu mais críticas relativamente à perspectiva que Manuel Guerreiro Pereira tinha apresentado no *Jornal dos Mercados*: *«Porque motivos diz «Ignotus» que uma Banda Municipal vai afectar as receitas Municipais? Mas só de pão vive o homem?... Os municípios são elencos administrativos que, recebem do público as receitas necessárias para a manutenção da sua orgânica, devendo o seu superavit anual*

²⁰⁰¹ Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 27-10-1938.

²⁰⁰² Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 10-11-1938.

²⁰⁰³ Entre as figuras que apoiaram as ideias defendidas por Pedro de Freitas salientou-se o Maestro Serra e Moura; José da Silva Domingues (Sargento ajudante Músico); Manuel Martins Garrocho (Primeiro Sargento Músico), e Olegário da Conceição. Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 34; Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 10-11-1938.

*reverter a favor do mesmo público, que tem direito a obter distrações que, só os Municípios podem conceder»*²⁰⁰⁴. Na sequência desta campanha, Pedro de Freitas recebeu algumas cartas, destacando-se a do Vice-Presidente da *Câmara Municipal de Loulé*, Ribeiro Ramos, escrita a 18 de Dezembro de 1938²⁰⁰⁵. Nesta carta, Ribeiro Ramos confirmava que alguns indivíduos apoiavam as ideias defendidas por Pedro de Freitas, considerando que pelas suas qualidades de liderança, de firmeza, e de persistência, ele (Pedro de Freitas) era a figura ideal para elevar as bandas filarmónicas locais a favor do progresso da vila: «*Não quereria o meu ilustre amigo e sr. Freitas ser mais uma vez útil à sua terra, agregando a si as pessoas que julgasse idónias para meterem ombros a essa empresa? Pois considero o meu amigo e sr. Freitas a pessoa que reúne os requisitos necessários para enfrentar tal missão»*²⁰⁰⁶.

Motivado pelas incumbências para que fora encarregue, Pedro de Freitas preparava-se para pôr em prática os assuntos musicais que considerava indispensáveis a nível local. Contudo, ainda no final do mês de Dezembro, Pedro de Freitas recebeu uma outra carta da mesma personalidade que desmistificou o entusiasmo que tinha concedido a Pedro de Freitas aquando da primeira carta: «*Informando-se o sr. Guerreiro do que havia de positivo a este respeito, lhe foi solicitado para que, a título de experiência, conservasse por mais um ano as duas músicas e ver-se-ia quais os resultados obtidos.*

²⁰⁰⁴ Anónimo: “Loulé e as Filarmónicas”, Em *O Jornal dos Mercados*, Lisboa, 01-12-1938; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 34-35.

²⁰⁰⁵ Ramos, Ribeiro: “Carta do Vice-Presidente Ribeiro Ramos, 18-12-1938, Loulé”, Em Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 35.

²⁰⁰⁶ Ramos, Ribeiro: “Carta do Vice-Presidente Ribeiro Ramos, Loulé, 18-12-1938”, Em Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 35.

Dentro desta ordem de ideias, o meu presidente levou ao conhecimento da Câmara o desejo das músicas, e a Câmara aquiesceu (com reserva) aos meus desejos. Desta forma está prejudicada (por enquanto) a ideia da fusão»²⁰⁰⁷.

No último artigo, sobre o título de “Filarmónicas”, Pedro de Freitas descreveu um resumo dos sete artigos desenvolvidos nesta campanha musical, e criticou mais uma vez Manuel Guerreiro Pereira (ou *Ignotus*), por este ter proposto um orçamento a pagar às bandas filarmónicas sem elucidar previamente sobre a sua organização, motivações e disciplina. Segundo Pedro de Freitas, Manuel Guerreiro Pereira apenas tinha contemplado os concertos das duas bandas filarmónicas locais e respectivas remunerações nos períodos de Verão e de Inverno, e isso era muito pouco: *«quatro concertos por mês, a 500\$00 cada concerto, durante seis meses de verão, no inverno apenas um subsídio de 100\$00 mensais a cada uma, competindo às filarmónicas a obrigação de satisfazerem os compromissos para com a Câmara»²⁰⁰⁸*. Neste sentido, Pedro de Freitas reclamou por (através daqueles orçamentos) não ser possível garantir as mínimas condições pelas quais as bandas filarmónicas locais pudessem tocar algumas músicas condignas. Desta forma, e num sentido de elucidar o público leitor, Pedro de Freitas apresentou as razões do seu descontentamento²⁰⁰⁹. Como tal, Pedro de Freitas usou os cálculos a partir do valor mensal proposto pelo seu adversário (Manuel Guerreiro Pereira) e através de um número hipotético de vinte e cinco executantes: *«cada músico receberia mensalmente, durante esses meses de verão, pelos ditos concertos e por mais serviços que a Câmara exigisse – 40\$00; no inverno, sem concertos públicos mas com a obrigação dos serviços à Câmara, cada*

²⁰⁰⁷ Ramos, Ribeiro: “Carta do Vice-Presidente Ribeiro Ramos, Loulé, 30-12-1938”, Em Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 36.

²⁰⁰⁸ Proposta da remuneração conferida por Manuel Guerreiro Pereira às bandas filarmónicas de Loulé. Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 26-01-1939.

²⁰⁰⁹ Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 26-01-1939.

executante receberia, por mês, 4\$00. As Bandas, com os seus 25 executantes de naipes desequilibrados e deficiente, continuariam a dar-nos as tais simplórias valsas e corriqueiras sinfónicas. No verão, as músicas seriam somente para os apreciadores de harmonium; no inverno... elas voltariam ao estado actual - «zero»²⁰¹⁰. Finalmente, Pedro de Freitas mostrava que tinha a razão do seu lado: «Ignotus concorda comigo; felicito-o pois, pela sua adesão a esta campanha Musical, em nome de um Loulé maior, progressivo e educado. Ora ainda bem!!»²⁰¹¹.

Como resultado final desta campanha musical houve uma Sessão de Câmara, a 25 de Janeiro de 1939, a qual apresentou um ofício às duas sociedades filarmónicas locais, estipulando o seguinte apoio camarário: «Alterar as deliberações tomadas em sessões de 8 de Janeiro de 1927 e 18 de Outubro de 1933, as quais passam a ter a seguinte redacção: Conceder a cada uma das duas Filarmónicas da Vila, o subsídio mensal de quinhentos escudos com sujeição às seguintes condições: Primeiro – Tocarem gratuitamente nos serviços públicos designados pela Câmara. Segundo – Tocarem no coreto da Avenida ou em qualquer outro lugar indicado pela Câmara alternadamente todas as quintas-feiras dos meses de Junho, Julho e Agosto, mediante a retribuição de 150\$00 por concerto...»²⁰¹². Contudo, Pedro de Freitas considerou que esta decisão

²⁰¹⁰ Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 26-01-1939.

²⁰¹¹ Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 26-01-1939.

²⁰¹² Ofício n.º 231, Pasta F, 28-01-1939, Em Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 36.

era um «*remendo de salvação*» que infelizmente não iria salvar as duas bandas filarmónicas de Loulé²⁰¹³.

A 9 de Agosto de 1953, Pedro de Freitas iniciava uma outra campanha musical através da imprensa periódica local o *Povo Algarvio* de Tavira (Algarve), cuja temática relacionava-se com “*As sete notas de música*”. Nesta campanha Pedro de Freitas manifestava-se contra uma série de artigos intitulados de: «*Uma Aventura... musicológica*», nos quais Francisco Fernandes Lopes apresentava uma proposta de

²⁰¹³ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 36.

reforma do vocabulário musical²⁰¹⁴. Deste modo, Pedro de Freitas iniciava o seu protesto através de uma frase reveladora da sua preocupação com a instrução do povo:

«Não se tire ao povo a maneira mais fácil de aprender o solfejo»²⁰¹⁵. Neste prisma,

²⁰¹⁴ Lopes, Francisco Fernandes, “Uma Aventura... Musicológica I”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 17-05-1953. (A exposição desta aventura compõe-se de nove partes, sendo a última parte de 23 de Agosto do mesmo ano, mediante o seguinte artigo: Lopes, Francisco Fernandes, “Uma Aventura Musicológica IX”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 23-08-1953). Embora Francisco Fernandes Lopes chegasse por si próprio às conclusões que expunha através do seu método, ele verificara que essas propostas não eram totalmente inéditas, tal como pensara inicialmente. A razão do estudo proposto por Francisco Fernandes Lopes consistia na simplificação da escrita musical através da aplicação de métodos que evitassem a leitura nas diferentes claves; que prescindissem das linhas suplementares superiores e inferiores; e que excluíssem os sinais de alteração (#, b e bequadro). Neste sentido, em 1925, Francisco Fernandes Lopes defendia que as notas de música passassem a ser doze, consoante a gama dodecafônica (dó, dé, ré, ri, mi, fá, fol, sol, sá, lá, li, si), e que cada uma dessas notas pertencesse respectivamente a cada linha e espaço do hexagrama (Lopes, Francisco Fernandes, “Uma Aventura Musicológica VI”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 02-08-1953; Lopes, Francisco Fernandes, “Uma Aventura Musicológica IV”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 19-07-1953). Uma vez que as notas tinham uma posição fixa no hexagrama dodecafônico, Francisco Fernandes Lopes justificava que não era necessário o uso de claves distintas, propondo o uso do hexagrama sem clave (Lopes, Francisco Fernandes, “Uma Aventura Musicológica VI”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 02-08-1953). Neste sentido, Francisco Fernandes Lopes também chegou a propor o uso da clave de sol para as pautas da mão direita e da mão esquerda. Com efeito, se a extensão musical da pauta da mão esquerda fosse de duas oitavas abaixo da extensão musical da pauta da mão direita, Francisco Fernandes Lopes propunha que se marcasse com a letra D (a mão direita), e com a letra E (a mão esquerda). (Lopes, Francisco Fernandes, “Uma Aventura Musicológica VII”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 09-08-1953). Neste prisma, a letra A (ou algarismo romano I) significava a dupla oitava $dó_2/dó_1$; a letra B (ou algarismo II), significava a dupla oitava $dó_1/dó_2$; a letra C (ou o algarismo III), significava a dupla oitava $dó_3/dó_4$; a letra D (ou o algarismo IV), significava a dupla oitava $dó_5/dó_6$; e a letra E (ou o algarismo romano V), significava a dupla oitava $dó_7/dó_8$. Deste modo, as duas pautas habituais na música de piano teriam no início a letra B na pauta da mão esquerda e a letra C na pauta da mão direita, sendo, portanto, preferível o uso das letras em relação ao uso dos números romanos. (Lopes, Francisco Fernandes, “Uma Aventura Musicológica VIII”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 16-08-1953). Por outro lado, para indicar na pauta musical uma figura alterada por um acidente (sustenido ou bemol) era necessário que, depois de escrever a nota, se atravessasse a cabeça da figura musical por um traço oblíquo ascendente da esquerda para a direita para o caso do sustenido e vice-verso para o caso do bemol. (Lopes, Francisco Fernandes, “Uma Aventura Musicológica IV”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 19-07-1953). Para pronunciar as notas com sustenido dir-se-ia: doss, ress, miss...; no caso dos bemois pronunciava-se: dob, reb, mib...; nos duplos sustenidos pronunciava-se: dost, rest mist...; para os duplos bemois pronunciava-se: domd, remb, mimb...; para o bequadro pronunciava-se: doq, req, miq... (Lopes, Francisco Fernandes, “Uma aventura musicológica IX, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 23-08-1953). Um outro método era a adopção do heptagrama diatónico ou da pauta universal de sete linhas com a extensão de duas oitavas, na qual, cada linha e espaço correspondia a cada uma das sete notas. Com a simples adição mental de duas linhas por baixo do pentagrama da mão esquerda (na 1.ª linha teríamos o $dó_1$ e no último espaço do heptagrama teríamos o si_2). Neste sentido, através da adição de uma linha por baixo e outra linha por cima do pentagrama da mão direita (na 1.ª linha teríamos o $dó_3$, e no último espaço do heptagrama teríamos o si_4). Assim sendo, as duas pautas relativas à mão direita e à mão esquerda do piano igualizavam-se quanto ao posicionamento das notas. Deste modo, o uso das claves era inútil, porque, em vez delas, colocar-se-iam as letras de indicação da extensão. Por exemplo, na pauta da mão esquerda podia colocar-se um B, e na pauta da mão direita podia colocar-se um C. Caso fosse necessário ampliar a extensão, colocava-se a letra A na pauta da mão esquerda (a qual introduzia a dupla oitava $dó_2$ a si_1); e a letra D na pauta da mão direita (a qual resultaria na extensão de $dó_5$ a si_7). (Lopes, Francisco Fernandes, “Uma Aventura Musicológica VIII”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 16-08-1953).

²⁰¹⁵ Freitas, Pedro de, “As sete notas de música”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 09-08-1953.

Pedro de Freitas considerou que as sete notas de música (dó, ré, mi, fá, sol, lá, si) continham musicalidade, eram consonantes e de fácil dicção: *«Deste modo se tem aprendido o solfejo, sem artificios de linguagem e sem articulações de sílabas dissonantes de mais difícil concepção ao ouvido»*²⁰¹⁶. Além do mais, Pedro de Freitas sublinhava que as sete notas de música tinham sido o resultado de séculos de estudos e de experimentações da parte de cientistas e doutores, os quais deveriam de ser considerados e respeitados pelo seu mérito. No sentido de reforçar as suas ideias, Pedro de Freitas fez uma breve referência à história da notação musical, focando a invenção das notas de música tal como fora proposta pelo Monge Italiano Guy d'Arezzo no século XI, e a sua posterior evolução ocorrida no século XV²⁰¹⁷. Por outro lado, como a prática quotidiana do solfejo já tinha sido testada ao longo de gerações, e com bons resultados, Pedro de Freitas considerou que as teorias propostas por Francisco Fernandes Lopes não tinham utilidade: *«O que se pretende mais? Devaneios doutorais, aventuras de passa-tempo, maçuda epistolografia em relações internacionais para uma melhor nomeada do caso e perdas de tempo com «ruins defuntos»? Revolucionem-se os instrumentos – que de século para século tanto têm evoluído - aperfeiçoe-se a composição; melhorem-se a melodia, a harmonia, os acordes, a fuga, o contra-ponto, etc., que evolucionem sempre para mais e melhor – é de aceitar. Mas, agora o nome das sete notas?!...»*²⁰¹⁸.

Num outro artigo, de imprensa periódica local, Pedro de Freitas sugeria que não havia a necessidade que essa reforma chegasse a ser posta em prática: *“Impõe-se,*

²⁰¹⁶ Freitas, Pedro de, “As sete notas de música”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 09-08-1953.

²⁰¹⁷ Freitas, Pedro de, “As sete notas de música”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 09-08-1953.

²⁰¹⁸ Freitas, Pedro de, “As sete notas de música”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 09-08-1953.

porventura, uma necessária reforma no presente sistema musical?”²⁰¹⁹. Mais uma vez, Pedro de Freitas revelava que a legitimidade da sua preocupação era que o povo aprendesse a música da maneira mais acessível possível: «*Dir-se-á que essa reforma apenas versa o campo doutoral e académico? Sim! – afirma-o o seu decidido e insistente autor. Mas, e o povo? Essa alma revolucionária que musicalmente também dá tantas sublimes lições aos eruditos? Não merece ele ser defendido para que não se lhe tire a melhor maneira de também poder ser músico e lidar com essa divina Arte num campo mais acessível?*»²⁰²⁰. Por isso, Pedro de Freitas chamou à atenção que algumas teorias não tinham funcionalidade: «*A teoria - é ponto assente – é o campo das possibilidades; a prática, é a terrível arma que destrói muitos sonhos belos!*»²⁰²¹. Ainda que a exposição apresentada por Francisco Fernandes Lopes tivesse mérito no campo teórico, Pedro de Freitas considerava que a mesma necessitava de ser testada para ser posta em prática²⁰²². Porém, Pedro de Freitas questionava a exequibilidade prática daquela exposição, criticando a confusão de trigramas, de hexagramas e de heptagramas, e a desvantagem em se substituir o sustenido e o bemol por traços na cabeça da figura musical. Por outro lado, Pedro de Freitas também não encontrava benefícios na substituição das duas claves principais por uma clave com letras intercaladas para se distinguirem as diferentes oitavas que corresponderiam à extensão do instrumento. Para elucidar a ineficácia daquele sistema proposto, Pedro de Freitas

²⁰¹⁹ Freitas, Pedro de, “Impõe-se, porventura, uma necessária reforma no presente sistema musical?”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 13-09-1953.

²⁰²⁰ Freitas, Pedro de, “Impõe-se, porventura, uma necessária reforma no presente sistema musical?”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 13-09-1953.

²⁰²¹ Freitas, Pedro de, “Impõe-se, porventura, uma necessária reforma no presente sistema musical?”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 13-09-1953.

²⁰²² Freitas, Pedro de, “Impõe-se, porventura, uma necessária reforma no presente sistema musical?”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 13-09-1953.

exemplificou através do caso específico do clarinete²⁰²³. Uma outra crítica argumentada por Pedro de Freitas relacionou-se com o vocabulário musical sugerido, o qual fazia uso de entoações diferentes para as notas que tivessem sustentidos, bemóis, duplos sustentidos, duplos bemóis e bequadros: «*E assim, que vantagem nos dá toda essa série de notas constituídas por sílabas de sabor estrangeirado e de má dicção?*»²⁰²⁴. Impressionado com esta linguagem musical, Pedro de Freitas encontrou similitudes com a língua inglesa: «*Miss (tradução) – menina, lass – namorada, dost – segunda pessoa do presente indicativo do verbo to do (You) tu fazes, rest – descanso, Paz. (é o que esta série de estrangeirismos está a pedir), mist – névoa (que Deus a mande para encobrir esta confusa linguagem), fast – jejum (só neste estado se poderá beber tão forte purgante musical), last – último, lamb – cordeiro*»²⁰²⁵. Deste modo, através desta explanação, Pedro de Freitas concluía, mais uma vez, que aquele método não era prático nem útil. Por fim, Pedro de Freitas ainda considerou que algumas críticas pejorativas relativas ao “academismo musical”, que tinha encontrado no discurso literário de Francisco Fernandes Lopes, reflectiam o próprio autor²⁰²⁶.

²⁰²³ Pedro de Freitas considerou inviável a complexidade rítmica escrita num heptagrama com grupos de semicolcheias ou de fusas na extensão de quase quatro oitavas do clarinete. Como tal, no resultado final ver-se-ia junto de cada grupo uma variedade de letras do alfabeto a marcar as várias oitavas. Freitas, Pedro de, “Impõe-se, porventura, uma necessária reforma no presente sistema musical?”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 13-09-1953.

²⁰²⁴ Quando as notas tinham sustentido pronunciavam-se: *doss, ress, miss, fass, solss, lass, siss*; quando as notas tinham bemóis pronunciavam-se: *dob, reb, mib, fab, solb, lab, sib*; quando as notas tinham sustentidos duplos pronunciavam-se: *dost, rest, mist, fast, solst, last, sist*; quando as notas tinham bemóis duplos pronunciavam-se: *domb, remb, mimb, famb, solmb, lamb, simb*; e quando as notas tinham bequadro pronunciavam-se: *doq, req, miq, faq, solq, laq, siq*. Freitas, Pedro de, “Impõe-se, porventura, uma necessária reforma no presente sistema musical?”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 13-09-1953.

²⁰²⁵ Freitas, Pedro de, “Impõe-se, porventura, uma necessária reforma no presente sistema musical?”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 13-09-1953.

²⁰²⁶ Algumas das palavras pejorativas usadas no discurso literário de Francisco Fernandes Lopes foram julgadas por Pedro de Freitas como reflexo do próprio autor (Francisco Fernandes Lopes): «*musicalmente conservateiros, academeiros, gazeteiros, revisteiros ou jornaleiros, professores ou critiqueiros*». Freitas, Pedro de, “Impõe-se, porventura, uma necessária reforma no presente sistema musical?”. Em *Povo Algarvio*, Tavira, 13-09-1953.

Porém, Francisco Fernandes Lopes era médico de profissão e segundo deixava transparecer, através dos seus artigos de imprensa periódica, era uma figura com contactos no meio musicológico da Bélgica, sendo também autor de alguns estudos de âmbito musical²⁰²⁷. Deste modo, mediante o artigo intitulado “*Mas porque não uma reforma no presente sistema musical?*”, Francisco Fernandes Lopes argumentava que não tinha nenhuma lógica a analogia que Pedro de Freitas tinha apresentado através das palavras inglesas: «*Não será perfeitamente ridícula a repugnância por nomes que podem ter outra significação noutras línguas? Eu considero mesmo perfeitamente vesânica tal atitude...*»²⁰²⁸. Da mesma forma, Francisco Fernandes Lopes pretendeu provar que o método das sete notas de música tradicionais (dó, ré, mi, fá, sol, lá, si) também podia ter outras interpretações: «*dó (compaixão), ré (feminino de réu), mi (forma especial do pronome mim), fá (redução afadista de faz), sol (o astro-rei), lá (advérbio), si (forma do pronome se)?*»²⁰²⁹. Por isso, o autor Francisco Fernandes Lopes justificava que a sua proposta baseada nos monossílabos era mais económica e racional do que o método tradicional. Por sua vez, em relação às claves, Francisco Fernandes Lopes dizia ter pretendido facilitar a aprendizagem musical, isto é, sugeria modificações viáveis, sem que as mesmas implicassem imposições²⁰³⁰. No entanto,

²⁰²⁷ Francisco Fernandes Lopes expôs algumas das suas contribuições musicais. A pedido do director Henry Prunières de «*La Revue Musicale*», de Paris, tinha participado em alguns números (*em Nov., 1924 – Maio 1925 – Fev., 1926 – Novemb., 1927*). Nesta revista, usando as iniciais F.L., escrevia notícias sobre a vida musical portuguesa; escreveu também artigos para o jornal *Correio do Sul* sobre a temática «*Cantigas de Santa Maria*» do Rei Afonso X; a convite do seu velho amigo António Ferro, escreveu um estudo sobre «*A Música em Portugal*», que mais tarde foi incorporado no «*Portugal*» (*breviário da Pátria para os portugueses ausentes*), edição do SNI. Também realizou conferências em Lisboa, sobre assuntos musicais actuais, de interesse histórico. Essas conferências podem-se encontrar nos quatro volumes da Divulgação musical de D. Ema Fonseca. Lopes, Francisco Fernandes, “Uma Aventura musicológica I”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 17-05-1953; Lopes, Francisco Fernandes, “Uma aventura... musicológica III”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 05-07-1953; Lopes, Francisco Fernandes, “Ainda o Sr. Freitas e a minha reforma musical”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 11-10-1953.

²⁰²⁸ Lopes, Francisco Fernandes, “Mas porque não uma reforma no presente sistema musical?”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 20-11-1953.

²⁰²⁹ Lopes, Francisco Fernandes, “Mas porque não uma reforma no presente sistema musical?”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 20-11-1953.

²⁰³⁰ Lopes, Francisco Fernandes, “Mas porque não uma reforma no presente sistema musical?”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 20-11-1953.

Francisco Fernandes Lopes reforçava a ideia de que quem quisesse seguir o seu método veria as vantagens através do resultado obtido. Como tal, o seu objectivo era mostrar como a escrita das claves podia ser substituída pelo uso de uma pauta musical de sete linhas com notas de nomes fixos e com letras para distinguir as oitavas²⁰³¹. Por fim, Francisco Fernandes Lopes afirmou que Pedro de Freitas tinha confundido o que ele escrevera e recomendava-lhe a leitura de um livro para ficar melhor esclarecido: *«informar-se melhor da história da notação musical. O livrinho do Dr. Machabey a que fiz referência pode servir-lhe como iniciação, se não quiser recorrer a outros que lhe posso indicar também, e até mostrar, porque os tenho aqui, por fortuna»*²⁰³². Por sua vez, em relação à proposta das alterações no traçado da cabeça das notas de música, na substituição dos sustenidos, dos bemois e dos bequardos, Francisco Fernandes Lopes afirmou que apesar desse sistema já não ser original, considerava-o como sendo um processo de simplificação mais acessível que o método tradicional: *«um gatafunho de quatro traços, ou uma espécie de b, cujo efeito terá de se destruir depois com outro gatafunho (- o bequadro)? [...] Não acha vantagem nesta simplificação? Francamente, já é ser obstinado na... abundância [...] Experimente-se, em vez de pôr diante da nota o sinal do sustenido ou do bemol, traçar-lhe a cabeça da figura com o traço oblíquo ascendente (ou descendente) e ver-se-á a vantagem que se retira desta prática: habitua-se a gente que é uma beleza! E nunca mais volta à maçada de antepôr os gatafunhos dos sustenidos ou dos bemois – nem o do bequadro tão pouco... Experimente-se... Tem-se medo?»*²⁰³³.

²⁰³¹ Lopes, Francisco Fernandes, “Mas porque não uma reforma no presente sistema musical?”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 20-11-1953.

²⁰³² Lopes, Francisco Fernandes, “Mas porque não uma reforma no presente sistema musical?”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 20-11-1953.

²⁰³³ Lopes, Francisco Fernandes, “Mas porque não uma reforma no presente sistema musical?”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 20-11-1953.

Porém, Pedro de Freitas respondeu que tudo o que tinha escrito era o resultado da sua forma de pensar, por isso, ele considerava que não tinha que pedir licença ao autor porque, afinal, discordar não era ferir: «*todo se enfurece comigo, zurzindo-me com vocábulos que, quanto a mim, não estão na calma de uma alta cultura e na pessoa de distinta sociedade*»²⁰³⁴. Além do mais, Pedro de Freitas justificou que a razão dos seus reparos não se deveria confundir com: «*futilidades mais ou menos torpes*»²⁰³⁵. Pedro de Freitas tinha-se insurgido contra a reforma protagonizada por Francisco Fernandes Lopes porque considerou que a mesma feria todos os musicólogos e musicógrafos que não concordavam com o seu parecer. Neste contexto, Pedro de Freitas ainda salientou que para motivar a adesão às suas teorias Francisco Fernandes Lopes distribuiu uma folha impressa com o texto da dita reforma pelos Conservatórios Nacionais, Academias, Escolas de Música, críticos musicais e musicólogos. No entanto, segundo a opinião de Pedro de Freitas, os resultados não foram promissores: «*Que culpa têm os discordantes que [...] apenas se registasse silêncio de... cimitério?*»²⁰³⁶.

Pedro de Freitas também colocou a questão se Francisco Fernandes Lopes era um músico prático e, caso a resposta fosse afirmativa, perguntava-lhe que instrumentos musicais tocava. Neste contexto, Pedro de Freitas enfatizou a ideia que passar de sete notas de música para doze e acrescentar-lhes nomes em monossílabos, para economizar letras, era, no seu entender, anti-pedagógico: «*a sua dicção é dissonante e de mais confusa concepção*»²⁰³⁷. Em contrapartida, Pedro de Freitas considerava que

²⁰³⁴ Freitas, Pedro de, “Em redor de uma pretensa reforma musical”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 27-09-1953.

²⁰³⁵ Freitas, Pedro de, “Em redor de uma pretensa reforma musical”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 27-09-1953.

²⁰³⁶ Freitas, Pedro de, “Em redor de uma pretensa reforma musical”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 27-09-1953.

²⁰³⁷ Freitas, Pedro de, “Em redor de uma pretensa reforma musical”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 27-09-1953.

o sistema tradicional era mais pedagógico a nível nacional porque o mesmo apresentava uma dicção adequada à língua portuguesa: *«é mais audível e mais português pronunciar-se sol susenido, do que dizer-se solss; dizer-se mi bemol, do que mib, etc. E assim, defendendo o meu ponto de vista, nada tem o sr. dr. que ter pena de mim, porque, à livre maneira de eu ver as coisas como vejo, e o Dr. ver as suas como entende, ambos não pagamos impostos ao direito de pensarmos como nos dá na gana»*²⁰³⁸. Pedro de Freitas afirmava que o autor Francisco Fernandes Lopes forçava todos os músicos ao seu dogmatismo, e ainda sublinhava que embora tivesse compreendido os objectivos da dita reforma, ele discordava. Neste sentido, Pedro de Freitas argumentava que não achava prático substituírem-se os susenidos e os bemois por traços oblíquos ascendentes ou descendentes porque a sua experiência, de quarenta e cinco anos de músico prático, evidenciava que o sistema apresentado por Francisco Fernandes Lopes não era prático. Como instrumentista, Pedro de Freitas tinha tocado vários instrumentos de metal e alguns instrumentos de corda. Deste modo, Pedro de Freitas provava que os sinais dos susenidos e dos bemois eram mais visíveis ao longe do que a proposta sugerida por Francisco Fernandes Lopes através dos traços minúsculos sobre a cabeça das figuras musicais. Neste sentido, Pedro de Freitas exemplificou a sua razão através da nota musical lá4, a qual, situada na linha suplementar superior, já tinha um traço horizontal. Porém, se o lá4 fosse uma semínima a cabeça da nota musical era pequena e, além do mais, ainda teria o traço oblíquo representativo do acidente de percurso: *«Já o Dr. ajuizou do que esses traços e traçinhos quase imperceptíveis podem originar no músico que à distância de meio metro, ou mais, lê a música no papel?»*²⁰³⁹.

²⁰³⁸ Freitas, Pedro de, “Em redor de uma pretensa reforma musical”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 27-09-1953.

²⁰³⁹ Freitas, Pedro de, “Em redor de uma pretensa reforma musical”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 27-09-1953.

Francisco Fernandes Lopes, ao contestar o artigo de Pedro de Freitas, afirmou que embora não tocasse instrumentos musicais tinha composto músicas para piano e canto e para canto e orquestra. Além do mais, Francisco Fernandes Lopes evidenciava-se no âmbito da musicologia. Neste prisma, Francisco Fernandes Lopes convidou para que Pedro de Freitas fosse à sua casa e, ao conhecê-lo devidamente, acreditava que ele (Pedro de Freitas) ficasse com remorsos das críticas que lhe tinha exposto: *«arrependido daqueles despropósitos que tanto me surpreenderam e que, muito justamente, não pude deixar de salientar e de modestamente, verberar... (Senão, outro galo lhe cantaria – pode estar certo; e isto sem perder a «calma duma alta cultura» nem deixar de ser «pessoa de distinta sociedade»*²⁰⁴⁰.

Neste contexto, Francisco Fernandes Lopes considerou que Pedro de Freitas não tinha compreendido o propósito da sua reforma musicológica, a qual não era destinada ao povo. Além disso, Francisco Fernandes Lopes ainda considerou que Pedro de Freitas tinha sido mal intencionado ao criticar o seu método: *«Se o sr. Freitas ainda não conseguiu atingir qual o intuito que me dirigia, a culpa não é minha... [...] E... não vale a pena perder mais tempo com ... parvoçadas de tal jaez. Não é verdade, sr. Freitas? O sr. Freitas, ou eu muito me engano, ou está a aproveitar as ocasiões para se tornar célebre, soltando as velas à sua bagagem musicológica... Para instruir o povo isso será excelente; porém o meu fim foi outro: foi narrar humoristicamente, como se viu, a aventura musicológica, suscitada pela vinda aqui do Dr. Chailley, aventura no decurso da qual se me desenrolou dialecticamente, o que chamei por um novo sistema musical.*

Mas o sr. Freitas, vesânico ou venenoso de intenção, não percebeu nada... Apenas viu no que escrevi: «devaneios doutorais, aventuras de passa-tempo, maçuda

²⁰⁴⁰ Lopes, Francisco Fernandes, “Ainda o Sr. Freitas e a minha reforma musical”, Em *Povo Algarvio, Tavira*, 11-10-1953.

epistolografia em relações internacionais para uma melhor nomeada do caso e perdas de tempo com ruins defuntos» (Apre!)»²⁰⁴¹.

No seguimento desta querela, Pedro de Freitas escreveu dois artigos de imprensa periódica, os quais eram de carácter biográfico. Nestes dois artigos, Pedro de Freitas recordava como tinha aprendido a tocar cornetim e violino, e no último artigo ainda especificou a factura da compra do seu violino²⁰⁴². Contudo, aqueles dois artigos, escritos por Pedro de Freitas, foram ironizados por Francisco Fernandes Lopes através de um outro artigo com o título insultuoso: “*O Sr. Freitas do Cornetim e rabeca, e Eu*”²⁰⁴³. Neste artigo, Francisco Fernandes Lopes disse não ser «*musicómano*» (ou seja executante) mas acreditava que Pedro de Freitas além de «*corniteiro e rabequeiro*» tocava na perfeição outros instrumentos como: «*campainhas de portas e... berimbau*»²⁰⁴⁴. Neste contexto, Francisco Fernandes Lopes salientou-se como um compositor que não era conhecido porque, todavia, não tinha publicado as suas obras musicais. Porém, considerou que Pedro de Freitas tinha pretendido convencer o seu público mas que, afinal, estava sem sucesso: «*não tendo conseguido outra maneira airosa de sair do beco em que eu o encurralei (musicologicamente falando, é claro)...*»²⁰⁴⁵.

Desta vez, Pedro de Freitas escreveu uma carta dirigida ao editor do jornal *Povo Algarvio*, a qual fora publicada nesse mesmo periódico²⁰⁴⁶. Nesta carta, Pedro de Freitas lamentava que a polémica entre ambos tivesse degenerado num insulto

²⁰⁴¹ Lopes, Francisco Fernandes, “As notas da música e o Sr. Freitas”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 18-10-1953.

²⁰⁴² Freitas, Pedro de, “O Meu Cornetim”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 25-10-1953; e Freitas, Pedro de, “O meu violino e o sr. dr. Lopes”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 01-11-1953.

²⁰⁴³ Lopes, Francisco Fernandes, “O Sr. Freitas do cornetim e rabeca, e Eu”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 08-11-1953.

²⁰⁴⁴ Lopes, Francisco Fernandes, “O Sr. Freitas do cornetim e rabeca, e Eu”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 08-11-1953.

²⁰⁴⁵ Lopes, Francisco Fernandes, “O Sr. Freitas do cornetim e rabeca, e Eu”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 08-11-1953.

²⁰⁴⁶ Freitas, Pedro de, “Uma Carta do sr. Pedro de Freitas”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 22-11-1953.

pessoal, sendo o último artigo de Francisco Fernandes Lopes um exemplo paradigmático desse ultraje. Neste sentido, Pedro de Freitas ainda considerou que a violência e a ostentação implicadas nas palavras de Francisco Fernandes Lopes não correspondiam ao seu estatuto de doutor mas apenas de um indivíduo sem respeito pelos demais e sem argumentação para defender a utilidade da sua teoria: *«Foje, esse indivíduo, aos técnicos pontos que eu apresentei e toma por caminhos indignos e só próprios de pessoas que não usam o símbolo da civilização – o colarinho e gravata. E, como assim, quando encostado à sua esquina, em vez de puxar por uma «campainha de portas» e tautear o inofensivo «berimbau», que são instrumentos próprios de quem outros não sabe tocar, agacha-se, e saca da algibeira a repugnante «naifa», e com ela anavalha as minhas susceptibilidades. [...] Supuz tratar com uma pessoa de brio pela sua categoria social e que pugnasse pelos caminhos do respeito. Mas... enganei-me: ele é... um qualquer...[...] Mas agora, santo Deus!... como os factos lhe são desagradáveis, desmente-se a si próprio, e, com a sua habitual verrina jornalística, até deixa de ser português, para esgrimir atabalhoadamente em espanhol, latim, e, até num francês de lenda supinamente ridícula, a sua falta de lisura na discussão que travámos neste semanário. [...] Então como se há-de julgar o indivíduo que só sabe é gabar-se a si próprio, e que, publicamente, só exterioriza vaidade?! ...»²⁰⁴⁷.*

Como resposta, Francisco Fernandes Lopes frisou a sua superioridade em relação a Pedro de Freitas e julgou-o como uma figura atrevida e sem capacidade académica para criticar a complexidade da reforma por ele exposta: *«pois, como sabe, o meu ofício essencial é de médico, e não é, assim, gratuitamente, que me dão um nome de dr. (como qualquer cretino musicómaco, nas suas variações do cornetim ou da*

²⁰⁴⁷ Freitas, Pedro de, “Uma Carta do sr. Pedro de Freitas”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 22-11-1953.

rebeca se atreve a insuflar...) sendo eu mesmo por sinal, ainda da época dos autênticos doutores, anterior à actual, dos meros licenciados... [...] nada justificava, a meu ver, a sua inclusão na sequência da aventura musicológica que eu versara, e no decurso da qual, apenas um cachorrinho impante e dementado viera ejacular os seus latidos, fora «de toda a ética deste jornal», segundo a própria expressão...»²⁰⁴⁸.

A finalizar esta polémica musical, Peixoto Magalhães redigiu um comentário de carácter moralesco a propósito do respeito. Não obstante, neste comentário, Peixoto Magalhães, ainda que implicitamente, defendia a posição de Pedro de Freitas e condenava os excessos da parte de Francisco Fernandes Lopes: «Entre as muitas coisas que não compreendo bem uma há que me aflige e perturba em demasia: é o ver pessoas bem educadas ou como tal consideramos, excederem-se por atitudes ou palavras na apreciação das obras do nosso semelhante que, por quaisquer razões, não é da nossa opinião pessoal. Atribuo esta minha incompreensão à falta de espírito de luta, que sempre me fez respeitar os direitos dos outros e me incapacita para a disputa ou competição com o próximo. Na minha formação moral não há esquecimento para a máxima fundamental: não faças aos outros o que não queres que te façam a ti. Ora como não gosto de ser maltratado, procuro não maltratar nunca»²⁰⁴⁹.

Porém, num contexto posterior, mas ainda relacionado com as campanhas e as polémicas de âmbito musical, Pedro de Freitas esclareceu que, quando estava em causa o salvaguardar ou o valorizar o que pertencia ao âmbito da “música popular”, ele impunha veementemente o seu parecer, independentemente das pessoas ou das ideologias em causa. Enfim, Pedro de Freitas sempre se autodefiniu como um

²⁰⁴⁸ Lopes, Francisco Fernandes, “Uma carta do sr.dr. Francisco Fernandes Lopes”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 13-12-1953.

²⁰⁴⁹ Magalhães, Peixoto, “A respeito do respeito”, Em *O Algarve*, Faro, 15-11-1953.

indivíduo imparcial, recto e não influenciável: *«Nunca tive habilidade para iludir, para fantasiar. Quem comigo lidar ou desejar a minha estima, tem de considerar a rectidão do meu carácter. Não tenho partidos, nunca filiei em hóspedes que lutem pelas várias cores deste ou daquele ou desta ou daquela pretensão. [...] Bem contra a vontade de um ou dois indivíduos que proclamaram a minha caduquice, posso afirmar que, à beira dos meus sessenta e seis anos de idade, acho-me na melhor forma das minhas faculdades de inteligência. Sei o que quero, sei o que faço, tenho a noção exacta da grande experiência da vida e das responsabilidades que tomo, tenho a consciência do respeito para com o próximo – virtude que pelos vistos nem a todos é dada -, e, no campo da sensibilidade artística e de crítico da música popular, acho-me pleno de todos os requisitos indispensáveis. Não ouço e sinto pela cabeça e opinião dos outros; não emito sentenças para agradar este ou àquele; sou igual a mim mesmo, e é quanto basta para tranquilidade do meu espírito ávido do belo e do humano. [...] Devo esclarecer que este homem que dá pelo nome de Pedro de Freitas não se vende nem se amolda à vontade dos outros pela maior fortuna que possa haver; a minha dignidade e o meu carácter estão acima de todas essas misérias da vida terrena»²⁰⁵⁰.*

Num outro contexto, era hábito que Pedro de Freitas seguisse os eventos realizados pelas bandas filarmónicas e evidenciasse, através da imprensa periódica, aquela banda que tinha sobressaído. Deste modo, Pedro de Freitas motivava não só a prossecução da banda filarmónica digna de apreço como também incentivava as restantes bandas filarmónicas a trilharem o mesmo caminho. No final da década de quarenta do século XX, Pedro de Freitas acompanhava a realização do concurso de bandas civis, integrado nas festas do vigésimo terceiro aniversário da *Federação das Sociedades de*

²⁰⁵⁰ Freitas, Pedro de, “Reparos”, Em *O Setubalense*, Setúbal, 21-10-1959.

*Recreio*²⁰⁵¹. Neste concurso, participavam a *Sociedade Filarmónica “Humanitária”* de Palmela; a *Sociedade Filarmónica Timbre Seixalense* do Seixal; e a *Banda “Incrível Almadense”* de Almada²⁰⁵². Por isso, nos artigos de imprensa periódica dedicados a este concurso, Pedro de Freitas manifestava o seu parecer crítico relativamente à performance das bandas de música civis, dedicando-lhes ânimo e motivação na sua prossecução²⁰⁵³. Por fim, Pedro de Freitas mencionava que o primeiro prémio tinha sido dividido entre a *Sociedade Filarmónica “Humanitária”* de Palmela e a *Sociedade Filarmónica Timbre Seixalense* do Seixal²⁰⁵⁴.

Nos anos de 1956 a 1958, Pedro de Freitas participava nas festas de Ayamonte e assistia aos concertos da *Sociedade Humanitária* de Palmela, dedicando-lhe, através de artigos de imprensa periódica, palavras de incentivo e de interesse histórico²⁰⁵⁵. Sem embargo, no ano de 1958, Pedro de Freitas também se interessou pela banda *1.º de Dezembro* do Montijo, a primeira premiada no *Certame de Bandas Civis* realizado em Setúbal no ano de 1954, para que a mesma concorresse a um concurso internacional de bandas de música civis que seria realizado na Holanda²⁰⁵⁶. Com efeito, este evento pressupunha não só a promoção de identidades e de narrativas nacionais, através da participação dos músicos executantes e das composições musicais que representavam as nações-estados, como implicava, igualmente, a

²⁰⁵¹ Freitas, Pedro de, “Na Voz do Operário – Concurso de Bandas Civis”, Em *O Algarve*, Faro, 21-12-1947.

²⁰⁵² Freitas, Pedro de, “Na Voz do Operário – Concurso de Bandas Civis”, Em *O Algarve*, Faro, 21-12-1947.

²⁰⁵³ Freitas, Pedro de, “Na Voz do Operário – Concurso de Bandas Civis”, *O Algarve*, Faro, 28-12-1947 e Freitas, Pedro de, “Na Voz do Operário – Concurso de Bandas Civis”, *O Algarve*, Faro, 04-01-1948.

²⁰⁵⁴ Freitas, Pedro de, “Na Voz do Operário – Concurso de Bandas Civis”, *O Algarve*, Faro, 28-12-1947 e Freitas, Pedro de, “Na Voz do Operário – Concurso de Bandas Civis”, *O Algarve*, Faro, 04-01-1948.

²⁰⁵⁵ Freitas, Pedro de, “Palmela em Ayamonte”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 26-09-1956; Freitas, Pedro de, “A Humanitária em Festa”, Em *Humanitária*, Palmela, 08-10-1957; Freitas, Pedro de, “Ayamonte em festa A Humanitária de Palmela esteve mais uma vez presente”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 26-09-1958; Freitas, Pedro de, “Montijo em Espanha”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 22-09-1959.

²⁰⁵⁶ Freitas, Pedro de, “Montijo em Espanha”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 22-09-1959.

interacção entre as nações envolvidas através de um prévio conhecimento dos concorrentes, dos critérios de regulamentação e da competitividade que eram impostos na actuação das bandas civis²⁰⁵⁷. Deste modo, para que a nação portuguesa participasse neste evento musical, mediante a actuação da banda *1.º de Dezembro* do Montijo, Pedro de Freitas protagonizava uma campanha musical através de um conjunto de artigos publicados na imprensa periódica o *Distrito de Setúbal*²⁰⁵⁸. Finalmente, Pedro de Freitas constatava que, entre as cento e sete bandas civis concorrentes de vinte e sete países, a banda portuguesa *1.º de Dezembro* obtinha a segunda classificação²⁰⁵⁹. Além do mais, no ano de 1959, Pedro de Freitas voltava a participar nas festas de Ayamonte. Porém, desta vez, era a *Banda 1.º de Dezembro* do Montijo que passava a abrilhantar estas festas²⁰⁶⁰. Deste modo, na sequência de um gesto habitual, Pedro de Freitas dedicava a esta banda filarmónica comentários elogiosos, tal como tinha devotado anteriormente à banda filarmónica de Palmela. Este gesto, justificado por Pedro de Freitas, era em virtude do seu interesse pela música não ser faccioso, pois ele pretendia o progresso do movimento filarmónico em geral: *«este ano Palmela deu a vez a Montijo, [...] Por minha parte, como coincide assistir por minha conta e risco a esses magníficos concertos, apraz-me sempre contar na imprensa portuguesa como se portam, em terras espanholas, as nossas*

²⁰⁵⁷ Roche, Maurice: “Nations, Mega-events and International Culture”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 260-272.

²⁰⁵⁸ Freitas, Pedro de, “A banda 1.º de Dezembro de Montijo vai à Holanda?”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 28-02-1958; Freitas, Pedro de, “A banda do Montijo prepara-se, mas...”, *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 28-03-1958; Freitas, Pedro de, “A Banda do Montijo carece de auxílio”, *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, de 08-07-1958; Freitas, Pedro de, “Vai partir para a Holanda a Banda do Montijo”, *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 12-08-1958; Freitas, Pedro de, “Setúbal Honrada no Concurso Nacional de Bandas Civis”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 21-07-1959.

²⁰⁵⁹ Freitas, Pedro de, “Montijo em Espanha”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 22-09-1959. E Freitas, Pedro de: “Apontamentos Históricos da vida das Filarmónicas A história principia assim...”, Em Lopes da Silva, Manuel, *Catavento N.º 50*, Boletim da casa do pessoal da F.N.A.T., Lisboa, Editor Ernesto Vitória Júnior, Dez. 1973, pp. 28-29, [n.º 135 no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

²⁰⁶⁰ Freitas, Pedro de, “Montijo em Espanha”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 22-09-1959.

*simpáticas filarmónicas*²⁰⁶¹. Porém, esta atitude de Pedro de Freitas desagradou sobremaneira os facciosos de Palmela²⁰⁶².

A partir do título “Coisas que acontecem”, Pedro de Freitas descreveu episódios biográficos relacionados com algumas histórias e situações inéditas. Num destes artigos, Pedro de Freitas mencionou que o seu interesse em ajudar as bandas filarmónicas do país trouxera-lhe não só algum reconhecimento como também problemas: «*Metido por mérito próprio na defesa do ambiente filarmónico do País, de muitas Sociedades Musicais tenho recebido distintas considerações: honoríficas e de simples homenagem. Todavia, há sempre um mas...*»²⁰⁶³. Neste prisma, Pedro de Freitas reportou o caso da banda filarmónica de Palmela, manifestando que estava descontente pela inadequada interpretação relativamente às suas intenções: «*E tudo porquê? Porque nesse ano, às festas de Ayamonte, foi a Banda 1.º de Dezembro do Montijo e eu ter-lhe feito a exemplo do que era hábito fazer à «Humanitária», a mesma exaltação aos seus méritos artísticos. Os facciosos de Palmela não gostaram e eu já não mais fui convidado para os actos solenes inclusive o da grande inauguração da nova sede que não conheço:– A ingratidão venceu, eis tudo!!*»²⁰⁶⁴. Deste modo, Pedro de Freitas justificou que não lhe interessava ser um adepto parcial de uma ou de outra banda filarmónica mas o que ele pretendia era o incremento e o reconhecimento do movimento filarmónico num âmbito nacional. Como tal, melhor

²⁰⁶¹ Freitas, Pedro de, “Montijo em Espanha”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 22-09-1959.

²⁰⁶² Freitas, Pedro de, “Agradável Encontro”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 04-11-1975.

²⁰⁶³ Freitas, Pedro de, “Coisas que acontecem III”, *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 08-09-1981.

²⁰⁶⁴ Freitas, Pedro de, “Coisas que acontecem III”, *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 08-09-1981.

seria se algumas das bandas filarmónicas nacionais fossem distinguidas num contexto transnacional²⁰⁶⁵.

~ × ~

Pedro de Freitas protagonizou várias campanhas musicais na imprensa periódica nacional em virtude de diferentes motivações, tais como, a protecção das bandas filarmónicas locais mediante o apoio oficial (sendo, para tal, estrategicamente importante que as mesmas se mantivessem imparciais nos assuntos políticos afim de serem melhor sucedidas); a necessidade de colaborar a favor do movimento filarmónico nacional através de estudos que possibilitassem um maior incremento no âmbito do associativismo musical; o propósito de se dar continuidade ao método tradicional do solfejo, o qual, devidamente testado, contribuía para que o povo desse continuidade à aprendizagem musical; e, por fim, o seu envolvimento em campanhas musicais para que as bandas filarmónicas portuguesas pudessem representar a nação, não só dentro do próprio espaço territorial que constitui o país, como, igualmente, além fronteiras. No entanto, todos estes intentos podem ser convertidos na ideia fundamental de que o povo, ao representar a nação portuguesa através da sua música, devia de ser respeitado mediante um adequado acesso à arte dos sons, o que, em simultâneo, legitimava a ideia da revitalização do movimento filarmónico português através do apoio oficial e de intercâmbios musicais a nível nacional e transnacional. Desta forma, a partir da sua óptica (politicamente populista) Pedro de Freitas também acabava por exercer o seu papel na nacionalização das massas. Assim, através da música popular obtinha-se um valioso alicerce na evolução deste estrato popular e um pilar oficial que simbolizava a fisionomia da nação portuguesa não só a nível nacional como também além fronteiras.

²⁰⁶⁵ Freitas, Pedro de, “Coisas que acontecem III”, *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 08-09-1981; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946; Freitas, Pedro de, “Reparos”, Em *O Setubalense*, Setúbal, 21-10-1959; Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 224.

4.2. Um perfil político ou apolítico?

«PALAVRAS? – NÃO!

OBRAS! SIM!!!»²⁰⁶⁶.

Ainda que Pedro de Freitas se tivesse insurgido através da imprensa periódica nacional em 1917, foi a partir do ano de 1923 que as suas manifestações se evidenciaram de uma forma mais sistemática. Muitos dos seus artigos de imprensa periódica exprimiam idealizações que proclamavam princípios universais de moralidade, de justiça social, de disciplina e normas cívicas de teor educativo, as quais faziam parte integrante do quotidiano da sua época contextual²⁰⁶⁷. Como tal, essas liturgias nacionalistas de moralidade ética (que empreendiam uma pluralidade de discursos de acordo com as diferentes práticas discursivo-contextuais - muitas vezes de sentidos ambíguos entre si - dotados de simbologias semióticas e de semânticas regulamentadas segundo as pretensões da imposição estatal), eram fortemente mediatizadas pelo Salazarismo, Franquismo, Fascismo Italiano e pelo

²⁰⁶⁶ Freitas, Pedro de (com o pseudónimo de Zé Consumidor), “Quem Nos Explora?!..”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 29-06-1978.

²⁰⁶⁷ Mosse, George L., *La Nacionalización de las Masas: Simbolismo Político y Movimientos de Masas en Alemania desde las Guerras Napoleónicas al Tercer Reich*, Argentina, Siglo XXI Editores, 2007, pp. 16-19, 137, 174, 200, 250.

Nazismo, resultantes de um nacionalismo efervescente na Europa que prestava culto ao movimento popular como uma tática de sedução psicológica das massas²⁰⁶⁸.

Com efeito, no caso particular de Pedro de Freitas, aqueles princípios ético-morais também se relacionavam com a sua fé católica, especialmente arraigada num âmbito local, consignada à Padroeira de Loulé – a *Virgem Nossa Senhora da Piedade*, expressa no seu livro *Quadros de Loulé Antigo*, através do capítulo “Mãe Soberana – Lenda – Festas – Herança”²⁰⁶⁹. Além do mais, na fruição da sua filosofia de vida (abundantemente complexa e inatingível, sábia e ingénua, como paradoxal e ambígua na reconstrução das suas pretensões individuais e colectivas, dado que as ditas práticas discursivo-contextuais formavam-se e interagiam a partir de diversos espaços e interlocutores controversos entre si), Pedro de Freitas tinha a noção de que era capaz de transcender a resistência de ser passivo, exercendo uma espécie de liderança social nas massas populares, a qual implicava propósitos de dar interesse e sentido à própria vida²⁰⁷⁰. Neste espírito de inquietude, Pedro de Freitas procurava que (tal como ele) o povo seguisse as condutas de ordem, de unidade, de significação e de propósitos

²⁰⁶⁸ Mosse, George L., *La Nacionalización de las Masas: Simbolismo Político y Movimientos de Masas en Alemania desde las Guerras Napoleónicas al Tercer Reich*, Argentina, Siglo XXI Editores, 2007, pp. 15, 19, 30, 196, 200, 250, 251, 257, 262; Redero San Román, Manuel: “Del Franquismo a la Democracia”, Em Morales Moya, Antonio e Esteban de Vega, Mariano (eds.), *La Historia Contemporánea en España: Primer Congreso de Historia Contemporánea de España*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 1992, pp. 281-295; Dumont, Louis, *Essays on Individualism. Modern Ideology in Antropological Perspective*, Chicago, London, University of Chicago Press, 1992, pp. 113-149.

²⁰⁶⁹ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.) 1991, pp. 145-162.

²⁰⁷⁰ Freitas, Pedro de, “A Música Popular, parte integrante da vida da Nação (2.^a Parte)”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 28-08-1949; Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978; Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, pp. 39-40; Taylor, Charles, *Sources of the Self. The Making of the Modern Identity*, Crambridge, Massachussets, Harvart University Press, 1992, pp. 25-52, 111-114, 248-285; Dumont, Louis, *Essays on Individualism. Modern Ideology in Antropological Perspective*, Chicago, London, University of Chicago Press, 1992, pp. 202-233.

(mesmo que os mesmos, por vezes, entrassem em contradição entre si) implícitos na via da “imparcialidade política”: «*justiça, coherencia de princípios, moral, humanidade, honradez, imparcialidade e... nada de política dos políticos*»²⁰⁷¹. Deste modo, com a intenção de implementar a virtude a favor das massas populares, e sem plena consciência e/ou interesse em sondar profundamente acerca das pretensões políticas da época, esta concepção interpretativa de Pedro de Freitas parecia acordar com a viabilidade da identidade psico-social e nacional da época em causa. Assim, a teoria da “imparcialidade política” defendida e reinterpretada por Pedro de Freitas (como um homem do povo), em alguns parâmetros, levava a crer que se associava com a estratégia oficial da “neutralização política”, revelando que, pelo menos nesta altura, ele não optava prioritariamente pelo reconhecimento de que a mesma, ao ser mediatizada pelas instâncias políticas da época, se destinava a afastar as massas populares dos assuntos políticos da nação afim de se aumentar a força de autoridade da imposição estatal²⁰⁷².

²⁰⁷¹ Freitas, Pedro de, “Pelo Progresso da Música Louletana (I)”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 26-12-1926. Ver Trope, Yaacov e Gaunt, Ruth: “Attribution and Person Perception”, Em A. Hogg, Michael e Cooper, Joel (ed.), *The Sage Handbook of Social Psychology*, Los Angeles, London, Sage Publications, 2007, pp. 190; Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, pp. 69-71; Billing, Michael, *Banal Nationalism*, London, Sage Publications, 2002; Turner, Bryan S.: “Citizenship, Nationalism and Nation-Building”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 225-234; Greenfeld, Liah: “Modernity and Nationalism”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 157-168; Malešević, Siniša: “Nationalism and the Power of Ideology”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 309-310; Wimmer, Andreas: “Ethnic Exclusion in Nationalizing States”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 334-344; Taylor, Charles, *Sources of the Self. The Making of the Modern Identity*, Crambridge, Massachusetts, Harvart University Press, 1992, pp. 03-120.

²⁰⁷² Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 25-08-1938; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 521-524; Freitas, Pedro de, “Pelo Progresso da Música Louletana (I)”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 26-12-1926; Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 89; Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, pp 38-40.

Sem embargo, muitos dos princípios defendidos por Pedro de Freitas tinham sido estipulados aquando do Liberalismo em Portugal, sendo regulamentados durante a Proclamação da República, e numa linha de continuidade o regime ditatorial de António de Oliveira Salazar também via na coesão moral o seu imperativo categórico²⁰⁷³. Deste modo, conceitos como “Deus”, “Pátria”, “Nação”, “Autoridade”, “Família”, “Trabalho”, “Alegria”, “Educação”, “Moralidade” e “Cidadãos” eram transformados em dogmas que incrementavam o poder político-ideológico vigente. Havia, portanto, que os sustentarem para continuarem a suscitar aquela “segurança ontológica”²⁰⁷⁴: «*Mas a convicção da bondade ou da necessidade dos grandes princípios ordenadores, não só chegava para assumir a sua assumpção espontânea pelos respectivos destinatários, como implicava a sua pedagogia, a sua inculcação organizada e imperativa*»²⁰⁷⁵. Estes princípios consensuais eram a melhor forma de fundamentação do poder, os quais, uma vez articulados em nome de todos como recurso às grandes e inquestionáveis evidências, percorriam transversalmente os diferentes núcleos da comunidade portuguesa, possibilitando a indispensável identificação do Estado com a Nação²⁰⁷⁶. Era na sequência de uma reinterpretação pessoal destes postulados atemporais que Pedro de Freitas concebia um discurso onde o “respeito” entre os seres humanos era essencial na democrática concretização de um

²⁰⁷³ Liberalismo em Portugal, Em *Infopédia*, Porto, Porto Editora, 2003-2008, [On-line], <[http://www.infopedia.pt/\\$liberalismo-em-portugal](http://www.infopedia.pt/$liberalismo-em-portugal)>, [consulta: 15 de Maio de 2008]; Rosas, Fernando (coord.), *Nova História de Portugal: Portugal e o Estado Novo (1930-1960)*, Vol. XII, Lisboa, Editorial Presença, 1990, p. 394; Ramos, Rui: “A Ciência do Povo e as Origens do Estado Cultural”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 26; Rosas, Fernando (coord.), *Nova História de Portugal: Portugal e o Estado Novo (1930-1960)*, Vol. XII, Lisboa, Editorial Presença, 1990, p. 392; Ó, Jorge Ramos do, *Os anos de Ferro O dispositivo cultural durante a “Política do Espírito” 1933-1949*, Lisboa, Editorial Estampa, 1999, p. 20.

²⁰⁷⁴ Haugaard, Mark: “Nationalism and Liberalism”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, p. 351.

²⁰⁷⁵ Mattoso, José (dir.), *História de Portugal, O Estado Novo*, Vol. 7, Lisboa, Editorial Estampa, 1994, p. 292.

²⁰⁷⁶ Ó, Jorge Ramos do, *Os anos de Ferro O dispositivo cultural durante a “Política do Espírito” 1933-1949*, Lisboa, Editorial Estampa, 1999, p. 23.

bem público: «*Mal vai o homem quando não respeita o outro homem. Mal vão as boas normas quando as minorias não acatam a soberania das maiorias. A lição repete-se. Já era tempo de, a par da educação de civildade do cidadão, entrar-se no caminho da compreensão cívica. A vida não é de uns, é de todos*»²⁰⁷⁷.

Deste modo, através da obra de Pedro de Freitas foi possível, de certo modo, deduzir um discurso relacionado com algumas influências que as doutrinas do Liberalismo e do Republicanismo exerciam na construção de um “universo simbólico” adequado às suas lutas de vida²⁰⁷⁸. Influências essas que, por exemplo, manifestaram-se implicitamente nas várias indagações que Pedro de Freitas escreveu sobre o historial das bandas filarmónicas, uma vez que a sua evolução histórica partira da “tradição” liberal/republicana²⁰⁷⁹. Como tal, Pedro de Freitas admirou e influenciou-se pelas concepções ideológicas fundamentadas pelo historiador liberal Rocha Martins, visíveis, sobretudo, quando ele (Pedro de Freitas) explanou sobre a dicotomia entre «*o Homem e a Política*»²⁰⁸⁰. Segundo Pedro de Freitas, o historiador liberal Rocha Martins defendia que o desequilíbrio político existente na sociedade portuguesa resultava pelo facto da humanidade em vez de tomar como exemplo as doutrinas

²⁰⁷⁷ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 70. Ver também Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, p. 39; Taylor, Charles, *Sources of the Self. The Making of the Modern Identity*, Crambridge, Massachussets, Harvart University Press, 1992, pp. 25-52.

²⁰⁷⁸ Haugaard, Mark: “Nationalism and Liberalism”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 345-356; Catroga, Fernando, *O Republicanismo em Portugal: Da Formação ao 5 de Outubro de 1910*, Coimbra, Faculdade de Letras, 1991.

²⁰⁷⁹ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 522-524; Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955; Melo, Daniel: “A FNAT entre Conciliação e Fragmentação”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 55.

²⁰⁸⁰ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, pp. 69-70.

políticas acabava por seguir as vicissitudes perversas e manipuladoras dos políticos²⁰⁸¹.

Além do mais, o neto de Pedro de Freitas, Vítor Manuel Mendes de Freitas, confirmou que num contexto familiar o seu avó chegou a verbalizar a sua simpatia por algumas influências do Republicanismo, afirmando-se republicano sem outras conotações partidárias²⁰⁸². Neste contexto, salienta-se que esta tendência republicana da parte de Pedro de Freitas obteve certamente influências a partir dos ideais progressistas e republicanos defendidos pelo seu pai José de Freitas²⁰⁸³. No entanto, também foram relevantes as influências locais na época em que Pedro de Freitas viveu em Loulé, uma vez que o primeiro *Comício Republicano* fora realizado a 29 de Março de 1908²⁰⁸⁴. Este comício fora presenciado por Pedro de Freitas, sobre o qual ele descreveu as seguintes palavras: «*A propaganda republicana engrossava por todo o País. [...] Com os meus catorze anos de idade, assisto, no ambiente da curiosidade geral, a ele, e a par de muita admiração e expectativa, as centenas de assistentes ficam a compreender melhor o que era a ideia republicana e o que era o acto eleitoral a realizar-se no referido dia 5 de Abril*»²⁰⁸⁵. De facto, algumas das lutas balizadas por Pedro de Freitas, em prol dos interesses do povo, partilhavam de alguns

²⁰⁸¹ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 71.

²⁰⁸² Entrevista a Freitas, Vítor Manuel Mendes de, 29-06-2003.

²⁰⁸³ Freitas, Pedro de, *José de Freitas no centenário do seu nascimento*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Fausto Sebastião de Freitas (ed.), 1958, pp. 55.

²⁰⁸⁴ Mendonça, Artur Ângelo Barracosa: “Publicidade, política e cultura na Imprensa Louletana (1907/1912)”, Em *Arquivo Histórico Municipal de Loulé* (ed.), *Al’-ulã Revista no Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, Loulé, n.º 8, 2001-2002, p. 421.

²⁰⁸⁵ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.ª (ed.), 1991, p. 105.

princípios defendidos na formação do movimento republicano, visando, por exemplo, a emancipação do povo pela via educacional²⁰⁸⁶.

Porém, alguns dos ideais estipulados pelo Liberalismo e pelo Republicanismo, enquanto doutrinas, foram apenas deduzidos implicitamente através do discurso literário de Pedro de Freitas, não sendo visíveis ao longo da sua obra propagandas direccionadas a algum partido político de eleição²⁰⁸⁷. De facto, Pedro de Freitas não era um político teórico mas um ferroviário (primeiramente revisor de bilhetes e mais tarde fiscal dos caminhos de ferro) que nas horas disponíveis se dedicava a escrever como uma forma de dar azo aos seus ideais musicais e culturais. Os seus escritos eram dispostos em virtude do que ele considerava serem os interesses democráticos do povo, expressos por discursos de sua autoria, fortemente influenciados pela sua interpretação de um nacionalismo de índole popular tão proclamado no seu tempo contextual²⁰⁸⁸. Deste modo, nos tempos livres, Pedro de Freitas era um músico

²⁰⁸⁶ Mendonça, Artur Ângelo Barracosa: “Publicidade, política e cultura na Imprensa Louletana (1907/1912)”, Em Arquivo Histórico Municipal de Loulé (ed.), *Al’-ulã Revista no Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, Loulé, n.º 8, 2001-2002, p. 431-432; Catroga, Fernando, *O Republicanismo em Portugal: Da Formação ao 5 de Outubro de 1910*, Coimbra, Faculdade de Letras, 1991, pp. 409-440; Ramos, Rui: “A Ciência do Povo e as Origens do Estado Cultural”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 32; Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1955; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946; Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.ª (ed.), 1991.

²⁰⁸⁷ Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1955; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946; Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.ª (ed.), 1991; Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973.

²⁰⁸⁸ Freitas, Pedro de, *O I Concurso Nacional de Bandas Cívicas – Madeira e Açores Belezas de Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1965, pp. 325-350; Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954; Mosse, George L., *La Nacionalización de las Masas: Simbolismo Político y Movimientos de Masas en Alemania desde las Guerras Napoleónicas al Tercer Reich*, Argentina, Siglo XXI Editores, 2007, pp. 15-19; Dumont, Louis, *Essays on Individualism. Modern Ideology in Anthropological Perspective*, Chicago, London, University of Chicago Press, 1992, pp. 202-233.

prático, um compositor ligado ao movimento filarmónico, e um escritor ao serviço do povo. Por isso, ele (Pedro de Freitas) usava algumas noções das doutrinas do Liberalismo e do Republicanismo, de forma concisa e selectiva, justamente para explicar a expansão da “música popular” ou para constatar o quanto os ideais teóricos eram inadapáveis à realidade humana²⁰⁸⁹.

Porém, o discurso protagonizado por Pedro de Freitas também se baseava numa perspectiva individual, isto é, numa visão singular apreendida pela unicidade que constituía a sua experiência de vida²⁰⁹⁰. Neste sentido, ao longo da vida, Pedro de Freitas chegava a conclusões progressivamente mais cépticas relativamente às promessas teóricas que as ideologias políticas procuravam inculcar nas massas populares, o que revelava o seu grau de evolução continuamente mais consciente acerca das imposições políticas da época: «*As conquistas do MANDO devem ser feitas por obras sociais apresentadas e não ao murro e à cacetada, à violência e aos assaltos a bens e vidas. OBRAS SIM! Palavras e só palavras baseadas em teorias (na sua maior parte já ultrapassadas) NÃO BASTAM. A unidade colectiva onde se forma a nossa Pátria é indispensável*»²⁰⁹¹. Por vezes, ao afirmar que nunca fora faccioso por nenhum partido político, Pedro de Freitas manifestava, através da sua vivência pessoal, os malefícios das ideologias políticas na concretização de certos objectivos de usufruto público. Neste sentido, Pedro de Freitas constatava que as discórdias políticas tinham sido as responsáveis pelo malogrado desfecho na questão do comboio

²⁰⁸⁹ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, pp. 70-82; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 522-524; Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955.

²⁰⁹⁰ Searle-White, Joshua, *The Psychology of Nationalism*, New York, Palgrave, 2001, p. 50; Ignatieff, Michael: “Nationalism and the Narcissism of Minor Differences”, Em Beiner, Ronald (ed.), *Theorizing Nationalism*, New York, State University of New York Press, 1999, p. 92.

²⁰⁹¹ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 70.

vir a usufruir de uma trajetória dentro da vila de Loulé: *«Nasci e criei-me numa terra do centro da província do Algarve, de nome Loulé. Grande centro populacional, histórico, comercial e agrícola, [...] não teve todavia a bendita sorte de ver dentro de si o revolucionário caminho de ferro. Os homens e a maldita política doutros tempos privaram-no desse grande benefício que o progresso trouxe à comodidade dos povos...»*²⁰⁹². De igual modo, Pedro de Freitas enaltecia os periódicos que não dependiam nem se influenciavam pelos partidos políticos da época, tal como era o caso específico do semanário que se segue: *«A ‘Alma Algarvia’ jornal que se intitula independente, por consequência fora das artimanhas políticas – o que é para se felicitar»*²⁰⁹³. Relativamente à “música popular”, Pedro de Freitas reconhecia que a política partidária era responsável por muitas das situações de instabilidade das bandas filarmónicas. Por isso, apontou que para se verificar o progresso musical em Loulé seria necessário deixar-se o facciosismo e seguir-se a via da imparcialidade política: *«Milagres, só por mim, não os poderei fazer. Mas para que eles surjam e valorizem ainda mais os progressos da nossa encantadora terra, basta só que todos os louletanos dispam a casaca do facciosismo, vejam a questão das filarmónicas com olhos de ver dentro da imparcialidade e da época»*²⁰⁹⁴. Neste sentido, na perspectiva de Pedro de Freitas havia um dessincronizo entre as necessidades da “música popular” e os objectivos dos partidos políticos. A “música popular” era um atributo do povo e para o povo, isto é, por ser criada por Deus era absoluta, suprema e universal, destinada somente aos ideais harmoniosos da evolução humana; enquanto que a política partidária era condicionada em função dos interesses e das manipulações

²⁰⁹² Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 89.

²⁰⁹³ Freitas, Pedro de, “Pelo Progresso da Música Louletana (I)”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 26-12-1926.

²⁰⁹⁴ Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 25-08-1938.

particulares²⁰⁹⁵. Por sua vez, para rentabilizar os apoios do estado face à música do povo, Pedro de Freitas enfatizava a ideia de que a música teria mais benefícios se existisse à margem de todas as ideologias político-partidárias: «*Partidos pela música tudo; partidos da música pela política, nada*»²⁰⁹⁶.

Com efeito, num contexto de múltiplas influências, Pedro de Freitas analisava as condutas humanas e a política a partir de dois prismas antagónicos. Assim, no sentido de conferir mais ênfase ao seu discurso, Pedro de Freitas expressava esses pontos de vista através de uma linguagem popular ressaltada na sua idealização de “homem não político” e, em contraposição, no equívoco do “homem político”²⁰⁹⁷. Neste sentido, Pedro de Freitas apresentava, num discurso apologista, a sua concepção de “homem não político”: «*Na gíria social em paz ele é amor, sentimento, generosidade, amizade, benevolência, humanidade. Chora ante a desgraça, acorre pressuroso à dor alheia e é diligente em socorrer o desconhecido com todas as suas melhores dedicações. É assim o homem de alma e coração dado à vida plácida de um viver em boa harmonia social, uma vez que nele não haja o vírus político*»²⁰⁹⁸.

²⁰⁹⁵ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 521-524; Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, pp. 70-80; Freitas, Pedro de, “Vai entrar-se na solução da crise das Bandas Cívicas?”, *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 02-05-1959; Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 224; Freitas, Pedro de, “A Banda de Tavira vai acabar”, *Povo Algarvio*, Tavira, 01-02-1948; Freitas, Pedro de, *Eu fui à Índia*, Barreiro, Pedro de Freitas, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1962, p. 249; Freitas, Pedro de, “As sete notas de música”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 09-08-1953; Freitas, Pedro de, “Impõe-se, porventura, uma necessária reforma no presente sistema musical?”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 13-09-1953; Freitas, Pedro de, “Temas Musicais”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 04-07-1948; Freitas, Pedro de, “Na voz do Operário - Concurso de Bandas Cívicas”, Em *O Algarve*, Faro, 21-12-1947.

²⁰⁹⁶ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 22.

²⁰⁹⁷ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, pp. 69-71.

²⁰⁹⁸ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 69.

No entanto, uma vez envolvido nos ditames político-partidários, o “homem político” acabaria por perder os seus valores enquanto qualidades humanas: *«O homem e a política são dois sistemas antagónicos, qual deles o pior. O homem, porque, eivado dos destemperos da política, cega, perverte-se, perde as virtudes do bem e passa a ser a negação do que é. Que poder avassalador tem a política para anormalizar o homem! [...] quando envolvido nas teias maliciosas da política, desdobra-se e entra na quadra de um ser aguerrido e desumano. Deixa de ser amigo do amigo, não conhece hierarquias, não obedece às leis dos outros, é dogmático: só o seu credo e mais nenhum. É filho contra seu pai, é atrevido, e é, sem o menor reboço, a arma mortífera com que liquida o antagonista. Sobrepõe-se às suas belas virtudes do homem de bem para odiar e para matar»*²⁰⁹⁹.

Além do mais, através de um discurso reactivo (politicamente apolítico), num ápice de condenação face à política partidária, Pedro de Freitas insultou-a pejurativamente: *«Sem dúvida que essa PORCA, desde sempre, tem exercido modalidades que afligem: - homem lobo do homem»*²¹⁰⁰.

Enfim, depois de várias explanações e expectativas (muitas vezes de sentidos ambíguos entre si, em interacção com as diferentes práticas discursivo-contextuais mediatizadas pelos sistemas ideológico-políticos em voga), desejos frustrados, e experiências de vida desiludidas pela ininteligibilidade e desadequação entre os conceitos de valor idealizados por Pedro de Freitas e a sua representação expressa pela política partidária e pelas instâncias políticas detentoras do poder ao longo dos anos (vistas numa pluralidade de experiências diacrónicas moldadas pelos espaços de identidade sincrónicos), ele chegou à conclusão que todas as políticas sem excepções

²⁰⁹⁹ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1976, p. 69.

²¹⁰⁰ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1976, p. 69.

concentravam-se nos mesmos objectivos, os quais visavam unicamente a concretização dos seus próprios interesses: «*O homem é sempre o mesmo. Regeneradores e progressistas, monárquicos e republicanos, fascistas e liberais, direitas e esquerdas, soma e segue a mesma divisa: - EU E SÓ EU*»²¹⁰¹.

Além do mais, a postura defendida por Pedro de Freitas em prol dos valores morais e dos ideais universais de fraternidade transcendia os dogmas pre-estabelecidos através das suas condutas e buscas interpretativas afim de dar sentido à sua vida²¹⁰². Contudo, o seu discurso populista, politicamente apolítico, de antipatia para com as ideologias políticas foi gradualmente assumindo proporções sempre mais críticas, inclusive na última fase da sua vida. Este seu comportamento, também acabou por revelar os vários estados de consciencialização, de evolução, de inquietude, de desejo de ordem na desordem, de imposição de harmonia na desarmonia, de implementação da componente educacional na ignorância do povo, de atribuição de coerência na incoerência, e de transmissão de significação nas condutas que comportavam a própria vida, reflectida e actuada pela singularidade que constituía a figura de Pedro de Freitas²¹⁰³. Neste sentido, no ano de 1981, num acto místico de reflexões

²¹⁰¹ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 70. Ver também Dumont, Louis, *Essays on Individualism. Modern Ideology in Anthropological Perspective*, Chicago, London, University of Chicago Press, 1992, pp. 202-230; Taylor, Charles, *Sources of the Self. The Making of the Modern Identity*, Crambridge, Massachussets, Harvart University Press, 1992, pp. 185-210; Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, pp. 38-39, 43.

²¹⁰² Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, pp. 39-40; Taylor, Charles, *Sources of the Self. The Making of the Modern Identity*, Crambridge, Massachussets, Harvart University Press, 1992, pp. 25-52.

²¹⁰³ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 70; Epstein, William H. (ed.), *Contesting the Subject: Essays in the Postmodern Theory and Practice of Biographical Criticism*, Indiana, Purdue University Press, 1991; Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, p. 44; Pekacz, Jolante T.: “Memory, History and Meaning: Musical Biography and its Discontents”, *Journal of Musicological Research*, n.º 23, London, Routledge, Taylor & Francis Group, 2004, p. 69.

(incluindo actuações de justificação, de significação, de redenção, e mesmo numa tentativa de se definir a si mesmo para a posteridade), Pedro de Freitas voltava a reafirmar a sua convicção de ter sido sempre coerente no cumprimento dos seus ideais éticos e religiosos ao serviço da humanidade: *«Nunca fui degrau político onde videirinhos subissem à minha custa. Nunca fui faccioso por este ou aquele sistema. Nunca fui um idealista de «porrete» na mão a impor meus desígnios. Fui, e sempre tenho sido um apologista do respeito pelo respeito, da educação pela educação: da Ordem, da Disciplina, de servir o Bem, de ser, enfim, um cidadão a proclamar humanidade de mãos dadas, sem ódios, e desejar uma Sociedade de doutrinas cristãs. Por assim ser e sentir melhor o papel a desempenhar na cota parte da vida social que me tocou por tabela, nunca fui inclinado à vida atribulada da política partidária, que, no meu posto de observação e segundo tenho lido a da vida dos nossos Povos, é, e tem sido sempre uma negação àquilo que deveria ser – a arte de bem governar os Estados»*²¹⁰⁴.

Porém, ao defender a igualdade entre todos os seres humanos, Pedro de Freitas revelava-se inconformado pela inexistência de uma política adequada àqueles princípios éticos de harmonia, de solidariedade e de moralidade, ao mesmo tempo que, paradoxicamente, ele evidenciava a sua parcialidade na idealização utópica de uma política nacional: *«Não haverá a política ser um espelho onde todos possam ver-se com olhos de boa miragem e de fraternal amplexo?»*²¹⁰⁵. Ao reportar a todas as

²¹⁰⁴ Freitas, Pedro de, “Tempos passados, recordações sentidas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 23-07-1981. Ver Epstein, William H. (ed.), *Contesting the Subject: Essays in the Postmodern Theory and Practice of Biographical Criticism*, Indiana, Purdue University Press, 1991; Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, p. 44.

²¹⁰⁵ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 70. Ver Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, p. 43.

gerações, Pedro de Freitas considerava que as vicissitudes da política eram incuráveis. Por isso, o pior indivíduo que podia servir a sociedade era o “homem político”, o qual, ao seguir os seus interesses, adulterava as idealizações preconizadas pelas doutrinas sociopolíticas e passava a assumir uma postura dogmática, rejeitando as ideologias do seu adversário²¹⁰⁶. Deste modo, o “homem político” transformava-se num indivíduo insubordinado. Além do mais, o “homem político” acabava por se tornar demasiado faccionista, sendo as suas teorias a origem da desdita social: *«E porque é este o balanço geral em política, o homem luta, mata e mata-se mas não abdica. É espantoso!»*²¹⁰⁷. Neste contexto, Pedro de Freitas afirmava que o “micróbio político” estava enraizado em todas as gerações, por isso, a vida política era arriscada²¹⁰⁸. Ainda em relação à política, na fase final da sua vida, num plano de observação irremediável, e completamente decepcionado com o que conseguia apreender em relação às posturas e aos interesses das estratégias políticas da época, Pedro de Freitas não só sublinhou, várias vezes, que nunca fora inclinado à tormentosa vida dos partidos políticos como também concluía que o sistema político português era tendente a provocar a discórdia: *«Indistintamente contactando e liderando com pessoas de todos os credos políticos e sociais muito tenho ouvido, ajuizado imagens e, arquivado conversas, ditos e boatos. [...] No nosso País o sistema político não era de molde a fazer a união dos portugueses»*²¹⁰⁹.

²¹⁰⁶ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1976, pp. 69-71.

²¹⁰⁷ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1976, p. 71.

²¹⁰⁸ Texto escrito em 23-09-1975. Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1976, p. 70.

²¹⁰⁹ Freitas, Pedro de, “Tempos passados, recordações sentidas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 23-07-1981. Ver Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, pp. 41, 43.

Pedro de Freitas era um homem do seu tempo contextual, por isso, não deixou de se influenciar pelas teorias político-liberais, republicanas, estadonovistas e nacionalistas, tão mediatizadas na sua época. Porém, esses ideais, cuja essência visava persuadir as massas populares face aos interesses do estado, também eram fervorosamente nutridos no contexto da política cultural num âmbito Europeu. Neste sentido, ao defender a “neutralidade” em questões políticas, Pedro de Freitas estava não só a reagir contra os malefícios da política vigente, como, também, estava a agir em consonância com o espírito sociopolítico característico da sua época, designado por “imparcialidade política” ou por “neutralidade política”. Neste sentido, considerou-se que Pedro de Freitas não tinha plena consciência e/ou interesse em sondar que aquela ofensiva da “neutralidade política” era estrategicamente manipulada pela imposição estatal afim de controlar as massas populares no acesso às questões políticas. Contudo, também é revelante adicionar que Pedro de Freitas tinha a sua própria forma pessoal de interpretar os acontecimentos histórico-políticos e sociais através da especificidade da sua experiência de vida, a qual tinha sido, algumas vezes, prejudicada devido aos interesses dos políticos da época. Assim, Pedro de Freitas defendia uma música que ao ser criada por Deus era suprema, absoluta e universal, adequada ao serviço da evolução harmoniosa da humanidade. Por isso, o seu conceito de música não era adulterado pelas corrupções das ideologias políticas da época. De facto, esta definição de música, defendida por Pedro de Freitas, apareceu vinculada com a sua fé católica fundada nas festas locais da Mãe Soberana, *Nossa Senhora da Piedade*, a Padroeira dos Louletanos. Com efeito, a sua definição de música também se associava com a sua posição de imparcialidade política, onde a música, em última instância, exercia um papel apolítico, isto é, afastado dos propósitos políticos da época. Além do mais, Pedro de Freitas revelou a sua impressão de ter sido sempre coerente nos seus ideais universais de harmonia e de fraternidade, sendo também constante nos seus discursos populistas (politicamente apolíticos) de antipatia pelas ideologias políticas. Porém, os valores transmitidos por Pedro de Freitas transcendiam

as certezas dogmáticas mediatizadas na época, porque, os mesmos, implicavam a sua resistência em ser passivo, implicada na sua capacidade de dar sentido à sua própria vida. E os seus discursos politizados incorporavam diversos planos de actuação entre as suas experiências diacrónicas e os seus espaços sincrónicos manejados pelas suas intencionalidades do momento. Não obstante, ao longo da sua vida, Pedro de Freitas foi-se revelando sempre mais incrédulo quanto à acção pacificadora e construtiva que engendravam todos os partidos políticos na sua essência. Deste modo, Pedro de Freitas revelou outros estádios de actuação e de parcialidade política, bem como mudanças e progressos no seu nível de consciencialização face à imposição estratégica da política oficial.

4.2.1. Pedro de Freitas e a política do Estado Novo: uma sintonia ambivalente

«eu não sou político, e nunca fui»²¹¹⁰.

As instâncias políticas detentoras do poder impunham, por um lado, um nacionalismo oficial centrado numa linha ideológico-política de controlo e de manipulação da sociedade civil portuguesa relativamente às intenções da estratégia da política vigente²¹¹¹. Por outro lado, a postura de Pedro de Freitas, ontologicamente integrada na parte étnico-local e regional da sua terra natal, e assumindo várias reinterpretações da identidade nacional, de acordo com a sua visão do modelo histórico-cultural, integrava uma outra dimensão do fenómeno do nacionalismo, a qual será analisada através da sua personalidade e reconhecida perante as suas respostas, iniciativas e reivindicações político-sociais²¹¹². Deste modo, o fenómeno do nacionalismo, nas suas múltiplas reinterpretações e dimensões (manipuladora e manipulada), quer da parte da política do *Estado Novo* ou, neste caso, da parte da idealização nacionalista de Pedro de Freitas, apresenta sempre duas faces representadas simbolicamente na parte mais oficial-cívica e na parte mais étnica-biológica, as quais, ainda que paradoxalmente, estão interconectadas sem fronteiras precisas: «*each nationalism and*

²¹¹⁰ Freitas, Pedro de, “Um dia depois dos meus 90 anos”, Em *Jornal do Barreiro*, Barreiro, 25-05-1984.

²¹¹¹ Rosas, Fernando (coord.), *Nova História de Portugal: Portugal e o Estado Novo (1930-1960)*, Vol. XII, Lisboa, Editorial Presença, 1990.

²¹¹² Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946; Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955; Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976; Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991.

*every concept of the nation is composed of different elements and dimensions, which we choose to label voluntarist and organic, civic and ethnic, primordial and instrumental. No nation, no nationalism, can be seen as purely the one or other, even if at certain moments one or other of these elements predominants in the ensemble of components of national identity»*²¹¹³. Por isso, quer o “nacionalismo” imposto pela política do *Estado Novo* quer o “nacionalismo” idealizado por Pedro de Freitas, numa sintonia ambivalente de jogos estratégicos variados, disfarçados e fragmentados (nunca totalmente esclarecidos nos seus diálogos e propósitos), contribuíram para a coexistência e para a promoção um do outro²¹¹⁴.

A política direccionada no âmbito da cultura popular, durante o período do *Estado Novo* (1933-1974), tinha reunido em torno dos seus objectivos uma miríade institucional²¹¹⁵. No aparelho estatal fora adicionada uma estrutura corporativa que, ao gerir uma subdivisão “associativa”, articulava as casas do povo, as casas dos pescadores e os sindicatos nacionais com a *Federação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) e os centros de recreio popular, a *Organização das Mães para a*

²¹¹³ Smith, Anthony D., *The Nation in History: Historiographical Debates about Ethnicity and Nationalism*, Hanover, University Press of New England, 2000, p. 25.

²¹¹⁴ Kellas, James G., *The Politics of Nationalism and Ethnicity*, New York, ST. Martin's Press, 1998, pp. 70, 84-85; Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, pp. 26, 38-40; Taylor, Charles, *Sources of the Self. The Making of the Modern Identity*, Crambridge, Massachussets, Harvart University Press, 1992, pp. 495-522; Dumont, Louis, *Essays on Individualism. Modern Ideology in Antropological Perspective*, Chicago, London, University of Chicago Press, 1992, pp. 223-260.

²¹¹⁵ Nomeadamente as autarquias, o *Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo* (SNI), o *Instituto Nacional do Trabalho e Previdência* (INTP), a *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT), a *Junta Central das Casas do Povo* (JCCP), a *Junta de Acção Social* (JAS) e o *Ministério de Educação Nacional* (MEN). Melo, Daniel: “A FNAT entre Conciliação e Fragmentação”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, pp. 37-42; ver também Estado Novo (Portugal), Em *Wikipédia*, [On-line], <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Estado_Novo_\(Portugal\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Estado_Novo_(Portugal))>, [consulta: 2 de Agosto de 2007].

*Educação Nacional, a Federação Portuguesa e a Mocidade Portuguesa*²¹¹⁶. A complexidade desta estrutura institucional deixava transparecer a pretensão de fragmentar as intervenções numa “especialização” das instituições²¹¹⁷. Cada um destes organismos tutelares tinha a sua própria propaganda sectorial, isto é, a disponibilização de bibliotecas oficiais habilmente seleccionadas, teatros, cinemas, museos etnográficos, artesanato, confraternizações, excursões, paradas, boletins, acampamentos, missas, congressos, comícios, bodos aos pobres, jogos, desportos, enfim, um quotidiano que tinha como objectivo supremo enquadrar-se no espírito do regime: «*de acordo com os seus paradigmas ideológicos disciplinadores, através de uma comunhão que se ensaia em cada gesto público*»²¹¹⁸. Neste sentido, parecia existir uma ‘conjugação de estratégias’ que giravam de acordo com um projecto globalizante, o qual abrangia não só o discurso da ideologia oficial como também a estrutura institucional do regime²¹¹⁹.

Salienta-se, neste sentido, que a ofensiva do discurso da política do *Estado Novo* tinha canalizado esforços na (re)construção e assimilação de conceitos tidos como “grandes certezas” inquestionáveis, com a finalidade da legitimação do poder²¹²⁰. A intenção era a inculcação de conceitos de “autenticidade”, identificados com os aspectos populares, numa representação e manutenção da eficácia simbólica segundo um

²¹¹⁶ Mattoso, José (dir.), *História de Portugal, O Estado Novo*, Vol. 7, Lisboa, Editorial Estampa, 1994, p. 293.

²¹¹⁷ Melo, Daniel: “A FNAT entre Conciliação e Fragmentação”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 38.

²¹¹⁸ Mattoso, José (dir.), *História de Portugal, O Estado Novo*, Vol. 7, Lisboa, Editorial Estampa, 1994, p. 293; ver também Melo, Daniel, *Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)*, Viseu, Imprensa de Ciências Sociais, 2001, pp. 28, 376.

²¹¹⁹ Melo, Daniel: “A FNAT entre Conciliação e Fragmentação”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 38.

²¹²⁰ Félix, Pedro: “O concurso “A Aldeia Mais Portuguesa de Portugal” 1938”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 209; Ó, Jorge Ramos do, *Os anos de Ferro O dispositivo cultural durante a “Política do Espírito” 1933-1949*, Lisboa, Editorial Estampa, 1999, p. 22.

projecto nacionalista, no qual os limites de soberania do estado correspondiam à realidade histórica e social da nação²¹²¹. Assim sendo, todas as acções rotineiras de identidade nacional que constantemente eram repetidas na vida quotidiana da nação tinham como finalidade imediata a (re)construção, recuperação e (re)adaptação de uma imagem do país e dos portugueses que, embora com diferentes práticas discursivo-contextuais, já vigorava pelo menos desde a segunda metade do século XIX²¹²². Neste sentido, o *Secretariado Nacional de Informação* (SNI) era um organismo responsável pela reunião desses materiais e objectos, pela elaboração dos discursos, e pelo desenvolvimento de acções e programas de intervenção que fossem responsáveis pela difusão desse “universo simbólico”, o qual estava mais directamente relacionado com a «tutela» das sociedades recreativas²¹²³. Como primeiro director do *Secretariado Nacional de Informação* (SNI), António Ferro foi o dinamizador do programa que correspondeu de 1933 a 1949, o qual, além de ser marcadamente nacionalista, elegia o povo como a única fonte de “arte verdadeira”. Neste prisma, a política cultural constituía a síntese deste programa que articulava produtos culturais e artísticos (como o folclore, a arte popular e a história nacional), com conceitos estruturantes e dogmáticos peculiares da religião católica e do nacionalismo (como Deus, Família, Pátria, Poder, Estado), incluindo ainda outros

²¹²¹ Nesse projecto nacionalista o Estado era a Nação. Matos, Helena, *Salazar: A Propaganda*, Vol. 2, Lisboa, Temas e Debates, 2004, p. 39; Mosse, George L., *La Nacionalización de las Masas: Simbolismo Político y Movimientos de Masas en Alemania desde las Guerras Napoleónicas al Tercer Reich*, Argentina, Siglo XXI Editores, 2007, pp. 16-19.

²¹²² Ó, Jorge Ramos do, *O Dispositivo Cultural nos anos da Política do Espírito (1933-1949): Ideologia, instituições, agentes e práticas*, Lisboa, Estampa, 1993; Félix, Pedro: “O concurso “A Aldeia Mais Portuguesa de Portugal” 1938”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 209; Billing, Michael, *Banal Nationalism*, London, Sage Publications, 2002, pp. 92-108.

²¹²³ Ó, Jorge Ramos do, *O Dispositivo Cultural nos anos da Política do Espírito (1933-1949): Ideologia, instituições, agentes e práticas*, Lisboa, Estampa, 1993, p. 54; Félix, Pedro: “O concurso “A Aldeia Mais Portuguesa de Portugal” 1938”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 209; Melo, Daniel, *Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)*, Viseu, Imprensa de Ciências Sociais, 2001, p. 378.

referentes integrativos (como nós, isto, aqui, esta terra, o país, a nação), para a (re)elaboração desses universos simbólicos²¹²⁴. O objectivo seria, além de inculcar uma primeira imagem de “segurança ontogénica”, construir a longo prazo uma leitura totalizante que articulasse, integrasse e unificasse, indubitavelmente, as ideias e conceitos de estado, nação, país, religião e povo, segundo os dispositivos ideológicos da política oficial²¹²⁵. Deste modo, a política do *Estado Novo* seleccionava e explicava, numa sintaxe discursiva marcadamente nacionalista, convenientemente limpa e sedutora, a identidade que os cidadãos portugueses deveriam de assumir de si mesmos²¹²⁶. Com a pretensão de ir-se ao encontro do povo português, através de uma estratégia de horizontalização das relações sociais, interconectavam-se princípios cívicos e étnicos e usavam-se os valores mais convenientes no estabelecimento de um consenso ou de um conformismo passivo relativamente à autoridade familiar; à intervenção reguladora da instituição eclesiástica; à resignação de cada um segundo a sua situação social; e à natural obediência face à autoridade estatal, a qual simbolizava a “construção da verdade” ou “o rosto oficial do povo”²¹²⁷. Porém, ainda que existisse

²¹²⁴ Félix, Pedro: “O concurso “A Aldeia Mais Portuguesa de Portugal” 1938”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, pp. 209-210; Melo, Daniel, *Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)*, Viseu, Imprensa de Ciências Sociais, 2001, p. 25; Billing, Michael, *Banal Nationalism*, London, Sage Publications, 2002, pp. 114-117; Malešević, Siniša: “Nationalism and the Power of Ideology”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 309-310; Wodak, Ruth: “Discourse-analytic and Sociolinguistic Approaches to the Study of Natio(alism)”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 105-111.

²¹²⁵ Félix, Pedro: “O concurso “A Aldeia Mais Portuguesa de Portugal” 1938”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, pp. 208-211; Haugaard, Mark: “Nationalism and Liberalism”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 345-356.

²¹²⁶ Melo, Daniel, *Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)*, Viseu, Imprensa de Ciências Sociais, 2001, p. 33; Billing, Michael, *Banal Nationalism*, London, Sage Publications, 2002, pp. 78-93; Kellas, James G., *The Politics of Nationalism and Ethnicity*, New York, ST. Martin’s Press, 1998, pp. 46-65.

²¹²⁷ Melo, Daniel, *Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)*, Viseu, Imprensa de Ciências Sociais, 2001, pp. 25, 33, 41; Rosas, Fernando (coord.), *Nova História de Portugal: Portugal e o Estado Novo (1930-1960)*, Vol. XII, Lisboa, Editorial Presença, 1990, p. 394; Carvalho, João Soeiro de: “A Nação Folclórica: projecção nacional, política e etnicidade em Portugal”, Em *Revista de Música Transcultural Music Review*, 2, 1996, p. 10, [On-line], <<http://www.sibetrans.com/trans/trans2/soeiro.htm>>, [consulta: 19 de Agosto de 2007].

um propósito de retratar a realidade de forma linear, a política cultural, na sua pretensão em mobilizar a sociedade civil através de uma evangelização abrangente, isto é, num referencial étnico, bíblico, histórico-cultural nacional e patrimonial (relacionado com as designadas Províncias Ultramarinas), ultrapassava o âmbito de um “nacionalismo cívico” para conferir-lhe também uma dimensão “étnica”, ou ainda mais além, que implicava propriedades de uma metafísica “orgânica” de variedades dinâmicas incontrolláveis face aos custos da fundação do nacionalismo²¹²⁸. De facto, se o nacionalismo vivido e imposto não implicasse reinterpretações que ultrapassassem as fronteiras de um instrumento puramente ideológico-político, fabricado, pelo menos inicialmente, por uma facção política na manipulação dos cidadãos portugueses face à estratégia da política vigente, então, jamais o fenómeno do nacionalismo teria uma aderência tão imediata, uma vivência tão inconsciente e um sentimentalismo tão profundo no meio popular e, neste caso específico, na pessoa de Pedro de Freitas²¹²⁹.

²¹²⁸ Wayre, Norman: “Theorizing Nationalism (Normatively) the First Steps”, Em Beiner, Ronald (ed.), *Theorizing Nationalism*, New York, State University of New York Press, 1999, p. 55; Beiner, Ronald, *Liberalism, Nationalism, Citizenship, Essays on the Problem of Political Community*, Toronto, Vancouver, UBC Press, 2003, p. 8; Ó, Jorge Ramos do, *Os anos de Ferro: O dispositivo cultural durante a “Política do Espírito” 1933-1949*, Lisboa, Editorial Estampa, 1999, p. 23; Smith, Anthony D.: “Gastronomy or geology? The role of the reconstruction of nations”, Em *Journal Nations and Nationalism I, n.º 1*, Cambridge University Press, 1994, pp. 18-19; Nikolas, Mary Margareta: “False Opposites in Nationalism: An Examination of the Dichotomy of Civic Nationalism and Ethnic Nationalism in Modern Europe”, Em *The Nationalism Project: False Opposites in Nationalism*, Madison, Centre for European Studies Monash University, 2000, p. 17.

²¹²⁹ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.ª (ed.), 1991; Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946; Freitas, Pedro de, “A Música popular, parte integrante da vida da Nação (1.ª Parte)”, *Povo Algarvio*, Tavira, 21-08-1949; Pedro, *Eu fui à Índia*, Barreiro, Pedro de Freitas, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1962, p. 249; Freitas, Pedro de, “Temas Musicais”, *Povo Algarvio*, Tavira, 04-07-1948; Smith, Anthony D.: “Social and Religious Origins of Nations”, Em Clarke, Desmond M. e Jones, Charles, *The Rights of Nations: Nations and Nationalism in a Changing World*, Cork, Cork University Press, 1999, pp. 26-44; Cottam, Martha L. e Cottam, Richard W., *National and Politics The Political Behavior of Nation States*, Boulder, London, Lynne Rienner Publishers, 2000, p. 3.

Diga-se, neste contexto, que Pedro de Freitas salientou-se precisamente por valorizar o património pertencente ao povo como um dos alicerces da nação, tal como serve de exemplo a frase que se segue: «*Nas tão simpáticas bandas populares – casas do povo e sociedades recreativas - encontra-se a mais decidida, festiva e benemérida partícula da alma de Portugal*»²¹³⁰. No seguimento do seu ideal nacionalista, Pedro de Freitas fazia uso de discursos e de narrativas que eram expressos por dinâmicas de assertividade e de liderança na conquista dos seus interesses em prol da música do povo, os quais implicavam uma comunicação horizontal face à estrutura hierárquica político-social existente²¹³¹. Neste contexto, Pedro de Freitas apelou à intervenção do *Secretariado Nacional de Informação* (SNI) com o objectivo de reformar, de nacionalizar e de incrementar a produção da música portuguesa segundo os critérios do gosto nacional do povo português. A intenção de Pedro de Freitas era que este organismo estimulasse e criasse as vontades necessárias para que se pudesse levar à vante o projecto nacionalista por ele proposto²¹³². Neste prisma, admite-se que em virtude das necessidades do povo, Pedro de Freitas tenha assimilado (ainda que parcialmente) os conceitos estruturantes (re)interpretados segundo a política Salazarista sem ter em conta uma total noção crítica de que os mesmos eram usados para evitar grandes constrangimentos na imposição dos objectivos políticos do

²¹³⁰ Freitas, Pedro de, “Temas Musicais”, *Povo Algarvio*, Tavira, 04-07-1948. Ver também Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas: “Folclorização em Portugal: uma perspectiva”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 14.

²¹³¹ Freitas, Pedro de, “A Música Popular, parte integrante da vida da Nação (2.ª Parte)”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 28-08-1949; Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946; Carvalho, João Soeiro de: “A Nação Folclórica: projecção nacional, política e etnicidade em Portugal”, Em *Revista de Música Transcultural Music Review*, 2, 1996, p. 3, [On-line], <<http://www.sibetrans.com/trans/trans2/soeiro.htm>>, [consulta: 19 de Agosto de 2007].

²¹³² Freitas, Pedro de, “Concertos Populares «O Século» e o «Distrito» trilhando o mesmo caminho”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 31-07-1957; Mosse, George L., *La Nacionalización de las Masas: Simbolismo Político y Movimientos de Masas en Alemania desde las Guerras Napoleónicas al Tercer Reich*, Argentina, Siglo XXI Editores, 2007, pp. 102, 104, 114, 119, 133.

sistema²¹³³. De facto, aqueles conceitos “simbólicos” eram facilmente assimilados pelas massas populares porque os mesmos aproximavam-se das influências da “tradição” Liberal/Republicana anterior. Porém, ao estudar-se a figura de Pedro de Freitas é relevante observar a sua forma peculiar de interpretar aqueles conceitos “simbólicos” a partir dos seus próprios interesses, na qualidade de um homem pertencente ao estrato popular da sociedade portuguesa. Como tal, nas suas formulas únicas de assimilação e de reinterpretação, Pedro de Freitas consolidava a união integral do seu discurso semântico (na pretensão de assumir-se num representante do povo) com o seu vínculo orgânico à sua terra natal e, em sentido mais alargado, ao seu país (enquanto cidadão português)²¹³⁴. Deste modo, nos vários processos de reinterpretação da política cultural, que de modo abrangente lhe era inculcada, Pedro de Freitas acabou por criar a sua própria ‘idealização nacionalista’, também fundamentada em exemplos paradigmáticos além fronteiras, exigindo do Governo português respostas face às injustiças do quotidiano social, e propondo melhores alicerces na organização associativa do movimento filarmónico em Portugal²¹³⁵. No

²¹³³ Félix, Pedro: “O concurso “A Aldeia Mais Portuguesa de Portugal” 1938”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 211.

²¹³⁴ Para melhor esclarecimento consultar o subcapítulo 4.1.1. Dar ao povo música da sua feição. Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991; Wayre, Norman: “Theorizing Nationalism (Normatively) the First Steps”, Em Beiner, Ronald (ed.), *Theorizing Nationalism*, New York, State University of New York Press, 1999, pp. 53-56; Smith, Anthony D.: “Civic and Ethnic”, Em Spencer, Philip and Wollman, Howard, *Nations and Nationalism A Reader*, New Brunswick, New Jersey, Rutgers University Press, 2005, pp. 203-204; Ramos, Rui: “A Ciência do Povo e as Origens do Estado Cultural”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, pp. 25-35; Melo, Daniel: “A FNAT entre Conciliação e Fragmentação”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 55; Félix, Pedro: “O concurso “A Aldeia Mais Portuguesa de Portugal” 1938”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 211; Billing, Michael, *Banal Nationalism*, London, Sage Publications, 2002, p. 78.

²¹³⁵ Freitas, Pedro de, *O I Concurso Nacional de Bandas Civas – Madeira e Açores Belezas de Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1965. Ver Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, pp. 26, 41,43.

entanto, os discursos de teor nacionalista protagonizados por Pedro de Freitas, através da sua obra (incluindo as suas conferências), ainda que implicassem significados semânticos diferentes dos que estavam sendo usados nas estratégias da política vigente, faziam uso da mesma terminologia simbólica e estruturante proposta pela política oficial²¹³⁶. Por isso, Pedro de Freitas foi considerado um alvo de interesse apanhado nas malhas ofensivas do sistema político ideológico. Ainda que Pedro de Freitas trabalhasse com propósitos a favor dos interesses das massas populares (e segundo a sua consciência descaracterizados de intenções políticas), ele foi considerado um agente social activo da cultura popular que, sem contrariar a ideologia política, gerou a sua própria cultura, legitimando a intervenção oficial, tal como expressa, por exemplo, o texto que se segue: *«Mas hoje, a música popular, não deve ser pertença de velhos ou novos partidos; entendo sim que ela deve ser suficientemente auxiliada por lei através dos respectivos Municípios e acarinhada indistintamente pelo povo, para que passe a ter um carácter misto de popular e oficial, em vez de isolada e particular, como até aqui»*²¹³⁷. De facto, Pedro de Freitas considerava que o Estado e o seu aparato político, na qualidade de elementos fundamentais da soberania da nação, estavam implicados no dever de preservar o sustentáculo musical e cultural do povo²¹³⁸. Por isso, Pedro de Freitas anuiu que o

²¹³⁶ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946; Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991; Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1955. Ver o ponto 7.5. Conferências e eventos concedidos por Pedro de Freitas, em Anexos.

²¹³⁷ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 22. Ver também Melo, Daniel: “A FNAT entre Conciliação e Fragmentação”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Voices do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 39.

²¹³⁸ Freitas, Pedro de, “Questão Musical - Será Impossível?”, Em *O Louletano*, Loulé, 01-07-1937; Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 26-01-1939. Ver também Greenfeld, Liah: “Modernity and Nationalism”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 162-164; Yael, Tamir: “Theoretical Difficulties in Study of Nationalism”, Em Beiner, Ronald (ed.), *Theorizing Nationalism*, New York, State University of New York Press, 1999, p. 70.

Estado desempenhasse uma função não só na orientação como também no salvaguardar da tradição, o que, num sentido ambivalente, sintonizava precisamente com o papel que a política do *Estado Novo* alegava no seu procedimento²¹³⁹. Porém, numa forma singular e voluntariosa de querer transcender a resistência de ser passivo ou subjugado pelo sistema político, acentua-se que Pedro de Freitas argumentava que o seu objectivo supremo ultrapassava qualquer pretensão ideológica porque, em última análise, a sua noção de música era essencialmente divina, suprema, metafísica e incorruptível face aos pretextos ideológico-políticos da época²¹⁴⁰. Por isso, na sua óptica, Pedro de Freitas encontrava um caminho de instrumentalizar as ideologias vigentes em relação aos seus intentos de salvaguardar um conceito de música pura, a qual era da pertença do povo e adequada à evolução harmoniosa deste mesmo estrato social²¹⁴¹.

Sem embargo, a orientação do Estado visava abarcar toda a produção que entrava no seu circuito de controlo, fosse ela de autoria popular-tradicional ou não. Além do mais, o Estado desempenhava um papel que favorecia a prossecução do programa imanente ao sistema político-ideológico, e garantia uma harmonia face às eventuais ameaças que comprometessem os equilíbrios “antigos”. Nesta lógica, o saber e a

²¹³⁹ Freitas, Pedro de, “A Música Popular, parte integrante da vida da Nação (2.ª Parte)”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 28-08-1949; Melo, Daniel: “A FNAT entre Conciliação e Fragmentação”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 39.

²¹⁴⁰ Freitas, Pedro de, “As sete notas de música”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 09-08-1953. Ver Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, pp. 39-40; Taylor, Charles, *Sources of the Self. The Making of the Modern Identity*, Crambridge, Massachussets, Harvart University Press, 1992, pp. 495-522.

²¹⁴¹ Freitas, Pedro de, “Pelo Progresso da Música Louletana (I)”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 26-12-1926, Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 20-10-1938; Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 20-10-1938; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 22.

informação eram considerados “prejudiciais” ao povo²¹⁴². O objectivo era a instrumentalização da cultura popular através do programa estipulado pela política do *Estado Novo* mediante duas estratégias, isto é, a domesticação do que havia de selvagem e de perigoso para a ordem social autoritária e, posteriormente, a funcionalidade resultante do folclore já domesticado. Assim, o folclore, ao ser encarado como uma produção simbólica do regime, visava a “celebração da ruralidade” numa mira de reduzir o povo ao “camponês”²¹⁴³. Neste prisma, havia um distanciamento entre o discurso e a acção, o qual era expresso por uma dicotomia entre a defesa da imagem do “camponês” como um símbolo de afirmação da nação e o desprezo pelos indivíduos de extracção rural²¹⁴⁴. Deste modo, enquanto as principais figuras do Estado e da alta burguesia separavam-se do conjunto da sociedade, considerada essencialmente como uma multidão inculta, e dispensavam-se de consumir os cenários ideológicos propostos pelo regime; Pedro de Freitas, como um elemento do povo, absorveu e operacionalizou essas ideologias em virtude dos seus ideais de melhorar as bases culturais dessa mesma sociedade iletrada²¹⁴⁵. Enquanto a política vigente, com um objectivo de neutralizar descontentamentos e evitar reacções adversas, exaltava as virtudes do “camponês” e da “cultura popular” como pura demagogia sedutora para ser encenada e estetizada num ideal imaginário e,

²¹⁴² Melo, Daniel: “A FNAT entre Conciliação e Fragmentação”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 39.

²¹⁴³ Silva, Augusto Santos, *Tempos Cruzados: Um estudo Imperativo da Cultura Popular*, [s.l.], Edições Afrontamento, 1994, p. 112; Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas: “Folclorização em Portugal: uma perspectiva”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 14.

²¹⁴⁴ Alves, Vera Marques: “O SNI e os Ranchos Folclóricos”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, pp. 195-201.

²¹⁴⁵ Ó, Jorge Ramos do, *Os anos de Ferro: O dispositivo cultural durante a “Política do Espírito” 1933-1949*, Lisboa, Editorial Estampa, 1999, pp. 97-98.

portanto, desfasado das reais práticas da vida rural (que na realidade eram desprezadas); Pedro de Freitas sentia-se o próprio povo exaltado e, por isso, exigia que esses discursos fossem mais pragmaticamente objectivados na realidade do quotidiano²¹⁴⁶.

Neste contexto de apropriação de práticas culturais, onde se reflectia a vivência do povo, a actuação sociocultural da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) balizava a necessidade de neutralizar os antagonismos sociais, promovendo a conciliação entre o capital e o trabalho, e, em simultâneo, encenava a sua propaganda e o controlo dos trabalhadores nos tempos livres²¹⁴⁷.

Após este panorama contextual, reapresenta-se o estudo da intervenção de Pedro de Freitas como um indivíduo que assumia que o povo era a razão subjacente de todas as suas lutas de vida²¹⁴⁸. Sendo importante esclarecer que a sua actuação (de Pedro de Freitas) fora mais evidenciada a partir dos anos cinquenta e ao longo dos anos sessenta do século XX, numa altura em que já se verificava, respectivamente, o início e o conseqüente arrastamento de uma longa crise no seio do sistema político vigente²¹⁴⁹. Neste sentido, reconhece-se que a política do *Estado Novo* tenha exercido

²¹⁴⁶ Maximino, Paulo: “A Figura do Campino”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 383; Alves, Vera Marques: “O SNI e os Ranchos Folclóricos”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 195; Raposo, Paulo: “Teatro Popular”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 324; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 521-552; Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955.

²¹⁴⁷ Melo, Daniel: “A FNAT entre Conciliação e Fragmentação”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 39; Mattoso, José (dir.), *História de Portugal, O Estado Novo*, Vol. 7, Lisboa, Editorial Estampa, 1994, pp. 292-293; Correia, Mário, *Música Popular Portuguesa: um ponto de Partida*, Coimbra, Edição Centelha - Mundo da Canção, 1984, p. 177; Melo, Daniel, *Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)*, Viseu, Imprensa de Ciências Sociais, 2001, pp. 59-62.

²¹⁴⁸ Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas: “Folclorização em Portugal: uma perspectiva”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 14.

²¹⁴⁹ Mattoso, José (dir.), *História de Portugal, O Estado Novo*, Vol. 7, Lisboa, Editorial Estampa, 1994, p. 291.

algumas seduções na pessoa de Pedro de Freitas. Sem embargo, por outro lado, admite-se que as respostas de Pedro de Freitas, identificadas não só através das suas interpretações, expectativas, exigências, como também através dos seus desafios, ainda que quase imperceptíveis e nem sempre totalmente conscientes da amplitude pretendida pelo sistema político vigente, revelaram algo mais do que uma mera influência da linguagem cultural do seu tempo²¹⁵⁰. Na reinterpretação do “banal nacionalismo”, massificado abundantemente na sua vida quotidiana, Pedro de Freitas fomentou um conjunto de iniciativas em prol dos seus interesses que mediatizaram, interagiram e, de certa forma, também condicionaram a actuação das estruturas ideológicas socioculturais do seu tempo²¹⁵¹.

Ainda que o conceito de “povo”, protagonizado por Pedro de Freitas, evidenciasse uma conotação de “pureza”, de “autenticidade”, e fosse identificado como uma entidade colectiva/anónima, tal como anunciava a estratégia protagonizada pela política vigente, os seus discursos (de Pedro de Freitas) divergiam das demagogias usadas pela política do *Estado Novo* pela natureza das suas (re)interpretações relativamente a esses conceitos, e pela sua sinceridade evocada nos seus objectivos²¹⁵². Salienta-se, neste contexto, que Pedro de Freitas era não só um

²¹⁵⁰ Freitas, Pedro de, “Tempos passados, recordações sentidas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 23-07-1981; Kellas, James G., *The Politics of Nationalism and Ethnicity*, New York, ST. Martin’s Press, 1998; Anderson, Malcom, *States and Nationalism in Europe since 1945*, London and New York, Routledge, 2000, pp. 86-96; Nikolas, Mary Margareta: “False Opposites in Nationalism: An Examination of the Dichotomy of Civic Nationalism and Ethnic Nationalism in Modern Europe”, Em *The Nationalism Project: False Opposites in Nationalism*, Madison, Centre for European Studies Monash University, 2000; Kellas, James G., *The Politics of Nationalism and Ethnicity*, New York, ST. Martin’s Press, 1998.

²¹⁵¹ Smith, Anthony D., *The Nation in History: Historiographical Debates about Ethnicity and Nationalism*, Hanover, University Press of New England, 2000, p. 61; Billing, Michael, *Banal Nationalism*, London, Sage Publications, 2002; Freitas, Pedro de, *O I Concurso Nacional de Bandas Cívicas – Madeira e Açores Belezas de Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1965; Freitas, Pedro de, “A Velhice despede-se do Trabalho”, Em *Correio do Sul*, Faro, 29-05-1975; Freitas, Pedro de, “As filarmónicas (digam o que disserem...) são os conservatórios populares”, Em *A Avezinha*, Paderne, 01-01-1980.

²¹⁵² Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 250.

elemento do povo como nunca pretendeu mais do que assumir-se num representante legítimo da voz desse mesmo povo²¹⁵³.

Num outro prisma, a *Federação Distrital das Sociedades Populares de Educação e Recreio* (FDSPER), uma organização sediada em Lisboa, realizava em 1940 o seu *I Concurso Nacional*, com a pretensão de alargar o seu raio de acção a todo o território nacional. Esta federação, de conotação republicana/democrática e de intervenção independente, passou a ser vista como uma ameaça à acção institucional e à política cultural do regime, tornando-se, de algum modo, numa concorrente à estratégia de afirmação da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT), sobretudo no meio urbano²¹⁵⁴. Entretanto, a *Federação Distrital das Sociedades Populares de Educação e Recreio* (FDSPER) passava a designar-se de *Federação das Sociedades de Educação e Recreio*, e Pedro de Freitas valorizou muito a sua acção em prol do meio filarmónico português: «à mui digna Federação das Sociedades de Educação e Recreio que é seu dever olhar de frente o problema das nossas Bandas Cívicas, para honra dessa força viva da Nação, para prestígio e glória de Portugal»²¹⁵⁵. Desde logo, isto é, a partir de Março de 1942, Pedro de Freitas passou a ser convidado pela dita federação para protagonizar conferências mediante a radiodifusão portuguesa, *Club Radiofónico de Portugal*, subordinadas ao tema “As Bandas Cívicas –

²¹⁵³ Para melhor esclarecimento consultar os subcapítulos: 4.1.1. Dar ao povo música da sua feição e 4.1.2. A revitalização da música do Povo. Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955; Félix, Pedro: “O concurso “A Aldeia Mais Portuguesa de Portugal” 1938”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 211.

²¹⁵⁴ Melo, Daniel: “A FNAT entre Conciliação e Fragmentação”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, pp. 42-43.

²¹⁵⁵ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 529.

Filarmónicas”²¹⁵⁶. Porém, nessas conferências, através de um discurso de teor nacionalista muito em voga na época, Pedro de Freitas apelava insistentemente à urgência de uma reforma modelar e oficial nas velhas colectividades musicais²¹⁵⁷.

Por outro lado, não era por mero acaso que nos anos quarenta do século XX a *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) promovia e orientava práticas desportivas, espectáculos, e outros divertimentos com uma estratégia de salvaguardar a identidade rural, sendo ainda responsável por um gabinete de Etnografia. Em 1950, devido a uma nova remodelação institucional na *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT), acentuou-se o seu papel relativamente à componente etnográfica, salientando-se a promoção de “agrupamentos artísticos”²¹⁵⁸. Como tal, estes novos estatutos enfatizavam a sua acção na área educativa, recreativa e económico-social. Deste modo, o *Gabinete de Etnografia* recolhia elementos de carácter etnográfico, cujo objectivo visava a formação social e a educação artística dos trabalhadores. Foi, aliás, com este intento que foram criados os centros de recreio popular e enquadradas, numa estrutura organizativa, as casas do povo e as casas dos pescadores, reformulando-se a rede do associativismo oficial²¹⁵⁹.

Por isso, mediante justificações relacionadas com a protecção do associativismo

²¹⁵⁶ Freitas, Pedro de: “Apontamentos Históricos da vida das Filarmónicas A história principia assim...”, Em Silva, Manuel Lopes da (dir.), *Catavento n.º 50, Boletim da casa do pessoal da F.N.A.T.*, Lisboa, Dezembro 1973, pp. 28-29, [n.º 135, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; Freitas, Pedro de, “As Filarmónicas”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 04-02-1969; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 524-529. Ver o ponto 7.5. Conferências e eventos concedidos por Pedro de Freitas, em Anexos.

²¹⁵⁷ Segundo a palestra “As Bandas Cívicas – Filarmónicas”, proferida a 2 de Maio de 1942 no posto emissor do Club Radiofónico de Portugal a convite da *Federação das Colectividades de Educação e Recreio*. Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 524-529.

²¹⁵⁸ Melo, Daniel: “A FNAT entre Conciliação e Fragmentação”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 43.

²¹⁵⁹ Melo, Daniel: “A FNAT entre Conciliação e Fragmentação”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 44.

cultural oficial, prevenindo também a sua extinção, impunha-se a obrigatoriedade dos grupos de trabalhadores com fins recreativo-culturais inscreverem-se na *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT), proibindo-se que os mesmos se filiassem em associações ou federações desportivas, ou noutras de carácter oficial ou particular. Por fim, atribuía-se ao associativismo corporativo regalias extraordinárias como a isenção da aprovação de estatutos pelos governos civis²¹⁶⁰. Sem embargo, ainda que paradoxalmente, esta nova estrutura estava em íntima relação com a evolução do associativismo independente. Como tal, em Julho de 1949, tinha sido realizado o *II Congresso Nacional das Sociedades de Educação e Recreio* pela *Federação das Sociedades de Educação e Recreio* com uma forte aderência associativa potenciada pela adesão oposicionista²¹⁶¹. Deste modo, constata-se a possibilidade de coexistirem diferentes posturas e interesses em prol da mesma causa musical. Assim, a posição de Pedro de Freitas também se enquadrava nesta perspectiva uma vez que ele lutava incondicionalmente pela revalorização da “música do povo”, dinamizando eventos musicais que suscitassem o engrandecimento do movimento filarmónico através de várias instituições, fossem elas privadas ou oficiais e tivessem elas conotações favoráveis ou divergentes relativamente com a política oficial²¹⁶². Aliás, esta sua postura de imparcialidade relativamente aos partidarismos políticos, constantemente acentuada nos escritos de Pedro de Freitas, também estava profundamente associada com a sua devoção religiosa imposta no seu conceito metafísico de música, o qual era incorruptível pelas manipulações da política, daí que

²¹⁶⁰ Melo, Daniel: “A FNAT entre Conciliação e Fragmentação”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 44.

²¹⁶¹ Melo, Daniel: “A FNAT entre Conciliação e Fragmentação”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 44.

²¹⁶² Freitas, Pedro de, “Tempos passados, recordações sentidas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 23-07-1981.

ele (Pedro de Freitas) insistisse que o seu objectivo visava atender exclusivamente as necessidades da música²¹⁶³.

Sem embargo, no *II Congresso Nacional das Colectividades de Educação e Recreio*, realizado pela *Federação das Sociedades de Educação e Recreio*, Pedro de Freitas foi solicitado para apresentar mais uma conferência, cujo tema intitulava-se: “*A Música Popular – Parte integrante da Vida da Nação*”²¹⁶⁴. Nesta conferência, de carácter marcadamente nacionalista, e numa sintonia ambivalente relativamente aos interesses do sistema político vigente, mais uma vez, Pedro de Freitas apelava à necessidade de aval do Governo para a sobrevivência da “música do povo”: «*Modelar, aperfeiçoar, dar alma juvenil e encaminhar para as atenções oficiais os fragmentos existentes dos núcleos musicais estritamente portugueses que deambulam aqui e além como coisas já muito velhas e inúteis, é alicerçar e valorizar uma obra a todos os títulos digna de ser auxiliada pelos nossos considerados dirigentes governamentais*»²¹⁶⁵.

No âmbito da cultura popular, a intervenção da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) focou-se também em cursos de formação intelectual e profissional, conferências, palestras radiofónicas, excursões e espectáculos educativos²¹⁶⁶. Neste

²¹⁶³ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 22.

²¹⁶⁴ Freitas, Pedro de: “Apontamentos Históricos da vida das Filarmónicas A história principia assim...”, Em Silva, Manuel Lopes da (dir.), *Catavento n.º 50, Boletim da casa do pessoal da F.N.A.T.*, Lisboa, Dezembro 1973, pp. 28-29, [n.º 135, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]. Ou Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIV)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 17-03-1954; Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XV)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 28-04-1954; Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XV)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 05-05-1954.

²¹⁶⁵ Freitas, Pedro de: “Apontamentos Históricos da vida das Filarmónicas A história principia assim...”, Em Silva, Manuel Lopes da (dir.), *Catavento n.º 50, Boletim da casa do pessoal da F.N.A.T.*, Lisboa, Dezembro 1973, pp. 28-29, [n.º 135, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; ou Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIV)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 17-03-1954. Ver também Mckim, Robert e McMahan, Jeff (ed.), *The Morality of Nationalism*, New York, Oxford, Oxford University Press, 1997, pp. 181-290.

²¹⁶⁶ Melo, Daniel: “A FNAT entre Conciliação e Fragmentação”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 41. Ver o ponto 7.5. Conferências e eventos concedidos por Pedro de Freitas, em Anexos.

panorama, salienta-se que Pedro de Freitas não só aderiu como também colaborou activamente em muitos dos programas estipulados pela *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT), considerando-a uma instituição oficial de cariz civil que se direccionava a trabalhar em virtude dos direitos dos cidadãos, mais especificamente em prol da “música do povo”²¹⁶⁷. Assim sendo, a partir de 1959, Pedro de Freitas começou a prestar serviços à *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT), participando de forma criadora em muitos desses eventos²¹⁶⁸. Além do mais, através de vários artigos de imprensa periódica, Pedro de Freitas ainda aludia à importância da intervenção da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) no seio da música popular: «Designadamente por quatro iniciais que já hoje é um poderoso baluarte de recreio, prazer, economia e comodidade que o Povo muito aprecia e utiliza, a F.N.A.T. é a poderosa organização Oficial que pode levar longe os indispensáveis recursos para a salvação das nossas bandas de música»²¹⁶⁹.

Como reconhecimento do trabalho meritório empreendido pela *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT), Pedro de Freitas dedicou-lhe em 1965 um

²¹⁶⁷ Freitas, Pedro de, “Vai entrar-se na solução da crise das Bandas Civis?”, *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 02-05-1959; Anderson, Malcom, *States and Nationalism in Europe since 1945*, London and New York, Routledge, 2000, pp. 86-96; Turner, Bryan S.: “Citizenship, Nationalism and Nation-Building”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 225-234. Ver 7.7.d. O significado da FNAT para Pedro de Freitas, em Anexos.

²¹⁶⁸ Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, p. 52; Neves, F. Clara, “Pedro de Freitas incansável trabalhador de oitenta anos”, Em *Correio do Sul*, Faro, 25-07-1974. Ver o sub-capítulo 2.5 As actividades de Pedro de Freitas no âmbito cultural.

²¹⁶⁹ Freitas, Pedro de, “Vai entrar-se na solução da crise das Bandas Civis?”, *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 02-05-1959.

conjunto de versos que fazem parte do seu livro manuscrito intitulado *Versos de Pedro de Freitas (Espontâneos e sem regras académicas) 1965/1982*, os quais somente enaltecem a obra da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) em virtude dos benefícios do povo trabalhador, sem que o autor tivesse em conta as manipulações políticas subjacentes nesses mesmos empreendimentos. Além disso, estes versos dedicados à FNAT (como uma fundação sem conotações políticas) também podem ser vistos como uma forma de Pedro de Freitas revelar que a sua função e colaboração nessa instituição era isenta de qualquer determinação política, justificando assim a sua idealização moralista de “imparcialidade” em termos políticos²¹⁷⁰. Neste sentido, para um melhor esclarecimento das idealizações, de certo modo utópicas, impostas por Pedro de Freitas a esta instituição, foram transcritos os ditos versos que o autor (Pedro de Freitas) dedicou à *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) no seu livro manuscrito *Versos de Pedro de Freitas: (Espontâneos e sem regras académicas) 1965/1982*:

²¹⁷⁰ Freitas, Pedro de, “Tempos passados, recordações sentidas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 23-07-1981. Ver Epstein, William H. (ed.), *Contesting the Subject: Essays in the Postmodern Theory and Practice of Biographical Criticism*, Indiana, Purdue University Press, 1991; Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, p. 44.

1.º

*«Oficina de Trabalho
De amparo e Recreio;
Símbolo Augusto do Povo,
É Alma grande na Grei.*

2.º

*Portugal de lés-a-lés
Nela fala e se revê,
Fenate é o seu nome,
P'ra Honra sua e da Lei.*

3.º

*Chama acesa da Pátria
P'lo trabalho tão ingente;
Na luta da vida dá pão
Ao trabalhador qu'o sente.*

É Instituição Social

De timbre e fino Quilate.

Que assim perdure vida fora

Desfraldando su' Bandeira:

Fenate, Fenate, F.N.A.T.!

Lisboa, 1 de Setembro de 1965²¹⁷¹.

Ainda como colaborador musical da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT), Pedro de Freitas teve a vantagem de participar numa excursão no ano de 1966, na qual, acompanhado da sua mulher Maria das Dores Vairinhos de Freitas, visitou Lourdes, e o itinerário incluía a passagem por muitas terras de Espanha²¹⁷².

Com efeito, é também relevante frisar que em dadas alturas as teorias de “apoliticidade”, de “imparcialidade política” ou de “neutralidade política”, tão

²¹⁷¹ Freitas, Pedro de, *Versos de Pedro de Freitas (Espontâneos e sem regras académicas) 1965/1982*, Barreiro, Livro Manuscrito, 1982, pp. 1-2. [n.º 114, 82-9 FRE/VER, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

²¹⁷² Lourdes (em francês *Lourdes*) é uma comuna francesa situada no departamento dos Altos Pirineus, região do Midi-Pyrénées, Em *Wikipédia*, [On-line], <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Lourdes>>, [consulta: 04 de Setembro de 2008]. O percurso da viagem foi o seguinte: Lisboa – Rio Maior – Coimbra – Guarda – Vilar Formoso – Salamanca – Valladolid – Burgos – Vitoria – Aranzazú - San Sebastian – Irun – Biarritz – Bayonne – Pau – Betharram – Lourdes – Oloron – Jaca – Zaragoza – Medinaceli – Madrid – Toledo - El Escorial – Trujillo – Badajoz – Estremoz – Lisboa. Freitas, Pedro de, “Programa da Excursão da F.N.A.T.”, dentro da revista *Valle*, António Fernando de Lucerna e (dir.), *Catavento n.º 50*, Boletim da Casa do Pessoal da F.N.A.T., ano V, Lisboa, Ramos Afonso & Lda, Outubro 1963, [n.º 130, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

mediatizadas pela imposição estatal na mira de afastar as massas da política, revelavam-se num verdadeiro obstáculo relativamente à participação de um cidadão de porte nacionalista como Pedro de Freitas na realidade político-nacional, e, mesmo em relação à sua natureza politicamente “apolítica”²¹⁷³. Por um lado, mesmo que se propugnasse um objectivo definido em virtude das massas populares, era necessário uma submissão (ainda que taticamente simulada) face ao regime ditatorial Salazarista para ter-se o protagonismo da prensa e das organizações nacionais, viabilizando-se assim, sobremaneira, os assuntos da música popular²¹⁷⁴. Como tal, seria possível que Pedro de Freitas pudesse colaborar na *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT), uma organização que servia os intentos da política Salazarista, sendo apolítico? Será que as colaborações e solicitações de Pedro de Freitas relativamente às instituições nacionais que serviam o regime Salazarista (incluindo as suas comunicações através dos organismos que se intitulavam de intervenção independente) não teriam implicado nas suas actuações e pretensões alguma forma de ele (Pedro de Freitas) fazer política populista ou nacionalista? E uma vez que Pedro de Freitas interviesse em virtude da música popular, essa postura não pressupunha que ele manipulasse a política do estado em virtude dos seus interesses e que, em simultâneo, ele fosse manipulado pelas estratégias ideológico-políticas do regime Salazarista? Neste prisma, parece elucidar-se que sempre que Pedro de Freitas defendia os seus objectivos nacionalistas (fundados na soberania das massas e da música popular), ele interagia no seio dos eventos nacionais e musicais que a política

²¹⁷³ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIX)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 13-10-1954; ou Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955, p. [92].

²¹⁷⁴ Entrevista a Apolinário, Homero, Linda-a-Velha, 24-06-2003.

do estado viabilizava em virtude das massas, e, obviamente, ele envolvia-se na política cultural, exercendo um contributo expressivo no seu fomento (em prol dos seus interesses populistas), sem que contrariasse os desígnios da imposição estatal, pois se assim fosse ele acabaria certamente por sofrer represálias²¹⁷⁵.

No entanto, numa intenção de transgredir a resistência das acusações de que ele estava envolvido na política salazarista e/ou das sujeições políticas implicadas nas suas actuações sociais e culturais, Pedro de Freitas insistiu sempre na convicção de que ele não era político, incluindo mesmo no ambiente intimista do seu lar²¹⁷⁶. Como tal, Pedro de Freitas reagiu sobretudo face a algumas acusações que insinuavam que ele usava a “música popular” para atingir a fins políticos, contestando tais difamações por ele nunca ter ambicionado ostentar algum posto político, e por ele não ter participado em propagandas direccionadas a algum partido político de eleição²¹⁷⁷. Além do mais, com o objectivo de cuidar da sua imagem, da sua popularidade, e até mesmo da sua integridade e convicção de homem não político (ainda que os seus discursos fossem politicamente “apolíticos”), Pedro de Freitas procurava sublinhar que, uma vez que as suas lutas eram única e exclusivamente direccionadas em prol da “música do povo”, a sua intervenção nos eventos nacionais, de interesse cultural e recreativo, era imparcial face aos objectivos políticos²¹⁷⁸. Neste contexto, salienta-se, por exemplo, este

²¹⁷⁵ Entrevista a Apolinário, Homero, Linda-a-Velha, 24-06-2003. Ver Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, pp. 26, 41, 43.

²¹⁷⁶ Freitas, Vitor Manuel Mendes de, Barreiro, 29-03-2003; 29-06-2003. Ver Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, pp. 39-40; Taylor, Charles, *Sources of the Self. The Making of the Modern Identity*, Crambridge, Massachussets, Harvart University Press, 1992, pp. 495-521.

²¹⁷⁷ Freitas, Pedro de, “Almada prodigiosa Fonte da Música Popular”, Em *O Setubalense*, Setúbal, 25-04-1959; Freitas, Pedro de, “Um dia depois dos meus 90 anos”, Em *Jornal do Barreiro*, Barreiro, 25-05-1984; Freitas, Vitor Manuel Mendes de, Barreiro, 29-03-2003; 29-06-2003.

²¹⁷⁸ Freitas, Pedro de, “Almada prodigiosa Fonte da Música Popular”, Em *O Setubalense*, Setúbal, 25-04-1959; Freitas, Pedro de, “Um dia depois dos meus 90 anos”, Em *Jornal do Barreiro*, Barreiro, 25-05-1984.

esclarecimento escrito por Pedro de Freitas na imprensa periódica: «E, num credo à margem de todas as políticas para só se enveredar pela política musical (nem de outro modo eu anuiria a tais trabalhos), lá ficou assente um novo regulamento que deve satisfazer todas as nossas bandas civis, quer sejam superiores, médias ou inferiores»²¹⁷⁹. Seguindo o critério de Pedro de Freitas, conclui-se que ele focara o seu interesse separado das estratégias das ideologias políticas, justificando ser o procedimento mais adequado à evolução da “*Divina Arte*”²¹⁸⁰. Deste modo, apesar de ter tido a noção de certas repressões do sistema ditatorial, Pedro de Freitas optou por abster-se da estrutura controladora da política vigente, constituindo, neste prisma, um protagonista-alvo para que a “música do povo” fosse um veículo de afirmação do Estado²¹⁸¹. Neste sentido, na qualidade de elemento do povo, Pedro de Freitas preocupou-se em proteger o estrato popular das maledicências da política vigente, aconselhando-o a seguir o seu perfil de imparcialidade política²¹⁸². Porém, a actuação sociocultural da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) argumentava um discurso similar mas com um outro propósito. Ao defender para o povo uma cultura esvaziada da componente de emancipação política e intelectual, herdada do *Iluminismo* e do ideário da *Revolução Francesa*, a *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) tinha como finalidade a neutralização dos antagonismos sociais. Finalmente, como uma forma de compensar e (re)conferir

²¹⁷⁹ Freitas, Pedro de, “Vai entrar-se na solução da crise das Bandas Civis?”, *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 02-05-1959.

²¹⁸⁰ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 22.

²¹⁸¹ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, pp. 80-82; Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIX)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 13-10-1954; ou, Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955, p. [92]; Seromenho, Margarida: “A Federação Do Folclore Português A reconstituição do folclore em democracia”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p.246.

²¹⁸² Freitas, Pedro de, “Pelo Progresso da Música Louletana (I)”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 26-12-1926.

credibilidade, a *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) articulava a construção de um discurso centrado na reabilitação dos valores morais inerentes à tradição, reivindicando uma base teórica etnográfica²¹⁸³. Estas medidas incluíam uma estratégia de horizontalização das relações sociais, onde o projecto totalitário da política do *Estado Novo* visava ainda, através de várias motivações, incluindo prémios remunerados, a participação do sujeito passivo em agente activo da política oficial²¹⁸⁴. Para tal, toda a iniciativa cultural-recreativa corporativa tinha de ter previamente o consentimento da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT). Além disso, para a prossecução disciplinar dessa actividade pretendia-se a formação de grupos especializados tutelados pela mesma. Deste modo, a *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) detinha o poder de autorização superior, coordenação, orientação e fiscalização²¹⁸⁵. Em Janeiro de 1963, Pedro de Freitas fora convidado a ingressar nos quadros desta instituição, como já fora referenciado no final do primeiro capítulo²¹⁸⁶. Deste modo, Pedro de Freitas trabalhou na área da etnografia, cujas atribuições eram essencialmente fazer recolhas relativamente aos grupos folclóricos e produzir relatórios, alguns dos quais destinavam-se ao fornecimento de subsídios²¹⁸⁷. Estes estudos conferiam a Pedro de Freitas a noção de que o seu trabalho era em pro do “partido da música” e em virtude imanente ao seu amor pela arte musical²¹⁸⁸.

²¹⁸³ Melo, Daniel: “A FNAT entre Conciliação e Fragmentação”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, pp. 39-40.

²¹⁸⁴ Melo, Daniel: “A FNAT entre Conciliação e Fragmentação”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 39.

²¹⁸⁵ Melo, Daniel: “A FNAT entre Conciliação e Fragmentação”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 42.

²¹⁸⁶ Freitas, Pedro de, “A Velhice despede-se do trabalho”, Em *Correio do Sul*, Faro, 29-05-1975. Ver o sub-capítulo 2.5. As actividades de Pedro de Freitas no âmbito cultural.

²¹⁸⁷ Neves, F. Clara, “Pedro de Freitas incansável trabalhador de oitenta anos”, Em *Correio do Sul*, Faro, 25-07-1974; Entrevista concedida ao Maestro Homero Ribeiro Apolinário em 17-06-2003.

²¹⁸⁸ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 22.

Neste sentido, Pedro de Freitas acreditava integralmente que se abstraía das estratégias políticas subjacentes, uma vez que, em última análise, na prossecução dos seus intentos as ideologias políticas seriam apenas um meio de auxiliar a música, não tendo, portanto, um fim em si mesmo²¹⁸⁹. No entanto, o objectivo da política do Estado era bem distinto, além de proporcionar e incentivar aos trabalhadores actividades nos tempos livres, para esbater a percepção da diferença existente entre os “ricos e pobres”, também pretendia criar os seus ranchos e o seu “folclore” oficial²¹⁹⁰. Neste sentido, para integrar e uniformizar a acção dos grupos especializados tinha-se esboçado uma rede de centros, os quais controlavam e suportavam a acção cultural local, incrementando a eficácia da malha corporativa²¹⁹¹. Porém, a acção participativa de Pedro de Freitas na *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT), e a sua intervenção noutras entidades oficiais ou de intervenção independente, faziam com que ele se considerasse como uma figura que defendia os princípios democráticos, pretendendo protagonizar um papel de porta-voz que zelava pelos interesses e necessidades do povo²¹⁹². Neste contexto, alguns dos representantes da política do estado tiveram uma percepção do contributo de Pedro de Freitas mas em virtude dos seus próprios interesses²¹⁹³. Ainda que existissem intentos ambivalentes entre os objectivos de Pedro de Freitas e os da política vigente, ele podia servir de mediador na transmissão e na adesão de interesses entre a hierarquia estabelecida pela

²¹⁸⁹ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 22.

²¹⁹⁰ Correia, Mário, *Música Popular Portuguesa: um ponto de Partida*, Coimbra, Edição Centelha - Mundo da Canção, 1984, p. 178.

²¹⁹¹ Melo, Daniel: “A FNAT entre Conciliação e Fragmentação”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 42.

²¹⁹² Freitas, Pedro de, “A Música Popular, parte integrante da vida da Nação (2.ª Parte)”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 28-08-1949; Anderson, Malcon, *States and Nationalism in Europe since 1945*, London and New York, Routledge, 2000, pp. 86-96.

²¹⁹³ Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978, pp. 41-42; ou, Comunicação de Serviço N.º 26/75 (Lisboa, 12 de Fevereiro de 1975), Em 2.ª Série do 3.º Livro *Os meus artigos e alguns extras 1965 a 1982*, Pedro de Freitas, n.º 113 A, p. 221, [82-9 FRE/MEU no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

política do Estado e as necessidades prementes do povo. Mais uma vez, o artigo que se segue, da autoria de Pedro de Freitas, ao sugerir ideias como o Estado e o seu aparato institucional podiam apoiar a música do povo, serve de exemplo a esta reciprocidade: *«Apreciar-se o esquecimento a que estão votadas as bandas civis do Distrito, pelas entidades oficiais; Repetir-se pela Feira de S. Tiago, ou em outra altura apropriada, o Concurso de Bandas Civis do Distrito que em 1954 tão alto dignificou uma das concorrentes; Apreciar das condições ou possibilidades das Câmaras Municipais auxiliarem o Recreio Popular e a Música das Bandas Civis dos Concelhos do Distrito; Interceder junto das Entidades que superintendem na Fundação Calouste Gulbenkian; Televisão Portuguesa, S.N.I. e Governo Civil, para cada uma delas dispensar, dentro das suas atribuições: finanças, propaganda, isenção de direitos e protecção às Colectividades e à Música, o indispensável para que elas possam manter-se na vida, a bem da educação e do prazer das localidades que servem; Apreciar da vantagem ou desvantagem que há nos aniversários das Colectividades de Recreio e Musicais intercalar-se nos respectivos programas festivos a tradicional Sessão Solene, onde os amigos e os carolas expandam o seu amor sincero e leal à sua querida Colectividade»*²¹⁹⁴. Além do mais, Pedro de Freitas ainda tinha a capacidade de intervir na selecção e na organização dos eventos musicais do movimento filarmónico e na projecção da localidade, sendo os seus escritos dotados de um nacionalismo de índole populista e de um publicismo bairrista

²¹⁹⁴ Freitas, Pedro de, “Encontro, reunião ou congresso?”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 12-12-1967.

e regionalista, onde a música popular não deixava de exercer um papel na nacionalização das massas²¹⁹⁵.

Contudo, deve-se esclarecer que o caso específico de Pedro de Freitas envolve a particularidade de ele ter-se dedicado essencialmente à causa das bandas filarmónicas, as quais, pelas suas características imanes, constituíram dificuldades na definição da sua recuperação e integração ligada ao movimento da folclorização em Portugal. As bandas filarmónicas tinham uma matriz francesa, uma implantação e um perfil de cariz nacional e, por outro lado, o movimento filarmónico era um fenómeno relativamente “recente” e homogéneo, com ligação ao meio urbano e à tradição liberal/republicana²¹⁹⁶. Por isso, foi um processo complexo o pretender enquadrar o movimento filarmónico no âmbito do regionalismo etnográfico oficial²¹⁹⁷. Sendo ainda de salientar que mesmo durante o período da política do *Estado Novo* (1933-1974), as bandas filarmónicas mantiveram uma grande presença no espaço do associativismo independente, tendo sido uma das componentes basilares tanto da *Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio (FPCCR)* como da *Federação das Colectividades do Distrito do Porto de Educação, Recreio e Desporto (FCDPERD)*²¹⁹⁸. No entanto, devido ao peso da tradição, as bandas filarmónicas

²¹⁹⁵ Freitas, Pedro de, *O I Concurso Nacional de Bandas Civas – Madeira e Açores Belezas de Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1965, p. 197; Freitas, Pedro de, “Pelo Progresso da Música louletana (IV)”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 03-04-1927; Freitas, Pedro de, “Pelo Progresso da Música louletana (V)”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 10-04-1927; Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas: “Folclorização em Portugal: uma perspectiva”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 15; Mosse, George L., *La Nacionalización de las Masas: Simbolismo Político y Movimientos de Masas en Alemania desde las Guerras Napoleónicas al Tercer Reich*, Argentina, Siglo XXI Editores, 2007, pp. 15-19.

²¹⁹⁶ Melo, Daniel: “A FNAT entre Conciliação e Fragmentação”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 55.

²¹⁹⁷ Melo, Daniel: “A FNAT entre Conciliação e Fragmentação”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 55.

²¹⁹⁸ Melo, Daniel: “A FNAT entre Conciliação e Fragmentação”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 43.

detinham uma institucionalização significativa dentro da estrutura corporativa, por isso, em alguns casos, havia um certo suporte da parte do Estado²¹⁹⁹. Foi no âmbito desta constatação, e devido a uma crescente crise no interior do movimento filarmónico, que Pedro de Freitas insurgiu-se através da imprensa periódica, manifestando a necessidade de (re)consolidar a prestação oficial e nacional das mesmas²²⁰⁰. Na perspectiva de Pedro de Freitas, os seus insistentes apelos em prol dos benefícios de um associativismo musical de cariz oficial implicavam uma afirmação democrática e uma dignificação das filarmónicas na sua rede associativa, o que numa sintonia ambivalente concordava com as necessidades conjunturais oficiais²²⁰¹.

Apesar de tudo, a estratégia da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) relativamente ao movimento filarmónico não fora significativa: «Nesta área a FNAT seguiu uma estratégia própria que, se podia concordar com as necessidades conjunturais oficiais, também implicava uma lógica de afirmação autónoma, tentando consolidar a presença de filarmónicas na sua rede associativa. Assim se poderá interpretar o parco labor da FNAT neste âmbito, que deixava de lado a defesa do movimento filarmónico como um todo»²²⁰². Foi, sobretudo, a partir dos anos cinquenta do século XX que as bandas filarmónicas começaram a ter consideração

²¹⁹⁹ Melo, Daniel: “A FNAT entre Conciliação e Fragmentação”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 55.

²²⁰⁰ Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 28-07-1938; Freitas, Pedro de, “A Música Popular, parte integrante da vida da Nação (2.ª Parte)”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 28-08-1949; Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIX)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 06-10-1954; Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955, pp. [89-90].

²²⁰¹ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 524-529; Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 28-07-1938.

²²⁰² Melo, Daniel: “A FNAT entre Conciliação e Fragmentação”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 55.

oficial superior²²⁰³. Nesta área, a *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) prosseguia a sua estratégia própria, conciliando as necessidades conjunturais oficiais com a consolidação da presença das filarmónicas na sua rede associativa. Nesta conjuntura foram de assinalar como iniciativas importantes os dois Concursos Nacionais de Bandas Filarmónicas, em 1959 e em 1968, os quais contaram com um amplo movimento de adesão de âmbito nacional²²⁰⁴. Neste âmbito, Pedro de Freitas constituiu um pilar fundamental, quer na sua iniciativa, organização e prossecução, como também no seu desfecho²²⁰⁵. É evidente que sempre que Pedro de Freitas propunha a participação das bandas filarmónicas em festivais, concursos, certames de competição comparticipados pelo Estado, ou a aderência das bandas filarmónicas em espectáculos no circuito turístico, e a propagação de eventos musicais pela emissora nacional, ele estava, ainda que inconscientemente, a protagonizar mecanismos de

²²⁰³ Melo, Daniel: “A FNAT entre Conciliação e Fragmentação”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 55.

²²⁰⁴ Anónimo, “II Concurso Nacional de Bandas de Música Cívica”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 04-06-1968; Anónimo, “A Filarmónica União Marçal Pacheco presente no II Grande Concurso Nacional de Música”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 03-06-1969; Melo, Daniel: “A FNAT entre Conciliação e Fragmentação”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 55.

²²⁰⁵ Freitas, Pedro de, *O I Concurso Nacional de Bandas Cívicas – Madeira e Açores Belezas de Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1965, p. 200; Anónimo, “II Grande Concerto de Bandas de Música cívica”, Em *Correio do Sul*, Faro, 18-07-1968.

auto-regulação²²⁰⁶. No entanto, os dois concursos de bandas filarmónicas não foram regulamentados de forma a implicar a exclusividade de um fundo etnográfico específico, abrangendo várias peças musicais de autores lusos relacionadas com o folclore. Por isso, foi justificável que algumas das obras musicais da autoria de Pedro de Freitas tivessem sido tocadas e, por essa via, se tivessem evidenciado e celebrado²²⁰⁷.

Finalmente, evidencia-se que a posição de Pedro de Freitas enquadrava-se no seio do espírito da época, daí que a sua postura revelasse uma constante interacção com os meios sociocomunicativos do seu tempo, nomeadamente com o protagonismo da imprensa periódica nacional, a qual simbolizava a unificação dos membros da comunidade portuguesa em torno dos interesses nacionais²²⁰⁸. Neste contexto, acentua-se que os discursos mediatizados a nível oficial sustentavam uma atitude muito positiva face à obra que a *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) tinha protagonizado em virtude da recuperação e da revitalização das bandas

²²⁰⁶ Freitas, Pedro de, “Pelo Progresso da Música Louletana II”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 16-01-1927; Freitas, Pedro de, “Pelo Progresso da música louletana III”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 06-02-1927; Freitas, Pedro de, “Pelo Progresso da Música Louletana IV”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 03-04-1927; Freitas, Pedro de, “Pelo Progresso da Música Louletana V”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 10-04-1927; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 551; Freitas, Pedro de “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XXI)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 12-01-1955; ou Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955, pp. [101-102]; Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas: “Folclorização em Portugal: uma perspectiva”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 16; Matos, Helena, *Salazar: A Propaganda*, Vol. 2, Lisboa, Temas e Debates, 2004, p. 133.

²²⁰⁷ Melo, Daniel: “A FNAT entre Conciliação e Fragmentação”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 55; Franco, Mário Lyster, “Pedro de Freitas muito merecidamente homenageado pela F.N.A.T.”, Em *Correio do Sul*, Faro, 04-11-1971; Anónimo, “II Concurso Nacional de Bandas de Música Civil”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 04-06-1968; Pastor López, Luis: “En Justa correspondencia”, Setembro de 1958, Em *Revista Cartaya 1958*, Ayamonte, Imprenta Vda. J. Hidalgo, há dois exemplares [n.º 127 e n.º 233, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

²²⁰⁸ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946; King, Anthony: “Nationalism and Sport”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, p. 251; Billing, Michael, *Banal Nationalism*, London, Sage Publications, 2002, pp. 109-115; Hutchinson, John: “Hot and Banal Nationalism: The Nationalization of ‘the Masses’”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, p. 304.

filarmónicas do país. No jornal regional *A Voz de Loulé* manifestava-se que esta instituição constituía uma grandiosa obra social, devendo a mesma de prosseguir nesta modalidade de dar movimento e vida às filarmónicas. Além do mais, através deste periódico focava-se que a intervenção da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) tinha implicado a vantagem de exercer um amplo alcance nacional, visível pelos benefícios que as bandas filarmónicas de Loulé tinham usufruído deste património²²⁰⁹. Em relação aos *Concursos de Bandas Civas*, um outro autor considerou que os mesmos constituíam mais uma acção meritória da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) em prol da causa do movimento filarmónico nos últimos anos²²¹⁰. Finalmente, um outro artigo também enaltecia a posição incansável de Pedro de Freitas no âmbito da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT), destacando sobretudo o seu papel na organização do *Festival de Bandas de Música Civas* em Faro²²¹¹. Por isso, ao comungar do espírito apologético da época, e dada a satisfação de ver muitas das suas iniciativas concretizadas, não era de estranhar que Pedro de Freitas tivesse mencionado que aquela instituição social tinha a nobre visão de dedicar-se à música do povo, apelando, em simultâneo, para melhores alicerces oficiais da parte governamental: «Modelar, aperfeiçoar, dar alma juvenil e encaminhar para as atenções oficiais os fragmentos existentes dos núcleos musicais estritamente portugueses que deambulam aqui e além como coisas já muito velhas e inúteis, é alicerçar e valorizar uma obra a

²²⁰⁹ T., C., “As nossas filarmónicas e a F.N.A.T.”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 01-08-1972.

²²¹⁰ Anónimo, “As Bandas de Loulé em evidência”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 16-10-1973.

²²¹¹ Afonso, Manuel Sequeira, “As Bandas de Música”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 15-05-1973.

*todos os títulos digna de ser auxiliada pelos nossos considerados dirigentes governamentais»*²²¹².

Num contexto de esclarecimento entrevistou-se o Homero Apolinário, o qual tinha sido professor de teoria geral e instrumentação na *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT), sobre o papel de Pedro de Freitas nesta instituição²²¹³. Neste prisma, Homero Apolinário disse que Pedro de Freitas pôs em movimento o que a *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) tinha feito de bom. Deste modo, Homero Apolinário acentuou que Pedro de Freitas fora uma pessoa que exercia com rigor as incumbências que lhe eram propostas e que tinha uma capacidade de realizar eventos que mais ninguém naquela época podia fazer no âmbito da música²²¹⁴. Além disso, Homero Apolinário ainda fez um comentário relativamente às ideologias políticas implementadas pela política do *Estado Novo*, reflectindo que nessa altura havia consciência de muitas das repressões e autoritarismos exercidos pelo sistema político vigente. Porém, tinham de se submeter a esse espírito político para poderem fazer algo de positivo e, sobretudo, para não sofrerem represálias da parte do autoritarismo do regime político em vigor²²¹⁵.

Nesta conjuntura de interesses constataram-se não só as estratégias nacionalistas de “manipulação” que o regime político do *Estado Novo* pretendia impor nas massas de cidadãos que ocupavam o espaço territorial da nação portuguesa. Como tal, foi também necessário reconhecer a outra acepção “manipulada” que envolveu essa mesma ideologia nacionalista, a qual foi visível através das respostas a partir da

²²¹² II Congresso Nacional das Colectividades de Educação e Recreio, realizado em 1949 e proferido por Pedro de Freitas em Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIV)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 17-03-1954. Ver também Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIX)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 06-10-1954.

²²¹³ Entrevista a Apolinário, Homero, Linda-a-Velha, 24-06-2003.

²²¹⁴ Entrevista a Apolinário, Homero, Linda-a-Velha, 24-06-2003.

²²¹⁵ Entrevista a Apolinário, Homero, Linda-a-Velha, 24-06-2003.

assimilação, da reinterpretação, e da vivência do ideal nacionalista da parte das massas visadas²²¹⁶. De facto, não se pode ignorar que as massas representantes do grosso da comunidade portuguesa eram indivíduos que não só definiam como também interagiam (incluindo-se as suas pretensões de manipular) no seu espaço social. Assim, ainda que aparentemente se manifestasse uma conciliação com a política cultural do regime afim de se evitar represálias, subjacentemente às várias reinterpretações, respostas e iniciativas da parte de cada indivíduo, e em sentido geral da parte da sociedade civil, coexistiam contradições e desafios face às imposições ideológicas do sistema político em vigor, o qual, neste sentido, passava a ser manipulado²²¹⁷. O próprio Pedro de Freitas expressou ter consciência dos excessos de repressões do Governo gerido por António de Oliveira Salazar²²¹⁸. De facto, se não existissem estes interstícios, quase silenciosos, representativos de descontentamentos, de reivindicações, de sintonias ambivalentes em virtude de um outro ideal nacional da parte das massas, então jamais se assistiria à ruptura do regime político vigente através da Revolução do 25 de Abril de 1974²²¹⁹.

²²¹⁶ Smith, Anthony D., *The Nation in History: Historiographical Debates about Ethnicity and Nationalism*, Hanover, University Press of New England, 2000, p. 61.

²²¹⁷ Ó, Jorge Ramos do, *Os anos de Ferro: O dispositivo cultural durante a "Política do Espírito" 1933-1949*, Lisboa, Editorial Estampa, 1999, p. 34.

²²¹⁸ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal "O Distrito de Setúbal", 1976, pp. 72-81.

²²¹⁹ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal "O Distrito de Setúbal", 1976, pp. 72-81; Correia, Mário, *Música Popular Portuguesa: um ponto de Partida*, Coimbra, Edição Centelha - Mundo da Canção, 1984, p. 178; Ó, Jorge Ramos do, *Os anos de Ferro: O dispositivo cultural durante a "Política do Espírito" 1933-1949*, Lisboa, Editorial Estampa, 1999, p. 34.

~ × ~

Num contexto de interacção entre a macro e a micro-história foi possível visionar os vários objectivos que a política do *Estado Novo* engendrava na manipulação e no controlo das massas populares. Contudo, na tentativa de encenação de uma meta-narrativa totalizante, através de várias motivações às massas populares, a política oficial estava não só a iludir o poder do Estado na imposição dos seus objectivos como, paradoxalmente, dava guarida a que uma guerra silenciosa se começasse a manifestar da parte da sociedade civil. Era, efectivamente, através desta guerra silenciosa que as massas populares desafiavam consciente ou inconscientemente um governo muito bem guarnecido. Neste contexto, estudou-se a intervenção de Pedro de Freitas, o qual revelou-se como um indivíduo que se esforçou para que a “música do povo” tivesse bons alicerces associativos mediante a comparticipação do Estado. Porém, segundo Pedro de Freitas, os seus interesses em virtude da “música do povo” ultrapassavam qualquer pretensão política uma vez que ele dinamizava eventos culturais e recreativos nacionais através de várias instituições, fossem elas privadas ou oficiais, e tivessem elas conotações favoráveis ou divergentes relativamente à política oficial. Além do mais, esta prática, de usufruto das seduções da política do Estado, também era comum a outras entidades, mesmo que as mesmas se intitulassem de intervenção independente. Com efeito, por um lado, Pedro de Freitas foi manipulado pelas seduções que a política do *Estado Novo* oferecia a todos os cidadãos portugueses. Como tal, os escritos de Pedro de Freitas ofereceram discursos politizados, influenciados pelas teorias nacionalistas de carácter populista e pelas estratégias de “neutralização política” em voga no seu tempo, e, neste sentido, acabavam por revelar-se incoerentes com as suas justificações de um homem apolítico - embora ele nunca ambicionasse um posto político ou propagandeasse algum partido político de eleição. De facto, ao interagir com as instituições nacionais, Pedro de Freitas tinha de participar no jogo de tacto, de astúcia e de engenho que envolviam os estratagemas de manipulado verso manipulador, de acordo com os seus interesses populistas, nacionalistas e musicais. Desta forma, as respostas de Pedro de Freitas eram identificadas não só através das suas reinterpretações, expectativas e exigências,

como também através de alguns desafios que a sua filosofia de vida implicava face às pretensões da política oficial instituída. Contudo, os ideais defendidos por Pedro de Freitas pareceram ser totalmente inofensivos face aos olhos do sistema político oficial. Deste modo, os projectos protagonizados por Pedro de Freitas, em prol da “música do povo”, ao comungarem, ainda que num sentido ambivalente, das estratégias engendradas pela política do *Estado Novo* revelaram-se numa espécie de complementaridade e de aliciamento no cumprimento dos propósitos conjecturados a nível oficial. Neste sentido, Pedro de Freitas evidenciou-se como um defensor de uma música popular de bases oficiais, como um impulsionador da localidade, e como um líder mediador entre os interesses do Estado e as necessidades do povo, o que era adequado ao movimento da nacionalização das massas. Além do mais, Pedro de Freitas enaltecia a acção da FNAT como uma instituição benemérita a favor dos interesses das massas populares sem ter em conta que esta instituição favorecia os objectivos da política Salazarista. Porém, este meio também lhe era tacticamente favorável, uma vez que era um modo de ele poder justificar a sua colaboração “apolítica” na mesma. Contudo, não era totalmente possível que Pedro de Freitas se ausentasse da rede ambivalente de jogos estrategicamente variados, disfarçados e fragmentados que incluíam a dupla dimensão de manipulado/manipulador entre os seus objectivos e os da política vigente. Assim, as homenagens que Pedro de Freitas recebeu da parte dos representantes da política oficial revelaram que ele era considerado um indivíduo submisso que rigorosamente cumpria os serviços que lhe eram incumbidos, e que ele desempenhava um papel expressivo e criativo com interesse na concretização dos objectivos estipulados pela política do Estado. Porém, as iniciativas e actividades de Pedro de Freitas expressas através dos concursos nacionais, dos festivais, dos cursos de formação, das atribuições de prémios, bem como no âmbito da composição musical, na selecção de agrupamentos musicais, e na sugestão de deveres governamentais para com a “música do povo”, revelaram que ele fora não só influenciado pela linguagem cultural do seu tempo, como, na sua reinterpretação também fora responsável por um conjunto de iniciativas em prol dos seus interesses. Por sua vez, essas iniciativas mediatizaram, interagiram e, de certa forma, também condicionaram em seu benefício e em prol da “música do povo” a actuação das estruturas ideológico-políticas do seu tempo.

4.2.2. Reivindicações e sugestões em prol de uma sociedade mais justa

Foi sobretudo através da imprensa periódica nacional que Pedro de Freitas assumiu uma postura mais reivindicadora face ao que na sua óptica considerava de injustiças sociais: «*Foram sessenta e cinco anos profícuos a dar à comunidade o meu sentir, o meu estilo, as minhas graças e os meus pecados, tudo a bem da cultura e de uma educação cívica que me elevou no conceito da Sociedade que servi. Estes meus artigos são bem a minha voz que fica, depois de eu fechar os olhos, a falar às gerações que me sucederão*»²²²⁰. Deste modo, a partir da leitura dos seus artigos, em diversos periódicos, e de alguns capítulos da sua obra literária, procedeu-se a um estudo sobre a sua faceta lutadora e disciplinadora a favor dos interesses sociais²²²¹. Neste sentido, Pedro de Freitas revelou-se através de um carácter impregnado de um forte sentimento nacionalista em virtude das localidades que ele nutria vínculos mais profundos, em benefício dos interesses dos cidadãos portugueses, e na defesa da sua nação. Sem embargo, num sentido geral, constatou-se que estas lutas e idealizações da parte de Pedro de Freitas também simbolizavam um propósito do autor dar sentido à

²²²⁰ Freitas, Pedro de, Fonte Manuscrita (Barreiro, 19 de Março de 1982), Em 2.^a Série do 3.^o Livro “Os meus artigos e alguns extras 1965 a 1982”, Pedro de Freitas, n.º 113 A, p. 415, [82-9 FRE/MEU, *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; Ver também Freitas, Pedro de “Quem nos governa, então?”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 02-11-1978; Freitas, Pedro de, [com o pseudónimo de Zé Consumidor], “Quem Nos Explora?!..”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 29-06-1978.

²²²¹ Freitas, Pedro de, “Tempos passados, recordações sentidas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 23-07-1981. Ver Epstein, William H. (ed.), *Contesting the Subject: Essays in the Postmodern Theory and Practice of Biographical Criticism*, Indiana, Purdue University Press, 1991; Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, p. 44.

sua vida, de produzir e de moldar a memória cultural colectiva das massas, e de pacificar a sua nação no seio das nações do mundo²²²².

No início da sua actividade jornalística, Pedro de Freitas deixou logo transparecer a manifestação de um temperamento de liderança no seguimento dos seus objectivos²²²³. No entanto, muitos dos seus artigos de imprensa periódica, e em algumas partes da sua obra literária, além de terem representado uma componente de crítica social, também ofereciam sugestões e conselhos para minorarem as causas sintomáticas desses mesmos problemas político-sociais. Neste sentido, o objectivo de Pedro de Freitas era não só usufruir de uma boa receptibilidade da parte do público leitor como também responsabilizar, ensinar, alertar e aconselhar esse mesmo público perante alguns problemas e dificuldades peculiares do quotidiano²²²⁴. Por isso, com um estilo muito pessoal e, por vezes, com um ténue sentido de sátira social, estas reivindicações simbolizavam mecanismos que impunham redutos para a evolução

²²²² Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979; Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991; Mckim, Robert e McMahan, Jeff (ed.), *The Morality of Nationalism*, New York, Oxford, Oxford University Press, 1997, pp. 184-186; 262; Wimmer, Andreas: “Ethnic Exclusion in Nationalizing States”, Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, p. 334; Haugaard, Mark: “Nationalism and Liberalism”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, p. 344; Pekacz, Jolante T.: “Memory, History and Meaning: Musical Biography and its Discontents”, *Journal of Musicological Research*, n.º 23, London, Routledge, Taylor & Francis Group, pp. 51; 57-58.

²²²³ Freitas, Pedro de (com o pseudónimo de Zé Verdades), “Ordem ou Desordem!...”, Em *O Sul e Sueste*, Barreiro, 17-04-1924; Freitas, Pedro de, “Na Miséria”, Em *O Sul e Sueste*, Barreiro, 31-12-1923.

²²²⁴ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976; Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955; Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946; Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954; Mckim, Robert e McMahan, Jeff (ed.), *The Morality of Nationalism*, New York, Oxford, Oxford University Press, 1997, pp. 202; Trope, Yaacov e Gaunt, Ruth: “Attribution and Person Perception”, Em A. Hogg, Michael e Cooper, Joel (ed.), *The Sage Handbook of Social Psychology*, Los Angeles, London, Sage Publications, 2007, p. 190.

mental e material do estrato popular, o qual simbolizava o alvo colectivo que, maioritariamente, a obra de Pedro de Freitas procurava mediatizar²²²⁵.

Com efeito, através do carácter das suas reivindicações, Pedro de Freitas confrontava a sua visão de um “nacionalismo” que correspondia aos seus ideais nacionalistas com um outro “nacionalismo” que representava as discrepâncias vividas na realidade quotidiana²²²⁶. Porém, tanto o “nacionalismo” idealizado por Pedro de Freitas como a outra dimensão por ele contestada fundamentavam-se a partir das especificidades do fenómeno do nacionalismo vividas no seu tempo contextual²²²⁷. Como tal, ambas as dimensões estavam impregnadas na sua vida diária, sendo analisadas a partir das suas reinterpretações narrativo-discursivas²²²⁸. Deste modo, tanto o “nacionalismo” idealizado como o “nacionalismo” confrontado por Pedro de Freitas apresentaram as duas vertentes do nacionalismo, profundamente interconectadas uma na outra, isto é, a parte mais cívica-oficial (associada às ideias de cidadania regulamentadas por leis oficiais), e a parte mais étnica-biológica (composta por crenças culturais e por

²²²⁵ Freitas, Pedro de, *Em França: trinta anos depois*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1950, [p. XI].

²²²⁶ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991; Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, p. 41.

²²²⁷ Searle-White, Joshua, *The Psychology of Nationalism*, New York, Palgrave, 2001; Kellas, James G., *The Politics of Nationalism and Ethnicity*, New York, ST. Martin’s Press, 1998; Langman, Laurel: “The Social Psychology of Nationalism: To Die for the Sake of Strangers”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 66-83; Billing, Michael, *Banal Nationalism*, London, Sage Publications, 2002.

²²²⁸ Searle-White, Joshua, *The Psychology of Nationalism*, New York, Palgrave, 2001; Kellas, James G., *The Politics of Nationalism and Ethnicity*, New York, ST. Martin’s Press, 1998; Langman, Laurel: “The Social Psychology of Nationalism: To Die for the Sake of Strangers”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 66-83; Billing, Michael, *Banal Nationalism*, London, Sage Publications, 2002; Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1976; Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1955.

convicções peculiares da singularidade do indivíduo, consideradas, em última análise, psicologicamente verdadeiras)²²²⁹.

Com efeito, a partir do “nacionalismo” idealizado por Pedro de Freitas verificou-se que umas vezes ele protagonizava pela parte mais “étnica” enquanto outras vezes pela parte mais “cívica”, assumindo uma postura activa perante o que considerava injusto na sociedade²²³⁰. Assim sendo, num certo sentido, ao transformar-se num interlocutor inconformista perante a estrutura político-cultural estabelecida, Pedro de Freitas estava a reagir face à dimensão do “nacionalismo” que não correspondia às suas expectativas²²³¹. Deste modo, em última instância, e ainda que num contexto especificamente nacional, Pedro de Freitas contribuía, a partir de um ponto de vista micro-analítico, para dar expressão e compreensão ao fenómeno do nacionalismo na sua totalidade²²³². Com efeito, Pedro de Freitas assumia-se como um protagonista idealista que, a partir das reinterpretações marcadamente nacionalistas do seu ‘universo existencial’, demonstrava a pretensão de num sentido geral transformar o mundo e num sentido particular transformar o estado de passividade peculiar do povo português. Para tal, Pedro de Freitas suscitava uma vontade que dava mais interesse e

²²²⁹ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946; McCrone, David: “Nations and Regions: In or Out of the State?”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, p. 238; Searle-White, Joshua, *The Psychology of Nationalism*, New York, Palgrave, 2001, p. 53.

²²³⁰ Eriksen, Thomas Hylland, *Ethnicity and Nationalism Anthropological Perspectives*, London, Pluto Press, 1993, p. 119; Eriksen, Thomas: “Ethnicity and Nationalism”, Em Spencer, Philip and Wollman, Howard, *Nations and Nationalism A Reader*, New Brunswick, New Jersey, Rutgers University Press, 2005, p. 147; Moore, Margaret: “On National self-determination”, Em Spencer, Philip and Wollman, Howard, *Nations and Nationalism A Reader*, New Brunswick, New Jersey, Rutgers University Press, 2005, p. 233.

²²³¹ Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, p. 41.

²²³² Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976; Clarke, Desmond M. e Jones, Charles: “Introduction: Liberalism, Nationalism and Self-Determination”, Em Clarke, Desmond M. e Jones, Charles, *The Rights of Nations: Nations and Nationalism in a Changing World*, Cork, Cork University Press, 1999, p. 1.

sentido à vida, ao mesmo tempo que promovia uma postura mais activa imanente à voz do povo português²²³³. Além disso, numa análise geral, os artigos de imprensa periódica escritos por Pedro de Freitas definem-se mais através de um espírito reactivo e protestante do que por uma atitude condescendente face à postura da sociedade e da política vigente, o que acabou por revelar, ainda que contrariamente à pretensão das suas declarações apolíticas, a sua prestação parcial quanto à vida política da nação²²³⁴. No estudo da obra jornalística e literária de Pedro de Freitas verificou-se que uma das críticas mais persistentes fora a sua negação face às guerras, uma vez que ele considerava que estas não tinham um propósito nem um fim que justificasse a sua prossecução²²³⁵. Pedro de Freitas não só condenou veementemente as guerras, como já foi exposto no capítulo relativo a esta temática, mas os seus escritos também assumiram uma função educativa, ao consciencializar o leitor face à tragédia que envolvia uma guerra. Neste sentido, já no ano de 1917, no quotidiano da guerra, Pedro de Freitas não só descreveu com um realismo impressionante os efeitos destrutivos causados pelo bombardeamento de um boche alemão, mas, mais do que isso, para enfatizar um sentimentalismo maior ele foi capaz de transpor hipoteticamente essa tragédia para um contexto pessoal e familiar, o qual poderia ter

²²³³ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976; Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 537; Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991.

²²³⁴ Freitas, Pedro de, “Um dia depois dos meus 90 anos”, Em *Jornal do Barreiro*, Barreiro, 25-05-1984; Freitas, Pedro de, “Um Ano Mais na Existência de «O Algarve»”, Em *O Algarve*, Faro, 30-03-1947; Freitas, Pedro de, “Pelo Progresso da Música Louletana (I)”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 26-12-1926; Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 25-8-1938; Freitas, Pedro de (com o pseudónimo de Zé Verdades), “Num Regimen de arbitrariedades (Carapuça para quem servir)”, Em *O Sul e Sueste*, Barreiro, 31-05-1924; Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 69.

²²³⁵ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935; Freitas, Pedro de, “A Minha Viagem para a Guerra”, Em *Correio do Sul*, Faro, 19-03-1970.

acontecido por exemplo na sua terra natal²²³⁶. Sem embargo, era com pesar que Pedro de Freitas constatava que as guerras iriam desencadear-se sempre na sociedade humana. Se há cinquenta e três anos, na qualidade de tropa, Pedro de Freitas tinha desembarcado em Brest para combater na *Primeira Grande Guerra Mundial*, presentemente, isto é, nos anos setenta do século XX, ele assistia à designada *Guerra do Ultramar* (1961-1974), através da qual partiam os seus netos para Guiné-Bissau, Angola e Moçambique²²³⁷.

Uma outra reivindicação, acentuada por Pedro de Freitas, manifestou-se contra as injustiças peculiares na classe dos ferroviários²²³⁸. Deste modo, já nos anos vinte do século XX, Pedro de Freitas criticava as precárias condições económicas que estes eram sujeitos, cujos salários eram insuficientes para o sustento familiar. Por isso, na mira de ser atendido face aos propósitos que reivindicava, Pedro de Freitas apelava aos chefes que superintendiam desses serviços ferroviários, cujo objectivo era que aquelas situações desesperantes fossem contempladas²²³⁹. Porém, nas reivindicações mais direccionadas com a sua situação profissional, Pedro de Freitas usou algumas vezes o pseudónimo de Zé Verdades. Nestes artigos, destacou-se uma crítica de Pedro de Freitas face a uma ordem que tinha sido comunicada pelo chefe de serviço - Engenheiro Ramalho Ortigão, através da qual este exigia que os revisores no exercício da sua profissão, principalmente quando estivessem no salão-restaurante, não usassem o boné nem o distintivo que os qualificava do seu cargo de revisores ferroviários²²⁴⁰. Neste contexto, Pedro de Freitas contestou esta ordem considerando-a

²²³⁶ Freitas, Pedro de, “Carta de Expedicionarios”, Em *O Primeiro de Maio*, Loulé, 13-09-1917.

²²³⁷ Freitas, Pedro de, “A Minha Viagem para a Guerra”, Em *Correio do Sul*, Faro, 19-03-1970.

²²³⁸ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954.

²²³⁹ Freitas, Pedro de, “Na Miseria”, Em *O Sul e Sueste*, Barreiro, 31-12-1923.

²²⁴⁰ Freitas, Pedro de (com o pseudónimo de Zé Verdades), “Ordem ou Desordem!...”, Em *O Sul e Sueste*, Barreiro, 17-04-1924.

uma iniquidade e falta de respeito face aos profissionais ferroviários porque, os quais, ao usarem o boné debaixo do braço pareciam estar a pedir esmola e, por outro lado, ao não usufruírem do distintivo que os qualificava da sua posição de revisores podiam ser desrespeitados. Por sua vez, Pedro de Freitas ainda atribuiu as culpas destas humilhações ao sistema político em vigor: «*Porém, só agora, no modernismo democrático, é que a mesma sofre punhaladas de morte por desprestígio, por vexames, que vão ao ponto de se admoestar os autênticos e antigos revisores em público*»²²⁴¹. Uma outra crítica, neste contexto, foi direccionada à falta de autoridade moral da parte dos revisores e ao não cumprimento das multas impostas pelos mesmos, principalmente nos casos em que essas coimas eram aplicadas a figuras de altas classes sociais: «*Que sejam superiores, está certo, mas atropelarem os regulamentos, desautorizando os seus subordinados, ferindo susceptibilidades quando se trata dum meio social elevado - isso não! Coerência, moralidade, imparcialidade, carácter e... tacto, muito tacto é que é preciso, senhores. Alerta fica o Zé Verdades*»²²⁴². Na sequência de porta-voz das injustiças laborais, Pedro de Freitas contestou, ainda, a existência de irregularidades no pagamento mensal do número total das horas exercidas pelos trabalhadores, e a falta de organização nos critérios de reconhecimento do escalão de serviço de cada trabalhador²²⁴³.

Além disso, ainda nos anos vinte do século XX, Pedro de Freitas decidiu enveredar na defesa dos direitos dos operários a nível sindical. Neste contexto, Pedro de Freitas salientou a nova comissão administrativa que passava a representar a classe ferroviária do *Sul e Sueste*, valorizando sobretudo a união dos operários em prol dos

²²⁴¹ Freitas, Pedro de (com o pseudónimo de Zé Verdades), “Ordem ou Desordem!...”, Em *O Sul e Sueste*, Barreiro, 17-04-1924.

²²⁴² Freitas, Pedro de (com o pseudónimo de Zé Verdades), “Num Regimen de arbitrariedades (Carapuça para quem servir)”, Em *O Sul e Sueste*, Barreiro, 31-05-1924.

²²⁴³ Freitas, Pedro de (com o pseudónimo de Zé Verdades), “Irregularidades prejudiciais”, Em *O Sul e Sueste*, Barreiro, 27-09-1924.

seus direitos colectivos: «*Apelando sincera e imparcialmente para a harmonia de todos os sindicatos, era a minha maior alegria ver os ferroviários congregados no mesmo reduto sindical, sem dissidências, sem ódios pessoais, sem rancores até, para que um por todos e todos por um, dêem as mãos numa confraternização sincera e solida, porque só assim o nosso Sindicato poderá viver, poderá progredir, poderá, enfim, ser o significado insofismável da colectividade que representa, com guarida de todos os credos políticos, religiosos ou outros, mas com uma só orientação: defesa dos interesses económicos e morais da classe, obrigando todos sob o pendão desfraldado do único e legítimo representante da classe, que é o nosso sindicato*»²²⁴⁴.

Segundo Pedro de Freitas, o sindicato era uma forma de emancipação da classe ferroviária, através do qual era possível a reivindicação e conseqüentemente a prossecução de melhores condições de trabalho. Neste prisma, Pedro de Freitas também valorizou o espírito de reivindicação e de união a favor de um futuro melhor implicado nos movimentos grevistas, salientando, por exemplo, a greve ocorrida a 30 de Setembro de 1920²²⁴⁵. Em contrapartida, após muitos anos de distância face a esses acontecimentos, isto é, nos anos oitenta do século XX, Pedro de Freitas chegava a conclusões diferentes relativamente a esses mesmos movimentos grevistas, o que revelava uma transformação progressiva na sua personalidade e na sua forma crítica de pensar sobre o contexto político-social do seu tempo existencial²²⁴⁶. Neste sentido, Pedro de Freitas passava a considerar que nas grandes greves nacionais, ocorridas em 1919 e em 1920, os que mais tinham sofrido os seus efeitos tinham sido os próprios

²²⁴⁴ Freitas, Pedro de (com o pseudónimo de Zé Verdades), “A nova Comissão Administrativa”, Em *O Sul e Sueste*, Barreiro, 20-07-1925.

²²⁴⁵ Freitas, Pedro de (com o pseudónimo de Zé Verdades), “A nova Comissão Administrativa”, Em *O Sul e Sueste*, Barreiro, 20-07-1925; Freitas, Pedro de, “Pelo Sindicato Ferroviário - Mais Um Ano”, Em *O Sul e Sueste*, Barreiro, 21-11-1926.

²²⁴⁶ Freitas, Pedro de, “A Greve dos Maquinistas...”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 16-06-1981.

grevistas. Além do mais, a greve dos maquinistas não só afectava as outras pessoas que necessitavam de trabalhar como, conseqüentemente, atingia a economia do país. Como tal, Pedro de Freitas constatou sobre a ineficácia das greves porque as mesmas eram apenas teorias de efeitos ideológicos que, paradoxalmente, só iriam servir os fins políticos²²⁴⁷.

Nomeadamente desde os anos vinte do século XX, nas situações laborais particularmente difíceis, Pedro de Freitas era capaz de chamar a atenção dos dirigentes, expondo audaciosamente o seu caso particular: «*Senhores dirigentes. – Não sou, felizmente ou infelizmente, um revoltado ideológico. Sou apenas um revoltado em presença dos factos, porque, sendo um chefe de família que honrada e amargamente zela pelos interesses de administração que vós sois os dirigentes, apenas tenho como recompensa do meu trabalho produtivo, a miséria, de braço dado com a fome, no lar do qual sou o chefe*»²²⁴⁸. Neste contexto, Pedro de Freitas também escreveu uma crítica direccionada ao chefe de *Serviço de Fiscalização dos Revisores de Bilhetes dos Caminhos de Ferro*. Nessa crítica, Pedro de Freitas contestou o facto desse chefe de serviço ter fundado um Sanatório na vila de S. Brás de Alportel em vez de se preocupar com as precárias condições dos trabalhadores seus subordinados²²⁴⁹. Porém, diga-se que, por um lado, Pedro de Freitas era um louletano bairrista e que, por outro lado, haviam rivalidades e querelas entre estas duas vilas algarvias (isto é, entre Loulé e S. Brás de Alportel)²²⁵⁰. Efectivamente, se o dito Sanatório pertencente à vila de S. Brás de Alportel tivesse sido construído em Loulé, certamente, Pedro de

²²⁴⁷ Freitas, Pedro de, “A Greve dos Maquinistas...”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 16-06-1981.

²²⁴⁸ Freitas, Pedro de (com o pseudónimo de Zé Verdades), “Com vista aos senhores dirigentes”, Em *O Sul e Sueste*, Barreiro, 31-07-1925.

²²⁴⁹ Freitas, Pedro de (com o pseudónimo de Zé Verdades), “Pelo serviço de Fiscalização”, Em *O Sul e Sueste*, Barreiro, 13-11-1926.

²²⁵⁰ Freitas, Pedro de, “Velha aspiração o desvio da linha do caminho de Ferro”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 01-06-1939; Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, pp. 24-25.

Freitas não teria reagido tão negativamente. Deste modo, Pedro de Freitas indignado sugestionou que a intenção desse chefe de *Serviço de Fiscalização dos Revisores de Bilhetes dos Caminhos de Ferro* talvez fosse de canalizar os seus trabalhadores doentes de tuberculose para essa estância hospitalar: «*como seu chefe de serviço, o fundador do sanatório, que por este seu indiferentismo à vida dos subordinados, mais parece querer arranjar doentes para ocupar as camas do sanatório, de que como devia e deve, de combater a propagação da tuberculose*»²²⁵¹. Contudo, ainda nos anos vinte do século XX, Pedro de Freitas criticou a classe dos trabalhadores ferroviários, especialmente na área dos revisores de bilhetes dos caminhos de ferro onde ele próprio estava inserido. Neste contexto, Pedro de Freitas salientou que os trabalhadores ferroviários além de não serem unidos eram reservados, subservientes e medrosos. Segundo Pedro de Freitas, estas características constituíam as principais razões que justificavam as injustiças que, conseqüentemente, a classe ferroviária tinha de suportar²²⁵².

Nos anos quarenta do século XX, e no âmbito dos transportes públicos, Pedro de Freitas manifestou que a concorrência da camionagem afectava a economia ferroviária. Neste sentido, as estações dos autocarros usufruíam de vantagens relativamente às estações ferroviárias porque enquanto as primeiras localizavam-se dentro das localidades as segundas (isto é, as estações dos comboios) tinham sido construídas em locais afastados dos aglomerados populacionais²²⁵³. Além do mais, Pedro de Freitas ainda comparou a estrutura ferroviária da Bélgica com a de Portugal, e mediante uma estratégia pedagógica propôs que os ferroviários portugueses

²²⁵¹ Freitas, Pedro de (com o pseudónimo de Zé Verdades), “Pelo serviço de Fiscalização”, Em *O Sul e Sueste*, Barreiro, 13-11-1926.

²²⁵² Freitas, Pedro de, “Resposta às “Notas e Impressões”, Em *O Sul e Sueste*, Barreiro, 15-08-1926.

²²⁵³ Freitas, Pedro de, “A nova estação de Vila Real de Santo António será possível?”, Em *Vida Ferroviária - suplemento do “1 de Maio”*, Barreiro, 01-01-1940.

realizassem excursões dirigidas pelos seus superiores a países estrangeiros: «constituíriam óptimo elemento de instrução profissional»²²⁵⁴.

Nos assuntos políticos, desde os anos vinte do século XX, Pedro de Freitas fazia apelos para que todos os seres humanos deixassem os facciocismos e seguissem a via da imparcialidade²²⁵⁵. Neste sentido, Pedro de Freitas valorizava os periódicos regionais que eram politicamente independentes, uma vez que considerava ser essa a única via para que os mesmos pudessem defender os valores sociais a favor da educação²²⁵⁶. Por outro lado, nos finais dos anos quarenta do século XX, numa altura áurea da política Salazarista, Pedro de Freitas teve a audácia de considerar que a falta de educação e de respeito se devia sobretudo à repressão política que o país estava a atravessar: «as indoles de cada um não foram ainda forjadas na bigarna da educação e da moralidade necessárias, de modo a evitarem-se os grandes inconvenientes que tem sido a causa da liberdade dos indivíduos e das classes sofrerem o controlo de leis especiais pró repressão de excessos condenatórios»²²⁵⁷.

Nos anos oitenta do século XX, ao especular sobre um artigo da autoria do Marchal Manuel de Oliveira Gomes da Costa, Pedro de Freitas anuiu que o país mais fraco era sempre vítima do mais forte²²⁵⁸. No caso de Portugal, o principal objectivo da intervenção da nação portuguesa na *Primeira Grande Guerra Mundial* tinha sido o interesse em se salvaguardar as popularmente designadas “colónias portuguesas”.

²²⁵⁴ Freitas, Pedro de, “Impressões de Viagem”, Em *Boletim da C. P.*, Lisboa, Abril de 1949.

²²⁵⁵ Freitas, Pedro de, “Pelo Progresso da Música Louletana (I)”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 26-12-1926; Freitas, Pedro de, “Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 25-8-1938.

²²⁵⁶ Freitas, Pedro de, “Pelo Progresso da Música Louletana (I)”, Em *Alma Algarvia* Loulé, 26-12-1926; Freitas, Pedro de, “Um Ano Mais na Existência de «O Algarve»”, Em *O Algarve*, Faro, 30-03-1947.

²²⁵⁷ Freitas, Pedro de, “Coisas de Outros Tempos uma Assembleia de Classe dominada pelo exemplo da esperteza de um rato”, Em *O Algarve*, Faro, 23-11-1947.

²²⁵⁸ Manuel de Oliveira Gomes da Costa, nasceu e morreu em Lisboa, de 14 de Janeiro de 1863, a 17 de Dezembro de 1929, respectivamente. Manuel de Oliveira Gomes da Costa foi oficial do exército e político português, foi o décimo presidente da República Portuguesa e o segundo da Ditadura Nacional, Em *Wikipédia*, [On-line], <http://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_de_Oliveira_Gomes_da_Costa>, [consulta: 05 de Setembro de 2008].

Sem embargo, Portugal acabou por perdê-las independentemente das resoluções estipuladas através do *Armistício*²²⁵⁹. Neste sentido, segundo Pedro de Freitas, as ideologias políticas eram as responsáveis pela descolonização do património que os antepassados portugueses tinham conquistado no continente africano e no continente asiático. Além do mais, em nome dessas ideologias tinha-se arrastado o país para o infortúnio, uma vez que através da celebre: «*descolonização exemplar*» a nação portuguesa ficava reduzida à sua expressão mais simples²²⁶⁰. Em relação a este tema, já em meados dos anos sessenta do século XX, Pedro de Freitas tinha direccionado uma crítica sobre a invasão criminosa de Goa, Damão e Diu pela *União Indiana*²²⁶¹. Ainda neste contexto, nos anos setenta do século XX, Pedro de Freitas tinha atribuído as culpas ao Ministro da Defesa por este não ter prestado auxílio ao chefe comandante de Goa e aos soldados portugueses que se encontravam na Índia Portuguesa, sobretudo na altura em que os mesmos solicitaram ajuda²²⁶². Ainda que este acontecimento da perda da “Índia Portuguesa” já tivesse ocorrido há treze anos, Pedro de Freitas continuava a apelar para que o dito assunto não fosse esquecido²²⁶³.

Uma outra crítica contundente expressa por Pedro de Freitas no final dos anos cinquenta do século XX, durante a imposição da política Salazarista, fora evidenciada em relação à falta de qualidade dos alimentos e às intenções criminosas que o consumidor estava quotidianamente sujeito²²⁶⁴. Porém, já em meados dos anos trinta do século XX, numa altura de várias repressões, procedentes da autoridade da política

²²⁵⁹ Freitas, Pedro de, “O Último Artigo do Marchal Gomes da Costa”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 10-04-1980.

²²⁶⁰ Freitas, Pedro de, “As actuais ideologias destronaram as tradições históricas dos nossos antepassados”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 29-01-1981.

²²⁶¹ Freitas, Pedro de, “Pérola Roubada”, Em *Heraldo*, Lisboa, 18-12-1966.

²²⁶² Freitas, Pedro de, “Não Esquecer os Homens da Índia”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 18-06-1974.

²²⁶³ Freitas, Pedro de, “Não Esquecer os Homens da Índia”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 18-06-1974.

²²⁶⁴ Freitas, Pedro de, “Aspectos da vida do povo consumidor”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 03-08-1958.

Salazarista, Pedro de Freitas já tinha igualmente reivindicado contra o agravamento dos custos de vida através da constatação que o seu ordenado era sempre o mesmo e que, em contrapartida, os produtos de consumo subiam em ordem não compensatória. Como resultado desta inflação os seus rendimentos salariais eram quase insuficientes para o sustento familiar²²⁶⁵. Neste contexto, nos finais dos anos setenta do século XX, Pedro de Freitas responsabilizava os políticos pelo aumento do preço dos produtos alimentares. Neste contexto, Pedro de Freitas lamentava que, paradoxalmente, por um lado, eram os políticos que gritavam nos comícios contra as dificuldades peculiares da vida, porém, por outro lado, eram também os políticos que exploravam o povo em virtude do seu próprio benefício²²⁶⁶.

Porém, como já foi mencionado, foi sobretudo a partir de meados dos anos setenta do século XX (revelando a sabedoria de um homem que já tinha ultrapassado o nível etário de um octogenário), a altura em que Pedro de Freitas passou a manifestar uma postura muito mais crítica e céptica em relação à anarquia política vivida a nível nacional. Deste modo, Pedro de Freitas concluía que em vez de um Governo votado ao cumprimento da constituição assistia-se à indisciplina e à dispolaridade de interesses. Os políticos, os deputados, os sindicatos, as comissões, e outros movimentos, entravam em conflito na pretensão da manipulação do poder e da autoridade, subornando o Governo Constitucional aos seus destemperos²²⁶⁷.

Uma outra crítica, enfatizada por Pedro de Freitas, relacionou-se com a classe social que ele designava de “novos ricos”²²⁶⁸. Com efeito, nestas críticas sociais, Pedro de

²²⁶⁵ Freitas, Pedro de, “O custo da vida”, Em *O Barreiro*, Barreiro, 17-12-1936.

²²⁶⁶ Freitas, Pedro de (com o pseudónimo de Zé Consumidor), “Quem Nos Explora?!..”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 29-06-1978.

²²⁶⁷ Freitas, Pedro de, “Quem nos governa, então?”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 02-11-1978.

²²⁶⁸ Freitas, Pedro de, “Os novos ricos e as lenhas do Vale do Sado”, Em *Correio do Sul*, Faro, 30-10-1969.

Freitas deixava, por vezes, transparecer uma dimensão de sátira social²²⁶⁹. Deste modo, já nos anos trinta do século XX, no exercício da sua função de revisor ferroviário, era frequente que Pedro de Freitas através do seu espírito de observação contestasse comportamentos sociais que se revelassem desproporcionados entre o luxo e a cultura. Sobre este assunto, Pedro de Freitas deixou uma reflexão pendente: *«Se fosse possível a vaidade pagar imposto! Se se pudesse relacionar o exterior com o interior – quer dizer: o luxo com a sabedoria de cada um! Quantos desaires, quantas desilusões não se evitariam?»*²²⁷⁰.

Numa lógica de contestação social, Pedro de Freitas também fez uma analogia do carnaval como a festa dos disfarces e o “carnaval” peculiar das “máscaras” do cinismo e da hipocrisia, o que afinal caracterizava a vida do quotidiano. Neste âmbito, nos anos quarenta do século XX, numa época de imposição da política Salazarista, a conclusão de Pedro de Freitas era que cada um tinha a sua máscara de acordo com o salvaguardar dos seus interesses, e neste prisma ele incluiu-se a si mesmo: *«E como nem a todos é aplicado o santo remédio das suas satisfações, daí as manifestações dos descontentes que também, valha a verdade dizer-se, impondo as suas máscaras, só vêm e aceitam as coisas pelo lado dos seus desejos, dos seus interesses. A vida tem máscaras para todos. Cada um ponha a sua. – Eu ponho a minha a meu modo!»*²²⁷¹.

Porém, na sequência das críticas associadas à sátira social, Pedro de Freitas ainda escreveu uma divagação e reflexão sobre a mentira e a verdade. Neste prisma, foi também nos anos quarenta do século XX que Pedro de Freitas constatou que muitas vezes julgavam-se por bem as pessoas que pertenciam às altas classes da sociedade,

²²⁶⁹ Freitas, Pedro de, “Os novos ricos e as lenhas do Vale do Sado”, Em *Correio do Sul*, Faro, 30-10-1969.

²²⁷⁰ Freitas, Pedro de, “Tou sastfêto”, Em *O Barreiro*, Barreiro, 04-02-1937.

²²⁷¹ Freitas, Pedro de, “O Carnaval da Vida – Máscaras”, Em *O Algarve*, Faro, 04-08-1946.

no entanto, essas pessoas nem sempre eram dotadas de bons sentimentos²²⁷². Num sentido geral, e ainda nos anos quarenta do século XX, Pedro de Freitas criticava a inveja, os ódios pessoais e outros desequilíbrios da sociedade, apelando para uma relação de concórdia entre todos: «*a afinação da orquestra humana onde todos poderiam ter o seu assento sossegado e tranquilo*»²²⁷³. Deste modo, através do retrato biográfico do padre Cruz, Pedro de Freitas mostrava um exemplo paradigmático das virtudes morais que se deveriam de ter em conta no âmbito social, o que também revelava tendencialmente a integridade moral que sempre caracterizou a sua personalidade (de Pedro de Freitas): «*Padre Cruz não conhecia ódios pessoais ou políticos; para si todos eram irmãos queridos; não fugia do pedinte ou leproso, não conhecia o vaidoso luxo e a cínica ostentação da grandeza que domina a vida dos homens*»²²⁷⁴. Relativamente a este artigo de imprensa periódica, Pedro de Freitas fora informado que o mesmo iria fazer parte do processo de beatificação deste padre²²⁷⁵. Sem embargo, nos anos cinquenta do século XX, a conclusão de Pedro de Freitas era que na sequência dos vícios, das invejas e das lutas sociais condicionavam-se as guerras, que no seu parecer simbolizavam as maiores calamidades e injustiças do mundo²²⁷⁶. Além disso, outras críticas e sugestões de âmbito social contempladas por Pedro de Freitas foram, por exemplo, o chamar à atenção do excesso de velocidade nas vias públicas, apelando para mais precaução nas estradas²²⁷⁷; ou o alertar às famílias com crianças para o perigo de terem armas carregadas em casa²²⁷⁸.

²²⁷² Freitas, Pedro de, “Divagando”, Em *O Algarve*, Faro, 17-08-1947.

²²⁷³ Freitas, Pedro de, “Tribuna Livre Tempestades da vida”, Em *O Algarve*, Faro, 13-06-1948.

²²⁷⁴ Freitas, Pedro de, “Morreu o Padre Cruz”, Em *O Algarve*, Faro, 10-10-1948.

²²⁷⁵ Freitas, Pedro de, “Morreu o Padre Cruz”, Em *O Algarve*, Faro, 10-10-1948.

²²⁷⁶ Freitas, Pedro de, “O Senhor Carestia”, Em *A Província*, Montijo, 24-05-1956.

²²⁷⁷ Freitas, Pedro de, “O Perigo das Velocidades”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 04-09-1949.

²²⁷⁸ Freitas, Pedro de, “Cuidado com as crianças”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 01-07-1975.

No Barreiro, nos anos cinquenta do século XX, Pedro de Freitas apelava para que não fosse permitida a infiltração de mais pedintes, os quais molestavam as pessoas a toda a hora e provocavam a desordem nos locais públicos²²⁷⁹. Ainda em relação ao Barreiro, sobretudo nos anos cinquenta e setenta do século XX, Pedro de Freitas criticou os efeitos nefastos da poluição, sobretudo para quem vivesse nas proximidades da zona industrial²²⁸⁰.

Com efeito, foi no âmbito da “música do povo” que Pedro de Freitas mais manifestou as suas inquietudes através de reparos e de elogios por ele considerados oportunos. Por isso, como estímulo, Pedro de Freitas valorizava e publicitava as bandas filarmónicas por as mesmas proporcionarem momentos de lazer e de convívio aos povos trabalhadores. Neste contexto, nos anos trinta do século XX, Pedro de Freitas propugnava que especialmente as Sociedades Filarmónicas da mesma localidade mantivessem relações de fraternidade e de amizade entre si²²⁸¹. Porém, era sempre com grande consternação que Pedro de Freitas anunciava que uma banda filarmónica da sua estima deixava de existir²²⁸². Por isso, com o objectivo que as *Sociedades de Recreio* com bandas civis pudessem ultrapassar a crise que estavam a enfrentar, Pedro de Freitas apelava, desde os finais dos anos vinte do século XX, para princípios de associativismo oficializado com a função que as mesmas fossem consideradas como uma utilidade pública, isto é, que fossem protegidas através de uma lei que regulamentasse a sua acção e que, sobretudo, lhes conferisse assistência oficial²²⁸³.

²²⁷⁹ Freitas, Pedro de, “A mendicidade no Barreiro”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 29-07-1958.

²²⁸⁰ Freitas, Pedro de, “Como se vive no Barreiro... Tosse, Choro e Cinzas!”, Em *O Povo Algarvio*, Tavira, 08-02-1959; Freitas, Pedro de, “Pelo Barreiro Gazes e Fumos”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 11-05-1971.

²²⁸¹ Freitas, Pedro de, “Ecos de uma Festa”, Em *O Barreiro*, Barreiro, 18-10-1938.

²²⁸² Freitas, Pedro de, “A Banda de Tavira Vai Acabar!”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 01-02-1948.

²²⁸³ Freitas, Pedro de, “A Música Popular, parte integrante da vida da Nação (2.ª Parte)”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 28-08-1949; Freitas, Pedro de, “Pelo Progresso da Música louletana (IV)”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 03-04-1927; Freitas, Pedro de, “Pelo Progresso da Música louletana (V)”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 10-04-1927.

No âmbito musical, Pedro de Freitas ainda considerava inadmissível a falta de civilização das pessoas que assistiam às audições das bandas filarmónicas em espaços públicos. Neste contexto, nos anos quarenta do século XX, Pedro de Freitas salientou a importância do respeito e da educação²²⁸⁴. Porém, sempre que Pedro de Freitas comparava a educação musical do povo madrileno com a do povo português, ele concluía que este último (o povo português) manifestava comportamentos anti-musicais, isto é, perturbava o evento musical através de constantes movimentos, encontrões e conversas²²⁸⁵.

Uma outra crítica no âmbito musical relacionou-se com a cor dos fardamentos dos músicos filarmónicos porque, para Pedro de Freitas, o cinzento simbolizava um padrão despersonalizado. Neste prisma, nos anos setenta do século XX, no pós 25 de Abril de 1974, Pedro de Freitas exprimia que a cor viva era o símbolo da alegria e que, além do mais, o fardamento colorido fazia parte das tradições etnográficas nacionais, revelando uma continuidade na sobrevalorização dos elementos populares como elementos integrantes da estética cultural da política nacional²²⁸⁶.

Porém, nos anos quarenta do século XX, numa altura de imposição da política Salazarista, e perante uma postura habitual de apelo face aos direitos do povo, Pedro de Freitas ainda criticou um festejo popular cuja entrada exigia um pagamento muito elevado e, por isso, inadequado à assistência da parte do estrato mais baixo da sociedade: «*Causticar assim as poucas possibilidades do povo – demais quando há o*

²²⁸⁴ Freitas, Pedro de, “Música no Parque Um inferno à roda de um belo concerto musical”, Em *O Barreiro*, Barreiro, 01-06-1944.

²²⁸⁵ Freitas, Pedro de, “Impressões duma Viagem Carta ao Leitor (XIII)”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 19-02-1950.

²²⁸⁶ Freitas, Pedro de, “Os fardamentos das Filarmónicas”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 11-04-1978; Mosse, George L., *La Nacionalización de las Masas: Simbolismo Político y Movimientos de Masas en Alemania desde las Guerras Napoleónicas al Tercer Reich*, Argentina, Siglo XXI Editores, 2007, p. 35.

*rotulo de festejos populares – é selecção, é afugentar o pequeno de colaborar com a sua cota parte e a sua generosidade a favor dos necessitados»*²²⁸⁷.

Nos anos quarenta e cinquenta do século XX, a nível literário, Pedro de Freitas considerava que a tipografia era um trabalho exigente e, por isso, não era de estranhar que de vez em quando se cometessem erros ortográficos. No entanto, quando os erros tipográficos assumiam proporções exageradas, Pedro de Freitas não só chamava à atenção da tipografia em causa como também pedia o favor que essas faltas cometidas fossem corrigidas²²⁸⁸.

Além do mais, uma outra crítica pronunciada por Pedro de Freitas, sobretudo desde os anos quarenta do século XX, era em relação à pouca precisão no apuramento dos factos históricos, principalmente nas datas das fundações das bandas filarmónicas²²⁸⁹.

Segundo Pedro de Freitas era necessário questionar, averiguar e interpretar com rigor a verdade dos factos, por isso, as datas que deveriam de ser consideradas como verdadeiras eram aquelas que estavam assentes em bases teóricas sólidas²²⁹⁰. Neste contexto, Pedro de Freitas criticava a deturpação dos factos históricos, chamando à atenção que os textos que fossem direccionados ao público devessem de ser justos, verdadeiros e imparciais²²⁹¹. Uma outra prática também condenada por Pedro de Freitas nos anos setenta do século XX foi a substituição dos antigos nomes das

²²⁸⁷ Freitas, Pedro de, “Coisas”, Em *O Algarve*, Faro, 14-07-1946.

²²⁸⁸ Freitas, Pedro de, “Coisas”, Em *O Algarve*, Faro, 14-07-1946; Freitas, Pedro de, “Rectificação”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 18-12-1955.

²²⁸⁹ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 65-103; Freitas, Pedro de, “A União Marçal Pacheco (Música Velha) faz cem anos de existência”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 01-03-1956; Freitas, Pedro de, “Há cento e doze anos 1-5-1856 – 1-5-1968”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 16-04-1968.

²²⁹⁰ Freitas, Pedro de, “As Bandas Cívicas e as Épocas da sua Fundação o que a tradição afirma e a História Desmente”, Em *Jornal do Algarve*, V.R.S.A., 29-07-1967; Freitas, Pedro de, “Ainda a antiguidade das filarmónicas”, Em *O Jornal de Cambra*, Vale de Cambra, 15-02-1970.

²²⁹¹ Freitas, Pedro de, “A Sociedade Filarmonica Agrícola Lavradiense não é a mais antiga do Distrito de Setúbal”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 04-03-1969.

toponímias, esta atitude significava o desrespeito relativamente às figuras ilustres e à história do passado²²⁹².

Na qualidade de escritor, Pedro de Freitas incentivava a leitura de obras literárias nacionais²²⁹³. Neste sentido, já nos anos quarenta do século XX, Pedro de Freitas criticava sobretudo a falta de oportunidade dos escritores que não eram de nomeada: «*Mas quanto às obras de autores desconhecidos ou humildes? Esse público faz-lhes vista grossa, discute preços, não se dá à maçada de os ler, e, se, por coincidência ouve elogiosas referências a esses trabalhos, logo a contracção do rosto é manifesta, o que nitidamente traduz indiferença e desprezo aos elogios ouvidos*»²²⁹⁴.

Ainda nos anos quarenta do século XX, numa época onde o belo, o símbolo, o monumento nacional e o tradicionalismo reflectiam a autorepresentação e o culto da nação, Pedro de Freitas manifestou uma postura crítica relativamente às estruturas arquitectónicas, apresentando alguns reparos que considerou necessários²²⁹⁵. Neste sentido, Pedro de Freitas apontou a inestética construção que representava a estação ferroviária do Pinhal Novo²²⁹⁶, e a dos balneários do Barreiro, sendo estes últimos também desqualificados pelas más condições de conforto²²⁹⁷. Pedro de Freitas também imprimiu reparos em relação à construção arquitectural da cidade de Faro²²⁹⁸, manifestando-se na defesa do património histórico daquela cidade. Segundo a sua

²²⁹² Freitas, Pedro de, “Toponímia Desrespeitada”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 02-05-1970.

²²⁹³ Freitas, Pedro de, “Coisas que Acontecem X”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 02-03-1982.

²²⁹⁴ Freitas, Pedro de, “Problemas de Publicidade e Temas Populares”, Em *O Algarve*, Faro, 21-09-1947.

²²⁹⁵ Freitas, Pedro de, “Ecos ferroviários”, Em *Vida Ferroviária - suplemento do “1 de Maio”*, Barreiro, 01-01-1940; Mosse, George L., *La Nacionalización de las Masas: Simbolismo Político y Movimientos de Masas en Alemania desde las Guerras Napoleónicas al Tercer Reich*, Argentina, Siglo XXI Editores, 2007, pp. 41-90, 94-96.

²²⁹⁶ Pinhal Novo é uma freguesia portuguesa pertencente ao concelho de Palmela, distrito de Setúbal, Em *Wikipédia*, [On-line], <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pinhal_Novo>, [consulta: 24 de Março de 2008].

²²⁹⁷ Freitas, Pedro de, “Ecos ferroviários”, Em *Vida Ferroviária - suplemento do “1 de Maio”*, Barreiro, 01-01-1940.

²²⁹⁸ Faro é uma cidade portuguesa, capital do distrito de Faro, da região, subregião e ainda da antiga província do Algarve, Em *Wikipédia*, [On-line], <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Faro>>, [consulta: 24 de Março de 2008].

opinião, deveria de existir um equilíbrio entre o progresso e a tradição histórica, o que deixava subentender a forma como Pedro de Freitas também disciplinava as massas à sua idealização estética de culto nacional²²⁹⁹. Neste contexto, nos anos cinquenta do século XX, Pedro de Freitas ainda criticou a falta de organização, a desarmonia, a sujidade e a doença tão peculiares do ambiente da feira de *Santa Iria* de Faro, exprimindo que este ambiente não condizia com a categoria daquela cidade enquanto a capital do Algarve²³⁰⁰. Mais tarde, nos finais dos anos setenta e mesmo nos anos oitenta do século XX, em relação a Loulé, Pedro de Freitas revelou a sua preocupação em salvaguardar o panorama do jardim dos Amuados, salientando que os prédios ofuscavam a visibilidade do sector norte²³⁰¹. Deste modo, noutra artigo de imprensa periódica, Pedro de Freitas manifestou-se como um acérrimo defensor do património histórico nacional de Loulé, criticando a destruição ou o ofuscamento da parte histórica em virtude da construção de edifícios particulares. Segundo Pedro de Freitas não se devia alterar a fisionomia antiga das localidades através da construção de prédios particulares: «*Eles matam a história, a arqueologia, a diversidade de coloridos, o regionalismo, o estilo. Matam o que de melhor vilas e cidades possuem de antanho a dar-lhes valor! E porque assim é, nota-se que, nas periferias das vilas e cidades que respeitem a antiguidade, só admitem que os «arranha-céus» sejam erigidos fora das ditas periferias*»²³⁰². Consternado com o crescimento da construção

²²⁹⁹ Freitas, Pedro de, “Cenas do Presente - Faro, nos tempos modernos”, Em *O Algarve*, Faro, 20-04-1947; Mosse, George L., *La Nacionalización de las Masas: Simbolismo Político y Movimientos de Masas en Alemania desde las Guerras Napoleónicas al Tercer Reich*, Argentina, Siglo XXI Editores, 2007, pp. 31, 90, 94-96.

²³⁰⁰ Freitas, Pedro de, “Observatórios Algarvios (III)”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 19-11-1950.

²³⁰¹ Freitas, Pedro de, “O Jardim dos “Amuados”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 15-11-1979.

²³⁰² Freitas, Pedro de, “Dois objectivos coincidentes: Do arruinado Castelo de Loulé, o célebre «Jardim dos Amuados» - Do Castelo de Silves, o restauro das Muralhas da Almedina”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 13-11-1980.

de edifícios em zonas impróprias, Pedro de Freitas concluía que os interesses materiais sobrepunham-se aos benefícios espirituais²³⁰³.

De facto, sobretudo a partir dos anos quarenta do século XX, quando Pedro de Freitas reportava ao Algarve, mais especificamente a Loulé, era frequente que valorizasse o peso das tradições festivas para o progresso e publicidade da região ou da localidade em causa, o que simbolizava uma forma de projecção da localidade, a qual era incentivada pela cultura oficial da época²³⁰⁴. Como tal, sobretudo desde os anos trinta do século XX, evidenciando os deveres de lealdade local e regional, Pedro de Freitas criticava veementemente os louletanos ou, num sentido mais alargado, os algarvios que ao abandonarem a sua terra natal deixavam de se importar com a sua evolução²³⁰⁵. Na concepção bairrista e regionalista de Pedro de Freitas esses indivíduos eram considerados ingratos: «*O outro, aquele que deserta, com raras excepções lhe conhecemos provas de dedicação. Mas o pior é que, o Algarve, ressent-se por tão ingrato abastardamento! [...] Que contraste! O Algarve não é de todos os algarvios; alguns algarvios é que são do Algarve...*»²³⁰⁶. Em contrapartida, por vezes, alguns louletanos, incluindo a autarquia local, mostravam-se indiferentes ou mesmo adversos face às intenções de zelo que Pedro de Freitas tinha protagonizado em prol da sua terra natal²³⁰⁷. Nestas situações, Pedro de Freitas manifestava-se descontente face a esses sentimentos de ingratidão e reivindicava por alguma forma de reconhecimento²³⁰⁸.

²³⁰³ Freitas, Pedro de, “O Jardim Dos Amuados!... LOULETANOS, ACUDAM: um crime está a consumir-se”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 25-09-1980.

²³⁰⁴ Freitas, Pedro de, “Ecos de um Carnaval Loulé, Terra Bairrista”, Em *O Algarve*, Faro, 02-03-1947.

²³⁰⁵ Freitas, Pedro de, “O Algarve e os Algarvios”, Em *O Louletano*, Loulé, 14-12-1939.

²³⁰⁶ Freitas, Pedro de, “O Algarve e os Algarvios”, Em *O Louletano*, Loulé, 14-12-1939.

²³⁰⁷ Freitas, Pedro de, “A posição actual do meu louletanismo”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 20-02-1968.

²³⁰⁸ Freitas, Pedro de, “A posição actual do meu louletanismo”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 20-02-1968.

Nos anos sessenta do século XX, sobretudo quando atingiu os setenta anos de idade, Pedro de Freitas mostrou-se cansado e incompreendido nas suas lides e intenções de escritor, mas considerou-se sempre fiel aos seus próprios ideais morais e às suas funções sociais: *«Ingratidões, invejas, de tudo tenho suportado durante a minha actividade de jornalista amador e de escritor popular. De idade avançada mas ainda rijo de tèmpera, todavia quero descansar das atribulações que assaltam os homens da pena e do jornalismo. Basta!! Eduquei-me, sem dúvida, apurei o espírito, e tudo, por conta própria e filho de uma férrea vontade de ser prestável à sociedade. Consegui o meu fim, estou satisfeito comigo mesmo! Obrigado, Pedro de Freitas! O Pedro de Freitas matéria abraça reconhecido o Pedro de Freitas espírito, porque ambos, moldados num só corpo, compreenderam-se e tudo deram para fazer e deixar à posteridade a Obra popular que edificaram»*²³⁰⁹.

Com efeito, através de uma linguagem nunca perfeitamente inteligível, umas vezes Pedro de Freitas parecia sugerir concordância face ao espírito cultural da época, enquanto outras vezes ele insinuava discordância relativamente aos intentos da política cultural vigente, e assim ele protagonizou iniciativas a favor da valorização de várias formas de aprendizagem a nível histórico-cultural, político e social²³¹⁰. Para tal, Pedro de Freitas não deixou de argumentar a partir de exemplos praticados noutros países, reconhecendo a pluralidade e a riqueza da cultura transnacional²³¹¹. Além do mais, Pedro de Freitas ainda celebrou a diversidade da cultura nacional, e mediatizou

²³⁰⁹ Freitas, Pedro de, Fonte Manuscrita (25 de Julho de 1964) em 1.ª Série do 2.º Livro “Os meus artigos e alguns extras 1917 a 1964”, Pedro de Freitas, n.º 113, p. 681, [82-9 FRE/MEU, *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

²³¹⁰ Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, pp. 19-45.

²³¹¹ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946.

a tradição, desenvolvendo reivindicações, sugestões e soluções num contexto local, regional e nacional, com implicações num panorama internacional²³¹². Enfim, Pedro de Freitas definiu à sua maneira um caminho de compatibilizar mutuamente uma visão liberal-nacionalista de pensar nos direitos de auto-determinação e de soberania popular, os quais estavam intimamente comprometidos com as implicações de uma justiça cosmopolita²³¹³.

²³¹² Held, David: “Culture and Political Community-National, Global and cosmopolitan”, Em Spencer, Philip and Wollman, Howard, *Nations and Nationalism A Reader*, New Brunswick, New Jersey, Rutgers University Press, 2005, p. 327; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 537; Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991; Freitas, Pedro de, *Em França: trinta anos depois*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1950; Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957.

²³¹³ Yael, Tamir: “Theoretical Difficulties in Study of Nationalism”, Em Beiner, Ronald (ed.), *Theorizing Nationalism*, New York, State University of New York Press, 1999, p. 70; Freeman, Michael: “The Right to National Self-Determination: Ethical Problems and Practical Solutions”, Em Clarke, Desmond M. e Jones, Charles, *The Rights of Nations: Nations and Nationalism in a Changing World*, Cork, Cork University Press, 1999, p. 50; Tan, Kok-Chor, *Justice Without Borders Cosmopolitanism, Nationalism and Patriotism*, Cambridge, Cambridge University Press, 2004, pp. 198-2002; Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1955; Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1976, p. 70.

~ × ~

Pedro de Freitas foi uma figura que não ficou indiferente face aos condicionalismos político-sociais, culturais, éticos e estéticos do seu tempo. Não obstante, ao impor reivindicações e sugestões a nível local, regional e nacional, Pedro de Freitas não deixava de interagir num compromisso a um âmbito universal, em direcção ao progresso geral da humanidade. Porém, na sua forma de ser nacionalista, assente em bases populistas associadas à mística da nação, umas vezes Pedro de Freitas parecia coadunar com os objectivos da política vigente, enquanto outras vezes ele opunha-se quanto ao comportamento dos dirigentes do operariado e do sistema político em vigor. Além do mais, na promulgação dos ideários regionais e locais era importante o reconhecimento de alguns exemplos de mérito praticados além fronteiras, os quais implicavam alguns critérios de equiparação relativamente às melhores formas de se ser nacional e nacionalista. Sem embargo, ainda que tenha sido num âmbito essencialmente nacional, admite-se que Pedro de Freitas tenha interagido com as estruturas sociocomunicativas do seu tempo. Deste modo, ao exercer uma mediatização de carácter nacionalista, na pretensão de representante das massas populares, Pedro de Freitas estava a implicar o cumprimento de determinadas condutas de disciplina, de seriedade, de moralidade, de lealdade e de acatamento da parte das massas dos cidadãos portugueses, dos seus superiores na hierarquia dos serviços ferroviários, e, ainda, diante das instâncias políticas detentoras do poder, mesmo durante a época de maior repressão da política Salazarista. Com efeito, Pedro de Freitas revelava atitudes ininteligíveis quanto às suas verdadeiras intenções, mas as mesmas implicavam sempre a sua actuação parcial nos assuntos políticos da nação (independentemente de algumas das suas declarações votarem pela imparcialidade em termos políticos), se bem que devido ao carácter pontual, isolado, e de certo modo cuidadoso, sobretudo das suas críticas mais ofensivas (escritas durante o período mais crítico da imposição estatal), as mesmas acabaram por não o comprometer como um indivíduo prejudicial face ao sistema político vigente.

4.2.3. Aprendizagens com o passado histórico

Sempre que Pedro de Freitas escrevia sobre as “ideologias políticas” ele procurava usar expressões genéricas, isto é, sem as identificar do ponto de vista partidário, manifestando uma intenção de carácter reflexivo e pedagógico subjacente²³¹⁴. Porém, o sentimento nacionalista de Pedro de Freitas implicava a idealização de uma doutrina político-democrática adequada a nível nacional, com capacidade de fazer progredir o país²³¹⁵. No entanto, mediante a sua experiência de vida, Pedro de Freitas constatava que o sistema político português era inadequado à concordia e à implantação de um ideal doutrinário que dispusesse, de forma pragmática, os ideais universais de harmonia e de fraternidade, os quais eram sempre tão acentuados nos seus escritos bibliográficos²³¹⁶. Além do mais, Pedro de Freitas ainda pretendia fazer uso da sua experiência de vida (no sentido de suscitar uma capacidade crítica nos leitores da sua obra), através das suas reflexões face aos acontecimentos histórico-políticos vividos²³¹⁷. Com este propósito, Pedro de Freitas aludia a uma transrelação com o

²³¹⁴ Freitas, Pedro de, “Tempos passados, recordações sentidas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 23-07-1981.

²³¹⁵ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 70; Anderson, Malcom, *States and Nationalism in Europe since 1945*, London and New York, Routledge, 2000, p. 9.

²³¹⁶ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, pp. 71-81; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 537; Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991; Freitas, Pedro de, “Pelo Progresso da Música Louletana (I)”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 26-12-1926; Trope, Yaacov e Gaunt, Ruth: “Attribution and Person Perception”, Em A. Hogg, Michael e Cooper, Joel (ed.), *The Sage Handbook of Social Psychology*, Los Angeles, London, Sage Publications, 2007, pp. 190; Billing, Michael, *Banal Nationalism*, London, Sage Publications, 2002; Turner, Bryan S.: “Citizenship, Nationalism and Nation-Building”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 225-234; Malešević, Siniša: “Nationalism and the Power of Ideology”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 309-310.

²³¹⁷ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, pp. 71-81; Sherman, Steven J. e Crawford, Matthew T. [et al.]: “Social Inference and Social Memory: The Interplay Between Systems”, Em Hogg, Michael A. e Cooper, Joel (ed.), *The Sage Handbook of Social Psychology*, Los Angeles, London, Sage Publications, 2007, p. 53.

passado histórico mediante uma reflexão reinterpretativa, composta por várias dinâmicas diacrónicas face à sua experiência sincrónica (e sempre parcial, selectiva, intermitente e fragmentada) sobre a plenitude desses mesmos acontecimentos histórico-políticos²³¹⁸. Deste modo, ao reinterpretar o passado no presente, Pedro de Freitas conferia-lhe um renovado “estatuto público”, uma vez que reconstruía e revalorizava esse passado a partir das suas preocupações do presente, conferindo-lhe, deste modo, um carácter de contemporaneidade²³¹⁹. Assim, a partir da reinterpretação do passado, Pedro de Freitas pretendia obter uma espécie de orientação sobre as condutas sociais a optar no presente: «*Em todos os tempos tem havido acções que deveriam servir de conduta e de exemplo aos que nascem e crescem e chegam a ter a seu cargo deveres a cumprir*»²³²⁰.

Segundo Pedro de Freitas, a época que tinha antecedido à *Ditadura Militar* (28 de Maio de 1926) era caracterizada por anos problemáticos, dominados por lutas de partidos e de classes. Sem embargo, essa época constituiria, segundo a sua perspectiva, um conjunto de lições de vida a racionalizar em relação aos momentos precedentes a nível nacional²³²¹. Deste modo, Pedro de Freitas não só tinha vivenciado esses períodos conturbados como também os mediatizou e descreveu

²³¹⁸ Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, pp. 26, 40; Taylor, Charles, *Sources of the Self. The Making of the Modern Identity*, Crambridge, Massachussets, Harvart University Press, 1992, pp. 495-522; Dumont, Louis, *Essays on Individualism. Modern Ideology in Antropological Perspective*, Chicago, London, University of Chicago Press, 1992, pp. 202-233.

²³¹⁹ Conde, Idalina: “Portugal em fim de Século Uma modernidade plural”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 60; Seromenho, Margarida: “A Federação Do Folclore Português A reconstrução do folclore em democracia”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 251; Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, pp. 41, 44.

²³²⁰ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 71.

²³²¹ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, pp. 71-72.

diacronicamente em função das suas preocupações, actuações e planos de identidade sincrónicos²³²². Assim, a época anterior à *Ditadura Militar* foi interpretada por Pedro de Freitas como uma anarquia nacional. Por isso, a revolução constitucionista de Fevereiro de 1927 contra o regime da *Ditadura Militar* não fora levada à vante: «*Amigos desunidos, políticos ambiciosos, povo enervado, classes sem garantias, vida social desarrumada, Chefe de Estado desiludido e aborrecido abandona o Comando, Dr. Afonso Costa chamado a pôr em ordem a desordem dos partidos (muito menos dos que existem agora), nada consegue e retira-se da barulheira infernal dos políticos, que nunca se entendem. As bombas na via pública matam inocentes, as revoluções militares sucedem-se, e, todo o Povo, apavorado e descrente, aceita quase sem reacção, a degenerescência do movimento de 28 de Maio. Aversão aos políticos era o estado geral da população que sofrera com os partidarismos. A imprensa, quase toda, tomara posição oposta aos desmandas partidaristas. A revolução do SETE de Fevereiro de 1927, alimentada por alguns revolucionários democratas de rija têmpera, sucumbiu. A rígida opressão a tal intento liberal foi o tema da Nação cansada de tanto sangrar*»²³²³.

Como assíduo leitor de obras de imprensa periódica, Pedro de Freitas reflectiu sobre as reacções transmitidas pelo periódico *O Século* de Lisboa, um jornal que ele considerava relevante a nível nacional²³²⁴. Deste modo, a 27 de Fevereiro de 1928, este periódico (*O Século*) exprimia palavras relacionadas com sentimentos de protesto

²³²² Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, pp. 43-44; Pekacz, Jolante T.: “Memory, History and Meaning: Musical Biography and its Discontents”, *Journal of Musicological Research*, n.º 23, London, Routledge, Taylor & Francis Group, 2004, pp. 69-70.

²³²³ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, pp. 71-72.

²³²⁴ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 72.

que reivindicavam por «*justiça inflexível*»²³²⁵. Outros artigos que se seguiram também revelaram um carácter contestatório, os quais expunham imperativamente a afirmação: «*PERDOAR, NÃO!*»²³²⁶. Segundo Pedro de Freitas, esta forma de contestação simbolizava a saturação de uma política débil, sem autoridade, por ser considerada prejudicial ao normal desenvolvimento da nação. Porém, em contrapartida, Pedro de Freitas acusou a imprensa periódica por ter sido um dos alicerces responsáveis pela ascensão da política Salazarista, a qual dominou quase cinquenta anos, afirmando-se com consequências nefastas para a expressão das ideias liberais²³²⁷: «*As liberdades perdidas e tudo quanto... só quem as sofreu melhor poderá conceber das suas consequências*»²³²⁸. Neste sentido, Pedro de Freitas encontrou no caso de Henrique Mitchell de Paiva Couceiro (1861-1944), liberal monárquico, oficial do exército e político administrador em Moçambique e em Angola, um exemplo da repressão da política Salazarista²³²⁹. Assim sendo, a 13 de Novembro de 1935, Henrique Mitchell de Paiva Couceiro criticava o Governo português através de uma carta dirigida ao Capitão Mário Pessoa: «*O governo, porque não tem no seu lugar os símbolos da virilidade, põe-nos em risco de perder Angola.*

²³²⁵ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 72.

²³²⁶ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 72.

²³²⁷ King, Anthony: “Nationalism and Sport”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, p. 251; Billing, Michael, *Banal Nationalism*, London, Sage Publications, 2002, pp. 109-115; Hutchinson, John: “Hot and Banal Nationalism: The Nationalization of ‘the Masses’”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, p. 304.

²³²⁸ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 72.

²³²⁹ Henrique Mitchell de Paiva Couceiro, Em Braga, Luís de Almeida: “Honra e glória de Paiva Couceiro”, Em *Espada ao Sol*, Biblioteca do Pensamento Político, 1969, pp. 71-80. Ver [On-line], www.iscsp.utl.pt/cepp/portugueses/couceiro_paiva.htm, [consulta: 29 de Maio de 2009]; Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 72.

Pela minha parte, se vejo isso, talvez me não sustenha na paz»²³³⁰. Como nessa altura não existia liberdade de expressão, ao criticar publicamente a política colonial do regime, Henrique Mitchell de Paiva Couceiro fora exilado por essa mesma política Salazarista²³³¹. Neste sentido, Pedro de Freitas contestou esta política de carácter autoritarista porque a mesma implicava falta de respeito, de educação e de liberdade de expressão: «Onde está a liberdade como o Sol quando nasce é para TODOS? Onde está a educação e o respeito mútuo e a vida económica temperada às necessidades populares?»²³³². No entanto, ao não querer suscitar interpretações erróneas relativamente à sua postura política, Pedro de Freitas evidenciou que também não concordava com as ideologias defendidas pelo Comunismo. Neste contexto, Pedro de Freitas criticou sobretudo a ideia de uma única escala de classe social. Segundo o seu parecer, os seres humanos eram dotados de diferentes aptidões inatas, por isso, inevitavelmente, formariam diferentes estatutos sociais: «Muito se fala na escala única de classes. Por ventura a Natureza, Mãe DE TODOS OS SERES, nas suas leis adoptou uma só classe? Entre os indivíduos há por ventura sistemas iguais, temperamentos iguais, feitios iguais, inteligências iguais; o aprendiz é igual ao oficial do mesmo ofício, o artista é igual ao medíocre, o médico é igual ao ignorante, o activo e dinâmico é igual ao dolente e ao preguiçoso, o aventureiro e o oportunista são iguais ao dedicado, ao sincero e leal? Todos têm as suas distintas classes, quer queiram ou não os idealistas e as conveniências políticas. Será, porventura, a política capaz de nivelar socialmente todo homem? Se um chefe de fama não harmoniza a sua

²³³⁰ Couceiro, Henrique Mitchell de Paiva: “Carta de Henrique Mitchell de Paiva Couceiro (monárquico, oficial do exército e político africano), ao Capitão Mário Pessoa, 13-11-1935”, Em Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 72. Ver 7.7.b. Uma carta de Henrique Mitchell de Paiva Couceiro, em Anexos.

²³³¹ Henrique Mitchell de Paiva Couceiro, Em Braga, Luís de Almeida: “Honra e glória de Paiva Couceiro”, Em *Espada ao Sol*, Biblioteca do Pensamento Político, 1969, pp. 71-80. Ver [On-line], www.iscsp.utl.pt/cepp/portugueses/couceiro_paiva.htm, [consulta: 29 de Maio de 2009].

²³³² Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 72.

*reduzida prole como hão-de os eternos divergentes modelos políticos harmonizarem milhões de indivíduos cada um com as suas tendências!...»*²³³³.

Porém, Pedro de Freitas criticou não só o regime político exercido por António de Oliveira Salazar, através de um subcapítulo incluído na parte final do livro *Páginas Históricas do Passado* (intitulado “Do Entusiasmo à Realidade”), como também resumiu o seu parecer crítico face aos acontecimentos ocorridos aquando da designada *Revolução dos Cravos*, imposta a 25 de Abril de 1974²³³⁴. Segundo Pedro de Freitas, esse dia (25 de Abril de 1974) pespontou com as tropas a reagirem contra a repressão que o sistema político vigente tinha imposto face às liberdades político-sociais. No entanto, o povo não sabia o que se estava a passar: *«A surpresa foi grande. As interrogações do que estava a suceder ecoavam nos ares e nos espíritos de um Povo estupefacto ante os acontecimentos em curso. Raiou a aurora. O sol foi descobrindo os vultos que a noite acoitara na sua escuridão. E com a luz a iluminar as almas dos lutadores de uma luta sem sangue, o Povo acorre a dar-lhe o seu valiosíssimo contributo. E abraça os alertadores dessa manhã histórica, beija-os, oferece-lhes cravos vermelhos e, de mãos dadas, proclamam uns e outros a sua legítima como merecida Vitória. LIBERDADE! Que lindo e enérgico pregão a dar novas energias aos que defendiam, com todas as veras da sua alma de peregrinos revolucionários, a LIBERDADE PARA TODOS»*²³³⁵.

²³³³ Escrito em 08-10-1975. Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 73.

²³³⁴ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, pp. 75-78.

²³³⁵ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 75.

Neste contexto, Pedro de Freitas exprimiu o que todos os portugueses pretendiam, incluindo-se a si próprio: «*Alegria nas almas e Paz nos corações*»²³³⁶. Por isso, no *Primeiro de Maio* desse ano de 1974 realizou-se um festival colossal por todo o país, que, com algumas excepções, deixava o povo português satisfeito com a triunfante *Revolução dos Cravos* que tinha eclodido no dia 25 de Abril de 1974. A união dos partidos e a ênfase na expressão «*Povo Unido Jamais será Vencido*» despertava no movimento do *Primeiro de Maio* a viabilização de um sonho acalentado desde há muito tempo²³³⁷. Na visão de Pedro de Freitas, este acontecimento histórico-nacional ocorrido no dia 25 de Abril de 1974 continha similitudes com o evento que tinha sucedido na altura da *Proclamação da República Portuguesa*, isto é, a 5 de Outubro de 1910: «*A lição repete-se. 1910... República triunfante... regime novo... partidos políticos, tudo foi bem enquanto o Governo Provisório esteve no poder sob a égide dos partidos. Mas eles dividem-se e, dessa divisão, resultou a barafunda*»²³³⁸. Com o objectivo de atestar esta analogia político-social, Pedro de Freitas reflectiu sobre a crise anárquica que o país tinha atravessado após a *Instauração da República*. Neste sentido, Pedro de Freitas transcreveu uma carta histórica que o Presidente da República Manuel José de Arriaga (1840-1917), cujo mandato na Presidência da República ocorrera de 1911 a 1915, tinha dirigido ao General Joaquim Pereira

²³³⁶ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1976, p. 75; Freitas, Pedro de, *O I Concurso Nacional de Bandas Cívicas – Madeira e Açores Belezas de Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1965, p. [VII].

²³³⁷ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1976, p. 75; Freitas, Pedro de, *O I Concurso Nacional de Bandas Cívicas – Madeira e Açores Belezas de Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1965, p. [VII].

²³³⁸ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1976, p. 75.

Pimenta de Castro (1836-1918)²³³⁹. Nessa carta Manuel José de Arriaga dizia o seguinte: *«Vejo-me violentado a intervir novamente nessa amaldiçoada barafunda política em que as paixões sectaristas e a intolerância dos velhos costumes têm envolvido esta nossa querida Pátria. Se não se acode desde já com firmeza e prontidão no incêndio em que as facções estão ardendo há muito tempo, como desejando reconduzir tudo isto à podridão e à miséria, estamos perdidos. Isto não são frases: Isto é uma inevitável realidade! Careço de ti e de forma que sem ti poderás caducar para sempre o remédio a dar-se ao grande mal. Em duas palavras: preciso dum governo extrapartidário com o acordo, senão de quase todos os partidos (e talvez se consiga) ao menos por quase unanimidade, para atalhar o antagonismo que pretendem introduzir entre a República e o Exército. Deste governo serás o presidente e ministro do Interior*²³⁴⁰.

Segundo Pedro de Freitas, Manuel José de Arriaga foi um Presidente da República que apresentava um dramatismo similar ao do Presidente Manuel Teixeira Gomes (1862-1941), cujo mandato na Presidência da República fora de 1923 a 1925²³⁴¹. Deste modo, Pedro de Freitas considerou que as situações de anarquia peculiares da *Primeira República* (isto é, a época que antecederá ao golpe militar do 28 de Maio de 1926) também estavam a ocorrer no presente, ou seja, após o 25 de Abril de 1974: *«Tanto hoje como ontem, conseqüentemente, a barafunda soma e segue. Os partidos, os políticos, os partidaristas, os idealistas, os direitistas, os centristas, os*

²³³⁹ Arriaga, Manuel José de, “Carta de Manuel José de Arriaga ao General Joaquim Pereira Pimenta de Castro, 23-01-1915”, Em Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, pp. 76-77; Manuel José de Arriaga – *Archontology.org, a Guide for Study for Historical offices*, [On-line], <www.archontology.org/nations/portugal/port010/arriaga.php>, [consulta: 29 de Maio de 2009] e Joaquim Pereira Pimenta de Castro – *Wikipédia*, [On-line], <http://pt.wikipedia.org/wiki/Joaquim_Pimenta_de_Castro>, [consulta: 12 de Junho de 2007].

²³⁴⁰ Arriaga, Manuel José de, “Carta de Manuel José de Arriaga ao General Joaquim Pereira Pimenta de Castro, 23-01-1915”, Em Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 76. Ver 7.7.a. Uma carta de Manuel José de Arriaga, em Anexos.

²³⁴¹ Manuel Teixeira Gomes, Em *Archontology.org, a Guide for Study for Historical offices*, [On-line], <www.archontology.org/nations/portugal/port010/teixeira.php>, [consulta: 29 de Maio de 2009].

esquerdistas, todo este amontoado de interesses são a causa do estado anormal que assaltou a vida pacata da maioria do povo português»²³⁴².

A vida familiar e o esforço em prol do bem geral estavam, na concepção de Pedro de Freitas, acima das políticas que tudo subvertiam e alteravam. Deste modo, o progresso só poderia avançar se os políticos e os partidos vivessem harmoniosamente uns com os outros: *«Se os políticos e os partidos se remetessem à sua condição de orientadores, escolhessem os governantes e, uma vez escolhidos, se remetessem à vida pacata e ao respeito do homem pelo homem, creio que todos teríamos a lucrar. A vida ser-nos-ia mais bela e mais confortante. Os homens escolhidos mais conta de si dariam e as liberdades assentariam melhor na vida quotidiana do cidadão. A educação seria mais condigna e com ela dentro dela estariam implantadas todas as ideologias bem formadas - as bem formadas, bem entendido! Não existiriam os suicidas, os aventureiros, os oportunistas, os ladrões, que são quem mais se aproveita das barafundas e das anarquias que tudo corrompe»²³⁴³.*

Segundo Pedro de Freitas nunca o trabalhador tinha tido tantos protectores, amigos e padrinhos como depois do 25 de Abril de 1974. Da mesma forma, nunca tinham sido feitos tantos desfiles e comícios nos vários sectores da política²³⁴⁴. Todos os partidos, sem distinção, lançavam o povo nas suas lutas, agitando as massas populares que estavam sempre prontas a manifestar as suas opiniões. Perante um excesso de influências, onde todos tinham razão segundo o seu ponto de vista, Pedro de Freitas

²³⁴² Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1976, p. 77.

²³⁴³ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1976, p. 77.

²³⁴⁴ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1976, p. 77.

concluía que a nação portuguesa ficava prejudicada: «*E a Nação a sofrer tantos maus ventos!...*»²³⁴⁵.

Sem embargo, no sentido de elucidar o seu público leitor, Pedro de Freitas aconselhava que se reconhecesse o passado histórico como uma aprendizagem do presente. Além do mais, Pedro de Freitas ainda sugeria que se acreditasse nos ditos experientes das pessoas idosas, as quais eram conhecedoras das vicissitudes da vida: «*Cuidado! Olhai nas lições do passado. O caminho a seguir é escabroso. A prudência é tão necessária como o pão que se come. Os sonhos são utopias, são as ilusões da viril mocidade. A velhice tem o saber de experiência feito. A mocidade tem as alucinações da vida rebelde. Os velhos já foram novos...*»²³⁴⁶.

Neste prisma, Pedro de Freitas fez uma analogia entre as histórias de sabedoria popular transmitidas pela sua avó materna Luciana Antónia Colaço Angelino e a realidade político-social. Assim sendo, Pedro de Freitas identificava, numa perspectiva política e através da sua experiência de vida, uma visão crítica relativamente às práticas impostas pelo nacionalismo oficial²³⁴⁷. Deste modo, evocando algumas cenas do passado na altura em que ele era criança, Pedro de Freitas recordava as noites de Inverno passadas à lareira com a avó Luciana Antónia Colaço Angelino, a qual ensinava-lhe alguns ditos populares que continham aprendizagens relacionadas com o passado histórico. Destes ditos de sabedoria popular foram exemplos as frases que se seguem: «*Justiça Branda Povo Rebelde. Estado Rico Povo Pobre. Estado Pobre Povo Rico*»²³⁴⁸. Contudo, naquela altura, Pedro de Freitas não

²³⁴⁵ Escrito em 08-11-1975. Em Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 78.

²³⁴⁶ Escrito em 08-10-1975. Em Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 73.

²³⁴⁷ Brewer, John D.: “Memory, Truth and Victimhood in Post-trauma Societies”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, p. 215.

²³⁴⁸ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 79.

entendia o verdadeiro significado que aquelas máximas pretendiam revelar: «*Não tinha eu idade para destrinçar tão significativas frases*»²³⁴⁹. Sem embargo, passados setenta anos, Pedro de Freitas já conseguia discernir o verdadeiro conteúdo que aquelas máximas subentendiam: «*atinjo o poder de observação e compreendo e vivo, infelizmente, a malvada política*»²³⁵⁰. Deste modo, Pedro de Freitas evidenciava que a Revolução de 25 de Abril de 1974 tinha sido feita de uma forma impreparada. Por isso, passava-se de um regime político excessivamente autoritário para outro regime político que anuía o excesso de liberdades: «*Vinte cinco de Abril de 1974! A Nação cansada do regime de força de cerca de cinquenta anos de ditadura, na sua esmagadora maioria abraça esse movimento militar. Explosão inesperada, algemas cortadas, vozes que falam, alegria que transborda, liberdade que se respira, prisões que se abrem, toda uma ONDA de renovação que bem ficaria ligada à alma liberal portuguesa se, nos homens responsáveis e na massa popular, houvesse, nuns e noutros, o devido respeito pela vida política e social de todo o cidadão português*»²³⁵¹.

Neste sentido, Pedro de Freitas considerava que o passar-se de um regime de cinquenta anos de ditadura para uma explosão repentina de liberdade, sem qualquer preparação, resultava numa situação muito problemática, ou seja, esse excesso repentino de liberdade transformar-se-ia em ódios, falta de respeito e anarquia. Assim, Pedro de Freitas adequava como correcta a máxima transmitida pela sua avó materna: «*Justiça branda povo rebelde*»²³⁵².

²³⁴⁹ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1976, p. 79.

²³⁵⁰ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1976, pp. 70-80. Ver 7.7.c. A interpretação de Pedro de Freitas às máximas da avó, em Anexos.

²³⁵¹ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1976, p. 80.

²³⁵² Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1976, p. 81.

Porém, em contrapartida, Pedro de Freitas considerou que na época da política Salazarista a única preocupação que se tinha ressaltado era relacionada com o amealhar o tesouro do Estado, por isso, conseqüentemente, o povo vivia cada vez mais pobre²³⁵³. Mais uma vez, Pedro de Freitas reconheceu como acertada a máxima da sua avó materna: «*Estado rico povo pobre*»²³⁵⁴.

Por outro lado, os governos que se sucederam após a *Revolução dos Cravos* (25 de Abril de 1974) fizeram o inverso do que tinha sido feito durante o regime político anterior, os quais esgotavam as reservas amealhadas sem considerarem as produções individuais nem as antiguidades de cada trabalhador²³⁵⁵. O resultado foi uma sucessão de injustiças e, uma vez mais, Pedro de Freitas reconhecia que se aplicava a máxima transmitida pela sua avó Luciana Angelino: «*Estado pobre povo rico*»²³⁵⁶.

Além do mais, Pedro de Freitas pretendia mostrar-se coeso relativamente às suas idealizações, as quais tinham sido apregoadas insistentemente desde os primeiros anos em que iniciara a sua escrita jornalística²³⁵⁷. Idealizações essas que eram relacionadas com as suas interpretações (cujas diferentes práticas discursivo-contextuais incluíam significações variadas, ambivalentes, complementares, ou mesmo aparentemente contrastantes) de um nacionalismo de bases populistas e de princípios religiosos e universais de fraternidade, de moralidade, de respeito, de ordem social e de políticas não facciosas. Por isso, essas idealizações conferiam ao seu sentimento nacionalista uma assunção verdadeiramente transnacional: « - *se fosse adoptada a política imparcial de captação e de simpatias (não de ódios nem de vinganças)*»;

²³⁵³ Freitas, Pedro de, “O custo da vida”, Em *O Barreiro*, Barreiro, 17-12-1936.

²³⁵⁴ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 81.

²³⁵⁵ Freitas, Pedro de (com o pseudónimo de Zé Consumidor), “Quem Nos Explora?!..”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 29-06-1978.

²³⁵⁶ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 81.

²³⁵⁷ Freitas, Pedro de, “Tempos passados, recordações sentidas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 23-07-1981.

- se a lição bem experiente do passado os levasse a caminharem de mãos dadas e corações ao alto na melhor fraternidade possível para, só assim, se construir um Portugal novo; e,

- se em ambiente de respeito ao camaradismo trabalhador, ele fosse extensivo tanto a governados como a governantes.

[...] O que nos leva a dizer que, em política: [...] Pacificar, educar, evoluir com educação e disciplina moral e cívica, é obra útil aos sectores da vida social, económica e humana. Se esta meritória política fosse, por todos os partidos praticada, poder-se-ia atingir a verdadeira felicidade dos Povos²³⁵⁸.

Além do mais, a partir das reflexões sobre o passado histórico, Pedro de Freitas também concluía a veracidade das máximas transmitidas pela sua avó materna, revelando, assim, um “estatuto personalizado” de códigos concretos de experiências, de intencionalidades e de sabedorias da parte da identidade popular das massas: «Não confundir – agitar, é coisa fácil; disciplinar, é coisa difícil. Há, pois, que ser-se bem formado para se conseguir vencer o difícil. Os antigos eram peritos em seus vaticínios! Minha avó acertou, Deus a tenha no céu! 10/3/1976»²³⁵⁹.

Sem embargo, ao sustentar uma perspectiva crítica em relação às actuações das políticas que geriam o país, uma vez mais, Pedro de Freitas evidenciava o seu espírito nacionalista contra uma parte burocrática oficial que tentava gerir e impor um nacionalismo “cívico” e “étnico” ao grosso da comunidade portuguesa. Em

²³⁵⁸ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1976, pp. 80-82. Ver Searle-White, Joshua, *The Psychology of Nationalism*, New York, Palgrave, 2001, p. 121; Billing, Michael, *Banal Nationalism*, London, Sage Publications, 2002, p. 9; Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, pp. 19-45; Dumont, Louis, *Essays on Individualism. Modern Ideology in Antropological Perspective*, Chicago, London, University of Chicago Press, 1992, pp. 202-233.

²³⁵⁹ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1976, pp. 80-82. Ver Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, pp. 19-45.

simultâneo, Pedro de Freitas revelava e justificava a sua “apoliticidade” nos assuntos políticos²³⁶⁰. Por isso, salienta-se que a especificidade nacional do fenómeno do nacionalismo ultrapassava o âmbito de uma mera estratégia imposta por um regime político intransigente, materializando-se também através das reinterpretações, das respostas e das vivências populares das massas, mesmo que as mesmas tivessem sido, de alguma forma, mediatizadas pela “cultura popular” durante o dito regime político (tal como também serviu de exemplo o caso específico de Pedro de Freitas)²³⁶¹. Além do mais, o comportamento nacionalista de Pedro de Freitas, ao pretender protagonizar a função de porta-voz das necessidades do povo, implicava também que ele tivesse alguma noção acerca das estratégias da política vigente para que, assim, ele pudesse entrar no jogo de múltiplas dimensões e interesses perfigurados nos papeis de manipulador-manipulado tateando pelos seus objectivos²³⁶². Deste modo, o sentido do nacionalismo evidenciado e reflectido por Pedro de Freitas deve de ser visto como um fenómeno cultural multidimensional que ao particularizar o universal universaliza o particular²³⁶³. Neste sentido, a especificidade do fenómeno do nacionalismo, estudado a partir das actuações e das interpretações de Pedro de Freitas, foi responsável por narrativas de identidade psico-social, por valores morais, pela cultura nacional, por

²³⁶⁰ Smith, Anthony D., *Nationalism and Modernism: A critical survey of recent theories of nations and nationalism*, London and New York, Routledge, 1998, pp. 8, 95-96.

²³⁶¹ Smith, Anthony D., *National Identity*, Reno, Las Vegas, London, University of Nevada Press, 1991, pp. 98-99; Smith, Anthony D., *The Nation in History: Historiographical Debates about Ethnicity and Nationalism*, Hanover, University Press of New England, 2000, pp. 11, 25.

²³⁶² Freitas, Pedro de, “O Carnaval da Vida – Máscaras”, Em *O Algarve*, Faro, 04-08-1946; Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, pp. 19-45; Dumont, Louis, *Essays on Individualism. Modern Ideology in Antropological Perspective*, Chicago, London, University of Chicago Press, 1992, pp. 202-233.

²³⁶³ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991; Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, pp. 80-82; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946; Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955; Delanty, Gerard e Kumar, Krishan: “Introduction”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, p. 3.

vários códigos de educação cívica, e por várias ideologias nacionais, transnacionais e universais em constante interação da parte dos interesses dos sistemas políticos vigentes e da parte das necessidades das massas populares. Efectivamente que os dois lados interconectam de maneiras diferentes, e de forma nunca perfeitamente inteligível (incluindo a pretensão de manipular e o lado manipulado quer da política oficial quer das massas dos cidadãos portugueses), e através de parâmetros tão profundos como irracionais, os quais estavam associados, por exemplo, ao domínio da linguagem, da massificação e da desmistificação dos sistemas de comunicação, das práticas de expressão oral, da tradição histórica, dos símbolos, das crenças religiosas e étnicas, das culturas idiológico-nacionais de cariz populista, da singularidade interpretativa peculiar de cada indivíduo, dos sentimentos e da música²³⁶⁴. Ainda que esta especificidade do nacionalismo, expressa a partir das estratégias oficiais e das ambições das massas populares, na sua versão mais “cívica” ou mais “étnica” (incluindo sempre uma dupla dimensão manipuladora e manipulada), se esforçasse por consolidar o papel de uma nação homogénea e compacta, a sua estratégia ideológica jamais conseguirá mover o rumo impermanente da História na sua essência: *«History is no sweetshop in which its children may ‘pick and mix’; but neither is it an unchanging essence or sucession of superimposed strata. Nor can*

²³⁶⁴ Smith, Anthony D., *National Identity*, Reno, Las Vegas, London, University of Nevada Press, 1991, pp. VII-VIII; Langman, Laurel: “The Social Psychology of Nationalism: To Die for the Sake of Strangers”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 66-83; Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, pp. 19-45; Dumont, Louis, *Essays on Individualism. Modern Ideology in Antropological Perspective*, Chicago, London, University of Chicago Press, 1992, pp. 202-233; Taylor, Charles, *Sources of the Self. The Making of the Modern Identity*, Crambridge, Massachussets, Harvart University Press, 1992, pp. 495-522; Pekacz, Jolante T.: “Memory, History and Meaning: Musical Biography and its Discontents”, *Journal of Musicological Research*, n.º 23, London, Routledge, Taylor & Francis Group, 2004, p. 68; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946; Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1955.

history be simply disregarded, as more than one nationalism has found to its cost»²³⁶⁵.

~ × ~

Pedro de Freitas apresentou uma postura crítica, diacrónica (numa constante interacção com as suas actuações sincrónicas) e reflexiva relativamente à actuação das políticas que geriram o país, cujo objectivo era elucidar as massas populares; evidenciar a sua aprendizagem histórico-política para a posteridade; manifestar a sua decepção para com as políticas que dirigiam o país; ou, mesmo, justificar a sua conduta politicamente “apolítica” ao longo dos anos. Com este intento, Pedro de Freitas incluiu um comentário politizado que abrangeu um espaço histórico-temporal desde a *Proclamação da República* até à *Revolução dos Cravos*. Neste sentido, Pedro de Freitas associou algumas reinterpretações das suas experiências de vida, das actuações políticas do governo português, e de alguns ditos populares transmitidos pela sua avó materna (os quais implicavam as aprendizagens e estatutos de identidade da plebe relativamente ao passado histórico-político nacional). Deste modo, Pedro de Freitas procurou mediatizar o passado histórico atribuindo-lhe um interesse de reflexão sobre as vicissitudes histórico-políticas entre o passado e o presente. Como tal, estas conclusões, apresentadas por Pedro de Freitas, ao demonstrarem alguns resultados a partir de interacções tácticas entre as actuações das estruturas do poder e as respostas das massas sociais, também evidenciavam a sua compreensão perante o funcionamento de algumas dimensões específicas do fenómeno do nacionalismo, onde o nacional particularizava o universal. No entanto, sempre que Pedro de Freitas chamava à atenção para a aprendizagem com o passado histórico, ele estava a conferir

²³⁶⁵ Smith, Anthony D.: “Gastronomy or geology? The role of the reconstruction of nations”, Em *Journal Nations and Nationalism 1*, n.º 1, Cambridge University Press, 1994, p. 19. Ver também Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, pp. 19-45.

a esse mesmo passado um renovado estatuto de instrução pública, elucidando para que as situações similares desse passado histórico não fossem repetidas no presente e no futuro. Porém, foi somente a partir de 1974, com um alguma distância após os acontecimentos histórico-políticos vividos, que Pedro de Freitas pode assumir uma atitude mais crítica relativamente à política Salazarista, talvez esse intento também tivesse implicado uma forma de ele se desvincular totalmente face às acusações que lhe tinham sido insinuadas como sendo um indivíduo instrumentalizado pelo dito regime salazarista ou como sendo um indivíduo que tinha actuado com interesses políticos penderes. Contudo, tendo em conta os objectivos tácticos de Pedro de Freitas (na pretensão de ser representante das massas populares) e os objectivos dos sucessivos governos políticos portugueses (incluindo sempre a parte de manipulado e de manipulador de ambas as partes), a complexidade que engendra o fenómeno do nacionalismo, a partir da sua especificidade, envolve sempre um factor tão profundo como irracional, associado por exemplo ao domínio da linguagem, da massificação e da desmistificação dos sistemas de comunicação, das práticas de expressão oral, da tradição histórica, dos símbolos, das culturas ideológico-nacionais de cariz populista, das crenças religiosas e étnicas, da singularidade interpretativa peculiar de cada indivíduo, dos sentimentos e da música, o qual (isto é, fenómeno do nacionalismo), apresenta sempre componentes imprevisíveis, incontrolláveis e inevitáveis face a qualquer pretensão de manipulação do rumo da História na sua essência.

4.3. A problemática do nacionalismo na música

Num contexto predominantemente influenciado pelo fenómeno do nacionalismo, expresso veementemente na sociedade europeia, e responsável pela eclosão da *Primeira Grande Guerra Mundial*, continuava-se a exigir de cada país a necessidade de afirmação²³⁶⁶. A cultura, sincronizada com os ideais populares arraigados no culto nacional, tinha uma função fundamental no programa da política do nacionalismo²³⁶⁷. Por isso, a revivificação das tradições passou a ser uma das manifestações particulares de cada país, associada à necessidade de subsistência do Estado-Nação²³⁶⁸. Mais do que nunca, a base orgânica da tradição passava a repercutir a idiosincrasia nacional, ou seja, a alma do povo através da sua história. Deste modo, enfatizou-se a ideia que o material musical capaz de definir a nacionalidade deveria de reflectir características

²³⁶⁶ Hutchinson, John: “Hot and Banal Nationalism: The Nationalization of ‘the Masses’”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 303-305; Malešević, Siniša: “Nationalism and the Power of Ideology”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 308-310.

²³⁶⁷ Mosse, George L., *La Nacionalización de las Masas: Simbolismo Político y Movimientos de Masas en Alemania desde las Guerras Napoleónicas al Tercer Reich*, Argentina, Siglo XXI Editores, 2007, pp. 237, 250.

²³⁶⁸ Hutchinson, John: “Hot and Banal Nationalism: The Nationalization of ‘the Masses’”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 303-305; Malešević, Siniša: “Nationalism and the Power of Ideology”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 308-310; Haugaard, Mark: “Nationalism and Liberalism”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 351-352; Cascudo, Teresa: “A década da Invenção de Portugal na música erudita (1890-1899)”, Em *Revista Portuguesa de Musicologia n.º 10*, Lisboa, 2000, p. 184; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 526; De Martín Tenllado, Gonzalo, *Eduardo Ocón El Nacionalismo Musical Español*, Málaga, Ediciones Seyer, 1991, pp. 22, 174; Pahissa, Jaime, *Sendas y Cumbres de la música española*, Buenos Aires, Hachette, 1955.

distintivas procuradas na tradição nacional, fosse esta erudita ou popular²³⁶⁹. Foi um esforço mundial, motivado por uma ânsia de auto-afirmação nacional, através de várias tentativas de se construir uma música que definisse a especificidade do país²³⁷⁰. No entanto, a configuração de uma música “autenticamente nacional” tem sido, de certo modo, problematizada devido à determinação de critérios objectivos que definam a “genuinidade” de padrões musicais autóctones na caracterização da música de um país como tal²³⁷¹. Porém, admite-se que o “autóctone” (isto é, a sua “representação musical”), não deve de ser desconsiderado por incorporar na sua realidade um conjunto de características resultantes de processos complexos, os quais misturam o “peculiar” da região com traços de sonoridades exteriores. Consequentemente, esta visão vai implicar que a apreciação e os critérios de construção de uma música “nacional” admita sempre influências além fronteiras²³⁷². Apesar de tudo, houve um desejo nacional de se encontrar raízes “autênticas” no caudal sonoro²³⁷³. De acordo com a política nacionalista, o “autêntico” significava o

²³⁶⁹ Cascudo, Teresa: “A década da Invenção de Portugal na música erudita (1890-1899)”, Em *Revista Portuguesa de Musicologia n.º 10*, Lisboa, 2000, pp. 183,188; Freitas, Pedro de, “Devaneios musicais”, Em *Correio do Sul*, Faro, 16-03-1972; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 1; Kastner, Macario Santiago de, *Música hispânica: o estilo do Padre Manuel Rodrigues Coelho e a interpretação da música para tecla desde 1450 até 1650*, Lisboa, Ática, 1936, pp. 14-16; De Martín Tenllado, Gonzalo, *Eduardo Ocón El Nacionalismo Musical Español*, Málaga, Editiones Seyer, 1991, pp. 106-107.

²³⁷⁰ De Martín Tenllado, Gonzalo, *Eduardo Ocón El Nacionalismo Musical Español*, Málaga, Editiones Seyer, 1991; Pahissa, Jaime, *Sendas y Cumbres de la música española*, Buenos Aires, Hachette, 1955.

²³⁷¹ Lopes-Graça, Fernando, *A Música Portuguesa e os seus Problemas*, Vol. 1, Porto, Edições Lopes da Silva, 1944, p. 64; Kastner, Macario Santiago de, *Música hispânica: o estilo do Padre Manuel Rodrigues Coelho e a interpretação da música para tecla desde 1450 até 1650*, Lisboa, Ática, 1936, p. 12; Frith, Simon: “Hacia una Estética de la Música Popular”, Em Cruces, Francisco, [et al.] (ed.), *Las Culturas Musicales*, Madrid, Editorial Trotta, S.A., 2001, pp. 418-419; Comellas, José Luis, *Nueva historia de la música*, Madrid, Ediciones Internacionales Universitarias, 2000, pp. 391, 437-445.

²³⁷² Lopes-Graça, Fernando, *A Música Portuguesa e os seus Problemas*, Vol. 1, Porto, Edições Lopes da Silva, 1944; Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-11-1954; Comellas, José Luis, *Nueva historia de la música*, Madrid, Ediciones Internacionales Universitarias, 2000, pp. 391, 437-445.

²³⁷³ Kastner, Macario Santiago de, *Música hispânica: o estilo do Padre Manuel Rodrigues Coelho e a interpretação da música para tecla desde 1450 até 1650*, Lisboa, Ática, 1936, pp. 14-16; Pahissa, Jaime, *Sendas y Cumbres de la música española*, Buenos Aires, Hachette, 1955; Comellas, José Luis, *Nueva historia de la música*, Madrid, Ediciones Internacionales Universitarias, 2000, p. 436; De Martín Tenllado, Gonzalo, *Eduardo Ocón El Nacionalismo Musical Español*, Málaga, Editiones Seyer, 1991.

regresso ao povo, à sua natureza específica. Por isso, esta forma de nacionalismo, ao renovar e enriquecer o vocabulário musical, através da inspiração na música popular, pretendia exprimir uma emancipação da nação face às convenções musicais estabelecidas²³⁷⁴. Neste sentido, o conceito de política nacionalista também implicava o interesse pela língua e pela literatura nacionais, a pretensão de se buscar o sentimento, o amor ao terreno, a descrição fisionómica da paisagem nacional, o que foi acompanhado por um crescente interesse dos filólogos e dos literatos pelo povo e pelas suas formas genuínas de expressão²³⁷⁵. Esta forma de política nacional contribuía, efectivamente, para que as nações tivessem uma maior consciência de si mesmas. Deste modo, dava-se igualmente continuidade ao ideal impregnado pelo romantismo a um âmbito mais distante do que era previamente esperado²³⁷⁶.

Porém, o orgulho nacional, avivado pelas políticas da época, pretendia incutir nos seus cidadãos a ideia do cultivo de uma música «própria», não importada, como uma reacção nacionalista face à grande tradição musical encarnada pelas correntes internacionais da ópera italiana ou do sinfonismo teutónico²³⁷⁷. No entanto, as políticas nacionais nunca deixaram de revelar a sua preocupação na aproximação das

²³⁷⁴ Mila, Massimo, *Breve historia de la música*, traducción de Manuel Valls Gorina, Barcelona, Ediciones Península, 2003, p. 446; Comellas, José Luis, *Nueva historia de la música*, Madrid, Ediciones Internacionales Universitarias, 2000, p. 392; De Martín Tenllado, Gonzalo, *Eduardo Ocón El Nacionalismo Musical Español*, Málaga, Ediciones Seyer, 1991, pp. 143-144, 153, 197.

²³⁷⁵ Cascudo, Teresa: “A década da Invenção de Portugal na música erudita (1890-1899)”, Em *Revista Portuguesa de Musicologia n.º 10*, Lisboa, 2000; Branco, João de Freitas, *História da Música Portuguesa*, Lisboa, Publicações Europa-América, 2005, pp. 300-316; Mila, Massimo, *Breve historia de la música*, traducción de Manuel Valls Gorina, Barcelona, Ediciones Península, 2003, p. 441; De Martín Tenllado, Gonzalo, *Eduardo Ocón El Nacionalismo Musical Español*, Málaga, Ediciones Seyer, 1991, pp. 106-107, 173; Pahissa, Jaime, *Sendas y Cumbres de la música española*, Buenos Aires, Hachette, 1955, pp. 16-113.

²³⁷⁶ Comellas, José Luis, *Nueva historia de la música*, Madrid, Ediciones Internacionales Universitarias, 2000, p. 392; Mila, Massimo, *Breve historia de la música*, traducción de Manuel Valls Gorina, Barcelona, Ediciones Península, 2003, p. 441.

²³⁷⁷ Freitas, Pedro de, “Devaneios musicais”, Em *Correio do Sul*, Faro, 16-03-1972; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946; Pahissa, Jaime, *Sendas y Cumbres de la música española*, Buenos Aires, Hachette, 1955, pp. 16-113; Mila, Massimo, *Breve historia de la música*, traducción de Manuel Valls Gorina, Barcelona, Ediciones Península, 2003, p. 442; Comellas, José Luis, *Nueva historia de la música*, Madrid, Ediciones Internacionales Universitarias, 2000, p. 391; De Martín Tenllado, Gonzalo, *Eduardo Ocón El Nacionalismo Musical Español*, Málaga, Ediciones Seyer, 1991, pp. 143-144.

novas correntes musicais liderantes no panorama europeu, e no seu reajuste face às necessidades musicais implementadas a nível internacional. Sem embargo, sempre que as políticas nacionais alimentavam o florescimento da polémica entre a “música nacional” e a “cosmopolita”, de corte universalista, não deixavam de implicar que estas duas linhas de pensamento estivessem muito mais interdependentes do que alguma vez se pudesse imaginar²³⁷⁸.

Neste contexto, o caso português representou a emergência de se constituir uma música nacional que não só informasse sobre uma parte da produção dos compositores portugueses do século XIX mas, em consideração ao clima intelectual de orientação predominantemente positivista, que também fosse motivada pela investigação histórica e etnológica, relacionada com a recuperação das velhas tradições nacionais conservadas na música do povo. Como tal, aquela orientação predominantemente positivista deu origem às primeiras recolhas impensas de música popular, como o *Album de musicas nacionaes portuguezas* de João António Ribas, em

²³⁷⁸ Mila, Massimo, *Breve historia de la música*, traducción de Manuel Valls Gorina, Barcelona, Ediciones Península, 2003, pp. 442-443; Benedetto, Renato di, *Historia de la Música*, 8, *El Siglo XIX*, Traducción por Carlos Fernández, Madrid, Turner Música, 1987, p. 151; Nery, Rui Vieira e Ferreira de Castro, Paulo, *História da Música*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1991, p. 165; Delanty, Gerard: “Nationalism and Cosmopolitanism: The Parox of Modernity”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 357-368; Haugaard, Mark: “Nationalism and Liberalism”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 346-355.

1857²³⁷⁹. Assim sendo, este espírito político de nacionalismo musical revelava a necessidade premente de que a música participasse no âmbito da cultura nacional. Além disso, a relevância de uma música nacional, como símbolo de funcionalidade social, conferia aos músicos, musicólogos e musicógrafos um papel essencial no processo da construção da identidade colectiva²³⁸⁰. Neste sentido, a época em que Pedro de Freitas viveu era dominada pela necessidade, por vezes com inquietude, e a partir de diferentes prismas e concepções, que a arte musical portuguesa pudesse representar a consciência nacional²³⁸¹. Esta ânsia de se criar uma música que representasse a especificidade do país suscitou a necessidade de que a mesma fosse

²³⁷⁹ Ribas, João António, “*Album de musicas nacionaes portuguezas [Música impressa]: constando de cantigas e tocatas usadas nos diferentes districtos e comarcas das províncias da Beira Traz-os-Montes e Minho...*”, Porto, C. A. Villa Nova, [ca 1860]. Outros trabalhos de referência foram, por exemplo, Neves, Cesar A. das (coord.), “*Cancioneiro de músicas populares: colecção recolhida e escrupulosamente transladada para canto e piano por Cesar A. das Neves*”, Porto, Tipografia Occidental, 1893-1899; Neves, Cesar A. das, “*Catálogo Geral Alfabético do “Cancioneiro de Músicas Populares contendo letra e música de canções...*”, Porto, Cesar Campos, [19--]; Lambertini, Miguel Ângelo, *Chansons et instruments [Música impressa: renseignements pour l’ etude du folk-lore portugais]*, Lisbonne, Lambertini, [19--]; Arroyo, António, *Singularidade da minha terra: na arte e na mística*, Porto, “Renascença Portuguesa”, 1917; Branco, Luís de Freitas, e Boto, António, *Canção das lavadeiras [Música impressa do monofilme “Gado Bravo”]*, Lisboa, Sassetti, 1934; Braga, Teófilo de, *O povo português nos seus costumes, crenças e tradições*, Lisboa, D. Quixote, 1985-1986; Vasconcelos, J. Leite de, *Cancioneiro Popular Português*, Coimbra, Universidade, 1975; Giacometti, Michel e Lopes-Graça, Fernando, *Cancioneiro popular português*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1981. (Neste âmbito, também teve muita influência a linha de investigação folclórica no próprio terreno tal como procedera o compositor húngaro Béla Bartók (1881-1945) na sua terra natal, Hungria, como deixou transparecer o trabalho de Lopes-Graça, Fernando, *Bela Bartok: três apontamentos sobre a sua personalidade e a sua obra*, Lisboa, Gazeta Musical, 1953). Nery, Rui Vieira e Ferreira de Castro, Paulo, *História da Música*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1991, pp. 142, 148-149; Brito, Manuel Carlos de e Cymbron, Luísa, *História da Música Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta, 1992, pp. 155, 164-167; Branco, João de Freitas, *História da Música Portuguesa*, Lisboa, Publicações Europa-América, 2005, p. 300.

²³⁸⁰ Cascudo, Teresa: “A década da Invenção de Portugal na música erudita (1890-1899)”, Em *Revista Portuguesa de Musicologia n.º 10*, Lisboa, 2000, pp. 181-226.

²³⁸¹ Branco, João de Freitas, *História da Música Portuguesa*, Lisboa, Publicações Europa-América, 2005, p. 300; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 526.

definida, exemplificada e avaliada. Deste modo, a ideia de música nacional parecia seguir alguns critérios que procuravam enfatizar, justificar ou mesmo problematizar a tradição musical portuguesa, os quais, em simultâneo, procuravam clarificar os parâmetros de criação de futuras composições de cariz nacional e nacionalista. Por isso, no caso português surgiram preocupações em definir e representar a música do país, não só, como já foi referido, através de recolhas no terreno de música popular portuguesa, mas também através de publicações que divulgavam sobre a arte musical, a história da música popular, a problemática da história da música portuguesa, e que reflectissem sobre a “música nacional”²³⁸².

Sem embargo, um dos problemas colocados acerca do nacionalismo musical em Portugal tem sido visto como a incapacidade de se construir de forma continuada uma imagem de identidade musical, capaz de ser reconhecida no contexto da história da música portuguesa²³⁸³. Neste sentido, vários autores assumiram diferentes posições

²³⁸² A nível da imprensa musical especializada surgiram periódicos de qualidade, como o *Amphion* (1884) editado pela casa Neuparth, e a *Arte musical* (1899) dirigida por Miguel Ângelo Lambertini; sendo também de referir outros trabalhos no âmbito da musicologia e da musicografia, como de Vasconcelos, Joaquim de e Vieira, Ernesto, *Os músicos portugueses: biographia-bibliographia*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1870; Viterbo, Sousa, *Poesias de autores portugueses em livros de escriptores hespanhães: resenha bibliográfica*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1891; Ernesto Vieira, *Diccionario bibliographico de músicos portugueses: história e bibliographia da música em Portugal*, Lisboa, Tipographia Matos Moreira, & Pinheiro, Lambertini, 1900; Branco, Luís de Freitas, *História Popular da Música: desde as origens até à actualidade*, Lisboa, Cosmos, 1943; Branco, Luís de Freitas (dir.), *Gazeta Musical*, Lisboa, Tipografia Ideal, 1950; Branco, Luís de Freitas, *A arte musical: órgão defensor dos músicos portugueses*, Lisboa, F. Xavier Rodrigues, 1930; Branco, Luís de Freitas, *Canções Francesas [Música impressa: poemas de Théophile Gautier]*, Lisboa, Musicoteca, 2000; Lopes-Graça, Fernando, *A Música Portuguesa e os seus Problemas*, Vol. 1, Porto, Edições Lopes da Silva, 1944; Lopes-Graça, Fernando, *A Música Portuguesa e os seus Problemas II*, Lisboa, Caminho, 1989; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946; Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1955.

²³⁸³ Lopes-Graça, Fernando, *A Música Portuguesa e os seus Problemas*, Vol. 1, Porto, Edições Lopes da Silva, 1944, pp. 37-38; Kastner, Macario Santiago de, *Música hispânica: o estilo do Padre Manuel Rodrigues Coelho e a interpretação da música para tecla desde 1450 até 1650*, Lisboa, Ática, 1936, pp. 14-16; Cascudo, Teresa: “Que fazer sem um Camões músico? – Fernando Lopes-Graça e o problema da tradição da música portuguesa”, Em *Revista Portuguesa de Musicologia n.º 6*, Lisboa, 1996, pp. 127, 135; Ferreira de Castro, Paulo: “O que fazer com o século XIX? Um olhar sobre a historiografia musical portuguesa”, Em *Revista de Musicologia n.º 2*, Lisboa, 1992, pp. 171-183; Ferreira de Castro, Paulo: “Nacionalismo Musical ou equívocos da Portugalidade”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan (ed.), *Portugal e o Mundo o Encontro de Culturas na Música*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1997, pp. 155-170.

acerca de problematizar ou de evidenciar o nacionalismo musical em Portugal, posturas estas que muitas vezes revelaram-se polémicas entre si²³⁸⁴. Por isso, pretende-se contracenar um panorama de algum modo contraditório em torno da definição de música portuguesa e da sua tradição; das diferentes perspectivas relativamente aos sistemas sociocomunicativos mais adequados entre o povo e a música; ou, em relação às formas de pedagogia a serem sistematizadas na educação musical do povo português. Neste sentido, justifica-se uma premente controvérsia de carácter nacional, onde Pedro de Freitas, como músico e musicógrafo de feição nacionalista, não deixou de enfatizar e de justificar os seus ideais.

Na perspectiva de Pedro de Freitas a música que emanava no seio do povo, à qual ele designava de música popular, era a que melhor podia definir a idiosincrasia do país. Esta visão, defendida por Pedro de Freitas, tinha ganho um crescente protagonismo em Portugal desde a última década do século XIX²³⁸⁵. Neste sentido, Pedro de Freitas considerava que as características étnico-culturais das diferentes regiões do país, manifestadas também pelos cantares dos povos, definiam o espírito da nação portuguesa. Por isso, seriam necessários compositores geniais capazes de sentir e expressar essas características étnico-culturais através das suas composições musicais²³⁸⁶. Porém, num prisma mais erudito e crítico contrapõe-se a perspectiva do compositor e musicólogo Fernando Lopes-Graça (1906-1994), contemporâneo de

²³⁸⁴ Cascudo, Teresa: “Que fazer sem um Camões músico? – Fernando Lopes-Graça e o problema da tradição da música portuguesa”, Em *Revista Portuguesa de Musicologia n.º 6*, Lisboa, 1996, p. 130; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946; Lopes-Graça, Fernando, *A Música Portuguesa e os seus Problemas*, Vol. 1, Porto, Edições Lopes da Silva, 1944.

²³⁸⁵ Freitas, Pedro de, “Devaneios musicais”, Em *Correio do Sul*, Faro, 16-03-1972, ou Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. I; Cascudo, Teresa: “A década da Invenção de Portugal na música erudita (1890-1899)”, Em *Revista Portuguesa de Musicologia n.º 10*, Lisboa, 2000, p. 188.

²³⁸⁶ Freitas, Pedro de, “Elementos Históricos sobre a Música Popular no Algarve V”, Em *Jornal do Algarve*, Vila Real de Santo António, 20-07-1957; Freitas, Pedro de, “O Povo Gosta de Música”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-10-1972; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 526.

Pedro de Freitas²³⁸⁷. Neste prisma, Fernando Lopes-Graça denunciava a mistificação que envolvia a chamada música popular portuguesa, considerando-a não mais do que uma imitação da verdadeira música popular. Com este propósito, Fernando Lopes-Graça acentuou a sua opinião: «*Quem não se irritará, quem não sentirá náuseas ao escutar os milhentos corridinhos, viras, malhoas, fados, rapsódias, guitarradas e acordeonadas, fabricados em série pelos revisteiros, fiteiros e fadistas profissionais?*»²³⁸⁸. Além do mais, Fernando Lopes-Graça ainda manifestava a sua desconfiança face aos cantores que imitavam de modo particular os cantares das diferentes regiões do país²³⁸⁹.

Na década de quarenta do século XX, Pedro de Freitas exaltava o conceito da música popular, considerada como uma emanção espontânea e inconsciente da alma do povo²³⁹⁰. No entanto, Fernando Lopes-Graça, a partir de vários posicionamentos tomados acerca da música popular, chegou a considerar que aquela teoria estava ultrapassada, defendendo que a arte folclórica não era uma criação do génio popular mas uma adaptação do povo face aos produtos culturais, o que significava que essa arte tinha perdido toda a sua potencialidade criativa²³⁹¹.

²³⁸⁷ Carvalho, Mário Vieira de, *O essencial sobre Fernando Lopes-Graça*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1989, pp. 15-19; Nery, Rui Vieira e Ferreira de Castro, Paulo, *História da Música*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1991, pp. 171-173; Brito, Manuel Carlos de e Cymbron, Luísa, *História da Música Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta, 1992, p. 167-168; Candé, Roland de, *Dicionário dos Músicos*, Lisboa, Edições 70, 1994, pp. 189-190.

²³⁸⁸ Lopes-Graça, Fernando, *A Música Portuguesa e os seus Problemas*, Vol. 1, Porto, Edições Lopes da Silva, 1944, p. 64.

²³⁸⁹ Lopes-Graça, Fernando, *A Música Portuguesa e os seus Problemas*, Vol. 1, Porto, Edições Lopes da Silva, 1944, p. 64.

²³⁹⁰ Freitas, Pedro de, “Devaneios musicais”, Em *Correio do Sul*, Faro, 16-03-1972; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. I; Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIX)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 13-10-1954; Freitas, Pedro de, *Eu fui à Índia*, Barreiro, Pedro de Freitas, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1962, p. 270.

²³⁹¹ Lopes-Graça, Fernando, *A Música Portuguesa e os seus Problemas*, Vol. 1, Porto, Edições Lopes da Silva, 1944, p. 238-239.

Engrandecendo a música portuguesa, e situando-a numa posição de igualdade face à música estrangeira, Pedro de Freitas reconhecia que a música nacional era detentora de uma tradição musical digna de apreço no domínio operático, sinfónico e popular²³⁹². Por isso, era premente que a música popular fosse ouvida no quotidiano português, como expressão da consciência nacional²³⁹³. Neste sentido, Pedro de Freitas sugeria que os portugueses não ficariam indiferentes se no **âmbito operático** ouvissem: «Frei Luís de Sousa» de Freitas Gazul; «Arco de Santana» de Sá Noronha; «Serrana» de Alfredo Keil; «Amor de Perdição» de João Arroio; «Eurico» de Miguel Ângelo; ou «Belkiss» de Rui Coelho. A nível de **composições sinfónicas** deveriam de ouvir, por exemplo, José Maria Cordeiro; Manuel Ribeiro; Viana da Mota; David de Sousa; Joaquim Fernandes Fão; Armando Escoto; Filipe Duarte; Belo Marques; Tomás Lima; Padre Borba; Del Negro; Joly Braga Santos. Finalmente, no campo da **música popular** Pedro de Freitas aconselhava a audição de Sousa Morais; Silva Marques; Neonel Ferreira; Raúl Portela; Duarte Ferreira; Oscar da Silva; Freitas Branco; Frederico de Freitas; Venceslau Pinto; Alfredo Mântua; Alfredo Rio de Carvalho; Gaspar Taborda; Costa Brás; Moura Stofel; Serra e Moura; Baltazar Manuel Valente; Alfredo Reis de Carvalho; Manuel Joaquim Canhão; Manuel Figueiredo, entre outros²³⁹⁴. Num sentido oposto, Fernando Lopes-Graça mostrava-se céptico e, neste prisma, considerava que o país não possuía génios na criação operática, sinfónica e de câmara. Deste modo, para Fernando Lopes-Graça, além de

²³⁹² Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIX)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 13-10-1954.

²³⁹³ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIX)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 13-10-1954; Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1955; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 521-552.

²³⁹⁴ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIX)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 13-10-1954.

não existir uma forte tradição na música instrumental pura, os musicólogos portugueses ainda não tinham perscrutado as belezas da música nacional nem tinham aprofundado os verdadeiros problemas da música, acusando-os de falta de uma visão crítica ou de, por vezes, procederem a observações a partir de uma mentalidade infantil²³⁹⁵. Efectivamente que através destas afirmações Fernando Lopes-Graça revelava um esforço por encontrar uma tradição musical portuguesa consistente. Sem embargo, Fernando Lopes-Graça chegou a considerar que a música portuguesa não tinha unidade orgânica, não tinha história nem tradição²³⁹⁶. Por isso, enquanto Pedro de Freitas valorizava a figura do pianista e compositor João Domingos Bontempo, o qual, depois de Marcos Portugal, introduziu de forma organizada o sistema filarmónico em Portugal²³⁹⁷; mencionava igualmente os benefícios estipulados na reforma da instrução pública proclamada por Almeida Garret²³⁹⁸; a importância do liberalismo para a organização associativa e recreativa do sistema filarmónico²³⁹⁹; e apontava outras figuras que, de algum modo, tinham contribuído para o associativismo musical no âmbito filarmónico, como o Conde Farrobo, João Rodrigues Cordeiro e Guilherme António Cossoul, sublinhando, neste contexto, que a música portuguesa tinha igualmente importância em relação ao panorama musical

²³⁹⁵ Lopes-Graça, Fernando, *A Música Portuguesa e os seus Problemas*, Vol. 1, Porto, Edições Lopes da Silva, 1944, pp. 26-39.

²³⁹⁶ Lopes-Graça, Fernando, *A Música Portuguesa e os seus Problemas*, Vol. 1, Porto, Edições Lopes da Silva, 1944, pp. 37-38; Cascudo, Teresa: “Que fazer sem um Camões músico? – Fernando Lopes-Graça e o problema da tradição da música portuguesa”, Em *Revista Portuguesa de Musicologia n.º 6*, Lisboa, 1996, pp. 127, 135.

²³⁹⁷ Freitas, Pedro de “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (II)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 07-01-1953; Freitas, Pedro de: “O Algarve através da Música Popular: Seus valores, Assistência e Educação”, Conferência Musical proferida por Pedro de Freitas na Sala da Regional Casa do Algarve, em Lisboa, a 5 de Maio de 1962, Em Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.ª (ed.), 1991, pp. 463-477.

²³⁹⁸ Freitas, Pedro de “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (II)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 07-01-1953.

²³⁹⁹ Freitas, Pedro de “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (IV)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 01-04-1953.

praticado no estrangeiro²⁴⁰⁰. Num sentido oposto, Fernando Lopes-Graça opinava que a reforma de Almeida Garret não tinha trazido a criação; que a figura de Domingos Bontempo destacava-se isoladamente e que, por exemplo, o nacionalismo musical de Alfredo Keil só se tinha manifestado através da ópera *Serrana*. Além do mais, na visão de Fernando Lopes-Graça a música portuguesa nunca tinha atingido paralelo em relação à música estrangeira²⁴⁰¹. Por isso, Fernando Lopes-Graça orientava a sua perspectiva em termos da criação musical. Neste sentido, Fernando Lopes-Graça propunha que o compositor usasse não só a sua «*experiência interna*», mas que também correspondesse às necessidades do meio que a solicitava, isto é, que criasse uma arte musical plenamente integrada de acordo com as necessidades da vida nacional. Para tal, era fundamental a presença de estruturas de comunicação entre o compositor e o público ouvinte²⁴⁰². Igualmente, com um propósito desta índole, Pedro de Freitas lutava pela manutenção de uma sincronização entre o compositor e o seu público alvo. No entanto, de acordo com a inquietude de Pedro de Freitas, o papel do compositor direccionava-se essencialmente para as massas populares, uma vez que estas representavam o grosso da sociedade portuguesa. Neste sentido, foi relevante a obra escrita por Pedro de Freitas sobre a importância de se dar ao povo música da sua feição²⁴⁰³. Obviamente que haviam outras preocupações prementes que visavam a valorização deste estrato social, as quais impunham não só a necessidade da descentralização da cultura como também a instauração de pedagogias adequadas ao seu ensino. Neste sentido, tanto Fernando Lopes-Graça como Pedro de Freitas

²⁴⁰⁰ Freitas, Pedro de “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (IV)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 01-04-1953.

²⁴⁰¹ Lopes-Graça, Fernando, *A Música Portuguesa e os seus Problemas II*, Lisboa, Caminho, 1989, pp. 17-25.

²⁴⁰² Lopes-Graça, Fernando, *A Música Portuguesa e os seus Problemas II*, Lisboa, Caminho, 1989, p. 29; Lopes-Graça, Fernando, *A Nossa Companheira Música*, Lisboa, Editorial Caminho, 1992, pp. 126-128.

²⁴⁰³ Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1955.

manifestaram as suas lutas a favor da descentralização da cultura, as quais foram expressas através da necessidade de que o povo tivesse acesso à música desde a escola primária²⁴⁰⁴. Neste contexto, António Arroyo (1865-1934) também defendeu a função preponderante do canto coral na instrução pública²⁴⁰⁵. Foi também com esta perspectiva que por iniciativa de Ivo Cruz (1901-1985), nomeado director do *Conservatório Nacional* em 1938, criou-se a *Sociedade Coral Duarte Lobo* em 1931 e a *Orquestra Filarmónica de Lisboa* em 1937. Além disso, na mira de se recuperar a tradição musical erudita portuguesa ainda foram organizados os concertos *Pró-Arte* em 1951, os quais seriam uma extensão das actividades do Conservatório Nacional, cujo propósito continuava a ser a descentralização da cultura musical a nível nacional²⁴⁰⁶. Neste prisma, Pedro de Freitas pronunciou-se muito favoravelmente quanto à criação de uma delegação da *Pró-Arte* em Loulé²⁴⁰⁷. Com o mesmo sentido, em 1942 Fernando Lopes-Graça também evidenciou a sua preocupação com a organização de concertos sonata, os quais eram dedicados à divulgação da música contemporânea portuguesa e estrangeira²⁴⁰⁸.

Sem embargo, enquanto Fernando Lopes-Graça era um erudito, Pedro de Freitas era um autodidacta que se empenhava no sentido de ser um porta-voz das necessidades do das massas populares, o que justificava logo à partida que os seus pontos de vista

²⁴⁰⁴ Lopes-Graça, Fernando, *Nossa Companheira Música*, Lisboa, Caminho, 1992, p. 128; Freitas, Pedro de, “Pelo Progresso da Música Louletana II”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 16-01-1927; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 526.

²⁴⁰⁵ Cascudo, Teresa: “Wagnerismo y Nacionalismo Musical En Portugal: La influencia del Musicografo de Origen Español Antonio Arroyo”, Em Lambea, Mariano, *Revista de Musicología*, Actas del Congreso de la Sociedad Española de Musicología, Oviedo, 17-20 de Noviembre de 2004, pp. 959-960.

²⁴⁰⁶ Nery, Rui Vieira e Ferreira de Castro, Paulo, *História da Música*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1991, pp. 168, 170; Brito, Manuel Carlos de e Cymbron, Luísa, *História da Música Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta, 1992, p. 169.

²⁴⁰⁷ Peres, Luís Sebastião, “Uma Delegação da Pró-Arte em Loulé”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 01-02-1956.

²⁴⁰⁸ Nery, Rui Vieira e Ferreira de Castro, Paulo, *História da Música*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1991, p. 168; Brito, Manuel Carlos de e Cymbron, Luísa, *História da Música Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta, 1992, pp. 169-170.

revelassem entre si certas diferenças substanciais pela implicação que suscitavam os seus ideais²⁴⁰⁹. De facto, Fernando Lopes-Graça preocupava-se com o divórcio existente entre as classes cultas e o povo, com o pouco conhecimento que a classe intelectual tinha do povo, e por a arte e os costumes do povo estarem não só afastados das preocupações dos intelectuais como por os mesmos serem menosprezados e inferiorizados²⁴¹⁰. Por sua vez, Pedro de Freitas manifestava a sua preocupação com a valorização e a defesa da cultura do povo, alegando ser a base da consciência nacional e, por isso, responsável pela hegemonia da nação portuguesa²⁴¹¹. Neste sentido, aproveitando as seduções da política do Estado, e a partir da legítima defesa de que o povo constituía a massa dos cidadãos que representava a nação portuguesa, Pedro de Freitas justificava a necessidade de afirmação desta classe social, sendo fundamental a aprendizagem da música para a sua evolução espiritual²⁴¹². No entanto, o conceito de povo, profundamente vivenciado por Pedro de Freitas, não implicava uma extensão às classes mais eruditas da sociedade, tal como chegou a defender Fernando Lopes-Graça: «e por povo entendo não só o trabalhador, o empregado ou o funcionário, mas o médico, o estudante ou o escritor com «preparação musical idêntica à daqueles»²⁴¹³. Num sentido lato de fraternidade, o próprio Fernando Lopes-Graça

²⁴⁰⁹ Lopes-Graça, Fernando, *Nossa Companheira Música*, Lisboa, Caminho, 1992, p. 128; Liberal, João, “Conversando com Pedro de Freitas”, *Em Jornal do Barreiro*, Barreiro, 31-12-1976; Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, pp. [XV] e 250; Freitas, Pedro de, *Em França: trinta anos depois*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1950, [p. XI]; Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua Fação”, *Em O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 12-12-1952; Neves, F. Clara, “Pedro de Freitas incansável trabalhador de oitenta anos”, *Em Correio do Sul*, Faro, 25-07-1974.

²⁴¹⁰ Lopes-Graça, Fernando, *A Música Portuguesa e os seus Problemas II*, Lisboa, Caminho, 1989, pp. 104-105.

²⁴¹¹ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 526, 552.

²⁴¹² Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 552.

²⁴¹³ Lopes-Graça, Fernando, *Nossa Companheira Música*, Lisboa, Caminho, 1992, p. 94.

chegou a reconhecer-se como um filho do povo²⁴¹⁴. De facto, estes intentos da parte de Fernando Lopes-Graça revelavam a sua pretensão de que a cultura fosse democraticamente difundida para satisfazer as necessidades do homem comum²⁴¹⁵. Nesta insistente preocupação com a cultura do povo, Fernando Lopes-Graça sentia-se incomodado por saber que a cultura era organizada e dirigida por regulamentações que implicavam que a mesma se transformasse em algo de artificial. Por esta via, a cultura do povo perderia toda a sua espontaneidade e expressão artística. Além do mais, Fernando Lopes-Graça considerava que aquela cultura, ao perder o seu propósito concreto de servir o povo, implicava a agravante de se transformar num meio ao serviço de interesses que nada tinham a ver com as necessidades do povo²⁴¹⁶. Noutro sentido, não menos apreensivo, Fernando Lopes-Graça argumentava que para muita gente o “popular” simbolizava o fácil e o acessível, o que muitas vezes estava associado ao trivial. Por isso, Fernando Lopes-Graça alegava que o povo era capaz de sentir e de compreender as grandes obras de arte, discordando dos critérios de administração de pequenas doses de obras de grandes compositores com outras músicas fáceis e aliciadoras. Deste modo, para Fernando Lopes-Graça não havia a necessidade de serem seleccionadas obras musicais de modo a tornar os programas dos concertos mais acessíveis²⁴¹⁷. Numa outra perspectiva, Pedro de Freitas defendia, especialmente no que concerne aos concertos musicais de âmbito popular, programas com peças musicais cuja execução não fosse muito demorada e com géneros musicais mais variados que suscitassem o entusiasmo da parte do público ouvinte²⁴¹⁸. Neste

²⁴¹⁴ Lopes-Graça, Fernando, *Nossa Companheira Música*, Lisboa, Caminho, 1992, p. 84.

²⁴¹⁵ Lopes-Graça, Fernando, *Nossa Companheira Música*, Lisboa, Caminho, 1992, p. 94.

²⁴¹⁶ Lopes-Graça, Fernando, *Nossa Companheira Música*, Lisboa, Caminho, 1992, p. 85; Carvalho, Mário Vieira de, *O essencial sobre Fernando Lopes-Graça*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1989, pp. 16-17.

²⁴¹⁷ Lopes-Graça, Fernando, *Nossa Companheira Música*, Lisboa, Caminho, 1992, pp. 78, 87.

²⁴¹⁸ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XXI), Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 05-01-1955.

sentido, Pedro de Freitas ainda discordava que se educasse o povo essencialmente na música sinfónica estrangeira, justificando que esse método significava trair o sentimento nacional²⁴¹⁹. Além do mais, a opinião de Pedro de Freitas divergia do parecer de Fernando Lopes-Graça e de António de Lima Fragoso (1897-1918), os quais consideravam que a música portuguesa era pobre em relação à música praticada nos outros países²⁴²⁰. Assim sendo, relativamente aos critérios de escolha dos programas das grandes bandas nacionais, Pedro de Freitas apresentava argumentos opostos aos de Fernando Lopes-Graça: *«O sistema que as nossas grandes Bandas criaram na escolha de programas maçudos, incompreendidos, trechos de excessiva rigidez sinfónica própria só para cenáculos de cientistas e que pretendem à força aplicá-los nos concertos de carácter popular e em dose elevada, poderá satisfazer uma pequena maioria; quanto à maioria, ela enfada-se, porque não compreende os estilos arrevesados, os hábitos estranhos, e porque a extensão de números musicais com a sua insipidez, o seu tédio e a sua sonolência, são de molde a afugentar os menos predispostos – que são o maior número – nessas andanças de diálogos incompreendidos, frases sem interesse audível, enfim, baixos e altos que a maioria da sensibilidade portuguesa não aceita»*²⁴²¹. Deste modo, Pedro de Freitas desaprovava insistentemente que os programas dos concertos fossem constituídos apenas por um número de música portuguesa, ou que nos mesmos constasse somente música estrangeira²⁴²². Com peso e medida, Pedro de Freitas opinava que os concertos de

²⁴¹⁹ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XXI)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 05-01-1955; Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1955.

²⁴²⁰ Nery, Rui Vieira e Ferreira de Castro, Paulo, *História da Música*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1991, pp. 164-165.

²⁴²¹ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIX)”, Em *“O Distrito de Setúbal”*, Setúbal, 06-10-1954, ou Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1955, pp. [91-92].

²⁴²² Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIX)”, Em *“O Distrito de Setúbal”*, Setúbal, 13-10-1954, ou Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1955, pp. [91-92].

carácter popular fossem condicionados tanto à música clássica como à música popular, a qual deveria de ser não só estrangeira como também portuguesa. Assim sendo, depois de serem ouvidos dois ou três números de compositores estrangeiros, dever-se-ia ouvir a música operática, sinfónica e as rapsódias dos compositores portugueses²⁴²³. Neste contexto, Pedro de Freitas sublinhava a ideia que os portugueses tinham de conhecer melhor a sua música, isto é, os seus compositores, o seu sentimento, e os seus costumes, enfim, tudo o que expressava a alma portuguesa²⁴²⁴. Desta forma, ainda segundo Pedro de Freitas, tal como acontecia noutros sectores relacionados com a indústria e com o comércio, havia a necessidade de que a música portuguesa também fosse nacionalizada²⁴²⁵. De acordo com estas perspectivas, Fernando Lopes-Graça e Pedro de Freitas divergiam não só quanto ao método pedagógico a implementar entre o povo e a música como também face aos sistemas sociocomunicativos defendidos na reajustação dos interesses entre o povo português e a música adequada à sua evolução²⁴²⁶. Neste sentido, Fernando Lopes-Graça pretendia a criação de uma música que exprimisse uma dialéctica entre o artista e o seu meio social²⁴²⁷. Deste modo, para que existisse uma adequada estrutura de comunicação entre o compositor e o seu público, Fernando Lopes-Graça acentuava uma atmosfera de rudeza e de sofrimento do povo, através de uma tensão entre o

²⁴²³ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIX)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 13-10-1954, ou Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955, pp. [91-92].

²⁴²⁴ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIX)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 13-10-1954, ou Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955, pp. [91-92].

²⁴²⁵ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIX)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 06-10-1954.

²⁴²⁶ Carvalho, Mário Vieira de, *O essencial sobre Fernando Lopes-Graça*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1989; Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955.

²⁴²⁷ Carvalho, Mário Vieira de, *O essencial sobre Fernando Lopes-Graça*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1989, pp. 18-22.

material musical e o seu tratamento²⁴²⁸. Como resultado, o efeito sonoro era aparentemente pouco consentâneo com a afirmação de uma identidade colectiva, o que suscitava no receptor uma atitude de surpresa e de estranhamento²⁴²⁹. Deste modo, a música de Fernando Lopes-Graça pretendia uma confrontação entre o público e a realidade, através da problematização da arte musical e da vida quotidiana²⁴³⁰. Neste sentido, o objectivo era a transformação do espectador passivo num observador crítico e pensante, o que excluía não só qualquer possibilidade de redução da arte a um dado ornamental como também evitava as manipulações emocionais da parte da política vigente²⁴³¹. Sem embargo, a pedagogia nacional sugerida por Pedro de Freitas, como alicerce de comunicação entre o povo e a música, não era condicionada pela via da confrontação mas pelo uso do método oposto, isto é, por uma música que suscitasse um consentimento imediato na estrutura de comunicação entre o receptor e a música. Deste modo, o ouvinte passava a considerar essa música como uma arte inerente à sua feição popular²⁴³².

Porém, de algum modo, Fernando Lopes-Graça também chegou a valorizar a música popular. Por isso, num prisma pedagógico, e com o intuito de suprir os problemas da música portuguesa, Fernando Lopes-Graça considerou a necessidade de uma obra educativa a nível nacional que também pudesse contar com a contribuição das bandas regimentais e das bandas civis²⁴³³. No entanto, Fernando Lopes-Graça constatou que

²⁴²⁸ Carvalho, Mário Vieira de, *O essencial sobre Fernando Lopes-Graça*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1989, pp. 18-22.

²⁴²⁹ Nery, Rui Vieira e Ferreira de Castro, Paulo, *História da Música*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1991, p. 173.

²⁴³⁰ Carvalho, Mário Vieira de, *O essencial sobre Fernando Lopes-Graça*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1989, pp. 18-19.

²⁴³¹ Carvalho, Mário Vieira de, *O essencial sobre Fernando Lopes-Graça*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1989, pp. 15-19.

²⁴³² Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955.

²⁴³³ Lopes-Graça, Fernando, *A Música Portuguesa e os seus Problemas II*, Lisboa, Caminho, 1989, p. 32.

se as primeiras estavam quase extintas, as segundas atravessavam dificuldades em continuar a subsistir²⁴³⁴. Contudo, foi neste âmbito que Pedro de Freitas se salientou, desenvolvendo grande parte do seu protagonismo na luta para que as bandas filarmónicas continuassem a desempenhar um papel fundamental na educação do povo português²⁴³⁵. Neste prisma, vozes (como a de Pedro de Freitas) que se dedicavam a dar vida às Sociedades de Recreio com bandas filarmónicas teriam certamente algum sentido para Fernando Lopes-Graça. Contudo, o problema era sempre e quando Fernando Lopes-Graça considerava que essas vozes podiam, de alguma maneira, servir de emblema à propaganda do sistema político da época²⁴³⁶. Sem embargo, enquanto Pedro de Freitas solicitava por protecção oficial à “música do povo”, porque considerava ser um apoio imprescindível que ajudava as filarmónicas a saírem da crise existencial que estavam a atravessar; Fernando Lopes-Graça também chegou a solicitar mais atenção e estímulo da parte do Estado, mas relativamente à actividade musicológica²⁴³⁷. Considerando que o folclore musical português podia ser a base de um trabalho de educação do povo, Fernando Lopes-Graça não só requereu a

²⁴³⁴ Lopes-Graça, Fernando, *A Música Portuguesa e os seus Problemas II*, Lisboa, Caminho, 1989, p. 32.

²⁴³⁵ Freitas, Pedro de, Palestra: “As Bandas Cívicas – Filarmónicas”, no posto emissor *Club Radiofónico de Portugal*, a convite da *Federação das Sociedades de Educação e Recreio*, 2 de Maio de 1942, Em Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 524; Freitas, Pedro de, “Temas Musicais”, *Povo Algarvio*, Tavira, 04-07-1948; Freitas, Pedro de, “A Música popular, parte integrante da vida da Nação (1.ª Parte)”, *Povo Algarvio*, Tavira, 21-08-1949; Freitas, Pedro de, “A Música Popular, parte integrante da vida da Nação (2.ª Parte)”, *Povo Algarvio*, Tavira, 28-08-1949; Freitas, Pedro de, “Elementos Históricos sobre a Música Popular no Algarve (III)”, Em *Jornal do Algarve*, Vila Real de Santo António, 25-05-1957; Freitas, Pedro de, “Elementos Históricos sobre a Música Popular no Algarve (V)”, Em *Jornal do Algarve*, Vila Real de Santo António, 20-07-1957; Freitas, Pedro de, “Elementos Históricos sobre a Música Popular no Algarve (VII)”, Em *Jornal do Algarve*, Vila Real de Santo António, 08-02-1958; Freitas, Pedro de, “Elementos Históricos sobre a Música Popular no Algarve (VIII)”, Em *Jornal do Algarve*, Vila Real de Santo António, 28-03-1959.

²⁴³⁶ Carvalho, Mário Vieira de, *O essencial sobre Fernando Lopes-Graça*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1989, pp. 16-17; Lopes-Graça, Fernando, *A Música Portuguesa e os seus Problemas II*, Lisboa, Caminho, 1989, p. 115; Cascudo, Teresa: “Que fazer sem um Camões músico? – Fernando Lopes-Graça e o problema da tradição da música portuguesa”, Em *Revista Portuguesa de Musicologia* n.º 6, Lisboa, 1996, p. 138.

²⁴³⁷ Freitas, Pedro de, “Encontro, reunião ou congresso?”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 12-12-1967; Lopes-Graça, Fernando, *A Música Portuguesa e os seus Problemas II*, Lisboa, Caminho, 1989, p. 65.

recolha da música popular por especialistas competentes como também solicitou a sua publicação, iniciativa que, segundo constatou, já tinha sido tomada por um departamento oficial da cultura. Além do mais, Fernando Lopes-Graça ainda sugeria que se estabelecessem centros de investigação e estudo do folclore, os quais seriam criados nas principais zonas do país. Por sua vez, os estudos do folclore e os respectivos catálogos deveriam de ser regidos de acordo com os sistemas de arquivo e as normas científicas em uso nos institutos similares no estrangeiro²⁴³⁸.

Tendencialmente, tanto Fernando Lopes-Graça como Pedro de Freitas remetiam à actualização dos sistemas pedagógicos nacionais segundo os modelos internacionais. No entanto, ao informarem como os sistemas pedagógicos eram concebidos nos outros países, ambos justificavam como a música se deveria integrar na realidade nacional. Neste sentido, Fernando Lopes-Graça e Pedro de Freitas exemplificavam que nos Estados Unidos da América educava-se o povo através de todos os meios de comunicação social²⁴³⁹. Neste âmbito, Pedro de Freitas apelava não só ao apoio institucional mas também a uma mobilização geral da sociedade, cujo objectivo era que a música popular portuguesa fosse valorizada através de uma ampla representação nas organizações oficiais, na prensa e na TSF (telefonía sem fios)²⁴⁴⁰. Apesar de Pedro de Freitas ser um apologista da música viva, a que se ouvia directamente ao ar livre, era com uma intenção pedagógica, e através de programas bem elaborados, que ele também insistia na necessidade da difusão da música portuguesa pela TSF (telefonía sem fios)²⁴⁴¹. Em prol da acessibilidade dessas transmissões, Pedro de

²⁴³⁸ Lopes-Graça, Fernando, *A Música Portuguesa e os seus Problemas II*, Lisboa, Caminho, 1989, p. 114.

²⁴³⁹ Lopes-Graça, Fernando, *Nossa Companheira Música*, Lisboa, Caminho, 1992, pp. 73, 92, 127; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 521-552.

²⁴⁴⁰ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XXI), Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 05-01-1955.

²⁴⁴¹ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XXI), Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 05-01-1955.

Freitas sugestionava que a *Emissora Nacional* conjugada com a *Federação das Sociedades de Educação e Recreio* se deslocassem às sedes das bandas filarmónicas e fizessem as respectivas transmissões. Neste sentido, uma vez mais, Pedro de Freitas enfatizava a exibição de concertos radiofónicos com música portuguesa, isto é, concertos que difundissem as características idiossincráticas do povo português: «*ouvir-se um concerto cujos sons falem a nossa língua, é evidente que a nossa sensibilidade logo sente o frenesi patriótico*»²⁴⁴². Sem embargo, neste prisma, Fernando Lopes-Graça questionou o uso da música popular como fonte da identidade musical na substituição de uma inexistente tradição musical erudita²⁴⁴³. De igual modo, Fernando Lopes-Graça punha em causa o intento pretendido com a etiqueta de: «*música popular portuguesa*»²⁴⁴⁴. Estaria a mesma associada à afirmação dos conceitos rícos, segundo as teorias do *Integralismo Lusitano*, à exposição do que era considerado de música popular, ou à pretensão de se englobar todas as manifestações musicais firmadas por autores portugueses? Neste contexto, Fernando Lopes-Graça expôs alguns dos programas estipulados pela *Emissora Nacional*, através da *Rádio Semanal* (os quais são apresentados a seguir), considerou-os heterogéneos porque dificilmente permitiam reconhecer o critério seguido pelos seus colaboradores²⁴⁴⁵:

«Música portuguesa: *Sedução*, Cruz e Sousa, valsa por orquestra; *Canção do luar*, Condessa de Proença, por António Menano; *Fado Robles*, variações em guitarra, por

²⁴⁴² Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XXI), Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 12-01-1955.

²⁴⁴³ Cascudo, Teresa: “Que fazer sem um Camões músico? – Fernando Lopes-Graça e o problema da tradição da música portuguesa”, Em *Revista Portuguesa de Musicologia n.º 6*, Lisboa, 1996, p. 135.

²⁴⁴⁴ Lopes-Graça, Fernando, *A Música Portuguesa e os seus Problemas*, Vol. 1, Porto, Edições Lopes da Silva, 1944, pp. 47-51.

²⁴⁴⁵ Lopes-Graça, Fernando, *A Música Portuguesa e os seus Problemas*, Vol. 1, Porto, Edições Lopes da Silva, 1944, pp. 47-51.

Júlio Correia; *Bailarico saloio*, da fita Bocage, Pereira Coelho, por Maria Albertina; *Lembrança da mocidade*, José Granja, em harmónio pelo autor; *O fado*, António Botto, por Edgar de Almeida; *P'ra Rainha Santa*, Raúl de Campos, pela Foz Melody Band»²⁴⁴⁶.

«Música portuguesa: Auto português: a) *P'ra romaria*, b) *Dança dos conversados*, Raúl de Campos, por orquestra; *Canção da Beira –Baixa*, por Edmundo Bettencourt; *Guitarra*, Alfredo Keil, solo de violino por Luís Barbosa; *O beijo*, Rui Coelho, por Edgar Duarte de Almeida; *Alfazema do monte*, Cruz e Sousa, por orquestra»²⁴⁴⁷.

«Música Portuguesa: *Variações em mi menor*, Tôrres Marques, solo de guitarra pelo autor; *D. Infanta*, A. de Lacerda, por António Menano; *Corridinho do Sul*, Rui dos Santos Cabrita, solo de acordeão pelo autor; *Verdegar*, Frederico de Freitas; *Canção de Bordo*, da fita *Travo de quatro fôlhas*, Frederico de Freitas, pelo tenor Guilherme Kjölner; *Estaladinho*, Raúl de Campos, por orquestra»²⁴⁴⁸.

Sem embargo, progressivamente Fernando Lopes-Graça também começava a ter uma atitude mais crítica relativamente aos meios de comunicação social por considerar que os mesmos impunham uma política demagógica, sendo, por isso, discutíveis como instrumentos de cultura²⁴⁴⁹.

²⁴⁴⁶ Lopes-Graça, Fernando, *A Música Portuguesa e os seus Problemas*, Vol. 1, Porto, Edições Lopes da Silva, 1944, pp. 48-50.

²⁴⁴⁷ Lopes-Graça, Fernando, *A Música Portuguesa e os seus Problemas*, Vol. 1, Porto, Edições Lopes da Silva, 1944, pp. 48-50.

²⁴⁴⁸ Lopes-Graça, Fernando, *A Música Portuguesa e os seus Problemas*, Vol. 1, Porto, Edições Lopes da Silva, 1944, pp. 48-50.

²⁴⁴⁹ Lopes-Graça, Fernando, *Nossa Companheira Música*, Lisboa, Caminho, 1992, p. 163.

Ainda que Fernando Lopes-Graça tivesse uma postura relativamente crítica quanto ao uso da música popular portuguesa, mais tarde (em finais dos anos trinta do século XX), através de certas influências vivenciadas em Paris, ele passou a harmonizar canções populares portuguesas a partir de um folclorismo na linha de Béla Bartók e de Zoltan Kodaly, o que seria uma das principais linhas de força da sua orientação estética²⁴⁵⁰. Deste modo, Fernando Lopes-Graça começou por considerar que a música portuguesa era possível graças aos artistas comprometidos na tradição colectiva, o que de algum modo justificava o papel da música popular na criação da identidade nacional²⁴⁵¹. Neste sentido, Fernando Lopes-Graça aceitou o uso da música popular como uma maneira de se criar uma música viva, com uma mensagem de humanidade. No entanto, a criação da linguagem musical que pudesse representar a face da música nacional, tanto podia partir da música popular como da música erudita²⁴⁵².

Deste modo, as diversas questões de Fernando Lopes-Graça sobre o que fazer sem uma tradição no âmbito da música portuguesa, ainda que paradoxalmente, evidenciavam a sua preocupação em trazer à luz uma imagem da música portuguesa a partir de uma tradição nacional²⁴⁵³.

Além do mais, apesar das solicitações a organismos culturais oficiais, Fernando Lopes-Graça representou as funções de um músico da oposição, cujas atitudes estéticas e ideias de natureza antifascista manteve desde os seus tempos de

²⁴⁵⁰ Brito, Manuel Carlos de e Cymbron, Luísa, *História da Música Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta, 1992, p. 167.

²⁴⁵¹ Cascudo, Teresa: “Que fazer sem um Camões músico? – Fernando Lopes-Graça e o problema da tradição da música portuguesa”, Em *Revista Portuguesa de Musicologia n.º 6*, Lisboa, 1996, p. 136.

²⁴⁵² Cascudo, Teresa: “Que fazer sem um Camões músico? – Fernando Lopes-Graça e o problema da tradição da música portuguesa”, Em *Revista Portuguesa de Musicologia n.º 6*, Lisboa, 1996, p. 138.

²⁴⁵³ Cascudo, Teresa: “Que fazer sem um Camões músico? – Fernando Lopes-Graça e o problema da tradição da música portuguesa”, Em *Revista Portuguesa de Musicologia n.º 6*, Lisboa, 1996, pp. 127-139; Cascudo, Teresa: “A década da invenção de Portugal na música erudita (1890-1899)”, Em *Revista Portuguesa de Musicologia n.º 10*, Lisboa, 2000, pp. 181-226.

juventude²⁴⁵⁴. Por isso, para Fernando Lopes-Graça havia uma distinção entre a música nacional e o nacionalismo político. Enquanto a música nacional era um meio sublime para atingir os fins supremos da vida, o nacionalismo político pretendia a sujeição do artista a uma disciplina rígida, usada demagogicamente pelo regime Salazarista²⁴⁵⁵. Neste sentido, Fernando Lopes-Graça opunha-se ao nacionalismo enquanto imperativo político por o mesmo encarar a música como parte de um programa ideológico. Como tal, Fernando Lopes-Graça defendia o «*nacionalismo essencial*», isto é, o que fazia da composição musical um campo de experimentação para forjar uma nova linguagem a partir de características da música popular²⁴⁵⁶. Neste prisma, Fernando Lopes-Graça entendeu que antes da obra de arte se manifestar, através de um corpo definido, ela existia potencialmente nas manifestações espontâneas da música popular²⁴⁵⁷. Deste modo, Fernando Lopes-Graça pretendeu desfazer o mito da música nacionalista tal como era encarnada na obra do compositor Rui Coelho (1892-1986)²⁴⁵⁸, e na actividade musical de Ivo Cruz (1901-1985), por considerar que ambos os compositores colaboravam no nacionalismo político segundo os moldes oficiais²⁴⁵⁹. Com efeito, é de referir que

²⁴⁵⁴ Cascudo, Teresa: “Que fazer sem um Camões músico? – Fernando Lopes-Graça e o problema da tradição da música portuguesa”, Em *Revista Portuguesa de Musicologia n.º 6*, Lisboa, 1996, p. 138.

²⁴⁵⁵ Cascudo, Teresa: “Que fazer sem um Camões músico? – Fernando Lopes-Graça e o problema da tradição da música portuguesa”, Em *Revista Portuguesa de Musicologia n.º 6*, Lisboa, 1996, p. 137.

²⁴⁵⁶ Lopes-Graça, Fernando, *Introdução à música moderna*, Lisboa, Edição Cosmos, 1942.

²⁴⁵⁷ Lopes-Graça, Fernando, *Introdução à música moderna*, Lisboa, Edição Cosmos, 1942.

²⁴⁵⁸ Ver Coelho, Ruy, Elementos Biográficos, [Online], <http://www.netsaber.com.br/biografias/ver_biografia_c_228.html>, [consulta: 16 de Outubro de 2007]; Candé, Roland de, *Diccionario dos Músicos*, Lisboa, Edições 70, 1994, p. 82; Nery, Rui Vieira e Ferreira de Castro, Paulo, *História da Música*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1991, pp. 155, 169; Lopes-Graça, Fernando, *A Música Portuguesa e os seus Problemas*, Vol. 1, Porto, Edições Lopes da Silva, 1944, p. 121.

²⁴⁵⁹ Santos, Martins, A Música em Portugal, Braga, 1999, [Online], <<http://www.geocities.com/Athens/Troy/4285/musica.html>>, [consulta: 16 de Outubro de 2007]; Nery, Rui Vieira e Ferreira de Castro, Paulo, *História da Música*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1991, pp. 168, 170; Lopes-Graça, Fernando, *A Música Portuguesa e os seus Problemas*, Vol. 1, Porto, Edições Lopes da Silva, 1944, p. 121; Cascudo, Teresa: “Que fazer sem um Camões músico? – Fernando Lopes-Graça e o problema da tradição da música portuguesa”, Em *Revista Portuguesa de Musicologia n.º 6*, Lisboa, 1996.

Pedro de Freitas contactava com estes dois compositores e nutria reconhecimento pela obra composicional de Rui Coelho, o qual tentou criar composições musicais de raiz nacional baseadas em temas portugueses, tais como foram exemplo as *Sinfonias Camonianas* ou a *Oratória de Fátima*²⁴⁶⁰. Apesar disso, Fernando Lopes-Graça considerou que Rui Coelho era um compositor pouco dotado em termos de originalidade musical²⁴⁶¹.

No que concerne aos critérios de criação de uma música nacional, a postura de Pedro de Freitas não representou uma posição exclusivista, uma vez que ele defendia várias ideias em vigor na época, de cariz nacionalista. Assim sendo, Pedro de Freitas acordava com a criação de uma música que fizesse uso do sentimento nacional, incluindo, neste prisma, a feitura de obras de carácter cívico-patriótico numa linha composicional de Alfredo Keil (1850-1907)²⁴⁶². Na continuidade das ideias defendidas por Rui Coelho, Pedro de Freitas também apoiava o recurso à música

²⁴⁶⁰ Freitas, Pedro de, “O Maestro Rui Coelho compõe mais uma Ópera: “A Feira”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 29-05-1957; Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIX)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 06-10-1954; Freitas, Pedro de, “Concertos Populares «O Século» e o «Distrito» trilhando o mesmo caminho”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 31-07-1957; Coelho, Ruy, Biografia, [Online], <http://www.netsaber.com.br/biografias/ver_biografia_c_228.html>, [consulta: 16 de Outubro de 2007]; Candé, Roland de, *Diccionario dos Músicos*, Lisboa, Edições 70, 1994, p. 82; Nery, Rui Vieira e Ferreira de Castro, Paulo, *História da Música*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1991, p. 169.

²⁴⁶¹ Lopes-Graça, Fernando, *A Música Portuguesa e os seus Problemas*, Vol. 1, Porto, Edições Lopes da Silva, 1944, p. 121.

²⁴⁶² Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946; Freitas, Pedro de, *E Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955; Pedro, “Temas Musicais”, *Povo Algarvio*, Tavira, 04-07-1948; Freitas, Pedro de, “A Música popular, parte integrante da vida da Nação (1.ª Parte)”, *Povo Algarvio*, Tavira, 21-08-1949; Freitas, Pedro de, “A Música Popular, parte integrante da vida da Nação (2.ª Parte)”, *Povo Algarvio*, Tavira, 28-08-1949; Freitas, Pedro de, “Elementos Históricos sobre a Música Popular no Algarve IV”, *Jornal do Algarve*, Vila Real de Santo António, 22-06-1957; Freitas, Pedro de, “Devaneios musicais”, Em *Correio do Sul*, Faro, 16-03-1972.

popular como essência da identidade lusa, quer num plano erudito ou popular²⁴⁶³. Além do mais, Pedro de Freitas ainda tomava partido da visão de que Portugal tinha de se integrar nas tendências musicais da actualidade. Por isso, numa linha de pensamento defendida por Ivo Cruz (figura que Pedro de Freitas conhecia pessoalmente), Pedro de Freitas ainda partilhava da necessidade de se conhecer uma época áurea do passado português, afim de se fortalecer a consciência nacional. Neste sentido, o objectivo fundamental era restituir à nação portuguesa os valores nacionais mais notáveis pelo reconhecimento do passado musical português, o que também implicava a criação de uma escola de música nacional que pudesse representar uma continuidade fundamentada nessa mesma tradição musical²⁴⁶⁴. Numa visão geral, Pedro de Freitas sugeria um conjunto de ideias que directa ou indirectamente implicassem que a criação musical se associasse às diversas características étnico-

²⁴⁶³ Freitas, Pedro de, “Concertos Populares «O Século» e o «Distrito» trilhando o mesmo caminho”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 31-07-1957; Freitas, Pedro de, “Elementos Históricos sobre a Música Popular no Algarve (I)”, Em *Jornal do Algarve*, Vila Real de Santo António, 13-04-1957; Freitas, Pedro de, “Elementos Históricos sobre a Música Popular no Algarve (IV)”, Em *Jornal do Algarve*, Vila Real de Santo António, 22-06-1957; Freitas, Pedro de, “Elementos Históricos sobre a Música Popular no Algarve (V)”, Em *Jornal do Algarve*, Vila Real de Santo António, 20-07-1957; Freitas, Pedro de, “O Povo Gosta de Música”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-10-1972; Cascudo, Teresa: “A década da Invenção de Portugal na música erudita (1890-1899)”, Em *Revista Portuguesa de Musicologia n.º 10*, Lisboa, 2000, pp. 223-224; Nery, Rui Vieira e Ferreira de Castro, Paulo, *História da Música*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1991, pp. 155-156.

²⁴⁶⁴ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIX)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 06-10-1954; Freitas, Pedro de, “Concertos Populares «O Século» e o «Distrito» trilhando o mesmo caminho”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 31-07-1957; Cascudo, Teresa: “Que fazer sem um Camões músico? – Fernando Lopes-Graça e o problema da tradição da música portuguesa”, Em *Revista Portuguesa de Musicologia n.º 6*, Lisboa, 1996, p. 132; Cascudo, Teresa: “A década da Invenção de Portugal na música erudita (1890-1899)”, Em *Revista Portuguesa de Musicologia n.º 10*, Lisboa, 2000, p. 223.

culturais da identidade nacional, de forma a poder-se exprimir a “etnicidade” peculiar do povo português²⁴⁶⁵.

Neste sentido, é de referir que sobretudo nas décadas de quarenta a sessenta do século XX, a grande maioria dos músicos portugueses optava por estratégias associadas à colaboração nos eventos propagandísticos propostos pela política oficial. Porém, esta cooperação com o regime político vigente podia ser estimulada através de diferentes formas de actuação, isto é, por critérios de convicção relativamente aos ideais representados pela política oficial; por um sentido de oportunismo; mediante um espírito de resignação, ou, por uma junção heterogénea de várias tácticas em simultâneo²⁴⁶⁶. Assim sendo, figuras musicais como Ivo Cruz, Rui Coelho, ou Joly Braga Santos (1924-1988)²⁴⁶⁷, discípulo de Luís de Freitas Branco, não assumiram

²⁴⁶⁵ Freitas, Pedro de, “Elementos Históricos sobre a Música Popular no Algarve V”, Em *Jornal do Algarve*, Vila Real de Santo António, 20-07-1957; Freitas, Pedro de, “O Povo Gosta de Música”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-10-1972; Neves, F. Clara, “Pedro de Freitas incansável trabalhador de oitenta anos”, Em *Correio do Sul*, Faro, 25-07-1974; McCrone, David: “Nations and Regions: In or Out of the State?”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, p. 238; Searle-White, Joshua, *The Psychology of Nationalism*, New York, Palgrave, 2001, p. 53; Smith, Anthony D.: “Ethnicity and Nationalism”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 170-171; Cascudo, Teresa: “A década da Invenção de Portugal na música erudita (1890-1899)”, Em *Revista Portuguesa de Musicologia n.º 10*, Lisboa, 2000, p. 224.

²⁴⁶⁶ Nery, Rui Vieira e Ferreira de Castro, Paulo, *História da Música*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1991, pp. 170-171; Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946; Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 69.

²⁴⁶⁷ Joly Braga Santos, em Wikipedia, [Online], <http://en.wikipedia.org/wiki/Joly_Braga_Santos>, [consulta: 16 de Outubro de 2007]; Nery, Rui Vieira e Ferreira de Castro, Paulo, *História da Música*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1991, p. 174; Candé, Roland de, *Diccionario dos Músicos*, Lisboa, Edições 70, 1994, pp. 53-56.

uma posição de conflito perante o regime político vigente²⁴⁶⁸. Neste contexto, prospecta-se que Pedro de Freitas também preferia entrar numa via política de “neutralidade política” com o objectivo de orientar as suas condutas sociais, algumas das quais até entravam em contradição entre si, tais como na afirmação da sua actividade musical ser imparcial face aos objectivos políticos do Estado; como no seu interesse em conseguir o protagonismo do Estado nos assuntos da música e de outros eventos culturais a nível nacional; como no manifestar a sua contestação política numa linha de “apoliticidade”; ou mesmo como no ter de se sujeitar a obedecer a algumas normas que lhe eram incumbidas na qualidade de organizador musical da FNAT, afim de evitar represálias²⁴⁶⁹. No entanto, salienta-se que Fernando Lopes-Graça assumia-se como uma figura antifascista, revelando uma ampla consciência das relações de comunicação da política vigente relativamente às massas populares. Deste modo, a sua posição de anomia contra as estruturas sociocomunicativas dominantes no modelo Salazarista fizeram com que a sua figura e a sua obra não tivessem tido paralelo na altura²⁴⁷⁰. Nesta lógica de pensamento, Fernando Lopes-Graça considerava que os ideais que visavam a ostentação de uma música lusa, na representação da identidade nacional, visavam essencialmente entrar numa lógica de interesses da propaganda da política partidária da época. Por isso, Fernando Lopes-

²⁴⁶⁸ Carvalho, Mário Vieira de, *Razão e Sentimento na Comunicação Musical, Estudos Sobre a Dialéctica do Iluminismo*, Lisboa, Antropos, 1999, 174, 190; Carvalho, Mário Vieira de, *Pensar é Morrer ou o Teatro de S. Carlos na Mudança de Sistemas Sociocomunicativos desde fins do séc. XVIII aos nossos dias*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993, p. 235; Azevedo, Sérgio e Carvalho, Mário Vieira de: “1958-1998: 40 anos de música contemporânea em Portugal”, Em Rodrigues, Helena (dir.), *Arte Musical*, n.º 12, IV Série, Lisboa, Juventude Musical Portuguesa, Setembro 1998, pp. 22-22.

²⁴⁶⁹ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, pp. 524-529; Freitas, Pedro de, “Filarónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 28-07-1938; Freitas, Pedro de, “Pelo Progresso da Música Louletana (I)”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 26-12-1926; Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 69;

²⁴⁷⁰ Cascudo, Teresa: “Que fazer sem um Camões músico? – Fernando Lopes-Graça e o problema da tradição da música portuguesa”, Em *Revista Portuguesa de Musicologia n.º 6*, Lisboa, 1996, p. 131; Carvalho, Mário Vieira de, *O essencial sobre Fernando Lopes-Graça*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1989, pp. 16-17.

Graça interessava-se mais pelos músicos representantes do liberalismo português que tinham trabalhado pela modernização da vida musical lisboeta, nomeadamente através do papel representado por João Domingos Bontempo (1755-1842), e por José Viana da Mota (1868-1948)²⁴⁷¹.

Por sua vez, Pedro de Freitas também travou amizade com o compositor e musicólogo Luís de Freitas Branco (1890-1955)²⁴⁷². Foi, aliás, através do transporte ferroviário, na ocupação profissional de revisor de bilhetes, que Pedro de Freitas conheceu Luís de Freitas Branco e ambos trocavam alguns pareceres no âmbito musical²⁴⁷³. De algum modo, tanto Pedro de Freitas como Luís de Freitas Branco influenciaram-se pela doutrina do *Integralismo Lusitano*²⁴⁷⁴. Contudo, apesar de Luís de Freitas Branco ser considerado um compositor de mérito, ele suscitou, naquela época, algumas críticas da parte de Fernando Lopes-Graça, por este considerar o ideal do *Integralismo Lusitano* discutível²⁴⁷⁵. Sem embargo, desde o início da década de trinta, Luís de Freitas Branco passava a ter uma outra posição face ao folclore. Deste modo, ao manifestar uma atitude mais crítica face ao regime político vigente, Luís de Freitas Branco passava a assumir maior cumplicidade face aos ideais defendidos por Fernando

²⁴⁷¹ Cascudo, Teresa: “Que fazer sem um Camões músico? – Fernando Lopes-Graça e o problema da tradição da música portuguesa”, Em *Revista Portuguesa de Musicologia n.º 6*, Lisboa, 1996, p. 133; Nery, Rui Vieira e Ferreira de Castro, Paulo, *História da Música*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1991, pp. 132-133, 157-158.

²⁴⁷² Compositores Portugueses – Luis de Freitas Branco, [Online], <<http://www.amsc.com.pt/musica/compositores/luisfb.htm>>, [consulta: 16 de Outubro de 2007]; Candé, Roland de, *Diccionário dos Músicos*, Lisboa, Edições 70, 1994, pp. 121-122; Nery, Rui Vieira e Ferreira de Castro, Paulo, *História da Música*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1991, pp. 159-162.

²⁴⁷³ Branco, Luís de Freitas: “Prefácio”, Em Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, 1946, p. IX.

²⁴⁷⁴ O Integralismo Lusitano foi um movimento político que advocava pelo tradicionalismo, em oposição ao conservatismo. Foi fundado em Coimbra, em 1914, sendo especialmente activado durante a Primeira Republica, Em *Wikipedia*, [on-line], <http://en.wikipedia.org/wiki/Integralismo_Lusitano>, [consulta: 6 de Setembro de 2007].

²⁴⁷⁵ Lopes-Graça, Fernando, *A Música Portuguesa e os seus Problemas*, Vol. 1, Porto, Edições Lopes da Silva, 1944, p. 138.

Lopes-Graça²⁴⁷⁶. Contudo, Luís de Freitas Branco não deixou de reconhecer a sabedoria de Pedro de Freitas no âmbito da música filarmónica, antes pelo contrário, ele (Luís de Freitas Branco) considerou o árduo trabalho de recolha e de investigação empreendido por Pedro de Freitas na qualidade de autor do livro *História da Música Popular em Portugal*²⁴⁷⁷. Além do mais, Luís de Freitas Branco também manifestou alguma apreciação pelos assuntos relacionados com os aspectos populares da música, tão acarinhados por Pedro de Freitas, o que justificou o facto de ele (Luís de Freitas Branco) também ser autor de um livro relacionado com esses temas musicais, o qual foi intitulado de *História Popular da Música: desde as origens até à actualidade*²⁴⁷⁸. Com efeito, o interesse que, neste âmbito, pode suscitar a vida e a obra de Pedro de Freitas não derivou da sua oposição face ao regime político vigente mas da sua forma pessoal de ser bairrista, regionalista e nacionalista numa acepção pura, isto é, expressa por um sentimentalismo cordial e sincero²⁴⁷⁹. Deste modo, por um lado, o erudito musicólogo e compositor Fernando Lopes-Graça partia da proposta étnica e a submetia a um processo de osmose através do seu apetrechamento técnico familiarizado com a tradição europeia clássica²⁴⁸⁰. Num outro plano, o popular musicógrafo e compositor Pedro de Freitas, na pretensão de ser representante do

²⁴⁷⁶ Carvalho, Mário Vieira de, *Razão e Sentimento na Comunicação Musical, Estudos Sobre a Dialéctica do Iluminismo*, Lisboa, Antropos, 1999, 190.

²⁴⁷⁷ Branco, Luís de Freitas: “Prefácio”, Em Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, 1946, p. IX.

²⁴⁷⁸ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946; Branco, Luís de Freitas, *História Popular da Música: desde as origens até à actualidade*, Lisboa, Cosmos, 1943; Nery, Rui Vieira e Ferreira de Castro, Paulo, *História da Música*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1991, pp. 160-161; Branco, Luís de Freitas: “Prefácio”, Em Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, 1946, p. IX.

²⁴⁷⁹ Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946; Freitas, Pedro de, *O I Concurso Nacional de Bandas Cívicas – Madeira e Açores Belezas de Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas ed., 1965; Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas ed., 1973.

²⁴⁸⁰ Carvalho, Mário Vieira de, *O essencial sobre Fernando Lopes-Graça*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1989, pp. 7-8.

povo, partia da sua sensibilidade e união profunda aos aspectos territoriais e socioculturais da sua terra natal²⁴⁸¹. Porém, no caso de Pedro de Freitas, ele simbolizou ou pretendeu representar a natureza inerente desse mesmo material étnico, o qual estava fortemente impregnado pelas suas vivências intercambiadas em raízes de uma tradição músico-cultural ibérica, cujo propósito era de impôr uma expressão mais nacionalista à nação portuguesa²⁴⁸². Deste modo, Pedro de Freitas pretendia que os modelos sociocomunicativos entre compositor-público, tal como eram evidentes no panorama músico-popular espanhol, fossem adaptados na cultura musical portuguesa. Assim sendo, ao transpassar aqueles modelos de reverência pelos aspectos populares do povo espanhol, Pedro de Freitas pretendia instituir mais respeito pelo sentimento e pelo gosto musical do povo português²⁴⁸³. Sem embargo, enquanto Fernando Lopes-Graça exprimia um conceito de povo que deveria de impor-se face às demagogias usadas e difundidas pela política vigente, esforçando-se por desmascarar a imagem subjacente à operação de propaganda oficial; Pedro de Freitas, na sua necessidade de ser porta-voz do povo, entrava numa sintonia ambivalente face a alguns ideais estadonovistas²⁴⁸⁴. Deste modo, Pedro de Freitas aproveitava os contributos oficiais da política vigente para dar às massas populares um acesso mais imediato na arte musical, o que dependia da reabilitação das sociedades filarmónicas que, segundo afirmava, eram os conservatórios onde o povo aprendia a evoluir mais

²⁴⁸¹ Freitas, Pedro de, “Elementos Históricos sobre a Música Popular no Algarve V”, Em *Jornal do Algarve*, Vila Real de Santo António, 20-07-1957.

²⁴⁸² Freitas, Pedro de, “Elementos Históricos sobre a Música Popular no Algarve V”, Em *Jornal do Algarve*, Vila Real de Santo António, 20-07-1957; Freitas, Pedro de, “O Povo Gosta de Música”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-10-1972; Freitas, Pedro de, “Impõe-se, porventura, uma necessária reforma no presente sistema musical?”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 13-09-1953.

²⁴⁸³ Freitas, Pedro de, “O Povo Gosta de Música”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-10-1972.

²⁴⁸⁴ Carvalho, Mário Vieira de, *O essencial sobre Fernando Lopes-Graça*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1989, p. 9; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 552; Ó, Jorge Ramos do, *Os anos de Ferro: O dispositivo cultural durante a “Política do Espírito” 1933-1949*, Lisboa, Editorial Estampa, 1999, p. 40.

humanamente²⁴⁸⁵. Além do mais, enquanto Fernando Lopes-Graça procurou o potencial subversivo das canções do povo e escreveu obras literárias que promoviam uma postura crítica nas massas populares, cujo intento era suscitar no público-receptor uma identidade própria subtraída da manipulação paternalista do poder político; Pedro de Freitas também não deixou de nutrir e de impor a sua forma peculiar de sentir, de visionar, e de reconstruir o seu ideal de nacionalismo²⁴⁸⁶. Porém, no caso de Pedro de Freitas tratava-se de um comportamento nacionalista, assente em inúmeras interações entre as várias componentes étnicas, oficiais e transnacionais, no qual dominava um profundo sentimentalismo que fora expresso em toda a sua obra. Uma vez o nacionalismo visionado por Pedro de Freitas tinha como finalidade a argumentação e a imposição de uma funcionalidade musical mais activa, implicada nas suas inúmeras reivindicações face a uma optimização do quotidiano político-social²⁴⁸⁷. Outras vezes, na pretensão de expressar a voz do povo, Pedro de Freitas entrava numa sintonia (ainda que ambivalente) com o povo de que falava o sistema político-ideológico do *Estado Novo*. No entanto, ao colaborar em virtude da música do povo, Pedro de Freitas exigia necessariamente algo em troca²⁴⁸⁸. Em ambos os

²⁴⁸⁵ Freitas, Pedro de, “As Filarmónicas (digam o que disserem...) são os conservatórios populares”, Em *A Avezinha*, Paderne, 01-01-1980; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 552.

²⁴⁸⁶ Carvalho, Mário Vieira de, *O essencial sobre Fernando Lopes-Graça*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1989, pp. 10-11; Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946.

²⁴⁸⁷ Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955; Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957; Freitas, Pedro de, *José de Freitas no centenário do seu nascimento*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Fausto Sebastião de Freitas ed., 1958; Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas ed., 1961; Freitas, Pedro de, *Eu fui à Índia*, Barreiro, Pedro de Freitas, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1962; Freitas, Pedro de, *O I Concurso Nacional de Bandas Cívicas – Madeira e Açores Belezas de Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas ed., 1965; Freitas, Pedro de, “Os Mortos Vivos e os Vivos Mortos da Grande Guerra”, Em *Gente da Guerra*, Coimbra, 20-08-1933; Freitas, Pedro de, “Quem nos governa então?”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 02-11-1978; Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, pp. 69-81.

²⁴⁸⁸ Freitas, Pedro de, *O I Concurso Nacional de Bandas Cívicas – Madeira e Açores Belezas de Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1965.

casos (quer numa actuação reivindicativa ou numa postura de sintonia ambivalente), ao reportar o que se passava além fronteiras, Pedro de Freitas interferia com o poder estatal, condicionando que o povo fosse reconhecido e acarinhado pelas instituições oficiais portuguesas. Afinal, segundo Pedro de Freitas o povo era o expoente máximo que democraticamente caracterizava a idiosincrasia do país. Por isso, este estrato social deveria de ser identificado e reconhecido a partir do seu gosto artístico e da sua vontade musical imanente²⁴⁸⁹.

~ × ~

Problematizaram-se os critérios das políticas nacionalistas ao pretenderem a instrumentalização do nacionalismo de base populista na “autenticidade” representativa da música da nação. Neste prisma, perspectivou-se que o “autóctone”, na sua “representação musical”, não deixava de ser desconsiderado por incluir na sua construção processos complexos de interpretação de influências exteriores. Além disso, as necessidades das políticas nacionais, no seu compromisso transnacional, nunca deixaram de consentir um profundo intercâmbio entre o nacional e o internacional. Assim, por um lado, a imposição do nacionalismo na música evidenciou uma necessidade de auto-afirmação nacional, como reacção face às correntes internacionais da ópera italiana ou do sinfonismo teutónico. Porém, por outro lado, a ânsia de auto-afirmação nacional, além de pretender manifestar-se além fronteiras, nunca deixou de estar atenta às decisões que o nacionalismo musical

²⁴⁸⁹ Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955; Freitas, Pedro de, “O Povo Gosta de Música”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-10-1972.

implicava num âmbito internacional. Neste sentido, a partir, sobretudo, da perspectiva de Pedro de Freitas e de Fernando Lopes-Graça contracenou-se um panorama, de certo modo contraditório, em torno da definição de música portuguesa e da sua tradição; em relação às pedagogias a serem sistematizadas na educação musical do povo português; e em relação à sua concepção sobre a política do nacionalismo musical. Neste âmbito, ainda se evidenciaram várias formas de actuação musical a nível nacional, destacando-se quase sempre uma divergência entre a perspectiva nacionalista de Pedro de Freitas relativamente à posição de anomia revelada por Fernando Lopes-Graça face à política oficial do nacionalismo musical. Deste modo, Fernando Lopes-Graça, no acto da criação musical, pretendia transmitir o potencial subversivo das canções do povo e, por essa via, procurava suscitar um estranhamento na estrutura sociocomunicativa entre o público ouvinte e a obra musical. Este interesse da parte de Fernando Lopes-Graça vinha a propósito do seu conceito que (através da problematização da obra de arte) o povo podia adquirir a consciência de uma verdadeira identidade subtraída da manipulação paternalista do poder político. Por outro lado, Pedro de Freitas pretendeu, a partir de algumas das suas obras, representar a natureza inerente desse mesmo material étnico, fortemente impregnado pelas suas vivências intercambiadas em raízes de uma tradição ibérica. Porém, o propósito de Pedro de Freitas era impôr uma expressão mais nacionalista à nação portuguesa, tal como ele presenciava no contexto da música popular espanhola. Deste modo, ao pretender suscitar uma sintonia nas estruturas sociocomunicativas entre o público ouvinte e a sua obra musical, Pedro de Freitas impunha uma tomada de atenção perante a soberania do sentimento e do gosto musical que caracterizava o povo português. Afinal (numa linha estratégica de “neutralidade política”, por vezes, até mesmo contraditória entre si, tateada de acordo com as diferentes práticas discursivo-contextuais massificadas na época em causa), sempre que Pedro de Freitas defendia que o povo representava o expoente máximo que democraticamente caracterizava a idiosincrasia do país, alegando aos exemplos paradigmáticos praticados além fronteiras, ele estava a interferir com o Estado, condicionando que o povo fosse reconhecido e acarinhado pelas instituições oficiais a nível nacional.

4.3.1. O nacionalismo musical cultural

Actualmente tem-se estudado o propósito do nacionalismo ir mais além do que o reconhecimento das identidades nacionais. Neste sentido, a pretensão do nacionalismo musical, ao ultrapassar a faceta de se reconhecer como uma mera alternativa ao panorama internacional, revela-se profundamente interconectada a essa mesma realidade cosmopolita²⁴⁹⁰. De facto, a especificidade do fenómeno do nacionalismo em Portugal apresentou uma forma de cosmopolitismo que, em parte, deveu-se à actividade de uma elite culta que vivia em contacto com uma cosmópolis cultural, cujas fronteiras ultrapassavam o país de origem²⁴⁹¹. Porém, foram os vários condicionalismos relacionados com o êxodo rural, a urbanização, a industrialização, os efeitos da desculturalização, evidentes não só nos finais do século XIX como no início do século seguinte, que possibilitaram a emergência de novas formas de vida social, em virtude de um sentimento de pertença à comunidade político-cultural que integrava as identidades nacionais²⁴⁹². Estes factores, ao serem responsáveis pelo progresso no âmbito das comunicações, permitiram, igualmente, uma maior interacção entre muitos países da Europa. Neste prisma, salienta-se que Portugal não

²⁴⁹⁰ Delante, Gerard: “Nationalism and Cosmopolitanism: The Parox of Modernity”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 357-368; Haugaard, Mark: “Nationalism and Liberalism”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 345-356.

²⁴⁹¹ Cascudo, Teresa: “Wagnerismo y Nacionalismo Musical En Portugal: La influencia del Musicografo de Origen Español Antonio Arroyo”, Em Lambea, Mariano, *Revista de Musicología*, Actas del Congreso de la Sociedad Española de Musicología, Oviedo, 17-20 de Noviembre de 2004, p. 953.

²⁴⁹² Nery, Rui Vieira e Ferreira de Castro, Paulo, *História da Música*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1991, p. 148; Brito, Manuel Carlos de e Cymbron, Luísa, *História da Música Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta, 1992, p. 155.

só ficou ferroviariamente ligado à Europa como também incrementou no seu interior (isto é a nível nacional) uma rede teleférica e de transportes, a qual facilitou a circulação de pessoas e de ideias, e possibilitou o incremento de uma nítida consciência sobre o atraso português relativamente ao mundo exterior, mais civilizado²⁴⁹³. Esta realidade aparecia explícita na literatura portuguesa da época, tal como foi o caso dos *Maias*, de Eça de Queirós²⁴⁹⁴. Algumas cidades europeias como Paris, Londres, Berlim e, mais tarde, até mesmo Madrid, passavam a ser referenciadas no contexto nacional português por exprimirem formas de sociabilização de acordo com maneiras de ser mais evoluídas, as quais simbolizavam renovação cultural²⁴⁹⁵. Porém, estas formas de sentimento de inferioridade nacional não deixaram de revelar uma forma de se ser nacionalista, a qual era desenvolvida a partir de um prisma condicionado por outras maneiras consideradas superiores²⁴⁹⁶. Além do mais, a política nacionalista apoiava que as novas correntes internacionais da música europeia

²⁴⁹³ Nery, Rui Vieira e Ferreira de Castro, Paulo, *História da Música*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1991, p. 148; Brito, Manuel Carlos de e Cymbron, Luísa, *História da Música Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta, 1992, p. 155.

²⁴⁹⁴ Nery, Rui Vieira e Ferreira de Castro, Paulo, *História da Música*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1991, p. 148; Brito, Manuel Carlos de e Cymbron, Luísa, *História da Música Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta, 1992, p. 155.

²⁴⁹⁵ Azevedo, Sérgio e Carvalho, Mário Vieira de: “1958-1998: 40 anos de música contemporânea em Portugal”, Em Rodrigues, Helena (dir.), *Arte Musical*, n.º 12, IV Série, Lisboa, Juventude Musical Portuguesa, Setembro 1998, pp. 20-21; Nery, Rui Vieira e Ferreira de Castro, Paulo, *História da Música*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1991, p. 148; Brito, Manuel Carlos de e Cymbron, Luísa, *História da Música Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta, 1992, p. 155; Freitas, Pedro de: “A Alma de Espanha Bola Toiros e Música”, Em Valle, António Fernando de Lucerna e (dir.), *Catavento n.º 50*, Boletim da Casa do Pessoal da F.N.A.T., ano V, Lisboa, Ramos Afonso & Lda, Outubro de 1963, pp. 41-51; Freitas, Pedro de, “Carta de Espanha Um Pormenor da vida de Madrid (II)”, Em *O Algarve*, Faro, 02-10-1949; Freitas, Pedro de, “Impressões duma Viagem Carta ao Leitor (VIII)”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 27-11-1949; Freitas, Pedro de, “Impressões duma Viagem Carta ao Leitor (XIII)”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 19-02-1950; Freitas, Pedro de, “Aqui, Madrid”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 17-07-1957.

²⁴⁹⁶ Nery, Rui Vieira e Ferreira de Castro, Paulo, *História da Música*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1991, p. 148; Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-11-1954.

fossem introduzidas a nível nacional²⁴⁹⁷. Ainda que subsistisse um certo orgulho nacional que avivado pelas políticas da época considerava importante o cultivo de uma música «própria», como alternativa à grande tradição musical das correntes internacionais da ópera italiana, o resultado era de alguma maneira ambíguo²⁴⁹⁸. Neste prisma, é de considerar a ideia que o “autóctone” incorpora na sua natureza traços de musicalidades exteriores. Além disso, verificou-se o uso de uma sintaxe musical que ultrapassava os parâmetros considerados de uma “verdadeira língua nacional” (como forma exclusiva de expressão), cujo objectivo visava a inclusão de uma camuflagem conscientemente adaptada²⁴⁹⁹. Assim, parecia existir uma distinção entre um polo mais ligado a um popularizo “puro” e espontâneo da terra, que pretendia fugir à uniformidade das grandes correntes da música culta, e outro que respondia mais a um espírito cosmopolita e internacional²⁵⁰⁰. No entanto, as necessidades das políticas nacionalistas não só alimentaram o florescimento da polémica entre a música

²⁴⁹⁷ Delante, Gerard: “Nationalism and Cosmopolitanism: The Parox of Modernity”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 357-368; Haugaard, Mark: “Nationalism and Liberalism”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 346-355; Mila, Massimo, *Breve historia de la música*, traducción de Manuel Valls Gorina, Barcelona, Ediciones Península, 2003, pp. 442-443; Benedetto, Renato di, *Historia de la Música, 8, El Siglo XIX*, Traducción por Carlos Fernández, Madrid, Turner Música, 1987, p. 151.

²⁴⁹⁸ Mila, Massimo, *Breve historia de la música*, traducción de Manuel Valls Gorina, Barcelona, Ediciones Península, 2003, pp. 442, 444, 446; Comellas, José Luis, *Nueva historia de la música*, Madrid, Ediciones Internacionales Universitarias, 2000, p. 391; Cascudo, Teresa: “Que fazer sem um Camões músico? – Fernando Lopes-Graça e o problema da tradição da música portuguesa”, Em *Revista Portuguesa de Musicologia n.º 6*, Lisboa, 1996, p. 134; Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-11-1954.

²⁴⁹⁹ Mila, Massimo, *Breve historia de la música*, traducción de Manuel Valls Gorina, Barcelona, Ediciones Península, 2003, pp. 442, 444, 446; Comellas, José Luis, *Nueva historia de la música*, Madrid, Ediciones Internacionales Universitarias, 2000, p. 391; Cascudo, Teresa: “Que fazer sem um Camões músico? – Fernando Lopes-Graça e o problema da tradição da música portuguesa”, Em *Revista Portuguesa de Musicologia n.º 6*, Lisboa, 1996, p. 134; Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-11-1954.

²⁵⁰⁰ Mila, Massimo, *Breve historia de la música*, traducción de Manuel Valls Gorina, Barcelona, Ediciones Península, 2003, p. 442; Nery, Rui Vieira e Ferreira de Castro, Paulo, *História da Música*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1991, p. 165.

“nacional” e a música “cosmopolita”, de corte universalista, como estas duas linhas de pensamento estavam muito mais interdependentes do que inicialmente se pensava²⁵⁰¹. Neste prisma, no contexto ibérico, evidenciou-se a influência crescente da arte musical importada da Alemanha, a qual produzia uma música que constituía um reflexo e um resumo de várias influências da civilização musical²⁵⁰². Deste modo, no caso português, o *Teatro de S. Carlos* registou sobretudo a partir de 1892-1893, sob a orientação do empresário Freitas Brito, uma vaga de wagnerofilia que culminara com a estreia da *Tetralogia* cantada em alemão²⁵⁰³. A recepção da obra de Richard Wagner (1813-1883), enquanto «*arte de ideias*», foi aceite apaixonadamente por todos os músicos e críticos «*progressistas*» da época, tal como foram exemplo Bernardo Valentim Moreira de Sá (1853-1924), António Arroyo, e José Viana da Mota²⁵⁰⁴. Além do mais, a obra de Richard Wagner desplotava reacções contraditórias que contribuíam para marcar uma clivagem nítida entre um público de «*entendidos*» e o gosto considerado «*vulgar*», o que contribuíam para o fortalecimento de uma

²⁵⁰¹ Delante, Gerard: “Nationalism and Cosmopolitanism: The Parox of Modernity”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 357-368; Haugaard, Mark: “Nationalism and Liberalism”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 346-355; Mila, Massimo, *Breve historia de la música*, traducción de Manuel Valls Gorina, Barcelona, Ediciones Península, 2003, pp. 442-443; Benedetto, Renato di, *Historia de la Música, 8, El Siglo XIX*, Traducción por Carlos Fernández, Madrid, Turner Música, 1987, p. 151.

²⁵⁰² Mila, Massimo, *Breve historia de la música*, traducción de Manuel Valls Gorina, Barcelona, Ediciones Península, 2003, p. 422; Pahissa, Jaime, *Sendas y Cumbres de la música española*, Buenos Aires, Hachette, 1955, p. 23.

²⁵⁰³ Nery, Rui Vieira e Ferreira de Castro, Paulo, *História da Música*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1991, p. 152.

²⁵⁰⁴ Nery, Rui Vieira e Ferreira de Castro, Paulo, *História da Música*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1991, p. 153; Brito, Manuel Carlos de e Cymbron, Luísa, *História da Música Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta, 1992, pp. 157-160; Cascudo, Teresa: “Wagnerismo y Nacionalismo Musical En Portugal: La influencia del Musicografo de Origen Español Antonio Arroyo”, Em Lambea, Mariano, *Revista de Musicología*, Actas del Congreso de la Sociedad Española de Musicología, Oviedo, 17-20 de Noviembre de 2004, p. 953; Candé, Roland de, *Diccionario dos Músicos*, Lisboa, Edições 70, 1994, pp. 347-351.

consciência mais atenta sobre as virtualidades da coerência músico-dramatúrgica²⁵⁰⁵. Porém, foi a partir dos anos vinte do século XX que Richard Wagner passou a ser uma referência central no debate ideológico em Portugal. No jornal anarco-sindicalista *A Batalha* adoptava-se o personagem *Siegfried* como um símbolo do herói operário e revolucionário. Por sua vez, nos círculos de monárquicos conservadores o personagem *Parsifal* simbolizava a imagem de uma filosofia política que implicava o desenvolvimento do princípio supremo do chefe autoritário²⁵⁰⁶. Assim sendo, a música de Richard Wagner implicava uma revolução cultural e social que polarizava em *Parsifal* e em *Siegfried* duas linhas ideológicas de assimilação de princípios político-nacionalistas²⁵⁰⁷. Sem embargo, a partir dos finais da primeira década do século XX, o eixo da criação musical em Portugal também se deslocava progressivamente do campo operático para o âmbito sinfónico e de câmara. Para tal, contou-se com a influência do pianista Alexandre Rey Colaço (1854-1928), de José Viana da Mota e de Luís de Freitas Branco²⁵⁰⁸. Neste sentido, José Viana da Mota esforçou-se para que o público português desenvolvesse o gosto pela música instrumental através da fundação da *Sociedade de Concertos de Lisboa* (1917)²⁵⁰⁹. A esta iniciativa seguiram-se outras semelhantes, como a criação da *Sociedade Nacional*

²⁵⁰⁵ Nery, Rui Vieira e Ferreira de Castro, Paulo, *História da Música*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1991, p. 153; Brito, Manuel Carlos de e Cymbron, Luísa, *História da Música Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta, 1992, pp. 157-160; Cascudo, Teresa: “Wagnerismo y Nacionalismo Musical En Portugal: La influencia del Musicografo de Origen Español Antonio Arroyo”, Em Lambea, Mariano, *Revista de Musicología*, Actas del Congreso de la Sociedad Española de Musicología, Oviedo, 17-20 de Noviembre de 2004, p. 953; Candé, Roland de, *Diccionario dos Músicos*, Lisboa, Edições 70, 1994, pp. 347-351.

²⁵⁰⁶ Carvalho, Mário Vieira de, *Pensar é Morrer ou o Teatro de S. Carlos na Mudança de Sistemas Sociocomunicativos desde fins do séc. XVIII aos nossos dias*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993, pp. 180-184.

²⁵⁰⁷ Carvalho, Mário Vieira de, *Pensar é Morrer ou o Teatro de S. Carlos na Mudança de Sistemas Sociocomunicativos desde fins do séc. XVIII aos nossos dias*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993, pp. 180-184.

²⁵⁰⁸ Nery, Rui Vieira e Ferreira de Castro, Paulo, *História da Música*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1991, p. 157; Brito, Manuel Carlos de e Cymbron, Luísa, *História da Música Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta, 1992, p. 155.

²⁵⁰⁹ Brito, Manuel Carlos de e Cymbron, Luísa, *História da Música Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta, 1992, p. 161.

de *Música de Câmera* (1919); a *Filarmonia de Lisboa* (1921), por iniciativa de Francisco de Lacerda; e o *Renascimento Musical* (1923), fundado por Ivo Cruz²⁵¹⁰. Paralelamente a estas iniciativas, que aproximavam os interesses da nação face à erudição musical europeia, efervesciam os ideais da construção de uma música própria que revelasse o reconhecimento da identidade nacional, o que não deixava de ser enclive das aspirações nacionais²⁵¹¹. Sem embargo, ultrapassadas as fases primárias de problematização da ideia do nacionalismo musical, e perante a confluência dos dois ideais nacional e cosmopolita, emergiu com mais clareza a ideia do nacionalismo musical cultural²⁵¹². Esta concepção de nacionalismo musical cultural relacionou-se não só com a contribuição da “música local” ou “regional”, no enriquecimento da identidade nacional, como também cooperou no reajuste do fenómeno musical num fraterno amplexo universal, o que também comungava num ideal de aspirações que transcendiam as fronteiras entre as nações²⁵¹³. Além do mais, tem-se discutido o “equivoco das escolas nacionais” porque muitas culturas musicais nem sempre se basearam em parâmetros que foram identificados ou reconhecidos como sendo a “identidade nacional”²⁵¹⁴. Apesar de alguns autores terem

²⁵¹⁰ Brito, Manuel Carlos de e Cymbron, Luísa, *História da Música Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta, 1992, p. 161.

²⁵¹¹ Nery, Rui Vieira e Ferreira de Castro, Paulo, *História da Música*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1991, pp. 142, 148-149; Brito, Manuel Carlos de e Cymbron, Luísa, *História da Música Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta, 1992, pp. 155, 164-167; Branco, João de Freitas, *História da Música Portuguesa*, Lisboa, Publicações Europa-América, 2005, p. 300.

²⁵¹² Cascudo, Teresa: “A década da Invenção de Portugal na música erudita (1890-1899)”, Em *Revista Portuguesa de Musicologia n.º 10*, Lisboa, 2000, pp. 181-226; Greenfeld, Liah: “Modernity and Nationalism”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 162-163; Billing, Michael, *Banal Nationalism*, London, Sage Publications, 2002, pp. 9, 89.

²⁵¹³ Cascudo, Teresa: “A década da Invenção de Portugal na música erudita (1890-1899)”, Em *Revista Portuguesa de Musicologia n.º 10*, Lisboa, 2000, pp. 181-226; Greenfeld, Liah: “Modernity and Nationalism”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 162-163; Billing, Michael, *Banal Nationalism*, London, Sage Publications, 2002, pp. 9, 89.

²⁵¹⁴ Lopes-Graça, Fernando, *A Música Portuguesa e os seus Problemas*, Vol. 1, Porto, Edições Lopes da Silva, 1944; Lopes-Graça, Fernando, *A Música Portuguesa e os seus Problemas II*, Lisboa, Caminho, 1989; Mila, Massimo, *Breve historia de la música*, traducción de Manuel Valls Gorina, Barcelona, Ediciones Península, 2003, pp. 442, 444, 446; Comellas, José Luis, *Nueva historia de la música*, Madrid, Ediciones Internacionales Universitarias, 2000, pp. 391, 437-445.

constatado que muitas culturas musicais não se transformaram em escolas nacionais que implicaram uma tradição e uma didáctica musical, tem-se reconhecido, em simultâneo, a ideia de que a “nacionalidade” e a “universalidade” são visões que estão implicadas uma na outra²⁵¹⁵.

Deste modo, o conceito do nacionalismo musical cultural implicou uma intenção que transcendeu a pretensão de se incluir na música algumas especificidades nacionais, uma vez que o objectivo era a obtenção de uma música nova, livre das convenções musicais que até então eram consideradas como normas²⁵¹⁶. Mais do que isso, o nacionalismo musical cultural também serviu de pretexto para que os compositores recorressem a outros horizontes da expressão musical associados a uma simultaneidade de interesses. Deste modo, muitos compositores revelaram uma preocupação não só em virtude da descrição musical de um pormenor nacional, ou da recuperação da tradição musical erudita, mas também no interesse em se manterem incorporados na configuração das correntes da música contemporânea, num âmbito internacional²⁵¹⁷. Neste prisma, já José Viana da Mota manifestava que Portugal era

²⁵¹⁵ Cascudo, Teresa: “Que fazer sem um Camões músico? – Fernando Lopes-Graça e o problema da tradição da música portuguesa”, Em *Revista Portuguesa de Musicologia* n.º 6, Lisboa, 1996, pp. 127, 135; Ferreira de Castro, Paulo: “O que fazer com o século XIX? Um olhar sobre a historiografia musical portuguesa”, Em *Revista de Musicologia* n.º 2, Lisboa, 1992, pp. 171-183; Ferreira de Castro, Paulo: “Nacionalismo Musical ou equívocos da Portugalidade”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan (ed.), *Portugal e o Mundo o Encontro de Culturas na Música*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1997, pp. 155-170; Lopes-Graça, Fernando, *A Música Portuguesa e os seus Problemas*, Vol. 1, Porto, Edições Lopes da Silva, 1944; Lopes-Graça, Fernando, *A Música Portuguesa e os seus Problemas* II, Lisboa, Caminho, 1989; Benedetto, Renato di, *Historia de la Música, 8, El Siglo XIX*, Traducción por Carlos Fernández, Madrid, Turner Música, 1987, p. 151; Delante, Gerard: “Nationalism and Cosmopolitanism: The Parox of Modernity”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 357-368; Haugaard, Mark: “Nationalism and Liberalism”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 346-355.

²⁵¹⁶ Comellas, José Luis, *Nueva historia de la música*, Madrid, Ediciones Internacionales Universitarias, 2000, p. 447; Greenfeld, Liah: “Modernity and Nationalism”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 162-163.

²⁵¹⁷ Comellas, José Luis, *Nueva historia de la música*, Madrid, Ediciones Internacionales Universitarias, 2000, p. 447; Greenfeld, Liah: “Modernity and Nationalism”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 162-163.

um país de influências cosmopolitas²⁵¹⁸. Ainda que se manifestasse uma certa expressão sentimental da portugalidade, havia uma tendência nacional que estava obviamente associada à cultura do mundo²⁵¹⁹. Esta constatação justificava que certas facetas cosmopolitas peculiares do fenómeno do nacionalismo interagiam na construção e na caracterização da portugalidade. Deste modo, a identidade nacional, ao manifestar uma receptividade e assimilação de várias influências culturais, acabava por estabelecer um traço cultural na própria personalidade portuguesa, em sentido genérico²⁵²⁰. Neste prisma, o percurso de aprendizagem musical de vários compositores, ainda que influenciados com a ideia da criação de uma música nacional, apareceu, de alguma maneira, comprometido com uma necessidade de se aproximarem das exigências do nacionalismo musical cultural. Como tal, Alfredo Keil distinguiu-se na cultura portuguesa do fim do século XIX por ser um diletante cosmopolita. Porém, graças à transposição do ambiente serrano da Beira Baixa, a sua ópera *Serrana* passava a ser considerada a primeira ópera nacional portuguesa²⁵²¹. Neste sentido, ao insurgir-se contra a cultura da ópera italiana que dominava na música portuguesa nos séculos XVIII e XIX, José Viana da Mota aproximou-se do romantismo alemão, com influências de Franz Liszt (1811-1886) e de Richard Wagner. Sem embargo, José Viana da Mota consagrou-se na invenção de um estilo caracteristicamente nacional, baseado parcialmente numa recriação pessoal do

²⁵¹⁸ Archer, Elvira: “José Viana da Mota cinquenta anos após a sua morte”, Em Rodrigues, Helena (dir.), *Arte Musical*, Vol. III, n.º 10/11, Lisboa, Juventude Musical Portuguesa, Janeiro-Junho de 1998, p. 46.

²⁵¹⁹ Archer, Elvira: “José Viana da Mota cinquenta anos após a sua morte”, Em Rodrigues, Helena (dir.), *Arte Musical*, Vol. III, n.º 10/11, Lisboa, Juventude Musical Portuguesa, Janeiro-Junho de 1998, p. 46; Kastner, Macario Santiago de, *Música hispânica: o estilo do Padre Manuel Rodrigues Coelho e a interpretação da música para tecla desde 1450 até 1650*, Lisboa, Ática, 1936, pp. 12-67.

²⁵²⁰ Ferreira de Castro, Paulo: “Nacionalismo Musical ou equívocos da Portugalidade”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan (ed.), *Portugal e o Mundo o Encontro de Culturas na Música*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1997, p. 161; Kastner, Macario Santiago de, *Música hispânica: o estilo do Padre Manuel Rodrigues Coelho e a interpretação da música para tecla desde 1450 até 1650*, Lisboa, Ática, 1936, pp. 12-67.

²⁵²¹ Nery, Rui Vieira e Ferreira de Castro, Paulo, *História da Música*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1991, p. 156.

folclore²⁵²². Igualmente, como uma forma de reacção aos formalismos da ópera italiana, Luís de Freitas Branco aproximou a música portuguesa das correntes estéticas europeias mais inovadoras da sua época, isto é, do impressionismo francês e do atonalismo schönbergiano. Ainda que Luís de Freitas Branco se afastasse do *Integralismo Lusitano*, ele manteve sempre uma preocupação com a “portugalidade” na sua música²⁵²³. Do mesmo modo, apesar de ter uma formação germânica, Rui Coelho tornou-se um prosélito da ópera nacional, sendo autor de uma extensa produção sinfónica e de câmara de inspiração nacionalista²⁵²⁴. Por sua vez, dando continuidade a um itinerário cujo principal centro de formação era Paris, seguido de Berlim, um grupo relativamente grande de compositores procurou uma aproximação às várias correntes “impressionistas”, “nacionalistas” e “neoclássicas” existentes na música europeia, cujo objectivo relacionava-se com a renovação e a europeização da cultura portuguesa²⁵²⁵. Neste sentido, Joly Braga Santos dedicou-se especialmente à música sinfónica. Porém, a partir dos anos sessenta do século XX, verificou-se uma renovação do estilo musical de Joly Braga Santos, o qual até então era caracterizado por um “neoclassicismo” de raiz modalista, veio posteriormente a incorporar elementos das linguagens contemporâneas²⁵²⁶. Sem embargo, Joly Braga Santos

²⁵²² Nery, Rui Vieira e Ferreira de Castro, Paulo, *História da Música*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1991, p. 158; Brito, Manuel Carlos de e Cymbron, Luísa, *História da Música Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta, 1992, pp. 159-160.

²⁵²³ Nery, Rui Vieira e Ferreira de Castro, Paulo, *História da Música*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1991, pp. 159-161; Brito, Manuel Carlos de e Cymbron, Luísa, *História da Música Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta, 1992, pp. 162-163.

²⁵²⁴ Nery, Rui Vieira e Ferreira de Castro, Paulo, *História da Música*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1991, p. 155.

²⁵²⁵ Alguns dos compositores que têm sido apontados como referências da música portuguesa, com uma carreira de dimensão internacional, são, por exemplo, Francisco de Lacerda (1869-1934), Claudio Carneiro (1895-1963), Frederico de Freitas (1902-1980), António de Lima Fragoso (1897-1918), Armando José Fernandes (1906-1983), José Croner de Vazconcelos (1910-1974), e Joly Braga Santos (1924-1988). Brito, Manuel Carlos de e Cymbron, Luísa, *História da Música Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta, 1992, pp. 164-167; VitorRua's Weblog <Artigos> [On-line], <<http://homepage.mac.com/vitor.rua/iblog/C62580879/E1820502368/index.html>>, [consulta: 30 de Outubro de 2007].

²⁵²⁶ Nery, Rui Vieira e Ferreira de Castro, Paulo, *História da Música*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1991, p. 174.

manifestou uma preocupação com a “portugalidade” da sua música através do uso de um modalismo baseado na música polifónica portuguesa, ou através da influência da música popular portuguesa²⁵²⁷. Neste sentido, a obra de Fernando Lopes-Graça foi considerada como uma tentativa de empreender por um estilo musical “*nacional*” ao assimilar o carácter idiossincrático da música rural tradicional. Porém, na sua obra também houve demandas de outras influências e compositores além fronteiras, como Achille Claude Debussy, Maurice Ravel, Manuel de Falla, e Igor Fedorovitch Stavinsky²⁵²⁸. Assim, a matriz cultural “*nacional*” que foi depurada e reinventada por Fernando Lopes-Graça integrou-se, por vezes, numa narrativa próxima de um discurso expressionista de base atonal²⁵²⁹. Deste modo, para Fernando Lopes-Graça a cultura musical dos outros países ultrapassava as fronteiras do seu país, daí que a sua concepção de obra musical também manifestasse interesse pelo cânon musical ocidental, especialmente pelas tradições musicais das outras escolas nacionais²⁵³⁰. Deste modo, salienta-se que enquanto para Fernando Lopes-Graça o renascimento do verdadeiro nacionalismo emanava a partir da reintegração da nação portuguesa na civilização europeia; para Pedro de Freitas revelava-se na construção de uma especificidade mais nacional na música popular portuguesa, a qual não deixava de se fundar a partir da sua profunda relação com um nacionalismo musical de âmbito popular praticado em Espanha²⁵³¹. Neste âmbito, Pedro de Freitas evidenciou com

²⁵²⁷ Brito, Manuel Carlos de e Cymbron, Luísa, *História da Música Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta, 1992, p. 166.

²⁵²⁸ Brito, Manuel Carlos de e Cymbron, Luísa, *História da Música Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta, 1992, p. 168.

²⁵²⁹ Nery, Rui Vieira e Ferreira de Castro, Paulo, *História da Música*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1991, p. 172.

²⁵³⁰ Cascudo, Teresa: “Que fazer sem um Camões músico? – Fernando Lopes-Graça e o problema da tradição da música portuguesa”, Em *Revista Portuguesa de Musicologia n.º 6*, Lisboa, 1996, p. 128.

²⁵³¹ Cascudo, Teresa: “Que fazer sem um Camões músico? – Fernando Lopes-Graça e o problema da tradição da música portuguesa”, Em *Revista Portuguesa de Musicologia n.º 6*, Lisboa, 1996, p. 134; Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-11-1954.

persistência que o que reclamava para Portugal devia-se essencialmente ao sistema de comunicação compositor-público tal como era peculiar do panorama cultural da música popular espanhola²⁵³². Deste modo, salienta-se que embora Pedro de Freitas tivesse empreendido algumas viagens turísticas a alguns países da Europa e ao norte de África, era em Espanha que ele mais apreciava a organização e a difusão da música popular²⁵³³. Dada a proximidade entre o Algarve e Andaluzia, tinha sido como instrumentista da banda filarmónica *Artistas de Minerva* que Pedro de Freitas, desde cedo, tinha tido a oportunidade de vivenciar as festas populares de algumas terras de Andaluzia, como em Ayamonte, Cartaya e Ilha Cristina²⁵³⁴. Porém, mais tarde, como apreciador da cultura espanhola, Pedro de Freitas pretendeu, por sua conta e risco, conhecer muitas cidades espanholas como Vigo, La Coruña, Lugo, Barcelona, Madrid, Valladolid, Salamanca, Toledo, Mérida, Granada, Alicante, Sevilha, Córdoba, Cádiz e Málaga, entre outras²⁵³⁵. Além do mais, a experiência musical que Pedro de Freitas apreendeu naquelas visitas por Espanha revelaram-se em fontes de aprendizagens que lhe proporcionaram esclarecimentos sobre algumas expressões populares do nacionalismo musical proferido em Espanha²⁵³⁶. Deste modo, no contexto das festas populares, Pedro de Freitas considerava que a vida quotidiana em

²⁵³² Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-11-1954; Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957; Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961

²⁵³³ Freitas, Pedro de “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 24-11-1954; Freitas, Pedro de: “Doña Blanca”, *Cartaya 1958*, Ayamonte, Imprenta Vda. J. Hidalgo, Julho de 1958, [n.º 127, do *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

²⁵³⁴ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, pp. 135-136; Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, p. 28; Freitas, Pedro de de, “Coisas que acontecem VIII”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 09-02-1982.

²⁵³⁵ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957.

²⁵³⁶ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-11-1954.

Espanha era mais viva, mais alegre e dinâmica do que a portuguesa, o que o levava a justificar que o povo espanhol era mais hábil para o cultivo da música do que o povo português²⁵³⁷. Era também através da sua experiência de vida em Espanha que Pedro de Freitas afirmava encontrar uma maior dedicação aos concertos públicos realizados pelas Bandas Municipais²⁵³⁸. Deste modo, quer os concertos fossem na sessão do meio dia ou na sessão das onze horas da noite o auditório estava sempre cheio de público, de todas as categorias sociais, atento ao programa dos concertos. Neste sentido, Pedro de Freitas enfatizava a sua tristeza por em Portugal não presenciar o mesmo interesse pelos concertos de carácter popular: *«o que mais me entusiasmou e mesmo até me causou inveja por não verificar na minha «Casa» o mesmo culto pela sublime arte, foi o facto de registar, numa noite, que cerca de oito mil ouvintes ali estavam prestando jus a um natural concerto popular»*²⁵³⁹. Deste modo, Pedro de Freitas não só copiou alguns dos concertos populares que presenciou em Espanha (uma vez que os mesmos lhe serviriam de modelos paradigmáticos), como também estudou psicologicamente as manifestações espontâneas do povo espanhol face à recepção da sua música: *«O programa, todo espanhol, a dar à assistência a sua castiça música, é freneticamente saudado com a vibração de quem está metido dentro*

²⁵³⁷ Freitas, Pedro de: “A Alma de Espanha Bola Toiros e Música”, Em Valle, António Fernando de Lucerna e (dir.), *Catavento n.º 50*, Boletim da Casa do Pessoal da F.N.A.T., ano V, Lisboa, Ramos Afonso & Lda, Outubro de 1963, pp. 41-51; Freitas, Pedro de, “Carta de Espanha Um Pormenor da vida de Madrid (II)”, Em *O Algarve*, Faro, 02-10-1949; Freitas, Pedro de, “Impressões duma Viagem Carta ao Leitor (VIII)”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 27-11-1949; Freitas, Pedro de, “Impressões duma Viagem Carta ao Leitor (XIII)”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 19-02-1950; Freitas, Pedro de, “Aqui, Madrid”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 17-07-1957.

²⁵³⁸ Freitas, Pedro de, “Impressões duma Viagem Carta ao Leitor (XIII)”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 19-02-1950; Freitas, Pedro de, “Aqui, Madrid”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 17-07-1957; Freitas, Pedro de: “A Alma de Espanha Bola Toiros e Música”, Em Valle, António Fernando de Lucerna e (dir.), *Catavento n.º 50*, Boletim da Casa do Pessoal da F.N.A.T., ano V, Lisboa, Ramos Afonso & Lda, Outubro de 1963, pp. 41-51; Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-11-1954.

²⁵³⁹ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-11-1954.

do seu próprio âmago»²⁵⁴⁰. Segundo Pedro de Freitas esta constatação era justificável porque, ao contrário do que se passava em Portugal, no país vizinho sabiam: «pôr música espanhola escolhida ao paladar dos ouvintes»²⁵⁴¹. Neste prisma, ao constatar que nos programas dos concertos populares do país vizinho dominavam músicas espanholas de índole popular e nacional, responsáveis por suscitar a simpatia da parte do público ouvinte, Pedro de Freitas pretendia adaptar aquele ambiente nacional espanhol em Portugal²⁵⁴². Além do mais, devido à contiguidade geográfica e um passado histórico-cultural comum, continuava-se a nutrir entre os povos dos dois países ibéricos uma convivência peculiar²⁵⁴³. Aliás, este vínculo músico-cultural de cariz ibérico foi sentimentalmente vivido e transmitido em algumas das obras literárias da autoria de Pedro de Freitas, bem como na sua marcha *Cartaya em Festa*²⁵⁴⁴. Por isso, ao identificar que aquele sistema sociocomunicativo, em alguns aspectos, também simbolizava a expressão de um nacionalismo musical cultural de raízes ibéricas, fortemente vivido em Espanha, Pedro de Freitas pretendia traspasar e adaptar aquele sentimentalismo patriótico para o seu país: «*Esta multidão, disciplinada, acorrendo a ouvir a sua primeira banda, faz nascer em mim, - português acostumado às péssimas condições dos concertos da nossa melhor banda apenas assistida pelos crónicos duzentos ouvintes – certo pesar e mágoa, como se*

²⁵⁴⁰ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-11-1954.

²⁵⁴¹ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-11-1954.

²⁵⁴² Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-11-1954.

²⁵⁴³ Blanco del Castillo, Jose Pepe: “Versos a Pedro de Freitas”, 7 de Outubro de 1958, Em Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, pp. 33-34, 49; ou Freitas, Pedro de, “Cartaya fidalga vila de Espanha”, *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 04-11-1958; Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3ª (ed.), 1991, p. 37.

²⁵⁴⁴ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957; Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961; Freitas, Pedro de, *Cartaya em Festa (1965)*, Marcha, Em *Ms. BF n.º 150* no Arquivo Histórico Musicipal de Loulé.

uma picada bem acerada me ferisse o meu fervor patriótico. Quanto eu desejaria que todos os portugueses (músicos e não músicos) assistissem a estes modelos de concertos – repertório e concorrência – para melhor conceberem como se deve, também, em nossa «Casa», organizar programas e ouvirem-se os nossos concertos de carácter popular!»²⁵⁴⁵.

Assim, justifica-se que nas suas constantes comparações com o que se passava no panorama da música popular espanhola relativamente à portuguesa, e nas suas insistências em traspasar para a música popular portuguesa o paradigmático ambiente músico-popular vivenciado em Espanha, Pedro de Freitas acabava por revelar mais do que uma forte empatia pelo país vizinho²⁵⁴⁶. Por um lado, Pedro de Freitas procurava que Portugal enfatizasse mais fortemente o carácter popular da sua música. Porém, por outro lado, Pedro de Freitas não deixava de condicionar a “portugalidade” em virtude de dialécticas (de similitudes e de diferenças) relativamente ao panorama músico-cultural espanhol, adequando, de alguma forma, a cultura musical portuguesa no seio de um nacionalismo musical cultural ibérico. Por isso, Pedro de Freitas considerava que o *paso doble* espanhol, que em Portugal era genericamente nomeado de *Marcha*²⁵⁴⁷, deveria de ser a composição musical de abertura nos concertos populares. A razão da sua intenção justificava-se pelo facto das Marchas agradarem sobremaneira a massa popular, o que induzia que o povo tomasse a iniciativa e pedisse a repetição dos números musicais que mais eram do seu agrado²⁵⁴⁸. Além do mais, para Pedro de Freitas a sintonização do gosto do povo relativamente à sua

²⁵⁴⁵ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-11-1954.

²⁵⁴⁶ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957; Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961.

²⁵⁴⁷ Pasodoble ou Paso doble: [On-line], <<http://es.wikipedia.org/wiki/Pasodoble>> [consulta: 12 de Outubro de 2007].

²⁵⁴⁸ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-11-1954.

música simbolizava um dos expoentes mais elevados da expressão do valor nacional, o que estava directamente relacionado com uma adequada escolha dos programas dos concertos populares, tal como acontecia em Espanha: «*Isto define bem o acrisolado amor patriótico que o povo vota à sua música, e como o inteligente Maestro sabe escolher programas que, em vez de fazerem afugentar os ouvintes, os convida a assistir aos concertos que lhes oferece*»²⁵⁴⁹. No sentido de justificar os seus propósitos, Pedro de Freitas exemplificou alguns programas de concertos executados por algumas bandas filarmónicas espanholas:

Um programa de concerto popular executado pela *Banda Municipal de Madrid*:

- «1.º - *La Giralda* (Passo doble) Juarras
- 2.º - *Serenata Española* Albéniz
- 3.º - *El Huesped del Sevillana* (Seleccion) Guerrero
- 4.º - *La Revoltosa* (Fantasia) Chapi
- 5.º - *La Verbena de la Paloma* (Selaccion) Breton
- 6.º - *Agua, Azucarillos y Aguardiente* (Fantasia) . . Chueca
- 7.º - *Gigantes y Cabezudos. Jota* Caballero»²⁵⁵⁰.

Neste programa de concerto, de carácter popular, Pedro de Freitas ficou surpreendido quando o povo tomou a iniciativa e pediu para ouvir novamente *La Revoltosa* e a *Serenata Española*²⁵⁵¹.

²⁵⁴⁹ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-11-1954.

²⁵⁵⁰ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-11-1954.

²⁵⁵¹ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-11-1954.

Um programa de concerto popular executado pela *Banda Municipal de Lugo* (Galiza):

- «1.º - *Lucas – Passo doble* Ocaña
- 2.º - *De Madrid al cielo (Valsa de Concerto)* . S. Miguel
- 3.º - *Katiuska (segunda fantasia)* Sorozabal
- 4.º - *Montserratina* (Estampa lírica catalan) . . . Alemany
- 5.º - *Reverie* Schumann
- 6.º - *Cancion de Marinheiros italianos* Schumann
- 7.º - *Sylvia – Fantasia* Leo Delibes
- 8.º - *Luis Quintero – Passo Doble* Marquina»²⁵⁵².

Por fim, um programa de concerto popular executado pela *Banda Municipal de Córdoba*:

- «1.º - *De Andalucia a Aragon – Paso doble* . . Texida
- 2.º - *Cadiz e Granada* Albeniz
- 3.º - *Marcha Turca* Mozart
- 4.º - *Cenas Pitorescas – Suite* Massenet
- 5.º - *El Barberillo de Lava pies – Fantasia* . . Barberi
- 6.º - *Bohémios – Fantasia* Vivas»²⁵⁵³.

Posto isto, Pedro de Freitas concluiu que todas as bandas filarmónicas espanholas abriam os seus concertos populares com um *paso doble*, e que não era devido a este procedimento que a *Banda Municipal de Madrid*, na qualidade de primeira banda

²⁵⁵² Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-11-1954.

²⁵⁵³ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-11-1954.

filarmónica de Espanha, perdia o seu prestígio. Desta forma, Pedro de Freitas sugeria que todas as bandas filarmónicas portuguesas deveriam de seguir a estratégia de começar os seus concertos populares com uma marcha, visto ser visível a adequação pedagógica das marchas em relação à resposta comportamental do povo: *«é o povo que gosta sempre de ouvir esses insinuantes números, de acção enérgica e vibrante, que estimulam e dispõem bem todos os paladares; enfim, é o ritmo alegre, cadenciado e compreensivo, que inebria todos os sentimentos!»*²⁵⁵⁴.

Uma outra constatação, salientada por Pedro de Freitas através daqueles programas de concertos populares divulgados e performatizados em Espanha, era o domínio predominante da música nacional espanhola relativamente à música estrangeira²⁵⁵⁵. Este propósito era de louvar porque, segundo Pedro de Freitas, o povo ao representar a hegemonia nacional implicava a necessidade que se desse à sua especificidade uma música que o fizesse sentir-se mais identificado e mais consciente das suas vontades²⁵⁵⁶. Desta forma, Pedro de Freitas pretendia revelar que o nacionalismo musical espanhol, ao ir ao encontro do seu povo, simbolizava uma prova de respeito pela vontade imanente desse mesmo povo: *«nestes três exemplos de bandas [...] que representam as três séries difundidas por toda a vasta Espanha, há o mesmo intento nacional e a mesma psicologia: agradar ao público, atraí-lo e fazê-lo vibrar, o que se nota pelos programas, cuja maioria de peças são de autêntico sabor espanhol»*²⁵⁵⁷.

²⁵⁵⁴ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-11-1954.

²⁵⁵⁵ Freitas, Pedro de, “O Povo Gosta de Música”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-10-1972; Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955.

²⁵⁵⁶ Freitas, Pedro de, “Elementos Históricos sobre a Música Popular no Algarve V”, Em *Jornal do Algarve*, Vila Real de Santo António, 20-07-1957; Anónimo, “É Preciso dar ao Povo Música da sua feição”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 01-07-1955; Raposo, Paulo: “Teatro Popular”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, p. 335; Turner, Bryan S.: “Citizenship, Nationalism and Nation-Building”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 225-234.

²⁵⁵⁷ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-11-1954.

Além do mais, Pedro de Freitas ainda valorizava um outro hábito sociocomunicativo muito popular em Espanha, o qual consistia em dar a possibilidade do compositor poder reger a sua própria música perante o público. Mediante o uso desta prática, o compositor usufruía integralmente da matriz composicional que tinha empreendido em prol do gosto do público ouvinte. Como tal, o compositor, na interpretação da sua própria obra musical, compreenderia ainda mais minuciosamente acerca da qualidade de empatia que a sua composição musical suscitava naquele público receptor. Por isso, Pedro de Freitas reclamou que aquela prática usada no ambiente da música popular espanhola fosse efectivada em Portugal. Neste sentido, aquando do *Festival de Bandas de Música Cívica* realizado em Faro, a 14 de Outubro de 1973, um dos momentos apoteóticos coincidiu quando a pedido do público Pedro de Freitas regu a sua *Marcha Algarve Florido*²⁵⁵⁸. Neste contexto, entre as várias opiniões acerca deste evento musical destacou-se a de F. Clara Neves, manifestando o intenso grau de etnicidade peculiar desta composição musical²⁵⁵⁹. F. Clara Neves caracterizou esta marcha o *Algarve Florido* através de uma profunda identificação face aos aspectos territoriais e socioculturais da província algarvia, reconhecendo que a magistral sintonização destes sentimentos coincidiu quando Pedro de Freitas regu a sua marcha perante o seu público ouvinte: «*Algarve Florido*» é um cântico desta província, escrito com a inspiração dos anjos, que invade tímpanos e corações, suave e docemente Pedro de Freitas, segura na sua batuta, «arranca» da Filarmónica de Alcácer do Sal tudo o que os seus executantes têm lá dentro: arte, melodia e hosanas à natureza! Subjugado, abracei freneticamente Pedro de Freitas, que comovido

²⁵⁵⁸ Anónimo, “Bandas de Música”, Em *Folha do Domingo*, Faro, 20-10-1973; Marum, A. B., “Pedro de Freitas: símbolo de Louletanismo”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 06-11-1973; Anónimo, “Loulé tributa festa de homenagem de reconhecimento a Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 09-11-1978.

²⁵⁵⁹ Ver em Anexos o ponto 6.4. Opiniões sobre as composições musicais de Pedro de Freitas.

chorava silenciosamente, como uma inocente criancinha brincando com os seus adorados brinquedos. A assistência comunga neste transe de apoteose e, em uníssono, os executantes desejam bisar. Mas, momentos de êxtase como este só atingem a pureza da eternidade se não houver sequência. E ficou deste modo aureolado da polidez virgem, como cântico divino e imperecível a ressoar no tempo e no espaço, nas abóbadas do imponente edifício»²⁵⁶⁰.

Sem embargo, haviam ainda os concertos ligeiros de carácter popular, os quais eram igualmente valorizados por Pedro de Freitas. Nestes concertos, exibidos nas praças, largos, ou em outros pontos acessíveis ao meio operário, as bandas filarmónicas (na sua totalidade ou fraccionadas) executavam de pé números musicais rápidos e o povo ladeava-as alegremente enquanto cantava e dançava o seu próprio folclore²⁵⁶¹. Esta modalidade de concertos ligeiros de carácter popular era praticada tanto nas cidades como nas vilas de Espanha, sendo apreciada sobretudo pela gente mais humilde e pelos mais novos²⁵⁶². Sem embargo, esta forma de exibição do povo e da música da sua feição era evidente não só em Espanha como também em França, existindo apenas algumas diferenças quanto ao seu carácter, tal como Pedro de Freitas atestou: *«E, se a música popular é, na vizinha Espanha, deste modo oferecida ao seu povo, também na França me foi dado observar que o sistema é quase igual. Há somente uma diferença:*

²⁵⁶⁰ Neves, F. Clara, “Pedro de Freitas incansável trabalhador de oitenta anos”, Em *Correio do Sul*, Faro, 25-07-1974.

²⁵⁶¹ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-11-1954.

²⁵⁶² Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-11-1954.

o repertório é mais de carácter patriótico do que folclórico»²⁵⁶³. Porém, Pedro de Freitas ainda constatou que além de Espanha e França haviam outros países que evidenciavam o mesmo exemplo, o que afinal era uma forma de dar credibilidade à sua concepção sociocomunicativa entre o povo e a música: «Além dos hábitos musicais destes dois países, mais outros posso apresentar: das muitíssimas bandas inglesas, escocesas, canadianas e australianas que ouvi, também registei com agrado que os programas dos seus concertos populares obedecem à sua própria índole»²⁵⁶⁴.

Neste prisma, Pedro de Freitas inseriu-se numa matriz de nacionalismo musical cultural, enquadrando-se, de algum modo, numa visão de conjunto entre muitos compositores portugueses. Ainda que com diferentes formas de se sentir a “portugalidade”, justificou-se uma pretensão de se representar com maior ou menor intensidade uma certa complementaridade entre uma estética de tipo nacional (inspirada ou não no folclore) e uma orientação artística de índole cosmopolita ou universalista²⁵⁶⁵.

Neste sentido, Macario Santiago de Kastner tentou codificar os rasgos distintivos do estilo luso, demonstrando como era possível edificar uma escola nacional lusa a partir de uma tradição musical ibérica, a qual tinha sido influenciada por culturas flamengas,

²⁵⁶³ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-11-1954.

²⁵⁶⁴ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-11-1954.

²⁵⁶⁵ Nery, Rui Vieira e Ferreira de Castro, Paulo, *História da Música*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1991, p. 165; Carvalho, Mário Vieira de, *O essencial sobre Fernando Lopes-Graça*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1989, pp. 27-28; Ferreira de Castro, Paulo: “Nacionalismo Musical ou equívocos da Portugalidade”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan (ed.), *Portugal e o Mundo o Encontro de Culturas na Música*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1997, pp. 155-170; Cascudo, Teresa: “Wagnerismo y Nacionalismo Musical En Portugal: La influencia del Musicografo de Origen Español Antonio Arroyo”, Em Lambea, Mariano, *Revista de Musicología*, Actas del Congreso de la Sociedad Española de Musicología, Oviedo, 17-20 de Noviembre de 2004, p. 953; Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-11-1954.

inglesas e italianas²⁵⁶⁶. Sem embargo, o musicógrafo de origem espanhola, António Arroyo, fora o responsável pela divulgação em Portugal de um tipo de nacionalismo musical cultural, de âmbito cosmopolita, em torno da questão da modernização²⁵⁶⁷. António Arroyo defendia que as vias a seguir para a criação de uma música verdadeiramente nacional eram a recuperação da música tradicional através do recurso a novos géneros musicais pelo uso do drama musical e do poema sinfónico nas composições musicais²⁵⁶⁸.

No entanto, a necessidade dos compositores portugueses procurarem uma alternativa face aos modelos italianos (pela aderência à corrente do “nacionalismo musical”; pela abertura aos novos géneros musicais criados por Richard Wagner; ou, pela proximidade ao estilo musical de Franz Liszt e de Claude Debussy, acedendo, deste modo, ao novo conceito de nacionalismo musical cultural) apresentava uma relação similar com os discursos de corte nacionalista usados em Espanha na mesma

²⁵⁶⁶ Kastner, Macario Santiago de, *Música hispânica: o estilo do Padre Manuel Rodrigues Coelho e a interpretação da música para tecla desde 1450 até 1650*, Lisboa, Ática, 1936; Cascudo, Teresa: “Que fazer sem um Camões músico? – Fernando Lopes-Graça e o problema da tradição da música portuguesa”, Em *Revista Portuguesa de Musicologia n.º 6*, Lisboa, 1996, pp. 134-135.

²⁵⁶⁷ Cascudo, Teresa: “Wagnerismo y Nacionalismo Musical En Portugal: La influencia del Musicografo de Origen Español Antonio Arroyo”, Em Lambea, Mariano, *Revista de Musicología*, Actas del Congreso de la Sociedad Española de Musicología, Oviedo, 17-20 de Noviembre de 2004, p. 953.

²⁵⁶⁸ Arroyo, António: “A música em Portugal”, Conferência no Instituto Portuense de Estudos, Em *Amphion*, Lisboa, Neuparth, 31 de Agosto de 1897, pp. 246-247; Arroyo, António: “A música em Portugal”, Conferência, 4 de Março de 1897, Em *Amphion*, Lisboa, Neuparth, 15 de Setembro de 1897, pp. 265-267; Cascudo, Teresa: “Wagnerismo y Nacionalismo Musical En Portugal: La influencia del Musicografo de Origen Español Antonio Arroyo”, Em Lambea, Mariano, *Revista de Musicología*, Actas del Congreso de la Sociedad Española de Musicología, Oviedo, 17-20 de Noviembre de 2004, p. 954.

época²⁵⁶⁹. De algum modo, esta analogia também poderá comprovar a coexistência de certas similitudes em termos de ideais musicais nacionalistas de natureza ibérica²⁵⁷⁰.

Neste prisma, tal como no caso português, muitos compositores espanhóis revelaram, a partir de diferentes prismas, uma tendência comprometida entre a necessidade nacional e a erudição europeia de corte universalista. Por exemplo, o importante compositor malaguenho Eduardo Ocón (1833-1901), na configuração do nacionalismo musical espanhol, manifestou um compromisso cultural através do desejo de estudar e apreender o panorama musical além fronteiras²⁵⁷¹. Deste modo, Eduardo Ocón não só revelou uma inquietude por apreender o nacionalismo musical praticado na Alemanha como também publicou em 1870 os *Cantos Espanhois*, cujo objectivo era dar a conhecer ao mundo a música popular espanhola²⁵⁷². Neste sentido, Filipe Pedrell (1841-1922), o grande impulsionador do nacionalismo musical espanhol, considerou que o carácter da música nacional encontrava-se na canção popular e no conhecimento das obras mestras dos grandes compositores do

²⁵⁶⁹ Cascudo, Teresa: “Wagnerismo y Nacionalismo Musical En Portugal: La influencia del Musicografo de Origen Español Antonio Arroyo”, Em Lambea, Mariano, *Revista de Musicología*, Actas del Congreso de la Sociedad Española de Musicología, Oviedo, 17-20 de Noviembre de 2004, p. 955; Rocamora, José Antonio, *El Nacionalismo Ibérico 1792-1936*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 1994; Candé, Roland de, *Diccionario dos Músicos*, Lisboa, Edições 70, 1994, ver Richard Wagner pp. 347-351 e Franz Liszt pp. 185-188; Pahissa, Jaime, *Sendas y Cumbres de la música española*, Buenos Aires, Hachette, 1955.

²⁵⁷⁰ Cascudo, Teresa: “Wagnerismo y Nacionalismo Musical En Portugal: La influencia del Musicografo de Origen Español Antonio Arroyo”, Em Lambea, Mariano, *Revista de Musicología*, Actas del Congreso de la Sociedad Española de Musicología, Oviedo, 17-20 de Noviembre de 2004, p. 955; Rocamora, José Antonio, *El Nacionalismo Ibérico 1792-1936*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 1994.

²⁵⁷¹ De Martín Tenllado, Gonzalo, *Eduardo Ocón El Nacionalismo Musical Español*, Málaga, Editiones Seyer, 1991, pp. 429-467.

²⁵⁷² De Martín Tenllado, Gonzalo, *Eduardo Ocón El Nacionalismo Musical Español*, Málaga, Editiones Seyer, 1991, pp. 22-25, 175-185, 204-214.

passado²⁵⁷³. Porém, esta sua perspectiva influenciou-se através de fontes estrangeiras, cuja motivação relacionou-se com a pretensão de fazer para o seu país o que Richard Wagner realizara na música alemã, isto é, pôr na música o sentimento e a alma nacional²⁵⁷⁴. Sem embargo, ao existir um ambiente europeu responsável pela formação de quase todos os músicos espanhóis considerou-se que o próprio carácter nacional da música de Isaac Albéniz (1860-1909), Enrique Granados (1867-1916) e de Manuel de Falla (1876-1946), ao basear-se numa consciência nacional, aproximava-se, simultaneamente, das experiências europeias²⁵⁷⁵. Contudo, foi através da música de Manuel de Falla que o processo de compenetração entre as vicissitudes da música francesa e o espírito espanhol produziram um resultado de absoluta originalidade. Por isso, Manuel de Falla foi considerado um compositor moderno, espanhol e europeizante, com influências impressionistas²⁵⁷⁶. Assim sendo, ainda que nem sempre consciente, e a partir de diferentes prismas e graus de profundidade, considera-se que a própria tendência inicial do nacionalismo musical apareceu comprometida numa emergência de natureza cultural²⁵⁷⁷.

²⁵⁷³ Mila, Massimo, *Breve historia de la música*, traducción de Manuel Valls Gorina, Barcelona, Ediciones Península, 2003, pp. 469-470; Pahissa, Jaime, *Sendas y Cumbres de la música española*, Buenos Aires, Hachette, 1955, pp. 60-61; De Martín Tenllado, Gonzalo, *Eduardo Ocón El Nacionalismo Musical Español*, Málaga, Ediciones Seyer, 1991.

²⁵⁷⁴ Mila, Massimo, *Breve historia de la música*, traducción de Manuel Valls Gorina, Barcelona, Ediciones Península, 2003, pp. 469-470; Pahissa, Jaime, *Sendas y Cumbres de la música española*, Buenos Aires, Hachette, 1955, pp. 60-61; De Martín Tenllado, Gonzalo, *Eduardo Ocón El Nacionalismo Musical Español*, Málaga, Ediciones Seyer, 1991.

²⁵⁷⁵ Benedetto, Renato di, *Historia de la Música, 8, El Siglo XIX*, Traducción por Carlos Fernández, Madrid, Turner Música, 1987, p. 153; Salvetti, Guido, *Historia de la Música, 10, El Siglo XX*, traducción de Carlos Alonso, Madrid, Turner Musica, 1986, p. 58; Candé, Roland de, *Diccionario dos Músicos*, Lisboa, Edições 70, 1994 (ver Isaac Albéniz, pp. 14-15; Enrique Granados, p. 138; e Manuel de Falla, pp. 111-112).

²⁵⁷⁶ Mila, Massimo, *Breve historia de la música*, traducción de Manuel Valls Gorina, Barcelona, Ediciones Península, 2003, pp. 470, 473; Salvetti, Guido, *Historia de la Música, 10, El Siglo XX*, traducción de Carlos Alonso, Madrid, Turner Musica, 1986, p. 58.

²⁵⁷⁷ Salvetti, Guido, *Historia de la Música, 10, El Siglo XX*, traducción de Carlos Alonso, Madrid, Turner Musica, 1986, p. 162.

Porém, a função de António Arroyo atingiu proporções muito mais amplas porque ele participou de forma expedita na criação de uma Europa cultural, cuja função musical expressava o ideal de transpor as barreiras além fronteiras²⁵⁷⁸.

Sem embargo, justifica-se que um nacionalismo musical de influências ibéricas foi peculiar tanto em Fernando Lopes-Graça como em Pedro de Freitas. Fernando Lopes-Graça assimilou-o essencialmente através da influência de Manuel de Falla; enquanto Pedro de Freitas pelo profundo contacto que nutriu e evidenciou possuir com a cultura e a música do país vizinho, muito especialmente com Andaluzia, desde a sua juventude²⁵⁷⁹. Por isso, enquanto que o folclore andaluz perpassou nas obras de Fernando Lopes-Graça, estando comprovado que a sua música de raiz popular comungou intimamente de uma consanguinidade ibérica; as influências populares da música e da cultura espanhola também estão omnipresentes na obra de Pedro de Freitas²⁵⁸⁰. Neste prisma, acentuam-se as suas inúmeras tentativas para que alguns aspectos socioculturais da música popular portuguesa pudessem por adaptação, e sem perderem as qualidades da sua especificidade, reflectir de uma peculiaridade músico-popular evidenciada em Espanha – o que acabava por possibilitar um reajuste nacional no contexto cultural peninsular²⁵⁸¹.

²⁵⁷⁸ Cascudo, Teresa: “Wagnerismo y Nacionalismo Musical En Portugal: La influencia del Musicografo de Origen Español Antonio Arroyo”, Em Lambea, Mariano, *Revista de Musicología*, Actas del Congreso de la Sociedad Española de Musicología, Oviedo, 17-20 de Noviembre de 2004, pp. 959-960.

²⁵⁷⁹ Carvalho, Mário Vieira de, *O essencial sobre Fernando Lopes-Graça*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1989, pp. 27-28; Freitas, Pedro de, “Coisas que acontecem IV”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 15-09-1981; Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, p. 135.

²⁵⁸⁰ Carvalho, Mário Vieira de, *O essencial sobre Fernando Lopes-Graça*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1989, p. 28; Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-11-1954; Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957; Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961.

²⁵⁸¹ Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-11-1954; Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957; Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961.

Por outro lado, a presença de um espírito europeu na música de carácter nacional não implicou que se despersonalizassem determinadas características que, a partir de certos parâmetros, tendessem a reclamar a peculiaridade de uma determinada cultura²⁵⁸². Neste sentido, ao se evidenciarem, em algumas das obras literárias de Pedro de Freitas, intenções comparativas entre Portugal e Espanha (isto é, no seio de um contexto músico-cultural ibérico), será que essas constatações também poderão estar implícitas em algumas das suas obras musicais? Será que (para além de um ambiente músico-popular nacional) poderá ser possível evidenciar-se na música de Pedro de Freitas alguma influência melódica de cariz andaluz? Enfim, esta perspectiva poderia suscitar algum interesse num futuro trabalho de análise musical sobre as obras musicais de Pedro de Freitas.

Com efeito, no seio deste panorama multifacetado não se pode negar a existência de um nacionalismo musical de carácter cultural na sociedade portuguesa. Por isso, Fernando Lopes-Graça reflectiu que a mensagem espiritual de toda a música nacional deveria de ter um significado «*universal*», capaz de ultrapassar as fronteiras e fazer dos seus representantes «*clássicos*». Deste modo, Fernando Lopes-Graça defendeu que a música da nova escola deveria de ser formalmente nacional, universalmente expressiva e socialmente funcional²⁵⁸³. Neste prisma, ainda se defende que a demanda implicada na moralidade do nacionalismo outorgava a Pedro de Freitas um contributo expressivo do ponto de vista sentimental, o qual teria como fim derradeiro ultrapassar o âmbito étnico, orgânico, oficial e institucional a nível nacional para atingir um

²⁵⁸² Mila, Massimo, *Breve historia de la música*, traducción de Manuel Valls Gorina, Barcelona, Ediciones Península, 2003, p. 444.

²⁵⁸³ Lopes-Graça, Fernando, *Introdução à música moderna*, Lisboa, Edição Cosmos, 1942; Cascudo, Teresa: “Que fazer sem um Camões músico? – Fernando Lopes-Graça e o problema da tradição da música portuguesa”, Em *Revista Portuguesa de Musicologia n.º 6*, Lisboa, 1996, p. 137.

propósito universal²⁵⁸⁴. Assim sendo, o nacionalismo interpretado por Pedro de Freitas era caracterizado não só por uma consciência cívica e patriótica, de funcionalidade social, como também por um protagonismo com o desejo de através da sua obra atribuir uma reconciliação étnico-política além fronteiras. Neste contexto, acentua-se a mensagem imanente que Pedro de Freitas pretendeu repercutir ao longo da sua obra:

«Harmonia nas almas

E paz nos corações.

–Ama, assim o mundo,

*Não tenhas ilusões!»*²⁵⁸⁵.

Assim, segundo Pedro de Freitas, era importante conferir a Portugal uma consciência nacional com um estatuto de igualdade além fronteiras, cuja missão relacionava-se

²⁵⁸⁴ Freitas, Pedro de, “Há Trinta e oito anos Um sacrifício inútil (O Armistício em 1956!)”, Em *Jornal de Moura*, Moura, 10-11-1956; Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991; Cascudo, Teresa: “A década da Invenção de Portugal na música erudita (1890-1899)”, Em *Revista Portuguesa de Musicologia n.º 10*, Lisboa, 2000, p. 225; Billing, Michael, *Banal Nationalism*, London, Sage Publications, 2002, pp. 9, 89.

²⁵⁸⁵ Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas ed., 1961, p. [VI].

com o atributo de cooperar na ansiada ordem universal²⁵⁸⁶. Por isso, de igual modo, a influência de um nacionalismo músico-cultural de raízes peninsulares representou para Pedro de Freitas mais do que a assertividade de um sentimento de pertença à sua identidade nacional. A influência daquele nacionalismo músico-cultural de raízes peninsulares significava para Pedro de Freitas a busca de uma harmonia supra-nacional e a afirmação identitária de uma ‘portugalidade de raízes ibéricas’ na cultura musical do mundo²⁵⁸⁷.

²⁵⁸⁶ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935; Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946; Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1955; Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991; Albuquerque, Martim de, *A Conciencia Nacional Portuguesa Ensaio da História das Ideias Políticas*, Lisboa, [s.n.], 1974; Gellner, Ernest, *Dos nacionalismos*, tradução realizada por Telma Costa, Lisboa, Teorema, 1994; Ferreira de Castro, Paulo: “Nacionalismo Musical ou equívocos da Portugalidade”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan (ed.), *Portugal e o Mundo o Encontro de Culturas na Música*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1997, pp. 155-170.

²⁵⁸⁷ Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957; Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas ed., 1961; Hans, Kohn, *Historia del nacionalismo*, México, Madrid, Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, Sección de Obras de Historia, 1994, p. 32; Cascudo, Teresa: “Wagnerismo y Nacionalismo Musical En Portugal: La influencia del Musicografo de Origen Español Antonio Arroyo”, Em Lambea, Mariano, *Revista de Musicología*, Actas del Congreso de la Sociedad Española de Musicología, Oviedo, 17-20 de Noviembre de 2004, pp. 951-960; Rocamora, José Antonio, *El Nacionalismo Ibérico 1792-1936*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 1994.

~ × ~

A questão do nacionalismo implicou que as pretensões de afirmação nacional fossem reconhecidas num âmbito internacional. Deste modo, a nível musical, a nação teria de demonstrar não só a sua especificidade como também provar a sua erudição cultural, de corte universalista, para poder interagir no âmbito do nacionalismo musical cultural. Contudo, a necessidade dos compositores portugueses procurarem alternativas face aos modelos italianos pela aderência à corrente do nacionalismo musical e pela aproximação de outras culturas musicais, tal como, por exemplo, dos géneros musicais ou sentimentos expressos por Richard Wagner, Franz Liszt, ou do estilo musical de Claude Debussy, apresentava uma relação similar com os discursos de corte nacionalista usados em Espanha na mesma época. Esta analogia de atitudes composicionais poderá comprovar certas similitudes em termos dos ideais de um nacionalismo musical cultural pretendido a nível da península ibérica. Deste modo, vários compositores a nível ibérico preocuparam-se com a demanda de uma música nacional, sem descurarem, todavia, as pretensões de se aproximarem das tendências musicais mais proeminentes na altura. Neste contexto, ao conferir-se ao nacionalismo musical uma dimensão cultural, evidenciou-se como, por exemplo, Manuel de Falla foi considerado um compositor moderno, espanhol e europeizante com influências impressionistas; como António Arroyo distinguiu-se por participar de forma expedita na criação de uma Europa cultural, cuja função musical expressava o ideal de transpor as barreiras além fronteiras; como Fernando Lopes-Graça no acto da criação musical partia da proposta étnica e a submetia a um processo de osmose através do seu apetrechamento técnico familiarizado com a tradição clássica europeia, e, ainda, como Pedro de Freitas lutava para que Portugal se manifestasse na cultura do mundo pela afirmação de um nacionalismo musical que embora com algumas especificidades próprias não renegava um cariz musico-cultural ibérico. Como tal, o caso de Pedro de Freitas, ao pretender traspasar e adaptar para o panorama da música nacional portuguesa o paradigmático ambiente músico-popular vivenciado em Espanha,

revelava mais do que uma forte empatia pelo país vizinho. Pedro de Freitas manifestava o desejo de consolidar uma especificidade nacional, distinta do país vizinho, mas que em simultâneo não prescindisse de uma base de vivências e de intercâmbios de culturas populares ibéricas, tidas como expressão continuada de um passado histórico-cultural comum.

Com efeito, os compositores mencionados neste subcapítulo deixaram uma mensagem espiritual que relacionava o conceito da música “nacional” com um significado verdadeiramente “universal”. De facto, a música “nacional”, ao enquadrar-se no conceito do nacionalismo musical cultural, era capaz de ultrapassar as fronteiras da nação no sentido de uma dimensão harmoniosamente funcional na linguagem musical do mundo.

5. Conclusão

Pedro de Freitas revelou-se um indivíduo profundamente identificado aos laços étnicos, sentimentais e culturais assimilados a partir da sua terra natal Loulé. Por isso, parte da sua obra publicita e engrandece o concelho de Loulé como um repositório de memórias, lendas, tradições e sabedorias vinculadas à especificidade da terra e transmitidas maioritariamente por via oral de geração em geração. Como tal, especialmente em Loulé evidenciava-se uma espécie de “patriotismo local”, caracterizado por um sentimentalismo de amor e de excessivo apego pelos aspectos tradicionais e histórico-locais, enfim, uma exacerbação local do fenómeno do nacionalismo efervescentemente vivido a partir do panorama europeu. Esta qualidade de afectividade local era designada pelo nome de “bairrismo”, a qual contribuiu para a definição da personalidade de Pedro de Freitas. Neste contexto, as duas bandas filarmónicas louletanas, de carácter festivo e patriótico, representavam um expoente máximo desse bairrismo local, as quais contribuíam não só na integração de sentimentos moralistas de dignidade sócio-local como também na caracterização da localidade no seio da nação portuguesa. Além do mais, as bandas filarmónicas, num sentido geral, tomando-se como exemplo a banda do *Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro* (conjecturada, fundada e profundamente vivenciada por Pedro de Freitas), ainda permitiam a identificação e o reconhecimento da nação portuguesa num contexto Europeu.

Ainda que Pedro de Freitas revelasse uma grande afeição por Loulé e desse provas de ter sido um excelente instrumentista, enquadrado nos vários eventos musicais protagonizados pela *Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva*, a sua vida fora entretecida em várias vicissitudes sócio-políticas e económicas da época. Uma vez

que o poder capital era baixo e a analfabetização era muito elevada, nos inícios do século XX, era prática habitual, sobretudo nas famílias com poucos recursos económicos (como no caso específico de Pedro de Freitas que perdera a sua mãe em terna idade), que as crianças depois de terminarem a *Instrução Primária* tivessem de enfrentar a exploração infantil para se auto-sustentarem. Por isso, Pedro de Freitas exerceu alguns ofícios da época como o de caixeiro de mercearia e o de carpintaria. Porém, ambos os encargos eram incompatíveis com o seu verdadeiro talento de musicógrafo e de jornalista de veia popular. Além do mais, haviam vários factores que evidenciavam um descontentamento geral da população local, fruto dos problemas enfrentados a nível nacional. Deste modo, as crises sucessivas sobretudo na agricultura e no comércio; o aumento dos impostos sobre os produtos alimentares; as várias falências; a corrupção e a instabilidade política foram alguns dos factores que condicionaram a *Implantação da República* a 5 de Outubro de 1910 em prejuízo da dissolução do *Regime Político Monárquico*. Ainda que o partido republicano representasse melhorias na educação e o direito ao sufrágio universal, a crise vivida a nível local estava longe de estar terminada. Este panorama condicionou que Pedro de Freitas partisse para o Barreiro a 2 de Março de 1911. Com efeito, o Barreiro era uma zona industrial na cercania de Lisboa cujo potencial de desenvolvimento era maior do que Loulé. Neste sentido, o modo de vida no Barreiro, expresso através do seu labor industrial, dos ideais republicanos, do espírito sindicalista em prol do movimento operário, da fundação das sociedades cooperativas e do interesse pelo associativismo musical de bases oficiais fora decisivo para que Pedro de Freitas desenvolvesse e consolidasse a sua postura reivindicativa e nacionalista no sentido de conciliar os interesses das massas populares com os benefícios do apoio das entidades oficiais. Daí justificou-se o crescente interesse de Pedro de Freitas pelo desafio do associativismo musical de cunho oficial, especialmente no garantir a estabilidade às bandas filarmónicas.

Porém, a especificidade intra-regional da sua terra natal (Loulé), constituiu um profundo laço na afectividade e vivência de Pedro de Freitas reflectida nos aspectos recreativo-culturais. Este vínculo de sentimentalismo local fora crucial para que Pedro de Freitas perscrutasse e reconhecesse características inter-regionais, nacionais e transnacionais, as quais interagiam com a sua identidade nacional e materializavam-se na sua forma de ser nacionalista. Sem embargo, o seu sentido de pertença à especificidade intra-regional da sua terra natal, à identidade da nação portuguesa, ou aos vínculos de fraternidade ibéricos exprimia-se numa vertente profunda entre sentimentos étnico-biológicos e interesses oficiais-cívicos, os quais, sem fronteiras precisas, permaneciam em constante interacção.

Com efeito, Pedro de Freitas revelou-se numa figura que zelou pelos interesses nacionais e manifestou preocupações com a moralidade; a disciplina; a religiosidade; o culto da nação (incluindo a estética arquitectónica e a cultura tradicional num âmbito local e regional; a nacionalização da música popular; e a imparcialidade das massas populares nos assuntos políticos), o que se enquadrava perfeitamente no seio do espírito contextual do seu tempo, enclave num processo de várias influências sociopolíticas e ideológicas, as quais evidenciavam-se especialmente na Europa Ocidental. Deste modo, muitas das particularidades imanentes ao fenómeno do nacionalismo, conjugadas numa dimensão étnico-biológica e oficial-cívica, não só da parte da política vigente como também da parte das massas visadas, manifestavam-se sem que quase nunca se tivesse consciência da sua dimensão impregnada desde as atitudes e acções mais espontâneas do quotidiano. Como tal, o fenómeno do nacionalismo, exacerbado e reinterpretado a partir das suas especificidades, materializou-se impulsivamente no conflito europeu que constituiu a *Primeira Grande Guerra Mundial*. Neste prisma, o partido democrático português tinha visualizado os benefícios que poderia obter através da entrada de Portugal na guerra ao converter os seus interesses numa causa de cariz nacional e nacionalista. Por isso, o partido democrático português manipulava principalmente as massas populares da

sociedade civil no sentido de que as mesmas evidenciassem as qualidades guerreiras e heróicas que caracterizavam o passado histórico nacional. O objectivo era que as massas se consagassem a um sacrifício sublime através da abnegação da própria vida pelo futuro da nação portuguesa. Neste sentido, Pedro de Freitas expressou, através da sua obra, que as autoridades oficiais induziam que a entrada na guerra seria a maior prova de redenção consagrada à pátria portuguesa. Deste modo, numa estratégia propositadamente nacionalista, a nação era reconhecida como um organismo biológico vivo que, por isso, carecia de ajuda face às ameaças inimigas do exterior. Além do mais, o aderir à guerra ainda se traduzia num profundo sentido moral porque a mesma implicava a salvação da humanidade a nível mundial. Consequentemente, o soldado que morresse pela pátria seria um símbolo honrado de culto e de exaltação. No entanto, nem todos se convenceram destes argumentos. Houve dissidências na política, revoltas e sabotagens perante as imposições do sistema político-ideológico, fruto das incompatibilidades tanto no seio da política vigente como no âmbito das massas relativamente às imposições do estado. Porém, apoiado pelos ideais republicanos do seu pai (José de Freitas), fiel aos deveres de lealdade impostos a nível oficial, e convencido da importância retida na sua missão, Pedro de Freitas resignou-se em participar no conflito europeu. Contudo, Pedro de Freitas confessou o quanto foi difícil o tempo da mobilização e da partida para a guerra porque, nessa altura, ele era casado há pouco tempo com Maria das Dores Vairinhos e era pai de uma menina recém-nascida em Loulé, chamada Margarida Vairinhos de Freitas. Não obstante, em tempo de guerra, Pedro de Freitas foi submetido a situações extremas de violência, de carências, de obrigações, de censura postal e de várias injustiças, como por exemplo as que ele evidenciou relativamente aos privilégios concedidos aos oficiais e, por sua vez, a desconsideração relativamente ao estatuto dos soldados. A continuidade destes episódios deploráveis no quotidiano da guerra fizeram com que Pedro de Freitas passasse por várias reflexões e crises existenciais. Além do mais, ao ser defrontado com algumas cenas miseráveis de tropas de nacionalidade alemã que tinham sido

capturados e feitos prisioneiros de guerra, Pedro de Freitas reflectiu sobre a dimensão humana daqueles homens que embora fossem identificados como “inimigos” lutavam em prol de idealizações nacionalistas similares. Por isso, ainda no quotidiano da guerra, sem uma opinião totalmente crítica sobre a mesma, Pedro de Freitas desiludido punha em causa a necessidade da sua prossecução. Apesar de tudo, foi no contexto da guerra que Pedro de Freitas teve a oportunidade de imprimir as suas especulações e memórias relacionadas com o conflito europeu. Assim, Pedro de Freitas deu azo à sua faceta de escritor enfatizada no seu primeiro artigo de imprensa periódica e no seu diário anotado, o qual daria origem ao seu livro sobre as memórias da Primeira Guerra Mundial. Aliás, foi também no teatro da guerra que Pedro de Freitas sobrevalorizou os seus laços nacionais através da sua actividade musical implicada na criação da *Banda Filarmónica do Batalhão de Sapadores dos Caminhos de Ferro* e na composição de uma marcha intitulada *O Patrão*, a qual foi escrita para ser tocada por essa mesma banda filarmónica. Neste prisma, a música não só representou um pilar fundamental de evasão ao quotidiano da guerra como também estabeleceu uma razão que justificou a não participação de Pedro de Freitas no caos de morte e de destruição que constituiu a *Batalha de La Lys*. Além do mais, foi ainda a partir da experiência no quotidiano da guerra que Pedro de Freitas reflectiu e reconstruiu mais conscientemente a sua forma de ser nacionalista. Em simultâneo, Pedro de Freitas também passava a entender outras implicações peculiares do conceito de transnacionalidade, as quais foram enfatizadas pelo nascimento do seu filho Pierre, fruto de uma relação amorosa com uma mulher francesa no contexto dessa guerra em Flandres. Com efeito, durante o conflito europeu, no seu desfecho e no pós-guerra, evidenciava-se um abismo cada vez maior entre o descontentamento e o sofrimento da parte das massas e, por outro lado, os discursos ideológicos protagonizados pelas entidades oficiais. Estrategicamente, no pós-guerra toda a nação fora levada a comungar da memória da *Primeira Grande Guerra Mundial*. A participação de Portugal no conflito europeu tornara-se objecto de exaltação a nível

nacional, tal como acontecia nos outros países além fronteiras envolvidos na conflagração europeia, cujas técnicas políticas convertiam-se em propaganda adequada à nacionalização das massas. Neste sentido, na qualidade de ex-combatente, e na afirmação da sua postura de porte nacionalista e republicano, Pedro de Freitas reconheceu o mérito dos que se disponibilizaram, tal como ele, a devotarem as suas vidas aos deveres exigidos em prol da nação portuguesa. Deste modo, Pedro de Freitas também colaborou na nacionalização das massas ao escrever artigos de imprensa periódica relativos a esta temática de exaltação aos combatentes da guerra, expressando algumas iniciativas relacionadas com o enaltecimento e a perpetuação das memórias e símbolos alusivos aos feitos guerreiros. Neste sentido, Pedro de Freitas constituiu um pilar fundamental na concretização das *Festas Anuais de Confraternização*, as quais passaram a ser realizadas entre os ex-combatentes do *Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro* (BSCF), nas diferentes cidades natal de Portugal onde os mesmos pertenciam. Além disso, Pedro de Freitas fora o mentor da realização e efectivação da *Romagem* dos ex-combatentes à França.

Com efeito, terminado o conflito europeu, a *Conferência de Paz* não tinha conferido a Portugal o objectivo da política externa, o qual fora em última análise a causa principal da entrada de Portugal na *Primeira Grande Guerra Mundial*. A este objectivo internacional gorado juntaram-se outros de natureza interna que nunca chegaram a ser alcançados. Neste sentido, Pedro de Freitas constatou que as crises nacionais de âmbito político, económico e social agravaram-se sobremaneira. Consequentemente, as carências monetárias sofridas pelas famílias dos combatentes mortos e pelos inválidos da guerra manifestavam-se como grandes injustiças sociais. Neste contexto, Pedro de Freitas criticou o excessivo zelo consagrado aos mortos da guerra e, em contrapartida, a falta de atenção devotada aos vivos e aos mutilados que tinham participado naquele conflito europeu. Por fim, Pedro de Freitas concluía que aquelas promessas de paz mundial que tinha acreditado tão convictamente não tinham passado de falsas especulações engendradas pelas conspirações das políticas

partidárias. Afinal, Pedro de Freitas reflectia que a guerra não trouxera nenhum benefício, nem o da possessão das *Províncias Ultramarinas*. Neste prisma, salienta-se que, no quotidiano da guerra, a *Batalha do 9 de Abril de 1918* tinha sido vista por Pedro de Freitas como um acto heróico e vitorioso do exército português face ao ataque brutal dos inimigos. Porém, muitos anos depois, e numa visão diacrónica, Pedro de Freitas interpretava essa *Batalha do La Lys* de uma forma bem mais realista, a qual passava a simbolizar morte, traição e loucura. Por isso, quanto mais Pedro de Freitas desenvolvia um espírito de consciência crítica relativamente às vicissitudes da política da época mais ele procurava investir na protecção das massas populares da sociedade civil, fazendo-se representar como um porta-voz das necessidades do povo. Foi neste sentido que Pedro de Freitas persistiu em massificar a sua opinião que a guerra era a pior calamidade mundial que podia acontecer. Deste modo, no seu percurso de vida, sobretudo após a dramática experiência da guerra, Pedro de Freitas expressou uma constante abnegação face às guerras. Neste sentido, a demanda implicada na moralidade do nacionalismo outorgava a Pedro de Freitas um contributo expressivo do ponto de vista sentimental, o qual teria como fim derradeiro ultrapassar o âmbito étnico, orgânico, oficial e institucional a nível nacional para atingir um propósito universal. Esta atitude foi subentendida através de um logótipo que Pedro de Freitas fez questão de introduzir sobretudo no início da maioria das suas obras literárias, cuja mensagem imprimia o seu desejo de pacificação das relações humanas a um âmbito mundial. Assim sendo, acentua-se que a mensagem imanente no logótipo que Pedro de Freitas repercutiu ao longo da sua obra comprovou que a sua interpretação do nacionalismo comprometia não só uma consciência cívica e patriótica, de funcionalidade social, como também um protagonismo com o desejo de através da sua obra atribuir uma reconciliação étnico-política além fronteiras.

Com efeito, nas suas declarações, Pedro de Freitas revelou a sua impressão de coerência de que ele tinha sido sempre firme nos seus valores educacionais de disciplina, de harmonia, de moralidade, e de fraternidade universais, bem como nos

seus ideais de imparcialidade face às ideologias políticas. Não obstante, essas atitudes comportamentais edificavam-no no seu tempo contextual, cujos ideais éticos, moralescos e de “neutralização política” eram rotineiramente mediatizados na conversão da psicologia das massas face à imposição da política estatal. Além do mais, todos os ideais de religiosidade católica acabavam por ser adequados aos intentos da política estadonovista pelo estado de quietação que os mesmos implicavam nos seus súbditos. Não obstante, as condutas interpretativas da parte de Pedro de Freitas transcendiam as ideologias baseadas em “certezas dogmáticas”, mediatizadas pela política da época, porque comprometiam a sua ressiência em ser passivo, implicada na sua capacidade de dar sentido à sua própria vida. Assim, Pedro de Freitas consciencializou-se mais cepticamente da impossibilidade de se findarem as injustiças sociais, por isso, ao longo da sua vida, acentuou-se nele um espírito mais reivindicativo e descrente relativamente à idealização de algum sistema político que pudesse coadunar com as necessidades evolutivas da nação portuguesa, o que justificou não só progressos no seu grau de consciencialização perante as manipulações da política oficial como revelou igualmente a noção de que ele projectava expectativas relativamente ao sistema político vigente, manifestando uma atitude não imparcial quanto à vida política da nação. Além do mais, Pedro de Freitas constatava que haviam muitas outras injustiças sociais que eram vitimadas pelas implicações políticas da época, tal como tinha sucedido com o revés resultante da participação de Portugal na *Primeira Grande Guerra Mundial*; com as infrutíferas tentativas para que o trajecto ferroviário passasse dentro da vila de Loulé; ou com o logrado desfecho de algumas campanhas musicais por ele protagonizadas em virtude de uma adequada manutenção das duas bandas filarmónicas locais, defendidas como um bem público. Deste modo, ao aderir a ideologias de imparcialidade política em vigor na época (onde se incluía a estratégia oficial da “neutralização política” como uma forma de evitar a participação activa das massas na vida política da nação), Pedro de Freitas fazia uso de temas populistas, politicamente apolíticos, de antipatia para

com as ideologias políticas, e assumia-se não só como uma figura imparcial relativamente aos partidarismos políticos como também aconselhava a que todos os cidadãos portugueses optassem pela sua conduta paradigmática. Esta lógica de pensamento, adoptada por Pedro de Freitas, revelava, por um lado, uma postura de resistência e de descredibilidade face às propagandas das políticas partidárias, porém, por outro lado, ao instilar uma atitude comportamental desfazada das ideologias políticas, ele (Pedro de Freitas), acabava por adequar-se à estratégia da “neutralização política” favorável ao sistema político vigente, a qual pretendia anular as pretensões políticas da parte dos indivíduos que constituíam as massas populares. No entanto, o caso específico de Pedro de Freitas não era assim tão linear quanto à partida podia parecer porque umas vezes ele seduzia estrategicamente a política do estado com a teoria da imparcialidade política como uma forma de não criar inimizades e de conseguir mais facilmente os seus intentos, enquanto outras vezes ele implicava exigências da parte de um governo intransigente face às suas necessidades, sobretudo em virtude da música popular e de melhores condições existenciais ao estrato mais baixo da sociedade.

Porém, num contexto de confluências e de ideais liberais, republicanos e nacionalistas, fundados na exaltação da soberania popular como um meio de cativar as massas, as instâncias políticas detentoras do poder pretendiam divulgar um conjunto de conceitos simbólicos, os quais eram evocados especialmente em virtude de um “nacionalismo cívico” imposto no cumprimento da ideologia da política oficial. Por sua vez, estes conceitos eram reactualizados e reformulados de acordo com as pretensões das políticas que se seguiam, cujo objectivo era a inculcação de um sentimento de patriotismo numa devoção ao culto da nação portuguesa. Neste contexto, a obra de Pedro de Freitas deixou transparecer uma consciência nacionalista, cujos critérios nacionais identificavam a organização da unidade territorial da nação portuguesa com a autoridade da entidade político-estatal. Como tal, os seus escritos e discursos (de Pedro de Freitas), ofereciam uma realidade

politizada, conscientemente problematizada e protestante em prol dos seus ideais sociopolíticos e culturais, a qual, na prática, revelava-se contraditória com a estratégia da “neutralização política” mediatizada pela política oficial (como uma maneira eficaz de afastar as massas da vida política da nação), e com algumas das declarações idealizadas por Pedro de Freitas (as quais directa ou indirectamente eram influenciadas por aquela estratégia da “neutralização política”), que o levavam (a Pedro de Freitas), a assumir-se como uma figura imparcial a nível político sem que na realidade o fosse integralmente. Deste modo, evocando democraticamente a soberania do povo na mística nacional, Pedro de Freitas, através da sua obra e discursos, pretendia a intervenção oficial no garantir de uma adequada subsistência das massas populares da nação portuguesa. Com efeito, da parte das instâncias políticas vigentes esta tarefa era expressa através de critérios de regulamentação elegidos na preservação da “etnicidade” da identidade nacional e da cultura popular.

Neste sentido, é necessário enfatizar que no início do século XX, a política oficial tinha reconhecido que a democracia requeria mais do que uma simples escolarização. Era necessário o estabelecimento de uma cultura de massas que se inscrevesse cientificamente na tradição nacional e que fosse melhor gerida, vigiada e promovida pelo estado. Deste modo, os integralistas subordinaram a política ao “facto científico e experimental” da nação. Para tal efeito, mobilizou-se toda uma erudição positivista portuguesa no campo da história, da filologia e do folclore. O objectivo era encontrar um ideal de unidade e de estabilidade colectiva elaborado no quadro do patriotismo cívico. Neste prisma, ao reconhecer-se que a arte tinha uma acção educativa nos meios populares, os Governos Republicanos manifestavam um interesse progressivo pelo património artístico-cultural. Avançava-se, deste modo, para um projecto de “estado cultural” baseado num sistema de “subsídios” às artes e às instituições que defendessem o património nacional. Deste modo, na década de 1920, José António Sardinha (um dos mais destacados autores do *Integralismo Lusitano*), identificava o projecto integralista com o “reaportuguesamento de Portugal”, festejando-se a ideia

de um “patriotismo local”. Assim sendo, a pátria passava a ser considerada através do contacto e do conhecimento do que nela existisse na realidade. Neste sentido, reformulava-se a ideia de que não era possível ter-se um sentimento pela nação se não se sentisse primeiramente amor pela sua tradição histórica. De facto, estas ideias de patriotismo a devotar à nação portuguesa reforçavam o vínculo sentimentalista que Pedro de Freitas nutria e partilhava intensamente a nível local, por isso, ele argumentou o dever de lealdade de cada cidadão em relação à sua respectiva localidade. Com efeito, nesta forma de acepção nacionalista, os critérios de especificidade entre as várias regiões do país constituíam referências essenciais que contribuía para a unidade e para a identidade da nação além fronteiras.

Por sua vez, generalizava-se o conceito de folclore, o qual era profundamente identificado com a “ciência do povo”, enclive num processo de interesse e de divulgação nacionalista pelos aspectos populares além fronteiras. Esta noção de folclore, direccionada para a valorização dos recursos populares, suscitava sobremaneira o interesse da parte de Pedro de Freitas. Assim, partindo de conceitos de que a “ruralidade” e a “identidade” do povo constituíam elementos essenciais da idiosincrasia da nação portuguesa, Pedro de Freitas considerou que o processo da folclorização constituía uma das componentes essenciais da legitimidade democrática desse mesmo povo. Porém, José António Sardinha tinha compreendido que o “regionalismo” levantava problemas devido aos contrastes que caracterizavam as regiões do norte ao sul de Portugal. Desta forma, a nação reflectiria de uma problemática incontrolável pela heterogeneidade da adaptação da população às diferentes especificidades regionais. Contudo, esta realidade podia ser ultrapassada através da mediatização de uma “linguagem oficial” que possibilitasse uma leitura totalizante mais unilinear da consciência histórico-cultural da nação portuguesa.

De facto, o clima de anarquia e de instabilidade política a nível nacional, conjuntamente com os espectros dos regimes políticos autoritários que começavam a despontar na Europa, contribuía cada vez mais para oprimir e uniformizar a

sociedade civil em virtude de militantes discursos nacionalistas adequados às estratégias das instâncias políticas que dirigiam o poder. Este panorama dera origem à implantação da *Ditadura Militar*, a 28 de Maio de 1926, a qual fora sequenciada pela política cultural do *Estado Novo* (1933-1974). Porém (ainda que com outras significações, de acordo com as diferentes práticas discursivo-contextuais mediadas pelos sistemas ideológico-políticos da época), os “conceitos simbólicos” instrumentalizados pela política do *Estado Novo*, além de terem sido usados durante a *Ditadura Militar*, na criação de estratégias de identidade nacional, já vigoravam pelo menos desde a segunda metade do século XIX - na construção da ideia de Portugal como um “estado cívico” fundamentada pelos Liberais. Com efeito, Pedro de Freitas identificava-se com estes conceitos estruturantes porque os mesmos transmitiam um sentido de identidade nacional que vinha sendo reestruturado na continuidade de movimentos e de ideais liberais, republicanos, e nacionalistas, baseados numa nova política de soberania popular, os quais eram provenientes do passado histórico da nação e enclaves num contexto europeu.

No entanto, a política do *Estado Novo* pretendia reforçar, reconsolidar, e ampliar os seus discursos de pura demagogia nacionalista, de bases populistas, no sentido de cativar mais eficazmente as massas. Para tal, a política do *Estado Novo* apropriava-se das grandes evidências atemporais que transversalmente percorriam os diferentes núcleos da comunidade portuguesa (apoderando-se dos produtos culturais fundados na tradição; dos conceitos estruturantes do nacionalismo e da Igreja Católica; e de outros referentes integrativos), cuja eficácia era obter a esperada ressonância popular. Até as raízes genealógicas do “folclore nacional” passavam a ser um pretexto de ir-se ao encontro do povo português, uma vez que o “folclore” ao ser encarado como uma produção simbólica do regime permitia a homogeneização e o controlo das massas às ideologias da política vigente.

Neste sentido, ao objectivar-se a apreensão de conceitos estruturantes que identificavam e integravam a sociedade portuguesa conferia-se uma alusão ao passado

histórico, o qual, ao imprimir qualidade na legitimação nacional, institucionalizava a “portugalidade” em prol dos interesses políticos. Por isso, para que fosse possível a reconstrução e a inculcação, de forma selectiva e linear, de uma “cultura nacional” (que identificasse o estado com a nação portuguesa), era necessário que a política cultural transcendesse o âmbito de um nacionalismo excessivamente direccionado para uma vertente oficial-cívica. Deste modo, com a finalidade que a “cultura nacional” fosse ao encontro do povo era também necessário adicionar-lhe uma dimensão mais étnico-biológica, a qual incluía componentes profundas e imprevisíveis, cujas variedades dinâmicas passavam a ser incontroláveis face aos custos da fundação de um “nacionalismo oficial português” a partir do fenómeno do nacionalismo na sua totalidade. Neste sentido, admite-se que na sua reinterpretação o fenómeno do nacionalismo ultrapassava o âmbito de uma ideologia puramente política. De facto, quer o nacionalismo vivido pelas massas quer o nacionalismo imposto pelo sistema político vigente implicavam dimensões muito mais profundas e complexas do que a ideia de um nacionalismo estritamente “oficial” fabricado pelas instâncias políticas do poder na manipulação das massas que, neste caso, eram os cidadãos portugueses. Desta forma, impõe-se uma visão defendida no percurso deste trabalho de investigação que enfatiza que os ideais nacionalistas também eram reinterpretados de acordo com a singularidade de interesses, de propósitos e de aspirações de cada indivíduo no seio das massas populares dos cidadãos portugueses. Foi esta dimensão de singularidade e de intencionalidade irreduzível peculiar de cada indivíduo na interpretação do nacionalismo que justificou que os ideais nacionalistas da parte das massas (neste caso dos cidadãos portugueses), ultrapassassem as pretensões de controlo da política vigente. Como tal, justifica-se a razão porque estes ideais nacionalistas tivessem revelado uma aderência tão imediata, uma vivência tão inconsciente e um sentimentalismo tão profundo no meio popular e, neste caso específico, na pessoa de Pedro de Freitas.

Sem embargo, no prosseguimento das suas estratégias, a política do *Estado Novo* tinha reunido em torno dos seus objectivos uma miríade institucional. Como tal, objectivava-se que o discurso da ideologia oficial tinha de coincidir com a disposição orgânica da estrutura institucional do regime. Deste modo, o *Secretariado de Propaganda Nacional* (SNI), criado em 1933 e dirigido por António Ferro, estava encarregue dos recursos do desenvolvimento da política cultural. Por sua vez, a *Fundação Nacional Para a Alegria no Trabalho* (FNAT) desempenhava um papel no processo da instrumentalização da folclorização num âmbito oficial. Porém, esta instituição, ao exercer a sua prestação no campo doutrinário e na intervenção prática, influenciava a evolução da política cultural. Além do mais, a *Fundação Nacional Para a Alegria no Trabalho* (FNAT) dispunha da criação e consolidação de uma estrutura corporativa directamente vocacionada para as actividades culturais-recreativas, por isso, a (FNAT) promovia a apreciação, a selecção, a apresentação e a mobilidade dos ranchos folclóricos e dos grupos filarmónicos. Neste sentido, a *Junta Nacional de Educação* restaurava as tradições da cultura portuguesa no espírito da vida da nação, possibilitando uma educação colectiva em prol da coesão nacional. A partir destas medidas, o projecto totalitário da política Salazarista visava ainda através de várias motivações, incluindo prémios remunerados, a participação do sujeito passivo em agente activo da política oficial. Neste âmbito, estudou-se a actuação de Pedro de Freitas no seio do sistema político vigente, sendo revelante salientar que a mesma fora evidenciada a partir dos anos cinquenta do século XX, numa altura em que já se verificava o início e o conseqüente arrastamento de uma longa crise no âmago do regime político imposto por António de Oliveira Salazar. Por outro lado, Pedro de Freitas foi um indivíduo que se esforçou para que a música do povo tivesse bons alicerces associativos, dinamizando eventos culturais e recreativos nacionais através da intervenção de várias instituições, fossem elas privadas ou públicas e tivessem elas conotações favoráveis ou divergentes relativamente à política oficial. Neste contexto, salientou-se a *Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e*

Recreio ou mesmo a Agremiação Cultural da *Casa do Algarve* em Lisboa, as quais afirmavam-se de intervenção independente e representavam espaços democráticos onde a sociedade civil (tomando como exemplo Pedro de Freitas), podia exprimir as suas iniciativas num âmbito do associativismo musical e, inclusivamente, solicitar o apoio da parte governamental. Aliás, era com um espírito de emancipação política que Pedro de Freitas, através da sua obra, elogiava e publicitava o mérito de todas as entidades que se designavam independentes das estratégias dos partidos políticos. No entanto, embora a *Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio* ostentasse uma postura considerada não manipulada pelos intentos da política oficial (tal como Pedro de Freitas também proclamava em relação às suas actuações socioculturais), esta instituição, em virtude dos seus objectivos relacionados com o movimento filarmónico português, também acabou por participar nos eventos recreativos nacionais, ainda que os mesmos tivessem um óbvio controlo e regulamentação da parte da política vigente. Porém, a colaboração de Pedro de Freitas nos eventos recreativos e culturais acabou por ser considerada como um exemplo paradigmático. Partindo deste contexto foi importante ter em conta o grau de sedução que a política oficial exerceu na pessoa de Pedro de Freitas. Assim, ao ser colaborador e funcionário da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT), Pedro de Freitas tinha de se convencer a si mesmo que esta instituição (tal como ele), não tinha conotações político-partidárias, o que era igualmente uma forma de ele se justificar no âmbito da sua idealização de imparcialidade em termos políticos. Este parecer, da parte de Pedro de Freitas, também justificava que o seu interesse relativamente a esta instituição visava somente a prossecução de apoios educativos e monetários, consubstanciados na elevação e dignificação da música do povo. Por isso, contrariando algumas opiniões de que ele era adepto da política Salazarista, Pedro de Freitas (como uma forma de transgredir a passividade de ser um mero servo da política do estado), justificou várias vezes que não tinha interesse em usufruir de algum posto político e que o seu contributo direccionava-se unicamente em prol do

partido da música, caso contrário jamais aderiria a tais propostas de trabalho. Além do mais, Pedro de Freitas fora sempre uma figura bairrista, de corte nacionalista, assente em ideais de soberania popular, e muitas das suas ideias em virtude da música popular ainda germinaram antes de ele ter sido colaborador da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT). Neste prisma, o papel desta instituição (FNAT), foi mais no sentido de impulsionar as iniciativas de Pedro de Freitas do que submetê-lo a outras actividades iminentes ao sistema político ideológico. Deste modo, pela sua capacidade criativa, Pedro de Freitas foi considerado uma figura de mérito, sendo reconhecido não só por alguns amigos e apreciadores da sua obra como também por entidades oficiais que regulamentavam a cultura do povo. Assim, ao fazer uso das seduções que a política oficial conferia ao povo, Pedro de Freitas constituiu um elemento fundamental na iniciativa, na viabilização e na concretização dos dois grandes *Concursos Nacionais* de bandas filarmónicas, do *Festival Regional de Bandas Cívicas* realizado em Faro, assim como na criação dos Cursos de Formação de Músicos através do *I Ciclo de Aperfeiçoamento de Regentes Amadores de Bandas de Música Cívica*, os quais foram únicos no seu tempo e simbolizaram o seu esforço em prol de uma significativa melhoria existencial e performativa da música popular. Sem embargo, através da mediatização e regulamentação empreendida através dos dois concursos nacionais de bandas filarmónicas, Pedro de Freitas estava não só a incentivar a aprendizagem e a qualidade da execução como também contribuía para que a “música popular” representasse simbolicamente a “linguagem oficial”. Por isso, estes concursos além de evidenciarem e popularizarem algumas das peças musicais da autoria de Pedro de Freitas também tiveram alguma pretensão na tipificação de uma meta-narrativa, a qual era adequada ao projecto nacionalista engendrado pelas instâncias políticas do poder. No entanto, esta tentativa de tipificação de uma meta-narrativa resultou infrutífera no âmbito das bandas filarmónicas devido à incapacidade de se controlar o associativismo musical livre e também devido ao carácter parcialmente livre (isto é, sem critérios científicos), imposto na escolha das peças

musicais seleccionadas ao longo do percurso dos concursos, o que justificou a época de recessão que enfrentava a política do *Estado Novo*. Contudo, na qualidade de orientador técnico e artístico da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT), Pedro de Freitas também era incumbido de determinadas funções como o registo e o apuramento de dados sobre vários grupos musicais e culturais de âmbito nacional. Deste modo, embora o objectivo de Pedro de Freitas visasse um estímulo pela atribuição de subsídios e prémios a determinados agrupamentos que qualificava, a sua acção também contribuiu para a fiscalização, regulação e difusão dos produtos folclorizados. Deste modo, ao procurar conciliar os seus intentos de conferir maior amplitude às massas populares através dos benefícios concedidos pelas entidades oficiais, Pedro de Freitas foi considerado um exemplo paradigmático que ao ser apanhado nas malhas do sistema político vigente seria responsabilizado no garantir parte dos objectivos culturais estipulados pela política oficial. Além do mais, ao ter sido um trabalhador metucioso no cumprimento das normas exigidas pela *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT); ao ter interagido activamente na integração da localidade; ao fazer uso de um vocabulário cujas expressões linguísticas comungavam (ainda que com uma significação ambivalente), das “conotações simbólicas” promovidas oficialmente; e ao colaborar obedientemente face aos ditames que alguns dirigentes da política cultural lhe incumbiam, Pedro de Freitas recebeu vários méritos, remunerações e reconhecimentos, expressos por exemplo através da *Câmara Municipal de Loulé*; da *Câmara Municipal Barreiro*; da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) e da *Casa do Algarve* em Lisboa. De facto, tanto as instituições públicas como as que se intitulavam de conotação independente directa ou indirectamente estavam envolvidas nos mesmos intentos nacionais, incluindo o de salvaguardar a música popular. Além do mais, numa época dominada por um regime político autoritário, reforçado por uma constante intervenção do aparelho de vigilância policial, a maioria das actuações da parte das massas (incluindo a de Pedro de Freitas), eram conscientes que para poderem pôr em prática parte dos seus

objectivos em virtude da música popular não podiam agitar-se perante os abusos exercidos pelo poder, mas deviam de manobrar uma certa submissão. Deste modo, Pedro de Freitas não deixou de jogar com o sistema político vigente ao pretender imponentemente melhorar os fracos recursos existenciais do povo e das bandas filarmónicas que lhes serviam de reduto social. Neste prisma, reconhece-se que Pedro de Freitas encontrou à sua maneira uma solução viável e eficaz de lutar em prol da concretização dos seus ideais nacionalistas de inspiração populista. Assim, Pedro de Freitas aproveitava não só as seduções que a política cultural dispunha em prol do povo como ia mais além ao transcender e instrumentalizar as ideologias políticas da época através da sua conotação metafísica ou divina atribuída à música, isto é, uma música que ao ser concebida por Deus apenas se designava a obras sublimes no sentido da evolução harmoniosa da humanidade, sem se corromper com as manipulações e interesses ideológico-políticos vigentes, enfim, uma noção de música que não deixava de estar associada à sua idealização de imparcialidade política (numa via de reivindicação e de não submissão perante as manipulações políticas da época e/ou numa via de submissão estratégica, dependendo da(s) sua(s) intencionalidade(s) e da especificidade das situações em causa). Além do mais, ao lutar em prol da música e de outras necessidades que visavam o benefício e a evolução do estrato mais baixo da sociedade, Pedro de Freitas também procurou convencer-se e/ou persuadir que se abstraía das estratégias ideológicas subjacentes porque na prossecução dos seus intentos o uso dessas ideologias constituía apenas um meio de auxiliar a música não tendo portanto um fim em si mesmo.

Com efeito, a estratégia de horizontalização das relações sociais da parte da política cultural possibilitava a criação de uma meta-narrativa folclórica ao mesmo tempo que tentava iludir o poder do estado que, na determinação dos seus objectivos, impunha o seu carácter repressivo. Contudo, nem mesmo a estratégia de horizontalização da política cultural iria conseguir controlar a guerra silenciosa que progressivamente se manifestava da parte das massas populares face aos sistemas de regulação social (nem

sempre esclarecidos), pretendidos pela política do *Estado Novo*. Haviam, de facto, interstícios entre os quais a sociedade civil desafiava (umas vezes consciente, outras vezes inconscientemente), um Governo muito bem guarnecido.

Deste modo, foi necessário ter em conta não só o grau de sedução que a política oficial exerceu na pessoa de Pedro de Freitas mas reconhecer também as suas respostas, identificadas através das suas reinterpretações, expectativas, exigências e desafios, ainda que os mesmos fossem quase sempre imperceptíveis e nem sempre totalmente conscientes face à amplitude das manipulações exercidas pelo sistema político vigente. Deste modo, alheando-se ou persuadindo desinteresse face aos intentos e estratégias políticas, Pedro de Freitas constituiu um elemento fundamental na iniciativa, na dinamização, na organização e na concretização não só dos dois grandes concursos nacionais para bandas filarmónicas como também de outros eventos musicais e culturais de interesse local, regional e nacional. Neste sentido, menciona-se a intervenção de Pedro de Freitas a favor da prossecução de uma tertúlia animada organizada no café *A Brasileira*, em Lisboa, em prol dos interesses do Algarve; ou o seu protagonismo através de várias conferências de interesse histórico, musical e cultural, cujos objectivos visavam que as entidades governamentais competentes conferissem uma maior cobertura e apoio às massas que constituíam o grosso da sociedade portuguesa. Do mesmo modo, salientam-se as lutas de Pedro de Freitas para que as bandas filarmónicas constituíssem elementos integradores responsáveis pelo bem estar da camada popular da sociedade, o que o levou a impor-se contra todas as vicissitudes sociais que competissem com a música do povo. Neste sentido, Pedro de Freitas reagia contra a influência da música jazzística, contra o excessivo interesse da opinião pública pelo futebol, contra o aumento dos custos de vida, contra o escasso apoio dos sócios às sociedades filarmónicas, e contra a falta de protecção oficial às bandas filarmónicas, factores estes que segundo a sua visão não só concorriam adversariamente na amplitude da música do povo como também

disfuncionalizavam e desnacionalizavam o desenvolvimento harmonioso das massas populares da nação portuguesa.

Não obstante, alguns conceitos subjacentes à actividade musical e cultural de Pedro de Freitas ainda foram debatidos e validados num diálogo multidisciplinar, o qual também contribuiu para a compreensão de que a sua obra era apreciada por um público leitor, sendo também reconhecida por instituições públicas e privadas. Muitos destes reconhecimentos resultaram da cooperação de Pedro de Freitas no garantir de uma melhoria na qualidade de vida do povo português implicada substancialmente no travar o estado de recessão que enfrentava o movimento filarmónico a nível nacional. Por isso, acrescenta-se que pelo seu dinamismo, vontade e reivindicações, Pedro de Freitas representou um indivíduo que fora não só influenciado pela linguagem político-cultural do seu tempo, mas, ao reinterpretar os discursos simbólicos subjacentes às pretensões das instâncias políticas do poder, ele criou a sua própria ideologia, a qual fomentou um conjunto de iniciativas em prol dos seus interesses que mediatizaram, interagiram e, de certa maneira, também condicionaram a actuação das estruturas ideológicas socioculturais do seu tempo. De facto, em virtude de uma música acessível à vontade e às necessidades culturais do povo, Pedro de Freitas propunha que as bandas filarmónicas constituíssem redutos de organização social com uma função eficaz em termos de aprendizagem cultural, e em direcção a um progresso harmonioso da humanidade. Porém, perante um nacionalismo fervorosamente vivido na Europa que evocava uma política de soberania popular na mística nacional, Pedro de Freitas constatava que as bandas filarmónicas ainda assumiam um papel estruturante e reintegrador a nível nacional, as quais asseguravam a continuidade da fisionomia nacional. Deste modo, era precisamente por as bandas representarem uma causa de interesse nacional (ao constituírem o símbolo mais sublime da expressão popular), que Pedro de Freitas exigia estrategicamente que o estado e o seu aparato institucional fossem responsáveis por salvaguardar aquela tradição musical. Neste sentido, sempre que Pedro de Freitas actuava na iniciativa ou na organização de

eventos; na atribuição de prémios e de iniciativas que visassem uma maior amplitude à música popular (a partir de apoios das entidades oficiais ou privadas competentes); na selecção de agrupamentos musicais; na estrutura composicional das suas marchas; ou na imposição dos seus princípios de moralidade, de dever, de disciplina, de seriedade e de respeito, ele acabava também por exigir condutas de nacionalização não só da parte das massas como também da parte dos seus superiores hierárquicos da profissão dos serviços ferroviários e do governo português face ao que ele considerava de injustiças sociais.

Com efeito, o discurso nacionalista peculiar da escrita de Pedro de Freitas implicava uma comunicação horizontal face à estrutura hierárquica pre-existente. A caracterização da sua linguagem exprimia-se essencialmente através de dinâmicas de assertividade, de clareza, de objectividade e de liderança, reconhecendo-se algumas expressões (como o “povo anónimo”, os “critérios de identidade”, o “patriotismo”, ou a “música popular”), que estavam muito em voga nos discursos de militância da política cultural do *Estado Novo*. No entanto, existia uma dicotomia entre os laços de lealdade, de amor e de sentimentalismo de Pedro de Freitas face aos recursos concernentes ao povo, e a apropriação e adequação daqueles recursos por parte da ofensiva do sistema político instituído. Neste sentido, afim de controlar as massas populares, a política oficial exaltava as virtudes do “camponês” e da “cultura popular” como mera demagogia sedutora, a qual era desfasada das reais práticas da vida rural, que na realidade eram desprezadas. Porém, na assimilação destes ideais, Pedro de Freitas considerava que a “música popular” revelava democraticamente uma intenção expressiva do povo, fundada na idiossincrasia da nação portuguesa. Deste modo, Pedro de Freitas sentia-se o próprio povo exaltado e por isso exigia que aqueles discursos fossem mais pragmaticamente objectivados na realidade do quotidiano. Por outro lado, as principais figuras do Estado, incluindo também as altas elites sociais, separavam-se do conjunto da sociedade (considerada essencialmente como uma multidão inculta), dispensando o consumo dos cenários ideológicos propostos pelo

regime. Com efeito, como membro do povo, Pedro de Freitas absorveu e operacionalizou aquelas ideologias em virtude dos seus ideais de melhorar as bases culturais da sociedade iletrada. Além disso, no processo de reinterpretação da política cultural, Pedro de Freitas acabou por criar a sua própria idealização nacionalista, também fundamentada em exemplos paradigmáticos reconhecidos além fronteiras. Por isso, afim de dar credibilidade aos seus intentos, Pedro de Freitas nomeava países como a Espanha, França, Itália e os Estados Unidos da América (nomeadamente Nova York), cuja intervenção estatal também exercia protecção e financiamento em prol da música destinada ao povo. Não obstante, Pedro de Freitas enaltecia frequentemente os aspectos culturais peculiares da música popular espanhola, os quais eram considerados como exemplos paradigmáticos. Neste sentido, Pedro de Freitas impunha-se contra as excessivas audições de música estrangeira nos programas dos concertos nacionais, um diletantismo aristocratizante da arte pela arte em voga em Portugal. Deste modo, sem menosprezar a música estrangeira, Pedro de Freitas propunha que sobretudo nos programas de concertos para as bandas filarmónicas se apresentasse uma maior percentagem de música nacional, quer num âmbito clássico quer no popular. Além disso, no seguimento de alguns ideais musicais de carácter nacional em vigor na época, Pedro de Freitas também apelava para a prossecução de uma reforma no âmbito da música portuguesa. De modo geral, o objectivo de Pedro de Freitas era que se incentivassem os compositores portugueses através da revalorização de composições musicais assentes na tradição da música portuguesa, nos sentimentos, e nas especificidades regionais nacionais. Mais uma vez, o propósito de Pedro de Freitas vinha ao encontro do povo testemunhado na frase “É preciso dar ao povo música da sua feição” que servira de título a um conjunto de artigos dedicados a nutrir a música do povo, os quais mais tarde foram compilados e publicados numa Separata do *Distrito de Setúbal* com o mesmo título. Por isso, mediante estes artigos, e grande parte da sua obra de imprensa periódica (dedicada ao Associativismo Musical, especialmente à Componente Educacional e ao âmbito da

Investigação), Pedro de Freitas provava através da sua experiência de vida, efectivada na vivência do povo, que este estrato social além de gostar de ouvir música era dotado de aptidões musicais e de capacidades para sentir a música. Neste contexto, o seu conceito de “povo” rejeitava a ideia simplista de um aglomerado de indivíduos de vontade abstracta porque Pedro de Freitas atribuía ao “povo” o estatuto de uma comunidade unida por um gosto próprio e por uma vontade colectiva. Eram, aliás, os critérios de “feição popular” que representavam legitimamente a idiossincrasia da nação portuguesa. Por isso, nas várias propostas em prol da “música popular”, e num sentido de exaltação da soberania do povo, Pedro de Freitas acentuava que através da “espontaneidade”, da “ruralidade” e da “autenticidade” da música do povo identificavam-se os elementos asseguradores da identidade da nação. Contudo, embora estes conceitos usados por Pedro de Freitas se apresentassem discutíveis devido às apropriações que a ofensiva da política educativa do *Estado Novo* tentava incutir nessas significações, os mesmos nunca eram impostos dogmaticamente pelos sistemas de poder devido à impossibilidade de se anular a identidade e a intencionalidade dos indivíduos a meros rôbos automáticos. Aliás, Pedro de Freitas nunca defendeu ou propagandeou algum partido político de eleição. No entanto, em ambiente familiar ele chegou a afirmar-se republicano. Neste prisma, evidencia-se que Pedro de Freitas viveu os conflitos de transição da monarquia para a implantação da república e influenciou-se pelos ideais republicanos, tal como tinha acontecido com o seu pai José de Freitas. Com efeito, Pedro de Freitas apreciava os protocolos de um culto oficial devotado à pátria através dos símbolos nacionais, do hino, da bandeira, da exaltação dos mortos ilustres, da evangelização dos cidadãos através de sentimentos de amor à terra e às tradições locais, consideradas as especificidades identificadoras da própria nação portuguesa. Por isso, na sequência de uma confraternização anual que vinha sendo solenizada em diferentes terras de Portugal (cidades natais dos ex-combatentes), em virtude da acção meritória dos antigos combatentes do *Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro*, Pedro de Freitas, num

acto patriótico e religioso, responsabilizou-se para que essa comemoração fosse realizada na sua terra natal no dia 1 e 2 de Maio de 1938, altura em que se celebrava a festa da *Nossa Senhora da Piedade*, a Mãe Soberana dos Louletanos. Neste sentido, Pedro de Freitas contribuiu, a seu modo, para a nacionalização das massas ao aliar os seus sentimentos mais étnico-biológicos peculiares da sua forma de ser louletano com as suas necessidades mais cívico-oficiais que o qualificavam como um cidadão nacional. Da mesma forma, sobretudo nos anos cinquenta do século XX, os esforços de Pedro de Freitas na revitalização das festas do Carnaval de Loulé também se edificaram através da compartecipação das entidades oficiais, mediante a sua protecção e apoio. Além disso, com o intento de elevar a respeitabilidade do povo, Pedro de Freitas alegava a nacionalização da música popular através da colaboração das entidades institucionais competentes, como por exemplo através da intervenção do *Secretariado Nacional de Informação* (SNI) e dos meios de comunicação social. Assim, ao implicar que a intervenção oficial constasse na reorganização da rede associativa e cultural das bandas filarmónicas, Pedro de Freitas não deixava de interagir tacticamente com a ofensiva do regime político vigente. Deste modo, as formas de integração e dignificação da localidade exprimiam os ideais nacionalistas de Pedro de Freitas, ideais estes que interiorizavam profundamente vários sentimentos, motivos, vantagens, celebrações, idealizações e interesses, os quais estavam alicerçados ao sentido de pertença da nação-estado no seio das nações do mundo. Por isso, naquelas formas de confraternização, Pedro de Freitas intercambiava os seus sentimentos “cívicos” e “étnicos” peculiares da sua forma de ser nacionalista, a qual era também reconhecida e valorizada além fronteiras. Porém, este comportamento expressivo da parte de Pedro de Freitas evidenciava-se não só através da sua obra como também através das suas atitudes e acções do quotidiano, as quais apresentavam-se consubstanciadas nos seus discursos de carácter nacionalista. Deste modo, num jogo de estratégias ambivalentes entre os interesses da política vigente e os de Pedro de Freitas (na pretensão de representar as necessidades das massas

populares), reconhece-se, num certo prisma, que ambos os lados se influenciavam, sendo reciprocamente complementares na rede de interesses políticos e socioculturais que constituía afinal o conjunto da nação portuguesa.

Com efeito, a música constituiu um elemento primordial ao longo da vida e das lutas de vida de Pedro de Freitas, o que foi justificável devido à sua forte aptidão musical revelada desde terna infância. Para tal, também contribuiu o facto do seu pai, José de Freitas, ter sido um instrumentista da banda filarmónica *União Marçal Pacheco*. Deste modo, a nível musical, Pedro de Freitas firmou-se como um instrumentista não só de cornetim como também de violino e de outros instrumentos de sopro, prestigiando a banda filarmónica *Artistas de Minerva* de Loulé; a “*Tuna Louletana 1.º de Janeiro*” de Loulé; a *Sociedade Democrática União Barreirense “Os Franceses”* do Barreiro; e a banda filarmónica do *Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro*.

Foi na qualidade de instrumentista, compositor e escritor dotado de sentimento e profundidade descritiva que Pedro de Freitas obteve algum reconhecimento no contexto de Andaluzia. Neste prisma, Pedro de Freitas reconheceu sempre as inúmeras memórias, sociabilizações e aprendizagens nutridas através das várias viagens a Espanha, as quais foram efectivadas desde os seus tempos de juventude como instrumentista da filarmónica *Artistas de Minerva*. Aliás, esta banda *Artistas de Minerva* era dotada de um elevado apreço da parte do povo de Andaluzia. De facto, a presença desta banda filarmónica portuguesa em terras de Espanha efectivava-se através de contratos anuais que vinham sendo mantidos pelo menos desde os inícios do século XX entre os regentes da banda *Artistas de Minerva* e os Alcaldes de algumas localidades da Província de Huelva, os quais contavam com a vinda daquela banda filarmónica nos seus eventos festivos de carácter popular e religioso. Por isso, sobretudo o público de Ilha Cristina e de Cartaya (localidades por onde a banda *Artistas de Minerva* passava), detinha um sentimento estimativo tão profundo por esta banda filarmónica que a considerava como sendo sua música. Além disso, acentua-se

que Pedro de Freitas também nutria de um apreço muito especial por Espanha, o qual era consubstanciado através de laços peninsulares histórico-culturais, através das suas expectativas festivas, das calorosas recepções, amizades, homenagens, ofertas, trocas de correspondência, da execução das suas composições musicais e do seu papel (sobretudo nos anos sessenta do século XX), como responsável pela inserção de outras bandas filarmónicas portuguesas nos contextos festivos de Cartaya. Assim sendo, não era de estranhar que Pedro de Freitas desenvolvesse admiração pela tradição histórica monumental do país vizinho, sobretudo pela cultura músico-popular relacionada com o movimento filarmónico espanhol, o que motivou o seu interesse na escrita sobre a cultura e a música popular em Espanha. Neste âmbito, Pedro de Freitas ainda dedicou uma composição musical a Cartaya, a qual foi intitulada *Cartaya em Festa*.

Porém, a expansão da obra de Pedro de Freitas não só em Portugal como também em Espanha deveu-se em grande parte ao seu esforço bairrista e nacionalista posto na publicação, na divulgação e também no oferecimento de muitos dos seus exemplares, sempre com dedicatórias, a instituições públicas, privadas, e a pessoas amigas. Neste sentido, salientaram-se dois casos paradigmáticos, os quais representaram a positiva recepção que a obra literária de Pedro de Freitas suscitou da parte de alguns leitores que a mesma foi dirigida. Estes dois casos podem ser exemplificados em primeiro lugar através da homenagem que algumas figuras representativas de Cartaya devotaram a Pedro de Freitas em Outubro de 1958, na qual ele foi nomeado de irmão da congregação da *Nossa Senhora do Rosário* e de *Cidadão Honorário de Cartaya* em virtude do seu sentimentalismo pelos aspectos culturais desta vila rural (especialmente dedicados no segundo capítulo da sua obra intitulada *Brisas de Espanha: crónicas*); e em segundo lugar através do convite que o General da Índia Portuguesa, Governador Manuel António Vassalo e Silva, ofereceu a Pedro de Freitas no ano de 1960, cujo objectivo era que ele visitasse as designadas *Províncias*

Ultramarinas do Estado Português da Índia e escrevesse um livro segundo os moldes pormenorizadamente descritivos peculiares da sua obra literária.

Com efeito, dado o carácter marcadamente bairrista e nacionalista dos seus escritos, Pedro de Freitas logrou o apoio das entidades oficiais e privadas, o que foi motivo de honra da parte do autor, incorporando essas homenagens nalgumas das suas obras. Deste modo, o livro *O I Concurso Nacional de Bandas Civis – Madeira e Açores Belezas de Portugal*, além de evidenciar a iniciativa de Pedro de Freitas e o empreendimento da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT) neste primeiro concurso, teve um óbvio contributo oficial na parte da sua apresentação gráfica. A obra *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)* foi dedicada à agremiação cultural da *Casa do Algarve* em Lisboa, a qual (a dita agremiação), embora se intitulasse como uma entidade de intervenção independente do poder político e partidário, fruía algumas influências a nível do poder autárquico e do poder central. A obra intitulada *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)* evidenciou o reconhecimento público e privado que a vereação de Loulé e vários amigos dedicaram a Pedro de Freitas. A obra *História da Música Popular em Portugal*, por conciliar as necessidades do povo com o apoio das entidades oficiais e privadas competentes no domínio da música popular, representou implicações nacionais e internacionais. A nível nacional esta obra foi considerada como uma utilidade militar pelo *Estado Maior do Exército Português*, sendo adquirida para figurar em todas as bibliotecas militares. A nível internacional esta obra simbolizou a representação oficial de Portugal além fronteiras, sendo adquirida pelo «*Colloquium*» Internacional de Estudos Luso-Brasileiro; pelo *Instituto para a Alta Cultura*; e pela *Biblioteca do Congresso* em Washington DC. Além disso, esta obra foi reconhecida pela *United Nation's Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO) como um valioso subsídio para a historiografia da música popular portuguesa. Finalmente, a monografia *Quadros de Loulé Antigo* obteve edições melhoradas graças à intercessão da *Câmara Municipal de Loulé*, a qual encarregou-se de custear as suas

publicações posteriores devido às tradições locais vivenciadas pelo autor, incluindo o seu acentuado sentimentalismo bairrista. Deste modo, as obras literárias de Pedro de Freitas que mais se salientaram, inclusive também devido ao número de tiragens, foram as duas obras dedicadas à temática da *Primeira Grande Guerra Mundial*; a obra relativa ao *I Grande Concurso Nacional*; a obra sobre a viagem de Pedro de Freitas à *Índia Portuguesa*; e a monografia sobre Loulé, as quais constituíram uma maneira pessoal do autor zelar pela representação da identidade nacional não só a nível regional como também num âmbito nacional e mesmo além fronteiras.

Por considerar que a cultura musical era a melhor virtude através da qual o homem podia enriquecer qualitativamente a sua personalidade Pedro de Freitas começou a defender a sua implementação nas escolas primárias a partir de 1927. Porém, a preocupação de Pedro de Freitas era essencialmente direccionada a nível da música popular. Neste contexto, Pedro de Freitas era consciente que o estrato mais baixo da sociedade não tinha as mínimas condições para poder efectivar um pagamento continuado no usufruto da aprendizagem musical de âmbito privado. Por isso, Pedro de Freitas considerou que as bandas filarmónicas constituíam um veículo directo das massas populares poderem aderir à aprendizagem da arte dos sons. Assim, Pedro de Freitas lutou por um incremento qualitativo na vida do movimento filarmónico português através do seu interesse em despertar mais incentivos a nível pedagógico. Efectivamente que esta fora uma das razões justificativas da participação de Pedro de Freitas numa campanha musical sustentada através da imprensa periódica local de Dezembro de 1926 a Abril de 1927 em prol da revitalização das bandas locais. Porém, segundo a opinião de Pedro de Freitas, o desfecho desta campanha revelou-se infrutífero. Entretanto, no ano de 1937, depois de voltar a constatar a deplorável situação existencial das bandas filarmónicas louletanas, Pedro de Freitas decidiu protagonizar uma outra campanha musical, a qual também foi sustentada na imprensa periódica local de Julho de 1937 até Janeiro de 1939. Afim de resolver o magno problema que estavam a enfrentar as bandas filarmónicas locais Pedro de Freitas

resolveu defender a ideia da fusão das duas bandas filarmónicas de Loulé. Deste modo, Pedro de Freitas propunha uma única Banda Municipal, a qual seria apoiada adequadamente por uma mensalidade da parte da *vereação de Loulé*. A insistência desta ideia suscitou a intervenção de Manuel Guerreiro Pereira, o qual servia de porta-voz aos interesses da *Câmara Municipal de Loulé*. Neste sentido, Manuel Guerreiro Pereira insurgiu-se contra o pagamento de uma mensalidade camarária a uma futura *Banda Municipal*, tal como tinha proposto Pedro de Freitas. Depois de alguma contenda entre ambos, Pedro de Freitas teve a oportunidade de adicionar alguns estudos cujo objectivo era que as bandas filarmónicas locais tivessem um apoio no âmbito do associativismo musical de cunho oficial. Finalmente, a *Câmara Municipal de Loulé* deliberou conferir um precário apoio camarário às duas bandas filarmónicas locais, o que na opinião de Pedro de Freitas também não iria salvar as mesmas. Novamente por razões associadas com a protecção das massas populares relativamente ao ensino da música, Pedro de Freitas viu-se envolvido numa outra polémica musical de Agosto a Novembro de 1953. Nesta polémica, como músico prático, Pedro de Freitas contestou uma reforma teórica proposta pelo doutor Francisco Fernandes Lopes em virtude da simplificação do sistema da notação musical na aprendizagem do solfejo. Ao provar que aquele sistema apresentado pelo doutor Francisco Fernandes Lopes não era viável nem a nível teórico nem num âmbito prático, Pedro de Freitas valorizou a musicalidade e a dicção das sete notas de música (dó, ré, mi, fá, sol, lá, si), considerando que as mesmas integravam elementos fonéticos de feição nacional. Além do mais, Pedro de Freitas ainda validou pedagogicamente o tradicional sistema das sete notas de música através da sua rentabilidade na aprendizagem musical ao longo dos anos. Deste modo, aludindo respeito não só ao fundador como a todo o processo de criação e consolidação da notação musical, Pedro de Freitas impôs-se veementemente contra a necessidade de se alterar o sistema tradicional do solfejo. Porém, a razão fulcral da sua intervenção

coadunava-se com a necessidade de não se tirar ao povo a maneira mais fácil de se aprender as notas de música.

Finalmente, a última polémica musical que Pedro de Freitas se viu envolvido relacionou-se com o seu interesse de imparcialidade em virtude de que as bandas filarmónicas nacionais pudessem representar a nação além-fronteiras. Deste modo, no ano de 1959 Pedro de Freitas voltava a participar nas festas de Ayamonte, porém, desta vez era a *Banda 1.º de Dezembro* do Montijo que passava a abrilhantar estas festas de teor religioso e popular. Sem embargo, dado o entusiasmo de Pedro de Freitas pela revitalização do movimento filarmónico em geral, ele dedicou a esta banda filarmónica o mesmo interesse que tinha devotado à banda *Humanitária* de Palmela nos anos anteriores. Esta intenção de Pedro de Freitas desagradou sobremaneira os facciosos da banda *Humanitária* de Palmela. No entanto, segundo Pedro de Freitas, este seu procedimento apenas justificava que ele era imparcial em relação a uma ou a outra banda filarmónica, visando beneficiar o incremento do movimento filarmónico nacional como um todo. Aliás, esta razão também sintonizava com o facto de Pedro de Freitas nunca ter privilegiado mais uma banda filarmónica do que outra da sua terra natal, preocupando-se sempre mais com aquela que na altura estava mais necessitada. Porém, a razão comum daquelas campanhas musicais protagonizadas por Pedro de Freitas residia na necessidade de se nacionalizar a música popular, uma vez que, desse modo, obtinha-se um valioso alicerce para a evolução do estrato popular e um pilar oficial que simbolizava a fisionomia da nação portuguesa não só a nível nacional como também além fronteiras.

Em relação à obra de Pedro de Freitas, seja ela literária, de imprensa periódica ou musical, apuraram-se críticas maioritariamente construtivas e apreciativas porque Pedro de Freitas usava uma linguagem compreendida e enquadrada no seio do pensamento populista do seu tempo. Contudo, através da imprensa periódica, Pedro de Freitas exprimiu uma linguagem politicamente mais contestatória do que através dos seus livros (exceptuando a obra *Páginas Históricas do Passado*). No entanto,

considerou-se que em ambos os casos o autor apresentou uma intencionalidade política subjacente aos seus propósitos, ainda que, em algumas ocasiões, ele tivesse sido considerado como um indivíduo apolítico - em consonância com o que ele também mostrava sobre si mesmo. Porém, nas fontes de imprensa periódica, devido ao carácter pontual e de certo modo disfarçado de algumas das suas críticas mais audazes direccionadas ao sistema político salazarista, Pedro de Freitas nunca foi considerado um elemento destabilizador a ponto de ser punido pelo regime ditatorial em causa. Além do mais, nas críticas escritas por outros autores, Pedro de Freitas foi considerado um musicógrafo competente, um escritor de mérito popular e um compositor com uma sensibilidade de incorporar melodicamente as especificidades fisionómicas locais e regionais, as quais, por sua vez, irradiavam componentes éticas universais. Deste modo, a música composta por Pedro de Freitas não deixou de magnetizar expressões universalistas de fraternidade que conciliavam com o seu conceito de música ser um reduto de organização social com funções pedagógicas, integradoras e pacificadoras das relações sociais. Além do mais, toda a obra de Pedro de Freitas foi naturalmente dotada por um estilo que o povo sabia compreender e apreciar porque a sua instrução fora alicerçada a partir da linguagem popular. Como tal, as temáticas desenvolvidas através da obra de Pedro de Freitas retrataram a época vivida pelo autor e revelaram-se sempre através do seu cunho de parcialidade a favor dos interesses das massas populares. Neste sentido, a sua obra literária dividida segundo as principais temáticas de incidência, isto é, a Guerra, as Viagens, as Biografias, a Monografia e a História e Historiografia Política, para além de ser caracterizada por um estilo marcadamente autobiográfico apresentou sempre uma preocupação de carácter moralesco, ético e retrospectivo, consubstanciada nas várias reflexões sobre as suas vivências e aprendizagens sociais. Como tal, Pedro de Freitas ainda pretendia a sua auto-valorização e a evolução do seu público leitor através das suas lições de vida, onde não passavam despercebidas as estratégias, de vários sentidos, entre a defesa e a nacionalização das massas, evidenciadas na escrita das

suas obras, apresentando ainda uma imagem cuidada de si próprio e projectada para a posteridade.

Depois de se estudar a obra literária de Pedro de Freitas por temáticas determinou-se fases no seio da mesma, delimitando-se uma divisão em três grandes períodos que corresponderam a diferentes estados de evolução na pessoa de Pedro de Freitas. O primeiro período correspondeu aos anos trinta e quarenta do século XX, o qual foi um período dotado de energia e proficiência, dado o enorme trabalho que as suas duas obras mestras (*As minhas Recordações da Grande Guerra* e *História da Música Popular em Portugal*), implicaram e pela conjugação da função de escritor com a sua profissão de revisor/fiscal dos serviços ferroviários. A segunda fase da obra literária de Pedro de Freitas correspondeu aos anos cinquenta e sessenta do século XX. Desta fase resultaram nove livros escritos e publicados, a qual correspondeu à época temporal em que Pedro de Freitas apresentou um maior número de publicações, uma vez que ele estava aposentado da profissão dos caminhos de ferro e podia dedicar-se a viajar e a participar em eventos musicais. Neste período, Pedro de Freitas descreveu memórias biográficas, lutas e aprendizagens resultantes das suas experiências de vida, sendo de nomear os seguintes livros: *Em França: trinta anos depois*; *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes*; *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*; *Brisas de Espanha: crónicas*; *José de Freitas no centenário do seu nascimento*; *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*; *Eu fui à Índia*; *Quadros de Loulé Antigo (1.ª ed.)*; *O I Concurso Nacional de Bandas Civis – Madeira e Açores Belezas de Portugal*. Finalmente, a última fase da obra literária de Pedro de Freitas correspondeu dos anos setenta até meados dos anos oitenta do século XX, sendo a fase mais reflexiva e meditativa da sua vida, peculiar de quem já tinha passado por uma vida cheia de actividades e que, finalmente, encontrava-se numa fase de recuperação de algumas obras de imprensa periódica; de registo de memórias e homenagens; e, sobretudo, de reflexões e conclusões acerca da vida e da própria existência humana. Neste período podem-se nomear os seguintes livros: *Recortes dos Jornais de Loulé e*

de Faro; Páginas históricas do Passado; Na primeira grande guerra, 1914-1918: um poeta setubalense Vicente José da Silva Penim; O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos); A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978); Quadros de Loulé Antigo (2.ª ed.); Versos de Pedro de Freitas (Espontâneos e sem regras académicas) 1965/1982; e “O aprendiz de música é o primeiro escalão do filarmónico”, Em Colóquio sobre Música Popular Portuguesa - comunicações e conclusões.

Neste contexto, embora grande parte da sua obra tenha sido baseada em fontes orais, e, sobretudo, na sua experiência de vida pessoal (reflectida criticamente ao longo dos anos), é necessário referenciar que algumas das suas obras têm sido referenciadas. Como tal, as obras *Quadros de Loulé Antigo* e *História da Música Popular em Portugal* têm sido citadas em recentes trabalhos de investigação relacionados com a cultura popular, musical e religiosa num âmbito essencialmente regional ou local.

A tomada de atenção face aos aspectos populares também foi evidenciada através dos seus inúmeros artigos de imprensa periódica, nos quais Pedro de Freitas direccionou lutas contra as injustiças sociais e orientou vários interesses para que o movimento filarmónico nacional pudesse sair da deplorável situação em que se encontrava. Segundo as temáticas e subtemáticas mais desenvolvidas nos artigos de imprensa periódica de autoria de Pedro de Freitas contaram-se o Associativismo Musical Problemas e Soluções (mais direccionado ao Algarve); o Associativismo Musical Investigação (mais direccionado à zona de Lisboa); o Associativismo Musical Componente Educativo; a Sociedade; o Bairrismo Luta; o Associativismo Musical Crítica; a Guerra e Sociedade; e o Associativismo Sindical. Também foram várias as vezes que Pedro de Freitas, através da sua obra, assumiu posturas de engrandecimento cultural, cujo objectivo era a instrução e mesmo a sua colaboração para o que ele considerava ser a melhor forma de nacionalização das massas populares através da valorização da tradição nacional, ou do acesso a outras partes do país, ou mesmo além fronteiras. Neste sentido, Pedro de Freitas dedicou-se à subtemática do Bairrismo

Engrandecimento que fora direccionada ao Algarve, principalmente à sua terra natal Loulé; e à temática das Viagens, as quais foram especialmente direccionadas à Espanha. Porém, foi num contexto pedagógico comparativo com a Espanha (nomeadamente a partir dos aspectos populistas e culturais da música espanhola), que Pedro de Freitas exprimiu uma preocupação no âmbito da subtemática do Associativismo Musical Componente Educacional, confrontando com o que se passava em Portugal nessa área. Esta intenção relacionou-se com a transposição e adaptação de expressões músico-populares nacionalistas espanholas na música popular portuguesa, ou na mira de oficializar a música popular nacional. Além disso, Pedro de Freitas também procurou transmitir os feitos meritórios de outras biografias, incluindo também os propósitos das suas próprias experiências de vida. Para tal, estudou-se a subtemática das biografias de outras personalidades e a subtemática das autobiografias de Pedro de Freitas. De facto, com um estilo muito pessoal, e por vezes com um ténue sentido de sátira social (tal como se evidenciou sobretudo na temática sobre a Sociedade), todas as reivindicações que Pedro de Freitas expressou através da imprensa periódica simbolizaram mecanismos que impunham redutos para a evolução mental e material do estrato popular da sociedade portuguesa. Deste modo, Pedro de Freitas assumiu a pretensão de ser um líder do povo ao lutar por representar a voz inerente aos interesses sociais desse mesmo povo. Aliás, neste prisma ainda foram encontradas fontes escritas por outros autores acerca de Pedro de Freitas, muitas das quais foram transcritas pelo próprio (Pedro de Freitas) e adicionadas em algumas partes das suas obras literárias. Obviamente que, neste caso, essas críticas foram seleccionadas de acordo com o seu próprio filtro, sendo as mesmas essencialmente meritórias relativamente aos seus feitos biográficos. Porém, uma das críticas incorporadas por Pedro de Freitas, na sua obra literária, fora completamente pejurativa, no entanto, ele não deixou de a incluir. Contudo, sem deixar de dar reverência à sua voz, Pedro de Freitas adicionou a seguir a sua resposta, argumentando como houve intentos maliciosos na forma como aquele autor tinha

dirigido o seu discurso, nomeadamente pela ausência de elementos construtivos no mesmo, o que revelou que ele (Pedro de Freitas), era dotado de uma boa capacidade argumentativa dotada de criterios de justiça (incluindo ainda o brio e o apreço que ele revelava pelo seu trabalho), independentemente do grau de humildade que ele dizia ser possuidor.

Além do mais, também foram encontradas outras apreciações críticas acerca de Pedro de Freitas (na imprensa periódica regional), sem que as mesmas tivessem sido recolhidas pelo próprio autor (Pedro de Freitas), algumas das quais foram escritas postumamente. Não obstante, existe sempre a noção de impossibilidade de se atingir a totalidade de uma vida, quer pelos espaços vazios que as fontes disponíveis impossibilitaram de se alcançar, quer, sobretudo, pela dimensão irredutível contida na mesma. Assim, as informações analisadas apresentaram alguns conflitos e enimizades, ou algumas lutas de vida e feitos biográficos do autor, contudo, muitas das fontes revelaram informações gerais, outras expressaram referências vagas ou reiteradas, exercendo essencialmente funções de honra e de apreço à figura de Pedro de Freitas. Deste modo, num estudo minucioso sobre as fontes escritas por outros autores concluiu-se que estes exprimiram-se essencialmente em termos qualitativos relativamente a Pedro de Freitas, os quais revelaram-se principalmente na forma de Homenagens; Recensões de Obras; e através de Entrevistas. Contudo, no seguimento de um estudo mais aturado interceptou-se o interesse das temáticas e subtemáticas identificadas ao longo da escrita jornalística de Pedro de Freitas com as opiniões dos outros autores. Neste sentido, considerou-se que os outros autores que homenagearam Pedro de Freitas tiveram em conta sobretudo o seu Bairrismo na qualidade de engrandecimento e a sua luta em prol dos interesses de Loulé; a peculiaridade dos seus Aspectos Biográficos; e o seu interesse pedagógico em prol da música do povo. Relativamente aos outros autores que escreveram recensões sobre as obras da autoria de Pedro de Freitas, estes apreciaram nele principalmente os sentimentos de engrandecimento em prol das especificidades culturais da terra natal; os estudos para

a instituição de alicerces oficiais no âmbito do Associativismo Musical, cujo objectivo era conferir mais dignidade e respeito à música popular; seguindo-se um interesse pelos aspectos que visaram um progresso intelectual e humano ao estrato mais baixo da sociedade. Da mesma forma, quando os outros autores se expressaram em termos de respostas contemplaram o interesse educacional que Pedro de Freitas devotou à música do povo. No entanto, a parte mais significativa das respostas consistiu na controvérsia suscitada entre a maneira de pensar de Pedro de Freitas e a dos outros autores, o que já foi referenciado anteriormente através das campanhas e polémicas musicais. Com efeito, em todas as facetas da sua obra, Pedro de Freitas foi reconhecido pelas suas lutas em prol de uma ligação incontornável entre os interesses do povo e da nação portuguesa, seja num âmbito nacional ou mesmo além fronteiras. Foi, aliás, em virtude destes ideais que a sua obra literária foi dotada de um interesse público incontestável.

Porém, através das composições musicais de Pedro de Freitas também foi visível a presença interactiva de duas intenções subjacentes, uma especialmente focada em retratar os aspectos “étnicos” (nacionais ou transnacionais), e a outra a deixar transparecer uma obrigatoriedade imposta no cumprimento de um dever “cívico” de lealdade para com a nação portuguesa ou entre as nações ibéricas. Deste modo, *Loulé em Festa*; *Viva Loulé*; ou o *Algarve Florido* foram composições musicais compostas para a celebração de eventos festivos que evocavam a especificidade local e regional de Loulé e do Algarve respectivamente. Porém, estas peças musicais celebrizaram-se por terem sido tocadas em festivais e em concursos regulamentados pelas autoridades oficiais. Seguindo os mesmos intentos, *Cartaya em Festa* fora dedicada aos encantos da vila rural de Andaluzia. Contudo, esta composição musical também fora destinada a consolidar a homenagem prestada a Pedro de Freitas na qualidade de *Cartayero Honorário* e de irmão da *Confraria da Nossa Senhora do Rosário* por entidades representativas de Cartaya, o que constituiu uma forma de dar continuidade aos laços peninsulares entre ambos os países. Por outro lado, a marcha *O Patrão* fora composta

para ser tocada em tempo de guerra, simbolizando um dever da parte das tropas no cumprimento das normas que constantemente lhes eram exigidas. No entanto, esta peça musical representava outras componentes mais profundas, as quais eram aliadas a um subterfúgio da realidade do quotidiano da guerra pela música. Da mesma forma, *O Concurso* simbolizou uma peça musical pensada segundo as regulamentações exigíveis pelo *II Grande Concurso Nacional de Bandas de Música Cívica*. Porém, esta peça musical não deixou de estar intimamente associada aos interesses materiais e espirituais que visavam o benefício da música do povo. Deste modo, através da sua obra Pedro de Freitas representou, a seu modo, uma interação entre uma intuição sentimental, uma percepção “étnica” local e regional e, por outro lado, uma consciência “cívica” nacional e transnacional, enclive num processo de modernidade Europeia. Obviamente que ambas as vertentes “étnica” e “cívica” também eram usadas pela política vigente, sem embargo estas vertentes eram mais conjugadas na consolidação de um “nacionalismo ideológico”, o qual era imposto na instrumentalização da “etnicidade” da comunidade nacional portuguesa segundo negociações, mecanismos de reajustes e de compensações a favor dos interesses das entidades políticas oficiais. Contudo, a especificidade nacional do fenómeno do nacionalismo foi não só visível nas estratégias que o regime político pretendia impôr nas massas dos cidadãos que ocupavam um determinado espaço territorial (exemplificado através do caso da nação portuguesa), mas também foi reconhecida na sua outra aceção, isto é, através das respostas e exigências segundo a assimilação, a reinterpretação e a vivência popular da parte das massas visadas. Neste prisma, enfatiza-se a ideia que as massas, representantes do grosso da comunidade portuguesa, eram indivíduos que não só ocupavam como também interagiam no seu espaço social. Por isso, mesmo que aparentemente se manifestasse uma conciliação com a política cultural do regime afim de se evitar represálias, subjacentemente às várias reinterpretações, respostas e iniciativas da parte de cada indivíduo e, em sentido geral, da parte da sociedade civil portuguesa incorporavam-se contradições e desafios

face às imposições ideológicas do sistema político vigente. O próprio Pedro de Freitas, através da interpretação dos ditos populares transmitidos pela sua avó materna, demonstrou que já as massas populares de outros tempos eram dotadas de aprendizagens e de estatutos de identidade próprios relativamente ao passado histórico-político nacional, e que ele, ao longo da sua vida, também acabara por compreender algumas tácticas entre as pretensões das instâncias do poder e as respostas das massas, desde a *Proclamação da República* (5 de Outubro de 1910), até à *Revolução dos Cravos* (25 de Abril de 1974). No entanto, por um lado, Pedro de Freitas só denunciou mais claramente a política Salazarista na época posterior à sua dissolução, isto é, depois de ter beneficiado os seus usufrutos ao mesmo tempo que (naquela altura), evitava represálias; por outro lado, as suas insistentes declarações de que não era político, que era imparcial face aos partidarismos políticos, ou que haviam efeitos pejurativos do homem comum envolver-se na vida política da nação, poderiam subentender uma multiplicidade imensurável de atitudes e de intencionalidades, diferentemente combinadas entre si, dependendo das situações em causa e das lições e experiências de vida do autor, as quais podiam ir, por exemplo (e sem esgotar todas as possibilidades), desde a ideia que ele era uma figura que nunca tinha pretendido aproveitar-se de algum cargo político; que ele usava a teoria da “imparcialidade política” como uma estratégia para conseguir mais facilmente os seus intentos; que ele estava revoltado com a corrupção das políticas da época; ou, como uma forma de ele se desvincular da política Salazarista ao mesmo tempo que denunciava os efeitos nefastos da mesma, revelando, assim, a imagem de um homem indomável face às submissões das ideologias políticas daquela época, de acordo com o que ele sempre tinha enfatizado sobre si mesmo. No entanto, Pedro de Freitas jamais se poderia ausentar de interagir na complexa rede de interesses tanto ambivalentes como complementares, como nunca totalmente inteligíveis (envolvendo insondáveis disposições de jogos manipulador/manipulado), entre os seus objectivos e

os da imposição estatal, e mesmo em relação aos objectivos contraditórios no seio das massas que Pedro de Freitas tão insistentemente procurava representar.

Por sua vez, Pedro de Freitas também considerou que as massas populares tinham consciência de muitos dos excessos repressivos que estavam implicados no Governo gerido por António de Oliveira Salazar. Com efeito, se não existissem os interstícios representativos dos descontentamentos, das reivindicações e das revoltas reveladoras de incongruências entre um “nacionalismo imposto” pelas instâncias do poder e um outro “nacionalismo idealizado” pelas massas populares, então jamais se assistiria à ruptura do regime político vigente expressa através da Revolução do 25 de Abril de 1974.

De facto, a índole nacional e nacionalista revelada por Pedro de Freitas era nutrida por um sentimento espontâneo, leal, profundo e, por vezes, inconsciente. Como tal, Pedro de Freitas defendia um nacionalismo que ultrapassava as doutrinas do liberalismo ou do republicanismo porque ele não era um político teórico mas um ferroviário de profissão que nas horas livres optava com grande devoção por se dedicar à música popular. Neste sentido, o temperamento nacionalista inerente à figura de Pedro de Freitas impunha-se sempre e quando ele ouvia, tocava, dirigia, ou compunha músicas de carácter nacional ou de fraternidade peninsular (além fronteiras); quando ele argumentava que o movimento filarmónico constituía uma causa nacional; ou quando ele chamava à atenção para a soberania do povo no seio da nação portuguesa. Por isso, Pedro de Freitas interpretava alguns conceitos teórico-políticos de modo conciso e selectivo porque o seu objectivo era justamente explicar a expansão da “música popular”, ou constatar o quanto esses ideais teóricos eram inadapáveis à realidade humana. Neste prisma, o comportamento nacionalista evidenciado por Pedro de Freitas ia mais além das manipulações e imposições da parte de um sistema político intransigente, o que permitiu que ele jogasse a favor dos seus interesses e das suas idealizações. Como tal, o comportamento nacionalista de Pedro de Freitas nutria-se de várias componentes multidimensionais, as quais, embora estivessem interconectadas

entre si, eram tão profundas como incontroláveis. Uma destas componentes identificava-se a partir de um apego à terra que o viu nascer, expresso por um forte sentimento emocional que a sua terra natal (em sentido particular), e que a sua nação (em sentido lato), impactavam no seu procedimento. Outra componente emanava a partir das raízes étnicas ancestrais vinculadas nas especificidades regionais, as quais reconheciam a soberania do povo na sua realidade quotidiana, sendo os aspectos populares detentores da identidade cultural e nacional. Uma outra componente era a música que ao ser cantada genuína e espontaneamente pelo povo identificava os aspectos idiossincráticos da nação portuguesa. No entanto, a interpretação do conceito de música ia para além dos critérios e regulamentações ideológicos impostos pelas instâncias políticas detentoras do poder porque Pedro de Freitas, ao não ser um mero autómato causal da instrumentalização dos intentos da política do estado, considerou-a também num plano metafísico. Não obstante, o conceito de música, segundo Pedro de Freitas, tinha (de grosso modo e sem fronteiras precisas), uma dupla definição, consoante as suas estratégias de actuação, isto é, por um lado, uma música como um reduto de organização social com a necessidade de implicações e de apoios políticos e, por outro lado, uma noção de música sublime, de origem divina (não corruptível face aos intentos políticos dos homens e das teorias ideológico-políticas vigentes), como uma forma subversiva de ele reagir face à imposição estatal. Aliás, a música, na interpretação de Pedro de Freitas, detinha em si uma forte componente holística, integradora, ética, pedagógica e pacificadora das relações humanas. Porém, na definição metafísica de música, Pedro de Freitas acabava por exprimir o lado irracional e incontrolável contido no próprio conceito de música. Finalmente, uma outra componente não menos importante devinha das influências além fronteiras, entre as quais salientaram-se as vivências de Pedro de Freitas no contexto dos eventos músico-populares performatizados em Espanha. Além disso, Pedro de Freitas nunca deixou de referenciar o seu interesse sobre o que se passava a nível mundial. Neste sentido, Pedro de Freitas imprimiu a sua quota parte de sentir e de expressar os

benefícios da nação portuguesa no seio da península ibérica e, por sua vez, no âmbito das nações do mundo. Como tal, através desta sua forma leal e única de viver, de reinterpretar, de expressar e de zelar pelos contributos da nação no seio das culturas do mundo, Pedro de Freitas colaborou, a seu modo, ainda que numa escala reduzida, para dar forma ao fenómeno do nacionalismo a partir da especificidade do caso português e da particularidade (nunca totalmente sondável), retida na sua pessoa. Deste modo, ao interagir com as ideologias políticas coagidas por um regime oficial intransigente, Pedro de Freitas ocupou um papel importante ao pretender representar a voz do povo, cujo objectivo era salvaguardar os interesses materiais e espirituais das massas populares da nação portuguesa. Neste caso, a partir da análise biográfica de Pedro de Freitas, a especificidade do seu nacionalismo sugeriu um prisma cultural multidimensional analisado num âmbito historicista e responsável por um resistente mito de identidade e de cultura nacional, por vários códigos de educação cívica, e por ideologias e idealizações locais, nacionais e mesmo transnacionais, tanto da parte do sistema político oficial como da parte das massas populares visadas. Com efeito, essas ideologias e ideais interconectavam de diferentes maneiras e através de dimensões tão profundas como irracionais associadas, por exemplo, ao âmbito da massificação e desmistificação de conceitos processados pela linguagem; a nível dos sistemas interpretativos e de intencionalidade (em tantos aspectos ininteligíveis, dicotómicos e/ou aparentemente contraditórios entre si), próprios de cada indivíduo; ao domínio das práticas populares de expressão oral; através dos símbolos de conotação simbólica; através das culturas ideológico-nacionais de cariz populista; através dos sentimentos; das crenças étnicas e religiosas; e da música popular.

Por outro lado, em relação ao nacionalismo musical perscrutou-se numa fase inicial uma certa ânsia em se descrever musicalmente as especificidades locais e regionais que configuravam os aspectos territoriais da nação portuguesa. Porém, esta prática não deixou de sintonizar com uma intenção de carácter cultural, uma vez que expressava uma preocupação enclive das aspirações peculiares do fenómeno do

nacionalismo. Neste prisma, a política da época ao suscitar o contacto entre o “nacional” e o “cosmopolita” estava não só a aproximar estas duas tendências como a possibilitar que muitas composições musicais nacionais, ao integrarem uma linguagem comprometida numa erudição cosmopolita, principalmente de corte europeu, fossem reconhecidas e compreendidas na linguagem musical do mundo, o que deu crédito à conceptualização do nacionalismo musical cultural. Assim sendo, no início do século XX, numa altura de afirmação nacional, a política do estado favorecia que no *Teatro de S. Carlos* fosse tocada a música de Richard Wagner, a qual representava uma síntese paradigmática do progresso da escrita musical. A aderência a esta música foi tão intensa que a sua interpretação acabou por exprimir as duas tendências político-ideológicas da época. Uma dessas tendências era mais adequada ao sistema do chefe supremo de poder absoluto e a outra tendência aderiu à linha da oposição, a qual simbolizava o revolucionário face à política imposta a nível nacional. Porém, no âmbito musical, excluindo o caso invulgar representado pelo compositor Fernando Lopes-Graça (como um modelo de anomia face ao sistema político vigente), as formas de actuação política da parte da maioria dos compositores portugueses durante o período do *Estado Novo* não constituíram uma ameaça iminente face ao poder político instituído. Como tal, a maioria dos compositores ao moldar parte dos seus objectivos musicais no seio da política cultural evitava eventuais represálias e perseguições.

Com efeito, no seio de várias posições tomadas acerca do nacionalismo musical em Portugal evidenciou-se a demanda sobre a especificidade da música portuguesa e da sua tradição; a defesa de sistemas pedagógicos a serem instituídos na educação do povo; e a divulgação de ideais adequados à revitalização do nacionalismo musical cultural. Neste prisma, salientaram-se duas visões opostas quanto ao modo de se encarar a implementação de sistemas sociocomunicativos entre o povo e a música. Estas duas intenções distinguiram-se por terem sido concebidas e defendidas de maneiras divergentes pelo musicólogo erudito Fernando Lopes-Graça e pelo

musicógrafo popular Pedro de Freitas. Por um lado, Fernando Lópes-Graça no acto da criação musical partia da proposta étnica e a submetia a um processo de osmose através do seu apetrechamento técnico familiarizado com a tradição clássica europeia. Deste modo, o objectivo de Fernando Lópes-Graça era transmitir o potencial subversivo das canções do povo e por essa via suscitar um estranhamento na estrutura sociocomunicativa entre o público ouvinte e sua obra musical. Neste sentido, ao problematizar a obra de arte, o povo adquiria a consciência da sua verdadeira identidade subtraída da manipulação paternalista do poder político. Por outro lado, através de algumas das suas obras, Pedro de Freitas pretendeu representar a natureza inerente do material étnico-biológico, o qual era identificado pelo seu sentimentalismo fundado no contacto directo com a especificidade da terra natal, da cultura regional e nacional. Porém, esse material étnico-biológico não deixava de estar fortemente impregnado pelas vivências de Pedro de Freitas no contexto músico-cultural de Andaluzia, as quais eram revigoradas em raízes de uma tradição ibérica. De facto, o sentimentalismo de Pedro de Freitas por Espanha consubstanciava-se nas características de irmandade peninsular assentes na proximidade geográfica; no peso de um passado histórico-cultural comum; e nas continuadas confraternizações músico-culturais entre os povos ibéricos. Neste contexto, justifica-se que Pedro de Freitas tivesse revelado uma grande afinidade, entendimento e reconhecimento acerca dos aspectos nacionais da música popular espanhola. Com efeito, Pedro de Freitas considerou que no caso espanhol os aspectos tradicionais e populares da música do povo eram evidenciados e sentidos numa exaltação e veneração mais comprometida do que no caso português. Em Espanha sentia-se uma maior sintonização nas estruturas sociocomunicativas entre o público ouvinte e a obra musical de sua feição. Por isso, os aspectos nacionais da música popular espanhola eram para Pedro de Freitas um exemplo paradigmático a seguir. Neste sentido, Pedro de Freitas partia da visualização e interpretação de algumas práticas de cariz nacionalista da música popular espanhola, pretendendo transpô-las e adaptá-las para o caso português. Como

tal, Pedro de Freitas pretendia traspasar para o contexto nacional aquela sintonia peculiar das estruturas sociocomunicativas efectivadas em Espanha entre o povo e a música. Assim sendo, a partir do que se passava exemplarmente na acepção populista do país vizinho, Pedro de Freitas enunciava a necessidade de se tomar atenção face à soberania do sentimento e do gosto musical do povo português, o qual representava o expoente máximo que caracterizava a idiosincrasia nacional. De facto, ao incorporar nacionalmente alguns exemplos paradigmáticos além fronteiras, Pedro de Freitas acabava por interferir com as entidades do poder, condicionando que o povo fosse reconhecido e acarinhado pelas instituições oficiais nacionais. Deste modo, Pedro de Freitas sugeriu traspasar, adaptar e efectivar algumas das práticas de carácter nacional da música popular espanhola para o contexto português. Neste prisma, partindo do exemplo dos programas dos concertos de música popular espanhola, Pedro de Freitas pretendeu que os concertos populares em Portugal fossem compostos por uma maior percentagem de música nacional. De igual modo, Pedro de Freitas insistia em adaptar o género musical *paso doble*, que em Portugal era designado de *marcha*, para os concertos de música popular portuguesa. Assim, Pedro de Freitas propunha que a *marcha* fosse tocada de modo alternado com a música clássica. Além do mais, a *marcha* deveria de ser usada estrategicamente como peça de abertura, cujo objectivo era suscitar uma maior motivação auditiva da parte do público assistente. Porém, uma outra prática usual no contexto da música popular espanhola era o gesto de reverência que o maestro concedia ao compositor, o qual era expresso na oportunidade do compositor reger as suas próprias composições musicais. Este gesto, muito apreciado por Pedro de Freitas, deveria de ser efectivado no contexto da música popular nacional porque o mesmo conferiria à música nacional uma dimensão verdadeiramente apoteótica. Além do mais, o consentir que o compositor tivesse a oportunidade de reger as suas próprias composições musicais iria facultar que o mesmo reconhecesse e reajustasse os seus critérios pedagógicos sobre o gosto e a especificidade do povo português. Esta prática musical no contexto da música popular

espanhola era, afinal, condizente com a reprodução de uma sintonia nos sistemas sociocomunicativos entre o compositor, a obra musical e o gosto do público assistente, tal como defendia Pedro de Freitas no reajuste dos critérios das futuras composição musicais. Com efeito, ao cultivar musicalmente a especificidade do gosto e do sentimento português fundado na originalidade da nação, Pedro de Freitas pretendia conferir à música portuguesa um estatuto de legitimidade no seio da música europeia. Porém, ao influenciar a transposição de especificidades músico-populares vivenciadas no contexto sócio-cultural espanhol para o seu país, Pedro de Freitas estava a contribuir para um reforço na consolidação de laços de afinidade e de irmandade no seio da Península Ibérica. Assim, era importante para Pedro de Freitas conferir a Portugal uma consciência nacional com um estatuto de igualdade além fronteiras, cuja missão relacionava-se com o atributo de cooperar na ansiada ordem universal. Por isso, de igual modo, a influência de um nacionalismo músico-cultural de raízes peninsulares representou para Pedro de Freitas mais do que a assertividade de um sentimento de pertença à sua identidade nacional. A influência daquele nacionalismo músico-cultural de raízes peninsulares significava para Pedro de Freitas a busca de uma harmonia supra-nacional e a afirmação identitária de uma ‘portugalidade de raízes ibéricas’ na cultura musical do mundo. Deste modo, faz sentido a iniciativa que Pedro de Freitas propôs para que a música goesa, na altura em que Goa ainda pertencia ao *Estado Português da Índia*, usufrísse de maior influência na linguagem musical peninsular. Para tal, Pedro de Freitas sugeriu a participação da banda filarmónica de Goa num concurso musical de amplitudes Ibéricas.

Voltando à temática do nacionalismo musical, reconheceu-se que as necessidades nacionais, no seu compromisso além-fronteiras, não deixaram de consentir um profundo intercâmbio entre o nacional e o cosmopolita. Neste sentido, focaram-se diversas tentativas de corte nacionalista da parte dos compositores portugueses no sentido de procurarem alternativas face ao domínio dos modelos operáticos italianos no panorama musical europeu. Estas tentativas relacionaram-se com a

instrumentalização da “autenticidade” na representação da música da nação e com a aproximação das tendências mais proeminentes da época, por exemplo dos géneros musicais criados por Richard Wagner, da expressão de Franz Liszt, ou do estilo musical de Claude Debussy. Sem embargo, estas experiências musicais da parte dos compositores portugueses apresentaram uma relação similar com os discursos e as práticas de corte nacionalista usados em Espanha na mesma época.

Assim sendo, reconheceu-se a influência de um ambiente europeu responsável pela formação dos compositores ibéricos. Por isso, considerou-se que o próprio carácter nacional da música de muitos compositores ibéricos, tais como Isaac Albéniz, Enrique Granados, Manuel de Falla, Fernando Lopes-Graça, José Viana da Mota, Luís de Freitas Branco, Joly Braga Santos, ou mesmo de Pedro de Freitas, ao basear-se numa consciência nacional aproximou-se simultaneamente das experiências europeias. Neste sentido, a título de exemplo apontaram-se vários compositores que se aproximaram do nacionalismo musical de carácter cultural. Deste modo, Manuel de Falla foi considerado um compositor moderno, espanhol e europeizante com influências impressionistas; António Arroyo distinguiu-se por participar de uma forma expedita na criação de uma Europa cultural, cuja função musical expressava o ideal de transpor as barreiras além fronteiras; Fernando Lopes-Graça no acto da criação musical partia da proposta étnica e a submetia a um processo de osmose através do seu apetrechamento técnico familiarizado com a tradição clássica europeia; e Pedro de Freitas lutava para que Portugal se manifestasse na cultura do mundo pela afirmação de um nacionalismo musical cultural de cariz ibérico.

Com efeito, nestas práticas de teor nacionalista, os compositores ibéricos ao demonstrarem a especificidade nacional no seio da erudição europeia (de corte universalista), aproximavam-se cada vez mais de uma interacção com as decisões do nacionalismo musical cultural numa dimensão universal. Por isso, considerou-se que os compositores mais envolvidos no processo do nacionalismo musical cultural

revelaram uma mensagem espiritual capaz de ir além fronteiras em direcção a uma dimensão harmoniosamente interconectada na linguagem musical do mundo.

Por outro lado, a presença de um espírito europeu na música de carácter nacional não implica que se despersonalizem determinadas características nacionais que, a partir de certos parâmetros, reclamem a peculiaridade de uma determinada cultura. Por isso, teria interesse um estudo de análise musical que possibilitasse conclusões sobre a influência do ambiente músico-popular espanhol, especialmente de cariz andaluz, nas composições musicais de Pedro de Freitas. Este estudo podia partir através de um trabalho comparado de análise musical entre a configuração melódica das composições musicais da autoria de Pedro de Freitas e a de outras obras musicais de compositores espanhóis, ouvidas e identificadas sobretudo no contexto do folclore andaluz.

Sem embargo, num sentido mais genérico, é de referir que este trabalho de investigação pretendeu interpretar as influências e os condicionalismos entre a micro e a macro-história a partir de uma constante interferência e interdependência entre ambas as dimensões. Com efeito, no seio da micro-história pretendeu-se ultrapassar a ideia de se restringir a biografia de Pedro de Freitas a um mero contributo historiográfico. Neste sentido, o objectivo foi projectar uma análise que pudesse suscitar outras questões e que implicasse outras perspectivas dentro do universo das possíveis contextualizações biográficas que permanecem nas possibilidades interpretativas da sua obra. Por isso, deu-se o privilégio do sujeito biografado da história ter voz activa neste trabalho de investigação através da interpretação de como ele exprimiu as suas decisões, justificações, idealizações, revoltas e actuações. Deste modo, a partir da apreensão das implicações da unicidade/sociabilidade que constituiu a pessoa de Pedro de Freitas promoveu-se um diálogo interactivo e holístico entre as várias interpretações do conceito de música num âmbito interdisciplinar; reflectiu-se sobre as tendências e influências do nacionalismo musical cultural; e ainda se evidenciaram algumas particularidades e generalidades que o fenómeno do

nacionalismo pode apresentar a partir da sua especificidade. Sem embargo, foi também a partir da biografia de Pedro de Freitas que se visualizou o peso do factor que envolve o imprevisível, o incontrolável e o inevitável. Este factor foi expresso na impotência de Pedro de Freitas poder comandar os desfechos de muitas das suas lutas de vida, e, neste sentido, podem-se apontar os seus esforços frustrados pela impossibilidade de uma adequada manutenção das duas bandas filarmónicas locais; pela sua inconformidade perante a dissolução de uma banda filarmónica da sua estima; por não se dar ao povo mais música adequada à sua feição; pela impossibilidade de se conferir maior amplitude e autonomia financeira ao movimento filarmónico nacional; pela sua frustração face à incompreensão dos seus ideais de imparcialidade a nível musical e político; pelo desfecho gorado que a trajectória do caminho de ferro pudesse passar dentro da vila de Loulé; pela sua luta inconcretizada quanto ao fim das guerras; e pela sua desilusão devido à desordem existente no seio do sistema do político a nível nacional. De facto, a partir de cada experiência de vida é possível identificar o poder que exerce o factor que envolve o imprevisível, o incontrolável e o inevitável expresso na impossibilidade de se controlar totalmente as situações, as acções, e a concretização de muitas vontades. Com efeito, a análise da vida e da obra de Pedro de Freitas também revelou que embora ele tivesse de enfrentar as vicissitudes imprevisíveis, incontroláveis e inevitáveis peculiares do panorama histórico-cultural da sua época ele não deixou de jogar o seu papel nesse contexto incorporado pela sua existência. Assim sendo, Pedro de Freitas foi capaz de impor as suas pretensões, de criar as suas idealizações e, neste prisma, interagir com as instâncias políticas do poder a favor das necessidades das massas, concretizando muitos dos seus ideais, mesmo que os seus propósitos também implicassem (a seu modo e em vários sentidos), uma nacionalização nas mesmas (isto é, nas massas). Porém, o factor da imprevisibilidade, incontrolabilidade e inevitabilidade ao ser identificado a partir da singularidade de uma vida constitui uma força imanente no rumo da micro e da macro-história. Como tal, esse factor condiciona que a

conjugação (que por si já é incongruente pelo carácter heterogéneo de cada parte composta pela singularidade/sociabilidade irreductível de cada indivíduo), entre as pretensões implicadas na assunção de um “nacionalismo oficial” da parte das instâncias políticas do poder e as expectativas de um “nacionalismo ideal” da parte das massas da sociedade civil também seja incontrolável face ao rumo impermanente da História na sua essência.

No ultimar desta conclusão reforça-se ainda que uma das mensagens que permaneceu subjacente à obra de Pedro de Freitas exprimiu o seu desejo de se consolidar a paz no mundo. Neste âmbito, inclui-se igualmente o interesse de Pedro de Freitas na realização e manutenção de intercâmbios musicais e confraternizações além fronteiras. Por isso, a partir de uma tomada de atenção face à intencionalidade émica do biografado propõe-se que aquelas intenções de confraternização perpassem também para o âmbito deste trabalho de investigação. Com efeito, viabiliza-se o estímulo em mais projectos de investigação que consolidem pesquisas historiográficas de mútuo interesse entre diferentes países. Neste caso, propõe-se o incentivo de mais trabalhos de investigação entre Portugal e Espanha (por exemplo entre os municípios de Loulé e de Cartaya, uma vez que ambas as autarquias estão geminadas desde 5 de Outubro de 1996), dando sentido à continuidade das relações de fraternidade que Pedro de Freitas e as várias figuras representativas do Município de Cartaya tão insistentemente tentaram sugerir.

6. Fontes e Bibliografia

6.1. Fontes Manuscritas de Pedro de Freitas

“Carta Manuscrita de Pedro de Freitas ao Presidente da Câmara de Loulé, José Guerreiro, 28-02-1945”, Em Espólio Documental de Pedro de Freitas, *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*.

Fonte Manuscrita (Barreiro, 25 de Julho de 1964) em 1.ª Série do 2.º Livro, “Os meus artigos e alguns extras 1917 a 1964”, Pedro de Freitas, n.º 113, p. 681, [82-9 FRE/MEU, *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

“Carta Manuscrita de Pedro de Freitas ao estimado amigo Don Luis Pastor López, 15-10-1976”, Em Espólio Documental de Pedro de Freitas, *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*.

Versos de Pedro de Freitas (Espontâneos e sem regras académicas) 1965/1982, Barreiro, Livro Manuscrito, 1982, [n.º 114, 82-9 FRE/VER, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Fonte Manuscrita (Barreiro, 19 de Março de 1982), em 2.ª Série do 3.º Livro, “Os meus artigos e alguns extras 1965 a 1982”, Pedro de Freitas, n.º 113 A, p. 415, [82-9 FRE/MEU, *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

“Carta Manuscrita dirigida ao Ex.mo. Senhor da *Câmara Municipal de Loulé*, 22-09-1982”, Em 2.ª Série do 3.º Livro, *Os meus Artigos e alguns extras 1965 a 1982*, Pedro de Freitas, n.º 113-A, p. [I], [82-9 FRE/MEU no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

“A minha biografia de Cartayero Honorário”, Manuscrito original de Pedro de Freitas, Barreiro, Julho de 1983, Em Espólio Documental de Pedro de Freitas, *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*.

“Efusivas Saudações deste Cartayero Honorário”, Carta Manuscrita de Pedro de Freitas ao Senhor Alcaide de Cartaya, 02-08-1983, Em Espólio Documental de Pedro de Freitas, *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*.

Fonte manuscrita (Barreiro, 30 de Outubro de 1983), Em 2.^a Série do 3.^o Livro *Os meus artigos e alguns extras (1965 a 1982)*, Pedro de Freitas, 113 A, p. [I], [82-9 FRE/MEU no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Fonte manuscrita (Barreiro, 15 de Janeiro de 1984), Em 2.^a Série do 3.^o Livro *Os meus artigos e alguns extras (1965 a 1982)*, Pedro de Freitas, 113 A, p. [V], [82-9 FRE/MEU no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Fonte manuscrita (Barreiro, 23 de Janeiro de 1984), Em 2.^a Série do 3.^o Livro *Os meus artigos e alguns extras (1965 a 1982)*, Pedro de Freitas, 113 A, p. [II], [82-9 FRE/MEU no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Fonte Manuscrita (Barreiro, Março de 1984), Em 2.^a Série do 3.^o Livro, *Os meus artigos e alguns extras (1965 a 1982)*, Pedro de Freitas, 113 A, p. 417, [82-9 FRE/MEU, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

6.2. Fontes Hemerográficas de Pedro de Freitas

“Carta de Expedicionários”, Em *O Primeiro de Maio*, Loulé, 13-09-1917.

“Na Miséria”, Em *O Sul e Sueste*, Barreiro, 31-12-1923.

[pseudónimo de Zé Verdades], “Ordem ou Desordem!...”, Em *O Sul e Sueste*, Barreiro, 17-04-1924.

[pseudónimo de Zé Verdades], “Num Regimen de arbitrariedades (Carapuça para quem servir)”, Em *O Sul e Sueste*, Barreiro, 31-05-1924.

“Terras do Algarve-Loulé”, Em *Folha de Alte*, Alte, 15-06-1924.

[pseudónimo de Zé Verdades], “Irregularidades prejudiciais”, Em *O Sul e Sueste*, Barreiro, 27-09-1924.

[pseudónimo de Zé Verdades], “A nova Comissão Administrativa”, Em *O Sul e Sueste*, Barreiro, 20-07-1925.

[pseudónimo de Zé Verdades], “Com vista aos senhores dirigentes”, Em *O Sul e Sueste*, Barreiro, 31-07-1925.

[pseudónimo de Zé Verdades], “Resposta às “Notas e Impressões”, Em *O Sul e Sueste*, Barreiro, 15-08-1926.

[pseudónimo de Zé Verdades], “Pelo serviço de Fiscalização”, Em *O Sul e Sueste*, Barreiro, 13-11-1926.

“Pelo Sindicato Ferroviário - Mais Um Ano”, Em *O Sul e Sueste*, Barreiro, 21-11-1926.

“Pelo Progresso da Música Louletana (I)”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 26-12-1926.

“Pelo Sindicato Ferroviário - Mais Um Ano”, Em *O Sul e Sueste*, Barreiro, 21-11-1926.

“O Ramal da Estação de Loulé a S. Braz de Alportel e o Pretenso Desvio”, Em *O Sul e Sueste*, Barreiro, 20-12-1926.

“Pelo Progresso da Música Louletana (II)”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 16-01-1927.

“Pelo Progresso da música louletana (III)”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 06-02-1927.

“Pelo Progresso da Música Louletana (IV)”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 03-04-1927.

“Pelo Progresso da Música Louletana (V)”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 10-04-1927.

“21-04-1917 - 21-04-1927 De Cascais parte p’ra a Guerra duas companhias de B. S. Caminhos de Ferro”, *Alma Algarvia*, Loulé, 12-06-1927.

“Os Mortos Vivos e os Vivos Mortos da Grande Guerra”, Em *Gente da Guerra*, Coimbra, 20-08-1933.

“Coisas do Arco da Velha ou... A Campanha dos Mortos”, Em *Gente da Guerra*, Coimbra, 30-12-1933.

“Como nasceu a Banda de Sapadores de Caminhos de Ferro”, Em *Arte Musical*, Lisboa, 20-02-1936.

“Pensões de Sangue”, Em *A Voz dos Combatentes*, Lisboa, 21-03-1936.

“O Armistício”, Em *O Barreiro*, Barreiro, 15-11-1936.

“O custo da vida”, Em *O Barreiro*, Barreiro, 17-12-1936.

“Tou sastfêto”, Em *O Barreiro*, Barreiro, 04-02-1937.

“Há vinte anos...”, Em *O Barreiro*, Barreiro, 22-04-1937.

“Questão Musical - Será Impossível?”, Em *O Louletano*, Loulé, 01-07-1937.

“Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 25-08-1938.

“Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 08-09-1938.

“Filarmónicas”, Em *O Louletano*, Loulé, 22-09-1938.

“Ecos de uma Festa”, Em *O Barreiro*, Barreiro, 18-10-1938.

“Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 20-10-1938.

“Filarmónicas...” *O Louletano*, Loulé, 27-10-1938.

“O Armistício!...” *O Louletano*, Loulé, 10-11-1938.

“Filarmónicas” *O Louletano*, Loulé, 10-11-1938.

“Filarmónicas...”, Em *O Louletano*, Loulé, 26-01-1939.

“9 de Abril”, Em *O Louletano*, 06-04-1939.

“Velha aspiração o desvio da linha do caminho de Ferro”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 01-06-1939.

[Sem título], *Vida Ferroviária*, Barreiro, 01-06-1939.

“O Armistício 1918-1939”, Em *O Louletano*, Loulé, 16-11-1939.

“Portalegre insiste, Reclama, Loulé estaciona, cala-se”, Em *Vida Ferroviária*, Barreiro, 01-12-1939.

“O Algarve e os Algarvios”, Em *O Louletano*, Loulé, 14-12-1939.

“A nova estação de Vila Real de Santo António será possível?”, Em *Vida Ferroviária - suplemento do “1 de Maio”*, Barreiro, 01-01-1940.

“Ecos ferroviários”, Em *Vida Ferroviária - suplemento do “1 de Maio”*, Barreiro, 01-01-1940.

“No campo musical uma ideia em marcha”, Em *O Barreiro*, Barreiro, 29-08-1940.

“No campo musical Uma ideia que não vingou”, Em *O Barreiro*, Barreiro, 28-11-1940.

“Música no Parque Um inferno à roda de um belo concerto musical”, Em *O Barreiro*, Barreiro, 01-06-1944.

“Coisas”, Em *O Algarve*, Faro, 14-07-1946.

“O Carnaval da Vida – Máscaras”, Em *O Algarve*, Faro, 04-08-1946.

“Os Combatentes da Velha Grande Guerra”, Em *O Algarve*, Faro, 10-11-1946.

“Ecos de um Carnaval, Terra Bairrista”, Em *O Algarve*, 02-03-1947.

“Um Ano Mais na Existência de «O Algarve»”, Em *O Algarve*, Faro, 30-03-1947.

“Cenas do Presente - Faro, nos tempos modernos”, Em *O Algarve*, Faro, 20-04-1947.

“O Sapateiro no conceito popular”, Em *O Algarve*, Faro, 22-06-1947.

“Ambiente Musical Tavirense”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 27-07-1947.

“Divagando”, Em *O Algarve*, Faro, 17-08-1947.

“Problemas de Publicidade e Temas Populares”, Em *O Algarve*, Faro, 21-09-1947.

“Onze de Novembro”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 16-11-1947.

“Coisas de Outros Tempos uma Assembleia de Classe dominada pelo exemplo da esperteza de um rato”, Em *O Algarve*, Faro, 23-11-1947.

“O Concurso das Bandas de Música”, Em *O Século*, Lisboa, 11-12-1947.

“O 1.º prémio do concurso das Bandas de Música foi dividido”, Em *O Século*, Lisboa, 12-12-1947.

“Na voz do Operário – Concurso de Bandas Cívicas”, Em *O Algarve*, Faro, 21-12-1947.

“Na voz do Operário – Concurso de Bandas Cívicas”, Em *O Algarve*, Faro, 28-12-1947.

“Na voz do Operário – Concurso de Bandas Cívicas”, Em *O Algarve*, Faro, 04-01-1948.

“A Banda de Tavira Vai Acabar!”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 01-02-1948.

“Tribuna Livre Tempestades da vida”, Em *O Algarve*, Faro, 13-06-1948.

“Temas Musicais”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 04-07-1948.

“Direitos de Autor e Propriedade Literária - Sociedades de Recreio”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 05-12-1948.

“Impressões de Viagem”, Em *Boletim da C. P.*, Lisboa, Abril de 1949.

“A Música popular, parte integrante da vida da Nação (1.ª Parte)”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 21-08-1949.

“A Música Popular, parte integrante da vida da Nação (2.^a Parte)”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 28-08-1949.

“Na Guerra de 1914 a 18”, Em *O Algarve*, Faro, 28-08-1949.

“O Perigo das Velocidades”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 04-09-1949.

“Carta ao Leitor (I)”, *Povo Algarvio*, Tavira, 25-09-1949.

“Carta de Espanha Um Pormenor da vida de Madrid (II)”, Em *O Algarve*, Faro, 02-10-1949.

“Impressões duma Viagem Carta ao Leitor (VIII), Em *Povo Algarvio*, Tavira, 27-11-1949.

“Impressões duma Viagem Carta ao Leitor (XII)”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 29-01-1950.

“Impressões duma Viagem Carta ao Leitor (XIII)”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 19-02-1950.

“Observatórios Algarvios (III)”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 19-11-1950.

“Há vinte e sete anos Moura viveu um grande dia festivo!”, Em *Jornal de Moura*, Moura, 02-12-1950.

“Observatórios Algarvios (V)”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 17-12-1950.

“A Romagem dos Combatentes Portugueses a França Carta de um antigo Combatente”, Em *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, Lisboa, 16-09-1951.

“A Propósito do Carnaval Algarvio”, Em *O Algarve*, Faro, 21-10-1951.

“Há 46 anos - 1906-1952 Loulé e o Carnaval no Algarve”, Em *O Algarve*, Faro, 24-02-1952.

“Cachopo já não gosta de música!”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 14-09-1952.

“Em defesa do Orfeanismo Português”, Em *Gazeta do Sul*, Montijo, 14-09-1952.

“É preciso dar ao Povo Música da sua Feição (I)”, Em *Distrito de Setúbal*, Setúbal, 10-12-1952.

“Manuel Cabanas”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 14-12-1952.

“É preciso dar ao Povo Música da sua feição (II)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 07-01-1953.

“O Carnaval de Loulé é o cartaz Turístico do Algarve”, Em *O Algarve*, Faro, 15-02-1953.

“É preciso dar ao Povo Música da sua feição (III)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 25-02-1953.

“É preciso dar ao Povo Música da sua feição (IV)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 01-04-1953.

“É preciso dar ao Povo Música da sua feição (VI)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 20-05-1953.

“As sete notas de música”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 09-08-1953.

“Impõe-se, porventura, uma necessária reforma no presente sistema musical?”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 13-09-1953.

“Em redor de uma pretensa reforma musical”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 27-09-1953.

“O meu violino e o Sr. Dr. Lopes”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 01-10-1953.

“O meu Cornetim”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 25-10-1953.

“O meu violino e o sr. Dr. Lopes”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 01-11-1953.

“Uma Carta do sr. Pedro de Freitas”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 22-11-1953.

“O Sr. P. de Freitas responde ao Sr. Leonídio Martins”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 10-12-1953.

“É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIII)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-02-1954.

“É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIV)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 17-03-1954.

“É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XV)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 28-04-1954.

“É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XV)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 05-05-1954.

“Setúbal realiza um certame de bandas civis”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 07-07-1954.

“O Certame de Bandas Civis”, Em *O Setubalense*, Setúbal, 10-07-1954.

“À Roda do Concurso de Bandas Civis”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 21-07-1954.

“O Primeiro Concurso de Bandas Civis”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 18-08-1954.

“É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XVII)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 18-08-1954.

“É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIX)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 06-10-1954.

“É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIX)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 13-10-1954.

“É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-11-1954.

“É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XXI)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 05-01-1955.

“É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XXI)”, Em “*O Distrito de Setúbal*”, Setúbal, 12-01-1955.

“Em Lisboa uma Tertúlia Algarvia”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 06-03-1955.

“Evocando o 9 de Abril”, Em *Vida Ribatejana*, Vila Franca de Xira, 09-04-1955.

“Coretos a mais e Música a menos”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 19-10-1955.

“Os académicos de Faro em festa Romagem de patriotismo e de saudade”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 04-12-1955.

“Rectificação”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 18-12-1955.

“Os Estudantes no Carnaval de Loulé”, Em *O Algarve*, Faro, 26-02-1956.

“Loulé e as suas Bandas de Música”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 26-02-1956.

“A União Marçal Pacheco (Música Velha) faz cem anos de existência”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 01-03-1956.

“O Centenário da Música Velha”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 16-03-1956.

“A Banda de Música da Incrível realiza o seu primeiro CONCERTO”, Em *Jornal de Almada*, Almada, 18-03-1956.

“Cem anos de vida e uma agonia crónica”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 16-04-1956.

“Em Lisboa O convívio de alguns algarvios”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 29-04-1956.

“O Senhor Carestia”, Em *A Província*, Montijo, 24-05-1956.

“Uma Carta de Pedro de Freitas Conhecido Musicógrafo”, Em *Voz do Tejo*, Almada, 07-07-1956.

“Em Lisboa a Tertúlia Algarvia continua nos seus pontos de vista”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 15-07-1956.

“Palmela em Ayamonte”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 26-09-1956.

“Uma Carta da Sociedade F. Humanitária de Palmela”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 31-10-1956.

“Há Trinta e oito anos Um sacrifício inútil (O Armistício em 1956!)”, Em *Jornal de Moura*, Moura, 10-11-1956.

“Elementos Históricos sobre a Música Popular no Algarve (II)”, Em *Jornal do Algarve*, Vila Real de Santo António, 27-04-1957.

“Os homens do andar”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 28-04-1957.

“Elementos Históricos sobre a música popular no Algarve (III)”, Em *Jornal do Algarve*, Vila Real de Santo António, 25-05-1957.

“O valor activo de uma casa Regional”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 26-05-1957.

“O Maestro Rui Coelho compõe mais uma Ópera: "A Feira", Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 29-05-1957.

“Elementos Históricos sobre a Música Popular no Algarve (IV)”, Em *Jornal do Algarve*, Vila Real de Santo António, 22-06-1957.

“Aqui, Madrid”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 17-07-1957.

“Elementos Históricos sobre a Música Popular no Algarve (V)”, Em *Jornal do Algarve*, Vila Real de Santo António, 20-07-1957.

“Concertos Populares «O Século» e o «Distrito» trilhando o mesmo caminho”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 31-07-1957.

“Quarenta anos de Jornalismo”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 04-08-1957.

“A Humanitária em Festa”, Em *Humanitária*, Palmela, 08-10-1957.

“Elementos Históricos sobre a Música Popular no Algarve (VII)”, Em *Jornal do Algarve*, Vila Real de Santo António, 08-02-1958.

“A Banda 1.º de Dezembro do Montijo vai à Holanda?”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 28-02-1958.

“A Banda do Montijo prepara-se, mas...”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 28-03-1958.

“Evocações do "9 de Abril" - O Cristo das Trincheiras”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 08-04-1958.

“O Cristo das Trincheiras faz reviver uma geração esquecida”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 13-04-1958.

“Loulé e a sua banda de Música”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 11-05-1958.

“Doña Blanca”, Em Ayuntamiento de Cartaya (ed.), *Cartaya 1958*, Ayamonte, Imprenta Vda. J. Hidalgo, Julho de 1958, [n.º 127 no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]. Ou Em *LEGAJO 759 (1957-1968) de la Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*.

“A Banda do Montijo carece de auxílio”, *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 08-07-1958.

“A mendicidade no Barreiro”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 29-07-1958.

“Aspectos da vida do povo consumidor”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 03-08-1958.

“Vai partir para a Holanda a Banda de Montijo”, Em *O Distrito de Setúbal*, 12-08-1958.

“Ayamonte em festa A Humanitária de Palmela esteve mais uma vez presente”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 26-09-1958.

“Cartaya fidalga vila de Espanha”, *Povo Algarvio*, Tavira, 02-11-1958.

“Cartaya fidalga vila de Espanha”, *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 04-11-1958.

“Quadros de Loulé Antigo 1”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 07-12-1958.

“Como se vive no Barreiro... Tosse, Choro e Cinzas!”, Em *O Povo Algarvio*, Tavira, 08-02-1959.

“Elementos Históricos sobre a Música Popular no Algarve (VIII)”, Em *Jornal do Algarve*, Vila Real de Santo António, 28-03-1959.

“Almada prodigiosa Fonte da Música Popular”, Em *O Setubalense*, Setúbal, 25-04-1959.

“Vai entrar-se na solução da crise das Bandas Civis?”, Em *O Setubalense*, Setúbal, 02-05-1959.

“Olhão, meu amigo!”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 28-06-1959.

“A Banda de Tavira dá concertos públicos”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 05-07-1959.

“Vai realizar-se o primeiro Grande Concurso Nacional de Bandas Civis PARABÉNS, SETÚBAL!”, Em *O Setubalense*, Setúbal, 20-07-1959.

“Setúbal Honrada no Concurso Nacional de Bandas Civis”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 21-07-1959.

“Viseu, Cidade de Prazer!”, Em *Jornal de Viseu*, Viseu, 25-07-1959.

“Duas Bandas de Música Frente a Frente”, Em *O Setubalense*, Setúbal, 19-09-1959.

“Montijo em Espanha”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 22-09-1959.

“Vila Real de Santo António recebe carinhosamente a banda da 1.º de Dezembro”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 29-09-1959.

“Reparos”, Em *O Setubalense*, Setúbal, 21-10-1959.

“Quadros de Loulé Antigo 18”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 03-01-1960.

“Quadros de Loulé Antigo 19”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 21-02-1960.

“Quadros de Loulé Antigo 20”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 20-03-1960.

“Quadros de Loulé Antigo 21”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 15-05-1960.

“Quadros de Loulé Antigo 22”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 29-05-1960.

“Quadros de Loulé Antigo 23”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 19-06-1960.

“Quadros de Loulé Antigo 37”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 25-12-1960.

“Quadros de Loulé Antigo 38”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 22-01-1961.

“Goa e o problema da sua música”, Em *Heraldo*, Pangim, Índia Portuguesa, 26-02-1961.

“Índia Portuguesa – Terra de Fé”, Em *A Província*, Montijo, 02-03-1961.

“Pelo Barreiro Bola, Cooperativismo e Música registam suas «Bodas de Ouro»”, Em *O Setubalense*, Setúbal, 17-04-1961.

“Homenagem do Algarve à memória do escritor Coelho de Carvalho e do Rei D. João II”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 05-11-1961.

“Homenagem do Algarve à memória do escritor Coelho de Carvalho e do Rei D. João II”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 14-11-1961.

“Se Eu fosse...”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 04-11-1962.

“Pela Incrível Almadense Um aniversário, um programa, uma conferência e um concerto”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 06-11-1962.

“Em pleno mar dos Açores A bordo do navio fala-se do ALGARVE e do Carnaval de LOULÉ”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 06-01-1963.

“Um nome que é de recordar – João de Sousa Morais”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 22-03-1963.

“À Mesa do Café Fala-se do Pensionista e da História do Bilhete”, Em *Previdência*, Porto, Abril de 1963.

“Este Boletim...”, Em Valle, António Fernando Lucerna e (dir.), *Catavento n.º 50*, Boletim da Casa do Pessoal da F.N.A.T., ano V, Lisboa, Ramos, Afonso & Moita, Lda., Abril de 1963, pp. 5-6, 31-32, 41-51. [n.º 129 no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

“Há vinte e cinco anos! O Batalhão de Sapadores de Caminho de Ferro visitou Loulé”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 21-04-1963.

“Pedido de Fotografias”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 19-05-1963.

“A Alma de Espanha Bola Toiros e Música”, Em Valle, António Fernando de Lucerna e (dir.), *Catavento n.º 50*, Boletim da Casa do Pessoal da F.N.A.T., ano V, Lisboa, Ramos Afonso & Lda, Outubro de 1963, pp. 41-51, [n.º 130 de *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

“Programa da Excursão da F.N.A.T.” Junho de 1966, Em Valle, António Fernando de Lucerna e (dir.), *Catavento n.º 50*, Boletim da Casa do Pessoal da F.N.A.T., ano V, Lisboa, Ramos Afonso & Lda, Outubro 1963, [n.º 130 *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

“Um Livro Legado Ao Hospital”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 01-12-1963.

“Da reacção surgirá o indispensável remédio?”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 02-02-1964.

“Festa na Alma do Director de “La Higuierita”, Em *La Higuierita*, Isla Cristina, 24-02-1964.

“Pequena História duma Banda Militar”, Em *Diário Popular*, Lisboa, 12-04-1964.

“A actuação da banda dos «LOUREIROS» de Palmela em ESPANHA”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 16-10-1964.

“As minhas “Bodas de Ouro” (1916-1966)”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 19-06-1966.

“Pérola Roubada”, Em *Heraldo*, Lisboa, 18-12-1966.

“As Bandas Cívicas e as Épocas da sua Fundação o que a tradição afirma e a História Desmente”, Em *Jornal do Algarve*, V.R.S.A., 29-07-1967.

“Notas a uma Crítica”, Em *O Jornal de Estarreja*, Estarreja, 25-10-1967.

“A Sociedade Filarmónica Lusitana em 1915”, Em *O Eco de Estremoz*, Estremoz, 03-12-1967.

“Encontro, reunião ou congresso?”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 12-12-1967.

“A posição actual do meu louletanismo”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 20-02-1968.

“Há cento e doze anos 1-5-1856 – 1-5-1968”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 16-04-1968.

“Há Noventa e Dois Anos 21-5-1876 – 21-05-1968”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 07-05-1968.

“Um Coreto que torna a “falar”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 09-07-1968.

“Julião Quintinha – um mestre de Jornalismo”, Em *Diário do Alentejo*, Beja, 26-07-1968.

“As bandas de música do distrito de Setúbal já não merecem consideração?”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 20-08-1968.

“Um Nome Que Se Não Esquece”, Em *Jornal do Algarve*, V.R.S.A., 31-08-1968.

“Louletanos! A Música Velha Precisa do vosso auxílio”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 07-01-1969.

“As Filarmónicas”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 04-02-1969.

“Morreu o Zé do Cuco”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 04-02-1969.

“A Sociedade Filarmónica Agrícola Lavradiense não é a mais antiga do Distrito de Setúbal”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 04-03-1969.

“Não se homenageou José Barão”, Em *Diário do Alentejo*, Beja, 04-09-1969.

“Despedida a Cartaya”, 25 de Agosto de 1969, Traducción Francisco Reinerio Seita, Comisión de Festejos (ed.), na Revista *Cartaya 1969 Feria y Fiestas*, Isla Cristina, Artes Gráficas, Octubre 1969 del 4 al 8, [n.º 133 *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

“Os novos ricos e as lenhas do Vale do Sado”, Em *Correio do Sul*, Faro, 30-10-1969.

“Ainda a antiguidade das Filarmónicas”, Em *Jornal de Cambra*, Cambra, 15-02-1970.

“A Minha Viagem para a Guerra”, Em *Correio do Sul*, Faro, 19-03-1970.

“Toponímia Desrespeitada”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 02-05-1970.

“Pelo Barreiro Gazes e Fumos”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 11-05-1971.

“Devaneios musicais”, Em *Correio do Sul*, Faro, 16-03-1972.

“Indignação no Barreiro A morte inglória de uma Banda de Música”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 05-09-1972.

“Manuel Guerreiro Pereira”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 05-09-1972.

“O Povo Gosta de Música”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-10-1972.

“Há 56 anos da Cidadela de Cascais o “Sempre Fixe” parte para a guerra”, Em Costa, Aristides Pinheiro (dir.), *Cidadela*, Centro de Instrução de Artilharia Antiaérea, Maio – Junho 1973, pp. 11-13, [n.º 134 no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

“Apontamentos Históricos da vida das Filarmónicas A história principia assim...”, Em Silva, Manuel Lopes da (dir.) *Catavento n.º 50*, *Boletim da casa do pessoal da F.N.A.T.*, Lisboa, Dezembro 1973, pp. 28-29.

“Pelo Sector Musical Vila Franca de Xira Viveu Um Dia Grande”, Em *Voz Ribatejana*, Vila Franca de Xira, 22-12-1973.

“Não Esquecer os Homens da Índia”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 18-06-1974.

“Falando de um dos meus livros”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 19-06-1974.

“Foi meu companheiro numa serenata em Espanha”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 18-09-1974.

“Falando de Anastácio Dourado”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 19-03-1975.

“A Velhice despede-se do Trabalho”, Em *Correio do Sul*, Faro, 29-05-1975.

“Cuidado com as crianças”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 01-07-1975.

“Agradável Encontro”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 04-11-1975.

“À Distinta Artista D. Maria Campina”, Em *Correio do Sul*, Faro, 15-01-1976.

“Recordando o distinto louletano Almirante Cabeçadas”, Em *Correio do Sul*, Faro, 11-03-1976.

“Dos contos da minha avó Justiça branda Povo rebelde”, Em *Correio do Sul*, Faro, 01-04-1976.

“Lacouture - Bendito Padrão Português”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 15-06-1976.

“A liga dos Combatentes organiza a Romagem”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 22-06-1976.

“Os fardamentos das Filarmónicas”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 11-04-1978.

[com o pseudónimo de Zé Consumidor], “Quem Nos Explora?!..”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 29-06-1978.

“Quem nos governa, então?”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 02-11-1978.

“Comentário ao III Festival Nacional de Folclore do Algarve”, Em *Correio do Sul*, Faro, 20-09-1979.

“O Jardim dos “Amuados”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 15-11-1979.

“As filarmónicas (digam o que disserem...) são os conservatórios populares”, Em *A Avezinha*, Paderne, 01-01-1980.

“Pedro de Freitas esclarece o «Comunicado» da Câmara Municipal”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 13-03-1980.

“O Último Artigo do Marechal Gomes da Costa”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 10-04-1980.

“... E o Museo de Loulé”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 28-08-1980.

“O Jardim Dos Amuados!... LOULETANOS, ACUDAM: um crime está a consumar-se”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 25-09-1980.

“Dois objectivos coincidentes: “Do arruinado Castelo de Loulé, o célebre «Jardim dos Amuados» - Do Castelo de Silves, o restauro das Muralhas da Almedina”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 13-11-1980.

“As actuais ideologias destronaram as tradições históricas dos nossos antepassados”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 29-01-1981.

“Ecos de uma Conferência”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 07-05-1981.

“As Festas à Padroeira de Loulé oportunos considerados”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 14-05-1981.

“A Banda Artistas de Minerva festeja o seu 105.º aniversário”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 28-05-1981.

“Os 105 anos da Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva”, Em *Asproca* (ed.), *Boletim Asproca Associação pro-casa da cultura*, Loulé n.º 5, Asproca, Maio – Junho de 1981, pp. 2-4.

“Os 105 Anos da Sociedade Filarmónica “Artistas de Minerva”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 11-06-1981.

“A Greve dos Maquinistas...”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 16-06-1981.

“Pedro de Freitas: gralhas não tocam”, Em *A Avezinha*, Paderne, Julho, 1981.

“Tempos passados, recordações sentidas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 23-07-1981.

“Paderne e a sua Avezinha”, Em *A Avezinha*, Paderne, Agosto, 1981.

“Coisas que acontecem II”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 25-08-1981.

“Coisas que acontecem III”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 08-09-1981.

- “Coisas que acontecem I”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 10-09-1981.
- “Coisas que acontecem IV”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 15-09-1981.
- “Pelo Sector da Música - Uma Carta que não mereceu resposta”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 06-10-1981.
- “A Minha Presença na Ilha do Faial – Açores”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 27-10-1981.
- “O Centenário da Filarmónica Unânime Praiense Faial – Açores”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-11-1981.
- “Coisas que acontecem VIII”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 09-02-1982.
- “Coisas que acontecem IX”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 16-02-1982.
- “Coisas que acontecem VII”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 18-02-1982.
- “Coisas que Acontecem X”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 02-03-1982.
- “O Barreiro ouviu uma categorizada banda de música”, Em *Jornal do Barreiro*, Barreiro, 26-03-1982.
- “Música e Músicos (Variação em Mi-menor)”, Em *Jornal do Barreiro*, Barreiro, 16-07-1982.
- “Romagem à Batalha, na sala do Capítulo”, Em *Combatente*, Lisboa, Abril de 1983.
- “Será a última vez?...”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 17-11-1983.
- “Um dia depois dos meus 90 anos”, Em *Jornal do Barreiro*, Barreiro, 25-05-1984.

“Neste Barreiro o meu «Francesismo Musical»”, Em *Jornal do Barreiro*, Barreiro, 28-09-1984.

“História da origem da actual Banda de Música do Barreiro”, Em *O Jornal do Barreiro*, Barreiro, 09-11-1984.

6.3. Fontes Bibliográficas de Pedro de Freitas

As minhas Recordações da Grande Guerra, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935.

História da Música Popular em Portugal, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946.

Em França: trinta anos depois, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1950.

Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc., Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954.

É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1955.

Brisas de Espanha: crónicas, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957.

José de Freitas no centenário do seu nascimento, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Fausto Sebastião de Freitas (ed.), 1958.

Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961.

Eu fui à Índia, Barreiro, Pedro de Freitas, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1962.

O I Concurso Nacional de Bandas Cívicas – Madeira e Açores Belezas de Portugal, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1965.

Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973.

Páginas históricas do Passado, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976.

Na primeira grande guerra, 1914-1918: um poeta Setubalense Vicente José da Silva Penim, Setúbal, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1977.

O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos), Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978.

A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978), Loulé, Câmara Municipal de Loulé (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979.

“O aprendiz de música é o primeiro escalão do filarmónico”, Em *Colóquio sobre Música Popular Portuguesa - comunicações e conclusões*, Lisboa, Instituto Nacional para Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores, Lisboa, Tipografia Freitas Brito, 1984, pp. 89-91.

Quadros de Loulé Antigo, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991.

6.4. Partituras de Pedro de Freitas

A Minha Primeira Marcha, Marcha, 1911, Em Ms. BF n.º 145 no Arquivo Histórico Municipal de Loulé.

Pokeado Algarvio, Polca de 1911, e *Estação da Casa Branca*, Polca de 1912, Em Ms. n.º 55 no Arquivo Histórico Municipal de Loulé.

O Patrão, Marcha, I Guerra Mundial, França, 1918, Em Ms. BF n.º 146 no Arquivo Histórico Municipal de Loulé.

Saudades de Portugal, Valsa inspirada em 3 virtudes portuguesas: “Sentimento, Alegria e Corridinho”, França 1918, Em Ms. n.º 56 no Arquivo Histórico Municipal de Loulé.

Loulé em Festa, Marcha, Outubro de 1940, Em Ms. BF n.º 147 no Arquivo Histórico Municipal de Loulé.

Viva Loulé, Marcha composta no Barreiro, Outubro de 1940. Marcha alterada em Maio de 1951, Em Ms. BF n.º 149 no Arquivo Histórico Municipal de Loulé.

Algarve Florido, Marcha, Maio de 1941, Em Ms. BF n.º 148 no Arquivo Histórico Municipal de Loulé.

Algarve Florido, Marcha, versão para piano e voz, Maio de 1941, Em Ms. n.º 148 A no Arquivo Histórico Municipal de Loulé.

Cartaya em Festa (1965), Marcha, Em Ms. BF n.º 150 no Arquivo Histórico Municipal de Loulé.

O Concurso, Marcha, 1970, Em Ms. BF n.º 151 no Arquivo Histórico Municipal de Loulé.

Os Clarins-Bailado, Fantasia a duas partes, 1977, Em Ms. BF n.º 155 no Arquivo Histórico Municipal de Loulé.

Os Clarins-Bailado, Fantasia a duas partes para orquestra, 1977, Em Ms n.º 156 no Arquivo Histórico Municipal de Loulé.

Os Clarins-Bailado, Fantasia a duas partes para piano e orquestra, 1977, Em Ms. n.º 157 no Arquivo Histórico Municipal de Loulé

Loulé a cantar, Marchinha – Canto de 1950, Em Ms. n.º 58 no Arquivo Histórico Municipal de Loulé.

Loulé a Marchar, Passo Dobrado, Peça de Canto, Junho de 1978, Em Ms. n.º 59 no Arquivo Histórico Municipal de Loulé.

Edite Maria, Fadinho, Barreiro, 14 de Outubro de 1980, Em Ms. n.º 58 no Arquivo Histórico Municipal de Loulé.

6.5. Discografia de Pedro de Freitas

Marcha Algarve Florido, [3'(minutos) 45 rpm EP], Porto, Edição de Discos Rapsódia Lda., 1973.

6.6. Fontes de Arquivo

6.6.1. Fontes do Arquivo Histórico Municipal de Loulé

Acta 3 de Junho de 1977, «eleição de corpos Gerentes para 1977-1978», *Fundo da Sociedade Filarmónica Artista de Minerva Livros de Actas*, [SFAMLLE/B/A/001/LV001 1927-77, Em *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Acta n.º 35, Reunião Ordinária da Câmara Municipal de Loulé, 10 de Setembro de 1996, Fl. 455, [cota 352 Lou/Act, Em *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Adão, Luís Cabral, “Idosos”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 01-09-1981.

Adão, Luís Cabral, “No Cinquentenário Duma Estreia Literária”, Em *O Setubalense*, Setúbal, 19-04-1967.

Adão, Luís Cabral, “Loulé, Barreiro, Évora”, Em *Notícias d' Évora*, Évora, 25-10-1983.

Adão, Luís Cabral, “Pedro de Freitas Morreu”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 27-08-1987.

Afonso, Manuel Sequeira, “P.F. e a F.N.A.T.”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 15-05-1973.

Alberto López, Juan, “El Alcalde-Presidente del Ayuntamiento de Cartaya Juan Alberto López Saluda a 10 de Agosto de 1965 al Don Pedro de Freitas”, Agosto de 1965, [n.º 79 no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Alberto López, Juan, “El Alcalde-Presidente del Ayuntamiento de Cartaya Juan Alberto López Saluda a 26 de Septiembre de 1966 al Don Pedro de Freitas”, Em Comisión de Festejos (ed.), *Cartaya 1966 Feria y Fiestas*, Isla Cristina, Artes Gráficas, Septiembre de 1966, [n.º 223 no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Alberto López, Juan, “El Alcalde-Presidente del Ayuntamiento de Cartaya Juan Alberto López Saluda a 25 de Septiembre de 1967 al Don Pedro de Freitas”, En Comisión de Festejos (ed.), *Cartaya 1967 Feria y Fiestas*, Isla Cristina, Artes Gráficas, Septiembre de 1967, [n.º 223 no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Alberto López, Juan, “El Alcalde-Presidente del Ayuntamiento de Cartaya Juan Alberto López Saluda a 29 de Septiembre de 1970 al Don Pedro de Freitas”, Em Comisión de Festejos (ed.), *Cartaya 1970 Feria y Fiestas*, Isla Cristina, Artes Gráficas, Septiembre de 1970, [n.º 223 no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Alberto López, Juan, “El Alcalde-Presidente del Ayuntamiento de Cartaya Juan Alberto López Saluda a 25 de Septiembre de 1971 al Don Pedro de Freitas”, Em Revista de Festejos La Comisión de Festejos (ed.), *Fiestas en Honor de La Stma. Virgem del Rosário VIII Feria Agrícola Industrial*, Cartaya 1971, Imprensa Pichardo, Septiembre de 1971, [n.º 223 no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Almeida, Artur Ramos d', “Carta aberta ao Sr. Pedro de Freitas”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 16-11-1976.

Anónimo, “Uma honrosa visita”, Em *O Jornal de Moura*, Moura, 15-06-1923.

Anónimo, “Grandioso Concerto Musical no Jardim - Dois atraentes e majestosos espectáculos no Teatro Caridade”, Em *O Jornal de Moura*, Moura, 22-06-1923.

Anónimo, “A recepção na Sociedade Filarmónica União Mourense”, Em *O Jornal de Moura*, Moura, 22-06-1923.

Anónimo, “Moura recebeu galhardamente os seus ilustres hospedes do Barreiro!”, Em *O Jornal de Moura*, Moura, 22-06-1923.

Anónimo, “Os chefes da Revolução nacional”, Em *O Trabalho Ferroviário*, Barreiro, Fevereiro de 1941, [n.º 187 no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Anónimo, “Pedro de Freitas”, Em *Jornal de Moura*, Moura, 09-12-1950.

Anónimo, “É Preciso dar ao Povo Música da sua feição”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 01-07-1955.

Anónimo, “Filarmónicas locais”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 16-02-1956.

Anónimo, “Filarmónica União Marçal Pacheco”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 04-05-1958.

Anónimo, “Relatório da F.N.A.T.”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 21-09-1958.

Anónimo, “O papel das Filarmónicas e o Concurso da F.N.A.T.”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 18-10-1959.

Anónimo, “I Grande Concurso de Filarmónicas e bandas Civis de Música”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 01-05-1960.

Anónimo, “I Grande Concurso Nacional de Filarmónicas e bandas civis”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 03-04-1960.

Anónimo, “Livros Novos Eu fui à Índia por Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 04-11-1962.

Anónimo, “Pedro de Freiras”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 04-08-1963.

Anónimo, “Quadros de Loulé Antigo”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 02-02-1964.

Anónimo, “Uma categorizada banda de música dá um excelente concerto em Loulé”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 06-09-1964.

Anónimo, “História da música Popular em Portugal por Pedro de Freitas”, Em *O Jornal de Estarreja*, Estarreja, 25-09-1967.

Anónimo, “II Concurso Nacional de Bandas de Música Cívica”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 04-06-1968.

Anónimo, “A Filarmónica União Marçal Pacheco presente no II Grande Concurso Nacional de Música”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 03-06-1969.

Anónimo, “O II Concurso Nacional de Bandas Cívicas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 21-10-1969.

Anónimo, “As Filarmónicas são um exemplo de perseverança e de sacrifício”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 16-11-1971.

Anónimo, “Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro o novo livro de Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 19-06-1973.

Anónimo, “As Bandas de Loulé em evidência”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 16-10-1973.

Anónimo, “A Nova Direcção da Sociedade Filarmónica dos Artistas de Minerva”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 23-06-1977.

Anónimo, “Pedro de Freitas - Musicólogo no II encontro na imprensa Regional”, Em *A Avezinha*, Paderne, Dezembro de 1978.

Anónimo, “Pedro de Freitas distinguido no aniversário da casa do Algarve”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 06-04-1978.

Anónimo, “Loulé tributa festa de homenagem de reconhecimento a Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 09-11-1978.

Anónimo, “«Os Clarins» última obra musical de Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 21-12-1978.

Anónimo, “Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 13-03-1980.

Anónimo, “A Música Nova Comemora festivamente o seu 104.º aniversário”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 12-06-1980.

Anónimo “A Banda Artistas de Minerva Festejou o seu 105.º aniversário”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 28-05-1981.

Anónimo, “A Música Nova fez anos”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 09-06-1983.

Anónimo, “A Música Nova fez anos”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 23-06-1983.

Anónimo, “Loulé continua a ter dilectos filhos Pedro de Freitas é um bom Português”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 09-02-1984.

Anónimo, “Com a morte de Pedro de Freitas Loulé perdeu o seu mais devotado amigo”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 27-08-1987.

Anónimo: “Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva”, Em *Agenda Cultural e Desportiva*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, Outubro, 1993, p. 12.

Anónimo, “Quem foi Pedro de Freitas?”, Em *Agenda Cultural*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, Setembro de 1995, pp. 17-18.

Anúncio no Envelope da *Santa Casa da Misericórdia*, s.d., [no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Ayuntamiento de Ayamonte (ed.), “Programa Oficial de los festejos Ntra. Señora de las Angustias”, Ayamonte, Imprenta Hogar Provincial, de 7 a 10 de Setembro de 1957, Em Educación y Cultura, dentro da Revista *Cartaya 1957*, Cartaya, Talleres Tipográficos “La Comercial” de Cartaya, 1957, [no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Ayuntamiento de Ayamonte (ed.), “Programa Oficial de los festejos Ntra. Señora de las Angustias”, Ayamonte, Imprenta Hogar Provincial, de 7 a 10 de Setembro de 1958, Em Educación y Cultura, dentro da Revista *Cartaya 1958*, [n.º 127, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Ayuntamiento de Ayamonte (ed.), “Programa Oficial de los festejos Ntra. Sra. de las Angustias”, Ayamonte, Imprenta Hogar Provincial, Em *Feria y Fiestas de Cartaya 1960*, Ayamonte, Imprenta J. Hidalgo, 1960, [no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Ayuntamiento de Cartaya (ed.), “Carta do Ayuntamiento de Cartaya (Huelva), para o Sr. Don Pedro de Freitas Publicista”, dentro da Revista *XII Feria E Industrial 4 al 8 de Octubre de 1975*, Cartaya, Ayuntamiento de Cartaya, Imprenta Guillermo Martín, Plaza de las Monjas, 2 Huelva, 23-10-1974, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Ayuntamiento de Cartaya (ed.), “Programa de Festejos del día 1 (Miércoles) al día 5 (Domingo)”, dentro da Revista *Fiestas en Honor de Ntra. Sra. del Rosario y XVII Feria Agrícola, Industrial y Ganadera, Cartaya 1-5 de Octubre*, Lepe, Imprenta Real, Outubro de 1980, p. 35, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Ayuntamiento de Cartaya (ed.), “Programa de Festejos del día 30 de Setembro (Miércoles) al día 4 de Outubro (Domingo)”, dentro da Revista *Cartaya 1981*, Huelva, Imprenta Jimenez, S. L., Setembro/Outubro de 1981, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Ayuntamiento de Cartaya (ed.), “Homenaje D. Pedro de Freitas”, Em *Cartaya 1982 Fiestas en Honor de Ntra. Sra. del Rosario y XIX Feria Agraria Industrial y Ganadera*, Cartaya – 29 de Septiembre – 3 de Octubre de 1982, Huelva, Imprenta Jimenez, S. L., Setembro/Outubro de 1982, pp. 54-55, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Barros, José Maria da Piedade: “*Pedro de Freitas Homenageado pela F.N.A.T.*”, Em Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas ed., 1973, pp. 8-9.

Barros, José Maria da Piedade, “A Razão de uma Atitude”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 14-04-1977.

Barros, José Maria da Piedade, “Reconhecimento que se impõe a Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 05-05-1977.

Barros, José Maria da Piedade, “Homenagem a Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 23-06-1977.

Barros, José Maria da Piedade, “Pedro de Freitas – Uma figura do passado a projectar-se no futuro”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 14-12-1978.

Barros, José Maria da Piedade, “Com a morte de Pedro de Freitas Loulé perdeu o seu mais devotado amigo”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 27-08-1987.

B., J., “Quadros de Loulé Antigo”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 01-03-1964.

Blanco del Castillo, José, “Carta de José Blanco del Castillo a Pedro de Freitas, 27-01-1966”, dentro da Revista Comisión de Festejos (ed.), *Cartaya 1966 Feria y Fiestas*, Isla Cristina, Artes Gráficas, Janeiro de 1966, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Blanco, Pepe: “Cartaya Velada y Honor y Gloria de la Virgen del Rosario Nuestra muy amada Patrona”, Em Comisión de Festejos (ed.), *Cartaya 1967 Feria y Fiestas*, Isla Cristina, Artes Gráficas, Outubro de 1967, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Botelho, Vitor, “A propósito de... A Velhice Despede-se do Trabalho”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 22-04-1975.

Brasino, Hilário, “Bairrismo”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 14-04-1957.

Castro Hernandez, Manuel: “Un convite del Alcalde-Presidente del Ayuntamiento de Cartaya, Manuel Castro Hernandez, de Septiembre de 1963, al Don Pedro de Freitas”, Em Revista de Festejos *Feria Y Fiestas Cartaya 1963*, Outubro 1963, Isla Cristina, Artes Gráficas, Depósito Legal, Setembro de 1963, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Certidão de nascimento de Pedro de Freitas, [n.º 68 PF, no Album Cinzento, Em *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Comisión de Festejos (ed.), “Programa Oficial de Actos y Festejos del día 3 (Sábado) al día 7 (Miércoles)”, dentro da Revista *Cartaya 1964 Feria y Fiestas*, Isla Cristina, Artes Gráficas, Outubro de 1964, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Comisión de Festejos (ed.), “Programa Oficial de los Festejos de Ntra. Sra. Del Rosario del día 2 (Sábado) al día 6 (Miércoles), y el Programa de la II Feria Agrícola del 4 al 6 de Octubre”, dentro da Revista *Cartaya 1965 Feria y Fiestas*, Isla Cristina, Artes Gráficas, Outubro de 1965, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Comisión de Festejos (ed.), “Programa Oficial de los Festejos de Ntra. Sra. Del Rosario del día 1 (Sábado) al día 5 (Miércoles), y el Programa de la III Feria Agrícola del 3 al 5 de Octubre”, dentro da Revista *Cartaya 1966 Feria y Fiestas*, Isla Cristina, Artes Gráficas, Outubro de 1966, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Comisión de Festejos (ed.), “Programa Oficial de Festejos de Ntra. Sra. Del Rosario del día 30 de Septiembre (Sábado) al día 4 de Octubre (Miércoles)”, dentro da Revista *Cartaya 1967 Feria y Fiestas*, Isla Cristina, Artes Gráficas, Setembro/Outubro de 1967, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Comisión de Festejos (ed.), “Programa Oficial de Festejos de Ntra. Sra. Del Rosario del día 5 de Octubre (Sábado) al día 9 de Octubre (Miércoles)”, dentro da Revista *Cartaya 1968 Feria y Fiestas*, Isla Cristina, Artes Gráficas, Outubro de 1968, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Comisión de Festejos (ed.), “Programa Oficial de los Festejos de Ntra. Sra. Del Rosario del día 3 (Sábado) al día 7 (Miércoles) de Octubre, y el Programa de la VII Feria Agrícola e industrial del 3 al 7 de Octubre”, dentro da Revista *Cartaya 1970 Feria y Fiestas*, Isla Cristina, Artes Gráficas, Outubro de 1970, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Comisión de Festejos (ed.), “Programa Oficial de Feria y Fiestas de Cartaya en honor de la Virgen del Rosario del día 2 (Sábado) al día 6 (Miércoles) de Octubre”, dentro da Revista *Fiestas en Honor de La Stma. Virgem del Rosário VIII Feria Agrícola Industrial Cartaya 1971*, Imprensa Pichardo, Outubro de 1971, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Comisión de Festejos (dir.), “Programa Oficial de Feria y Fiestas de Cartaya en honor de la Virgen del Rosario del día 30 de Septiembre al día 4 de de Octubre”, dentro da Revista *Fiestas en Honor de La Stma. Virgem del Rosário IX Feria Agraria e Industrial*, Cartaya 1972, Imprensa Pichardo, Setembro/Outubro de 1972, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Comisión de Festejos (dir.), “Programa Oficial de Feria y Fiestas de Cartaya en honor de la Virgen del Rosario del día 6 al día 10 de Octubre”, dentro da Revista *Fiestas en Honor de La Stma. Virgem del Rosário X Feria Agrícola Industrial*, Cartaya, Imprensa Pichardo, Outubro de 1973, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Companhia de Caminhos de Ferro Portugueses, Divisão de Repartição do Pessoal, Resumo de Matrícula de Pedro de Freitas, Cadastro Disciplinar, [n.º 81, no Album Cinzento, Em *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Comunicação de Serviço N.º 371/71, Deliberação da *Acta n.º 1251*, 27 de Dezembro de 1971, [Circular n.º 74, Album Cinzento, Em *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Comunicação de Serviço n.º 380/71, Deliberação da *Acta n.º 1251*, 30 de Dezembro de 1971, [Circular n.º 76, Album Cinzento, Em *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Comunicação de Serviço n.º 42/73, Deliberação da *Acta n.º 1293*, 12 de Fevereiro de 1973, [Circular n.º 75, Album Cinzento, Em *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Comunicação de serviço n.º 26/75, 12 de Fevereiro de 1975, Em 2.ª Série do 3.º Livro *Os meus artigos e alguns extras 1965 a 1982 Pedro de Freitas*, n.º 113 A, p. 221, [82-9 FRE/MEU, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Comunicado e Programa do Feriado Municipal do Barreiro, de 7 de Outubro de 1984, [Em Envelope Castanho da Câmara Municipal de Loulé, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Conceição, Máximo Alegário da: “Pelo Progresso da Música louletana”, Em *Alma Algarvia*, Loulé, 16-02-1927.

Credencial, Julho de 1963, [n.º 73, Album Cinzento, Em *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Cruz, João Luís da, “A Pedro de Freitas – Historiador da Música Popular em Portugal”, Em *A Incrível no seu centenário*, Almada, 01-11-1948.

Diário do Governo n.º 286, de 18 de Dezembro de 1891, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*.

Documento emitido pela *Sociedade Filarmónica Palmelense (Loureiros)*, Palmela, Portugal, encontra-se dentro da Revista *Comisión de Festejos* (ed.), *Cartaya 1966 Feria y Fiestas*, Isla Cristina, Artes Gráficas, Janeiro de 1966, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Espólio Documental de Pedro de Freitas, «Anúncio da Sessão Solene na sede da *Sociedade Artistas de Minerva*, Maio de 1982», [Em Envelope da *Casa da Misericórdia de Loulé*, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Espólio Documental de Pedro de Freitas, [inventário n.º 19, n.º 62, n.º 63, n.º 64, n.º 88, Em Album Cinzento, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Espólio Documental de Pedro de Freitas, [inventário n.º 146, n.º 58 e n.º 149, Em Envelope Castanho da *Câmara Municipal de Loulé*, *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Farrajota, Manuel Guerreiro, “Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 07-07-1977.

Farrajota, Manuel Guerreiro, “A Felicidade de ser Louletano”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 02-08-1978.

«F.N.A.T. II Grande Concurso Nacional de Bandas de Música Cívica – Final, Lisboa, 13 a 17 de Outubro de 1971», [Album Cinzento, Em *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Geminação de Loulé e Cartaya”, Em Acta n.º 35, Reunião Ordinária da Câmara Municipal de Loulé, 10 de Setembro de 1996, [Fl. 455 cota 352 Lou/Act, Em *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Hernandez Castro, Manuel: “Un convite del Alcalde-Presidente del Ayuntamiento de Cartaya, Manuel Castro Hernandez, de Septiembre de 1982, al Don Pedro de Freitas”, dentro da Revista Ayuntamiento de Cartaya (ed.), *Feria Y Fiestas Cartaya 1963*, Outubro 1963, Isla Cristina, Artes Gráficas, Depósito Legal, Setembro de 1963, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Ignotus, [ou Pereira, Manuel Guerreiro], “Pinceladas”, Em *O Louletano*, Loulé, 24-03-1938.

Ignotus, [ou Pereira, Manuel Guerreiro], “Pinceladas”, Em *O Louletano*, Loulé, 07-04-1938.

Ignotus, [ou Pereira, Manuel Guerreiro], “Pinceladas”, Em *O Louletano*, Loulé, 01-09-1938.

Ignotus, [ou Pereira, Manuel Guerreiro], “Pinceladas”, Em *O Louletano*, Loulé, 15-09-1938.

Júnior, José Piedade, “Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 07-12-1978.

Jurado Hachero, Pedro, “El Alcalde-Presidente del Ayuntamiento de Cartaya Pedro Jurado Hachero Saluda a 28 de Septiembre de 1979 al Don Pedro de Freitas”, dentro da Revista Ayuntamiento de Cartaya (ed.) *Fiestas en Honor de Ntra. Sra. del Rosario y XVI Feria Agrícola, Industrial y Ganadera, Cartaya 1979*, Huelva, Imprenta Guillermo Martín, Setembro de 1979, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Jurado Hachero, Pedro, “El Alcalde-Presidente del Ayuntamiento de Cartaya Pedro Jurado Hachero Saluda a 15 de Agosto de 1980 al Don Pedro de Freitas”, Agosto de 1980, [n.º 80, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Jurado Hachero, Pedro, “El Alcalde-Presidente del Ayuntamiento de Cartaya Pedro Jurado Hachero Saluda a 25 de Septiembre de 1980 al Don Pedro de Freitas”, dentro da Revista Ayuntamiento de Cartaya (ed.) *Fiestas en Honor de Ntra. Sra. del Rosario y XVI Feria Agrícola, Industrial y Ganadera, Cartaya 1980*, Lepe, Imprenta Real, Setembro de 1980, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Jurado Hachero, Pedro, “Un Convite del Alcalde-Presidente del Ayuntamiento de Cartaya, Pedro Jurado Hachero, de Septiembre de 1982, al Don Pedro de Freitas”, dentro da Revista Ayuntamiento de Cartaya (ed.), *Fiestas en Honor de Ntra. Sra. del Rosario y XIX Feria Agraria Industrial y Ganadera, Cartaya – 29 de Septiembre – 3 de Octubre de 1982*, Huelva, Imprenta Jiménez, S. L, Setembro de 1982, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Legado documental de Pedro de Freitas, *Envelope Castanho da Câmara Municipal de Loulé*, [Em *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Livro de Actas de Vereações 1931-1933, fôlio 33 e 93, [cota: CMLLE/B/A/001/LV 146 1929-1939 no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

López González, Manuel, “El Alcalde-Presidente del Ayuntamiento de Cartaya Manuel López González Saluda a 29 de Septiembre de 1962 al Sr. Don Pedro de Freitas”, dentro da Revista Ayuntamiento de Cartaya (ed.), *Cartaya 1962*, Isla Cristina, Los Talleres, Setembro de 1962, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Louro, José Elísio Gonçalves: “Parecer”, Em Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição XVI”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 09-06-1954.

Lucena e Vale, António Vilhegas de, Carta ao presidente da *Câmara Municipal de Loulé*, 29 de Novembro de 1978, Em Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, p. 52

Marum, A. B., “Pedro de Freitas símbolo de Louletanismo”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 06-11-1973.

Mendonça, Artur Ângelo Barracosa: “Publicidade, Política e Cultura na Imprensa Louletana (1907/1912)”, Em Arquivo Histórico Municipal de Loulé (ed.), *Al’-ulyã, Revista no Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, n.º 8, Loulé, *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, 2001/2002, pp. 391-463.

Monteiro, Maurício, “O louletano Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 21-07-1976.

Pastor López, Luis: “En Justa correspondencia”, Em 1.ª série do 2.º Livro, *Os Meus Artigos e alguns Extras 1917 a 1964*, Pedro de Freitas, n.º 113, pp. 555-556, [82-9 Fre/Meu no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Pastor López, Luis: “En Justa correspondencia”, Em *Revista Cartaya 1958*, Ayamonte, Imprenta Vda. J. Hidalgo, 1958, [n.º 127, ou n.º 233, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Pastor López, Luis: “Cartaya y el Arte”, Em Montenegro Pinzón, Enrique (dir.), *XIII Feria Agrícola e Industrial Cartaya 2-6 Octubre 1976*, Huelva, Imprenta Guillermo Martin, Outubro de 1976, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Pastor López, Luis, “Carta de Luis Pastor López (Monte Carmelo, 55 Sevilla), a Pedro de Freitas, 23-10-1976”, dentro da Revista Montenegro Pinzón, Enrique (dir.), *XIII Feria Agrícola e Industrial Cartaya 2-6 Octubre 1976*, Huelva, Imprenta Guillermo Martin, Outubro de 1976, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Pereira, Luís Monteiro: “Boliqeime já teve Banda Filarmónica”, Em *Agenda Cultural*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, Novembro, 1998, p. 20.

Peres, Luís Sebastião, “Uma Delegação da Pro-Arte”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 01-02-1956.

Peres, Luís Sebastião, “O Regionalismo e a Casa do Algarve”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 15-05-1957.

Pinto, Raul, “O Carnaval de Loulé Uma história com barbas brancas Reportagem retrospectiva...”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 15-01-1956.

Pinto, Raul, “O nosso número consagrado ao Carnaval de Loulé”, Em *A Voz de Loulé*, 01-02-1956.

Programa do Feriado Municipal do Barreiro, de 7 de Outubro de 1984, [Envelope castanho da Câmara Municipal de Loulé, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Programa das celebrações de Homenagem e reconhecimento a Pedro de Freitas, [n.º 78 PF, Album Cinzento, Em *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Redacção do Jornal *A Voz de Loulé*, “Um Louletano dos Bons Velhos Tempos PEDRO DE FREITAS”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 19-06-1974.

Redacção do Jornal *A Voz de Loulé*, “Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 20-07-1978.

Redacção do Jornal *Correio do Sul*, “Pedro de Freitas merecidamente homenageado em Loulé”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 09-11-1978.

Redacção do Jornal *O Primeiro de Maio*, “Nobre Gesto”, Em *O Primeiro de Maio*, Loulé, 26-04-1917.

Redacção do *Sul e Sueste*, “Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro – O sempre Fixe”, *Vida Ferroviária*, Lisboa, 01-07-1939.

Redondo Fernández, Rafael: “Acuse de Recibo para Don Pedro de Freitas”, Em Revista *Feria y Fiestas Cartaya 1961*, Isla Cristina, Imprenta Bautista, Outubro de 1961, [n.º 128, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Redondo Fernández, Rafael: “Ausencia”, Em Gallegos, F. Garcia (ed.), Revista *Cartaya 1953*, Cartaya, Imprensa La Comercial, Outubro de 1953, [n.º 124, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Registo de Enterramentos, Termo n.º 5468, Câmara Municipal de Loulé, [CMLLE/N/G/002/LV008 (1930-1934), no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Reinero Seita, Francisco, “Carta de Francisco Reinero Seita a Pedro de Freitas, 14-10-1969”, dentro da Revista Comisión de Festejos (ed.), *Cartaya 1969 Feria y Fiestas*, Isla Cristina, Artes Gráficas, Outubro de 1969, [n.º 133, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Reinero Seita, Francisco, “Carta de Francisco Reinero Seita a Pedro de Freitas, 14-10-1974”, dentro da Revista Sánchez Díaz, Francisco (dir.), *Cartaya 1974 Fiestas en Honor de Nuestra Señora del Rosario y XI Feria Agraria Industrial y Ganadera*, La Palma, Imprenta Pichardo, Outubro de 1974, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Repórter X, “Concurso Bairrista”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 01-05-1956.

Sessão da Câmara Municipal de Loulé 29-9-1978, Em *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*.

Sociedade Filarmónica Palmelense, “Programa de um Concerto Musical tocado pela Sociedade Filarmónica Palmelense (Loureiros) em inícios de Outubro”, dentro da Revista Comisión de Festejos (ed.), *Cartaya 1966 Feria y Fiestas*, Isla Cristina, Artes Gráficas, Outubro de 1966, [n.º 223, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

SFUMPLLLE/E/001/Lv001 1947-1955, Livro de Receitas da Banda Filarmónica União Marçal Pacheco (Funções Financeiras), fólio n.º 3, [no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

SFMPLLE/H/R/002/LV001 1957-63, fólho n.º 34, [no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

SFUMPLLE/H/R/002/LV001 1957-63, fólho n.º 50, e 54, [no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

SFUMPLLE/E/001/Lv005 1961-80, [no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

SFUMPLLE/E/002/Mç002 1969, Auxílio Pró-Fardamento da Banda Filarmónica União Marçal Pacheco, [no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

SFUMPLLE/H/B/003/MÇ 001 1973, [no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

T., C., “As nossas filarmónicas e a F.N.A.T.”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 01-08-1972.

Tariquejo, El Duende, “Cartaya y la Música”, Em Ayamonte de Cartaya (ed.), *Cartaya 1958*, Ayamonte, Imprenta Vda. J. Hidalgo, existem dois exemplares, Setembro de 1958, [n.º 127, ou n.º 233, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Termo n.º 5468, Registo de Enterramentos, Câmara Municipal de Loulé, CMLLE/N/G/002/LV008 (1930-1934), [no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

Varão, Zé, “Falando das Festas com Zé do Carnaval Louletano”, Em *A Voz de Loulé*. Loulé, 16-02-1956.

Vaz, Manuel Joaquim, “A Pedro de Freitas Loulé presta-lhe justa homenagem ao homem? Ao Autodidacta? Ao Artista? (compositor e executante) Ao Publicista?”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 26-12-1978.

Vaz, Manuel Joaquim, “Quadros de Loulé Antigo”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 28-08-1980.

Vaz, Manuel Joaquim, “Música Popular através dos serviços do INATEL IX Ciclo de Aperfeiçoamento do Regentes Amadores de Bandas Cívicas e I Ciclo de

Aperfeiçoamento de Directores de Amadores de Coros”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 15-01-1981.

Vaz, Manuel Joaquim, “Homenagem a Pedro de Freitas cidadão algarvio-louletano-barreirense”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 29-11-1984.

Vaz, Manuel Joaquim, “Da Vida que passa Faleceu Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 27-08-1987.

Viegas, João Corpas, “O rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (contos) de Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 16-03-1978.

Viegas, João Corpas, “Pedro de Freitas fala do Autor das «Mouras Encantadas»”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 03-08-1978.

Viegas, João Corpas, “Rancho Infantil de Loulé completa um ano de existência e de merecidos êxitos”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 10-08-1978.

Viegas, João Corpas, “Pedro de Freitas vai ter o seu nome inscrito na toponímia de Loulé”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 12-10-1978.

Viegas, João Corpas, “Calorosa e Vibrante Homenagem Prestada pelo Município e pelas Gentes de Loulé”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 14-12-1978.

6.6.2. Fontes do Arquivo Distrital de Faro

Afonso, Manuel Sequeira: “Um Engenheiro e um publicista que honram o Algarve”, Em *Jornal do Algarve*, Vila Real de Santo António, 29-12-1978.

Anónimo, “Um livro de investigação Musical História da Música Popular em Portugal”, Em *O Algarve*, Faro, 12-01-1947.

Anónimo, “O I Concurso Nacional de Filarmónicas e bandas Civas está sendo organizado pela F.N.A.T.”, Em *Correio do Sul*, Faro, 10-09-1959.

Anónimo, “Realizou-se em Faro a 1ª eliminatória do Grande Concurso nacional de Bandas”, Em *Correio do Sul*, Faro, 28-01-1960.

Anónimo, “I Grande Concurso Nacional de Filarmónicas e bandas de Música Civas”, Em *Correio do Sul*, Faro, 24-03-1960.

Anónimo “A Casa do Algarve em Lisboa prestou expressiva homenagem ao pescador Algarvio”, Em *Correio do Sul*, Faro, 22-06-1967.

Anónimo, “A Casa do Algarve vai distribuir o seu tradicional auxílio do Natal”, Em *Correio do Sul*, Faro, 30-11-1967.

Anónimo, “II Grande Concerto de Bandas de Música civis”, Em *Correio do Sul*, Faro, 18-07-1968.

Anónimo, “Conservatório regional do Algarve”, Em *Correio do Sul*, Faro, 29-05-1969.

Anónimo, “Conservatório Regional de Música foi finalmente pedida a sua criação”, Em *Correio do Sul*, Faro, 19-05-1970.

Anónimo “II Grande Concurso Nacional de Bandas de Música Cívica promovido pela F.N.A.T.”, *Correio do Sul*, Faro, 27-08-1970.

Anónimo, “Algarve Florido”, Em *Correio do Sul*, Faro, 17-10-1974.

Anónimo, “Festival de Bandas de Música Cívica em Faro”, Em *O Algarve*, Faro, 23-09-1973.

Anónimo, “Festival de bandas de música em Faro”, Em *Folha do Domingo*, Faro, 06-10-1973.

Anónimo, “Bandas de música”, Em *Folha do Domingo*, Faro, 20-10-1973.

Anónimo, “Homenagem a Pedro de Freitas em Loulé”, Em *O Algarve*, Faro, 13-12-1978.

Franco, Mário Lyster, “Pedro de Freitas muito merecidamente homenageado pela F.N.A.T.”, Em *Correio do Sul*, Faro, 04-11-1971.

Leal, João, “Crónica de Faro A ver a banda passar”, Em *Jornal do Algarve*, Faro, 20-10-1973.

Magalhães, Peixoto, “A respeito do respeito”, Em *O Algarve*, Faro, 15-11-1953.

Neves, F. Clara, “Pedro de Freitas, incansável trabalhador de oitenta anos”, Em *Correio do Sul*, Faro, 25-07-1974.

Neves, F. Clara, “Ecos de um extraordinário acontecimento artístico”, Em *O Algarve*, Faro, 28-10-1975.

R., C. do, “Teve colorido e vibração o I Festival de bandas Cívicas do Algarve”, *Jornal do Algarve*, Faro, 20-10-1973.

6.6.3. Fontes de Arquivo da Biblioteca Municipal de Tavira

Anónimo, “Pedro de Freitas”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 04-09-1949.

Lopes, Francisco Fernandes, “Uma Aventura... Musicológica I”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 17-05-1953.

Lopes, Francisco Fernandes, “Uma Aventura Musicológica IV”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 19-07-1953.

Lopes, Francisco Fernandes, “Uma Aventura Musicológica VI”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 02-08-1953.

Lopes, Francisco Fernandes, “Uma Aventura Musicológica VII”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 09-08-1953.

Lopes, Francisco Fernandes, “Uma Aventura Musicológica VIII”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 16-08-1953.

Lopes, Francisco Fernandes, “Uma Aventura... Musicológica IX”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 23-08-1953.

Lopes, Francisco Fernandes, “Ainda o Sr. Freitas e a minha reforma musical”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 11-10-1953.

Lopes, Francisco Fernandes, “As notas da música e o Sr. Freitas”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 18-10-1953.

Lopes, Francisco Fernandes, “O Sr. Freitas do cornetim e rabeca, e Eu”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 08-11-1953.

Lopes, Francisco Fernandes, “Mas porque não uma reforma no presente sistema musical?”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 20-11-1953.

Lopes, Francisco Fernandes, “Uma carta do sr. Dr. Francisco Fernandes Lopes”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 13-12-1953.

6.6.4. Fontes de Arquivo da Biblioteca Municipal do Barreiro

Anónimo, “Sociedade Democrática União Barreirense ainda as festas comemorativas do seu 62.º aniversário”, Em *A Voz do Barreiro*, Barreiro, 25-09-1932.

Anónimo, “Sociedade Democrática União Barreirense As festas comemorativas do seu 61.º aniversário”, Em *A Voz do Barreiro*, Barreiro, 30-11-1931.

Anónimo, “Confraternização Musical”, Em *O Barreiro*, Barreiro, 21-11-1940.

Anónimo, “Os Homens a quem Salazar confiou o encargo de organizar o Estado Corporativo”, Em *O Trabalho Ferroviário*, Barreiro, Fevereiro de 1941.

Anónimo, “Pedro de Freitas festejou os seus 92 anos”, Em *Jornal do Barreiro*, Barreiro, 23-05-1986.

Adão, Luís Cabral, “Pedro de Freitas”, Em *O Jornal do Barreiro*, Barreiro, 18-11-1983.

Barreto, Cruz, “Recordações duma viagem ao Barreiro”, Em *Éco do Barreiro*, Barreiro, 15-12-1928.

Carvalho, Moraes de, “A visita dos jornalistas de Lisboa e Porto à nossa vila, em 1 de Dezembro corrente”, Em *Éco do Barreiro*, Barreiro, 15-12-1928.

Correia, Miguel, “O meu objectivo”, Em *O Sul e Sueste*, Barreiro, 26-11-1922.

Costa, Carlos, “Recordando as nossas Bandas de Música”, Em *Jornal do Barreiro*, Barreiro, 26-06-1987.

F., P. A. “Música”, Em *Eco do Barreiro*, Barreiro, 25-08-1927.

Liberal, João, “Conversando com Pedro de Freitas”, Em *O Jornal do Barreiro*, Barreiro, 31-12-1976.

Liberal, João: “Pedro de Freitas natural de Loulé mas com 70 anos de Resistência no Barreiro”, Em *Jornal do Barreiro*, Barreiro, 05-02-1982.

Liberal, João, “Pedro de Freitas completa amanhã 90 anos”, Em *O Jornal do Barreiro*, Barreiro, 18-05-1984.

Liberal, João, *Quadros-Memórias da minha Infância*, Barreiro, Edição João Liberal, 1985.

Liberal, João, “Morreu Pedro de Freitas”, Em *Jornal do Barreiro*, Barreiro, 14-08-1987.

Matos, Conde, “A Frente Única e a Unidade Sindical”, Em *O Sul e Sueste*, Barreiro, 01-05-1926.

Monforte, Ivo de, “Barreiro – Terra de Trabalho!”, Em *Éco do Barreiro*, Barreiro, 15-12-1928.

Mota, Mário, “O Escritor Pedro de Freitas Esteve em Foco na Casa do Algarve, em Lisboa”, Em *Jornal do Barreiro*, Barreiro, 02-06-1978.

P., N. A. “As nossas energias Sociedade Democrática União Barreirense”, Em *Éco do Barreiro*, Barreiro, 15-10-1924.

Pereira, Sousa: “*Associativismo – Uma presença na vida barreirense*”, Em Valegas, Augusto Pereira (ed.), *Um Olhar sobre o Barreiro*, n.º 1, III Série – Novembro 1992, Setúbal, Artes Gráficas, Lda., 1992, pp. 33-35.

Pereira, Sousa: “*Equipamento Social «Versus» Movimento Associativo*”, Em *Um Congresso Nacional das Colectividades de Cultura, Recreio e Desporto – Actas do Congresso*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa Imprensa Municipal, 1993, pp. 84-85.

Pimenta, José Augusto: “*Sociedades Recreativas*”, Em Valegas, Augusto Pereira (ed.), *Um Olhar sobre o Barreiro Final do século XIX – Princípios do século XX*, n.º 1, Barreiro, Tipografia Belgráfica, Dezembro 1987, pp. 45-58.

Redacção do *Eco*, “Administrador do Concelho”, Em *Éco do Barreiro*, Barreiro, 15-12-1928.

Redacção do Jornal *O Barreiro*, [s.t.], Em *O Barreiro*, Barreiro, 08-03-1945.

Ribeiro, Manuela: “As histórias de vida enquanto procedimento de pesquisa sociológica: reflexões a partir de um processo de pesquisa de terreno”, Em Santos, Boaventura de Sousa (dir.), *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 44, Coimbra, Dezembro de 1995, pp. 125-141.

Silvestre, Francisco, “Olhos que não querem ver”, Em *Éco do Barreiro*, Barreiro, 15-12-1928.

Vaz, Manuel Joaquim, “Apreciando o livro “A História da Música Popular em Portugal”, Em *Jornal do Barreiro*, Barreiro, 21-12-1984.

6.6.5. Fontes de Arquivo da Biblioteca Nacional Lisboa

Anónimo, [s.t.], Em *O Pregoeiro*, Loulé, 13-09-1900.

Anónimo, [s.t.], Em *O Pregoeiro*, Loulé, 04-10-1900.

Anónimo, “A Censura”, Em *O Mundo*, Lisboa, 24-06-1925.

Anónimo, “Abate de um Coreto ficando gravemente feridos 12 executantes de uma filarmónica de Loulé que havia de tocar a Espanha”, Em *Diário de Notícias*, Lisboa, 09-10-1931.

Anónimo: “Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro Festa anual de confraternização”, Em *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, n.º 1208, Revista quinzenal, Lisboa, Tip. Gazeta dos Caminhos de Ferro, 16-04-1938, p. 183.

Anónimo [Bastos, Rosa]: “Sapadores de Caminhos de Ferro - Os componentes do antigo Batalhão de Sapadores, acompanhados pelo seu comandante General Raul Esteves são recebidos triunfalmente no Algarve”, Em *Gazeta dos Caminhos de Ferro, revista quinzenal*, Lisboa, Tip. Gazeta dos Caminhos de Ferro, 01-06-1938, pp. 257-259.

Anónimo, “Os antigos combatentes do Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro reuniram-se ontem em Tomar, onde se efectuou a festa anual de confraternização”, Em *Diário de Notícias*, Lisboa, 08-05-1939.

Anónimo, “Viva a liberdade!!!”, Em *República*, Lisboa, 12-10-1945.

Anónimo, “A’s urnas!!! Queremos ir às urnas como cidadãos livres!!!”, Em *República*, Lisboa, 13-10-1945.

Anónimo, “Com a Democracia triunfante pelo mundo os democratas portugueses só querem votar”, Em *República*, Lisboa, 18-10-1945.

Anónimo, “Em defesa do Orfeanismo Português”, Em *Gazeta do Sul*, Montijo, 14-09-1952.

Anónimo, “Concertos Populares”, Em *O Século*, Lisboa, 18-07-1957.

Anónimo, “Combatentes comemoram La Lys”, Em *Diário de Lisboa*, Lisboa, 07-04-1983.

Anónimo, [s.t.], Em *Jornal de Notícias*, Lisboa, 1-11-1990.

Antunes, António, “A acção beneficente da L.C.G.G.”, Em *República*, Lisboa, 11-11-1931.

Carvalho, Ribeiro de, “Não pode ser!”, Em *República*, Lisboa, 13-08-1931.

Coelho, Bernardino, “Uma Carta da Sociedade F. Humanitária de Palmela”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 31-10-1956.

Coelho, Rui, [s.t.], Em *Diário de Notícias*, Lisboa, 28-06-1925.

Faria, Eduardo, “Os homens da guerra saíram vencedores e ocupam hoje uma situação de vencidos”, Em *República*, Lisboa, 11-11-1931.

Negreiros, Almada, “A caminho do sector portuguez”, Em *O Século*, Lisboa, 21-05-1917.

Medeiros, José de, “O Soldado português na Grande Guerra”, Em *República*, Lisboa, 11-11-1931.

Quintinha, Julião, “Nacionalismo e Internacionalismo Prova-se que o único internacionalismo perigoso é o que mantêm, egoisticamente alguns conservadores”, Em *A Batalha*, Lisboa, 18-05-1925.

Redacção do Jornal *O Setubalense*, “O Certame de Bandas Civas”, Em *O Setubalense*, Setúbal, 10-07-1954.

Rocha, Mário: “Um caso de Força de vontade”, Em *Diário Popular*, Lisboa, 14-01-1951.

Rodrigues, Armindo, “Resposta ao Sr. Presidente do Concelho”, Em *República*, Lisboa, 15-11-1945.

6.6.6. Fontes de Arquivo da Hemeroteca Municipal de Lisboa

Archer, Elvira: “José Viana da Mota cinquenta anos após a sua morte”, Em Rodrigues, Helena (dir.), *Arte Musical*, Vol. III, n.º 10/11, Lisboa, Juventude Musical Portuguesa, Janeiro-Junho de 1998, pp. 44-49.

Arroyo, António: “A música em Portugal”, Conferência no Instituto Portuense de Estudos, Em *Amphion*, Lisboa, Neuparth, 31 de Agosto de 1897, pp. 246-247.

Arroyo, António: “A música em Portugal”, Conferência, 4 de Março de 1897, Em *Amphion*, Lisboa, Neuparth, 15 de Setembro de 1897, pp. 265-267.

Arroyo, António, *Singularidade da minha terra: na arte e na mística*, Porto, “Renascença Portuguesa”, 1917.

Casa do Algarve (ed.), “Sessão Inaugural”, Em *Boletim da Casa do Algarve*, Lisboa, Agosto, 1930.

Nunes, António Joaquim (ed.), *Boletim Informativo da sua casa Regional em Lisboa*, n.º 6, Março 1978.

6.6.7. Fontes de Arquivo da Biblioteca Pública Municipal de Cartaya

Actas Capitulares de Ayuntamiento de Cartaya, Sesión ordinaria del día 26 de Septiembre de 1908, p.73, [Legajo 19, Em *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*].

Acuerdos Capitulares 1906-1915: *Sesion ordinaria del dia 26 de Septiembre de 1908*, p. 73, [Legajo 19, Em *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*].

Ayuntamiento de Ayamonte (ed.), “Programa Oficial de los festejos Ntra. Señora de las Angustias”, Ayamonte, Imprenta Hogar Provincial, de 7 a 10 de Setembro de 1958, em *Programas de Fiestas del Rosario 1957-63*, [Legajo 759 (1957-1968), da *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*].

Ayuntamiento de Ayamonte (ed.), “Programa Oficial de los festejos Ntra. Sra. de las Angustias”, Ayamonte, Imprenta Hogar Provincial, Em *Feria y Fiestas de Cartaya 1960*, Ayamonte, Imprenta J. Hidalgo, 1960, *Programas de Fiestas del Rosario 1957-63*, [Legajo 759 (1957-1968), da *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*].

Ayuntamiento de Cartaya (ed.), “Programa Oficial de Actos y Festejos”, dentro da Revista *Cartaya Velada y Feria en honor de la Santísima Virgen del Rosario*, Isla Cristina, Imprenta Bautista, de 3 a 7 de Octubre de 1964, p. 3, [Em Legajo 759 (1957-1968), da *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*].

Ayuntamiento de Cartaya (ed.), “Homenaje D. Pedro de Freitas”, Em *Cartaya 1982 Fiestas en Honor de Ntra. Sra. del Rosario y XIX Feria Agraria Industrial y Ganadera*, Cartaya – 29 de Septiembre – 3 de Octubre de 1982, Huelva, Imprenta Jimenez, S. L., Setembro/Outubro de 1982, pp. 54-55, [Legajo 767, da *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*].

Boletim Informativo, Información Provincial, Dia 1.º de Octubre de 1966, [Em Legajo 759 (1957-1968), da *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*].

Comisión de Festejos (ed.), “Programa Oficial de Festejos de Ntra. Sra. Del Rosario del día 30 de Septiembre (Sábado) al día 4 de Octubre (Miércoles)”, dentro da Revista *Cartaya 1967 Feria y Fiestas*, Isla Cristina, Artes Gráficas, Setembro/Outubro de 1967, [Em Legajo 759 (1957-1968) da *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*].

Comisión de Festejos (ed.), “Programa Oficial de Festejos de Ntra. Sra. Del Rosario del día 4 de Octubre (Sábado) al día 8 de Octubre (Miércoles)”, Outubro de 1969, [Legajo 760 (1969-1971), da *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*].

Comisión de Festejos (ed.), “Programa de Fiestas”, dentro da Revista *Feria y Fiestas de Cartaya*, Huelva, Pichardo, Octubre 1971, [Em Legajo 760 (1969-1971) da *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*].

Feria Fotocopias, [n.º 1, AÑO 1926-1959, na *Biblioteca Publica Municipal de Cartaya*].

Pastor López, Luis: “En Justa correspondencia”, Em *Revista Cartaya 1958*, Ayamonte, Imprenta Vda. J. Hidalgo, 1958, [Legajo 759 (1957-1968), na *Biblioteca Publica Municipal de Cartaya*].

Programa Oficial de Festejos en honor de nuestra Patrona la Stma. Virgen del Rosario, Cartaya 1967, Isla Cristina, M. Vázquez, 30 de Septiembre a 4 de Octubre de 1967, [Em Legajo 759 (1957-1968), da *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*].

Radio Popular de Huelva, Servicios Informativos, *Boletim Informativo*, Información Provincial, Día 4º de Octubre de 1966, [Em Legajo 759 (1957-1968), da *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*].

Redondo Fernández, Rafael: “Acuse de Recibo para Don Pedro de Freitas”, Em Revista *Feria y Fiestas Cartaya 1961*, Isla Cristina, Imprenta Bautista, Outubro de 1961, [Legajo 759 (1957-1968) da *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*].

Redondo Fernández, Rafael: “Ausencia”, Em Gallegos, F. Garcia (ed.), Revista *Cartaya 1953*, Cartaya, Imprensa La Comercial, Outubro de 1953, [Feria Fotocopias n.º 1, AÑO 1926-1959 da *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*].

6.6.8. Fontes do Arquivo Municipal de Ayamonte

Ayuntamiento de Ayamonte (ed.), “Programa Oficial de los festejos Ntra. Señora de las Angustias”, Ayamonte, Imprenta Hogar Provincial, de 7 a 10 de Setembro de 1957, Em Educación y Cultura, [Legajo 760, Festejos de Ntra. Sra. De las Angustias (1956-1958), no *Arquivo Municipal de Ayamonte*].

Ayuntamiento de Ayamonte (ed.), “Programa Oficial de los festejos Ntra. Señora de las Angustias”, Ayamonte, Imprenta Hogar Provincial, de 7 a 10 de Setembro de 1958, Em Educación y Cultura, [Legajo 760, Festejos de Ntra. Sra. De las Angustias (1956-1958), no *Arquivo Municipal de Ayamonte*].

6.6.9. Fontes do Arquivo Municipal de Ilha Cristina

Anónimo, “Saludos”, Em *La Higuera*, Isla Cristina, 10-06-1978.

Blanco del Castillo, José, “Cartaya Velada y Feria en Honor y Gloria de Nuestra amada Patrona, la Santísima Virgen del Rosario”, Em *La Higuera*, Huelva, 23-10-1967.

Féria Sousa, Manuel, “Crítica ao livro *Brisas de Espanha*”, Em *La Higuera*, Isla Cristina, 07-04-1958.

Redacción de *La Higuera*, “Se hunde el tablado de la música”, Em *La Higuera*, Isla Cristina, 12-10-1931.

Redacción de *La Higuera*, “Pires, há muerto”, Em *La Higuera*, Isla Cristina, 19-10-1931.

Redacção de *La Higuera*: “Saludos”, Em *La Higuera*, Isla Cristina, 10-06-1978.

6.7. Bibliografia Geral

Aceves Lozano, Jorge Eduardo, *História oral e histórias de vida: teoria, métodos y técnicas. Una biografía comentada*, México, Ediciones de la casa Chata, 1996.

Adão, Luís Cabral: “Carta ao Presidente da Câmara de Loulé, Almada, 24-11-1978”, Em Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal, Pedro de Freitas (coord.), 1979, pp. 50-51.

Afonso, Manuel Sequeira: “Um Engenheiro e um Publicista que honram o Algarve”, Em Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal, Pedro de Freitas (coord.), 1979, pp. 85-86.

Alandi Chabret, Jose: “Primeira Carta a Pedro de Freitas sobre o livro *Brisas de Espanha*”, Em Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, p. 14.

Alandi Chabret, Jose: “Segunda Carta a Pedro de Freitas sobre o livro *Brisas de Espanha*”, Em Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, p. 14.

Albarello, Luc [et al.], *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva, 1997.

Albert Gómez, José: “La Biografía y Autobiografía como modalidades metodológicas de investigación cualitativa”, Em López-Barajas, Emilio (ed.), *Las Historias de vida y la investigación biográfica*, Madrid, Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1996, pp. 187-198.

Albuquerque, Martim de, *A Conciencia Nacional Portuguesa Ensaio da História das Ideias Políticas*, Lisboa, [s.n.], 1974.

Allgemeine Dutsche (ed.), *Allgemeine Dutsche Biographie*, Berlim, Duncker & Humblot, 1875.

Alter, Peter, *Nationalism*, New York, Oxford University Press, 1985.

Alves, Hipácio Dias: “Obras, Críticas e Impressões”, Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, pp. 249-250.

Alves, Vera Marques : “O SNI e os Ranchos Folclóricos”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, pp. 191-205.

Anderson, Benedict, *Imagined Communities*, London, Verso, 1983.

Anderson, Malcon, *States and Nationalism in Europe since 1945*, London and New York, Routledge, 2000.

André, M. E., *Etnografia da prática escolar*, Campinas, Papiros, 1995.

Añibarro, Martínez e Rives, Manuel, *Intento de un Diccionario biográfico y bibliográfico de Autores de la Provincia de Burgos*, Madrid, Imprenta y Fundación de Manuel Tello, 1889.

Anónimo: “Pedro de Freitas - Musicólogo no II encontro na imprensa Regional”, Em Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal, Pedro de Freitas (coord.), 1979, pp. 86-87.

Antonio Nogueira, José: “¿Quien teme al individualismo metodológico? Un análisis de sus implicaciones para la teoría social”, Em *Papers Revista de Sociología*, n.º 69, Barcelona, Universidade Autònoma de Barcelona, 2003, pp. 101-132.

Arriaga, Manuel José de, “Carta de Manuel José de Arriaga ao General Joaquim Pereira Pimenta de Castro, 23-01-1915”, Em Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, pp. 76-77.

Artiaga, Maria José: “Canto Coral Como Representação Nacionalista”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, pp. 265-273.

Ashton, Thomas Southcliffe, *The Industrial Revolution, 1760-1830*, London, New York, Oxford University Press, 1957.

Azevedo, Sérgio e Carvalho, Mário Vieira de: “1958-1998: 40 anos de música contemporânea em Portugal”, Em Rodrigues, Helena (dir.), *Arte Musical*, n.º 12, IV Série, Lisboa, Juventude Musical Portuguesa, Setembro 1998, pp. 19-45.

Aznar Minguet, Pilar: “La autobiografía guiada como técnica facilitadora de la comunicación intergeneracional en la familia”, Em López-Barajas Zayas, Emilio (ed.), *Las Historias de vida y la investigación biográfica*, Madrid, Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1996, pp. 171-185.

Balandier, Georges: “Préface”, Em Ferraroti, Franco, *Histoire et histoires de vie. La méthode biographique dans les sciences sociales*, tradução francesa por Marianne Modak, Paris, Méridiens Klincksieck, 1990, pp.7-8.

Balibar, Etienne: “Racism and Nationalism”, Em Spencer, Philip and Wollman, Howard, *Nations and Nationalism A Reader*, New Brunswick, New Jersey, Rutgers University Press, 2005, pp 163-172.

Barata, TGeneral Manuel Themudo: “Prefácio”, Em Fraga, Luís Alves de, *Guerra & Marginalidade O Comportamento das Tropas Portuguesas em França 1917-1918*, Lisboa, Prefácio, 2003, pp. 7-10.

Barros, António Judice Magalhães: “Impressões várias”, Em Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, 1946, p. 18.

Barthes, Roland, *Elements of Semiology*, New York, Hill and Wang, 1973.

Barthes, Roland, *Elements of Semiology* (Lavers, Annette e Smith, Colin tradutores), Paris, Editions du Seuil, 1999.

Becker, Jean-Jacques, “Prefácio”, Em Teixeira, Nuno Severino, *O Poder e a Guerra 1914-1918 Objectivos Nacionais e Estratégias Políticas na Entrada de Portugal na Grande Guerra*, Lisboa, Editorial Estampa, 1996, pp. 15-17.

Beiner, Ronald: “Nationalism’s challenge to Political Philosophy”, Em Beiner, Ronald (ed.), *Theorizing Nationalism*, New York, State University of New York Press, 1999, pp. 1-25.

Beiner, Ronald, *Liberalism, Nationalism, Citizenship, Essays on the Problem of Political Community*, Toronto, Vancouver, UBC Press, 2003.

Benedetto, Renato di, *Historia de la Música, 8, El Siglo XIX*, Traducción por Carlos Fernández, Madrid, Turner Música, 1987.

Bendix, Regina, *In Search of Authenticity: The Formation of Folclore Studies*, Madison, University of Wisconsin Press, 1997.

Bentley, Michael, *Modern Historiography*, London, New York, Routledge, 1999.

Bentley, Michael: “Introduction: Approaches to Modernity: Western Historiography Since The Enlightenment”, Em Bentley, Michael (ed.), *Companion to Historiography*, London, New York, Routledge, 2007, pp. 395-506.

Bergeron, Louis e Chaussinand-Nogaret, Guy, *Grands Notables du Premier Empire, Notices de biographie Sociale Publiées*, Paris, Editions du CNRS, 1978.

Bertaux, Daniel, “L’ approche biographique. Sa validité méthodologique, ses potentialités”, *Cahiers Internationaux de Sociologie*, n.º 69, 1980, pp. 197-226.

Bertaux, Daniel: “De la perspectiva de la historia de vida a la transformación de la práctica sociológica”, Em Marinas, José Miguel [*et al.*], *La Historia Oral: Métodos y Experiencias*, Madrid, Editorial Debate, 1993, pp. 19-34.

Bertaux, Daniel: “La perspectiva biográfica: Validez metodológica y potencialidades”, Em Marinas, José Miguel [*et al.*], *La Historia Oral: Métodos y Experiencias*, Madrid, Editorial Debate, 1993, pp. 149-171.

Billing, Michael, *Banal Nationalism*, London, Sage Publications, 2002.

Blacking, John, *How Musical is Man?*, Seattle, University of Washington Press, 1974.

Blacking, John, “Can Musical Universals be heard?”, Em *The World of Music*, Vol. 19, n.º 1 e 2, [*s.l.*], International Music Council, 1977, pp. 14-22.

Blacking, John, “Some Problems of Theory and Method in the Study of Musical Change”, Em *Yearbook of the IFMC 9*, 1977, pp. 1-26.

Blacking, John, *A Commonsense view of all Music*, Cambridge, Cambridge University Press, 1987.

Blanco del Castillo, Jose Pepe: “Versos a Pedro de Freitas”, Em Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, pp. 33-34; 49.

Bloch, Marc Leópolo Benjamin, *Feudal Society* (Manyon, L. A. tradutor), London, Routledge & K. Paul, 1961.

Bloom, Leslie Rebecca, e Munro, Petra: “Conflicts of selves: nonunitary subjectivity in women administrators’ life history narratives”, Iowa State University, Louisiana State University, Em Hatch, J. Amos e Wisniewski, Richard, *Life History and Narrative*, London and New York, RoutledgeFalmer, 1995, pp. 99-112.

Blumenfeld-Jones, Donald: “Fidelity as a criterion for practicing and evaluating narrative inquiry”, Em Hatch, J. Amos e Wisniewski, Richard, *Life History and Narrative*, London and New York, RoutledgeFalmer, 1995, pp. 26-35.

Blustein, Gene, *Folk and Pop in American Culture Poplore*, Amherst, University of Massachusetts Press, 1994.

Boia, Lucian (ed.), *Great Historians of the Modern Age*, London, New York, Greenwood Press, 1991.

Bompiani, Valentino, *Dizionario Letterario Bompiani delle opere e dei personaggi di tutti i tempi e di tutte le letterature*, Milan, Bompiani, 1947.

Bota, José Mendes: “Prefácio da Segunda Edição”, Em Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, pp. 25 e 26.

Bourdieu, Pierre, “L’ illusion biographique”, *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 62/63, 1986, pp. 69-73.

Branco, João de Freitas, *História da Música Portuguesa*, Lisboa, Publicações Europa-América, 2005.

Branco, Luís de Freitas, *História Popular da Música: desde as origens até à actualidade*, Lisboa, Cosmos, 1943.

Branco, Luís de Freitas: “Prefácio”, Em Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, 1946, p. [IX].

Braudel, Fernand, *Structures of Everyday Life*, London, 1981.

Braudel, Fernand, *A History of Civilizations* (Mayne, Richard tradutor), London, The Penguin Press, 1994.

Braudel, Fernand, *Civilizations and Capitalism, 15th - 19th Century*, 2 vols (Reynolds, Siân tradutor), London, Collins, 1981.

Breisach, Ernst, *Historiography Ancient, Medieval, and Modern*, Chicago, London, The University of Chicago Press, 2007.

Breuilly, John: “The State and Nationalism”, Em Guibernau, Montserrat e Hutchinson, John (ed.), *Understanding Nationalism*, Cambridge, Polity Press, 2001, pp. 32-52.

Brewer, John: “Memory, Truth and Victimhood in Post-trauma Societies”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 214-224.

Brey, Gérard, “Sur les orphéons en Espagne en général et à valladolid en particulier commentaires à propos du livre de Joaquina Labajo Valdés”, Em Aubert, Paul (dir.), *Bulletin d' Histoire Contemporaine de l' Espagne, Sociétés musicales et chantantes en Espagne (XIX-XX siècles)*, n.º 20, Centre National de la Recherche Scientifique, Maison des Pays Ibériques, décembre 1994, pp. 38-46.

Brito, Manuel Carlos de e Cymbron, Luísa, *História da Música Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta, 1992, pp. 164-167.

Brochado, Alberto, *A Música e a Vida Social*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1935.

Buckle, Henry Thomas, *History of Civilization in England*, New York, D. Appleton, 1858.

Burdiel, Isabel, *Isabel II No se puede Reinar Inocentemente*, Madrid, Editorial Espasa Calpe, S. A., 2004.

Burdiel, Isabel: “La dama de blanco. Notas sobre la biografía histórica”, Em Burdiel, Isabel e Pérez Ledesma, Manuel, *Liberales, agitadores y conspiradores: Biografías heterodoxas del siglo XIX*, Madrid, Editorial Espasa, 2000, pp. 19-47.

Burke, Peter, *Popular Culture in Early Modern Europe*, London, Ashgate Publishing, 1978.

Burke, Peter: “Obertura: La nueva Historia, su pasado y su futuro”, Em Burke, Peter (ed.), *Formas de Hacer Historia*, Madrid, Alianza Editorial, 1993, pp. 11-37.

Burke, Peter: “Overture. The New History: its Past and its Future”, Em Burke, Peter (ed.), *New Perspectives on Historical Writing*, London, Polity Press, 2001, pp. 1-24.

Cabreira, Tomás, *O Algarve Económico*, Lisboa, Imprensa Libânio da Silva, 1918.

Calvo Balado, José: “Obras, Críticas e Impressões”, Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, pp. 246-247.

Calvo Balado, José: “Crítica ao livro *Brisas de Espanha* de Pedro de Freitas”, Em Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, p. 15.

Candé, Roland de, *Diccionario dos Músicos*, Lisboa, Edições 70, 1994.

Carbonell I Guberna, Jaime: “Los Coros de Clavé un ejemplo de música en Sociedad”, Em Aubert, Paul (dir.), *Bulletin d' Histoire Contemporaine de l' Espagne*, Sociétés musicales et chantantes en Espagne (XIX-XX siècles), n.º 20, Centre National de la Recherche Scientifique, Maison des Pays Ibériques, Décembre 1994, p. 68-93.

Carmelo, Luís: “A música dos signos: Da lógica de John Deely à semiose de António Damásio”, Universidade Autónoma de Lisboa, 2000, pp. 4-44, [On-line], <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/carmelo-luis-musica-signos.pdf>>, [consulta: 19 de Agosto de 2007].

Carmelo, Luís: “À luz do deslize da “ipséité” De Ricoeur às demandas reflexivas de Deleuze e Damásio”, Universidade Autónoma de Lisboa, Outubro de 2001, pp. 1-10, [On-line], <<http://bocc.ubi.pt/pag/carmelo-luis-deslize-ipseite.pdf>>, [consulta: 19 de Agosto de 2007].

Carneiro, Roberto (dir.), *Geografia e História de Portugal, Activa Multimedia enciclopédia de consulta*, Lisboa, Lexical, 1997.

Carneiro, Roberto (dir. e coord.), *Memória de Portugal o Milénio Português*, Lisboa, Círculo de Leitores SA, 2001.

Carr, Edward Hallett, *Dostovsky (1821-1881): A New Biography*, New York, Houghton Mifflin, 1931.

Carr, Edward Hallett, *Karl Marx: a Study in Fanaticism*, London, Dent, 1934.

Carr, Edward Hallett, *Michael Bakunin*, London, Macmillan, 1937.

Carr, Edward Hallett, *What is History*, Davies, R. W. (ed.), London, Macmillan, 1986.

Carreiras, Helena: “As Mulheres e a Guerra”, Em Themudo Barrata, Manuel e Severiano Teixeira, Nuno, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, pp. 174-245.

Carrusca, Constâncio: “Obras, Críticas e Impressões”, Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 243.

Carvalho, Isabel Cristina Moura: “Biografia, Identidade e Narrativa: Elementos para uma Análise Hermeneutica”, Em *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 9, n.º 19, Julho 2003, pp. 283-302.

Carvalho, João Soeiro de: “A Nação Folclórica: projecção nacional, política e etnicidade em Portugal”, Em *Revista de Música Transcultural Music Review*, 2, 1996, pp. 1-11, [On-line], <<http://www.sibetrans.com/trans/trans2/soeiro.htm>>, [consulta: 19 de Agosto de 2007].

Carvalho, Mário Vieira de, *O essencial sobre Fernando Lopes-Graça*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1989.

Carvalho, Mário Vieira de, *Pensar é Morrer ou o Teatro de S. Carlos na Mudança de Sistemas Sociocomunicativos desde fins do séc. XVIII aos nossos dias*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993.

Carvalho, Mário Vieira de, *Razão e Sentimento na Comunicação Musical, Estudos Sobre a Dialéctica do Iluminismo*, Lisboa, Antropos, 1999.

Cascudo, Teresa: “Que fazer sem um Camões músico? – Fernando Lopes-Graça e o problema da tradição da música portuguesa”, Em *Revista Portuguesa de Musicologia n.º 6*, Lisboa, 1996, pp. 127-139.

Cascudo, Teresa: “A década da invenção de Portugal na música erudita (1890-1899)”, Em *Revista Portuguesa de Musicologia n.º 10*, Lisboa, 2000, pp. 181-226.

Cascudo, Teresa: “Wagnerismo y Nacionalismo Musical En Portugal: La influencia del Musicografo de Origen Español Antonio Arroyo”, Em Lambea, Mariano, *Revista de Musicología*, Actas del Congreso de la Sociedad Española de Musicología, Oviedo, 17-20 de Noviembre de 2004, pp. 951-960.

Casimiro, Augusto, *Nas Trincheiras da Flandres*, Porto, Edição da Renascença Portuguesa, 1918.

Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas: “Folclorização em Portugal: uma perspectiva”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, pp. 1-21.

Catroga, Fernando, *O Republicanismo em Portugal: Da Formação ao 5 de Outubro de 1910*, Coimbra, Faculdade de Letras, 1991.

Carlyle, Thomas, *The Life of John Sterling*, London, Chapman and Hall, 1851.

Chagas, Manoel Pinheiro, *Diccionario Popular histórico, Geográfico, Mythológico, Biográfico, Artístico, Bibliográfico e Literário*, Lisboa, Lallement Freres, 1876-1886.

Clarke, Desmond M. e Jones, Charles: “Introduction: Liberalism, Nationalism and Self-Determination”, Em Clarke, Desmond M. e Jones, Charles, *The Rights of Nations: Nations and Nationalism in a Changing World*, Cork, Cork University Press, 1999, pp. 1-25.

Claro, Rogério Peres: “Prefácio”, Em Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955, p. [II].

Collinson, Patrick: “The English Reformation, 1453-1534”, Em Bentley, Michael (ed.), *Companion to Historiography*, London, New York, Routledge, 2007, pp. 336-360.

Comellas, José Luis, *Nueva historia de la música*, Madrid, Ediciones Internacionales Universitarias, 2000.

Conde, Idalina: “Portugal em fim de Século Uma modernidade plural”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, pp. 59-70.

Coninck, F. e Godard, F., «L' approche biographique à l' epreuve de l'interprétation. Les formes temporelles de la causalité», Em *Revue française de sociologie*, 31 (1), Janeiro-Março, 1989, pp. 23-53.

Connell, John e Gibson, Chris, *Sound Tracks Popular music, identity and place*, London and New York, Routledge, 2003.

Correia, Mário, *Música Popular Portuguesa: um ponto de Partida*, Coimbra, Edição Centelha - Mundo da Canção, 1984.

Correa Navarro, Mario Rodriguez: “Crítica ao livro *Brisas de Espanha* de Pedro de Freitas”, Em Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, pp. 14-15.

Costa, Carlos dos Santos: “Carta a Pedro de Freitas, Barreiro, 22 de Dezembro de 1978”, Em Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, p. 56.

Cottam, Martha L. e Cottam, Richard W., *National and Politics The Political Behavior of Nation States*, Boulder, London, Lynne Rienner Publishers, 2000.

Couceiro, Henrique Mitchell de Paiva: “Carta de Henrique Mitchell de Paiva Couceiro (monárquico, oficial do exército e político africano), ao Capitão Mário Pessoa, 13-11-1935”, Em Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 72.

Cross, Ian: “Music, Cognition, Culture, and Evolution”, Em Peretz, Isabelle y Zatorre, Robert J., *The Cognitive Neuroscience of Music*, New York, Oxford University Press, 2003, pp. 42-56.

Cruz, João Luís da: “Obras Críticas e Impressões”, Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, pp. 240-242.

Cruz, João Luís da: “Fechando os meus Quadros”, Em Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, pp. 490-492.

Cunha Duarte, Afonso da, *Memórias - São Brás de Alportrel*, Vol. I, S. Brás de Alportrel, Casa da Cultura António Bentes, 2005.

Cunha Duarte, Afonso da, *Terras de Alportrel*, Vol.II, S. Brás de Alportrel, Casa da Cultura António Bentes, 2008.

Cunha Duarte, José da, *Natal no Algarve. Raízes medievais*, Lisboa, Edições Colibri, 2002.

Davis, Natalie Zemon, *Society and Culture in Early Modern France*, New York, Stanford University Press, 1975.

Davis, Natalie Zemon, *The Return of Martin Guerre*, Cambridge, Harvart University Press, 1984.

Davis, Natalie Zemon, *Women on the Margins: Three Seventeenth-century Lives*, Cambridge, Belknap Press, 1995.

De Martín Tenllado, Gonzalo, *Eduardo Ocón El Nacionalismo Musical Español*, Málaga, Ediciones Seyer, 1991.

Dumont, Louis, *Essays on Individualism. Modern Ideology in Antropological Perspective*, Chicago, London, University of Chicago Press, 1992.

Del Castillo, El Duende: “Cartaya en Fiesta”, Em Vásquez, Miguel (ed.), *Feria y Fiestas Cartaya*, Isla Cristina, Artes Gráficas, 1965.

Delanty, Gerard e Kumar, Krishan: “Introduction”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 1-4.

Delante, Gerard: “Nationalism and Cosmopolitanism: The Parox of Modernity”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 357-368.

Denora, Tia, *Music in Everyday Life*, Cambridge, Cambridge University Press, 2000.

Derrida, Jacques, *Acts of Literature*, New York, Routledge, 1992.

Diamond, Larry e Plattner, Marc F. (ed.) *Nationalism Ethnic Conflict, and Democracy*, Baltimore, The Johns Hopkins University Press, 1994.

Digneffe, Françoise e Beckers, Myriam: “Do individual ao social: a abordagem biográfica”, Em Albarello, Luc [et al.], *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva, 1997, pp. 208-245.

Dionísio, Eduarda, “As Práticas Culturais”, Em Reis, António (Coord.), *Portugal: 20 anos de Democracia*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1991, pp.443-489.

Diz González, José: “Crítica ao livro *Brisas de Espanha* de Pedro de Freitas”, Em Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, p. 15.

Drake, Carolin e Bertrand, Daisy: “The Quest for Universals in temporal processing in Music”, Em Peretz, Isabelle y Zatorre, Robert J., *The Cognitive Neuroscience of Music*, New York, Oxford University Press, 2003, pp. 21-41.

Dronberger, Ilse, *The political Thought of Max Weber, in quest of Statesmanship*, New York, Appleton-Century-Crofts, 1971.

Duarte, Angel: “Republicanism y canto coral en el reus de finales de siglo XIX”, Em Aubert, Paul (dir.), *Bulletin d' Histoire Contemporaine de l' Espagne*, Sociétés musicales et chantantes en Espagne (XIX-XX siècles), n.º 20, Centre National de la Recherche Scientifique, Maison des Pays Ibériques, décembre 1994, pp. 94-109.

Duby, Georges, *The Age of the Cathedrals: Art and Society 980-1420* (Levieux, Eleanor e Thompson, Barbara tradutoras), Chicago, University of Chicago Press, 1981.

Duby, Georges, *The Legend of Bouvines*, Cambridge, Polity Press, 1990.

Dumont, L., *Homo Aequalis: genèse et épanouissement de l' ideologie moderne*, Paris, Gallimard, 1976. (Tradução Castellana, *Homo Aequalis*, Taurus, 1982, Madrid).

Dyk, Walker, *Son of Old Man Hat a Navaho Autobiography Recorded*, New York, Harcourt Brace and Co., 1938.

Elder, Glen: “Historia y Traectoria Vital”, Em Marinas, José Miguel [*et al.*], *La Historia Oral: Métodos y Experiencias*, Madrid, Editorial Debate, 1993, pp. 199-230.

Elliot, John, *Imperial Spain*, London, Penguin Books, 1963; Elton, Geoffrey R., *England under the Tudors*, London, Cornwall, 1955.

Engelberg, E. y Schleier, H. (RDA), “Die Biographie in der geschichte des 19 und 20. Jahrhunderts”, *Actas 17.º Congreso de Ciencias Históricas*, Tomo I, Grandes Temas y Metodología. Comité Internacional de Ciencias Históricas – Comité Español de Ciencias Históricas, Madrid, 1990, pp. 209-216.

Epstein, William H. (ed.), *Contesting the Subject: Essays in the Postmodern Theory and Practice of Biographical Criticism*, Indiana, Purdue University Press, 1991.

Ericsson, F.: “Métodos cualitativos de investigación”, Em C. Wittrock, M, *La investigación de la enseñanza*, II, Barcelona, Buenos Aires, México, Paidós, pp. 195-299.

Eriksen, Thomas Hylland, *Ethnicity and Nationalism Anthropological Perspectives*, London, Pluto Press, 1993.

Eriksen, Thomas: “Ethnicity and Nationalism”, Em Spencer, Philip and Wollman, Howard, *Nations and Nationalism A Reader*, New Brunswick, New Jersey, Rutgers University Press, 2005, pp. 135-148.

Erikson, Erik H., *Childhood and Society*, London, 1950; Erikson, Erik H., *Young Man Luther: A Study in Psychoanalysis and History*, New York, 1958.

Escoto, Armando de Mendonça: “Carta a Pedro de Freitas, Lisboa, 29-11-1978”, Em Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, pp. 49-50.

Esteves, Raul, “O Batalhão de Sapadores de Caminho de Ferro na Grande Guerra”, Em *Boletim da C.P.*, Lisboa, Abril de 1931.

Esteves, Raul: “Prefácio”, Em Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, [pp. III-VIII].

Esteves, Raul: “Prefácio”, Em Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*. Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, 1946, p. [X].

Esteves, Raul: “Abertura”, Em Freitas, Pedro de, *Em França: trinta anos depois*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1950, pp. [VII-IX].

F. Marsal, Juan: “El reciente retorno de los inmigrantes españoles en el litoral argentino (1946/1960)”, 1961, Buenos Aires, Consejo Nacional de Investigaciones Científicas, «Integración y coacción en sociología», Em *Revista de Occidente* (Madrid), 22, 1965.

Febvre, Lucien, *Martin Luther: A Destiny* (Tapley, Roberts tradutor), New York, E. P. Dutton & Co, 1929.

Félix, Pedro: “O concurso “A Aldeia Mais Portuguesa de Portugal” 1938”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, pp. 207-233.

Fenton, Steve: “Race ant the Nation”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 192-204.

Féria Sousa, Manuel: “Carta a Pedro de Freitas”, Em Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, p. 12.

Fernandes, Maria Ester: “A História de vida” como instrumento de captação da realidade social”, Em Neto, José Castilho Marques (dir.), *História*, Vol. 12, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, Editora Unesp, 1993, pp. 217-223.

Ferraroti, Franco, “Sur l’ autonomie de la méthode biographique”, Em Duvignaud, J. (dir.), *Sociologie de la connaissance*, Paris, Seuil, 1979, pp. 131-152.

Ferraroti, Franco, *Histoire et histoires de vie. La méthode biographique dans les sciences sociales*, tradução francesa por Marianne Modak, Paris, Méridiens Klincksieck, 1983.

Ferraroti, Franco, *Histoire et histoires de vie. La méthode biographique dans les sciences sociales*, tradução francesa por Marianne Modak, Paris, Méridiens Klincksieck, 1990.

Ferraroti, Franco: “Las biografías como instrumento analítico e interpretativo”, Em Marinas, José Miguel [et al.], *La Historia Oral: Métodos y Experiencias*, Madrid, Editorial Debate, 1993, pp. 129-148.

Ferraroti, Franco: “Sobre la autonomía del método biográfico”, Em Marinas, José Miguel [et al.], *La Historia Oral: Métodos y Experiencias*, Madrid, Editorial Debate, 1993, pp. 121-128.

Ferreira de Castro, Paulo: “O que fazer com o século XIX? Um olhar sobre a historiografia musical portuguesa”, Em *Revista de Musicologia n.º 2*, Lisboa, 1992, pp. 171-183.

Ferreira de Castro, Paulo: “Nacionalismo Musical ou equívocos da Portugalidade”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan (ed.), *Portugal e o Mundo o Encontro de Culturas na Música*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1997, pp. 155-170.

Ferro, António, *Salazar. O Homem e a Obra*, Lisboa, Edições Fernando Pereira, 1982.

Ferro, João Pedro, *A. H. de Oliveira Marques o Homem e o Historiador balanço de seis décadas*, Lisboa, Editorial Presença, 1994.

Ferro, Marc, *A Guerra 1914-1918*, Lisboa, Edições 70, 2002.

Figueiredo, Fidelino de, *Música e Pensamento (Quatro ensaios marginais e um prólogo)*, Lisboa, Guimarães editores, 1958.

Fischer, Beatriz Daudt: “Foucault e Histórias de Vida: Aproximações e Que Tais”, Em *Revista História da Educação Asphe*, Pelotas, Vol. 1, n.º 1, 1997, pp. 5-20, [Online], <http://www.educacaoonline.pro.br/foucault_e_historias.asp>, [consulta: 20 de Agosto de 2007].

Fogel, Robert e Engerman, Stanley L., *Time on the Cross*, 2 Vols., New York, W. W. Norton, 1974.

Fonseca, Gaudêncio José da: “Obras, Críticas e Impressões”, Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 248.

Fontana, Josep, *La Historia después del fin de la Historia*, Barcelona, Crítica, 1992.

Ford, Ch., *Smokes from Their Fires*, New Haven, Yale University Press, 1941.

Foucault, Michel de, *Madness and Civilization: A History of Insanity in the Age of Reason*, New York, Toronto, Random House, 1965.

Fraga, Luís Manuel Alves de: “A Participação de Portugal na Grande Guerra”, Em Medina, João (dir.), *História Contemporânea de Portugal, da Constituição Republicana ao fim do Regime Parlamentar*, Tomo II, Lisboa, Edição Multilar, 1990, pp. 34-53.

Fraga, Luís Manuel Alves de, *La Lys – A última Batalha do Exército Português*, Actas do IV Colóquio A História Militar de Portugal no século XIX, 1993.

Fraga, Luís Manuel Alves de, *Portugal na Grande Guerra. O Recrutamento, a Mobilização e o Roulement nas fileiras de Combate. Factores e números*, Actas do VII Colóquio «O Recrutamento Militar em Portugal», 1996.

Fraga, Luís Manuel Alves de, *Guerra & Marginalidade O Comportamento das Tropas Portuguesas em França 1917-1918*, Lisboa, Prefácio, 2003.

Franco, Mário Lister: “A Modos de Prefácio”, Em Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973, pp. 5-7.

Freeman, Michael: “The Right to National Self-Determination: Ethical Problems and Practical Solutions”, Em Clarke, Desmond M. e Jones, Charles, *The Rights of Nations: Nations and Nationalism in a Changing World*, Cork, Cork University Press, 1999, pp. 45-64.

Freitas, Francisco Anjinho de: “Sr. Redactor”, Em Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas ed., 1946, pp. 32-33.

Frith, Simon: “Hacia una Estética de la Música Popular”, Em Cruces, Francisco, [*et al.*] (ed.), *Las Culturas Musicales*, Madrid, Editorial Trotta, S.A., 2001, pp. 413-435.

Fuchs, Eckhardt: “Conceptions of Scientific History in the Nineteenth-Century”, Em Wong, Q. Edward e Iggers, Georg G., *Turning Points in Historiography: A Cross-Cultural Perspective*, Rochester, University of Rochester Press, 2002, pp. 147-162.

Fukuyama, Francis, *The End of History and the Last Man*, New York, Free Press, 1992.

Gagnon, Nicole: “Sobre el análisis de los relatos de vida”, Em Marinas, José Miguel [*et al.*], *La Historia Oral: Métodos y Experiencias*, Madrid, Editorial Debate, 1993, pp. 35-46.

Garraty, John A. e Carnes, Mark C., *American National Biography*, New York, Oxford University Press, 1999.

Gaulejac, V. de, “Approche sociopsychologique des histoires de vie”, Em *Éducation permanente*, 72-73, Março, 1984, pp.33-45.

Geertz, Clifford, *The Interpretation of Cultures*, London, Basic Books, 1977.

Gellner, Ernest, *Nations and Nationalism*, Oxford, Blackwell, 1983.

Gellner, Ernest, *Dos nacionalismos*, tradução realizada por Telma Costa, Lisboa, Teorema, 1994.

Gilroy, Paul: “Between Camps”, Em Spencer, Philip and Wollman, Howard, *Nations and Nationalism A Reader*, New Brunswick, New Jersey, Rutgers University Press, 2005, pp. 149-162.

Ginzburg, Carlo e Poni, Carlo, “La Micro-Histoire”, *Le Debat*, Decembre 1981, pp. 133-136.

Ginzburg, Carlo, *The Cheese and the Worms: The Cosmos of a Sixteenth-century Miller* (Tedeschi, John tradutor), Baltimore, The Johns Hopkin Press, 1992.

Gonçalves, Joaquim Freitas, *Crónicas Musicais*, Porto, Edições Lopes da Silva, 1944.

Gonçalves, Rita de Cássia e Lisboa, Teresa Kleba: “Trajectórias de Vida: Visibilizando e Reconstruindo a História das Mulheres”, Em *Simpósio Temático História, gênero e trajectórias biográficas. ST 42*, Scheibe Wolff, Cristina [et al.] (org.), *Seminário Internacional Fazendo Género 7: Género e Preconceitos*, Florianópolis, Brasil, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 28-30 de Agosto 2006.

Goodson, Ivor F., *Studyng Teacher's lives. An emergent field of Inquiry*, New York, Teachers College Press, 1992.

Goodson, Ivor F.: “The story so far: personal knowledge and the political”, University of Western Ontario, Em Hatch, J. Amos e Wisniewski, Richard, *Life History and Narrative*, London and New York, RoutledgeFalmer, 1995, pp. 89-98.

Gorski, Philip S.: “Pre-modern Nationalism: An Oxymoron? The Evidence from England”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 143-156.

Green, Anna e Troup, Kathleen, *The houses of history A critical reader in twentieth-century history and theory*, New York, New York University Press, 1999.

Greenfeld, Liah: “Modernity and Nationalism”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 157-168.

Green, John Richard, *A Short History of the English People*, New York, Harper & Brothers, 1875.

Grilo, João Mário: “Gestos & Fragmentos. Cronologia Crítica do «Cinema de Guerra» Português”, Em Themudo, Manuel Barata e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, pp. 440-480.

Guereña, Jean-Louis: “Presentation”, Em Aubert, Paul (dir.), *Bulletin d' Histoire Contemporaine de l' Espagne*, Sociétés musicales et chantantes en Espagne (XIX-XX siècles), n.º 20, Centre National de la Recherche Scientifique, Maison des Pays Ibériques, Décembre 1994, pp. 34-37.

Guereña, Jean-Louis: “Les orphéons socialistes et leur répertoire au début du XX siècle”, Em Aubert, Paul (dir.), *Bulletin d' Histoire Contemporaine de l' Espagne*, Sociétés musicales et chantantes en Espagne (XIX-XX siècles), n.º 20, Centre National de la Recherche Scientifique, Maison des Pays Ibériques, Décembre 1994, pp. 112-127.

Guerreiro, Aníbal Cruz, “Crónicas Algarvias”, Em *O Algarve*, Faro, 18-01-1984.

Guibernau, Montserrat e Hutchinson, John: “Introduction”, Em Guibernau, Montserrat e Hutchinson, John (ed.), *Understanding Nationalism*, Cambridge, Polity Press, 2001, pp. 1-8.

Hans, Kohn, *Historia del nacionalismo*, México, Madrid, Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, Sección de Obras de Historia, 1994.

Hanslick, Eduard, *Do Belo Musical Um Contributo para a Revisão da Estética da Arte dos Sons*, Lisboa, Edições 70, 1994.

Harding, Vicent, *Martin Luter King, the inconvenient hero*, New York, Orbis Books, 1996.

Harding, Vicent, *We Changed the World: African Americans, 1945-1970*, New York, Oxford University Press, 1997.

Hargreaves, David J. e North, Adrian C. (ed.), *The Social Psychology of Music*, New York, Oxford University Press, 1997.

Harrington, M. R.: “The Life of a Lenape Boy”, Em *Pennsylvania Archaeologist*, n.º 3, Pennsylvania, 1933, pp. 3-8.

Hatch, J. Amos e Wisniewski, Richard, *Life History and Narrative*, London and New York, RoutledgeFalmer, 1995.

Hatch, J. Amos e Wisniewski, Richard: “Life history and narrative: questions, issues, and exemplary works”, University of Tennessee, Em Hatch, J. Amos e Wisniewski, Richard, *Life History and Narrative*, London and New York, RoutledgeFalmer, 1995, pp. 113-135.

Haugaard, Mark: “Nationalism and Liberalism”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 345-356.

Heloisa, Paulo, *Estado Novo e Propaganda em Portugal e no Brasil. O SPN/SNI e o DIP*, Coimbra, Livraria Minerva, 1994.

Herndon, M. y McLeod, N., *Music as Culture*, Norwood, PA, 1982.

Higham, John, *History: Professional Scholarship in America*, Baltimore, Johns Hopkins University Press, 1983.

- Hill, Christopher, *The English Revolution 1640: An Essay*, London, 1955.
- Hill, Christopher, *The World Turned Upside Down*, London, Penguin Books, 1972.
- Hintze, Otto, *The historical essays of Otto Hintze* (Abhandlungen, Gesammelte tradutor), New York, Oxford University Press, 1975.
- Hobsbawm, E. J., *Nations and Nationalism since 1780 Programme, Myth, Reality*, Cambridge, University of Cambridge Press, 1990.
- Hobsbawm, Eric J., *Nation and Nationalism since 1780: Programme, Myth, Reality*, New York, Cambridge University Press, 1999.
- Huron, David: “Is Music an Evolutionary Adaptation?”, Em Peretz, Isabelle y Zatorre, Robert J., *The Cognitive Neuroscience of Music*, New York, Oxford University Press, 2003, pp. 57-75.
- Hutchinson, John: “Hot and Banal Nationalism: The Nationalization of ‘the Masses’”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 295-306.
- Hutton, Ronald: “Revisionism in Britain”, Em Bentley, Michael (ed.), *Companion to Historiography*, London, New York, Routledge, 2007, pp. 377-391.
- I Pérez, Josep Martí: “Música y Etnicidad: una intriducción a la problemática”, Em *Revista Transcultural de Música - Transcultural Music Review*, n.º 2, 1996, pp. 1-15.
- Ibarra C., Hernán: “Acerca del Localismo Ecuatoriano”, Em *Ecuador Debate*, n.º 65, Fredy Rivera Velez (ed.), Quito-Ecuador, Agosto, 2005, [On-line], <<http://www.dlh.lahora.com.ec/paginas/debate/paginas/debate1407.htm>>, [consulta: 19 de Agosto de 2007].

Iggers, Georg G., *Historiography in the Twentieth Century From Scientific Objectivity to the Postmodern Challenge*, Middletown, Connecticut, Wesleyan University Press, 2005.

Iggers, Georg G. e Wang, Q. Edward, *A Global History of Modern Historiography*, Harlow, Pearson Longman, 2008.

Ignatieff, Michael: “Nationalism and the Narcissism of Minor Differences”, Em Beiner, Ronald (ed.), *Theorizing Nationalism*, New York, State University of New York Press, 1999, pp. 91-102.

INATEL, *Bandas, Coros, Escolas de Música 1*, Lisboa, Instituto Nacional para Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores (INATEL), 1996.

INATEL, *Bandas, Coros, Escolas de Música 2*, Lisboa, Instituto Nacional para Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores (INATEL), 1998.

Iria, Alberto: “Obras, Críticas e Impressões”, Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 247.

Iria, Alberto: “Carta a Pedro de Freitas, Lisboa, 19-11-1978”, Em Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, p. 53.

J. Pujadas, Juan: “El método biográfico y los géneros de la memoria”, Universidad Rovira i Virgili, Em *Revista de Antropologia Social*, n.º 9, 2000, pp. 127-158, [Online], <<http://www.ucm.es/BUCM/revistas/cps/1131558x/articulos/RASO0000110127A.PDF>>, [consulta: 19 de Agosto de 2007].

Jerónimo, Rui Moura: “A Música Popular Tradicional do Algarve – Contributos para o seu estudo”, Em *Algarve Tradições Musicais I*, Faro, Grupo Musical de Santa Maria Casa da Cultura António Bentes (ed.), 1995, pp. 17-33.

Johnson, Allen (ed.), *Dictionary of American biography under the auspices of the American Council of Learned Societies*, New York, Scribner, 1928.

Jorgensen, Stelle R., *Transforming Music Education*, Bloomington, Indiana University Press, 2003.

Josso, Marie-Christine: “História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos”, Universidade de Genève, Em *Educação e Pesquisa*, São Paulo, Vol. 25, n.º 2, Julho-Dezembro de 1999, pp. 11-23, [On-line], <<http://www.doaj.org/>>, [consulta: 19 de Agosto de 2007].

Justos, “A Inauguração da Escola Profissional «Engenheiro Álvaro Lima Henriques» - no Barreiro”, Em *O Trabalho Ferroviário*, Barreiro, Março, 1943.

Kastner, Macario Santiago de, *Música hispânica: o estilo do Padre Manuel Rodrigues Coelho e a interpretação da música para tecla desde 1450 até 1650*, Lisboa, Ática, 1936.

Kellas, James G., *The Politics of Nationalism and Ethnicity*, New York, ST. Martin's Press, 1998.

King, Anthony: “Nationalism and Sport”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 249-259.

Kohli, Martin: “Biografía: Relato, texto, método”, Em Marinas, José Miguel [*et al.*], *La Historia Oral: Métodos y Experiencias*, Madrid, Editorial Debate, 1993, pp. 171-183.

Konecki, Krzysztof T. e Kacperczyk, Anna M. [et al.]: “Polish Qualitative Sociology: The General Features and Development”, Em *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research*, Vol. 6, n.º 3, Art. 27, Setembro, 2005, pp. 1-21, [On-line Journal], <<http://www.qualitative-research.net/fqs-texte/3-05/05-3-27-e.htm>>, [consulta: 30 de Janeiro 2007].

Kramer, Lloyd, *Nationalism Political Cultures in Europe and America 1775-1865*, London, Twayne Publishers, 1998.

Lacoste, Camille: “Biographies”, em *Critiques et politiques de l’anthropologie*, Paris, Maspero, 1974, p. 47, Em Creswell, R. e Godelier, M. (eds.), *Outils d’enquête et d’analyse anthropologiques*, Paris, Maspero, 1976, pp. 102-104.

Langman, Laurel: “The Social Psychology of Nationalism: To Die for the Sake of Strangers”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 66-83.

Langness, Lewis L., *The Life History in Anthropological Science*, New York, Holt, Rinehart&Winston, 1965.

Langness, Lewis L. e Frank, Gelva, *Lives An Anthropological approach to biography*, Novato, California, Chandler & Sharp Publishers, 1988.

Lapa, João Faria: “Obras, Críticas e Impressões”, Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, pp. 247-248.

Lawrence Stone, *Causes of the English Revolution 1529-1642*, London, Routledge, 1972.

Lécuyer, Marie-Claude: “Musique et sociabilité Bourgeoise en Espagne au milieu du XIX siècle”, Em Aubert, Paul (dir.), *Bulletin d' Histoire Contemporaine de l' Espagne*, Sociétés musicales et chantantes en Espagne (XIX-XX siècles), n.º 20, Centre National de la Recherche Scientifique, Maison des Pays Ibériques, décembre 1994, pp. 48-56.

Leeds, Anthony, *Cities, Classes, and the Social Order*, Sanjek, Roger (ed.), Ithaca, Cornell University Press, 1994

Lefebvre, Georges, *The Great Fear of 1789: Rural Panic in Revolutionary France* (White, Joan tradução), London, NLB, 1973.

Leite, Carolina: “Conto e Histórias de Vida nas Ciências Sociais”, Em Martins, Manuela (dir.), *Comunicação e Sociedade 1*, Vol. 12, n.º 1, 2, Braga, Edição Cadernos dos Noroeste, 1987, pp. 219-229.

Levi, Giovanni, *Sobre microhistoria*, Biblos, Buenos Aires, 1993.

Levi, Giovanni: “On Microhistory”, Em Burke, Peter (ed.), *New Perspectives on Historical Writing*, London, Polity Press, 2001, pp. 97-119.

Lewis, Oscar, *The Children of Sánchez: autobiography of a Mexican family*, Canada, Random House, 1961.

Lewis, Oscar, “The culture of Poverty”, *The Scientific American*, n.º 4, 1966.

Lewis, Oscar, *Five Families: Mexican Case Studies in the Culture of Poverty*, Canada, Harpercollins Canada – Basic Books, 1975.

Le Goff, Jacques, *Time, Work and Culture in the Middle Ages* (Goldhammer, Arthur tradutor), Chicago, University of Chicago Press, 1980.

Le Goff, Jackes, *Saint Louis* (Gollrad, Gareth Evan tradutor), Notre Dame, University of Notre Dame Press, 2008.

Le Roy Ladurie, Emmanuel, *The Peasants of Languedoc* (John, Day tradutor) Urbana, University of Illinois Press, 1974.

Le Roy Ladurie, Emmanuel, *Les Paysans de Languedoc*, Paris, Mouton, 1966.

Le Roy Ladurie, Emmanuel, *The Territory of the Historian*, Chicago, Chicago University Press, 1979.

Levitin, Daniel J., *The World in Six Songs How the Musical Brain Created Human Nature*, New York, Penguin, 2008.

Lévi Strauss, Claude, *The Savage Mind (Nature of Human Society)*, Chicago, The University Chicago Press, 1966.

Liberal, João, *Da Minha Terra*, Vol. I, Barreiro, Câmara Municipal do Barreiro, 1988.

Liberal, João, *Da Minha Terra*, Vol. II, Barreiro, Câmara Municipal do Barreiro, 1996.

Liberal, João, *Histórias Breves de Antigamente*, Barreiro, Edição João Liberal, 1999.

López-Barajas Zayas, Emilio: “Prólogo”, Em López-Barajas Zayas, Emilio (ed.), *Las Historias de vida y la investigación biográfica*, Madrid, Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1996, pp. 7-8.

López-Barajas Zayas, Emilio: “Las Historias de la vida fundamentos y metodología”, Em López-Barajas Zayas, Emilio (ed.), *Las Historias de vida y la investigación biográfica*, Madrid, Universidad Nacional de Educacion a Distancia, 1996, pp. 9-27.

Lopes-Graça, Fernando, *Introdução à música moderna*, Lisboa, Edição Cosmos, 1942.

Lopes-Graça, Fernando, *A Música Portuguesa e os seus Problemas*, Vol. 1, Porto, Edições Lopes da Silva, 1944.

Lopes-Graça, Fernando, *A Música Portuguesa e os seus Problemas II*, Lisboa, Caminho, 1989.

Lopes-Graça, Fernando, *Nossa Companheira Música*, Lisboa, Editorial Caminho, 1992.

López Galán, Juan Salvador: “El método en las obras del sociólogo Juan F. Marsal”, Em *Gazeta de Antropología*, n.º 12, 1996, pp. 1-14.

Lyotard, Jean-François, *The Postmodern Condition: A Report on Knowledge* (Benington, Geoff e Massumi, Brian tradutores), *Theory and History of Literature*, Vol. 10, Minnesota, University of Minnesota Press, 1999.

Macdonald, Raymond A. R.; J. Hargreaves, David; e Miell, Dorothy (ed.), *Musical Identities*, New York, Oxford University Press, 2002.

Mackinnon, Nial, *The British Folk Scene Musical Performance and social Identity*, Buckingham, Philadelphia, Open University Press, 1994.

Malešević, Siniša: “Nationalism and the Power of Ideology”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 307-319.

Malheiro, José, *Associativismo Popular originalidade do Povo Português*, Almada, Câmara Municipal de Almada, 1996.

Man, Paul de, *Critical Writings 1953-1978*, Minnesota, University of Minnesota Press, 1989.

Marinas, José Miguel [et al.], *La Historia Oral: Métodos y Experiencias*, Madrid, Editorial Debate, 1993.

Marques, Isabel Pestana: “O Algarve e a Grande Guerra”, Em Maia Marques, Maria da Graça, *O Algarve da Antiguidade aos nossos dias (elementos para a sua história)*, Lisboa, Edições Colibri, 1999, pp. 483-489.

Marques, Isabel Pestana: “1914-1918. Comportamentos de Guerra”, Em Themudo Barata, Manuel e Severiano Teixeira, Nuno, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, pp. 99-135.

Marratzu, Priamo: “Nacionalismo e homogeneidade cultural: a importância dos media”, Mestre em Relações Internacionais pela Universidade Fernando Pessoa, Novembro de 2006, pp. 1-8, [On-line], <<http://bocc.ubi.pt/pag/marratzu-priamo-nacionalismo-homogeneidade-cultural.pdf>>, [consulta: 14 Novembro 2006].

Martínez R., Rusbel: “El puesto de la racionalidad en las ciencias sociales desde la perspectiva de Jon Elster”, Em *Revista Cuadrante PHI*, n.º 6, Pontificia Universidade Javeriana Bogotá D.C., Colombia, Julho 2002 – Abril 2004.

Martins, Ferreira, *História do Exército Português*, Lisboa, Editorial Inquérito Limitada, 1945.

Martins, Isilda Maria Renda, *Loulé no século XX, Da Decadência da Monarquia à implantação da República*, Vol. I, Loulé, Edições Colibri, 2001.

Martins, Isilda Maria Renda, *Loulé no século XX, A Primeira República 1910 a 1926*, Vol. II, Lisboa, Coleção Millennium, 2004.

Martins, Isilda Pires, e Matos, José Luís de, *Muralhas de Loulé*, Loulé, reedição da Câmara Municipal de Loulé, 1990.

Martins, José Pedro de Jesus: “Raízes da Música Tradicional do Algarve”, Em *Algarve Tradições Musicais I*, Faro, Grupo Musical de Santa Maria Casa da Cultura António Bentes (ed.), 1995, pp. 7-15.

Martins, Luís Augusto Ferreira, *Portugal na Grande Guerra O 9 de Abril de 1918 e o Marechal Hindemburgo*, Lisboa, J. Rodrigues Editores, 1924.

Martins, Luís Augusto Ferreira, *História do Exército Português*, Lisboa, Editorial Inquérito Limitada, 1945.

Martins, Luísa Fernanda Guerreiro e Cabanita, João Coelho, “Mãe Soberana”, texto actualizado a 11 de Setembro de 2006, *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, Em site intitulado *Loulé Concelho*, [on-line], <http://www.cm-loule.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=120&Itemid=102>, [consulta: 7 de Janeiro de 2009].

Mosse, George L., *La Nacionalización de las Masas: Simbolismo Político y Movimientos de Masas en Alemania desde las Guerras Napoleónicas al Tercer Reich*, Argentina, Siglo XXI Editores, 2007.

Matos, Helena, *Salazar: A Propaganda*, Vol. 2, Lisboa, Temas e Debates, 2004.

Mattoso, José (dir.), *História de Portugal, A segunda Fundação*, Vol. 6, Lisboa, Editorial Estampa, 1994.

Mattoso, José (dir.), *História de Portugal, O Estado Novo*, Vol. 7, Lisboa, Editorial Estampa, 1994.

Maximino, Paulo: “A Figura do Campino”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, pp. 375-383.

McCrone, David: “Nations and Regions: In or Out of the State?”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 237-248.

Mckim, Robert e McMahan, Jeff (ed.), *The Morality of Nationalism*, New York, Oxford, Oxford University Press, 1997.

Mead, Georg Herbert, *Mind, Self, and Society*, Chicago, University of Chicago Press, 1934.

Mead, Georg Herbert, *The individual and the Social Self: Unpublished Essays by G. H. Mead*, Chicago, University of Chicago Press, 1982.

Melo, Daniel, *Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)*, Viseu, Imprensa de Ciências Sociais, 2001.

Melo, Daniel: “A FNAT entre Conciliação e Fragmentação”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, pp. 37-57.

Melo, Daniel: “O Concurso “A Aldeia mais Portuguesa de Portugal” (1938)”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, pp. 207-232.

Méndez, Rafael: “Diccionario del Siglo XX”, Em Méndez Andreu, Rafael (dir.), *Feria y Fiestas Cartaya 2000*, Cartaya, Ayuntamiento de Cartaya, Septiembre-October 2000, p. 30.

Merriam, Alan P., *The Antropology of Music*, Evanstone (Illinois), Northwestern Univerty Press, 1964.

Merriam, Alan P., “Definitions of Comparative Musicology. An Historical Theoretical Perpective”, Em *Ethnomusicology* XXI, 1977, pp.189-204.

Merriam, Alan P.: “*Etnomusicology: Discussion and Definition of the Field*”, Em Shelemay, Kaufman (ed.), *Etnomusicology: History, Definitions, and Scope of Ethnomusicology*, Vol. 1, New York&London: Garland Publishing, 1990, pp.63-69.

Mila, Massimo, *Breve historia de la música* (traducción de Manuel Valls Gorina), Barcelona, Ediciones Península, 2003.

Miller, G.: “Evolution of human music through sexual selection”, Em L. Wallin, N., Merker, B., e Brown, S. (eds.), *The Origins of Music*, Cambridge, MA, MIT Press, 2000, pp. 329-360.

Mintz, Sidney Wilfred, *Worker in the Cane: A Puerto Rican Life History*, New York, Norton Company, 1974.

Monteiro, Carlos: “Abertura”, Em Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. [VII].

Moore, Margaret: “On National self-determination”, Em Spencer, Philip and Wollman, Howard, *Nations and Nationalism A Reader*, New Brunswick, New Jersey, Rutgers University Press, 2005, pp. 221-236.

Moradiellos, Enrique, *El oficio de historiador*, Madrid, Siglo Veintiuno de España Editores, S. A., 2003.

Morales Bernal, M.: “Crítica ao livro *Brisas de Espanha* de Pedro de Freitas”, Em Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, p. 13.

Morales Moya, Antonio: “Biografía y narración en la Historiografía actual”, Em Sánchez Nistal, José María [et. al.], *Problemas Actuales de la Historia*, Salamanca, Ediciones Universidad, 1993, pp. 229-257.

Morales Muñoz, Manuel: “Sociedades Musicales y Cantantes en Andalucía”, Em Aubert, Paul (dir.), *Bulletin d' Histoire Contemporaine de l' Espagne*, Sociétés musicales et chantantes en Espagne (XIX-XX siècles), n.º 20, Centre National de la Recherche Scientifique, Maison des Pays Ibériques, Décembre 1994, pp. 57-66.

Moreira, António e Pedrosa, Alcino, *As Grandes Datas de História de Portugal*, Lisboa, Editorial Notícias, 1993.

Morin, Françoise: “Prácticas Antropológicas e Histórias de vida”, Em Marinas, José Miguel [et al.], *La Historia Oral: Métodos y Experiencias*, Madrid, Editorial Debate, 1993, pp. 81-107.

Morin, Louis, *La méthodologie de l' histoire de vie II*, Quebec, Institut Supérieur des Sciences Humaines, Université Laval, 1975, p. 55.

Mota, Mário: “Impressões várias”, Em Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, 1946, p. 18.

Moura, Vasco Graça: “A Guerra na Literatura Portuguesa”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, pp. 248-267.

Mukuna, Kazadi Wa: “Abordagem Interdisciplinar em Etnomusicologia”, Em *Novas Perspectivas em Etnomusicologia* (Seminário), Lisboa, Ministério da Educação, 1989, pp. 23-25.

Muir, Edward e Ruggiero, Guido, *Microhistory and the Lost Peoples of Europe*, Baltimore, The Johns Hopkins Press, 1991.

Myers, Helen P.: “Etnomusicología”, Em Cruces, Francisco, [et al.] (ed.), *Las Culturas Musicales*, Madrid, Editorial Trotta, S.A., 2001, pp. 19-39.

Negreiros, António Almada, *Portugal na Grande Guerra (Crónicas dos Campos de Batalha)*, Paris, Livraria Garnier Frères, 1917.

Nery, Rui Vieira e Ferreira de Castro, Paulo, *História da Música*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1991.

Nikolas, Mary Margareta: “False Opposites in Nationalism: An Examination of the Dichotomy of Civic Nationalism and Ethnic Nationalism in Modern Europe”, Em *The Nationalism Project: False Opposites in Nationalism*, Madison, Centre for European Studies Monash University, 2000, pp. 1-95.

Nunes, Catarina Silva: “Documentarismo e Folclorização”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, pp. 227-306.

Nunes, Joaquim António, “Prefácio”, Em Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978, pp. [IX-XI].

Ó, Jorge Ramos do, *O Dispositivo Cultural nos anos da Política do Espírito (1933-1949): Ideologia, instituições, agentes e práticas*, Lisboa, Estampa, 1993.

Ó, Jorge Ramos do, *Os anos de Ferro: O dispositivo cultural durante a “Política do Espírito” 1933-1949*, Lisboa, Editorial Estampa, 1999.

Ochoa Ángel, Jaime: “Las historias de vida: un balcón para leer lo social”, Em *Razón y Palabra*, n.º 5, año 1, Diciembre-Enero, 1996-97, pp. 1-12.

Oliveira, Miguel de: “Fantasia Os Clarins-Bailado”, Em Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978, p. 38.

Oliveira, Ataíde, *Monografia do Concelho de Loulé*, Loulé, Algarve em Foco Editora, 1998.

Ornellas, Fernando de Souza Carlos d' (dir.): “Os Antigos Combatentes de Sapadores de Caminhos de Ferro realizam em Cascais no dia 3 de Maio um Banquete de Confraternização”, Em *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, Lisboa, 16-04-1935, pp. 169-171.

Ornellas, Fernando de Souza Carlos d' (dir.): “Os antigos combatentes de Sapadores de Caminhos de Ferro realizaram a sua anunciada festa em Cascais com uma Apoteose digna do maior Elogio por parte das autoridades e Entidades Particulares”, Em *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, Lisboa, 16-05-1935, pp. 217-222.

Ornellas, Fernando de Souza Carlos d' (dir.): “300 Homens de Sapadores de Caminhos de Ferro que fizeram a Grande Guerra reúnem-se em Sintra e Colares”, Em *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, Lisboa, 01-05-1936, pp. 251-255.

Ornellas, Fernando de Souza Carlos d' (dir.): “Os Combatentes do Antigo Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro reuniram-se numa Festa de Confraternização para solenizar o seu regresso à pátria após a Grande Guerra”, Em *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, Lisboa, 16-05-1936, pp. 277-279.

Ornellas, Fernando de Souza Carlos d' (dir.): “Os Antigos Combatentes na Flandres fizeram uma jornada patriótica a Guimarães, em cuja histórica cidade se efectuou o anual banquete de confraternização”, Em *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, Lisboa, 16-05-1937, pp. 254-259.

Ornellas, Fernando de Souza Carlos d' (dir.): “Os componentes do antigo Batalhão de Sapadores, acompanhados pelo seu comandante General Raul Esteves são recebidos triunfalmente no Algarve”, Em *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, Lisboa, 16-05-1938, pp. 231-237.

Pablo Minville, Juan, “Holismo e individualismo metodológico en la sociología clásica y contemporánea”, Março 2006, pp. 1-11, [On-line], <<http://www.monografias.com/trabajos30/holismo-individualismo-metodologico-sociologia-clasica/holismo-individualismo-metodologico-sociologia-clasica.shtml>>, [consulta: 30 de Janeiro de 2007].

Pahissa, Jaime, *Sendas y Cumbres de la música española*, Buenos Aires, Hachette, 1955.

Pais, José Machado e Marques, A. H. de Oliveira, *Sousa Martins e as suas memórias sociais sociologia de uma crença popular*, Lisboa, Gradiva, 1994.

Paiva, Jerónimo Marciano da Silveira, “Concepção da Vida Social Ferroviária no passado e no presente”, Em *O Trabalho Ferroviário*, Barreiro, Março 1944.

Park, Robert Ezra, *The Immigrant Press and Its Control The Immigrant Press and Its Control*, New York, Harper & Brothers, 1922.

Park, Robert Ezra, *Human Migration and the Marginal Man*, Em *American Journal of Sociology*, n.º 33, 1928, pp. 881-893.

Pastor López, Luis: “Crítica ao livro *Brisas de Espanha* de Pedro de Freitas”, Em Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, p. 13.

Pekacz, Jolante T.: “Memory, History and Meaning: Musical Biography and its Discontents”, *Journal of Musicological Research*, n.º 23, London, Routledge, Taylor & Francis Group, 2004, pp. 39-80.

Pereira, Paulo: “A Guerra e a Arte no Contexto Português”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, pp. 352-414.

Pinto, Raul R., *Loulé Roteiro Guia Histórico turístico Comercial e Industrial do Concelho*, Loulé, Gráfica Ideal Águeda, 1951.

Pinto, Raul: “*Duas Palavras sobre Pedro de Freitas (da 1.ª Edição)*”, Em Freitas, Pedro de *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.ª (ed.), 1991, pp. 10-11.

Poirier, Jean, Clapier-Valladon, Simone e Raybaut, Paul, *Histórias de Vida Teoria e Prática*, Oeiras, Celta Editora, 1995.

Prins, Gwyn: “*Oral History*”, Em Burke, Peter (ed.), *New Perspectives on Historical Writing*, London, Polity Press, 2001, pp. 120-156.

Pumfrey, Stephen: “*The Scientific Revolution*”, Em Bentley, Michael (ed.), *Companion to Historiography*, London, New York, Routledge, 2007, pp. 293-306.

Quintinha, Julião, *No Fim da Guerra (Um Sonho)*, Lisboa, Casa Ventura Abrantes Livraria Editora, 1917.

Quintinha, Julião: “*A Música e a sua expressão popular*”, Em Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, 1946, pp. 13-15.

Quintinha, Julião: “*Obras, Críticas e Impressões*”, Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, pp. 243-245.

Radin, P.: “*The Autobiography of a Winnebago Indian*”, Em *University of California Publications in American Archaeology and Ethnology*, n.º 16, California, University of California, 1920, pp. 381-473.

Ramos, Ribeiro: “Carta do Vice-Presidente Ribeiro Ramos, Loulé, 18-12-1938”, Em Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*. Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 35.

Ramos, Ribeiro: “Carta do Vice-Presidente Ribeiro Ramos, Loulé, 30-12-1938”, Em Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 36.

Ramos, Rui, *História de Portugal VI. A Segunda Fundação*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994.

Ramos, Rui: “*As guerras da República (1911-1917)*”, Em Mattoso, José (dir.), *História de Portugal: A Segunda Fundação*, Vol. 6, Lisboa, Editorial Estampa, 1994, pp. 432-527.

Ramos, Rui: “A Ciência do Povo e as Origens do Estado Cultural”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, pp. 25-35.

Ranke, Leopoldo von, *Theory and Practice of History*, Em Iggers, Georg G. e Molke, Konrad von (ed.), [Iggers, Wilma A. e Molke, Konrad von tradutores para inglês], Indianapolis, Bobs-Merril, 1973.

Ransome, Cyril (ed.), *The Battles of Frederick the Great: Abstracted from Thomas Carlyle's biography of Frederick the Great*, New York, Scribner, 1892.

Raposo, Paulo: “Teatro Popular”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, pp. 323-335.

Redero San Román, Manuel: “Del Franquismo a la Democracia”, Em Morales Moya, Antonio e Esteban de Vega, Mariano (eds.), *La Historia Contemporánea en España: Primer Congreso de Historia Contemporánea de España*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 1992, pp. 281-295.

Requejo Osorio, Agustín e Cortizas Rodríguez, Carmen: “Las Historias de vida en Educación de Adultos”, Em López-Barajas Zayas, Emilio (ed.), *Las Historias de vida y la investigación biográfica*, Madrid, Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1996, pp. 29-47.

Revel, Jacques: “Microanálisis y construcción de lo social”, Em *Anuario del IEHS*, n.º 10, Tandil, Argentina, 1995.

Ricoeur, Paul, *Tempo e narrativa (tomo III)*, São Paulo, Papirus, 1997.

Rocamora, José Antonio, *El Nacionalismo Ibérico 1792-1936*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 1994.

Roche, Maurice: “Nations, Mega-events and International Culture”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 260-272.

Rodríguez, Celestino e Méndez, Rafael: “Cartaya en Fiesta. El hallazgo de una partitura”, Em *Cartaya Revista de Feria 2008*, Cartaya, Ayuntamiento de Cartaya, 2008, p. 177.

Rodrigues, J. António: “*Melhoramentos Locais Associações e instrução*”, Em Valegas, Augusto Pereira (ed.), *Um Olhar sobre o Barreiro*, n.º 1, Dezembro 1987, Barreiro, Tipografia Belgráfica, 1987, p. 47.

Rosas, Fernando (coord.), *Nova História de Portugal: Portugal e o Estado Novo (1930-1960)*, Vol. XII, Lisboa, Editorial Presença, 1990.

Rousseau, Jean-Jacques, *On the Social Contract*, tradução por Donalt A. Cress, Indiana, Hackett Publishing Company, 1987.

Salvetti, Guido, *Historia de la Música, 10, El Siglo XX*, tradução por Carlos Alonso, Madrid, Turner Musica, 1986.

Sánchez Nistal, José María [et. al.], *Problemas Actuales de la Historia*, Salamanca, Ediciones Universidad, 1993.

Sánchez Valle, Ignacio: “O Metodo Biográfico: El Educador”, Em López-Barajas Zayas, Emilio (ed.), *Las Historias de vida y la investigación biográfica*, Madrid, Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1996, pp. 199-213.

Santos, José Rodrigues dos, *Crónicas de Guerra da Crimeia a Dachau*, Lisboa, Gradiva, 2002.

Santos, José Rodrigues dos: “Notícias da Frente – História dos Correspondentes de Guerra Portugueses nos Grandes Conflitos Internacionais”, Em Barata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, pp. 268-351.

Saraiva, José Hermano, *História de Portugal*, Lisboa, Publicações Alfa, 1993.

Saraiva, José Hermano, *História de Portugal*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1998.

Sardinha, António José, *De Vita et Moribus. Casos & Almas*, Lisboa, Ferin, 1931.

Sardinha, António José, *Ao Princípio era o Verbo*, Lisboa, Edições Gama, 1940.

Sardinha, António José, *À sombra dos Pórticos [1927]*, Lisboa, Restauração, 1961.

Sartre, Jean-Paul, *Questions de méthode*, Paris, Gallimard, 1986.

Saussure, Ferdinand de, *Course in General Linguistics* (Harris, Roy tradutor e editor), London, Open Court, 1998.

Scott, Joan W.: “Women’s History”, Em Burke, Peter (ed.), *New Perspectives on Historical Writing*, London, Polity Press, 2001, pp. 43-70.

- Searle-White, Joshua, *The Psychology of Nationalism*, New York, Palgrave, 2001.
- Seeguer, Anthony, *Why Suyá Sing: A Musical Anthropology of an Amazonian People*, Cambridge University Press, 1987.
- Seeger, Antony: “Music and Dance”, Em Ingold, T. (ed.), *Companion Encyclopedia of Anthropology*, London, Routledge, 1994, pp. 686-705.
- Seromenho, Margarida: “A Federação Do Folclore Português A reconstituição do folclore em democracia”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, pp. 245-251.
- Serrão, Joaquim Veríssimo, “A Participação de Portugal na I Guerra Mundial”, Em *História de Portugal: A Primeira República (1910-1926)*, Vol. XI, Lisboa, Editorial Verbo, 1995, pp. 204-206.
- Serrão, Joaquim Veríssimo, *Historia de Portugal A Primeira República (1910-1926)*, Vol. X, Lisboa, Editorial Verbo, 1995.
- Sherman, Steven J. e Crawford, Matthew T. [et al.]: “Social Inference and Social Memory: The Interplay Between Systems”, Em Hogg, Michael A. e Cooper, Joel (ed.), *The Sage Handbook of Social Psychology*, Los Angeles, London, Sage Publications, 2007, pp. 45-67.
- Silva, Augusto Santos, *Tempos Cruzados: Um estudo Imperativo da Cultura Popular*, [s.l.], Edições Afrontamento, 1994.
- Silva, José Bento da, *Bandas de Música do Concelho da Póvoa de Lanhoso, Subsídios para a sua História*, Póvoa do Lanhoso, Cadernos Culturais Associação Cultural da Juventude Povoense, Dezembro 1992.

Silva, Manuel Deniz: “Usos e Abusos do Folclore Musical Pela Mocidade Portuguesa”, Em Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Branco, Jorge Freitas (org.), *Vozes do Povo A Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2003, pp. 255-263.

Silva, Miguel Franquet dos Santos: “O contributo da comunicação para a constituição de “si mesmo”, *Seminário de Licenciatura em Comunicação Social e Cultural*, Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Ciências Humanas, Setembro 2001, pp. 1-47, [On-line], <<http://bocc.ubi.pt/pag/franquet-miguel-comunicacao-si-mesmo.html>>, [consulta: 19 de Agosto de 2007].

Small, Christopher e Walser, Robert, *Music, Society, Education*, Hanover, University Press of New England, 1996.

Smith, Anthony D., *National Identity*, Reno, Las Vegas, London, University of Nevada Press, 1991.

Smith, Anthony D.: “Gastronomy or geology? The role of the reconstruction of nations”, Em *Journal Nations and Nationalism 1*, n.º 1, Cambridge University Press, 1994, pp. 3-23.

Smith, Anthony D., *Nationalism and Modernism: A critical survey of recent theories of nations and nationalism*, London and New York, Routledge, 1998.

Smith, Anthony D.: “Social and Religious Origins of Nations”, Em Clarke, Desmond M. e Jones, Charles, *The Rights of Nations: Nations and Nationalism in a Changing World*, Cork, Cork University Press, 1999, pp. 26-44.

Smith, Anthony D., *The Nation in History: Historiographical Debates about Ethnicity and Nationalism*, Hanover, University Press of New England, 2000.

Smith, Anthony D.: “Nations and History”, Em Guibernau, Montserrat, Hutchinson, John (ed.), *Understanding Nationalism*, Cambridge, Polity Press, 2001, pp. 9-31.

Smith, Anthony D.: “Civic and Ethnic”, Em Spencer, Philip and Wollman, Howard, *Nations and Nationalism A Reader*, New Brunswick, New Jersey, Rutgers University Press, 2005, pp. 177-183.

Smith, Anthony D.: “Ethnicity and Nationalism”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 169-181.

Sole, Carlota: “El Estado Actual de la Investigación teorica sociologica sobre la Mujer”, Universidade Autonoma de Barcelona, Em *Actas de las VIII Jornadas de Investigación Interdisciplinaria, Los Estudios Sobre La Mujer de la investigación a la Docencia*, Universidade Autonoma de Madrid (ed.), Madrid, Instituto Universitário de Estudios de la Mujer, 1991, pp. 197-209.

Solé, Jacques: “The Historiography of the French Revolution”, Em Bentley, Michael (ed.), *Companion to Historiography*, London, New York, Routledge, 2007, pp. 509-525.

Sharpe, Jim: “History from Below”, Em Burke, Peter (ed.), *New Perspectives on Historical Writing*, London, Polity Press, 2001, pp. 25-42.

Sharpe, James: “Popular Culture in The Early Modern West”, Em Bentley, Michael (ed.), *Companion to Historiography*, London, New York, Routledge, 2007, pp. 361-376.

Smith, George, *The Dictionary of National Biography Founded in 1882 (Concise Dictionary from the Beginnings to 1921)*, United Kindom, Oxford University Press, 1921.

Spencer, Herbert, *On Social Evolution*, Chicago, University of Chicago Press, 1972.

Sousa, Manuel Féria: “Carta a Pedro de Freitas”, Em Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, p. 12.

Stanford, Michael, *A Companion to the Study of History*, Oxford, Cambridge, Blackwell, 1994.

Stokes, Martin (ed.), *Ethnicity, Identity and Music*, Oxford, Berg Publishers, 1994.

Stone, Lawrence, *The family, sex and marriage in England, 1500-1800*, New York, Harper & Row, 1977.

Storr, Anthony, *Music and the Mind*, New York, Random house, 1993.

Stubbs, William, *Germany in the Later Middle Ages, 1200-1500*, London, New York, Longmans, Green, 1908.

Stubbs, William, *The historical works of Gervase of Canterbury*, London, Krauss Reprint, 1965.

Tan, Kok-Chor, *Justice Without Borders Cosmopolitanism, Nationalism and Patriotism*, Cambridge, Cambridge University Press, 2004.

Taylor, Charles, *Sources of the Self. The Making of the Modern Identity*, Crambridge, Massachussets, Harvart University Press, 1992.

Teis, Denise Teresinha e Teis, Mirtes Aparecida: “A Abordagem qualitativa: a leitura no campo de pesquisa”, 2006, pp. 1-8, [On-line], <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/teis-denize-abordagem-qualitativa.pdf>>, [consulta: 14 Novembro 2006].

Teixeira, Jorge, “O Culto da música da nossa terra”, Em *Eco do Barreiro*, Barreiro, 16-05-1924.

Teixeira, Jorge: “Obras, Críticas e Impressões”, Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, pp. 242-243.

Teixeira, Nuno Severiano, *O Poder e a Guerra 1914-1918 Objectivos Nacionais e Estratégias Políticas na Entrada de Portugal na Grande Guerra*, Lisboa, Editorial Estampa, 1996.

Teixeira, Nuno Severiano: “Portugal e a Grande Guerra”, Em Barrata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova História Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, pp. 14-34.

Telles, Bazilio, *Na Flandres (O Episódio Militar de 9 de Abril)*, Porto, Eduardo Tavares Martins Editor, 1918.

Telles, Bazilio: “As Lições do Revés do 9 de Abril”, Em Medina, João (dir.), *História Contemporânea de Portugal, da Constituição Republicana ao fim do Regime Parlamentar*, Tomo II, Lisboa, Edição Multilar, 1990, pp. 119-121.

Téllez Alarcia, Diego: “D. Ricardo Wall: de la biografía, la narratividad, la prosopografía, el hipertexto y otras especies”, Em projecto de investigación *El ensenadismo: el grupo del marqués de la Ensenada y la oposición antiensenedista*, financiado por la Universidad de La Rioja (API-00/B16) y el Gobierno de La Rioja (ANGI2000/28), 2000, p. 3, [On-line], <<http://www.tiemposmodernos.org/floridablanca/textotellez.htm>>, [consulta: 19 de Agosto de 2007].

Thomas, William Isaac e Znaniecki, Florian, *The Polish peasant in Europe and America*, 2 Vols., New York, Dover Pub., 1958.

Thompson, Edward Paul, *The Making of the English Working Class*, New York, Vintadge Books, 1966.

Thompson, Edward Paul, *William Morris: Romantic to Revolutionary*, New York, Pantheon, 1976.

Thompson, Paul, *The voice of the Past: Oral History*, New York, Oxford University Press, 1988.

Thompson, Paul, *The Edwardians: The Remaking of the British Society*, New York, Routledge, 1992.

Thompson, Paul: “Histórias de vida en el análisis de cambio social”, Em Marinas, José Miguel [et al.], *La Historia Oral: Métodos y Experiencias*, Madrid, Editorial Debate, 1993, pp. 65-79.

Thompson, Edward Paul, *Witness Against the Beast: William Blake and the Moral Law*, New York, New Press, 1994.

Thompson, Edward Paul, *Persons & Polemics*, London, Merlin Press, 1994.

Thompson, Edward Paul, *The Poverty of Theory, or, An orrey of errors*, London, Merlin Press, 1995.

Trehub, Sandra E.: “Musical Predispositions in infancy: an update”, Peretz, Isabelle y Zatorre, Robert J., *The Cognitive Neuroscience of Music*, New York, Oxford University Press, 2003, pp. 3-20.

Trope, Yaacov e Gaunt, Ruth: “Attribution and Person Perception”, Em A. Hogg, Michael e Cooper, Joel (ed.), *The Sage Handbook of Social Psychology*, Los Angeles, London, Sage Publications, 2007, pp. 176-194.

Turner, Bryan S.: “Citizenship, Nationalism and Nation-Building”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 225-236.

Valente, Álvaro: “Obras, Críticas e Impressões”, Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 242.

Valente, José Carlos, *Estado Novo e Alegria no Trabalho Uma História Política da FNAT (1953-1958)*, Lisboa, Edições Colibri, 1999.

Valentine, Charles A., *Culture and poverty: critique and counter – proposals*, Chicago, University of Chicago Press, 1968.

Vieira, Joaquim: “Un Século de Fotografia Marcial”, Em Barrata, Manuel Themudo e Teixeira, Nuno Severiano, *Nova Historia Militar de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 2004, pp. 415-439.

Wall, Richard e Winter, Jay (ed.), *The Upheaval of War Family, Work and Welfare in Europe, 1914-1918*, Cambridge, Cambridge University Press, 1988.

Wayre, Norman: “Theorizing Nationalism (Normatively) the First Steps”, Em Ronald Beiner (ed.), *Theorizing Nationalism*, New York, State University of New York Press, 1999, pp. 51-65.

Wimmer, Andreas: “Ethnic Exclusion in Nationalizing States”, Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 334-344.

Weinholtz, Raul de Bivar: “Do Distinto Octogenário”, Em Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, p. 48.

Wiltshire, David, *The Social and Political Thought of Herbert Spencer*, Oxford, New York, Oxford University Press, 1978.

White, Haydn, *Metahistory: The Historical Imagination in Nineteenth-Century Europe*, Baltimore, John Hopkins University Press, 1973.

White, Haydn V., *The Content of the form: narrative discourse and historical representation*, Baltimore, John Hopkins University Press, 1987.

Wodak, Ruth: "Discourse-analytic and Sociolinguistic Approaches to the Study of Natio(alism)", Em Delanty, Gerard e Kumar, Krishan (ed.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism*, London, Sage Publication, 2006, pp. 104-117.

Woodford, Paul G., *Democracy and Music Education Liberalism, Ethics, and the Politics of Practice*, Bloomington, Indiana University Press, 2005.

Woolf, D. R.: "The Writing of Early Modern European Intellectual History, 1945-1995", Em Bentley, Michael (ed.), *Companion to Historiography*, London, New York, Routledge, 2007, pp. 307-335.

Yael, Tamir: "Theoretical Difficulties in Study of Nationalism", Em Beiner, Ronald (ed.), *Theorizing Nationalism*, New York, State University of New York Press, 1999, pp. 67-90.

6.8. Entrevistas e contactos efectuados

- Abreu, Isabel, *INATEL*, Lisboa, 25-06-2003.
- Alegria, José Augusto (Cónego), na Casa Sacerdotal – Quinta de Santo António (Évora), 06-06-2002.
- Apolinário, Homero Ribeiro, em Linda-a-Velha, 17-06-2003 e 24-06-2003.
- Cabanita, João Coelho (Padre), Loulé, 30-01-2002.
- Banda Municipal do Barreiro*, Barreiro, 03-10-2001.
- Banda de Música da Polícia*, Lisboa, 26-06-2002.
- Branco, José, maestro da *Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva*, Loulé, 29-08-2001.
- Barros, José Maria da Piedade, na Redacção do Jornal *A Voz de Loulé*, Loulé, 29-08-2001.
- Farrajota, Catarina, *Provedora da Santa Casa da Misericórdia de Loulé*, Loulé, 29-08-2001.
- Flores, Alfredo, *FPCCR*, em Lisboa, 23-01-2002.
- Flor, Augusto, *FPCCR*, em Lisboa, 25-06-2003.
- Freitas, Vitor Manuel Mendes de, Barreiro, 29-03-2003; 29-06-2003.
- Leal, Joaquim da Franca, *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, Loulé, Ano Lectivo de 2004-2005.
- Liberal, João, no Barreiro, 11-11-2002.
- Lucas, Margarida, *INATEL*, Lisboa, 17-06-2003.
- Mascarenhas, Vitor Manuel Guerreiro, *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, em Loulé, Setembro de 2007.
- Martins, Luísa Fernanda Guerreiro, *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, Loulé, Ano Lectivo de 2004-2005.
- Martins, Luísa Fernanda Guerreiro, [On-line], <luisa.martins@iol.pt>, [11 de Outubro de 2008].
- Oliveira, Manuel de, secretário geral adjunto da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT), em Lisboa, 01-02-2002.
- Méndez, Rafael, [On-line], <biblioteca@ayto-cartaya.es>, [14 de Outubro de 2008].

Rodríguez, Celestino, [On-line], <Tinocartaya@hotmail.com>, [10 de Outubro de 2008].

Sado, João, oboista da *Sociedade Filarmónica Democrática Timbre Seixalense*, Seixal, 19-11-2005.

Sarez Gonzalez, José (Piquito), Isla Cristina, Agosto de 2006.

Silva, Tristão da, *INATEL*, Lisboa, 17-06-2003.

Simões, António dos Santos (pai), e Simões, Luís (Filho), proprietários da *Sapataria Zorro*, Loulé, 08-10-2003.

Sociedade Democrática União Barreirense – Os Franceses, no Barreiro, 03-10-2001.

Vieira, José Cavaco, em *Largo José Cavaco Vieira*, Alte, 29-07-2001.

7. Anexos

7.1. Referências à I Guerra Mundial

7.1.a. Uma carta de José de Freitas

«Transcrevemos do “Século” de há dias (sua edição da noite): “De Vendas Novas escreve um pobre velho a seu filho, no Batalhão de Sapadores de Cascais:

«Pelo que me dizes no teu postal, vejo que partes brevemente para França, onde vais combater como soldado ao lado dos heróicos aliados.

Muito bem. Tu sabes tão bem ou melhor do que eu a história do nosso velho Portugal, que em todas as épocas assinalou os seus feitos de armas com a coragem indomável de uma raça de valentes como é a nossa, portugueses.

Tu, que és novo e forte, filho deste nobre torrão que foi leão velho de batalhadores, saberás cumprir decerto esse grandiosíssimo dever, e, como tu, os teus camaradas, igualmente filhos da nobre raça lusitana.

Não é incitar-te a matar, meu filho!

Compreendo que ninguém tem o direito de matar o seu semelhante. Sou dos que mais reprovam o assassinato. Mas nas circunstâncias actuais, só assim se pode pôr termo à desenfreada ambição da Águia Negra. Para um arbítrio outro arbítrio.

A causa que tu e os teus camaradas ides defender, é, a meu ver uma das mais justas, porque representa o bem estar de todos os países, quando forem vencidos esses ferozes e desvairados alemães que, creio, serão vítimas das suas próprias maldades. Mas quem faz mal só para si é. E para eles deve voltar-se o mal que aos outros desejam.

Para os guerreiros alemães não há justiça, não há direitos humanos, não há convenções, não há honra, não há tratados, não há nada. Há a intriga, a espionagem, o crime, e a brutalidade dos seus soldados.

Peço-te, por isso, a maior energia possível, para ti e para os teus bravos companheiros, que têm de defender a liberdade em perigo. Que Portugal compartilhe dos louros da vitória na grande luta europeia, é a maior alegria que o teu velho pai pode sentir no coração.

E tu, meu Pedro, que casaste há um ano e deixas tua esposa prestes a ser mãe, cumpre o teu dever e volta para a amparares e para satisfação nossa. Deus te proteja e que a coragem te não abandone».

«Nota de Redacção – Trata-se do nosso velho amigo sr. José de Freitas, hábil pintor hoje residindo em V. Novas, que, embora sentindo como pai a retirada de seu filho, Sr. Pedro de Freitas, que há pouco marchou para França, como português o exorta a bem cumprir o seu dever na luta em que estamos empenhados contra o alemão, inimigo irreconciliável da nossa Pátria.

Daqui lhe enviamos um abraço de felicitações pela sua nobre e patriótica conduta»²⁵⁸⁸.

²⁵⁸⁸ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 16-17; ou Redacção do Jornal *O Primeiro de Maio*, “Nobre Gesto”, Em *O Primeiro de Maio*, Loulé, 26-04-1917.

7.1.b. Uma carta de Pedro de Freitas à sua mulher

«Cascais, 17 de Abril de 1917.

MULHER QUERIDA:

«E chegou o momento de dizer-te tudo, de dizer-te toda a verdade. Com a verdade que esta minha pena recusa-se a descrever nesta – quem sabe? derradeira carta e que, se de viva voz t'a pudesse dizer, certamente ao proferi-la estrangular-se-ia na garganta pelo que ela tem de aflição para nós e sobretudo de incerteza pelo dia de amanhã; como te digo, com verdade que é preciso dizer-te, vai toda a minha alma, todo o meu coração dilacerado, partido, apunhalado, por dizer-te que o nosso lar, ainda há pouco tempo construído, tem de ser desbaratado, desfeito; e tudo isto forçosamente arranjado por mim! Sim! Os haveres da nossa casa manda-os para a dos teus pais e entrega a chave ao senhorio.

Tristes são os nossos desígnios!

Em plena lua de mel, no princípio do nosso consórcio, a malvada guerra separa-nos horrivelmente sem que nos garanta de novo recomeçarmos a mesma vida agora desesperadamente suspensa.

Pois bem: Se bem que pese, se bem que se me arrasem os olhos de lágrimas, impossibilitando-me de ver o que te escrevo; se bem que tudo e mais o que este cérebro já desnortado não assimila, sou a dizer-te que, hoje, veio a indesejável ordem de partirmos no próximo dia 21, para França.

Custa-te?.. Choras? .. eu sei!

Parece-me até que estou vendo-te agarrada à nossa inocente filha, soluçante, meigamente, ao seu ouvidinho dizer-lhe que o paisinho vai partir, vai para a guerra e talvez para nunca mais voltar! Sim! Dizes-lhe isso? Diz-lhe. Desafoga com ela como eu estou desafogando com esta carta, na impossibilidade de desafogar contigo pessoalmente.

Pedi licença para ir ver-te, abraçar-te, dizer-te o último adeus, beijar a nossa filha, despedir-me de todos os nossos e pedir aos teus pais a sua protecção para ti e nossa filha, e negaram-ma dizendo-me que, para matar saudades, fosse para uma das

arrecações, e matá-las com o próprio trabalho a fazer. Triste sina a de um soldado obediente, respeitador e subordinado.

As mulheres em todos os tempos souberam resignar-se, encher-se de coragem, e em muitos casos incuti-la aos homens. Pois bem: Espero que sigas as pisadas dessas mulheres antigas, daquelas que armavam os filhos para irem combater na defesa da Pátria.

E tu, mulher querida, que já tens a tua pequenina “pátriasinha” para lhe dares alento, alma, vida, e ensinares-lhe desde já a balbuciar o nome do paisinho para o amar e, quem sabe, talvez logo de pequenina precisar de aprender a rezar para o fazer à memória daquele que partiu e que lhe deu o ser, preciso é não perderes a esperança, a fé e a coragem necessárias para suportares este lance que, segundo espero, o havemos de recuperar com a vitória dos aliados.

Esta vai longa e não posso mais.

Os turbilhões de pensamentos que me apavoram o cérebro não me deixam desprender todo o meu desejo em dizer-te tudo, mas tudo o que precisava pedir-te, esclarecer, e o mais que, enfim, um padecente na agonia diz, pede e observa a quem lhe é caro, a quem lhe é querido.

Terminando, eu peço-te:

Que em nome do nosso amor, pelo nosso sangue hoje transmitido às veias da nossa filha, pelo respeito que me deves e à minha condição de soldado na guerra em defesa do bom nome do nosso querido Portugal, te orgulhes de possuíres o máximo sentimento, sinceridade e lealdade na obrigação dos teus deveres a cumprir, tornando-te uma esposa digna de todos os encómios e, portanto, de toda a minha estima.

Ainda estás doente, de cama, não é verdade? De contrário pedir-te-ia que viesses despedir-te de mim. Assim não.

A todos os nossos, a todos que por mim se interessarem, transmite-lhes as minhas saudações e diz-lhes que parto na esperança de voltar.

Beija a nossa filha, muito, muito, como se fosse eu que o fizesse: meigo, sedutor, enfim... louco de alegria, mas daquela alegria que um pai digno pode sentir ao ter em seus braços – demais, o primeiro fruto do seu matrimónio – o filho querido. Finalmente abraça-a, aperta-a bem de encontro ao teu peito, sente-lhe as pulsações de seu tenrinho coração, como se fora eu que o fizesse neste derradeiro momento, neste último adeus de partida para a fornalha maldita da guerra.

Companheira, minha querida! Adeus!! Tem coragem porque parto na consolação de tornar aos teus braços radiante pela vitória e de melhores dias no futuro.

E através da distância que nos separa, neste transe tão cruel, neste fechar desta carta e que nenhuma vontade tenho em fechá-la, para me iludir de que estou sempre conversando contigo e sentindo os teus enlevos, espiritualmente te abraço e dou-te o derradeiro beijo.

Eu bem quero ver o que estou a escrever nestes últimos rabiscos, mas confesso-te: os olhos enevoados pelas lágrimas que sem querer e em silêncio me deslizam pelas faces; o estado agitado em que meu espírito se encontra e de mãos dadas à lembrança fixa deste supremo momento, de tal forma actuam em minha pessoa, que, já não vendo e não sabendo, como te digo, o que escrevo, ao sabor da pena e em caracteres apressados, aí vão as minhas últimas palavras:

Adeus mulher querida! Tão pouco foi o tempo do nosso noivado em lua de mel!..

Adeus! Adeus até um dia, ou adeus para nunca mais. Ainda me ouves? Mais uma vez, o último – Adeus!!!»²⁵⁸⁹.

²⁵⁸⁹ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 19-21.

7.1.c. O 9 de Abril de 1918 segundo Pedro de Freitas

«Por infelicidade nossa, o sector português, na madrugada do dia nove, sofrera, por forças inimigas muitas vezes superiores à que possuía no momento da sua rendição (e que desafortunada coincidência!) um golpe de morte, que redundou no facto de milhares dos elementos que o guarneciam serem barbaramente massacrados.

Na frente do sector, os civis, que também o animavam bastante com o rendoso negócio que faziam em suas casas os soldados portugueses, chegando o “salve-se quem puder”, foram obrigados a retirarem-se para ponto de melhor segurança e debaixo de aflições indescritíveis, perda de negócios, haveres, morte de membros de família, e possuídos de um espírito de revolta, aliás justo, pelos revezes sofridos na negregada guerra. Nesta emergência esqueceram-se repentinamente dos seus amigos, dos seus melhores fregueses: os portugueses que lhes enchiam o “pé de meia”. E assim, uma vez os portugueses de ontem, os amigos, os bons fregueses, envolvidos num desastre no qual a sua segunda divisão, numa frente de doze quilómetros, é assaltada por oito divisões prussianas, assalto a que contrapõe toda a sua heroicidade, todos os seus recursos de ocasião, não fugindo cobardemente mas, com nobreza, cedendo à força esmagadora do inimigo, esforço que lhe custa o melhor de trezentos oficiais e sete mil homens, entre mortos, feridos, prisioneiros e desaparecidos; nesta altura perdendo já os portugueses a classificação de bons amigos e fregueses, e mais: não sendo levado em linha de conta o sacrificio em defenderem até à última, com toda a sua alma, com todo o seu brio, com todo o seu calor, o terreno passo a passo cedido à custa do sangue generoso de toda uma mocidade, ainda por cima são injustamente alvo de todos os epítetos, e hostilizados ingratamente pelos seus vizinhos de ontem, por aqueles que, sugando-lhe os míseros francos, lhes faziam todos os “rapa-pés” possíveis e imagináveis.

*Só uma grande má fé, ingratidão ou perversidade, ou ainda uma grande dose de má índole, podia fazer odiar os portugueses, tornando-os responsáveis pelo desastre, quando afinal foram eles os que mais sofreram as adversidades da guerra nesse dia tão funesto e para sempre memorável – **9 de Abril!***

E quantas injustiças e ingratidões, a partir desse dia, nós outros começamos a suportar!

Seguindo o seu curso a campanha de hostilidades, depressa os ingleses se servem dela para nos amesquinhar e insultar; e por parte dos civis quase um ódio de morte: - é todo um conjunto de más vontades contra quem parece ser o mais pequeno, o mais fraco; contra quem nada é ao pé dos grandes colossos.

Já de posse destes conhecimentos, eu e os meus dois companheiros de viagem a Callais, achamos a razão dos factos passados connosco»²⁵⁹⁰.

²⁵⁹⁰ Freitas, Pedro de, *As minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1935, pp. 115-116.

7.1.d. Pedro de Freitas integrado na Banda do Batalhão

Registos sobre as actividades de Pedro de Freitas na Banda do Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro

Datas		páginas
17/3/1918	Domingo às 13 horas, na vila de Acq, foi fundada a Banda do Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro. Deu-se início ao primeiro ensaio.	251
12/5/1918	Domingo, a banda filarmónica realizou o seu primeiro concerto.	256
15/5/1918	Em serviço, a banda filarmónica visitou a 2. ^a companhia (com sede em Fortel).	164
18/5/1918	A 2. ^a companhia teve vários destacamentos. Partiram para um destacamento em Conteville, e de tarde regressaram à sede - Fortel.	164
19/5/1918	Domingo, pelas 18 horas, a banda filarmónica deu um concerto em Fortel, no adro da Igreja.	165
20/5/1918	Partiram de camião para outro destacamento da 2. ^a companhia. L' Heure foi o local onde a banda filarmónica deu um concerto. De tarde regressaram à sede da 2. ^a companhia – em Fortel.	166
23/5/1918	A banda filarmónica tocou na aldeia de Vaquerie, depois do concerto voltaram à sede da 2. ^a companhia – em Fortel.	166
30/5/1918	Regressaram à sede do Batalhão - em Aubigny-en-Artois.	166
17/6/1918	A banda filarmónica partiu da sede do Batalhão – (Aubigny-en-Artois), para visitarem a 3. ^a companhia, acantonada em Berguette.	167
28/6/1918	Sairam de camião de Berguette e visitaram a 1. ^a companhia, localizada perto da cidade de Callais	169
6/7/1918	A banda filarmónica partiu da estação ferroviária militar de Callais com destino à sede do Batalhão. À tarde chegaram a Étaples onde pernottaram em acampamento inglês.	176
7/7/1918	Às 6:50 embarcaram de comboio para Aubigny-en-Artois, onde chegaram às 17 horas.	177-178
15/7/1918	A banda filarmónica abrilhantou um acto solene de novas condecorações em Aubigny, com a participação do general Tamagnini, comandante do C.E.P.	259
31/7/1918	A banda filarmónica partiu de Aubigny em camião para Anvin, com o objectivo de nesse dia assistir ao embarque da 5. ^a companhia, a qual partia para Dieppe. A banda filarmónica tocou no momento da partida.	188
1/8/1918	A banda filarmónica regressou a Aubigny-en-Artois.	188
4/8/1918	Alguns elementos da 4. ^a companhia estiveram acantonados em Sto. Pol. Um Tenente, um Sargento e dois soldados foram condecorados e a banda filarmónica partiu de Aubigny para Sto. Pol afim de tocar na dita condecoração.	190
16/8/1918	A banda filarmónica partiu de Aubigny para a sede da 1. ^a companhia – em Conteville, para prestar um serviço musical.	190
21/8/1918	Pedro de Freitas partiu para Ábeville em companhia do 1. ^o sargento músico, Luiz do Espirito Santo, para escolherem um cornetim que os oficiais desta companhia ofereceram à banda filarmónica.	190
27/8/1918	A banda filarmónica deu um concerto num destacamento da 1. ^a companhia em campos de Conteville.	191

29/8/1918	A banda filarmónica deu um concerto num destacamento da 1. ^a companhia em campos de Conteville.	191
1/9/1918	A banda filarmónica deu um concerto num destacamento da 1. ^a companhia em campos de Conteville. Abrilhou um jogo de Futebol.	191
2/9/1918	Regressaram à sede do Batalhão - em Aubigny-en-Artois.	193
13/9/1918	O General Garcia Rosado visitou a sede do Batalhão. No almoço, a banda filarmónica tocou várias peças do seu repertório, entre as quais foi estriado um ordinário feito e, em parte, instrumentado por Pedro de Freitas, o qual foi designado de <i>O Patrão</i> , e tocado o <i>Conce Crit</i> coordenado pelo 1.º trombone, Tonicher.	261
24/4/1919	Em Cherburgo, a banda filarmónica colaborou nas festas da cidade através de um concerto efectuado no coreto público .	261
1/5/1919	De regresso a Portugal, a banda filarmónica, à frente do Batalhão, fez a sua entrada solene, com vinte e seis componentes, percorrendo algumas das ruas de Lisboa.	262

Fonte: A Própria

7.2. Recensões sobre as obras literárias de Pedro de Freitas

7.2.a. *As minhas Recordações da Grande Guerra*

Mário Lister Franco, jornalista: «*Conheço literariamente Pedro de Freitas desde a publicação do seu primeiro livro, esse curiosíssimo AS MINHAS RECORDAÇÕES DA GRANDE GUERRA, mais de 400 páginas que não existem na minha «algarviana», mas que seu irmão David ao tempo me emprestou e que logo me deixaram excelentes impressões*»²⁵⁹¹.

Redacção do Jornal *Vida Ferroviária*: «*Com o sofrimento das trincheiras, amou, organizou uma Banda militar e escreveu um livro, único na literatura de soldados na guerra: As Minhas Recordações da Grande Guerra*»²⁵⁹².

Julião Quintinha, escritor: «*Antigo combatente da grande guerra, em França foi o fundador e organizador da Banda do Batalhão de Sapadores de Caminho de Ferro. Ao regressar a Portugal, escreveu um volumoso e curioso livro: As Minhas Recordações da Grande Guerra, que foi recebido com o maior agrado pelos seus superiores e camaradas. Não se pode negar cooperação a um homem que trabalha tão devotadamente e com tal sinceridade*»²⁵⁹³.

Redacção do Jornal *O Barreiro*: «*O nosso presado amigo e assinante Sr. Pedro de Freitas, que em terras de França compilou elementos para a publicação do seu interessante livro As Minhas Recordações da Grande Guerra*»²⁵⁹⁴.

²⁵⁹¹ Franco, Mário Lister: “A Modos de Prefácio”, Em Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973, pp. 5-6.

²⁵⁹² Redacção do Jornal *Vida Ferroviária*, [s.t.], Em *Vida Ferroviária*, Lisboa, 1945; ou Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. 16.

²⁵⁹³ Quintinha, Julião: “A música e a sua expressão popular”, Em Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p.13.

²⁵⁹⁴ Redacção do Jornal *O Barreiro*, [s.t.], Em *O Barreiro*, Barreiro, 08-03-1945; ou, Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p.17.

7.2.b. *Em França: trinta anos depois*

João Faria Lapa, professor e chefe da Divisão Comercial da C. P.: «*O seu livro, Em França, trinta anos depois, é um agregado de materiais, cuja recolha denota critério, estudo e louvável poder de concisão. Mas o que a meu ver, mais o valoriza ainda é o ser entretecido pelo fio sentimental de uma história, não architectada, mas viva e vivida – em suma real. E desta forma, é o coração do autor que fala, não o pensamento ou a fantasia; e por mais artista que estes sejam, nunca é possível imprimir à descrição aquela vida, aquela verdade, aquele sentimento que só o coração pode ditar. E esta nota não pode deixar indiferente o leitor, de ferir a sua sensibilidade*»²⁵⁹⁵.

Julião Quintinha, escritor e jornalista: «*Há de tudo um pouco neste livro. É um livro com impressões de viagem, memórias e recordações da primeira grande guerra, páginas de história, não lhe faltando o fio sentimental dum romance vivido, onde a realidade vai além da imaginação. O que no livro possa haver de falta de unidades na técnica literária, ou de excessivo em narrativas históricas, é suprimido por sentimento patriótico e poder de emoção que ressaltam, espontâneos, sinceros, em impressões e narrativas duma simplicidade muito simpática, onde o autor não deixa de revelar apreciáveis qualidades de sagaz observador.*

Pedro de Freitas não é um autor desconhecido. Já revelou excelentes dotes de estudioso e investigador nos seus livros: As Minhas Recordações da Grande Guerra e História da Música Popular em Portugal, sendo de notar, com o devido apreço, que só procura ocupar-se de matéria que conhece e pode estudar. ... desatacaremos as descrições dalgumas terras de França sacrificadas nas grandes guerras, nomeadamente nas regiões de Calais, Bethune e La Couture, merecendo citação especial a visão dramática e heróica que nos dá o Cemitério e a sua peregrinação

²⁵⁹⁵ Lapa, João Faria: “Obras, Críticas e Impressões”, Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.* Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, pp. 247-248.

entre lápides sepulcrais, recordando heróicos companheiros que ali repousam para sempre – sendo estas das melhores páginas do livro.

Toda a descrição destes lugares históricos e os reencontros com pessoas conhecidas e queridas, como Lille, constituem excelentes páginas, cativantes pelo nobre sentimento que as inspirou e pela sinceridade com que foram escritas.

O pequeno romance do antigo combatente que vai à França, não só para ver as terras onde combateu pela sua Pátria, mas também para tentar encontrar um filho que ali deixou, fruto de efémeros amores dos tempos de guerra, dilui-se entre narrativas objectivas, até que no final assistimos ao seu epílogo. O homem encontra a sepultura da mulher que foi a sua grande aventura em terras de França, e depõe, comovidamente, algumas flores sobre a sua lousa tumular. E também encontra o filho, o fruto desse amor, um jovem mineiro francês, que já lhe deu um neto. Encontro patético, entre abraços e lágrimas que depois é festejado com justificada alegria... Não podemos esquecer que estamos em face dum escritor autodidacta, que também pertence ao número dos que estudaram à sua custa, não se poupando a canseiras e trabalhos, o que sempre merece o maior respeito e simpatia, porque pertencemos a essa mesma escola»²⁵⁹⁶.

Hipácio Dias Alves, jornalista, escritor do *Jornal do Barreiro*: «*O novo trabalho do sr. Pedro de Freitas, Em França trinta anos depois, que vamos apreciar, nesta breve nota, com a máxima isenção crítica – aliás outra posição repugnaria à nossa consciência – traz, na primeira página, em subtítulo, como quem anuncia uma fita em muitos episódios, este gritante cartaz, que muito aguçou a nossa curiosidade: guerra, amores, impressões de viagem, história, romance, feitos militares, política, sentimento (sic), patriotismo, ferroviarismo, rodoviarismo, espirito (sic), vida social. De tudo isto, de toda esta salada russa, como não podia deixar de ser, saiu um trabalho híbrido, falho de unidade, com uma acção sorna que muitas vezes desfia a sonolência do leitor, mesmo sem aquele interesse que poderia resultar da heterogeneidade de tão apetitoso programa... Faltou ao auto engenho suficiente para*

²⁵⁹⁶ Quintinha, Julião: “Obras, Críticas e Impressões”, Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.* Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, pp. 243-245.

colher, de tão precioso enunciado, motivos empolgantes com que compor um trabalho decente, capaz de enfileirar ao lado de muitos outros, de vero valor, que se têm escrito sobre os feitos dos Portugueses na primeira grande guerra, quer batalhando heroicamente nos campos de combate, quer na rearguarda, com seu espírito aliciante de meridionais, conquistando apaixonadamente o coração das francesas...

Literariamente o livro é muito fraco e está longe de merecer o prêmio da publicação. Mau grado a idade do autor, pessoa de ideias já sazoadas, o livro deveria ficar na gaveta, aguardando fase oportuna para uma séria revisão... Não foram poucos os atropelos que a gramática, nos seus vários capítulos, foi sofrendo no decorrer deste trabalho. Além disso, o Sr. Pedro de Freitas tem pouca noção do que seja a estrutura de uma narrativa, dos elementos psicológicos que deverão entrar na sua elaboração. Como consequência, à medida que as páginas vão decorrendo, vamos topando com primarismos que nos tocam as cordas da hilaridade, penitenciando-nos assim – valha-nos isso – da leitura de algumas de poderoso efeito soporífero... Tal nos sucedeu quando penetrámos na floresta espessa daquela extemporânea dissertação sobre a Revolução Francesa...»²⁵⁹⁷.

Pedro de Freitas responde a Hipácio Dias Alves: *«Diz o provérbio popular que a pior cunha é aquela que é feita da mesma madeira. Como voz destruidora foi esta: a da terra que julgo minha. Evidentemente que este super-crítico, este estômago de ácidos venenosos, teve, na ocasião, e no mesmo campo, a resposta que merecia. E agora... Assim falou o super!... Que pena ele andar ignorado nas críticas literárias de um jornal de província, quando deveria ter o seu assento na Academia das Ciências, não de Lisboa, porque essa lhe seria de pouca categoria, mas sim na de Paris... A sua voz, sem inteligência e sem raciocínio à altura de criticar com justeza as camadas sociais (que lhe sirva de lição a maneira nobre como o mestre Julião Quintinha marca, neste julgamento, a sua posição); o seu pio agoirento e sinistro, é bem a nota assaz dissonante que destoa todo o idóneo e harmónico canto aqui ouvido... O «cão ladra!... mas a minha modesta caravana vai passando. E seguindo indiferente os seus*

²⁵⁹⁷ Alves, Hipácio Dias: “Obras, Críticas e Impressões”, Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, pp. 249-250.

«latidos», em vez de meter na gaveta esse original, lanço-o, como os anteriores, ao conceito das pessoas de bem, e daqueles que saibam ler e compreender uma voz humilde do povo»²⁵⁹⁸.

Gaudêncio José da Fonseca, de Évora: «Perdoe-me a franqueza; mas sem ter o prazer de o conhecer, tive a dulcíssima satisfação espiritual de ler o seu último livro que ontem me emprestaram. Confesso: devorei-o, ansioso de chegar ao fim e com pena ao mesmo tempo de se me acabar um prazer tão grande de reviver e recordar alguns momentos da minha vida de combatente de infantaria e prisioneiro no nove de Abril. A leitura do seu livro encheu-me a alma de um doce e saudoso sentir que bem desejava saber definir-lhe em palavras. Houve alguns momentos em que algumas passagens li a minha mulher mas que tinha que interromper porque os olhos se enchiam de lágrimas. Desejo um exemplar para figurar na minha estante. Felicito-o, meu prezado camarada da Grande Guerra»²⁵⁹⁹.

José Calvo Balado, de La Coruña: «Leí su libro que hallo interesante especialmente porque en él se respira el deseo noble de llevar al animo del genero humano la necesidad de quererse, de sentirse hermano y de renunciar de una vez para siempre a la violencia como medio de solución de los problemas que la vida ofrece. Su libro lleva al animo del que lo lee la idea de la crudeza de una guerra que no ha servido para nada y que sin embargo tantas vidas segó manteándolas e dejándolas con un hueco que jamás ha podido rellenar porque estaba presidido por el escepticismo y la duda.

Su evocación al pasado no es para exaltar la fanfarronería, el belicismo en que tan frecuentemente caen muchos escritores para su desgracia y de las personas que los leen. No se hace alusión apenas a las glorias pasajeras que se consiguen al precio de miles de muertos, ruinas y rencores. Se fija preferentemente en el dolor, en el sufrimiento pasado y que aun perdura para que la experiencia por V. y otros millones de seres vivida sirva de freno a las nuevas generaciones y lleve a su conciencia el

²⁵⁹⁸ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 250.

²⁵⁹⁹ Fonseca, Gaudêncio José da: “Obras, Críticas e Impressões”, Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 248.

convencimiento de que el hombre no vino al mundo para matarse, para destruirse bajo la dirección y obedeciendo muchas veces a motivos que ni le afectan en lo mas mínimo y que son exaltados por personas interesadas que con tal de satisfacer su orgullo embarcan a la humanidad en verdaderas orgías de sangre, ruinas, desolación y muerte. Si todos los que se dedican a escribir lo hicieran obedeciendo a las directrices que V. se impuso, otra seria la marcha del género humano y otra la forma de conducirse la política y las relaciones internacionales»²⁶⁰⁰.

Constâncio Carrusca: *«o que lhe posso augurar com grande convicção é que o valor intrínseco do seu livro e a utilidade que deriva do objectivo de construção profundamente nacional com que foi escrito, serão tomados por quem de direito na devida consideração»²⁶⁰¹.*

Alberto Iria, historiógrafo e director do *Arquivo Histórico Colonial*: *«Agradeço-lhe as agradáveis horas de leitura que me proporcionaram os seus dois livrinhos: Em França trinta anos depois e História da música Popular em Portugal. O primeiro é sem favor o mais expressivo e sentimental romance luso, do post-guerra, de 1914-18, nascido do próprio seio do conflito e nele vivido. O segundo constitui indubitavelmente, obra de consulta permanente, ponto de partida essencial para novas análises e estudos. Em ambos a sua linguagem simples e espontânea, de um filho do povo e para o povo, torna essas duas obras sugestivas e originais, além da própria originalidade dos temas versados. E isto é tanto mais para admirar, quanto é certo tratar-se de um autor que, como autodidacta, não deixa de possuir já uma obra, um nome sério, na Republica das letras. Os meus parabéns, com sinceros votos para que realize mais e melhor, com esse seu acendrado amor pátrio e amor pela investigação histórica»²⁶⁰².*

²⁶⁰⁰ Calvo Balado, José: “Obras, Críticas e Impressões”, Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 246.

²⁶⁰¹ Carrusca, Constâncio: “Obras, Críticas e Impressões”, Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 243.

²⁶⁰² Iria, Alberto: “Obras, Críticas e Impressões”, Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 247.

7.2.c. *História da Música Popular em Portugal*

Jorge Teixeira, poeta e escritor: «*Relendo esta obra, não podia afastar do meu apreço íntimo, a admiração pela sua vontade indomável de realizador de sonhos. Com sangue fez As Minhas Recordações da Grande Guerra, e agora com amor, escreveu esta apaixonante História da Música Popular em Portugal. Feliz o homem que pode embelezar quanto as sua mãos tocam, seja calvário ou glória. Mas heróico será o que ergue monumentos sem alicerces pecuniários, pelo Bem Comum*»²⁶⁰³.

O General Raul Esteves, comandante do *Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro* aquando da Primeira Guerra Mundial: «*Vai agora aquele meu antigo soldado, que também tem provado ser um sincero e leal amigo, publicar um trabalho sobre a sua predilecta paixão: a música popular.*

É justo prever que nele pôs também o mesmo culto e entusiasmo com que sempre animou todas as manifestações musicais realizadas no seio do nosso Batalhão dos «Sempre Fixes».

*Da minha parte faço sinceros votos para que nele obtenha o mesmo êxito satisfatório, e, com aquela camaradagem e amizade da velha escola militar em que a disciplina da vontade não excluía a afectividade do coração, aqui lhe deixo consignados os melhores votos do seu antigo comandante que ele, fiel aos hábitos de soldado da antiga grei, não quis deixar de associar a mais esta obra do seu espírito trabalhador*²⁶⁰⁴.

Julião Quintinha, escritor e jornalista: «*[...] O autor deste livro é um desses raros homens de aparência singela, mas duma força de vontade capaz de remover montanhas. Trabalhador e estudioso incansável, como músico e publicista é um autodidacta que merece respeito e simpatia [...].*

²⁶⁰³ Teixeira, Jorge: “Obras, Críticas e Impressões”, Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 242.

²⁶⁰⁴ Esteves, Raul: “Prefácio”, Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1946, p. [X].

O presente livro, em que Pedro de Freitas tem consumido alguns anos de trabalho, com fatigantes investigações e estudos, intitula-se: História da Música Popular em Portugal. É um tema fascinante e um título ambicioso. Tão grande me parece a responsabilidade que abarca um título desta natureza, tão vasta e complexa matéria, que – leigo como sou – não sei se ele a trata em toda a amplitude.

Mas do que conheço da obra, lida aqui e acolá com ligeireza, fiquei com a impressão de que muitos e valiosos subsídios este livro contém, alguns inéditos, que nos ajudam a conhecer a evolução musical do país, principalmente durante o último século e, sobretudo, no que respeita à sua expressão popular [...].

E ainda outra conclusão podemos tirar: é a de que todos esses agrupamentos musicais muito concorrem para consolidar essas sociedades de recreio, de beneficência e educação e, em algumas terras são, por assim dizer, a única distração do povo.

É de tudo isto, desta actividade e evolução musical, do que elas representam como factores de educação, de progresso, de confraternização social, e de expressão popular, que Pedro de Freitas fala neste livro. E certamente fala com conhecimento da matéria, porque a estudou com seriedade, prestando mais esse relevante serviço à colectividade.

Estou convencido de que, no futuro, quem quiser conhecer ou estudar o movimento da música popular em Portugal, muito ganhará em consultar este livro onde Pedro de Freitas empregou muito do seu honrado estudo e do seu inteligente trabalho»²⁶⁰⁵.

Álvaro Valente, escritor e poeta do Montijo: «É evidente que não se trata de uma obra de fundo literário, em estilo rebuscado, em que se desenvolva qualquer tese social. Nem o meu amigo tem essa pretensão, nem o assunto se prestava. O que há para apreciar, e mais que tudo admirar, é o seu extenuante trabalho de investigação e de concatenação. Foi estupendo, foi formidável, foi de esgotar. O Pedro de Freitas foi, - como dizem os franceses, - um autêntico, rat de bibliothèque, escavando, profundando, remexendo e trazendo à superfície casos e factos que a maioria da

²⁶⁰⁵ Quintinha, Julião: “A Música e a sua expressão popular”, Em Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, 1946, pp. 13-15.

triste mentalidade portuguesa desconhecia por completo. Bem mereceu, pois da Pátria, e dos estudiosos de verdade, os maiores encómios!»²⁶⁰⁶.

Mário Mota, escritor e publicista de Lisboa: *«Escrevi algures ser a música uma parcela da voz do povo sentindo. A sua História da Música Popular em Portugal não define outro sentimento.*

O senhor Pedro de Freitas escreveu uma obra digna e muito aceitável. Li com muito interesse todas as páginas do original desse livro oportuno em que as filarmónicas são estudadas por alguém que viveu no seio da música, por alguém que sentindo a música escreveu um trabalho de divulgação que merece ser acarinhado por todos. Aceite com um grande abraço os votos de muito êxito»²⁶⁰⁷.

João Luís da Cruz, antigo secretário da Câmara Municipal de Almada, escritor e poeta: *«Afora as tentativas de natureza etnográfica que nos têm posto em contacto com o folclore de algumas das regiões mais características do nosso país, ninguém se tinha preocupado até há poucos anos com a vida recreativa e artística das bandas de música marciais ou civis, às quais se deu com toda a propriedade, o apelido de filarmónicas, e que foram os primitivos órgãos divulgadores de toda a música popular portuguesa.*

Essa lacuna foi porém, há pouco preenchida. Meteu ombros à tarefa Pedro de Freitas, homem que, à margem das suas ocupações profissionais, e como se diz do pintor Ingres, em relação ao seu violino, tem uma extraordinária paixão pela música, dominadora, inauferível, que o há-de acompanhar, como uma melodia embaladora, até à eternidade.

Se em vez do funcionário zeloso que é duma companhia, onde gasta monocordicamente uma grande parte das suas horas preciosas, Pedro de Freitas tivesse encontrado não a via férrea, mas a via luminosa onde carrilasse a sua instintiva vocação artística, isto é, que, do amadorismo, embora brilhante o tivesse metido dentro das responsabilidades do artista integral, que extraordinário músico,

²⁶⁰⁶ Valente, Álvaro: “Obras, Críticas e Impressões”, Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 242.

²⁶⁰⁷ Mota, Mário: “Impressões várias”, Em Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, 1946, p. 18.

que belo compositor e, ao mesmo tempo – porque nele há um complexo de atributos subsidiários de um grande artista – que excelente historiador e etnógrafo e que precioso crítico musical!

Pois não obstante estes desvios fatais, que afastam os homens, quase sempre, irremediavelmente, do trilho das próprias vocações – produto de uma organização económica ingrata a quem, em regra, pouco interessam testes ou as condições psico-fisiológicas de cada indivíduo, porque, para certos, o sapateiro há-de ser filho de sapateiro, como o médico há-de ser filho de médico -, pois não obstante estes desvios fatais, dizíamos, Pedro de Freitas, consegue ser, com a pertinácia dum autodidacta, excelente músico, honesto historiador da vida simples dos organismos musicais, que o povo criou e mantém, e crítico musical, de voadoiros simples, mas de critério equilibrado e imparcial.

Tendo este homem tão rico, potencialmente, de possibilidades de ordem estética e intelectual, conseguido ser o que é, que mais dizer para que se compreenda aonde o teria levado a sua irresistível artística acompanhada desse precioso instrumento, que é a inteligência, nele tão viva como inquieta? Se outro galo lhe cantara na infância, como um alpinista do Ideal, ele havia de atingir as grandes altitudes onde a Arte tem a arder o seu crepitante facho.

E neste anseio de vermos o homem, o artista e o amigo alcandorar-se a maiores alturas, não há, de modo algum, o intuito insidioso de diminuir a altura por ele brilhantemente atingida na sua craveira artística.

Na escala dos valores humanos, Pedro de Freitas vale objectivamente mais pelo que já conseguiu ser e pelo que nos tem dado, do que, em correspondência com as aspirações dos seus admiradores, nos pudesse vir ainda a dar, se, em vez de viver na terra atingisse Síríus.

O que nos doe é ver que o criador da Banda do Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro, o autor de «As Minhas Recordações da Grande Guerra» e o da célebre «História da música Popular em Portugal», não nos possa dar toda a medida do seu belo talento, desviado pela materialidade da profissão de que arranca o pão de cada dia, do campo artístico e mental onde se respira o clima propício aos largos autos do artista, do escritor e do crítico, que o que quer ser livre e independente.

É isto que nos doe, dissemos; mas é também isto que, paradoxalmente, nos leva a admirá-lo e a considerá-lo cada vez mais, porque muito prezamos e admiramos os

pequenos que se fazem grandes, pelo desprezo que sentimos pelos grandes que se fazem pequenos.

Por isso, estas palavras de homenagem sincera ao historiador indefeso das filarmónicas de Portugal, como reflexo da outra homenagem que, como eco do que vai no coração de todas elas, lhe quer ainda prestar a Incrível Almadense»²⁶⁰⁸.

Manuel Joaquim Vaz, jornalista: *«Verdade, verdade é tratar-se de um livro de tema especializado, em que o autor embora entendedor teve de recorrer a meios igualmente especializados e percorrer quase todos, senão mesmo todos, aqueles em que as bandas filarmónicas estavam então inseridas, as sedes e meios onde pontificavam e para isso teve de as percorrer uma a uma num esforço que foi grande, de mãos dadas com uma carolice e uma dedicação de realçar.*

Não era e não foi um livro que pudesse escrever-se, como soe dizer-se, ao correr da pena, alinhavadas que fossem as razões e os factos que lhe deram vida.

O material a carrear era vasto para a sua concretização. A pesquisa a fazer era longa e teria de ser paciente e demorada. A despesa para percorrer o País e locais donde a música popular irradiava era de monta. Mas nada deteve o autor logo que se afezrou à ideia de realizar a grande obra que lhe estava em mente e o dominava dia a dia e o levou à sua publicação, após outra luta havida para a edição que foi momentosa.

O tempo não conta quando se nos impõe uma missão o levar a cabo. Mas tal facto é um dos meios interessantes na obra de Pedro de Freitas, pois que ele só olhou exactamente ao seu espírito de missão e não ao que do seu bolso iria sair, como saiu, e aos consequentes trabalhos inerentes ao pretendido.

Outro é o tratar-se de uma-colectânea sobre música em que praticamente quase tudo senão tudo, estava por fazer em que o autor sistemática e perseverantemente, trabalhou com denoda vontade e também a paciência necessária, na reunião de tudo quanto lhe foi possível agrupar, para que o tema música, tanto da sua predilecção, pudesse sair tratado, como o foi, em profundidade [...] obra de vulto e notória

²⁶⁰⁸ Cruz, João Luís da, “A Pedro de Freitas – Historiador da Música Popular em Portugal”, Em *A Incrível no seu centenário*, Almada, 01-11-1948; ou Cruz, João Luís da: “Obras Críticas e Impressões”, Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, pp. 240-242; ou Cruz, João Luís da: “Fechando os meus Quadros”, Em Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, pp. 490-492.

necessidade em que a música popular é tratada com o carinho e o pundonor que é devido.

Pedro de Freitas tem, pois, neste seu livro um dos seus maiores e melhores trabalhos onde a pesquisa e o zelo andam a par no desejo de bem servir, na defesa da divina arte dos sons tão mal barateados nestes nossos tempos»²⁶⁰⁹.

Alberto Iria, historiógrafo e director do *Arquivo Histórico Colonial*: «*Agradeço-lhe as agradáveis horas de leitura que me proporcionaram os seus dois livrinhos: Em França trinta anos depois e História da Música Popular em Portugal. O primeiro é sem favor, o mais expressivo e sentimental romance luso, do post-guerra, de 1914-18, nascido do próprio seio do conflito e nele vivido. O segundo constitui, indubitavelmente, obra de consulta permanente, ponto de partida essencial para novas análises e estudos. Em ambos, a sua linguagem simples e espontânea, de um filho do povo e para o povo, torna essas duas obras sugestivas e originais, além da própria originalidade dos temas versados. E isto é tanto mais para admirar, quanto é certo tratar-se de um autor que, como autodidacta, não deixa de possuir já uma obra, um nome sério, na República das letras. Os meus parabéns, com sinceros votos para que realize mais e melhor, com esse seu acendrado amor pátrio e amor pela investigação histórica»²⁶¹⁰.*

Anónimo: «*O sr. Pedro de Freitas, antigo músico e abalizado cronista da Guerra de 1914/18, publicista de reconhecido mérito, investigador probo e jornalista, [...]. Teve agora a gentileza de nos facultar a leitura da sua grande Obra literária e de investigação «Historia da Música popular em Portugal», [...]. Trata-se de uma obra de vulto, com elementos inéditos de estudo e informação que a tornam um valiosíssimo repositório de tudo quanto se pode reunir a respeito das filarmónicas no nosso País. Podemos afirmar, na esteira de reconhecidas autoridades em tal matéria, que o Sr. Pedro de Freitas, ao coligir, paciente e laboriosamente, os numerosismos*

²⁶⁰⁹ Vaz, Manuel Joaquim, “Apreciando o livro “A História da Música Popular em Portugal”, Em *Jornal do Barreiro*, Barreiro, 21-12-1984.

²⁶¹⁰ Iria, Alberto: “Obras, Críticas e Impressões”, Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 247.

elementos para este seu precioso livro e ao dá-lo à estampa, prestou um alto serviço ao País.

Não sabemos da tiragem; mas, pela natureza do assunto, pela proficiência e amplitude com que é tratado; pelo valor e ineditismo dos elementos, a edição devia ter-se esgotado, e bem pode estar o Sr. Pedro de Freitas a pensar já na 2.^a [...]. O volume, muito ilustrado, especialmente com gravuras (188) de grupos musicais da maior parte do País e seus dirigentes, desde recuados tempos, tem 570 páginas, foi editado pelo autor em 1946 e é prefaciado pelo considerado Mestre Luís de Freitas Branco e precedido igualmente de algumas palavras de ilustres personalidades, como o General Raul Esteves, o Dr. Constâncio Carrusca e o Jornalista Julião Quintinha, além de «impressões» várias extraídas de jornais e de jornalistas.

Começa por «Considerações oportunas», passa pelo capítulo consagrado à terra natal do autor «Loulé e a sua música popular», seguindo-se o capítulo «Filarmónicas de Portugal», o mais volumoso (390 páginas), e o epigrafado de «Evolução, crise e solução», e «Algumas palavras finais», naquele se discorrendo competentemente sobre a actual crise que atravessam as bandas civis e se preconizando inteligentes medidas para a debelar.

O distrito de Aveiro e os seus concelhos, entre os quais de Estarreja, figuram, como não podia deixar de ser, no capítulo sobre as filarmónicas, apresentando, de algumas, gravuras e elementos históricos, estes extraídos do «Arquivo do Distrito de Aveiro» e fornecidos pelo seu director e outros aveirenses»²⁶¹¹.

Anónimo: «Apaixonado pela música e pela divulgação, lançou ombros à tarefa pesada e laboriosa de reunir em livro o resultado de um longo trabalho de paciente investigação e pesquisa de elementos sobre a história das bandas populares e filarmónicas do país.

A obra aparece agora num grosso e bem documentado volume de quase 600 páginas, com uma sugestiva capa e inúmeras gravuras ilustrando o texto.

²⁶¹¹ Anónimo, “História da música Popular em Portugal por Pedro de Freitas”, Em *O Jornal de Estarreja*, Estarreja, 25-09-1967.

*Abre com um prefácio do professor Luís de Freitas Branco e inclui um pequeno estudo de apresentação do escritor, também algarvio e também autodidacta que é Julião Quintinha*²⁶¹².

Anónimo: «*Pedro de Freitas tem sido sempre um incansável e tenaz defensor da cultura popular. [...] Fundou, organizou e regeu a extinta Banda de Música do Batalhão de Sapadores do Caminho de Ferro. Merecem referências especiais a sua acção no campo literário, contando a sua ficha bibliográfica: «As Minhas Recordações da Grande Guerra», «História da Música Popular em Portugal», considerada de utilidade militar pelo Estado Maior do Exército Português e adquirida para figurar em todas as bibliotecas militares, e pelos «Colloquium» Internacional de Estudos Luso-Brasileiros e Instituto para a Alta Cultura para figurar na representação oficial de Portugal (Outubro 1950) em Washington, na comemoração do 150.º aniversário da Grande Exposição Bibliográfica efectuada na Biblioteca do Congresso da capital da América do Norte*»²⁶¹³.

²⁶¹² Anónimo, “Um livro de investigação Musical História da Música Popular em Portugal”, Em *O Algarve*, Faro, 12-01-1947.

²⁶¹³ Anónimo, “Em defesa do Orfeanismo Português”, Em *Gazeta do Sul*, Montijo, 14-09-1952.

7.2.d. É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição

Anónimo: *«Trata principalmente da história das bandas de música do Distrito de Setúbal, o livro lê-se com agrado, pois nele, sempre que vem a propósito, Pedro de Freitas, dá largas ao seu entusiasmo pela música popular e sua paixão pela arte que, tão delicadamente, cultivou na sua juventude. A parte em que trata de noções gerais de música popular, constitui uma interessante crítica à actual direcção das sociedades recreativas e musicais e nele diz dos remédios que lhe parecem de aplicar para o rejuvenescimento da música popular.*

Pedro de Freitas tem muita razão no que diz e o seu entusiasmo pelas bandas civis exprimem sentimentos do mais são nacionalismo, do que não se edifica sobre técnica, mas sobre o verdadeiro sentido popular»²⁶¹⁴.

²⁶¹⁴ Anónimo, “É Preciso dar ao Povo Música da sua feição”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 01-07-1955.

7.2.e. *Eu fui à Índia*

Anónimo: *«De Barreiro (Portugal), hemos tenido le gusto de saludar en nuestra Casa, al querido amigo e insigne escritor y músico don Pedro de Freitas, quien con un grupo de viejas amistades ha visitado Francia. Al regresar de nuevo a su ciudad algarvia, prolongó un poco más su viaje para pasar unas horas en nuestra población y visitar esta Redacción para abrazarnos, lo cual nos alegró mucho.*

Al mismo tiempo nos hizo entrega de su libro “Eu fui á Índia” en el cual como en los anteriores escribió gentil dedicatoria. Se trata de un bello libro, muy bien editado, en el que el autor describe paisajes, costumbres e impresiones de un viaje realizado a la India. Agradecemos, una vez más, a este antiguo y estimado colega en las lidies literarias las atenciones para con nosotros y el placer de su grata visita»²⁶¹⁵.

Anónimo: *«Visitou a Índia Portuguesa Goa, Damão e Dio. O livro consta de impressões desta viagem, descreve contactos com populações locais, melhoramentos que atestam o progresso por que o Estado da Índia passou nos últimos anos, factos relacionados com melhoramentos oficiais e o folclore indio-português. E fica vincado no espírito do leitor o seu patriotismo antes de ser barbaramente invadida pela União Indiana. Obra de leitura interessante, valorizado por o autor escrever num estilo acessível, em linguagem simples que se coaduna com o teor da narrativa. (Diário de Notícias)*

Da imagem da Índia Portuguesa resultou o livro que vale principalmente pela sinceridade que o inspirou. Em páginas onde o bom humor e um agudo espírito de observação alternam com a ingenuidade do homem simples, tardiamente posto em face do desconhecido, de progressos e realidades, que mal suspeitava, o autor dá-nos saborosas impressões de tudo – e foi muito! – que viu, permitindo àqueles que não tiveram a sua sorte avaliar o que era a Índia Portuguesa meses antes de ser arrebatada. Edição do autor «O Século»²⁶¹⁶.

²⁶¹⁵ Anónimo, “Saludos”, *La Higuera*, Isla Cristina, 10-06-1978.

²⁶¹⁶ Anónimo, “Livros Novos Eu fui à Índia por Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 04-11-1962.

Ayuntamiento de Cartaya: *«Es un libro magnífico, confeccionado con excelente papel satinado, muy buenos fotograbados y de gran formato. Su lectura constituye un placer y se observa, como en otras publicaciones suyas, que es un fino observador de cosas grandes y pequeñas, llamándonos la atención la profusión de tanto detalle que proporciona amenidad y variada enseñanza. Bien quisiera extenderme más al hablar de él, pero la índole de esta mi colaboración con espacio lógicamente limitado me impide atender a mi voluntad...»*

Entre los datos curiosos de su libro figura cómo en 1744, el Gobernador en aquellos territorios, Don Antonio de Castro, imploró a la Virgen del Rosario, cuando se encontraba en un trance apuradísimo de guerra, consiguiendo la protección de Nuestra Señora y la victoria anhelada»²⁶¹⁷.

²⁶¹⁷ Ayuntamiento de Cartaya (ed.), “Homenaje D. Pedro de Freitas”, Em Revista de Festejos *Cartaya 1982 Fiestas en Honor de Ntra. Sra. del Rosario y XIX Feria Agraria Industrial y Ganadera*, Cartaya – 29 de Septiembre – 3 de Octubre de 1982, Huelva, Imprenta Jimenez, S.L., Setembro/Outubro de 1982, p. 55, [n.º 223 do *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

7.2.f. *Brisas de Espanha: crónicas*

Luis Pastor López, Inspéctor do Corpo Geral da Polícia de Sevilha: «*Gran autodidacta, amante de la lectura, deja deslizar sus pensamientos por la blanca superficie del papel, consagrándose como un verdadero literato con la publicación de artículos periodísticos y de varias obras de depurado estilo, entre las que figura “Brisas de España”. En ésta hace un canto a las distintas regiones españolas, y en su segundo capítulo, titulado “Cartaya en Fiesta”, describe los encantos de nuestro pueblo con la pasión de un enamorado. ¡No en vano el amor hizo en ella en su corazón de adolescente!*»²⁶¹⁸.

Manuel Féria Sousa, jornalista e crítico literário, de Ayamonte: «*Estas impresiones tuyas de un viaje por la geografía de España tienen un hondo sabor descriptivo, una fácil asimilación ambiental y un cautivador espíritu de observación y remembranza. Tales extremos, dilatados después de estudiar la conciencia del libro, son una base sólida para entretejer una crítica que supongo ha de dejarle completamente satisfecho*»²⁶¹⁹.

Manuel Féria Sousa (jornalista e crítico literário de Ayamonte): «*Tenemos en nuestras manos la sexta compilación de acuarelas literarias que el notable periodista portugués Pedro de Freitas da a la publicidad, esta vez engarzando en capítulos impresionistas toda una serie de pinceladas heterogéneas, que nos muestran, a manera de instantáneas raudas, la gama colorista y cambiante de un itinerario en zigzag vivido por el autor a través de la geografía de España.*

En el discurrir de su inquieta vida, pródiga en fertilidad y dinamismo, Pedro de Freitas fue siempre un admirador y un enamorado de las cosas de España...

²⁶¹⁸ Pastor López, Luis: “En Justa correspondencia”, Em *Revista Cartaya 1958*, Ayamonte, Imprenta Vda. J. Hidalgo, 1958, [há dois exemplares n.º 127 e n.º 233 do *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; ou Pastor López, Luis, Em 1.ª Série do 2.º Livro, *Os Meus Artigos e alguns Extras* de 1917 a 1964, Pedro de Freitas, n.º 113, Setembro de 1958, pp. 555-556, [82-9 Fre/Meu do *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; ou *Programas de Fiestas del Rosario 1957-63* LEGADO 759 (1957-1968) da *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*.

²⁶¹⁹ Féria Sousa, Manuel: “Carta a Pedro de Freitas”, Em Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, p. 12.

De ése turismo refocilarte y activo, pletórico de cromatismo y emociones, sacó repleto su bloc de notas, notas que ahora desempolva y ordena...

Cuatro líneas expresivas bastan a servir de pórtico y de brindis al bien cuidado opúsculo. En tan breves renglones, el autor dedica su trabajo a los lazos de fraternización hispano-lusa...

Y por su cronología andante, intercalando impresiones recientísimas al efluvio nostálgico de otras épocas juveniles, raíz de una acendrada admiración hispanista, definida en estas páginas de sus crónicas con singular maestría de captación y fijeza. Es así como el ágil Pedro de Freitas cumple un estilizado ideal de amatorísimo, que dicen los portugueses, cuyo término, sin equivalencia literal en castellano, nosotros traducimos por entrega desinteresada y noble a un arte, actividad o profesión que se ejerce deliberadamente»²⁶²⁰.

M. Morales Bernal, Director da Revista oficial de Festejos de Cartaya: *«El Sr. Alcalde de este pueblo me enseña su publicación BRISAS DE ESPANHA, por la cual tengo el honor de felicitarlo en especial por su crónica dedicada a esta villa.*

Tengo gran interés en publicar la misma en nuestra gran revista de fiestas que editamos todos los años con motivo de nuestras fiestas por lo que lo agradecería el envío de un ejemplar al mismo tiempo que su autorización para dicha publicación»²⁶²¹.

Jose Alandi Chabret, empregado administrativo numa Empresa de Fabricação de Bidões e redactor deportivo da *Emisora* de Sagunto (faz referência à personagem *Sagundo* da obra *Brisas de Espanha: Crónicas*): *«Cuando llegó a mi poder su gratísima carta, no puede Vd. imaginar la enorme satisfacción que me produjo saber que Vd. me recordaba.*

Siete son los años transcurridos desde que yo tuve el placer de conocerle, siendo como muy bien dice «un rapacito»; ahora con 18 años y sin haber desaparecido de

²⁶²⁰ Féria Sousa, Manuel: “Crítica ao livro *Brisas de Espanha*”, Em *La Higuierita*, Isla Cristina, 07-04-1958; ou Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, p. 12.

²⁶²¹ Morales Bernal, M.: “Crítica ao livro *Brisas de Espanha* de Pedro de Freitas”, Em Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, p. 13.

mi mente su figura, escribo emocionado estas líneas de agradecimiento hacia quien tan caballero ha sido para conmigo.

Pasada la edad escolar, presto servicios como empleado administrativo, en una Empresa de Fabricación de Bidones, soy al mismo tiempo, en calidad de aficionado, redactor deportivo de la Emisora de «mi querido» Sagunto.

Me ilusiona saber que mi modesto nombre va a ser Heraldo de un pueblo a través de su libro.

Portugal país de Hidalgos caballeros ha tenido en su figura un continuador de sus bellas tradiciones»²⁶²².

Jose Alandi Chabret: *«Su libro» Brisas de Espanha, en el que tengo la inmensa satisfacción de figurar, es, a mi criterio, muy práctico a la vez que denso en juicio narrativo, por lo que me ha agradado en gran manera.*

La descripción suya de «mi querido Sagunto» es magnífica y mi agradecimientos por ella infinito.

Muy reconocido hacia quien no olvidó aquel «rapacito»...²⁶²³.

Mario Rodriguez Correa Navarro, abogado, de Madrid: *«Recibí su obra y no pude resistir a la tentación de leerla de un tirón. Es tan amena y pinta Vd. con tal maestría los tipos, los caracteres y las maravillas de las tierras que va visitando y viviendo al mismo tiempo, que las horas se pasan veloces y lo que verdaderamente se siente es que sea la obra tan corta. Tiene Vd. una manera siempre alegre y simpática de verlo todo que da la sensación de que fue muy feliz por esas tierras.*

Y se comprende porque tenía Vd. pocos años, e iba a llevar la alegría de la música a los pueblos que, cansados de trabajar durante todo un año, se disponía a pasarlo lo mejor posibles durante las fiestas de su patrona y por consiguiente el recibimiento que hacían a los «Artistas de Minerva» era por general apoteótico. A mi no me olvidan los días de mi infancia que pase en Ayamonte cuando llegaba la festividad de

²⁶²² Alandi Chabret, Jose: “Primeira Carta a Pedro de Freitas sobre o seu livro *Brisas de Espanha*”, Em Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, p. 14.

²⁶²³ Alandi Chabret, Jose: “Segunda Carta a Pedro de Freitas sobre o seu livro *Brisas de Espanha*”, Em Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, p. 14.

la Virgen de las Angustias. La fiesta comenzaba precisamente cuando Vds. desembarcaban en el muelle de Portugal.

Por todas partes se curia la voz que habían llegado las bandas de música y se sentía ya la fiesta, la alegría, el deseo de gastar y el de no trabajar»²⁶²⁴.

José Diz González, de Tuy (personagem *Don Pipo* do capítulo “Galiza, país de sonho” do livro *Brisas de Espanha*)²⁶²⁵: «Después de un largo viaje por Bélgica, Alemania, Suiza y Francia, llego a mi tierra natal donde me encuentro con su preciado libro, «Brisas de Espanha», en el cuál hace resaltar con grandes elogios y maravillosamente descritos su viaje por las tierras gallegas.

Es mi sorpresa cuándo a través de la lectura y con sus dotes de gran escritor hace destacar la labor de éste humilde comerciante.

Tengo de agradecerle esta gran propaganda que a través de su famosísimo libro se extiende por todo Portugal, de cuyas páginas, ya más de un portugués me ha escrito dando cuenta de dicho libro.

Encuentro en todo el, maravillosas ideas en todo cuánto describe de su viaje, pero hay algunos párrafos que merecen los mayores elogios por la forma en que los enfoca y esclarece, propio de un escritor de grandes conocimientos, los cuáles me agradaría llegasen a conocimiento de los interesados para que meditasen e hiciesen un pequeño examen de conciencia. No quiero esclarecer más estos extremos para no puntualizar directamente los párrafos a que me refiero»²⁶²⁶.

José Calvo Balado, Comerciante de La Coruña: «Lo he leído con curiosidad e interés (referencia ao terceiro capítulo «Galiza, País de Sonho») para llegar a la conclusión de lo bien documentada del texto, de lo poético de sus observaciones y de la sinceridad con que enjuicia esta tierra.

Trabajos como el de V. sirven para darnos a conocer mutuamente, descorriendo el velo que nubla nuestro juicio cuando no se refiere a lo que egoísticamente llamamos nuestro, apropiándonos por intereses bastandos y convencionales de lo que la

²⁶²⁴ Correa Navarro, Mario Rodríguez: “Crítica ao livro *Brisas de Espanha* de Pedro de Freitas”, Em Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, pp. 14-15.

²⁶²⁵ Don Pipo era o proprietário de um dos melhores estabelecimentos de fazendas. Freitas, Pedro de, *Brisas de Espanha: crónicas*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1957, pp. 45-46.

²⁶²⁶ Diz González, José: “Crítica ao livro *Brisas de Espanha* de Pedro de Freitas”, Em Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, p. 15.

Providencia puso al alcance de todos los humanos, aparte razas, lenguas, nacionalidades y costumbres.

La divulgación de lo que son y hacen otros pueblos, vistos a través del prisma de la sinceridad, dejando de lado los prejuicios y las comparaciones, siempre odiosas y lamentables, es el mejor acervo, la mejor ayuda que podemos prestar a la humanidad en ansias de su mejora y de su felicidad.

Y esto lo cumple V. plenamente poniendo al alcance de los otros sus experiencias, sus satisfacciones, sus conocimientos y espíritu de observación e investigación»²⁶²⁷.

Luis Pastor López, Inspéctor do Corpo Geral da Polícia de Sevilha: *«Por conducto de mi hermano político Sr. Morales Bernal, ha llegado a mis manos sus crónicas «Brisas de Espanha» que he leído con sumo deleite. En ellas, con elegante estilo literario y fino espíritu de observación, ha sabido plasmar sus impresiones y «saudades» de «sua mocidade», recibidas en sus viajes - a través de mi amada Patria, tan unida al hidalgo Portugal por lazos indisolubles de espiritualidad.*

Como colaborador de la Revista Oficial de Festejos de Cartaya (mi Patria chica), y también como sobrino de aquel que fue alcalde, D. Juan Pérez Pastor, me honro en testimoniar a V. la mas calurosa felicitación, por la buena acogida que han tenido sus «crónicas», entre cuantos nos cupo la suerte de leerlas, al par que le expreso mi eterno reconocimiento por las pruebas de afecto que dispensa a mi Cartaya.

Recibiría con mucho gusto un ejemplar de su obra, al precio que sea, y espero tener la oportunidad de saludarle algún día en la «Festa» de mi «Patroeira».

Su «Historia de la Música» es muy completa. Sus «Brisas de Espanha» es puro lirismo. Cada una en su estilo, formidables, maravillosas!»²⁶²⁸.

²⁶²⁷ Calvo Balado, José: “Crítica ao livro *Brisas de Espanha* de Pedro de Freitas”, Em Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, p. 15.

²⁶²⁸ Pastor López, Luis: “Crítica ao livro *Brisas de Espanha* de Pedro de Freitas”, Em Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, p. 13.

7.2.g. Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958

Rafael Redondo Fernández, Jefe de Administración Civil de Telecomunicación, de Huelva²⁶²⁹: *«su nuevo libro, continuación de «Brisas de España» en el que, entre otras cosas, se reseña de mano maestra el vino de honor con que fue obsequiado por las Fiestas del Rosario y al que impensadamente tuve el gusto de asistir para conocer personalmente al autor de la información referente a Doña Blanca – Cartaya – y expresarle mi gratitud como cartayero por las lindas y lisonjeras frases dedicadas a mi pueblo.*

Lo he leído con detenimiento comprobando cómo se nota su gran afición a las bellas letras.

Bien se comprende con cuanto amor mima Vd. no sólo la redacción sino también la buena presentación, la belleza externa de su librito: buen papel, tipos claros de letras en consonancia con su contenido; detalles que no escapan a su pluma y viveza de fino observador; minuciosidad de datos que reviven los momentos descriptos con acusado relieve. Se aprecia fácilmente el amoroso regusto con que escribió poniendo en ello su alma de hombre romántico cosa notable en estos tiempos ya que además le cuesta buen dinero por corresponder agradecido a atenciones, muy merecidas que se dispensaron.

Por la cita que hace de párrafos míos en «Cinquenta años después en Cartaya, 1908-1958», quédole muito obrigado»²⁶³⁰.

²⁶²⁹ Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, p. 32.

²⁶³⁰ Redondo Fernández, Rafael: “Acuse de Recibo para Don Pedro de Freitas”, Em Revista *Feria y Fiestas Cartaya 1961*, Isla Cristina, Imprenta Bautista, Outubro de 1961, [n.º 128 de *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]. Ou Legajo 759 (1957-1968) da *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*.

7.2.h. O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)

Joaquim António Nunes, Presidente da *Direcção da Casa do Algarve*: «Trata-se de um fragmento autobiográfico do autor da «História da Música Popular em Portugal», descrito através de dois pequenos contos «O Rapazito e o Velho Pedinte» e «A Sina do Menino». No primeiro, como se antevê, resultou da convivência, na sua juventude, com um pobre. Um pobre como tantos outros abandonados quando já não têm forças, saúde, carinhos de ninguém nem meios de sobrevivência e chegam a ser repudiados como cães leprosos. O pobre do conto arrastava a sua miséria, de porta em porta, de mão estendida pedindo cinco reisinhos... O autor põe na boca do pobre os mais salutareos conselhos cheios de conceitos morais e cristãos, repletos de doçura e humanidade para com os velhos e as crianças - as grandes vítimas da loucura dos tempos modernos e de sempre. E não esquece a flagrante injustiça a que são votados os que ao atingirem a velhice inútil precisam de esmolar até à morte. O segundo conto ainda tem um pouco da vida do autor mas muito a revelar uma. forte imaginação e poder criativo, o que, aliás, foram as fontes criadoras de toda a sua obra. O caixeirito de mercearia que recebera as primeiras lições de moral e civismo dum pobre que arrastou os seus últimos dias de vida estendendo a mão à caridade fez-se homem e marcou a sua personalidade como um funcionário cumpridor e disciplinado dos Caminhos de Ferro»²⁶³¹.

²⁶³¹ Nunes, Joaquim António: “Prefácio”, Em Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978, pp. [IX-X].

Mário Mota, escritor e publicista de Lisboa: *«A ocasião que era de festa para aquela Casa Regional e de lembranças altas por João de Deus – foi igual, no apreço, por duas outras pessoas: o Eng. Sande Lemos e o Escritor Pedro de Freitas.*

Realce, nestas colunas para a consagração de Pedro de Freitas que, na altura fazia a distribuição de um novo livro seu, de contos, «O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino», obra a acrescentar à sua bibliografia que lemos com interesse...

É sempre com prazer que assistimos às caminhadas do seu espírito moço a perpetuar-se cada vez mais em altas definições de aprumo, a saber definir-se como um estudioso sempre atento aos seus ideais humanísticos, a saber emancipar-se face ao tempo, no respeito pelo passado e pelas suas tradições, e sem olvidar o presente...»²⁶³².

João Corpas Viegas: *«Não foi sem pesar que o compilador destas linhas, ao folhear o encantador livrinho «O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino», deparou, na introdutória «explicação» do autor com a menção de que a sua publicação encerrava uma longa e até certo ponto, passional (e afectiva) actividade literária.*

Mas de pronto essa emotiva impressão inicial cedeu a outra, quiçá mais avultante: a de que Pedro de Freitas, edificadamente, mesmo afastado fisicamente (não espiritualmente) por ditames do destino da sua terra-natal, se mantinha não só intrinsecamente algarvio, quão interino e indefectível arauto louletano! O simbolismo do seu gesto disse dá prova: ofereceu à Casa do Algarve, em Lisboa, esta sua derradeira obra livresca.

Ao prefaciar os dois contos, Joaquim António Nunes, presidente da agremiação Algarvia tece alguns comentários apreciativos e interpretativos à publicação vertente e fornece, concomitantemente, um conciso mas demarcante perfil biográfico de PEDRO DE FREITAS.

A determinado ponto dos seus considerandos, pondera: «Por isso o Algarve é um alfobre de intelectuais, predominando os poetas, por isso Pedro de Freitas com os rudimentos de uma instrução primária, mas dotado de uma extraordinária inteligência, vivacidade, força de vontade e perseverança se tornaria um autodidacta que honra o Algarve, mas de modo particular a sua terra natal que se deve orgulhar de ter um filho de tão raras qualidades com jus e legítima consagração. [...] E a

²⁶³² Mota, Mário, “O Escritor Pedro de Freitas esteve em Foco na Casa do Algarve, em Lisboa”, Em *Jornal do Barreiro*, Barreiro, 02-06-1978.

culminar: «Pedro de Freitas, nas letras, está sobejamente provado a sua meritória veia popular; na música, agora mais evidenciada pela ficha que se digna publicar, dá-nos a medida das suas belas possibilidades. Ambas atestam o valor do Homem que se fez por si próprio!»

No tocante a merecida consagração, ainda em dívida, lembramos que nas colunas deste jornal lançamos há tempos uma sugestão, extensiva à Câmara Municipal de Loulé, no sentido de atribuir ao tão devotado louletano, que é PEDRO DE FREITAS, uma condigna condecoração de mérito.

Fechado o parêntese aqui intercalado reportamo-nos agora ao tema fulcral que inspiram estes alinhavos, apressadamente gizados, ao livro em presença: «O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino», no qual PEDRO DE FREITAS consignou, através de metáforas imaginativas recordações antigas, extrapolando-as para personagens pseudo-hipotéticas. No primeiro conto ressalta o diálogo de cunho ético-moral, havido entre um menino e um velho pedinte sulcado de experiência. Na segunda narrativa, transparece o rasto de uma vida caldeada de episódios e peripécias que mantêm oculta correlação com uma singela sina, aparentemente inócua, mas que saiu certa. Qualquer um deles, qualquer um dos contos, possui conteúdo descritivo e enredo que basta para manter sempre cativa a atenção do leitor. De resto é algo de parecido (e nisso quanto a nós um predicado mais a creditar), em especial o último conto, é como uma «confissão» ou uma «confidência retrospectiva de adeus» entrelaçada por fragmentos residuais subjectivos de uma escalada vivencial que atingiu o seu vértice. No posfácio do citado livro, PEDRO DE FREITAS bem o sublinha: «E é com ela (a vida) a comandar os meus destinos, neste declinar vertiginoso da minha longa existência, que chego à meta do meu tributo». Pelo seu 15.º livro, pela forma como o escreveu, e pela cristalina fluência das narrativas de grande poder evocativo, endereçamos a PEDRO DE FREITAS as nossas efusivas saudações. Parabéns, PEDRO DE FREITAS!»²⁶³³.

²⁶³³ Viegas, João Corpas, “O rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (contos) de Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 16-03-1978.

7.2.i. A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)

Tenente-engenheiro Alexandre Nobre dos Santos: «*Muito e muito obrigado pela amável oferta do seu mais recente livro – Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas – colectânea dos discursos, telegramas, cartas, artigos de jornais e outras mensagens e documentos, além de excelente reportagem fotográfica das cerimónias integradas naquela homenagem promovida pela nossa vila ao seu ilustre filho e prezado amigo. [...] Ao fim de tantos anos, pode dizer-se uma vida inteira de intensa, dedicada e útil actividade em favor do progresso material e cultural de Loulé, eis que a edilidade do município, a que se associaram a população e todas as agremiações da vila e concelho, em sessão solene presidida pelo governador civil de Faro – o qual, com a sua presença e o seu aplauso, fez alargar a todo o Algarve a ressonância desta cerimónia de âmbito mais restrito – quis consagrar publicamente essa sua tão meritória e prolongada actuação.*

Chegado ao cume da montanha, ao dobrar os 85 anos, o meu ilustre amigo vê assim reconhecido o acerto do caminho que trilhou ao longo duma vida na qual a sua bondade, a sua generosidade, a sua coragem e persistência e o seu mérito literário e musical, constituem um exemplo para todos, em especial para os jovens que nesse exemplo muito terão de meditar e aprender»²⁶³⁴.

²⁶³⁴ Santos, Alexandre Nobre dos, “Carta a Pedro de Freitas, 23 de Julho de 1979”, Em Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.^a (ed.), 1991, pp. 497-498.

7.2.j. Quadros de Loulé Antigo

Pedro de Freitas: *«Trata-se de um volumoso livro excelentemente apresentado, com cerca de 400 páginas a falarem de todas as épocas da nossa vila, e 86 gravuras a enriquecerem o mostruário louletano, no qual há aspectos antigos, pessoas ou factos de saliência, pormenores simples e em contrastes, ilustrações de actos religiosos, reconstituições que se perderiam e poderão servir de estudo e legendas elucidativas, biográficas e históricas; todo um cuidado trabalho que decerto irá mesmo com a sua modéstia, ombrear os altos pergaminhos que engrinaldam Loulé. [...] Não será perfeita a obra que ofereço a Loulé. Ninguém é perfeito, diz o provérbio popular. Não sendo perfeito na sua construção, tem, posso assegurá-lo, uma grande virtude. O de ser fruto da minha dedicação à Terra que me serviu de berço. Mas o seu grande defeito, isso o reconheço desde já, é ele ter sido escrito por mim!»*²⁶³⁵.

Manuel Guerreiro Farrajota, provedor da Santa Casa da Misericórdia: *«Com efeito, Pedro de Freitas faz tão vasta e pormenorizada descrição, profundamente realista, das tradições, costumes e folclore; foca tão notoriamente as grandes e modestas figuras do passado e contemporâneas, nascidas em Loulé ou aqui se fixaram e de algum modo se celebrizam, tornando-se inesquecíveis para a posteridade, e alude, enfim, a tantos eventos regionais que a sua obra constitui perfeita antologia em prol do seu amado concelho, e que eu ousaria à vereação louletana a iniciativa de a mandar editar, sendo possível um só volume, a promover a sua divulgação em condições de fácil aquisição para conhecimento de muitos, recordação de alguns (recordar é viver) e apreço de todos. Estou crente de que, sobretudo para os que há muito se ausentaram, a leitura desse livro constituiria um bálsamo para a saudade da terra que não esqueceram e, quiçá, atracção para uma vinda até cá»*²⁶³⁶.

Anónimo: *«este livro é símbolo daquilo que é possível conseguir-se realizar quando se é norteado no sentido de fazer algo pela terra natal, tem também o mérito de definir até onde pode chegar a «carolice» e o amor ao torrão natal de um homem que*

²⁶³⁵ Freitas, Pedro de, “Um Livro Legado Ao Hospital”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 01-12-1963.

²⁶³⁶ Farrajota, Manuel Guerreiro, “Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 07-07-1977.

ao longo de toda a vida sempre tem enaltecido, com verdadeira paixão, as belezas da sua terra»²⁶³⁷.

J. B.: *«Quadros de Loulé Antigo é um magnífico repositório do que de mais importante aconteceu em Loulé nos últimos 50 anos: esta obra tem o real mérito de simbolizar a paixão de um homem pelas coisas da sua terra. E este pormenor merece e deve ser realçado porque hoje, infelizmente já não se vibra como outrora por tudo o que seja «a nossa terra»²⁶³⁸.*

João Faria Lapa, Professor Catedrático de Lisboa: *«Quadros de Loulé Antigo». Li-da primeira à última linha. E embora não louletano, admiro não apenas o amor acrisolado à terra de que é honroso filho mas, mais ainda, a tenacidade, o amor, o entusiasmo sem quebranto em que esse amor se manifesta – e durante uma vida inteira. E ainda que o autor não pergunte se os leitores gostaram (p. 351), eu respondo que não apenas gostei, mas delire-me. [...] aquela nota final (p. 356), de intensa melancolia, gaverá de ser negada, porque a idade atinge o físico, mas poupa o espírito – e é esse, o caso. Que prazer lermos descrições históricas, referências a factos passados, por quem os viveu e viveu intensamente.*

Veja-se, por exemplo, a minúcia e a beleza no retrato do episódio do achado e da lição de integridade moral, a pp. 163/167; a referência ao que era o respeito pelos pais (p. 174) e até o horário das refeições, a que eu fui ainda habituado (mesma p.); o desenrolar, ao jeito persuasivo, do episódio do medo (pp. 185/189), sobretudo o realismo da nota final; a história tão característica e tão conhecida dos velhos, como eu, da variante do caminho de ferro de Loulé (pp. 207/240); a recordação da gloriosa visita (de que o meu amigo foi a alma) do Batalhão «Sempre Fixe» a Loulé, e tantos outros passos. E tudo isto da autoria de um ilustre e devotado louletano, mas, para mim, mais, do antigo companheiro e dedicado colaborador nas lides ferroviárias.

Como não hei-de estar imensamente grato? Tão grato que me pareceu forma de exprimir esse meu agradecimento solicitar ao também «Irmão 607 de Santa Casa da Misericórdia e Hospital de Nossa Senhora dos Pobres, de Loulé», uma vez que a edição e a propriedade literária do trabalho foram magnanimamente oferecidas pelo autor, que faça entregue á mesma Santa Casa da importância que, por vale correio,

²⁶³⁷ Anónimo, “Quadros de Loulé Antigo, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 02-02-1964.

²⁶³⁸ B., J., “Quadros de Loulé Antigo”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 01-03-1964.

deposito nas suas mãos – com uma condição, a que de nenhum modo seja identificada a minha pessoa, salvo pela simples indicação de «um ferroviário amigo». (A dádiva ao Hospital a que se refere o ilustre Catedrático, foi de MIL ESCUDOS)»²⁶³⁹.

Lúis Cabral Adão, médico estomatologista de Almada: *«Quadros de Loulé Antigo!» Repositório de crónicas suculentas, de factos históricos, de descritivos paisagísticos, de tipos populares. [...] E vendo tudo e a maneira afectuosa como trata todos os assuntos, faz-me quase pena de eu não ter nascido em Loulé!!! E que Vila... »²⁶⁴⁰.*

Cónego José Augusto Alegria: *«Quadros de Loulé Antigo», muito lhe agradeço. Voltei a apreciar o seu famoso talento ao servir a sua terra. Não é muito vulgar que uma pessoa «tão dessinteressada que nunca ganhou o pão da vida na sua terra», se tenha mantido tão ardorosa e apaixonadamente preso à terra que o viu nascer. Tem razão para o fazer, porque foi lá que recebeu da Providência através dos Pais, os talentos que pela vida fora tem demonstrado possuir em grau tão elevado»²⁶⁴¹.*

²⁶³⁹ Freitas, Pedro de, “Falando de um dos meus livros”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 19-06-1974.

²⁶⁴⁰ Freitas, Pedro de, “Falando de um dos meus livros”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 19-06-1974.

²⁶⁴¹ Freitas, Pedro de, “Falando de um dos meus livros”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 19-06-1974.

7.2.1. *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*

Mário Lyster Franco, director do Jornal *Correio do Sul* (Faro): «*Pedro de Freitas apresenta-se no pleno vigor dos seus 78 e conheço a borteja literária que desde bastante novo o apoquento [...] Destaque-se, no entanto e desde já a boa vontade, o interesse, o calor, a dedicação que este homem, sob todos os aspectos de modestos recursos mas estruturalmente bem formado e honesto na sua maneira de estar perante a vida, tem posto ao serviço de causas nobres, das legítimas reivindicações da sua terra e, sobretudo, das letras e da música, tornando-se nesta a verdadeira mola real de várias realizações até de carácter nacional e naquelas um elemento que não pode negar-se autêntico valor. [...] Prosa expressiva, clara e atraente, desprovida de excepcionais exuberâncias de estilo ou de atavios de linguagem que poderiam talvez engrinaldar-lhe a forma, sem enriquecer-lhe o conteúdo, emprestar maior objectividade à descrição e aumentar-lhe o interesse. Um perfeito relator dos factos, uma prodigiosa facilidade em fixar os diálogos, um admirável sentido de observação. Poderia não estar ali e não estava, de facto, um grande prosador, mas estava, lidimamente, na própria ingenuidade de algumas expressões e de alguns pormenores, um verdadeiro, um autêntico escritor. [...] Pessoa assim de tais dotes naturais e de tão espontânea facilidade de escrever, superando com inteligência, com habilidade e com argúcia os naturais inconvenientes da falta de uma preparação escolar, que não deve ter ido além da instrução primária; do escasso convívio intelectual a que as funções de revisor dos caminhos de ferro terão obrigado e até de propósitos de um autodidatismo que não saiu de vulgares leituras e que nunca me pareceu ter estado na primeira linha das preocupações do seu espírito, pessoa assim de uma formação de tal natureza, tanto mais valiosa quanto mais intuitiva e menos procurada, parece-me inteiramente digna do real apreço e da perfeita compreensão e do melhor aplauso de quantos pelas letras demonstram interessar-se»²⁶⁴².*

²⁶⁴² Franco, Mário Lyster: “A Modos de Prefácio”, Em Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973, pp. 5-7.

7.2.m. Páginas históricas do Passado

Carlos Monteiro: *«Assim, para mim e agora, Pedro de Freitas é também um apreciado cronista de guerra, uma guerra que ele viveu e sofreu, embora pairando acima das paixões partidárias. Adivinha-se, nele, um sagaz apolítico, um etnógrafo curioso, é um jornalista firmado. Mas, a dar luz e cor a toda esta actividade sobressai, até nos mais pequeninos pormenores uma diáfana suavidade de artista, qual fundo musical a esbater-se na leveza do seu estilo.*

«Páginas Históricas do Passado» é um feixe de recordações de quem transpôs já o rubicão dos oitentas. É, além disso, um documentário valioso dos anos da Primeira Republica a intrometer-se, até, no labirinto dos acontecimentos dos nossos dias. É... uma pedra no lago dos tempos a descrever ondulações de antanho para o presente. É crítica. É lição. É subsídio [...] É, finalmente, um trabalho de flagrante actualidade que certamente, não deixará de merecer o interesse e a intenção dos estudiosos postados na reposição e apreço da verdade histórica do nosso País»²⁶⁴³.

²⁶⁴³ Monteiro, Carlos: “Abertura”, Em Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. [VII].

7.3. Quadro de Temas e Assuntos

7.3.1. Quadro Temas e Assuntos: artigos de Pedro de Freitas

Journal	Data	Localidade	Artigo/Título	Assunto Geral	Code1	Code2	Assunto Detalhado	Autor
A Aveziinha	1/1/1980	Pademe	As Filarmónicas (digam o que disserem...) são os conservatórios populares	Aprendizes precisam-se	AME	P	Estratégias para maior rendimento nos aprendizes	Freitas, Pedro de
A Aveziinha	1/7/1981	Pademe	Pedro de Freitas: gralhas não tocam	Pademe - Música	AMF	AL	Como historiador repara a verdade histórica	Freitas, Pedro de
A Aveziinha	1/8/1981	Pademe	Pademe e a sua Aveziinha	Pademe - Música	XPF	AL	Pedro Freitas tocou na banda filarmónica quando foi à Luz de Tavira	Freitas, Pedro de
A Epoca	2/10/1928	Alte	Ramal ou Desvio?	Loulé - Caminhos de Ferro	BL	L	Que o desvio linha do Sul do caminho de ferro passe por Loulé	Freitas, Pedro de
A Federação Recreativa (N.º especial)	1/1/1955	Lisboa	Um valor que não se extingue!	Homenagem Funebre	XO	P	Homenagem ao seu amigo Raul Esteves	Freitas, Pedro de
A Incrivei	1/10/1948	Almada	Pelos Anais da "Incrivei", no seu primeiro centenário	Almada - Música	AMI	DS	Esclarece a existência histórica da banda filarmónica de Sapadores	Freitas, Pedro de
A Nossa Terra	15/1/1964	Cascais	Cartas ao Director	Recorda certas do Batalhão	XPF	Lx	Rectifica algumas verdades em relação ao seu Batalhão de Sapadores	Freitas, Pedro de
A Previdência	1/7/1952	Porto	Alternativas da classe e o natal dos Ferroviários	Caminhos de Ferro	AS	P	A classe ferroviária merece mais carinho e protecção	Freitas, Pedro de
A Previdência	1/3/1960	Porto	A Minha Presença	O Concurso Nacional de Bandas Cívicas	AME	P	Muito ocupado com o Concurso Nacional de Bandas Cívicas	Freitas, Pedro de
A Previdência	1/6/1960	Porto	A Minha Colaboração	Caminhos de Ferro	AS	P	A história da "Previdência do Ferroviário Português"	Freitas, Pedro de
A Previdência	1/6/1962	Porto	Modestas Talhas da Classe Ferroviária	Caminhos de Ferro	AS	P	Os novos ferroviários preocupam-se menos com um de futuro colectivo	Freitas, Pedro de
A Previdência	1/2/1963	Porto	De Visita ao Porto	Porto - Impressões	V	Porto	Crítica positiva ao seu livro "Memórias dum Ferroviário"	Freitas, Pedro de
A Previdência	1/4/1963	Porto	Na casa do Boletim há festa aniversária	Parabéns à "Previdência"	S	Porto	Pelos 32 anos de existência, parabéns ao jornal e a todo o corpo directivo	Freitas, Pedro de
A Previdência	1/4/1963	Porto	A Mesa do Café Fala-se do Pensionista e da História do Bilhete	Caminhos de Ferro	S	ZZZ	Humor em torno dos bilhetes de comboio	Freitas, Pedro de
A Provincia	2/4/1956	Montijo	O Senhor Carestia	Critica Social	S	ZZZ	Critica indirecta aos vícios, invejas e guerras da Humanidade	Freitas, Pedro de
A Provincia	2/7/1957	Montijo	As Festas de S. Pedro e ... o diabo tece-as!	Montijo - Música	AME	DS	A importância da Colectividade nas festas	Freitas, Pedro de
A Provincia	2/3/1961	Montijo	Índia Portuguesa - Terra de Fé	Índia Portuguesa - Aspectos sociais	V	IP	Impressões da sua vivência na Índia Portuguesa	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	16/1/1955	Loulé	De e para Louletanos	Loulé - Aspectos Sociais	BE	L	Exprime seu bairrismo louletano	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	16/2/1956	Loulé	Loulé na fase do Carnaval	Loulé - Carnaval	BE	L	Há 50 anos que é festejado o Carnaval em Loulé	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	1/3/1956	Loulé	A União Marçal Pacheco (Música Velha) faz cem anos de existência	Loulé - Música	AMI	L	A "Música Velha" faz no próximo dia 1 de Maio 100 anos	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	16/3/1956	Loulé	O Centenário da Música Velha	Loulé - Música	AMPS	L	Exprime sua luta pela música de Loulé	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	16/4/1956	Loulé	Cem anos de vida e uma agonia crónica	Loulé - Música	AMPS	L	Sugestões e auxílio monetário através de um escudo por semana	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	1/5/1956	Loulé	Cem anos de vida! Música Velha	Loulé - Música	AME	L	Presta reconhecimento aos fundadores da sociedade filarmónica e deseja-lhe continuidade	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	16/5/1956	Loulé	Pelos arrais da "Música Velha"	Loulé - Música	AMPS	L	Deixa de tomar um café e colaborar monetariamente para a Sociedade Filarmónica Marçal Pacheco	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	28/4/1957	Loulé	Os homens do andar	Loulé - Aspectos Sociais	BL	L	Apresenta a sugestão da alternância de homens do andar	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	7/5/1961	Loulé	Pedem-me impressões	Loulé - Música	AMC	L	Impressões sobre as duas bandas filarmónicas de Loulé	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	5/11/1961	Loulé	Homenagem do Algarve à memória do escritor Coelho de Carvalho e do Rei D. João II	Alvor - Criação de Casa Museu	BL	AL	A criação em Alvor de uma casa museu sobre a morte do Rei João II	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	14/11/1961	Loulé	Homenagem do Algarve à memória do escritor Coelho de Carvalho e do Rei D. João II	Alvor - Criação de Casa Museu	BL	AL	A criação em Alvor de uma casa museu sobre a morte do Rei João II	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	15/4/1962	Loulé	A Minha Saudade	Homenagem Funebre	XO	L	Ao amigo e benemérito louletano José da Costa Guerreiro	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	5/8/1962	Loulé	Alte em Festa	Loulé - Aspectos Sociais	BE	L	Alte foi considerada a primeira aldeia do Algarve	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	4/11/1962	Loulé	Se Eu fosse...	Loulé - Aspectos Sociais	BL	L	Se governasse o que modificaria em Loulé	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	16/12/1962	Loulé	O Mundo Cristo! Festeje o seu Natal	Os Costumes do Natal	S	P	Descreve os costumes e confraternização à época natalícia	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	6/1/1963	Loulé	Em pleno mar dos Açores A bordo do navio fala-se do ALGARVE e do Carnaval de LOULÉ	Na viagem para os Açores	V	AL	A bordo do navio ouve falar do Algarve	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	7/4/1963	Loulé	Um Ano de Saudade	Homenagem funebre	XO	L	Ao amigo que honrou Loulé, José da Costa Guerreiro	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	2/14/1963	Loulé	Há vinte e cinco anos! (1938-1963) O Batalhão de Sapadores de Caminho de Ferro visitou Loulé	Primeira Guerra Mundial	GH	L	A Romagem a Loulé do Batalhão de Sapadores de Caminho de Ferro	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	19/5/1963	Loulé	Pedido de fotografias	Loulé - Pedido de fotografias	BL	L	Solicita fotografias históricas de Loulé para o livro "Quadros de Loulé Antigo"	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	21/5/1963	Loulé	O.B.S.C.F. visitou Loulé	Loulé - Bairrismo	GH	L	A vinda a Loulé do Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	1/12/1963	Loulé	Um Livro Legado ao Hospital	Um livro sem fins lucrativos	BE	L	Descreve o seu livro "Quadros de Loulé Antigo"	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	2/2/1964	Loulé	Da reacção surgirá o indispensável remédio?	Loulé - Carnaval	BE	L	A importância do Carnaval para a economia de Loulé	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	19/6/1964	Loulé	As Minhas "Bodas de Ouro" (1916-1966)	Recordações auto-biográficas	XPF	L	Recorda o dia de seu casamento	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	4/4/1967	Loulé	Cinco Anos de Saudade	Homenagem funebre	XO	L	Homenagem ao seu amigo José da Costa Guerreiro	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	19/2/1967	Loulé	Há cinquenta e cinco anos LOULÉ no Dia de Ano Novo	Loulé - Música	AMI	L	A importância da "luna Louletana"	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	20/2/1968	Loulé	A posição actual do meu louletanismo	Loulé - Recentimentos	BL	L	Tanto bairrismo por Loulé e tanta ingratidão pelas pessoas	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	19/3/1968	Loulé	Na Hora de Luto a minha dívida de gratidão	Homenagem funebre	XO	L	Ao amigo Jaime Guerreiro Rua que comenteu a visita dos Sapadores	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	16/4/1968	Loulé	Há cento e onze anos (1-5-1856 - 1-5-1968)	Loulé - Música	AMI	L	A fundação e história da Música Velha	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	7/5/1968	Loulé	Há noventa e dois anos 21-5-1876 - 21-5-1968	Loulé - Música	AMI	L	A fundação e história da Música Velha	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	7/1/1968	Loulé	Louletanos! A Música Velha precisa do vosso auxílio	Loulé - Música	AMPS	L	O auxílio para a compra de um fardamento à "Música Velha"	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	4/2/1969	Loulé	Monou o "Zé Cúco"	Homenagem funebre	XO	L	Ao José Paula da Ana músico da "Música Velha"	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	21/10/1969	Loulé	Bom dia, Loulé!	Loulé - Impressões	BL	L	Sua visão dos aspectos positivos e negativos de Loulé	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	15/6/1971	Loulé	Música, Foguetes e Sinos	Loulé - Bairrismo	BE	L	Engrandece os costumes de outros tempos	Freitas, Pedro de

Jornal	Data	Localidade	Artigo / título	Assunto Geral	Code1	Code2	Assunto Detalhado	Autor
A Voz de Loulé	16/11/1971	Loulé	Uma selecta embaixada Louletana em Lisboa	Loulé - Bairrismo	BL	L	Enfrandece o bairro mas a política destruiu o disputado sonho da passagem do caminho de Ferro por Loulé	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	4/11/1972	Loulé	Lembrando a Tuna Louletana	Loulé - Música	AME	L	Recorda a Tuna Louletana	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	22/2/1972	Loulé	Páginas Históricas do Passado	Recordações Biográficas	XO	L	Recorda Francisco Câmilo - Um músico da Música Velha	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	16/5/1972	Loulé	Categorizados Vultos do Passado	Recordações Biográficas	XO	L	Recorda figuras importantes Louletanas	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	6/6/1972	Loulé	Categorizados Vultos do Passado	Recordações Biográficas	XO	L	Recorda a figura de Frei Joaquim	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	4/7/1972	Loulé	Páginas de Loulé antigo	Loulé - Aspectos Sociais	BE	L	Tradções alimentares de Loulé noutros tempos	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	5/9/1972	Loulé	Manuel Guerreiro Pereira	Homenagem fúnebre	XO	L	Ao amigo Manuel Guerreiro Pereira, provedor do Hospital	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	19/12/1972	Loulé	Páginas de Loulé antigo	Loulé - Aspectos Históricos	BE	L	A Igreja Matriz ao longo dos séculos	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	21/1/73	Loulé	Páginas de Loulé antigo	Loulé - Aspectos Históricos	BE	L	A Igreja Matriz ao longo dos séculos (continuação)	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	5/6/1973	Loulé	Falando de Loulé	Loulé - Aspectos Sociais	BE	L	Felicita o novo Presidente da Câmara Municipal	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	19/6/1974	Loulé	Falando de Loulé	Um livro	BE	L	Pedro de Freitas faz comentários sobre o livro Quadros de Loulé Antigo	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	18/9/1974	Loulé	Foi meu companheiro numa serenata em Espanha	Homenagem fúnebre	XO	L	Ao amigo Aníbal Cândido da Silva, músico na Tuna "1.º de Janeiro"	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	19/2/1975	Loulé	Falando de Anástacio Dourado	Auto-Biografia	XPF	NF	Recorda como iniciou a escrita jornalística	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	19/3/1975	Loulé	Falando de Anástacio Dourado	Recordando um amigo	XO	L	Os periódicos o "1.º de Maio" e o Louletano	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	19/3/1975	Loulé	José Pires Cândido	Homenagem fúnebre	XO	ZZZ	Ao amigo ferroviário José Pires Cândido	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	17/2/1977	Loulé	... E o Cadoico	Loulé - Aspectos Sociais	BL	L	O Cadoico está abandonado e esquecido	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	12/5/1977	Loulé	Reparo bem intencionado	Loulé - Música	AMPS	L	Este ano a "Música Nova" não tocou em dias de solenidade histórica	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	29/6/1978	Loulé	Quem Nos Explora?...	Critica Social	S	P	Especula sobre falta de fiscalização e autoridade do nosso País	Zé Consumidor
A Voz de Loulé	27/11/1978	Loulé	Quem nos governa então?	Critica Política	S	P	Portugal um País de "Balbúrdia Política"	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	15/11/1979	Loulé	O Jardim dos "Amuados"	Loulé - Aspectos Estéticos	BL	L	Os predios tapam uma parte do jardim dos Amuados	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	13/3/1980	Loulé	Pedro de Freitas esclarece o «Comunicado» da Câmara	Publicia o «Quadros de Loulé Antigo»	BE	L	E a alma de Loulé em Livro	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	10/4/1980	Loulé	O Último Artigo do Marechal Gomes da Costa	Critica Política	S	IP	Comenta o artigo do Marechal Costa e conclui que pobres dos fracos como a Índia Portuguesa	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	26/8/1980	Loulé	... E o Museu de Loulé	Loulé - legado	XPF	L	A propósito do Museu Pedro de Freitas	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	18/9/1980	Loulé	Apontamento histórico-musical	Loulé - Música	AMI	L	Conta a história da banda Amistades de Minerva	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	25/9/1980	Loulé	O Jardim dos Amuados: ... LOULETANOS: ACUDAM: um crime está a consumar-se!	Loulé - Aspectos Estéticos	BL	L	Os interesses materiais sobrepõem-se aos espirituais	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	13/11/1980	Loulé	Dois objectivos coincidentes: Do arruado Castelo de Loulé, o célebre «Jardim dos Amuados» - Do Castelo de Silves, o restauro das Murallas de Almeida	Dois projectores do património	BL	AL	Pedro Freitas luta pelo património de Loulé e G. Domingues pelo de Silves	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	27/11/1980	Loulé	Loulé ainda sabe vibrar com a música!	Loulé - Música	BE	L	Loulé homenageou figuras importantes do meio musical	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	29/1/1981	Loulé	As actuais ideologias destronaram as tradições históricas dos nossos antepassados	Guerras	GS	P	As guerras arrazam o País para ruínas históricas	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	7/5/1981	Loulé	Ecos de uma conferência	Loulé - Carnaval	BE	L	Pedro Freitas fez uma conferência alusiva à História do Carnaval	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	14/5/1981	Loulé	Ae Festas à Padroeira de Loulé oportunos considerados	Loulé - Aspectos Sociais	BL	L	Expoê queixas relativas ao estado de degradação da Ermida	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	28/5/1981	Loulé	A Banda Artistas de Minerva festeja o seu 105.º aniversário	Loulé - Música	AMIC	L	A festa do 105.º aniversário da banda filarmónica "Artistas de Minerva"	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	11/6/1981	Loulé	Os 105 Anos da Sociedade Filarmonica "Artistas de Minerva"	Loulé - Música	AMI	L	Resenha histórica das bandas filarmónicas de Loulé	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	18/6/1981	Loulé	Longínquos Ecos de Uma Visita a Pangim - Goa	Viagem	V	IP	Recorda a sua viagem a Índia	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	23/7/1981	Loulé	Tempos passados; recordações sentidas	Imparcialidade Política	S	P	Quem se envolve na política deixa-se enredar na conspiração	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	13/8/1981	Loulé	O Cometa Halley tomará a perturbar-nos a vida em 1984?	O cometa Halley	XPF	ZZZ	Recordações sobre a primeira vez em que viu um cometa	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	10/9/1981	Loulé	Coisas que acontecem I	Auto-Biografia	XPF	L	Recordações biográficas: quando a banda do Barreiro foi tocar a A Verca do Ribatejo	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	26/11/1981	Loulé	O Centenário da Filarmonica Unânime Praense-Faial-Açores	Açores - Música	AME	AÇ	Fez com anos a filarmónica dos Açores	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	10/12/1981	Loulé	Os 29 anos do Jornal	Parabéns à "Voz de Loulé"	BE	L	A História do Jornal "A Voz de Loulé"	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	31/12/1981	Loulé	Coisas que acontecem III	Barreiro - Música	AMPS	B	Dois Bandas rivais reconciliam-se os "Franceses" e "Pencilheiros"	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	4/1/1982	Loulé	Coisas que acontecem VI	Primeira Guerra Mundial	GC	NF	Recorda episódios na guerra - a chegada a Portugal	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	7/1/1982	Loulé	Coisas que acontecem IV	Festas e Música	AMPS	P	Antigamente não havia Festas sem Música	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	28/7/1982	Loulé	Coisas que acontecem V	Primeira Guerra Mundial	GC	NF	Recorda episódios na Guerra	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	18/2/1982	Loulé	Coisas que acontecem VII	Regiões Autónomas - Música	V	AC/MA	Viagem do Funchal às Ilhas dos Açores	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	25/2/1982	Loulé	Coisas que acontecem VIII	Recordações Biográficas	V	E	Sabotagem ao comboio e episódios ida a Espanha	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	25/3/1982	Loulé	Coisas que acontecem IX	Primeira Guerra Mundial	GS	P	Custos monetários da Guerra - especulações	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	21/2/1982	Loulé	Os 30 Anos de "A Voz de Loulé" E os meus 65 de jornalismo	Parabéns à "Voz de Loulé"	BE	L	Felicita os 30 anos de "Voz de Loulé"	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	17/11/1983	Loulé	Será a última vez?	Impressões de Loulé	BE	L	Será a última vez que visitou Loulé?	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	24/11/1983	Loulé	Recordando Cartaya de 1988	Homenagem a Cartaya	V	EC	Admirador do Povo de Cartaya	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	19/1/1984	Loulé	Impressões de um Leitor	Recordações Biográficas	XO	P	Comenta a obra de Henrique Gago da Graça e uma deslusão pela hipocrisia da sociedade	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	29/3/1984	Loulé	Morreu uma louletana de muita distinta nomeada - D. Maria Campina	Homenagem fúnebre	XO	L	Morreu uma grande pianista louletana	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	3/5/1984	Loulé	Pedro de Freitas recorda Maria Campina	Recordações Biográficas	XO	L	Descreve particularidades biográficas da pianista Maria Campina	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	10/6/1984	Loulé	10 de Junho	Loulé-Política	XPF	L	Fala dos acontecimentos políticos de 1910	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	26/6/1984	Loulé	Aos noventa anos é a infância que me deslumbra!	Auto-Biografia	XPF	L	A etapa da vida que mais valorizou foi a infância	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	12/7/1984	Loulé	10 de Junho de 1916 10 de Junho de 1984	Loulé - Política	XPF	L	Recorda a política dessa altura	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	9/8/1984	Loulé	Loulé, 6 de Junho de 1910	Loulé-Política	XPF	L	Recorda a política dessa altura	Freitas, Pedro de

Jornal	Data	Localidade	Artigo / título	Assunto Geral	Code1	Code2	Assunto Detalhado	Autor
A Voz de Loulé	30/8/1984	Loulé	E grave a crise da aprendizagem da Música	Loulé - Música	AMPS	L	Concordia com Luis Pereira que a música em Loulé está a atravessar uma grande crise	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	6/9/1984	Loulé	Recordar distintas páginas do Dr. Alaide Oliveira	Elementos biográficos	BE	L	A importância da obra de Alaide Oliveira para Loulé	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	27/9/1984	Loulé	Morreu um idoso Algarvio: Dr. Mário Lyster Franco	Elementos biográficos	XO	AL	Elementos biográficos de Mário Lyster Franco	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	29/11/1984	Loulé	Coisas de uma vida intensa	Auto-Biografia	XPF	L	Recorda quando era caixeiro em Loulé	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	11/4/1985	Loulé	Dr. Lyster Franco - Recordando! Um farense de nomeada que deixou nome na vida portuguesa	Elementos biográficos	XO	AL	Elementos biográficos de Mário Lyster Franco	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	25/4/1985	Loulé	Recordando o 5 de Outubro de 1910	Loulé-Política	XPF	L	Elementos biográficos relacionados com a política	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	31/10/1985	Loulé	5 de Outubro de 1910 - 5 de Outubro de 1985	Loulé-Política	XPF	L	Elementos biográficos relacionados com a política	Freitas, Pedro de
A Voz de Loulé	3/4/1986	Loulé	Franos três músicos da "Música Nova"	Loulé-Música	XPF	L	Elementos biográficos relacionados com a música nova	Freitas, Pedro de
A Voz de Palmela	8/11/1978	Palmela	Curiosidades Históricas	Caminho de Ferro	S	P	Curiosidades acerca das estações ferroviárias	Freitas, Pedro de
A Voz dos Combatentes	15/2/1933	Barreiro	O meu compadre Manuel António Santos	Homenagem fúnebre	XO	ZZZ	Ao seu grande amigo Manuel António dos Santos	Freitas, Pedro de
A Voz dos Combatentes	21/3/1936	Lisboa	Pensões de Sangue	Primeira Guerra Mundial	GS	P	Revindica as pensões dos Pensões de Sangue	Freitas, Pedro de
A Voz Portalegrense	10/11/1936	Portalegre	Portalegre insiste. Reclama Loulé estaciona, cala-se	Loulé - Caminhos de Ferro	BL	L	Portalegre luta pelo caminho de ferro dentro da cidade e Loulé cala-se	Freitas, Pedro de
Alma Algarvia	26/12/1926	Loulé	Pelo Progresso da Música Louletana (I)	Campanha Musical	AMPS	L	Apela espaço no periódico para a temática da música em Loulé	Freitas, Pedro de
Alma Algarvia	16/1/1927	Loulé	Pelo Progresso da Música Louletana (II)	Campanha Musical	AMPS	L	Define a importância da música para o progresso da sociedade	Freitas, Pedro de
Alma Algarvia	6/2/1927	Loulé	Pelo Progresso da Música Louletana (III)	Campanha Musical	AMPS	L	Lamenta o pouco amor dispensado às filarmónicas Louletanas	Freitas, Pedro de
Alma Algarvia	3/4/1927	Loulé	Pelo Progresso da Música Louletana (IV)	Campanha Musical	AMPS	L	A importância de intercâmbios entre sociedades filarmónicas	Freitas, Pedro de
Alma Algarvia	10/4/1927	Loulé	Pelo Progresso da Música Louletana (V)	Campanha Musical	AMPS	L	Aponta as qualidades para o progresso da Música Louletana	Freitas, Pedro de
Alma Algarvia	12/6/1927	Loulé	21-04-1917 - 21-04-1927 De Cascais parte p'rá Guerra duas companhias do B.S. Caminhos de Ferro	Primeira Guerra Mundial	GC	P	Faz dez anos que partiu para a Guerra com destino a Flandres	Freitas, Pedro de
Arte Musical	20/2/1936	Lisboa	Como nasceu a Banda de Sapadores de Caminhos de Ferro	BSCF	AME	NF	Como em plena Guerra se formou o BSCF	Freitas, Pedro de
Arte Musical	29/2/1936	Lisboa	Como nasceu a Banda de Sapadores de Caminhos de Ferro	BSCF	AME	NF	Como em plena Guerra se formou o BSCF	Freitas, Pedro de
Arte Musical	30/3/1936	Lisboa	Como nasceu a Banda de Sapadores de Caminhos de Ferro	BSCF	AME	NF	Como em plena Guerra se formou o BSCF	Freitas, Pedro de
Arte Musical	20/4/1936	Lisboa	Como nasceu a Banda de Sapadores de Caminhos de Ferro	BSCF	AME	NF	Como em plena Guerra se formou o BSCF	Freitas, Pedro de
Arte Musical	10/5/1936	Lisboa	Como nasceu a Banda de Sapadores de Caminhos de Ferro	BSCF	AME	NF	Como em plena Guerra se formou o BSCF	Freitas, Pedro de
Arte Musical	20/5/1936	Lisboa	Como nasceu a Banda de Sapadores de Caminhos de Ferro	BSCF	AME	NF	Como em plena Guerra se formou o BSCF	Freitas, Pedro de
Arte Musical	30/5/1936	Lisboa	Como nasceu a Banda de Sapadores de Caminhos de Ferro	BSCF	AME	NF	Como em plena Guerra se formou o BSCF	Freitas, Pedro de
Arte Musical	10/6/1936	Lisboa	Como nasceu a Banda de Sapadores de Caminhos de Ferro	BSCF	AME	NF	Como em plena Guerra se formou o BSCF	Freitas, Pedro de
Arte Musical	20/6/1936	Lisboa	Como nasceu a Banda de Sapadores de Caminhos de Ferro	BSCF	AME	NF	Como em plena Guerra se formou o BSCF	Freitas, Pedro de
Arte Musical	30/6/1936	Lisboa	Como nasceu a Banda de Sapadores de Caminhos de Ferro	BSCF	AME	NF	Como em plena Guerra se formou o BSCF	Freitas, Pedro de
Arte Musical	20/7/1936	Lisboa	Como nasceu a Banda de Sapadores de Caminhos de Ferro	BSCF	AME	NF	Como em plena Guerra se formou o BSCF	Freitas, Pedro de
Arte Musical	30/7/1936	Lisboa	Como nasceu a Banda de Sapadores de Caminhos de Ferro	BSCF	AME	NF	Como em plena Guerra se formou o BSCF	Freitas, Pedro de
Arte Musical	30/8/1936	Lisboa	Como nasceu a Banda de Sapadores de Caminhos de Ferro	BSCF	AME	NF	Como em plena Guerra se formou o BSCF	Freitas, Pedro de
Arte Musical	30/9/1936	Lisboa	Como nasceu a Banda de Sapadores de Caminhos de Ferro	BSCF	AME	NF	Como em plena Guerra se formou o BSCF	Freitas, Pedro de
Arte Musical	20/10/1936	Lisboa	Como nasceu a Banda de Sapadores de Caminhos de Ferro	BSCF	AME	NF	Como em plena Guerra se formou o BSCF	Freitas, Pedro de
Boletim Asproca	1/6/1981	Loulé	Os 105 anos da Sociedade Artistas de Milneva	Loulé - Música	AMI	L	Investiga sobre a Música Nova	Freitas, Pedro de
Boletim Asproca	Mai/Jun. 19	Loulé	Os 105 anos da Sociedade Artistas de Milneva	Auto-Biografia	XPF	L	Pedro de Freitas escreveu sobre a Sociedade Filarmónica Artistas de Milneva a pedido da Associação da Pró-casa Cultural de Loulé	Freitas, Pedro de
Boletim da C.P.	1/4/1949	Lisboa	Impressões de Viagem	Caminhos de Ferro	S	NF	Elogia o contono da viagem Ferroviária em França	Freitas, Pedro de
Boletim da C.P.	1/4/1949	Lisboa	Impressões de Viagem	França - Viagem	V	NF	As viagens de Comboio feitas em França	Freitas, Pedro de
Boletim da C.P.	1/5/1954	Lisboa	Memoórias de um ferroviário	Caminhos de Ferro	V	ZZZ	Memoórias de viagens aquando era ferroviário	Freitas, Pedro de
Cartaya	29/7/1959	Ayamonte	«Donna Blanca»	Cartaya - Impressões	V	EC	Explica o porquê do nome Donna Blanca a Cartaya	Freitas, Pedro de
Catavento N.º 50	1/4/1963	Lisboa	Este Boletim...	FNAI	AME	P	Publica as vantagens do boletim da FNAI	Freitas, Pedro de
Catavento N.º 50	1/4/1963	Lisboa	Dir. Dr. António Lucarna e Valle	Auto-Biografia	XPF	LX	Pedro de Freitas foi solicitado para colaborar no Boletim	Freitas, Pedro de
Catavento N.º 50	1/10/1963	Lisboa	A alma de Espanha Bola Toiros e Música	Espanha - Viagem	V	E	Refere aos gostos dos Espanhois	Freitas, Pedro de
Catavento N.º 50	1/12/1973	Lisboa	Apointamentos históricos da vida das Filarmónicas	Portugal - Música	AMI	P	Investiga, mostra o seu empenho pelas Filarmónicas de Portugal	Freitas, Pedro de
Cidadeia	1/6/1973	Lisboa	Ha 56 anos de Cidadeia de cascais o "Sempre Fixe" parte para	Primeira Guerra Mundial	GC	NF	Recordações da Primeira Grande Guerra	Freitas, Pedro de
Combatente	Abril 1983	Lisboa	Na Saia do Capitulo Novos Soldados Desconhecidos aqui	Conferência por Pedro de Freitas	GH	NF	Exposição da conferência realizada por Pedro de Freitas relativamente à Primeira Guerra Mundial	Freitas, Pedro de
Combatente	Out. Nov. 19	Lisboa	deverá enfileirar ao lado dos DOIS que já cá estão	A Romagem a França	GH	NF	O Cemitério necessita de uma limpeza nas pedras tumulares	Freitas, Pedro de
Comércio do Funchal	1/1/1956	Funchal	Liga dos Combatentes organiza Romagem a França	Primeira Guerra Mundial	GS	NF	O tempo já amoteceu a dor de 9 de Abril	Freitas, Pedro de
Correio do Sul	22/10/1969	Faro	Por terras de Andaluzia	Espanha - Gratidão	XPF	EAnd	Agradece o fidalgo acolhimento de Andaluzia e manifesta o seu carinho por essas terras de Espanha	Freitas, Pedro de
Correio do Sul	15/12/1960	Faro	Por Loulé a Minha Maneira de ver um Problema	Sugestão do sítio apropriado a um monumento	BL	L	Onde colocar o monumento de homenagem ao amigo Dr. Bernardo Lopes	Freitas, Pedro de
Correio do Sul	2/3/1961	Faro	Índia Portuguesa - Terra de Fé	Índia Portuguesa - Aspectos sociais	V	IP	Impressões da sua vência na Índia Portuguesa	Freitas, Pedro de
Correio do Sul	13/4/1961	Faro	Madrid, quinta-feira Santa	Madrid - Religião	V	EM	Descreve o fervor religioso da Semana Santa em Madrid	Freitas, Pedro de
Correio do Sul	7/9/1967	Faro	Silves e Angra do Heroísmo ao Serviço do Infante	Pesquisas	O	P	Encontrou um apontamento do Infante Henrique	Freitas, Pedro de
Correio do Sul	5/10/1967	Faro	O Livro visto por José Duro	A complexidade de escrever um livro	O	ZZZ	Pedro Freitas comenta a tarefa árdua de escrever um livro	Freitas, Pedro de
Correio do Sul	27/12/1967	Faro	Um natal de há cinquenta anos	Primeira Guerra Mundial	GC	NF	Recorda o natal passado em Saint-Pol durante a 1.ª Guerra Mundial	Freitas, Pedro de
Correio do Sul	25/1/1968	Faro	Uma Procissão em Granada	Granada - Viagem	V	E	Descreve a procissão a Virgem do Rosário	Freitas, Pedro de
Correio do Sul	30/7/1968	Faro	Os novos rios e as lendas do Vale do Sado	Crítica social	S	P	Retrato trónico dos novos rios	Freitas, Pedro de
Correio do Sul	19/3/1970	Faro	A Minha Viagem para a Guerra	Primeira Guerra Mundial	GC	NF	Conta a história de um bombardeamento de um destroyer inimigo	Freitas, Pedro de

Jornal	Data	Localidade	Artigo / título	Assunto Geral	Code1	Code2	Assunto Detalhado	Autor
Correio do Sul	15/4/1971	Faro	Mais um «9 de Abril»	Primeira Guerra Mundial	GS	ZZZ	Milhares de pessoas morreram pela redenção da humanidade	Freitas, Pedro de
Correio do Sul	30/9/1971	Faro	Falando de Vilamoura numa agradável resposta	Vilamoura - Aspectos Sociais	BL	L	Porque escolheram o nome de Vilamoura?	Freitas, Pedro de
Correio do Sul	11/11/1971	Faro	Há 53 anos: Como vivi em França o Dia do Armistício	Primeira Guerra Mundial	GC	NF	Recorda como viveu o Armistício	Freitas, Pedro de
Correio do Sul	18/11/1971	Faro	Uma Visita à Quinta de Quarteira	Apela o nome Quinta de Quarteira	BL	L	O progresso de uma época desliza o bloco de outra	Freitas, Pedro de
Correio do Sul	9/2/1972	Faro	A História da Terceira no conceito internacional	ilha Terceira - Viagem	V	AC	Impressões da ilha Terceira	Freitas, Pedro de
Correio do Sul	13/1/1972	Faro	Abriendo o Novo Ano	Ano novo - Aspectos Sociais	S	P	Describe costumes do Ano Novo	Freitas, Pedro de
Correio do Sul	4/2/1972	Faro	Do Falat até ao Pico um passeio arriscado em paragens	ilha do Pico - Viagem	V	AC	As embarcações são frágeis	Freitas, Pedro de
Correio do Sul	16/3/1972	Faro	Devaneios Musicais	O progresso da Música do povo	AMI	P	O impacto de reformas e revoluções na música	Freitas, Pedro de
Correio do Sul	24/8/1972	Faro	Autores Portugueses de Ópera	Ópera no Algarve	BE	P	E necessário que a ópera seja praticada no teatro de Leixões em Faro	Freitas, Pedro de
Correio do Sul	9/8/1973	Faro	Lagos viveu um dia grande...	Lagos - Aspectos Sociais	BE	AL	Inauguração do comboio	Freitas, Pedro de
Correio do Sul	6/12/1973	Faro	Recordando o Coronel Pires Viegas	Primeira Guerra Mundial	GC	NF	Recorda episódios de amizade com o Coronel Pires Viegas	Freitas, Pedro de
Correio do Sul	20/3/1975	Faro	Uma oferta ao Museu Etnográfico	Uma oferta	BE	L	Luciano de Freitas oferece a imagem da N.ª S.ª da Piedade	Freitas, Pedro de
Correio do Sul	8/5/1975	Faro	Duarte Pacheco e o Barreiro Biográficos	Duarte Pacheco - Aspectos Biográficos	XO	L	Duarte Pacheco foi um grande Barreirense	Freitas, Pedro de
Correio do Sul	15/5/1975	Faro	Horível Sofrimento de um Asmático	O Drama de se sofrer asma	S	ZZZ	Sofrem de asma e fumam - são carrascos para si próprios	Freitas, Pedro de
Correio do Sul	29/5/1975	Faro	A Velhice despede-se do Trabalho	Auto - Biográfico	XPF	ZZZ	Resume uma vida de lutas e benefícios	Freitas, Pedro de
Correio do Sul	1/11/1976	Faro	Faro e a sua Música Popular	Faro - Música	AMI	F	O Histórico das Sociedades Filarmónicas em Faro	Freitas, Pedro de
Correio do Sul	15/1/1976	Faro	A Distinta Alíxia D. Maria Campina	Faro - Música	BE	F	Satisfeito com a resposta da diretora do Conservatório de Faro	Freitas, Pedro de
Correio do Sul	11/3/1976	Faro	Recordando um amigo	Recorda um amigo	XO	L	Um encontro no café Aliança de Faro	Freitas, Pedro de
Correio do Sul	14/1/1976	Faro	Dos contos da minha avó Justíça branda Povo rebelde	Auto-Biografia	XPF	L	Recorda os contos didáticos da avozinha	Freitas, Pedro de
Correio do Sul	15/4/1976	Faro	Dos contos da minha avó Justíça branda Povo rebelde	Auto-Biografia	XPF	L	Recorda os contos didáticos da avozinha	Freitas, Pedro de
Correio do Sul	10/6/1976	Faro	Lacoutur Padrão Português	Romagem a França	GH	NF	A Romagem de homenagem aos soldados da guerra foi de 28 a 31 de Maio de 1976	Freitas, Pedro de
Correio do Sul	24/6/1976	Faro	A liga dos Combatentes organiza a Romagem	Romagem a França	GH	NF	Incita à repetição da Romagem a França, é dever prestar culto aos que ali repousam	Freitas, Pedro de
Correio do Sul	8/7/1976	Faro	O carinho dos Emigrantes Portugueses	Primeira Guerra Mundial	GS	NF	Muitos combatentes da guerra ficaram emigrantes em França	Freitas, Pedro de
Correio do Sul	22/7/1976	Faro	Impressões da Romagem a França	Primeira Guerra Mundial	GH	NF	A ideia da Romagem devia enervar-se	Freitas, Pedro de
Correio do Sul	5/8/1976	Faro	Impressões da Romagem a França	Romagem a França	GH	NF	Describe a Romagem a França	Freitas, Pedro de
Correio do Sul	19/8/1976	Faro	O Ferro-Velho de Lacouture	Primeira Guerra Mundial	GS	NF	Conta a história de um ex-soldado que ficou a viver em Lacouture	Freitas, Pedro de
Correio do Sul	18/12/1976	Faro	Faro e a sua Música Popular	Faro - Música	AMI	F	Conta o histórico das Sociedades Filarmónicas de Faro	Freitas, Pedro de
Correio do Sul	20/9/1979	Faro	Comentário ao III Festival Nacional de Faldore do Algarve	3.º Festival de Faldore do Algarve	AMPS	AL	Lamenta que neste Festival não tenham inserido as bandas de música civis	Freitas, Pedro de
Correio do Sul	21/2/1980	Faro	20 de Julho de 1944	Segunda Guerra Mundial	XO	ZZZ	A morte de Hitler segundo Hans Helmut Kirst	Freitas, Pedro de
Diário de Notícias	23/7/1944	Lisboa	For Assegurada a continuidade do amparo	Loulé - Aspectos sociais	XO	L	Írmas de Duarte Pacheco são contempladas por um Decreto Lei	Freitas, Pedro de
Diário do Alentejo	23/9/1968	Beja	Era um camarada leal e amigo!	Homenagem fúnebre	XO	ZZZ	Ao seu amigo e camarada na guerra Manuel António Engana	Freitas, Pedro de
Diário do Alentejo	28/7/1968	Beja	João Quintinha - um mestre de jornalismo	Homenagem fúnebre	XO	ZZZ	Ao grande jornalista e amigo João Quintinha	Freitas, Pedro de
Diário do Alentejo	4/9/1969	Beja	Não se homenageou José Barão...	Respeitar o passado	S	P	Desacorda a mudança da toponímia de João Barão por outro nome	Freitas, Pedro de
Diário do Alentejo	3/10/1969	Beja	Cantares do povo	Cantares do Alentejo	O	ALE	Aprecia os cantares do povo Alentejano	Freitas, Pedro de
Diário Popular	12/4/1964	Lisboa	Pequena História dum Banda Militar	Banda de Sapadores de Caminho de Ferro	FAMI	Lx	História da banda filarmónica do Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro	Freitas, Pedro de
Festa y Fiestas Cartaya	1/7/1969	Islla Cristina	Despedida a Cartaya	Cartaya - Viagem	V	EC	Despede-se de Cartaya	Freitas, Pedro de
Folha de Alte	15/6/1924	Alte	Terras do Algarve Loulé	Loulé - Bairrismo	BL	L	E necessário mais bairrismo e dedicação a Loulé	Freitas, Pedro de
Folha de Alte	1/8/1928	Alte	Vidas que passam	Pésames	XO	ZZZ	A memória de um companheiro dos campos de Flandres	Freitas, Pedro de
Folha de Alte	15/6/1928	Alte	Loulé Progride - O desvio do seu caminho de Ferro?	Loulé - Caminhos de Ferro	BL	L	Apela à importância do caminho de ferro em Loulé	Freitas, Pedro de
Gazeta do Sul	8/10/1939	Montijo	Em Montijo a Festa da Fruta	Montijo - Música	AMC	DS	Crítica a falta de respeito dos forasteiros perante a execução da banda filarmónica na Festa da Fruta	Freitas, Pedro de
Gazeta do Sul	20/5/1951	Montijo	Calaram-se Bandas e Orquestras	Portugal - Música	AMPS	P	Pedro de Freitas incentiva a prática da música popular	Freitas, Pedro de
Gazeta dos Caminhos de Ferro	1/11/1939	Lisboa	Portalegre insiste: Reclama Loulé estaciona, cala-se	Loulé - Caminhos de Ferro	BL	L	Portalegre luta pelo caminho de Ferro dentro da cidade e Loulé cala-se	Freitas, Pedro de
Gazeta dos Caminhos de Ferro	1/11/1939	Lisboa	Porque não desenvolver os Caminhos de Ferro em Portugal?	Caminhos de Ferro	BL	L	A importância do Caminho de Ferro passar por dentro da vila de Loulé	Freitas, Pedro de
Gazeta dos Caminhos de Ferro	16/5/1945	Lisboa	A Festa Anual dos Combatentes do antigo Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro	Caminhos de Ferro	BL	L	Confirmação anual dos antigos combatentes do Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro	Freitas, Pedro de
Gazeta dos Caminhos de Ferro	16/9/1951	Lisboa	A Romagem dos Combatentes Portugueses a França Carta de um Antigo Combatente	Primeira Guerra Mundial	GH	NF	Esclarece que a ideia da peregrinação a França foi dele	Freitas, Pedro de
Gente da Guerra	20/8/1933	Coimbra	Os Mortos Vivos e os Vivos Mortos da Grande Guerra	Primeira Guerra Mundial	GS	P	Crítica às mais condições dos combatentes pós guerra	Freitas, Pedro de
Heraldo	30/2/1933	Pangim	Coisas do Arco da Velha ou... A Campanha dos Mortos	Primeira Guerra Mundial	GS	P	Aconselha fileiras associativas aos vivos da Grande Guerra	Freitas, Pedro de
Heraldo	12/2/1961	Pangim	A Morte de um amigo	Homenagem fúnebre	XO	IP	Ao Capitão veterano João Calado que morreu em Goa	Freitas, Pedro de
Heraldo	21/2/1961	Pangim	Em terras da nossa Índia	Aspectos Biográficos	XO	IP	Elogia o método de governar do Sr. General Vassalo e Silva	Freitas, Pedro de
Heraldo	26/2/1961	Pangim	Goa e o problema da sua música	Goa - Música	AMC	IP	Comentário crítico ao grupo filarmónico e orquestra sinfónica	Freitas, Pedro de
Heraldo	23/1/1961	Índia Portuguesa	Índia Portuguesa - Terra de Fé	Índia Portuguesa - Aspectos sociais	V	IP	Impressões da sua vivência na Índia Portuguesa	Freitas, Pedro de
Heraldo	19/2/1966	Lisboa	Perla roubada	Índia Portuguesa - Aspectos sociais	O	IP	Há 5 anos que perdemos os Góeses, Damianenses e Dluenses	Freitas, Pedro de
Humanitária	8/7/1957	Palmeira	A Humanitária em Festa	Palmeira - Música	AMI	DS	História da banda filarmónica "Humanitária"	Freitas, Pedro de

Jornal	Data	Localidade	Artigo / título	Assunto Geral	Code1	Code2	Assunto Detalhado	Autor
Jornal de Almada	18/31/1956	Almada	A Banda de Música da Incrível realiza o seu primeiro CONCERTO	Almada - Música	AMC	DS	Crítica musical ao concerto da banda filarmónica Incrível de Almada	Freitas, Pedro de
Jornal de Cambra	15/21/1970	Vale de Cambra	Ainda a antiguidade das Filarmónicas	Importância da investigação	AMI	P	A importância de investigar a verdade histórica	Freitas, Pedro de
Jornal de Coimbra	15/21/1966	Vale de Coimbra	Uma Procissão em Granada	Almada - Festas Religiosas	EA	ND	A festa da Virgem das Angústias em Granada	Freitas, Pedro de
Jornal de Estarreja	25/10/1967	Estarreja	Noias a uma Crítica	Comenta uma Crítica lavorável	AMI	P	"História da Música Popular em Portugal" destrói lendas	Freitas, Pedro de
Jornal de Estarreja	10/31/1966	Estarreja	Um Natal de Há Cinquenta Anos	Primeira Guerra Mundial	GC	NF	Recorda o Natal passado na Guerra	Freitas, Pedro de
Jornal de Estarreja	25/12/1967	Estarreja	Recordando nossa Índia	Índia - Viagem	V	IP	A viagem à Ilha Angediva	Freitas, Pedro de
Jornal de Feigueiras	24/6/1957	Feigueiras - Minho	Tribuna	Minho - Aspectos sociais	V	Mn	Manifesta carinho e sentimento pelo Minho	Freitas, Pedro de
Jornal de Feigueiras	16/09/1957	Feigueiras - Minho	No Ambiente Vimarense	Guimarães - Música	V	G	Descreve as Festas Guellerianas	Freitas, Pedro de
Jornal de Feigueiras	24/10/1957	Feigueiras - Minho	A Banda dos Guisões	Guimarães - Música	AMI	G	Conta a fundação da banda filarmónica dos Guisões	Freitas, Pedro de
Jornal de Moura	27/12/1950	Moura	Há vinte sete anos Moura viveu um grande dia festivo!	Moura - Música	AMC	ALE	A Banda e o Grupo dramático do Barreiro foram tocar a Moura	Freitas, Pedro de
Jornal de Moura	23/7/1954	Moura	Novela "O Chico Maluco"	Loule - Aspectos Sociais	XO	L	Retrata uma figura pitoresca louletana	Freitas, Pedro de
Jornal de Moura	21/4/1956	Moura	Novo de Abril	Primeira Guerra Mundial	GS	NF	O tempo já amorceceu a dor do 9 de Abril	Freitas, Pedro de
Jornal de Moura	10/11/1956	Moura	Há trinta e oito anos Um sacrifício inútil (O Armistício em 1956)	Primeira Guerra Mundial	GS	ZZZ	O Armistício em vez de ser um pilar de paz foi um pilar de guerras	Freitas, Pedro de
Jornal de Moura	19/7/1979	Moura	Umas imagens do passado	Recorda o passado - Moura	XPFF	ALE	Recorda o passado que viveu em Moura	Freitas, Pedro de
Jornal de Moura	20/10/1980	Moura	Uma Carta	Moura - Aspectos Sociais	S	ALE	Questiona a afirmação de Godinho Cunha de Moura ser lixo	Freitas, Pedro de
Jornal de Sintra	34/1/1955	Sintra	Evocando o 9 de Abril	Primeira Guerra Mundial	GH	P	Observa os símbolos que atestam as memórias da Guerra	Freitas, Pedro de
Jornal de Viseu	25/7/1959	Viseu	Viseu, Cidade de prazer!	Viseu - impressões	V	VI	A parte antiga da cidade tem para Pedro de Freitas mais sentimento	Freitas, Pedro de
Jornal do Algarve	29/3/1956	VRSA	O último Dia da minha Profissão de Ferroviário passado no Algarve	Recordações auto-biográficas	XPFF	ZZZ	Conta o último acto da sua vida profissional	Freitas, Pedro de
Jornal do Algarve	13/4/1957	VRSA	Elementos Históricos sobre a Música Popular no Algarve (I)	Algarve - Música	AMPS	AL	Apela à importância de repetir-se certames distritais	Freitas, Pedro de
Jornal do Algarve	21/4/1957	VRSA	Elementos Históricos sobre a Música Popular no Algarve (II)	Investigação	AMI	P	Alma que as bandas civis são filhas directas das bandas militares	Freitas, Pedro de
Jornal do Algarve	25/5/1957	VRSA	Elementos Históricos sobre a Música Popular no Algarve (III)	Componente Educacional	AME	P	Apela para a utilidade pública das bandas civis	Freitas, Pedro de
Jornal do Algarve	22/6/1957	VRSA	Elementos Históricos sobre a Música Popular no Algarve (IV)	Algarve - Música	AME	AL	Apela para a existência de uma Academia de Música Regional	Freitas, Pedro de
Jornal do Algarve	20/7/1957	VRSA	Elementos Históricos sobre a Música Popular no Algarve (V)	Algarve - Música	AME	AL	Há falta de compositores algarvios	Freitas, Pedro de
Jornal do Algarve	12/7/1958	VRSA	Elementos Históricos sobre a Música Popular no Algarve (VI)	Algarve - Música	AMI	AL	Aponta o número de bandas filarmónicas no passado Algarvio	Freitas, Pedro de
Jornal do Algarve	8/2/1958	VRSA	Elementos Históricos sobre a Música Popular no Algarve (VII)	Algarve - Música	AMPS	AL	Manifesta a decadência das filarmónicas	Freitas, Pedro de
Jornal do Algarve	26/3/1959	VRSA	Elementos Históricos sobre a Música Popular no Algarve (VIII)	Algarve - Música	AMPS	P	Aponta algumas soluções de incentivo às filarmónicas	Freitas, Pedro de
Jornal do Algarve	29/5/1965	VRSA	O afilivo problema do custo da vida	A inflação	S	P	O nível de vida tem custos mais elevados e os salários mantêm-se	Pseudónimo:
Jornal do Algarve	29/7/1967	VRSA	As Bandas Civis e as Épocas da sua Fundação o que a Tradição Afirma e a História Desmente	Bandas Civis - Fundação	AMI	P	Deve-se pôr em causa a tradição oral	Freitas, Pedro de
Jornal do Algarve	31/8/1968	VRSA	Um Nome Que Se Não Esquece	Homenagem fúnebre	XO	AL	Ao amigo José Barão chefe da Tertúlia de algarvios	Freitas, Pedro de
Jornal do Barreiro	30/6/1978	Barreiro	A Banda de Música da GNR honrou no Seixal seus tradicionais	Seixal - Música	AMC	DS	Concerto no Seixal pela banda de música da GNR	Freitas, Pedro de
Jornal do Barreiro	30/10/1981	Barreiro	Falando telefonicamente com o Alem	Ao amigo Joaquim Amaral	S	ZZZ	Fala de respeito pela obra de um amepassado	Freitas, Pedro de
Jornal do Barreiro	12/2/1982	Barreiro	Gralhas não tocam	O significado das "Gralhas"	S	ZZZ	Especular sobre prelas	Freitas, Pedro de
Jornal do Barreiro	26/3/1982	Barreiro	O Barreiro ouviu uma categorizada banda de música	Apoies - Música	AMC	AÇ	"Cartaya em Festa" de Pedro de Freitas e fez uma performance de qualidade	Freitas, Pedro de
Jornal do Barreiro	16/7/1982	Barreiro	Música e Músicos (Variações em M-menor)	Fantasia "Os Clarins"	AMC	B	Aguarda que a sua "família" seja tocada pela banda filarmónica do Barreiro	Freitas, Pedro de
Jornal do Barreiro	6/6/1982	Barreiro	A Minha Navalha de Barber	Recordações Biográficas	XPFF	ZZZ	Homenagem à Navalha de Barber	Freitas, Pedro de
Jornal do Barreiro	13/1/1983	Barreiro	Dia de S. Martinho i... 11 de Novembro de 1983	Primeira Guerra Mundial	GC	NF	Recorda o dia de S. Martinho passado na Guerra	Freitas, Pedro de
Jornal do Barreiro	16/12/1983	Barreiro	Ouçã, Minha Senhora!	A escritora Cristalina Salgado	O	ZZZ	Elogia a sensibilidade desta escritora	Freitas, Pedro de
Jornal do Barreiro	6/1/1984	Barreiro	esta histórica e agradável Vila Alentejana	Música - Moura	AMC	ALE	Impressões da festa musical em Moura	Freitas, Pedro de
Jornal do Barreiro	29/5/1984	Barreiro	Um dia depois dos meus 90 anos	Auto-Biografia	XPFF	B	Recorda os amigos que se deslucaram e homenagens a si dedicadas	Freitas, Pedro de
Jornal do Barreiro	29/9/1984	Barreiro	Neste Barreiro o meu «francesismo Musical»	Auto-Biografia	XPFF	B	Os seus primeiros anos de vida no Barreiro	Freitas, Pedro de
Jornal do Barreiro	9/11/1984	Barreiro	História da origem da actual Banda de Música do Barreiro	Música - Barreiro	AMI	B	As origens da actual Banda de Música do Barreiro	Freitas, Pedro de
Jornal do Exército	1/2/1967	Lisboa	Como teriam nascido as bandas Militares	Portugal - Música	AMI	P	Investiga sobre as origens das Filarmónicas em Portugal	Freitas, Pedro de
La Higuierita	29/4/1963	Islas Cristinas (Huelva)	Portugal	Parabéns à "La Higuierita"	S	EAV	Ao semanário da Isla Cristina e ao seu Director - Parabéns	Freitas, Pedro de
La Higuierita	24/2/1964	Islas Cristinas (Huelva)	Festa na Alma do Director da La Higuierita	Parabéns à "La Higuierita"	XO	EAV	Aos 74 anos do proprietário e 55 anos do periódico "La Higuierita"	Freitas, Pedro de
La Higuierita	15/3/1965	Islas Cristinas (Huelva)	Meis um duplo aniversário	Parabéns à "La Higuierita"	S	EAV	Parabéns a "La Higuierita" e seu benemérito Don Juan Baulista	Freitas, Pedro de
La Higuierita	28/2/1966	Islas Cristinas (Huelva)	Bom Amigo D. Juan Baulista	Parabéns ao Don Juan Baulista	XO	EAV	Parabéns pelos 77 anos do benemérito Don Juan Baulista	Freitas, Pedro de
Notícias de Pombal	8/11/1959	Pombal	Pombal e a sua Filarmónica	Pombal - Música	AMPS	Pomb	A banda filarmónica do Pombal carece mais de ajudas financeiras do que de dedicação	Freitas, Pedro de
Notícias de Vouzela	10/4/1971	Vouzela	Banda de Vouzela	Vouzela - Música	AMC	V	Esta Banda vai passar à final do Concurso Nacional de Bandas Cívicas	Freitas, Pedro de
O Algarve	17/3/1946	Faro	Cenas do Passado - Faro D' outros tempos	Recordações auto-biográficas	XPFF	F	Retrata episódios de quando frequentou a escola de Faro	Freitas, Pedro de
O Algarve	24/3/1946	Faro	Importante Legado à Nossa Senhora da Piedade	Algarve - Aspectos sociais	BE	L	Heranças	Freitas, Pedro de
O Algarve	24/3/1946	Faro	Cenas do Passado Faro D' outros tempos	Faro - Aspectos sociais	BE	F	Recorda os hábitos e os costumes sociais de Faro	Freitas, Pedro de
O Algarve	7/4/1946	Faro	Uma data Memorável Nove de Abril	Primeira Guerra Mundial	GS	NF	O tempo já amorceceu a dor do 9 de Abril	Freitas, Pedro de
O Algarve	2/6/1946	Faro	Uma História verdadeira Emoções da Sorte Grande	Caminhos de Ferro	S	ZZZ	Um ferroviário ganha na lotaria	Freitas, Pedro de
O Algarve	9/6/1946	Faro	Loule e os Louletanos	Loule - Aspectos sociais	BE	L	Hábitos sociais do povo Louletano	Freitas, Pedro de

Jornal	Data	Localidade	Artigo / título	Assunto Geral	Code1	Code2	Assunto Detalhado	Autor
O Algarve	14/7/1946	Faro	Coisas...	Algarve - Aspectos sociais	BL	AL	Crítica o pagamento excessivo na entrada das Festas Populares	Freitas, Pedro de
O Algarve	2/17/1946	Faro	Coisas...	Faro - Música	AMPS	F	A pouca consistência da música popular em Faro	Freitas, Pedro de
O Algarve	4/8/1946	Faro	O Carnaval da Vida - Máscaras	Algarve - Aspectos sociais	S	P	Na vida social também há as máscaras do cinema	Freitas, Pedro de
O Algarve	10/11/1946	Faro	Os Combateiros da Velina Grande Guerra	Primeira Guerra Mundial	GS	P	A consolidação da paz não foi conseguida	Freitas, Pedro de
O Algarve	8/12/1946	Faro	A Novela da Semana «Sina e Sorte»	Recordações auto-biográficas	XPF	L	As brincadeiras do seu tempo	Freitas, Pedro de
O Algarve	15/12/1946	Faro	A Novela da Semana Soveridade de um Juiz	Recordações auto-biográficas	XO	ZZZ	Recorda a história da paróquia que seu pai fez a um Juiz	Freitas, Pedro de
O Algarve	23/1/1947	Faro	Ecos de um Camaval Loulé, terra Baarrista	Loulé - Carnaval	BE	L	Descreve a Batalha das Flores em Loulé	Freitas, Pedro de
O Algarve	30/3/1947	Faro	Um Ano mais na Existência de «O Algarve»	Algarve - Aspectos sociais	BE	AL	Manifesta a importância do Algarve	Freitas, Pedro de
O Algarve	6/4/1947	Faro	O "Nove de Abril"	Primeira Guerra Mundial	GS	P	Não mereceu a pena o sacrifício da sua geração	Freitas, Pedro de
O Algarve	20/4/1947	Faro	Cenas do Presente - Faro nos Tempos Modernos	Faro - Aspectos sociais	BE	F	O progresso impõe-se para o bem comum	Freitas, Pedro de
O Algarve	1/15/1947	Faro	Cenas do Presente - Faro nos Tempos Modernos	Faro - Aspectos sociais	BE	F	Destaca os progressos que têm engrandecido a cidade	Freitas, Pedro de
O Algarve	18/5/1947	Faro	Cenas do Presente - Faro nos Tempos Modernos	Faro - Aspectos sociais	BE	F	As boas condições sociais da cidade de Faro	Freitas, Pedro de
O Algarve	22/6/1947	Faro	Vem a Faro o Orfeão de Estremoz	Estremoz - Música	AMI	ALE	Sinteticamente descreve o Orfeão desde a sua fundação	Freitas, Pedro de
O Algarve	22/6/1947	Faro	Santos Populares	Faro - Aspectos sociais	BE	F	Festas populares e suas tradições	Freitas, Pedro de
O Algarve	22/6/1947	Faro	O Sapateiro no conceito popular	Faro - Aspectos sociais	S	F	Graças populares impostas ao sapateiro	Freitas, Pedro de
O Algarve	6/7/1947	Faro	Faro há 58 anos - Inauguração do Caminho de Ferro no Algarve	Caminhos de Ferro	BE	AL	Inauguração do comboio em Inglaterra e a política do Fontismo	Freitas, Pedro de
O Algarve	13/7/1947	Faro	A inauguração do Caminho de Ferro no Algarve	Caminhos de Ferro	BE	AL	Descreve esta dia da inauguração - 01 de Julho de 1889	Freitas, Pedro de
O Algarve	17/8/1947	Faro	Divagando	Faro - Aspectos sociais	S	F	Nem sempre as classes ricas são dotadas de bons sentimentos	Freitas, Pedro de
O Algarve	21/9/1947	Faro	Problemas de Publicidade e Temas Populares	Portugal	AMPS	P	Lamentação da negação de obras musicais de carácter nacional	Freitas, Pedro de
O Algarve	26/10/1947	Faro	Um nome que honra Loulé Joaquim António Pires	Loulé - Música	XO	L	Homenagem póstuma ao Mestre António Pires	Freitas, Pedro de
O Algarve	23/11/1947	Faro	Coisas de Outros Tempos uma Assembleia de Classe dominada	Portugal	S	P	Crítica à sociedade - Repressões - faltas de educação e de respeito	Freitas, Pedro de
O Algarve	5/12/1947	Faro	Mais um Epitáfio	Primeira Guerra Mundial	GC	AL	Oferce um epitáfio a colaboradores do Algarve sobre a Guerra	Freitas, Pedro de
O Algarve	21/12/1947	Faro	Na Voz do Operário - Concurso de Bandas Civis	Palmela - Música	AMC	DS	Apreciação da execução da Sociedade Filarmónica Humanitária	Freitas, Pedro de
O Algarve	28/12/1947	Faro	Na Voz do Operário - Concurso de Bandas Civis	Seixal - Música	AMC	DS	Crítica musical da Sociedade Filarmónica Jimbre Seixalense	Freitas, Pedro de
O Algarve	4/1/1948	Faro	Na Voz do Operário - Concurso de Bandas Civis	Almada - Música	AMC	DS	Apreciação crítica da Banda Inercial Almadaense	Freitas, Pedro de
O Algarve	29/2/1948	Loulé	Por Loulé o Carnaval, a camionagem e o Caminho de Ferro	Loulé - Bairrismo	BE	L	A importância do comboio para o incremento do Carnaval	Freitas, Pedro de
O Algarve	10/4/1948	Faro	Trinta anos depois Recordando o nove de Abril	Primeira Guerra Mundial	GS	P	Foi um sacrifício em virtude de uma humanidade mais perfeita e mais sã	Freitas, Pedro de
O Algarve	13/6/1948	Faro	Tribruna Livre Temperadas da Vida	Portugal - Aspectos Sociais	S	P	Apela à paz e ao respeito pelos direitos humanos	Freitas, Pedro de
O Algarve	10/10/1948	Faro	Morreu o Padre Cruz	Faro - Aspectos sociais	XO	F	Homenagem póstuma ao Padre Cruz	Freitas, Pedro de
O Algarve	3/4/1949	Faro	«A Arte de ser Avô». Os netinhos	Recordações auto-biográficas	XPF	B	Com os netos tem mais paciência que teve com os filhos	Freitas, Pedro de
O Algarve	3/17/1949	Faro	Repáras	Aspectos Sociais	S	ZZZ	Licenciados com menos dignidade do que os humildes	Freitas, Pedro de
O Algarve	28/8/1949	Faro	Na guerra de 1914 a 18	Primeira Guerra Mundial	GH	NF	A importância da sua viagem a França para relembrar o passado	Freitas, Pedro de
O Algarve	27/10/1949	Faro	Carta de Espanha Um Pomeiro da vida de Madrid (II)	Viagem a Espanha - Imprensa	V	EM	Almocos e vida comercial	Freitas, Pedro de
O Algarve	11/1/1949	Faro	O Sanatório "vasconcelos Porto"	S. Brás de Alportel - Aspectos Sociais	S	AL	A função do Sanatório devia estender-se a todas as classes sociais	Freitas, Pedro de
O Algarve	14/10/1951	Faro	O Hospital de Loulé	Loulé - Aspectos sociais	BL	L	Deve-se fazer um Hospital nos moldes da Revolução Nacional	Freitas, Pedro de
O Algarve	21/10/1951	Faro	A Propósito do Carnaval Algarvio	Algarve - Aspectos sociais	BE	AL	Sobre o Carnaval no Algarve	Freitas, Pedro de
O Algarve	24/2/1952	Faro	Há 46 anos - 1906-1952 Loulé e o Carnaval no Algarve	Loulé - Carnaval	BE	L	Esclarece que o Carnaval organizado começou em Loulé	Freitas, Pedro de
O Algarve	15/6/1952	Faro	A «Carta-Aberta» responde um amigo	Faro - Música	BL	F	Agradece a Joaquim Magalhães pela defesa da banda filarmónica de Faro	Freitas, Pedro de
O Algarve	15/2/1953	Faro	O Carnaval de Loulé é o cenário turístico do Algarve	Loulé - Carnaval	BE	L	Há 47 anos Loulé criou o Carnaval Civilizado	Freitas, Pedro de
O Algarve	9/10/1955	Faro	Gazetinha Coretos	Coretos	AME	P	Versos dedicados aos Coretos	Pseudónimo:
O Algarve	26/2/1956	Faro	Os Estudantes no Carnaval de Loulé	Loulé - Carnaval	BE	L	Estudantes animaram o Carnaval de Loulé	O Tal
O Algarve	6/5/1956	Faro	Uma Tarde com o Maestro Rebelo Neves	Faro - Música	AMC	F	Um Saireu artístico realizado pelo Maestro Rebelo Neves	Freitas, Pedro de
O Algarve	5/8/1956	Faro	Morreu o Dr. Bernardo Lopes	Homenagem Funebre	XO	L	Um médico e bem fator da sua profissão	Freitas, Pedro de
O Almasaque do Algarve	Out. 1948	Sem Local	Favira e a sua Música	Favira - Música	AMI	AL	A vida musical das bandas civis de Favira	Freitas, Pedro de
O Barreiro	16/8/1936	Barreiro	Doutor Manuel Frazaço	Barreiro - Aspectos Sociais	XO	B	Doutor Manuel Frajaço um benfeitor da Humanidade	Freitas, Pedro de
O Barreiro	18/10/1936	Barreiro	Ecos de Uma Festa	Barreiro - Música	AME	B	As duas Sociedades uniram-se para celebrar uma festa	Freitas, Pedro de
O Barreiro	15/11/1936	Barreiro	O Armistício	Primeira Guerra Mundial	GS	P	Questiona o objectivo do Armistício	Freitas, Pedro de
O Barreiro	17/12/1936	Barreiro	O custo da Vida	Barreiro - Aspectos Sociais	S	B	O ordenado é insuficiente para os gastos do quotidiano	Freitas, Pedro de
O Barreiro	7/1/1937	Barreiro	Ano Velho, Ano Novo	Barreiro - Aspectos Sociais	S	B	Dá bons presságios à vinca do Novo Ano	Freitas, Pedro de
O Barreiro	4/2/1937	Barreiro	"Tou Sastifáto"	Barreiro - Aspectos Sociais	S	B	Exprime o desfasamento entre a realidade e a inteligência	Freitas, Pedro de
O Barreiro	22/4/1937	Barreiro	Há vinte anos...	Primeira Guerra Mundial	GS	P	Sacrificaram-se mocidades pela paz no mundo, será que valeu a pena?	Freitas, Pedro de
O Barreiro	29/3/1940	Barreiro	No campo musical luma ideia em marcha	Barreiro - Música	AME	B	Uma ideia para que as duas exímias bandas filarmónicas do Barreiro realizem concertos em homenagem dos seus tempos aureos	Freitas, Pedro de
O Barreiro	28/11/1940	Barreiro	No campo musical Uma ideia que não vingou	Barreiro - Música	AME	B	Os antigos filarmónicos não aderiram à ideia proposta no artigo anterior sobre eventos que permitissem reviver o passado aureo das duas filarmónicas do Barreiro	Freitas, Pedro de
O Barreiro	30/7/1941	Barreiro	João Pares	Barreiro - Aspectos Sociais	AMC	B	Homenagem póstuma a um amigo capitalaz	Freitas, Pedro de
O Barreiro	25/11/1943	Barreiro	Um vulto nacional que desaparece	Loulé - Aspectos sociais	XO	L	Aspectos biográficos do loulitano engenheiro Duarte Pacheco	Freitas, Pedro de
O Barreiro	1/6/1944	Barreiro	Música no Parque Um Inferno a roda de um belo concerto	Barreiro - Música	AMC	B	Crítica a falta de civilização na audição de um concerto	Freitas, Pedro de
O Comércio de Guimarães	14/8/1953	Guimarães	Guimarães em Festa	Guimarães - Música	AME	G	Descreve as Festas Guiltarianas e a participação das bandas filarmónicas	Freitas, Pedro de
O Comércio de Guimarães	25/11/1972	Guimarães	O Povo Gosta de Música	Música do e para o povo	AME	P	Prova que é preciso dar ao povo música da sua feição	Freitas, Pedro de

Jornal	Data	Localidade	Artigo / título	Assunto Geral	Code1	Code2	Assunto Detalhado	Autor
O Distrito de Setúbal	10/12/1952	Setúbal	E preciso dar ao Povo Música da sua feição (I)	O Distrito de Setúbal - Música	AMPS	DS	As Bandas do Distrito de Setúbal estão a diminuir	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	7/11/1953	Tavira	E preciso dar ao Povo Música da sua feição (II)	O Distrito de Setúbal - Música	AMI	P	Motivos que impulsionaram o movimento filarmónico	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	25/2/1953	Setúbal	E preciso dar ao Povo Música da sua feição (III)	O Distrito de Setúbal - Música	AMI	DS	Descreve as bandas militares e civis em Setúbal	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	14/1/1953	Setúbal	E preciso dar ao Povo Música da sua feição (IV)	O Distrito de Setúbal - Música	AMI	P	O aparecimento das bandas civis sob a direção do associativismo	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	22/4/1953	Setúbal	E preciso dar ao Povo Música da sua feição (V)	O Distrito de Setúbal - Música	AMI	DS	Os antecedentes da Sociedade Musical Capricho Setubalense	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	20/5/1953	Setúbal	E preciso dar ao Povo Música da sua feição (VI)	O Distrito de Setúbal - Música	AMI	DS	As bandas filarmónicas de Santiago do Cacém, de Paio Pires, de Pinhal Novo e de Sarilhos Grandes	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	10/6/1953	Setúbal	E preciso dar ao Povo Música da sua feição (VII)	O Distrito de Setúbal - Música	AME	P	Novo e de Sarilhos Grandes	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	24/6/1953	Setúbal	E preciso dar ao Povo Música da sua feição (VIII)	O Distrito de Setúbal - Música	AMI	DS	As bandas filarmónicas em Santo António da Chameca e na Costa da Caparica	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	8/7/1953	Setúbal	E preciso dar ao Povo Música da sua feição (VIII)	O Distrito de Setúbal - Música	AMI	DS	As bandas filarmónicas em Almada	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	15/7/1953	Setúbal	E preciso dar ao Povo Música da sua feição (IX)	O Distrito de Setúbal - Música	AMI	DS	As bandas filarmónicas em Palmela e Montijo - Continuação	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	22/7/1953	Setúbal	E preciso dar ao Povo Música da sua feição (IX)	O Distrito de Setúbal - Música	AMI	DS	As bandas filarmónicas em Palmela e Montijo - Continuação	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	7/11/1953	Setúbal	E preciso dar ao Povo Música da sua feição (X)	O Distrito de Setúbal - Música	AMI	B	A vida musical no Barreiro	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	7/11/1953	Setúbal	Barreiro na Música, no Teatro, no Recreio	Barreiro	AME	B	A importância das bandas filarmónicas e dos grupos dramáticos do Barreiro	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	10/12/1953	Setúbal	O Sr. Pedro de Freitas responde ao Sr. Leonídio Martins	Escaricamento	AMIC	P	Escaricamento	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	20/1/1954	Setúbal	E preciso dar ao Povo Música da sua feição (XI)	O Distrito de Setúbal - Música	AMI	DS	As Sociedades Filarmónicas em Setúbal e em Seixal	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	3/2/1954	Setúbal	E preciso dar ao Povo Música da sua feição (XII)	O Distrito de Setúbal - Música	AMI	DS	As bandas de música civil em Alcacer do Sal e Sesimbra	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	10/2/1954	Setúbal	E preciso dar ao Povo Música da sua feição (XII)	O Distrito de Setúbal - Música	AMI	DS	As bandas de música civil em Alcacer do Sal e Sesimbra (Continuação)	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	24/2/1954	Setúbal	E preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIII)	O Distrito de Setúbal - Música	AMPS	DS	A importância e as vicissitudes das bandas civis portuguesas	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	17/3/1954	Setúbal	E preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIV)	O Distrito de Setúbal - Música	AMPS	P	Carname. Expõe a Conferência intitulada A Música Popular - Parte integrante da Vida da Nação	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	28/4/1954	Setúbal	E preciso dar ao Povo Música da sua feição (XV)	O Distrito de Setúbal - Música	AMPS	NFE	Compara as Sociedades Filarmónicas portuguesas com as do Norte de França e as de Espanha	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	5/5/1954	Setúbal	E preciso dar ao Povo Música da sua feição (XV)	O Distrito de Setúbal - Música	AMPS	P	Opínioes e soluções para a manutenção das bandas de música civil	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	9/6/1954	Setúbal	E preciso dar ao Povo Música da sua feição (XVI)	O Distrito de Setúbal - Música	AMPS	P	A importância das bandas de música civil, portanto elas têm de ser estimadas (continuação)	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	23/6/1954	Setúbal	E preciso dar ao Povo Música da sua feição (XVI)	O Distrito de Setúbal - Música	AMPS	P	A importância das bandas de música civil, portanto elas têm de ser estimadas (continuação)	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	7/7/1954	Setúbal	Setúbal realiza um certame de bandas civis	Setúbal - Música	AME	DS	Felicita os responsáveis pelo certame	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	11/7/1954	Setúbal	A Roda do concurso de bandas civis	Portugal - Música	AMPS	DS	Apela para os compositores escreverem para o certame	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	11/8/1954	Setúbal	E preciso dar ao Povo Música da sua feição (XVII)	O Distrito de Setúbal - Música	AMI	P	Notas sobre Música Popular - Origem das bandas de música civil	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	18/8/1954	Setúbal	E preciso dar ao Povo Música da sua feição (XVII)	O Distrito de Setúbal - Música	AMI	P	Notas sobre Música Popular - Origem das bandas de música civil	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	18/8/1954	Setúbal	O Primeiro Concurso de Bandas Civis	Portugal - Música	AME	P	Os procedimentos do Concurso	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	8/9/1954	Setúbal	Frederico Augusto Pedroso	Homenagem Funebre	XO	ZZZ	A amizade e a despedida no enterro de Frederico Pedroso	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	15/9/1954	Setúbal	E preciso dar ao Povo Música da sua feição (XVIII)	O Distrito de Setúbal - Música	AME	P	O seu amor pela música de sua feição - História auto-biográfica	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	6/10/1954	Setúbal	E preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIX)	O Distrito de Setúbal - Música	AMPS	P	Como dar mais amplitude à música Portuguesa	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	13/10/1954	Setúbal	E preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)	O Distrito de Setúbal - Música	AMI	NFE	Como dar mais amplitude à música Portuguesa (continuação)	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	24/11/1954	Setúbal	E preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)	O Distrito de Setúbal - Música	AMI	NFE	A Música Popular em Espanha e no Norte de França	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	5/11/1955	Setúbal	E preciso dar ao Povo Música da sua feição (XX)	O Distrito de Setúbal - Música	AMPS	P	O porque do desinteresse pelas Sociedades Filarmónicas	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	12/11/1955	Setúbal	E preciso dar ao Povo Música da sua feição (XXI)	O Distrito de Setúbal - Música	AMPS	P	O porque do desinteresse pelas Sociedades Filarmónicas (continuação)	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	10/8/1955	Setúbal	Impressões de Almada	Almada - Aspectos sociais	AMC	DS	Manifesta a sua perspectiva sobre Almada e as 2 bandas filarmónicas	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	19/10/1955	Setúbal	Coretos a mais e Música a menos	Portugal - Música	AMPS	P	Manifesta a sua perspectiva sobre Almada e as 2 bandas filarmónicas	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	9/11/1955	Setúbal	S. Martinho - boémio e guerreiro	Portugal - Aspectos sociais	S	P	Recorda as festas de S. Martinho	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	12/9/1956	Setúbal	Fragédia Flores e Lágrimas	Homenagem Funebre	XO	ZZZ	A sentida morte de Jaime Luciano dos Santos Golvela	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	26/9/1956	Setúbal	Palmela em Ayamonte	Palmela - Música	AMC	DS	A banda filarmónica Humanitária toca em Ayamonte	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	6/2/1957	Setúbal	Palmela Terra de Eleição	Palmela - Aspectos sociais	AMI	DS	Aspectos histórico-sociais da vila de Palmela bem como da sua música	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	29/5/1957	Setúbal	O Maestro Rui Coelho compõe mais uma Ópera. "A Feira"	Aspectos Biográficos	XO	EM	Sua admiração e aspectos biográficos de Rui Coelho	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	7/7/1957	Setúbal	Aqui, Madrid	Espanha - Música	AMI	EM	Aspectos da vida musical Espanhola	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	31/7/1957	Setúbal	Concertos Populares «O Século» e o «Distrito» trilhando o Ecos de Ayamonte ouvido o director da "Música de La Legion" de Ceuta	Portugal - Música	AMC	P	Críticas aos programas de Concertos de carácter popular	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	11/10/1957	Setúbal	11 de Novembro Uma Data que pertence à História	Ayamonte - Música	AMI	EAY	Faz uma entrevista ao director da "Música de La Legion"	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	28/2/1958	Setúbal	A banda 1.ª de Dezembro do Montijo vai à Holanda?	Montijo - Música	GS	P	O 11 de Novembro não trouxe a paz ao mundo	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	28/3/1958	Setúbal	A Banda do Montijo prepara-se; mas...	Montijo - Música	AMPS	DS	Incentiva as bandas militares e civis a irem à Holanda	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	8/4/1958	Setúbal	Evocações do "9 de Abril" - O Cristo das Trincheiras	Primeira Guerra Mundial	GH	Lx	Solicita apoio monetário às entidades competentes	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	6/5/1958	Setúbal	Obrigado Senhor Doutor	Resposta em agradecimento	GS	ZZZ	Memoirs da guerra na Igreja do Colégio Militar em Lisboa	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	8/7/1958	Setúbal	A Banda de Montijo carece de auxílio	Montijo - Música	AMPS	DS	Agradece ao Sr. Cabral Adão pelo elogio ao seu último artigo	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	29/7/1958	Setúbal	A Mendicância no Barreiro	Barreiro - Aspectos Sociais	S	B	Apela para um esforço financeiro em prol da banda filarmónica do Montijo	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	12/8/1958	Setúbal	Vai partir para a Holanda a Banda de Montijo	Montijo - Música	AMPS	DS	Contra as infiltrações de pedintes	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	26/9/1958	Setúbal	Ayamonte em festa A Humanidade de Palmela esteve mais uma vez presente	Ayamonte - Música	V	EAY	Elogia o auxílio patriótico e artístico prestado à Banda	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	4/11/1958	Setúbal	Carteya fidalga vila de Espanha	Carteya - Música	XPF	EC	Impressões sobre as Festas das Angústias em Ayamonte	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal							Conta como ficou "irmão" da confraria da Nossa Senhora do Rosário	Freitas, Pedro de

Jornal	Data	Localidade	Artigo / título	Assunto Geral	Code1	Code2	Assunto Detalhado	Autor
O Distrito de Setúbal	7/4/1959	Setúbal	Há quarenta e um anos... esse dia 9 de Abril	Primeira Guerra Mundial	GC	P	Um relato do 9 de Abril pelo Comandante J. Galo Aferes	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	21/7/1959	Setúbal	Setúbal Honrada no Concurso Nacional de Bandas Cívicas	O Concurso Nacional de Bandas Cívicas	AME	P	O Concurso, sua importância e Certames	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	22/9/1959	Setúbal	Montijo em Espanha	Montijo - Música	AMI	DS	Como a banda filarmónica "1.º de Dezembro" foi a Holanda e Ayamonte	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	29/9/1959	Setúbal	Vila Real de Santo António recebe carinhosamente a banda da 1.º de Dezembro	Algarve - Música	AMC	AL	A banda filarmónica "1.º de Dezembro" foi bem recebida em Vila Real de Santo António	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	7/4/1961	Setúbal	Madrid, quinta-feira Santa	Madrid - Religião	V	EM	Describe o fervor religioso da Semana Santa em Madrid	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	6/11/1962	Setúbal	Pela Incrivei! Almadaense Um aniversário, um programa, uma conferência e um concerto	Almada - Música	AMC	DS	O programa da banda filarmónica "Incrivei" de Almada pelo seu 114.º aniversário	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	30/11/1962	Setúbal	Pela televisão Um grupo musical que ofendeu a música e desrespeitou a nobre e humanitária Corporação dos Bombeiros	Crítica Musical	AMC	P	Um grupo musical usa os fatos dos bombeiros para fazer maluquices	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	22/3/1963	Setúbal	Um nome que é de recordar - João de Sousa Morais	Recordar o Maestro João Sousa Morais	XO	ZZZ	Descreve a pouca sorte do maestro Sousa Morais	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	16/10/1964	Setúbal	A actuação da banda dos "LOUREIROS" de Palma em ESPANHA	Palma - Música	AMC	DS	Descreve as actuações dos "Louleiros" em Espanha	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	12/12/1967	Setúbal	Encontro, reunião ou congresso?	Congresso - Música	AMPS	P	Apoia que se faça um Congresso organizado a favor das Filarmónicas	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	9/7/1968	Setúbal	Um Coreto que toma a "lalar"	Barreiro - Música	AMC	B	O Concerto da CUF no coreto do Largo Luis de Camões	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	30/7/1968	Setúbal	Renato Magalhães - Um amigo e um exemplo	Homenagem fúnebre	XO	ZZZ	Ao amigo e genro Renato Magalhães	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	20/8/1968	Setúbal	As bandas de música do distrito de Setúbal já não merecem consideração?	Distrito de Setúbal - Música	AMPS	DS	Pelo menos na Feira de S. João lembrem-se das bandas filarmónicas	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	5/11/1968	Setúbal	Há cinquenta anos - O Armisticio	Primeira Guerra Mundial	GS	P	Não existem Armisticios que possam salvar a Humanidade	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	4/2/1969	Setúbal	As Filarmónicas	Portugal - Música	AMPS	P	Soluções para "levantar" as Filarmónicas da decadência	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	4/3/1969	Setúbal	A Sociedade Filarmónica Agrícola Lavradiense não é a mais antiga do Distrito de Setúbal	Setúbal - Música	AMI	DS	Nem sempre o que a tradição oral diz é verdade, cuidado!	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	16/2/1971	Setúbal	No sector da Música Popular morreu um nome glorioso	Homenagem fúnebre	XO	B	Ao amigo Aníbal Pereira Fernandes pertencente à Banda "Os Franceses"	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	11/5/1971	Setúbal	Pelo Barreiro Gases e Fumos	Barreiro - Aspectos Sociais	S	B	Façam algo para um ambiente atmosférico melhor	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	16/11/1971	Setúbal	O Distrito de Setúbal esteve presente no Concurso de Bandas Cívicas	Setúbal - Música	AME	DS	As bandas de música cívicas que concorreram e suas posições no Concurso	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	5/9/1972	Setúbal	Indignação no Barreiro - A morte inglória de uma Banda de Música	Barreiro - Música	AMI	B	Morte da Banda "Liga de Instrução e Recreio da C.U.F."	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	24/7/1972	Setúbal	Música do e para o povo	Música do e para o povo	AME	P	Prova que e preciso dar ao povo música da sua feição	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	18/7/1973	Setúbal	O Fovo Gosta de Música	Lisboa - Música	AME	ZZZ	Manuel da Silva Dionísio despede-se da vida oficial	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	16/6/1974	Setúbal	A despedida de um Artista	Crítica Política	S	IP	O Ministro da Deleza não fez nada pela Índia Portuguesa	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	10/9/1974	Setúbal	Não esquecer os Homens da Índia	Sousa Morais - Compositor	XO	P	Não figura no Dicionário de Música de Tomás Borba e Fernando	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	7/11/1975	Setúbal	Os Episcopos de Sousa Morais	O Distrito de Setúbal - Música	AMI	DS	História da Sociedade Filarmónica "Operária Amorense"	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	25/3/1975	Setúbal	Presente na Filarmónica Operária Amorense	General Vassalo e Silva - Aspectos	XO	IP	O General Vassalo e Silva foi homenageado	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	6/5/1975	Setúbal	Horra, grande de justiça feita na alegria	Agadece o elo que lhe foi prestado	XO	ZZZ	Agradece a Vitor Botelho	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	1/7/1975	Setúbal	O meu agradecimento	Agadece o elo que lhe foi prestado	S	ZZZ	As amas em casa podem ser fatais	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	8/7/1975	Setúbal	Cuidado com as Crianças	A criança necessita de exemplos	AMI	Lx	O primeiro concerto da banda da PSP no Quartel do Carmo	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	16/9/1975	Setúbal	Lições de Badajoz	Lições - Música	BE	L	Episódio passado nas Feiras da Mãe Soberana em Loulé	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	14/7/1975	Setúbal	A Banda de Música da P.S.P. de Lisboa ascende ao Carmo	Setúbal - Música	AMI	DS	Recorda época aurea da Banda "União Setubalense"	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	4/11/1975	Setúbal	Recordando a Banda de Música União Setubalense	Palma - Música	AMI	DS	Conta como a Banda "Humanitária" se ofendeu	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	11/11/1975	Setúbal	Agradável Encontro	Primeira Guerra Mundial	GC	P	O Armisticio foi no Dia de S. Martinho	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	15/6/1976	Setúbal	São Martinho e o Velho Armisticio	Romagem a França	GH	NF	Visita de Lacouture e Cemitério Portugueses em França	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	22/6/1976	Setúbal	Lacouture - Bendito Padrão Portugueses	Romagem a França	GH	NF	A Romagem deveria electrizar-se	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	29/6/1976	Setúbal	A Liga dos Combatentes organiza a Romagem	Romagem a França	GS	NF	Conta a história de um ex-soldado que ficou a viver em Lacouture	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	6/7/1976	Setúbal	O Ferro - Velho de Lacouture	Guerra - reflexões	GS	NF	Impressões em relação a emigrantes Portugueses	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	13/7/1976	Setúbal	Impressões dos Emigrantes Portugueses	Guerra - reflexões	GS	NF	Impressões da sua visita como Romeiro	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	3/9/1976	Setúbal	O "Distrito" festeja os seus 25 anos	Romagem a França	GH	NF	O Distrito de Setúbal comemora mais um ano	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	19/7/1977	Setúbal	Parabéns ao Distrito de Setúbal	Parabéns ao Distrito de Setúbal	S	DS	Ao amigo Carlos Monteiro as últimas recordações	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	11/4/1978	Setúbal	A Memória do Saudoso Amigo Professor e Director do "Distrito de Setúbal" Carlos Monteiro	Homenagem fúnebre	XO	DS	Perderam-se tradições etnográficas das fandas dos filarmónicos	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	2/5/1978	Setúbal	O fardamento das Filarmónicas	Música	AMI	P	Octogonários foram a Romagem	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	25/9/78	Setúbal	Ecoss de uma Romagem a França	Guerra - Romagem a França	GH	NF	O contraste do 1.º de Maio transmitido pela televisão	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	9/5/1978	Setúbal	Que significativo contraste	Televisão	GS	P	O contraste do 1.º de Maio transmitido pela televisão	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	27/6/1978	Setúbal	Causticos do Mestre Flialho	Crítica Literária	O	ZZZ	Crítica Literária	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	13/1/1981	Setúbal	Duelo Poético de Dois Poetas Populares	Caminho de Ferro	O	ZZZ	Duelo poético entre dois ferroviários reformados	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	26/6/1981	Setúbal	A Banda de Galveias dá, em Lisboa na "Casa do Alentejo"	Lisboa - Música	AMC	Lx	Boas impressões do programa - Popular e Português	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	16/6/1981	Setúbal	"A Greve dos Macunichas..."	Caminho de Ferro	S	P	As greves e as suas consequências	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	14/7/1981	Setúbal	Um Belo Concerto Popular	Homenagem Posituna	XO	DS	Ao proprietário do "Distrito de Setúbal"	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	14/7/1981	Setúbal	O Quarto Aniversário da Monte de Carlos Monteiro	Homenagem Posituna	XO	DS	Ao proprietário do "Distrito de Setúbal"	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	1/6/1981	Setúbal	A Farpela Nova deste Jornal	O Distrito de Setúbal	O	DS	Conta a História do "Distrito de Setúbal"	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	25/8/1981	Setúbal	Coisas que aconteceram II	Primeira Guerra Mundial	GC	NF	Recorda episódios na Guerra	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	8/9/1981	Setúbal	Idosos - Um esclarecimento que dá «o seu ao seu dono»	Resposta ao Dr. Cabral Adão	S	ZZZ	Agradece o elogio às pessoas idosas	Freitas, Pedro de

Jornal	Data	Localidade	Artigo/Título	Assunto Geral	Code1	Code2	Assunto Detalhado	Autor
O Distrito de Setúbal	8/9/1981	Setúbal	Coisas que acontecem III	Barreiro - Música	AMPS	B	Duas Bandas rivais reconciliam-se os "Franceses" e "Penicheiros"	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	15/9/1981	Setúbal	Coisas que acontecem IV	Festas e Música	AMPS	P	Anticpamente não havia festas sem Música	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	22/9/1981	Setúbal	Coisas que acontecem V	Primeira Guerra Mundial	GC	NF	Recorda episódios na Guerra	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	29/9/1981	Setúbal	Coisas que acontecem VI	Primeira Guerra Mundial	GC	NF	Recorda episódios na Guerra - a chegada ao calis	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	6/10/1981	Setúbal	Pelo Sector da Música - Uma Carta que não mereceu resposta	Fantasia "Os Clarins"	AMC	ZZZ	Quer que sua peça seja tocada e não obtem resposta Foi assistir a um programa da sociedade Filarmónica "Unânime Pralense"	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	27/10/1981	Setúbal	A Minha Presença na Ilha do Faial - Açores	Faial (Açores) - Música	AMC	AÇ	O Programa da Sociedade Filarmónica "Unânime Pralense"	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	24/11/1981	Setúbal	O Centenário da Filarmónica Unânime Pralense Faial	Faial (Açores) - Música	AMC	AÇ	O Programa da Sociedade Filarmónica "Unânime Pralense"	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	9/2/1982	Setúbal	Coisas que acontecem VIII	Recordações biográficas	V	E	Sabotagem ao comboio e um episódio da sua visita à Espanha	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	16/2/1982	Setúbal	Coisas que acontecem IX	Primeira Guerra Mundial	GS	P	Cusios monetários da guerra - especulações	Freitas, Pedro de
O Distrito de Setúbal	23/2/1982	Setúbal	Coisas que acontecem X	A importância da leitura	S	ZZZ	A importância de ler obras nacionais	Freitas, Pedro de
O Eco de Estremoz	3/12/1967	Estremoz	A Sociedade Filarmónica Lusitana em 1915	Recordações auto-biográficas	XPF	ALE	Recorda como substituiu um 1.º cornetim na Filarmónica "Lusitana"	Freitas, Pedro de
O Francês	7/9/1930	Barreiro	Consumada uma aspiração	Música - Barreiro	AME	B	Felicita da nova sede dos "Franceses"	Freitas, Pedro de
O Francês	7/9/1937	Barreiro	Datas são datas	Música - Barreiro	AMI	B	E importante não delupar a verdade histórica das datas	Freitas, Pedro de
O Francês	7/9/1937	Barreiro	Bem-vindos sejam Saudações	Música - Barreiro	AMI	B	Felicita a Sociedade e a Sede por mais um ano passado	Freitas, Pedro de
O Francês	13/7/1947	Barreiro	O Francês	Barreiro - Música	AMF	B	A banda filarmónica depois de onze anos de inactividade reaparece	Freitas, Pedro de
O Francês	4/8/1970	Barreiro	"Os Franceses" Falando da Banda	Barreiro - Música	AMI	B	A História da Banda "Os Franceses"	Freitas, Pedro de
O Louletano	5/10/1933	Loulé	Joaquim António Pires	Loulé - Música	AME	L	Elogia a boa regência do mestre da Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva	Freitas, Pedro de
O Louletano	14/12/1933	Loulé	Impressões de Loulé	Loulé - Aspectos sociais	BE	L	Manifesta o seu bairrismo, exprime o seu sentimento por Loulé	Freitas, Pedro de
O Louletano	23/7/1936	Loulé	Joaquim António Pires	Loulé - Música	XO	L	Elogia a iniciativa de se galardoar a memória do Mestre Pires	Freitas, Pedro de
O Louletano	18/2/1936	Loulé	O Assalto ao Comboio Correio	Caminhos de Ferro	S	L	Assalto ao comboio correio entre Alcançã e Loulé	Freitas, Pedro de
O Louletano	1/7/1937	Loulé	Questão Musical - Será impossível?	Campanha Musical	AMPS	L	Questiona a possibilidade de união das duas Sociedades Filarmónicas	Freitas, Pedro de
O Louletano	15/1/1938	Loulé	B.S.C.F. Salvê! Honrosa Gente	Loulé - Bairrismo	GH	L	A vinda a Loulé do Balaio de Sapadores de Caminhos de Ferro	Freitas, Pedro de
O Louletano	28/7/1938	Loulé	Filarmónicas...	Campanha Musical	AMPS	L	Defende a municipalização das Sociedades Filarmónicas de Loulé	Freitas, Pedro de
O Louletano	29/8/1938	Loulé	Filarmónicas...	Campanha Musical	AMPS	L	Embora esteja a viver no Barreiro, Pedro de Freitas luta a favor das Sociedades Filarmónicas de Loulé	Freitas, Pedro de
O Louletano	8/9/1938	Loulé	Filarmónicas...	Campanha Musical	AMPS	L	Bar condições condignas pelo menos a Sociedade Filarmónica	Freitas, Pedro de
O Louletano	22/9/1938	Loulé	Filarmónicas...	Campanha Musical	AMPS	L	Artistas Minerva	Freitas, Pedro de
O Louletano	13/10/1938	Loulé	Joaquim António Pires	Loulé - Música	AMPS	L	Prestar reconhecimento ao regente Joaquim António Pires	Freitas, Pedro de
O Louletano	20/10/1938	Loulé	Filarmónicas...	Campanha Musical	AMPS	L	Alternativas para um ambiente de associativismo musical condigno	Freitas, Pedro de
O Louletano	27/10/1938	Loulé	Filarmónicas...	Campanha Musical	AMPS	L	Alternativas para um ambiente de associativismo musical condigno	Freitas, Pedro de
O Louletano	10/11/1938	Loulé	O Armisticio...	Primeira Guerra Mundial	GS	P	O Armisticio foi apenas uma paz aparente	Freitas, Pedro de
O Louletano	10/11/1938	Loulé	Filarmónicas...	Loulé - Música	AMPS	L	Alternativas para um ambiente de associativismo musical condigno	Freitas, Pedro de
O Louletano	26/11/1938	Loulé	Filarmónicas...	Campanha Musical	AMPS	L	Alternativas para um ambiente de associativismo musical condigno	Freitas, Pedro de
O Louletano	16/3/1939	Loulé	"A Imprensa na Vida Moderna"	Loulé - Caminhos de Ferro	BL	L	A importância da imprensa periódica na descrição da temática do desvio do caminho de ferro	Freitas, Pedro de
O Louletano	30/3/1939	Loulé	Velha aspiração o desvio da linha do caminho de Ferro	Loulé - Caminhos de Ferro	BL	L	Disposto a lutar a favor do desvio da linha do caminho de Ferro	Freitas, Pedro de
O Louletano	6/4/1939	Loulé	9 de Abril	Primeira Guerra Mundial	GS	P	A glória não se conquista só da vitória mas também de derrota	Freitas, Pedro de
O Louletano	1/6/1939	Loulé	Velha aspiração O desvio da linha do caminho de Ferro	Loulé - Caminhos de Ferro	BL	L	Prende que o caminho de Ferro passe pela Vila de Loulé	Freitas, Pedro de
O Louletano	12/10/1939	Loulé	Joaquim António Pires	Loulé - Música	XO	L	Homenagem à figura e memória do regente Joaquim Pires	Freitas, Pedro de
O Louletano	19/10/1939	Loulé	Portalegre insiste, Reclama, Loulé estaciona, cala-se	Loulé - Caminhos de Ferro	BL	L	Portalegre luta pelo caminho de Ferro dentro da cidade e Loulé cala-se	Freitas, Pedro de
O Louletano	16/11/1939	Loulé	O Armisticio 1918-1939	Primeira Guerra Mundial	GS	P	Significou o Armisticio a suspensão de hostilidades?	Freitas, Pedro de
O Louletano	14/12/1939	Loulé	O Algarve e os Algarvios	Algarve - Aspectos sociais	BL	AL	A Ingratidão de alguns algarvios para com sua terra natal	Freitas, Pedro de
O Louletano	6/3/1941	Loulé	Respingando	Loulé - Música	AMI	L	Paz pesquisas sobre a musica de Loulé	Freitas, Pedro de
O Penicheiro	1/8/1970	Barreiro	Cem Anos São Passados!	Barreiro - Música	AME	B	Os "penicheiros" fazem 100 anos de existência	Freitas, Pedro de
O Primeiro de Maio	13/9/1977	Loulé	Carta de Expedicionários	Primeira Guerra Mundial	GC	NF	Impressão do Dia 12 de Julho	Freitas, Pedro de
O Progresso	12/6/1923	Loulé	Condolências	Homenagem Funebre	XO	L	Manifesta o seu pesar pela morte do amigo Manuel Salgado	Freitas, Pedro de
O Século	11/12/1947	Lisboa	O Concurso das Bandas de Música	Portugal - Música	AME	P	Os procedimentos do Concurso e figuras envolvidas	Freitas, Pedro de
O Século	12/12/1947	Lisboa	O 1.º prémio do concurso das Bandas de Música foi dividido	Portugal - Música	AME	P	Sinteticamente descreve o Concurso e a distribuição de prémios	Freitas, Pedro de
O Século	30/4/1966	Lisboa	Faz aninhá um século que foi fundada a Filarmónica Marçal Pacheco de Loulé	Loulé - Música	AMI	L	A história da fundação da banda filarmónica Marçal Pacheco	Freitas, Pedro de
O Setúbalense	10/7/1954	Setúbal	O Centame de Bandas Cívicas	Setúbal - Música	AME	DS	Enaltece a iniciativa do centame	Freitas, Pedro de
O Setúbalense	30/3/1959	Setúbal	Ao Algarve tento de Pedir Perdão	Aspectos Sociais - Algarve	BL	AL	O Algarve não tem sido acarinhado como devia	Freitas, Pedro de
O Setúbalense	25/4/1959	Setúbal	Almada prodigiosa Fonte da Música Popular	Almada - Música	AMI	DS	As bandas cívicas de Almada e o Concurso de Bandas do Distrito	Freitas, Pedro de
O Setúbalense	2/5/1959	Setúbal	Vai entrar-se na solução da crise das Bandas Cívicas?	Portugal - Música	AMPS	P	A importância do 1º Concurso das Bandas do Distrito de Setúbal	Freitas, Pedro de
O Setúbalense	20/7/1959	Setúbal	Vai realizar-se o primeiro grande Concerto Nacional de Bandas Cívicas PARABENS, SETUBAL!	O Concurso Nacional de Bandas Cívicas	AMPS	P	Apela para as bandas cívicas participarem no Concurso	Freitas, Pedro de
O Setúbalense	14/8/1959	Setúbal	Impressões de Visou	Visou - impressões	V	VI	A cidade de Visou é digna de ser conhecida	Freitas, Pedro de
O Setúbalense	19/9/1959	Setúbal	Duas Bandas de Música Frente a Frente	Crítica Musical	AMC	PZ	A tarefa complexa de criticar musicalmente as Bandas	Freitas, Pedro de
O Setúbalense	21/10/1959	Setúbal	Reparos	Recordações auto-biográficas	XPF	ZZZ	Com 86 anos encontra-se no melhor de suas faculdades intelectuais	Freitas, Pedro de
O Setúbalense	7/5/1960	Setúbal	Um Fenómeno Musical? Palmas, Abraços e Lágrimas	Porto - Música	AMC	Porto	Comenta sobre Concertos no Porto	Freitas, Pedro de

Journal	Data	Localidade	Artigo / título	Assunto Geral	Code1	Code2	Assunto Detalhado	Autor
O Setubalense	19/11/1960	Setúbal	Seixal e a sua Música Popular	Seixal - Música	AMI	DS	As bandas filarmónicas do Seixal	Freitas, Pedro de
O Setubalense	27/2/1961	Setúbal	Em terras da nossa Índia	Aspectos Biográficos	XO	IP	Elojaio o método de governar do Sr. General Vassalo e Silva	Freitas, Pedro de
O Setubalense	27/2/1961	Setúbal	Em Terras da Nova Índia	Índia - Viagem	V	IP	Describe a sua viagem a Goa e à Ilha de Angediva	Freitas, Pedro de
O Setubalense	17/4/1961	Setúbal	Pelo Barreiro Bolar, Cooperativismo e Música registam suas «Bodas de Ouro»	Barreiro - Música	AMI	B	Como nasceu a "Banda do Grupo Desportivo e Recreativo da C.U.F."	Freitas, Pedro de
O Sul e Sueste	24/4/1967	Setúbal	Mercêda Resposta	Responde ao Dr. Cabral Araújo	XPF	DS	Manifesta que foi magoado na sua sensibilidade	Freitas, Pedro de
O Sul e Sueste	31/12/1923	Barreiro	Na Miséria	Caminhos de Ferro - Ferrovíários	AS	P	Constata a má situação financeira dos ferroviários	Freitas, Pedro de
O Sul e Sueste	17/4/1924	Barreiro	Ordem ou Desordem!...	Caminhos de Ferro - Ferrovíários	AS	P	Reclama o baixo estatuto social dos revisores	Freitas, Pedro de
O Sul e Sueste	31/5/1924	Barreiro	Num Régimen de Arbitrariedades (Carapuça para quem servir)	Caminhos de Ferro - Ferrovíários	AS	P	Crítica a falta de autoridade moral dos ferroviários	Freitas, Pedro de
O Sul e Sueste	27/9/1924	Barreiro	Irregularidades Prejudiciais	Caminhos de Ferro	AS	P	Má situação financeira dos ferroviários	Freitas, Pedro de
O Sul e Sueste	16/5/1925	Barreiro	Pela Organização	Caminhos de Ferro	AS	P	Melhor organização nos serviços Ferrovíários	Freitas, Pedro de
O Sul e Sueste	20/7/1925	Barreiro	A nova Comissão Administrativa	Caminhos de Ferro	AS	P	Expectativas e votos à nova Comissão Administrativa	Freitas, Pedro de
O Sul e Sueste	31/7/1925	Barreiro	Com visita aos senhores dirigentes	Caminhos de Ferro	AS	P	Reivindica as precárias condições existenciais dos Ferroviários	Freitas, Pedro de
O Sul e Sueste	15/8/1925	Barreiro	Resposta às "Notas e Impressões"	Caminhos de Ferro	AS	P	Exprime a falta de união da classe de revisores de bilhetes	Freitas, Pedro de
O Sul e Sueste	13/11/1925	Barreiro	Pelo serviço de Fiscalização	Caminhos de Ferro	AS	P	Má condições morais e financeiras dos Ferroviários	Freitas, Pedro de
O Sul e Sueste	27/11/1925	Barreiro	Pelo Sindicato Ferroviário - Mais Um Ano	Caminhos de Ferro	AS	P	Eratice a importância do Sindicato Ferroviário	Freitas, Pedro de
O Sul e Sueste	20/12/1925	Barreiro	O Ramal da Estação de Loulé a S. Braz de Alportel e o Pretensão Desvio	Caminhos de Ferro	S	L	Reivindica o direito de se exprimir livremente opiniões	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	20/10/1945	Tavira	Tavira e a sua Música	Tavira - Música	AMI	AL	A vida musical das bandas civis de Tavira	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	27/7/1947	Tavira	Ambiente Musical Tavirense	Tavira - Música	AMPS	AL	Promove ideias para dar dignidade à Sociedade Musical de Tavira	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	16/11/1947	Tavira	Onze de Novembro	Primeira Guerra Mundial	GS	P	Os que estão vivos malizem a ineficácia do seu sacrifício	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	12/1948	Tavira	A Banda de Tavira Vai Acabar!	Tavira - Música	AMPS	AL	Solicita ajudas para a não extinção do ambiente associativo	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	4/7/1948	Tavira	Temas Musicais	Portugal - Música	AMPS	P	Conselhos para manter e solidificar a existência das bandas filarmónicas	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	17/7/1948	Tavira	Almada em Festa	Almada - Música	AME	DS	A Incrive! Almadenense festeja o centenário do seu aniversário	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	5/12/1948	Tavira	Direitos de Autor e Propriedade Literária - Sociedades de Recreio	Portugal - Música	AMPS	P	Problemas dos direitos de autor para as Sociedades de Recreio	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	3/4/1949	Tavira	Por Tavira Impressões de um Concerto	Tavira - Música	AMC	AL	Comenta o Concerto da Banda de Tavira	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	21/8/1949	Tavira	A Música popular, parte integrante da vida da Nação (1.ª Parte)	Música Popular	AME	P	A importância das Sociedades Filarmonicas para a sociedade	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	28/8/1949	Tavira	A Música popular, parte integrante da vida da Nação (2.ª Parte)	Música Popular	AMPS	P	Luta contra a decadência do nosso meio popular	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	4/9/1949	Tavira	O Perigo das Velocidades	Sociedade	S	ZZZ	E necessário mais precaução com as velocidades	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	25/9/1949	Tavira	Carta ao Leitor (I)	Viagem a Espanha - Impressão	V	ES	Describe as belezas de Sevilha	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	21/10/1949	Tavira	Carta ao Leitor (II)	Viagem a Espanha - Impressão	V	ES	Describe as belezas de Sevilha	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	9/10/1949	Tavira	Carta ao Leitor (IV)	Viagem a Espanha - Impressão	AMC	ES	Um Concerto da Banda Municipal de Sevilha	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	16/10/1949	Tavira	Carta ao Leitor (V)	Viagem a Espanha - Impressão	V	ECZB	De Cadiz a Barcelona durante quase um mês de férias	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	23/10/1949	Tavira	Maria Campina conquista uma noite de glória	Loulé - Música	BE	L	O recital executado pela grande pianista	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	30/10/1949	Tavira	Impressões duma viagem Carta ao Leitor (VI)	Viagem a Espanha - Impressão	V	ECZ	Impressões de Cadiz	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	13/11/1949	Tavira	Impressões duma viagem Carta ao Leitor (VII)	Viagem a Espanha - Impressão	V	ESM	Descrição da sua viagem de Sevilha a Madrid	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	27/11/1949	Tavira	Impressões duma viagem Carta ao Leitor (VIII)	Viagem a Espanha - Impressão	V	EM	Describe as suas impressões de Madrid	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	11/12/1949	Tavira	Impressões duma viagem Carta ao Leitor (IX)	Viagem a Espanha - Impressão	V	EM	Describe as suas impressões de Madrid	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	17/1950	Tavira	Impressões duma viagem Carta ao Leitor (X)	Viagem a Espanha - Impressão	V	EM	Describe as suas impressões de Madrid	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	22/1/1950	Tavira	Impressões duma viagem Carta ao Leitor (XI)	Viagem a Espanha - Impressão	V	EM	Describe as suas impressões de Madrid	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	29/1/1950	Tavira	Impressões duma viagem Carta ao Leitor (XII)	Viagem a Espanha - Impressão	V	EM	Describe as suas impressões de Madrid	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	19/2/1950	Tavira	Impressões duma viagem Carta ao Leitor (XIII)	Viagem a Espanha - Impressão	AMI	EM	A Música Madrilena	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	5/3/1950	Tavira	Impressões duma viagem Carta ao Leitor (XIV)	Viagem a Espanha - Impressão	V	EMT	Viagem de Madrid a Toledo	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	19/3/1950	Tavira	Impressões duma viagem Carta ao Leitor (XV)	Viagem a Espanha - Impressão	V	ET	Describe as suas impressões de Toledo	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	4/4/1950	Tavira	Impressões duma viagem Carta ao Leitor (XVI)	Viagem a Espanha - Impressão	V	ET	Describe as suas impressões de Toledo	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	30/4/1950	Tavira	Impressões duma viagem Carta ao Leitor (XVII)	Viagem a Espanha - Impressão	V	EM	O Mosteiro do Escorial	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	11/6/1950	Tavira	Impressões duma viagem Carta ao Leitor (XVIII)	Viagem a Espanha - Impressão	V	EM	A Viagem de Madrid a Barcelona	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	30/7/1950	Tavira	Impressões duma viagem Carta ao Leitor (XIX)	Viagem a Espanha - Impressão	V	EM	Describe suas impressões de Barcelona	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	3/9/1950	Tavira	Impressões duma viagem Carta ao Leitor (XX)	Viagem a Espanha - Impressão	V	EM	Describe suas impressões de Barcelona	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	29/10/1950	Tavira	Impressões duma viagem Carta ao Leitor (XXI)	Viagem a Espanha - Impressão	V	EM	Describe suas impressões de Barcelona	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	5/11/1950	Tavira	Impressões duma viagem Carta ao Leitor (XXII)	Viagem a Espanha - Impressão	BE	AL	Describe a Vila de Albufeira	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	12/11/1950	Tavira	Observatórios Algarvios (I)	Algarve - Aspectos sociais	BE	AL	Describe a Vila de Albufeira	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	19/11/1950	Tavira	Observatórios Algarvios (II)	Algarve - Aspectos sociais	BE	F	Describe a capital do Algarve com sentido crítico - Faro	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	26/11/1950	Tavira	Observatórios Algarvios (III)	Algarve - Aspectos sociais	BE	F	Describe a capital do Algarve - Faro	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	17/12/1950	Tavira	Observatórios Algarvios (IV)	Algarve - Aspectos sociais	XO	AL	Homenagem a um poeta algarvio - Cândido Guerreiro	Freitas, Pedro de

Jornal	Data	Localidade	Artigo / título	Assunto Geral	Code1	Code2	Assunto Detalhado	Autor
Povo Algarvio	31/12/1950	Tavira	Observatórios Algarvios (VI)	Algarve - Aspectos sociais	BE	L	Descreve a sua terra natal - Loulé	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	11/03/1951	Tavira	No círculo cultural de Faro	Faro - Conferência	BE	F	Impressões de duas Conferências no Círculo Cultural	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	18/03/1951	Tavira	Pela Província	Loulé - Aspectos sociais	BE	L	Elogio a assistência médica em Loulé	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	19/04/1951	Tavira	Calaram-se Bândas e Orquestras	Portugal - Música	AMPS	P	Pedro de Freitas incentiva a prática da música popular	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	14/07/1951	Tavira	Loulé e o seu Problema Hospitalar	Loulé - Aspectos sociais	BL	L	Deve-se fazer um Hospital nos moldes da Revolução Nacional	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	20/04/1952	Tavira	Duarte Pacheco	Loulé - Aspectos sociais	XO	L	Retrato biográfico do Louletano Duarte Pacheco	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	7/09/1952	Tavira	Cachopo - Festas em Cachopo	Cachopo - Festas	BE	AL	Alude à oportunidade de se visitar o Cachopo pelas festas	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	14/09/1952	Tavira	Cachopo já não gosta de música!	Cachopo - Música	AMPS	AL	A ausência de bandas nas festas de Santo Estevão	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	14/12/1952	Tavira	Manuel Cabanas	Algarve	XO	AL	Conferência realizada pelo Cacelense Manuel Cabanas	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	10/05/1953	Tavira	Cachopo torna a gostar de Música	Cachopo - Música	AMC	AL	Agradeceram o reparo feito por Pedro de Freitas e convidaram-no a participar na nova festa	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	9/08/1953	Tavira	As sete notas de música	Polémica musical	AME	P	Defende as sete notas de música como a maneira mais fácil de aprender o solfejo	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	13/09/1953	Tavira	Impe-se, porventura, uma necessária reforma no presente sistema musical?	Polémica musical	AMC	P	Nem todas as teorias são convenientes no campo prático	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	13/09/1953	Tavira	Ouca Cachopo	Cachopo - Música	AMC	AL	Cachopo voltou ao indiferentismo pela presença das bandas	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	27/09/1953	Tavira	Em redor de uma pretensa reforma musical	Polémica musical	AME	P	Manifesta que tem dileto em discordar com o sistema musical imposto	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	29/10/1953	Tavira	O Meu Cornetim	Polémica musical	AME	P	Recorda os belos tempos em que tocava cornetim	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	17/11/1953	Tavira	O Meu violino e o sr. dr. Lopes	Polémica musical	AME	P	Recorda como aprendeu a tocar violino	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	22/11/1953	Tavira	Uma carta do sr. Pedro de Freitas	Polémica musical	AMC	P	A lamentável polémica musical degenerou num insulto pessoal	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	15/07/1954	Tavira	Depondo no Inquérito "Já Anica de Loulé"	Loulé - Música	BE	L	Conta a lenda da "Já Anica"	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	03/07/1955	Tavira	Em Lisboa uma Tertúlia Algarvia	Tertúlia	BE	AL	No café Brasileira discutem-se interesses Algarvios	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	19/06/1955	Tavira	Um Orfeão Algarvio Parabéns, Tavira	Tavira - Música	AMI	AL	Descreve o Orfeão e a fundação da primeira banda civil	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	31/07/1955	Tavira	Ficou-se um grande português! General Raul Esteves	Homenagem Funebre	XO	P	Presta reconhecimento e descreve o dia do enterro de Raul Esteves	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	18/09/1955	Tavira	Tavira, Alie e Palmira nas Festas de Ayramonte	Espanha - Música	AME	EAY/P	Nas festas de Ayramonte participaram músicos portugueses	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	13/11/1955	Tavira	Os académicos de Faro em festa Romagem de patriotismo e de saudade	Primeira Guerra Mundial	GS	ZZZ	A vingança e um microbio latente no ser humano	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	4/12/1955	Tavira	Faro - Música	Faro - Música	BE	F	Presta reconhecimento às figuras responsáveis por esta festa	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	11/12/1955	Tavira	A II Romagem da Saudade	Faro - Música	BE	F	O percurso da romagem dos velhos estudantes do Liceu de Faro	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	18/12/1955	Tavira	Rectificação	Periódica	O	ZZZ	Rectifica algumas folhas dactilográficas	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	28/12/1955	Tavira	Loulé e as suas Bandas de Música	Loulé - Música	AMPS	L	Solicita auxílio camarário às bandas filarmónicas de Loulé	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	29/04/1956	Tavira	Em Lisboa O convívio de alguns algarvios	Tertúlia	BE	AL	A temática de uma Tertúlia a favor do Algarve	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	17/06/1956	Tavira	Em Lisboa a Tertúlia algarvia continua nos seus pontos de vista	Tertúlia	BE	AL	Movimento de intelectuais que prestam engrandecer o Algarve	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	15/07/1956	Tavira	Novo livro que fala de Portimão	Tertúlia	BL	AL	Defende os sentimentos bairristas e as boas intenções da Tertúlia	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	20/11/1957	Tavira	O valor activo de uma casa Regional	Portimão - Aspectos sociais	O	AL	Perspectiva crítica sobre o livro de Joaquim António Neves	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	26/05/1957	Tavira	Algarve - Aspectos sociais	Algarve - Aspectos sociais	BE	AL	Aponta o interesse da missão da Casa do Algarve	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	4/08/1957	Tavira	Quarenta anos de Jornalismo	Recordações auto-biográficas	XPF	ZZZ	Recorda a primeira vez que começou a escrever num jornal	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	13/04/1958	Tavira	O Cristo das Trincheiras faz reviver uma geração esquecida	Primeira Guerra Mundial	GH	P	Alusões a Primeira Guerra Mundial	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	13/04/1958	Tavira	Evocações do "9 de Abril" - O Cristo das Trincheiras	Primeira Guerra Mundial	GH	LX	Memoirs da Guerra na Igreja do Colégio Militar em Lisboa	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	2/07/1958	Tavira	Brisas de Espanha	Viagens a Espanha	V	E	Resume o que conta o livro Brisas de Espanha	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	11/07/1958	Tavira	Loulé e a sua banda de Música	Loulé - Música	AMI	L	Investigações fundamentadas sobre a Música Velha	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	3/07/1958	Tavira	Aspectos da vida do povo consumidor	Aspectos Sociais	S	P	Noutros tempos havia mais qualidade de vida	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	7/09/1958	Tavira	Ao novo Director de o «Povo Algarvio»	A Imprensa Povo Algarvio	XO	AL	Felicita o novo director do Povo Algarvio	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	7/09/1958	Tavira	Figuras Populares de Loulé	Loulé - Aspectos Sociais	BE	L	Exemplifica figuras populares de Loulé	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	29/09/1958	Tavira	Explicação a dar	Vila Real de Santo António - Música	AMC	AL	Desmotivado para venitudo da publicação dos seus artigos sobre a música popular no Algarve	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	27/11/1958	Tavira	Carteza fidalgua vila de Espanha	Carteza - Música	XPF	EC	Descreve a homenagem que os cartayeros lhe dedicaram	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	7/12/1958	Tavira	Quadros de Loulé Antigo 1	Caminhos de Ferro - Ferroviários	BL	L	Os benefícios dos caminhos de ferro	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	21/12/1958	Tavira	Quadros de Loulé Antigo 2	Caminhos de Ferro - Ferroviários	BL	L	Luta para que o comboio passe por Loulé	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	8/21/1959	Tavira	Como se vive no Bairro...osse, Choro e Cinzas!	Aspectos Sociais - Bairro	S	B	Vantagens e desvantagens da máquina fabrici do Bairro	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	1/03/1959	Tavira	Quadros de Loulé Antigo 4	Loulé - Teatro	BE	L	Conta a actividade do teatro Louletano	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	29/03/1959	Tavira	O Sr. Antero Nobre e as filarmónicas do Algarve	Algarve - Música	AMC	AL	Ex põe os motivos porque não quer escrever uma resenha sobre as filarmónicas do Algarve	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	3/05/1959	Tavira	Quadros de Loulé Antigo 5	Loulé - Música	AMI	L	A Banda Marçal Pacheco e a política aderente	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	17/05/1959	Tavira	Quadros de Loulé Antigo 6	Loulé - Música	AMI	L	A Tuna Louletana T.º de Janeiro	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	24/05/1959	Tavira	Quadros de Loulé Antigo 7	Loulé - Bairrismo	BE	L	Os Louletanos e seu bairrismo	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	31/05/1959	Tavira	Quadros de Loulé Antigo 8	Loulé - Música	AMI	L	Os métodos pedagógicos do Mestre Joaquim António Pires	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	21/06/1959	Tavira	Quadros de Loulé Antigo 9	Loulé - Música	XPF	L	A acção da Banda Artistas de Minerva a 1 Dezembro de 1907	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	26/06/1959	Tavira	Olhão, meu amigo!	Olhão - Festas	BE	AL	Admiria as festas populares dos Santos milagreiros em Olhão	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	5/7/1959	Tavira	A Banda de Tavira dá concertos públicos	Tavira - Música	AMC	AL	A banda filarmónica de Tavira pode melhorar e concorrer ao Concurso de Bandas Nacionais Cíveis	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	9/08/1959	Tavira	Quadros de Loulé Antigo 11	Loulé - Historial	BE	L	Como Loulé foi guerreiro e destemido	Freitas, Pedro de

Jornal	Data	Localidade	Artigo / título	Assunto Geral	Code1	Code2	Assunto Detalhado	Autor
Povo Algarvio	31/8/1959	Tavira	Quadros de Loulé Antigo 12	Loulé - Festa	BE	L	Elojola a Festa à Mãe Soberana	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	1/11/1959	Tavira	Quadros de Loulé Antigo 15	Loulé - História	BE	L	Enaltece a influência do catolicismo em Loulé	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	15/11/1959	Tavira	Quadros de Loulé Antigo 16	Recordações auto-biográficas	XPF	L	Biografia	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	13/12/1959	Tavira	Quadros de Loulé Antigo 17	Loulé - Música	AMC	L	O Cerame de bandas civis realizado em Faro	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	3/1/1960	Tavira	Quadros de Loulé Antigo 18	Loulé - Caminhos de Ferro	BL	L	O caminho de ferro tinha de ser construído a 5,5 Km da vila de Loulé	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	20/3/1960	Tavira	Quadros de Loulé Antigo 19	Loulé - Caminhos de Ferro	BL	L	Pedro de Freitas apoiou o desvio do Caminho de ferro	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	17/4/1960	Tavira	Quadros de Loulé Antigo 20	Loulé - Caminhos de Ferro	BL	L	A luta para a concretização do desvio do caminho de ferro	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	15/5/1960	Tavira	Uma Carta	Loulé - Música	AMPS	AL	Apele à leitura do seu livro "História da Música Popular em Portugal"	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	29/5/1960	Tavira	Quadros de Loulé Antigo 21	Loulé - Caminhos de Ferro	BL	L	A importância do desvio do caminho de ferro para Loulé	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	29/5/1960	Tavira	Quadros de Loulé Antigo 22	Loulé - Caminhos de Ferro	BL	L	As vantagens do desvio do caminho de ferro para Loulé	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	36/1/1960	Tavira	Povo O Nosso Aniversário	Parabéns ao "Povo Algarvio"	S	AL	Felicita o 26.º aniversário do jornal "Povo Algarvio"	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	19/6/1960	Tavira	Quadros de Loulé Antigo 23	Loulé - Caminhos de Ferro	BL	L	As vantagens do desvio do caminho de ferro para Loulé	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	21/8/1960	Tavira	Quadros de Loulé Antigo 24	Loulé - Música	AME	L	A importância da música para a vida dos Louletanos	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	28/8/1960	Tavira	Quadros de Loulé Antigo 25	Loulé - Música	AMPS	L	A dificuldade de estabelecer paz entre as duas bandas filarmónicas de Loulé	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	4/9/1960	Tavira	Quadros de Loulé Antigo 26	Campanha Musical	AMPS	L	Luto durante 6 meses para a fusão das duas bandas filarmónicas de Loulé	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	11/9/1960	Tavira	Quadros de Loulé Antigo 27	Campanha Musical	AME	L	É importante manter as duas bandas filarmónicas em Loulé	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	18/9/1960	Tavira	Quadros de Loulé Antigo 28	Loulé - Bairrismo	BE	L	Caminho de Ferro	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	27/07/1960	Tavira	Quadros de Loulé Antigo 29	Primeira Guerra Mundial	GC	ZZZ	Aquando da Primeira Guerra Mundial	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	9/10/1960	Tavira	Quadros de Loulé Antigo 30	Primeira Guerra Mundial	GH	P	Os soldados de Portugal organizam uma Comissão Executiva de Festa anual	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	16/10/1960	Tavira	Quadros de Loulé Antigo 31	Primeira Guerra Mundial	GH	L	O programa da visita do Batalhão de Sapadores de Caminhos	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	23/10/1960	Tavira	Quadros de Loulé Antigo 32	Primeira Guerra Mundial	GH	L	A visita do Batalhão de Sapadores de Caminho de Ferro a Loulé	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	30/10/1960	Tavira	Quadros de Loulé Antigo 33	Loulé - Bairrismo	BE	L	A Festa da Mãe Soberana e a vinda a Loulé do Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	6/11/1960	Tavira	Quadros de Loulé Antigo 34	Primeira Guerra Mundial	GH	L	A presença do BSCF em Loulé	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	4/12/1960	Tavira	Quadros de Loulé Antigo 35	Primeira Guerra Mundial	GH	L	A inauguração do Largo do Batalhão	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	18/12/1960	Tavira	Quadros de Loulé Antigo 36	Loulé - Bairrismo	BE	L	Críticas positivas à vinda do Batalhão a Loulé	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	25/12/1960	Tavira	Quadros de Loulé Antigo 37	Loulé - Bairrismo	BE	L	Homenagem a Duarte José Pacheco	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	22/1/1961	Tavira	Quadros de Loulé Antigo 38	Loulé - Aspectos Sociais	BE	L	O livro serve os interesses da terra	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	36/1/1961	Tavira	Em terras da nossa índia	Aspectos Biográficos	XO	IP	Elojola o método de governar do Sr. General Vassalo e Silva	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	14/5/1961	Tavira	A história dum copo com água	Algarve - Descrição	BE	AL	Pretende conhecer melhor o seu Algarve	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	4/6/1961	Tavira	A história dum copo com água	Algarve - Descrição	XO	AL	A história do copo de água que bebeu o engenheiro Duarte Pacheco	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	6/2/1966	Tavira	No Palco do Tivoli um Insólito Conserto Musical	Crítica Musical	AMC	P	Sua decepção com um Concerto de Música Moderna	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	2/5/1970	Tavira	Toponímia Desrespeitada	Respeitar o passado	S	P	Não modificar a toponímia das ruas antigas	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	4/7/1970	Tavira	Uma Carta a propósito de Laura de Aviz	Homenagem fúnebre	XO	ZZZ	A Laura de Aviz - Torres Bapista, poetisa	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	30/6/1973	Tavira	Tavira há sessenta anos - Eram dois garotos!	Tavira - Música	XO	AL	Recorda dois rapazes pobres mas com voz de "bel canto"	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	16/1/1974	Tavira	O Soldado	Primeira Guerra Mundial	GC	NF	Saudades da mocidade de quando era soldado	Freitas, Pedro de
Povo Algarvio	27/1/1974	Tavira	De Luto Carregado... Manuel Virgílio Pires	Homenagem fúnebre	XO	ZZZ	Ao 2.º Director do jornal "Povo Algarvio"	Freitas, Pedro de
Vizem Revista de Turismo	30/7/1948	Sem Local	Um nome Louletano José da Costa Guerreiro	Caminhos de Ferro	XO	L	José Guerreiro desempenhou boas funções à Vila de Loulé	Freitas, Pedro de
Vida Ferroviária	1/10/1941	Lisboa	Viajar	Caminhos de Ferro	V	ZZZ	As vantagens em viajar através do comboio	Freitas, Pedro de
Vida Ferroviária	18/1/1939	Barreiro	Caminhos de Ferro na Ilha do sul	Loulé - Caminhos de Ferro	BL	L	As vantagens em viajar através do comboio	Freitas, Pedro de
Vida Ferroviária	1/2/1939	Barreiro	Portalegre insiste, reclama, Loulé estaciona, cala-se	Loulé - Caminhos de Ferro	BL	L	Portalegre luta pelo caminho de ferro dentro da cidade e Loulé cala-se	Freitas, Pedro de
Vida Ferroviária	1/2/1942	Barreiro	No Combolo...	Caminhos de Ferro	S	B	Compara o conforto do comboio em relação à camioneta	Freitas, Pedro de
Vida Ferroviária	1/7/1940	Barreiro	A nova estação de Vila Real de Santo António será possível?	Loulé - Caminhos de Ferro	BL	L	A constituição de uma estação ferroviária dentro da Vila	Freitas, Pedro de
Vida Ferroviária	1/1/1940	Barreiro	Ecoss Ferroviários	Caminhos de Ferro	S	B	Crítica à inestética construção da Estação do Pímal Novo	Freitas, Pedro de
Vida Ribatejana	94/7/1955	Vila Franca de Xira	Evocando o 9 de Abril	Primeira Guerra Mundial	GH	P	Observa os símbolos que atestam as memórias da Guerra	Freitas, Pedro de
Vida Ribatejana	21/12/1957	Vila Franca de Xira	Como e quando conheci Vila Franca de Xira	Recordações auto-biográficas	XPF	VFX	As circunstâncias em que conheceu Vila Franca de Xira	Freitas, Pedro de
Vida Ribatejana	22/12/1973	Vila Franca de Xira	Pelo Sector Musical Vila Franca de Xira Viveu Um Dia Grande	Vila Franca de Xira - Música	AMC	VFX	Seu parecer de uma reunião filarmónica em Vila Franca de Xira	Freitas, Pedro de
Vilmas da Guerra	15/2/1939	Santarem	Sem Título	Primeira Guerra Mundial	GS	P	Descreve as consequências da Guerra no sofrimento humano	Freitas, Pedro de
Voz do Tejo	7/7/1956	Almada	Uma Carta de Pedro de Freitas Conhecido Musicógrafo	Almada - Música	XO	DS	Reconhecimento e homenagem a João Lus da Cruz	Freitas, Pedro de
Voz do Tejo	21/7/1956	Almada	Sexel na Vida Musical e na decantada política do coreto	Almada - Música	AMPS	DS	Deviam constituir um Coreto municipal	Freitas, Pedro de
Voz do Tejo	22/7/1957	Almada	Uma noite em Almada!	Almada - Música	AME	DS	Manuel Ferreira dedicou-se ao ensino da música em Almada	Freitas, Pedro de

7.3.2. Quadro Temas e Assuntos: artigos de outros autores

Jornal	Data	Localidade	Artigo/Título	Assunto Geral	Code3	Code1	Assunto Detalhado	Autor
A. Avezinha	Dez. 1978	Pademe	Pedro de Freitas - Musicólogo no II encontro na imprensa Regional	Pedro de Freitas	H	BE	Pedro de Freitas discursou uma breve homenagem aos músicos da banda filarmónica de Pademe	Anónimo
A. Incrível	1/11/1948	Almada	A Pedro de Freitas - Historiador da Música Popular em Portugal	A Pedro de Freitas	RO	AMI	Crítica favoravelmente Pedro de Freitas e o livro História da Música Popular em Portugal	Cruz, João Luís da
A. Voz de Loulé	6/11/1973	Loulé	Pedro de Freitas: símbolo de Louletanismo	Pedro de Freitas louletano baírrista	RO	AME	No Festival de Bandas tocaram uma marcha de Pedro de Freitas	Anónimo
A. Voz de Loulé	1/7/1955	Loulé	E. Preciso dar ao Povo Música da sua feição	A Separata	RO	AMPS	Interessante crítica às direções das Sociedades Recreativas	Anónimo
A. Voz de Loulé	1/2/1956	Loulé	Uma Delegação da Pro-Arte em Loulé	Entrevista a Pedro de Freitas	E	BL	As possibilidades de uma delegação da Pro-Arte em Loulé	Peres, Luís Sebastião
A. Voz de Loulé	1/2/1956	Loulé	O Nesso número consagrado ao Carnaval de Loulé	Pedro de Freitas	H	BE	Pedro de Freitas foi um incansável organizador do cortejo histórico do carnaval de Loulé	Pinto, Raul
A. Voz de Loulé	16/2/1956	Loulé	Filarmónicas locais	Loulé - Música	E	AMPS	Exposição de Pedro de Freitas sobre as dificuldades das duas bandas louletanas	Anónimo
A. Voz de Loulé	16/2/1956	Loulé	Falando das Festas com Zé do Carnaval Louletano	Pedro de Freitas	H	BL	Pedro de Freitas foi um dos componentes que dirigiu o trabalho do Carnaval Louletano	Vaião, Zé
A. Voz de Loulé	4/5/1958	Loulé	Filarmónica União Marçal Pacheco	Paieira	H	AMI	Pedro de Freitas discursou sobre as suas investigações feitas relativamente às bandas filarmónicas locais	Anónimo
A. Voz de Loulé	20/12/1959	Loulé	Pedro de Freitas	Pedro de Freitas	H	AME	Pedro de Freitas foi o secretário do I Grande Concurso de Bandas organizado pela FNAT	Anónimo
A. Voz de Loulé	4/11/1962	Loulé	Livros novos Eu fui à Índia por Pedro de Freitas	Livro	RO	V	"Eu fui à Índia" é um livro que consta das impressões de uma viagem e do contacto com o povo local	Anónimo
A. Voz de Loulé	4/8/1963	Loulé	Pedro de Freitas	Pedro de Freitas na FNAT	H	AMI	Pedro de Freitas recolhe elementos folclóricos, etnográficos, de artesanato e de docaria regionais	Anónimo
A. Voz de Loulé	2/2/1964	Loulé	Quadros de Loulé Antigo	Livro	RO	BL	"Quadros de Loulé Antigo" - Recitado de factos inéditos e de bairrismo de um louletano que tem defendido com patkato a sua terra natal	Anónimo
A. Voz de Loulé	1/3/1964	Loulé	Quadros de Loulé Antigo	Livro	RO	BE	"Quadros de Loulé Antigo" - Um magnífico repertório de acontecimentos passados em Loulé nos últimos 50 anos	B., J.
A. Voz de Loulé	1/3/1964	Loulé	Quadros de Loulé Antigo	Livro	RO	BE	Valoriza a importância da obra "Quadros de Loulé Antigo" de Pedro de Freitas	B., J.
A. Voz de Loulé	7/6/1964	Loulé	Dois louletanos auto-didactas: Costa Mendes e Pedro de Freitas	Livro	RO	BE	Valoriza a importância da obra "Quadros de Loulé Antigo" de Pedro de Freitas	Monteiro, Maurício
A. Voz de Loulé	6/9/1964	Loulé	Uma categorizada banda de música dá um excelente concerto em Loulé	Pedro de Freitas	H	AMI	Pedro de Freitas discursou sobre as duas bandas filarmónicas locais e a história da banda Incrível de Almada	Anónimo
A. Voz de Loulé	5/6/1966	Loulé	A Música Nova comemorou o seu 90.º aniversário	Baseou-se no livro de Pedro de Freitas	RO	AMI	Na conferência sobre a banda de música, Maurício Monteiro, baseou-se no livro da História da Música Popular em Portugal de Pedro de Freitas	Monteiro, Maurício
A. Voz de Loulé	4/6/1968	Loulé	II Concurso Nacional de Bandas de Música Civil	Peça Musical	H	AME	Foi escolhida a peça musical Cançã em Festa de Pedro de Freitas para o festival de encerramento do Concurso de bandas civis	Anónimo
A. Voz de Loulé	16/11/1971	Loulé	As Filarmónicas são um exemplo de perseverança e de sacrifício	Pedro de Freitas	H	AMPS	Pedro de Freitas dedicou boa parte da sua vida às bandas filarmónicas	Anónimo
A. Voz de Loulé	1/8/1972	Loulé	As nossas filarmónicas e a F.N.A.T.	A música e a FNAT	O	AMPS	Enaltece a importância da FNAT para a revitalização das bandas civis	Anónimo
A. Voz de Loulé	15/5/1973	Loulé	P.F. e a F.N.A.T.	Pedro de Freitas	H	AME	Na FNAT Pedro de Freitas é um incansável amante da Arte de Minerva	Afonso, Manuel
A. Voz de Loulé	19/6/1973	Loulé	Recetas dos Jornais de Loulé e de Faro o novo livro de	Ao livro de Pedro de Freitas	RO	BE	É uma caixa cheia de impressões colhidas da realidade quotidiana	Anónimo
A. Voz de Loulé	19/6/1974	Loulé	Um Louletano dos Bons Velhos Tempos PEDRO DE FREITAS	Pedro de Freitas - Homenagem	H	BL	Pedro de Freitas um grande lutador pela sua terra natal	Redacção do Jornal A Voz de Loulé
A. Voz de Loulé	19/2/1975	Loulé	Valiosa Oferta ao Museu Etnográfico de Faro	Ao Luciano de Freitas	O	BE	Luciano de Freitas oferece imagem da N.ª S.ª da Piedade	Redacção do Jornal A Voz de Loulé
A. Voz de Loulé	19/2/1975	Loulé	Luciano de Freitas	Ao Luciano de Freitas	O	BE	Informação sobre a morte de Luciano de Freitas	Redacção do Jornal A Voz de Loulé
A. Voz de Loulé	21/7/1976	Loulé	O Louletano Pedro de Freitas	Pedro de Freitas	H	BE	Elogia Pedro de Freitas como autodidacta, escritor, propagandista e baírrista	Monteiro, Maurício
A. Voz de Loulé	14/4/1977	Loulé	A Razão de uma Atitude	A Pedro de Freitas	H	BL	Pedro de Freitas - Grande Loulelano	Barros, José Maria da Piedade

Jornal	Data	Localidade	Artigo/Título	Assunto Geral	Code3	Code1	Assunto Detalhado	Autor
A Voz de Loulé	5/5/1977	Loulé	Reconhecimento que se impõe a Pedro de Freitas	A Pedro de Freitas	H	BL	Que o Município de Loulé confira distinção a Pedro de Freitas	Barros, José Maria da Piedade
A Voz de Loulé	23/6/1977	Loulé	Homenagem a Pedro de Freitas	A Pedro de Freitas	H	BL	A possibilidade de oferecer uma medalha de mérito a Pedro de Freitas	Barros, José Maria da Piedade
A Voz de Loulé	23/6/1977	Loulé	Nova Direcção da Sociedade Filarmónica dos Artistas de Minerva	Pedro de Freitas na Música Nova	H	AMPS	Pedro de Freitas foi Presidente da Assembleia Geral da Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva	Anónimo
A Voz de Loulé	7/7/1977	Loulé	Pedro de Freitas	A Pedro de Freitas	RO	BE	Elogia a obra "Quadros de Loulé Antigo" de Pedro de Freitas	Ferreira, Manuel Guerreiro
A Voz de Loulé	16/3/1978	Loulé	A rapaziço e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (contos) de Pedro de Freitas	Livro	RO	X	O interesse dos dois contos de Pedro de Freitas: o primeiro de cunho ético-moral e o segundo de natureza autobiográfica	Viegas, João Corpas
A Voz de Loulé	6/4/1978	Loulé	Pedro de Freitas distinguido no aniversário da casa do Algarve	Pedro de Freitas	H	BL	Pedro de Freitas um trabalhador incansável da música e das letras	Anónimo
A Voz de Loulé	20/7/1978	Loulé	Pedro de Freitas	Sonho antigo concretiza-se	H	AME	O Rancho Infantil de Loulé antiga aspiração de Pedro de Freitas	Redacção do Jornal A Voz de Loulé
A Voz de Loulé	3/8/1978	Loulé	Pedro de Freitas faia do Autor das «Mouras Encantadas»	Pedro de Freitas e Alaide de Oliveira	E	X	Pedro de Freitas compara as diferenças sociais entre ele e Alaide de Oliveira	Viegas, João Corpas
A Voz de Loulé	10/8/1978	Loulé	Rancho Infantil de Loulé completa um ano de existência e de merecidos êxitos	Pedro de Freitas	H	BE	Esta agremiação dedicou a Pedro de Freitas algumas exibições musicais	Viegas, João Corpas
A Voz de Loulé	12/10/1978	Loulé	Pedro de Freitas vai ter o seu nome inscrito na toponímia de Loulé	Pedro de Freitas	H	BL	Reconhecimento do bairrismo, da dedicação e da publicidade de Pedro de Freitas a Loulé	Viegas, João Corpas
A Voz de Loulé	9/11/1978	Loulé	Loulé tributa festa de homenagem de reconhecimento a Pedro de Freitas	Pedro de Freitas	H	BL	Inclusão do nome de Pedro de Freitas na toponímia da vila de Loulé	Anónimo
A Voz de Loulé	9/11/1978	Loulé	Pedro de Freitas merecidamente homenageado em Loulé	Pedro de Freitas	H	BL	Pedro de Freitas como o melhor paradigma das virtudes locais	Redacção do jornal Coraio do Sul
A Voz de Loulé	23/11/1978	Loulé	Cerimónias de Homenagem a Pedro de Freitas	Pedro de Freitas	H	BE	Pedro de Freitas um ilustre musicólogo e escritor	Anónimo
A Voz de Loulé	30/11/1978	Loulé	É já no dia 2 de Dezembro a Homenagem a Pedro de Freitas	Pedro de Freitas	H	BL	Pedro de Freitas um musicólogo, um escritor e um incansável arauto pelos interesses da sua terra natal	Anónimo
A Voz de Loulé	7/12/1978	Loulé	Pedro de Freitas	A Pedro de Freitas	H	BE	Pedro de Freitas procurou sempre engrandecer a terra natal - Loulé	Anónimo
A Voz de Loulé	14/12/1978	Loulé	Pedro de Freitas - Uma figura do passado a projectar-se no futuro	A Pedro de Freitas	H	BE	Pedro de Freitas foi chamado de «embaixador de Loulé»	Barros, José Maria da Piedade
A Voz de Loulé	14/12/1978	Loulé	A Pedro de Freitas Calorosa e Vibrante Homenagem Prestada pelo Município e pelas Gentes de Loulé	A Pedro de Freitas	H	BE	Homenagem feita pela Câmara Municipal de Loulé	Viegas, João Corpas
A Voz de Loulé	21/12/1978	Loulé	«Os Clairins», última obra musical de Pedro de Freitas	Peça Musical	RO	AME	Peça musical de Pedro de Freitas composta para ser apresentada em Teatro	Anónimo
A Voz de Loulé	1/2/1979	Loulé	Ecos da homenagem a Pedro de Freitas	Pedro de Freitas	H	BE	Pedro de Freitas como um ilustre musicólogo, escritor e publicista	Anónimo
A Voz de Loulé	28/6/1979	Loulé	A Homenagem da vila de Loulé a Pedro de Freitas	Pedro de Freitas	RO	BE	A Câmara Municipal de Loulé patrocinou o livro sobre a homenagem de Loulé a Pedro de Freitas	Anónimo
A Voz de Loulé	21/2/1980	Loulé	Comunicado «Quadros de Loulé antigo»	Comunicado aos interessados	RO	BE	A reedição de "Quadros de Loulé Antigo"	Mealha, Júlio Cristóvão
A Voz de Loulé	13/3/1980	Loulé	Pedro de Freitas	Pedro de Freitas	H	G	Pedro de Freitas foi escolhido para vogal efectivo do Conselho Supremoda Liga dos Combatentes	Anónimo
A Voz de Loulé	12/6/1980	Loulé	A Música Nova Comemora festivamente o seu 104.º aniversário	Pedro de Freitas na Música Nova	H	AME	Pedro de Freitas foi um dos oradores que valorizou a sessão solene comemorativa do aniversário da agremiação	Anónimo
A Voz de Loulé	28/8/1980	Loulé	Quadros de Loulé Antigo	Livro	RO	BE	A 2.ª edição de "Quadros de Loulé Antigo" descreve a Alma de Loulé	Anónimo
A Voz de Loulé	9/10/1980	Loulé	O Jardim dos Anuados	Concorda com Pedro de Freitas	R	BL	O Jardim dos Anuados está a perder a vista panorâmica	Vaz, Manuel Joaquim
A Voz de Loulé	28/5/1981	Loulé	A Banda Artistas Minerva festejou o seu 105.º aniversário	Pedro de Freitas na Música Nova	H	AMI	Pedro de Freitas como elemento director da colectividade fez uma palestra acerca do seu historial que foi digna de ser ouvida	Anónimo
A Voz de Loulé	8/10/1981	Loulé	Coisas que Acontecem	Recordações Biográficas	R	X	Crítica positivamente as "Coisas Que Acontecem" escritas pelo irmão	Freitas, David de
A Voz de Loulé	21/10/1982	Loulé	Contraponto 'Aí vem o Senhor que se segue A Banda?	Logótipo de Pedro de Freitas	R	AMPS	As bandas de música estão a desaparecer	Gomes, Neto
A Voz de Loulé	9/6/1983	Loulé	A Música Nova fez anos	A presença de Pedro de Freitas	H	BL	Pedro de Freitas foi considerado um grande bairrista dedicado aos interesses de Loulé nos seus bons e maus momentos	Anónimo
A Voz de Loulé	16/6/1983	Loulé	A Música Nova fez anos	Livro	RO	AMI	A obra de Pedro de Freitas constitui uma referência para a história da "Música Nova"	Anónimo

Jornal	Data	Localidade	Artigo/Título	Assunto Geral	Code3	Code1	Assunto Detalhado	Autor
A Voz de Loulé	23/6/1983	Loulé	A Música Nova fez anos	Pedro de Freitas na Música Nova	H	X	Pedro de Freitas entrou para a Música Nova a executar trompa e depois passou para cornetim	Anónimo
A Voz de Loulé	1/12/1983	Loulé	Pedro de Freitas	Pedro de Freitas visita Loulé	H	BE	Pedro de Freitas assistiu ao 40.º aniversário da morte do Engenheiro Duarte Pacheco	Anónimo
A Voz de Loulé	1/12/1983	Loulé	Pedro de Freitas	Pedro de Freitas - Homenagem	H	BE	Pedro de Freitas visitou Loulé para assistir aos actos solenes do 40.º aniversário da morte do engenheiro Duarte Pacheco	Anónimo
A Voz de Loulé	1/12/1983	Loulé	António Lopes Ribeiro em Loulé	Fotografia de Pedro de Freitas	H	BE	Pedro de Freitas fez um autógrafo na sua obra Quadros de Loulé Antigo para ofertar ao cineasta. António Lopes Ribeiro	Anónimo
A Voz de Loulé	5/1/1984	Loulé	Pedro de Freitas e o Museu de Loulé	Pedro de Freitas	H	X	Seria mais um acto de consagração inaugurar o museu nesta altura em que Pedro de Freitas ainda está vivo	Adão, Luís Cabral
A Voz de Loulé	9/2/1984	Loulé	Loulé continua a ter dialectos filhos Pedro de Freitas, é um bom português!	Pedro de Freitas	H	X	Pedro de Freitas merece o lugar por direito na direcção central da Liga dos Combatentes	Rebello, José
A Voz de Loulé	28/6/1984	Loulé	Parabéns a Pedro de Freitas	Pedro de Freitas	H	BE	Exalta Pedro de Freitas como um bairrista com um grande amor pela sua terra e um dedicado escritor que enobrece Loulé	Anónimo
A Voz de Loulé	5/7/1984	Loulé	E grave a crise da aprendizagem da música	Pedro de Freitas - Música	H	X	A luta de Pedro de Freitas pela música tem sido digna	Perera, Luís
A Voz de Loulé	11/10/1984	Loulé	Apreciação do livro "A História da música popular em Portugal"	Pedro de Freitas - Obra	RO	AMI	"História da Música Popular em Portugal" foi uma obra literária que requereu muita investigação da parte do autor	Vaz, Manuel Joaquim
A Voz de Loulé	29/11/1984	Loulé	Homenagem a Pedro de Freitas cidadão algarvio-louletano-barreirense	Pedro de Freitas	H	BE	Pedro de Freitas foi homenageado pelo Barreiro onde lhe entregaram o medalhão "O Barreiro reconhecido"	Vaz, Manuel Joaquim
A Voz de Loulé	22/8/1985	Loulé	Pedro de Freitas ou os Carris da Vida	Pedro de Freitas - vida e obra	H	X	Descreve aspectos da vida de Pedro de Freitas e comenta uma frase do seu livro Memórias de um ferroviário sobre aspectos relacionados com a desumanidade	Afonso, Manuel Sequeira
A Voz de Loulé	29/5/1986	Loulé	Pedro de Freitas perfaz 92 anos	Pedro de Freitas	H	X	Pedro de Freitas foi um homem de letras, escritor, jornalista e orador. Foi criado dentro das colectividades de cultura e recreio	Vaz, Manuel Joaquim
A Voz de Loulé	18/6/1987	Loulé	A Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva "Música Nova" festejou o seu 111.º Aniversário	Loulé - Música	O	BE	A popularidade da Banda no Algarve e no sul de Espanha	Anónimo
A Voz de Loulé	27/8/1987	Loulé	Com a morte de Pedro de Freitas Loulé perdeu o seu mais devotado amigo	Pedro de Freitas - Morte	H	BL	Loulé perdeu muito com a morte de Pedro de Freitas	Anónimo
A Voz de Loulé	27/8/1987	Loulé	Da Vida que passa Faleceu Pedro de Freitas	Pedro de Freitas - Morte	H	BE	Pedro de Freitas foi um excelso algarvio e louletano que honrou a sua província	Vaz, Manuel Joaquim
A Voz de Loulé	27/8/1987	Loulé	Pedro de Freitas Morreu	Pedro de Freitas - Morte	H	BE	Retrato biográfico de Pedro de Freitas, alguém importante para Loulé	Adão, Luís Cabral
A Voz de Loulé	24/9/1987	Loulé	Pedro de Freitas	Pedro de Freitas - Morte	H	BE	Refera a família enlutada e que o corpo de Pedro de Freitas partiu no dia seguinte com o objectivo de ser enterrado em Loulé	Anónimo
A Voz do Barreiro	30/11/1931	Barreiro	Sociedade Democrática União Barreirense As festas comemorativas do seu 61.º aniversário	Pedro de Freitas - Discurso	RO	AME	Pedro de Freitas recorda figuras importantes da banda filarmónica do Barreiro	Anónimo
A Voz do Barreiro	25/11/1932	Barreiro	Sociedade Democrática União Barreirense Ainda as festas comemorativas do seu 62.º aniversário	Pedro de Freitas - Discurso	H	AME	Pedro de Freitas confessa o seu amor à música	Anónimo
Agenda Cultural	1/1/1995	Loulé	Quem foi Pedro de Freitas?	Pedro de Freitas - Homenagem	H	BE	Pedro de Freitas - biografia	Anónimo
Alma Algarvia	16/2/1927	Loulé	Pelo Progresso da Música Louletana	Loulé - Música	R	AMPS	A música em Loulé necessita de ajudas	Conceição, Máximo Olegário da
Alma Algarvia	16/2/1927	Loulé	Pelo progresso da Música louletana	Campanha Musical	H	BL	Apoia a campanha protagonizada por Pedro de Freitas	Conceição, Máximo Olegário da
Alma Algarvia	20/3/1927	Loulé	Pelo Progresso da Música Louletana	Loulé - Música	R	BL	Disposto a lutar pela música louletana	Freitas, Francisco Anjinho de
Arte Musical	20/3/1935	Lisboa	Pedro de Freitas	Livro	RO	AMI	O livro "As Minhas Recordações da Grande Guerra" descreve como foi organizada a banda filarmónica do Batalhão. Todos os militares o devem adquirir.	Anónimo
Boletim da C. P.	1/4/1931	Lisboa	O Batalhão de Sapadores de Caminho de Ferro na Grande Guerra	Primeira Guerra Mundial	O	G	O General elogia o trabalho prestado pelo Batalhão	Esteves, Raúl
Boletim da Casa do Algarve	1/8/1930	Lisboa	A Sessão Inaugural	A Casa do Algarve em Lisboa	O	BL	A inauguração e função da Casa do Algarve	Casa do Algarve (ed.)
Boletim Informativo da sua casa Regional em Lisboa	Fev. 1978	Lisboa	Pedro de Freitas	Comemoração do aniversário da Casa do Algarve	H	BE	Pedro de Freitas foi o convidado especial nesse aniversário	Anónimo

Jornal	Data	Localidade	Artigo/Título	Assunto Geral	Code3	Code1	Assunto Detalhado	Autor
Boletim Informativo da sua casa Regional em Lisboa	Mar. 1978	Lisboa	Pedro de Freitas	Comemoração do aniversário da Casa do Algarve	H	BL	Pedro de Freitas com excepcionais faculdades natas soube conquistar um lugar cimeiro entre os maiores autodidactas algarvios	Anónimo
Cartaya	17/07/1953	Avamonte	Ausência	A Pedro de Freitas	H	X	Aponta o êxito da banda Artistas de Minerva em Cartaya	Redondo, Rafael
Cartaya	1/9/1958	Avamonte	En justa correspondência	Biografia de Pedro de Freitas	H	X	Refere que por idiossincrasia Pedro de Freitas é Cartayero	Pastor, Luis
Cartaya	1/9/1959	Avamonte	En justa correspondência	A Pedro de Freitas	H	X	Elogia a figura de Pedro de Freitas	Pastor, Luis
Cartaya	1/10/1982	Cartaya	Homenaje	A Pedro de Freitas	H	X	Elogia a figura de Pedro de Freitas	Anónimo
Combatente	Abril 1983	Lisboa	Romagem à Batalha	Pedro de Freitas profere uma Romagem	H	G	Pedro de Freitas membro efectivo do Conselho Supremo da Liga profereu uma Romagem	Anónimo
Correio do Sul	28/11/1960	Faro	Realizou-se em Faro a 1ª eliminatória do Grande Concurso	Pedro de Freitas na FNAT	H	AME	Pedro de Freitas é o secretário do Concurso tem posto toda a sua dedicação nas bandas de música civis	Anónimo
Correio do Sul	18/7/1968	Faro	II Grande Concurso de Bandas de Música Civil	Pedro de Freitas na FNAT	H	AME	Pedro de Freitas através de uma carta faz referência à primeira vez que a banda da G.N.R. locou em Loulé	Anónimo
Correio do Sul	22/7/1971	Faro	Notável êxito do concerto da Banda da G.N.R. no Hotel da Balaia	Pedro de Freitas esclarece	R	AMI		Anónimo
Correio do Sul	30/9/1971	Faro	Diga, Diga!... Ainda Vilamoura	Vilamoura - Aspectos Sociais	BL	L	Não concorda com o novo topónimo de Vilamoura	Anónimo, João Valadares de Aragão e Lyster
Correio do Sul	4/11/1971	Faro	Pedro de Freitas muito merecidamente homenageado pela F.N.A.T.	Pedro de Freitas - Homenagem	H	AMPS	Pedro de Freitas elogiado pela FNAT	Franco, Mário
Correio do Sul	25/7/1974	Faro	Pedro de Freitas incansável trabalhador de oitenta anos	Pedro de Freitas - escritor peculiar	RO	BE	Apreciação da obra e da marcha "O Algarve Florido" de Pedro de Freitas	Neves, F. Clara
Correio do Sul	17/10/1974	Faro	"Algarve Florido"	A Marcha "Algarve Florido"	H	AME	Marcha incluída no repertório das bandas de música civis	Anónimo
Correio do Sul	1/11/1976	Faro	Carta ao Senhor Pedro de Freitas	Conservatório de Faro - Resposta	R	AME	Justifica porque não receberam a Marcha "Algarve Florido"	Campina, Maria
Correio do Sul	26/10/1978	Faro	Pedro de Freitas merecidamente homenageado em Loulé que lhe prestaram	Pedro de Freitas	H	BE	Recorda a energia de Pedro de Freitas que com 84 anos ainda vem visitar o algarve	Anónimo
Correio do Sul	7/12/1978	Faro	Pedro de Freitas Decoreu com brilhantismo a homenagem	Pedro de Freitas	H	BE	Pedro de Freitas é um músico de real valia	Anónimo
Correio do Sul	31/5/1979	Faro	De Música um pouco	Pedro de Freitas	R	AMPS	Alude, tal como diz Pedro de Freitas, que a música e a política têm andado de mãos dadas	Anónimo, José Junir, José Piedade
Correio do Sul	14/7/1979	Faro	Pedro de Freitas	Pedro de Freitas	RO	X	Pedro de Freitas escreveu um livro sobre a homenagem que a Câmara Municipal de Loulé lhe prestou	Anónimo
Diário de Lisboa	7/4/1983	Lisboa	Combatentes comemoram La Lys	Pedro de Freitas profere uma conferência	RO	G	Os 65 anos da Batalha de La Lys	Anónimo
Diário de Notícias	28/6/1925	Lisboa	Sem Título	Pedro de Freitas	H	AME	Elogia Pedro de Freitas como um revisor de bilhetes que também tem tempo para tocar na banda da Sociedade Democrática União Barreirense	Coelho, Rui
Diário Popular	14/7/1951	Lisboa	Um caso de Força de vontade	A Pedro de Freitas	H	BL	Emaltece a figura de Pedro de Freitas	Rocha, Mário
Diário Regionalista da Manhã	25/10/1988	Évora	Loulé, Barreiro, Évora	A Pedro de Freitas	H	X	Homem singular que merece admiração - retrato biográfico de Pedro de Freitas	Adão, Luís Cabral
Feria y Fiestas Cartaya	Out. 1981	Isia Cristina	Acuse de recibo para Don Pedro de Freitas	A Pedro de Freitas	H	X	Elogia a figura de Pedro de Freitas	Redondo
Folha do Domingo	22/9/1973	Faro	vai realizar-se em Faro um Festival de Bandas de Música	Pedro de Freitas na FNAT	H	BE	Todas as bandas de música tocarão a marcha "Algarve Florido" de Pedro de Freitas	Anónimo
Folha do Domingo	6/10/1973	Faro	Festival de bandas de Música em Faro	Pedro de Freitas na FNAT	RO	BE	Tocou-se várias vezes a "Marcha Algarve" Florido de Pedro de Freitas quem teve a iniciativa do certame	Anónimo
Folha do Domingo	20/10/1973	Faro	Bandas de Música	Pedro de Freitas na FNAT	H	AME	O Dr. Mário Lyster Franco disse que foi Pedro de Freitas quem teve a iniciativa do certame	Anónimo
Gazeta do Sul	14/9/1952	Montijo	Em defesa do Orfeonismo Português	Entrevista a Pedro de Freitas	E	AMPS	Pedro de Freitas manifestou a sua preocupação com o atraso musical em Portugal	Anónimo
Gazeta dos Caminhos de Ferro	16/4/1935	Lisboa	Os Antigos Combatentes de Sapadores de Caminhos de Ferro realizam em Cascais no dia 3 de Maio um Banquete de Confraternização	Primeira Guerra Mundial	H	G	A Romagem dos antigos combatentes a Cascais dia 3 de maio 1935	Onellas, Fernando de Souza Carlos d' (dir.)
Gazeta dos Caminhos de Ferro	16/5/1935	Lisboa	Os antigos combatentes de Sapadores de Caminhos de Ferro realizaram a sua anunciada festa em Cascais com uma Apoteose digna do maior Elogio por parte das autoridades e Entidades Particulares	Primeira Guerra Mundial	H	G	A Romagem dos antigos combatentes portugueses de Flandres a Cascais	Onellas, Fernando de Souza Carlos d' (dir.)
Gazeta dos Caminhos de Ferro	1/5/1936	Lisboa	300 Homens de Sapadores de Caminhos de Ferro que fizeram a Grande Guerra reunem-se em Sintra e Colares	Primeira Guerra Mundial	H	G	Romagem dos antigos combatentes portugueses de Flandres a Cascais. O nome do antigo combatente Pedro de Freitas aparece inscrito para essa confraternização, p. 255	Onellas, Fernando de Souza Carlos d' (dir.)
Gazeta dos Caminhos de Ferro	16/5/1937	Lisboa	Os Antigos Combatentes na Flandres fizeram uma jornada patriótica a Guimarães, em cuja histórica cidade se efectuou o anual banquete de confraternização	Primeira Guerra Mundial	H	G	A Romagem dos antigos combatentes portugueses de Flandres a Guimarães	Onellas, Fernando de Souza Carlos d' (dir.)

Jornal	Data	Localidade	Artigo/Título	Assunto Geral	Code3	Code1	Assunto Detalhado	Autor
Gazeta dos Caminhos de Ferro	1/4/1938	Lisboa	Loulé em Festa no Dia 1 e 2 de Maio	Primeira Guerra Mundial	H	G	A Romagem do BSCF a Loulé	Onellas, Fernando de Souza Carlos d' (dir.)
Gazeta dos Caminhos de Ferro	16/4/1938	Lisboa	Batalhão Sapadores Caminho de Ferro festa anual de confraternização	Primeira Guerra Mundial	H	G	As festas que relembram os combatentes que já morreram. Este ano a confraternização será em Loulé e Pedro de Freitas será um dos elementos da Comissão Executiva	Onellas, Fernando de Souza Carlos d' (dir.)
Gazeta dos Caminhos de Ferro	1/5/1938	Lisboa	Loulé recebe hoje festivamente 300 componentes do antigo Batalhão de Sapadores	Primeira Guerra Mundial	O	G	Confraternização anual dos antigos combatentes do BSCF	Onellas, Fernando de Souza Carlos d' (dir.)
Gazeta dos Caminhos de Ferro	16/5/1938	Lisboa	Os componentes do antigo Batalhão de Sapadores, acompanhados pelo seu comandante General Raul Esteves são recebidos triunfalmente no Algarve	Primeira Guerra Mundial	RO	G	Triunfal recepção do antigo BSCF em Loulé e uma crítica muito positiva a Pedro de Freitas e ao livro "As Minhas Recordações da Grande Guerra", p. 237	Onellas, Fernando de Souza Carlos d' (dir.)
Gazeta dos Caminhos de Ferro	1/6/1938	Lisboa	Sapadores de Caminhos de Ferro - Os componentes do antigo Batalhão de Sapadores, acompanhados pelo seu comandante General Raul Esteves são recebidos triunfalmente no Algarve	Primeira Guerra	H	BE	Elogia o bairrismo de Pedro de Freitas por ter trazido a Loulé os componentes do Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro	Anónimo (ou de Sousa, J. Fernando de
Gazeta dos Caminhos de Ferro	16/8/1938	Lisboa	Em Defesa do Património Ferroviário Português	Caminhos de Ferro - Loulé	E	BL	A importância do caminho de ferro em Loulé - entrevista a Pedro de Freitas	Sousa, J. Fernando de
Gazeta dos Caminhos de Ferro	16/8/1938	Lisboa	Em Defesa do Património Ferroviário Português	Caminhos de Ferro	E	BL	Na entrevista Pedro de Freitas defende a importância do desvio do caminho de ferro para Loulé	Onellas, Fernando de Souza Carlos d' (dir.)
Gazeta dos Caminhos de Ferro	16/3/1946	Lisboa	Loulé e a Gazeta dos caminhos de Ferro	Caminhos de Ferro	O	BE	Caracteriza os Louletanos	Pinto, Raul
Jornal de Estarreja	25/9/1967	Estarreja	História da Música Popular em Portugal por Pedro de Freitas	Crítica Musical	RO	AMI	Uma crítica favorável ao livro "História da Música Popular em Portugal"	Anónimo
Jornal de Moura	9/12/1960	Moura	Pedro de Freitas	Pedro de Freitas	H	X	Elogia a figura de Pedro de Freitas	Anónimo
Jornal do Algarve	20/10/1973	Faro	Crónica de Faro A ver a bandeira passar	Loulé - Música	RO	BE	A Marcha "Algarve Florido" constitui «Gloria» de beleza à terra do sul	Leal, João
Jornal do Algarve	20/10/1973	Faro	Teve colorido e vibração o Festival de Bandas Cívis do Algarve	Loulé - Música	RO	BE	Pedro de Freitas regou a sua Marcha "Algarve Florido"	R., C. do
Jornal do Algarve	29/12/1978	VRSA	Um Engenheiro e um Publicista que honram o Algarve	Pedro de Freitas	H	BE	Pedro de Freitas é símbolo de um bairrismo raro nos nossos dias	Atouso, Manuel
Jornal do Barreiro	21/11/1940	Barreiro	Confraternização musical	Barreiro - Música	RO	AME	Elogia Pedro de Freitas como um harmónico com boas iniciativas musicais	Anónimo
Jornal do Barreiro	17/6/1960	Barreiro	O nome de «Penicheiros»	Trabalho de investigação por Pedro de Freitas	RO	AMI	Pedro de Freitas investiga acerca do nome da Sociedade de Recreio e Instrução Penicheiros	Anónimo
Jornal do Barreiro	31/7/1976	Barreiro	Conversando com Pedro de Freitas	Ao escritos Pedro de Freitas	RO	X	A importância de Pedro de Freitas como escritor popular	Liberal, João
Jornal do Barreiro	2/6/1978	Barreiro	O Escritor Pedro de Freitas Esteve em Foco na Casa do Algarve, em Lisboa	A Pedro de Freitas	H	BL	Pedro de Freitas foi dignificado na Casa Algarvia	Mota, Mário
Jornal do Barreiro	5/2/1982	Barreiro	Pedro de Freitas Natural de Loulé, mas com 70 anos de residência no Barreiro	Homenagem a Pedro de Freitas	H	BE	A Câmara de Loulé decide criar a "Casa Museu" de Pedro de Freitas	Liberal, João
Jornal do Barreiro	18/1/1983	Barreiro	Pedro de Freitas	Homenagem a Pedro de Freitas	H	X	Propõe à Câmara Municipal do Barreiro uma rua com o nome de Pedro de Freitas	Adão, Luis Cabral
Jornal do Barreiro	30/3/1984	Barreiro	Pequenas causas, Grandes efeitos Pedro de Freitas - Um	Elogio a Pedro de Freitas	H	S	Gratidão por Pedro de Freitas o confortar e apoiar na sua coeção cultural a Pedro de Freitas	Martins, Leontídio
Jornal do Barreiro	18/5/1984	Barreiro	Pedro de Freitas completa amanhã 90 anos	Aniversário de Pedro de Freitas	H	X	O livro História da Música Popular em Portugal constitui um dos maiores e melhores trabalhos no âmbito da música popular	Liberal, João
Jornal do Barreiro	21/12/1984	Barreiro	Apreciando o livro «A História da música popular em Portugal»	Resenção crítica ao livro	RO	AMI	Pedro de Freitas como um musicólogo competente e um escritor de mérito	Joiaquim
Jornal do Barreiro	23/5/1986	Barreiro	Pedro de Freitas festejou os seus 92 anos	Pedro de Freitas	RO	AME	Pedro de Freitas como um musicólogo competente e um escritor de mérito	Anónimo
Jornal do Barreiro	26/6/1987	Barreiro	Recordando as nossas Bandas de Música	Música - Barreiro	O	AMI	Resume a história das Bandas de Música do concelho do Barreiro	Costa, Carlos
Jornal do Barreiro	14/8/1987	Barreiro	Morreu Pedro de Freitas	Pedro de Freitas-Monte e Biografia	H	X	O último desejo de Pedro de Freitas fora cumprido, levaram-no para Loulé	Liberal, João
La Higuierita	23/10/1967	Isla Cristina (Huelva)	Cartaya Velada y Feria en Honor y Gloria de nuestra amada Patrona, la Santísima Virgen del Rosario	Pedro de Freitas	H	X	Enaltece a presença de Pedro de Freitas nas Festas de Cartaya	Blanco del Castillo, José
La Higuierita	10/6/1978	Isla Cristina (Huelva)	Saludos	AO livro "Eu fui à Índia"	RO	V	Sauda Pedro de Freitas e elogia o seu livro "Eu fui à Índia"	Anónimo
Notícias d' Evora	25/10/1983	Evora	Loulé, Barreiro, Evora	Pedro de Freitas - Obra	RO	BE	Críticas positivas as obras literárias de Pedro de Freitas	Adão, Luis Cabral

Jornal	Data	Localidade	Artigo/Título	Assunto Geral	Code3	Code1	Assunto Detalhado	Autor
O Algarve	12/11/1947	Faro	Um livro de investigação Musical História da Música Popular em Portugal	Crítica ao livro de Freitas de Freitas	RO	AMI	Um livro bem documentado	Anónimo
O Algarve	30/3/1947	Faro	Ad Multos Anos ao Serviço dumá Província	Pedro de Freitas	RO	BL	Elogio o trabalho de Pedro de Freitas em prol dos interesses de Loulé	Pais, Armando Silva
O Algarve	15/11/1953	Faro	A respeito do respeito	Polémica musical	R	AMC	A importância do respeito pelos direitos de opinião	Magalhães, Joaquim Peixoto
O Algarve	4/12/1955	Faro	Sátiras, Não, Variações à guitarra	Versos	O	S	Versos sobre a Romagem da saudade, a evolução das pessoas ao longo da vida	Silva, Marques da
O Algarve	11/3/1956	Faro	Os Estudantes no Carnaval de Loulé	Comenta um artigo de Pedro de Freitas	RO	BE	Reconhece o poder de síntese, de justiça e de expressão na escrita de Pedro Freitas	Gonçalves, Cândido S.P.
O Algarve	28/10/1975	Faro	Ecoss de um extraordinário acontecimento artístico	Pedro de Freitas e o festival	RO	BE	A Marcha "O Algarve Florido" foi dirigida por Pedro de Freitas: foi um momento de apoteose da parte do público espectador	Neves, F. Clara
O Algarve	29/11/1978	Faro	Homenagem a Pedro de Freitas em Loulé	Pedro de Freitas	H	X	Estipula o programa da homenagem que Loulé irá prestar a Pedro de Freitas a 2 de Dezembro	Anónimo
O Algarve	13/12/1978	Faro	Homenagem a Pedro de Freitas em Loulé	Pedro de Freitas	H	BE	A Homenagem a Pedro de Freitas foi muito merecida	Anónimo
O Algarve	18/1/1984	Loulé	Crónicas Algarvias Os Três Retratos de Pedro de Freitas	Pedro de Freitas	H	X	Descreve Pedro de Freitas física e psicologicamente	Guerreiro, Antbal Cruz
O Distrito de Setúbal	25/11/1953	Setúbal	Uma carta a propósito do número especial dedicado ao Barreiro	Crítica	R	AMC	Crítica o mercantilismo dos amadores de música do Barreiro atribuído por Pedro de Freitas	Martins, Leonildeo
O Distrito de Setúbal	31/10/1956	Setúbal	Uma Carta da Sociedade F. Humanitária de Palmela	Palmela Agradece	R	AME	Agradece a Pedro de Freitas pelos elogios e resenhas dedicadas a banda em Espanha	Coeelho, Bernardino
O Distrito de Setúbal	22/4/1975	Setúbal	A propósito de... A Velhice Desprende-se do Trabalho	A despedida não é aceite	H	X	Pedro de Freitas tem de continuar a servir o povo	Botelho, Vítor
O Distrito de Setúbal	16/11/1976	Setúbal	Carta aberta ao Sr. Pedro de Freitas	Ao escritos Pedro de Freitas	RO	AME	Elogia Pedro de Freitas como escritor e apóstolo da música	Almeida, Artur Ramos de
O Distrito de Setúbal	26/12/1978	Setúbal	A Pedro de Freitas Loulé presta-lhe justa homenagem ao homem? Ao Autodidacta? Ao Artista? (compositor e executante)	Pedro de Freitas	H	BE	Descreve a justa homenagem que Loulé dedicou a Pero de Freitas	Vaz, Manuel Joaquim
O Distrito de Setúbal	19/1/1981	Setúbal	Idosos	A Pedro de Freitas	RO	BL	Administrador da Obra de Pedro de Freitas	Adão, Luís Cabral
O Jornal de Moura	22/6/1923	Moura	A recepção na Filarmónica União Mourense	Barreiro - Música	H	X	A Banda da União Barreirense foi tocar a Moura	Anónimo
O Jornal do Barreiro	18/11/1983	Barreiro	Pedro de Freitas	Pedro de Freitas - Homenagem	H	AME	Proposta para incluir o nome de Pedro de Freitas na toponímia barreirense	Adão, Luís Cabral
O Louletano	7/11/1935	Loulé	Pedro de Freitas	Ao livro de Pedro de Freitas	RO	G	Sobre o livro as minhas recordações da Grande Guerra	Anónimo
O Louletano	13/2/1936	Loulé	Joaquim António Pires Reconhecimento	Agradecimento a Pedro de Freitas	R	BE	Agradece os elogios de Pedro de Freitas ao avô Joaquim António Pires	Guerreiro, A. Pires
O Louletano	24/3/1938	Loulé	Pinceladas	Campanha Musical	R	AMC	Enaltece a importância das filarmónicas locais	Pseudónimo: Ignolus [ou Perreira, Manuel Guerreiro]
O Louletano	31/3/1938	Loulé	Pinceladas	Campanha Musical	R	AMC	Enaltece a importância das filarmónicas locais	Pseudónimo: Ignolus [ou Perreira, Manuel Guerreiro]
O Louletano	7/4/1938	Loulé	Pinceladas	Campanha Musical	R	AMC	Enaltece a importância das filarmónicas locais	Pseudónimo: Ignolus [ou Perreira, Manuel Guerreiro]
O Louletano	1/5/1938	Loulé	A Banda de Sapadores de Caminhos de Ferro	Pedro de Freitas	H	G	A importância de Pedro de Freitas na organização da banda filarmónica do BSCF	Conceição, Máximo Olegário da
O Louletano	1/5/1938	Loulé	Loulé em Festa - três cultos sagrados	Loulé - Bairrisno	H	G	A vinda a Loulé do BSCF	Anónimo
O Louletano	1/5/1938	Loulé	O Batalhão de Sapadores de Caminho de Ferro em Loulé	Loulé - Bairrisno	H	BE	Apresenta uma fotografia de Pedro de Freitas	Anónimo
O Louletano	12/5/1938	Loulé	A Festa de confraternização	Loulé - Bairrisno	H	G	A vinda a Loulé do BSCF	Anónimo
O Louletano	28/7/1938	Loulé	Pinceladas	Campanha Musical	R	AMC	Enaltece a importância das filarmónicas locais	Pseudónimo: Ignolus [ou Perreira, Manuel Guerreiro]
O Louletano	4/8/1938	Loulé	Pinceladas	Campanha Musical	R	AMC	Enaltece a importância das filarmónicas locais	Pseudónimo: Ignolus [ou Perreira, Manuel Guerreiro]

Jornal	Data	Localidade	Artigo/Título	Assunto Geral	Code3	Code1	Assunto Detalhado	Autor
O Louletano	11/08/1938	Loulé	Pinceladas	Campanha Musical	R	AMC	Enaltece a importância das filarmónicas locais	Pseudónimo: Ignotus [ou Pereira, Manuel Guereiro]
O Louletano	1/9/1938	Loulé	Pinceladas...	Loulé - Música	R	AMC	Recusa a criação de uma Banda Municipal	Pseudónimo: Ignotus [ou Pereira, Manuel Guereiro]
O Louletano	15/9/1938	Loulé	Pinceladas...	Loulé - Música	R	AMC	Crise no orçamento se a Câmara Municipalizar a Banda	Pseudónimo: Ignotus [ou Pereira, Manuel Guereiro]
O Louletano	29/9/1938	Loulé	Filarmónicas	Campanha Musical	R	BL	Manifesta a situação moribunda das bandas filarmónicas locais	Moura, Serra E.
O Louletano	6/10/1938	Loulé	Filarmónicas	Campanha Musical	R	BL	Apóia a campanha de Pedro de Freitas na defesa das bandas filarmónicas de Loulé	Moura, Serra E.
O Louletano	13/10/1938	Loulé	Filarmónicas	Campanha Musical	R	BL	Apóia a campanha de Pedro de Freitas na defesa das bandas filarmónicas de Loulé	G., M.
O Louletano	17/11/1938	Loulé	Filarmónicas	Campanha Musical	R	BL	Apóia a campanha de Pedro de Freitas na defesa das bandas filarmónicas de Loulé	Domingues, José Da Silva
O Louletano	1/12/1938	Loulé	Filarmónicas	Campanha Musical	R	BL	Apóia a campanha de Pedro de Freitas na defesa das bandas filarmónicas de Loulé	Conceição, Máximo Olegário da
O Louletano	23/3/1939	Loulé	Agradecendo a Pedro de Freitas	Caminhos de Ferro - Loulé	H	BL	Enaltece Pedro de Freitas como um lutador dos interesses de Loulé	Santos, João M. de Barros
O Primeiro de Maio	26/4/1917	Loulé	Nobre Gestos	Primeira Guerra Mundial	R	G	O pai de Pedro de Freitas incita-o a combater na Primeira Grande Guerra	Redacção do jornal O Primeiro de Maio
O Século	18/7/1957	Lisboa	Concertos Populares	Lisboa - Música	R	AME	A componente educacional dos concertos populares	Anónimo
O Setúbalense	10/7/1954	Setúbal	O Certame de Bandas Cívicas	Homenagem a Pedro de Freitas	H	AME	Homenagem pela participação de Pedro de Freitas no Certame de Setúbal	Redacção do jornal O Setúbalense
O Setúbalense	19/3/1967	Setúbal	No Cinquentenário Duma Estrela Literária	Pedro de Freitas	RO	X	A biografia e a bibliografia de Pedro de Freitas	Adão, Luís Cabral
O Távira	23/11/1978	Távira	Loulé em homenagem a Pedro de Freitas	Pedro de Freitas	H	X	Pedro de Freitas constituiu uma vida ao serviço da música e das letras	Anónimo
O Trabalho Ferroviário	Mar. 1943	Barreiro	A inauguração da Escola Profissional «Engenheiro Avaro Lima Henriques» - no Barreiro	Pedro de Freitas - Trabalho	R	S	Crítica sobre as dificuldades da vida quotidiana	Justos
Povo Algarvio	4/9/1949	Távira	Pedro de Freitas	Pedro de Freitas	H	BE	Grande colaborador no enatecimento do Algarve	Anónimo
Povo Algarvio	18/3/1951	Távira	Prosas simples A Mulher	A mulher na Sociedade	O	S	Exalta a figura da mulher	Vasconcelos, Damião de
Povo Algarvio	17/5/1953	Távira	Uma aventura... musicológica I	Polémica musical	R	AMC	A reforma do sistema Musical	Lopes, Francisco Fernandes
Povo Algarvio	21/6/1953	Távira	Uma aventura... musicológica II	Polémica musical	R	AMC	A reforma do sistema Musical	Lopes, Francisco Fernandes
Povo Algarvio	28/6/1953	Távira	Uma aventura... musicológica III	Polémica musical	R	AMC	A reforma do sistema Musical	Lopes, Francisco Fernandes
Povo Algarvio	5/7/1953	Távira	Uma aventura... musicológica III	Polémica musical	R	AMC	A reforma do sistema Musical	Lopes, Francisco Fernandes
Povo Algarvio	19/7/1953	Távira	Uma aventura... musicológica IV	Polémica musical	R	AMC	A reforma do sistema Musical	Lopes, Francisco Fernandes
Povo Algarvio	26/7/1953	Távira	Uma aventura... musicológica V	Polémica musical	R	AMC	A reforma do sistema Musical	Lopes, Francisco Fernandes
Povo Algarvio	2/8/1953	Távira	Uma aventura... musicológica VI	Polémica musical	R	AMC	A reforma do sistema Musical	Lopes, Francisco Fernandes
Povo Algarvio	9/8/1953	Távira	Uma aventura musicológica VII	Polémica musical	R	AME	A reforma do sistema musical	Lopes, Francisco Fernandes
Povo Algarvio	16/8/1953	Távira	Uma aventura... musicológica VIII	Polémica musical	R	AMC	A reforma do sistema Musical	Lopes, Francisco Fernandes
Povo Algarvio	23/8/1953	Távira	Uma aventura... musicológica IX	Polémica musical	R	AMC	A reforma do sistema Musical	Lopes, Francisco Fernandes
Povo Algarvio	20/9/1953	Távira	Mas porque não uma reforma no presente sistema musical?	Polémica musical	R	AMC	Prova a credibilidade do seu sistema musical	Lopes, Francisco Fernandes
Povo Algarvio	11/10/1953	Távira	Ainda o Sr. Freitas e a minha reforma musical	Polémica musical	R	AMC	Manifesta-se como um bom musicólogo	Lopes, Francisco Fernandes

Jornal	Data	Localidade	Artigo/Título	Assunto Geral	Code3	Code1	Assunto Detalhado	Autor
Povo Algarvio	18/10/1953	Tavira	As notas da música e o Sr. Freitas	Polémica musical	R	AMC	Crítica verbalmente o sr. Pedro de Freitas	Lopes, Francisco Fernandes
Povo Algarvio	8/11/1953	Tavira	O Sr. Freitas do cornetim e rabeça, e Eu	Polémica musical	R	AMC	Diminui verbalmente o sr. Pedro de Freitas	Fernandes Lopes, Francisco
Povo Algarvio	13/12/1953	Tavira	Uma carta do sr. dr. Francisco Fernandes Lopes	Polémica musical	R	AMC	Manifesta o desejo de nunca ter sido interrompido por Pedro de Freitas	Lopes, Francisco Fernandes
Povo Algarvio	9/3/1956	Tavira	O Problema das Filarmónicas	Filarmónicas - Música	O	AMPS	Problemas das Filarmónicas	C. D.
Povo Algarvio	4/5/1958	Tavira	A extinta Banda de Tavira	Tavira - Música	O	AME	As bandas de música têm valor, é necessário estimá-las	Vieças, José Belchior
Povo Algarvio	14/2/1960	Tavira	Aguarda-se o Milagre da Filarmónica de Montcarapacho	Montcarapacho - Música	R	AMC	Crítica as injustiças feitas à filarmónica de Montcarapacho	Anónimo
Povo Algarvio	27/3/1960	Tavira	O Grande Concurso nacional de filarmónicas e bandas de Música Cívica	Filarmónicas - Música	R	AME	A importância do Concurso Nacional de Bandas e suas categorias	Anónimo
Povo Algarvio	24/4/1960	Tavira	O Grande Concurso de filarmónicas e bandas de Música Cívica	Filarmónicas - Música	R	AME	O interesse do concurso e as eliminatórias nas Zonas do Norte e do Sul	Anónimo
Povo Algarvio	2/10/1960	Tavira	A Pedro de Freitas achegas para os seus "Quadros"	Loulé - Música	RO	BL	Elogia a luta desinteressada de Pedro de Freitas pelas bandas filarmónicas de Loulé	Cardoso, D.
Povo Algarvio	22/1/1961	Tavira	Pedro de Freitas e os seus Quadros de Loulé antigo	Agradecimento	RO	BE	Agradece a Pedro de Freitas pela publicação da obra Quadros de Loulé Antigo	Anónimo
Povo Algarvio	27/5/1962	Tavira	Eu fui à Índia obra de Pedro de Freitas	Crítica	RO	V	E uma história da influência de Portugal na Índia Portuguesa	Anónimo
Povo Algarvio	3/6/1962	Tavira	A F.N.A.T. - Comprou o Teatro da Trindade	F.N.A.T.	O	AME	A importância da actividade da FNAT	Anónimo
Povo Algarvio	22/3/1964	Tavira	Quadros de Loulé Antigo um livro de Pedro de Freitas	Crítica	RO	BE	A importância do livro "Quadros de Loulé Antigo" para Loulé	B., J.
Povo Algarvio	6/6/1965	Tavira	O I Concurso Nacional de Bandas Cívicas uma obra de Pedro de Freitas	Crítica	RO	AME	Elogia positivamente o livro sobre o I Concurso de bandas de música cívica	Anónimo
Viagem	1/5/1951	Lisboa	Notas de uma viagem a França A batalha do Lys	Primeira Guerra	O	G	A 1.ª Romagem dos combatentes portugueses a França a 21 de Abril	O., C.
Vida Ferroviária	1/6/1939	Barreiro	Sem Título	Pedro de Freitas - Discurso	H	G	Discurso dito por Pedro de Freitas em Tomar na Confraternização do BSCF	Anónimo
Vida Ferroviária	1/6/1939	Lisboa	Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro - O Sempre Fixe	Pedro de Freitas - Discurso	RO	G	O discurso proferido por Pedro de Freitas em Tomar	Redacção do jornal Sul e Sueste

LEGENDA

Code1	Grandes Temas
B*	Bairrismo
A*	Associativismo
G*	Guerra
X*	Biografias
V	Viagens
S	Sociedade
O	Outros

Code1	Associativismo por subtemas
AS	Associativismo Sindicalista
AM	Associativismo Musical

Code1	Associativismo Musical por subtemas
AMPS	Associativismo Musical Problemas e Soluções
AMI	Associativismo Musical Investigação
AME	Associativismo Musical Componente Educacional
AMC	Associativismo Musical Crítica

Code1	Bairrismo por subtemas
BL	Bairrismo Luta
BE	Bairrismo Enaltecimento

Code1	Guerra por subtemas
GC	Guerra e Camaradagem
GS	Guerra e Sociedade
GH	Guerra e Homenagem

Code1	Biografias por subtemas
XPF	Biografia de Pedro de Freitas
XO	Biografias de Outros

Code2	
AÇ	Açores
AÇ/MA	Açores e Madeira
ALE	Alentejo
AL	Algarve
B	Barreiro
DS	Distrito de Setúbal
E	Espanha
EAnd	Espanha Andaluzia
EAY	Espanha Ayamonte
EAY/P	Espanha Ayamonte e Portugal
EB	Espanha Barcelona
ECz	Espanha Cadiz
ECzB	Espanha Cadiz e Barcelona
EC	Espanha Cartaya
EM	Espanha Madrid
EMB	Espanha Madrid e Barcelona
EMT	Espanha Madrid e Toledo
ES	Espanha Sevilha
ESM	Espanha Sevilha e Madrid
ET	Espanha Toledo
F	Faro
G	Guimarães
IP	India Portuguesa
Lx	Lisboa
L	Loulé
Mn	Minho
NF/E	Norte França e Espanha
NF	Norte França
P	Portugal
Pomb	Pombal
Porto	Porto
VFX	Vila Franca de Xira
Ví	Visu
V	Vouzela
ZZZ	Outros

Code3	
H	Homenagens
RO	Recensão de Obras
E	Entrevista
R	Respostas
O	Outros

7.4. Opiniões sobre as composições musicais de Pedro de Freitas

7.4.a. *Marcha Algarve Florido*

Pedro de Freitas: «*No Largo da Sé, literalmente repleto, agrupei dez Bandas no total de 319 executantes. Executaram a minha marcha «Algarve Florido», sob a minha regência, que foi a contento da grande assistência*»²⁶⁴⁴.

F. Clara Neves: «*Pedro de Freitas ficará perenemente no meu espírito. Não haverá colapso de memória, sobretudo do momento inesquecível em que dirigiu a banda por expressa aclamação do público, quando da interpretação do seu maravilhoso «Algarve Florido»! Partitura de sonho, sentimo-nos envolvidos na ondulação musical que flutuava no ambiente alacre da tarde.*

Nesse momento sentimos o perfume das noites cálidas sobre a cúpula etérea do céu, na sua magnificência estrelada! Recordámos instintivamente o pôr do sol, o silêncio das Florestas e o borbulhar das correntes cristalinas por entre canaviais. Julgamos ouvir trinados maravilhosos de rouxinóis, o cantar estouvado da cigarra e a estridência dos grilos na terra fofa depois das primeiras chuvadas. Sentimos na alma o cântico das avezinhas constituindo nos galhos os seus ninhos de amor! Adivinhamos o pastor caminhando pelos trilhos ao lusco-fusco, conduzindo o gado para o curral de tetas úberes para a ordenha. Imaginamos o som da bâtega regando a terra caustica, a semente lançada ao rego, os frutos suculentos de paladar delicioso fecundados pelo sol.

«Algarve Florido» é um cântico desta província, escrito com a inspiração dos anjos, que invade tímpanos e corações, suave e docemente Pedro de Freitas, segura na sua

²⁶⁴⁴ Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978, p. 41.

batuta, «arranca» da Filarmónica de Alcácer do Sal tudo que os seus executantes têm lá dentro: arte, melodia e hosanas à natureza!

Subjugado, abracei freneticamente Pedro de Freitas, que comovido chorava silenciosamente, como uma inocente criancinha brincando com os seus adorados brinquedos. A Assistência comunga neste transe de apoteose e, em uníssono, os executantes desejam bisar. Mas, momentos de êxtase como este só atingem a pureza da eternidade se não houver sequênciã. E ficou deste modo aureolado da polidez virgem, como cântico divino e imperecível a ressoar no tempo e no espaço, nas abóbadas do imponente edifício.

Prossiga, meu querido amigo! Trabalhe com ânimo porque a arte, vai ter um lugar sagrado na redima Pátria portuguesa. O seu culto, por um octogenário, tem a sublimidade das coisas que pertencem ao domínio de Deus. «Algarve Florido» mergulha as raízes sentimentais nos hinos da liberdade, ao nível de Grandola Terra morena!» São partituras que suavizam a violência das paixões dominando os idealismos, que tocam no coração humano como uma varinha mágica. Matéria e espírito marcharão lado a lado arbitrados pela Arte nos momentos decisivos das convulsões sociais, travando sentimentos de barbárie!»²⁶⁴⁵.

A. B. Marum: «Tendo saído muito novo de Loulé, para o Barreiro, Pedro de Freitas nunca esqueceu o torrão natal e em todas as circunstâncias deu provas do mais acentuado bairrismo.

Mais uma vez tal aconteceu, com o Grande Festival das Bandas de Música, promovido pela F.N.A.T. realizado há dias em Faro, no qual Pedro de Freitas teve papel preponderante, de forma a que o mesmo constituísse um espectáculo inédito e inesquecível, tal o êxito alcançado por tão louvável iniciativa, no momento em que aqueles simpáticos agrupamentos musicais tendem a desaparecer.

Com 80 anos, tem no entanto a vivacidade, a força de vontade e o dinamismo dum homem em plena pujança!

Todavia, a nota alta do referido grande Festival foi sem dúvida o momento emocionante daquela tarde inolvidável, em que se ouviu anunciar que as Bandas iam

²⁶⁴⁵ Neves, F. Clara, “Pedro de Freitas incansável trabalhador de oitenta anos”, Em *Correio do Sul*, Faro, 25-07-1974.

*tocar uma marcha da autoria do louletano Pedro de Freitas, sob a sua própria regência!*²⁶⁴⁶.

Foi uma verdadeira apoteose, pois os aplausos surgiram de todos os lados e, dir-se-ia que, naquela tarde cinzenta e outonal, o verdadeiro espírito louletano, imperava no Largo da Sé, tão elevado era o número de Louletanos que, assim quiseram homenagear um digno filho da terra que tanto tem pugnado ao longo dos anos pelo seu progresso e enobrecimento.

Para quem o conhece, direi que Pedro de Freitas (já reformado), ainda teve força de ânimo para se deslocar à nossa longínqua Índia, sobre a qual escreveu um volumoso livro, a que deu o título de «Eu Fui à Índia» que teve a gentileza de nos oferecer.

*Obrigado Pedro de Freitas!»*²⁶⁴⁷.

Anónimo: «O distinto poeta Santos Braga teve a feliz ideia de compor uma interessante letra para a Marcha ALGARVE FLORIDO, da autoria do apreciado compositor, nosso estimado comprovinciano, ilustre colaborador e prezado amigo, Pedro de Freitas, hoje incluída no repertório de várias bandas de música civis e que Faro já teve ocasião de apreciar, aquando do Grande Festival das mesmas bandas promovido pela F.N.A.T., em Outubro de 1973.

A referida Marcha, com a competente letra, que noutro lugar publicamos em primeira mão, vai dessa forma ser integrada nos coros daquela Fundação, pelo que assim brevemente teremos ALGARVE FLORIDO cantada nas diferentes sessões publicadas em que os coros da F.N.A.T. se apresentem.

*Por mais essa consagração da linda Marcha de Pedro de Freitas, afectuosamente saudamos o nosso estimado comprovinciano»*²⁶⁴⁸.

²⁶⁴⁶ A Marcha a que se referiu era o «*Algarve Florido*». Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978, p. 41.

²⁶⁴⁷ Marum, A. B., “Pedro de Freitas: símbolo de Louletanismo”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 06-11-1973.

²⁶⁴⁸ Anónimo, “Algarve Florido”, Em *Correio do Sul*, Faro, 17-10-1974.

7.4.b. Marchas O Concurso e Cartaya em Festa

Mário Lyster Franco, director do Jornal *Correio do Sul* (Faro): «Constituiu assinalável êxito, o II Grande Concurso Nacional de Bandas de Música Cívica recentemente realizado na capital...

Nesta interessantíssima modalidade artística, dá-se mesmo a circunstância particularmente feliz do orientador musical da F.N.A.T. para os assuntos das Bandas de Música Cívica, ser o antigo executante, dedicadíssimo algarvio, nosso estimado colaborador e velho amigo sr. Pedro de Freitas, a quem a mesma Fundação prestou recentemente justa homenagem.

Secretário de ambos os concursos até ao presente realizados, autor de peças musicais neles obrigatoriamente executadas, como foram as Marchas «O Concurso» e «Cartaya em Festa», que fizeram parte do programa do Festival de Encerramento do concurso deste ano...»²⁶⁴⁹.

²⁶⁴⁹ Franco, Mário Lyster, “Pedro de Freitas muito merecidamente homenageado pela F.N.A.T.”, Em *Correio do Sul*, Faro, 04-11-1971.

7.4.c. Fantasia Os Clarins-Bailado

Pedro de Freitas: *«Por herança paterna sempre tenho sido um acérrimo defensor da cultura musical no escalão bem popular. Deveria ser um profissional dessa divina Arte; para isso tinha fonte muito prometedora. Mas o destino tal não me proporcionou e, profissionalizei-me na vida ferroviária. Todavia muito pela música popular algo tenho feito, que, neste caso da minha longa vida, obra vultuosa lhe deixo: livros, palestras, dezenas de artigos nos vários jornais do País e alguns do estrangeiro, concursos nacionais, desfiles, festivais, auxílios às bandas civis, etc, Toda uma acção que, se tivesse sido profissional, talvez não a tivesse realizado. Na prática musical uma positiva veia melódica tem-me proporcionado, desde aprendiz, melodiar com facilidade e sentimento. Com esse natural atributo, além de outros números produzidos, uma vasta série de Marchas, que as tenho gravado, têm sido tocadas por várias Bandas do País e por algumas de Espanha. Sempre insatisfeito, tentei produzir algo mais. Neste intento architecturei um número inédito, mais destinado a teatro, e com argumento; e assim compus uma fantasia baseada num naipe de Clarins, um bailado comum original de Sons a mostrar que, com esses estridentes instrumentos, também se pode apreciar a arte em escala séria e superior. Submetida esta composição à apreciação de um capitão Chefe de Bandas Militares, pessoa idónea em composições e regências, ouço-lhe: «Não era eu que fizesse melhor. É um trabalho honesto e só a Banda de Música da G.N.R. a poderá tocar como exige a partitura para a Banda»²⁶⁵⁰.*

²⁶⁵⁰ Freitas, Pedro de, “Pelo Sector da Música - Uma Carta que não mereceu resposta”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 06-10-1981.

Anónimo: «ilustre conterrâneo acabou de escrever não há muito uma fantasia descritiva. Muito justamente considerada como inédita no seu género em Portugal. Foi composto com a finalidade fundamental de ser apresentado em teatro. Já foi executada pela banda da PSP de Lisboa, não foi contudo, até à data levada à cena pela parte da coreográfica, por falta de oportunidade favorável. DIA 2 de Dezembro foi ouvida oferecendo o ensejo de apreciar devidamente o seu talento de musicólogo»²⁶⁵¹.

Miguel de Oliveira, compositor: « - verifico tratar-se de obra séria e de qualidade. A conjugação dos Clarins – 2ª Parte -, está perfeita»²⁶⁵².

²⁶⁵¹ Anónimo, “«Os Clarins» última obra musical de Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 21-12-1978.

²⁶⁵² Oliveira, Miguel de: “Fantasia Os Clarins-Bailado”, Em Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978, p. 38.

7.4.d. Pedro de Freitas como compositor

João Liberal Correia, poeta Barreirense: «*Pedro de Freitas foi ainda um músico competente, bastante conhecedor da arte dos sons. Aos catorze anos de idade, integrado na banda musical de Loulé, já tocava em Espanha, o que se repetiu algumas vezes. É de notar que a sua manifestação artística ressalta logo na meninice. Tem também composições suas. Um caso extraordinário, que, no entanto, não se desenvolveu até à plenitude, até ao máximo, devido a falta de condições estruturais duma sociedade incompreensível e sem capacidade de realização...*»²⁶⁵³.

²⁶⁵³ Liberal, João, “Conversando com Pedro de Freitas”, Em *O Jornal do Barreiro*, Barreiro, 31-12-1976.

7.5. Conferências e eventos concedidos por Pedro de Freitas

- No ano de 1941, Pedro de Freitas iniciou uma profunda investigação no âmbito da música popular, percorrendo o país à procura de elementos sobre as bandas filarmónicas²⁶⁵⁴.
- A 11 de Março de 1942, Pedro de Freitas foi convidado pela *Federação das Sociedades de Educação e Recreio* para fazer uma palestra no posto emissor do *Clube Radiofónico de Portugal*, a qual foi intitulada “As Bandas Cívicas – Filarmónicas”²⁶⁵⁵.
- A 2 de Maio de 1942, no posto emissor do *Clube Radiofónico de Portugal*, a convite da *Federação das Sociedades de Educação e Recreio*, Pedro de Freitas protagonizou uma palestra intitulada “As Bandas Cívicas – Filarmónicas”. O conteúdo da mesma está escrito no seu livro *História da Música Popular em Portugal*²⁶⁵⁶.
- Na noite de 11 de Maio de 1942, Pedro de Freitas protagonizou uma conferência no *Clube Radiofónico de Portugal*, em Lisboa. Além disso, a convite da *Federação das Sociedades de Educação e Recreio* de Lisboa, Pedro de Freitas participou noutra conferência na *Sociedade Filarmónica de Alverca*²⁶⁵⁷.
- A 10 de Dezembro de 1947, Pedro de Freitas assistiu, no Palácio da Benemérita Instituição *A Voz do Operário*, ao *Concurso de Bandas Cívicas* integrado nas Festas

²⁶⁵⁴ Freitas, Pedro de: “Apontamentos Históricos da vida das Filarmónicas A história principia assim...”, Em Silva, Manuel Lopes da (dir.), *Catavento N.º 50*, Boletim da casa do pessoal da F.N.A.T., Lisboa, Dezembro 1973, pp. 28-29, [n.º 135 no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

²⁶⁵⁵ Freitas, Pedro de: “Apontamentos Históricos da vida das Filarmónicas A história principia assim...”, Em Silva, Manuel Lopes da (dir.), *Catavento N.º 50*, Boletim da casa do pessoal da F.N.A.T., Lisboa, Dezembro 1973, pp. 28-29, [n.º 135 no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; e Freitas, Pedro de, “As Filarmónicas”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 04-02-1969.

²⁶⁵⁶ Freitas, Pedro de, *História da Música Popular em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas ed., 1946, pp. 524-529.

²⁶⁵⁷ Freitas, Pedro de, Fonte manuscrita (Barreiro, 15 de Janeiro de 1984), Em 2.ª Série do 3.º Livro *Os meus artigos e alguns extras (1965 a 1982)*, Pedro de Freitas, 113 A, p. [V], [82-9 FRE/MEU no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]

do 23.º aniversário da *Federação das Sociedades de Recreio* em Lisboa. Deste modo, através da imprensa periódica *O Algarve*, Pedro de Freitas descrevia o seu parecer sobre a orgânica do concurso, apresentando a sua apreciação crítica relativamente à performance das bandas filarmónicas, onde ainda incluía algumas sugestões²⁶⁵⁸.

- Pedro de Freitas continuou a ser solicitado pela *Federação das Sociedades de Educação e Recreio* para colaborar no âmbito da música recreativa²⁶⁵⁹. A pedido desta Federação, além de ter protagonizado mais uma palestra na *Telefonia Sem Fios* (TSF), ele foi convidado, em ofício n.º 1050, de 23 de Outubro de 1948, para fazer parte do júri escolhido no certame de bandas de música civis.

- Em Julho de 1949, através do *Segundo Congresso Nacional das Colectividades de Educação e Recreio*, realizado pela *Federação das Sociedades de Educação e Recreio*, Pedro de Freitas apresentava mais uma conferência cujo tema intitulava-se: “*A Música Popular – Parte integrante da Vida da Nação*”²⁶⁶⁰. Segundo alguma opinião pública, este evento veio acrescentar informações complementares à sua obra literária relacionada com a música popular: «*os conhecimentos já revelados por Pedro de Freitas na sua documentada História da Música Popular em Portugal, afirmam-se de novo completadas com judiciosas observações dignas de serem meditadas*»²⁶⁶¹.

²⁶⁵⁸ Freitas, Pedro de, “Na voz do Operário - Concurso de Bandas Civis”, Em *O Algarve*, Faro, 21-12-1947; Freitas, Pedro de, “Na voz do Operário - Concurso de Bandas Civis”, Em *O Algarve*, Faro 28-12-1947; e Freitas, Pedro de, “Na voz do Operário - Concurso de Bandas Civis”, Em *O Algarve*, Faro 04-01-1948.

²⁶⁵⁹ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 226.

²⁶⁶⁰ Freitas, Pedro de: “Apontamentos Históricos da vida das Filarmónicas A história principia assim...”, Em Silva, Manuel Lopes da (dir.), *Catavento N.º 50*, Boletim da casa do pessoal da F.N.A.T., Lisboa, Dezembro 1973, pp. 28-29, [n.º 135 no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]. Ou Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XIV)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 17-03-1954; Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XV)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 28-04-1954; Freitas, Pedro de, “É preciso dar ao Povo Música da sua feição (XV)”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 05-05-1954.

²⁶⁶¹ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 226.

- No ano de 1951 e 1952, Pedro de Freitas tomou parte activa na organização do Carnaval de Loulé. Na qualidade de portador de uma credencial que a *Câmara Municipal de Loulé* lhe tinha conferido para essa ocasião, Pedro de Freitas conseguiu, em Lisboa, através do *Secretariado Nacional de Informação* (SNI), 200 fardamentos à D. João V. Por sua vez, através do *Quartel General da Mocidade Portuguesa*, Pedro de Freitas obteve clarins e tambores para formar uma banda filarmónica. Neste contexto, dois técnicos de Lisboa foram especificamente a Loulé com a função de caracterizarem e vestirem os figurantes²⁶⁶².

- Pedro de Freitas protagonizou discursos relacionados com a “música popular” em várias colectividades musicais. Neste contexto, Pedro de Freitas comentou: «*tenho defendido pela palavra falada o seu engrandecimento*»²⁶⁶³. No ano de 1952, Pedro de Freitas discursou na sessão do seu 1.º centenário da *Sociedade Filarmónica Palmelense*, existindo uma fotografia que atesta este acontecimento. Na presidência de mesa estavam: Corrêa Figueira (Governador civil de Setúbal); Aníbal Pereira Fernandes (representante da *Federação das Sociedades de Recreio*). A seu lado, da direita para a esquerda: Miguel Bastos (Deputado e Presidente da Câmara Municipal de Setúbal); Luís Cabral Adão; Manuel Teixeira (jornalista); Rogério Peres Claro (Director do Jornal o *Distrito de Setúbal*), e João de Jesus Catalão (Presidente da Sociedade de I. E. R. Barreirense)²⁶⁶⁴.

²⁶⁶² Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.ª ed., 1991, p. 177.

²⁶⁶³ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 226.

²⁶⁶⁴ Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc.*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, p. 225.

- O Director do Jornal *O Distrito de Setúbal*, Rogério Peres Claro, no ano de 1952, solicitou que Pedro de Freitas apresentasse uma exposição sobre as bandas filarmónicas do *Distrito de Setúbal*, a qual foi intitulada *É preciso dar ao povo música da sua feição*. Como resposta a esta obra escrita por Pedro de Freitas, realizou-se, em 1954, um concurso de bandas filarmónicas do distrito de Setúbal. A cidade de Setúbal era escolhida para a primeira e segunda eliminatórias das bandas filarmónicas²⁶⁶⁵. Neste certame musical, a primeira banda premiada concorreu a um concurso de bandas filarmónicas na Holanda, cidade de Kerkrade, em 1958. Com efeito, neste concurso, entre as 107 bandas filarmónicas concorrentes, de vinte e sete países, a banda portuguesa obtinha a 2.^a classificação²⁶⁶⁶. Por outro lado, da compilação de artigos escritos por Pedro de Freitas, no Jornal *O Distrito de Setúbal*, resultou a *Separata* com o título *É preciso dar ao Povo Música da sua Feição*²⁶⁶⁷.

- Em 1954, Pedro de Freitas organizava, em Almada, sob o alvitre das autoridades oficiais, um *Concurso de Bandas Cívicas do Distrito de Setúbal*²⁶⁶⁸.

- De 3 a 8 de Agosto de 1954, efectuava-se um *Certame de Bandas de Música Cívica* em Setúbal, integrado no programa festivo da feira de S. Tiago. Mais uma vez, Pedro de Freitas manifestou o seu entusiasmo, enalteceu a iniciativa, encorajou os preparativos, solicitou os compositores portugueses para escreverem para as três categorias do Certame e para criarem um hino do distrito²⁶⁶⁹.

²⁶⁶⁵ Freitas, Pedro de, “Setúbal Honrada no Concurso Nacional de Bandas Cívicas”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 21-07-1959.

²⁶⁶⁶ Freitas, Pedro de, “Vila Real de Santo António recebeu carinhosamente a banda da 1.º de Dezembro”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 29-09-1959.

²⁶⁶⁷ A *Separata* do Jornal *O Distrito de Setúbal* com o nome de *É preciso dar ao Povo Música da sua Feição* resultou de uma compilação num total de 21 artigos: de 10-12-1952 a 12-01-1953. Freitas, Pedro de: “Apontamentos Históricos da vida das Filarmónicas A história principia assim...”, Em Silva, Manuel Lopes da (dir.), *Catavento N.º 50*, Boletim da casa do pessoal da F.N.A.T., Lisboa, Dezembro 1973, pp. 28-29, [n.º 135 no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; Freitas, Pedro de, *É Preciso dar ao Povo Música da sua Feição*, Setúbal, *Separata* do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1955.

²⁶⁶⁸ Freitas, Pedro de, “Almada prodigiosa Fonte da Música Popular”, Em *O Setubalense*, Setúbal, 25-04-1959.

²⁶⁶⁹ Freitas, Pedro de, “Setúbal realiza um certame de bandas cívicas” Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 07-07-1954; Freitas, Pedro de, “O Certame de Bandas Cívicas”, Em *O Setubalense*, Setúbal, 10-07-1954; Freitas, Pedro de, “À Roda do concurso de Bandas Cívicas”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 21-07-1954.

- Em 1956, José Torres e Pedro de Freitas dirigiram todo o trabalho do Carnaval de Loulé²⁶⁷⁰. Por isso, nas palavras de Raul Pinto, Pedro de Freitas teve mérito na organização desse cortejo histórico do Carnaval de Loulé²⁶⁷¹.
- Em 1956, o jornalista Luís Sebastião Peres fez uma entrevista a Pedro de Freitas, na *Casa Regional do Algarve*, em Lisboa, sobre a criação de uma *Delegação Pró-Arte* em Loulé²⁶⁷².
- Na primeira sessão da Câmara, presidida pelo presidente Maurício Serafim Monteiro e acompanhada pelos corpos directivos das Sociedades Filarmónicas *Artistas de Minerva* e *União Marçal Pacheco*, Pedro de Freitas apresentou uma larga exposição sobre estas duas bandas filarmónicas locais. A principal temática exposta por Pedro de Freitas relacionou-se com as dificuldades existenciais de ambas as sociedades filarmónicas. Por isso, o discurso protagonizado por Pedro de Freitas terminou com o pedido de um subsídio para as duas bandas filarmónicas locais. O Presidente da *Câmara Municipal de Loulé* prometeu estudar o problema, considerando que as mesmas eram indispensáveis no progresso artístico e cultural de Loulé²⁶⁷³.
- Aquando do 102.º aniversário da *Sociedade Filarmónica União Marçal Pacheco*, a 1 de Maio de 1958, Pedro de Freitas proferiu uma palestra sobre a sua fundação. A direcção da *Sociedade Filarmónica União Marçal Pacheco* agradeceu a intervenção de Pedro de Freitas²⁶⁷⁴.

²⁶⁷⁰ Varão, Zé, “Falando das Festas com Zé do Carnaval Louletano”, Em *A Voz de Loulé*. Loulé, 16-02-1956.

²⁶⁷¹ Pinto, Raul, “O nosso número consagrado ao Carnaval de Loulé”, Em *A Voz de Loulé*, 01-02-1956.

²⁶⁷² Peres, Luís Sebastião, “Uma Delegação da Pró-Arte em Loulé”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 01-02-1956.

²⁶⁷³ Anónimo, “Filarmónicas locais”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 16-02-1956.

²⁶⁷⁴ Envelope da Santa Casa da Misericórdia, em *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*; e Anónimo, “Filarmónica União Marçal Pacheco”, *A Voz de Loulé*, Loulé, 04-05-1958.

- Quando *O Primeiro Concurso Nacional de Bandas de Música Cívica* foi realizado em Leiria, no Ginásio da Escola Industrial, a 2 de Fevereiro de 1960, o júri constituiu-se pelo Maestro Duarte Pestana (vogal), pelo Maestro Silva Pereira (Presidente), e por Pedro de Freitas (vogal), os quais julgaram as bandas filarmónicas concorrentes²⁶⁷⁵.
- Em Lisboa, a 20 de Dezembro de 1960, no *Gabinete do Ministro das Corporações Veiga de Macedo*, foram distribuídas as taças às respectivas bandas filarmónicas premiadas no *I Concurso de Bandas Cívicas*. Neste evento cerimonial discursou o presidente da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho*, Bento Parreira do Amaral. Na assistência estava Pedro de Freitas e ao seu lado direito o regente da banda filarmónica de Tavira, Sebastião Leiria²⁶⁷⁶.
- Integrado na *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho*, Pedro de Freitas participou activamente no *I Ciclo de Aperfeiçoamento de Regentes Amadores de Bandas Cívicas*²⁶⁷⁷.
- Na qualidade de vogal da comissão Cultural da *Casa do Algarve*, Pedro de Freitas apelou para a criação, em Alvor, de uma casa Museu sobre a morte do rei D. João II, evocando alegoricamente a chegada do régio morto a Silves, com todo o cerimonial. A moção foi apresentada por Pedro de Freitas na sala das *Sessões da Comissão cultural da Casa do Algarve*, em Lisboa, a 12 de Fevereiro de 1957²⁶⁷⁸. Deste modo, a 25 de Outubro de 1961, aquando do descerramento da lápide, em Alvor, Pedro de Freitas proferiu um discurso²⁶⁷⁹.

²⁶⁷⁵ Espólio Documental de Pedro de Freitas, inventário n.º 62, Em Album Cinzento, *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*.

²⁶⁷⁶ Espólio Documental de Pedro de Freitas, inventário n.º 63, Em Album Cinzento, *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*.

²⁶⁷⁷ Ver 7.8. Uma fotobiografia de Pedro de Freitas, fotografia n.º 32, em Anexos. Entrevistas a Apolinário, Homero Ribeiro, em Linda-a-Velha, 17-06-2003 e 24-06-2003. Manuel Joaquim Vaz, através do jornal *A Voz de Loulé*, reconhecia que os regentes actuais e os anteriores beneficiaram das aulas teóricas e práticas através dos *Ciclos de Aperfeiçoamento de Regentes Amadores de Bandas Cívicas*. Vaz, Manuel Joaquim, “Música Popular através dos serviços do INATEL IX Ciclo de Aperfeiçoamento de Regentes Amadores de Bandas Cívicas e I Ciclo de Aperfeiçoamento de Directores de Amadores de Coros”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 15-01-1981.

²⁶⁷⁸ Freitas, Pedro de, “Homenagem do Algarve à memória do escritor Coelho de Carvalho e do Rei D. João II”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 05-11-1961.

²⁶⁷⁹ Freitas, Pedro de, “Homenagem do Algarve à memória do escritor Coelho de Carvalho e do Rei D. João II”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 14-11-1961.

- A 5 de Maio de 1962, na *Sala da Regional Casa do Algarve*, em Lisboa, Pedro de Freitas proferiu a uma conferência musical integrada no *Ciclo de Conferências* e subordinada à temática: “O Algarve através da Música Popular: “Seus valores, assistência e educação”²⁶⁸⁰.

- A 29 de Agosto de 1964, Loulé recebeu a banda da *Sociedade Filarmónica Incrível Almadense* na direcção da *Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva*. Pedro de Freitas discursou não só sobre a história dessa banda filarmónica (*Sociedade Filarmónica Incrível Almadense*), como, também, sobre as duas bandas filarmónicas locais (isto é, a *Sociedade Filarmónica União Marçal Pacheco* e a *Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva*)²⁶⁸¹.

- A 13 de Junho de 1968, no Largo da Aldeia de Covões (Cantanhede), no 1.º centenário da sua banda filarmónica, Pedro de Freitas discursou na sessão solene, em representação do presidente da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho*²⁶⁸².

- A 29 de Agosto de 1968, integrado no *II Grande Concurso Nacional de Bandas Civas*, Pedro de Freitas foi à Ilha da Madeira. Existe uma fotografia tirada no Funchal, no Jardim D. Amélia, cujos elementos do júri foram: os vogais Maestro Homero Apolinário e Silva Dionísio; o presidente Cónego José Augusto Alegria; os vogais maestro José Pinto Rodrigues, Duarte Pestana e o secretário do concurso Pedro de Freitas²⁶⁸³.

²⁶⁸⁰ Ver 7.8. Uma fotobiografia de Pedro de Freitas, fotografia n.º 23, em Anexos. Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3.ª ed., 1991, pp. 463-477; Freitas, Pedro de, Fonte Manuscrita (Barreiro, 15 de Janeiro de 1984), Em 2.ª Série do 3.º Livro, *Os meus artigos e alguns extras (1965 a 1982)*, Pedro de Freitas, 113 A, p. [V], [82-9 FRE/MEU no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

²⁶⁸¹ Anónimo, “Uma categorizada banda de música dá um excelente concerto em Loulé”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 06-09-1964.

²⁶⁸² Ver 7.8. Uma fotobiografia de Pedro de Freitas, fotografia n.º 24, em Anexos. Espólio Documental de Pedro de Freitas, inventário n.º 19 no Album Cinzento, *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*.

²⁶⁸³ Espólio Documental de Pedro de Freitas, inventário n.º 64 no Album Cinzento, *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*.

- A 2 de Novembro de 1969, à entrada do Teatro Garcia Resende, Évora, Pedro de Freitas participava nas sessões das bandas de música civis concorrentes ao *II Grande Concurso Nacional de Bandas Civis*, organizado pela *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho*²⁶⁸⁴.

- A Final do *II Grande Concurso Nacional de Bandas de Música Civis* foi realizada em Lisboa, de 13 a 17 de Outubro de 1971. No Domingo, a 17 de Outubro, houve um almoço de confraternização na *colónia de Férias da F.N.A.T. – Costa da Caparica*. Existe uma fotografia que atesta esse evento: Pedro de Freitas agradeceu ao Ministro das Corporações e Presidência Social e da Saúde e Assistência, Baltazar Rebelo de Sousa, pela entrega do estojo que simbolizava uma homenagem de reconhecimento da parte da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho*. À sua esquerda (de Pedro de Freitas) a Direcção da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho*, Bento Parreira do Amaral (Presidente); Serra Formigal (Vice-Presidente); ao fundo, Torres; e à direita, o Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, o engenheiro Santos e Castro²⁶⁸⁵.

- Em Évora, a 25 de Junho de 1972, houve um *Festival de Bandas de Música Civis*, sobre o qual existem várias fotografias no acervo documental de Pedro de Freitas²⁶⁸⁶.

²⁶⁸⁴ Espólio Documental de Pedro de Freitas, no Album Castanho da *Câmara Municipal de Loulé*, *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*.

²⁶⁸⁵ Espólio Documental de Pedro de Freitas, Album Cinzento, *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*.

²⁶⁸⁶ Espólio Documental de Pedro de Freitas, Envelope Castanho da *Câmara Municipal de Loulé*, *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*.

- Em Faro, no Largo da Sé, a 14 de Outubro de 1973, houve um *Festival de Bandas de Música Cívica*. Pedro de Freitas foi o organizador deste evento filarmónico, sendo homenageado por dez bandas de música cívica a tocarem em simultâneo a sua marcha *O Algarve Florido*²⁶⁸⁷. No contexto do Festival, a banda de Alcácer do Sal aparece em fotografia a executar uma marcha²⁶⁸⁸. Ainda relativamente a este evento, outra fotografia apresenta as Estandartes das bandeiras formadas nas escadarias da Sé, e Pedro de Freitas, como o organizador, encontra-se junto à mesa da taça²⁶⁸⁹. Neste evento, a banda de Vila Franca de Xira foi a primeira classificada. Noutra fotografia, relativa ao *Grande Festival de Bandas Cívicas*, Pedro de Freitas dá instruções ao locutor²⁶⁹⁰.

- A 29 de Junho de 1978, Pedro de Freitas esteve em Loulé, oferecendo à agremiação dos *Amigos de Loulé* diversas composições musicais e números de folclore algarvio que faziam parte do seu arquivo pessoal. Por sua vez, o *rancho infantil de Loulé*, fundado a 13 de Agosto de 1977, que constituiu uma antiga aspiração de Pedro de Freitas, dedicou-lhe algumas exibições pertencentes ao seu repertório coreográfico²⁶⁹¹.

- Em Paderne, Dezembro de 1978, no *II Encontro da Imprensa Regional Algarvia*, Pedro de Freitas procedeu a um discurso sobre os músicos da banda filarmónica de Paderne²⁶⁹².

²⁶⁸⁷ Marum, A. B., “Pedro de Freitas: símbolo de Louletanismo”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 06-11-1973; Anónimo, “Loulé tributa festa de homenagem de reconhecimento a Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 09-11-1978.

²⁶⁸⁸ Espólio Documental de Pedro de Freitas, inventário n.º 146, n.º 58 e n.º 149, no Envelope Castanho da *Câmara Municipal de Loulé*, *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*.

²⁶⁸⁹ Espólio Documental de Pedro de Freitas, Envelope Castanho da *Câmara Municipal de Loulé*, *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*.

²⁶⁹⁰ Espólio Documental de Pedro de Freitas, inventário n.º 88, Em Album Cinzento, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*.

²⁶⁹¹ Viegas, João Corpas, “Rancho Infantil de Loulé completa um ano de existência e de merecidos êxitos”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 10-08-1978; Redacção do Jornal *A Voz de Loulé*, “Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 20-07-1978.

²⁶⁹² Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978, p. 86.

- Existe uma fotografia tirada no Centro de Férias do *Instituto Nacional Para Aproveitamento Dos Tempos Livres Dos Trabalhadores* (INATEL), em Oeiras, na noite de 23 de Novembro de 1979. Neste contexto, ao fechar o *VIII Ciclo de Aperfeiçoamento de Regentes Amadores de Bandas de Música Cívica*, Pedro de Freitas fez um discurso relativo às bandas filarmónicas e à sua respectiva assistência²⁶⁹³.
- Dado ter esgotado a 1.^a edição do livro *Quadros de Loulé Antigo* e, com o objectivo de prosseguir a 2.^a edição, Pedro de Freitas esteve em Loulé, em Março de 1980, afim de recolher novos elementos sobre as nove freguesias do concelho. Neste contexto, Pedro de Freitas foi também felicitado pela sua posição de vogal efectivo do *Conselho Supremo da Liga dos Combatentes*, decisão tomada em reunião ordinária e justificada por Pedro de Freitas ter sido combatente na *Primeira Grande Guerra Mundial*, publicista, musicólogo, e por ser filiado na Delegação do Barreiro desde 1926²⁶⁹⁴.
- A 21 de Maio de 1980, na comemoração do 104.^o aniversário da banda *Artistas de Minerva*, Pedro de Freitas esteve presente e fez um discurso sobre o historial das duas bandas filarmónicas locais, apelando para que a “*Música Velha*” ou a *Sociedade Filarmónica União Marçal Pacheco* voltasse à sua actividade musical²⁶⁹⁵.
- A 28 de Fevereiro de 1981, data do 75.^o aniversário do Carnaval de Loulé, Pedro de Freitas, com 86 anos, proferiu uma conferência sobre a sua história no *Salão nobre da Câmara Municipal de Loulé*²⁶⁹⁶.

²⁶⁹³ Espólio Documental de Pedro de Freitas, Envelope Castanho da *Câmara Municipal de Loulé*, *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*.

²⁶⁹⁴ Anónimo, “Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 13-03-1980.

²⁶⁹⁵ Anónimo, “A Música Nova Comemora festivamente o seu 104.^o aniversário”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 12-06-1980.

²⁶⁹⁶ Ver o autógrafo do presidente da Câmara Municipal de Loulé, Engenheiro Júlio Cristovam Mealha, Espólio Documental de Pedro de Freitas, inventário n.º 17, Em Envelope Castanho da *Câmara Municipal de Loulé*, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*. Ver também Freitas, Pedro de, “Ecos de uma Conferência”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 07-05-1981.

- Com a intenção de comemorar as *Bodas de Diamante do Carnaval Civilizado*, a *Câmara Municipal de Loulé* solicitava que Pedro de Freitas protagonizasse uma conferência subordinada ao historial dos seus 75 anos de vida progressiva. Deste modo, a conferência proferida por Pedro de Freitas foi intitulada a *História do Carnaval de Loulé*²⁶⁹⁷.

- A 15 de Abril de 1981, Pedro de Freitas recebia uma carta da *Associação da Pró-Casa Cultural* de Loulé, a qual, justificando a falta de elementos para escrever um artigo no seu *Boletim* (sobre o historial da *Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva*), solicitava a sua colaboração (de Pedro de Freitas), uma vez que essa banda filarmónica fazia o seu 105.º aniversário no dia 21 de Maio²⁶⁹⁸. Como resultado dessa colaboração, a 20 de Abril de 1981, Pedro de Freitas apresentava o artigo intitulado “Os 105 anos da Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva”²⁶⁹⁹.

- Na qualidade de louletano, e apesar dos seus 86 anos de idade, Pedro de Freitas deslocou-se do Barreiro até Loulé para assistir, dia 1 de Maio de 1981, às festas em honra da *Nossa Senhora da Piedade*, Mãe Padroeira de Loulé, reportando esse acontecimento através de um artigo intitulado: “As Festas à Padroeira de Loulé”²⁷⁰⁰.

²⁶⁹⁷ Freitas, Pedro de, “Ecos de uma conferência”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 07-05-1981. Ver também Freitas, Pedro de, Fonte Manuscrita (Barreiro, 15 de Janeiro de 1984), Em 2.ª Série do 3.º Livro, *Os meus artigos e alguns extras (1965 a 1982)*, Pedro de Freitas, 113 A, p. [V], [82-9 FRE/MEU no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

²⁶⁹⁸ Vairinhos, J.: “Carta do Presidente da Direcção da Associação Pró-Casa da Cultura, de Loulé, a Pedro de Freitas, 15 de Abril de 1981”, dentro da *Revista Cartaya 1981*, Ayuntamiento de Cartaya (ed.), Huelva, Imprenta Jimenez, Abril de 1981, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*.

²⁶⁹⁹ Freitas, Pedro de: “Os 105 anos da Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva”, Em *Asproca* (ed.), *Boletim Asproca Associação pro-casa da cultura*, Loulé, n.º 5, Asproca, Maio – Junho de 1981, pp. 2-4, [n.º 136 no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

²⁷⁰⁰ Freitas, Pedro de, “As Festas à Padroeira de Loulé oportunos considerados”, *A Voz de Loulé*, Loulé, 14-05-1981.

- Na altura do 105.º aniversário da *Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva* houve festejos, de 16 a 21 de Maio de 1981. A sessão solene da Sociedade foi presidida pelo Presidente da *Câmara Municipal de Loulé*, Engenheiro Júlio Cristóvão Mealha e secretariada por Pedro de Freitas e elementos directivos da colectividade. Neste contexto, Pedro de Freitas apresentou uma palestra acerca do historial da sociedade, dos velhos músicos e de outros músicos já desaparecidos. Segundo a opinião evidenciada na imprensa periódica, o discurso protagonizado por Pedro de Freitas foi digno de ser ouvido²⁷⁰¹.

- Pedro de Freitas teve um convite especial, do *Instituto Nacional Para Aproveitamento Dos Tempos Livres Dos Trabalhadores* (INATEL), para ir ao Faial (Açores), assistir ao programa da *Sociedade Filarmónica Unânime Praense*, a qual, no dia 3 de Outubro de 1981, comemorava o seu centenário²⁷⁰². Por esta causa, Pedro de Freitas esteve nos Açores três dias, sendo acarinhado pela população local²⁷⁰³.

- A 21 de Maio de 1982, a Banda da *Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva* (popularmente designada por “*Música Nova*”), comemorou o seu 106.º aniversário. Como tal, às 21 horas houve uma Sessão Solene na sede da *Sociedade Artistas de Minerva*, na qual participou o jornalista Manuel Joaquim Vaz e Pedro de Freitas²⁷⁰⁴.

²⁷⁰¹ Anónimo “A Banda Artistas de Minerva Festejou o seu 105.º aniversário”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 28-05-1981.

²⁷⁰² Freitas, Pedro de, “A Minha Presença na Ilha do Faial – Açores”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 27-10-1981.

²⁷⁰³ Freitas, Pedro de, “O Centenário da Filarmónica Unânime Praense Faial – Açores”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 24-11-1981.

²⁷⁰⁴ Espólio Documental de Pedro de Freitas, «Anúncio da Sessão Solene na sede da *Sociedade Artistas de Minerva*, Maio de 1982», Em Envelope da *Casa da Misericórdia de Loulé*, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*.

- Quando a *Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva* completou o seu 107.º aniversário, a 21 de Maio de 1983, mais uma vez Pedro de Freitas esteve presente. Desta vez, o orador foi o jornalista Manuel Joaquim Vaz, o qual não esqueceu de lembrar que Pedro de Freitas era um louletano sem par, olhava para tudo quanto respeitasse a sua terra natal num prisma elevado, querendo sempre o melhor para Loulé. Por isso, Manuel Joaquim Vaz considerou-o um amigo dedicado nos bons e nos maus momentos²⁷⁰⁵.

- A 9 de Abril de 1983, a *Liga dos Combatentes* anunciava as comemorações do 65.º aniversário da Batalha de *La Lys* através de numa romagem ao Mosteiro da Batalha. Neste ano, Pedro de Freitas proferiu uma elocução na Sala do Capítulo. De facto, não era de admirar o seu protagonismo neste âmbito uma vez que Pedro de Freitas era sócio da Liga e estava inscrito na delegação do Barreiro desde 1 de Maio de 1926²⁷⁰⁶. Além do mais, Pedro de Freitas também era *Membro Efectivo do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes da Grande Guerra*²⁷⁰⁷.

²⁷⁰⁵ Anónimo, “A Música Nova fez anos”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 09-06-1983.

²⁷⁰⁶ Freitas, Pedro de, “Combatentes comemoram La Lys”, Em *Diário de Lisboa*, Lisboa, 07-04-1983; Anónimo, “Combatentes comemoram La Lys”, Em *Diário de Lisboa*, Lisboa, 07-04-1983.

²⁷⁰⁷ Freitas, Pedro de, “Romagem à Batalha, na sala do Capítulo”, Em *Combatente*, Lisboa, Abril de 1983; Freitas, Pedro de, Fonte Manuscrita (Barreiro, Março de 1984), Em 2.ª Série do 3.º Livro, *Os meus artigos e alguns extras (1965 a 1982)*, Pedro de Freitas, 113 A, p. 417, [82-9 FRE/MEU, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*]; Anónimo, “Combatentes comemoram La Lys”, Em *Diário de Lisboa*, Lisboa, 07-04-1983.

7.6. Homenagens realizadas a Pedro de Freitas

7.6.a. Homenagem prestada por Cartaya

Pedro de Freitas: «Um VINHO de HONRA é-me oferecido pelo Doutor Don Juan Alberto, que é o chefe da Confraria da Nossa Senhora do Rosário, padroeira de Cartaya. Alegria, uma Banda de Música Militar abrilhantando o acto, poetas, doutores, oficiais da Guarda Civil, discursos... e uma distinção me é conferida: um lindo cordão com uma medalha com a efigie da Padroeira o Doutor Dom Juan Alberto me coloca ao pescoço ficando eu a ser, «Irmão Efectivo da Confraria de Nossa Senhora do Rosário»²⁷⁰⁸.

Don Jose Pepe Blanco del Castillo dedicou versos a Pedro de Freitas. Um poema intitulado «*Canto a Portugal*»:

*Quero prolongar mi brindes
con un típico fandango...
que acoplado á este momento
necesito transformarlo.
«Por la Sierra galopando
entre Portugal y España
Juan de la Cruz va cantando
sobre su jaca castaña
el afecto que le tiene
à la noble Nación hermana»
Y Portugal le contesta
tras el río Guadiana*

²⁷⁰⁸ Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, p. 28 ou Freitas, Pedro de, *Quadros de Loulé Antigo*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 3ª (ed.), 1991, p. 37.

*poniendo en sus dulces «FADOS»
todo el sentir de su alma.*

*Siempre estuvieron unidas
Portugal y nuestra España
y Portugal derramó su sangre
en nuestra heroica CRUZADA!
¡Glória pues à PORTUGAL!
Archivo de cortesía...
Poética... Noble... Sentimental
que supo enseñar al mundo
el sentido del vocablo FRATERNIDAD.*

Outro poema intitulado: **«PARA TÍ, DON PEDRO DE FREITAS»**

*Otoño: Cartaya en fiestas
aprovecha la ocasión
para brindar unas copas
en honor del señor FREITAS.
Hombre bueno
músico... escritor y Poeta.*

*Vivió siempre enamorado
de la Cartaya sin par
tuvo un malogrado
que recuerda sin cesar
y al llegar nuestro «ROSÁRIO»
abandona Portugal
en busca de la nostalgia
que fue siempre su ideal...*

*Cartaya te abre los brazos
y te brinda su alegría*

*la misma que tu traías
en alegres pasodobles
cuando de joven venias
à ofrecer à nuestra «VIRGEM»
música, amor y Poesía.*

*Que lo pases muy feliz
en presente ROSÁRIO
¡Cartaya te da un abrazo...!
Yo... levanto mi copa por ti
noble y gentil Lusitano.
«CARTAYA... fue siempre así»²⁷⁰⁹.*

Jose Pepe Blanco del Castillo dedicou mais um poema de sua autoria a Pedro de Freitas, o qual foi intitulado: «**Dialogo con Nuestra Virgen del Rosario**»

*Yo, le pregunté à la Virgen
Al recojerse en su TEMPLO.
¿Dime Virgencita mía
estas contenta con tu Pueblo..?
Y me respondió la IMAGEN
Con una sonrisa de CIELO.*

*«Muy contenta estoy este año
por lo que quiere el Pueblo..
También me ha gustado mucho
La emoción del Cristiano forastero
Al sentirse agasajado
Con mi IMAGEN en su pecho.*

²⁷⁰⁹ Blanco del Castillo, Jose Pepe: “Versos a Pedro de Freitas”, 7 de Octubre de 1958, Em Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, pp. 33-34. Ou Freitas, Pedro de, “Cartaya fidalga vila de Espanha”, *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 04-11-1958; ou Freitas, Pedro de, “Cartaya fidalga vila de Espanha”, *Povo Algarvio*, Tavira, 02-11-1958.

*Decidle à mi ilustre huésped
Lo mucho que le agradezco
Tan grata visita al Pueblo.
¡Que no le olvidaré nunca
y que cuente SIEMPRE con mis rezos.!»*

*Ya lo sabes, señor FREITAS
Eso me dijo la VIRGEN
Al recojerse en su TEMPO
Con su sonrisa de CIELO²⁷¹⁰.*

²⁷¹⁰ Blanco del Castillo, Jose Pepe: “Versos a Pedro de Freitas”, Em Freitas, Pedro de, *Cinquenta anos depois em Cartaya: 1908-1958*, Beja, Minerva Comercial, Pedro de Freitas (ed.), 1961, p. 49.

7.6.b. Homenagem prestada pela FNAT

Mário Lyster Franco, director do periódico regional *Correio do Sul* (Faro):
«Constituiu assinalável êxito, o II Grande Concurso Nacional de Bandas de Música Cívica, recentemente realizado na capital.

A benemérita Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, compreendendo o alto interesse que a manutenção das filarmónicas oferece ao desenvolvimento comunitário e à promoção sócio-cultural dos agregados populacionais, tem, na efectivação de tais concursos, uma das suas realizações mais válidas e mais louváveis.

Lisboa, de 13 a 17 do passado mês de Outubro, assistiu deliciada às diferentes provas do II Concurso, levadas a efeito no Pavilhão dos Desportos; aos concertos populares realizados em praças e jardins de há muito praticamente esquecidos de acordes musicais; ao desfile, que deu um ambiente particularmente eufórico às principais artérias da cidade dificilmente superado em acontecimentos do género.

Fácil se torna reconhecer que a excelente tarefa a que a F.N.A.T. meteu ombros é indigente e difícil. Extintas as bandas regimentais, em que a mocidade praticamente das filarmónicas via, a quando da chamada do serviço militar, uma saída profissional que satisfazia inclinações artísticas que aquelas tinham despertado e desenvolvido; solicitada, como a mesma mocidade permanentemente é, para outras distrações menos melódicas mas suficientemente satisfatórias para o preenchimento de serões e horas vagas, o recrutamento de executantes e principalmente de aprendizes torna cada vez mais dificultosa a manutenção dos agrupamentos. No entanto, apesar de todas essas dificuldades, que diríamos insuperáveis, ainda existem no País 533 bandas civis e a F.N.A.T., procurando evitar o seu desaparecimento, tem já gasto com elas alguns milhares de contos. [...] Nesta interessantíssima modalidade artística, dá-se mesmo a circunstância particularmente feliz do orientador musical da F.N.A.T. para os assuntos das Bandas de Música Cívica, ser o antigo executante, dedicadíssimo algarvio, nosso estimado colaborador e velho sr. Pedro de Freitas, a quem a mesma Fundação prestou recentemente justa homenagem.

Secretário de ambos os concursos até ao presente realizados, autor de peças musicais neles obrigatoriamente executadas, como foram as marchas «O Concurso» e

«Cartaya em Festa», que fizeram parte do programa do Festival de Encerramento do concurso deste ano, a ele, com a oferta de uma placa comemorativa, no discurso que pronunciou no almoço de encerramento realizado na Colónia de Férias da Costa da Caparica, se referiu o sr. Dr. Serra Formigal, Vice-Presidente da F.N.A.T., nos seguintes termos que muito nos apraz reproduzir: «Por último não queremos deixar de salientar o excelente trabalho, pleno de dedicação e entusiasmo de um veterano filarmónico que hoje conta a bonita idade de 80 anos mas cuja juventude de espírito e dinamismo comprova bem as virtudes do espírito filarmónico: o orientador musical da F.N.A.T. para os assuntos das Bandas de Música Cívica, sr. Pedro de Freitas, que há tantos anos vem trabalhando infatigavelmente para a vitória desta causa.»

Palavras inteiramente justas, quem conhece Pedro de Freitas sabe que não há nelas a mais pequena sombra de exagero, a não ser na idade, pois são apenas... setenta e sete anos e meio»²⁷¹¹.

José Maria da Piedade Barros: *«Desde menino e moço apaixonado pela música e sentindo-a como algo de si mesmo, Pedro de Freitas sempre tem tido pela divina arte de Minerva aquela dedicação que é devida às coisas que verdadeiramente amam. Não admira por isso que a F.N.A.T. considere preciosa a sua colaboração e o chamasse a dar o seu apoio no sector musical daquela prestimosa organização. Para quem durante tantos anos tenha vivido e sentido os problemas da música Popular em Portugal, certamente que será apaixonante conviver, escutar e dialogar com dirigentes e filarmónicos dessas cidades, vilas e aldeias onde o entusiasmo, a carolice e a paixão pela música torna grandes os pequenos homens que vivem obscuramente mas cujo valor bem merece ser realçado... o louletano que desde a sua meninice sente vibrar dentro de si uma paixão inata pela música e pelas Bandas de Loulé, tinha que entusiasmar-se com um Concurso de Bandas Cívicas. Tinha que fazer por ele o melhor que fosse possível. E fê-lo com certeza, porque disso é prova a homenagem que lhe foi prestada pela F.N.A.T. durante o almoço de confraternização inter-músicos que esta entidade ofereceu na sua Colónia de Férias da Costa da Caparica e no qual estiveram cerca de oitocentos convivas. A placa que simboliza a*

²⁷¹¹ Franco, Mário Lyster, “Pedro de Freitas muito merecidamente homenageado pela F.N.A.T.”, Em *Correio do Sul*, Faro, 04-11-1971.

homenagem foi entregue a Pedro de Freitas, pelo sr. Dr. Baltazar Rebelo de Sousa, Ministro das Corporações e Presidência Social e da Saúde e Assistência»²⁷¹².

²⁷¹² Barros, José Maria da Piedade: “Pedro de Freitas homenageado pela F.N.A.T.”, Em Freitas, Pedro de, *Recortes dos Jornais de Loulé e de Faro*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Pedro de Freitas (ed.), 1973, pp.8-9.

7.6.c Homenagem prestada por Faro

Pedro de Freitas: «*Em 1973, Faro presta-me um reconhecimento público, pelo Grande Festival de Bandas de Música Cívica que realizei na cidade*»²⁷¹³.

Pedro de Freitas: «*A 14 de Outubro de 1973, a expensas da F.N.A.T. organizei em Faro, um extraordinário «Grande Festival de Bandas de Música Cívica». Doze foram as Bandas de várias partes do país que nele colaboraram. Milhares de portugueses e muitíssimos estrangeiros assistiram a tão popular como vibrante espectáculo. No Largo da Sé, literalmente repleto, agrupei dez Bandas no total de 319 executantes. Executaram a minha marcha «Algarve Florido», sob a minha regência, que foi a contento da grande assistência. Pelo Dr. Mário Lyster Franco foi-me prestado público reconhecimento, tanto pessoal como em nome da Capital do Algarve, que tanto vibrou pelo acontecimento. Possuo a gravação desse histórico pormenor da minha vida de músico amador*»²⁷¹⁴.

²⁷¹³ Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, p. 34.

²⁷¹⁴ Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978, p. 41.

7.6.d Homenagem prestada por Loulé

José Maria da Piedade Ramos, director do jornal *A Voz de Loulé* (Loulé), apresentou uma proposta ao Município de Loulé para que se concedesse a Pedro de Freitas uma medalha de mérito: «*Alvitramos, à semelhança do procedimento da Câmara de Portimão para com o escritor Joaquim António Nunes (agraciado e muito bem com a Medalha de Portimão) que o Município de Loulé contemple Pedro de Freitas com semelhante distinção. A sugestão fica aqui consignada. Loulé tem agora a palavra. No dever também se inscreve o reconhecimento*»²⁷¹⁵.

Na sequência daquela proposta, José Maria da Piedade Barros fez uma entrevista ao Presidente da *Câmara Municipal de Loulé*, António Maria Andrade de Sousa: «*Desconhecia que «A Voz de Loulé» tivesse feito esse alvitre que me parece de todo o interesse. Também nenhum vereador, ou por desconhecimento ou por esquecimento, o apresentou. No entanto eu tomarei devida nota da sua informação e parece-me que Pedro de Freitas, com quem há poucos dias quando da visita da Banda de Fanhões tive a oportunidade de conversar e contactar sobre a realidade actual no campo musical de tradições vastíssimas da nossa terra que remontam há mais de um século, é um homem que tem dado o melhor do seu saber no domínio musical, e não só, em prol da sua terra, atendendo às obras por ele já publicadas, sempre insufladas de um bairrismo que não é vulgar, especialmente nos jovens. Como tal eu julgo que a Câmara irá analisar o alvitre da «Voz de Loulé»*»²⁷¹⁶.

²⁷¹⁵ Barros, José Maria da Piedade, “Reconhecimento que se impõe a Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 05-05-1977.

²⁷¹⁶ Barros, José Maria da Piedade, “Homenagem a Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 23-06-1977.

João Corpas Viegas: «Na última sessão da edilidade louletana ocorrida no passado dia do dia 29 de Setembro de 1978 foi aprovada por unanimidade uma proposta apresentada pelo presidente do executivo camarário Sr. Andrade de Sousa no sentido de incluir na toponímia desta vila o nome de Pedro de Freitas, como expressão de reconhecimento do Município pelo seu acrisolado bairrismo e indefectível dedicação pela terra que lhe foi berço sempre prestigiada nos seus escritos de publicista e de escritor inspirado.

Deste modo, o chamado «Largo do Carmo» local onde nasceu o aludido escritor e nosso prezado conterrâneo, terá na devida oportunidade uma placa com a inscrição «Rua Pedro de Freitas» que ligará indissolivelmente o seu nome a esta vetusta e histórica vila de Loulé. Com esta homenagem, pretende a Câmara de Loulé exteriorizar o seu apreço»²⁷¹⁷.

Carta do Alberto Iria, Historiador Nacional e Vice-Secretário Geral da *Academia das Ciências de Lisboa*: «Como Escritor, Musicólogo e Musicógrafo, e mais ainda, como Homem e como Poeta, Pedro de Freitas, que também foi Valoroso Soldado da 1.^a Guerra Mundial, é credor da maior e mais grata Homenagem de todos os Portugueses! Um forte abraço do seu velho»²⁷¹⁸.

Raul de Bivar Weinholtz: «Meu Ex.^{mo} e prezado Amigo. Acabo de ler no jornal «A Voz de Loulé» a agradável notícia de que ia ser dado, ao antigo largo do Carmo, na progressiva vila de Loulé, o nome do meu ilustre Amigo. Apresso-me em vir dizer-lhe quanto me alegrou essa notícia, pois acho que se deve homenagear, principalmente nas terras natais, os nomes dos seus ilustres Filhos, e o meu bom Amigo é merecedor, a todos os títulos, dessa homenagem.

²⁷¹⁷ Viegas, João Corpas, “Pedro de Freitas vai ter o seu nome inscrito na toponímia de Loulé”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 12-10-1978. Ver também em Sessão de Câmara de 29-09-1978, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*.

²⁷¹⁸ Iria, Alberto: “Carta a Pedro de Freitas, 19 de Novembro de 1978, Lisboa”, Em Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, p. 53.

Bem haja a ilustre Câmara Municipal de Loulé, e desde já, por este meio, envio-lhe um grande e efusivo abraço, desejando-lhe muita saúde, paz e felicidades e creia-me seu muito dedicado e velho Amigo»²⁷¹⁹.

José Maria da Piedade Barros, director do jornal *A Voz de Loulé* (Loulé): *«No dia 2 de Dezembro Loulé esteve em festa! E esteve em festa não apenas porque nesse dia se prestou merecida homenagem a um homem que tem devotado toda a sua vida a Loulé, prestigiando-a com o mérito da sua inteligência e a força inquebrantável dum trabalho válido, honroso, persistente, duro e para quem «DAR» foi sempre muito mais importante do que receber, pouco se importando com a recompensa material dum trabalho intelectual cujos benefícios foram muito mais dirigidos para os outros do que para si mesmo. Porque Pedro de Freitas não se tornou jornalista pensando em colher daí quaisquer remunerações. Não se tornou escritor pensando em poder ganhar algum dinheiro. Não compôs músicas para fazer negócio com as suas obras. Não foi musicólogo para se profissionalizar ou colher louros desse trabalho.*

Pedro de Freitas foi ferroviário em que não havia horário de trabalho, nem domingos, nem feriados nem reivindicações salariais. No tempo em que, no caminho de ferro, o trabalho era árduo e vigilante, fatigante e incómodo. E os seus servidores tinham que ser diligentes, eficazes, cumpridores e afáveis para com os utentes. E, Pedro de Freitas, em vez de se revoltar contra a dureza desse trabalho e o barulho ensurdecedor do matraquear constante das rodas das carruagens sobre os «rails», soube aproveitar esse «ritmo» para se inspirar em músicas que compôs. Soube aproveitar as conversas com os passageiros para escrever um livro contando a sua vida de ferroviário, ao longo de muitos anos, intensamente vividos e mal remunerados. Noites sem dormir, repousando em lugares incómodos de terra em terra, aproveitando todas as horas livres, todos os minutos de lazer, para realizar o seu sonho: escrever. Escrever livros, artigos para jornais, músicas, cartas e mais cartas para amigos, para desconhecidos. Falando de Loulé, pedindo coisas para Loulé, e para o seu querido Algarve, organizando coisas que prestigiassem Loulé. Que elevassem Loulé e fizessem progredir a sua querida terra a ponto de o General

²⁷¹⁹ Weinholtz, Raul de Bivar: “Do Distinto Octogenário”, Em Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, p. 48.

Raul Esteves lhe chamar o «embaixador de Loulé». Tal a força da sua persistência, tal a sua vontade de enaltecer Loulé, tal a dureza da luta que (ingloriamente) travou para que o comboio passasse por esta vila. Foram anos de luta persistente, de inquebrantável teimosia, de espicaçar de vontades, de levantar de ânimos.

O desvio da linha férrea por Loulé foi o grande sonho dourado de Pedro de Freitas ao longo de uma vida sempre activa. Ele lutou por tudo o que pudesse contribuir para o engrandecimento do Algarve em geral e Loulé em particular.

Pedro de Freitas esteve C.P. e escreveu um livro. Foi à guerra e escreveu um livro. Foi à Índia e escreveu um livro. Deslocou-se aos Açores e Madeira e colheu elementos para escrever um livro. Esteve na Espanha e aí encontrou tema para mais um livro. Visitou a Bélgica e a França e reencontrou-se com uma França diferente da guerra que conhecera. E mais um livro saiu do prelo.

Apaixonou-se pela divina arte de Mozart e foi executante e ensaiador. Compôs músicas e espalhou-as pelo país sem se preocupar com a sua venda.

Em noite invernosa e distante, no gélido Alentejo, Pedro de Freitas sentiu os pés tolhidos de frio e, para os aquecer, pôs-se a saltitar apressadamente. Pois bastou-lhe o som dessa cadência para o inspirar em mais uma das suas músicas...²⁷²⁰.

Das suas obras foi ele próprio o editor, o distribuidor, o ofertante de alma generosa e coração puro a espalhar a sua mensagem de indefectível bairrismo!

Prodigiosa vocação a deste homem, cuja instrução não foi além da 4ª classe (no tempo tempo em que aprendia português na escola primária) e que sendo ferroviário consegue desdobrar-se incrivelmente em jornalista, em escritor, em editor, compositor e musicólogo, numa espantosa actividade que deixa estarrecidos os homens dum nova era de especialização cada vez mais autómata e menos produtiva.

Pedro de Freitas conheceu anos de labor intenso, de esperança frustradas, de desilusões e de alegrias também. Mas sempre com um sorriso nos lábios, uma palavra alegre mesmo para aqueles que não sabiam compreendê-lo. Quantas horas amargas passou na sua terra por se julgar mal compreendido pelos que deviam apoiá-lo... [...] Pedro de Freitas saiu de Loulé com 17 anos de idade e por isso a sua terra não lhe proporcionou quaisquer benefícios materiais. No entanto dedicou-se-lhe de alma e coração com tal entusiasmo que a sua vida pode ser apontada às novas

²⁷²⁰ Tratava-se da Marcha «Viva Loulé». Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal, Pedro de Freitas (coord.), 1979, p. 80.

gerações como exemplo típico de um homem que venceu lutando e cuja dedicação à terra natal é dificilmente igualável.

Por isso podemos parafrasear Pericles para dizer: «Enquanto houver homens como Pedro de Freitas, o bairrismo não morrerá».

Pedro de Freitas é símbolo dum bairrismo já muito raro nos nossos dias, mas a sua acção devia der um estímulo para os jovens cujo espírito aberto e dedicado às nobres causas, podiam ser os continuadores de uma obra que deve projectar-se para além de nós próprios: fomentar a grandeza da terra onde nascemos. Assim honrariam os seus antepassados»²⁷²¹.

João Corpas Viegas: «Conforme estava programado cumpriram-se integralmente e revestiram-se de condizente brilhantismo as celebrações de homenagem e agradecimento ao ilustre louletano, escritor e musicólogo Pedro de Freitas, no transcorrido dia 2 de Dezembro, promovidas pela Câmara Municipal de Loulé e secundadas por um grupo de amigos e admiradores. Todo o ciclo de acontecimentos emolduraram lapidar e condignamente a consagração de uma vida longa, pródiga de labor, de engenho e de acrisolado devotamento à causa da terra-natal, pela qual Pedro de Freitas sempre nutriu uma fidelidade indestrutível. Logo pela manhã do passado dia 2 cerca das 10 horas não obstante a chuva impertinente, verificou-se a concentração de deputações representativas das colectividades locais portadoras de estandartes, no antigo «Largo do Carmo» fronteiro ao Mercado Municipal. Entre estas designadamente, o Corpo de Bombeiros Municipais, que formou alas, a Banda Filarmónica Artistas de Minerva, a representação do Rancho Folclórico Infantil de Loulé e da Sociedade dos Artistas Louletanos e a presença de muitos circunstantes. Pouco depois, decorreu a solenidade do descerramento da placa toponímica, «Rua Pedro de Freitas (antigo Largo do Carmo)». O homenageado, acompanhado pelo presidente do Município, sr. Andrade de Sousa e de seu neto Vítor Manuel Mendes de Freitas, acercou-se da referida placa, por entre os acordes da «Música Nova», cabendo a este último o respectivo descerramento, o qual foi sublinhado por estrepitosa ovação. Imediatamente, Pedro de Freitas, depois de cumprimentado pelo presidente da Câmara, foi envolvido por muitos amigos, admiradores e familiares

²⁷²¹ Barros, José Maria Da Piedade, “Pedro de Freitas – Uma figura do passado a projectar-se no futuro”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 14-12-1978.

que efusivamente o abraçaram e o felicitaram, emprestando ao significado protocolar da solenidade um cunho adicional de vibração, simpatia e entusiasmo humanos. No prosseguimento, foi levada a efeito, no salão nobre dos Passos do Concelho, a sessão solene que culminou a parte oficial do programa. À mesa de honra tomaram lugar o Governador do Distrito de Faro, Dr. Almeida Carrapato, que presidiu à cerimónia, o presidente da Câmara Municipal de Loulé, sr. Andrade de Sousa. Pedro de Freitas que ficou ladeado pelas individualidades preliminarmente indicadas e o artista Manuel Cabanas, orador e democrata de reconhecida fluência e amigo afeiçãoado do homenageado. Aberta a sessão pelo Governados do Distrito de Faro, falou no intróito da mesma, o presidente da Câmara Municipal de Loulé, sr. Andrade de Sousa, que num improviso notável, destacou o imperativo de um dever de gratidão e reconhecimento a cumprir pela autarquia, ciente de que os relevantes serviços prestados por Pedro de Freitas em prol do prestígio de Loulé, justificam plenamente a homenagem ali publicamente consumada. Fragosa salva de palmas selaram as palavras do presidente do Município. Coube a João Corpas Viegas, redactor deste jornal, secretariar a solenidade, tendo procedido à leitura a correspondência recebida, alusiva ao festivo evento, a qual reuniu um tocante repositório de depoimentos mesclados de apreço, estima e júbilo, pelas merecidas provas de gratidão de que Pedro de Freitas era no momento alvo. De vários quadrantes do País, foram com efeito recepcionadas mensagens de congratulações e felicitações, umas dirigidas ao presidente do Município de Loulé, aprovando e aplaudindo, simultaneamente, a iniciativa, outras endereçadas a Pedro de Freitas, transparecendo em todas elas a referência de que os seus signatários, uma vez impedidos por vários e ponderáveis motivos de estarem se associavam em espírito ao marcante acontecimento.

Foram lidas, portanto, as mensagens de Padre Rui Morais Botelho, do Conego José Augusto Alegria, de Armando Mendonça Escoto, do dr. José Isidro Farrajota Rocheta, do poeta e jornalista João Liberal Correia, de Raul Rafael Pinto, do dr. Maurício Monteiro, do eng. João Carlos Alves, do prof. J. Faria Lapa, do Tenente Omero Apolinário e do Maestro Manuel da Silva Dionísio, chefe do departamento de Orquestra da R. D. P.

Chegou a vez de Manuel Cabanas, tecer ao homenageado a respectiva apologia, fazendo alarde dos seus largos conhecimentos biográficos e dos seus dotes oratórios. Antecedendo de vários considerandos alusivos aos retratos de eminentes louletanos,

existentes no salão nobre, Manuel Cabanas, referiu a incompreensão que parece condenar os artistas, como visionários, perante um mundo utilitarista e materializado, mas que por ironia suprema sobrevivem pelos tempos fora (enquanto os mecenas fenecem), por força da intemporalidade das suas obras geniais. Ocupando-se então da vida e da obra de Pedro de Freitas, estabelece um paralelo, uma correlação entre a vida profissional, trabalhadora e árdua de Pedro de Freitas e essa actividade criadora, literária e musical, que perseverantemente empreende ao longo dos anos. Mas esta actividade não decorre sem sacrifícios, sem horários retirados ao descanso, sem uma contrapartida de estóica determinação e invulgar apego ao acto de legar aos seus contemporâneos o trabalho da sua inteligência e talento.

Menciona depois alguns seus livros, nomeadamente, «Quadros de Loulé Antigo», onde dá a estampa um mural típico de tradições da sua terra natal. Convida a que se leia a obra de Pedro de Freitas, a que melhor se conheça os seus atributos de escritor e retratista, para que melhor se possa aquilatar do seu valor real.

A terminar, solicitou que os presentes tributassem ao homenageado uma calorosa ovação, que prerrompeu, acto contínuo, de toda a assistência que enchia o salão. Em continuação foi lida uma ovação do médico estomatologista, dr. Luís Cabral Adão, que a certo passo acentua: Mas já que me é vedado assistir permita-se-me que dê o meu aval à deliberação, à consagração, à fixação do seu nome numa esquina da terra que lhe deu berço e ele tanto exalta pela sua inteligência e o seu coração. Pedro de Freitas levou o nome e fama de Loulé ao Barreiro, onde vive à 67 anos, a Belmonte, a Viseu, a Lourdes, à Índia, a Cartaya, na Andaluzia, à Flandres, à Madeira, aos Açores, a toda a parte onde a sua palavra fluiu, quer por via da música popular, quer pela vocação jornalística, quer no simples convívio, aliciante e consolador».

De seguida J. C. Viegas, o autor desta resenha, proferiu uma breve alocução, dando, na mesma, conhecimento de que Pedro de Freitas, num gesto que lhe é peculiar, ofereceu ao Museu de Loulé (em formação) a colecção completa da sua bibliografia e todas as partituras musicais manuscritas da sua autoria, assim como relíquias e lembranças pessoais, atitude esta que na qualidade de componente do grupo de trabalhos pro-museu, completa, em seu nome agradecer.

Igualmente, convidou a assistência a contemplar Pedro de Freitas com a vibração do seu aplauso.

Fez uso da palavra, depois o Dr. José Mendes Bota, que num cintilante improviso, enalteceu a figura de Pedro de Freitas, o seu salutar bairrismo nunca ofuscado, o mérito das obras literárias e musicais, onde pontificam um espírito de eleição que toma como tema dominante, nimbado de Romantismo, as multimodas facetas da terra onde nasceu. Ao findar a sua inspirada oração, solicitou dos presentes mais uma salva de palmas, que de pronto irrompeu. Num longo improviso, onde se vislumbrou por vezes o embargo da emoção sentida, Pedro de Freitas dirigiu-se aos presentes evocando alguns pontos proeminentes da sua vida de louletanista, musicólogo e escritor. Começando por frisar que finalmente chegara a hora de prestar contas a Loulé, Pedro de Freitas prodigalizou os seus agradecimentos extensivos à Câmara Municipal, à Associação do Grupo de Amigos de Loulé, aos oradores, à imprensa, aos amigos e aos conterrâneos. Depois enumera factos e datas, numa sucessão lúcida e numa demonstração de que as recordações estão ainda bem vincadas no seu íntimo: o casamento, em 1916; episódios com as filarmónicas em 1917; o hipotético ramal do caminho de ferro, ligando Loulé a S. Brás de Alportel, em 1926; a década de 30, em que foi debatida a fusão das bandas louletanas; a edição do seu primeiro livro «As Minhas Recordações da Grande Guerra», em 1936; a visita do Batalhão de Sapadores de Caminho de Ferro a Loulé em 1938; viagem a Cartaya, em 1958; viagem à Índia em 1961, onde se deslocou por honroso convite do respectivo governador; homenagem da F.N.A.T., em 1971; Festival das Bandas Civis em Faro, em 1973; homenagem da casa do Algarve, em 1978; alusão aos seus 15 livros, centenas de artigos escritos em 31 jornais e 5 revistas, conferência e defesa da tese em congresso.

Procedeu a certo ponto, à entrega ao presidente da Câmara de Loulé, sr. Andrade de Sousa, da insígnia da «Torre e Espada», condecoração esta com que fora agraciado pelo seu comportamento na Grande Guerra e do colar de cidadão honorário de Cartaya. Procedeu depois, também, já na fase final da sua oração, à entrega de ofertas pecuniárias às seguintes agremiações e instituições: Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva, Bombeiros Municipais de Loulé, Rancho Filarmónico Infantil, Casa da Primeira Infância de Loulé, Sociedade dos Artistas Louletanos; Louletano Desportos Clube, Conferência de S. Vicente de Paulo, e Assistência à Terceira Idade. A culminar a expensa retrospectiva Pedro de Freitas, comovidamente, citou João de Deus:

- Como o pródigo volta ao lar paterno,

Desenganado do que em vão procura

Eu já desfalecido nesta lida

De sonhos sobre sonhos de ventura,

Desejava dormir o sono eterno,

Abrindo junto ao berço a sepultura!

Fechar em suma o círculo da vida

No saudoso ponto de partida!

Uma quente e estrondosa ovação veio, apoteoticamente, como remate, exultante, premiar o homenageado. Cabe aqui intercalar um parênteses, para assinalar que, no acto da entrega de ofertas, o representante da Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva, sr. Santos Gomes, informou que seria atribuído o nome de Pedro de Freitas à sala principal da agremiação. Por seu turno o comandante do corpo de Bombeiros de Loulé, sr. Leal, retribuiu a generosidade do gesto com a entrega de uma condecoração, dando conta que dentro em breve a corporação ficaria dotada de uma fanfarra a qual adoptaria também o nome de Pedro de Freitas. A calar a cerimónia tomou a palavra o Governador Civil do Distrito de Faro, Dr. Almeida Carrapato, que de improviso consignou uma primorosa oração, a qual foi interrompida várias vezes pela assistência, que tributou espontâneas ovações. Após mencionar de que ouvira com o maior enternecimento as palavras de homenagem do sr. Manuel Cabanas, esta entidade oficial, expendeu diversas considerações umas sobre Loulé, onde na qualidade de magistrado exerceu funções, outras sobre a arte e a sua afinidade com o real e a verdade e o papel do artista, como intermediário e medianeiro, numa clara alusão à obra acabada de Pedro de Freitas, a quem enalteceu, baseando-se para isso em algumas afirmações do orador incumbido de tecer a apologia do homenageado. Ocupou-se também, uma vez que Pedro de Freitas na sua dissertação mencionara factos, ligados ao inconformismo ideológico de épocas passadas, a recordar a fermentação no Algarve de ideias políticas que marcam os primeiros passos dados na direcção do actual regime democrático instaurado em Portugal. Novamente, retornou à obra de Pedro de Freitas, ao seu acendrado e sadio bairrismo, à sua obra literária e musical, e tributa uma veemente saudação que cala fundo na assistência que de pé, transborda a satisfação e entusiasmo exteriorizando-se finalmente numa prolongada e retumbante ovação. Era a consagração de Pedro de Freitas; era a exaltação de uma assistência congregada

pelo sentimento comum de depurado louletanismo; era o reconhecimento público; era a gratidão que saltava directa, do fundo dos corações.

À tarde já sob os auspícios da segunda parte do programa, não oficial, houve ainda no salão nobre dos Paços do Concelho, transmissão de música, gravada das bandas civis do país e de marchas da lavra de Pedro de Freitas, que em determinadas alturas, concedeu suplementares achegas.

À noite, no Hotel Quarteirasol, desenrolou-se um animado jantar de confraternização, que reuniu largas dezenas de conterrâneos e amigos do homenageado, tendo proporcionado momentos de agradável convívio. O café foi tomado no «Beach-comber», do referido hotel, onde todos os presentes foram surpreendidos pela irrupção do Rancho infantil de Loulé que deu largas ao seu repertório de danças tradicionais, tendo empolgado a assistência que não regateou aplausos. Sensibilizado pelas provas de apreço, com que fora rodeado, Pedro de Freitas agradeceu, visivelmente emocionado. [...] Mais adiante, aproveitando a pausa entre duas actuações do Rancho Infantil, Luís Pereira, estimado colaborador deste jornal, conhecido já pela sua vocação poética precoce, salta para o recinto e declama uma poesia dedicada a Pedro de Freitas. Foi o delírio. A assistência ovaciona, Pedro de Freitas, estreita num abraço comovido, o notável poeta. Foi assim, num ambiente de grande cordialidade e de júbilo geral, que encerraram as celebrações de homenagem e apreço a Pedro de Freitas, decano e embaixador louletano, que da sua terra-natal fez tema principal das suas obras de escritor e musicólogo»²⁷²².

Manuel Joaquim Vaz: *«Sem dúvida que foi sobretudo ao homem que tudo em si consubstancia que a terra que lhe foi berço quis justamente memorar.*

Assim em 2 de Dezembro, num cunhal da rua onde há 84 anos nasceu, gravou-lhe o nome que aos vindouros, para além da sua obra fecunda, o perpetuará. Rodearam-lhe as autoridades concelhias, o Povo, um «Rancho Folclórico Infantil, e Banda Filarmónica Artistas de Minerva, e da Corporação de Bombeiros Voluntários de Loulé.

²⁷²² Viegas, João Corpas, “Calorosa e Vibrante Homenagem Prestada pelo Município e pelas Gentes de Loulé”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 14-12-1978.

Chovia, o bom tempo não quis associar-se à Festa, mas ninguém arredou pé, esperando o senhor Governador do Civil do Distrito, que uma pane arrelidora impediu de chegar a horas.

Depois, como fecho brilhante da homenagem ergueram-se no Salão Nobre da Câmara, as vozes que exalçaram o valor do «Louletano Ilustre» que sem dúvida o é, terra de que ausente na lufa-lufa dos múltiplos afazeres nunca esqueceu e sempre honrou, memorando-a na sua já tanto vasta obra até agora produzida.

Lidos que foram os muitos telegramas, cartas e telegramas, endereçados ao homenageado, alguns de personalidades ilustres tomou a palavra o sr. da Câmara António Maria Andrade de Sousa, que mencionando a constituição da mesa a que presidiu o senhor Governador Civil Dr. Júlio Filipe Almeida Carrapato, se dirigiu ao homenageado, e o louvou pela sua actividade na vida cultural dos sectores da vida onde tem actuado, salientando a sua dedicação a Loulé, após o que lhe sucedeu no uso da palavra Manuel Santos Cabanas, ferroviário e distinto artista xilografador que dissertou com prioridade sobre a produção literária, artística e cultural do autodidacta que é Pedro de Freitas, conseguindo realizar uma obra meritória e fecunda que por difundida através, dos seus livros, dos jornais e da sua verve oratória, não era de mais realçar ali, na hora da verdade, em que os seus méritos estavam patentes.

Foram judiciosas as considerações traçadas sobre a vida e obra de Pedro de Freitas, salientando o orador uma produção literária que tem muito de sentimental, de artístico e de moral e, sobretudo, de humano, que vem desde as trincheiras de Flandres na Guerra de 1914/18 até aos nossos dias, em que numa simbiose de enaltecer; a guerra com seus males, a arte com a sua vivacidade, e a vida com todas as suas alegrias e tristezas, nos são dadas com mãos de conhecer, atento e perseverante.

Manuel Cabanas foi enfim, o biógrafo atento e justo da obra de Pedro de Freitas, a que soube dar o cunho da verdade simples, de um homem como o homenageado que veio do Povo e, simples como ele, tudo conseguiu por força de uma vontade indómita que só é de elogiar.

Terminou Manuel Cabanas com o pedido, logo secundo de uma salva de palmas a coroar as suas palavras, palmas, palmas que soaram quentes, prolongadas e amigas.

João Corpas Viegas do jornal a «Voz de Loulé», dissertou e bem sobre a obra de Pedro de Freitas que destacou com todos os seus valores, como na arte dos sons de que foi autor e exímio executante.

Do mesmo jornal outra voz se ergueu para jus, a Pedro de Freitas, como artista e como Louletano de boa fibra salientando a justiça da homenagem ora prestada.

Ao homenageado foram entregues algumas medalhas que mandou colocar na vitrina inaugurada no salão, com as primeiras edições dos seus livros e produções musicais, bem como quantidade apreciável de recordações, algumas valiosas, que ao longo do tempo lhe têm sido ofertadas. [...] Seria estultícia e não caberia nas páginas do jornal, relatar tudo quanto Pedro de Freitas desafiou sobre a sua já longa e operosa vida e factos a ela ligados o seu ânimo em prosseguir, indefectivamente, naquilo a que se propôs e que lentamente, paulatinamente, numa perseverança firme, conseguiu levar a cabo com satisfação plena. [...]

A sessão foi encerrada pelo ilustre governador civil do Distrito que com palavras quentes, de orador consabido, definiu a homenagem a Pedro de Freitas como a de uma Festa Algarvia, imagem certa no momento certo.

Depois, pela tarde realizou-se uma audição de música gravada, em que houve o prazer de ouvir excelente música de Bandas Filarmónicas, de justo renome e também algumas obras do punho do homenageado que muito agradaram.

Pela noite realizou-se um jantar oferecido por amigos do homenageado que teve lugar no Hotel Quarteira Sol, onde também num dos andares inferiores se realizou uma significativa festa em que actuou o Rancho Folclórico Infantil de Loulé, que foi largamente aplaudido, tendo Pedro de Freitas, mais uma vez, proferindo palavras no sentido de agradecimento»²⁷²³.

Luísa Fernanda Guerreiro Martins: «Pedro de Freitas é uma peça silenciosa mas pertinente na história contemporânea de Loulé, assim como de Cartaya e provavelmente, Ayamonte. Digo isto porque foi com a acção deste homem que se iniciou uma aliança entre as Bandas Filarmónicas destas três cidades, de tal modo que ainda hoje se realiza, o encontro e o intercâmbio anual das Bandas Filarmónicas

²⁷²³ Vaz, Manuel Joaquim, “A Pedro de Freitas Loulé presta-lhe justa homenagem ao homem? Ao Autodidacta? Ao Artista? (compositor e executante) Ao Publicista?”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 26-12-1978. Ou Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal, Pedro de Freitas (coord.), 1979, pp. 82-85.

destas cidades, sem que, infelizmente, a maioria dos participantes e/ou organizadores saibam o porquê e quem está na origem destes Encontros das Bandas Filarmónicas. Especificamente para Loulé, sabemos que Pedro de Freitas participava em colóquios e conferências, apresentava comunicações onde referia a sua experiência na I Guerra Mundial. Aliás, desta sua entrada na I Guerra Mundial, Pedro de Freitas deixou um espólio significativo e elucidativo que consta no Depósito do Museu Municipal de Loulé. Todo o espólio de Pedro de Freitas tem uma importância que infelizmente a população louletana e algarvia não valoriza. No entanto, quando por acaso se coloca uma peça desse espólio como "peça museológica" do mês, todos acham enorme curiosidade! Em Cartaya, há anos atrás falei com o pároco e com o arquivista do Arquivo local e ambos conheciam melhor Pedro de Freitas do que qualquer louletano e afirmaram que em Cartaya a população sabe quem ele foi... (não tive tempo de certificar esta afirmação).

Pedro de Freitas teve o cuidado de, no espólio (fotografias, objectos pessoais, objectos da I Guerra Mundial, pautas, instrumentos musicais, vestuário, etc.), que doou à Câmara Municipal de Loulé, deixar um inventário manuscrito completo, com identificação de cada peça e respectiva numeração, o que facilita muito a classificação e inventariação museológica.

Aspecto negativo que ouvi e assisti: as suas longas prelecções em conferências que, segundo uma "moda", tornaria mais sábio, credível e intelectual quem se alongasse e cansasse os ouvintes...»²⁷²⁴.

²⁷²⁴ Luísa Fernanda Guerreiro Martins é Assessora na Câmara Municipal de Loulé – *Divisão de Cultura e História Local* (Centro de Documentação, Investigação e Museus - Loulé). Martins, Luísa Fernanda Guerreiro, [On-line], <luisa.martins@iol.pt>, [11 de Outubro de 2008].

7.6.e. Homenagem prestada pela Casa do Algarve de Lisboa

Joaquim António Nunes: *«Hoje a Casa do Algarve comemora mais um aniversário, é extremamente honroso podermos assinalar esta singela homenagem a um dos sócios mais dedicados e sentinela vigilante do seu futuro sempre pronto a lhe dispensar o carinho necessário para lhe dar a honra e o prestígio de digno representante do Algarve em Lisboa. Pedro de Freitas é o convidado especial deste almoço. Trabalhador incansável da música e das letras é uma figura admirável que merece a nossa maior consideração e respeito pelo esforço de toda a sua vida para legar à posteridade 15 obras literárias que marcam a força de vontade de um homem dedicado a vencer na vida»*²⁷²⁵.

Joaquim António Nunes, Presidente da Direcção da Casa do Algarve, de Lisboa, agradeceu a colaboração prestada por Pedro de Freitas: *«A oferta consta da edição do seu trabalho, o que muito honra a nossa Casa Regional da qual ele se orgulha de ter sido um dos membros activos da sua Comissão Cultural, onde contribuiu com a sua esclarecida inteligência, saber e dinamismo para a realização de manifestações culturais extremamente valiosas. [...]*

Porém, Pedro de Freitas não aceitou esta condição tão simples. Fez-se músico, jornalista, escritor, regeu várias Bandas no País e em Espanha, onde foi distinguido com o grau de honorífico cidadão espanhol e, em França, onde fundou e regeu uma banda militar. Convidado oficialmente, foi à Índia para escrever um livro: espalhou a sua colaboração pelos mais diversos jornais, escreveu quinze livros com o presente; tornou-se um autodidacta de elevada craveira intelectual. E no momento grave em que a Pátria precisou dos seus filhos para a sua defesa ele partiu para a Flandres, aí sofrendo os horrores da guerra de catorze-dezoito, principalmente, porque, pela formação moral que possuía, custou-lhe ver-se obrigado a esgrimir com a morte e a ver morrer a seu lado o seu semelhante tão inocente como ele. [...]

²⁷²⁵ Nunes, Joaquim António (ed.), *Boletim Informativo da sua casa Regional em Lisboa*, n.º 6, Março 1978.

Pedro de Freitas com os rudimentos de uma instrução primária, mas dotado de uma extraordinária inteligência, vivacidade, força de vontade e perseverança se tornaria um autodidacta que honra o Algarve mas de um modo particular a sua terra natal que se deve orgulhar de ter um filho de tão raras qualidades com jus a legitima consagração.

Pedro de Freitas, nas letras, está sobejamente provada a sua meritória veia popular; na música, agora mais evidenciada pela ficha que se digna publicar²⁷²⁶, dá-nos a medida das suas belas possibilidades. Ambas atestam o valor do Homem que se fez por si próprio!

Em nome da Casa do Algarve aqui fica o seu agradecimento e a minha modesta mas sincera homenagem a Pedro de Freitas.

Lisboa, Janeiro, 1978»²⁷²⁷.

Anónimo: «Segundo nos relata o Boletim Informativo Mar/78, editado pela Casa do Algarve, durante as suas festas de aniversário, o Presidente da Direcção desta prestante colectividade regionalista, no discurso que proferiu, entre outras considerações, teceu as alusões seguintes a Pedro de Freitas, que nos apraz aqui salientar: «Pedro de Freitas é o convidado especial deste almoço. Trabalhador incansável da música e das letras portuguesas e uma figura admirável que merece a maior consideração e respeito pelo esforço de toda a sua vida por legar à posteridade as obras literárias que merecem a força de vontade de um homem dedicado a vencer na vida, partindo de modesto funcionário dos Caminhos de Ferro sem a frequência das escolas que abrem o caminho aos intelectuais. Pedro de Freitas com a sua inteligência e tenacidade é um exemplo vivo do «querer é poder» como disse Victor Hugo. Assim com os recursos das suas excepcionais faculdades natas, soube conquistar um lugar cimeiro entre os nossos maiores autodidactas algarvios. Em tão breves palavras não se pode esboçar o perfil de Pedro de Freitas como músico, escritor e jornalista, mas pode afirmar-se que um homem com tais qualidades de trabalho honra o Algarve e particularmente Loulé, terra onde nasceu. Mas este louletano ilustre não esqueceu a nossa Casa do Algarve, fazendo parte da

²⁷²⁶ Confirma-se que “A Minha Ficha Musical”, em Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978, pp. 37-38.

²⁷²⁷ Nunes, Joaquim António, “Prefácio”, Em Freitas, Pedro de, *O Rapazito e o Velho Pedinte e a Sina do Menino (Contos)*, Barreiro, Tipografia Rápida, Pedro de Freitas (ed.), 1978, pp. [IX-XI].

sua Comissão Cultural durante cerca de 10 anos prestando-lhe valiosa colaboração. Mas fez mais: acaba de editar o seu último trabalho literário a esta Casa, oferta que muito nos honra. Por tudo o que foi dito e muito mais, em nome da casa do Algarve muito obrigado, Pedro de Freitas»²⁷²⁸.

Mário Mota: «*Pedro de Freitas aqui morador nesta cidade-operária do Barreiro, um Algarvio que aqui se radicou para permanecer nesta terra a que tanto se tem dado, Escritor e Músico, Jornalista e Obreiro de iniciativas que tanto o dignificam e aos meios que serve, foi muito dignamente festejado, ainda não há muito, na Casa do Algarve, em Lisboa. A ocasião era de festa para aquela Casa Regional e de lembranças altas por João de Deus – foi igual no apreço, por duas outras pessoas: o Eng. Sande Lemos e o escritor Pedro de Freitas. [...] É sempre com prazer que assistimos às caminhadas do seu espírito moço a perpetuar-se cada vez mais em altas definições do aprumo, a saber definir-se como um estudioso sempre atento aos seus ideais humanísticos, a saber emancipar-se face ao tempo, no respeito pelo passado e pelas tradições e sem olvidar o presente. Pedro de Freitas – figura octogenária de um Homem de bem, eterno fidalgo das cortes da Honradez, antigo ferroviário que soube engrandecer a sua profissão, velho Combatente da Grande Guerra – viu junto de si, no festival de apreços da Casa do Algarve, a palavra Amiga que se transformou num abraço, o enlevo dos seus comprovincianos, caldeado com o louvor dos seus mais dilectos admiradores e amigos. Conheço e admiro o Escritor Pedro de Freitas desde aquele tempo antigo em que vivi no Barreiro, esta laboriosa urbe onde nasceu meu Filho. [...] Os valores de esperança de Pedro de Freitas são os seus exemplos e o seu esforço! São o equilíbrio da sua Obra e a sua vocação de amor e de respeito pelo próximo traduzida em todos os actos da sua vida»²⁷²⁹.*

²⁷²⁸ Anónimo, “Pedro de Freitas distinguido no aniversário da Casa do Algarve”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 06-04-1978.

²⁷²⁹ Mota, Mário, “O Escritor Pedro de Freitas Esteve em foco na Casa Regional da sua província natal A Casa do Algarve, em Lisboa”, Em *Jornal do Barreiro*, Barreiro, 02-06-1978.

Pedro de Freitas: «E no presente ano, em Março findo, a «CASA DO ALGARVE», em Lisboa, sob a Presidência do considerado amigo sr. Joaquim António Nunes, leva a efeito uma fraterna homenagem, como se fosse o próprio Algarve a abraçar-me enternecidamente»²⁷³⁰.

²⁷³⁰ Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, p. 34.

7.6.f. Homenagem prestada pelo Barreiro

Luís Cabral Adão apresenta à Câmara Municipal do Barreiro a proposta e os fundamentos apresentados por Artur Tavares, em 1978, para colocar uma toponímia com o nome de Pedro de Freitas: *«Entre os valores de que o Barreiro se orgulha na inclusão do seu perímetro cultural, há um homem de Loulé, seus 89 anos feitos, que em várias facetas do seu poliedro de características se notabilizou. E de tal forma se ergue a fama dos seus feitos, que já em Maio de 1978 Artur Tavares, do Concelho Municipal do Barreiro, apresentara na Câmara da laboriosa vila um projecto de proposta deste teor:*

Proponho que a Câmara Municipal do Barreiro na brevidade possível, num gesto de reconhecimento e de justiça, enriqueça e nobilite a toponímia barreirense com o nome do escritor - Autodidacta Pedro de Freitas.

Fundamentava Artur Tavares esse projecto em vários considerandos, nos quais avultam:

- A sua radicação no Barreiro há mais de 50 anos, constituindo aí família com filhos e netos;*
- O despertar para as Letras nesse seu segundo berço, há. 48 anos, somando uma obra de 16 livros dum interesse geral, incontestável;*
- O seu debruçamento sobre a música popular em Portugal e a sua devoção às filarmónicas, a ponto de a UNESCO reconhecer de muito mérito para a historiografia da música popular, o seu ensaio sobre o aliciante tema;*
- A colaboração dada em muitos anos da sua vida à actividade cultural e artística da vida associativa barreirense;*
- A sua ficha de trabalhador incansável, elevando bem alto os ideais da vida, lídimo exemplo de homem lutador, que se fez à custa de muito esforço e perseverança, apresentado às gerações de jovens que se lhe seguiram;*

Finalmente, a afirmação de ser um dilecto filho deste concelho, apesar de nascido em Loulé, terra que muito tem exaltado, orgulhando-se das suas duas pátrias cívicas. [...] Julgo interpretar a situação como uma balança que se quer equilibrada com um mínimo de precisão. E só quando o prato do Barreiro ficar ao nível do prato de

*Loulé, se considerá justiça feita, justiça de equidade e de acerto concedida a alguém que foi, e continua a ser, uma vida recheada de exemplos, de dignidade e de devoção às causas nobres, vida do povo nunca enjeitada, antes realçada e bem alto erguida. E que o Barreiro o recorde numa placa de toponímia enquanto for vivo*²⁷³¹.

Carlos dos Santos Costa, Presidente da Assembleia Geral da *Sociedade Democrática União Barreirense «Os Franceses»*, Barreiro: «*Deste modo, e ainda que tardiamente tivesse tomado conhecimento desse relevante facto, não podíamos de forma alguma ficar indiferentes à comovedora festa que a sua Câmara de Loulé em feliz hora decidiu prestar ao ilustre e octogenário conterrâneo, pelos bons serviços prestados à Cultura Popular, quer no campo da música como amador de grande mérito que foi, quer no difícil campo das letras como escritor e auto didacta de bom nível.*

*Honrados a nossa Sociedade, por ter sido um seu antigo executante da nossa saudosa e extinta Banda de Música de bons pergaminhos, durante muitos anos, e o Barreiro por o contar como um dos seus filhos adoptivos que muito o prestigiam, é-nos particularmente muito grato, dar-lhe por esta forma conhecimento da decisão acima referida, relativa à pessoa de V. Ex.^a, da qual sou interprete, fazendo votos para que tenha ainda muitos anos de vida, para poder continuar a produzir mais obras do nível daquelas a que já nos habituou»*²⁷³².

A Câmara do Municipal do Barreiro editou uma brochura, “Feriado Municipal”, no dia 7 de Outubro de 1984. Deste modo, pelas 21 horas, em Sessão Solene realizada na Sociedade dos Penicheiros, prestou-se uma homenagem às figuras que se destacaram no Barreiro pelos seus *Bons Serviços*²⁷³³. Neste contexto, João Liberal, escritor e poeta barreirense, referiu que Pedro de Freitas foi reconhecido: «*Também a Câmara Municipal apreciou o seu labor e concedeu-lhe a Medalha de “Barreiro Agradecido” (1984)*»²⁷³⁴.

²⁷³¹ Adão, Luís Cabral, “Pedro de Freitas”, Em *O Jornal do Barreiro*, Barreiro, 18-11-1983.

²⁷³² Costa, Carlos dos Santos: “Carta a Pedro de Freitas, 22 de Dezembro de 1978, Barreiro”, Em Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, p. 56.

²⁷³³ Comunicado e Programa do Feriado Municipal do Barreiro, de 7 de Outubro de 1984, [Em Envelope Castanho da Câmara Municipal de Loulé, no *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*].

²⁷³⁴ Liberal, João, *Da Minha Terra*, Vol. II, Barreiro, Câmara Municipal do Barreiro, 1996, p. 130.

7.6.g. Homenagens prestadas por colegas e amigos

Manuel da Silva Dionísio, capitão e maestro da banda filarmónica da *Guarda Nacional Republicana*, Lisboa: «*Amigo e Senhor Pedro de Freitas*.

[...] *Confessando-me um seu admirador mais uma vez o felicito e abraço-o como velho companheiro na senda bem definida da valorização cultural do Povo pela Música*»²⁷³⁵.

Armando de Mendonça Escoto, compositor, capitão, maestro e chefe da *banda de música Infanteria n.º 5*, nas Caldas da Rainha: «[...] *ilustre louletano, que, pelas suas extraordinárias faculdades de trabalho, tanto como de escritor, tanto como musicólogo, quer ainda, e muito particularmente, pela espantosa e meritória actividade despendida numa obra que iniciou e elevou a um plano deveras notável em prol das Bandas de Música Cívica, e também sem menosprezo dos seus interessantes trabalhos de composição musical, de que há muito admiro e aprecio: - o Senhor Pedro de Freitas, meu prezadíssimo amigo e, algumas vezes, companheiro em lides musicais, que saudosamente recordo*»²⁷³⁶.

Manuel Sequeira Afonso: «*Pedro de Freitas pertence a uma geração diferente de Laginha Sarafim: o primeiro tem hoje 84 anos e o segundo rondará os 50. Mas Pedro de Freitas já no princípio do século imaginava, também ele, a sua Universidade – e é assim que o sabemos, «caixeiro pobre», e, mais tarde, funcionário dos caminhos de ferro, preocupado em recolher os preciosos ensinamentos da vida (como Máximo Gorki, que, na vida teve também a sua universidade) para, mais tarde, os plasmar, exemplarmente, em numerosos (creio que 15) livros publicados.*

O autor de «Quadros de Loulé Antigo», «França 30 Anos Depois», «Eu fui à Índia», «A vida de um Ferroviário» e de outros títulos, foi homenageado, recentemente, pelos

²⁷³⁵ Dionísio, Manuel da Silva: “Carta a Pedro de Freitas, 25 de Novembro de 1978, Lisboa”, Em Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, p. 49.

²⁷³⁶ Escoto, Armando de Mendonça: “Carta a Pedro de Freitas, 29 de Novembro de 1978, Lisboa”, Em Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, pp. 49-50.

conterrâneos, que dedicaram o nome de Pedro de Freitas a uma rua de Loulé. Justa homenagem, há muito anunciada, a que se associaram muitos admiradores daquele publicista.

Conheço pessoalmente Pedro de Freitas (o mesmo não acontece quanto a Laginha Sarafim) e sempre nele a «eterna juventude», a vivacidade de um corpo franzino, e contudo pleno de energia, o seu constante incitamento aos mais jovens e, sobretudo, o seu notável amor à escrita, aos jornais, aos livros – sem aquela «febril aguda» que ataca muitos dos chamados intelectuais do nosso reino literário, vogando sempre lá por cima...

Porque Pedro de Freitas não procurou, com os milhares de páginas que escreveu, alcançar o Olimpo das letras; porque ele se considera «um escritor do povo»; porque nunca ganhou um tostão com as suas obras... por tudo isso e muito mais, é hoje, como Laginha Sarafim, um homem que honra o Algarve e que merece ficar registado na memória dos algarvios»²⁷³⁷.

João Liberal, escritor barreirense: *«Foi musicólogo, articulista jornalístico e escritor. Fez um ror de coisas, nunca dando descanso às horas livres da ocupação profissional... De uma dedicação ímpar às filarmónicas, desempenhou importantes funções na organização de festivais e concursos de Bandas de Música, de iniciativa da F.N.A.T. (presentemente I.N.A.T.E.L.), com a qual trabalhou e serviu durante largos anos... Pessoa de espírito apurado, dedicou-se francamente, de alma e coração, à arte dos sons, tendo sido por esse motivo imensamente considerado... Uma outra faceta do biógrafo, de mérito reconhecido, constituiu na escrita; ele pôs, em livro seus conhecimentos e memórias. Um verdadeiro escritor que editou, em vida, nada menos que dezasseis obras, com um total de 3.365 páginas... Claro que ao elogiar o escritor, não vou ao ponto de pensar que as suas obras são de alta literatura. Nada disso. Escolheu temas interessantes e desenvolveu-os numa linguagem simples, por vezes muito popular. E é quanto basta. Com os seus trabalhos literários, ainda que sem grandes voos, acabou de prestar, inequivocamente colaboração apreciável à cultura.*

²⁷³⁷ Afonso, Manuel Sequeira: “Um Engenheiro e um publicista que honram o Algarve”, Em *Jornal do Algarve*, Vila Real de Santo António, 29-12-1978; ou Afonso, Manuel Sequeira, “Um Engenheiro e um Publicista que honram o Algarve”, Em Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, pp. 85-86.

Pedro de Freitas foi mais longe: entrou na área do jornalismo. No mais puro amadorismo, escreveu centenas e centenas de artigos para jornais regionalistas. Desde a crónica ao artigo passando pela reportagem, da sua caneta saiu um pouco de tudo. De entre os periódicos a que deu colaboração, e foram inúmeros, destaco o “Jornal do Barreiro”, que mantém um lugar respeitável no contexto da comunicação social regional.

Teve um percurso cultural expressivo e claro, até porque não se ficou pela música, pelos livros, pelo jornalismo; também pronunciou conferências em várias localidades do País... Pedro de Freitas foi um homem incansável, irrequieto, dinâmico, dado a mais que um sonho, com predominância para a música... Conversador nato, com ele troquei impressões continuadas sobre as filarmónicas, o seu Algarve sempre presente, a vida ferroviária, o Barreiro que o acolheu, a sua obra literária. Dava gosto de conversar com Pedro de Freitas porque, inteligente e compreensivo, sabia fazer amigos. Muito merecidas, pois, as provas de simpatia ao longo da sua existência, das terras algarvias ao norte do País e Ilhas. E também da Índia (então colónia portuguesa) porque não o dizer?

Foram-lhe atribuídas várias distinções. Algumas tiveram a ver com a sua condição de combatente na guerra, outras com a personalidade pronunciadamente cultural.

A F.N.A.T. prestou-lhe homenagem significativa (1971), e a sua terra natal, Loulé, inscreveu o seu nome toponímia local, precisamente na rua onde nasceu. Também a Câmara Municipal apreciou o seu labor e concedeu-lhe a Medalha de “Barreiro Reconhecido” (1984). O seu nome figura no “Colóquio Internacional De Estudos Luso-Brasileiros”, em Washington, respectivo livro de Exposição, a páginas 55 a 141.

Pedro de Freitas simboliza e confirma o pensamento de que uma pessoa pode realizar algo concreto, elevado mesmo, não possuindo conhecimentos profundos de literatura. A prática da vida, no dia a dia, a aplicação a sério a uma arte, seja de artífice ou de outra das chamadas clássicas, como a música, a pintura, etc., é uma autêntica escola. E muitos homens foram grandes, sem terem tirado cursos universitários»²⁷³⁸.

²⁷³⁸ Liberal, João, *Da Minha Terra*, Vol. II, Barreiro, Câmara Municipal do Barreiro 1996, pp. 126-130.

Luís Cabral Adão, médico estomatologista: *«Desde que o conheci, nas andanças das sociedades de recreio, que me solicitaram a cada passo em dias festivos, logo o fiquei a admirar e a estreitar num abraço de consideração e respeito que durou até hoje. Tenho seguido de perto a sua actividade literária, jornalística, musicográfica e, sobretudo, tenho admirado o seu bairrismo, o seu louletanismo, o seu algarvismo – eu, que sou transmontano, do terrunho onde se quer à raiz com verdadeira loucura. Por isso eu exulte com esta iniciativa da terra natal prestar culto de gratidão e de realce, a quem tanto a ilustra no campo da sua vocação.*

[...] Pedro de Freitas levou o nome e a fama de Loulé ao Barreiro, onde vive há 67 anos, a Belmonte, a Viseu, a Lourdes, à Índia, a Cartaya, na Andaluzia, à Flandres, à Madeira, aos Açores, a toda a parte por onde a sua palavra fluiu, quer por via da música popular, quer pela sua vocação jornalística, quer no simples convívio, aliciante e consolador»²⁷³⁹.

Anónimo: *«Pedro de Freitas é nosso prezado amigo no Barreiro e foi, durante muitos anos um jornalista de mérito e escritor de bons recursos, além de músico, compositor e musicólogo, numa actividade de dezenas de anos dedicada ao Algarve. Esteve presente no II Encontro da Imprensa Regional onde deixou bem marcada a sua posição. Nesta hora de justa consagração, associamo-nos com todo o prazer de quem vê no homenageado o merecimento de tal distinção»²⁷⁴⁰.*

Manuel Guerreiro Farrajota: *«Ao referir-me a Pedro de Freitas, conterrâneo amigo por quem nutro elevada admiração e estima, aproveito o ensejo para, calorosamente, apoiar o alvitre de «A Voz de Loulé» no sentido de a este louletano ser concedida a Medalha de Loulé, como preito de gratidão, há muito devida, pelo seu amor e dedicação ao torrão natal durante toda a sua longa vida, bem expressos na valiosa obra literária que lhe tem consagrado, enaltecendo-o com bairrismo insuperável. Com efeito, Pedro de Freitas faz tão vasta e pormenorizada descrição, profundamente realista, das tradições, costumes e folclore; foca tão notoriamente as*

²⁷³⁹ Adão, Luís Cabral: “Carta ao Presidente da Câmara de Loulé, 24 de Novembro de 1978, Almada”, Em Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, pp. 50-51.

²⁷⁴⁰ Anónimo, “Pedro de Freitas - Musicólogo no II encontro na imprensa Regional”, Em *A Avezinha*, Paderne, Dezembro de 1978. Ou Anónimo: “Pedro de Freitas - Musicólogo no II encontro na imprensa Regional”, Em Freitas, Pedro de, *A Homenagem da Vila de Loulé a Pedro de Freitas (2-12-1978)*, Loulé, Câmara Municipal (ed.), Pedro de Freitas (coord.), 1979, pp. 86-87.

grandes e modestas figuras, do passado e contemporâneas, nascidas em Loulé ou aqui se fixaram e de algum modo se celebrizaram, tornando-se inesquecíveis para a posteridade, e alude, enfim, a tantos eventos regionais que a sua obra constitui perfeita antologia em prol do seu amado concelho, e que eu ousaria sugerir à vereação louletana a iniciativa de a mandar editar, sendo possível um só volume, a promover a sua divulgação em condições de fácil aquisição para conhecimento do muitos, recordação de alguns (recordar é viver) e apreço de todos.

Estou crente de que, sobretudo para os que há muito se ausentaram, a leitura desse livro constituiria um bálsamo para a saudade da terra que não esqueceram e, quiçá, atracção para uma vinda até cá»²⁷⁴¹.

Luí Cabral Adão, médico estomatologista: *«Imaginemos um salto de Loulé ao Barreiro, e Évora no meio. Isto para falar dum homem nascido em Loulé, morador no Barreiro e o nosso Notícias a mencioná-lo. Inter-relação alongada e certa.*

Trato aqui de Pedro de Freitas, um homem singular que merece atenção e admiração, tal é a sua vida de 89 anos, feitos em Maio. Ferroviário por profissão, músico por vocação, escritor por inspiração.

Aos oito anos já recebia lições de música de seu pai e, em Faro, aos dez, fazia a instrução primária e continuava a receber lições de iniciação musical de professor abalizado. Em 1907, com treze anos, estreou-se como filarmónico na Sociedade Artistas de Minerva. O fermento não mais deixaria de levedar aquela boa massa...

Aos vinte e três anos, casadinho há um, parte para França integrando O Corpo Expedicionário Português nos campos da Flandres. Um ano depois, consegue este milagre audacioso: fundar uma banda de música, que regia e que se tornou, tempos depois, uma das melhores bandas do exército português.

Por cartas que escrevia à família e aos amigos, relatando acontecimentos dos campos de batalha, viu-se que tinha uma invulgar habilidade para redigir. Essa prenda o fazia escritor, iniciado com o livro «As Minhas Recordações da Grande Guerra» (1935), continuado com «Em França, Trinta Anos Depois».

Nos restantes dezasseis livros que até à data publicou, incluem-se temas de música popular e bandas civis, memórias dum ferroviário, crónicas de viagem à Índia, à Madeira e aos Açores, exaltação a Cartaya, na Andaluzia, cujo AYUNTAMIENTO o

²⁷⁴¹ Farrajota, Manuel Guerreiro, “Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 07-07-1977.

homenageou, contos e aspectos monográficos da sua Loulé, que estremece com profundo amor nativista.

Conheci-o em festas de aniversário de várias sociedades de recreio, onde ele e eu deitávamos fala a enaltecer esses baluartes de cultura e descontraído entretenimento, e ficámos a estimar-mo-nos pela vida da admiração mútua.

Pedro de Freitas não é qualquer um: vimo-lo homenageado há cinco anos na sua terra natal, além de grandes provas de consideração e apreço que de todo o lado recebia, com a aposição do seu nome na rua, em que nasceu. Loulé, essa que, por sua mão, recebia em 1938 a visita dos ex-combatentes do Batalhão de Sapadores do Caminho de Ferro (Sempre Fixe), em que prestou serviço militar, numa comitiva que em número rondava as trezentas pessoas, sendo a mais grada o General Raul Esteves, seu comandante; Loulé, essa que por um pouco não teve uma variante de caminho de ferro a rodar-lhe intra-muros, escapando-se por uma unha negra a oportunidade que ele e outros louletanos de gema, tão esforçadamente desejaram, para a respectiva concretização. Nunca viajo pelo Algarve, ou que me demore em férias pela província, que não visite a sua terra, para ler-lhe o nome na esquina do antigo largo do Carmo, para, no largo da Matriz, ler a toponímia actual, que refere o Batalhão Sempre Fixe e os seus feitos, e que não dê um pulo ao cabeço onde branqueja a ermidinha de Nossa Senhora da Piedade, a Mãe Soberana, para rogar pelas felicidades da terra e dos seus filhos, destacando este meu ínclito amigo, que me habituei a respeitar e a admirar, como ele, pelos seus dons de valia, me merece.

Loulé o deu, Barreiro o guarda, Évora o propala.

Dr. Luís CABRAL ADÃO²⁷⁴².

João da Cruz, antigo secretário da Câmara Municipal de Almada, escritor e poeta: «Afora as tentativas de natureza etnográfica que nos têm posto em contacto com o folclore de algumas das regiões mais características do nosso País, ninguém se tinha preocupado até há poucos anos com a vida recreativa ou artística das bandas de música marciais ou civis, às quais se deu, com toda a propriedade, o apelativo de filarmónicas, e que foram os primitivos órgãos divulgadores de toda a música popular portuguesa. Essa lacuna foi, porém, há pouco preenchida. Meteu ombros à tarefa Pedro de Freitas, homem que, à margem das suas ocupações profissionais, e

²⁷⁴² Adão, Luís Cabral, “Loulé, Barreiro, Évora”, Em *Notícias d' Évora*, Évora, 25-10-1983.

como se diz do pintor Ingres, em relação ao seu violino, tem uma extraordinária paixão pela música, dominadora, inauferível, que o há-de acompanhar, como uma melodia embaladora, até à eternidade. [...]

Pois não obstante estes desvios fatais, que afastam os homens, quase sempre, irremediavelmente, do trilho das próprias vocações – produto de uma organização económica ingrata a quem, em regra, pouco interessam testes ou as condições psico-fisiológicas de cada indivíduo, porque, para certos, o sapateiro há-de ser filho de sapateiro, como o médico há-de ser filho de médico -, pois não obstante estes desvios fatais, dizíamos, Pedro de Freitas consegue ser, com a pertinácia dum autodidacta, excelente músico, honesto historiador da vida simples dos organismos musicais, que o povo criou e mantém, e crítico musical, de voadoiros simples, mas de critério equilibrado e imparcial. [...]

Na escala dos valores humanos, Pedro de Freitas vale objectivamente mais pelo que já conseguiu ser e pelo que nos tem dado, do que, em correspondência com as aspirações dos seus admiradores, nos pudesse vir ainda a dar, se, em vez de viver na terra atingisse Sirius.

O que nos doi é ver que o criador da Banda do Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro, o autor de «As Minhas Recordações da Grande Guerra» e o da célebre «História da música Popular em Portugal», não nos possa dar toda a medida do seu belo talento, desviado pela materialidade da profissão de que arranca o pão de cada dia, do campo artístico e mental onde se respira o clima propício aos largos haustos do artista, do escritor e do crítico, que o que quer ser livre e independente.

É isto que nos doi, dissemos; mas é também isto que, paradoxalmente, nos leva a admirá-lo e a considerá-lo cada vez mais, porque muito muito prezamos e admiramos os pequenos que se fazem grandes, pelo desprezo que sentimos pelos grandes que se fazem pequenos»²⁷⁴³.

²⁷⁴³ Cruz, João Luís da: “Obras Críticas e Impressões”, Em Freitas, Pedro de, *Memórias dum ferroviário revisor de bilhetes: descrição de 40 anos vividos em comboios: sugestiva lição de vida social, ferroviária, sexual, educativa, profissional, psicológica, etc*, Montijo, Pedro de Freitas (ed.), 1954, pp. 240-242.

José Maria da Piedade Barros: «*O amor ao trabalho, ao estudo, a sua ânsia de se valorizar para ser útil ao seu semelhante foram sempre uma constante a acompanhar Pedro de Freitas ao longo da sua vida. Por isso se pode dizer que venceu lutando. Quer na sua vida profissional como ferroviário, quer na vida artística como apaixonado pela arte de Mozart, ou ainda na sua vida cultural como autor de vários livros e de milhares de artigos espalhados pelos jornais portugueses, sempre Pedro de Freitas se apaixonou por aquilo que fez. É, portanto, perfeitamente aceitável que sinta uma pontinha de vaidade (um estímulo nas pessoas não é defeito) por aquilo que fez e pelo que de si têm dito os seus amigos. [...] É todo o enaltecimento das virtudes inatas dum homem bom, puro, no sentido humanitário do termo, amigo dos amigos e reconhecido aos que lhe dedicaram amizade. Amizades que lhe ficaram gravadas no coração e que não esquece*»²⁷⁴⁴.

José Piedade Júnior: «*Conheci este «rapaz» teria ele ultrapassado já a casa dos setenta... E dou graças por, ainda que já tarde, havê-lo topado no meu caminho. É que encontrei nele um homem simples, sem peneiras... Um homem, enfim, que é simultaneamente um homem de bem. Um homem, pois, como aqueles que se contam actualmente pelos dedos...*

Tendo frequentado apenas a escola primária, então mais primária que actualmente, Pedro de Freitas teve, como eu e como tantos outros, de se cultivar a si próprio, lendo e relendo, e extraindo depois do que lia e relia um resumo das teorias com que ia contactando.

*E assim, mercê do seu espírito assimilador, que enriqueceu, adquiriu a possibilidade de transmitir aos outros, pela escrita, o que arrecadando ao longo dos anos, valorizando-o. E foi assim que ele se fez jornalista e foi assim que ele se fez igualmente escritor e também musicólogo*²⁷⁴⁵.

²⁷⁴⁴ Barros, José Maria da Piedade, “A Razão de uma Atitude”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 14-04-1977.

²⁷⁴⁵ Júnior, José Piedade, “Pedro de Freitas”, Em *A Voz de Loulé*, Loulé, 07-12-1978.

Luís Cabral Adão: *«E sou muito amigo e admirador de Pedro de Freitas, este apenas com 87 anos de idade, espírito de refinada cultura por auto-didatismo, um estremenho-algarvio estimadíssimo desde Loulé ao Barreiro, desde a música popular às recordações de ex-combatente da Flandres, desde o plunitivismo ao fomento de amizades.*

Pois Pedro de Freitas, que eu conheci nas sociedades de cultura e recreio, encontrando-nos em festas comemorativas para louvá-las, é meu par no jornalismo regional, especificando neste semanário setubalense»²⁷⁴⁶.

²⁷⁴⁶ Adão, Luís Cabral, “Idosos”, Em *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 01-09-1981.

7.7. Complemento sobre a postura política de Pedro de Freitas

7.7.a. Uma carta de Manuel José de Arriaga

Manuel José de Arriaga (mandato na Presidência da República de 1911 a 1915):
«Meu caro Pimenta de Castro: «Vejo-me violentado a intervir novamente nessa amaldiçoada barafunda política em que as paixões sectaristas e a intolerância dos velhos costumes têm envolvido esta nossa querida Pátria. Se não se acode desde já com firmeza e prontidão no incêndio em que as facções estão ardendo há muito tempo, como desejando reconduzir tudo isto à podridão e à miséria, estamos perdidos. Isto não são frases: Isto é uma inevitável realidade! Careço de ti e de forma que sem ti poderá caducar para sempre o remédio a dar-se ao grande mal. Em duas palavras: preciso dum governo extrapartidário com o acordo, senão de quase todos os partidos (e talvez se consiga) ao menos por quase unanimidade, para atalhar o antagonismo que pretendem introduzir entre a República e o Exército. Deste governo serás o presidente e ministro do Interior, e será ministro dos Estrangeiros o Freire de Andrade, ou outro de igual valor.

Os mais serão escolhidos pelos três partidos políticos militantes conforme ajustarem entre si, quando se possa conseguir, com a cláusula expressa de ficar interdita entre eles a política partidária até às eleições gerais.

O teu austero e belo nome servirá para garantir a genuinidade do sufrágio, a conciliação e a paz na República e no Exército.

Esta ideia, que há um mês atrás era repelida pelos políticos militantes, hoje dizem-me e eu creio, será aceita, imposta pelas imperiosas forças das circunstâncias. Eu e que ansiava ir-me embora, conservo-me ao teu lado até ao fim da chefatura (e que grande sacrifício não faço em ficar!). É necessário que outro tanto te suceda.

Tem paciência. Somos dois velhos que nos vemos obrigados a dar alento aos novos. Por tudo pois te peço que neste momento tão angustioso para mim e tão grave para a Nação, não te esquives; não venhas com evasivas.

Peço-te em nome da República e da Pátria que não me abandones. Será curto o nosso cativeiro e ao fim dele seremos compensados com a paz da nossa consciência por não havermos servido de algum bem à gloriosa Pátria onde nascemos»²⁷⁴⁷.

²⁷⁴⁷ Arriaga, Manuel José de: “Carta de Manuel José de Arriaga ao General Joaquim Pereira Pimenta de Castro, 23-01-1915”, Em Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal *O Distrito de Setúbal*, 1976, pp. 76-77.

7.7.b. Uma carta de Henrique Mitchell de Paiva Couceiro

Henrique Mitchell de Paiva Couceiro, monárquico, oficial do exército e político administrador em Moçambique e Angola: «*O governo, porque não tem no seu lugar os símbolos da virilidade, põe-nos em risco de perder Angola. Pela minha parte, se vejo isso, talvez me não sustenha na paz. Hão-de pagar as suas graves culpas, de incompetência e fraqueza, os governantes actuais. Com as direitas não me entendo, porque só servem para ser montadas. Mas talvez ainda haja gente de combate – mesmo que seja pelas esquerdas*»²⁷⁴⁸.

²⁷⁴⁸ Couceiro, Henrique Mitchell de Paiva: “Carta de Henrique Mitchell de Paiva Couceiro (monárquico, oficial do exército e político africano), ao Capitão Mário Pessoa, 13-11-1935”, Em Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “*O Distrito de Setúbal*”, 1976, p. 72.

7.7.c. A interpretação de Pedro de Freitas às máximas da avó

Pedro de Freitas: «JUSTIÇA BRANDA POVO REBELDE.

ESTADO RICO POVO POBRE,

ESTADO POBRE POVO RICO».

Duas frases de sentido profundamente social-político, que o meu espírito de criança, há uns bons setenta anos, ouviu sem lhes dar o devido alcance. E saberia minha avó, quando me injectava essas máximas, o que elas queriam dizer no seu efeito real? É possível, uma vez que a experiência e os anos são os Mestres da Vida.

Não tinha eu idade para destrinçar tão significativas frases. E longe estava para sentir e perceber dos ambientes das misturadas políticas. Mas rondam os anos e, sem ser político, atinjo o poder de observação e compreendo e vivo, infelizmente, a malvada política. E hoje muito me lembro das duas simples frases que minha avó, do seu vasto mostruário historiográfico, me fez soar nos ouvidos e fixar na memória para as amoldar ao que presentemente se passa.

E o que me diz o presente? Que minha avó foi uma vidente: acertou no que deveriam dar nos vai-vens da política, setenta anos volvidos, a realidade das referidas frases. Pois a revolução sem sangue, apenas feita com o agradável odor dos cravos vermelhos, assim lhe deu razão.

Vinte cinco de Abril de 1974!

A Nação cansada do regime de força de cerca de cinquenta de ditadura, na sua esmagadora maioria abraça esse movimento militar. Explosão inesperada, algemas cortadas, vozes que falam, alegria que trasborda, liberdade que se respira, prisões que se abrem, toda uma ONDA de renovação que bem ficaria ligada à alma liberal portuguesa se, nos homens responsáveis e na massa popular, houvesse, nuns e noutros, o devido respeito pela vida política e social de todo o cidadão português:

- se fosse adoptada a política imparcial de captação e de simpatias (não de ódios nem de vinganças);

- se a lição bem experiente do passado os levasse a caminharem de mãos dadas e corações ao alto na melhor fraternidade possível para, só assim, se construir um Portugal novo; e,

- se em ambiente de respeito ao camaradismo trabalhador, ele fosse extensivo tanto a governados como a governantes.

Mas não! Os ódios, as vinganças, a «hora é nossa», os aventureiros, os loucos desmandos das minorias, a confusão, o desrespeito, a anarquia, o excesso de liberdade a roçar pelo caos, o «agora ou nunca mais», o roubo, os assaltos selvagens, o alheio «é nosso», a barafunda dos cartazes, as agitações das massas, galvanizadas a brandirem por todos os moldes a sua bilis política, os gadelhudos a mandarem; o boicote às indústrias, aos patrões, aos senhorios, aos governantes; a euforia do «JÁ... Já... Já...» agressiva e insolente, em comunicados, em telegramas, em ofícios; e as normas adoptadas do «feche a porta, comício à tarde, se não fecha apedrejam-lhe as montras do estabelecimento», todo este poder anárquico levou governantes a deixarem-se arrastar pela onda política: a rua, os comícios, as marchas aguerridas e contundentes. E, Governos frouxos, a sua autoridade constantemente é alvejada com intimativas:

«Se os pedidos não forem satisfeitos até dia X, optaremos por novas formas de luta». Inconcebível! E onde estava o governo que tão autoritário ultimato recebeu?

Eis uma triste situação política que faz mudar quem outrora condenou o regime salazarista, hoje a dar-lhe razão.

Minha avó foi profeta: «Justiça branda povo rebelde»!

No que se refere à outra frase, infelizmente ela também ornamenta a série de anormalidades em que tudo gira, actualmente, social e politicamente.

Salazar, especialista em amealhar, foi chamado para pôr a «CASA EM ORDEM». Cercando liberdades e exercendo opressão, amealhou, de facto. E o «25 de Abril» - dizem as gazetas - encontrou reservas valiosas. Deste modo, a política do regime deposto foi um Estado rico. Ao contrário, os trabalhadores, por serem bem explorados, não ganhavam o suficiente. O seu rendimento de produção era avaliado, sendo-lhes arbitrado, consoante, o respectivo ordenando. A pobreza era o seu calvário! Daí a revolta surda que tudo fez mudar.

Vieram as liberdades máximas! Os governos esgotam as reservas encontradas, elevaram e unificaram ordenados sem considerarem as produções individuais e as antiguidades de cada trabalhador. E o «volte-face», como não poderia deixar ser, operou-se: o Estado, que fora rico passou a ser pobre à beira, mesmo, da «bancarrota», e a massa operária, sem controle de produção, passou à escala geral de rica.

Com esta prova real tirada às frases da filosofia do minha avó, só hoje lhes encontro o significando certo:

«ESTADO RICO POVO POBRE, ESTADO POBRE POVO RICO».

O que nos leva a dizer que, em política:

Agitar massas populares é prejudicial ao bem e até aos próprios impulsionadores.

Pacificar, educar, evoluir com educação e disciplina moral e cívica, é obra útil aos sectores da vida social, económica e humana. Se esta meritória política fosse, por todos os partidos, praticada, poder-se-ia atingir a verdadeira felicidade dos POVOS. Só assim!

O contrário... continua o Cartaz Berrante que tem séculos de existência, mas que, até hoje, ainda não encontrou a «felicidade» tão marteladamente apregoada...

Não confundir – agitar, é coisa fácil; disciplinar, é coisa difícil. Há, pois, que ser-se bem formado para se conseguir vencer o difícil.

*Os antigos eram peritos em seus vaticínios! Minha avó acertou, Deus a tenha no céu!
10/3/1976»²⁷⁴⁹.*

²⁷⁴⁹ Freitas, Pedro de, *Páginas históricas do Passado*, Setúbal, Separata do jornal “O Distrito de Setúbal”, 1976, pp. 79-82.

7.7.d. O significado da FNAT para Pedro de Freitas

Pedro de Freitas: *«O que ouvi induz-me a opinar que dentro de breves semanas vai dar-se no País o primeiro grande concurso nacional de bandas civis, organização de alto nível promovida pela F.N.A.T., e que, não podendo o Algarve dar grande representação, só Tavira e talvez Loulé, possam dar a esse movimento a sua colaboração. Não poderá Tavira concorrer às primeiras categorias. Mas às segundas e terceiras poderá dar o seu concurso, se para tanto o entusiasmo dos seus executantes, associados e população, cerrarem fileiras e todos, se votarem a obter, nesse nacional concurso de estímulo e orgulho regional, o melhor prémio em troca das melhores boas vontades.*

*Há que infalivelmente abraçar-se essa obra oficial que custará à entidade organizadora algumas centenas de milhares de escudos. Será o primeiro passo oficial para melhorar a situação aflitiva do meio filarmónico em geral*²⁷⁵⁰.

Pedro de Freitas: *«Saiu já o regulamento definitivo do grande Concurso Nacional das nossas filarmónicas, impulso a todos os títulos estimulante e sem dívida poderoso que a F.N.A.T. pretende dar ao meio musical civil português. Averiguadas as situações aflitivas do meio; ouvidos delegados de todo o País e cada um expondo as críticas posições das bandas das suas regiões, o apuro final é que todas elas carecem de amparo. Assim, é de esperar que o Estado olhe para essa força espiritual portuguesa com a devida atenção para manter-se viva tal chama popular cujo início data do tempo dos nossos avós. E para que não se perca essa preciosa continuidade, é de toda a justiça que, quem de direito, salve essa obra popular da morte para que caminha. Para tão generoso como patriótico fim, a F.N.A.T. chama agora a si a delicada missão de iniciar o antídoto. Ouviu, estudou, e dessa atenta análise chegou à conclusão de que algo tem de fazer. E vai tentar! Não é já – porque tal não pode ser – o remédio indispensável de cura. Não! O «doente» está muito combalido, foi atacado profundamente nos alicerces, e é preciso que agora vá gradualmente*

²⁷⁵⁰ Freitas, Pedro de, “A Banda de Tavira dá concertos públicos”, Em *Povo Algarvio*, Tavira, 05-07-1959.

entrando na convalescença, para depois caminhar à vontade na senda do mais e do melhor. É chegado o momento de todos os esforços se conjugarem no sentido de se levar por diante uma acção que dignifique a vida de tantas boas vontades em dar ao povo a música que ele criou e deseja manter. O concurso tem disposições que correspondem às situações de todos os agrupamentos filarmónicos – Três categorias. Desde a melhor banda civil à mais modesta filarmónica, todas têm o seu quinhão bem repartido e bem definido. Prémios valiosos, viagens pagas, alimentação fornecida gentilmente, tais são os estímulos que a F.N.A.T. coloca à disposição dos concorrentes. E' preciso agitar, revolucionar e entusiasmar o meio associativo, para que resulte o esforço inicialmente despendido. [...] Nesta divisa vai toda uma sincera vontade de dar às bandas civis os revigoramentos de que necessitam. Apareceu a entidade que pode fazer para que elas se livrem da aflitiva situação em que se encontram. Mas nem tudo essa entidade oficial pode fazer. Parte do importante papel a desempenhar para a salvação do que resta da tremenda tempestade que assaltou, cabe positivamente às respectivas colectividades. E' preciso que haja aprendizes, é preciso que haja músicos, é preciso que haja sócios e partidarismos musicais; numa palavra: espontânea vontade das colectividades para que elas singrem e mereçam, depois pela confiança que irradiem, os carinhos de que necessitam. Carinhos que poderão ir até à melhoria da situação económica dos respectivos executantes-amadores. E o primeiro passo para tal se conseguir, está agora no primeiro Concurso Nacional de Bandas Civis. Que o facto seja encarado compreensivamente por todos os amigos das nossas bandas civis!»²⁷⁵¹.

Pedro de Freitas: «Bradando há mais de três dezenas de anos contra os perigos de morte que assaltaram as sociedades de música que o nosso Povo, com aquele carinho que lhe é peculiar, tem vindo há mais de cem anos a criar e a sustentar com bastos sacrifícios e verdadeira abnegação, parece ter agora encontrado, essa minha voz, o Deus Salvador que as há-de fazer revigorar. Conferências, teses, discursos, e muitas dezenas de artigos em vários jornais, numa ansiedade de quem quer tirar da força um ente querido, eu tenho desenvolvido do sul ao norte do País. Centenas de cartas e incitamentos verbais de muitos indivíduos e entidades associadas apegados com amor à causa, de tudo me tem vindo parar às mãos, o que prova que parte importante do

²⁷⁵¹ Freitas, Pedro de, “Vai realizar-se o primeiro Grande Concurso Nacional de Bandas Civis PARABÉNS, SETÚBAL!”, Em *O Setubalense*, Setúbal, 20-07-1959.

País necessita que alguém olhe com olhos de ver e querer esse magno problema. [...] Designada por quatro iniciais que já hoje é um poderoso baluarte de recreio, prazer, economia e comodidade que o Povo muito aprecia e utiliza, a F.N.A.T. é a poderosa organização Oficial que pode levar longe os indispensáveis recursos para a salvação das nossas bandas de música.

Já fez circular um pequeno regulamento onde se lê: «I Grande Concurso Nacional de Filarmónicas e Bandas de Música Cívica». Foi o primeiro passo; é a primeira manifestação de querer acertar as «agulhas» para um fim social e artístico do nosso amadorismo português. Todavia, logo não saindo ele consoante as aspirações e as necessidades das interessadas, num louvável espírito de bem-fazer, fez a F.N.A.T. reunir, num dos seus gabinetes, elementos delegados desde o Porto a Évora das várias filarmónicas (regentes e membros directivos) para um estudo que melhor corresponda às necessidades vitais.

Lá fui eu sem representação de alguma banda; lá fui por mim mesmo; lá emiti opinião baseada na prática; lá evoquei o I Concurso das Bandas do Distrito de Setúbal e seus reflexos; lá foram apreciados alvitres autorizados dos vários delegados. E, num credo à margem de todas as políticas para só se enveredar pela política musical (nem de outro modo eu anuiria a tais trabalhos), lá ficou assente um novo regulamento que deve satisfazer todas as nossas bandas civis, quer sejam superiores, médias ou inferiores. Estão lançadas as bases de um grande movimento musical português; está em causa um movimento de muitas dezenas de contos a favor do meio filarmónico e da arte. Para tanto, para que alguma coisa se salve da derrocada geral, basta que só os filarmónicos, as Sociedades e o meio associativo, se compenbrem de que devem, à medida das suas posses e dos seus entusiasmos, cooperar lealmente no grande movimento nacional de amadores de música»²⁷⁵².

²⁷⁵² Freitas, Pedro de, “Vai entrar-se na solução da crise das Bandas Cívicas?”, *O Distrito de Setúbal*, Setúbal, 02-05-1959.

7.8. Uma fotobiografia de Pedro de Freitas



Fotografia 1

Título: Na Escola de Praticantes a Guarda-Freio dos Caminhos de Ferro do Estado.

1.º Plano (da esquerda para a direita): António Pires, José António de Oliveira, Catapirra, Francisco Tavares (professor), Casimiro do Carmo Garcia, João da Cruz Cebola, Almeida Terça. 2.º Plano: Joaquim António Chouriço, Sousa, Carlos Frederico Guerreiro, Honorato Lopes dos Santos, António Paquete, Salvador, Joaquim Cartaxo, Godinho. 3.º Plano: Belchior, Pedro de Freitas, Joaquim Amaral, Leopoldo Calapez, Ramos, Ricardo Lopes da Cruz.

Data: 1914/03/22

Local: s.l., Portugal

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*

Inventário: n.º 3



Fotografia 2

Título: Pedro de Freitas quando foi nomeado Guarda Freio de 2.^a Classe, aos 21 anos de idade.

Data: 1915

Local: s.l., Portugal

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*

Inventário: n.d.



Fotografia 3

Título: Pedro de Freitas na Guerra em França.

Data: Setembro 1917

Local: s.l., França

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*

Inventário: n.º 3



Fotografia 4

Título: A Banda do Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro.

Data: 1918/03/17

Local: Acq (Arras), França

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*

Inventário: n.º 24



Fotografia 5

Título: A Sociedade Democrática União Barreirense estriou os fardamentos.

Data: Outubro 1923

Local: Barreiro, Portugal

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*

Inventário: n.º 28



Fotografia 6

Título: A Comissão Executiva da Festa Anual do Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro (BSCF). Da esquerda para a direita: Engenheiro Leal Faria, Carlos d'Ornelas, General Raul Esteves, Pedro de Freitas, Vaz Bandeira, Major Rosa Santos.

Data: 1938/03/29

Local: s.l., Portugal

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*

Inventário: n.º 118



Fotografia 7

Título: A vinda do Grupo dos Combatentes do Batalhão de Sapadores dos Caminhos de Ferro (BSCF) a Loulé.

Data: 1938/05/01

Local: Loulé, Portugal

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*

Inventário: n.d.



Fotografia 8

Título: A vinda do Grupo dos Combatentes do Batalhão de Sapadores dos Caminhos de Ferro (BSCF) a Loulé.

Data: 1938/05/01

Local: Loulé, Portugal

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*

Inventário: Albúm 1A



Fotografia 9

Título: Pedro de Freitas com o filho francês Pierre, com a nora Mireille e o neto Michel.

Data: 1944

Local: Bruay-en-Artois, França

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*

Inventário: Albúm 2B



Fotografia 10

Título: Pedro de Freitas no seu escritório.

Data: Junho 1946

Local: Barreiro, Portugal

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*

Inventário: n.d.



Fotografia 11

Título: O Carnaval de Loulé em 1952

Data: 1952/02/26

Local: Loulé, Portugal

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*

Inventário: Albúm 2B



Fotografia 12

Título: Pedro de Freitas a discursar na Sessão Solene do 1.º Centenário da Sociedade Filarmónica Palmelense. Na presidência da mesa: Dr. Figueira Figueira, Governador Civil de Setúbal; Humberto da Silva Cardoso, Presidente da Câmara de Palmela; Oliveira Mata, capitão e comandante da Polícia Cívica de Setúbal; Aníbal Pereira Fernandes, representante da Federação das Sociedades de Recreio. A seu lado e da direita para a esquerda: Dr. Miguel Bastos, Deputado e Presidente da Câmara Municipal de Setúbal; Dr. Luís Cabral Adão; Manuel Teixeira, jornalista; Dr. Rogério Peres Claro, Director do jornal «O Distrito de Setúbal» e João de Jesus Catalão, Presidente da Sociedade I. e R. Barreirense.

Data: 1952

Local: Palmela, Portugal

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*

Inventário: Albúm 2B



Fotografia 13

Título: O Carnaval de Loulé em 1956.

Data: Fevereiro 1956

Local: Loulé, Portugal

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*

Inventário: Albúm 2B



Fotografia 14

Título: Grupo Luso-Espanhol na Festa da N.^a Sr.^a das Angústias, padroeira de Ayamonte. No plano inferior e da esquerda para a direita: Pedro Morales Muñoz, Tenente director da Música do Regimento de Infantaria de Granada n.º 34 de Huelva; Fernando de Matos Simões, Regente da Banda Filarmónica Humanitária de Palmela; Manuel Berna Garcia, Capitão director da Música da Legião de Ceuta; Pedro de Freitas, publicista do Barreiro; Filipe López Castilha, director da Banda do Hospício Provincial, de Ayamonte; Eusébio de Pedro Mediavilla, director da Banda Municipal Riotinto de Huelva. No plano superior e pela mesma ordem: Raul d'Oliveira Machado, director dos contratos da Banda Humanitária de Palmela; José Faus Rodriguez, director da Banda Municipal de Granada; Francisco Cebrian Ruiz, director da Banda Municipal e Orquestra Sinfónica de Caceres; Manuel Feria Sousa, jornalista e crítico literário de Ayamonte.

Data: 1958/09/09

Local: Ayamonte, Espanha

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*

Inventário: Albúm 2B



Fotografia 15

Título: O “Vinho de Honra” em Homagem a Pedro de Freitas na Adega do Dr. Juan Alberto López Perez. O Alcaide D. Manuel López Gonzaléz e o Dr. Juan Alberto López Perez abraçam e cumprimentam Pedro de Freitas.

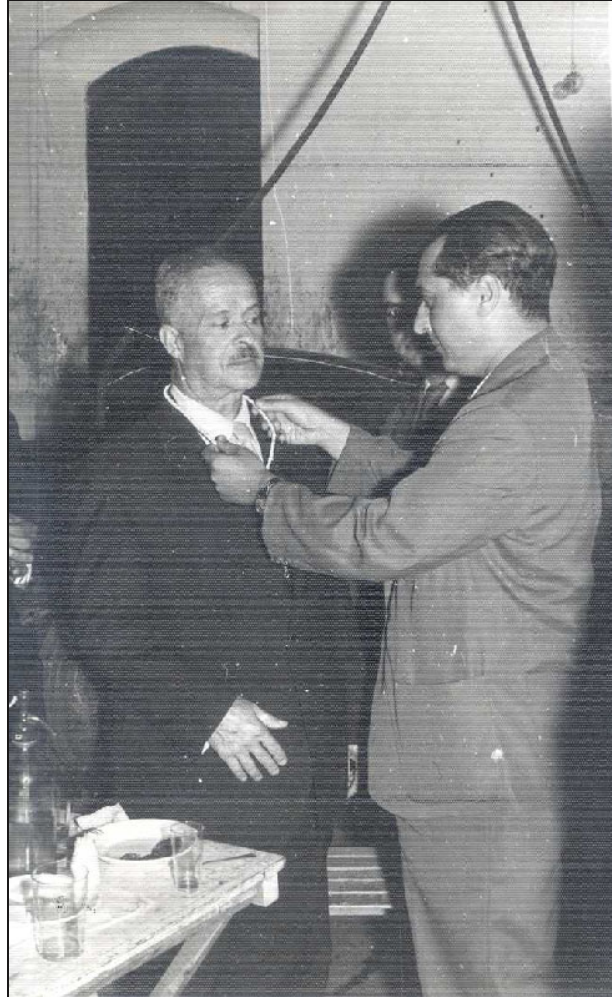
Data: 1958/10/07

Local: Cartaya, Espanha

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*

Inventário: Albúm 2B



Fotografia 16

Título: O “Vinho de Honra” em Homagem a Pedro de Freitas. O Dr. Juan Alberto López Perez distinguiu Pedro de Freitas com o cordão distintivo de “Irmão” efectivo de N.^a Sr.^a do Rosário, padroeira de Cartaya.

Data: 1958/10/07

Local: Cartaya, Espanha.

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*

Inventário: n.º 85



Fotografia 17

Título: O “Vinho de Honra” em Homagem a Pedro de Freitas na Adega do Dr. Juan Alberto López Perez.

Data: 1958/10/07

Local: Cartaya, Espanha

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*

Inventário: Albúm 2B



Fotografia 18

Título: O I Concurso Nacional de Bandas no Ginásio da Escola Industrial. O júri está constituído pelo maestro Duarte Pestana (vogal), pelo maestro Silva Pereira (Presidente) e por Pedro de Freitas (vogal).

Data: 1960/02/02

Local: Leiria, Portugal

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*

Inventário: n.º 62



Fotografia 19

Título: *O I Concurso Nacional de Bandas* no salão da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho (FNAT). O júri foi constituído pelo maestro Duarte Pestana (vogal), pelo maestro Silva Pereira (Presidente) e por Pedro de Freitas (vogal).

Data: 1960/02/03

Local: Coimbra, Portugal

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*

Inventário: n.d.



Fotografia 20

Título: No Gabinete do Ministro das Corporações Dr. Veiga de Macedo procede-se à entrega das taças às bandas premiadas no *I Concurso de Bandas Civas*. No acto cerimonial fala o Presidente da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho (FNAT), Dr. Bento Parreira do Amaral. Na assistência encontra-se Pedro de Freitas e a seu lado direito o regente da banda de Tavira, Sebastião Leiria.

Data: 1960/12/20

Local: Lisboa, Portugal

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*

Inventário: n.º 63



Fotografia 21

Título: Pedro de Freitas e António dos Mártires Lopes, Director do Centro de Informação e Turismo de Goa, Índia.

Data: 1961/03/04

Local: Cidade Nova de Goa-Pangim, Índia Portuguesa

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*

Inventário: Albúm 2B



Fotografia 22

Título: Fotografia tirada no Barreiro após Pedro de Freitas ter regressado da Índia Portuguesa. Pedro de Freitas ostenta as medalhas e o distintivo da Torre Espada em consideração da sua participação na Primeira Grande Guerra de 1914 a 1918 (em França) e o colar espanhol de Irmão efectivo de Nossa Senhora do Rosário, padroeira de Cartaya.

Data: Março 1961

Local: Barreiro, Portugal

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*

Inventário: n.º 2



Fotografia 23

Título: Pedro de Freitas proferiu uma conferência subordinada à temática “O Algarve através da Música Popular: Seus valores, assistência e educação”, a qual foi integrada no Ciclo de Conferências na Casa Regional do Algarve em Lisboa. Da esquerda para a direita: Dr. José António Madeira, Major Mateus Moreno, Maestro Dr. Ivo Cruz, Juíz Conselheiro Dr. João Bernardino de Sousa Carvalho (Presidente), Dr. António dos Mártires Lopes, Director do Centro de Informação e Turismo de Goa (Índia Portuguesa), Dr. Alberto Iria e Joaquim António Nunes.

Data: 1962/05/05

Local: Lisboa, Portugal

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*

Inventário: Albúm 2B



Fotografia 24

Título: Pedro de Freitas protagoniza um discurso em representação do Presidente da Fundação para a Alegria no Trabalho (FNAT) na sessão solene do Primeiro Centenário da Filarmónica de Covões, no Largo da Aldeia.

Data: 1968/06/13

Local: Covões (Cantanhede), Portugal

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*

Inventário: n.º 19



Fotografia 25

Título: *O II Grande Concurso Nacional de Bandas de Música Cívica*. Ao centro o filarmónico da banda local e aos lados o júri e o secretário do concurso.

Data: Agosto 1968

Local: Angra do Heroísmo, Ilha Terceira (Açores), Portugal

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*

Inventário: n.º 86



Fotografia 26

Título: O II Grande Concurso Nacional de Bandas de Música Cívica no Teatro da cidade da Horta.

Data: 1968/08/17

Local: Horta, Ilha do Faial (Açores), Portugal

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*

Inventário: n.º 86



Fotografia 27

Título: O II Grande Concurso Nacional de Bandas de Música Cívica no Jardim D. Amélia, na cidade do Funchal. O Júri está composto por (da esquerda para a direita): Os vogais maestro Homero Apolinário e Silva Dionísio; o presidente Cônego José Augusto Alegria; os vogais maestro José Pinto Rodrigues e Duarte Pestana; e Pedro de Freitas como secretário do Concurso.

Data: 1968/08/29

Local: Funchal, Ilha da Madeira (Madeira), Portugal

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*

Inventário: n.º 64



Fotografia 28

Título: No *II Grande Concurso Nacional de Bandas de Música Cívica*, Pedro de Freitas apresenta ao público o músico mais novo da Banda de S. Tiago de Cacém.

Data: 1971/10/13

Local: Lisboa, Portugal

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*

Inventário: n.º 87



Fotografia 29

Título: Na final do *II Grande Concurso Nacional de Bandas de Música Cívica* Pedro de Freitas, secretário do Concurso, foi cumprimentado pelo Presidente da Fundação para a Alegria no Trabalho (FNAT), Dr. Bento Parreira do Amaral. A seu lado esquerdo o Vice-Presidente Dr. Serra Formigal, e ao seu lado direito o Ministro das Corporações, Saúde e Assistência Dr. Baltazar Rebelo de Sousa.

Data: 1971/10/17

Local: Costa da Caparica, Portugal

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*

Inventário: Album Cinzento



Fotografia 30

Título: A homenagem que a Fundação para a Alegria no Trabalho (FNAT) prestou a Pedro de Freitas. O Ministro das Corporações, Previdência Social, Saúde e Assistência, Dr. Baltazar Rebelo de Sousa, entrega a Pedro de Freitas o estojo com uma placa de prata. Ao lado encontra-se o Presidente e o Vice-Presidente da FNAT.

Data: 1971/10/17

Local: Costa da Caparica, Portugal

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*

Inventário: n.º 18



Fotografia 31

Título: Pedro de Freitas e o irmão David de Freitas no jardim de Évora.

Data: 1972/07/25

Local: Évora, Portugal

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*

Inventário: n.º 88



Fotografia 32

Título: O Primeiro ciclo de aperfeiçoamento de regentes amadores de bandas de música civis no Teatro da Trindade. Na fotografia estão doze alunos e três professores (primeira fila da esquerda para a direita): Duarte Pestana (n.º4), Maestro Silva Dionísio (n.º 5), o secretário Pedro de Freitas (n.º 6) e José Pinto Rodrigues (n.º7).

Data: 1972/11/18

Local: Lisboa, Portugal

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*

Inventário: n.º 20



Fotografia 33

Título: Pedro de Freitas dá instruções ao locutor no *Grande Festival de Bandas Cívicas*.

Data: 1973/10/14

Local: Faro, Portugal

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*

Inventário: n.º 88



Fotografia 34

Título: Pedro de Freitas com o regente da Banda de Silves, António Loureiro Nadais, no *Grande Festival de Bandas Civas*.

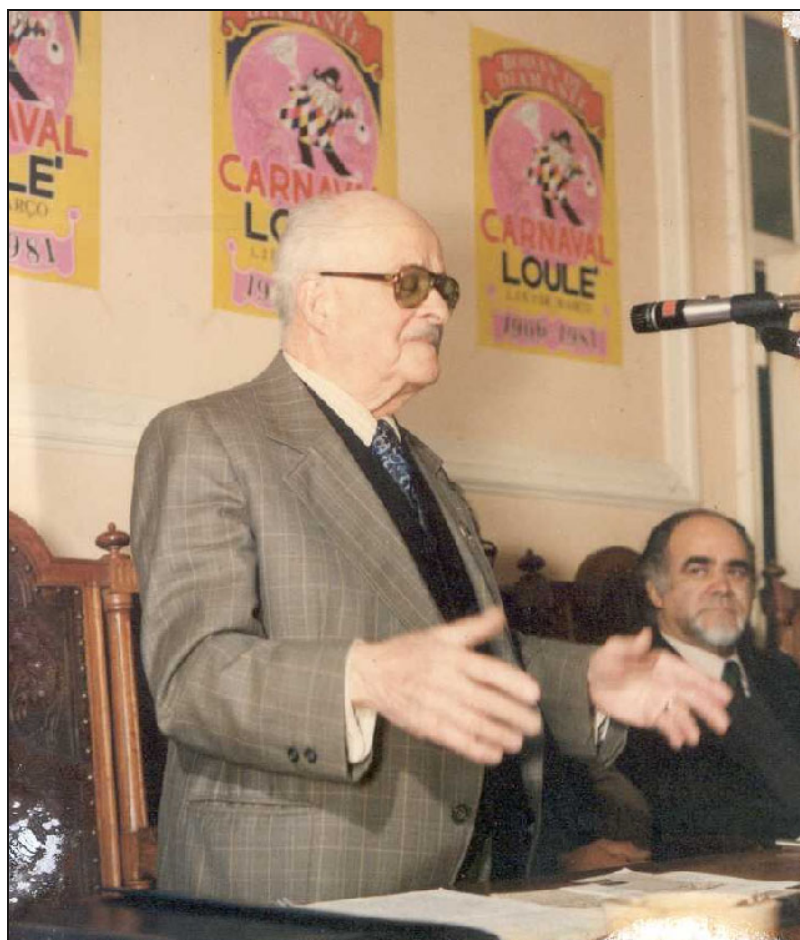
Data: 1973/10/14

Local: Faro, Portugal

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*

Inventário: n.º 88



Fotografia 35

Título: Pedro de Freitas aos 86 anos discursou sobre a história do Carnaval Louletano 1906-1981 no Salão nobre da Câmara Municipal de Loulé.

Data: 1981/02/28

Local: Loulé, Portugal

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*

Inventário: n.º 17



Fotografia 36

Título: Primeiro Centenário da *Sociedade Filarmónica Unânime Praise*.

Data: 1981/10/3 a 1981/10/5

Local: Faial, Açores

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*

Inventário: Albúm 1 A

Estado Civil e Família		Estatuto de Família		Situação	
Estado Civil	Família	Estado Civil	Família	Estado Civil	Família
		<i>Estado Civil: Solteiro Família: Sem Família 1924/07/22 Lisboa, Portugal CEP 1.ª Divisão - 35.ª Secção</i>			
Registo disciplinar e penas impostas por sentença dos tribunais					
Classificação de Penas		Penas	Penas	Penas	Penas

390

n.t.

Fólio 2

Documento 1

Título: Ficha Militar de Pedro de Freitas

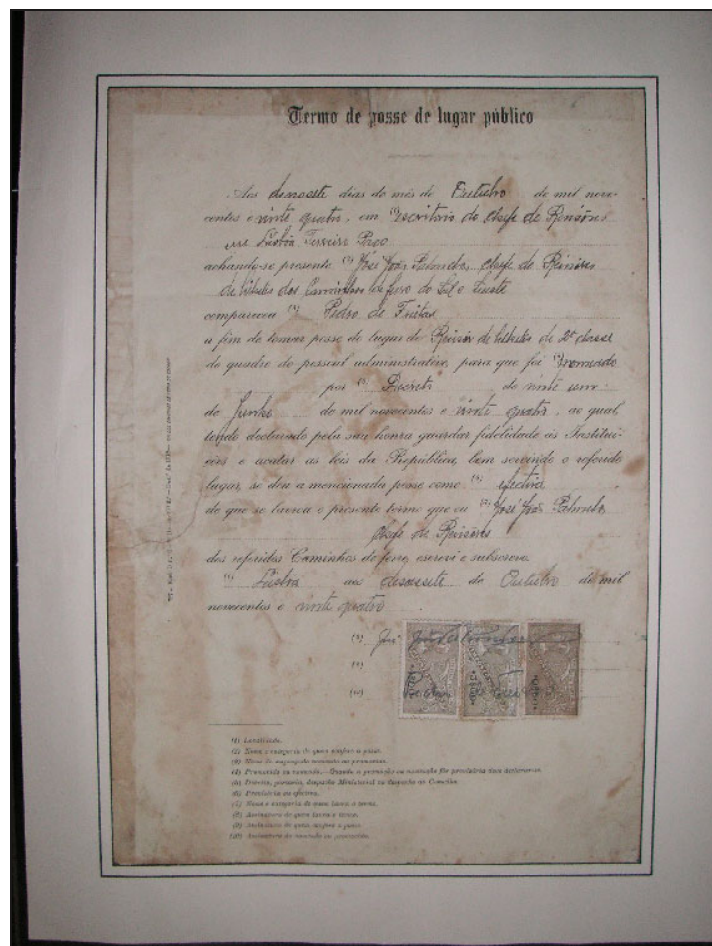
Data: 1924/07/22

Local: Lisboa, Portugal

Fundo: CEP 1.ª Divisão – 35.ª Secção

Fonte: *Arquivo Histórico Militar - Lisboa*

Inventário: n.d.



Documento 2

Título: Termo de Posse de Lugar Público - Revisor de Bilhetes de 2.ª Classe

Data: 1924/10/17

Local: Lisboa, Portugal

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Loulé

Inventário: n.d.

PEDRO DE FREITAS

Autor e Editor do livro
"As Minhas Recordações da
Grande Guerra"

Fundador e organizador em França
da Banca do Instituto Sagadores
de Camilhos de Ferro

Rua Miguel Bombarde, 48
BARBEIRO

Ex. mo Sr. José Guerreiro, meu querido amigo.

A vossa saúde e a da vossa ^{boa} família são os meus
votos.

Agradeço, muito reconhecido, a assinatura que o meu livro
tem amigo fez do meu livro, e entre si as algumas palavras
que me dirigiu. A minha obra, pelo seu tamanho que implica um
preço elevado, está, pelo poucas respostas que tenho recebido, naturalmente
condenada a ficar arrumada na minha estante; pois das 1300 circula-
res que já enviei às Sociedades do País e Ilhas, até à data só tenho umas
escassas 60 assinaturas. E como eu não posso ir para a publicação sem
ter a garantia de pelo menos umas 600, está o meu amigo a vez que
o meu inepto livro ficaria no desombroso.

Repentinamente ao nosso assunto caminha de ferro — que
está acima da minha obra histórica — deu dizer-lhe: Om. eng. Bar-
ros, na segunda feira foi a D. J., interam-se de que havia, e no segun-
do, disse-me:

— Que o impeto administrativo era contrario a realiza-
ção da variante pela oposição dos concelhos algarvios; que o Minis-
tro, apesar disso, perguntára se tecnicamente era praticavel tal
obra; e que depois tinham de ser avisados o Serviço de Exploração da
D. J. e a C. P.

Repentinamente ao impeto administrativo, a oposição dos
restantes concelhos algarvios deve ser combatida por tudo que os
nossos legitimas aspirações permitam fazer. Quanto a mim, pro-
fétigo por, embora o dependimento do porem os mesmos da criação,
a falta de C. de ferro em Loulé, asfixiaria — em relação ás outras ter-
ras importantes do Algarve — a nossa importante vida. Ninguém
tem o direito de asfixiar outros; e como Tavira, V. Real, Olhão,
Tavira e Portimão não gostariam que se lhes oporásem as
legitimmas realizações, torna-se mister que Loulé também não
goste que se lhe oponham aos seus desejos. Estão vendo que

a oposição de 1926 está em parte a entorpecer o bom andamento da
 nossa causa. Por isso torna-se imperativo que o nosso Almirante,
 com todo o seu entusiasmo e inimitável vontade, interceda junto
 do Ministro para que este venha ao "peço" que mais seria não nos
 querem tolos os monumentos. E o assunto repouse tanta activida-
 de, que em não já estão com receio que este Ministro seja subste-
 tuído e numa vez mais a nossa velha aspiração vá novamente
 recolher às trevas, como há ^{antes} desapparecido estado. Por tudo, meus
 bom amigo, não deixe o assunto de mãos; não deixe a Presidência
 da do nosso Município sem que tenha realizado a mais im-
 portante obra de progresso e fomento - a variação do b. p. -
 e o que da criação lhe fez.
 Repetidamente a C. P. se pronunciar sobre o assunto, permitia-
 me que lhe lembre a possibilidade de a Câmara se dirigir a
 personalidade do General Baul Costes, que está certo que
 ficará bem entregue o assunto.
 Se a pessoa do nosso Almirante Calças dos fosse da minha cate-
 goria ou intimidade, ou seja, meu bom amigo, eu não o luga-
 ria, e que o entusiasmo de modo, que, por sua vez, havia
 de pôr o Ministro a trabalhar também com vontade por
 Loulé. Mas como infelizmente as coisas assim não são,
 para dar satisfação aos meus desejos, é o meu amigo
 José Ferreira que me pledeará da mudança de meu amigo
 deste modo.
 E com o meus maiores respeito, abraço-o
 o sincero e grato amigo
 Pedro de Freitas
 P. P. Rep. me responde ao Baul Pinto
 Dancin
 28
 2
 1945

Fólio 2

Documento 3

Título: Carta Manuscrita de Pedro de Freitas ao Presidente da Câmara Municipal de Loulé, José Guerreiro

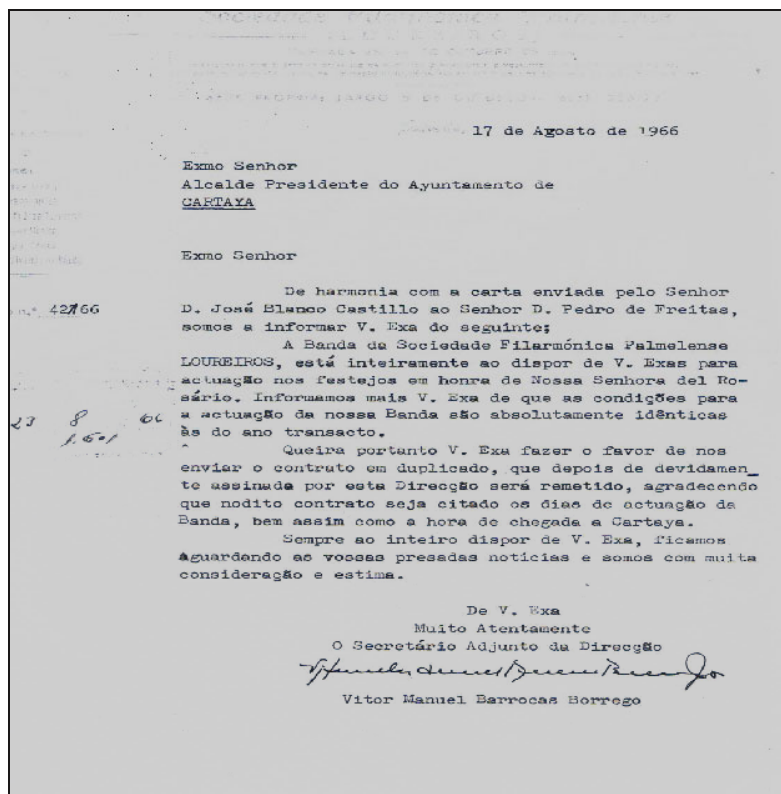
Data: 1945/02/28

Local: Barreiro, Portugal

Fundo: "Espólio Documental de Pedro de Freitas"

Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Loulé

Inventário: n.d.



Documento 4

Título: Expediente confirmativo da participação da *Sociedade Filarmónica Palmelense (Os Loureiros)* nos Festejos em *Honra da Nossa Senhora do Rosário*, Cartaya

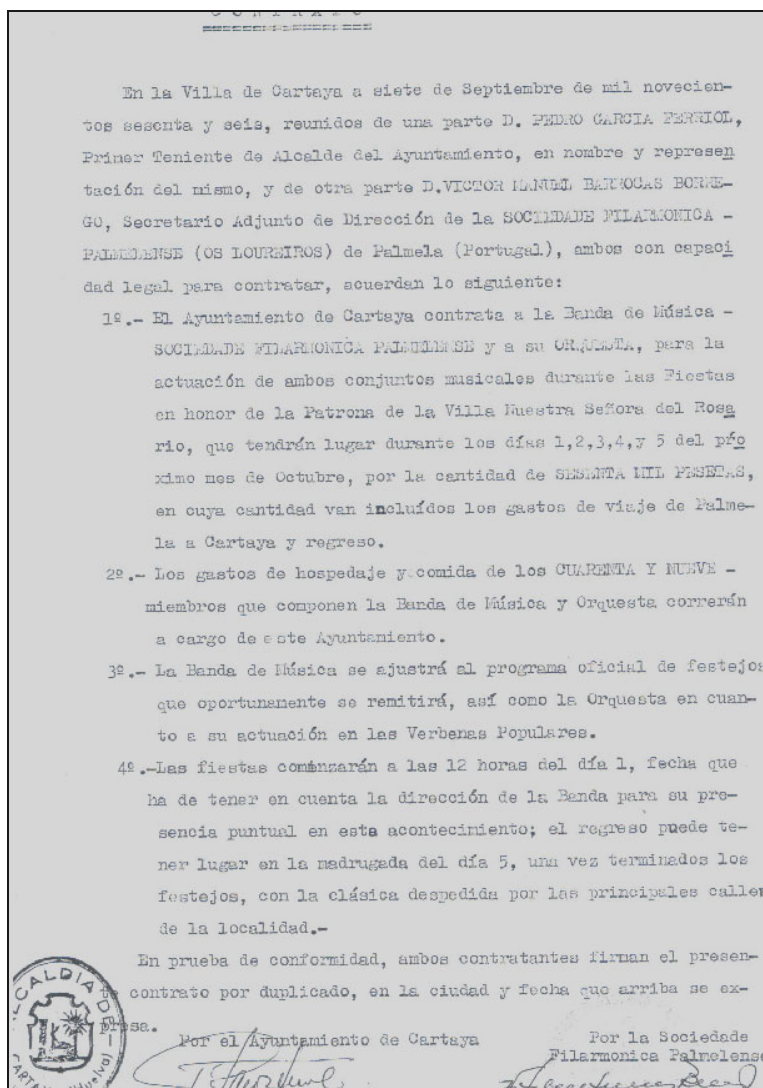
Data: 1966/08/17

Local: Palmela, Portugal

Fundo: Programas de Fiestas Del Rosario, Ayuntamiento de Cartaya

Fonte: *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*

Inventário: Legajo 759



Documento 5

Título: Contrato para que a *Sociedade Filarmónica Palmelense (Os Loureiros)* de Palmela participe nos Festejos da Vila de Cartaya

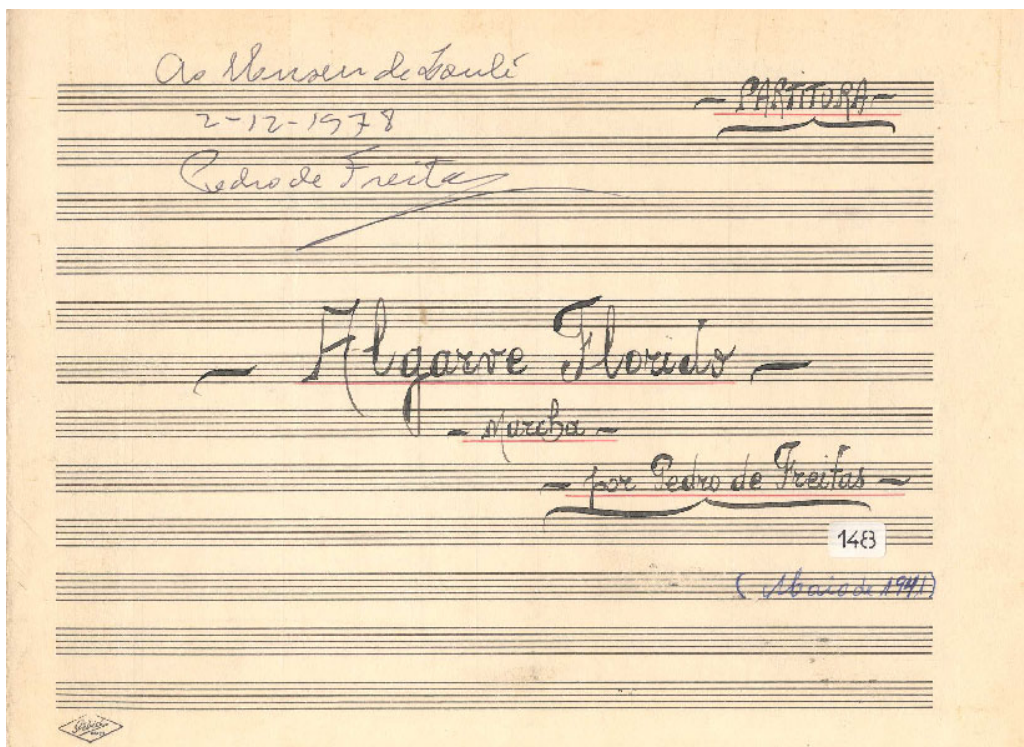
Data: 1966/09/07

Local: Cartaya, Espanha

Fundo: Programas de Fiestas Del Rosario, Ayuntamiento de Cartaya

Fonte: *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya*

Inventário: Legajo 759



Documento 6

Título: Marcha “Algarve Florido” de Pedro de Freitas

Data: Maio de 1941

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*

Inventário: MS BF n.º 148



Documento 7

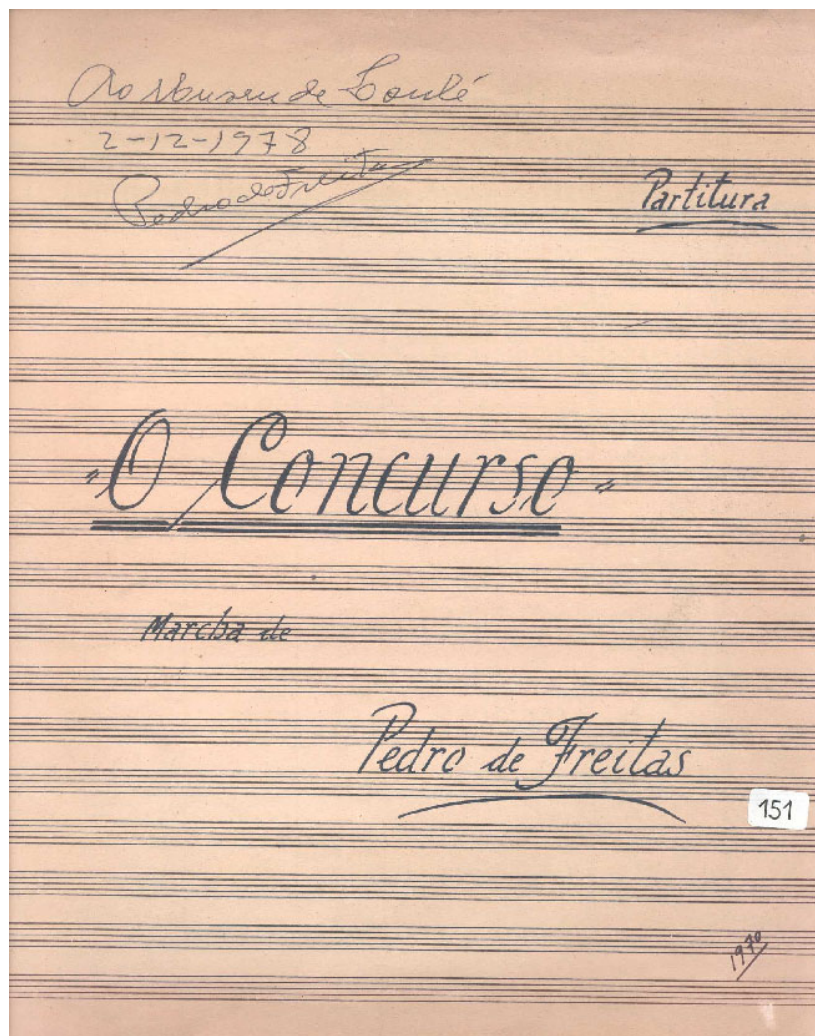
Título: Marcha “Cartaya em Festa” de Pedro de Freitas

Data: 1965

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*

Inventário: MS BF n.º 150



Documento 8

Título: Marcha "O Concurso" de Pedro de Freitas

Data: 1970

Fundo: "Espólio Documental de Pedro de Freitas"

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*

Inventário: Ms BF n.º 151

Programa do Repertório, que a Banda executará durante os Festejos em honra da Virgem do Rosário

Rienzi	Wagner	Festas na Serra do Pilar	Sousa Morais
La Belle Galatea	Suppé	Lenda do Beijo	Soutulló y Vert
Poeta e Aldeão	Suppé	Torre Del Oro	Gimenez
Cavelaria Ligera	Suppé	Revoltoza.	Chapi
1812	Tschaikowsky	Alma de Dios	J. Serrano
Barbeiro de Sevilha	Rossini	Katiúscia	Pablo Sorazabal
Guarani	Carlos Gomes	La Isla de Las Perlas	Sorazabal
Aida.	Verdi	Divertissement	Silva Marques
Gioconda - Ballado de Horas	Ponchielli	Capricho Italiano.	Tschaikowsky
Carmen.	Bizet	Festival Concours	Emile Ramchada
Capricho Varino	Silva Marques	France.	Briot
Rapsódia Portuguesa	Manuel de Figueiredo	Rapsódia Eslava	Friedmann
Rapsódia Portuguesa	Silva Marques	Cartaya em Festa-Marcha	Pedro de Freitas
Ribeirinha	" "	Algarve Florido	" " "
Rosário de Fados	" "	Loulé em Festa	" " "
Uvas do Douro	Duarte Pestana	Luiz Maria-Paso Doble	Manuel Morales Vivas
Milariana	Silva Marques	Cartaya-Paso Doble	" " "

Ruy Coelho

Documento 9

Título: Programa do Repertório que a Banda executará durante os Festejos em Honra da Virgem do Rosário

Data: 1966

Local: Palmela, Portugal

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé* [Fólio encontra-se dentro da revista Comisión de Festejos (ed.), *Cartaya 1966 Feria y Fiestas*, Isla Cristina, Artes Gráficas, Janeiro de 1966]

Inventário: n.º 223

Gran Concierto

Día 3 de Octubre, Martes.

Hora: 6 tarde.

Local: Plaza Gobernador Summers, o Cine Jaldón.

Intérprete: Banda de Música Sociedad F. Democrática
Timbre Seixalense.

Director: Excmo. Sr. D. José Pinto Rodrigues.

PROGRAMA

1. - *Cartaya en Fiestas* - (Pasodoble) P. Freitas.
2. - *Oberón* - Obertura de Weber.
3. - *Suite de Sylvia* - Ballet de Leo Debibes.
4. - *El Sitio de Zaragoza* - (Fantasía Militar) G. Oudrd.
5. - *Deuxieme* - Concierto por clarinete, de Weber.
(Este difícil número será ejecutado por dos distinguidos clarinetistas).
6. - *Paisaje Ribatejana* - Fantasía Portuguesa, de Duarte Pestana.
7. - *1812* - Overtre Solennelle, de Tschakouvsy.
8. - *Despedida* - (Marcha) por el Capitán Maestro, Excmo. Sr. José Pinto Rodrigues.

Durante la Procesión de Nuestra Excelsa Patrona la Santísima Virgen del Rosario la Banda interpretará la marcha procesional «Las Campanillas», del inolvidable Maestro Piriz, Director de la Banda de Loulé.

Documento 10

Título: Programa dos Festejos em honra da *Stma. Virgem do Rosário*, Padroeira de Cartaya, pela *Sociedade Filarmónica Democrática Timbre Seixalense*, do Seixal

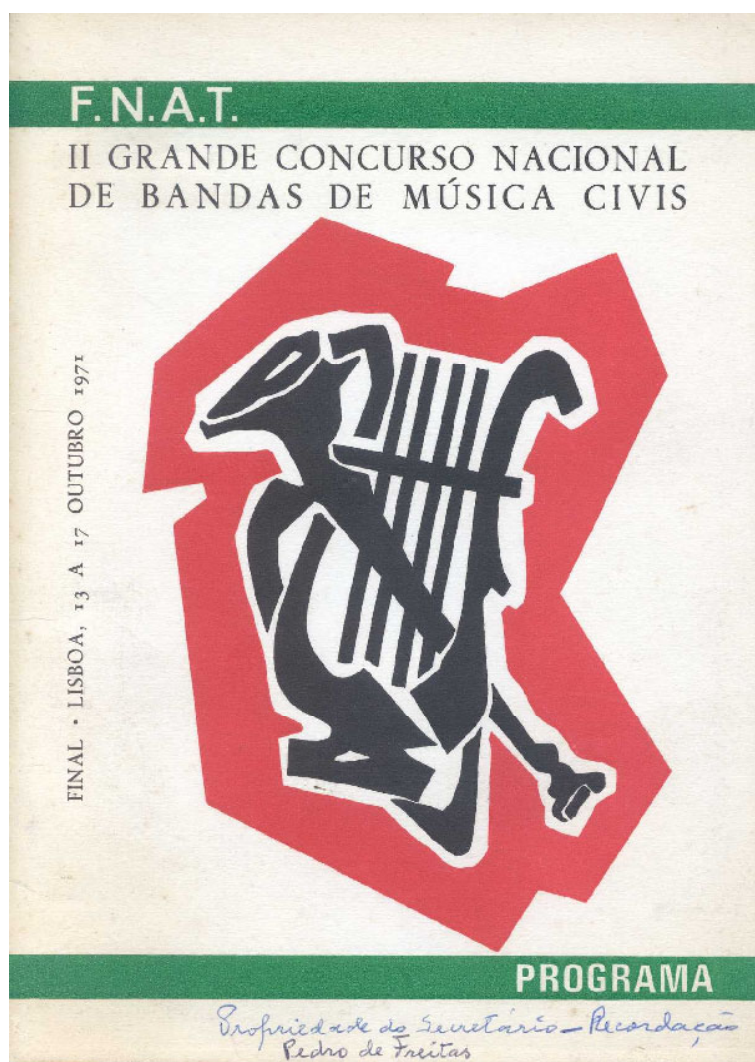
Data: 1967/10/03

Local: Cartaya, Espanha

Fundo: Programas de Fiestas Del Rosario, Ayuntamiento de Cartaya

Fonte: *Biblioteca Pública Municipal de Cartaya* [Fólio encontra-se dentro da revista Comisión de Festejos (ed.), “Programa Oficial de Festejos en honor de nuestra Patrona la Stma. Virgen del Rosario”, Em *Cartaya 1967*, Isla Cristina, Artes Gráficas, 30 de Septiembre a 4 de Octubre de 1967]

Inventário: Legajo 759



Documento 11

Título: Programa da Final do II Grande Concurso Nacional de Bandas de Música Cívica.

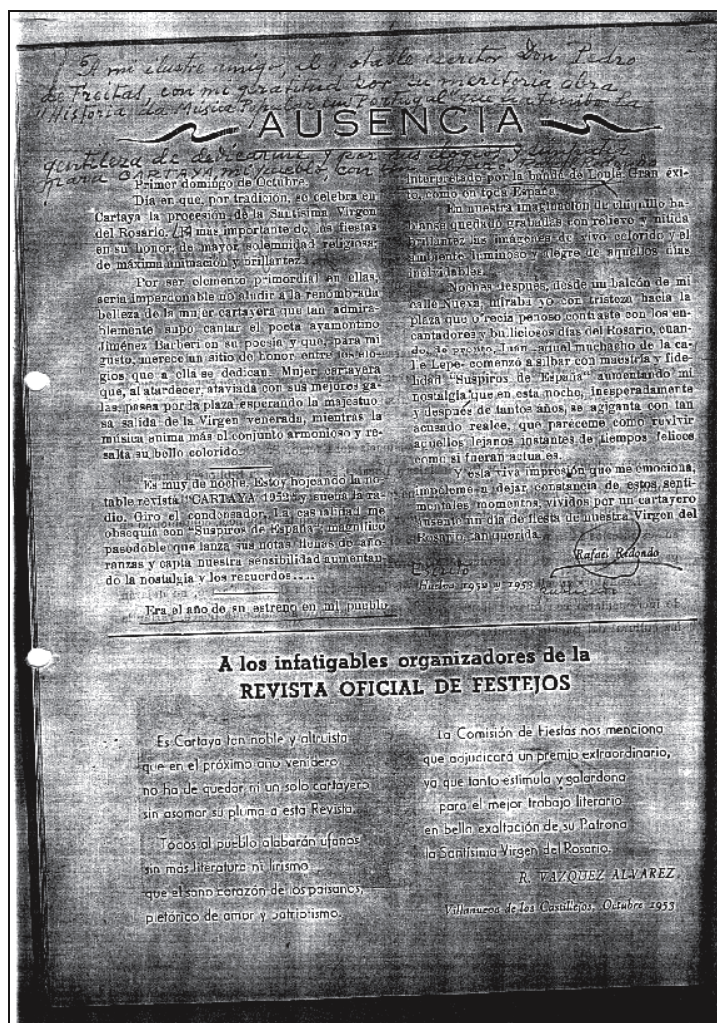
Data: 1971/10/13 a 1971/10/17

Local: Lisboa, Portugal

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé*

Inventário: n.d.



Documento 12

Título: Ausencia

Data: 1953

Local: Huelva, Espanha

Fundo: "Espólio Documental de Pedro de Freitas"

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé* [Redondo Fernández, Rafael: "Ausencia", Em Gallegos, F. García (ed.), Revista *Cartaya* 1953, Cartaya, Imprenta La Comercial, Outubro de 1953]

Inventário: n.º 124



Documento 13

Título: Despedida a Cartaya

Data: 1969/08/25

Local: Cartaya, Espanha

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé* [Freitas, Pedro de: “Despedida a Cartaya” Traducción Francisco Reinerio Seita, Comisión de Festejos (ed.), *Em Cartaya 1969 Feria y Fiestas*, Octubre 1969 del 4 al 8, Isla Cristina, Artes Gráficas, 25 de Agosto de 1969]

Inventário: n.º 133

Cartay 82

Barreiro, 12/09/1902

HOMENAJE

Ilustrísimo Señor Alcalde
Presidente de Ayuntamiento de
CARTAYA

Señor Alcalde

De vuestra excelencia recibo a sobre fovo de Cartaya. Respon-

guo: Desde 1900 que o conozco e o seño, chegada á idade de sessenta e sete años, quiz fues que o re- lembro mais sentimentally desde Cartaya que as personas e, lbe apre- sente os melhores votos de suas FAMILIAS...

Em 74 anos que o minha vida se desdobrou pelas festas do DO- mingo...

Em 1900 grande homenagem recibi sobre fovo honroso e recen- sado...

De amigos das suas recordações, e ao seño os artigos, de D. Manuel Alberto (delle meo minha mãe), e dos felicidades D. Pápe Blanco, D. Basilio Solís, D. Manuel López, D. Manuel López, D. Rafael Redondo, as suas noticias tãe avulsas e de outras mu- ltitudes que dedico a essa cidade Vila Rural de Andaluzia.

Espero que o minha possa servir de artigo que D. Rafael Redondo enviou para ser publicado na Revista, mas que aha. Respondeo-lhe por a ter recebido recentemente, em homenagem o memoria do seu autor e mando para a Revista, se possivel, e entender, lbe dar o acredi- to publico. E com esse artigo uma carta do seu amigo D. Luis Pastor, de onde extrai duas noticias das honras do Revista de que me re- tam assiduo colaborador.

Do Ilustre Ayuntamiento de CARTAYA, as suas melhores agrada- mentos, por luto de seus não se esqueca mantendo-se o estatuto de- vido do honra.

Atalia, Senhor Alcalde, os melhores cumprimentos desta Carta- yira honorario.

(Pedro de Freitas)

Pedro de Freitas

NOTA Nº 2 de sexta de 1.902.

Dr. José Pedro de Freitas.

Resumo biográfico da revista do ano 1.902 de uma semblanza titulada «En justa correspondencia» cujo autor fue el siempre recordado D. Luis Pastor.

D. PEDRO DE FREITAS
Nacido en Portugal sobre el año 1.894. Va- rias veces colaborador de nuestra revista. Homenajado por nuestro Ayuntamiento por su gran amor a Cartaya, su DOÑA BLANCA, el más orgullo archivo de su juventud.

Desde los primeros años de su infancia, sien- te una gran pasión por el bello arte de la música, cuyas primeras lecciones recibe de su padre D. José de Freitas. A los 14 años ingresa como cornet en la Banda de Música de Loulé «Artistas de Minerva» y es entonces, en el año 1.908, cuando viene por primera vez a Cartaya.

Se consagra como un verdadero literato con la publicación de artículos periodísticos y de varias obras de depurado estilo, entre los que figura «Brisas de España». En ésta, hace un canto a las distintas regiones españolas y en su segundo capítulo, titulado «Cartaya en fiestas», describe los encantos de nuestro pueblo con la pasión de un enamorado. Hoy vive jubilado de su carrera de Ferroviario en Barreiro (Portugal).

(Resumen biográfico de la revista del año 1.902 de una semblanza titulada «En justa correspondencia» cuyo autor fue el siempre recordado D. Luis Pastor).

Es para nosotros un gran honor la delicadeza que ha tenido D. Pedro de Freitas al remitirnos un artículo de D. Rafael Redondo que fue un gran colaborador de nuestra revista durante muchos años, El quiere que este artículo que envía, sea un homenaje a su autor.

Acompaña al artículo la correspondencia mantenida con el autor del artículo y D. Luis Pastor. Creemos oportuno e interesante publicar dichas cartas y la suya propia, para conocer mejor su personalidad y su gran amor a Cartaya. Gracias.

(Libro publicado por D. Pedro de Freitas).

Fué verdadera casualidad. Me encontraba a la caída de la tarde en un bar de la Plaza de las Monjas, buscando la brisa que atenuase el calor reinante, cuando al mirar hacia un ángulo quedé sorprendido porque me pareció ver al estimadísimo amigo D. Pedro de Freitas. Salí a su encuentro, pues él era en efecto, y nos confundimos en un amistoso abrazo. Me había buscado por otros bares y estaba aquí de paso para Aracena con el propósito de visitar la Gruta de las Maravillas, pues su primitiva idea era la de pasar primero por Sevilla; pero el calor le hizo detenerse en Huelva para continuar el viaje directamente.

Nuestra charla amena, larga e interesante por su parte, hablando entre otras cosas de su viaje a la India portuguesa y de su recién publicado libro, cuyo título encabeza este artículo, con el patrocinio económico muy importante del Gobierno portugués y tuvo la amable atención de regalarme un ejemplar valioso con afectuosa dedicatoria.

Es un libro magnífico, confeccionado con excelente papel satinado, muy buenos fotograbados y de gran formato. Su lectura constituye un placer y se observa, como en otras publicaciones suyas, que es un fino observador de cosas grandes y pequeñas, llamándonos la atención la profusión de tanto detalle que proporciona amabilidad y variada enseñanza. Bien quisiera extenderme más al hablar de él, pero la índole de esta mi colaboración con espacio lógicamente limitado me impide atender a mi voluntad.

Resulta muy curiosa la explicación de cómo pudo lograr su gran deseo de ir a la India, ilusión que acariciaba desde su infancia en la edad escolar cuando leía cosas históricas de la expansión portuguesa por el mundo. En tiempos ya muy pretéritos conoció en sus viajes por ferrocarril a un ilustre ingeniero, capitán del ejército portugués, que pasados los años se convirtió por sus méritos en el Excmo. Sr. General, D. Manuel Antonio Vassalo e Silva, Gobernador General de la India portuguesa, que le hizo posible convertir en realidad su sueño de juventud y patriotismo, viajando durante un mes por aquellos territorios antes de su reciente pérdida.

Y al decirme con cuanto amor y entusiasmo había dedicado y remitido un ejemplar del mencionado libro a la Biblioteca de Cartaya, su cara de hombre abierto a la amistad y reflejando el cariño que siente por Cartaya (su Doña Blanca) denotaba, dado su espíritu romántico, un aire de gran amargura porque no había recibido ni un protocolario acuse de recibo del mismo.

Traté de atenuar el escozor de su penosa impresión, diciéndole que se trataría de un involuntario olvido de los que a posteriori se lamentan profundamente, y nunca de un desaire injustificado a una persona tan distinguida y destacada en el amor a Cartaya a la que se quiso honrar dedicándole un Vino de honor inolvidable durante el cual se le entregó una preciosa medalla de Nuestra Venerada Imagen la Santísima Virgen del ROSARIO; que él, D. Pedro, levaba prendida en su pecho, junto a condecoraciones de guerra y otras, con orgullo y cariño, cuando desembarcó en la India según se aprecia claramente en una fotografía que me dedicó.

Entre los datos curiosos de su libro figura cómo en 1744, el Gobernador en aquellos territorios, Don Antonio de Castro, imploró a la Virgen del Rosario, cuando se encontraba en un trance apuradísimo de guerra, consiguiendo la protección de Nuestra Señora y la victoria anhelada.

¡Qué rico anecdótico encierra el libro!

Sirvan estas líneas al querido amigo, como lenitivo para lo que él considera un gran desaire y reciba un afectuoso abrazo del último de los cartayeros que le están agradecidos por su labor en pró de CARTAYA, su Doña BLANCA, aliada de la CAL BLANCA, cuyos reflejos impresionan la retina del viajero.

HUELVA, AGOSTO DE 1.962.

- 55 -

Folio 2

Documento 14

Título: Homenaje D. Pedro de Freitas

Data: 1982

Local: Huelva, Espanha

Fundo: “Espólio Documental de Pedro de Freitas”

Fonte: *Arquivo Histórico Municipal de Loulé* [Ayuntamiento de Cartaya (ed.)

“Homenaje D. Pedro de Freitas”, Em *Cartaya 1982 Fiestas en Honor de Ntra. Sra. del Rosario y XIX Feria Agraria Industrial y Ganadera*, Cartaya – 29 de Septiembre – 3 de Octubre de 1982, Huelva, Imprenta Jiménez, S. L., Setembro/Outubro de 1982, p. 55]

Inventário: n.º 223



Documento 15

Título: O dia do aniversário da promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional foi escolhido, pela *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho (FNAT)*, para o encerramento das diversas fases do *I Concurso Nacional de Filarmónicas e Bandas Cívicas*.

Data: 1960/09/23

Local: Lisboa, Portugal

Fundo: “SNI”

Fonte: *Arquivo de Fotografia de Lisboa – CPF / MC*

Cota: SNI/RP/03-6009/55813



Documento 16

Título: Final do II Grande Concurso Nacional de Bandas de Música Cívica, no *Pavilhão dos Desportos* (com a presença do Chefe do Estado, almirante Américo Tomás).

Data: 1971/10/17

Local: Lisboa, Portugal

Fundo: “O Século”

Fonte: *Arquivo de Fotografia de Lisboa – CPF / MC*

Cota: SEC/Negativos de 1970-1977/Fotograma n.º 5



Documento 17

Título: Rua “Pedro de Freitas”

Data: 1978/12/02 (Homenagem a Pedro de Freitas feita em)

Local: Loulé, Portugal

Fonte: A Própria. Fotografia tirada em Junho de 2006



Documento 18

Título: Ossário de Pedro de Freitas, campa n.º 121 B

Data: s.d.

Local: Loulé, Portugal

Fonte: A Própria. Fotografia tirada em Junho de 2006



Documento 19

Título: Largo Batalhão Sapadores Caminhos de Ferro

Data: 1938/05/01 (Homenagem ao Batalhão Sapadores Caminhos de Ferro feita em)

Local: Loulé, Portugal

Fonte: A Própria. Fotografia tirada em Junho de 2006



Documento 20

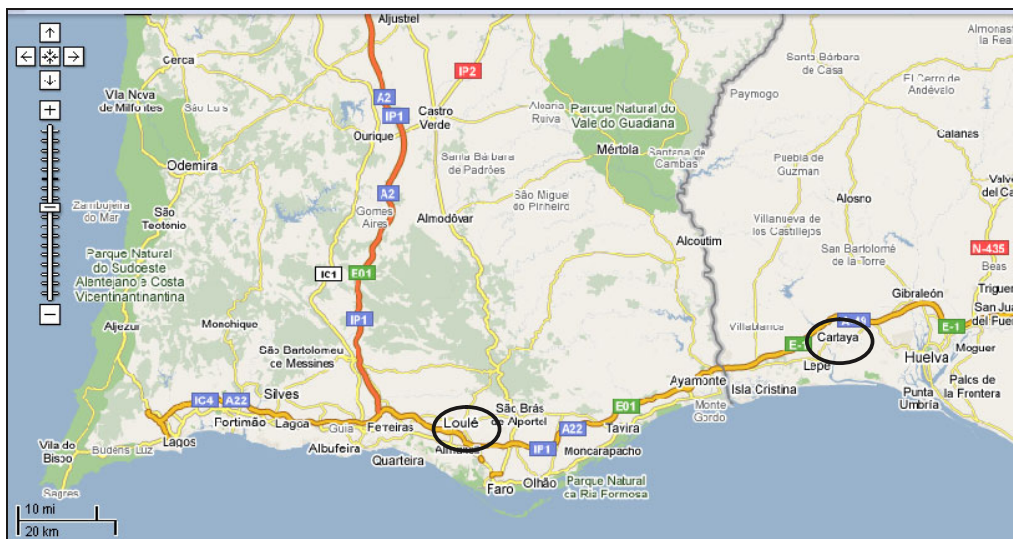
Título: Largo do Batalhão Sapadores do Caminho de Ferro

Data: s.d.

Local: Loulé, Portugal

Fonte: A Própria. Fotografia tirada em Junho de 2006

7.10. Mapas Geográficos



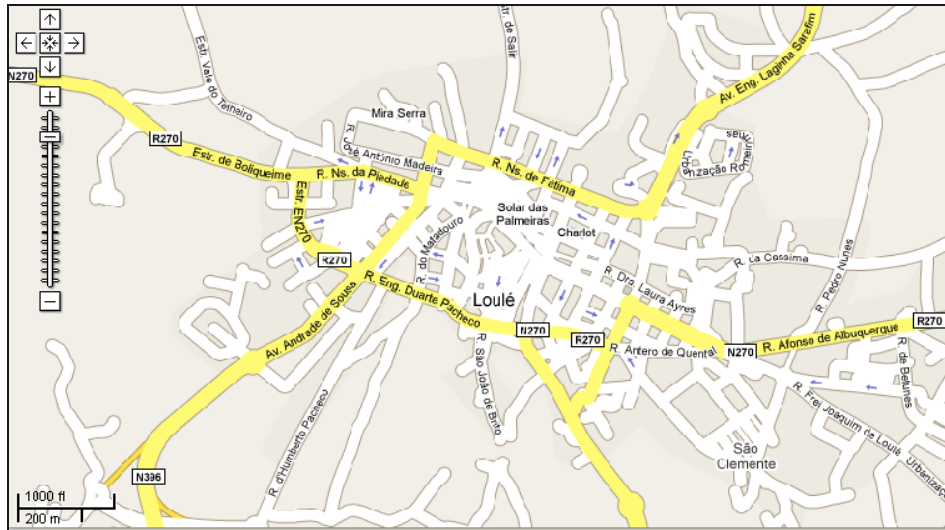
Mapa 1

Título: Mapa Panorâmico do Algarve e parte de Andaluzia: Loulé e Cartaya

Data: 2008/08/30 [Consulta]

Local: Algarve (Portugal) e parte de Andaluzia (Espanha)

Fonte: Google Maps, [On-line], <<http://maps.google.com/>>



Mapa 2

Título: Mapa da Cidade de Loulé

Data: 2008/08/30 [Consulta]

Local: Loulé, Portugal

Fonte: Google Maps, [On-line], <<http://maps.google.com/>>



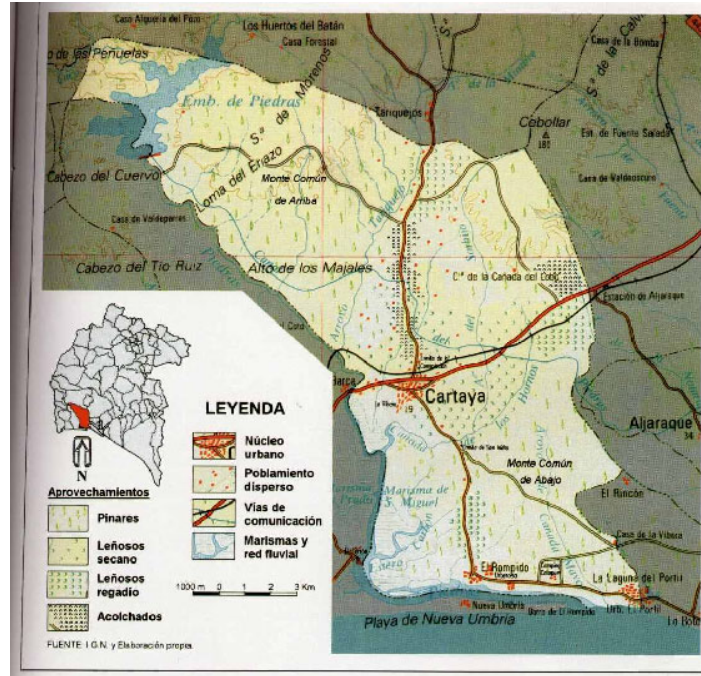
Mapa 3

Título: Mapa da Cidade de Cartaya

Data: 2008/08/30 [Consulta]

Local: Cartaya, Espanha

Fonte: Google Maps, [On-line], <<http://maps.google.com/>>



Mapa 4

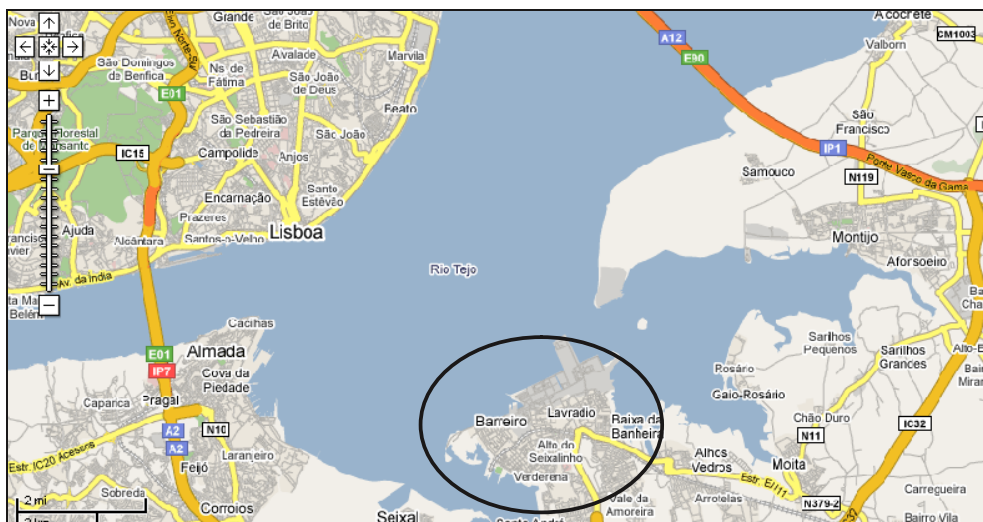
Título: Mapa de Cartaya

Data: s.d.

Local: Cartaya, España

Fundo: n.d.

Fonte: Biblioteca Pública Municipal de Cartaya [Instituto Geográfico Nacional y Elaboración propia].



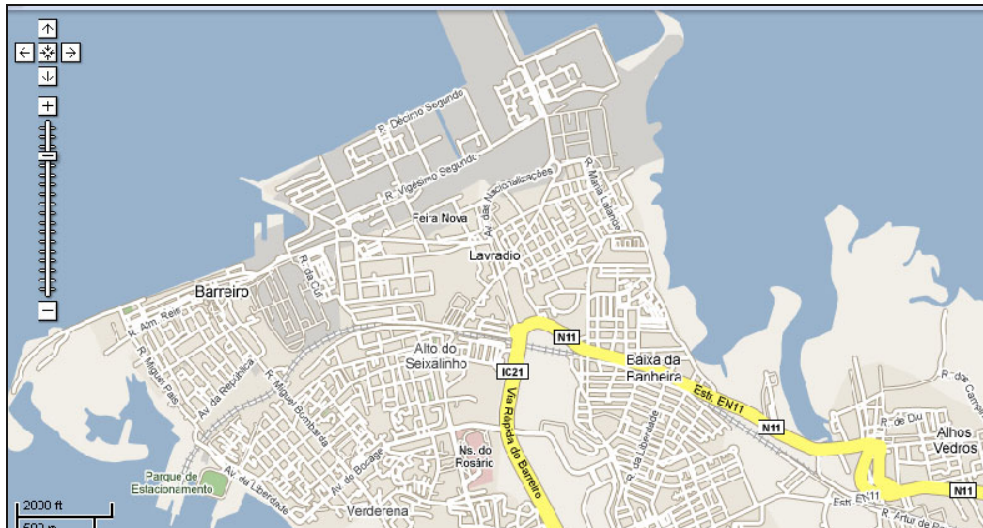
Mapa 5

Título: Mapa Panorâmico do Barreiro

Data: 2008/08/30 [Consulta]

Local: Barreiro, Portugal

Fonte: Google Maps, [On-line], <<http://maps.google.com/>>



Mapa 6

Título: Mapa da Cidade do Barreiro

Data: 2008/08/30 [Consulta]

Local: Barreiro, Portugal

Fonte: Google Maps, [On-line], <<http://maps.google.com/>>



Mapa 7

Título: Mapa da região francesa Nord-Pas-de-Calais

Data: 2008/08/30 [Consulta]

Local: Nord-Pas-de-Calais, França

Fonte: Google Maps, [On-line], <<http://maps.google.com/>>



Mapa 8

Título: Mapa da região francesa Nord-Pas-de-Calais

Data: 2008/08/30 [Consulta]

Local: Nord-Pas-de-Calais, França

Fonte: Wikipédia, [On-line], <<http://fr.wikipedia.org/wiki/Nord-Pas-de-Calais>>